

JULIA
NAVARRO

UM ROMANCE EXTRAORDINÁRIO
PROTAGONIZADO POR PERSONAGENS
INESQUECÍVEIS

*Dispara,
eu já estou
morto*

Duas famílias em luta contra o destino

B

LEONARDO FERRELLI

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



DISPARA, EU JÁ ESTOU MORTO

Julia Navarro

Título original: “Dispara, yo ya estoy muerto”

Tradutores: Rita Custódio e Àlex Tarradellas.

Bertrand, Lisboa, 2014.

Correcção: maria Clara Estrela.

Sinopse:

Um romance extraordinário sobre o conflito israelo-árabe retratando personagens inesquecíveis, cujas vidas se entrelaçam com os momentos-chave da história a partir do final do século XIX a meados do século XX, e recriando a vida em cidades emblemáticas como São Petersburgo, Paris e Jerusalém. Aqui Julia Navarro conduz o leitor através de relações duras de homens e mulheres que lutam por uma parcela de terra onde possam viver em paz.

JULIA NAVARRO nasceu em 1953 e é jornalista há mais de trinta anos, tendo trabalhado nos principais meios de comunicação espanhóis.

É autora de diversos livros de atualidade política, mas foram os romances que a tornaram conhecida internacionalmente.

Está publicada em mais de trinta países e conta com mais de três milhões de exemplares de livros vendidos. É detentora de diversos prémios literários, como o Premio Qué Leer, o VIII Premio de los Lectores de Crisol, o Premio Ciudad de Cartagena, o Pluma de Plata de la Feria del libro de Bilbao, o Protagonistas de Literatura e o Premio Más que Música de los Libros.

www.julianavarro.es

Para Álex,
que todos os días me ofrece a sua alegría.

E para Fermín, sempre.

AGRADECIMENTOS

A todos os amigos que me acompanharam ao longo da minha vida. Nesta ocasião, especialmente a Jesús, cuja amizade é firme como uma rocha. Sempre positivo, bom e leal.

Obrigada a todos os que a partir da Random House Mondadori tornam possível que este romance chegue às suas mãos, e a Virginia Fernández, pela sua paciência.

«Há momentos na vida em que a única forma de nos salvarmos a nós próprios é matando ou morrendo.» Aquela frase de Mohamed Ziad atormentava-a desde o momento em que a tinha ouvido dos lábios do seu filho Wadi Ziad. Não conseguia deixar de pensar naquelas palavras enquanto conduzia sob um sol implacável que dourava as pedras do caminho. A mesma cor dourada das casas que se amontoavam na nova cidade de Jerusalém, construídas com essas pedras enganosamente suaves, mas duras como as rochas das pedreiras de onde tinham sido arrancadas.

Conduzia devagar deixando que o seu olhar vagueasse pelo horizonte onde as montanhas da Judeia lhe pareciam próximas.

Sim, ia devagar embora tivesse pressa; no entanto, precisava de saborear aqueles instantes de silêncio para evitar que as emoções a dominassem.

Duas horas antes não sabia que ia dar início ao caminho que a levaria para o seu destino. Não é que não estivesse preparada. Estava. Mas ela, que gostava de planear até ao último detalhe da sua vida, tinha ficado surpreendida com a facilidade com que Joël tinha conseguido o encontro. Bastara uma dúzia de palavras.

— Já está, vai receber-te ao meio-dia.

— Tão cedo?

— São dez horas, tens tempo suficiente, não é muito longe. Eu indico-te no mapa, não é complicado chegar lá.

— Conheces bem o sítio?

— Sim, e também os conheço a eles. A última vez que lá estive foi há três semanas com o pessoal da Ação pela Paz.

— Não sei como é que confiam em ti.

— E porque é que não haviam de confiar? Sou francês, tenho bons contactos, e as almas inocentes das ONG precisam de quem as oriente nas confusões burocráticas de Israel, alguém que lhes trate das autorizações para atravessar para Gaza e para a Cisjordânia, que consiga uma entrevista com algum ministro perante o qual protestar pelas condições em que os palestinianos vivem; proporciono-lhes camiões a bom preço para transferirem a ajuda humanitária de um lugar para outro... A minha organização faz um bom trabalho. Tu podes confirmá-lo.

— Sim, vives dos bons sentimentos do resto do mundo.

— Vivo de prestar um serviço a quem vive da má consciência dos outros. Não te queixes, nem sequer há um mês que entraram em contacto connosco, e durante esse tempo consegui-te encontros com dois ministros, com parlamentares de todos os grupos, com o secretário da Histadrut, acesso facilitado para entrar nos Territórios, conseguiste entrevistar muitos palestinianos... Estás há quatro dias aqui e já cumpriste metade do programa que tinhas previsto.

Joël olhou para a mulher, aborrecido. Não gostava dela. Desde que a fora buscar ao aeroporto há quatro dias, tinha reparado na sua tensão, no seu desconforto. Ficava incomodado com a distância que ela colocava entre eles ao insistir que lhe chamasse senhora Miller.

Ela fitou-o. Tinha razão. Tinha cumprido. Outras ONG utilizavam os seus serviços. Não havia nada que Joël não conseguisse desde esse escritório com vista para a Cidade Velha de Jerusalém ao longe. Com ele trabalhavam a sua mulher, que era israelita, e mais quatro jovens. Dirigia uma empresa de serviços muito apreciada pelas ONG.

— Vou dizer-te uma coisa sobre esse homem: é uma lenda—disse Joël.

— Teria preferido falar com o filho dele, foi isso que te pedi.

— Mas ele foi para os Estados Unidos a convite da Universidade de Columbia para participar num seminário e, quando regressar, tu já não estarás aqui. Não tens o filho, mas tens o pai; acredita em mim quando te digo que ficas a ganhar com a mudança. É um velho formidável. Tem uma história...

— Conhece-lo assim tão bem?

— Às vezes os tipos do ministério enviam-lhe pessoas como tu. É uma «pomba», o contrário do filho.

— É precisamente por isso que me interessa falar com o Aaron Zucker, porque é um dos principais líderes da política de assentamentos.

— Sim, mas o pai é mais interessante—insistiu Joël.

Ficaram em silêncio para evitar uma dessas absurdas discussões em que se engalfinhavam. Não se tinham dado bem. Ele achava-a exigente; ela só via o seu cinismo.

E agora já estava a caminho. Cada vez se sentia mais tensa. Tinha acendido um cigarro e aspirava o fumo com prazer enquanto fixava o olhar naquela terra ondulada onde dos dois lados da estrada pareciam trepar alguns edifícios modernos e funcionais. Não havia cabras, pensou deixando-se levar pela imagem bíblica, mas porque é que haveria de haver? Não restava sítio para as cabras junto àqueles enormes blocos de aço e vidro que eram a insígnia da prosperidade do moderno Israel.

Uns minutos mais tarde, saiu da via rápida e dirigiu-se a uma estrada que conduzia a um grupo de casas situadas sobre uma colina. Estacionou o carro em frente a um edifício de pedra de três andares, idêntico a outros que se erguiam sobre um terreno rochoso; dali, nos dias claros, conseguia-se ver as muralhas da Cidade Velha.

Apagou o cigarro no cinzeiro do carro e respirou fundo.

Aquele lugar parecia uma urbanização burguesa, como tantas outras. Casas de vários andares, rodeadas de jardins ocupados por baloiços e escorregas para as crianças e carros alinhados junto a passeios impolutos. Respirava-se tranquilidade, segurança. Não lhe custava imaginar como eram as famílias que agora viviam dentro daquelas casas, embora soubesse como tinha sido esse lugar há décadas. Tinham-lho contado alguns velhos palestinianos, com o olhar perdido nas lembranças daqueles dias nos quais eram eles que viviam nesse pedaço de terra, porque ainda não tinham chegado os outros, os judeus.

Subiu as escadas. Mal tocou à campainha, a porta abriu-se. Uma mulher jovem, que nem sequer teria trinta anos, recebeu-a sorridente. Vestia-se informalmente, com calças de ganga, uma t-shirt larga e ténis. O seu aspeto era igual ao de tantas outras jovens, mas ter-se-ia destacado entre milhares pelo seu franco sorriso e o seu olhar carregado de bondade.

— Entre, estávamos à sua espera. É a senhora Miller, não é?

— Sim.

— Eu sou a Hanna, a filha do Aaron Zucker. Lamento que o meu pai esteja a viajar, mas, como insistiram tanto do ministério, o meu avô vai recebê-la.

Da minúscula entrada passaram para uma sala espaçosa e luminosa.

— Sente-se, vou avisar o meu avô.

— Não é preciso, estou aqui. Sou o Ezequiel Zucker—disse uma voz procedente do interior da casa. Um momento depois apareceu um homem.

A senhora Miller cravou o olhar nele. Era alto, tinha o cabelo grisalho e os olhos de cor cinzenta; apesar da idade, parecia ágil.

Apertou-lhe a mão com força e convidou-a a sentar-se.

— Então a senhora queria ver o meu filho...

— Na verdade queria conhecê-los aos dois, embora sobretudo ao seu filho, já que é um dos

principais impulsionadores da política de assentamentos...

— Sim, e é tão convincente que o ministério lhe envia os visitantes mais críticos para ele lhes explicar a política de assentamentos. Bem, estou à sua disposição, senhora Miller.

— Avô—interrompeu Hanna—,se não te importas, vou andando. Tenho uma reunião na universidade. O Jonas também está prestes a sair.

— Não te preocupes, eu desenrasco-me sozinho.

— De quanto tempo precisa?—perguntou Hanna à senhora Miller.

— Tentarei não o cansar... Uma hora, talvez um pouco mais...—respondeu a mulher.

— Não há pressa—disse o ancião—,na minha idade o tempo não conta.

Ficaram sozinhos e ele reparou na sua tensão. Ofereceu-lhe chá, mas ela recusou.

— Então, a senhora trabalha para uma dessas ONG que recebem subsídios da União Europeia.

— Trabalho para a Refugiados, uma organização que estuda no terreno os problemas que as populações deslocadas sofrem devido a conflitos bélicos, catástrofes naturais... Tentamos avaliar o estado dos deslocados, e se as causas que provocaram o conflito estão em vias de solução, ou quanto pode durar a sua situação, e se julgarmos conveniente instamos os organismos internacionais a adotarem medidas para atenuar o sofrimento dos deslocados. Os nossos estudos são rigorosos e por isso recebemos ajuda de instituições comunitárias.

— Sim, conheço os relatórios da Refugiados sobre Israel. Sempre críticos.

— Não se trata de opiniões, mas sim de realidades, e a realidade é que, desde 1948, milhares de palestinianos tiveram de abandonar os seus lares, viram-se despojados das suas casas, das suas terras. O nosso trabalho é avaliar a política de assentamentos que aumenta o número de deslocados. Aqui onde nos encontramos, nesta colina, houve uma aldeia palestiniana da qual não resta nada. Sabe que destino tiveram os habitantes dessa aldeia? Onde estão agora? Como sobrevivem? Poderão algum dia recuperar o lugar onde nasceram? O que é que o senhor sabe sobre o seu sofrimento?

Arrependeu-se imediatamente das suas últimas palavras. Aquele não era o caminho. Não podia mostrar tão abertamente os seus sentimentos. Tinha de tentar manter uma atitude mais neutra. Nada de comprazimento, mas de aversão também não.

Mordeu o lábio inferior enquanto esperava pela resposta do homem.

— Como se chama?—perguntou ele.

— Desculpe?

— Pergunto-lhe o seu nome. É muito impessoal tratá-la por senhora Miller. A senhora pode tratar-me por Ezequiel.

— Bem, não sei se é o mais correto... Tentamos não confraternizar quando estamos a trabalhar.

— A minha intenção não é confraternizar consigo, mas sim que nos tratemos pelos nossos respetivos nomes. Quer dizer... não estamos no Palácio de Buckingham! A senhora está na minha casa, é minha convidada e peço-lhe que me chame Ezequiel.

Aquele homem desconcertava-a. Não lhe queria dizer o seu nome, claro que não pensava tratá-lo pelo dele, mas se ele decidia dar por encerrada a conversa, então... então teria desperdiçado a melhor oportunidade que alguma vez ia ter para levar a cabo aquilo que tanto a atormentava.

— Marian.

— Marian? Não me diga...

— É um nome comum.

— Não se desculpe por se chamar Marian.

Sentiu raiva. Ele tinha razão, estava a desculpar-se pelo seu nome, e não tinha motivos para isso.

— Se lhe parece bem, dar-lhe-ei o questionário que trago preparado e que servirá de base para o

relatório que devo redigir.

— Imagino que vai falar com mais pessoas...

— Sim, tenho uma longa lista de entrevistas: funcionários, deputados, diplomatas, membros de outras ONG, organizações religiosas, jornalistas...

— E palestinos. Imagino que vai falar com eles.

— Claro, já o fiz. Eles são o motivo do meu trabalho. Antes de vir para Israel estive na Jordânia e tive oportunidade de falar com muitos palestinos que tiveram de fugir depois de cada conflito.

— A senhora perguntava-me pelo sofrimento dos deslocados... Bem, eu poderia falar-lhe durante horas, dias, semanas inteiras sobre o sofrimento.

Era difícil acreditar que aquele homem alto e forte, que, apesar da sua idade, emanava confiança em si próprio com aquele olhar cinzento de aço, que mostrava que tinha uma grande paz interior, soubesse verdadeiramente o que era o sofrimento alheio. Não lhe ia negar que tivesse sofrido, mas isso não implicava que fosse capaz de sentir a dor dos outros.

— Como é que sabe que aqui houve uma aldeia árabe?—perguntou de repente captando o desconcerto dela.

— Na minha organização temos informação pormenorizada sobre todas as vilas e aldeias da Palestina, até das que já não existem desde a ocupação.

— Ocupação?

— Sim, desde que chegaram os primeiros emigrantes judeus até à proclamação do Estado de Israel, além de tudo o que aconteceu posteriormente.

— O que é que quer saber?

— Quero que me fale da política de ocupação dos assentamentos ilegais, das condições de vida dos palestinos que veem as suas casas demolidas por ações de vingança... da razão por que continuam a levantar assentamentos em lugares que não vos pertencem... Pretendia falar sobre tudo isto com o seu filho. Sei que o Aaron Zucker é um dos mais firmes defensores da política de assentamentos. Os seus artigos e conferências tornaram-no famoso.

— O meu filho é um homem honrado, um militar corajoso que serviu no exército, e sempre se destacou por dizer em voz alta o que pensa, sem se preocupar com as consequências. É mais simples lamentar-se pela política de assentamentos, até não dizer nada, do que apoiá-la intimamente. Na minha família preferimos dar a cara.

— É por isso que estou aqui, é por isso que o Ministério dos Negócios Estrangeiros me mandou falar com o seu filho. É um dos líderes sociais de Israel.

— A senhora acha que quem defende os assentamentos é quase um monstro...

Marian encolheu os ombros. Não lhe ia dizer que, efetivamente, era o que pensava. A entrevista não estava a correr como tinha previsto.

— Dir-lhe-ei o que penso: não sou partidário de que se construam novos assentamentos. Defendo o direito dos palestinos a terem o seu próprio Estado.

— Pois, mas o seu filho Aaron pensa justamente o contrário.

— Mas é comigo que está a falar. E não olhe para mim como se eu fosse um velhinho, não sou nenhum ingénuo.

A porta da sala abriu-se e apareceu um jovem alto, vestido de soldado, com uma pistola-metralhadora pendurada ao ombro. Marian assustou-se.

— É o meu neto Jonas.

— Com que então a senhora é a da ONG... Desculpe, mas não consegui deixar de ouvir as suas últimas palavras. Gostaria de lhe dar também a minha opinião, se o meu avô me permitir.

— O Jonas é filho do Aaron—explicou Ezequiel Zucker a Marian.

— A política de assentamentos não se deve a um capricho, trata-se da nossa segurança. Olhe para o mapa de Israel, repare nas nossas fronteiras... Os assentamentos fazem parte da frente em que nos vemos obrigados a lutar—afirmou Jonas com tal convicção que Marian ficou incomodada e sentiu uma aversão instintiva face àquele jovem.

— Lutam contra mulheres e crianças? Que glória há em demolir as casas onde vivem de forma precária as famílias palestinianas?—perguntou Marian.

— Por acaso devemos deixar-nos matar? As pedras ferem. E nessas aldeias onde parece que vivem pacíficas famílias também há terroristas.

— Terroristas? O senhor chama terrorista a quem defende o seu direito a viver na aldeia onde nasceu? Além disso, a política de assentamentos só procura ficar com um território que não vos pertence. As resoluções das Nações Unidas sobre as fronteiras de Israel são suficientemente claras. Mas o seu país tem uma política de factos consumados. Constroem um assentamento nas zonas onde os palestinianos vivem, encurralam-nos, fazem-lhes a vida impossível até conseguirem que se vão embora.

— A senhora é uma mulher apaixonada, não sei porque é que se incomoda em vir aqui para redigir um relatório. É evidente que tem as ideias bem arrumadas, nada do que o meu avô ou o meu pai lhe possam dizer mudaria a sua forma de pensar. Estou enganado?

— Tenho a obrigação de ouvir todas as partes.

— Tenta cumprir uma formalidade, nada mais.

— Jonas, já chega, deixemos a senhora Miller fazer o seu trabalho.—A voz de Ezequiel Zucker não dava lugar a uma nova resposta do seu neto.

— Está bem, já estava de saída.—E o jovem saiu sem se despedir.

Marian leu nos olhos cinzentos de Ezequiel Zucker que ia dar por terminada aquela conversa com a qual ela não tinha sabido lidar, mas não se podia ir embora. Ainda não.

— Acho que vou aceitar o chá que me ofereceu.

Agora era ele quem parecia desconcertado. Não tinha vontade de continuar a conversar com aquela mulher, mas também não se queria mostrar grosseiro.

Quando regressou com o chá encontrou-a a olhar pela janela. Não era uma mulher bonita, mas sim atraente. De estatura média, magra, com o cabelo preto apanhado. Calculou que já há algum tempo deveria ter feito quarenta anos, que estava mais perto dos cinquenta. Sentia-a desassossegada e esse desassossego pareceu-lhe contagiante.

— Naquela direção, está Jerusalém—disse ele enquanto colocava a bandeja com o chá numa mesinha baixa.

— Eu sei—respondeu Marian.

Esforçava-se por mostrar um sorriso, mas ele já não parecia disposto a conversar.

— Antes disse que podia falar semanas inteiras sobre sofrimento...

— Sim, podia—respondeu ele de forma brusca.

— De onde é, Ezequiel? Qual é o seu país de origem?

— Sou israelita. Esta é a minha pátria.

— Imagino que para um judeu o mais importante seja sentir que tem uma pátria—disse ela ignorando o tom distante do homem.

— A nossa pátria, sim. Não foi oferecida. Tínhamos direito a ela. E não vim de lado nenhum. Nasci aqui.

— Na Palestina?

— Sim, em Israel. Surpreende-a?

— Não...

— Na verdade, os meus pais eram russos e os meus antepassados polacos. Há muitos russos de origem polaca; já sabe que a Polónia sempre esteve na mira dos russos e, de cada vez que estes ficavam com um pedaço de terra polaca, os judeus polacos passavam a ser russos. A vida dos judeus não era fácil na Rússia, de facto não o era em nenhum lugar da Europa, embora a Revolução Francesa tenha dado uma reviravolta à nossa situação. As tropas de Napoleão exportavam a ideia da liberdade onde quer que fossem, mas essas ideias chocaram com a Rússia dos czares. Se na Europa Ocidental as nossas condições de vida mudaram, e muitos judeus se tornaram homens proeminentes e políticos importantes, na Rússia isso não aconteceu.

— Porquê?

— O czar e os seus governos eram profundamente reacionários e temerosos de tudo o que julgavam diferente. De tal forma que faziam os judeus viver nas chamadas «zonas de residência», situadas nas cidades do sul da Rússia, Polónia, Lituânia, Ucrânia, que então faziam parte do Império Russo. A lealdade dos judeus, quando Napoleão invadiu o país, nem sequer teve influência no espírito da corte russa. Catarina não nos queria, na verdade era difícil encontrar um czar ou uma czarina que nos quisesse como súbditos.

— Refere-se a Catarina, a Grande.

— Sim, claro, fez o que estava ao seu alcance para nos expulsar.

— Mas não conseguiu...

— Não, não consegui; tive de se resignar a aprovar medidas que limitavam as atividades dos judeus. Não eram muitos os judeus que viviam dignamente naquele tempo: alguns comerciantes, alguns prestamistas, alguns médicos... Sim, alguns conseguiram autorizações especiais e foi-lhes permitido viver quase como cidadãos normais. Já ouviu falar dos pogroms?

— Naturalmente, sei o que foram os pogroms.

— Em 1881, houve um atentado contra o czar Alexandre II e entre os participantes do complô havia uma mulher judia, Gesia Gelfman. Na verdade, a sua participação não foi relevante, mas serviu de desculpa para se desencadear uma selvajaria contra os judeus de todo o império. Aquele pogrom começou em Yelisavetgrad, e estendeu-se a Minsk, Odessa, Balti... Milhares de judeus foram assassinados. Um ano depois, muitos dos que sobreviveram tiveram de abandonar tudo o que tinham porque o novo czar, Alexandre III, assinou uma ordem de expulsão.

— A sua família sofreu aqueles pogroms?

— Está interessada em saber?

— Sim—murmurou ela. Precisava que o homem relaxasse. Ela também precisava disso.

— Se tiver tempo para ouvir a história...

— Pode ser uma forma de entender melhor as coisas.

«O meu avô paterno era comerciante de peles, tal como o seu pai, Simão. Viajavam pela Europa a vender peles russas aos peleiros, que com elas cosiam sofisticados casacos para as suas clientes ricas. As suas melhores clientes encontravam-se em França. Em Paris, Simão tinha um amigo peleiro, Monsieur Elias. Quando Simão morreu, o meu avô Isaac continuou com o negócio e ampliou-o. O meu avô Isaac costumava trocar parte da sua mercadoria por esses casacos já confeccionados que depois vendia na corte de São Petersburgo. As aristocratas russas gostavam de tudo o que chegava de Paris.

A minha avó Ester era francesa, filha de Monsieur Elias, que não conseguiu evitar que o jovem Isaac levasse a sua menina, por mais que se opusesse. Monsieur Elias tinha ficado viúvo e Ester era a sua única filha. Isaac e Ester casaram em Paris e dali viajaram até uma aldeia próxima de Varsóvia, para a casa onde Isaac vivia com a sua mãe viúva, Sofia. Tiveram três filhos, Samuel, Anna e Friede, o mais novo. Tinham todos um ano de diferença entre eles. Monsieur Elias lamentava-se sempre por ter a sua filha e os seus netos longe e, quando Samuel, o meu pai, fez dez anos, o meu avô Isaac decidiu levá-lo com ele para França para conhecer o seu avô. Samuel tinha problemas de saúde e a sua mãe separou-se dele muito apreensiva. Sabia que para Monsieur Elias seria uma dádiva conhecer o seu neto mais velho, mas perguntava-se se Samuel seria capaz de aguentar os inconvenientes de uma viagem tão longa.

— Não te preocupes, o nosso Samuel já é quase um homem—consolou-a a sua sogra, Sofia—, e o Isaac vai saber cuidar dele.

— Tenta sobretudo que não arrefeça e, se tiver febre, fiquem numa pousada e dá-lhe este xarope. Vai aliviá-lo—insistiu Ester.

— Vou saber cuidar do nosso filho; cuida tu dos outros, não os percas de vista, sobretudo o Friede, o menino é demasiado inquieto. Parto em paz sabendo que não estão sozinhos, que contas com o apoio da minha mãe.

Para Isaac tinha sido um alívio que Ester se desse bem com a sua mãe. Sofia tinha uma personalidade forte, mas rendera-se à bondade de Ester. Nora e sogra pareciam mãe e filha.

Após várias semanas de viagem, Isaac e Samuel chegaram a Paris; ali souberam as notícias dos distúrbios que estavam a acontecer por toda a Rússia.

— Assassinarão o czar. Ouvi dizer que há judeus implicados na conspiração—anunciou Monsieur Elias.

— Não pode ser! O czar melhorou as condições de vida da nossa comunidade. O que é que nós, judeus, ganharíamos com o seu desaparecimento?—respondeu Isaac.

— Parece que alguns estão a fazer justiça com as suas próprias mãos e atacaram algumas aldeias judias das zonas de residência...—acrescentou Monsieur Elias.

— É a desculpa de que precisavam todos os que se opunham à política do czar para com os judeus! Espero que imperem a razão e a verdade.

— É terrível que na Rússia não permitam aos judeus saírem das zonas de residência—lamentou-se Monsieur Elias.—Pelo menos em França podemos viver nas cidades, e aqui mesmo, no coração de Paris.

— Devemos a maldita ideia das zonas de residência à czarina Catarina. Os conselheiros da Grande Catarina quiseram cortar as asas aos nossos artesãos e mercadores. Mas agora são muitos os judeus que vivem mesmo em São Petersburgo. São necessárias autorizações especiais, mas podem conseguir-se—explicou Isaac.

— Sim, mas não para todos—respondeu Monsieur Elias.—Ainda bem que a vossa casa não está longe de Varsóvia. Temeria por vocês se vivessem em Moscovo ou em São Petersburgo.

Não podiam esconder a preocupação que os invadia. As notícias que chegavam da Rússia eram tão confusas que os faziam temer pelo destino da família.

— O Samuel e eu vamos regressar imediatamente. Não me acalmarei até ver a minha esposa e os meus filhos. Sei que a minha mãe cuida deles, mas não posso deixá-los sozinhos mais tempo.

— Eu também não ficarei descansado até saber que chegaste e receber notícias tuas a comunicar-me que estão todos bem. Deves partir assim que possível.

Dois dias depois receberam a visita de um velho amigo de Monsieur Elias, um homem bem relacionado na corte.

— Não podem regressar. Estão a matar centenas de judeus. Os distúrbios começaram em Yelisavetgrad, mas espalharam-se por toda a Rússia—explicou o visitante.

Monsieur Elias ficava magoado com a situação.

— Talvez seja perigoso regressarem...—disse sem muita convicção, porque no fundo do seu coração desejava saber o mais depressa possível que a sua querida filha Ester e os seus netos não corriam qualquer perigo.

— Não podemos ficar aqui, tenho de regressar. A minha mulher e os meus filhos podem precisar de mim—respondeu Isaac sem vacilar.

— Talvez devesse deixar o Samuel comigo. Não para de tossir e há dias em que a febre o deixa prostrado na cama.

— Eu sei, mas não posso deixá-lo aqui. A Ester nunca mo perdoaria. Ama todos os nossos filhos da mesma forma, mas com o Samuel sofreu muito devido à sua saúde fraca. Se não regressarmos juntos vai pensar que lhe aconteceu alguma coisa.

— Conheço a minha filha, sei que iria preferir que o Samuel ficasse aqui a salvo.

Monsieur Elias não conseguiu convencer o meu avô Isaac, que, assim que pôde, partiu. Viajou com o Samuel numa diligência, puxada por bons cavalos, com outros dois comerciantes que tinham como destino Varsóvia e que, alarmados como eles, regressavam às suas casas.

— Pai, a mãe está bem? E o Friede e a Anna? Não lhes aconteceu nada, pois não?—Samuel não deixava de pedir ao seu pai notícias da sua mãe e dos seus irmãos.

A viagem pareceu-lhes eterna. Mal conseguiam dormir à noite naquelas pousadas, onde, por serem judeus, nem sempre eram bem recebidos. Em várias ocasiões tiveram até de dormir ao relento, porque não lhes quiseram dar alojamento.

— Em que é que somos diferentes?—perguntou Samuel ao seu pai uma noite enquanto descansavam juntos numa estreita cama de um mísero hotel na Alemanha.

— Achas que somos diferentes?—respondeu o bondoso Isaac.

— Eu vejo-me igual a toda a gente, mas sei que os outros não nos veem iguais a eles e não sei porquê. Não percebo porque há rapazes que não querem brincar connosco, nem porque não vamos com frequência à cidade, e quando o fazemos tu e a mãe parecem ter medo. Caminhamos com a cabeça baixa, como se assim não nos vissem ou incomodássemos menos. É por isso que acho que somos diferentes; temos alguma coisa de que os outros não gostam, mas não sei o que é, por isso é que te pergunto.

— Não somos diferentes, Samuel, são os outros que tentam ver-nos de forma diferente.

— Mas julgam que ser judeu é algo mau...—atreveu-se a dizer Samuel—,dizem que matámos o profeta Jesus.

— Jesus era judeu.

— E porque é que o matámos?

— Não o matámos, e não te preocupes, ser judeu não é mau, tal como não é mau ser cristão ou muçulmano. Não deves pensar nessas coisas. Quando fores mais velho, vais perceber. Agora dorme,

amanhã partimos bem cedo.

— Quando chegamos a Varsóvia?

— Com um pouco de sorte, dentro de cinco ou seis dias. Gostas mais de Varsóvia do que de Paris?

— Só quero saber quanto é que falta para chegar a casa, tenho saudades da mãe.

Quando chegaram a Varsóvia tiveram de ficar em casa de Gabriel, um primo afastado de Isaac. Samuel tossia, tinha febre e convulsões, a que se juntava o esgotamento provocado por uma viagem tão longa.

O meu pai teve de ficar de cama durante vários dias apesar da impaciência do avô Isaac.

— Tem calma, o teu filho não está em condições de viajar. Podes deixá-lo aqui connosco, a minha esposa vai cuidar dele; depois vens buscá-lo quando tiveres a certeza de que a tua família está bem, estás apenas a um dia de viagem—insistiu o seu primo.

Mas o meu avô não queria ouvir falar em deixar o seu filho em Varsóvia, sobretudo estando tão perto da sua própria casa.

Por fim, iniciaram a viagem apesar de Samuel se encontrar muito fraco e de ainda ter tosse.

— Ser judeu deve ser uma coisa muito má—insistiu Samuel lutando contra a febre.

— Não é, meu filho, não é. Deves sentir-te orgulhoso daquilo que és. A maldade não está em nós, mas sim em quem se nega a ver-nos como seres humanos.

O avô Isaac era um homem ilustrado, seguidor das ideias de Moses Mendelssohn, um filósofo alemão que no século anterior tinha iniciado um movimento chamado "Haskalá" (Iluminismo) que propunha que os judeus tornassem sua a cultura europeia. Mendelssohn traduziu a Bíblia para alemão e opôs-se às correntes mais ortodoxas do judaísmo. Defendia que ser judeu não era incompatível com sentir-se alemão, e convidou a sua comunidade a integrar-se plenamente nas sociedades a que pertencessem. Guiado por aquelas ideias, o meu avô tentava convencer a sua comunidade de que ser judeu não era incompatível com sentir-se profundamente russo. Embora existissem sectores ortodoxos que rejeitavam essa assimilação, não deixavam de se sentir russos e não concebiam viver em nenhum outro lugar que não fosse a Rússia. Tratava-se, dizia o meu avô, de não se encerrar em si próprio, mas sim de se abrir aos outros, conhecer e ser conhecido. Assim educava os seus filhos, e assim pretendia viver, mas a Rússia que encontrou no seu regresso de Paris rejeitava, para não dizer algo ainda pior, os judeus.

Chegaram ao entardecer, com o pó do caminho a cobrir-lhes as roupas e a pele. O shtetl tinha crescido, com a passagem do tempo, não muito longe de uma aldeia de gentios, e a convivência entre judeus e os que não o eram sempre tinha estado impregnada de desconfiança e de um ódio subtil que, às vezes, explodia em forma de raiva. Todo o sofrimento das famílias de gentios encontrava sempre um culpado na comunidade judaica, como se lhes fosse impossível entender que a causa das suas misérias tinha que ver com a avareza e a política dos czares que lhes tinham arrebatado as suas terras.

Quando chegaram ao bairro onde viviam, nos arredores da aldeia, sobressaltaram-se. Parecia que um incêndio tinha assolado o lugar. O rasto do fogo transformado em fuligem pintava os muros das casas. O meu avô pediu ao cocheiro que acelerasse, por muito que temesse a chegada ao seu lar.

Os vidros das janelas da sua casa estavam partidos, e deram de caras com um cheiro espesso a fumo e a tragédia assim que saíram da carruagem.

— Querem que espere por vocês?—perguntou o cocheiro.

— Não, vá-se embora—respondeu Isaac.

Apareceram uns vizinhos. Os seus rostos sombrios pressagiavam o pior.

— Isaac, amigo...—Moisés, um vizinho que se apoiava numa bengala, segurava com dificuldade Isaac pelo braço, tentando que não entrasse nos restos daquilo que tinha sido a sua casa.

— O que é que aconteceu? Onde está a minha esposa? E os meus filhos? E a minha mãe? O que é que

aconteceu à minha casa?

— Foi horrível... horrível—murmurou uma mulher embrulhada num manto que a cobria dos pés à cabeça.

— O que é que aconteceu?—insistiu o meu avô.

— A tua esposa e os teus filhos... morreram.. Foram assassinados. A tua mãe também. Não foram os únicos, a turba revoltou-se contra os nossos. Lamento...—explicou o vizinho tentando impedir que entrasse no que restava da casa.

Isaac conseguiu libertar-se do homem que o segurava.

— Vem a minha casa, ali explico-te o que aconteceu, podem descansar. A minha mulher prepara-vos alguma coisa para comer.

Mas Isaac e Samuel correram para a casa. Não queriam ouvir o que lhes estavam a dizer. Empurraram a porta desejosos de encontrar a sua família. Ester a recebê-los com os braços abertos, Anna a perguntar se traziam alguma prenda de Paris, o pequeno Friede a saltar à sua volta, Sofia a ir à cozinha para lhes preparar qualquer coisa para comer. Mas na casa reinava o silêncio. Um silêncio ominoso quebrado pelo miar longínquo de um gato e pelo rangido provocado pelo pisar dos restos de louça dispersa pelo chão. Alguém tinha arrancado as portas da despensa, e o cadeirão onde Isaac costumava sentar-se a fumar depois de uma longa jornada de trabalho jazia mostrando as suas tripas de molas. Os seus livros, os livros que herdou do seu pai e do seu avô, os livros que ele próprio tinha comprado em cada uma das suas viagens, tinham sido arrancados da biblioteca, pisados, e as suas folhas estavam espalhadas por todos os cantos.

O quarto que partilhou tantos anos com Ester, no qual tinham nascido os seus filhos, parecia um campo de batalha onde o inimigo se tinha revoltado contra todos os móveis e restantes pertences.

Samuel tinha entrado no quarto que ocupavam o pequeno Friede e ele, e viu que tinha sido tudo destruído. Onde está o cavalo de madeira?, pensou o menino, sentindo de repente falta do brinquedo que o seu avô lhe tinha feito com as próprias mãos e ao qual tinha visto Friede subir tantas vezes.

Isaac pôs o braço nas costas do filho, apertando-o contra ele, tentando aliviar o desespero refletido no rosto do menino.

O quarto que a pequena Anna partilhava com a avó Sofia também não se tinha salvado do ataque selvagem. Alguns vestidos da menina apareciam pisados, outros tinham desaparecido.

O vizinho tinha-os seguido e aguardava em silêncio que dessem rédea solta à sua dor.

— Imagino que já sabes sobre o assassinio do czar. Um grupo terrorista acabou com a sua vida e, nesse grupo, havia uma mulher judia. Ao que parece, a sua participação não foi significativa, mas a questão é que conhecia os terroristas. Já sabes que os jornais estão há meses a denunciar que nós, judeus, somos um perigo. O atentado confirmou-o—explicou o homem com a voz sufocada pela emoção.

— Mas o que é que a minha família tem que ver com isso? Onde é que estão?—perguntou Isaac com a voz tolhida de dor.

— No jornal disseram que os judeus tinham participado no assassinio do czar. No Novoye Vremya acusaram-nos de sermos os responsáveis. Isso exaltou os ânimos das pessoas, e começaram os ataques em muitas cidades. Primeiro foram alguns incidentes isolados, algum judeu que maltratavam. Depois... pegaram fogo a muitas casas, assaltaram os nossos negócios, espancaram os judeus onde quer que estivessem. As autoridades garantem que foram ações levadas a cabo por bons cidadãos que deram rédea solta à sua dor pela morte do czar. Na verdade, a polícia permaneceu impassível perante os ataques contra as nossas casas e a nossa gente. Revoltaram-se com especial crueldade. Morreram muitos dos nossos. Todos sofremos perdas.

— E a minha mãe...? Onde estão os meus irmãos e a minha avó Sofia?—perguntou o pequeno Samuel,

suplicando uma resposta.

— No dia em que os distúrbios começaram, a tua mãe e os dois pequenos tinham ido ao mercado. A minha mulher e outras vizinhas iam com eles. Um grupo de mulheres de mão dada com os seus filhos... quem ia imaginar o que aconteceu...

— O que é que aconteceu?—instou-o Isaac a prosseguir.

— No mercado começaram a receber insultos de outras mulheres. Acusaram-nas da morte do czar. O que começou por ser gritos e insultos transformou-se em agressões. Uma mulher atirou a tua filha Anna ao chão com um pontapé na cara... outras imitaram-na e começaram a lançar-lhes restos de lixo e de verduras podres... A Anna não suportou a humilhação, apanhou as batatas do chão e preparou-se para as atirar ao grupo que as insultava. A tua esposa Ester agarrou o braço da Anna pedindo-lhe que não respondesse a provocações. As nossas mulheres assustaram-se e decidiram regressar ao bairro a correr perseguidas pela multidão. As crianças caíam, mal conseguiam segui-las na correria, e elas esforçavam-se por levar nos seus braços os mais pequenos, protegendo-os da pancada e dos insultos dos atacantes. Algumas caíram e foram pisadas, outras conseguiram chegar até aqui, mas foi em vão. Não sei de onde os tiraram, mas alguns dos perseguidores levavam paus com os quais começaram a agredir todos os que se encontravam no seu caminho. Começaram a atirar pedras contra os vidros das nossas casas, a derrubar as portas e a puxar para fora quem se resguardava lá dentro, espancando-os até desmaiarem. Partiram um braço à minha esposa e deram-lhe uma pancada na cabeça que a fez desmaiar. Agora sofre enjoos e fica com a visão turva. A mim, como podem ver, partiram-me uma perna, por isso uso a bengala para andar; tive sorte porque, além da perna, só parti seis costelas. Custa-me mexer-me, mas sobrevivi.

A turba começou a saquear as nossas casas, a destruir tudo o que não levavam. Não eram pessoas. Pareciam animais desprovidos de qualquer humanidade. Nem sequer se comoveram com os gritos de terror das crianças nem com as súplicas das suas mães.

A polícia aproximou-se, mas não interveio. Por mais que pedíssemos ajuda, olhavam com prazer para tudo o que se passava.

— Onde está a minha mãe?—gritou Samuel.

O homem retorceu as mãos num gesto de desespero.

— Enfrentou aqueles selvagens. Um grupo de homens entrou em vossa casa, seguindo a Anna, repreendendo-na por se ter atrevido a enfrentar as suas mulheres no mercado. Um dos homens agarrou-a e a Ester defendeu a sua filha com unhas e dentes, a morder e a arranhar o agressor. A avó Sofia tentou proteger o Friede, alguém lhe bateu com um pau na cabeça e deixou-a inconsciente... Não sei como aconteceu, mas atiraram um candelabro ao chão e o fogo não só arrasou a vossa casa, como se propagou às dos vizinhos... Só muitas horas depois conseguimos apagar o incêndio. Encontrámos os restos da tua família no rescaldo do fogo. Enterrámo-los no cemitério.

Tal era a dor, a comoção que sofreram ao ouvir o relato do vizinho, que nesse instante não derramaram uma única lágrima. Samuel apertou com força a mão do seu pai, apoiando-se a ele, contendo as náuseas.

Não conseguiam mover-se nem dizer nada, sentiam que lhes tinham arrancado a alma.

O homem esperou uns instantes, deixando que assimilassem a dor que os inundava. Depois voltou a aproximar-se de Isaac e puxou-o, suavemente.

— Não podem ficar aqui. Precisam de descansar. Ofereço-vos uma cama no que resta da minha casa.

Não conseguiram comer por mais que a esposa do vizinho insistisse. Também não se sentiam com vontade de ouvir mais pormenores sobre a barbárie que tinha acontecido. A mulher conduziu-os a um quarto e deixou-lhes uma bandeja com duas chávenas de leite.

— Vai ajudar-vos a descansar. Amanhã será outro dia. Têm de arranjar forças para recomeçar.

Estavam esgotados da viagem, mas naquela noite mal dormiram. Isaac sentia o seu filho a dar voltas e ele próprio não encontrava posição na cama que partilhavam.

Ainda não tinha amanhecido quando Isaac se deu conta de que o seu filho o olhava fixamente.

— É mau ser judeu. Foi por isso que mataram a mãe, e a Anna, e o Friede, e a avó. Eu não quero ser judeu, nem quero que tu o sejas; se o formos, vão matar-nos. Pai, como é que se pode deixar de ser judeu? O que podemos fazer para deixarmos de ser judeus e fazer com que os outros o saibam?

Isaac abraçou Samuel e começou a chorar. A criança tentava secar as lágrimas do seu pai, mas a tarefa era inútil. Também ele queria chorar, misturar as suas lágrimas com as do seu pai, mas não conseguia. Estava demasiado transtornado.

O sol já se tinha imposto sobre a manhã quando ouviram alguém bater à porta suavemente. A bondosa vizinha que os tinha acolhido perguntou-lhes se precisavam de alguma coisa e se queriam descer para tomar o pequeno-almoço. Samuel disse ao seu pai que tinha fome.

Levantaram-se e lavaram-se antes de se reunirem com a família.

— Vou convosco ao cemitério—ofereceu a mulher.—Imagino que devem querer saber onde é que os enterrámos.

— E o teu marido?

— Foi à tipografia, tem de continuar a trabalhar.

— O dono da tipografia dá-lhe trabalho apesar de tudo?

— Faz de conta que não sabe o que aconteceu e o Moisés é um bom tipógrafo ao qual paga pouco.

— Porque é judeu, não é?—disse Samuel.

— Como?—perguntou a mulher.

— Se lhe paga pouco, é porque é judeu. Talvez se deixasse de ser judeu lhe pagasse mais—insistiu o rapaz.

— Cala-te, filho, cala-te! Não digas isso—pediu-lhe Isaac.

A mulher olhou para Samuel e acariciou-lhe o cabelo. Depois sussurrou:

— Tens razão, sim, é verdade, e mesmo assim devemos estar contentes. Estamos vivos e temos alguma coisa para comer.

Sentiram frio quando se aproximaram da sepultura onde tinham sido depositados os corpos calcinados de Sofia, Ester, Anna e Friede.

Isaac pegou num punhado daquela terra que cobria os corpos queridos e apertou-a com força, até que a deixou escapar entre os dedos.

— Estão juntos?—quis saber Samuel.

— Sim, pensámos que era melhor que estivessem juntos—desculpou-se a mulher.

— É o que teriam desejado, é o que eu desejaria—afirmou Isaac.

— Nós também vamos ser enterrados aqui quando nos matarem?—perguntou Samuel com um laivo de terror na voz.

— Ninguém nos vai matar, por amor de Deus, filho, não digas isso! Tu vais viver, claro que vais viver. A tua mãe não quereria outra coisa.

— É uma criança e a perda é muito dolorosa—disse a mulher compadecendo-se de Samuel.

— Mas ele vai viver, ninguém lhe vai fazer mal. A Ester jamais mo perdoaria.—Isaac desatou a chorar enquanto abraçava o seu filho.

A mulher deu uns passos atrás para os deixar sozinhos. Ela também tinha chorado até à exaustão. Sentia que a dor de Isaac e de Samuel era a sua.

— Gostaríamos de ficar sozinhos—pediu-lhe Isaac.

A mulher assentiu e depois de beijar Samuel foi-se embora. Também ela procurava a solidão quando

ia chorar os seus.

Isaac sentou-se à beira da sepultura acariciando a terra áspera, como se se tratasse dos rostos da sua mulher e dos seus dois filhos. Samuel afastou-se uns passos e também se sentou no chão a contemplar o pai e aquele túmulo de terra onde a sua avó, a sua mãe e os seus irmãos jaziam para a eternidade.

Sabia que, apesar de parecer estar em silêncio, o seu pai estava a murmurar uma oração. Mas o que podia dizer a Deus?, perguntou-se. Talvez a culpa fosse deles por não terem estado em casa para evitar que matassem a sua família. Se tivessem lá estado talvez tivessem podido pedir a Deus que fizesse alguma coisa, mas agora...

Passado algum tempo, Samuel disse que lhe doía a cabeça e decidiram regressar perante o medo de que voltasse a adoecer.

Passaram o dia a vasculhar entre os restos do que tinha sido o seu lar.

Samuel encontrou a capa e algumas folhas da Bíblia da família. Com cuidado, tentou reuni-las uma a uma sabendo que aquele velho livro, que antes tinha sido do seu avô e que este, por sua vez o tinha recebido do seu pai, e assim sucessivamente há algumas gerações, era importante para o seu pai.

Por sua vez, Isaac tinha encontrado no chão alguns lenços bordados por Ester, com pequenas marcas de pisadelas mas ainda intactos. Os brincos e o anel da sua esposa tinham desaparecido da caixa onde os guardava, embora tenha encontrado o seu dedal, bem como o de Sofia.

Alguns livros ainda conservavam todas as páginas. Também conseguiram resgatar o que restava de um quadro no qual aparecia desenhado o rosto sorridente de Ester. Tinha sido o presente de casamento de um amigo da família que gostava muito de pintura. Aquele homem tinha captado com fidelidade a delicada beleza da sua mulher, os seus olhos castanhos com reflexos esverdeados, o cabelo louro escuro, a pele branca, quase transparente.

Isaac esteve prestes a desatar a chorar, mas evitou fazê-lo em frente de Samuel. Não queria que o filho o visse derrotado, de forma que respirou fundo contendo as lágrimas, enquanto limpava com um lenço o que restava do quadro. Depois continuou a procurar algum objeto intacto que lhes pudesse ser útil ou, pelo menos, que servisse de recordação.

— Pai, está aqui a tua Bíblia.—Samuel entregou-lhe o livro com cuidado.—Havia muitas folhas soltas, mas acho que as encontrei todas.

— Obrigado, meu filho, um dia esta Bíblia será tua.

— Não a quero—respondeu Samuel, arrependendo-se imediatamente de o ter dito.

Ficaram em silêncio. Isaac surpreendido com as palavras do filho; Samuel a pensar em como explicar ao seu pai porque é que não queria aquele livro.

— Deu-ma o meu pai, e ele recebeu-a do seu, e eu dar-ta-ei. Espero que quando chegar o dia não a rejeites.

— Não quero o livro dos judeus porque não quero ser judeu—respondeu o menino com sinceridade.

— Samuel, meu filho, nós, os homens, não escolhemos o que somos, deparamo-nos com isso. Tu não escolheste ser judeu, eu também não, mas é o que somos e não o podemos mudar.

— Sim, claro que podemos. Podemos deixar de sê-lo, vamos dizê-lo a toda a gente e deixam-nos em paz. Se somos judeus, matam-nos.

— Filho...—Isaac abraçou Samuel e desatou a chorar. Abraçados, choraram juntos, até sentirem que não lhes restavam mais lágrimas.

Isaac sentia dor perante a angústia do filho, compreendia o seu desespero e, como na sua mente infantil, ser judeu se tinha tornado sinónimo de morte e destruição. Não o censurava por se querer desfazer daquilo que julgava ser a causa da morte da família.

Continuaram a vasculhar entre os restos do que tinha sido o seu lar. Depois de andarem pela casa,

aproximaram-se do alpendre que tinha servido de armazém para as suas peles. Não restava nada. Antes de partir para França tinha selecionado o melhor material para vender, embora tivesse deixado outras peças com as quais poderia negociar no futuro. A turba tinha-as levado.

Tinham-no despojado de tudo o que tinha. Da mãe, da esposa, dos filhos, da casa, dos negócios. Porquê? Porque é que Deus se irritava daquela maneira com eles? Que mal tinham feito? Mordeu o lábio para não deixar escapar um gemido sequer. Todo esse mal que tinham recebido era apenas por serem judeus? Mas não se podia deixar vencer pela dor. Samuel estava ao seu lado, muito quieto, agarrado à sua mão, contemplando o pouco que restava de pé do alpendre.

Pelo menos ainda tenho um filho, pensou. Apertou com mais força a mão de Samuel. Sim, ainda tinha um filho. Pelo menos ele tinha Samuel e a presença do seu filho seria a sua força para continuar a viver.

Quando regressaram a casa dos vizinhos, estavam exaustos.

— O que vão fazer?—perguntou-lhes Moisés, o homem que tão generosamente os tinha acolhido.

— Começar de novo—respondeu Isaac.

— Vão ficar aqui?—quis saber o homem.

— Não sei, tenho de falar com o Samuel. Acho que é melhor irmos para outra cidade...

— Percebo. Todos os dias, quando saio à rua, penso que a qualquer momento pode acontecer a mesma coisa aos meus filhos ou aos meus netos... Às vezes, a dor é tão intensa que sinto a necessidade de escapar, mas para onde poderíamos ir? Nós somos velhos e, apesar de todas as desgraças, mantenho o meu trabalho na tipografia. Com o que me pagam, a minha mulher e eu podemos subsistir. Nós não podemos escapar, a velhice acorrenta-nos a este lugar.

Isaac agradeceu a Moisés por tudo o que fazia por eles.

— Não me agradeças, sabes que a minha esposa era amiga da tua mãe. Chorou pela Sofia tanto como pela nossa família. Só fazemos o que o coração manda. Não dispomos de muito, mas o que temos é vosso, a nossa casa é a vossa casa, fiquem o tempo que precisarem.

Naquela noite Isaac perguntou a Samuel se queria reconstruir a casa.

— Podemos erguê-la de novo. Demorará algum tempo, mas podemos fazê-lo. Tenho algum dinheiro, em Paris pagaram-me bem pelas peles que levei para vender. O que te parece?

Samuel ficou em silêncio. Não sabia o que responder. Sentia falta da sua casa, sim, mas a sua saudade era algo mais do que quatro paredes. A sua casa era a sua avó, a sua mãe, os seus irmãos; se não podia estar com eles, não lhe importava onde fossem viver.

— Não queres viver aqui?—perguntou-lhe o pai.

— Não sei... eu... eu quero estar com a mãe.—E desatou a chorar.

— Eu também—murmurou Isaac—,eu também, meu filho, mas temos de aceitar que já não está entre nós. Sei que não é fácil resignarmo-nos, a mim acontece-me o mesmo. Eu também perdi a minha mãe... a avó Sofia.

— Podemos ir embora?—perguntou Samuel.

— Ir embora? Para onde gostavas que fôssemos?

— Não sei, para outro lado, talvez ir ter com o avô Elias...

— Para Paris? Disseste-me que não gostavas muito.

— Mas isso era porque tinha saudades da mãe. Também podemos ir para Varsóvia ter com o primo Gabriel.

Isaac compreendeu que o seu filho precisava de uma família, que só ele não era suficiente para mitigar a dor de Samuel.

— Vamos pensar nisso. Tenho a certeza de que o avô Elias nos acolheria de bom grado, tal como o primo Gabriel, mas temos de pensar do que vamos viver, não nos podemos tornar um fardo para a

família.

— Não podes vender peles?

— Sim, mas para isso temos de estar aqui. É na Rússia que se encontram as melhores peles, as que as damas de Paris e de Londres querem.

— E não podes fazer outra coisa?

— O único ofício que conheço é este, aquele que me ensinou o meu pai e aquele que eu te ensinarei. Comprar e vender. Comprar aqui e vender lá, onde não têm o que nós lhes podemos oferecer. Por isso todos os anos levo as peles para Paris, Londres, Berlim... Somos comerciantes, Samuel. Talvez pudéssemos ir para outra cidade. O que é que achas de São Petersburgo?

— Achas que nos deixam viver lá? Consegues a autorização?

— Pode ser, Samuel, pelo menos poderíamos tentar. Na corte há sempre quem goste da moda de Paris e nos baús temos várias peças confeccionadas pelo teu avô Elias. Não é a primeira vez que vendemos peles às grandes damas de Moscovo e São Petersburgo.

— E o que é que eu faria?

— Estudar, deves estudar; só o saber é que te vai ajudar a formar um futuro.

— Eu só quero estar contigo, talvez me pudesses ensinar a ser um bom comerciante...

— Vou ensinar-te, claro que o farei, mas depois de estudares e se for isso que desejares. Ainda é cedo para saberes o que queres.

— Sei que não quero ser prestamista. Todos odeiam os prestamistas.

— Sim, sobretudo os que têm uma dívida que às vezes não querem saldar.

— Eu também odeio os prestamistas. Ouvi dizer que arruinam as pessoas.

— São os poderosos que costumam aborrecer quem empresta dinheiro.

— Pois, mas ainda assim não quero ser prestamista. É feio.

Na manhã seguinte, Isaac falou com Moisés e com a sua mulher.

— Partimos dentro de uns dias. Vou tentar a nossa sorte em São Petersburgo. O meu pai tinha um amigo que se dedica à química e os seus remédios são muito apreciados pelos aristocratas da corte imperial. Pedir-lhe-ei que me ajude a obter uma autorização de residência na cidade.

— Vais-te embora daqui? Mas ainda tens o terreno da casa, e a tua família jaz no cemitério...— lamentou-se a mulher.

— E vamos levá-los sempre no nosso coração. Mas agora tenho de pensar no Samuel. Para ele é muito difícil continuar no lugar onde antes tinha uma família, a avó, a mãe, os irmãos, e onde agora não tem nada. Tenho de dar uma oportunidade ao meu filho. Sinto que a minha vida está acabada, mas ele tem dez anos e toda uma vida pela frente. Nenhum de nós os esquecerá, mas tenho de ajudar o meu filho a ultrapassar a dor que o afeta. Se ficarmos aqui será mais difícil. Tudo lhe lembra a sua mãe.

— Compreendo—disse Moisés—,eu faria o mesmo no teu lugar. Já te disse, dispõe do nosso lar o tempo que for necessário. Queres que me encarregue de procurar um comprador para o terreno da tua casa?

— Não, não quero vender esse pedaço de terra. Será para o Samuel, pode ser que um dia ele queira voltar, quem sabe. Mas peço-te que te encarregues do terreno, e se quiseres podes utilizá-lo como horta. Assinarei uma autorização para que disponhas dele até ao dia em que o Samuel vier reclamá-lo.

Uma semana depois, Isaac e Samuel deixaram a aldeia numa carroça puxada por duas mulas. Levavam os baús com as peças trazidas de Paris. Além disso, Isaac tinha guardado dentro da camisa, colada ao seu corpo, uma bolsa de couro com o único dinheiro que lhes restava.

A esposa de Moisés entregou-lhes uma cesta com alguns mantimentos.

— Não é muito, mas pelo menos não vão passar fome até chegarem a São Petersburgo.

Sentiam frio e o ar estava húmido. Durante a noite tinha chovido. Puseram-se em marcha em silêncio, sabendo que no seu caminho passariam junto ao cemitério. Isaac não queria olhar para onde descansavam os seus. Sem se virar, despediu-se em silêncio da sua mãe, da sua esposa, de Anna e de Friede. Conseguiu conter as lágrimas, mas Samuel desatou a chorar. Não tentou consolá-lo, não podia, não teria encontrado as palavras.

Passado algum tempo Samuel aconchegou-se ao seu lado e adormeceu. Isaac tapou-o com uma manta forrada com pele. No céu rebentou um relâmpago seguido de um trovão. Voltava a chover.

Foi uma viagem longa e dura na qual Isaac mal se permitiu descansar. Tentava que o seu filho se mantivesse protegido da chuva e tinha-lhe preparado na carroça uma espécie de leito para que estivesse confortável.

Muitas noites dormiam um junto do outro dentro da carroça, porque não se atreviam a pedir teto em algumas das pousadas que encontravam no caminho. O ódio para com os judeus estava mais patente do que nunca e o novo czar, Alexandre III, apoiava os pogroms que se tinham espalhado por todo o império. Os jornais mais reacionários justificavam essas perseguições aos judeus como movimentos espontâneos de indignação da população. Mas indignação pelo quê? Porquê? Sempre que se fazia esta pergunta, Isaac chegava à mesma conclusão: não nos sentem como russos, mas sim como um corpo estranho que, além do mais, vem disputar o trabalho deles. Também pensava que os judeus se deviam sentir antes de mais russos e depois judeus, e não o contrário, e sobretudo deviam comportar-se como russos.

A caminho de São Petersburgo, não foram poucas as vezes em que se perguntava como o receberia Gustav Goldanski, o amigo do seu pai. Havia a possibilidade de não os querer receber, afinal de contas mal o conhecia e, pelo que tinha ouvido o seu pai contar, o seu velho amigo não se convertera ao cristianismo, mas rejeitava comportar-se como um judeu. Talvez não quisesse recebê-los ou se sentisse incomodado face ao compromisso de ter de o fazer.

Mas ele guardava todas estas dúvidas para si, não queria acrescentar incerteza à dor de Samuel.

Falavam de São Petersburgo como o final de um caminho onde encontrariam o sossego de que ambos precisavam e, sobretudo, a oportunidade de começar de novo.

Chegaram quando já era manhã num dia ventoso de outono.

Não lhes custou muito encontrar a casa de Gustav Goldanski. Ficava no centro da cidade, num elegante edifício cujo portão estava guardado por dois criados. Olharam-no com arrogância, perguntando-se como é que aquele homem com a barba mal aparada e aquele rapazinho que não deixava de tossir se atreviam a pedir que o seu senhor os recebesse de imediato.

Um dos criados mandou-os esperar à porta e o outro foi avisar o senhor da estranha visita.

O tempo em que estiveram à espera de que o criado regressasse pareceu eterno a Isaac. Samuel parecia assustado.

— O meu senhor vai recebê-los—anunciou-lhes o serviçal, que parecia assombrado por isso acontecer.

O outro criado encarregou-se das mulas e da carroça, igualmente surpreendido com o facto de aquele homem estranho com um rapazinho poder conhecer o seu senhor.

Samuel olhava à sua volta admirado com o luxo daquela casa. As cadeiras estofadas com brocados de seda. Os candelabros dourados cintilantes, as pesadas cortinas, os móveis delicadamente talhados. Tudo lhe era novo e tão faustoso que lhe parecia irreal.

Esperaram bastante tempo num salão que tinha as paredes forradas de seda azul e, no teto, um fresco de umas ninfas a pentear-se junto a um lago de águas cristalinas.

Gustav Goldanski tinha ultrapassado naquele momento a maturidade e estava mais perto da velhice. Tinha o cabelo branco como a neve e os olhos de cor azul, um azul apagado pela passagem do tempo.

Sem ser demasiado alto nem demasiado magro, tinha uma certa altivez. É um pouco mais jovem do que o meu pai seria se ainda estivesse vivo, pensou Isaac.

— Que surpresa, não estava à espera da visita do filho do Simão Zucker. Há muito tempo que não nos víamos. Lembro-me de si de uma vez em que acompanhou o seu pai a São Petersburgo. Sei que o bondoso Simão faleceu, enviei uma carta de condolências à sua mãe... O seu pai e eu conhecemo-nos durante uma viagem. Não sei se lhe contou...

— Sei que se conheceram num caminho pouco movimentado, não muito longe de Varsóvia. O senhor tinha sofrido um revés, a sua carruagem tinha ficado presa na neve, e o meu pai, que viajava no mesmo caminho, encontrou-vos e ajudou-vos a soltá-la.

— É verdade. Eu regressava de Varsóvia, depois de visitar a minha mãe. Era inverno e os caminhos eram pistas de gelo e neve. As rodas da carruagem ficaram enterradas na neve e um dos cavalos partiu uma pata. Tivemos a sorte de o seu pai passar no mesmo caminho e de nos ajudar, caso contrário teríamos morrido de frio. Ofereci-lhe a minha hospitalidade se algum dia viesse a São Petersburgo. Embora nunca tivesse querido hospedar-se em minha casa, visitou-me algumas vezes e, desde então, iniciámos uma boa amizade. Éramos muito diferentes, com interesses distintos, mas achávamos os dois que a única maneira de acabar com a maldição que perseguia os judeus era assimilá-los na sociedade onde tinham de viver, embora o seu pai julgasse que sentir-se russo nada tem que ver com a religião.

— Sim, o meu pai incutiu-me essa ideia, embora às vezes não dependa de nós, mas sim dos outros.

— Julgam que fazemos o suficiente? Não, eu julgo que não... Mas desculpem, ainda não vos perguntei o motivo da vossa visita, este menino é o seu filho?

Por indicação de Isaac, Samuel estendeu a mão àquele homem, que lhe sorriu ao apertá-la.

— É o meu filho Samuel, o meu único filho. Perdi toda a minha família—explicou Isaac com um laivo de emoção na voz.

Goldanski observou pai e filho antes de perguntar pelo sucedido.

— Devido a alguma epidemia?

— O ódio e a insensatez têm o mesmo efeito do que as epidemias. O assassinio do czar Alexandre II trouxe a desgraça aos judeus do império. O senhor sabe melhor do que eu que se produziram ataques violentos contra a nossa comunidade, sobretudo nas zonas de residência, mas também em Moscovo e em Varsóvia, principalmente nos shtetls, onde nós, judeus, estamos estabelecidos, a ganhar a vida com o nosso trabalho e o nosso esforço.

— Eu sei, eu sei... desde abril até depois do verão foram chegando notícias terríveis sobre os ataques a judeus. Há algum tempo que abandonei a religião dos meus antepassados; não é que me tenha tornado cristão, mas também não sigo as leis de Moisés; ainda assim, tentei com unhas e dentes que as autoridades impedissem os distúrbios, mas nem sempre tiveram em conta as minhas súplicas. O que aconteceu à vossa família?

— A minha casa já não existe, foi queimada por uma turba enfurecida, e a minha mãe, a minha esposa e os meus dois filhos pequenos morreram nesse incêndio.

— Lamento. Os meus pêsames.

— Perdi tudo o que tinha exceto dois baús com roupa quente trazidos de Paris, e o dinheiro das vendas de peles obtido na minha última viagem. É o que tenho para começar de novo. Mas tenho sobretudo o Samuel. É a minha única razão para continuar a viver.

— O que é que eu posso fazer?

— Não conheço ninguém em São Petersburgo, mas é aqui que pretendo iniciar uma nova vida e atrevo-me a pedir o seu conselho, que guie os nossos primeiros passos pela capital imperial.

— Já têm sítio onde ficar?

— Não, a verdade é que acabamos de chegar, a nossa bagagem está na carroça que deixei nas mãos dos seus criados.

— Conheço uma viúva que talvez vos possa alojar, ganha a vida a alugar dois quartos, normalmente a estudantes. Não vão encontrar luxo, mas a casa é confortável e a mulher de confiança. O marido dela foi meu ajudante durante muitos anos, o coitado morreu com um ataque de coração. Vou dar-vos um bilhete para ela, se tiver algum quarto livre de certeza que o alugará a vocês sem que paguem demasiado.

— Agradeço-lhe, precisamos de um teto e de descanso. Estamos há muitos dias a dormir sob a intempérie, e como pode ver o meu filho não para de tossir.

— Não sou médico, apenas um químico que se tornou boticário. Dediquei uma grande parte da minha vida a preparar remédios para a doença e essa tosse não pressagia nada de bom... Vou dar-vos um dos meus xaropes, vai aliviá-lo.

— Agradeço-lhe.

— Bem, posso fazer mais alguma coisa por vocês?

— O senhor é um homem importante, conhece muita gente na corte, se pudesse conseguir que vissem a roupa que trouxe de Paris... São sobretudos e casacos de pele, mas confecionados de acordo com a moda parisiense. Pode ser que alguma dama se interesse...

— Fá-lo-ei pela amizade que me unia ao seu pai. Vou falar com a minha esposa, ela saberá a melhor forma de os vossos casacos serem vistos pelas damas de São Petersburgo. Agora esperem um momento enquanto eu escrevo o bilhete para a viúva de que vos falei.

Raisa Korlov recebeu-os com frieza até que leu o bilhete escrito por Gustav Goldanski; então sorriu-lhes confiante, convidando-os a entrar na sala bem aquecida pelo lume que crepitava numa grande lareira.

— Com que então vem recomendado pelo professor Goldanski... Não podia trazer melhores referências, mas neste momento não vou poder alojá-los. Tenho um quarto alugado a um jovem que estuda na universidade e o outro está ocupado pela minha irmã, que ficou viúva e que acolhi na minha casa. É mais velha do que eu e a pobre mulher não tem mais ninguém no mundo. Não pôde ter filhos, eu também não tive. Para mim é um inconveniente porque perco o dinheiro do aluguer, mas o que posso fazer mais? Não seria boa cristã se a deixasse desprotegida. Além do mais, faz-me companhia, eu também fiquei viúva, e sempre é melhor partilhar o que se tem com alguém da família.

Uma expressão de desespero desenhou-se no rosto de Isaac. Estava preocupado com a tosse de Samuel, recordava-se que Goldanski tinha insistido em que aquele menino precisava de descanso e calor, para além do frasco de xarope e dos comprimidos que lhe tinha dado.

— Nesse caso, não se importa de me recomendar algum sítio onde eu o meu filho possamos ficar?

— Não sei... não conheço ninguém de confiança... Há casas, sim, mas não me atrevo a recomendar-lhas, talvez... bem, tenho outro quarto, mas é muito pequeno, que utilizo como arrecadação, e nunca o aluguei...

— Por favor!—suplicou Isaac.

— É muito pequeno, como lhe disse, e teria de me ajudar a retirar algumas coisas, é preciso limpá-lo e arrumá-lo para que caibam os dois... Não sei...

— Eu ajudo-a a tirar o que for preciso, ajudo-a em tudo o que quiser. O meu filho está exausto, fizemos uma longa viagem. O professor Goldanski garantiu-nos que com a senhora estaríamos como em casa.

— O professor elogia-me sempre. Bem, vou mostrar-lhe o quarto e o senhor decide se quer ficar. Nesse caso, terá de me dar tempo para o arrumar. E esta criança que fique aqui, dar-lhe-ei alguma coisa de beber para que aqueça.

Isaac ajudou a viúva Korlov a tirar do quarto vários móveis desconjuntados. A mulher esforçou-se na limpeza e não demorou mais de duas horas a ter o quarto preparado.

Era tão pequeno como a viúva lhes tinha dito. A cama ocupava quase todo o espaço. Um armário e uma mesa com uma cadeira completavam o mobiliário. Isaac pagou-lhe o preço que tinham acordado. Dois meses adiantados.

— É demasiado pequeno—disse a viúva desejando ouvir de Isaac o contrário porque esse dinheiro inesperado, que ela sabia excessivo por aquele quarto, vinha-lhe mesmo a calhar.

— Vamos estar bem aqui, garanto-lhe—respondeu-lhe Isaac.

A viúva mostrou-lhes uma divisão ainda mais pequena que servia de casa de banho comunitária.

— O meu marido estava obcecado com a higiene, o professor Goldanski ensinou-lhe que muitas doenças são fruto da sujidade e, por isso, decidi que na nossa casa tivéssemos este lugar onde nos pudéssemos lavar. Imagino que se queiram limpar depois de uma viagem tão longa... Mas, não se esqueçam, nada de desbaratar água.

Isaac respirou tranquilo quando, finalmente, viu Samuel na cama bem agasalhado. A criança estava esgotada e não parava de tossir.

A viúva Korlov tinha-se mostrado compassiva, servira uma chávena de leite com uma fatia de bolo a Samuel e oferecera uma chávena de chá a Isaac.

Deitou-se em cima da cama ao lado do filho e adormeceram os dois profundamente. Já tinha caído a tarde quando acordaram com alguém a bater à porta.

— Senhor Zucker... está acordado?

— Sim, sim, um momento.

— Espero por si na sala...

Isaac levantou-se de imediato, preocupado com o aspeto da sua roupa amarrotada depois de ter adormecido na cama. Na sala esperava-o Raisa Korlov e uma mulher muito mais velha.

— Esta é a minha irmã Alina, já lhe contei que o senhor foi recomendado pelo professor Goldanski.

— Minha senhora.—Isaac inclinou-se enquanto esticava a mão a Alina.

As duas irmãs eram parecidas. Raisa era mais nova, teria cerca de cinquenta anos, enquanto Alina, calculou, devia ter passado dos sessenta há algum tempo. Mas tinham as duas o mesmo olhar esverdeado e o contorno da cara quadrado, roliças e altas, muito altas.

Raisa entregou-lhe um envelope.

— Acaba de o trazer um criado do professor Goldanski.

— Obrigado.—Isaac não sabia o que devia dizer perante o olhar inquisitivo das duas mulheres.

— Falei com a minha irmã—disse Raisa como se Alina não estivesse presente—e perguntámo-nos como é que o senhor vai cuidar do seu filho... Enfim, se quiser, poderíamos acordar um preço para o senhor e o menino comerem aqui. Dar-nos-á um pouco mais de trabalho, mas...

— Oh! Agradeço-lhe imenso, dar-nos-á muito jeito.

— A sua esposa morreu, não é verdade?—perguntou Alina, enquanto Raisa ajeitava a saia.

— Já te disse que foi isso que o professor Goldanski me escreveu na nota de recomendação...—interrompeu-a Raisa.

Isaac não tinha qualquer vontade de dar satisfações à curiosidade das duas mulheres, mas sabia que não tinha outra opção.

— A minha família morreu num incêndio. A minha esposa, os meus filhos, a minha mãe... O Samuel e eu estávamos a viajar... Não conseguimos continuar a viver no mesmo lugar... Por isso viemos para São Petersburgo, queremos começar uma nova vida e as senhoras são muito atenciosas em acolher-nos com tanta generosidade.

— Que tragédia! Lamento imenso!—exclamou Alina, e parecia sincera.

— Pobre criança!—lamentou-se Raisa.—Perder uma mãe é o pior que pode acontecer a uma criança.

— Sim, é verdade. Além disso, o Samuel está muito fraco e, embora eu tente dar-lhe todos os cuidados de que precisa, tem muitas saudades da mãe.

— Então aceita a nossa oferta?

— Sim, claro que sim, diga-me quantos rublos custaria a nossa subsistência...

Fecharam um acordo satisfatório para as duas partes, embora o dinheiro de Isaac estivesse a diminuir mais rapidamente do que aquilo que tinha previsto. Mas em algum lugar teriam de comer e sempre era melhor a comida daquela casa.

Submeteu-se às perguntas curiosas das duas mulheres e, quando pôde, pediu licença para se retirar, estava impaciente por ler a mensagem do professor Goldanski.

Samuel tinha acordado e sorriu-lhe.

— Ainda bem que dormi! Estou muito melhor.

Isaac pôs-lhe a mão na testa, a febre parecia ter baixado.

— Tens de te lavar um pouco, esta noite vamos jantar com a senhora Korlov e com a sua irmã. Disseram-me que prepararam uma sopa muito boa, que te vai fazer bem.

Isaac abriu o envelope impaciente e leu a missiva:

"Falei com a minha esposa. Vai tentar ajudar-vos. Venham visitar-nos na próxima quinta-feira à hora do chá e tragam os casacos de que me falaram; é possível que alguma das suas amigas se interesse por eles."

Era segunda-feira, faltavam três dias para o encontro, e teria de tirar os casacos do baú, arejá-los e arranjar qualquer imperfeição que pudesse encontrar depois de uma viagem tão longa. A sua sorte estava naqueles casacos, se é que conseguia que as damas de São Petersburgo se interessassem por eles.

Isaac pensou que os dias que faltavam para ir à casa de Goldanski lhe pareceriam intermináveis, mas Raisa Korlov insistiu em mostrar-lhes a cidade, apesar de Samuel ainda não estar totalmente recuperado.

— Respirar ar puro não lhe fará mal, mas claro, tem de ir bem abrigado—insistiu a viúva Korlov antes de os arrastar para um dos seus intermináveis passeios.

Pai e filho mostraram a sua admiração perante o Palácio de Inverno. Também ficaram surpreendidos com a beleza de algumas ruas que lhes recordavam Paris.

A viúva Korlov orgulhava-se da sua cidade e elogiava a alegria dos seus habitantes.

— A alma da cidade são os estudantes, eles enchem as tabernas e as ruas de risos. Alguns consideram-nos desordeiros, mas posso garantir que são bons inquilinos e que pagam com pontualidade. Em dez anos só tive de expulsar um da minha casa.

O outro inquilino da casa era um jovem sério, de semblante austero, que passava todo o seu tempo na universidade ou fechado no seu quarto a estudar. Não era muito falador, mas mostrava-se cortês. A viúva Korlov tinha-lhes contado que o jovem Andrei era filho de um ferreiro que estava a sacrificar a sua escassa fortuna para o seu primogénito tirar um curso.

As duas viúvas tratavam Andrei com afeto, e a eles também; uma e outra faziam o possível para os seus inquilinos se sentirem como na sua própria casa.

Foram também Raisa e a sua irmã Alina que ajudaram Isaac a pendurar os casacos em cabides e a arejá-los; Alina até se ofereceu para coser dois forros que se tinham descosido.

— Ser-lhe-á mais difícil levá-los nos cabides, mas, se os voltar a colocar no baú, ficarão amarrotados e cheirarão a mofo—explicou Alina.

Com a ajuda de Samuel conseguiu colocar os sobretudos e os casacos na carroça. A viúva Korlov tinha-lhe emprestado uns lençóis velhos para não se mancharem, além de que a mercadoria ficaria tapada

e não despertaria a avareza dos ladrões.

Por fim, às quatro da tarde em ponto daquela quinta-feira do inverno russo, e acompanhado por Samuel, apresentou-se na elegante mansão dos Goldanski.

Nesta ocasião, os criados não os receberam com desconfiança. Tinham ordens do seu amo para os acompanharem de imediato ao interior da casa.

Enquanto esperavam numa sala pelo professor Goldanski, Isaac, nervoso, passava os dedos por algumas peles que tinha colocado nas cadeiras daquela divisão.

O coração bateu-lhe com mais força quando apareceu Goldanski seguido por uma mulher mais jovem do que ele.

— A minha esposa, a condessa Yekaterina.

Pai e filho fizeram-lhe uma profunda reverência impressionados pelo título e, sobretudo, pelo seu porte elegante.

Tem a pele como a porcelana, pensou Isaac admirando a tez branquíssima da condessa, e a figura de uma juvenzinha.

— Conheci o seu pai. Sempre foi bem recebido na nossa casa e o senhor também o é. Este pequeno é o seu filho?

— Sim, condessa... Samuel, cumprimenta a condessa.

Samuel tentou uma desajeitada reverência, mas a condessa pegou-lhe na mão obrigando-o a endireitar-se.

— Tens a idade do meu neto. Devias vir brincar com ele qualquer dia.

— Bem, querida, examina as peças do nosso amigo Isaac antes de mandares entrar as tuas amigas.

Isaac conteve a respiração até que a condessa acabasse de inspecionar cada peça.

— Há casacos muito bonitos, acho que vou comprar algum, tenho a certeza de que as damas que agora mesmo estão a aguardar expectantes também vão gostar.

Uns minutos depois, as amigas da condessa entraram no salão. Todas vestiam roupas elegantes e conversavam despreocupadas, ansiando por ver essas maravilhas que lhes tinha anunciado a condessa Yekaterina.

A tarde não podia ter sido mais proveitosa. Regressaram a casa das viúvas sem uma única peça. A condessa e as suas amigas tinham-lhe comprado tudo e incentivaram Isaac a trazer mais casacos de Paris.

— Até tecidos, rendas ou algum vestido...—sugeriram as senhoras, ansiosas admiradoras da moda da capital francesa.

A caminho da casa das viúvas, Isaac comprou-lhes flores. Naquela noite, elas mostraram-se mais generosas no momento de servir as doses do jantar.

São Petersburgo não lhes parecia hostil, apesar de os jornais continuarem a publicar artigos contra os judeus. Mas tanto Isaac como Samuel sentiam um certo alívio por não terem de enfrentar a lembrança permanente da desgraça que tinha caído sobre eles. Se tivessem ficado no seu shtetl próximo de Varsóvia, não teriam conseguido endireitar as suas vidas.

Não, não podiam esquecer Sofia, nem Ester, nem a rebelde Anna, nem o pequeno Friede, mas pelo menos em São Petersburgo havia momentos em que deixavam de pensar neles e isso permitia-lhes sobreviver.

Com a venda dos casacos, Isaac pensava comprar mais peles, que levaria para Paris, não só para vender, mas também para que Monsieur Elias lhe confeccionasse novas peças para trazer para São Petersburgo. Também pensava investir em tecidos. Se as coisas corressesem bem, Samuel poderia chegar a estudar na universidade. Estava certo de que o professor Goldanski o recomendaria, já que nas universidades havia uma quota para a admissão de judeus. A Universidade de São Petersburgo permitia

três por cento de alunos judeus. Mas Goldanski já tinha alguma fama entre as famílias ilustres. Os seus conhecimentos de química e de botânica foram dedicados à preparação de remédios. Isto tinha provocado a aversão de alguns boticários, mas a eficácia das suas beberagens era tal que o seu profissionalismo era respeitado até entre membros da corte, alguns dos quais se tinham empenhado em que o célebre químico pudesse dar provas dos seus conhecimentos na universidade, para onde era convidado com uma certa regularidade, daí que muitos lhe chamassem professor.

Os dias passavam e a vida de Isaac e Samuel era cada vez mais apazível. Não desejavam mais do que aquilo que tinham. As viúvas Korlov cuidavam deles com afeto, e Samuel parecia recuperado graças à comida de Raisa e aos xaropes do professor Goldanski, que visitavam de vez em quando.

— Então vai à sinagoga...

— Sim, professor, não quero que o meu filho se esqueça de quem somos.

— Julgava que estávamos de acordo em que o melhor para os judeus era ser de onde vivemos. No nosso caso, russos.

— E eu estou de acordo, mas por sermos russos temos de deixar de acreditar no nosso Deus? Temos de renunciar aos nossos livros? Temos de renunciar a sonhar que no próximo ano estaremos em Jerusalém? Antes acreditava que para sermos bons russos devíamos renunciar a tudo isto, mas agora penso que podemos ser russos e judeus sem trair a nossa pátria nem o nosso Deus.

— Sonhos, palavras, livros! Isaac, a vida é muito curta, não dá para muito. Não é preciso exhibir as crenças. Repare em mim... Nasci em Varsóvia e, se não tivesse sido pelo empenho do meu pai, não teria feito mais do que preparados na botica... Vim para São Petersburgo, estudei, trilhei o meu caminho, depois conheci a condessa, casei... e sou rico. Julga que teria podido ter uma esposa como a condessa se tivesse teimado em ser apenas um judeu? Ela foi muito corajosa em enfrentar a sua família para casar comigo. O mínimo que posso fazer por ela é comportar-me à altura das suas expectativas.

— E não esperava que um judeu fosse judeu?—Assim que fez a pergunta, arrependeu-se. Tinha sido uma impertinência que o professor, o seu benfeitor, não merecia.

Gustav Goldanski olhou-o fixamente antes de responder. O brilho dos seus olhos mostrava que estava incomodado, mas o tom da sua voz não refletia qualquer emoção.

— O que esperava era que não fosse diferente, ou que pelo menos não carregasse essa diferença até tornar a vida que temos impossível. Sou russo, sinto-me russo, penso em russo, choro em russo, emocio-me em russo, amo em russo. Há tempos que esqueci a linguagem familiar, aquelas palavras que só serviam para nós, judeus, nos entendermos uns com os outros. Tenho Deus no meu coração e peço-lhe que se mostre misericordioso comigo, mas não o honro mais por recitar determinadas preces ou guardar o sabat.

— A lei de Deus é sagrada—atreveu-se a responder Isaac.

— Não tenho a certeza de que Deus tenha dado instruções acerca de tantas coisas pequenas até organizar cada hora das nossas vidas. Julgo que espera outra coisa de nós. É mais difícil praticar o bem, mostrar-se generoso com quem não tem nada, sentir piedade pelos que sofrem, ajudar aqueles que precisam.. Essa é a forma através da qual tento honrar Deus e não vou dizer que o consigo sempre, sou só um homem.

— Não quero que o meu filho cresça sem saber quem é—respondeu Isaac.

— O seu filho é quem é porque já é, e é apenas o que sente no seu coração. Não, não se confunda, não me parece que seja necessário renunciar a ser judeu para ser russo, só que ainda não fomos capazes de encontrar a forma de sermos as duas coisas ao mesmo tempo sem que uma parte desconfie da outra. Eu fiz as minhas renúncias, talvez o senhor consiga a síntese. Oxalá!

Tornaram-se bons amigos. E era rara a semana em que Isaac não se reunia com o professor. Gostavam

de falar, de discutir, de especular.

Às vezes a condessa Yekaterina convidava Samuel para partilhar os brinquedos do seu neto. Samuel simpatizou imediatamente com Konstantin, que tinha um carácter aberto e generoso como o do seu avô.

Gustav Goldanski e a condessa Yekaterina tinham tido um único filho, Boris, dedicado à diplomacia em nome do czar. Casado com Gertrude, uma nobre alemã, tinha dado aos seus pais dois netos: Konstantin, o mais velho, e a pequena Katia. Faziam uma família feliz até que o azar se cruzou no caminho de Boris e de Gertrude quando participavam numa corrida de trenós. Sofreram um acidente no qual Gertrude morreu logo e Boris, uns dias depois, deixando órfãos Konstantin e Katia, que desde então viviam com os avós.

Samuel admirava o professor Goldanski. Queria ser como ele, adquirir a sua posição, mas sobretudo ter a coragem de se separar do judaísmo. Isaac apercebia-se de que para o seu filho as opiniões do professor tinham mais valor do que as suas. Doía-lhe, mas não manifestava a sua contrariedade e, no fundo da sua alma, compreendia-o. Como não admirar um homem que devia tudo ao seu talento e inteligência e que nunca tinha feito mal a ninguém? Não, não podia culpar o professor Goldanski da admiração que o seu filho tinha por ele. Também não podia culpar Samuel do seu desejo de se afastar da religião dos mais velhos. O rapaz tinha perdido a mãe e os irmãos por serem judeus e, desde a sua mais tenra infância, tinha sentido que os outros consideravam os judeus seres perniciosos, que era preciso manter afastados. Samuel ansiava ser como os outros e era isso o que o bondoso Gustav Goldanski tinha conseguido: ser apenas russo.

Talvez guiado por essa admiração para com o professor Goldanski e pela amizade que o unia a Konstantin, Samuel sonhava poder fugir do destino. Sabia que, apesar do empenho do seu pai em que fosse para a universidade, o mais fácil para ele seria continuar com o negócio da família, tornando-se negociante de peles.

Um ano depois do assassinio do czar Alexandre II, o seu sucessor, Alexandre III, promulgou os Regulamentos Provisórios, um conjunto de regras dirigidas a dificultar ainda mais a situação dos judeus no Império Russo. Isto fez com que muitos judeus comesçassem a pensar emigrar; alguns foram para os Estados Unidos, outros para Inglaterra, muitos outros para a Palestina, mas esse não era o caso de Isaac, que se estava a dar bem com o negócio das peles.

— Se eu fosse judeu sairia daqui.—A afirmação de Andrei surpreendeu tanto as viúvas Korlov como Isaac e Samuel.

As viúvas e os seus hóspedes estavam a partilhar o almoço de domingo. Alina tinha comentado que uma família de judeus que ela conhecia tinha vendido todos os seus bens para partir para os Estados Unidos, quando Andrei, que sempre se mostrava cauteloso, fez essa afirmação enquanto engolia o guisado de carne que Raisa tinha preparado.

— Porquê?—quis saber Alina.

— Porque aqui ninguém os quer, nós, os russos, não somos cidadãos, mas eles... ainda são menos do que nós—afirmou Andrei.

— Andrei! Como é que és capaz de dizer essas coisas? Se alguém te ouvisse...—recriminou-o Raisa.

— Oh! Eu tenho cuidado para não dizer o que não devo, mas surpreende-me que o bondoso senhor Isaac se conforme com as migalhas que recebe do nosso império—disse enquanto olhava para Isaac e para Samuel.

— Virgem Santíssima! Não digas essas coisas!—Raisa parecia assustada.

— Lamento, senhora Korlov, tem razão, não devia ter dito nada—desculpou-se Andrei.

— Porque não? Eu estou interessada em conhecer a tua opinião—interveio Alina Korlov.

— Só cá faltavas tu, minha irmã! Há coisas sobre as quais não se deve falar e entre elas está criticar

o nosso governo. Não permitirei que ninguém diga nada inconveniente—afirmou Raisa, zangada.

— Nós não ficamos incomodados com as opiniões do Andrei—afirmou Isaac numa tentativa de se mostrar conciliador.

— Quem ficaria incomodado é o próprio czar se o ouvisse. Não quero que ninguém fale de política nesta casa. Julgava-te uma pessoa prudente—disse Raisa olhando fixamente para Andrei.

— Lamento tê-la desgostado, não voltará a acontecer.

Andrei desculpou-se e pediu autorização a Raisa para se levantar da mesa e se retirar para o seu quarto para estudar.

A viúva Korlov deu-lha de evidente mau humor.

— Alina, não te deverias meter em assuntos que levantem problemas—disse Raisa olhando para a sua irmã mais velha.

— Nem sequer podemos falar à vontade entre as paredes desta casa? A Okhrana não tem ouvidos aqui—respondeu Alina.

— A Okhrana tem ouvidos em todo o lado. Já nos evidenciamos o suficiente ao termos judeus entre os nossos hóspedes—respondeu Raisa sem se dar conta da expressão de amargura que aflorava no rosto de Samuel.

Isaac permanecia em silêncio enquanto as duas irmãs discutiam. Receava que a conversa enveredasse por uns caminhos que pudessem prejudicar o seu filho e ele próprio. Nos últimos dias, tinha reparado que Raisa estava mais nervosa. Os Regulamentos Provisórios decretados pelo governo do czar Alexandre III tinham diminuído os, já por si, escassos direitos dos judeus, que agora podiam ser expulsos dos seus locais de residência sem qualquer motivo, para além de criarem maiores dificuldades no seu acesso à educação nas universidades, e até os proibiam de exercer algumas profissões. Mas, apesar de tudo isto, Isaac sentia-se seguro sob a proteção de Gustav Goldanski e preferia não se destacar demasiado e ir sobrevivendo.

Naquela noite, de regresso ao seu quarto, Samuel perguntou ao seu pai se eles também iriam para os Estados Unidos.

— Nós não, estamos bem como estamos. Como poderia ganhar a vida lá?

— Mas o Andrei disse que nós, judeus, cada dia valemos menos... Eu também ouvi dizer que o czar nos odeia e alguns colegas da escola murmuram sobre o que se está a passar... Pai, porque é que não deixamos de ser judeus de uma vez por todas?

Isaac voltou a explicar ao filho que os indignos eram os que perseguiram os judeus pela sua condição religiosa e que devia aprender a respeitar o direito de cada homem a acreditar no seu Deus e a dizer as suas orações como os seus pais lhes tinham ensinado a fazer.

— A tua mãe não teria gostado de te ouvir falar assim. Já te esqueceste de tudo o que te ensinou?

— Mataram-na por ser judia—respondeu Samuel, tentando conter as lágrimas.

O pai não respondeu, abraçou-o com força e acariciou-lhe o cabelo, depois mandou-o para a cama, mas Samuel não conseguia dormir.

— Sei que nos Estados Unidos também está frio, precisariam de peles como aqui. Poderias vendê-las.

— Não é assim tão fácil... Desconheço como funciona o negócio das peles lá. Também não conhecemos ninguém. Não, não vamos embora; não te vou expor a mais desgraças. É verdade que na Rússia mal toleram os judeus, mas pelo menos nós encontrámos o apoio do professor Goldanski e agora as coisas correm-nos bem, não nos podemos queixar. A única coisa que devemos fazer é mostrar-nos prudentes e não dar nas vistas.

— Pai, tens medo?

Isaac não soube o que responder à pergunta de Samuel. Sim, tinha medo. Medo do desconhecido, de não poder proteger o filho. Ainda tinha idade para começar uma nova vida, estava a meio dos trinta, mas não queria arriscar.

— Quando fores mais velho, compreenderás que ficar aqui foi uma boa decisão. Somos russos, Samuel, e sentiríamos a falta da nossa pátria.

— Somos judeus, é isso que somos, é assim que os outros nos veem.

— Somos russos, falamos, sentimos, sofremos como russos.

— Mas não rezamos como russos e tu próprio, pai, fazes com que eu não esqueça o iídiche e obrigas-me a ir à sinagoga para o rabino me ensinar hebreu—respondeu Samuel.

— Sim, e também insisto em que aproveites as aulas de inglês e de alemão. Algum dia, Samuel, não perguntarão a ninguém em que é que acredita e a quem reza, e todos os homens serão iguais.

— Quando será isso?

— Algum dia... vais ver.

— É isso que diz o avô Elias.

— E tem razão. Agora dorme.

Foram enganando os anos com a proteção de Gustav Goldanski.

Isaac viajava uma vez por ano para Paris quando a primavera espreitava. Sempre acompanhado por Samuel, para agradar ao avô Elias.

O homem não tinha conseguido recuperar da perda da sua filha Ester e suplicava a Isaac que ficassem a viver com ele em Paris, mas Isaac declinava sempre o pedido do seu sogro.

— E de que é que íamos viver? Não, não seria justo tornarmo-nos um fardo. Cada homem tem de trilhar o seu destino e o nosso está na Rússia, somos russos, aqui seríamos estrangeiros.

— Mas na Rússia também somos estrangeiros—respondia Samuel—,lá somos menos do que nada.

Não é que Samuel quisesse deixar São Petersburgo. Tinha chegado a amar aquela cidade mais do que qualquer outro lugar do mundo, mas os seus sonhos estavam repletos de sobressaltos, de medo, do rosto da sua mãe ensanguentado, dos seus irmãos a gritar. De forma que o seu coração estava dividido entre o desejo de imitar Gustav Goldanski e a tranquilidade que respirava em Paris sob a proteção do seu avô Elias. Também fantasiava com os Estados Unidos. Um dos seus melhores amigos tinha emigrado com a família para aquele país longínquo.

Foi durante essas viagens a França que começou a ganhar consciência das ideias de Karl Marx e de um russo proeminente, Mikhail Bakunine; já tinham os dois morrido, mas tinham semeado as suas ideias por toda a Europa.

Elias emprestava-lhe os escritos desses homens e não era raro que alguns amigos do seu avô se envolvessem em longas discussões nas traseiras da oficina. Uns defendiam as ideias de Karl Marx, outros declaravam-se fervorosos partidários de Bakunine e, apesar de uns e outros defenderem a igualdade, tendo em conta a violência das suas dissensões, saltava à vista que as suas posições eram irreconciliáveis. E ali, naquelas traseiras, Samuel foi recebendo uma inopinada educação política em torno do socialismo e do anarquismo.

Com o tempo, compreendeu que tanto o seu avô como o seu pai simpatizavam com Marx, embora procurassem manter as suas ideias escondidas aos olhos dos outros.

Aqueles verões na casa do seu avô também serviram para não se esquecer do francês, a língua da sua mãe. Foi também em Paris que se apaixonou pela primeira vez, tinha acabado de fazer dezasseis anos. Brigitte tinha duas longas tranças da cor do trigo e uns enormes olhos castanhos que o deixavam paralisado quando olhavam para ele. Trabalhava na padaria do seu pai, a um quarteirão da oficina do avô Elias. Samuel insistia sempre em encarregar-se de comprar pão.

Um balcão metálico separava-o de Brigitte, que ele observava junto ao forno com as faces pintadas de farinha.

Nunca trocaram mais do que sorrisos, mas Samuel sentia que o coração se lhe acelerava sempre que a via.

Contudo, não foi só ele que se apaixonou. Numa tarde em que o avô Elias lhe pediu que fosse com ele levar uns casacos à esposa de um advogado que vivia na margem direita do Sena, esbarraram inesperadamente com Isaac. Estava acompanhado por uma mulher de meia-idade, com a qual parecia partilhar uma grande intimidade, já que iam de braço dado. Falavam e riam, pareciam felizes, embora a expressão de Isaac tivesse mudado bruscamente quando deu de caras com o filho e o sogro, que julgavam que ele tinha ido visitar uns clientes.

Perante o olhar inquisidor de Elias e o assombro de Samuel, Isaac não conseguiu esconder o seu nervosismo.

— Samuel!

— Olá, pai...

— Isaac...—conseguiu murmurar o avô Elias.

Depois de uns segundos de silêncio, foi a mulher que começou a falar.

— Com que então tu és o Samuel. Tinha muita vontade de te conhecer, o teu pai não para de falar de ti. Está muito orgulhoso com os teus estudos, diz que vais chegar muito longe. E suponho que o senhor seja Monsieur Elias. É uma honra cumprimentá-lo, sei que não só é o melhor peleiro de Paris, mas também um bom homem.

A mulher sorriu-lhes e tanto Samuel como o avô Elias sentiram-se desarmados perante aquele sorriso franco.

— E a senhora é...?—começou a perguntar o avô Elias.

— Marie Dupont, sou modista, trabalho para a loja de Monsieur Martel, foi lá que conheci o Isaac.

Marie não era bonita, embora tivesse um rosto agradável. Era preciso olhar para ela duas vezes para a achar atraente, já que à primeira vista o cabelo castanho, os olhos castanhos e a figura levemente roliça não chamavam muito a atenção. Foi ela que conseguiu, com a sua conversa, que os homens acalmassem.

Quando Elias se desculpou por ter de se retirar para entregar os casacos que levava, Marie propôs acompanhá-los e assim os quatro passaram grande parte da tarde a percorrer Paris. Ao chegar a hora da despedida, Marie voltou a surpreendê-los quando os convidou para lanchar no domingo seguinte.

— Vivo com a minha mãe no Marais, a nossa casa é humilde, mas ninguém faz tartes de maçã como ela.

Não se comprometeram a ir, mas também não recusaram o convite. Quando Marie se foi embora, Isaac tentou explicar-se perante o sogro e o filho.

— A Marie é uma boa amiga, nada mais.

— Eu não te perguntei nada—respondeu o avô Elias, sem esconder a sua zanga por mais tempo.

Quando finalmente chegaram a casa, Elias fechou-se no quarto e não quis sair para jantar. Isaac e Samuel jantaram os dois sozinhos, a princípio em silêncio.

— Pai, porque é que o avô se zangou?

— Suponho que por causa da Marie—respondeu Isaac com sinceridade.

— É... é... bom, vais casar com ela?

— Não vou casar com ninguém; o que disse é verdade, a Marie é uma boa amiga, nada mais.

— Mas ia agarrada ao teu braço—respondeu Samuel.

— Sim, é verdade, mas isso não quer dizer que vamos casar. Quando fores mais velho, vais perceber.

Samuel ficava irritado com essa mania do seu pai de que só no futuro poderia entender as coisas do

presente, por isso atreveu-se a responder.

— Quero perceber agora.

— Ainda és muito novo—respondeu Isaac dando por terminada a conversa.

Passaram os dias e Elias mal dirigia a palavra a Isaac. Samuel começou a sentir-se angustiado com o desconforto que separava o seu pai e o seu avô. Durante o jantar do sabat, Samuel atreveu-se a perguntar o que é que eles tinham, mas não obteve resposta.

— Já não gosto de estar em Paris—disse de repente.

— Não gostas? Desde quando?—perguntou Elias.

— Desde que o pai e tu estão zangados. Mal se falam. Estamos os três tristes. Quero voltar para São Petersburgo.

— Sim, é melhor. Na verdade estou prestes a terminar o meu trabalho aqui, e o verão está a acabar—afirmou Isaac.

Ficaram em silêncio sem vontade de terminar o jantar. Iam levantar-se da mesa quando Elias lhes fez um gesto com a mão.

— O Samuel tem razão, é melhor que sejamos sinceros. Sei que não tenho o direito de me imiscuir na tua vida, ainda és um homem jovem, mas a lembrança da Ester não me deixa pensar com clareza. Era a minha filha, a minha única filha, e nunca vou recuperar da sua perda.

— A Ester era a minha esposa, a mãe do Samuel. Por acaso acha que a esquecemos? Não há um só dia em que não reze a Deus por ela e sei que nos encontraremos na Eternidade. Nunca a trairia, nunca.

— Avô, porque é que achaste mal que a Marie passeasse de braço dado com o meu pai? Eu não me importo, sei que não é por isso que deixou de amar a minha mãe. O meu pai vai amar sempre a minha mãe e os meus irmãos e a mim, sempre. Ninguém pode substituir a minha mãe, ninguém. O meu pai jamais o faria.

— É verdade—assegurou Isaac.

— Lamento, lamento ter provocado este mal-estar, eu... eu sei que não tenho o direito de te censurar, mas ver essa mulher de braço dado contigo foi... foi como se estivesses a trair a Ester.

— Mas não estava. Só passeava com uma amiga, nada mais. Não vou mentir em relação à Marie. É uma boa mulher, atenciosa e sincera, a quem a vida maltratou. O seu pai adoeceu quando ela era uma criança e teve de cuidar dele e do irmão mais novo enquanto a sua mãe procurava sustento para toda a família. Infelizmente, o irmão ficou com febre e morreu poucos meses antes do seu pai. Não quis deixar a mãe sozinha e rejeitou alguns pretendentes. Ganha a vida honradamente, a coser, e a mãe faz tartes que vende pelo bairro. Ninguém a pode censurar, e a mim também não. É verdade que de vez em quando procuramos momentos para passear e falamos das nossas desgraças, do que a vida nos trouxe, mas ambos sabemos que não partilharemos nenhum futuro; a minha vida está em São Petersburgo, a dela em Paris, mas ainda assim desfrutamos do tempo que passamos juntos. Devemos envergonhar-nos por isso?

— Claro que não!—exclamou Samuel antes de o seu avô responder.

— Tens razão. Às vezes o mal está nos olhos daquele que olha e não daquele que ele olha. Perdoa-me, perdoa-me tu também, Samuel.

No dia seguinte, Samuel disse que queria ir a casa de Marie provar a tarte de maçã que ela lhes tinha prometido. Elias desculpou-se por não os acompanhar, mas ao despedir-se deles, desejou-lhes que desfrutassem de uma boa tarde.

As águas-furtadas que Marie partilhava com a sua mãe na Place des Vosges eram pequenas, mas estavam limpas e arrumadas e cheiravam a maçãs.

As duas mulheres esforçaram-se para que Isaac e Samuel se sentissem como em casa e, ao cair da tarde, quando eles se despediram, prometeram voltar.

Elias recebeu-os interessando-se por saber como tinha corrido o lanche e Samuel ficou mais calmo ao ver que o avô se mostrava como sempre.

Com o tempo, ele próprio chegou a estimar Marie, que viam todos os verões, e até o avô Elias acabou por aceitar de bom grado aquela mulher que não procurava mais do que o que lhe pudessem dar, embora Samuel suspeitasse de que o seu avô tinha cedido porque Marie sabia ler e... não só isso, também manifestava simpatia pelos que defendiam a emancipação de quem, como ela, nada tinha. Além disso, o avô Elias apreciava as peças que Marie cosia primorosamente para a loja de Monsieur Martel.

Quanto o verão estava prestes a acabar, Isaac e Samuel regressaram a São Petersburgo carregados de baús com os casacos do avô Elias e com um grande número de vestidos e outras peças femininas cosidas por Marie e que Isaac sabia que, com a ajuda da condessa Yekaterina, venderia a bom preço entre as damas da corte do czar.

Nem Isaac nem Samuel tinham sentido necessidade de procurar outro alojamento que não fosse a casa da viúva Korlov, apesar de o quarto ser tão pequeno. Tanto Raisa como a sua irmã Alina tratavam-nos como se já fizessem parte da sua própria família.

Foi Raisa quem se lembrou de tirar das águas-furtadas duas velhas camas, ainda em bom estado, para substituir a que até então tinham partilhado pai e filho.

— Chegou a hora de o Samuel ter a sua própria cama—disse um dia, ordenando a Isaac que a acompanhasse às águas-furtadas.

E também foi de Alina a ideia de que o rapaz estudasse na sala, que permanecia vazia até à hora do jantar, já que as duas mulheres preferiam o calor da cozinha.

— Quando o Andrei se for embora, podem mudar de quarto—prometeu-lhes Raisa.

Mas Andrei não parecia disposto a deixar a casa. Estava a terminar os seus estudos de botânica e ganhava um dinheiro extra a ajudar nos tempos livres na biblioteca da universidade. Pagavam-lhe pouco, o suficiente para se poder sustentar e não depender do seu pai, que estava muito orgulhoso do seu filho.

Samuel simpatizava com Andrei e, quando ninguém os ouvia, falavam de política. Não demorou a descobrir que o universitário era um fiel seguidor das teorias marxistas, embora não se tenha atrevido a dizer-lhe que ele próprio tinha lido o Manifesto do Partido Comunista.

Isaac tinha-o avisado para ser prudente e não deixar que percebessem as suas ideias políticas.

— Tem cuidado, lembra-te de que mataram a tua mãe porque acusaram os judeus de estarem por detrás do assassinio do czar Alexandre.

Mas Samuel costumava ser menos prudente do que Isaac gostaria e, pouco tempo depois de entrar na universidade para estudar química, começou a relacionar-se com outros estudantes que, como ele, sonhavam com um mundo sem classes sociais.

Foi graças a Gustav Goldanski que Samuel pôde entrar na universidade. Queria tornar-se um boticário, mas o professor Goldanski convenceu-o a estudar química.

— Se és químico, serás farmacêutico, mas se és apenas farmacêutico, não serás químico, e quem sabe o que a vida te pode reservar—disselhe.

De forma que seguiu o seu conselho, disposto a tornar-se um químico. Não teria desejado estudar nenhuma outra coisa, tal era a admiração que sentia pelo seu benfeitor. Embora o professor já estivesse reformado, continuava a encarregar-se da preparação de remédios para alguns dos seus amigos mais chegados. Numa ocasião o seu neto Konstantin e Samuel tinham-no ajudado no laboratório que tinha numas divisões anexas à sua mansão. Samuel ficava fascinado ao ver o professor pôr as plantas a macerar, ao ver como as misturava com líquidos que a ele lhe pareciam quase mágicos, obtendo preparados que depois transformava em xaropes ou comprimidos com que aliviar as maleitas. Konstantin não sentia muito interesse por esta atividade do seu avô, e limitava-se a ajudar no que este lhe pedia e

pouco mais, mas Samuel não deixava de lhe fazer perguntas, fascinado pelo facto de aqueles destilados servirem para curar.

— Sempre me interessaram os elementos curativos. Os médicos diagnosticam, mas depois são necessários medicamentos para debelar a doença. Poderia ter-me dedicado a outros ramos da química, sem dúvida mais proveitosos para a minha fortuna, mas sentia fascínio pelos resultados que se podem obter da aliança da química com a botânica. Não deixei de experimentar nem num só dia da minha vida, ainda há tanto por descobrir...

Quando podia, Konstantin escapava-se do laboratório do seu avô, mas Samuel ficava com o professor e ouvia-o durante horas, um tempo que lhe parecia pouco.

Também o seu pai mostrava gratidão para com o velho professor.

— Não sei como lhe agradecer o que fez por nós; mil anos não seriam suficientes para pagar a dívida que tenho para consigo e para com a sua família—dizia Isaac ao seu benfeitor.

— Sabes uma coisa? Fazer o bem aos outros é sobretudo fazer o bem a si próprio. A mim permite-me pensar que no dia em que comparecer perante Deus, ele perdoará todos os meus erros à conta do que tenha podido fazer de bom aos meus semelhantes.

— Sei que faz o que o seu coração manda.

— Sobretudo o que manda o meu neto Konstantin. Nunca me perdoaria não poder partilhar a universidade com o seu melhor amigo, o teu filho. Vais ver, serão homens importantes. Não nego que teria gostado que o meu neto tivesse seguido os meus passos, mas ele prefere dedicar-se à diplomacia como o seu pai, o meu querido Boris. Por isso, fico satisfeito por poder transmitir ao teu filho alguns dos conhecimentos adquiridos ao longo da minha vida. E tem talento, garanto-te, é audaz no momento de experimentar.

Talvez, meu bom Isaac, algum dia sejamos parentes. Já reparaste no brilho dos olhos da minha neta Katia quando o Samuel nos visita?

— Não me atrevo a sonhar. Dou graças ao Todo-Poderoso por o ter como amigo. Tem feito mais do que um pai faz por um filho.

Gustav Goldanski morreu no primeiro inverno em que Samuel começou a estudar na universidade. O velho professor não conseguiu vencer uma pneumonia que ele próprio tinha tentado curar. Para Isaac, foi como perder um pai.

— Não sei o que vamos fazer sem ele—sussurrou no funeral enquanto tentava não derramar mais lágrimas.

— Devemos-lhe tudo—respondeu o jovem Samuel, que também sentia um vazio insuportável.

Nos dias que se seguiram à morte de Gustav Goldanski, Samuel passou muitas horas junto a Konstantin. O seu amigo tinha-se tornado chefe da família Goldanski, embora contasse com a presença e os conselhos da sua avó, a condessa Yekaterina.

— Nada muda. Serás diplomata ao serviço da Rússia e do czar, é a melhor homenagem que podes prestar ao teu pai e ao teu avô, e tu, Samuel, não te preocupes, tens a minha proteção, era isso que o meu marido queria.

Tanto Konstantin como Samuel sentiram-se órfãos. Ambos tinham tido Gustav Goldanski como exemplo e pensavam que não existia um homem melhor do que ele. Durante uns meses mantiveram o devido luto, e não costumavam sair de casa, mas depois começaram a alargar o seu círculo de amigos. Para sua surpresa conheceram jovens que defendiam ideias tendentes a acabar com o regime. Não é que não estivessem de acordo em que a Rússia precisasse de um governo menos opressivo, mas jamais tinham imaginado que existissem pessoas a defender a necessidade de uma "revolução" que acabasse até com a monarquia.

Samuel sentia fascínio pelas ideias socialistas, mas não o manifestava, e evitava relacionar-se com os jovens que preferiam as teorias de Mikhail Bakunine. Mas claro, tanto Konstantin como ele liam todos os livros proibidos que caíam nas suas mãos, embora a sua rebeldia ficasse por aí.

— Bakunine dá um passo mais do que Marx—argumentava Konstantin a Samuel—e defende como necessária a supressão do Estado. Enquanto existir Estado, não haverá liberdade. O que é que tu pensas?

Samuel rejeitava o bakuninismo. Defendia um Estado com ordem.

— As ideias de Bakunine não vão chegar longe, provocariam o caos. O povo quer que as coisas mudem, mas precisam de um rumo.

Surpreendia-lhe que Konstantin defendesse a necessidade de uma mudança, que a pobreza dos camponeses o comovesse, que se indignasse com a falta de liberdade.

Não sabia bem o que pensaria se tivesse sido ele o neto de Goldanski... se herdasse o seu nome e a sua fortuna, o seu estatuto social.

— Dás-te conta de que, se um dia o socialismo triunfar, ficas sem a tua herança?

— Então teria de demonstrar o meu valor. Às vezes penso que não é justo que uns tenham tão pouco e outros tanto. O que o meu avô ganhou com o seu esforço não devia ser meu. Além disso, temos demasiado. Achas que precisamos de tudo o que possuímos? Não, claro que não. Tu partilhas um quarto com o teu pai no qual mal se conseguem mexer; eu vivo num palácio com vista para o Báltico. A bondosa Raisa Korlov remenda-te as camisas; eu nunca tive uma peça de roupa com remendos. Porque é que tenho de ter mais do que tu? O que é que eu fiz para o merecer? Somos iguais e deveríamos viver da mesma forma e deveríamos ter o mesmo.

— Sim, é isso o que Marx defende, mas não deixa de ser uma utopia—respondeu Samuel admirando a qualidade humana de Konstantin.

— Bem, em todo o caso, mesmo que quisesse não poderia renunciar a tudo o que tenho. A minha avó nunca mo perdoaria e, além do mais, sou responsável pela minha irmã Katia. Na verdade, só posso desejar que o czar se aperceba de que deve fazer mudanças em benefício do povo, um povo que o adora e que lhe é leal.

Apesar das suas palavras, Konstantin era um fiel súbdito do czar e não deixava de agir e de se comportar como aristocrata que era, embora não se mostrasse imune às novas ideias que se foram introduzindo na Rússia.

Entre os amigos de Samuel também se encontrava outro jovem judeu, Josué Silvermann, o qual tinha conhecido pouco depois de chegar a São Petersburgo. O avô de Josué era rabino e encarregava-se de lhe ensinar hebreu. Isaac esforçava-se por que o seu filho não esquecesse que era judeu, de maneira que todas as semanas iam a casa do rabino, onde tinha acabado por se tornar íntimo do seu neto Josué.

A família Silvermann, tal como os Goldanski ou Isaac e Samuel Zucker, era proveniente do czarado da Polónia, embora estivesse há algumas décadas estabelecida em São Petersburgo.

Ao contrário de Konstantin e Samuel, o jovem Josué era mais religioso e tentava cumprir com rigor os preceitos do judaísmo.

— Se não fosse à sinagoga, ofenderia o meu avô—desculpava-se com os seus amigos.

Mas, apesar da sua religiosidade, Josué partilhava com eles o desejo de uma mudança profunda na Rússia, embora rejeitasse tanto as ideias de Bakunine como as de Marx.

— Agradam-me as ideias do socialismo, mas onde nos conduziriam? Fico com medo de ver alguns dos nossos amigos a manifestarem-se sem nenhuma dúvida. Não sei, mas às vezes sinto neles o ardor do fanatismo.

— E de que é que haveriam de duvidar?—perguntou Samuel a Josué.—Por acaso tu duvidas das coisas nas quais acreditas?

— Só não duvido de Deus—respondeu Josué.

— Mas não te afastas de nenhum dos preceitos da nossa religião, até dos mais absurdos! É a isso que eu chamo fanatismo—censurou-o Samuel.

— Vamos deixar as coisas de Deus de lado. Diz-me, tu por acaso tornaste-te socialista?—perguntou-lhe Josué.

— Acho que têm muita razão naquilo que defendem—respondeu Samuel.

Costumava ser Konstantin a pôr paz entre Josué e Samuel.

Embora os três jovens fossem inseparáveis, as suas escolhas académicas foram diferentes: Samuel tinha optado por vir a ser químico, Konstantin diplomata, e Josué estudava botânica para não desiludir o seu avô. Ainda assim, arranjavam sempre tempo para estarem juntos, o que agradava a Isaac, convencido de que o neto do rabino acabaria por inculcar algum sentimento religioso a Samuel.

Isaac ficava preocupado quando Samuel lhe contava as conversas com os seus amigos. Ele também sonhava com uma sociedade sem classes, contudo, temia dar um passo para o conseguir. Tinha perdido demasiado, mãe, mulher e dois filhos, para se arriscar a perder Samuel.

Numa tarde, quando Samuel saía da universidade, encontrou Andrei acompanhado por outro homem.

— Este é o meu amigo Dimitri Sokolov—disse a Samuel em jeito de apresentação.

O rosto do homem parecia familiar a Samuel. Alto, entroncado, com uma barba preta cerrada salpicada por fios brancos, e o cabelo quase grisalho. O seu aspeto era imponente e os seus olhos pareciam capazes de perfurar a alma de quem quer que estivesse à sua frente.

— Deves tê-lo visto na universidade.

— Sim, claro que sei quem é, ouvi falar dele.—Samuel lembrou-se de que Sokolov, na verdade, não era professor, mas sim o mais antigo dos ajudantes do bibliotecário, e era muito respeitado entre alguns dos jovens que se atreviam a defender que a Rússia precisava de uma revolução. Sabia que Sokolov também era judeu, e embora se tivesse afastado da religião há algum tempo, rodeava-se dos poucos estudantes judeus que havia na universidade. Por momentos, estranhou que Andrei fosse amigo de Sokolov, mas não disse nada.

— Eu também sei quem tu és—respondeu Sokolov, desconcertando Samuel.

— Mas eu não sou ninguém..

— Na universidade há muitos olhos e muitos ouvidos, não só os da Okhrana... Além do nosso amigo em comum, o Andrei, outras pessoas falaram-me de ti. Dizem que és um jovem corajoso, com desejo de mudar as coisas, embora alguns pensem que és demasiado cauteloso e isso não nos convém.

— Convir? A quem é que não convém que eu seja como sou?

— O Andrei disse-me que simpatizas connosco.

— Com quem?—perguntou Samuel desconfiando do rumo da conversa.

— Somos muitos, mais do que imaginas, e queremos mudar as coisas. A Rússia está a morrer. Os aristocratas mantêm o nosso país no passado. Somos pouco mais do que servos num país de servos. Não achas que chegou o momento de fazer alguma coisa?

Samuel não sabia se se devia deixar levar pelo entusiasmo que sentia nesse momento ou pela prudência que o seu pai tantas vezes lhe recomendava. Optou por ficar em silêncio.

— Garanti ao Sokolov que podemos confiar em ti, por isso se nos quiseres acompanhar... Vamos a uma reunião com outros camaradas, já conheces alguns deles..., mas a decisão é tua. Se vieres, não há volta atrás, não podemos admitir entre nós alguém que não tenha a certeza de querer partilhar os nossos ideais.

— Não me encontraram por acaso...

— Não, foi ideia minha. Estou há algum tempo a insistir com o Sokolov para te deixar entrar no

grupo. Sei como pensas, falámos muito sobre aquilo de que a Rússia precisa. Isto não pode durar eternamente. E, ou se está connosco, ou contra nós.

— O Andrei responde por ti. Estás preparado?—perguntou Sokolov.

— Não sei... não sei o que é que esperam de mim, o que devo fazer...

— Vais percebê-lo se te unires à nossa causa. Só deves ter a certeza de que temos a nossa vida em risco no caso de irmos parar às mãos da Okhrana... Mas não achas que vale a pena arriscar pela liberdade e pela justiça?—O rosto de Sokolov tinha adquirido um tom avermelhado, como se a pele lhe ardesse.

— Vou convosco.

Desde aquela tarde, Samuel fez parte do grupo de Sokolov, cuja atividade se centrava em longos debates sobre os direitos dos camponeses, dos trabalhadores, dos judeus. Às vezes, Samuel mantinha duras discussões com quem defendia a necessidade de passar à ação. Ele negava-se redondamente a qualquer coisa que tivesse que ver com a violência.

— Todos seremos iguais, não haverá diferenças entre os homens. Aboliremos as religiões—ouviu que repetia Sokolov naquelas reuniões. E, de todas as promessas, a de abolir a religião era a que mais entusiasmava Samuel.

Continuava sem se resignar em ser judeu, em levar aquele fardo que lhe parecia excessivamente pesado, porque os outros o faziam sentir-se diferente. Agora encontrava a oportunidade de, na nova sociedade que iam construir, nenhum homem ser diferente de outro homem. Os judeus poderiam viver como os cristãos e todos seriam incentivados a ser livres, despojando-se da religião que só obnubilava a razão dos homens.

Contou a Konstantin e a Josué que se tinha juntado ao grupo de Sokolov e convidou-os a que também o fizessem.

— Tu és meio judeu e também queres que as coisas mudem—disse Samuel tentando convencer o seu amigo.

— Sim, é verdade, mas vocês são uns ingénuos se julgam que as ideias de Marx ou de Bakunine podem triunfar na Rússia. Além disso, não gosto de alguns dos teus novos amigos, falam como fanáticos.

— Fanáticos? Josué, tu conheces o Andrei, agora ganha a vida a dar explicações a estudantes que estão atrasados na matéria. Parece-te um fanático?

— Eu quase nunca falei com o Andrei, só quando o encontrei em tua casa. Não tenho nenhuma opinião sobre ele—respondeu Josué.

— O Sokolov gostava de vos conhecer—insistiu Samuel.

— Meu amigo, uma coisa é discutir ideias e outra virar conspiradores. Eu não me posso permitir. Vamos deixar tudo como está.—O tom de voz de Konstantin foi cortante.

— Se houver uma revolução na Rússia, vai ser porque marxistas e bakuninistas lutarão por isso, nós podemos ter influência para que se imite a Alemanha, até a Grã-Bretanha. Vamos deixar que os russos decidam o seu próprio destino. Percebo que devemos ser cautelosos, mas, no futuro, a Rússia vai precisar de homens como vocês—insistiu Samuel.

— Tenho responsabilidades para com a minha família. Não posso correr riscos. E tu devias ter cuidado, não me parece que a Okhrana permaneça indiferente perante um grupo de judeus que se reúnem para discutir sobre como mudar a Rússia—avisou-o Konstantin.

— Mas... as pessoas em quem eu confio mais são vocês.

— Ouve, se eu me juntar a vocês vai ser o Sokolov a avisar-te sobre mim. Aos olhos dele, vou ser sempre um aristocrata. Salvemos a nossa amizade que começou na infância. Ambos queremos o melhor um para o outro. Vamos deixar tudo como está.

Também não consegui convencer Josué Silvermann. O neto do rabino mostrou-se categórico.

— Não, meu amigo, não contes comigo para me juntar ao grupo do Sokolov. Embora simpatize com algumas das ideias socialistas, abomino o fanatismo e... bem, não me posso permitir tornar-me conspirador. Além do mais, parece-me perigoso que o grupo seja formado por tantos judeus. Um dia destes vocês vão ser acusados de conspirar contra o czar. Na verdade, por vossa causa acusarão todos os judeus. Pensa bem.

— Mas como é que podes dizer isso?! Não entendo que te custe colaborar com o Sokolov se eu próprio te ouvi criticar a situação atual...—lamentou-se Samuel.

— Não gosto das pessoas que rodeiam o Sokolov, ele e os seus pretendem fazer da revolução uma religião, e eu, tal como tu, já tenho uma.

Konstantin e Josué tinham razão. Quando Sokolov soube que ambos recusavam juntar-se ao grupo, começou a semear em Samuel a desconfiança em relação aos seus amigos.

— Os burgueses não querem que mude nada. Porque é que haviam de querer? Abominam os partidos ou qualquer outra organização que não seja a monarquia. Receiam perder os seus privilégios. Pensam que nós, os russos, não estamos dispostos a deixar de ser o que somos? Queremos ser homens livres, queremos uma sociedade sem classes, queremos que deixem de nos tratar como leprosos por sermos judeus, queremos justiça—clamou Sokolov.

— O meu amigo Josué Silvermann não é um burguês—respondeu Samuel.

— O avô dele é um judeu tolerado e ele e a sua família estão tão agradecidos ao czar, como os cães agradecem ao dono que lhes atira um osso. Dizes que o Josué Silvermann simpatiza com o socialismo, mas não há socialismo sem compromisso.

Samuel e Andrei passavam muitas horas juntos. À noite, quando regressavam das suas tarefas e se encontravam na casa da viúva Korlov, costumavam fechar-se no quarto de Andrei e aí redigiam panfletos, liam livros proibidos e preparavam as reuniões clandestinas que se realizavam todas as semanas.

As viúvas Korlov não ficavam surpreendidas quando eles se fechavam no quarto de Andrei, já que Samuel lhes tinha explicado que, como o jovem era botânico, o ajudava com a sua tese. Mas esta desculpa não convencia Isaac, que via nos olhos do seu filho um brilho de paixão e de impaciência que nunca antes tinha visto. Até no último verão se tinha negado a ir com ele a Paris. Isaac lembrou-lhe que o seu avô Elias estava já muito velho e que qualquer dia podia ficar doente. Mas Samuel mostrou-se inflexível; naquele verão de 1893 não acompanharia Isaac.

Para além da sua paixão pela política, Samuel tinha-se apaixonado profundamente por uma jovem que lhe tinha sido apresentada por Konstantin.

Irina Kuznetsova era um pouco mais velha do que Samuel, estava perto dos trinta anos e era a professora de piano de Katia, a irmã de Konstantin.

Não era habitual que uma mulher desse aulas de piano, mas o pai de Irina tinha sido um reconhecido professor de música até que, há uns anos, vítima de uma hemiplegia, se viu obrigado a permanecer em casa. Irina, a quem o seu pai tinha ensinado tudo o que sabia, convenceu a condessa Yekaterina a permitir substituir o seu pai nas aulas que dava a Katia. A condessa não parecia muito convencida a deixar a educação da sua neta nas mãos daquela jovem que lhe parecia demasiado arrogante, dada a sua situação, mas acabou por ceder aos argumentos do seu neto Konstantin.

— Mas avó, a Irina parece uma boa rapariga, e pelo menos temos a certeza de que sabe tocar piano. A Katia é demasiado impaciente para a música, pode ser que o exemplo da Irina vença as suas resistências.

O que Konstantin pretendia na verdade era ajudar o velho professor de música e a sua família. Não lhe importava se Katia aprendia piano ou não, já que sabia que a sua irmã mais nova não tinha qualquer

talento nem disposição para este instrumento, por mais que a sua avó insistisse no contrário. A beleza de Irina também influenciava na sua insistência

De estatura média, magra, com o cabelo louro e uns enormes olhos azuis, Irina era uma mulher bela e ela sabia-o melhor do que ninguém.

Desde que o seu pai tinha adoecido que assumiu as responsabilidades familiares, e antes de chegar a casa dos Goldanski tinha sofrido experiências que a tinham marcado para sempre. A sua mãe era uma boa mulher, talvez demasiado sonhadora. Tanto que, quando Irina era pequena, lhe garantia que graças à sua beleza se tornaria uma aristocrata.

— Vais ver, os condes e os duques disputar-se-ão em duelos por ti. O teu pai e eu vamos ter dificuldade em decidir com quem te casamos.

Convencida de que a beleza da sua filha lhe abriria as portas da corte, tinha insistido com o seu marido para que Irina recebesse a melhor educação possível. O seu pai deu-se imediatamente conta de que Irina tinha bom ouvido e uma sensibilidade especial para tocar piano e foi-lhe ensinando tudo o que sabia, até estar convencido de que ela o tinha ultrapassado.

Mas os condes e os duques não se amontoavam atrás da porta da casa dos Kuznetsov, na verdade nem sequer sabiam da existência de Irina. Quando fez dezassete anos, o seu pai propôs-lhe cuidar das filhas de um conde às quais ele dava aulas dois dias por semana.

— A condessa perguntou-me se conhecia alguma jovem de confiança e instruída. Procura alguém para acompanhar as suas filhas. Já te falei delas, são duas meninas muito bonitas e muito educadas. A mais velha tem oito anos, a mais nova cinco, e estão muito apegadas à sua preceptora, mas esta tem de as deixar durante um tempo e regressar à Alemanha para tratar da sua mãe doente. Deve ser coisa de dois ou três meses. O que achas?

A mãe de Irina deu a sua aprovação. Aquele podia ser o primeiro passo para a sociedade de São Petersburgo conhecer a sua filha; além disso, acompanhar meninas era um trabalho honrado.

Irina foi a casa dos condes Novikov certa de que aquele era o primeiro passo que a conduziria a esse futuro fantástico que a sua mãe lhe tinha prometido.

A condessa não pareceu contente quando a viu e tratou-a como uma criada desde o primeiro momento. Não só tinha de cuidar das meninas, mas também de se encarregar da sua roupa, lavar e passar a ferro os seus vestidos, dar-lhes banho e penteá-las. Naturalmente que as acompanharia nas suas saídas, mas enquanto as meninas brincassem nas casas para as quais tivessem sido convidadas, ela aguardaria nas divisões dos criados. Tratá-las-ia por "condessas" e teria muito cuidado para não as desgostar.

Irina não estava preparada para ser tratada como uma criada e muito menos para servir de diversão ao dono da casa, o conde Novikov.

Quando lho apresentaram, Irina assustou-se. Sim, ficou assustada com o que viu no olhar daquele homem.

Numa tarde em que a condessa Novikov tinha saído para fazer algumas visitas, Irina surpreendeu-se ao ver chegar de repente o dono da casa. Mandou-a chamar e ela foi ter com ele apressada; suavam-lhe as mãos devido ao medo que sentia.

Novikov levou-a para o seu quarto e ali ordenou-lhe que se despisse. Ela resistiu, mas não pôde fazer nada. O homem parecia fora de si, arrancou-lhe a roupa com violência e depois violou-a. Foi a primeira vez, mas para o conde Novikov violá-la tornou-se um hábito.

Dois meses mais tarde, a jovem deu-se conta de que o seu corpo estava a mudar. Já não sangrava a cada vinte e oito dias e sentia o peito inchado e náuseas todas as manhãs. Quando o comentou com o conde, este bateu-lhe.

— Desgraçada! Não sabes o que deves fazer para evitar uma gravidez? És uma estúpida!

No dia seguinte, deu-lhe uma morada e mandou-a ir lá no domingo, depois da missa.

— Vais pedir autorização à minha esposa para ires ver os teus pais. Mas irás a esta casa. Eles vão saber o que fazer contigo. Toma, dá estes rublos à mulher que te receber. Ah! E nem uma palavra a ninguém.

Irina não se atrevia a pensar no que é que lhe aconteceria naquela casa à qual devia ir no domingo. Ainda lhe doíam as entranhas quando recordava a mulher que lhe tinha aberto a porta e a tinha mandado deitar-se na mesa da cozinha. Ordenou-lhe que despisse a roupa interior e, quando ela protestou, a mulher deu-lhe uma sonora bofetada. Depois obrigou-a a ficar quieta e, sem poder resistir, a mulher prendeu-lhe as mãos e os pés a uns ganchos que sobressaíam nos bordos da mesa. O que aconteceu de seguida era a causa dos seus piores pesadelos. Aquela mulher tinha-lhe arrancado o filho que levava nas suas entranhas. Não sabia se devia sentir alívio por se ter livrado do filho daquele homem que odiava ou se, pelo contrário, devia pedir perdão a Deus por não ter sido capaz de evitar que a violassem.

Quando uns meses depois a precetora da família regressou, Irina pôde voltar a casa. Já não era a mesma. Proibiu a sua mãe de voltar a sussurrar-lhe que um dia casaria com um aristocrata.

— Nunca! Estás a ouvir-me? Nunca!

— Mas, filha, o que se passa...?

Não contou à mãe que a tinham violado nem que tinha abortado. Nem sequer as humilhações sofridas durante aqueles meses, que lhe pareceram eternos.

Por mais que a mãe insistisse em saber quantos condes e duques tinha conhecido, Irina remetia-se ao silêncio. Podia ter respondido que tinha chegado a conhecer muito bem um único conde, tão bem que à noite acordava a sentir o cheiro salgado da sua pele e o bafo a vinho a espalhar-se na sua boca.

Só tinha visto ao longe os amigos dos Novikov. As criadas, por mais distintas que sejam, não se misturam com os aristocratas. O que é que a sua mãe sabia sobre condes e duques? Como podia ter acreditado que iam reparar nela? Dava quase graças a Deus por não ter conhecido mais condes.

Pouco tempo depois, o pai encontrou-lhe outro emprego, desta vez como criada na casa de um violinista viúvo com um filho que acabava de fazer um ano. A sua esposa tinha morrido no parto e os seus sogros tinham ficado encarregados do menino, mas agora a avó também tinha morrido e o violinista estava sem saber o que fazer com o pequeno.

— É um bom homem e um grande violinista, trabalhámos juntos e confio nele.

A mãe de Irina discutiu com o marido. Não lhe parecia decente que a sua filha fosse trabalhar na casa de um viúvo que, ainda por cima, era judeu. As pessoas podiam pensar qualquer coisa e a sua reputação ficaria manchada. Mas Irina não se preocupava. Ela sabia que já não tinha reputação e por isso nunca casaria.

— Eu confio na nossa filha, ela jamais faria algo que nos envergonhasse, além disso, não tem de dormir lá, só cuidar do pequeno durante o dia.

Yuri Vasiliev era um reconhecido violinista que tinha atuado na corte várias vezes. O seu talento fazia esquecer a quem o ouvia que era judeu. Por outro lado, há muitos anos que tinha optado pela assimilação modificando o seu apelido para torná-lo mais russo e chamar menos a atenção.

Alto e magro, de cabelo e olhos castanhos, tinha umas mãos brancas, de dedos longos, que chamaram de imediato a atenção de Irina.

Mostrou-se atencioso e extremamente educado desde o primeiro momento.

— Não sabe o quanto agradeço a sua ajuda; se tenho de cuidar do meu filho, não posso trabalhar. À noite não tenho problema porque a porteira, uma bondosa mulher, pode cuidar dele, mas durante o dia... os meus sogros cuidaram do menino quando a minha esposa faleceu, mas agora que a minha sogra morreu não tenho com quem deixá-lo. Os meus pais vivem muito longe daqui, perto de Moscovo, e insistem em

que lhes leve o menino. Mas prometi à minha esposa que nunca nos separaríamos e que cuidaria dele. O Mikhail é muito bom, não lhe vai dar muito trabalho.

Irina perguntou-se se aquele homem também tentaria abusar dela. Mas Yuri Vasiliev não parecia atraído pela sua beleza. Pouco a pouco foram ganhando uma certa confiança, mas sempre mantendo uma respeitosa distância.

Num dia em que Irina estava a limpar a divisão onde Yuri se fechava para tocar violino, encontrou em cima de uma mesa uns papéis nos quais uma palavra sublinhada a vermelho chamou a sua atenção: revolução.

Irina disse a si própria que não devia lê-los, mas não conseguiu resistir à sua curiosidade e estava tão concentrada na leitura que não ouviu Yuri entrar.

— Meu Deus, o que está a fazer?!

Ela assustou-se e largou os papéis, que caíram no chão.

— Lamento... eu... Lamento... não devia tê-lo feito...—Não sabia como desculpar-se e sentia que lhe ardia a pele do rosto.

Yuri apanhou os papéis do chão. Parecia tão atordoado como a própria Irina.

Ficaram em silêncio, sem saber o que dizer. Ele preocupado, ela envergonhada.

— Estes papéis não são meus, foi um amigo que me deu para eu os guardar—explicou Vasiliev.

Irina assentiu com a cabeça, não podia dizer-lhe que pensava que mentia, também não lhe podia pedir que a deixasse continuar a ler aqueles papéis nos quais se dizia que todos os homens eram iguais, que a religião não podia ser um elemento de discriminação, que era preciso acabar com os privilégios dos nobres e dar à Rússia um governo de homens livres.

— Vinha precisamente buscá-los para lhes devolver... Fui muito descuidado ao deixá-los na mesa.

— A culpa é minha, não os devia ter lido, mas... desculpe, não consegui evitar.

— Lembra-se do que aconteceu à mulher de Lot?

Ela baixou os olhos envergonhada. Claro que conhecia aquela passagem da Bíblia, de maneira que assentiu.

— Espero que seja discreta, o meu amigo poderia ter graves problemas se alguém... bem... se alguém lesse estes papéis. E eu também por lhes ter guardado.

— Não se preocupe! Não vou dizer nada a ninguém, juro-lhe. Além disso...

— Além disso o quê?

— Eu... bem, eu estou de acordo com o que esses papéis dizem...

— O que é que sabe sobre estas coisas?—perguntou-lhe Vasiliev com uma certa curiosidade.

— Saber? Saber não sei nada, mas gostava que fôssemos todos iguais na Rússia, que quem serve fosse um pouco mais do que nada... Gostava que os aristocratas deixassem de fazer o que lhes apetece com o povo. Eles têm tudo e deixam-nos as migalhas que caem da sua mesa e exigem-nos que lhes estejamos gratos por isso. Sei que há pessoas mais desgraçadas do que eu que não têm quase nada.

— Pelo menos a senhora tem uns pais que a amam e que cuidam de si—respondeu ele—e, que eu saiba, nunca lhe faltou comida no prato. Nós, músicos, não ganhamos muito, mas conseguimos sobreviver.

— Não me queixo, senhor Vasiliev, sei que podia ser pior. Mas imagino um mundo como aquele que é descrito nesses papéis, um mundo onde todos fôssemos iguais, onde houvesse justiça. Como poderia não desejar um mundo assim?

Yuri Vasiliev pareceu ficar mais calmo. Nunca tinha ouvido o pai de Irina manifestar-se contra as injustiças sofridas na Rússia, mas quem se atrevia a fazê-lo? Assim, não sabia se a rapariga falava desta forma por influência paterna ou por si própria. Em todo o caso, Irina podia tornar-se um perigo para ele e para os seus amigos. Decidiu observá-la e, se chegasse a pensar que podia traí-lo, então... disse para si

que teria de expor esse perigo aos seus camaradas para eles decidirem o que fazer.

Mas rapidamente se deu conta de que não só podia confiar nela, como também que Irina desejava fazer algo mais do que ler às escondidas sobre a revolução. A princípio, os dois evitavam qualquer conversa que tivesse que ver com aqueles papéis, mas um dia, para surpresa de Yuri, ela abordou-o diretamente.

— Sou apenas uma criada, mas acha que posso conhecer o seu amigo? Talvez lhe possa ser útil, não é que saiba fazer nada de especial, exceto limpar, cozinhar e tocar piano, mas faria qualquer coisa para... bom... para que as coisas mudassem.

Yuri acreditou nela. Aquela jovem estava cheia de sinceridade e o seu instinto dizia-lhe que podia confiar nela.

— O seu pai disseme que toca bem piano—disse Yuri.

— Foi ele que me ensinou.

— Vou confiar em si. Gostava de me acompanhar no próximo sábado a um serão musical? Podia tocar piano.

— Não estou a perceber...

Mas rapidamente percebeu em que consistiam aqueles serões musicais aos quais Yuri ia nos seus tempos livres. Tinham lugar em casa de um professor de violino, um homem mais velho chamado Fiódor Volkov.

Pelas aulas de Volkov tinham passado muitos dos músicos de São Petersburgo e alguns continuavam a encontrar nele inspiração não só pela música, mas também pelos seus ideais políticos. Volkov tinha viajado por meio mundo e tinha tocado diante dos poderosos de Londres, Berlim e Paris, e até tinha vivido uma longa temporada na Suíça.

Os seus amigos mais íntimos sabiam que tinha conhecido Marx e Engels, e que na Suíça se relacionou até com Bakunine, apesar de não partilhar os seus ideais anarquistas. Volkov era um marxista convicto que se tinha emocionado quando, estando em Hamburgo em finais de 1867, tinha tido o privilégio de poder aceder ao primeiro volume de O Capital saído da editora de Otto Meissner.

Ele, que estava condenado a ser apenas um judeu, tinha conseguido ser alguém graças ao seu talento como músico, já que era um violinista extraordinário; tanto que, durante décadas, abriram-se para ele e para a sua música as portas dos palácios dos czares.

Agora vivia afastado do público, mas dedicava-se a ensinar tudo o que sabia a jovens músicos. E entre colcheias, fusas e claves de sol, sondava nos olhos dos seus alunos se irradiavam algo mais do que paixão pela música. Muitos tornaram-se também seus discípulos políticos. Yuri Vasiliev era um deles.

A vida de Irina mudou na noite em que acompanhou Yuri Vasiliev a casa de Fiódor Volkov.

Nessa mesma noite, o seu pai sofreu uma hemiplegia enquanto ela ouvia Volkov falar de igualdade.

Regressou a casa feliz pela confiança que Vasiliev lhe tinha mostrado, mas também pelas palavras envolventes daqueles homens que discutiam sobre o futuro.

A partir de então a sua vida já não voltou a ser a mesma. Sabia que Yuri Vasiliev confiava nela e isso fez com que se iniciasse uma relação de amizade entre os dois. Embora ele nunca mais lhe pedisse que o acompanhasse a qualquer outra reunião, pelo menos conversavam sobre o futuro da Rússia. Yuri Vasiliev também se tornou o único sustento da família.

O médico explicou à sua mãe e a ela que o seu pai não voltaria a mexer nem o braço nem a perna direita e que tinha perdido parte da visão. Então, Irina tomou as rédeas da casa.

— Não te preocupes, mãe, agora tens de te dedicar a cuidar do pai, e eu trabalharei para não vos faltar nada.

Cumpriu. Decidida a ajudar a sua família, falou com Yuri.

— O meu pai precisa de cuidados e de medicamentos. O que me pagas não é suficiente, por isso tenho de trabalhar mais.

Yuri ficou em silêncio. Não lhe podia pagar mais, mas também não queria perdê-la, o pequeno Mikhail tinha-se acostumado a ela. No entanto, Irina tinha pensado em tudo.

— Vou ver a condessa Yekaterina. O meu pai dava aulas à sua neta Katia três vezes por semana. Dizia que a menina não tinha qualquer talento, mas pagavam-lhe bem. Vou pedir-lhe que me deixe ocupar o lugar do meu pai. Só preciso de uma hora duas tardes por semana. Achas que podes falar com a porteira para que fique com o Mikhail durante esse tempo? Será apenas uma hora.

Yuri sentiu-se aliviado por não perder Irina, embora duvidasse que a condessa a aceitasse como substituta do seu pai.

— Vou falar com a porteira, suponho que será uma questão de lhe pagar alguma coisa...

— Não te posso dizer que o descontes do que me pagas, porque preciso do dinheiro. Preciso de tudo o que conseguir ganhar—respondeu ela com sinceridade.

— A porteira é uma boa mulher, não me vai cobrar muito e prefiro ter-te aqui com o Mikhail, o menino já se acostumou a ti.

Foi recebida por Konstantin e pela sua avó, e o jovem amoleceu de imediato perante o pedido de Irina; além do mais, ele apreciava a sinceridade e a coragem fosse de quem fosse, e Irina tinha as duas virtudes. Também ficou impressionado com a sua dignidade. Irina não tentava provocar-lhe pena, mas reclamava para si o trabalho do seu pai convencida de que podia cumprir a sua função.

Quando ao cabo de um mês a condessa Yekaterina lhe perguntou como estavam a correr as aulas com Katia, ela respondeu-lhe com franqueza:

— A sua neta não tem ouvido para a música, o que é mais uma razão para aprender.

Rapidamente, Konstantin começou a rondar, curioso, o quarto de estudar de Katia.

Não podia permanecer indiferente à beleza de Irina, uma beleza que ela parecia desdenhar, mas sobretudo cativava-lhe a sua personalidade. Começou a aguardar os dias em que Irina dava aulas à sua irmã, e depois oferecia-se para a levar na sua carruagem à casa de Yuri Vasiliev, mas ela recusava a oferta. Temia os homens, especialmente os aristocratas e, embora Konstantin fosse pura bondade, não deixava de ser um conde.

Foi em casa dos Goldanski que Samuel a conheceu e se apaixonou por ela. Dos três amigos, só Josué permaneceu indiferente à jovem.

— Se vissem a vossa cara quando a Irina aparece... É muito bonita, sim, mas tem um olhar tão duro... Essa mulher esconde um inferno dentro de si. Não me parece que possa fazer algum homem feliz.

Tanto Konstantin como Samuel protestavam com as apreciações de Josué, mas, embora não o reconhecessem, também tinham ficado surpreendidos uma vez ou outra com a dureza que o olhar de Irina emanava.

Samuel sabia pelo bibliotecário Sokolov da existência de Fiódor Vólkov, e estava informado de que Yuri Vasiliev, o patrão de Irina, simpatizava com o socialismo.

Irina estava consciente de que os dois jovens disputavam entre si a honra de a acompanhar, de a sentir perto, mas preferia não se deixar tentar pelos elogios de um e de outro. Ela só se preocupava com uma coisa na vida: sustentar a sua família. Nos seus planos não havia lugar para o amor. Nem sequer o confessava a si própria, mas tinha nojo de pensar em voltar a ter uma relação íntima com algum homem. O seu primeiro amo, o conde Novikov, tinha-a traumatizado para sempre.

Isaac sofria ao ver os dois jovens disputarem a atenção de Irina.

— Não gostava que tu e o Konstantin se zangassem por causa de uma mulher—quase implorou ao seu filho.

— Mas, pai, a Irina é a professora de piano da Katia, simpatizamos com ela e tornou-se uma boa amiga, não faças uma tempestade num copo de água.

— O que vejo é que ela não ama nenhum dos dois, não sei porque é que andam atrás dela, o que é que têm na mente, mas essa mulher não é para vocês. Ainda por cima, é mais velha.

— Pai, tenho vinte e três anos, não sou uma criança.

— E ela tem quase trinta.

— Por amor de Deus, pai! A Irina só tem vinte e oito anos.

— É o que te disse, tem quase trinta, e isso numa mulher é muito. Porque é que não se casou? É muito bonita, devia ter marido e filhos.

— Trabalha, pai, trabalha e sustenta a sua família. Achas que o único destino das mulheres é o casamento?

— Claro que sim! Que outra coisa melhor pode ser uma mulher do que esposa e mãe? Não te lembras da tua mãe? Conheceste alguém melhor do que ela? Oxalá encontres uma mulher que se pareça com a tua mãe!

Samuel costumava render-se perante as queixas do pai. Sabia que Isaac queria o melhor para ele e que sofria a pensar no seu futuro, por isso não lhe contava as suas andanças com Andrei e o seu desejo de que a Rússia viesse a ser um país semelhante à Alemanha ou à Grã-Bretanha.

— Se o professor Goldanski estivesse entre nós, pedia-lhe que falasse contigo para te meter juízo na cabeça.

— Pai, ninguém mais do que tu tem influência no meu estado de espírito e garanto-te que não te deves preocupar. A Irina não significa nada para mim, nem para o Konstantin.

Mas Isaac sabia que o seu filho mentia para não lhe dar um desgosto.

Raisa Korlov, que não podia deixar de ouvir as conversas entre pai e filho, tentava consolá-lo.

— Deixe-o, não se preocupe. Isto passa-lhe. O Samuel ainda é muito novo e que jovem resiste ao amor? Mas é sensato e estuda. É uma bênção que tenha a ajuda do Andrei. Já se deve ter dado conta das horas que passam fechados a falar de plantas. O Andrei é boa pessoa e está a ajudar ao máximo o Samuel.

— Sim, tem razão, pelo menos o Andrei é uma boa influência. Espero que ele não fique preso à beleza da Irina.

Na verdade, Andrei não se interessava por nada que não fosse estar o mais perto possível do bibliotecário Sokolov, que o dava como exemplo do russo capaz de encarnar um homem novo que, elevando-se por cima dos preconceitos, era capaz de partilhar ideais com outros homens como ele e cuja única diferença era terem nascido judeus.

— Não devemos correr riscos inúteis—insistia Sokolov em todas as reuniões clandestinas—,de nada serviria acabar numa prisão da Okhrana.

Não tinham sido poucos os estudantes presos, torturados ou desaparecidos às mãos da temível polícia secreta. Alguns dos amigos de Samuel e de Konstantin tinham sido vítimas dos agentes do czar e os que tinham sobrevivido nunca chegaram a recuperar das torturas. Alguns tinham-se salvado por pertencerem a famílias influentes e tinham pago a sua ousadia conspiratória com o exílio. Mas o czar não estava disposto a permitir que certos jovens felizardos do seu reino se dedicassem a conspirar para mudar o regime, e tinha ordenado que não se abrissem exceções e que nenhum conspirador recebesse um tratamento privilegiado. Queria que os pais tivessem consciência do preço que os seus filhos e eles próprios pagariam perante qualquer suspeita de traição.

Uma noite, Irina apareceu de surpresa na casa das viúvas Korlov. Levava Mikhail pela mão e, embora se mostrasse cortês e educada, Raisa Korlov pôde ler nos seus olhos algo parecido com o medo.

— O Samuel está a estudar, não sei se a poderá receber. A senhora é...

— Irina Kuznetsova. Tenho a certeza de que me vai receber, é urgente.

— Não tenho dúvidas, já que saiu à rua com este frio e com uma criança tão pequenina. Entre na cozinha, vou servir-lhe uma chávena de chá.

— Por favor, preciso de ver o Samuel!

Contrariada, Raisa permitiu que os dois jovens se reunissem a sós na sala. Teria gostado de ouvir a conversa, mas só escutava murmúrios através da porta.

— Não devias ouvir—recriminou-a a sua irmã Alina.—Acho que os jovens querem falar a sós...

— A esta hora? Já passa das oito... As mulheres decentes estão em casa a esta hora.

— E o que tem de indecente vir a nossa casa para ver o Samuel? O que julgas que podem fazer na sala e com uma criança pelo meio? Vá, minha irmã, não sejas tão desconfiada como o bondoso senhor Isaac. Nem sequer ele, que é o pai, saiu do quarto para ver o que se passa.

— O senhor Isaac está com febre e amanhã tem de sair bem cedo para o Norte para comprar novas peles. Talvez já esteja a dormir e não saiba que a rapariga está aqui.

— Costumavas defendê-la diante do senhor Isaac—lembrou-lhe Alina.

— Sim, mas nunca imaginei que ia aparecer de surpresa na nossa casa. Não, não me parece bem que uma jovem siga um homem até ao seu lar.

— Mas se só quer falar com ele...

— Quando já anoiteceu? O que pode ser assim tão urgente?

Entretanto, na sala, Irina expressava a sua preocupação a Samuel.

— Há dois dias que o Yuri não vem a casa. Não me mandou nenhum bilhete. Temo o pior...

— Foste ver o seu professor, o Fiódor Volkov?

— Não, só iria preocupá-lo...—desculpou-se Irina.

— E o que é que eu posso fazer?

— Talvez possas falar com o Konstantin, ele é um aristocrata, está muito bem relacionado, pode saber se prenderam o Yuri. Eu não posso aparecer na casa dele, a condessa não gostaria e poderia despedir-me, mas tu és o melhor amigo do Konstantin, ela não vai estranhar que apareças para vê-lo.

— A esta hora?

— Por favor, Samuel, ajuda-me!

— Claro, claro que o farei—respondeu Samuel, que não se atrevia a negar nada à mulher pela qual estava apaixonado.—Acompanho-te a casa, ficas lá com o Mikhail. Depois vou ver o Konstantin. Tenho a certeza de que ele nos vai ajudar.

Samuel não sabia até que ponto Irina conhecia as atividades de Yuri Vasiliev. Ele sabia das ideias do músico através de Andrei e do bibliotecário Sokolov, que censurava Yuri por não ser capaz de unir a defesa dos desfavorecidos à dos judeus.

Também não sabia se, para além da relação entre criada e patrão, havia algo mais entre Yuri e Irina. Às vezes os ciúmes cegavam-no e imaginava que um homem jovem como Yuri não podia permanecer indiferente perante a beleza de Irina e, além do mais, ela parecia sentir um grande apego ao músico. Mas depois censurava estes pensamentos sabendo que Irina trabalhava por necessidade.

Samuel pegou no casaco e pediu a Raisa que cuidasse do seu pai.

— Está com um pouco de febre, embora agora esteja a dormir. Se acordar dê-lhe uma colher deste xarope, vai aliviar-lhe a tosse.

— Mas onde é que vais a esta hora?—perguntou Raisa, alarmada.

— Vou acompanhar a Irina, preocupa-me que regresse sozinha a casa. Mas não demoro, tenho de preparar um exame e preciso dos conselhos do Andrei.

— O Andrei está atrasado...—retorquiu impaciente Raisa Korlov.

— Deve estar em alguma aula, é época de exames.

Samuel acompanhou Irina a casa e depois dirigiu-se apressadamente à mansão de Konstantin. O seu amigo estava em casa, nessa noite não tinha ido a uma das festas às quais ia de vez em quando. Um criado conduziu-o ao escritório de Konstantin e de seguida explicou ao amigo os temores de Irina.

— Se o Yuri não dá sinais de vida há dois dias é porque foi detido.

— E o que podemos fazer?—perguntou Samuel com preocupação.

— Esta noite nada. Temos de esperar por amanhã. Verei quem pode perguntar à polícia pelo desaparecimento do Yuri sem levantar muitas suspeitas.

— Não podes fazê-lo tu?

— Estás louco! Só faria isto por ti. Se vou à Okhrana e lhes pergunto pelo Yuri, passarei a ser suspeito. Não te preocupes, vou arranjar maneira de saber se está detido. Achas que a Irina sabe alguma coisa das atividades do Yuri?

— Não sei... O que é que tu achas?

— Também não sei, embora seja uma rapariga inteligente e talvez se tenha dado conta de alguma coisa.

— Se calhar devíamos ir ter com o seu professor, o Fiódor Vólkov...

— É melhor esperarmos por amanhã, Samuel, garanto-te que é o mais sensato.

Não foi preciso. Yuri apareceu ao início da manhã. Duas noites antes estava a tocar violino num serão musical na casa de um comerciante quando a polícia entrou de rompante procurando o sócio do dono da casa. Acusavam-no de atividades subversivas, de fornecer pólvora aos inimigos do czar e de conspirar para derrubar a monarquia. A Okhrana não se conformou com a detenção do homem e prendeu todos os que se encontravam naquele serão. A princípio, Yuri assustou-se ao pensar que a polícia também teria informações sobre ele, mas foi-se acalmando quando se deu conta de que a brutalidade que mostrava tentava sobretudo assustá-los. Procuravam um homem e para os outros aquilo devia servir de aviso sobre o que acontecia aos opositores do czar.

Durante dois dias e duas noites, esteve enclausurado num calabouço e comportou-se como supunha que esperavam que se comportasse: um pobre músico assustado que não sabia nada, que não tinha como saber das atividades do sócio do dono da casa. Libertaram Yuri e os outros músicos com algumas nódoas negras. Os homens da Okhrana não se tinham exaltado muito, pois estavam convencidos de que aqueles músicos não tinham nada que ver com a venda de pólvora e com a revolução. Em todo o caso, pensaram que podiam assustá-los um pouco, para que sentissem a dureza dos seus punhos e a dor que o sal provoca nas feridas em carne viva, levando como recordação uma ou outra fratura. Yuri rezava para não lhe partirem a mão como tinham feito ao violoncelista.

Os interrogatórios sucediam-se a qualquer hora do dia e da noite. A primeira pergunta era sempre a mesma: porque é que estavam em casa do comerciante? E depois: conheciam o sócio dele? O que é que sabiam sobre as suas atividades políticas?

Yuri não precisava de mentir. Tinham-no contratado tal como ao resto dos músicos, nunca tinha visto na sua vida nem o dono da casa, nem o seu sócio, nem nenhum dos convidados. Não sabia nada das suas atividades e pouco lhe importavam. Repetiu-o até à exaustão, e com cada resposta era agredido.

Tinha salvado as mãos, mas o nariz não, partido com um murro. Também sentia uma dor profunda nos olhos, toldados pelo sangue.

Quando lhe disseram que se podia ir embora rezou dando graças a Deus. Ele, que tinha desterrado Deus da sua vida em nome da razão, deu-se conta de que estava a murmurar uma das suas velhas orações infantis.

Com passo hesitante, magoado e esfomeado, dirigiu-se a casa. A porteira informou-o de que Irina estava em casa com o pequeno Mikhail. Mal ouviu a chave girar, Irina correu para a porta. Ficou petrificada tentando reconhecer Yuri naquele rosto deformado pela pancada.

— Estou vivo, estou vivo...—conseguiu dizer ele com lágrimas nos olhos. Lágrimas de alegria por voltar a ver o filho e aquela mulher que já fazia parte da sua vida.

Irina aqueceu água e limpou-lhe as feridas. Também lhe preparou roupa limpa numa tentativa quase

desesperada de voltar a reconhecer o homem que ele tinha sido antes da detenção.

Ele contou-lhe o sucedido com todos os pormenores. As agressões, as humilhações, o medo de ser cobarde. Foi-se desenhando uma expressão de horror na cara dela.

— Fui ver o Samuel para lhe pedir ajuda. Hoje de manhã, o Konstantin ia perguntar por ti...

— Não o faça! Tens de os avisar de que eu já estou em casa. Vai, eu fico com o Mikhail, preciso de ter o meu filho nos braços.

Irina correu até à mansão de Konstantin, com medo de encontrar a condessa Yekaterina, mas tinha de correr o risco. Teve a sorte de a condessa ainda não se ter levantado.

— Hoje não é quinta-feira, vem dar aula à condessinha Katia?—perguntou, curiosa, uma criada.

— Não, não... Na verdade, tenho um recado de um amigo para o conde Konstantin.

— Ah! Bom, vou avisar o conde...—A criada parecia reticente.

Konstantin apareceu de imediato, acompanhado por Samuel e Josué, a quem também tinha mandado um recado. Os três amigos preocuparam-se ainda mais ao verem Irina aparecer de surpresa.

— O Yuri voltou.

Ouviram o relato de Irina e estremeceram ao saber das torturas que o violinista tinha sofrido.

— Esta manhã, bem cedo, enviei um recado a um amigo do meu pai em quem o czar confia. Ia reunir-me com ele para lhe pedir que encontrasse o Yuri. De qualquer forma, vou à mesma e invento uma desculpa plausível para o facto de ter pedido o encontro. Não sei, talvez lhe peça conselhos sobre algum negócio... Tu, Irina, volta para a casa do Yuri, e tu, Samuel, informa os vossos amigos de que ele apareceu, caso queiram cometer alguma imprudência. Josué, volta para casa. O teu avô deve estar com os preparativos para o sabat.

— Acho que nesta ocasião vou participar de coração nas rezas do meu avô. Que grande susto! Foi um milagre terem libertado o Yuri—afirmou Josué.

A detenção de Yuri marcou Samuel. De repente, tomou consciência de que as reuniões clandestinas, os panfletos, os pasquins, as longas conversas sobre como construir outro futuro continham perigos que antes não imaginava. E não porque não soubesse das detenções contínuas levadas a cabo pela Okhrana ou da repressão feroz exercida contra todo aquele que ousasse sequer questionar o czar.

Isaac continuava com as suas viagens anuais a Paris, onde cada vez permanecia mais tempo. Sentia que Samuel não precisava dele, que o seu filho o amava, sim, mas que estava a construir a sua própria vida, uma vida onde mal havia lugar para ele. Samuel passava mais tempo no quarto de Andrei do que com o seu pai. Parecia sempre ansioso por falar com ele com a desculpa de que o ajudava nos seus estudos. Nunca lhe dizia com quem saía ou onde ia, embora mencionasse de passagem Konstantin e Josué. Para Isaac era um consolo que Samuel mantivesse a amizade com os dois jovens, pensava que o seu filho, pelo menos, teria amigos verdadeiros.

Não se atrevia a dizê-lo, nem sequer a si próprio, mas Andrei incomodava-o. Quando Samuel e ele chegaram a casa de Raisa Korlov, Andrei era apenas uma sombra com a qual se cruzavam. Não chegava a recordar o momento em que Andrei se tornou presente nas suas vidas, melhor dito, na vida de Samuel, mas desde então ia perdendo o seu filho aos poucos.

— Porque não gosta do Andrei?—perguntou-lhe um dia a velha Alina.

Isaac não soube o que responder. A mulher tinha notado como se lhe crispavam os lábios quando o jovem entrava na sala para jantarem. Ou como lhe doía ver Samuel atento a cada palavra do estudante de botânica.

Das duas viúvas Korlov, Alina era a mais inteligente e intuitiva, enquanto Raisa era sobretudo uma mulher prática, incapaz de ler a alma dos seus semelhantes.

As duas mulheres tinham sido boas e generosas com Samuel e com ele, mas Isaac sentia uma secreta

afinidade com Alina, com a qual tinha chegado a ter uma certa confiança. Pouco tempo depois, Alina morreu.

A sua morte afetou-o mais do que teria imaginado. Nos últimos dois meses de vida, durante os quais a anciã não tinha saído da cama, Isaac passava todas as horas que podia com ela. Alina mal tinha forças para falar, mas de vez em quando abria os olhos e sorria-lhe, e quando se sentia melhor incentivava-o a ser feliz e a começar uma nova vida.

— Quando o Samuel for químico, o senhor devia começar a pensar em si próprio. O que se passa com a tal Marie? A que cose os vestidos fantásticos que o senhor traz de Paris?

— É apenas uma boa amiga—respondia ele.

— Uma boa amiga... E que mais se pode pedir do que partilhar a vida com uma boa amiga?

Ele assentia. Alina tinha razão, teria gostado de partilhar o resto da sua vida com Marie, mas entendê-lo-ia Samuel ou consideraria ele uma traição à memória da sua mãe?

Marie e Samuel davam-se bem, tinha acontecido desde o primeiro dia. Mas Samuel não via nela mais do que uma boa mulher, era como uma tia afastada que gostava sempre de voltar a ver.

Isaac também não se imaginava a pedir Marie em casamento, embora intuisse que ela diria que sim. Não se tinha casado e parecia dedicar o melhor da sua vida a esses vestidos que confeccionava para ele. Pensava até que o avô Elias lhe daria a sua bênção.

— Quando eu morrer—disselhe Monsieur Elias numa ocasião—,poderás herdar a minha clientela e, além de vestidos, também poderás confeccionar casacos de pele.

Sim, Alina tinha razão, mas ele não tinha coragem para enfrentar uma nova vida longe de Samuel, apesar de o seu filho mal ter tempo para ele.

No dia antes de morrer, Alina acordou com um raro otimismo. Parecia mais recuperada do que nos dias anteriores e pediu para falar em privado com todos os membros da casa.

Samuel não comentou com o pai o que Alina lhe tinha dito, mas saiu profundamente comovido do quarto da doente e, a partir desse dia, tentou aproximar-se dele, embora a rotina quotidiana fizesse com que pai e filho voltassem a distanciar-se.

Porque é que não gostava de Andrei? Isaac não tinha sabido o que responder a Alina, mas a cada dia que passava sentia mais aversão ao botânico, por mais que tentasse disfarçar diante de Raisa e do seu próprio filho.

O ano de 1897 foi um ano essencial nas suas vidas. Isaac tinha regressado de Paris com um folheto debaixo do braço que entregou imediatamente ao seu filho para que o lesse.

— Lê com atenção, foi publicado no ano passado. Quem o escreveu foi um jornalista húngaro, chama-se Theodor Herzl.

— "O Estado Judeu". Mas o que é isto, pai? Tu com um panfleto?—Samuel sorriu divertido ao ver a cara com que o pai ficava.

— Não é um panfleto, lê. Herzl diz que nós, judeus, precisamos de um lar, um lugar nosso. Organizaram um congresso em Basileia para falar sobre o assunto e para dar a conhecer o projeto à opinião pública.

— Pois, e esse Herzl perguntou-se o que pensam os turcos sobre isso? Lembro-te, pai, de que aquela que foi terra dos judeus pertence agora ao império turco. Vá, pai, espero que não te deixes levar pelo que diz um visionário num folheto.

— Theodor Herzl não é um visionário. É um homem prático que se deu conta de que chegou a hora de os judeus terem o seu próprio lar. O Caso Dreyfus impressionou-o.

— Ah, sim? Até agora não se tinha dado conta de que ser judeu é uma condenação? Ele não sabe o que se passa na Rússia? Não ouviu falar da matança dos judeus aqui, no nosso país? Sim, Dreyfus foi

acusado de traição e condenado por ser judeu, e isso é alguma coisa estranha? Acontece aqui todos os dias.

— Herzl é judeu e sabe bem o que é o antissemitismo. Na Europa, iniciou-se uma nova onda de ódio aos judeus. Está preocupado com as proporções que isto está a tomar; se o Caso Dreyfus foi possível em França, significa que pode acontecer qualquer coisa...

— Qualquer coisa? O que pode acontecer mais? Há séculos que nós, judeus, somos perseguidos, marcam-nos como gado para não nos confundirmos com eles, obrigam-nos a viver fora das suas aldeias, das suas cidades... Mas claro, de vez em quando permitem que alguns, como nós, vivam como pessoas... claro que antes, para que não nos esquecêssemos de quem realmente somos, pagámos um tributo em sangue. Tenho de te lembrar o que aconteceu à minha mãe, aos meus irmãos e à minha avó?

— Por isso, meu filho, por isso chegou a hora de termos um verdadeiro lar, e para mim não há outra opção senão a dos nossos antepassados. Não há outro lugar melhor: a Palestina. Durante séculos os judeus repetiram: "No próximo ano em Jerusalém." Então, chegou a hora de voltar.

— Voltar? Queres ir para a Palestina? Por amor de Deus, pai! O que farias ali? Viverias de quê? Não falas turco nem árabe.

— Devíamos ter ido quando assassinaram a tua mãe. Alguns fizeram-no...

— Sim, já sei, ouvi falar dos Hovevei Zion, os Amantes de Sião, e do outro grupo, os Bilu.

— Os Bilu foram corajosos e partiram decididos a trabalhar a terra. Subsistem como agricultores. Não lhes foi fácil, mas não estavam sozinhos, na Palestina sempre houve judeus, em Jerusalém, em Hebron, noutras cidades...

— Pois, mas nós ficámos e não é pouco o que conseguimos e o que poderemos conseguir...

— E o que é que vamos conseguir?—perguntou Isaac ao seu filho.

— Somos russos, este é o nosso país, por mais que custe a muita gente. É aqui que devemos lutar para ter um lar, não em nenhum outro lugar. Mudemos a Rússia. Desde criança que te ouço a ti e ao avô falarem de um mundo sem classes, no qual todos sejamos iguais, no qual não conte onde se nasceu nem em que é que cada um acredita. Vocês incutiram-me que a única coisa que vale a pena é a igualdade, que nenhum homem seja mais do que outro homem.

— Marx tinha razão, mas isto é a Rússia. Sabes o que aconteceria se alguém te ouvisse falar assim? Prender-te-iam, acusar-te-iam de seres um revolucionário, e matar-te-iam.

— Há muita gente na Rússia que pensa como eu, como tu pensavas. Somos muitos a querer mudar este país, porque é o nosso, aquele que amamos. Se estás a pensar em ir para a Palestina... lamento, não posso ir contigo.

— Lá poderíamos ser judeus sem nos envergonharmos, sem termos de pedir desculpa por sê-lo. Os turcos são tolerantes para com os judeus.

— No futuro que quero ajudar a construir não haverá judeus, nem cristãos, haverá homens livres.

— És judeu e sempre o serás! É algo a que não podes renunciar.

— Sabes uma coisa, pai? Acho que não percebeste, eu sou só um ser humano, e abomino tudo o que separa os homens.

— Espero que sejas prudente, as ideias de Marx estão proibidas.

— Na Rússia está tudo proibido, mas não te preocupes, sou prudente.

— Samuel...

— Não digas nada, pai, não digas, deixa estar. E não me perguntes, sei que as minhas respostas te fariam sofrer.

Aquele inverno de 1897 foi extremamente frio. Samuel soube pelo bibliotecário Sokolov que havia outros grupos de judeus que tinham fundado o Bund, a União Geral dos Trabalhadores Judeus da Lituânia,

Polónia e Rússia, e que tal como eles tinham um objetivo: fazer parte da grande massa de trabalhadores e lutar pela mudança do país sendo judeus e sem terem de se assimilar.

— Trata-se de que cada um possa ser o que quiser, mas sem esquecer o que temos em comum, que somos homens, seres humanos únicos, com direitos, e que devemos trabalhar, juntamente com outros socialistas, para conseguir que a Rússia mude—explicava Sokolov aos seus seguidores.

Samuel tinha acabado os seus estudos, tal como Konstantin e Josué, e tinha começado a trabalhar.

Os três tinham obtido excelentes notas. Konstantin tinha encontrado um lugar na Chancelaria, sonhava tornar-se rapidamente um diplomata como tinha sido o seu pai. Josué dedicava-se à botânica, enquanto Samuel, graças às boas recomendações da condessa Yekaterina, tinha conseguido trabalho como ajudante de Oleg Bogdanov, um eminente boticário e químico.

Uma noite, Andrei pediu a Samuel que fosse a uma reunião, no dia seguinte, na qual participariam o bibliotecário Sokolov e o professor Fiódor Vólkov.

— Imaginas os dois grandes homens juntos? O nosso Sokolov é mais prático, o Vólkov é mais teórico, mas querem os dois o mesmo: acabar de uma vez por todas com este regime opressor.

— Amanhã não posso ir e tenho muita pena, mas devo de acompanhar o Bogdanov numa visita a um hospital. Vão testar um medicamento no qual ele está a trabalhar há algum tempo para conseguir melhorar a assepsia nas intervenções cirúrgicas. Testá-lo-ão num funcionário do governo que vai ser operado a um problema grave no estômago.

— Vá, Samuel, a reunião é muito importante e durará até altas horas da noite. Deves poder sair do hospital em algum momento, nem que seja uma ou duas horas. Esse funcionário vai viver ou morrer, quer estejas quer não estejas. Não te julgues imprescindível.

— Tenho de ir, o professor Bogdanov ordenou-me que o acompanhasse. Não me posso negar nem sair antes de ele o fazer.

A ira apareceu nos olhos de Andrei, mas não nas suas palavras.

— A vida desse homem é, sem dúvida, importante, mas salvar milhares, milhões de vidas do opróbrio de viver sob o jugo do czar é muito mais. É esse o nosso principal compromisso, a nossa missão. Não podemos falhar a esses milhões de homens. Uma vida perante milhões de vidas.

— O que é que estás a dizer?!—exclamou Samuel assombrado.

— Vá, não sejas pusilânime! A vida desse funcionário é certamente importante, mas parecem-te menos importantes as vidas dos milhões de desgraçados que este inverno, como em tantos outros invernos, morrem de frio e de fome? Esse líquido que o Bogdanov quer testar deve ser um sucesso, não tens nada de que te censurar.

— Não te percebo, Andrei. Sabes o muito que estudei para ter um curso e a sorte que tenho em ter encontrado trabalho. Não me posso permitir não cumprir com o que se espera de mim.

Mas Andrei não deu o braço a torcer.

— Vemo-nos na casa do Fiódor Vólkov. Já sabes que na idade dele acresce uma saúde débil e, tendo em conta isso, o Dimitri Sokolov não viu inconveniente em que fôssemos ao terreno do Fiódor Vólkov. É importante que vocês, judeus, deixem claro que se querem comprometer com a revolução.

— Julgava que o nosso grupo era algo mais do que alguns judeus, tu próprio és um exemplo de que queremos o mesmo que quer o resto dos socialistas. Peço desculpa, depois contas-me o que decidiram.

— Tens responsabilidades, Samuel, não nos podes abandonar.

— Não vou abandonar ninguém, só vou cumprir o meu dever, e amanhã o meu dever é acompanhar o Oleg Bogdanov.

Era a primeira vez que discutiam. Samuel nunca tinha manifestado a menor discordância com Andrei desde que o conheceu ainda criança. Até àquele momento o botânico tinha tido mais influência em

Samuel do que o seu próprio pai. E não gostou de ver que, quem tinha sido pouco mais do que um discípulo, agora o tratava de igual para igual.

Na casa de Fiódor Vólkov estava frio, apesar do calor que saía da lenha que crepitava na lareira à qual todos aproximavam as mãos.

Estavam ali reunidas algumas das pessoas que, com mais afinco, defendiam a necessidade de fazer uma revolução. Dez homens e três mulheres discutiam com paixão o futuro da Rússia.

Tanto o bibliotecário Sokolov como o próprio professor Vólkov perguntaram reiteradamente por Samuel, preocupados por Andrei não confirmar a sua presença.

— É importante que esteja aqui, chegou o momento de agir.

Mas não chegaram a um acordo quanto à passagem à ação. Alguns dos partidários do professor Vólkov pareciam sentir admiração por outros grupos que defendiam a violência, mas o bibliotecário Sokolov manifestou-se contra.

— Não cometeremos o erro de derramar sangue, o povo não nos perdoaria. Até teria medo de nós. Não, esse não é o caminho.

O professor Vólkov parecia duvidar; talvez, dizia, tivesse chegado o momento de fazer algo mais.

Decidiram reunir-se na última noite do ano. Cada grupo apresentaria um plano de ação, discuti-lo-iam e decidiriam, embora o bibliotecário Sokolov tivesse deixado bem claro que não participaria em nenhum ato de violência.

— Nós, judeus, sofremos demasiada violência para nos tornarmos participantes da mesma. Os camponeses e os trabalhadores não seguirão quem não for capaz de vencer com a palavra. Trata-se de convencer, não de anular o adversário, nesse caso tornar-nos-íamos no mesmo que eles. Só quem não tem fé nas suas crenças é que recorre à violência.

Mais tarde, Yuri Vasiliev contou a Irina pormenores da reunião, comentando que Sokolov não deixava de pensar como um judeu.

— Mas tu não deves querer fazer mal a ninguém!—exclamou ela preocupada, caso Yuri tendesse para o grupo defensor da ação violenta.

— Acho que não é necessário, pelo menos por agora, embora também não me pareça que essa hipótese deva ser posta de lado. Contudo, para o bibliotecário Sokolov seria insuportável ver-se implicado numa ação em que se derramasse sangue. Ele julga que o que o une a outros homens é o socialismo, mas na verdade pensa e fala como um judeu. Ah, minha querida Irina, não sabes do que te falo porque não és judia.

— Mas tu...

— Eu renunciei há muito tempo a ser pouco mais do que sou, um homem que trabalha com as suas mãos arrancando notas a um violino. Um homem que só quer viver em paz com os outros homens e que só deseja eliminar as diferenças. Sermos judeus torna-nos diferentes e, enquanto o bibliotecário Sokolov julga que é possível construir uma sociedade sem diferenças, mas na qual cada um reza a quem quiser sempre que o faça na intimidade do seu lar, eu prefiro abolir para sempre qualquer vislumbre de diferença. Quero acabar com a ideia desse Deus que leva os homens ao confronto entre si pela forma como se dirigem a ele, pelos rituais com que se aproximam dele. O Sokolov quer um país sem religião oficial, eu quero um país onde qualquer religião seja proscrita.

— Então vais fracassar. Os camponeses não renunciarão a Deus, é a única coisa que têm, a única coisa que os mantém de pé.

— Precisamente, Irina, precisamente contra isso também é preciso lutar. A religião não é mais do que superstição. Os homens livres serão homens cultos, não importa que sejam camponeses ou artesãos, e desterrarão das suas vidas os velhos rituais e as lendas da Bíblia. Aprenderão a pensar e a honrar a

razão.

— Mas... eu... lamento, não me parece que se possa proibir os homens de acreditarem em Deus. Além disso... bem, parece-me terrível o que disseste sobre a proscricção de Deus.

— Não disse Deus, mas sim a religião, mas não importa. Sabes uma coisa, Irina? Acho que nunca vais ser uma boa revolucionária. Tens demasiado coração e costumás colocá-lo à frente da razão.

Ficaram em silêncio durante uns segundos. Irina temia tê-lo contrariado e perder a confiança que ele tinha depositado nela. Em determinadas ocasiões, perguntava-se porque é que não a tinha voltado a convidar para nenhuma reunião como aquela a que foram em casa do professor Volkov, mas não se atrevia a dizê-lo. Foi Yuri o primeiro a quebrar o silêncio que começava a pesar entre os dois.

— Se eu te pedisse em casamento, por que ritual casaríamos? Eu sou judeu e teríamos de casar de acordo com a minha religião. Mas para isso o rabino exigir-te-ia que renunciasses à tua. Mesmo assim, demoraria meses, talvez anos, a aceitar-te entre os judeus. Tu és ortodoxa, achas que o sacerdote nos daria a sua bênção? Ficaria encolerizado com a ideia de te casares com um judeu. Pedir-me-ia que me convertesse. De maneira que não podemos casar, e a única saída que nos deixam é que te tornes minha amante. Mas não me parece que a decisão de passarmos o resto das nossas vidas juntos diga respeito ao rabino ou ao sacerdote, só a ti e a mim e, no entanto, não nos deixam decidir. Algum dia, a vontade de um homem e de uma mulher será o suficiente para poderem casar.

Irina tinha corado. Sentia as têmporas a latejarem e as mãos suadas. Instintivamente tinha recuado, distanciando-se de Yuri. Ele deu-se conta e não conseguiu conter um sorriso.

— Não te preocupes, não te vou propor que sejas minha amante, era apenas um exemplo.

— E tomei-o como tal—respondeu ela tentando que Yuri não se apercebesse do seu incómodo.

— No entanto, se eu não fosse judeu e tu não fosses ortodoxa, talvez te pedisse em casamento. O Mikhail adora-te como uma mãe, na verdade és a única mãe que conheceu, e receio bem que algum dia decidas deixar-nos.

Ela não respondeu. A conversa incomodava-a e se tivesse forças teria saído naquele mesmo instante.

— Vou atrever-me a pedir-te um grande favor: se alguma vez me acontecer alguma coisa, prometes-me que cuidas do Mikhail? Não tenho muito, mas o que tenho está aqui, nesta pequena arca. Dar-te-ei uma chave para que possas abri-la em caso de...

Irina não o deixou continuar. Sentia-se atordoada por tudo o que Yuri lhe estava a dizer.

— Entendo que seja um grande sacrifício o que te peço, mas és a única amiga verdadeira que tenho, a única pessoa em quem confio. Sei como és e só estaria tranquilo sabendo que o Mikhail está contigo. Sei que não tenho o direito de te pedir que faças qualquer sacrifício por nós, mas...

— Chega, Yuri! Já chega!

— Diz-me que cuidarás do Mikhail...—O tom de Yuri era de súplica.

— Não te vai acontecer nada, és o seu pai e é de ti que ele precisa.

— Mas se algum dia me acontecer alguma coisa...

— Prometo-te que cuidarei do Mikhail, eu também o adoro.

Yuri pareceu sentir-se satisfeito com a promessa arrancada a Irina.

Enquanto os dias passavam, os discípulos do bibliotecário Sokolov e os do professor de música Volkov dedicaram o seu tempo livre a escrever o que, a seu ver, deveriam ser as ações do futuro. Andrei encarregou-se de ir juntando as propostas dos seus camaradas, até convidou Samuel a escrever a sua.

— Não tenho tempo e também não tenho a certeza do que se deve fazer—respondeu-lhe Samuel.

— Mas pelo menos vem à reunião do último dia do ano. Bebemos uma boa vodca e conversamos. Temos de votar o que devemos fazer.

— Não me parece que possa ir, comprometi-me a estar presente na festa de fim de ano da condessa

Yekaterina e do meu amigo Konstantin.

— Com que então preferes estar com os teus amigos ricos do que conosco... Dececionas-me, Samuel, o que se passa contigo? Estás a mudar.

No fim, Samuel comprometeu-se a passar em determinada altura pela reunião na casa do professor Volkov.

Naquele dia 31 de dezembro, em São Petersburgo não havia um centímetro que não estivesse coberto de neve. Tinha nevado logo desde manhã e continuava a nevar àquela hora em que a cidade estava envolvida em sombras.

Samuel estava nervoso. Não tinha dormido bem e doía-lhe a cabeça. Ao meio-dia, Josué tinha ido visitá-lo para regozijo da viúva Korlov.

Raisa tinha-lhe oferecido uma tigela de sopa quente e uma fatia de tarte de amêndoa, que Josué tinha aceitado de imediato.

— Então esta noite não vens a casa do Konstantin? O nosso amigo preparou uma festa de máscaras para nos despedirmos do ano. A minha mãe está há vários dias a coser-me um fato de arlequim, mas com este frio mais valia pedir ao teu pai uma das suas peles e ir mascarado de urso.

— Eu vou, mas não fico muito tempo.

— O que tens de tão importante para fazer? Estás-nos a esconder um encontro amoroso?

— Não, garanto-te que não é tão divertido como uma festa ou um encontro amoroso. Não me perguntes, Josué, é melhor que não saibas de nada.

— Não posso acreditar que os teus amigos socialistas tenham marcado uma reunião para esta noite!

Na sua resposta Samuel deu rédea solta ao incómodo que o embargava e que lhe estava a oprimir o estômago.

— Os meus amigos, como tu dizes, levam a sério o futuro da Rússia. O Konstantin e tu falam muito, mas o que é que fazem para mudar as coisas? Nada, não fazem nada. Falam, falam.. O Konstantin é um aristocrata e tu o neto de um rabino, e isso serve-vos de desculpa para ficarem de braços cruzados. Como é que vão manchar as mãos? Não, claro, enquanto as pessoas morrem de fome e a miséria grassa na Rússia, vocês jantam opiparamente e bebem champanhe, servidos por criados que se inclinam à vossa passagem.

Josué ficou magoado com as palavras de Samuel, nunca teria imaginado que no seu amigo houvesse um vislumbre de ressentimento.

— Porque é que censuras o Konstantin? Por ser um aristocrata? Por ser rico? Ele não escolheu o seu local de nascimento. O que é que queres que faça? Que ponha uma bomba no seu próprio jardim? Tem obrigações que são sagradas, como proteger a sua avó e a sua irmã. E eu, o que devo fazer? Queres que entre na sinagoga e grite que não acredito em nenhum Deus? Mentiria se o fizesse. Sim, é verdade que às vezes o peso da religião me afunda, mas não tenho a certeza de que um mundo sem Deus seja melhor do que este.

— Que tipo de homens são vocês?—perguntou Samuel com raiva.

— E tu? Que tipo de socialista és?

— Não vivo em nenhum palácio nem organizo uma festa de máscaras, enquanto com uma mão seguro um copo de champanhe e, entre cada sorvo, exponho teorias sobre os benefícios de uma Rússia nova.

— Como é que podes ridicularizar o nosso amigo? Estás a descrevê-lo como uma personagem frívola e sem moral. O Konstantin é o melhor de nós, generoso, solidário, ajuda sempre os mais fracos e aproveita as suas circunstâncias familiares para socorrer todos aqueles que precisam; já sabes que salvou mais do que um das garras da Okhrana. Como te atreves a julgá-lo?—Josué estava zangado e sobretudo dececionado com as palavras de Samuel.

— Mas o que se passa?—A viúva Korlov entrou na sala preocupada com o tom de voz dos jovens.

— Nada... nada... desculpe, senhora Korlov... o Josué já estava de saída, não é?

— Sim, claro que é. Não me parece que tenha sido boa ideia visitar-te, estás de mau humor; há alguma coisa que te preocupa e estás a descarregar nos teus amigos. Não vou dizer nada ao Konstantin, ele não compreenderia umas acusações que roçam a deslealdade. Acho que te esqueceste daquilo que a família Goldanski fez pelo teu pai e por ti. Só por isso nunca deveria ter saído da tua boca a mais pequena crítica em relação a ele. Mas, para não o magoar, não lhe contarei nada.

Samuel sentiu-se miserável, mas não soube voltar atrás e reter o seu amigo, pedir-lhe desculpa. Estava zangado consigo próprio e tinha sentido a necessidade de descarregar nos outros. De manhã, tinha discutido com o pai, que tinha ficado desagradado ao saber que não ia à festa dos Goldanski. Agora tinha ofendido Josué e Konstantin, e estava prestes a fazer o mesmo com Raisa Korlov, que o olhava com os olhos entreabertos, disposta a iniciar uma boa repreensão.

— Não é da minha conta, mas surpreende-me o que acabo de ouvir. O que disseste ao teu amigo para ele sair assim tão ofendido? Porque é que recriminas a família Goldanski, à qual tanto tu como o teu pai, e também eu, devemos tanto? Os mal-agraçados não entrarão no reino de Deus.

Samuel não respondeu. Deu meia-volta e procurou refúgio no quarto que continuava a partilhar com o seu pai.

Isaac tinha saído em busca de lenha, porque a viúva Korlov tinha medo de não ter a suficiente para enfrentar o frio que, dizia, parecia entrar pelos poros da pele até chegar aos ossos.

Na noite anterior Andrei tinha entregado a Samuel uns papéis com algumas das propostas dos seus camaradas.

— Lê, tens de saber o que é que os nossos amigos propõem.

Samuel procurou os papéis que tinha escondido entre as folhas de um velho livro de botânica, oferta da condessa Yekaterina. Lembrava o dia em que tinha recebido com emoção aquele livro das mãos da condessa, sob o olhar alegre de Konstantin. O volume tinha pertencido ao professor Goldanski. Como podia censurar minimamente Konstantin? Era o seu melhor amigo, tão generoso como tinha sido o seu avô, sempre disposto a dar, sem esperar nada em troca, e ele acabava de o acusar de ser um aristocrata despreocupado e frívolo. Envergonhou-se de si próprio. Esperava que Josué não dissesse nada a Konstantin.

Tal era o seu incómodo que, por mais que o seu pai e a própria Raisa insistissem, não quis comer o guisado de carne com batatas e a tarte de maçã que a viúva Korlov tinha preparado.

— Vais celebrar o fim de ano com o estômago vazio? Isto não te vai fazer bem. Eu sei o que é que tens, estás preocupado com a discussão com o teu amigo Josué. Vocês são jovens e não há nada que não se possa resolver, embora não tenha ficado contente por ouvir o Josué dizer que tiveste palavras de censura para com a família Goldanski.

— Filho! O que é que disseste?—perguntou o pai.

— Não te preocupes, pai, discuti com o Josué por uma parvoíce.

— Mas o que disseste dos Goldanski? Devemos-lhes o nosso destino, só merecem a nossa gratidão.

— Eu sei, pai, eu sei... Não te preocupes.

Para alívio de Samuel, a conversa foi interrompida pela chegada de Andrei. Entrou na sala a tremer de frio.

— Lamento não ter chegado antes, mas a neve não deixa dar mais de dois passos seguidos.

— Tens fome? Espero que pelo menos tu comas um pouco do meu guisado. O Samuel nem sequer o provou—queixou-se a viúva.

— Estou esfomeado e não conseguiria resistir ao cheiro do guisado. Não me lembro de melhor forma

de terminar o ano, depois de um dia de trabalho. Tu tiveste melhor sorte—disse dirigindo-se a Samuel—,hoje deram-te o dia livre.

— Estou aqui há uma semana a trabalhar—justificou Samuel.

Quando Andrei acabou de comer o guisado de Raisa, fez-lhe um sinal para que Samuel o acompanhasse ao quarto. Quando já lá estavam e depois de fechar a porta, olhou-o com preocupação.

— O que é que tens? Estás nervoso e não comer é uma estupidez. Disse ao bibliotecário Sokolov que irás esta noite, que contamos contigo.

— Já te disse que vou. Agora, desculpa, mas tenho de ir ter com o meu pai, quer que joguemos um jogo de xadrez—disse como desculpa para sair do quarto de Andrei.

Passavam das dez da noite quando Samuel se despediu do pai. Andrei tinha saído um pouco antes sem sequer dizer adeus, o que tinha provocado um comentário amargo de Raisa.

— No mínimo poderia ter-nos desejado boa noite, nem sequer me agradeceu o prato quente—queixou-se a mulher.

— Meu filho, devias ir para a casa dos Goldanski, pelo menos por educação.

— Já te disse que tenho outro compromisso, mas passo por lá para lhes desejar um bom ano.

— Não queria perturbar a condessa... Eu não estou bem de saúde, mas tu deves ir, devemos-lhes muito.

— Por favor, pai, não insistas, já te disse que vou! Não posso ficar muito tempo, mas vou.

— Meu filho, preocupa-me a amargura que sinto em ti esta noite... Eu... não sei... talvez me queiras contar o que se passa contigo...

— Não, pai. Não tenho nada de especial. Não esperes por mim, vou chegar tarde.

— Vou ficar a conversar com a Raisa até que os troncos que meti na lareira se apaguem.

Samuel estava prestes a sair do quarto, quando voltou para trás e abraçou o seu pai. Isaac respondeu ao abraço, enquanto se desenhava no seu olhar uma sombra de perplexidade.

— Pai, sabes que te amo muito, não sabes?

— Como é que não havia de saber?! Só nos temos um ao outro, é assim desde que...

— Desde que assassinaram a minha mãe, os meus irmãos... Sim, desde então nunca mais nos separámos. Foste o melhor pai.

As palavras de Samuel fizeram com que Isaac apertasse com mais força o seu filho. Intuíra que se passava alguma coisa com ele e aquele abraço, mais do que de alegria, enchia-o de preocupação.

Samuel saiu de casa depois de ter dado um beijo a Raisa. Para ela, Samuel continuava a ser o menino que há muitos anos tinha chegado a sua casa.

Estava frio. Demasiado, pensou. Não queria ir a lado nenhum. Teria ficado de bom grado a partilhar o serão com Isaac e com Raisa. O seu pai tinha razão, estava irritado, descontente consigo próprio sem saber porquê. Não gostava do tom imperioso que Andrei utilizava com ele. E, embora não quisesse admiti-lo, estava cansado daquelas longas reuniões com o bibliotecário Sokolov nas quais falavam sem parar de um futuro que lhe parecia utópico.

Talvez fosse egoísta e, por isso, naquele momento a sua principal preocupação era fazer bem o trabalho que lhe encomendava o seu professor, Oleg Bogdanov. Tinha sido uma sorte tê-lo aceitado entre os seus ajudantes e não queria desperdiçar a oportunidade de aprender e de ser alguém. Porque Samuel dizia para si que se chegasse a ser um bom químico, então São Petersburgo aceitá-lo-ia. A cidade mostrava-se agreste com quem não era ninguém, e ser alguém significava ser reconhecido pelo que se fazia, a não ser, claro, que se fosse aristocrata ou um membro de alguma das famílias mais ricas.

Estava a chegar a casa dos Goldanski, quando Irina surgiu de entre as sombras. Embora levasse um gorro na cabeça e um cachecol a tapar-lhe o rosto, pôde ver o medo no seu olhar.

— Samuel...—murmurou ela.

— O que estás aqui a fazer? Porque é que não estás em casa com a tua família?

— O Yuri pediu-me para ficar com o Mikhail, porque ele... bem, ele tinha uma coisa importante para fazer esta noite. Combinámos que levaria o menino para a minha casa e que amanhã ele ia buscá-lo, mas aconteceu uma coisa...

A voz de Irina tremia. Samuel ficou alarmado.

— O que é que aconteceu? Diz-me...

— Fui buscar o Mikhail à hora que combinámos. O Yuri queria jantar com o filho, por isso ficou decidido que eu chegaria depois das oito. Não sei, mas acho que havia alguma coisa que o preocupava... o Mikhail e eu saímos e, quando já estava a caminho da minha casa, dei-me conta de que não tinha trazido roupa para o menino, nem sequer um pijama. Demos a volta e quando chegámos vimos uma grande confusão à porta. Eu... bem, por prudência, decidi parar antes de nos aproximarmos e... foi horrível... Uns homens estavam a levar o Yuri, empurravam-no e gritavam-lhe... o Mikhail começou a chorar e a chamar o seu pai... Tive de lhe tapar a boca... o Yuri viu-nos, mas não fez um único gesto, foi como se não nos conhecesse... Esperei que se fossem embora... Não sabia o que fazer, não me atrevia a entrar em casa... Agora o Mikhail está com a minha mãe, contei-lhe o que aconteceu e ela está assustada... Acho que a Okhrana levou o Yuri.

— Meu Deus!—exclamou Samuel assustado.

— Não me atrevi a incomodar o Konstantin, mas como sabia que estavas convidado para a festa desta noite fiquei à espera até te ver chegar.

Samuel ficou em silêncio. Não sabia o que lhe dizer. Sentia mais medo do que Irina já que, se a polícia tinha ido atrás do Yuri, isso significava que estavam a seguir a pista do grupo do professor Fiódor Volkov, e aquela era precisamente a noite da reunião com o grupo de Sokolov, ao qual ele pertencia. Pensou em Andrei que guardava parte das propostas de ação dos membros do grupo de Sokolov. Tremeu ao pensar que a Okhrana podia detê-lo. Olhou para Irina, ela esperava que ele dissesse alguma coisa, mas só sentia medo, não sabia nem o que dizer nem o que fazer.

— Regressa a casa para cuidares do Mikhail.

— Não! Não! É preciso avisar os amigos do Yuri!

— E o Mikhail? Vais deixá-lo com a tua mãe? Não podes obrigá-la a assumir essa responsabilidade.

— Não... claro que não, mas... meu Deus, não sei o que fazer!

— Eu também não, não sei como te ajudar, além disso... lamento, Irina, mas pode ser que a Okhrana...

— Por amor de Deus, Samuel, confia em mim! Sei que, tal como o Yuri, fazes parte de um grupo que quer mudanças para a Rússia e que esta noite havia uma reunião.

— Ele contou-te tudo isso?

— Sim, o Yuri confia em mim, sabe o que penso, até o acompanhei uma vez a casa do professor Volkov... Temos de fazer alguma coisa!

— Tu não deves arriscar, já é suficiente teres o filho do Yuri na tua casa.

— Não quero ir para casa!—A voz de Irina soava histérica.

— Preciso de pensar... Tenho de voltar para casa.

— Não, não deves ir para a tua casa; se vos descobrirem, a Okhrana já terá ido à tua procura.

— Mas eu não fiz nada!—protestou Samuel.

— E achas que o Yuri fez?

Ainda não tinham dado uns passos quando ouviram o ruído frenético dos cascos dos cavalos e os gritos a quebrar o silêncio da noite.

Tentaram esconder-se entre as sombras, temerosos de que a polícia pudesse prendê-los. São

Petersburgo parecia estar alerta apesar da hora.

— Entremos em casa do Konstantin, é o único lugar onde vamos estar seguros.—Samuel pareceu aliviado ao tomar aquela decisão.

Ela não duvidou. Samuel tinha razão, o único lugar seguro para se refugiar era a mansão dos Goldanski, embora temesse o que a condessa pudesse dizer.

Não tentaram passar pela porta principal. Foram diretamente ao portão das traseiras, pelo qual entravam e saíam os criados e que comunicava com as cozinhas e as divisões deles. O portão estava entreaberto e aproveitaram para entrar, procurando às escuras a forma de chegar ao vestíbulo principal. Da cozinha saía um agradável cheiro a assado, a doces e a pão, e ouvia-se o ir e vir dos criados.

Caminhando devagar, aproximaram-se da sala.

Konstantin estava a cortejar uma mulher lindíssima que Samuel recordava ter visto noutras festas. Josué não lhe ficava atrás e bebia um copo de champanhe com uma atraente morena.

Não tinham tido tempo de chegar junto dos seus amigos quando ouviram alguém a bater de forma insolente à porta principal e as exclamações sobressaltadas dos criados.

Um deles entrou assustado na sala gritando: "A Okhrana! A Okhrana!"

Samuel aproximou-se de Konstantin e olhou-o angustiado.

— É possível que estejam à nossa procura—sussurrou, enquanto apontava para Irina, que estava ao seu lado.

Durante uns segundos o seu amigo pareceu desconcertado, depois mandou a orquestra tocar uma valsa e ordenou ao criado que retivesse os agentes da temível polícia no vestíbulo.

— Têm de se esconder... Samuel, lembra-te onde nos escondíamos para brincar quando éramos crianças?

Samuel assentiu e puxou Irina obrigando-a a correr. Desceram até à cave e abriu uma pequena porta que dava para uma divisão onde se armazenava o carvão. Quando eram pequenos, escondiam-se ali para escaparem de Katia, que estava sempre a aborrecê-los para brincarem com ela ou pelo prazer de desesperar os mais velhos que os procuravam por toda a casa.

Samuel fez Irina saltar por cima de um monte de carvão e ficaram quietos e em silêncio um junto ao outro.

O tempo parecia ter parado. Samuel imaginava os polícias a identificarem os convidados de Konstantin, depois continuariam a revistar a casa até encontrá-los.

A porta abriu-se de repente e puderam entrever a figura de Konstantin seguido por dois homens mal-encarados.

— Já vos disse que este é o lugar onde armazenamos o carvão! Mas procurem, procurem... será divertido ver como se enfarruscam... Procurem...

Ouviram as vozes ameaçadoras dos homens e o riso de Konstantin e só respiraram quando a porta se voltou a fechar.

Konstantin regressou com os polícias até ao salão de baile e a sua voz soava realmente irritada.

— Garanto-vos que vou apresentar queixa ao primeiro-ministro pela forma como nos estão a tratar.

— O senhor pode ser o conde Goldanski, mas alguns dos seus amigos participam em atividades perigosas e talvez, esta noite, estejam entre os seus convidados. Além disso, não seria o primeiro nobre a brincar aos revolucionários—disse com voz provocadora o que parecia comandar o destacamento de polícias.

— Como se atreve?! Não vou tolerar esta falta de respeito para comigo nem para com a minha família, cuja lealdade ao czar foi provada no campo de batalha.

A condessa Yekaterina tinha-se retirado para os seus aposentos depois do jantar, mas assim que soube

da presença dos agentes da Okhrana foi ao salão de baile. Todos os convidados estavam em silêncio. Os polícias tinham-lhes ordenado que se colocassem de costas contra a parede. Os membros da orquestra estavam imóveis, com medo do que pudesse acontecer.

A condessa afastou o seu neto com delicadeza para encarar a situação.

— Cavalheiros, ainda não sabemos o que é que se passa nem sequer porque é que invadiram a nossa casa a esta hora da noite.

O oficial de polícia que comandava o grupo fez tenção de a enfrentar, mas, quer fosse pela frieza do olhar da condessa ou pela sua altivez, o homem respondeu com menos fúria do que aquela que realmente sentia.

— Esta noite um grupo de revolucionários planeou reunir-se para dar rédea solta aos seus instintos criminosos. Esse grupo conspira para derrubar o czar.

— Revolucionários? Cavalheiros, nem eu nem a minha família temos nada que ver com revolucionários—disse a condessa.

— Temos olhos e ouvidos em todo o lado e sabíamos que esta noite tinham previsto reunir-se para aprovarem um plano de ação—respondeu o homem que chefiava a operação.

— E estão à procura deles aqui, na minha casa?

— Julgamos que alguns deles possam estar entre os seus convidados.

— Como se atreve a acusar os meus convidados? Todas as pessoas que se encontram entre nós são cidadãos honrados e, como pôde verificar pelos seus nomes, todos somos súbditos leais do czar.

— Sim, estes sim, mas não está à espera de mais ninguém?

— Vou apresentar uma queixa ao ministério. E farei com que informem o czar desta afronta.

— Pode apresentar os protestos que quiser. A nossa obrigação é garantir a paz e a ordem no império.—Nos olhos do oficial de polícia refletia-se o ódio que sentia.

— É necessário falar aqui à frente de todos?—perguntou Konstantin.

— Tem alguma coisa para dizer que os seus convidados não possam ouvir?—interrogou o polícia com ironia.

— Imagino que para si seria difícil de compreender.

O oficial deu uma profunda gargalhada que assustou ainda mais os presentes.

— Já lhe disse, temos olhos e ouvidos em todo o lado. Esta noite os conspiradores serão meus; de facto, já o são, pois prendemos quase todos... e vão pagar a sua traição, nenhum se livrará. Ah! E tenha cuidado. Ter amigos que simpatizam com causas pouco aristocráticas pode levá-lo ao mesmo lugar. O senhor não passa de um meio aristocrata, meio judeu.

— Saíam imediatamente da minha casa! O czar será informado do vosso comportamento.—A condessa estava pálida, mas o seu tom de voz continuava a ter um vislumbre de autoridade.

— Sim, o czar vai gostar de saber que uma família meio judia tem amigos que conspiram contra ele. A Rússia é demasiado generosa com os seus inimigos. Temos de espezinhá-los a todos. Os judeus são a origem de todos os problemas. É preciso arrancá-los da nossa terra como se arranca uma erva daninha.

— Peço-vos que saíam! Já ouviram o meu neto.

Saíram. Konstantin e Josué surpreenderam-se que o fizessem.

— E agora continuem a dançar. Vamos beber um copo de champanhe...—disse a condessa Yekaterina aos convidados.

Ninguém tinha vontade de continuar a festa, mas também não se sentiam seguros em abandonar a mansão, por isso a maioria optou por ficar.

A condessa fez um sinal a Konstantin e a Josué para que se reunissem com ela a salvo dos olhares dos convidados.

— Agora quero a verdade—exigiu a condessa.

— Avó, juro-te que não sei o que se passa, mas... O Samuel chegou com a Irina pouco tempo antes da Okhrana. Pareciam assustados. Lamento ter-vos comprometido a todos, mas mandei-os esconderem-se na carvoeira.

A condessa ficou calada tentando assimilar as palavras do seu neto.

— Trá-los aqui, mas tenta que ninguém os veja, se possível.

Samuel e Irina apareceram perante a condessa com as roupas manchadas de carvão.

— E então? Exijo uma explicação.—Os olhos da condessa destilavam ira.

— Lamento, não devíamos ter vindo aqui, não tenho o direito de vos comprometer.

— Quero a verdade, Samuel: és um revolucionário?

— Não... na verdade não sou... Bem, acho que a Rússia deve mudar, mas nunca pela força.

— Deixa-te de rodeios e diz-me a verdade!—gritou a condessa.

— A verdade, minha senhora, é que esta noite pensava aceitar o convite do Konstantin e passar uns bons momentos nos vossos salões. Mas também é verdade que um grupo de amigos estava à minha espera para participar numa reunião na qual falaríamos sobre como conseguir que a Rússia se pareça com outros países como a Alemanha ou a Grã-Bretanha e como ajudar o povo a sair da miséria. Essa é a verdade. Embora, juro-lhe, nunca fizesse mal ao czar.

— E tu, Irina?

— Eu? Eu não fiz nada, mas estou de acordo com que as coisas devem mudar, o povo sofre, condessa...

— Pois. Com que então tu também ias participar nessa reunião para a qual o Samuel estava convidado quando saísse da minha casa.

— Não, eu não fui convidada. Só tinha de cuidar do Mikhail, o filho do Yuri Vasiliev, mas a Okhrana prendeu o Yuri e eu não sabia o que fazer, foi por isso que procurei o Samuel...

A condessa fechou os olhos durante um segundo como se quisesse encontrar respostas para o que devia fazer.

— O meu marido ter-se-ia sentido muito dececionado com o teu comportamento—disse olhando fixamente para Samuel.

— Lamento, envergonho-me por vos ter colocado nesta situação. Vamos embora agora mesmo e espero que um dia me possam perdoar pelo que fiz.

— Sabes uma coisa? Não sei se vou conseguir fazê-lo. Tratámos-te como se fosses da nossa família e tu... tu atreveste-te a colocar-nos nesta situação, a trair a nossa confiança, a pôr-nos em perigo. Não mereces a nossa estima. Lamento pelo teu pai, é um bom homem, tal como era o teu avô.

Samuel baixou a cabeça. Sentia-se envergonhado e continha as lágrimas a muito custo.

— Avó, o Samuel não fez nada de mal, acha mal desejar um futuro melhor para a Rússia?

— O que fez é traição. Traiu-nos a nós e pretendia trair o czar. Mas sabes, Samuel? Eu não trairei o teu pai e, pelo apreço que lhe tenho, não te vou entregar à Okhrana. Vais sair da minha casa, não te quero voltar a ver. E tu, Konstantin, estás proibido de ter alguma relação com o Samuel ou com qualquer um que ouse pôr em perigo a tranquilidade e o prestígio da nossa casa. E tu, Irina, não voltes. Não precisamos de uma professora de piano como tu. Na verdade, há algum tempo que a Katia insiste em desistir de aulas que não lhe interessam.

— Avó... deixa-me ajudá-lo. É o meu melhor amigo, não poderia suportar que a Okhrana o prendesse—disse Konstantin, suplicante.

— Não, Konstantin, não quero que sejas amigo de um revolucionário. Despeçam-se para sempre e acreditem que nunca imaginei este final.

Saíram da sala sem que Konstantin ou Samuel encontrassem as palavras para a despedida.

— Corres perigo, Samuel, tens de fugir—disse Josué, trazendo-os de volta à realidade.

— Fugir? Não... não posso fugir, não posso deixar o meu pai e também não saberia para onde ir—respondeu Samuel sentindo que um frio intenso lhe percorria as costas.

— Se não foges, vais ser preso, não tens escolha. E tu, Irina, também corres perigo. Os porteiros devem ter dito à polícia que trabalhas para o Yuri e que cuidas do seu filho. Irão buscar o Mikhail para o levar para algum orfanato—sentenciou Josué.

— Mas eu não me posso ir embora! Não fiz nada! Não me podem prender por cuidar de uma criança!

— Não sei o que é que sabes sobre as atividades do Yuri, mas a Okhrana vai obrigar-te a contares-lhes até à última palavra. Não devem demorar a encontrar-te—garantiu-lhe Josué.

— Chega, Josué, não os assustes!—interveio Konstantin.—Meus amigos, acho que devem seguir as recomendações do Josué. Eu ajudo-vos a escapar, mas têm de fazê-lo. Não se enganem, se a polícia foi buscar o Yuri e depois te veio procurar na minha casa, é porque sabe os nomes de todos os que fazem parte desse grupo. Prender-vos-ão. A decisão é simples: ficam na Rússia numa prisão da Okhrana, ou escapam para serem livres, e isso implica que tu, Samuel, tenhas de deixar o teu pai, e tu, Irina, a tua mãe. Quanto ao Mikhail, a pobre criança acabará num orfanato, embora ainda possam ter tempo de o ir buscar, tenho a certeza de que por agora a Okhrana está totalmente interessada em deter os membros do grupo, e tu, Irina, eras apenas a criada do Yuri. Sim, pode ser que ainda tenhas tempo de ir buscar o Mikhail.

Conceberam um plano. Josué comprometeu-se a acompanhar Irina até casa para ir buscar Mikhail e Samuel insistiu em não partir sem se despedir do seu pai, depois reunir-se-iam nas cocheiras da casa de Konstantin, onde ele procuraria uma carruagem para saírem de São Petersburgo naquela mesma noite.

— É uma loucura ir à tua casa, não vais conseguir nada se te prendem—disse Josué a Samuel.

— Não posso partir sem dizer ao meu pai.

Samuel não viu ninguém a vaguear pelas redondezas da casa. Subiu depressa as escadas até ao apartamento. Samuel lembrou-se de Andrei. Teria sido preso?

A casa estava em silêncio e às escuras, mas de imediato se deu conta de que alguma coisa tinha acontecido. A mesinha de pé de galo da entrada estava no chão, um jarrão jazia ao seu lado feito em cacos, e as aquarelas da parede tinham sido arrancadas e pisadas.

Encontrou Raisa Korlov sentada na sala com o olhar perdido e os olhos vermelhos devido às lágrimas. A mulher tremia e não pareceu dar-se conta da sua chegada.

Todos os móveis tinham sido deitados abaixo, as cortinas arrancadas, as delicadas molduras com os retratos de família tinham sido partidas por uma mão perversa.

Samuel fechou os olhos e durante uns segundos recordou vivamente aquele dia, há tantos anos, em que encontraram a sua casa queimada, com todos os pertences destruídos. Naquela altura ele era apenas uma criança e tinha feito o possível para esquecer. Naquele dia tinha perdido a inocência e sobretudo a fé. Que tipo de Deus era aquele que não tinha detido a mão assassina que levou a vida da sua mãe e dos seus irmãos? E agora voltava a encontrar-se com a comprida mão da destruição.

— E o meu pai? Onde é que está o meu pai?—perguntou à viúva sacudindo-a para que saísse do seu ensimesmamento.

Mas Raisa não parecia ouvi-lo. Nem sequer olhava para ele.

O quarto que ocupava com o seu pai também tinha sido arrasado. A roupa estava espalhada pelo chão, bem como os livros que o seu pai e ele guardavam como joias, centenas de folhas apareciam pisadas e, de repente, Samuel sentiu o seu coração a bater mais rápido.

Vasculhou dentro da escrivaninha que o seu pai tinha comprado para que ele pudesse estudar. Estava

vazia, até tinham levado a caneta que o professor Goldanski lhe tinha oferecido quando entrou na universidade.

Estou perdido, pensou. Numa das gavetas daquela escrivaninha guardava com cuidado todos os papéis que tinham que ver com as suas atividades clandestinas, embora se tenha assegurado de fechar a gaveta à chave. Como podia ser tão estúpido e ter escondido as provas que o incriminavam como inimigo do czar na sua casa?

E aqueles papéis comprometiam-no embora fossem apenas reflexões sobre a miséria que os camponeses sofriam e a urgência de um governo mais atento às necessidades do povo. Regressou à sala e apertou a mão da viúva Korlov entre as suas.

— Lamento... lamento muito. Preciso de saber o que aconteceu... Por favor!—suplicou-lhe esperando que a mulher reagisse.

Mas Raisa Korlov parecia ter deixado a sua mente vaguear por outro mundo que não era o da sua própria casa. Samuel deu-se conta de que aquela mulher encantadora e vivaz, que se tinha despedido dele cheia de vida há umas horas, se tinha transformado numa anciã.

Foi buscar um copo de água e um calmante, e obrigou-a a tomá-lo enquanto lhe acariciava o cabelo tentando acalmá-la. Depois levou-a até ao seu quarto e ajudou-a a deitar-se na cama sobre a colcha rasgada.

— Por favor, Raisa, preciso de saber onde está o meu pai.

Sentado junto dela e embalando-a nos seus braços, esperou pacientemente que a mulher reagisse.

— Levaram-no—murmurou passado um bom tempo.

— Para onde?

— Não sei... Era a Okhrana...

— Estavam à procura de quê? Porque é que levaram o meu pai?

— Estavam à tua procura. O Andrei disselhes que tinhas ido à casa dos Goldanski, que, certamente, estarias lá escondido.

— O Andrei? Ele estava aqui quando a Okhrana chegou?

Ela voltou a afundar-se no silêncio e Samuel apertou-lhe a mão suplicando-lhe que fizesse um esforço para se lembrar do que tinha acontecido.

— O Andrei tinha regressado a casa. Perguntou por ti. O teu pai já se tinha retirado e eu estava a fazer tricô, não tinha sono e ainda não me tinha deitado. Perguntei-lhe porque é que voltava tão cedo, pensei que estava em alguma celebração com os amigos. Respondeu-me que estava cansado. Achei que estava estranho... nervoso, não parava de andar de um lado para o outro, a olhar de vez em quando através das cortinas. Era meia-noite e eu estava prestes a deitar-me, quando ouvimos alguém a bater à porta e a gritar que abrísssemos imediatamente. Foi o que fiz, abrir e... entraram uns homens, empurraram-me... disseram que eram da polícia e que estavam à tua procura... O teu pai acordou com os gritos e o barulho da porta e saiu do vosso quarto. Perguntou o que se passava e eles... empurraram-no e... um bateu-lhe enquanto exigia que ele se identificasse. O teu pai entregou-lhes a sua documentação perguntando-lhes o que procuravam, dizendo que deviam estar aqui por engano. Nem o ouviram, começaram a destruir a casa... Vê tu bem, até esfaquearam os colchões...

— E o Andrei? O que fazia o Andrei?

— Estava quieto, assustado, embora esses homens o ignorassem. Eu comecei a gritar suplicando-lhes que não destruíssem o meu lar, mas eles... empurraram-me, atiraram-me ao chão dizendo que se continuasse a gritar me prenderiam e não voltaria a ver a luz do dia. O teu pai tentou ajudar-me, mas também lhe bateram... Os agentes entraram no vosso quarto e passado um tempo um deles saiu com algumas capas e papéis na mão. "De quem são estes papéis?", perguntou. "Aqui estão as provas da

conspiração." "Onde está o Samuel Zucker? É um terrorista... e nós sabemos como tratar os terroristas, os que conspiram contra o czar." O teu pai levantou-se do chão a muito custo e... bem, disse algo inesperado para mim: "Esses papéis são meus, não têm nada que ver com o meu filho. O Samuel não se interessa por política, é químico. Esses papéis são meus. Diz-lhe tu, Andrei." O Andrei estava pálido, sem saber o que fazer, mas de repente assentiu: "Sim, esses papéis são seus." O polícia deu uma gargalhada que nos fez estremecer e disse que depois apanhariam o filho, mas que entretanto ficavam com o pai. O Isaac não deixava de jurar que todas aquelas capas e papéis eram dele. "Andrei, tu conheces-me, sabes como penso, diz a estes homens, diz-lhes que o meu filho é inocente, que os papéis são meus, sou eu o único culpado, diz-lhes..." Um dos homens voltou a bater-lhe e deitou-o ao chão, depois outro deu-lhe um pontapé na cabeça e eu pensei que o tinham matado. O Andrei... O Andrei não fazia nada, olhava em silêncio... Os homens acabaram de remexer por todos os cantos da casa, até esvaziaram o aparador deitando a louça ao chão... Quando já tinham partido tudo foram-se embora e levaram o teu pai.

— E o Andrei?

— Disseram-lhe para os acompanhar. Antes de saírem, um dos polícias ameaçou-me: "Com que então esta é uma casa de terroristas... Um dia vimos buscar-te, velha", e atirou-me ao chão dando-me um pontapé.

Raisa Korlov parecia mais serena, o calmante começava a fazer efeito e os seus olhos estavam quase a fechar-se. Samuel calculou que a mulher dormiria algumas horas antes de voltar a enfrentar a desolação. Velou-a até adormecer enquanto dizia para si próprio que, tal como a viúva Korlov tinha relatado os factos, o comportamento de Andrei tinha sido muito estranho.

Saiu do quarto de Raisa sem saber que passos dar, consciente de que o seu pai se tinha sacrificado por ele, e que, sem a proteção de Konstantin, nesse momento estaria detido num calabouço da Okhrana. Só a condessa e Konstantin poderiam ajudá-lo a averiguar o que tinha acontecido ao seu pai, mas a condessa Yekaterina tinha deixado bem claro que ela devia pensar na sua família.

Procurou roupa limpa e lavou-se com os restos de um bocado de sabão. Estava decidido a apresentar-se no quartel da Okhrana. Entregar-se-ia e salvaria o seu pai. Ele tinha querido sacrificar-se, entregar a sua vida em troca da dele, mas Samuel não ia permitir isso. Tinha de pagar a sua culpa, não podia deixar nem mais um segundo o seu pai nas mãos da temível polícia do czar. O seu pai tinha-lhe demonstrado uma vez mais o quanto o amava e sentiu-se um miserável por não ter sido capaz de o poupar a tanta dor.

Preparava-se para sair quando ouviu alguém a bater suavemente à porta de entrada e uma voz ténue a chamar o seu nome.

Quando abriu encontrou Josué, que levava pela mão Irina e tinha Mikhail, o filho de Yuri, nos braços. Fê-los entrar na sala e um olhar foi suficiente para Josué compreender o sucedido.

— São uns bárbaros!—exclamou indignado.

— Levaram o meu pai. Encontraram uns papéis que eu guardava das nossas reuniões. O meu pai confessou que eram seus para me desculpar e me livrar do perigo. Vou entregar-me. Não posso permitir que pague pelo que não fez.

— Mas vão torturar-te! Far-te-ão confessar!—A voz de Irina estava carregada de medo.

— Confessar? Tentarei não prejudicar ninguém, mas garanto-te que assumirei a minha responsabilidade, não vou permitir que o meu pai pague por minha causa.

— A minha casa estava feita num oito. Não deixaram nada de pé. Os meus pais estavam aterrorizados, mas não levaram o menino... Pedi-lhes que saíssem de São Petersburgo hoje mesmo, a minha mãe tem uma irmã que vive no campo—disse Irina.

— Não guardas nada que te possa comprometer?

— Eu não fiz nada, só sei as coisas que o Yuri me contava e... bem, acho que há um traidor entre vocês, alguém vos traiu...

— Acho que é o Andrei—respondeu Samuel.

— O Andrei? Não é possível! É o braço direito do bibliotecário Sokolov—exclamou Irina.

— O Andrei estava aqui esta noite quando veio a Okhrana e, segundo o que me contou a Raisa Korlov, o seu comportamento foi muito estranho. Além disso... bem, ao que parece havia uma certa familiaridade entre esses assassinos e o Andrei. Foi ele quem lhes disse que me podiam encontrar na casa da condessa Yekaterina.

— Não pode ser...—reiterou Irina.

— Se me permites, Samuel, vou contigo ao quartel, perguntaremos pelo teu pai, veremos como está a situação e depois decides o que fazer—propôs Josué.

— Não, meu amigo, não te quero comprometer. Sabes que me vão prender e se me acompanhas suspeitarão de ti. Quanto ao que devo fazer... permitirias que o teu pai sofresse injustamente por tua causa? Não sou um herói e sei o que me pode acontecer, mas tenho de assumir a minha responsabilidade. Tu podes fazer uma coisa por mim: salva a Irina, mais cedo ou mais tarde irão atrás dela. Eu... não sei quanto tempo serei capaz de aguentar a tortura... Dizem que com a Okhrana todos acabam por falar...

O pequeno Mikhail ouvia a conversa dos mais velhos muito quieto. Não tinha mais de quatro anos, mas parecia dar-se conta de que aquele era um momento transcendental na vida dos amigos do seu pai e na sua.

— Deixa-me ir contigo... em alguma coisa te posso ajudar—insistiu Josué.

— A única coisa que vais conseguir é que também te prendam; além do mais, não podemos deixar a Irina sozinha...—insistiu Samuel.

— E não o faremos. Voltaremos à casa dos Goldanski, espero que a condessa ainda esteja a descansar. O Konstantin vai ajudar-nos. A Irina tem de sair da Rússia imediatamente.

— O quê? Não posso partir, para onde iria? Tenho de cuidar do Mikhail... o Yuri está preso, não sei o que lhe vai acontecer...

— Sabes bem o que lhe vai acontecer. Se pensas no Yuri, então leva o seu filho, é a única coisa que podes fazer por ele.—O tom de voz de Josué não admitia resposta.

— Eu quero ir com o meu pai.—Mikhail puxava a saia de Irina e no seu olhar refletia-se medo, um medo profundo de perder o pai.

— Iremos para a casa do Konstantin, é o melhor—disse Josué enquanto dava a conversa por terminada.

Samuel entrou no quarto de Raisa Korlov para se despedir. Tranquilizou-o vê-la a dormir, embora o sono fosse agitado, habitado pelo pesadelo da Okhrana a destruir a sua casa. Não conseguiu evitar sentir-se um miserável por ter levado tanta dor àquela casa onde tinha crescido com o amor do seu pai e os cuidados e mimos das viúvas Korlov, a sagaz Alina, já falecida, e a bondosa Raisa, sempre disposta a ajudá-lo.

Ainda demoraria um pouco a acordar e pensou que teria gostado de a ajudar a arrumar os restos do que tinha sido um lar, mas sabia que em poucas horas estaria preso nas mãos da polícia.

Quando chegaram às cavalariças da casa Goldanski, Samuel e Irina esconderam-se tal como Josué lhes tinha dito para fazerem. Felizmente, ainda não tinha amanhecido e a maioria dos criados dormia profundamente depois de ter bebido demasiado para celebrar o ano novo. Josué dirigiu-se à entrada principal, onde um criado lhe disse que a família estava a descansar. Mas Josué insistiu em que acordassem o seu amigo. A festa tinha terminado antes do que estava previsto. Ninguém se sentia muito animado depois da chegada da Okhrana. Konstantin seguiu Josué às cavalariças.

— Prenderam o meu pai.—Samuel explicou-lhe o sucedido nas últimas horas.

Konstantin ouvia em silêncio com uma expressão contrita e os olhos vermelhos do cansaço.

— Vou acordar a minha avó. Ela gosta muito do teu bondoso pai, talvez possa fazer valer as suas influências na corte... Mas não sei, já sabes que está muito zangada... Proibiu-me de te voltar a ver...

— A tua avó tem razão, só vos causaria problemas. Agora tenho de ir, não posso deixar de pensar que o meu pai está a ser torturado por esses selvagens, tenho de ir já.

Contudo, Konstantin insistiu em acordar a sua avó, fê-los esperar algum tempo até que a condessa Yekaterina chegasse ao salão.

Já era idosa e naquela manhã parecia mais pequena e esgotada com os acontecimentos da noite anterior.

— Não esperava voltar a ver-te. O meu neto explicou-me a situação. Não deveria comprometer a minha família, mas fá-lo-ei pelo teu pai. A meio da manhã vou ver uma querida amiga da minha família cujo marido está bem relacionado na corte. Antes seria indelicado aparecer de repente. Na verdade, a sua família pertence à de Konstantin Pobedonostsev, o tutor do czar. Não te prometo nada. Já sabes que Konstantin Pobedonostsev tem uma grande influência no czar Nicolau, ao qual aconselha a mostrar-se firme perante qualquer tentativa de mudança. Os revolucionários são tratados como os piores delinquentes e é difícil obter clemência. Sabes, Samuel, o meu marido foi um homem justo mas inteligente, conhecia bem os problemas da Rússia, mas sabia quais eram os limites, de forma que fez o possível para ajudar, para aliviar os necessitados, para influenciar que algumas coisas mudassem e... bem, já sabes que ajudou todas as pessoas que conseguiu, mas nunca pôs em perigo a sua família, o que teria ganhado com isso?

Samuel não respondeu. Baixou a cabeça enquanto mordida o lábio inferior. Sentiu o olhar intenso da condessa.

— Serás preso, Samuel, e não quero que o façam na minha casa, de maneira que deves partir. Quanto à Irina, estou de acordo com o Josué, deve fugir o mais depressa possível.

— Konstantin, dá-lhe tudo o que precisar e procura uma carruagem que a ponha a salvo, mas não uma carruagem das nossas, seria demasiado perigoso...

— Não me vou embora!—exclamou Irina enquanto Mikhail se abraçava com força às suas pernas e começava a chorar.

— Então, minha filha, não podemos fazer muito mais por ti nem por este menino pelo qual agora és responsável. Se ficares, prender-te-ão, torturar-te-ão e... perderás a vida. Se é isso que queres, assim seja, mas não me deixas outra opção senão pedir-te que saias da minha casa imediatamente. Não devias ter regressado.—A condessa Yekaterina falava com grande serenidade.

— Avó, eu encarrego-me, agora vai ver se podemos salvar o Isaac... E... bem, lembro-me de que o avô tinha uma certa amizade com o tio do czar, o Sergei Alexandrovich Romanov; talvez ele tenha mais influência na corte...

— Não posso aparecer à frente do Sergei Alexandrovich sem mais nem menos.

— Vou ao quartel-general da Okhrana. Condessa, suplico-lhe que diga aos seus amigos a verdade, que sou o único culpado e que o meu pai assumiu a culpa para me proteger. Ao dizer a verdade será mais fácil salvá-lo.

— Está nas mãos da Okhrana, de maneira que... não, não será fácil salvá-lo, e a ti também não—respondeu a condessa.

— Avó, suplico-te que faças o impossível!—Konstantin tinha pegado na mão da condessa e levou-a ao coração.

— Só Deus faz milagres. Samuel, se decidires ir ao quartel-general da Okhrana não te censurarei.

Nem sequer quero imaginar o que estará a sofrer o teu pai... Quanto a ti, Josué, acho que não te devias comprometer se não queres pôr em perigo a tua família. Embora me custe dizê-lo, és judeu e o teu avô é um rabino conhecido. Não é preciso lembrar-te o que é que significa ser um judeu na Rússia... e o facto de seres amigo do Samuel e da Irina... Não, não devias comprometer a tua família.

— É o meu dever. Não posso abandonar os meus amigos—respondeu Josué com firmeza.

— Não podes fazer nada. Dei-te um conselho como se fosses meu neto, mas não te posso prender. Agora insisto em que saiam da minha casa, não quero ser cúmplice das vossas loucuras.

Mal a condessa saiu, Mikhail começou a chorar de novo. O menino pedia a Irina que o levasse para junto do pai, mas ela nem sequer o ouvia. Konstantin estava decidido a ajudar o seu amigo e, portanto, a desobedecer à sua avó, de maneira que conseguiu convencer Samuel a esconder-se nas cavalariças até ao meio-dia à espera de que a sua avó pudesse saber alguma coisa sobre a sorte do velho Isaac.

— Entretanto, organizaremos o plano de fuga da Irina. Vou mandar alugar uma carruagem. Deve ser discreta para não chamar a atenção. Um criado da minha confiança irá também como cocheiro.

— Mas para onde irá?—perguntou Josué por Irina, que permanecia em silêncio com o olhar perdido.

— Para a Suécia, dali poderá viajar para França ou para Inglaterra. Com algum dinheiro a Irina poderá continuar a sua vida—respondeu Konstantin.

— Mas não seria melhor que fosse para Odessa e dali de barco para Inglaterra?

— A Suécia está mais próxima. É a saída natural—afirmou Konstantin.

— Estás a esquecer-te do Mikhail?—recordou-lhe Josué.

— Irá com ela à espera de que o Yuri... Embora a decisão diga respeito à Irina, ou levar o Mikhail com ela ou procurar algum familiar afastado do Yuri, ou o pequeno teria de ir para alguma instituição...

— Não!—gritou Irina.—Não me separarei do menino! O Yuri fez-me jurar que eu cuidaria do Mikhail se lhe acontecesse alguma coisa. Mas ficarei aqui; se tem de acontecer, embora seja a morte, que seja aqui.

— Não insistas no teu encontro com a morte, é um encontro que nenhum de nós pode evitar, mas não o devemos provocar. E, se te vais tornar responsável pelo Mikhail, então mais uma razão para partires. Se ficares, acabarão por te prender e o menino será enviado para um orfanato. Todos sabemos que o Yuri não voltará...—As palavras de Josué foram como pancadas secas no estado de espírito de todos eles.

As horas tornaram-se eternas. Konstantin levou-lhes alguma coisa para comerem e para beberem e pediu-lhes para permanecerem em silêncio. Ivan, o encarregado das cavalariças, era um homem mais velho que lhe tinha um grande afeto. Há tempos tinha sido seu professor de equitação e, depois de ficar coxo devido a uma queda de cavalo, Konstantin insistiu com a avó para que lhe desse um teto e um trabalho com o qual pudesse ganhar a vida. O homem agradeceu-lhe com uma lealdade absoluta, de maneira que se encarregou de que ninguém os incomodasse nas cavalariças.

Pouco antes da uma, Konstantin regressou.

— Lamento... não tenho boas notícias. O marido da amiga da minha avó mostrou-se inflexível: é uma temeridade tentar ajudar os inimigos do czar. Disselhe que nos próximos dias farão mais detenções e, como as notícias voam, a esta hora já sabia que a Okhrana tinha estado ontem à noite na nossa casa. Amavelmente lembrou-lhe que o meu falecido avô era judeu e que não é a primeira vez que há judeus a participar em algumas das conspirações contra o czar, de forma que nos avisou para sermos prudentes. Despediram-se dela de forma pouco cortês, incomodados com a visita. Ah! E também lhe disseram que a Okhrana está muito bem informada sobre os grupos revolucionários, e sugeriram que nesses grupos há sempre quem sirva de olhos e ouvidos para a polícia... Por isso prender-te-ão. Levaram o teu pai sabendo que é inocente, é a sua forma de te começarem a torturar. Tens de fugir, parte com a Irina e nunca mais voltas.

— Não, não posso fazer isso. Vou entregar-me agora. Libertarão o meu pai, têm de o fazer, é inocente. Konstantin não conseguiu convencer nem Samuel a não ir nem sequer Josué a não o acompanhar.

Despediram-se e Konstantin garantiu aos seus amigos que começaria a organizar a fuga de Irina para que partisse o mais depressa possível.

Samuel e Josué caminharam em silêncio perdidos nos seus pensamentos habitados pelo temor. Estavam a dois quarteirões do quartel-general da Okhrana quando deram de caras com Andrei. Samuel aproximou-se dele e pegou-lhe num braço com violência.

— Tu és o traidor! Onde é que está o meu pai?—gritava sem se incomodar com o olhar assombrado dos que passavam pela rua.

— Cala-te, imprudente, cala-te! Queres que nos prendam a todos? Larga-me!—Andrei empurrou Samuel e Josué teve de se meter entre os dois para evitar que se envolvessem num confronto.

— Estão loucos! Não devíamos chamar a atenção, e tu, Andrei, tens de te explicar, e se és um traidor... mais cedo ou mais tarde vais pagar—afirmou Josué.

— Ia à tua procura para te avisar. Tens de fugir e... o que está feito, está feito—disse Andrei.

Josué agarrou-lhe no braço e, sem o soltar, obrigou-o a caminhar enquanto Samuel os seguia tentando conter a raiva.

Caminharam até um parque próximo onde não passava ninguém já que tinha começado a nevar. Abrigaram-se debaixo dos ramos de uma árvore e ali, a tremer de frio, Josué obrigou Andrei a explicar-se.

— Com que então és um traidor—lançou-lhe Josué.

Andrei baixou a cabeça envergonhado e depois olhou para os dois desafiando-os.

— Nunca fui um revolucionário. Mas ao trabalhar com o bibliotecário Sokolov a Okhrana pensou que eu poderia sê-lo. Um dia levaram-me ao seu quartel-general. Como podem imaginar pensei que estava morto. Conduziram-me a uma cela cheia de restos de miséria humana, o cheiro a urina impregnava as pedras nuas das paredes. Nem sequer tinha onde me sentar. Estive ali algumas horas a ouvir os gritos de outros homens a suplicarem a morte porque não conseguiam suportar um segundo mais de dor. Sabia que me devia preparar para a tortura, para ser mais um desses pobres desgraçados, mas tinha medo, sabia que não seria capaz de resistir nem a uma única das suas agressões. Sobretudo lamentava que me fossem torturar sem eu ser um revolucionário. Umas horas depois foram buscar-me e levaram-me para uma sala onde um homem estava à minha espera. Disse-me que um dos seus informantes da universidade tinha ouvido que o Sokolov era muito admirado entre os jovens e perguntou-me se eu participava nas reuniões onde se conspirava contra o czar. Disselhe a verdade, que o grupo do Sokolov era formado maioritariamente por estudantes judeus e eu não era judeu. Disseram-me que tinha de ganhar a sua confiança, tornar-me mais um e informá-los. Aquela polícia não me pôs a mão em cima, mas os seus olhos de hiena eram suficientes para me aterrorizar. "O teu pai é um bom ferreiro e a tua mãe uma boa mulher. Achas que vão gostar de estar aqui? Confessarão, claro, confessarão qualquer coisa que lhes peçamos que confessem, esperando que assim os meus homens os deixem em paz. Mas o que vale um ferreiro e uma camponesa?! Por isso, quando confessarem, porquê desbaratar um rublo tendo-os na prisão? Lançaremos os seus cadáveres aos cães. Queres evitá-lo?" Não resisti. Jurei que os ajudaria. O homem ouviu-me sem se mover e de repente aproximou-se tanto de mim que eu cheirava o seu hálito. Então disse-me que tinha escolhido bem, que tinha escolhido entre a vida e a morte, a minha e a dos meus pais. Saiu do escritório e pouco tempo depois entraram dois homens que me conduziram a outra divisão. Abriram a porta e ali estava a minha mãe a chorar, de pé, com o corpo colado à parede. Três polícias riam-se dela. Tinham-na obrigado a despir-se e ela tentava esconder os seus seios secos com os braços. Também lá estava o meu pai. Tinha as mãos e os pés atados... Não sei se a minha mãe me viu, mas não

consegui suportar o olhar do meu pai, tinha um olhar carregado de vingança. Voltaram a levar-me para o escritório daquele homem que parecia o chefe. Chorei pedindo-lhe que libertassem os meus pais, disselhe que faria qualquer coisa. Até agora não tinham prendido ninguém do grupo do Sokolov, mas queriam dar uma lição, demonstrar que ninguém está seguro. Eles sabem sobre ti, Samuel, eu dei-lhes o teu nome. Ontem à noite, quando te foram prender, não estavas em casa. Ficaram furiosos e, ao revistarem a casa, encontraram os teus papéis e o teu pai jurou-lhes que eram dele, que tu eras inocente, que era ele quem lutava contra o regime. Levaram-nos aos dois. O teu pai suplicou-me num sussurro que o denunciasses para te desculpar a ti e...—Andrei não conseguiu reprimir um soluço—disseme que só me perdoaria se te salvasse. E ameaçou-me, regressaria do túmulo, disse, para se vingar se eu não te liberasse. Levaram-no e obrigaram-me a ficar ali. Estavam furiosos por não te terem conseguido prender. Depois foram procurar a Irina, mas também não a encontraram. O teu pai foi torturado ainda com mais raiva porque jurava que tu eras inocente e ele era o único culpado. Então eu.. bem, não posso desfazer o mal que causei, mas disselhes que embora lhes tivesse dado o teu nome na verdade não tinhas um papel importante dentro da organização, que era o teu pai quem te tinha metido as suas ideias revolucionárias na cabeça... O polícia disseme: "O judeu morreu a jurá-lo, mas não dizia a verdade, e tu também não. Por acaso queres ter o mesmo destino que ele?"

O grito de Samuel fez ranger os ramos sobre os quais se abrigavam. Josué mal teve tempo de segurar o seu amigo, que se tinha agarrado ao pescoço de Andrei com as duas mãos apertando-o com força. Nos olhos de Samuel só havia ódio, um ódio profundo impregnado de lágrimas.

— Larga-o! Larga-o! Queres ser como ele? Por amor de Deus, larga-o!—Josué conseguiu separar Samuel do pescoço de Andrei, que tinha o rosto vermelho e mal conseguia respirar. Depois abraçou o seu amigo com força numa tentativa de o confortar enquanto tentava secar as suas lágrimas.—O teu pai entregou a sua vida para salvar a tua. Não transformes o seu sacrifício numa coisa inútil...—tentou consolá-lo Josué.

Andrei olhou-os assustado, mas continuou o seu relato.

— O polícia disseme que o teu pai estava louco, que não deixava de repetir "Filho, no próximo ano em Jerusalém", que essas foram as suas últimas palavras antes de afundar pela última vez a sua cabeça numa tina de água e de o seu coração rebentar. No próximo ano em Jerusalém. Isso significa alguma coisa para vocês, judeus, não é?

Mas Samuel não respondeu, não sabia como fazer brotar as palavras, nem sequer sabia se respirava. Josué apertava-o contra o seu peito impedindo-o de se mexer, tentando transmitir-lhe afeto e proteção.

— És um miserável, devias estar morto—conseguiu dizer Samuel libertando-se do abraço de Josué.

— Sim, eu sei. Sou um covarde, um miserável. Traí-vos não só para evitar o sofrimento dos meus pais, mas também por mim; tenho medo, os gritos dos torturados ecoam no meu cérebro.

— Com que então trabalhas para a Okhrana—disse Josué afirmando o evidente.

— Pertenço-lhes.

— Achas que estás a salvo? Não, não estás, rapidamente se saberá que traístes os teus amigos, e toda a gente te virará as costas, e então, o que é que achas que farão contigo? Já não lhes servirás para nada.—As palavras de Josué fizeram com que Andrei contraísse o rosto.

— Hoje estou vivo e os meus pais também. Amanhã... quem sabe o que acontecerá amanhã.

— O que é que aconteceu ao bibliotecário Sokolov e ao Yuri... aos nossos amigos?—perguntou Samuel vencendo a repugnância que sentia para se dirigir a Andrei.

— Estão todos presos. Não voltarão a ver a luz do dia. Alguns não suportaram as torturas. O coração do Yuri não aguentou..

Samuel voltou a lançar-se ao pescoço de Andrei, mas desta vez ele escapou-se e Josué teve tempo de

agarrá-lo de novo.

— Não sujes as mãos—pediu-lhe Josué.

— Desprezam-me, mas têm a certeza de que não teriam feito a mesma coisa que eu? Vai-te embora, Samuel, se puderes sai da Rússia e nunca mais voltas, se ficares destruir-te-ão. Ah! E, quanto ao teu amigo Konstantin, embora seja aristocrata e rico, que tenha cuidado, sabem da vossa relação, além disso é meio judeu, quem sabe o que lhe pode acontecer.—Andrei fez este aviso enquanto se afastava.—Agora vou ver os meus pais, preciso de saber que estão bem.

Deixaram-no partir. Samuel chorou durante um bom bocado e Josué não fez nada para o impedir. Sabia que o seu amigo precisava de deixar escapar a angústia que o queimava e só lhe restava esperar que se sentisse com força para voltar a caminhar.

— Voltemos à casa do Konstantin. Partirás com a Irina, é o melhor—disse Josué.

— Tenho de me despedir da viúva Korlov, pagar-lhe os estragos que causaram na casa dela. O meu pai guardava as suas peles nas águas-furtadas da casa que a bondosa Raisa lhe tinha alugado. Levarei o que puder para vender.

— Eu dar-te-ei o que tiver, embora saibas que a minha família é modesta.

— Tu já me deste um tesouro, a tua amizade.

Josué insistiu em acompanhá-lo a casa. Raisa Korlov ainda dormitava, mas Samuel acordou-a para lhe explicar o que tinha acontecido, avisando-a de que Andrei era um traidor.

— Tem de sair desta casa, não suportaria tê-lo aqui—disse Raisa sem poder conter as lágrimas.

Ela deu-lhe a chave das águas-furtadas que tinha pendurada ao pescoço com um fio fino.

— O teu pai guardava as suas peles numa arca, imagino que saibas que no fundo há uma pequena caixa, era aí que escondia o que ganhava. Dissemo quando ainda eras pequeno, para o caso de acontecer alguma coisa. Como vês, confiava em mim. Procura-a, é tua, e parte o quanto antes, a Okhrana não se conformará com a vida do teu pai, virá à tua procura.

Com a ajuda de Josué, Samuel escolheu algumas peles e decidiu dividir as outras entre a viúva Korlov e o seu amigo, não podia levá-las todas e queria demonstrar-lhes a sua gratidão.

Na caixa do seu pai encontrou o dinheiro que ele guardava, o suficiente para viver com dignidade durante, pelo menos, dois ou três invernos e fazer as viagens que ano após ano o levavam até Paris e até Marie. Nesta ocasião esse dinheiro serviria para começar uma nova vida, embora se perguntasse onde é que isso seria possível.

— Samuel, o teu pai marcou o teu caminho: no próximo ano em Jerusalém. É o que ele queria, são as últimas palavras que proferiu para ti—lembrou-lhe Josué.

— Jerusalém... Jerusalém... Eu nunca quis ser judeu...—lamentou-se Samuel.

— Não podes deixar de ser o que és, Samuel. És judeu, quer queiras quer não, quer acredites quer não. És judeu e, embora fujas, sê-lo-ás sempre. No próximo ano em Jerusalém, meu amigo, oxalá nos encontremos lá algum dia.

Quando chegaram à mansão dos Goldanski, Konstantin já tinha preparado todos os pormenores para a fuga de Irina. Samuel e Josué explicaram ao seu amigo o que tinha acontecido, incluindo o aviso de Andrei.

— O Andrei é um traidor? Que miserável!—exclamou Konstantin.

— Tu também devias partir durante uns tempos—disse Josué a Konstantin.

— Eu? Partir? Não têm nada contra mim, é verdade que sou amigo do Samuel, mas isso não é motivo suficiente para ter de fugir; além disso, não vou abandonar a minha avó e a minha irmã Katia.

— Deixa que seja a tua avó a decidir. Tens de lhe contar o que o Andrei nos disse.

Konstantin prometeu a Josué que assim o faria. Depois explicou o plano de fuga aos seus amigos.

Tinha mandado Ivan alugar uma carruagem e seria o estribeiro a levá-los até à Suécia pelos caminhos menos transitados. Dali podiam apanhar um barco até Inglaterra.

Mas Samuel, para não comprometer ainda mais o seu amigo, insistiu em ser ele a conduzir a carruagem.

— Mas tu nunca conduziste um carro de cavalos!—protestou Konstantin.

— Se consegui ser químico, acho que vou conseguir manobrar esta carruagem. A Irina e o Mikhail vão lá dentro, a salvo de olhares indiscretos. Se alguém nos parar diremos que somos uma família de comerciantes, que vou vender peles a Inglaterra.

— Ninguém vai acreditar que um comerciante viaja em pleno inverno com a sua família e muito menos em direção à Suécia. É melhor pensares noutra desculpa... não sei, que vais visitar um familiar que está prestes a morrer...—sugeriu-lhes Josué.

Os três amigos abraçaram-se entre lágrimas sem saberem se alguma vez se voltariam a ver. Irina juntou-se ao abraço.

Nevava sem tréguas e a luz do dia estava a apagar-se quando se puseram a caminho. Samuel estava esgotado, mas tinha decidido conduzir toda a noite para se afastar o máximo possível de São Petersburgo. Quando o cansaço o afetasse, então afastar-se-iam do caminho e dormiria um pouco dentro da carruagem. Não queria parar em nenhuma pousada, tentaria que ninguém os visse para não chamar a atenção por mais que a viagem fosse dura para Irina e, sobretudo, para o menino. Samuel não sabia em que momento iriam à criança que nunca mais veria o seu pai.

Enquanto ia deixando São Petersburgo para trás, perguntava-se se a Okhrana iria no seu encalço. Amanhecia quando, sentindo-se exausto, decidiu parar. Os cavalos também precisavam de descansar. Esconderam-se entre umas árvores, ao pé de um regato, não muito longe do caminho.

— Os cavalos têm de comer e beber—disse a Irina.

Ela saiu da carruagem, deixando Mikhail tapado com uma manta de pele, e ajudou a desatar os cavalos e a dar-lhes de beber. Não lhes foi fácil, nenhum dos dois alguma vez o tinha feito, mas Samuel lembrou-se das instruções de Ivan, o estribeiro de Konstantin. Demoraram algum tempo a conseguir.

— Tens de comer alguma coisa. O Konstantin deu-me umas cestas com comida suficiente para alguns dias—disselhe Irina.

Comeram de pé, junto à carruagem, atentos aos cavalos. Depois ela mandou-o descansar.

— Eu vigio os cavalos e estou atenta a qualquer ruído estranho.

— Mas não podes ficar a enfrentar a intempérie—protestou Samuel.

— Vou tapar-me o melhor que conseguir. Tens de descansar, será tudo mais fácil se dividirmos as tarefas. Não me vejas como uma pobre mulher, sou forte, garanto-te que poderei suportar a neve na minha cabeça.

Samuel entrou na carruagem, aconchegando-se junto a Mikhail, e adormeceu de imediato. Irina acordou-os após duas horas.

Mikhail tinha fome e Samuel também voltou a comer antes de subir para a boleia, embora tivesse ficado preocupado com a tosse de Irina.

— Foi uma loucura ficares fora da carruagem. Não o farás mais.

— Sim, fá-lo-ei. Não me ofereço para conduzir a carruagem porque sei que chamaríamos a atenção, mas pelo menos ajudarei em tudo o que for possível. Temos de sair da Rússia o quanto antes e para isso é necessário o esforço dos dois.

E ali, na solidão dos campos nevados, enquanto conduzia a carruagem que devia levá-los à liberdade, o meu pai foi-se despedindo da Rússia, convencido de que nunca mais voltaria. Tinha sido um ingénuo ao pensar que podiam derrubar o czar. Também não conseguia tirar da cabeça as últimas palavras do seu

pai: "Jerusalém... Jerusalém."

Dizia-se que ele tinha renunciado ao judaísmo e não tinha voltado à sinagoga desde o seu Bar Mitzvah, a cerimônia através da qual os meninos se convertiam em membros da comunidade. Desde que tinham assassinado a sua mãe tinha cortado relações com Deus. Eliminou-o da sua vida porque não precisava dele. Para que é que queria um Deus que tinha permitido que matassem a sua mãe, os seus irmãos e a sua avó? Também não tinha feito nada para salvar o seu pai. De maneira que, se Deus lhe tinha virado as costas, ele também lhes virava. Assim sendo, que sentido fazia pensar em Jerusalém? O seu pai tinha sido um bom judeu, sempre cumpridor da lei de Deus, a sonhar, em silêncio, que um dia iria à Terra Santa. Contudo nunca tinha dado os passos necessários. A Bíblia tinha-lhe inoculado as saudades de Jerusalém, a cidade de Deus, mas na verdade o seu pai era russo e só russo. Pensava, sentia, amava, chorava como um russo. Ele sabia-o bem.

Irina e Mikhail adoeceram. Não paravam de tossir, e a febre apoderou-se dos dois. Ainda assim, Irina insistia em cuidar da carruagem e dos cavalos durante as escassas horas em que Samuel descansava. Continuavam a evitar as pousadas embora mal lhes restassem provisões para eles e para os cavalos.

Irina dividia a comida entre Samuel e Mikhail e ela mal se alimentava. Estava consciente de que Samuel precisava de todas as suas forças para os tirar do país. Quanto a Mikhail, era um filho inesperado ao qual devia dedicar o resto da sua vida. Sabia que era isso que Yuri queria. Não tinha tido mais remédio senão dizer ao menino que o seu pai tinha morrido, e se alguém lhe perguntasse devia dizer que ela era a sua mãe e Samuel o seu pai, caso contrário levá-lo-iam para sempre.

Um dia Samuel disselhe que julgava que já estavam na Finlândia.

— Não interessa se já estamos na Finlândia, continuamos dentro do império—respondeu ela.

— Sim, mas já falta menos. Quando chegarmos à Suécia seremos livres.

Samuel estava esgotado depois de tantas jornadas a conduzir a carruagem por caminhos gelados, afastados das vilas e aldeias. Dormia apenas umas horas por noite, desejava chegar o quanto antes à Suécia, não só por se sentir livre da ameaça dos homens do czar, mas também porque estava preocupado com o estado de Irina, até mais do que com o de Mikhail. Sabia que ela se esforçava para evitar que ele a ouvisse tossir, e embora não fosse médico não o podia enganar. Sabia que ela estava doente e que precisava de descansar.

Mikhail não o preocupava tanto. Era um menino forte. Já quase não tinha tosse e tinha vencido a febre. Mikhail lembrava-lhe ele próprio durante aquela longa viagem de Paris a Varsóvia na companhia do seu pai. Também ele tossia e tinha febre. Levava aquela viagem presa na memória. Como esquecer que quando chegaram ao seu destino encontraram a sua mãe assassinada?!

Samuel viu umas casas salpicadas de neve desenharem-se entre as árvores. Pareciam cabanas de lenhadores, mas decidiu evitá-las, pois naquele dia a sorte não estava do seu lado.

Anoitecia quando adormeceu e devem ter chocado contra alguma pedra, já que ele perdeu o controlo dos cavalos e a carruagem despenhou-se para o lado, ficando com duas rodas inutilizadas.

Quando se apercebeu estava no chão, com uma dor intensa na cabeça, e com uma perna quase paralisada. Ouviu os cavalos resfolegarem enquanto os soluços de Mikhail o trouxeram de volta à realidade. Tentou levantar-se, mas não conseguia.

— Irina, Mikhail!—gritou. Mal conseguia ver onde estavam.

Ninguém respondeu. Arrastou-se como pôde até à carruagem e, agarrando um estribo, conseguiu levantar-se para tentar abrir a portinhola que não tinha ficado enterrada pela neve e pelo gelo. A princípio não conseguiu, depois notou como alguém tentava abrir por dentro. A escuridão já era total quando finalmente abriu a portinhola. Irina estava inconsciente e sangrava da cabeça. Era Mikhail, sentado ao seu lado, quem tentava abrir a portinhola.

— Consegues andar?—perguntou ao menino.

Mikhail assentiu e deu a mão a Samuel para saltar da carruagem. Com o esforço, os dois caíram na neve. Samuel abraçou o menino e pediu-lhe que não chorasse.

— Ouve, Mikhail, temos de tirar a Irina dali, e se choras não consigo fazê-lo. Preciso da tua ajuda.

O menino desatou a chorar e refugiou-se nos braços de Samuel.

— Não fala—disse Mikhail referindo-se a Irina.

— Deve ter batido com a cabeça, mas não te preocupes, não lhe vai acontecer nada, no máximo fica com um galo como aqueles que tu tens quando caís.

Samuel estava a fazer um esforço titânico porque a dor na cabeça e na perna eram-lhe insuportáveis.

De repente todos os nervos do seu corpo ficaram tensos. Alguém se aproximava. Eram uns passos firmes, categóricos, que pareciam quebrar o gelo. E viu uma luz que se movia ao mesmo ritmo. Abraçou o menino para o proteger, sem saber muito bem o que fazer. Subitamente, uma luz cegou-lhe os olhos e impediu-o de ver quem tinha à sua frente.

— Estão bem?—Era a voz forte de um homem que se dirigia a ele.

— Sim... bem, tivemos um acidente...

— Ouvimos um barulho forte e o relinchar dos cavalos—respondeu o homem.

— Acho que parti uma perna e... a minha esposa, que está na carruagem, desmaiou. Pode ajudar-me a tirá-la de lá?

O homem aproximou-se mais e colocou a candeia no chão. Depois pediu-lhe que se afastasse e, com um movimento rápido, entrou na carruagem. Uns minutos depois saltava com o corpo de Irina nos seus braços.

— A minha cabana está muito perto, apenas a cem passos. Se quiserem, levo a sua esposa e depois volto para vos ajudar.

— Obrigado—respondeu Samuel, aliviado.

Enquanto o homem se perdia na escuridão da noite, Samuel recordava Mikhail do que devia dizer aos estranhos.

— Não te esqueças do que eu te disse: a Irina é a tua mãe e eu o teu pai, caso contrário poderiam magoar-nos e separar-nos para sempre.

O homem regressou e Samuel apoiou-se nele como se fosse uma muleta.

Na cabana havia duas mulheres a tratar de Irina, a qual tinham deitado num colchão de palha perto da lareira que aquecia toda a divisão. Um menino não muito mais velho do que Mikhail observava os desconhecidos de um canto.

— A minha mulher e a minha filha vão tratar da sua esposa—disse o homem.

— Obrigado—respondeu Samuel.

— Devia entalar a sua perna—afirmou o homem.

— Sabe fazê-lo?—perguntou Samuel com curiosidade.

— Aqui não há médicos. Nascemos e morremos sozinhos.

Não demorou muito a procurar uns bocados de madeira e em limá-los, depois pediu à sua filha um pedaço de tecido limpo. Natasha, assim se chamava a rapariga, obedeceu de imediato, enquanto a sua mãe continuava a limpar o sangue da ferida da cabeça de Irina.

Quando Samuel conseguiu aproximar-se de Irina verificou que o corte era muito profundo e que era preciso cosê-lo. O camponês deve ter pensado a mesma coisa, e pediu à sua mulher um fio fino e uma agulha. Depois, com muito cuidado, foi unindo a carne desgarrada perante o olhar preocupado de Samuel, que a muito custo sabia que não tinha outra opção senão confiar naquele homem.

Irina demorou algum tempo a recuperar os sentidos e quando o fez tinha os olhos vidrados pela febre

e não parava de tremer. Samuel deu-se conta de que estava mais doente do que tinha imaginado. Pediu à mulher que aquecesse alguns tijolos no lume e, envolvidos em peles, os colocasse no peito de Irina. Entretanto, o homem tinha saído da cabana há algum tempo.

— Os cavalos estão a salvo, embora um tenha a pata partida, mas já a entalei como a sua. Amanhã preocupamo-nos com a carruagem. Podem ficar e passar aqui a noite, mas não há conforto para pessoas da vossa condição—afirmou o homem quando regressou.

— Como se chamam?—quis saber Samuel.

— Chamo-me Sergei, e estas são a minha esposa Masha e a minha filha Natasha. O meu neto chama-se Nicolau, como o nosso paizinho, o czar.

— Fico-lhe muito agradecido, Sergei, e aceito a sua hospitalidade. A minha esposa não se encontra bem e precisa de descansar.

— Está doente do peito, acho que vai morrer.—As palavras do camponês sobressaltaram Samuel.

— Não! Não vai morrer. Está doente, sim, mas vai recuperar. Só precisa de descanso.

Sergei encolheu os ombros enquanto começava a preparar uma infusão de ervas no lume da lareira. Quando acabaram de ferver, deu-a de beber a Irina.

— Estas ervas vão aliviá-la e deixará de tossir.

— Sabe curar com ervas?

— O meu pai fazia-o, e antes dele o seu pai, e o pai do seu pai... Aproveitamos o que o bosque nos oferece. Mas nem sempre conseguimos curar, por vezes só aliviar o sofrimento. E agora comam alguma coisa antes de descansar, o que temos não é muito, mas deve ser suficiente para todos.

Samuel não conseguiu vencer a sua curiosidade e perguntou a Sergei pelas ervas que utilizava para curar. Depois comeram em silêncio. Mikhail adormeceu com o estômago praticamente vazio.

Há horas que o sol tinha nascido quando Samuel acordou. Demorou uns segundos a lembrar-se do que se tinha passado e de onde estava. Acalmou-se ao sentir Mikhail ao seu lado e Irina adormecida junto à lareira.

Masha, a esposa de Sergei, estava a um canto da cabana a descascar nabos. Natasha e o seu filho não estavam presentes, Sergei também não.

— Lamento... acho que dormi demasiado—disse enquanto tentava endireitar-se.

A mulher ajudou-o enquanto lhe sorria.

— O sono também cura. Não se preocupe, a sua esposa está melhor. Hoje de manhã dei-lhe um pouco de pão e também bebeu uma chávena de chá. A ferida da cabeça vai cicatrizar bem.

— E o seu marido?—perguntou com preocupação.

— Está a tentar arranjar a sua carruagem. Encontrou as rodas partidas, fará o que estiver ao seu alcance. Já deu de comer aos cavalos. Ah! E aqui está a sua bagagem, tirou-a da carruagem; por aqui não passa ninguém, mas é melhor tê-la por perto e assim ninguém vos poderá roubar.

— E a sua filha?

— A Natasha está a ajudar o pai e o meu neto está no estábulo a dar de comer aos coelhos.

— Não sei como vos poderemos agradecer pelo que estão a fazer por nós.

— Deus vê tudo, de maneira que agimos como Ele espera.

— Deus?

— Claro, tem alguma dúvida? Se não vos ajudássemos, Ele iria reclamar quando comparecêssemos à sua frente.

— Então fazem o bem para agradar a Deus.

A mulher olhou-o assombrada como se as coisas pudessem ser de outra maneira.

— Naquele canto há um jarro com água, pode-se lavar um pouco.

Sergei tinha deixado preparada uma muleta para Samuel. Tinha-a improvisado cortando um ramo. Assim, coxeando e com a ajuda da muleta, foi caminhando lentamente até junto do caminho onde se encontrava a carruagem.

Ficou maravilhado ao encontrá-la de pé, só um gigante poderia levantá-la, mas então reparou que Sergei devia medir cerca de dois metros e tinha as costas largas e as maiores mãos que já tinha visto na sua vida. Além disso, contava com a ajuda de uma mula que Natasha segurava com paciência.

Apesar da insistência de Samuel em ajudá-lo, Sergei mal lhe prestou atenção.

— Reparou muitos eixos de carroças?—perguntou o camponês sem ironia.

— Não, a verdade é que não, mas posso ajudá-lo.

— A carruagem precisa de uma boa reparação. Não só as rodas. Temos de procurar alguma coisa para tapar as janelas para não entrar frio, e depois vemos se consigo arranjar a amolgadela do lado direito, que é o que embateu contra o gelo.

— Temos de continuar o caminho imediatamente.

— Porquê tanta pressa?

— A mãe da minha esposa está muito doente. Ela quer estar ao seu lado.

— Pois não pode ser de imediato, eu não faço milagres. Demorarei algum tempo a reparar a carruagem. Tenho de ir à aldeia comprar algumas peças.

Samuel tentou que Sergei não se desse conta da preocupação que as suas últimas palavras lhe tinham provocado.

— Não, não será necessário. Peço-lhe que faça o possível para reparar as rodas; quanto à carruagem, pouco importam os abaulamentos... A minha esposa nunca se perdoaria por não estar junto da sua mãe moribunda.

Sergei olhou-o de cima a baixo sem um vislumbre de curiosidade e encolheu os ombros.

— Cada um sabe dos seus assuntos. Farei o que puder, mas não sei se vou conseguir acabar antes de anoitecer.

— Não nos podemos atrasar mais...—suplicou Samuel.

O descanso fez bem a Irina, ou talvez fossem aquelas ervas que a mantivessem adormecida e quase sem tossir. Masha dedicava-se a obrigá-la a comer, e conseguiu que provasse uma sopa de legumes e um pouco de coelho assado. Entretanto, Mikhail brincava com o menino da casa a deslizar com um trenó rudimentar que Sergei tinha construído.

Samuel tentava não perder de vista nenhum membro da família, temendo que fossem à aldeia e contassem que tinham acolhido na sua casa uns forasteiros acidentados. Mas Masha parecia demasiado atarefada a ocupar-se da família e a cuidar de Irina, e Natasha não se separava do seu pai.

— Quando eu morrer alguém terá de fazer o que eu faço. Não tenho filhos e a Natasha não tem marido, de maneira que tem de aprender a cuidar de si própria e a manter o pouco que temos, a cabana, o apendre... Se conseguir entender o bosque, ele proporcionar-lhe-á tudo aquilo de que precisa para viver.

Sergei trabalhou durante todo o dia a tentar arranjar a carruagem, mas teve de parar quando a luz começou a empalidecer.

— Amanhã acabo—disse a Samuel.

— Agradeço-lhe, teremos tudo preparado para partir de imediato.

Sentaram-se à volta do lume da lareira onde, muito perto, Irina continuava deitada no colchão de palha que Natasha lhe tinha cedido. Continuava a ter febre, embora tossisse menos graças às infusões de Sergei. Quanto a Mikhail, parecia contente por partilhar jogos com Nicolau. O menino estava esgotado depois de tantos dias de viagem e aquela paragem no caminho estava a fazer-lhe bem. Até Samuel tinha de reconhecer que ele próprio se sentia mais forte depois do descanso e da sopa quente de Masha.

Estava preocupado com Irina, aquela tosse saía-lhe das profundezas dos pulmões, e a febre alta era um sintoma de infecção. Não se enganava em relação ao diagnóstico: pneumonia. Tinha a certeza. Ao acompanhar Oleg Bogdanov nas visitas ao hospital de São Petersburgo, não tinha demorado a distinguir os sintomas de algumas doenças. Por isso, sabia que o melhor era que Irina permanecesse algumas semanas naquela cabana com os cuidados de Masha e o calor da lareira. Mas se ficavam, mais cedo ou mais tarde espalhar-se-ia a notícia de que uns viajantes estavam na cabana de Sergei, o lenhador, e essa notícia chegaria rapidamente aos ouvidos dos homens do czar. Tinham de partir, embora isso pudesse pôr em perigo a vida de Irina. No entanto, Samuel sabia que ela preferiria morrer livre do que numa prisão da Okhrana.

Ao amanhecer, quando acordou, nem Sergei nem Natasha estavam na cabana. Aproximou-se de Irina, que dormia tranquilamente. Sobressaltou-se ao não ver Mikhail. Também não viu Masha nem o seu neto Nicolau. Saiu da cabana e o vento fê-lo cambalear. Nevava com tal força que quase não se via nada. Começou a andar até avistar Sergei, que estava a acabar de arranjar a portinhola da carruagem com a ajuda de Natasha.

— Lamento, adormeci, deviam ter-me acordado para ajudar—disse dirigindo-se a Sergei.

— Não é preciso, tenho ajuda suficiente com as mãos da Natasha. As rodas já estão prontas, pode ajudar-nos a colocá-las. Mas esta portinhola... A Natasha tapou as janelas com um pedaço de couro velho, mas não é suficiente para evitar o frio.

— Não importa, levamos mantas de pele.

— Mesmo com mantas de pele a sua esposa adoeceu... Acho que ainda não deviam partir, ela não está bem.

— Não podemos ficar. E o meu filho?

— Está no alpendre, a minha esposa está a dar de comer aos animais e o meu neto e o seu filho insistiram em ajudar.

Samuel preparou meticulosamente o interior para que Irina fosse o mais confortável possível e tirou duas peles da arca que levavam como parte da bagagem.

Masha insistiu em que comessem alguma coisa antes de retomarem a viagem.

— Não vão encontrar nenhuma pousada e, com o que está a nevar... Não quero insistir, mas a sua esposa estaria melhor aqui—sugeriu Masha.

— Cala-te, mulher, cada um sabe porque é que toma as suas decisões—lançou-lhe Sergei.

Quando instalaram Irina na carruagem com Mikhail ao seu lado, Samuel despediu-se dando um abraço a Sergei. Quis também pagar-lhe tudo o que tinha feito e tirou algumas das moedas do seu pai, mas o lenhador recusou-as.

— Não vos ajudámos para obter uma recompensa. Não nos devem nada. Vão em paz, tal como nós ficamos.

— Causei-vos muitos incómodos, deixem-me ajudar-vos...

— Não nos podem pagar o que fizemos por vontade própria. Vão e tenham cuidado, depois da nossa aldeia, vão encontrar outra maior, e perto dali um regimento.

Samuel não soube o que responder perante o aviso do lenhador, assombrado de que por detrás daquela força houvesse um homem sensível e inteligente.

— Eu não desafiaria este temporal para chegar ao leito de morte da minha sogra. E não porque não seja uma boa mulher, mas porque é uma loucura. Devem ter razões importantes para fazer o que estão a fazer, mas não é assunto nosso.

Masha deu-lhe uma cesta com um pote de mel, um pão grande e as ervas para aliviar a tosse.

Ao despedir-se daquela generosa família, Samuel não conseguiu evitar as lágrimas. Nunca esqueceria

Sergei, o lenhador.

Conduziu com cuidado evitando o terreno em mau estado, embora com a neve fosse difícil ver o caminho. Além do mais, não podia forçar os cavalos. Tinha tido de deixar um deles com o lenhador porque tinha a pata partida.

Mikhail, apesar da sua pouca idade, parecia ter percebido que Irina estava muito doente, e tentava não incomodá-la. Apesar da penosa viagem, Samuel mal parava. À noite, por mais que nevasse, envolvia-se numa manta de pele e dormia junto à carruagem. Não queria perder os cavalos de vista, sem eles nunca chegariam à Suécia.

Sabia que poderiam chegar antes se apanhassem um barco, mas preferia evitar a costa, onde havia mais aldeias, ouvidos indiscretos e, sobretudo, tropas; assim sendo, esperava que tivessem mais possibilidade de lá chegar pelo caminho mais longo.

Eram tantas as horas em que permanecia em silêncio que às vezes julgava ouvir os seus próprios pensamentos, e à noite, antes de descansar umas horas, falava com Mikhail como se fosse um adulto.

Samuel aproveitava até aos últimos raios de luz antes de parar e descansar, e mal dormia umas horas punha-se a caminho, muito antes de ver o amanhecer a desenharem-se. E foi num desses entardeceres que se cruzou com um caçador. Era um homem alto e robusto e levava um surrão de pele. Samuel cumprimentou-o e o homem encolheu os ombros, parecia não o entender. Samuel parou a carruagem e desceu, tentando que aquele caçador lhe dissesse onde estavam, e quase chorou de emoção quando soube que há dois dias que tinham entrado na Suécia. O acaso tinha-os levado por um caminho que, sem o saberem, eludia a fronteira evitando a alfândega e os soldados. O homem indicou-lhe por sinais que não muito longe dali havia uma aldeia maior onde poderia encontrar forragem para os cavalos.

A aldeia não parecia muito diferente das que fora contornando desde que tinham entrado na Finlândia, embora a elegância da igreja de madeira o tivesse surpreendido.

Também por sinais perguntou a uma mulher onde podia comprar forragem para os cavalos e alugar um quarto para descansar. A mulher guiou-o até ao outro extremo da aldeia, onde uma casa de madeira escura fazia de estalagem. Quando alugou um quarto, encarregou-se de levar Irina para cima. Tinha piorado e Samuel temia pela sua vida.

O quarto tinha uma lareira que o estalajadeiro acabava de acender, e uma cama grande que parecia confortável. A esposa do estalajadeiro indicou-lhes onde se podiam limpar. Sempre ajudado por sinais, Samuel pediu-lhe uma bacia com água quente. Queria lavar Irina, pensou que isso a confortaria.

Como eram os únicos hóspedes, os estalajadeiros não demoraram a levar-lhes a bacia e a mulher ofereceu-se para ajudá-lo a lavar Irina. Samuel respirou aliviado.

Ela mal se queixou e deixou que o fizessem. Tinha o cabelo sujo e a roupa da viagem cheirava mal. A estalajadeira pediu autorização para lavar a roupa. Deu-lhe a entender que não lhe cobraria muito.

Samuel sentiu-se quase feliz quando viu Irina naquela cama, com lençóis limpos e o calor da lareira a acariciar o aposento. Examinou-a cuidadosamente. Irina parecia mais pequena de tão magra que estava. E os seus olhos azuis, outrora brilhantes, tinham-se tornado baços.

A estalajadeira também se encarregou de Mikhail, a quem deu banho sem ligar muito aos protestos do menino.

Naquela noite dormiram como não faziam desde que tinham abandonado São Petersburgo. Não foi o leito acolhedor nem o calor da lareira que os fez repousar profundamente, mas sim a tranquilidade de se saberem a salvo dos homens do czar Nicolau II.

Samuel decidiu ficar naquela aldeia até Irina melhorar. De forma que, com a ajuda da estalajadeira, dedicou os dias seguintes a tentar recuperar a saúde de Irina. Mikhail aborrecia-se, mas não dizia nada. Samuel tinha-lhe explicado que Irina precisava de descansar.

— Se não descansar morre? Não quero que morra, se morre ficarei sozinho contigo porque não conheço mais ninguém.

— Não te preocupes, Mikhail, a Irina não vai morrer, mas precisa de repouso e que tu te portes bem. Permaneceram na aldeia mais de um mês, até Irina se conseguir levantar.

Os estalajadeiros eram boas pessoas e os habitantes mostraram-se cordiais com eles. Estavam acostumados aos forasteiros porque a distância que os separava da Finlândia e do império do czar não era muita. Desta forma, a presença de um casal com o seu filho não chamou a atenção mais do que o habitual, exceto pela curiosidade em saber sobre a doença de Irina, com a qual se compadeciam verdadeiramente. Entretanto, Samuel ia deixando que uma palavra se instalasse nos seus pensamentos mais íntimos: Jerusalém. Devia-o ao seu pai.

Não seria fácil chegar, mas ali seriam livres. Sabia de outros russos, judeus como ele, que tinham emigrado para a Palestina e construído ali o seu lar. Em muitos recantos do Império Russo tinham-se formado grupos que se denominavam os Amantes de Sião e cujo objetivo era regressar à terra dos seus antepassados. Alguns tinham-no conseguido e tinham fundado colónias agrícolas das quais obtinham o seu sustento.

Os funcionários turcos não pareciam pôr grandes impedimentos desde que recebessem os tributos para enviar para Istambul. Viviam e deixavam viver sempre que não lhes criassem problemas.

Mas primeiro iriam a Paris, onde venderia a Marie as peles que conservava na arca.

Há dois anos que não a via, mas lembrava-se de que era uma mulher firme e bondosa que, sem dúvida, tinha amado o seu pai em silêncio sem nunca pedir nada, sabendo que entre eles estava Ester, a esposa falecida, mas nunca esquecida.

De Paris iria a Marselha e procuraria um barco que os levasse à Palestina, embora se perguntasse se Irina queria ir com ele.

Não lhe tinha dito o que tinha em mente, que estava há dias a planear a viagem a Jerusalém. Receava a sua resposta. Irina não era judia, embora Mikhail fosse, mas porque é que deveriam querer acompanhá-lo? Sim, temia a sua resposta, porque também não seria capaz de a deixar à sua sorte, e muito menos com o pequeno Mikhail, por quem tinha carinho.

Mikhail tinha sido um rapazinho ao qual mal tinha prestado atenção quando o via nos braços do seu pai, Yuri, ou nos de Irina. Mas o sofrimento da viagem tinha-os unido, e a criança tinha respondido com uma maturidade invulgar para a sua idade, como se tivesse consciência de que o resto das suas vidas dependia do sucesso daquela fuga.

Mas tinha o direito de lhes pedir que passassem de súbditos do czar Nicolau II a súbditos do sultão? Não seria mais sensato começarem uma nova vida em Paris? Não tinha respostas para tantas perguntas e esperava pelo momento de as colocar a Irina, que pouco a pouco melhorava embora ainda estivesse muito fraca.

Foi ela quem lhe disse, uma noite, que deviam continuar a viagem.

— Eu já estou bem, não devíamos ficar mais tempo, por causa da minha doença gastámos muito dinheiro e em breve ficaremos sem nada. É melhor chegar o mais rapidamente possível a Paris e procurar um trabalho. Tu não terás muitos problemas, és meio francês.

— Vais gostar de Paris e da Marie, já te falei dela. É uma modista extraordinária. Vai comprar-nos as peles e depois...

Ela não o deixou continuar. Parecia entusiasmada com a proposta.

— Sempre quis conhecer Paris. Trabalharemos, procuraremos uma escola para o Mikhail. A única coisa que podemos agradecer aos czares é terem feito do francês a nossa segunda língua.

— Que só as classes cultas conhecem—referiu Samuel.

— Bem, tu és meio francês, contaste-me que a tua mãe era parisiense... Além disso, os meus pais fizeram um esforço para me darem uma educação, julgavam que viria a ser duquesa—disse com amargura.

Samuel esteve prestes a confessar-lhe que Paris não era a última etapa da viagem, mas preferiu esperar para lho dizer noutra momento.

Mostrava-se cauteloso quando tinha de gastar dinheiro, mas decidiu que quanto antes chegassem a Paris mais perto estariam da Palestina, por isso dois dias depois retomaram o caminho em direção a Gotemburgo. Dali Samuel tinha previsto embarcar rumo ao porto francês de Calais.

A viagem até Gotemburgo foi quase agradável. Irina parecia animada e quando paravam Mikhail desfrutava, tentando pescar nos inúmeros lagos que iam encontrando ao longo da viagem. Já não se tinham de esconder com medo que os homens do czar os apanhassem a qualquer momento. Os camponeses que encontravam à sua passagem mostravam-se atenciosos e sempre dispostos a ajudá-los.

— Teria gostado de conhecer Estocolmo—confessou-lhe um dia Irina.

— Eu também, mas o estalajadeiro aconselhou-nos o porto de Gotemburgo, onde encontraremos um barco, vais ver.

E encontraram-no. O capitão de um velho navio mercante mostrou-se disposto a levá-los na travessia que ia iniciar até França, embora o preço que exigiu fosse mais elevado do que o que Samuel esperava. Mas a sorte não estava totalmente contra ele e o próprio capitão recomendou-lhe onde podia vender a carruagem e os cavalos. No fim, embarcaram.

Samuel suportou mal os vaivéns das ondas e quase não saiu do camarote durante toda a travessia, mas Irina e Mikhail desfrutaram da navegação. A criança ia de um lado para o outro na coberta sem que os marinheiros protestassem com aquelas andanças; e Irina passava as horas embasbacada a olhar para o mar. Teria gostado de que aquela travessia nunca acabasse e lamentou o dia em que um dos marinheiros avistou a costa que antecipava o porto de destino.

— Mesmo em terra tenho a cabeça às voltas—queixou-se Samuel assim que desembarcou.

Procuraram uma diligência que os levasse a Paris. Irina negava-se a perder mais um dia para chegar àquela cidade com a qual tinha começado a sonhar. Foi a caminho de Paris que Samuel comentou com ela o seu desejo de ir para a Palestina.

— Para a Palestina? E o que é que faríamos lá? Desde quando é que estás a pensar nesta ideia tão disparatada?

— Tens razão, não falámos sobre isso, mas estou a pensar no assunto desde que saímos de São Petersburgo, devo-o ao meu pai. Compreenderei que não me queiras acompanhar. Deixo-te em Paris, com a Marie; é uma boa mulher que cuidará de ti e do Mikhail e pode ser que te arranje trabalho. Claro que não partirei enquanto precisares de mim.

Depois daquela confissão, Irina mal falou com Samuel durante o resto da viagem. O silêncio tinha-se instalado entre os dois fazendo-os sofrer, mas nenhum deles foi capaz de o quebrar. Mikhail estava muito inquieto com medo de os perder. Sentia a falta do pai, mas amava-os e pouco a pouco tinha-se acostumado a senti-los como a sua família.

Marie acolheu-os na sua casa. Na verdade, era a casa onde antes vivia Monsieur Elias, o avô de Samuel. O ancião tinha acabado por se afeiçoar àquela jovem séria e honrada que, além do mais, era uma excelente modista. Por isso, pouco a pouco, por influência de Isaac, tinha-se ido apoiando nela para conduzir o negócio. Um dia propôs-lhe que se tornassem sócios e ela aceitou de bom grado. Pouco antes de morrer, Monsieur Elias vendeu-lhe a oficina que comunicava com a sua própria casa, que se situava no primeiro andar.

Marie conseguiu pagar-lhe porque Monsieur Elias tinha sido extremamente generoso com ela, já que

nos seus últimos anos de vida a via como a filha que tinha perdido. Assim, Marie mudou-se das pequenas águas-furtadas que partilhava com a sua mãe na Place des Vosges para aquele bairro elegante de Paris onde as damas iam comprar os seus vestidos e encomendar os casacos confeccionados com aquelas peles russas que causavam inveja.

Samuel sentia aquela casa como sua e, embora Marie a tivesse decorado ao seu gosto, para ele continuava a ser uma parte da sua infância.

— É uma boa rapariga—disselhe Marie depois de conhecer Irina—,devias casar com ela.

— Não estou apaixonado, Marie, se o estivesse achas que iria para Jerusalém e a deixava aqui?

— Claro que estás apaixonado! Mas levas no teu coração a culpa pela morte do teu pai e essa culpa é mais forte do que o amor. Vais a Jerusalém porque julgas que deves isso ao teu pai, não porque o queiras realmente. Lembro-me de ti desde criança, a discutires com o teu pai e a lutares por não seres judeu... Sabes uma coisa, meu querido? Deverias perdoar-te a ti próprio. Tenho a certeza de que o teu pai fez o que fez, morreu para te proteger, mas sem te fazer qualquer censura. Não te castigues, Samuel, fala com a Irina e, se ela quiser, forma uma família, tu também és responsável pelo Mikhail. O menino está assustado, não te quer perder.

— Sei que devo ir a Jerusalém e fá-lo-ei. Pode ser que ali encontre o sentido de ser judeu ou não, mas devo-o ao meu pai. Fi-lo sofrer rejeitando a nossa religião. Quanto à Irina... ela não me ama, Marie, não me ama como uma mulher ama um homem.

— Há alguma coisa estranha nela. Às vezes penso que pode ser por alguma experiência amarga com os homens, certamente um desgosto amoroso. Mas ainda é jovem, e algum dia deve querer casar e ter filhos.

— Tu também não te casaste nem tiveste filhos—lembrou-lhe Samuel.

— Não, não o fiz, e sabes porquê? Porque me apaixonei pelo teu pai e deixei passar os anos enquanto esperava que ele me amasse tanto quanto eu o amava. O teu pai foi um bom amigo, mas nunca me amou, só amou a tua mãe e tu eras o que de mais valioso ele tinha dela. Julgava que o melhor para vocês era viverem na Rússia, até chegou a ser feliz na casa daquela viúva, a Raisa Korlov. Sentia-se tão orgulhoso de ti. "O Samuel tornou-se químico!", dizia-me.

— Eu nunca lhe dei nada, Marie, exceto preocupações. Fui um filho egoísta, só me interessei pelos meus estudos, as minhas ideias, os meus amigos. Amava o meu pai, sim, mas mal lhe prestava atenção, simplesmente estava ali, e nunca me preocupei com o que ele queria ou sentia.

— Ele sabia que o amavas muito. Não te atormentes, poucas vezes os filhos são capazes de dizer aos pais o quanto os amam, e nem nós próprios o sabemos. Só quando ficamos órfãos é que nos damos conta desse amor que guardávamos. Eu própria nunca fui capaz de dizer à minha mãe o quanto a amava, e quando ela morreu arrependi-me por não ter demonstrado mais ternura. Vá, Samuel, tens de viver, não te castigues, não era isso que o teu pai queria.

— Vou para Jerusalém, Marie, vou para Jerusalém.

Marie encolheu os ombros. Compreendeu que não o podia convencer, por isso não insistiu. Pensava que Samuel fazia mal ao renunciar a Irina. Tinha simpatizado com aquela jovem decidida que lhe recordava como ela própria era. Mas, na verdade, Irina era mais reservada, menos transparente do que ela tinha sido.

O pequeno Mikhail tinha encontrado em Marie a avó que nunca tinha tido e em poucos dias tinha-se estabelecido entre eles um vínculo de carinho mútuo.

O menino dizia que não queria viajar mais e que queria ficar com Marie, até chegou a dizer que não se importava que Irina e Samuel partissem, o que magoou profundamente Irina.

Como o negócio corria bem, Marie insistiu em pagar um bom preço pelas peles que Samuel tinha

trazido da Rússia.

Para ele foi uma surpresa o dinheiro que Marie lhe deu.

— É demasiado! Não posso aceitar—insistiu.

— Achas que te estou a dar um presente? Não, Samuel, não é isso. Olha, vou mostrar-te os livros de contas e poderás verificar que pagava o mesmo ao teu pai, tal como fazia com o teu avô, Monsieur Elias. As damas francesas pagam o que eu lhes peço pelos casacos feitos com as peles russas. Até tenho algumas aristocratas inglesas entre a minha clientela.

— Não preciso de tanto dinheiro, prefiro que sirva para te ocupares da Irina e do Mikhail. O menino tem de ir à escola.

— Vão ficar aqui, a casa é grande, e fazem-me companhia. Podem estar o tempo que quiserem. E até pensei que a Irina me pode ajudar. Se coser bem contrato-a; não é que lhe possa pagar muito, mas o suficiente para ter o seu próprio dinheiro e saber que não depende de ninguém. Preciso sempre de mãos para coser, e ainda mais agora que os meus olhos já não veem como antigamente. Vou ensinar-lhe o ofício, e quando eu já não estiver aqui... quem sabe...

Samuel abraçou Marie. Amava-a verdadeiramente e lamentou em silêncio que o seu pai não tivesse casado com ela; os dois mereciam ter sido felizes.

Por fim, chegou para Samuel o dia de iniciar a última etapa da viagem. Iria até Marselha onde procuraria um barco que o levasse até à Palestina. Marie tinha-lhe apresentado um homem cuja família tinha mantido laços de amizade com o velho Elias.

O homem era judeu, chamava-se Benedict Peretz e dedicava-se ao comércio. Era seguidor de Theodor Herzl e, em 1897, tinha ido a Basileia para assistir ao primeiro congresso sionista.

Benedict parecia conhecer bem a Palestina e falou-lhes com entusiasmo dos grupos de jovens que, sob o movimento Amantes de Sião, já se tinham estabelecido ali. Muitos deles tinham fugido das perseguições e dos pogroms e estavam a fazer da terra dos antepassados o seu lar.

— O meu pai falou-me deles—recordou Samuel.

— Muitos estabeleceram-se em Jerusalém, em Hebron, e também nas margens do Tiberíades. Alguns dedicam a sua vida a Deus e passam os dias a rezar e a estudar o Talmude, por isso vivem da caridade; outros, pelo contrário, tornaram-se agricultores, tentando arrancar da terra árida os frutos que lhes permitam subsistir—explicou Benedict.

Em nenhum momento enganou Samuel sobre as dificuldades que encontraria ao chegar à Palestina. Não só teria de obter a autorização das autoridades turcas, cada vez mais renitentes em continuar a permitir que os judeus se estabelecessem ali, mas também descobriria o escasso entusiasmo que existia entre os próprios judeus do país, que se sentiam constrangidos com as vagas de imigrantes que diziam ser seus irmãos e que chegavam com línguas e costumes diferentes.

— Os turcos nem sempre permitem que os judeus desembarquem, há muitos que têm de entrar através do Egito. Ah! E deve ter cuidado com a malária, que costuma afetar os recém-chegados.

Descreveu-lhe a Terra Prometida como um baldio, cheio de perigos e hostilidades, onde mal se podia sobreviver.

— Como é possível que uma terra sagrada como a Palestina esteja em tal estado de precariedade?—perguntou Samuel.

— Existia um decreto, do tempo em que os mamelucos venceram os cruzados e os expulsaram para sempre do Oriente, que proibia o cultivo das terras não montanhosas para que, caso os cruzados tivessem a tentação de regressar à Terra Santa, não encontrassem mantimentos nem para eles nem para os seus cavalos. A maioria das terras que tinham pertencido aos cruzados foi oferecida pelo sultão aos seus favoritos, quer fossem generais quer membros destacados da corte, que pouco se interessavam por terras

áridas tão afastadas de Constantinopla. Na maior parte dos casos, deixavam-nas nas mãos dos fellahs, os camponeses árabes. Não é difícil comprá-las, os turcos vendem-nas sem dificuldade.

— E todas as terras são propriedade de famílias turcas?—quis saber Samuel.

— Na corte do sultão também havia, e há, árabes. Destacadas personagens originárias da Síria, do Líbano e da própria Palestina. Todos eles contam com o apoio do sultão e é-lhes indiferente a propriedade de terras das quais mal obtêm lucros.

— Então, os judeus não devem ter grandes problemas para comprar essas terras—insistiu em saber Samuel.

— Como pode imaginar, os judeus que fogem do Império Russo não chegam precisamente cheios de dinheiro. Sofrem bastante. O barão Rothschild tem tentado atenuar a situação dos colonos e ajudou a pôr em funcionamento algumas colônias agrícolas, e até dá uma mãozinha, quando pode, com as autoridades turcas—continuou Benedict a explicar.

Samuel pediu ao amigo do seu avô que lhe recomendasse alguém que lhe pudesse ensinar as noções básicas do árabe.

— Sei que não vai ser fácil, mas pelo menos quero entender-me com os habitantes de lá.

Peretz apresentou-lhe um amigo que na sua juventude tinha viajado pelo Oriente e dizia conhecer algumas das línguas faladas naqueles longínquos países.

Para Samuel era uma missão impossível o desafio que implicava decifrar aquelas figuras elegantes que lhe diziam ser o alfabeto árabe. Mas, pouco a pouco, conseguiu aprender algumas frases com as quais se podia fazer entender.

Marie fez tudo e mais alguma coisa para que Samuel ficasse com ela. Sabia que estava perdido, e ansiava por ajudá-lo a encontrar a paz consigo próprio. Mas não era pelos cuidados de Marie que Samuel adiava a sua viagem, mas sim pela sua insistência em aprender árabe, e também pelo desgosto que tinha de se separar de Irina.

A jovem estava firmemente decidida a começar uma nova vida em Paris e não havia nada que Samuel lhe pudesse dizer que a convencesse a acompanhá-lo à Palestina.

Como Irina não queria depender de Marie, graças à sua recomendação, encontrou trabalho numa florista. O dinheiro que recebia não era muito, mas chegava para si e para Mikhail. À noite ajudava Marie na costura dos casacos. Não gostava de coser, mas sentia-se em dívida para com aquela mulher que tão generosamente a tinha acolhido.

Samuel partiu numa manhã de setembro rumo a Marselha com várias cartas de recomendação para alguns judeus da Palestina que Benedict Peretz conhecia. Há mais de um ano que tinha deixado São Petersburgo e agora, em finais de 1899, preparava-se para abrir uma nova página na sua vida.

Pela primeira vez em muito tempo era apenas responsável por si próprio e temia o encontro com aquela "Terra Prometida".

O Mediterrâneo era um mar mais bravio do que tinha imaginado, embora nos últimos dias de travessia o fluxo das ondas tivesse acalmado e o barco comesse a aproximar-se calmamente do porto de Jaffa.

A primeira dificuldade que teria de enfrentar seria conseguir que as autoridades turcas o deixassem desembarcar. Confiava que poderia dar a volta à situação, embora Benedict Peretz o tivesse avisado de que às vezes os alfandegários ficavam com o dinheiro do suborno e, ainda por cima, não permitiam que ninguém desembarcasse.

— Amanhã chegamos à Palestina—avisou-o o capitão.—Prepare-se para desembarcar de manhã bem cedo em Jaffa.

Naquela noite não conseguiu dormir. Era impossível não pensar no futuro que começaria na manhã

seguinte. Revia o seu passado, lembrando o que tinha deixado para trás.

Subiu à coberta antes de amanhecer esperando com emoção o momento em que veria a costa da Palestina. O mar pareceu-lhe mais azul e o cheiro salobro mais intenso do que aquele que recordava do Báltico. Estava imerso nesses pensamentos quando, a estibordo, foi sobressaltado pelo grito de um marinheiro anunciando terra.

Aquela palavra continha um sonho e uma esperança. Tinha chegado à Terra Prometida.

Quando o barco estava prestes a atracar, Samuel cravou o olhar no porto onde havia um homem jovem como ele que estava de mão dada com um menino um pouco mais velho do que Mikhail, devia ter sete ou oito anos. Ambos observavam o barco com curiosidade. Atrás deles havia uma mulher com o rosto tapado pelo manto com que cobria o cabelo, tinha ao colo um menino pequeno e, ao seu lado, uma menina agarrada a uma prega da sua saia, como se tivesse medo de se perder. A mulher exibia uma avultada forma de gravidez e Samuel ficou fascinado com o lampejo dos seus olhos grandes e profundamente pretos.»

3—A TERRA PROMETIDA

De repente Ezequiel ficou em silêncio e Marian sentiu-se incomodada. Tinha-o ouvido com avidez. A história daquele Isaac, daquele Samuel, de Konstantin, de Irina, tinha-lhe sabido a pouco. Queria mais. Saber o que tinha sentido Samuel ao pisar a Terra Prometida. Ela desconhecía esse passado, de como as suas vidas se tinham entrelaçado com as de outros homens e mulheres. Mas Ezequiel, o filho de Samuel, tinha emudecido de repente trazendo-os de volta à realidade, que não era outra senão aquela manhã em que se encontravam no apartamento de um edifício de pedra nos arredores de Jerusalém. Lembrou-se do motivo pelo qual se encontrava ali e voltou a sentir-se dona de si própria.

— E essa é a história do meu avô Isaac e do meu pai Samuel—concluiu o homem—,mas vejo que não tomou o chá e que ficou frio.

— Lamento, estava a ouvi-lo com muito interesse.—Marian dizia a verdade.

— Se quiser posso fazer mais chá ou um pouco de café—disse o homem com amabilidade.

— Se não for muito incómodo...—respondeu ela. Precisava de tempo. Tempo para saber, precisava dele. Queria saber mais, não se podia conformar apenas com a imagem de Samuel prestes a desembarcar em Jaffa.

Quando o som do telefone voltou a quebrar o silêncio, Marian sobressaltou-se. Ezequiel levantou-se. Os seus ossos gastos pela idade rangeram.

— Desculpe—disse saindo da sala.

Quando regressou encontrou-a sentada muito quieta a rever um caderno que levava na mala onde, com a sua letra muito junta, tinha ido tomando nota da história daqueles homens de que Ezequiel Zucker lhe tinha falado.

— Estou a interromper?—perguntou com um laivo de ironia.

— Não, claro que não. É que... bem, estava a verificar as minhas notas. Já lhe disse que falei com muitas pessoas, algumas delas palestinianas que viveram aqui, justamente onde hoje está a sua casa. E... enfim, eles têm a sua própria versão da história.

— Claro que sim. Não podia ser de outra forma. A senhora quer ver se o que lhe contaram coincide com o que eu lhe contei?

— Não exatamente, embora... bom, trata-se de ter as duas versões.

— Vamos fazer uma coisa. Relate-me o que lhe contaram e vamos ver se os factos encaixam. Pode ser interessante.

— Quer mesmo saber a versão dos palestinianos?

— A senhora tem demasiados preconceitos. Vai contar-me ou não?

Marian começou a relatar a história que tinha ouvido dos lábios de Wadi Ziad.

«O menino sentiu o olhar fixo daquele homem situado perto da proa do barco. Também ele ficou curioso ao ver aquele homem vestido de preto, mas de seguida deixou de lhe prestar atenção para reparar no voo das gaiivotas, que esvoaçavam muito perto deles.

— Um dia também vais viajar num barco como este—disse Ahmed Ziad ao seu filho.

— E para onde irei? Eu prefiro estar contigo, não quero ir a lado nenhum—respondeu o menino, apertando a mão do seu pai.

— Não queres ser médico? Eu e a tua mãe gostaríamos que estudasses. Era bom que fosses médico.

— Para te curar se ficares doente?

— Sim, claro, para me curares a mim, à tua mãe, aos teus irmãos e a mais gente, a todos os que precisarem.

— Mas eu gosto de estar com as cabras e de te ajudar na horta com as laranjas.

— Bem, isso é o que dizes agora, mas quando fores mais velho vais ficar contente por seres médico.

Vais ver...

— Se para ser médico tenho de me ir embora, então não quero ser médico—respondeu o menino com um laivo de angústia perante a possibilidade de ter de se afastar dos seus pais.

O homem continuou a andar pelo porto acompanhado pela sua família, respirando o ar cada vez mais quente daquele mês de setembro prestes a terminar.

Tinham-se levantado ao amanhecer para serem dos primeiros a chegar ao porto. Ahmed tinha carregado a carroça com os frutos da sua horta, aquelas laranjas redondas e saborosas que cultivava e às quais devia parte do seu sustento. Também levava um saco com azeitonas e outros legumes que, com a ajuda da sua esposa Dina, cultivavam com esmero.

Ahmed sentia-se orgulhoso pelo facto de os seus legumes venderem tão bem. O seu pai tinha-o ensinado a trabalhar a terra e tinha crescido a admirar a sabedoria paterna, quando plantar a semente, como combater as pragas, ou qual era o tempo mais adequado para apanhar os frutos.

Ahmed amava a terra que cultivava quase tanto como Dina e os seus filhos, e dizia para si que dentro de pouco tempo eles ajudá-lo-iam, seria muito útil ter outras mãos para ajudar. Olhou satisfeito para o ventre redondo da sua esposa que lhe daria outro filho, e talvez muitos mais. Dina e ele desejavam que um dos seus filhos fosse médico, e acreditavam que essa honra devia recair em Mohamed, o seu primogénito. Mas entretanto, era suficiente que Alá o abençoasse com boas colheitas que lhe permitissem pagar a renda ao dono das terras que cultivava. Não, aquele pedaço de terra que lhe dava para viver e amava como a sua própria vida não era seu. Nem sequer a pedreira onde trabalhava como capataz e da qual, juntamente com outros homens, se encarregava de extrair os blocos de pedra aos quais depois umas mãos especialistas dariam vida. Tanto a horta como a pedreira pertenciam a uma família de Belém que há décadas se tinha instalado parte no Cairo, parte em Constantinopla, a grande capital, onde serviam o sultão.

A família Aban era rica, dedicava-se ao comércio e tinha dois barcos que navegavam pelo Mediterrâneo transportando mercadorias. Ahmed só tinha visto numa ocasião um membro da família Aban e tinha sido há muito tempo, quando era um adolescente e um dia o seu pai anunciou ao jantar que tinha recebido a mensagem de que o senhor daquelas terras ia visitá-las.

Quando chegou o grande dia, Ahmed acompanhou o seu pai a prestar contas perante o poderoso Aban, que se mostrou queixoso pelo escasso rendimento que obtinha daquelas hortas próximas da Cidade Santa.

Ahmed ficou impressionado com a roupa do sayyid Aban. O turbante azul com fios dourados, o cafetã bordado, as babuchas de couro fino. E, sobretudo, reparou nas suas mãos brancas de dedos compridos com as unhas limpas, tanto que pareciam desenhadas.

O sayyid Aban era um homem rico que não conhecia o sofrimento do camponês para arrancar os melhores frutos à terra. Ahmed olhou para as mãos do seu pai, mãos calejadas, fortes, de dedos grandes e tortos, e nas unhas restos da terra que cultivavam e do pó esbranquiçado da pedreira. As suas mãos não eram muito diferentes e rapidamente teriam calosidades iguais às do seu pai.

Não se lembrava de toda a conversa, mas sim que o sayyid tinha dito que o seu pai devia ser mais diligente porque lhe ia aumentar a renda por aquelas terras, e se não podia pagar então teria de procurar outro camponês. Os preços obtidos pela pedra da pedreira também não satisfaziam o sayyid, que tinha comentado que estava a pensar em vendê-la.

Regressaram a casa em silêncio. O seu pai preocupado com a ameaça, e Ahmed a odiar aquele homem que se atrevia a reclamar os frutos de uma terra que não trabalhava. O que sabia o sayyid sobre as

pragas, ou as tempestades e os estragos dos anos de seca?

Mas o seu pai não se queixou à frente dele nem dos seus irmãos, embora naquela noite o tenho ouvido falar com a sua mãe entre murmúrios.

Agora Ahmed, junto ao seu cunhado Hassan, o irmão de Dina, trabalhava aquelas terras. As quatro irmãs de Ahmed tinham casado. As duas mais velhas viviam com os seus maridos em Hebron, enquanto as duas mais novas se tinham casado com dois camponeses que, além disso, eram uns exímios canteiros. E ele pensava que era uma bênção não ter de partilhar aquelas hortas com mais famílias porque, caso contrário, não teriam conseguido satisfazer as exigências do sayyid Aban.

Ele amava aquelas terras a meio caminho entre Jerusalém e o deserto da Judeia. Todas as tardes, quando o sol estava prestes a desaparecer, gostava de ir para a soleira da porta da sua casa de onde podia contemplar ao longe os contornos da Cidade Santa.

Ahmed amava a terra da qual extraía o seu sustento, mas, acima de tudo, amava Jerusalém. Não acreditava que houvesse melhor cidade no mundo, nem sequer Damasco ou o Cairo. Afinal de contas, Jerusalém tinha sido escolhida por Maomé para se elevar dali até ao céu. E ele sentia-se orgulhoso de poder rezar na Mesquita da Rocha, pisando o mesmo chão que o Profeta abençoou.

Naquela manhã Ahmed olhava para o barco francês que atracava, mas na verdade esperava que no horizonte se desenhasse a silhueta do barco do seu sayyid, uma bela escuna que percorria as margens daquele mar a recolher mercadorias que depois se venderiam no Cairo, em Damasco, e em tantas cidades das quais Ahmed nem sequer tinha ouvido falar.

Agora Ahmed tinha de prestar contas a Ali, o homem que ano após ano enviava Ibrahim, o filho daquele sayyid Aban que ele conhecera quando era pequeno. Ali, o seu criado, era um egípcio com alguma idade que comprava e vendia mercadorias em nome do seu senhor e que também se encarregava de receber as rendas daquele pedaço de terra palestina.

— Olha, pai, olha para a esquerda! Está ali o barco do sayyid Aban!—gritou Mohamed apontando para a sombra que se insinuava no horizonte.

— Não vejo nada... onde?—perguntou Ahmed tentando alcançar com o olhar a silhueta do barco.

Teve de passar um bom bocado até que a escuna se tornou realidade aproximando-se da costa, balançando-se entre as ondas até atracar no porto de Jaffa.

Entretanto, Ahmed tinha tido tempo para responder às perguntas de um jovem que tinha desembarcado do navio mercante francês. Era de estatura média, magro, com o cabelo trigueiro e o olhar cinzento-azulado, mas de um azul baço. Estava vestido de forma modesta e sorria.

O jovem perguntou a Ahmed como podia chegar a Jerusalém.

Ahmed demorou a explicar a melhor forma de viajar até à Cidade Sagrada. Não lhes foi difícil entenderem-se já que o estrangeiro falava numa língua que não lhe era de todo desconhecida, porque começavam a chegar à costa palestina alguns grupos de judeus a falarem aquela estranha língua à qual julgava que eles chamavam "íídiche".

Além disso, o estrangeiro balbuciava frases que tentavam soar a árabe. Recomendou-lhe um hotel no qual se alojavam os estrangeiros que chegavam a Jaffa, sobretudo os ingleses.

Parecia entendê-lo porque de novo perguntou onde podia procurá-lo no caso de não encontrar a forma de viajar até Jerusalém.

Ahmed tinha um longo dia pela frente. Devia esperar que a escuna chegasse ao porto, depois procuraria Ali para se dirigir a um lugar próximo onde, juntamente com outros arrendatários, prestaria contas ao enviado do sayyid Ibrahim Aban.

Naquela noite alor-se-iam na casa de uma prima de Dina e ao amanhecer regressariam com a carroça vazia e um pouco de dinheiro obtido pela venda de legumes no mercado de Jaffa.

— É judeu?—perguntou Mohamed enquanto via o homem que tinha estado a falar com o seu pai a afastar-se.

— Parece que sim. Coitado, está um pouco perdido, esperemos que não o assaltem pelo caminho.

Ahmed deixou os seus filhos e Dina na casa da sua prima. Aí sabia que estariam seguros e, enquanto prestava contas a Ali, elas iriam ao mercado, trocariam confidências e risos e, como noutras ocasiões, preparariam algo especial para jantar. A prima de Dina era uma cozinheira estupenda.

Ali recebeu os arrendatários com um cumprimento frio, que pretendia lembrá-los da sua condição de representante do sayyid Ibrahim Aban.

Os homens estavam nervosos, tinham medo de fazer asneira. Uns puxavam a túnica, outros esfregavam as mãos, aquele balançava-se, o que estava mais atrás parecia murmurar. Estavam todos ansiosos por ouvir dos lábios de Ali que o sayyid Aban estava disposto a continuar a alugar as suas terras e, portanto, podiam conservar os seus lares.

Sabiam que a família Aban tinha uma grande casa no Cairo, não muito longe das margens do Nilo, e que também possuía outra em Istambul. Dali procedia a sua sorte e a sua fortuna desde que os seus antepassados se dedicaram de corpo e alma a servir o sultão.

O irmão do sayyid Ibrahim chamava-se Abdul Aban e encontrava-se muito perto da Sublime Porta. Dizia-se que era um alto funcionário que administrava as finanças do próprio sultão, enquanto o sayyid Ibrahim Aban vivia no Cairo dedicado ao negócio da construção.

Os dois irmãos partilhavam as rendas das terras herdadas na Palestina; além do mais, Ibrahim sempre tinha mostrado um especial interesse naquela pequena pedreira perto de Jerusalém da qual se obtinha uma pedra que, quando recebia o reflexo da luz do dia, parecia dourada.

Mohamed não gostava de não poder acompanhar o seu pai ao armazém onde era recebido por Ali, não só porque a curiosidade o invadia, mas também porque o incomodava que o tratassem como uma criança ao deixá-lo com as mulheres. Aborrecia-se com as conversas da mãe com a sua prima, porque falavam sempre da mesma coisa, de qual era a melhor forma de preparar um prato ou uma cataplasma para a tosse. Às vezes mandavam-no brincar no pátio e elas baixavam a voz e cochichavam entre risos, e Mohamed não conseguia ouvi-las.

Os filhos da prima de Dina eram mais novos do que ele e não tinha com quem brincar.

— Ainda não tens idade, dentro de uns anos poderás acompanhar-me, embora... quem sabe, pode ser que então estejas no Cairo a estudar medicina—disselhe o seu pai soltando-lhe a mão para que fosse ter com a sua mãe.

Ahmed e o resto dos arrendatários prestaram contas a Ali do que aconteceu durante o ano. Uns explicavam que os frutos da colheita não tinham sido os desejados e tinham pouca coisa para enviar ao senhor, outros choravam pelas perdas porque a colheita tinha sucumbido ou às geadas ou às pragas. Só Ahmed e outros dois arrendatários cumpriram as expectativas do senhor, mas quando foi a sua vez de falar o humor de Ali já estava alterado.

— Acham que posso aparecer perante o sayyid Ibrahim com a carteira vazia? Se não são capazes de tirar frutos das suas terras, o sayyid vai vendê-las. De facto, vou dedicar estes dias a procurar alguém que queira comprar alguma das hortas próximas das quais tu—e apontou com o seu dedo para um dos arrendatários—não és capaz de obter nem uma laranja. O que é que pretendes que diga ao sayyid? Achas que lhe interessa que a idade te esteja a vencer e já não sejas capaz de identificar os efeitos das pragas? O sayyid Ibrahim, que Alá o proteja tal como ao seu irmão, o sayyid Abdul, não tem motivos para tolerar a tua ineptidão. Se já não podes trabalhar, terás de deixar a terra.

O ancião ajoelhou-se diante de Ali a suplicar-lhe que o deixasse continuar a trabalhar aquela horta de laranjeiras que no último ano tinha sido devastada por uma praga.

— Alá não me abençoou com filhos, só com filhas que agora pertencem aos seus maridos. Não tenho quem me ajude, mas arranjarei forças para cumprir com o que o sayyid Ibrahim espera de mim.

— A benevolência do sayyid não é infinita e ele tem de pensar na sua própria família. Venho com ordens expressas para pôr à venda algumas das suas terras e noutras encontrar novos arrendatários. Certamente alguma das tuas filhas te poderá acolher a ti e à tua esposa. Alá não permite que os filhos deixem os seus pais ao abandono.

Como se se tratasse de um julgamento, os homens foram ouvindo as instruções do sayyid relativamente a eles e às terras que trabalhavam. Ali manteve-se indiferente às súplicas e cada uma das suas palavras foi recebida como uma sentença que condenava uns e absolvía outros.

Ahmed sentia que o suor que lhe nascia na nuca descia pelas suas costas. Apesar do calor, ele estava com frio.

E, embora Ali não parecesse interessado nele, sabia que chegaria o momento de receber o seu próprio veredito. Entretanto, revia mentalmente as contas que tinha apresentado. Os lucros tinham sido poucos, mas pelo menos não vinha de mãos vazias. Quanto à pedreira, talvez a venda da pedra não tivesse corrido tão bem como nos anos anteriores, mas o saldo também era positivo embora talvez não fosse suficiente para o sayyid.

Quando Ali tratou dos assuntos de todos eles, Ahmed preparou-se para sair aliviado por não ter recebido uma descompostura maior do que a dos seus colegas. Mas sentiu o seu coração gelar quando Ali lhe fez um sinal para que esperasse até que os outros saíssem.

— Os nossos senhores sempre mostraram um afeto especial pela tua família—disse Ali enquanto fixava o olhar no rosto assustado de Ahmed.

— Somos seus servidores, foi-o o meu pai, e antes dele o seu pai; agora é a minha vez, tal como será a dos meus filhos mais à frente.

— Sim, o teu pai serviu-os bem e tu também, quanto aos teus filhos... só Alá o sabe.

— Vou ensinar-lhes tudo o que sei para que um dia sirvam os senhores com a mesma devoção.

— O sayyid Ibrahim já tem muita idade. Já não dispõe da energia de antigamente e quer viver em paz os últimos anos de vida. O negócio da pedra exige-lhe um esforço para o qual já não tem disposição. Transferir os blocos a partir daqui é muito caro. Diz que as pedras de Jerusalém são especiais porque o sol lhes arranca reflexos dourados. Uma bela visão que não justifica o custo da exploração da pedreira. Não conseguiste que as vendas na região ultrapassassem as dos anos anteriores, e com o que obténs mal dá para cobrir os gastos.

Ahmed tremia. Não se queria humilhar perante aquele homem nem queria que ele reparasse na sua angústia. Mortificava-o que Ali pudesse cheirar o suor que o envolvia ou que reparasse no movimento descontrolado dos seus pés. Sentia uma dor intensa na boca do estômago e um desejo irreprimível de sair a correr para não ouvir o que temia que Ali pudesse dizer.

— O sayyid Ibrahim pediu-me para procurar um comprador para a pedreira. De certeza que alguém se pode interessar. Talvez o novo dono queira que trabalhes para ele. O sayyid pediu-me que te recomendasse ao comprador como gesto de boa vontade para contigo e a tua família que também serviu a sua. Bom... podes ir. Ficarei alguns dias na Palestina. Vou até à pedreira, vemo-nos lá; quero resolver este assunto antes de partir, pois, caso contrário, terei de regressar, e não gosto de viajar mais do que é necessário por esta terra insalubre e empoeirada.

Ahmed queria falar, mas as palavras estavam presas na boca. Permanecia imóvel, desconcertado pela notícia. Ali pareceu ficar impaciente.

— Vai-te já embora—apressou-o.

— Não posso—conseguiu murmurar Ahmed perante o olhar indiferente do outro.

— Não podes? O que é que não podes?

— Não posso deixar que me tirem a pedreira, é... é tudo o que temos. Trabalharemos mais, arrancaremos mais pedra, ajudaremos a vendê-la... mas o sayyid não nos pode arrebatá-la.

— Arrebatá-la? A quem é que ele a vai arrebatá-la? É dele e do seu irmão, e antes foi do seu pai e do pai do seu pai. Tal como o é a terra que pisas todas as manhãs quando amanhece. Fica agradecido pelo sayyid não te ter expulsado da horta até agora, tendo em conta que também não obténs assim tanto dela. Vai-te embora, Ahmed, tenho de trabalhar, depois entro em contacto contigo.

Ao sair do alpendre Ahmed fechou os olhos um instante para adaptá-los ao sol intenso que queimava e ao vento que nesse momento varria as pedras do porto. Não sabia onde ir. Sentia-se demasiado humilhado para enfrentar Dina. Como lhe ia explicar que naquela manhã a sua sorte tinha mudado, talvez para sempre?

Caminhou durante muito tempo sem rumo deixando o olhar vaguear por entre as pessoas que se amontoavam no cais. Perguntava-se como é que ia sustentar a sua família. De momento não podiam contar com os frutos da horta, já que precisariam de vender a colheita para pagar ao sayyid. Podia procurar outro trabalho, mas o único ofício que conhecia era arrancar as pedras da pedreira. Podia ir para Hebron, onde residia a sua irmã mais velha, mas de que viveriam?

Continuou a deambular e não foi ter com a sua esposa e os seus filhos até que a tarde caiu.

A prima de Dina tinha preparado o jantar no pequeno pátio caiado da casa. Mohamed foi recebê-lo apressado.

— Pai, demoraste muito!—censurou-o o menino.

Dina aproximou-se alegre com o pequeno Ismail nos braços.

— Adormeceu.

— E a Aya?—disse Ahmed perguntando pela sua filha.

— Está na cozinha a ajudar a minha prima... bem, é isso que ela julga, porque já partiu um prato e esteve prestes a fazer o mesmo com outro prato cheio de hummus.—Dina sorria feliz.—Vem sentar-te com o marido da minha prima, vamos agora servir o jantar.

Ahmed mal falou durante o serão. As suas respostas eram esquivas e, assim que pôde, retirou-se para o canto onde dormiriam nessa noite.

— Amanhã saímos cedo, antes de amanhecer—desculpou-se.

— Mas porquê tanta pressa?—perguntaram-lhe os homens da família.

Quando mais tarde Dina se juntou a ele, Ahmed fez de conta que estava a dormir. Tinha de falar com a sua esposa mas queria fazê-lo na intimidade da sua casa, onde não vissem Dina a chorar, porque sabia que ia chorar.

Ahmed não conseguia dormir e não parava de dar voltas na cama até que decidiu levantar-se, tentando não acordar Dina. Saiu para o pátio e a escuridão da noite envolveu-o. Não havia estrelas e o céu pareceu-lhe tão sombrio como o futuro.

Impaciente com a lentidão da passagem das horas, decidiu ligar a mula à carroça e arrumar o que Dina tinha comprado. Ainda não tinha terminado quando a sua esposa saiu à procura dele.

— O que estás aqui a fazer? A minha prima acordou-me, o seu filho disse que o Ismail não o deixa dormir porque não para de chorar. O nosso filho tem febre e quando tosse... olha, cospe sangue outra vez.

As palavras de Dina sobressaltaram-no. Ismail ainda não tinha feito um ano e já era propenso à febre. O menino ardia e embora Dina o embalasse nos seus braços ele não parava de chorar.

Prepararam-lhe umas ervas que conseguiram que o pequeno bebesse a muito custo.

Dina tentava baixar-lhe a febre com pedaços de pano embebidos na água fria do poço.

— Não podem partir com o Ismail neste estado—disselhes a prima de Dina.—Fiquem, vou chamar

um médico.

— É melhor que regressemos a casa—respondeu Ahmed.

— Mas o menino...—Dina baixou o olhar e calou-se. Os olhos do marido não deixavam margem para dúvidas. Tinha decidido partir e era isso que faria.

Mohamed ajudou o pai a instalar a mãe e o seu irmão Ismail na carroça. Depois ajudou a sua irmã Aya a subir e pediu-lhe que estivesse calada.

A despedida foi breve pois Ahmed mostrava-se impaciente por dar início ao caminho e a febre de Ismail tinha-os atrasado. Já tinha amanhecido há algum tempo.

Mohamed ia sentado junto a Ahmed na boleia, angustiado pelo silêncio do pai, que só respondia com monossílabos às suas perguntas.

Estavam prestes a deixar a casa da prima de Dina para trás quando viram um homem a correr até eles. Ahmed reconheceu o jovem que no dia anterior lhe tinha perguntado como podia chegar a Jerusalém. Só parou a carroça por cortesia; naquele momento não tinha vontade de falar com desconhecidos e muito menos de o levar, tal como se tinha proposto.

O jovem, que disse chamar-se Samuel, perguntou se os podia acompanhar. Ahmed não soube o que responder e, por sinais, tentou explicar-lhe que o mais novo dos seus filhos estava doente. O rapaz parecia dizer-lhe que o deixasse ver o menino. Dina resistia a mostrar-lhe o seu filho, que voltava a arder com a febre e cuspiam sangue de novo. Mas Samuel insistiu e pediu a Dina que lhe permitisse examinar Ismail.

Durante um bom bocado esteve a observar o menino, depois tirou um frasco da sua bolsa e insistiu para que Dina desse de imediato uma colher a Ismail. Ela não o queria fazer, desconfiava daquele desconhecido. Ahmed tinha dificuldade em perceber o que ele lhe dizia, embora pelos seus gestos tivesse chegado à conclusão de que o seu filho estava muito doente e de que aquilo o aliviaria. Temeu pela vida de Ismail e duvidou entre regressar a Jaffa ou continuar para Jerusalém. Na Cidade Velha, havia um bom médico, um judeu já idoso que há tempos tinha prestado auxílio ao seu pai quando este adoeceu perdendo a mobilidade da parte esquerda do corpo. Aquele judeu tinha-lhes dito a verdade, que ele não tinha remédio para curar aquele mal, mas tentou aliviar o sofrimento com os remédios que ele próprio elaborava. Costumava visitá-los com frequência e o seu pai chegou a ter uma grande estima por ele.

Este homem também parecia judeu, pelo menos expressava-se na mesma língua que falavam outros que chegavam de países que nem sequer Ahmed sabia onde ficavam e que se esforçavam por tornar-se agricultores, embora se notasse que nunca tinham sofrido a tentar arrancar da terra os seus frutos. Aquele também não tinha aspeto de camponês e, pelo que lhe pareceu entender era boticário, por isso ordenou a Dina que desse o xarope a Ismail.

A tosse do pequeno acalmou com aquele líquido amarelado que o menino tinha conseguido engolir com dificuldade.

— Como é que podes confiar neste homem? Não sabemos quem é. E se está a envenenar o nosso filho?—protestou Dina.

— É boticário ou talvez médico—respondeu Ahmed.

— Mas não sabemos isso! É o que te pareceu entender. E se for apenas um charlatão? Deveríamos voltar a Jaffa...

— Cala-te, mulher! Vamos a Jerusalém e levaremos o Ismail ao médico judeu. Ele vai dizer-nos o que temos de fazer. Olha, o remédio que este homem deu ao nosso filho parece fazer efeito, pelo menos não chora.

— Mas volta a tossir e tem sangue na saliva.

Embora estivesse esgotado, Ahmed não deixou que parassem mais do que era imprescindível, de

maneira que não se detiveram à noite para descansar e, apesar dos perigos que espreitavam entre as sombras, continuaram a viagem até Jerusalém. O desconhecido ofereceu-se para levar as rédeas da carroça, de maneira que Ahmed conseguiu dormir um pouco.

Chegaram à Cidade Santa na tarde do dia seguinte. Ismail parecia respirar melhor. Samuel tinha insistido para que tomasse mais xarope.

Ahmed decidiu que, apesar da hora, levaria Ismail a um médico judeu. Mohamed e Aya pareciam esgotados, tal como Dina, mas o mais importante era curar o menino.

— Vamos ver o judeu—disse Ahmed a Dina enquanto se dirigiam à Porta de Damasco, que era uma das entradas para a Cidade Velha.

— E este?—perguntou ela referindo-se a Samuel.

— Pode ir connosco, se é judeu, o médico vai ajudá-lo ou, pelo menos, saberá aconselhá-lo.

Chegaram a casa do médico situada a poucos passos do Muro das Lamentações. Ahmed bateu à porta com força e uma mulher idosa abriu-a e fê-los entrar de imediato. A mulher gesticulou para que esperassem enquanto ela ia avisar o médico. Pouco tempo depois regressou e pediu-lhes que a seguissem.

O ancião Abraham Yonah abraçou Ahmed lembrando que era filho de um bom amigo que, infelizmente, já tinha falecido. Mas não perdeu muito tempo em cortesias e começou a examinar Ismail seguidamente. Entretanto, Ahmed contava-lhe que não tinha a certeza de que aquele jovem fosse boticário, mas tinha dado ao seu filho um xarope e umas gotas e o pequeno tinha-se acalmado durante algum tempo, mas agora o menino voltava a tossir com força e voltava a cuspir fios de sangue.

O médico dirigiu-se a Samuel falando-lhe em iídiche.

— É médico? Se for o caso já deve saber o que tem: tuberculose. Não se pode fazer grande coisa.

— Sou químico, estudei em São Petersburgo. O meu professor, além de químico, era boticário, e acompanhei-o algumas vezes ao hospital, vi alguns doentes com os mesmos sintomas deste menino—respondeu Samuel.

— Russo!

— Sim, do czarado da Polónia. Chamo-me Samuel Zucker.

— E judeu.

— Sim—confirmou Samuel.—E o senhor, de onde veio?

— De lado nenhum. Eu nasci aqui, tal como o meu pai, e o pai do meu pai, e o pai do seu pai. Nós nunca partimos. Os meus antepassados nasceram e viveram nesta terra. Vergaram-se aos invasores, sofreram perdas, mas nunca tiveram de rezar para pedir ao Todo-Poderoso que no ano seguinte pudessem voltar a Jerusalém. Acha estranho?

— Na verdade não sei muito sobre a Palestina.

— Diga-me, o que é que deu ao Ismail?

— Um xarope feito com plantas que acalmam a tosse e umas gotas para baixar a febre, embora não tenha surtido muito efeito. Pode ajudá-lo?

— Não, não o posso curar; como deve saber, a tuberculose não tem cura. A única coisa que posso fazer é a mesma coisa que o senhor fez, dar-lhe algum remédio que o ajude com a tosse. O seu parece ter funcionado.

Abraham explicou a Ahmed que o jovem que o acompanhava era químico e que o xarope que tinha dado a Ismail serviria para acalmar a tosse. Mas não o enganou, disselhe que não havia nada que pudesse fazer para salvar o seu filho.

Depois deu-lhe vários frascos com outros remédios e explicou-lhe como devia dá-los ao pequeno.

— Vai sobreviver?—insistiu Dina enquanto apertava o filho entre os braços.

— Só Deus é que sabe—respondeu Abraham.

Durante uns segundos ficaram em silêncio. Ahmed e Dina com a angústia de não saberem se o seu filho sobreviveria. Samuel, consciente da situação, não se atrevia a perguntar onde poderia encontrar abrigo. Foi Abraham quem quebrou o silêncio.

— Onde vai dormir?

— Não sei, não conheço a cidade, talvez me possam aconselhar—respondeu Samuel.

— A esta hora... talvez o Ahmed te deixe dormir debaixo do seu teto. Vou-lhe perguntar.

Ahmed não soube negar-se a abrigar o homem que, segundo tinha confirmado o médico, tinha ajudado Ismail com o seu xarope e que nem ele próprio podia fazer muito mais. Talvez não fosse má ideia tê-lo por perto pelo menos naquela noite em que Ismail podia voltar a piorar. Convidou-o a acompanhá-los embora tenha avisado Samuel de que a sua casa era modesta e de que teria de dormir numa pequena divisão onde guardava as alfaias e as sementes da horta.

Samuel aceitou de seguida.

— Apareça amanhã, assim pode contar-me o que é que está aqui a fazer e talvez eu o possa ajudar. Ah, e vigie o menino, a febre vai voltar a subir; não preciso de lhe dizer o que deve fazer—disselhe o médico refletindo muita tristeza no olhar.

Ainda demoraram algum tempo a chegar a casa de Ahmed. O silêncio envolvia a noite quando distinguiram entre umas árvores uma casa de pedra que não parecia muito grande e para qual se entrava por um pátio que cheirava a flores.

Ahmed indicou-lhe o lugar onde podia dormir e Dina deu-lhe um pouco de queijo e um punhado de figos que Samuel aceitou agradecido porque estava há horas sem comer.

Estava a dormir quando Mohamed o acordou.

— O meu pai quer que entres em casa, o meu irmão está pior.

Vencendo a sonolência, Samuel seguiu Mohamed para o interior da casa onde Dina chorava com Ismail nos braços.

Samuel pediu-lhe que deixasse o menino na cama e que lhe colocasse uma almofada debaixo da cabeça para o ajudar a respirar melhor. Depois perguntou-lhe com o seu árabe rudimentar se lhe tinha dado os medicamentos. Ela assentiu enquanto apontava para os frascos que Abraham lhe tinha fornecido. Samuel pediu-lhe que pusesse água a aquecer e que trouxesse um pouco de farinha para a amassar com outras ervas e fazer uma cataplasma que depois colocaram sobre o peito do menino.

Ahmed permanecia em silêncio e, junto a ele, o seu filho mais velho Mohamed, que notava a preocupação que se refletia no rosto do pai.

Passaram o resto da noite a velar o pequeno Ismail, que continuava a tossir de vez em quando, e cada esforço era acompanhado por sangue. O menino não adormeceu até à chegada das primeiras luzes do dia.

— A febre baixou, mas não muito—tentou explicar Samuel a Ahmed—,mas agora vai conseguir dormir. Tu e a tua esposa deviam descansar um pouco. Eu ficarei para o vigiar.

Dina não se quis separar do seu filho, mas insistiu para que Ahmed dormisse um pouco antes de ir trabalhar. Aya e Mohamed já se tinham rendido ao sono.

Ahmed deitou-se no chão, perto do leito de Ismail, e mal fechou os olhos caiu profundamente adormecido.

Samuel ficou com Dina a observar o pequeno. Ela parecia agradecida por tê-lo ao seu lado. O velho médico judeu tinha-lhes garantido que aquele homem era químico, algo parecido com um boticário, e ela ficava mais calma ao pensar que saberia como aliviar a tosse de Ismail. Alá tinha-se mostrado misericordioso por ter colocado aquele jovem no seu caminho.

Dina censurava-se por não ter percebido que Ismail tinha tido uma recaída da febre, que de vez em

quando o mortificava. A tosse do menino não lhe tinha parecido diferente da de outras ocasiões e por isso tinha decidido acompanhar o seu marido a Jaffa. Além do mais, não queria desiludir Mohamed, o seu filho mais velho. Para Mohamed, a viagem a Jaffa na companhia do seu pai era uma festa e teria tido um grande desgosto se não o tivesse podido fazer. Aya não se interessava, a menina não tinha mais do que cinco anos e não se preocupava com os outros, só queria estar perto da mãe.

Também estava preocupada com Ahmed. Pressentia qualquer contratempo. O seu marido tinha regressado sem alegria do encontro com Ali, o enviado do sayyid Ibrahim. Na noite anterior mal tinha participado na conversa com os convidados do marido da sua prima. Até se tinha retirado antes do que estabeleciam as normas de cortesia. Ela sabia que estava acordado quando se foi deitar ao seu lado, mas não o quis incomodar com perguntas. Ahmed era um marido bom e atento, mas não gostava que Dina o pressionasse com perguntas às quais às vezes não queria responder. Ela tinha aprendido a esperar, sabia que o seu marido amadurecia os problemas antes de falar sobre eles, e quando o fazia era porque já tinha a solução. Teria de esperar que ele decidisse qual era o momento de confiar nela, tal como sempre fazia.

Samuel bebia lentamente o chá que ela lhe tinha preparado. Sentia-se cansado e ela sorriu-lhe para lhe agradecer que estivesse ali à cabeceira do pequeno Ismail atento à sua respiração. De vez em quando colocava-lhe um pano humedecido sobre a testa, o que parecia aliviar a febre do menino.

Passado um momento, Dina acordou Ahmed. Era hora de ir para a pedreira. Sentia-se orgulhosa por o sayyid Aban lhe ter confiado o cargo de capataz. O seu marido era um homem justo, sempre disposto a trabalhar mais do que todos para dar o exemplo. Era o primeiro a chegar à pedreira e o último a sair. Os homens gostavam dele e davam valor ao facto de não fazer distinção a favor dos seus cunhados.

Dina levou-lhe uma bacia cheia de água. Ahmed lavou a cara e as mãos antes de beber uma chávena de chá e depois aproximou-se de Samuel e fez-lhe um gesto de agradecimento. De seguida retirou-se para um canto da divisão com Dina.

— Este homem tem de se ir embora, não podes ficar sozinha com um desconhecido.

Dina suplicou-lhe que permitisse que Samuel ficasse junto a Ismail.

— Não te preocupes comigo, o Mohamed nunca se separará de mim. Além disso, posso mandar buscar a minha mãe para me acompanhar. Desde que enviuvou não tem nada para fazer, e já sabes que não se dá bem com a mulher do meu irmão. Gosta de me visitar todos os dias. Se mandarmos o Mohamed avisá-la estará aqui antes de tu saíres.

Zaida, a mãe de Dina, vivia com o filho mais velho, Hassan, e a esposa dele não muito longe dali. As duas casas estavam apenas separadas por algumas centenas de metros, embora a de Hassan fosse propriedade sua. O seu filho tinha progredido trabalhando de sol a sol, primeiro como ajudante de um velho comerciante hierosolimitano que lhe ensinou tudo o que sabia e que confiava tanto nele que lhe deixou os seus negócios em Beirute e mais tarde em Istambul. Os lucros obtidos permitiram-lhe casar com Layla, filha de outro comerciante, além de comprar uma casa e uma boa horta em Jerusalém.

Ahmed duvidava, sabia que não era correto deixar a sua esposa com um desconhecido.

Dina aguardava em silêncio a decisão do marido. Se Ahmed se negasse a deixar Samuel ficar, não o poderia censurar. Sabia que era uma ousadia pensar nesse assunto. Mas não pensava nela, nem no que os vizinhos pudessem dizer, mas sim em Ismail. Aquele homem parecia saber o que fazer com a febre do menino. Aterrava-a o que pudesse acontecer, sobretudo na ausência de Ahmed.

O marido leu a angústia no seu olhar, por isso acordou Mohamed e mandou-o a casa da avó com o recado de que viesse imediatamente. Não iria trabalhar até que Zaida aparecesse, embora isso implicasse chegar tarde à pedreira precisamente naquele dia em que Ali, o enviado do sayyid, podia aparecer a qualquer momento. Mas a honra da sua casa estava acima de qualquer outra consideração, por isso esperou até ver Mohamed aproximar-se seguido da sua avó.

Depois de se cumprimentarem de forma cortês, Ahmed pediu à sogra que não se afastasse de Dina. Zaida comprometeu-se a não sair da casa da sua filha, e até se comprometeu a ficar o tempo que fosse necessário para ajudar Dina a cuidar de Ismail. Para ela seria um alívio afastar-se da sua nora, uma mulher que se tinha revelado preguiçosa. Mas era a esposa do seu filho mais velho e tinha de a aceitar, embora lhe tivesse agradado ir viver com Dina. Às vezes estava tentada a pedir à filha e ao genro que a deixassem viver com eles, mas tinha medo de ofender o seu primogénito, por isso calava-se; agora a febre de Ismail dava-lhe a desculpa perfeita para sair do ambiente opressivo em que vivia. O seu filho Hassan amava-a e respeitava-a, mas estava apaixonado por Layla, uma mulher muito bela, e só via através dos seus olhos, de maneira que Zaida se calava, cuidando da casa e dos seus netos Salah e Khaled, que já eram dois belos rapazes. Zaida perguntava-se se poderia continuar a aguentar a sua nora no dia em que os seus netos se tornassem adultos e constituíssem os seus próprios lares.

Ahmed foi para a pedreira um pouco inquieto por ter de deixar na sua casa aquele desconhecido, mas sabendo que, com a presença de Zaida, pelo menos respeitava as regras do decoro.

Ahmed só regressou a casa ao final da tarde, preocupado com o que pudesse ter acontecido. A poucos metros de casa encontrou a pequena Aya a brincar com outras meninas da sua idade.

Mohamed esperava-o na soleira da porta de casa e o seu rosto iluminou-se perante a chegada do pai.

— Não me separei da mãe—disse em jeito de cumprimento.

Ahmed mexeu-lhe no cabelo sorrindo. Mohamed estava a tornar-se um rapaz esplêndido e isso despertava o seu orgulho de pai. Faria o que fosse preciso para mandá-lo para Istambul ou para o Cairo com o intuito de que estudasse medicina.

Samuel estava sentado ao pé do leito de Ismail enquanto Dina, com a ajuda de Zaida, preparava o jantar.

As duas mulheres contaram-lhe que Samuel não tinha saído de junto do menino, que não tinha melhorado, mas também não tinha piorado. Ahmed agradeceu-lhe e convidou-o para jantar com eles. Samuel aceitou. Na verdade, não sabia o que fazer nem para onde ir.

Dina pediu autorização ao marido para que Zaida ficasse alguns dias com eles até que Ismail estivesse melhor.

— Podias falar com o Hassan... Para mim é um alívio contar com a ajuda da minha mãe. Encarrega-se da casa e da Aya e sabe como acalmar o Ismail. Se o meu irmão aceitar, e se tu não te opuseres...

Como podia opor-se? Gostava de Zaida e sabia que para a sua esposa a presença da mãe seria uma bênção.

— Amanhã vou ver o teu irmão, tentarei convencê-lo a deixar que a tua mãe fique connosco para sempre.

— Não me atreveria a pedir-te tanto! Mas o Hassan não vai querer, a sua esposa é indolente e até lhe convém ter a minha mãe para fazer as tarefas que ela recusa.

— Vou falar com ele—disse Ahmed dando o assunto por encerrado.

Enquanto os dois homens jantavam, Zaida encarregou-se das crianças.

— A Dina precisa de dormir, se o menino piorar acordo-vos.

Embora Dina se negasse a separar-se do seu filho, Ahmed convenceu-a a descansar.

— A tua mãe tem razão. Deves estar forte, o Abraham disse-nos que o menino vai sofrer, não sabemos quanto tempo é que Alá permitirá que continue entre nós, mas seja quanto tempo for precisará dos teus cuidados. Descansa esta noite e deixa que a tua mãe se ocupe dele. Eu também ficarei algum tempo ao lado dela.

O judeu observava em silêncio. Parecia preocupado com o destino de Ismail.

— Tu trabalhaste todo o dia, acho que também precisas de descansar, e a tua sogra deu uma grande

ajuda à tua esposa. Se me permites passar a noite aqui, eu cuidarei do teu filho—propôs Samuel.

Ahmed analisou as palavras do judeu. Não sabia se podia confiar nele, embora até ao momento se tivesse comportado com discrição e decoro, de maneira que aceitou a proposta.

— Está bem, podes ficar mais uma noite e, já que és químico, deves saber aliviar a dor do meu filho, mas eu vou dormir aqui no chão ao pé do seu leito e acorda-me se vês que piora.

Assim foi. Ahmed adormeceu de imediato embora tenha acordado passado duas horas vencido pelo frio da noite. Reparou que o judeu estava a dar uma colher de xarope a Ismail e sobressaltou-se ao ver a palidez do filho. Como era possível que tivessem sido tão cegos a ponto de não verem o quão doente estava? Não o devia ter levado a Jaffa e culpou-se pelo facto de o filho ter piorado por sua causa. Samuel pareceu ler-lhe o pensamento.

— Não te culpes. A tuberculose é enganosa. Há dias em que os doentes parecem estar a melhorar, depois têm recaídas. Não é possível vencê-la, só lutar contra ela. O mais importante é que o Ismail não sofra; estes remédios vão ajudá-lo.

Ahmed não conseguiu dormir e fez um sinal ao jovem para ocupar o seu lugar ao lado do seu filho. Samuel deitou-se no chão e adormeceu de imediato.

Dina tinha-se aproximado devagar da cabeceira de Ismail, era incapaz de descansar. Ahmed sabia que não poderia convencê-la a regressar à cama.

De manhã o menino mal podia abrir os olhos devido à febre. Ahmed mandou Mohamed à pedreira para avisar que ia chegar tarde. Tinha de levar Ismail ao médico judeu. Insistiria com ele para que fizesse alguma coisa pelo seu filho. Não podia aceitar que Ismail tivesse de morrer e muito menos a engasgar-se na sua própria tosse.

Felizmente, Zaida estava com eles e podia encarregar-se da casa e da pequena Aya. Mohamed também tinha de passar pela casa do seu tio para avisar que a avó ficava com eles pelo menos mais um dia. Num outro momento, Ahmed iria falar com o seu cunhado. Por agora, o mais urgente era Ismail, por mais que fosse invadido por um calafrio cada vez que pensava que a qualquer momento Ali o mandaria chamar para lhe anunciar que tinha vendido a pedreira e a sua horta, e então, o que seria deles? Ainda não tinha contado a Dina a sua conversa com Ali, tinha de o fazer, mas não justamente quando o seu filho estava tão doente.

Samuel insistia em acompanhá-los. Ahmed não se opôs e pelo caminho decidiu que falaria com Abraham Yonah para que se responsabilizasse por aquele jovem ao qual não queria continuar a dar abrigo na sua casa. Não tinha motivos para isso. Ele tinha cumprido em demasia as regras da hospitalidade acolhendo o forasteiro no seu lar durante duas noites, mas já tinha chegado o momento de ele seguir o seu caminho.

Quando chegaram à casa de Abraham, Raquel, a sua esposa, abriu-lhes a porta e fê-los entrar.

— O meu marido foi visitar um doente, mas volta já.

Assim foi. O velho médico judeu chegou uns minutos depois e encarregou-se imediatamente de Ismail, examinando-o com delicadeza e pedindo a Samuel a sua opinião sobre o estado do menino. Quando acabou de o examinar, a sua expressão era grave.

— Lamento, Ahmed, não posso fazer grande coisa. A vida do teu filho está nas mãos de Deus; aqui na Terra nós, os homens, não temos conhecimentos nem sabedoria suficientes para o salvar. Só posso continuar a tentar aliviar a sua dor.

Dina desatou a chorar. Teria querido ouvir outras palavras de Abraham, até que os enganasse, qualquer coisa menos arrebatá-lhe a esperança. Como podiam dizer-lhe que o seu filho ia morrer? Porque é que tinha de ser assim? O que tinha feito Ismail para receber a morte como castigo? Iria para o paraíso, sim, mas tinha de ser com tão pouca idade? Não chegava a compreender os desígnios de Alá e,

se ela se tivesse atrevido, teria clamado contra Ele porque lhe ia arrebatrar o seu querido filho sem motivo.

O médico judeu forneceu aos pais mais remédios para Ismail, mas despediu-se deles sem uma palavra de esperança; de seguida, pediu a Samuel que o esperasse naquela sala.

Quando estavam prestes a deixar a casa de Abraham, Ahmed teve a impressão de ouvir uma voz familiar. Noutra divisão, vários homens pareciam discutir e aquela voz... era de Ali? Ahmed disse para si que não era possível, o que poderia fazer Ali na casa de um médico judeu a não ser que tivesse ido em busca de um conselho por causa de alguma doença? Mas Ali não parecia ter problemas de saúde, por isso devia estar enganado.

Despediu-se de Abraham. O médico pediu-lhe autorização para visitar Ismail.

— Venha quando quiser, será bem recebido—respondeu Ahmed sem muito entusiasmo.

Depois de deixar Dina e Ismail em casa dirigiu-se rapidamente à pedreira. Passou ali o resto do dia temendo que, a qualquer momento, o avisassem de que Ismail tinha voltado a piorar. Também achava estranho que Ali não tivesse aparecido na pedreira, mas os seus cunhados garantiram-lhe que ninguém tinha perguntado por ele.

O sol estava a apagar-se no horizonte quando Ahmed regressou a casa preocupado com Ismail. Estavam várias pessoas em frente dela. Acelerou o passo e assim que atravessou a horta que desembocava no jardim do seu lar, Ahmed conseguiu ver Dina e Mohamed a falarem com Samuel e uns desconhecidos. Três homens de aspeto rude, vestidos com uns casacos cheios de remendos, estavam ali junto a uma mulher de cabelo louro e a uma menina da idade de Mohamed.

Ahmed acelerou o passo até chegar ao pé de Dina.

— Pai...—A voz de Mohamed tinha um vislumbre de raiva contida.

— O que se passa?—perguntou sem se dirigir a ninguém.

— O sayyid Ali veio ao início da tarde com estes homens, vendeu a nossa horta, a nossa casa, o nosso pedaço de terra—explicou Dina à beira das lágrimas.

— Deixa-me explicar-te...—Samuel tinha dado um passo à frente colocando-se diante de Ahmed, que agora o olhava com ira.

— Com que então apropriaste-te da minha casa...

— Não, não é verdade. Hoje de manhã, quando partiram, o médico fez-me entrar noutra divisão onde estavam estes homens com um comerciante egípcio chamado Ali. Ao que parece, o tal Ali sabia que alguns viajantes judeus estavam interessados em comprar terras para se instalarem aqui. Não sei como é que chegou a casa do Abraham Yonah, mas a questão é que o médico o apresentou a estes homens que chegaram de Vilnius. O tal Ali contava que o seu amo se queria desfazer de algumas terras que já não lhe eram úteis e referiu a tua horta e os terrenos circundantes. O Abraham Yonah mostrou-se contrariado, disse que eras um bom homem, com uma família para sustentar e que o sayyid Aban não vos devia deixar na rua. O Ali disse que o seu amo lhe deu ordens para vender as terras e que, caso não fosse a estes homens, vendê-las-ia a outros. Garanto-te que o Abraham fez o possível para o convencer a vender outros terrenos, mas o Ali não quis ouvir. Então eu... bem, não tenho muito dinheiro mas tentei comprar-lhe a terra para impedir que vos expulsassem do vosso lar, só que não podia pagar a quantia exigida. No fim, chegámos a um acordo, juntaria os meus recursos aos destes homens para comprar os terrenos. Pus uma condição: que vos permitam continuar a trabalhar na vossa horta e a viver na vossa casa. Nós viveremos e trabalharemos nos terrenos do lado que estão por cultivar.

— O sayyid Ali disse que já te tinha informado das intenções do sayyid Aban e que amanhã iria à pedreira...—acrescentou Dina sem poder esconder a censura para com o seu marido.

— Ahmed estendeu a mão e Samuel entregou-lhe o título de propriedade. Mal deu uma olhadela,

devolveu-lho.

— Com que então agora a minha casa é vossa e a minha horta também. O que querem de nós?

— Nada, Ahmed, garanto-te que nem eu nem estes homens faremos nada que te prejudique. Sabes bem que na Palestina alguns judeus estão a construir pequenas quintas. É o que faremos aqui, mas respeitando a tua horta.

— Quanto devo pagar para continuar na minha casa?

— Não nos vejas como inimigos, por favor, Ahmed...

— Não tenho sítio para vos alojar, têm de dormir ao relento, a não ser que nos expulsem do nosso lar.

— Sabes que essa não é a minha intenção. Por favor, confia em mim! Não me conheces, não sabes nada sobre mim, mas garanto-te que não te vou prejudicar.

Ahmed não respondeu. Entrou em casa seguido por Dina e Mohamed. Não fecharam a porta, mas também não os convidaram a entrar. Ismail chorava nos braços da sua avó Zaida enquanto Aya estava muito quieta ao lado da lareira.

— O menino está muito quente, a febre subiu—disse Zaida com preocupação.

Ahmed aproximou-se do filho e colocou a palma da mão sobre a sua testa a arder de febre.

— Ismail, filho...—sussurrou enquanto pegava no menino e o embalava nos braços.

— Está esgotado pela febre—disse Zaida enquanto colocava um pano de água fria sobre a testa do menino.

— Cuida do meu filho, tenho de falar com a minha esposa—e conduziu Dina até ao quarto que partilhavam.

— Tu sabias que isto ia acontecer e não me disseste nada...

— Não te quis contar na casa da tua prima, esperava chegar à nossa casa, mas quando o Ismail piorou...

— O que vai acontecer? Acreditas que esse judeu, o Samuel, está a dizer a verdade?

— Não sei, mas agora ele e os seus amigos são os donos de tudo isto. Se o Ismail estivesse bem, dir-te-ia que fôssemos para outro sítio, mas achas que podemos fazê-lo? Temos de ficar aqui até que... enfim, esperemos que o nosso filho recupere.

— Garantiu-nos a mim e ao Mohamed que nem tinha intenção de comprar as terras nem se queria dedicar à agricultura, que o fez para nos ajudar. Não percebo os outros homens, não sei em que língua falam.

— E as mulheres?

— O Samuel diz que a mais velha é casada com um dos homens e a menina é sua filha. Pegaram-me nas mãos como se me quisessem acalmar e sorriram-me, a mulher chama-se Kássia e a menina Marinna. Temos de os deixar dormir aqui?

— Esta é a casa deles, mas espero que não me obriguem a isso—respondeu Ahmed, e no seu tom de voz Dina pôde ler que se sentia humilhado.

— Não te preocupes, talvez sejam melhores amos do que foi o sayyid Aban. Mas, diz-me uma coisa, o que vai acontecer com a pedreira? O Ali disse que amanhã de manhã te iria fazer uma visita...

— O sayyid Aban também se quer livrar dela, talvez o Ali já a tenha vendido...

— Que Alá não o permita! Vão despedir-te!

— O Ali disseme que me recomendaria aos novos donos.

— E o que é que achas? Porque é que nos fazem isto? O que é que fizemos de mal? Nunca deixámos de lhes pagar, sacrificámo-nos para cumprir tudo o que queriam. Porque é que vende a nossa terra a estes judeus?

— Cala-te, Dina, não faças perguntas para as quais não tenho mais resposta do que aquela que o Ali

me deu. Os senhores Aban querem negócios prósperos e estão fartos dos que lhes dão rendimentos a muito custo. Esta terra mal dá para nós comermos.

Abraçou-a antes de regressar à sala onde tinha colocado a cama de Ismail junto à lareira para o manter quente. Zaida continuava perto do menino enquanto Mohamed e Aya esperavam pelos seus pais em silêncio.

Ahmed saiu de casa para falar com Samuel e com as restantes pessoas que compunham aquele estranho grupo.

— O que queres que faça?—perguntou com uma expressão rude.

— Quero que permitas que as mulheres durmam na vossa casa. Nós dormiremos ali, junto à cerca. Talvez nos possas vender alguma coisa para comer...

Dina instalou Kassia e Marinna no quarto que Aya partilhava com a sua avó Zaida; havia pouco espaço, mas pelo menos não dormiriam ao relento.

Com gestos, Kassia ofereceu-se para ajudar no que fosse necessário, mas Dina não aceitou. Deu à mulher e à menina uma fatia de pão com um pouco de queijo de cabra e um jarro de água. Não estava disposta a gastar o pouco que tinha com aquelas desconhecidas.

De manhã, Ahmed encontrou os homens a examinarem aquele pedaço de terra que agora era deles. Exceto a casa e a pequena horta de laranjeiras, o resto seria ocupado por Samuel e por aqueles forasteiros. Aproximou-se deles sem vontade e de mau humor. Estava cansado. Tinha estado toda a noite a velar Ismail. Zaida e Dina precisavam de descansar, mas a sua esposa tinha insistido em ficar a cuidar do seu filho. Antes do amanhecer, Zaida já estava de pé e insistia com ela para que dormisse um pouco. Tinha apenas fechado os olhos duas horas.

— Vamos construir uma casa onde possamos viver. Terá de existir lugar para instalar o Jacob com a sua esposa Kassia e a sua filha Marinna. Eu partilharei um quarto com o Ariel e o Louis. Também construiremos um alpendre para os animais e para guardar as ferramentas.

— De agora em diante, quanto devo pagar?

— Conformo-me com a tua ajuda e com o material que nos emprestares e com algumas ferramentas de que precisamos para começar. Não temos intenção de te tirar nada. Podes partilhar connosco alguns dos frutos que obtiveres da tua horta. Não vimos explorar ninguém, somos inimigos de quem explora os camponeses como tu. Garanto-te que não somos como esses senhores que subjagam os camponeses.

— A minha casa só será a minha casa se pagar uma renda—respondeu Ahmed com orgulho.

— Não te queria ofender, mas não sei quanto podes pagar.

Acordaram que lhe daria a mesma quantia que dava ao sayyid Aban.

— E esses homens?

— Parecem boas pessoas. Conheci-os ontem tal como tu. Como podes ver, sem a menor prudência, juntei a minha sorte à deles. Querem apenas trabalhar a terra dos nossos antepassados e viver daquilo que obtiverem dela. O Jacob era professor numa aldeia próxima de Vilnius. O Ariel e o Louis viviam em Moscovo, trabalhavam numa fábrica.

— De certeza que não os conhecias?

— Acredita, vi-os ontem pela primeira vez.

— E sem os conheceres fazes negócios com eles...

— Não me parece que esta terra seja um bom negócio. Vamos demorar meses a arrancar estas pedras e a poder ter a nossa própria horta. Tu ajudar-nos-ás e ensinar-nos-ás... Esse será o preço.

Ahmed não viu Ali senão dois dias depois, quando apareceu na pedreira acompanhado por um homem alto de mãos grandes e fortes.

— Apresento-vos o Jeremias, o vosso novo amo. Já lhe disse que são bons trabalhadores, mas é ele

que tem de decidir.

Ali parecia satisfeito por ter vendido bem as terras do sayyid Aban.

Jeremias queixou-se dos escassos lucros que a pedreira que acabava de adquirir tinha produzido até ao momento e de como tinha vendido tudo o que tinha para comprar aquelas pedras.

— Não vou despedir ninguém, pelo menos por agora, mas serei exigente com o trabalho. Virei aqui todos os dias e não pedirei a ninguém que faça o que eu não for capaz de fazer. Quanto a ti, Ahmed, o Ali diz que és um bom capataz; se assim for, continuarás no posto; caso contrário, serás substituído por outro.

Ahmed regressou a casa preocupado. Jeremias parecia um homem impaciente. Tinha passado o resto do dia a trabalhar como mais um operário e tinha partilhado a comida que levava no surrão, mas não estava alegre, não o tinha visto sorrir um só instante.

Samuel estava ao pé de Kassia a tirar água do poço que havia na horta. Ahmed ficou incomodado ao vê-los dentro do que considerava serem os limites do seu lar.

— Temos de fazer o nosso próprio poço, ou pelo menos levar água daqui até às nossas cabanas, assim não teremos de vos incomodar—disselhe em jeito de cumprimento.

— E não teremos de carregar com os cântaros—acrescentou Kassia naquela estranha língua que os judeus falavam.

Assentiu sem responder, eram demasiadas mudanças para um só dia. Tinha de se acostumar ao facto de o seu novo sayyid já não ser o sayyid Aban.

— Como correram as coisas na pedreira?—perguntou Samuel.

— O sayyid Aban vendeu a pedreira, temos um novo amo, é judeu como vocês, chama-se Jeremias.

— Eu sei. Conheci-o na casa do Abraham. Parece um bom homem. Perdeu toda a sua família num pogrom, e isso deu-lhe um carácter mais duro, mas que homem pode ser o mesmo se assassinam a sua família?

— Quem assassinou?—quis saber Ahmed.

— Nós, judeus, não somos muito queridos nem na Rússia nem nas terras do czar, nem sequer noutros lugares.

— O que é que fizeram?

— Fazer? Nada, não fizemos nada, mas rezamos a Jeová e os nossos rituais são diferentes dos rituais dos cristãos e dos vossos, muçulmanos.

Ismail morreu numa manhã de dezembro. Dina tinha mantido o fogo aceso durante toda a noite, mas mesmo assim o menino não tinha parado de tremer. Na tarde anterior o velho Abraham tinha ido até casa deles para examinar o menino e, à parte, tinha sussurrado a Ahmed que o pequeno estava prestes a falecer.

Zaida e Dina taparam o rosto do menino enquanto Ahmed metia as mãos na cara para evitar que Mohamed e Aya o vissem chorar.

Dina estava prestes a dar à luz e a perda de Ismail deixou-a prostrada na cama. A sua mãe obrigava-a a comer lembrando-lhe que ia ter outro filho, mas ela só queria dormir e deixar que o seu espírito voasse até se reunir com Ismail.

Kassia tentou consolá-la, mas Dina mal entendia aquelas palavras ditas numa língua que pretendia ser árabe. Marinna também procurou ajudar ocupando-se de Aya.

Enterraram Ismail num canto do jardim junto às azáleas. Três dias depois, Dina entrou em trabalho de parto e Zaida mandou chamar a parteira. Durante dois dias e duas noites todos permaneceram à espera. A criança estava com dificuldade em nascer.

Samuel ofereceu-se para ir buscar Abraham com a esperança de que o médico pudesse ajudar Dina a trazer o seu filho ao mundo. Mas Ahmed duvidava. As mulheres tinham filhos com a ajuda de outras

mulheres e sabia que Dina tinha dificuldade em dar à luz. Tinha trazido ao mundo os seus outros filhos e embora tenha pensado que aquele parto não seria diferente, ouviu o que Samuel lhe dizia e mandou chamar o médico. Mas quando Abraham chegou a tragédia já tinha acontecido, e não pôde fazer nada. O menino nasceu morto. Dina também esteve prestes a morrer, e todos estremeceram ao ouvir um grito pungente quando ela soube que este filho também tinha falecido.

Ahmed pensava que a sorte o tinha abandonado. Talvez fosse culpa daquele estrangeiro. Desde que tinha conhecido aquele judeu só lhe tinham acontecido desgraças e, no entanto, não podia deixar de reconhecer que era um bom patrão, muito melhor do que alguma vez tinha sido o sayyid Aban. Samuel tratava-o de igual para igual, ouvia os seus conselhos sobre como arar a terra, como construir uma cerca ou como levar as cabras a pastar.

A casa que tinham construído era tão modesta como a deles. Aqueles homens trabalhavam de sol a sol e dividiam tudo o que tinham. Samuel parecia ser o chefe, mas só aparentemente, já que não tomava nenhuma decisão sem estarem todos de acordo, incluindo Kassia. A mulher parecia ter uma grande influência em todos eles.

"Somos socialistas", explicou-lhe um dia Jacob. Ahmed encolheu os ombros. Não percebia bem o que queria dizer aquela palavra, embora parecesse ser essencial não só para os homens que habitavam a poucos passos da sua horta, mas também para todos aqueles judeus que continuavam a chegar à Palestina empenhados em erguer o que eles denominavam "colónias agrícolas" nas quais partilhavam tudo renunciando a qualquer propriedade individual.

Ahmed tinha um sentimento contraditório em relação a Samuel. Não o podia censurar em nada, antes pelo contrário, tratava-o como se fossem amigos, mas porque haveria de confiar nele? Afinal de contas era um desconhecido, alguém que pensava, falava e agia de forma diferente da dele. Também o surpreendia que nem Samuel nem os seus amigos fossem à sinagoga. Diziam ser judeus, mas não cumpriam as leis de Deus.

Em relação a Kassia, não mantinha o devido respeito para com o seu marido Jacob, defendendo o seu critério na presença de todos. Não era má pessoa, pelo contrário, adorava Dina e até tinha simpatizado com Zaida. Mas ele inquietava-se ao vê-la no seu lar. Kassia parecia não ter limites e temia que fosse uma má influência para as mulheres da sua casa. Ele jamais toleraria que Dina o contrariasse em público. Ouvia sempre as opiniões da sua esposa, até seguia os seus conselhos, mas essa influência nunca se tornava patente fora da intimidade do quarto onde dormiam.

A presença daqueles judeus era uma grande carga para ele. Desconheciam todos os rudimentos da agricultura, não distinguiam uma semente de outra, custava-lhes trabalhar com o arado, e também não demonstraram ser muito hábeis no momento de construir as cabanas. Mas tinha de reconhecer que nunca desfaleciam e que não estavam dispostos a fracassar em nenhum dos seus objetivos.

Com o tempo foi-se acostumando àqueles estranhos vizinhos e chegou a sentir um afeto sincero por Samuel.»

Marian ficou em silêncio perguntando-se se Ezequiel lhe permitiria acender um cigarro, mas não se atrevia a pedir-lho. Em Israel também havia restrições para fumar em público.

— Com que então foi assim que eles viveram a chegada do meu pai... Na verdade, não é muito diferente daquilo que ele me contou—disse Ezequiel fitando Marian

— Eles não mentem—respondeu ela, incomodada com o comentário.

— Eu também não, mas diga-me, com quem é que falou da família do Ahmed Ziad?

— Não tenho motivos para lho dizer.

— Não, não tem, mas gostaria de o saber.

— Para quê? Por acaso vai mudar alguma coisa? O senhor vive aqui, onde um dia esteve a sua aldeia, e eles são um número mais entre os deslocados.

— Sabe uma coisa? Estou muito interessado naquilo que me conta. Mais do que pode imaginar.

— Agora é a sua vez de continuar com a sua versão da história.

«Samuel perguntava-se várias vezes pelo rumo que a sua vida tinha tomado. Se Ismail não tivesse estado tão doente e ele não tivesse acompanhado aquela família de camponeses à casa de Abraham, não teria conhecido Ali e aqueles outros judeus que teimavam comprar um pedaço de terra.

Não demorou a verificar que muitos dos judeus recém-chegados à Palestina costumavam ir à casa de Abraham Yonah. O médico tinha ganhado a fama de ajudar aqueles esfarrapados desejosos de integrarem a Terra Prometida.

Abraham Yonah tinha conhecido Sir Moses Montefiore, proeminente judeu inglês empenhado em ajudar outros judeus a instalarem-se na Palestina financiando pequenas indústrias e aldeias agrícolas. O médico contava que muitos dos judeus da Palestina não viam com bons olhos a chegada de novos emigrantes. Mas não era esse o caso de Abraham, que colaborava ao máximo com as boas intenções de Montefiori, como mais tarde o faria com os enviados do barão Rothschild, que também dedicavam todo o seu esforço a ajudar os emigrantes judeus a instalarem-se na Terra Prometida.

Na manhã em que Ismail agonizava, Abraham ajudava Jacob, Ariel e Louis a fecharem um acordo com Ali, o enviado do sayyid Aban, disposto a vender as terras e a pedreira que possuía na Palestina, pois eram muitos os árabes palestinos que procuravam a mediação do médico para venderem as suas posses. Homens poderosos e ricos que viviam em Damasco, no Cairo ou na longínqua Istambul, porque, quem queria viver naquela terra árida em que os homens morriam de malária? Só esses estranhos judeus que começavam a chegar da Europa estavam interessados em cultivar aquela terra. Que ficassem com ela, de nada lhes servia em Damasco ou no Cairo, só lhes traria dores de cabeça.

Samuel perguntava-se o que o tinha levado a juntar a sua sorte à de Jacob, Ariel e Louis. Assim que soube que iam comprar a terra em que vivia Ahmed e a sua família, quis participar da aquisição assumindo até o maior desembolso. Ali tinha aceitado satisfeito. O sayyid Aban felicitá-lo-ia.

Não, não é que estivesse arrependido, mas havia noites em que se amaldiçoava pelo muito que lhe doíam os rins depois de passar horas e horas a arrancar pedras e ervas daninhas para poder arar os campos e semear.

Durante os primeiros anos também lhe custou a indiferença e a distância que Ahmed fazia questão de estabelecer entre os dois. Não lhe tinha sido fácil conseguir a sua amizade. Pelo contrário, Kassia e Dina tinham-se tornado boas amigas. Marinna cuidava de Aya como se fosse sua irmã mais nova e partilhava segredos com Mohamed. Mas Ahmed resistia a aceitá-los, embora nunca o tivessem tratado como outros arrendatários tratavam os camponeses, já que o tratamento era de igual para igual.

Kassia tinha convencido Samuel de que, além da terra, também teria de continuar a preparar beberagens medicinais.

— És químico, os teus remédios servir-te-ão para teres algum lucro. O velho Abraham queixa-se de que nem sempre encontra os medicamentos de que precisa.

— Mas eu não sou boticário—protestou ele.

— Mas é quase a mesma coisa.

Agradeceu-lhe o conselho, porque lhe permitiria ter o seu próprio espaço e intimidade. Ninguém o incomodava naquela pequena cabana que tinham construído para que ele elaborasse os seus preparados medicinais. Até tinha colocado um colchão num canto para ficar a dormir quando trabalhava até tarde.

Por conselho de Abraham, Louis tinha passado uma temporada numa comunidade agrícola fundada por judeus vindos da Rússia. Ali tinham-lhe ensinado como se deviam organizar. Quando regressou do kibutz, propôs aos seus amigos dar um nome àquelas terras onde viviam.

— Podemos chamá-la "Horta da Esperança", em memória da Petah Tikva, uma das primeiras comunidades que teve de ser abandonada devido à malária.

— Mas é quase igual a Porta da Esperança—protestou Kassia.

— Sim, mas por acaso não temos todos esperança de que estas hortas sejam o final do caminho iniciado?—respondeu Louis.

Aqueles primeiros anos não foram fáceis para Samuel e para os seus novos amigos. Na Palestina não jorrava o leite e o mel que a Bíblia prometia.

Para lá de Jerusalém só havia aldeias e vilas, até aquelas cujos nomes evocavam a grandeza do passado, Hebron, Safed, Tiberíades, Haifa, Nazaré, Jericó.

A Palestina pertencia ao império turco e os representantes do sultão costumavam ser funcionários corruptos que preferiam ignorar as razias dos beduínos ou que os presidentes das Câmaras situadas na rota de Jerusalém cobravam portagem a quem quisesse chegar à Cidade Santa.

Para Samuel também não foi fácil adaptar-se à vida com os seus novos amigos. Jacob vinha de uma família de comerciantes de Vilnius. O seu pai tinha lutado para que conseguisse estudar e não tinha olhado a esforços para que o seu filho fosse professor. É verdade que só podia ensinar outros judeus, mas ele não se importava, estava determinado a que os seus alunos aprendessem russo em vez de circunscreverem o seu mundo, já por si pequeno, ao uso exclusivo do iídiche. Também falava hebreu, o hebreu culto que tinha aprendido dos lábios de um tio que era rabino. Quando Jacob começou a pensar em emigrar para a Palestina, esforçou-se para que Kassia e a sua filha Marinna aprendessem um pouco de turco. Mas Jacob também não se conformava com o domínio do russo e do hebreu ou com a possibilidade de se entender com os seus amigos em iídiche, por isso, quando caía a noite e Kassia ia dormir, ele ficava a estudar outras línguas, e assim aprendeu, além de turco, árabe e alemão.

Tinha no seu surrão alguns romances de Dostoievski, e quando tinha tempo livre lia a Marinna as aventuras de Ulisses contadas por Homero.

Kassia costumava fazer um esforço para que Jacob tivesse tempo para as suas leituras e estudos. Não se importava de trabalhar de sol a sol, e quando Jacob insistia em que algo se devia fazer desta ou daquela maneira, ela ouvia-o, mas, se não concordava, discutia com o seu marido até convencê-lo. Jacob cedia sempre porque, no fundo, sabia que a sua esposa preferia encarregar-se do trabalho agrícola; não porque fosse uma camponesa, mas porque se esforçava por sê-lo e por aprender tudo o que Dina e Zaida lhe ensinavam.

Dina e Zaida admiravam o cabelo louro e os olhos azuis de Kassia e Marinna. Admiração que Mohamed também sentia por Marinna, da qual se tinha tornado inseparável, para desgosto de Ahmed.

Ele não aprovava que Kassia levantasse a saia até mostrar a barriga da perna enquanto mondava

ervas. Nem que desabotoasse dois ou três botões da blusa quando o calor apertava, ou que arregaçasse as mangas deixando os braços à vista. Não dizia nada, mas Samuel reparava no seu desgosto porque via como contraía a mandíbula e virava a cabeça olhando para outro lado. Porém, a lituana fazia de conta que não percebia, e não porque não fosse inteligente, mas sim porque tinha decidido que a melhor forma de evitar conflitos era ignorar o incômodo de Ahmed.

Era evidente para todos que Marinna se transformava numa bela mulher. Tinha herdado a magreza do seu pai, umas pernas compridas e umas mãos delicadas; da sua mãe, o cabelo louro e os olhos de um azul intenso. Mas, além disso, tinha algo que faltava aos seus progenitores, que era uma alegria inata e uma notável capacidade de empatia para com todos os que a rodeavam.

Mohamed tinha-lhe confessado que o seu pai queria que fosse médico e que quando chegasse o momento o mandaria estudar para Istambul ou talvez para o Cairo, e lamentava-se por isso. Marinna consolava-o garantindo-lhe que ela ainda seria sua ajudante.

Samuel simpatizou de imediato com Jacob e Kassia, também com Louis, mas custou-lhe mais estabelecer uma relação com Ariel, um tosco operário de Moscovo.

Louis era filho de um bon vivant francês que tinha engravidado uma jovem judia. O pai de Louis tinha um certo estatuto social e viajou pela Rússia, e foi em Moscovo que conheceu aquela que viria a ser a mãe de Louis. Estava alojado em casa de uns amigos e numa tarde regressou com o olhar aceso. Tinha dado de caras com uma jovem na rua; era lindíssima, garantiu à sua anfitriã. Obcecado com aquela jovem, decidiu ficar em Moscovo até conseguir relacionar-se com ela. Não lhe foi fácil, mas no fim a jovem não pôde ficar indiferente àquele cavalheiro francês sempre tão elegante e atento. O francês seduziu a jovem e, de um dia para o outro, ela já estava grávida. Naturalmente, não podiam casar, mas ele prometeu encarregar-se da criança. Comprou uma casa modesta na qual instalou a mãe e o filho. Costumava visitá-los pelo menos uma vez por ano, até que um dia não regressou. A mãe explicou a Louis que o seu pai se tinha casado com uma jovem do seu estatuto social e que não voltariam a vê-lo. Felizmente, não cortou totalmente relações com eles e a mãe de Louis suspirava aliviada com o dinheiro que ele lhe enviava. Não conseguiu dar ao seu filho a educação que teria desejado, "mas pelo menos—dizia-lhe—falas francês. Foi uma sorte o teu pai ter-te sempre falado na sua língua".

Louis era alto, moreno e forte. Era mais novo do que Samuel, não passava dos vinte e cinco anos, e tinha uma fé cega no socialismo, tal como Ariel, que tinha conhecido a trabalhar na mesma fábrica.

Samuel perguntava-se como era possível que Louis fosse amigo de Ariel, porque não podiam ser mais diferentes. Mas Louis sentia uma autêntica devoção por Ariel, a quem considerava seu mentor em questões políticas. Foi Ariel que lhe abriu os olhos para o socialismo, que lhe disse que não se deviam resignar com a ideia de serem pouco mais do que criados do czar, que lhe garantiu que o problema não era eles serem judeus, mas o facto de a Rússia estar nas mãos daqueles aristocratas esbanjadores e insensíveis, e que chegaria um dia em que os camponeses e trabalhadores se rebelariam sem importar a religião de cada um deles. Mas no fim sucumbiram ao desespero e decidiram seguir os passos dos Bilu, aqueles jovens de Carcóvia que tinham deixado a Rússia para encontrarem a sua velha pátria, a Palestina, a terra da qual os seus antepassados tinham sido expulsos. Com alguns rublos poupados começaram a aventura que os levou até ao porto de Jaffa.

Todas as semanas Samuel visitava Abraham. O médico tinha-se tornado um bom amigo e, além disso, comprava-lhe os seus remédios. Também simpatizou com o filho do médico, Yossi, e com a sua esposa, Judite. Samuel gostava de ouvir Raquel e Judite falarem em ladino.

— A minha nora e eu somos espanholas—dizia Raquel com orgulho.

Raquel não deixava de se preocupar com Samuel e ele gostava de ouvir as histórias dos judeus expulsos de Espanha que tinham encontrado o seu lugar no Império Otomano.

— Não podemos censurar os turcos em nada. Quando os meus antepassados chegaram a Salónica, voltaram a ter um lar. Foram muitos os judeus influentes perto da Sublime Porta porque os sultões os tinham honrado com a sua confiança. Ai, Salónica! Devias conhecê-la.

Abraham sorria perante o entusiasmo da sua esposa, que não conseguia interromper quando começava a falar da Sefarad.

— Nós somos de Daroca, perto de Saragoça, é ali que está a nossa casa, um dia voltaremos— garantiu Raquel enquanto apontava com o dedo para um velho mapa onde dizia que estava aquela cidade aragonesa da qual os seus antepassados saíram.—Enganaram-se ao expulsar-nos das nossas casas; o sultão Beyazid soube aproveitar a laboriosidade dos nossos artesãos, a inteligência dos nossos sábios, o impulso dos nossos comerciantes. O sultão gostava que nos estabelecêssemos em Salónica e protegeu-nos. Sabias que encarregou os nossos antepassados da confeção dos uniformes dos janízaros, a tropa de elite dos seus exércitos? Tal era a sua confiança em nós. Até chegaram a encarregá-los de cobrar os impostos aos mercadores. Nós fazíamos mais bulício do que os judeus de outros lugares e Salónica chegou a parecer uma cidade espanhola.

— Não é dos muçulmanos que devemos ter medo, mas sim dos cristãos—acrescentou Judite.—São eles que nos perseguem acusando-nos dos crimes mais horrendos. Os otomanos nunca nos quiseram converter, nem que abandonássemos a nossa religião, respeitam-nos porque partilhamos profetas e um só Deus. A minha família teve de fugir de Toledo. Os meus pais contaram-me que os seus avós e os avós dos seus avós também se estabeleceram em Salónica e ali prosperaram e viveram com liberdade. Inclusivamente, um dos meus antepassados trabalhou no Arquivo Real da Sublime Porta em Istambul.

Sogra e nora tinham um carácter aberto e alegre e Samuel sabia que era bem-vindo naquela casa, onde Raquel insistia em que partilhasse com eles algumas das saborosas refeições espanholas que preparava. Samuel gostava sobretudo do "pão de Espanha", um biscoito com amêndoas cuja receita Raquel teria herdado da sua mãe e esta da sua, e assim sucessivamente.

— Devias procurar uma esposa e casar—recomendava-lhe Abraham.

Mas não podia seguir o seu conselho porque o rosto de Irina se interpunha de imediato.

Irina escrevia-lhe com regularidade, tal como Marie e Mikhail. Também trocava correspondência com os seus amigos, Konstantin Goldanski e Josué, que o mantinham informado sobre tudo o que acontecia em São Petersburgo.

Para Marie tinha sido uma sorte que Irina e Mikhail tivessem vindo viver com ela. Irina era a filha que não tinha tido, e Mikhail, o neto desejado. Tratava-os como tal, embora, queixava-se Irina, mimasse demasiado Mikhail.

Marie suplicava-lhe que regressasse a Paris e que, de uma vez por todas, se decidisse a falar com Irina para a pedir em casamento. Samuel não se atrevia. As cartas de Irina eram amistosas e cordiais, mas não havia uma única palavra que indicasse que sentia a sua falta. Não se enganava, sabia que ela não estava apaixonada por ele e que era feliz com aquela vida inesperada que tinha encontrado junto de Marie.

Numa tarde em que estava a fazer uma visita a Abraham, o médico pediu-lhe que alojasse um grupo de judeus recém-chegados da Rússia.

— Chegaram há uns dias em fuga após uma tentativa falhada de revolução. Precisam de um lugar onde viver, tal como tu precisavas quando chegaste aqui há seis anos.

Samuel estremeceu. Há já seis anos que vivia na Palestina e nesse tempo tinham chegado a Jerusalém as notícias de que em 1905 tinha havido um levantamento contra o czar que tinha sido sufocado sem piedade. Numa das suas cartas, Konstantin Goldanski informou-o do sucedido:

"É demasiado humilhante que os japoneses nos tenham derrotado. Muitos dos nossos amigos julgam

que esta guerra não faz sentido, mas como evitá-la? Não podíamos deixar de enfrentar o Japão, embora no fim tenha sido um desastre. Foi assinado um tratado graças à intervenção dos Estados Unidos, um país promissor. Mas o Tratado de Portsmouth, assim se chama, obriga-nos a entregar Liaoyang e Port Arthur além de ceder metade da ilha de Sacalina e também Dongbei Pingyuan, na Manchúria. Consegues imaginar maior catástrofe? Tudo isto alimentou o ressentimento do povo e os revolucionários estão a aproveitá-lo. Há revoltas em todo o lado. O pior de tudo o que aconteceu foi o que aqui todos já chamam 'Domingo Sangrento', uma carnificina provocada pelos cossacos da Guarda Imperial quando uma multidão se amontoou em frente ao Palácio de Inverno em São Petersburgo e, em nome do nosso czar, foi-lhes ordenado que disparassem contra a multidão. Que grande erro! Contaram duzentos mortos e o derramamento deste sangue terá consequências."

Por mais que trabalhar a terra não lhe deixasse muito tempo para pensar, as cartas de Konstantin inquietavam Samuel, mas de repente tomou consciência de que já tinha trinta e quatro anos e as mãos cheias de calos devido ao arado. O seu rosto tinha perdido a palidez de antigamente e estava curtido pelo sol e pelo vento. Não disse a Abraham, mas sentia-se frustrado porque nenhum dos seus sonhos se tinha cumprido. Às vezes sentia-se um autómato, como se aquela vida não fosse a sua, porque a verdadeira tinha ficado para sempre em São Petersburgo.

— Podem vir connosco e ficar o tempo que for necessário. Quantos são?

— O grupo de que te falo é numeroso. Mas alguns já decidiram continuar a viagem para a Galileia, há lá algumas quintas; outros vão instalar-se na costa, que é onde as autoridades levantam menos problemas para comprar terras. Mas os homens de que te falo querem ficar aqui, em Jerusalém, pelo menos durante um tempo, e precisam de trabalho.

— Trabalhámos grande parte da terra que comprámos ao sayyid Aban e resta apenas cultivar um pedaço, mas se o Louis, o Jacob e o Ariel estiverem de acordo, podem ficar connosco.

— Não te esqueças de perguntar à Kassia, a última palavra é dela—respondeu Abraham com um sorriso.

Devolveu-lhe o sorriso. Abraham tinha razão, Kassia era a alma daquela estranha comunidade na qual viviam, e nenhum dos quatro homens se teria atrevido a contrariá-la.

Samuel simpatizou de imediato com o grupo que Abraham lhe apresentou. Sete homens e quatro mulheres que se declaravam socialistas e que, milagrosamente, tinham conseguido sobreviver à perseguição implacável com que o czar acabou com a revolução de 1905.

— Não imaginas o espetáculo de milhares de homens formados em colunas a caminho da Sibéria—contou um dos homens.

— O czar está mais poderoso do que nunca—afirmou outro.

— Nós ficámos com a pior parte, houve pogroms em Kiev, em Kishinev... Assassinaram centenas de judeus—acrescentou uma mulher.

— O pior é que não fizemos nada para nos defendermos. Porque é que nós, judeus, nos deixamos matar? Porque é que nos escondemos à espera de que a ira dos nossos verdugos acalme e se esqueçam de nós?

O homem que dizia estas palavras chama-se Nikolai, e parecia ser o líder do grupo. Nikolai era escritor, pelo menos até então tinha ganhado a vida a escrever em publicações hebraicas. Tirou do seu saco alguns papéis que entregou a Samuel.

— Lê, é um poema de Bialik. Sabes quem é Bialik?

Samuel não sabia, mas leu aquele poema intitulado "Na cidade da matança".

— Bialik lamenta-se da mesma coisa que nós nos lamentamos, da passividade dos judeus perante as matanças das quais somos vítimas só pelo facto de sermos judeus. Lê, lê o que diz o poema. Se não

fizemos nada, o resto do mundo também não vai fazer. A nossa cobardia não serve para agitar consciências.

— Não podes pedir gestos heroicos. Já fazemos o suficiente para sobreviver—respondeu-lhe Samuel.

— E és tu que me dizes isso, tu que tiveste de fugir? O Abraham contou-nos que perdeste a tua família, primeiro a tua mãe e os teus irmãos, depois o teu pai.

— Se não tivesse sido assim nunca teria saído da Rússia. Não há um único dia em que não tenha saudades de São Petersburgo. Aqui sou um estrangeiro.

— Um estrangeiro? Estás louco? Esta é a terra dos nossos antepassados, expulsaram-nos daqui, não devemos permiti-lo. Nunca fomos iguais aos outros, nem na Rússia, nem na Alemanha, nem em Espanha, nem em França, nem em Inglaterra... Judeus, é isso que somos, e é aqui que devemos estar.

— Vê lá se a polícia turca te ouve falar assim.. A Palestina faz parte do império turco. Não te enganes, substituímos um império por outro, mas nada mais. Esta terra foi nossa, mas já não é, devias aceitá-lo.

— Julgava que o sultão Abdul Hamid via a nossa causa com simpatia. Não recebeu Theodor Herzl?

— Herzl esteve em Istambul em 1901 para ver o sultão e parece que este se mostrou cordial, mas nada mais. O que Herzl pretendia do governo turco era um firmão, uma carta de aprovação para que os judeus se pudessem estabelecer na Palestina sem restrições. Mas não o conseguiu. Os turcos inventam os impedimentos que querem, e não parecem muito dispostos a acolher emigrantes judeus em massa. Herzl morreu sem conseguir o seu objetivo e David Wolffsohn, que sucedeu a Herzl no comando da Organização Sionista, também não teve muito mais sucesso com o governo turco.

Nikolai considerava Theodor Herzl o maior dos homens. Admirava verdadeiramente aquele jornalista húngaro que, embora sendo judeu, nunca viveu como tal, apesar de, nos anos em que estudava direito em Viena, ter sido testemunha do auge do antissemitismo na Áustria. O destino fê-lo recuar na sua vontade de ser advogado para se tornar cronista de um jornal vienense, trabalho que o levou a Paris, onde foi testemunha do Caso Dreyfus. Se a França acusava de traição um dos seus soldados só pelo facto de ser judeu, o que se podia esperar mais?

As palavras de Samuel caíram em saco roto. Nikolai não as tinha em conta, nem o resto do grupo.

— Chegou a hora de nós, judeus, deixarmos de fugir, de deixarmos de nos comportar como uns cobardes, de voltarmos a casa, é por isso que aqui estamos. Além do mais, na Palestina poderemos demonstrar que o socialismo é possível. A Rússia está a morrer.—Os olhos de Nikolai brilhavam cheios de ira.

— A Rússia é eterna—respondeu Samuel de mau humor.

— O que é que tu sabes? Se tivesses assistido como eu à representação de O Submundo, um drama escrito por Máximo Gorki... Conhece-lo? No Teatro da Arte de Moscovo os espectadores não podiam acreditar no que estavam a ver. Gorki tinha levado à cena como é o povo que os czares e os aristocratas desconhecem.

O grupo foi bem recebido na Horta da Esperança, tal como Samuel e os seus amigos chamavam àquelas terras compradas ao sayyid Aban.

Jacob simpatizou de imediato com Nikolai, e Ariel e Louis encarregaram-se, de seguida, de os alojar, enquanto Kassia instruía as mulheres sobre a dureza da vida naquele lugar.

— É preciso trabalhar sem descanso para arrancar algum fruto da terra. Aqui nem sequer guardamos o sabat. Nós temos de ganhar o pão como os homens.

— E quando é que isso alguma vez não foi assim? Lembro-me da minha mãe a trabalhar de sol a sol, a ocupar-se da família, a gerir as contas da casa, enquanto o meu pai se dedicava ao estudo do Talmude

—respondeu uma mulher sorridente, que disse chamar-se Olga e que era a esposa de Nikolai.

— Quanto à segurança... aqui temos sorte, mas soubemos de outras colónias que são fustigadas pelos seus vizinhos—explicou Kassia.

— Fustigadas? Mas porquê?—perguntou uma jovem acabada de sair da adolescência.

— Rivalidades de vizinhos...—respondeu Kassia desculpando-os.

Por ela souberam que um grupo de judeus insistia em produzir vinho nas planícies de Rishon LeZion, e que noutros lugares havia quem se dedicasse ao cultivo de laranjas. Havia várias colónias agrícolas disseminadas em toda aquela faixa de terra entre o rio Jordão e o mar Mediterrâneo. Quintas cujos proprietários eram judeus como eles e cujo principal inimigo era a malária.

Os recém-chegados tentavam adaptar-se ao meio. Sob as ordens de Ariel, ergueram outra cabana. Louis e Samuel explicavam-lhes que tipos de cultivo eram os mais indicados para aquela terra tão árida.

A adaptação não foi fácil para eles. Nenhum era agricultor, nem sequer operário. Nunca antes tinham visto uma enxada. Mas não protestavam. Apertavam os lábios e seguiam as indicações de Samuel.

Ahmed estava inquieto com a chegada destes judeus que cultivavam para eles a pouca terra que restava sem ser trabalhada.

Samuel tentou acalmá-lo.

— Vão ficar aqui para sempre?—quis saber Ahmed.

— Não sei, logo se vê. Mas não tens de te preocupar, não te incomodarão nem a ti nem à tua família.

Ahmed estava em silêncio, mas Samuel sentia o seu incómodo.

— Alguns dizem que querem ir para o Norte, outros ficarão. Não têm para onde ir, temos de os ajudar—explicou-lhe Samuel.

— Não são parentes, nem sequer amigos e, no entanto, vivem todos juntos.

Samuel não sabia o que responder. Ele próprio perguntava porquê aquela vida partilhada com esses homens e mulheres aos quais nada o unia exceto o facto de serem judeus como ele. Mas continuava sem aceitar que ser judeu fosse, para o bem ou para o mal, uma diferença.

— Partilharias a tua casa com alguém que não fosse judeu? Entregar-lhes-ias a tua terra, como fizeste com estes?—perguntou-lhe Ahmed.

Samuel quis responder que sim, mas não o fez porque não tinha a certeza e tinha um apreço sincero por Ahmed, o que o levava a não deixar de ser totalmente sincero com ele. Encolheu os ombros e esboçou um sorriso.

— Não sei... na verdade, não sei. Há já algum tempo que perdi o controlo da minha vida, e a única coisa que faço é deixar-me levar pelos acontecimentos. Eu não deveria estar aqui, mas sim em São Petersburgo, queria dedicar-me à química, talvez a preparar remédios, continuar a estudar como o meu professor, que garantia que o que sabíamos era muito pouco. Mas tive de fugir, Ahmed, e aqui estou, a aprender a cultivar a terra contigo.

— Já não tenho nada para te ensinar. Foste um bom aluno.

— Não quero que te preocupes, Ahmed, ninguém vos vai incomodar, dou-te a minha palavra de honra.

— E se chegarem mais judeus e precisares de lhes dar mais terras? Mandas-nos embora? A terra é tua, compraste-a ao sayyid Aban.

— Achas que sou capaz disso? Ainda não estás convencido da minha amizade? Julgava que tinhas mais consideração por mim.

Ahmed baixou a cabeça envergonhado. Não podia apontar nada a Samuel, que sempre o tinha tratado como um amigo.

Contudo, apesar de todos os indícios de amizade e afeto, Ahmed voltava a desconfiar e Samuel

ficava magoado com a sua atitude.

Numa manhã Abraham foi vê-los. Samuel estranhou porque o médico era um homem mais velho que não gostava muito de sair das muralhas da Cidade Santa.

O médico admirou a Horta da Esperança. Não imaginava que fosse encontrar a terra perfeitamente arada e as árvores de fruto cuidadas com tanto mimo, nem aquelas três cabanas improvisadas, modestas e austeras, sim, mas limpas e arrumadas.

— Trabalharam bem. Outros não tiveram tanta sorte. Há uns dias soube de um grupo de colonos estabelecidos perto da costa a caminho de Haifa, numa terra que parecia fértil. Foi uma falsa ilusão; estava rodeada de pântanos, os colonos foram dizimados pela febre. A malária levou à sua vontade homens, mulheres e crianças.

Abraham Yonah parecia especialmente afetado pela tragédia, pois explicou-lhes que conhecia alguns daqueles colonos e que ele próprio os tinha ajudado a ficarem com essas terras. Também estava preocupado com o ataque sofrido por uma colónia na Galileia.

— A escaramuça fez mortos entre os árabes e entre os nossos. Ao que parece uns bandidos atacaram dois homens que iam a caminho da aldeia para comprarem sementes. Os homens defenderam-se mas um deles morreu devido à ferida da faca de um daqueles bandidos. Os homens pertenciam a uma colónia já composta por mais de trinta famílias. Podem imaginar a tragédia que foi. Exigiram justiça às autoridades locais, mas ninguém lhes ligou nenhuma, nem sequer o sayyid da zona.

— Não podemos permiti-lo, temos de nos defender.—As palavras de Nikolai estavam cheias de raiva e veemência.

— De nos defender? Como é que nos vamos defender? As autoridades é que devem fazê-lo—respondeu Samuel.

— Em algumas colónias da Galileia pensam como tu, Nikolai, que não podem permitir que os ataques e os roubos continuem, por isso os homens estão a organizar-se. Vieram a Jerusalém comprar espingardas ou qualquer coisa que sirva para se defenderem. Isto criar-nos-á problemas com os turcos... Não sei, mas acho que estão a chegar tempos difíceis para todos—lamentou-se Abraham.

— Vais acabar por te arrepender de teres ajudado tantos de nós a instalarem-se aqui. Os judeus da Palestina estavam mais calmos antes de nós começarmos a chegar—disselhe Kassia, sempre sincera.

Abraham dirigiu-lhe um sorriso enquanto assentia com a cabeça. Kassia tinha razão, antigamente a sua vida era mais sossegada, mas isso não teria acontecido com a sua consciência se não tivesse ajudado todos os judeus que chegavam em busca de uma casa na terra dos seus antepassados.

Aquela não era uma terra onde jorrasse leite e mel como a Bíblia prometia, mas todos os seus recantos evocavam um passado comum, uma história perdida que agora estavam a recuperar. Há algum tempo que, desde Istambul, se via com receio o facto de tantos judeus terem decidido instalar-se na Palestina, mas o que é que os governos turcos tinham feito por aquela terra? Nada. Era um canto perdido do império, uma terra deixada nas mãos da malária.

— Não posso deixar de me preocupar com o futuro. Temos de conseguir viver pacificamente com os nossos vizinhos. Vocês são um exemplo, Kassia, sei que tratam o Ahmed como um amigo, ele próprio mo disse em várias ocasiões.

— E é assim que deve ser—respondeu Kassia.

Abraham também lhes contou que muitos dos judeus que chegavam estavam destinados ao azar.

— Recebem salários de miséria por trabalharem em algumas plantações da Judeia. Alguns conformam-se com um pouco de comida e com um teto sob o qual se possam abrigar.

— E esta é a Terra Prometida?—exclamou uma das mulheres em tom de queixa.

Kassia olhou-a com desdém. Tinha chegado a amar aquela terra à qual estava a sacrificar até ao

último resquício da sua juventude. As suas mãos, aquelas mãos que antigamente Jacob beijava, quando lhe dizia que eram tão suaves como uma pomba, agora estavam gretadas e ásperas. A sua pele exposta ao sol tinha escurecido, salpicada por sardas minúsculas, e o seu cabelo parecia uma massa disforme de palha preso com ganchos sobre a nuca para que não a incomodasse ao arar.

— Não penses que os fellahs vivem melhor do que nós, dependem dos efendis, os proprietários das terras que cultivam, e também têm de sofrer perante os funcionários turcos—explicou Kassia.

— Aqui também é necessária uma revolução—referiu Nikolai.

— Temos de levar avante algo mais do que uma revolução. Trata-se de transformar esta terra num lar e demonstrar que as ideias pelas quais tivemos de fugir não eram uma ilusão. O Jeremias é um exemplo do que digo. Trata os trabalhadores da pedreira da mesma forma, tanto os muçulmanos como os judeus, paga a todos o mesmo salário, um salário justo. Ele é o melhor exemplo daquilo que nós, judeus, entendemos que deve ser uma sociedade justa—repliou Samuel.

— O Jeremias visitou-me há uns dias. Veio acompanhado de um dos seus trabalhadores, o homem queixava-se de dores no pescoço e de ter perdido a força nos braços—contou-lhes Abraham.

Jeremias não era um homem que gostasse de conversar, preferia ouvir. Tinha levantado com as suas mãos uma casa fora das muralhas da Cidade Velha e de vez em quando Samuel visitava-o. A princípio fazia-o para se assegurar de que ele era um bom patrão para com Ahmed e os seus cunhados. Não demorou a verificar que era um homem justo. O próprio Ahmed tinha-lhe garantido isso. Jeremias precisou de algum tempo para confiar em Samuel e contar-lhe a sua história. Samuel dizia que todos os que tinham chegado à Palestina tinham uma história para contar e a de Jeremias era parecida com a de tantos outros. Um acidente tinha-o salvado de morrer num pogrom na sua aldeia, perto de Kiev. Tinha partido as duas pernas ao cair de umas escadas e estava no hospital quando a sua casa e a dos seus vizinhos foram destruídas. O seu pai, a sua mãe, dois irmãos mais novos, a sua esposa e o seu filho tinham sido assassinados. Não tinha motivos para ficar, de maneira que juntou todo o dinheiro que possuía e embarcou, em Odessa, num velho cargueiro russo que o levou até Istambul, e dali, por terra, iniciou uma penosa viagem até à Palestina subornando funcionários do governo para que o deixassem avançar até ao seu destino final.

Em Kiev tinha pertencido a um grupo socialista integrado por jovens trabalhadores e intelectuais; só havia outros dois homens judeus como ele, mas se se tinha juntado àquele grupo não era por se sentir discriminado por ser judeu, isso só agravava a sua condição de proletário.

— A minha mulher era filha de um rabino e gostava de ler, vivia em Kiev, mas não se importou de deixar a sua família para vir viver para a aldeia com a minha. Era tão delicada... Não sei como se conseguiu apaixonar por mim. O meu filho parecia-se com ela. Tinha quatro anos quando o assassinaram; saía à mãe. Tão magro e louro como ela. A minha mulher ensinou-o a ler e todas as noites fazia com que me lesse algumas linhas da Bíblia. Eu emocionava-me a ouvi-lo, sentia-me orgulhoso deles, não havia nada que pudesse desejar mais no mundo do que estarmos juntos.

A história de Jeremias fazia com que Samuel se lembrasse da sua. Ambos tinham estudado: Samuel para se tornar químico e Jeremias, com grande esforço, tinha conseguido formar-se em engenharia. O pai de Jeremias era prestamista e eram muitos os comerciantes que lhe deviam dinheiro. Quando Jeremias já estava a entrar na idade adulta o seu pai chegou a um acordo com um dos seus devedores: perdoava-lhe a dívida se conseguisse que as portas da universidade se abrissem para o seu filho. O comerciante não pensou duas vezes e moveu os cordelinhos que estavam ao seu alcance até conseguir que Jeremias pudesse estudar numa boa escola e depois na universidade.

Foi nos bancos da faculdade que Jeremias abraçou o socialismo. Não encontrava causa melhor do que a de libertar os trabalhadores do jugo do czar.

Jeremias participava em algumas reuniões com outros emigrantes que, como ele, tinham militado nas ideias marxistas. A única diferença era que na Palestina não tinham de se esconder. Samuel resistia a ir a essas reuniões; tinha prometido a si próprio não voltar a meter-se na política, embora lhe fosse difícil cumprir a sua decisão.

Ariel e Louis também mantinham a sua fé na revolução intacta. Alguns dias, quando o sol caía e acabavam de rebentar torrões, costumavam reunir-se com outros judeus que, como eles, sonhavam com uma sociedade diferente.

— Não se trata de construir uma sociedade para judeus, mas sim de conseguir uma sociedade onde todos sejamos iguais, onde não exista ninguém acima de ninguém—defendia Ariel.

Todos seguiam com avidez as notícias que chegavam da Rússia e celebraram com grande alegria uma das cartas de Konstantin na qual este anunciava a Samuel a criação da Duma, o Parlamento.

"O czar Nicolau II não teve outro remédio senão ceder às pretensões de quem quer que a nossa monarquia se assemelhe à inglesa. Este ano as revoltas dos camponeses e as greves dos operários foram sucessivas, e até houve um motim no couraçado Potemkin. O governo anunciou a criação da Duma, mas nem sequer com isto conseguiu calar as vozes dissidentes, talvez tenha sido uma decisão tardia. Em todas as cidades, começando por São Petersburgo, foram formados conselhos revolucionários aos quais chamam 'soviets'. O ministro Witte regressou ao governo, mas tem muitos inimigos porque o consideram demasiado liberal. Não sei o que vai acontecer, mas não estou otimista, sobretudo agora que se sabe que os bolcheviques cortaram relações com os mencheviques; estes últimos defendem que as coisas devem mudar embora não apoiem uma revolução com sangue, já os bolcheviques..."

Com a chegada do grupo de Nikolai, Jeremias começou a frequentar mais assiduamente a Horta da Esperança. Todos tinham reparado nos olhares dissimulados que lançava a uma das jovens do grupo.

Anastásia, a irmã de Olga, era uma rapariga de aspeto frágil, mas com uma vontade que assombrava os homens. Não havia trabalho que a assustasse e não permitia que a ajudassem. Quando chegou a Jerusalém tinha pouco mais de vinte anos e decidiu acompanhar a sua irmã Olga e o seu marido Nikolai.

Apesar da sua juventude, os homens da Horta da Esperança respeitavam-na. Anastásia falava pouco e, embora fosse cordial, mantinha uma distância prudente na sua relação com os outros.

Todos se perguntavam como sobreviveria às duras condições da terra aquela rapariga que parecia poder quebrar-se com uma rajada de vento.

Surpreenderam-se quando Nikolai e Olga anunciaram que iriam para a Galileia, para se reunirem com alguns dos amigos com quem tinham chegado à Palestina, e Anastásia, sem se alterar, afirmou que ficava na Horta da Esperança.

Tinha passado quase um ano desde a sua chegada e Nikolai, tal como o resto do grupo, tinha consciência de que aquele pedaço de terra não era suficiente para todos. Ele tinha chegado àquela terra para trabalhar, para construir um futuro, e eles eram demasiados para a Horta da Esperança.

— Partiremos dentro de uns dias, vamos estar sempre agradecidos pelo vosso acolhimento—comentou Nikolai.

— Serão sempre bem-vindos caso as coisas vos corram mal na Galileia e decidam voltar. Já sabem que a situação ali é difícil, e ainda mais desde que há escaramuças com os árabes—respondeu Kassia, desgostosa com a partida de quem já considerava seus amigos, em especial Olga.

— Eu fico—avisou Anastásia.

— Mas como é que ficas? Tens de nos acompanhar, não te podemos deixar aqui. Os nossos pais não o consentiriam.—Na voz de Olga notava-se que já dava a batalha por perdida.

— Vou ficar, minha irmã, quero viver em Jerusalém. Só parto se a Kassia me pedir que o faça, mas, se não vê qualquer inconveniente, ficarei. Não vou ser nenhum fardo, sei que com o meu trabalho posso

sustentar-me.

Nem Kassia nem Samuel, nem sequer Jacob, Louis ou Ariel, levantaram qualquer problema em que ela ficasse com eles.

Todos prometeram escrever-se e visitar-se uns aos outros quando tivessem tempo. Olga pediu a Kassia que cuidasse da sua irmã.

— Parece que tem um coração de pedra, mas é só aparência. Perdemos os nossos pais muito cedo e fui eu que a criei. Fiz o melhor que pude, mas às vezes pergunto-me se a sua rispidez se deve ao facto de mal ter tido tempo de me rir com ela, ou de a consolar dos seus pesadelos nas longas noites de inverno. Tive de trabalhar muito para nos sustentar e...

Kassia apertou-lhe a mão e pediu-lhe que não se censurasse.

— A Anastásia é uma boa rapariga. Só precisa de tempo para que a ternura que tem dentro de si desabroche. Vou cuidar dela, confia em mim.

— Não suportaria que lhe acontecesse alguma coisa... É a única pessoa que tenho...

— Vá, não digas isso! Além dela, tens o teu marido, o Nikolai adora-te.

— Sim. Tenho o Nikolai tal como tu tens o Jacob, mas também tens a Marinna, a tua filha é maravilhosa. Quem me dera ter uma filha como ela!

Ficaram em silêncio. Olga tinha confessado a Kassia que não podia ser mãe; não sabia o motivo, sabia apenas que depois de cinco anos casada não tinha engravidado.

Partiram no início do outono de 1907. Até Ahmed disse que sentiria a falta deles.

Samuel não soube como aconteceu, mas pouco a pouco Anastásia passou a ser a sua sombra ao pedir-lhe que o deixasse ajudá-lo a preparar os medicamentos. Não se opôs muito. Anastásia limpava com esmero o alpendre onde tinha improvisado um pequeno laboratório, no qual as cubas, balanças, pesos, morteiros, albarelas e restantes utensílios estavam sempre a brilhar. Também mantinha arrumados alguns dos livros de farmacopeia que Samuel guardava como se fossem joias: Elementos de Farmacia fundada en los principios de la química moderna, do espanhol Carbonell, Pharmacopée Universelle, de Jourdan, estudos sobre a quinina, de Caventou e Pelletier...

Samuel, tal como tinha feito o seu professor em São Petersburgo, aplicou todos os seus conhecimentos de química à farmácia.

Todos os da casa se acostumaram a vê-los sempre juntos, por isso ninguém suspeitou da mudança na sua relação.

Foi numa dessas tardes em que sem aviso prévio Jeremias visitava a Horta da Esperança. Era sempre bem recebido e Kassia convidou-o para jantar. Samuel estava a preparar uns remédios que Abraham lhe tinha pedido, mas interrompeu o trabalho para partilhar uns momentos com o seu amigo.

Jeremias discutia com Jacob sobre qual o partido em que se deviam filiar, se o Poalei Zion (Os Trabalhados de Sião) ou o Hapoel Hatzair (O Jovem Trabalhador), cujo líder era um homem chamado Aaron David Gordon. Todos tinham ficado impressionados ao conhecê-lo. De meia-idade, ia de um lugar para o outro com uma trouxa às costas a pregar sobre o efeito purificador do trabalho.

Mas Jacob mostrava-se crítico em relação a Gordon.

— Sim, é um homem especial, mas não antepõe totalmente o socialismo a qualquer outra realidade. Não deixa de recitar o Talmude e os textos bíblicos, e é absolutamente tolstoiano, a influência de Tolstói nele é evidente.

— Não o podes acusar de não ser socialista—respondeu-lhe Louis.

Jacob, Ariel e Jeremias tinham uma inclinação pelo Poalei Zion, formado por um grupo de marxistas puros decididos a concretizar naquela terra o que não puderam fazer na Rússia. Entre os dirigentes do Poalei Zion destacava-se outro homem, Ben-Gurion, que Samuel censurava pelo facto de a sua esperança

na construção de uma sociedade marxista estar unida a ser, além disso, judia.

— Ben-Gurion—disse Samuel—quer que esta terra seja dos judeus, quer que se acrescente o que diz respeito aos judeus a todos os textos e acordos do Poalei Zion.

— Estaríamos aqui se não fôssemos judeus?—perguntou Jeremias.

— Nós, os que fugimos da Rússia, não viemos só para a Palestina. Quantos não foram para os Estados Unidos, Inglaterra ou para os países da América do Sul? Estamos aqui porque tínhamos de ir para algum lado e escolhemos a Palestina—replicou Samuel.

Jeremias continuava a perder o olhar no rosto de Anastásia, mas ela parecia não dar conta, nem sequer corava. Quando o canteiro se despediu, Samuel disse que tinha de acabar de preparar os remédios pedidos por Abraham, pois tinha-se comprometido a levar-lhos no dia seguinte. Anastásia seguiu-o até ao alpendre tal como fazia sempre que ele se preparava para trabalhar.

O silêncio e a escuridão da noite apoderou-se da Horta da Esperança e Samuel dormitou enquanto aguardava que um dos remédios macerasse. Tinha-se deitado na enxerga enquanto Anastásia limpava uns frascos que acabavam de utilizar. Não soube quanto tempo tinha passado, mas de repente acordou ao sentir o corpo de Anastásia a apertar-se contra o seu. Não resistiu.

No dia seguinte nenhum dos dois disse nada. Parecia que aquilo não tinha acontecido. Anastásia comportou-se como sempre e Samuel chegou a pensar que tinha sonhado possuir aquele corpo de pele fina e branca como a neve.

Sem trocarem qualquer palavra, aqueles encontros tornaram-se um hábito. Amavam-se sem palavras e na manhã seguinte nenhum dos dois mostrava qualquer resquício de ternura ou cumplicidade.

Samuel não estava apaixonado por Anastásia; enquanto a tinha nos seus braços pensava em Irina, e não se sabe em quem Anastásia pensava.

E assim passaram os meses sem que nada mudasse além das estações.

— Samuel, Samuel!—gritou Ahmed dirigindo-se rapidamente à horta onde naquele momento Samuel ainda trabalhava junto a Ariel apesar de já estar a anoitecer.

— O que se passa?—respondeu preocupado ao ver Ahmed com o rosto congestionado.

— Uma revolução!—Ahmed parecia muito alterado.

— O quê? Uma revolução? Onde?—Ariel tinha deixado a enxada para se aproximar de Ahmed.

— Em Istambul. Uns oficiais rebelaram-se contra o sultão. Ninguém sabe o que vai acontecer... Talvez agora se lembrem de nós...

— Amanhã vou à cidade, talvez o Abraham tenha mais notícias do sucedido. Entre os seus pacientes estão alguns estrangeiros importantes. Se não voltares muito tarde da pedreira talvez me possas acompanhar—propôs Samuel a Ahmed.

Mas só um mês depois é que Abraham teve informações fidedignas sobre o que se tinha passado em Istambul.

— Ao que parece, um grupo de oficiais jovens rebelou-se dada a situação em que o império se encontra devido à incúria do sultão. Não se sabe bem como acabará a rebelião, mas por agora parece que o sultão vai ter de se submeter àquilo que os militares disserem.

— Mas o que é que lhe pedem?—perguntou Ahmed surpreendido pelo facto de alguém se ter atrevido a enfrentar o sultão.

— Os meus informadores garantem que estes jovens turcos pretendem um Parlamento como o britânico, e reformas em todo o império—explicou Abraham pacientemente.

— E em que é que tudo isso nos vai afetar?—Ahmed estava preocupado com as mudanças que pudessem ocorrer.

O velho médico tentou acalmá-lo:

— A quem é que importa a Palestina? Aqui não há nada, Ahmed, nada que os poderosos queiram; vão deixar-nos em paz, poderemos continuar a rezar e a viver tal como o fizemos sempre. Não te preocupes.

Abraham tinha razão. Nada ia mudar para eles além dos sobressaltos do quotidiano, porque foi precisamente naquele ano de 1908 que Samuel recebeu uma carta de Irina a pedir-lhe que viajasse para Paris de imediato:

"A Marie está muito doente, o médico diz que não tem muito tempo de vida. Ela não para de falar do teu pai e de ti, e julgo que lhe darias uma grande alegria se viesses para ela se despedir de ti. Se pudesses fazê-lo, ajudá-la-ias a morrer em paz..."

Samuel não conseguiu evitar chorar enquanto lia a carta. Marie era o último vínculo com o seu pai, com o seu avô Elias, com os dias da sua infância. Sempre tinha sido generosa para com eles, tinha-lhes dado o melhor de si própria sem pedir nada em troca, e o mínimo que podia fazer era ir vê-la antes de ela partir para a Eternidade.

Anunciou aos seus amigos que ia a França e insistiu para que não deixassem de se ocupar do bem-estar de Ahmed e da sua família.

— Nunca percebeu que entre nós não há hierarquias, e sente-se inquieto sabendo que me vou embora.

— Gostamos do Ahmed e da Dina e dos seus filhos; nada mudará só porque tu não estás aqui— respondeu Kassia.

— Eu sei, talvez possas falar com a Dina e acalmá-la—sugeriu-lhe Samuel.

— Sim, claro que vou falar com ela. Para mim, tanto a Dina como a Zaida são duas boas amigas, não sei o que faria sem elas.

Anastásia não disse nada, mas durante aqueles dias nos quais Samuel preparava a viagem, parecia cabisbaixa e nervosa.

— Vais voltar?—perguntou-lhe numa noite enquanto o ajudava a preparar uma cocção de ervas medicinais.

— Acho que sim—respondeu Samuel com sinceridade.

Ele tinha feito essa pergunta a si próprio noutras ocasiões. Estava há mais de oito anos na Palestina e a sua vida tinha-se resumido ao trabalho agrícola junto a uns desconhecidos que agora sentia como a sua própria família, mas não lhe parecia que esses laços pudessem impedi-lo de se separar deles para sempre, porém, se Irina não tivesse solicitado a sua presença, teria continuado com aquela vida que às vezes lhe parecia vazia. Aquela viagem servir-lhe-ia para se reencontrar consigo próprio, para analisar à distância aqueles anos vividos nas margens da Jerusalém sonhada pelo seu pai.

Não, não tinha tido tempo senão para sobreviver, lutando para vencer a avareza da terra; só a preparação de remédios o fazia sentir-se bem consigo próprio, embora quando acabasse o dia estivesse tão rendido que só lhe restava vontade de pensar nas tarefas que esperavam por ele na manhã seguinte. Também se tinha acostumado àqueles encontros envergonhados com Anastásia. A rapariga nunca lhe tinha pedido nada, mas ele sabia que tinha de tomar uma decisão, ou pedi-la em casamento ou permitir que outro casasse com ela. Sabia que Jeremias a olhava de soslaio, e que, quando os visitava, procurava a companhia de Anastásia. Sabia também que Jeremias a podia amar, algo de que ele se sentia incapaz, e achava-se egoísta e mesquinho por se aproveitar da silenciosa teimosia de Anastásia em permanecer com ele.

— Se não voltares, vou-me embora—anunciou-lhe ela sem um laivo de censura na voz.

— Para onde irias?

— Para a Galileia, ter com a minha irmã Olga e o Nikolai. Ali estaria bem.

— Desculpa, Anastásia, eu...

Ela encolheu os ombros enquanto se aproximava dele.

— Teria gostado que me amasses, mas não conseguiste. Quando olhas para mim vêes um rosto que não é o meu. Não fui capaz de vencer os teus fantasmas, mas também não quero que tu te transformes no meu. Acho que não vais regressar, por isso vou preparando a minha partida.

Ficaram durante uns minutos em silêncio a olhar-se fixamente, depois Samuel atreveu-se a voltar à realidade.

— Há um homem que te ama.

— O Jeremias—afirmou ela sem hesitar.

— Com que então reparaste... Seria um bom marido.

— Eu sei.

— Talvez fossem felizes...

— Com que então recomendas-me que case com o Jeremias... Bem, vou pensar—respondeu Anastásia.

— Eu... não sou ninguém para te dizer o que deves fazer, só que... desculpa... lamento o sucedido, não devia ter acontecido...

— Não te arrependas, o que está feito, está feito. Fui eu quem te procurei, tu deixaste-te levar... Vocês, os homens, são assim, nunca dizem que não, mas não me sinto enganada, nunca me disseste nem fizeste nada que mostrasse que tens afeto por mim. Não te posso censurar nada.

Naquela noite Anastásia não ficou no alpendre; quando acabou de limpar e de arrumar os utensílios que Samuel utilizava para preparar os remédios, regressou à casa.

Ele não dormiu em toda a noite, sentindo nostalgia daquela rapariga estranha que nunca mais voltaria a abraçar.

Mas mais do que Anastásia, a sua maior preocupação era Ahmed. A despedida não foi fácil.

— Não voltarás—disselhe Ahmed num tom de censura.

— Aqui nada vai mudar, apesar de eu não estar. Tens de confiar no Jacob, no Louis, no Ariel, eles têm tanta estima por ti quanto eu. E a Dina é a melhor amiga da Kassia. Não te deves preocupar.

Mas Ahmed não podia deixar de se perguntar como seriam os dias depois da partida de Samuel.

Jacob e Louis quiseram acompanhá-lo a Jaffa, onde devia procurar um barco que o levasse a França, e quis o acaso que encontrasse um velho navio mercante que ia ancorar em Marselha, o porto de onde zarpou oito anos antes em busca da Terra Prometida.

Estava no cais a falar com Jacob e Louis quando viu Ahmed aproximar-se.

— O que estás aqui a fazer?—perguntou-lhe surpreendido.

— O Jeremias deu-me autorização para me vir despedir de ti, eu... nunca te disse, mas quero agradecer-te pelo que fizeste pela minha família e por mim... Se não tivesses sido tu a comprar a horta, quem sabe se outro sayyid não nos teria expulsado de casa...

Samuel abraçou-o com emoção. Conhecia Ahmed para saber o quanto custava àquele homem orgulhoso expor os seus sentimentos.

— Não tens nada que me agradecer, és um bom amigo e não fui só eu quem decidiu partilhar a horta contigo; o Jacob, o Louis e o Ariel estiveram de acordo e, evidentemente, a Kassia.

Ahmed fez um gesto com a mão como se assim pudesse afastar as palavras de Samuel. Ninguém o podia convencer de que a sua sorte não tinha que ver com aquele judeu que conhecera há oito anos naquele mesmo porto.

Quando o barco zarpou, Samuel teve vontade de chorar, de repente deu-se conta do muito que significava para ele aquela terra difícil e inóspita à qual talvez nunca mais regressasse.»

«Foi Irina quem lhe abriu a porta da casa de Marie. Ficaram uns segundos em silêncio a tentar reconhecer-se antes de se atreverem a fundir-se num abraço.

— Mudaste muito!—disse Irina enquanto o ajudava a tirar o casaco.

— Tu estás tal qual como no dia em que parti.

— Vá, não sejas mentiroso! Não vês os cabelos brancos que tenho? Envelheci.

Samuel olhou para ela com atenção. A muito custo conseguiu vislumbrar alguns fios brancos perdidos no cabelo louro delicadamente penteado num severo coque. Mas se via alguma coisa diferente nela, eram os seus olhos que brilhavam, e que se sentia em paz consigo própria.

Conduziu-o de imediato ao quarto de Marie. A bondosa mulher descansava encostada a uns almofadões que Irina colocou com afeto.

Marie acariciou o rosto de Samuel e depois pegou numa das suas mãos apertando-a entre as dela.

— Parece que estou a ver o teu pai, estás ainda mais parecido com ele do que quando eras pequeno. Igualmente gentil... Vá, senta-te ao pé de mim.

Irina encarregou-se da bagagem de Samuel e deixou-os a sós, sabendo que era isso que Marie mais queria.

Não voltou ao quarto até ao início da tarde e fê-lo acompanhada por Mikhail, que tinha acabado de chegar da sua aula de música. Samuel emocionou-se ao ver que era quase um homem. Deram um aperto de mão sem se atreverem a abraçar-se.

Apesar dos protestos de Irina, Marie insistiu em que a levantassem para o jantar.

— Não me pode fazer mal passar um bom momento com os únicos seres que tenho neste mundo—argumentou Marie.

Foi Mikhail quem a levou em braços até à sala de jantar. E Samuel sobressaltou-se ao vê-la tão pequena e magra. Mal tinha forças para segurar na colher com a mão, embora os olhos lhe brilhassem com a febre da alegria. Aguentou apenas alguns minutos sentada.

— Desculpem, a Irina tem razão, estou melhor na cama. Mas tinha tanta vontade de sair do quarto para jantar convosco!

— E jantaremos juntos—afirmou Mikhail—, vamos pôr os pratos em bandejas e sentamo-nos ao pé da tua cama, não é a mesma coisa, mas estarás mais confortável.

— Não, não... não vos quero causar problemas.—Mas na voz de Marie havia um laivo de súplica para que não a deixassem sozinha.

— Se vim a Paris é para estar contigo, de maneira que ou me permites jantar no teu quarto ou volto para a Palestina—ameaçou-a Samuel com um sorriso.

Samuel dedicou os primeiros dias a reencontrar-se com a cidade e também com Irina e Mikhail. O vínculo com Marie era mais forte, e apesar dos anos que tinham passado bastava-lhes olharem um para o outro para compreenderem o que ambos pensavam.

Marie pareceu melhorar desde a chegada de Samuel e insistia em que, pelo menos algumas tardes, a levassem para a sala e a sentassem em frente da lareira para falar com Samuel. Ele pegava-lhe na mão e recordavam o passado, mas falavam sobretudo sobre o futuro de Mikhail. Marie amava verdadeiramente aquele rapaz.

Já tinha feito catorze anos e todo o seu empenho estava centrado em ser músico como o seu pai. Marie e Irina tinham tentado dar-lhe uma boa educação, mas ele não escondia o pouco que gostava dos livros e preferia as aulas de piano e de violino que tinha diariamente.

— Vai ser um grande violinista, embora diga que quer ser maestro, sonha dirigir as grandes obras de Tchaikovski, Rimski-Korsakov ou de Borodin. Ele próprio te vai contar, mas escreveu algumas peças; o seu professor, Monsieur Bonnet, diz que tem muito talento.

— O Yuri também o tinha—respondeu Samuel lembrando o pai de Mikhail.

A princípio o rapaz tratava-o como se fosse um estranho. Lembrava-se, sim, da longa e dura viagem de São Petersburgo até Paris, mas quando Samuel partiu não o perdoou. A sua única família era constituída por aquelas duas mulheres que cuidavam dele com tanto afeto. Não tinha mais ninguém e não queria nem precisava de mais ninguém na sua vida. Mostrava-se educado e atento em relação a Samuel, mas tratava-o como se fosse um convidado, não como um membro daquela peculiar família que formava com Marie e Irina.

— Dá-lhe tempo, é um rapaz introvertido, tem de o ser, caso contrário toda aquela música não lhe caberia na cabeça. Já deves ter reparado como improvisa ao piano, como vai imaginando notas e mais notas até as transformar em melodia.

Samuel pegava na mão de Marie e pedia-lhe que não se preocupasse com nada. Compreendia Mikhail.

— Continuas apaixonado pela Irina?—perguntou-lhe Marie numa tarde.

Ficou em silêncio sem saber o que responder.

— Vá, podes confiar em mim!

— Eu sei, Marie, eu sei, é que eu próprio me pergunto o que é que sinto pela Irina. Durante todos estes anos não deixei de pensar nela, o seu rosto escondeu o de outras mulheres que conheci.

— Mas...

— Mas mostra-se tão distante, tão fria... Sou apenas um velho amigo. Não vi nela um olhar, um gesto que indique que sente alguma coisa por mim diferente do que sentia antes.

— Sei que tem um segredo, embora não mo tenha contado. Deve ter-lhe acontecido alguma coisa quando era muito jovem para que interponha essa distância de gelo entre ela e qualquer homem que se aproxime. Lembras-te de Monsieur Peretz, o comerciante amigo do teu avô que te ajudou a preparar a viagem para a Palestina?

— Sim, claro que me lembro dele. As suas recomendações foram-me muito úteis, e também o ter-me apresentado àquele professor de árabe que me ensinou alguma coisa, não muito.

— O Benedict Peretz tem dois filhos, um deles estava interessado na Irina, mas ela rejeitou-o. Outros jovens tentaram aproximar-se, mas ela nunca o permitiu.

— E é por isso que achas que tem um segredo...—troçou Samuel.

— Não brinques! Tenho a certeza, perguntei-lhe. Um dia estive prestes a contar-mo, mas não se atreveu. Tens de ser tu a descobri-lo.

— Eu? Se não confiou em ti, comigo também não o fará.

— Acho que se falares com ela seriamente e se lhe expuseres os teus sentimentos...

— Não sejas casamenteira. Vim a Paris para estar contigo, nada mais. Vamos deixar as coisas como estão e, se alguma coisa tem de acontecer, acontecerá.

— Entretanto serás consumido pela melancolia, essa melancolia que domina sempre os russos. Podem parecer alegres e desfrutar da vida, mas, de vez em quando, um véu ofusca-vos o olhar, o véu da melancolia.

Irina continuava a trabalhar na florista. Isso fazia com que se sentisse independente e embora Marie, quando adoeceu, tenha insistido com ela para que se encarregasse da sua clientela, Irina não quis. Coser implicava uma obrigação pesada, e não se queria dedicar para o resto da sua vida a confeccionar peças pelas quais não sentia qualquer interesse, nem sequer a passar o seu tempo entre aquelas mulheres

caprichosas que iam provar os casacos de pele de Marie.

Samuel sentiu nostalgia ao ver a oficina do seu avô Elias fechada. A mesa grande sobre a qual o seu avô cortava os casacos, as cadeiras onde ele e os seus ajudantes transformavam as peles que o seu pai lhe vendia em casacos. A estante de madeira polida onde se alinhavam as tesouras, as agulhas, os fios... Estava tudo perfeitamente arrumado e limpo, mas notava-se que há algum tempo que ninguém pisava aquela parte da casa.

— Propus à Marie que alugasse a oficina—explicou-lhe Irina—,mas ela não quer. Diz que não se sente com forças para ver um estranho a tomar conta do negócio. Graças a Deus, ganhou o suficiente para não ter de depender de outros.

— E tu, Irina, és feliz?—Assim que fez a pergunta, arrependeu-se. Nunca tinham tido uma conversa íntima na qual falassem sobre os sentimentos.

Irina sorriu-lhe com tanta alegria que o surpreendeu. Ela não costumava mostrar-se alegre, nem sequer taciturna, mas não era fácil vê-la rir.

— Feliz? Claro que sou! O que teria sido de mim na nossa amada Rússia? Teria acabado numa masmorra da Okhrana simplesmente por me ter relacionado com o Yuri. Quanto ao futuro... Achas que uma rapariga como eu teria tido algum futuro ali? Sim, aqui sou feliz. Gosto das flores, sinto-me feliz a preparar bouquets, a selecionar as rosas mais bonitas, a compor ramos para alguma noiva. Sinto-me livre, não tenho de dar satisfações a ninguém, e tenho a Marie e o Mikhail.

— E os teus pais?

— Mortos. É a única pena que tive nestes anos. Já sabes que tiveram de sair de São Petersburgo, caso contrário a Okhrana não os teria deixado em paz por minha causa.

Samuel sentiu-se culpado por tê-la feito lembrar um acontecimento amargo e ficou em silêncio, mas Irina retomou a conversa.

— Não me resta nada na Rússia, de maneira que nunca mais regressarei.

— Nunca mais é demasiado, não achas?

— Tu pensas fazê-lo?

— De vez em quando recebo cartas do Konstantin. Fala-me dos nossos amigos e do que acontece em São Petersburgo e tenho saudades. Mas sei que não devo ir, não estaria seguro, é o que o Konstantin me diz. Além disso, depois da tentativa de revolução de 1905, a Okhrana tornou-se mais desconfiada, por isso sou um exilado tal como tu.

— Mas eu sou uma exilada feliz e parece-me que tu não o és.

— E o Mikhail? Não tem saudades da Rússia?

— Ainda tem pesadelos. Muitas noites acorda a pedir que o seu pai vá para junto dele. Lembra-se de como tivemos de fugir, de como lhe pedias que não chorasse, que se comportasse como um homem, que nos devia tratar como se fôssemos seus pais... Como pode ter saudades do passado? Só sente a falta do pai.

— A Marie diz que vai ser um grande músico.

— Fez da música uma obsessão, e tem talento, um grande talento. Quando partiste ficou desconsolado, durante uns dias mal comeu. Estávamos muito preocupadas e a Marie lembrou-se de lhe dizer que, se comesse, lhe ofereceria qualquer coisa que ele quisesse. Sabes o que é que ele pediu? Disse: "Quero ser músico como o meu pai. Podes tornar-me músico?" A Marie arranjou-lhe o melhor professor de Paris, Monsieur Bonnet. Desde então só vive para a música, quer ser maestro. Monsieur Bonnet garante que o Mikhail já é um excelente violinista, embora, na verdade, tenha um dom especial para todos os instrumentos que lhe caem nas mãos.

— Não parece muito contente por me ver aqui.

— É muito reservado, já te disse que sofreu muito quando partiste. Em apenas uns meses teve de suportar a morte do pai e depois a tua partida. Não, não foi fácil para ele refazer-se de tantas perdas. Acho que receia que te voltes a ir embora, por isso prefere não estabelecer nenhum novo vínculo contigo. É a sua forma de se proteger. E... bem... vais voltar a partir?

— Não sei, Irina, não sei; agora estou aqui e é aqui que vou ficar. Não tenho nenhum plano para o futuro.

— Mas disseste-nos que compraste uma horta na Palestina. É aí que tens a tua casa, não é?

— Uma horta que partilho com bons amigos; são-no agora, mas a princípio foi difícil adaptarmo-nos uns aos outros. Nós, os judeus que emigrámos para a Palestina, vivemos todas as nossas ideias sobre o socialismo, mas não julgues que são assim tão fáceis de pôr em prática. Todos temos de renunciar à nossa individualidade, não possuímos nada próprio, decidimos juntos, mesmo que seja algo tão insignificante como comprar ou não uma enxada.

— Não te imagino a viver como um camponês.

— É isso que o Konstantin me diz nas suas cartas. Prometeu que me vem visitar à Palestina só para me ver com uma enxada na mão. Mas garanto-te que é o que agora sou, um modesto camponês.

Samuel foi visitar Benedict Peretz, o comerciante francês. Este alegrou-se por vê-lo e pediu-lhe notícias sobre Jerusalém e, por sua vez, pô-lo ao corrente da situação dos judeus em França.

— Há dois anos, em 1906, a justiça militar não teve outro remédio senão reabilitar o capitão Alfred Dreyfus. O senhor conhece o caso, não é? Foi acusado de passar segredos aos alemães. Não era verdade, assim ficou provado. Mas o facto de Dreyfus ser judeu serviu para incentivar o ódio para com a nossa comunidade. Nada de novo, nada que não conheçamos, por mais que parecesse que em França, após a Revolução de 1789, se tinham ultrapassado os preconceitos contra os judeus. Mas essa mudança ainda não se realizou a sério e, como pode ver, a França, que se ergueu no paladino da liberdade, acabou por vilipendiar um brilhante e leal militar só pelo facto de ser judeu. Mas não o quero preocupar, aqui ainda é possível ser judeu, embora possa encontrar quem nos veja como um corpo estranho sem perceber que somos tão franceses e patriotas como eles. Somos judeus, sim, mas também somos franceses.

Os dois homens simpatizavam um com o outro, de maneira que sem o proporem começaram a encontrar-se com uma certa regularidade. Samuel era bem recebido em casa de Peretz tanto por ele como pelos seus filhos. Por sua vez, o comerciante costumava visitar Marie de vez em quando e tentava convencer Irina a retomar o antigo negócio de Monsieur Elias.

— É uma pena que a Irina não aproveite a boa fama do negócio do seu avô, que a Marie dirigiu tão bem. Muitas damas lamentam-se por não encontrarem casacos de pele como os que se confeccionavam aqui. Talvez o senhor possa abrir de novo a oficina—sugeri a Samuel.

— Não, não posso fazê-lo. Não sei nada sobre confeção de peças, também não posso trazer peles da Rússia. O meu bom amigo, o conde Konstantin Goldanski, aconselha-me a não o fazer. Já lhe contei o injusto final do meu pai acusado de um delito que não tinha cometido. Se regressasse, eu também acabaria numa cela da Okhrana. Além disso, não o quero enganar, passa-se comigo o mesmo que se passa com a Irina, este negócio não me interessa.

Benedict Peretz perguntou-lhe com preocupação a que é que queria dedicar a sua vida.

— Estudei para ser químico, embora na verdade só aspire a ser um mediano boticário. O meu benfeitor, o professor Goldanski, e mais tarde o meu professor na universidade, Oleg Bogdanov, fizeram-me ver que a química é uma boa aliada da farmácia. Gosto de preparar remédios que sirvam para aliviar a dor. Contudo, o destino brinca comigo e tornou-me um camponês que, além do mais, faz medicamentos. O meu grande amigo Abraham pede-me aquilo de que precisa e vende alguns dos meus remédios

— Vai voltar para a Palestina?

Irina e Marie tinham-lhe feito a mesma pergunta e ele não tinha uma resposta para dar. Não possuía muito dinheiro para gastar e quando terminasse devia decidir se regressava àquela terra inóspita que agora era sua ou se ficava em Paris tal como Marie lhe pedia.

— Vou deixar que o destino volte a decidir por mim—foi a sua resposta e era sincero na sua afirmação.

Marie parecia feliz com a sua presença e com o tempo que partilhavam a divagar pelas lembranças do passado. Samuel pedia-lhe que falasse de Isaac.

— Gostava tanto do teu pai! Imagino-o em São Petersburgo, na casa daquelas viúvas... Ele tinha muito carinho por elas e irritava-me quando dizia que a Raisa Korlov cozinhava melhor do que eu. Um dia surpreendi-o com um borsch que cozinhei com as indicações de Monsieur Elias.

Já estava há dois meses em casa de Marie a sofrer ao vê-la morrer um pouco todos os dias. Durante os primeiros dias da sua chegada, Marie parecia ter recuperado o suficiente para, com bastante esforço, se levantar um pouco todas as tardes, mas, por fim, não conseguia. Mal comia e queixava-se de dores intensas nos ossos, embora se negasse a tomar a morfina que o médico lhe receitava.

— Se a tomar será como estar morta antes do tempo, não sentirei dor, mas também não sentirei nada.

Ainda assim as dores eram tão agudas que, a conselho do médico, Irina deitava algumas gotas de morfina na sopa. Contudo, Marie dava-se conta e protestava.

— O que é que me deram? Não quero ser enganada... Por favor, Samuel, não quero adormecer! Ajuda-me!

Samuel e Irina debatiam-se entre os desejos da doente ou o alívio das suas dores, e isso conduzia-os a longas e infrutíferas discussões sobre a vida e a morte.

— Não posso vê-la sofrer!—disse Irina a chorar.

— Mas ela prefere a dor do que não sentir que está viva—respondeu Samuel, atormentado pela dúvida sobre o que deviam fazer.

Chegou um momento em que Marie já não se podia mexer. As suas pernas tinham ficado inertes e as suas mãos não eram capazes de segurar a colher. Irina limpava-a diariamente com a ajuda de Samuel apesar dos seus protestos.

— Não me devias ver assim...—queixou-se ela.

— Vá, Marie! És como a minha mãe, deixa que te mude de lugar para que a Irina te possa trocar a camisa de dormir. Gosto de te ver bonita.

Ela fechava os olhos, sorria e, agradecida, deixava que a lavassem.

Numa manhã, mal tinham acabado de a arranjar, Marie pediu a Mikhail que chamasse um sacerdote.

— Quero confessar-me—murmurou com a voz sumida.

— E o que é que vais confessar? Tu és a melhor pessoa do mundo—respondeu Mikhail enquanto lhe acariciava o rosto.

— Meu filho, todos temos contas pendentes com Deus e preciso de estar em paz antes de me sumir na Eternidade. Vais chamar um sacerdote, Mikhail?

O jovem assentiu e, com lágrimas nos olhos, saiu do quarto.

— O que se passa?—perguntou Irina, alarmada ao vê-lo chorar.

— A Marie pediu-me para chamar um sacerdote, quer confessar-se, diz...—Mas não conseguiu continuar a falar. Abraçou-se a Irina sem poder controlar nem as lágrimas nem o tremor do seu corpo.

Ela manteve-o entre os seus braços durante uns segundos e depois afastou-lhe o rosto obrigando-o a olhá-la nos olhos.

— Mikhail, temos de a ajudar. Temos de fazer o que nos pede para que os últimos dias da sua vida sejam exatamente como ela quer. Vai à igreja e chama um padre, por favor, rápido. Ah! E avisa o Samuel,

está no quarto dele.

Marie tinha dificuldade em respirar e queixava-se de uma dor aguda no peito. Irina decidiu não ir trabalhar. Quando Mikhail regressasse com o sacerdote pedir-lhe-ia que fosse à florista e que se desculpasse em seu nome. Entretanto, esperava impaciente a chegada do médico que todos os dias visitava a doente. O doutor Castell chegou pontual como todas as manhãs e, depois de examinar Marie, fez um sinal a Samuel para que saísse do quarto.

— Acho que não passa de hoje, já não pode aguentar mais. Sei que resiste a tomar morfina, mas está a sofrer muito mais do que qualquer ser humano pode aguentar. O senhor é boticário e a dor não lhe é indiferente, por isso aconselho-o a dar-lhe morfina o mais depressa possível para que adormeça placidamente até que a morte venha buscá-la.

— Quer confessar-se—respondeu Samuel em jeito de desculpa.

— Pois que se confesse, mas dê-lhe a morfina, é uma crueldade estar a sofrer desta forma. Se fosse a minha mãe não teria permitido que suportasse tanta dor. Já lhe expliquei que não há remédio para a sua doença, que não se pode fazer nada exceto aliviar-lhe a dor. O senhor permitiu que ela se negasse a tomar morfina.

Samuel não respondeu às críticas do médico. Tinha razão. Mesmo sabendo do sofrimento de Marie, não tinha sido capaz de a obrigar a tomar, mais do que o estritamente necessário, aquele líquido que se espalhava pelas veias induzindo um sono parecido ao da morte. Quando Mikhail regressou acompanhado pelo sacerdote encontrou Marie muito agitada. Deixaram-na a sós com o ministro de Deus e não foram capazes de trocar qualquer palavra de consolo. Cada um se encerrou na sua própria dor perante a perda que parecia iminente.

Quando o sacerdote saiu do quarto de Marie fê-lo com a incumbência de dizer que entrassem um a um.

— É uma boa mulher à qual Deus acolherá no Seu seio. Agora quer que entre o senhor, Samuel, e depois que o faça o Mikhail, e de seguida a senhora, Mademoiselle Irina.

Samuel entrou a sorrir. Não queria que o visse chorar, sabia que isso a faria sofrer. Marie tentou levantar uma mão e ele sentou-se ao seu lado e beijou-lhe a testa. Depois pegou nas suas mãos e deixou-as entre as dele.

— Quero pedir-te uma coisa...—murmurou Marie.

— Só uma? Então, concedido—troçou ele.

— Há algum tempo que fiz o testamento. Esta casa é tua, foi com essa condição que o teu avô me deixou trabalhar e viver aqui.

— Mas eu julgava...

— Que ma tinha vendido? Bem, não foi exatamente assim. Monsieur Elias dizia que eras o seu único neto, o filho da sua querida filha Ester, e que o fruto do trabalho da sua vida devia ser teu. Prometi-lhe que assim seria, embora não tivesse podido agir de outra forma, pois tu és o filho que eu não tive, portanto, a quem poderia deixar esta casa se tivesse sido minha? O teu avô também tinha algum dinheiro poupado, mas não queria que o tivesses antes de decidires o que fazer com a tua vida. Insistia em que tinhas de encontrar o teu próprio caminho e que para isso era necessário que acreditasses que não tinhas mais recursos do que aqueles que tu próprio conseguias obter. O teu pai sabia-o, mas não deve ter tido tempo de te contar tudo isto... Pensei em dizer-to quando chegaste fugido da Rússia e obcecado em ir para a Palestina. Mas não quis fazê-lo porque julguei que precisavas de te encontrar a ti próprio. Agora é o momento de te responsabilizares pela tua herança. Esta casa é tua, tal como a oficina. Monsieur Farman, que é notário, informar-te-á sobre os documentos de propriedade e sobre o dinheiro que o teu avô te deixou. Na minha escrivaninha vais encontrar um envelope grande. Quando eu já não estiver cá,

abre-o. Ah! E outra coisa, Monsieur Farman também tem o meu testamento.

Marie fechou os olhos e Samuel levantou-se assustado. Mas ela voltou a abri-los de imediato.

— Não te assustes, ainda não me vou embora... Quero dizer-te mais uma coisa, é sobre o Mikhail... tens de ter paciência com ele, não te perdoou que o abandonasses. Sei que gostas dele, mas para ti ele não era mais do que o filho de um conhecido que devias salvar, mas tu eras para ele o pai que tinha perdido e não suportava outra perda. Eu... bom, depois vais ver, mas quero que o saibas antes que Monsieur Farman to conte. Dividi todas as minhas poupanças em três partes, uma para ti, outra para o Mikhail e a terceira para Irina. Depois da morte da minha mãe, de Monsieur Elias e do teu pai, vocês são a única família que tive. O Mikhail e a Irina foram uma grande alegria para mim e sinto-me responsável por eles, por isso...

Voltou a ficar em silêncio com os olhos fechados. Samuel sentia que as mãos lhe suavam com o medo de a perder. Ficou muito quieto atento à respiração agitada de Marie.

— Estou tão cansada! Não te vou pedir que te responsabilizes por eles, tens de viver a tua própria vida, mas peço-te que os deixes viver aqui exceto se casares e trouxeres uma esposa. Esta foi a sua casa, o único lar que o Mikhail recorda... a Irina... a Irina é forte, é capaz de recomeçar, mas o Mikhail... Vais para a Palestina?

— Não sei, Marie, o que achas que devo fazer?

— Eu também não sei, Samuel... Só quero que sejas feliz, mas não te posso dizer como. Há alguns anos, teria gostado de te ver casado com a Irina, mas não penses que essa ideia estava isenta de egoísmo, pensava que assim vos teria aos três ao pé de mim. Porém, fazas o que fizeres, não os abandones...

— Prometo-te, Marie.

— As aulas... as aulas de música do Mikhail... que não as abandone... Deus deu-lhe um dom...

Samuel não podia continuar a suportar ver aquela mulher com o rosto contraído pelo sofrimento e pelo cansaço que lhe provocava falar. Inclinou-se sobre ela e abraçou-a beijando-lhe a testa.

— Não te preocupes... estou preparada... daqui a pouco estarei com a minha mãe e verei o teu pai, o meu bondoso Isaac...

Mikhail esteve bastante tempo com Marie e Irina um pouco menos. Marie respirava com grande dificuldade, parecia que sufocava. Irina saiu em busca de ajuda. O médico, que não tinham permitido que saísse, esperava junto a Samuel e a Mikhail.

O homem entrou para ver a doente e saiu de imediato.

— Se não lhe dão morfina vou-me embora, é tudo o que se pode fazer. As dores que sente são insuportáveis e mal consegue respirar. Querem que morra sufocada?

Desta vez Samuel não poupou nem um grama da dose de morfina prescrita pelo médico, e Marie entrou pouco a pouco num sono do qual já não acordou.

Choraram Marie. A sua morte fazia com que se sentissem estranhos. Ela tinha-se tornado o elo que os mantinha unidos e agora de repente olhavam-se sem saberem o que podiam esperar uns dos outros.

Mikhail mergulhou no silêncio. Não queria partilhar a sua dor com Irina e muito menos com Samuel apesar de ter prometido a Marie que daria uma oportunidade àquele homem com quem fugiu da Rússia.

Por mais que Irina insistisse em que voltasse às aulas de Monsieur Bonnet, Mikhail negava-se. Nem sequer a música era capaz de vencer a depressão na qual tinha mergulhado.

— Temos de fazer alguma coisa, vai adoecer, mal come—lamentou-se Irina.

— Deixa-o, precisa de fazer o seu próprio luto. A Marie foi como uma mãe para vocês, e ele demorará a ultrapassar isto—respondeu Samuel.

Uns dias depois da morte de Marie, Samuel procurou o envelope grande que ela lhe tinha indicado que guardava na sua escrivaninha. Era uma carta dirigida a ele.

"Querido Samuel:

Não sei se quando leres esta carta terei tido tempo de me despedir de ti. A Palestina é longe e talvez não chegues a tempo.

Samuel, meu filho, deixa-me que te chame filho porque foi assim que te senti, embora nunca me tenha atrevido a dizer-to. Se tivesse tido um filho teria desejado que fosse como tu. Agora que parti, quero pedir-te que te responsabilizes pela Irina e pelo Mikhail. Nenhum dos dois vai querer, mas eu sei que precisam de ti. Com a ajuda do Benedict Peretz tentei que o Mikhail não esquecesse que é judeu. Teve o seu Bar Mitzvah, a sua festa de entrada na adolescência, e eu própria o acompanhei à sinagoga... Ele gostaria de esquecer, tal como tu, que é judeu, mas se o fizer acabará por não saber quem é... Ajuda-o a encontrar o seu próprio caminho e, se for necessário, leva-o à Palestina para conhecer a terra sagrada da qual os judeus foram expulsos há dois mil anos..."

A carta estava escrita com mão trémula e nela Marie dava-lhe instruções sobre a herança que ia receber e também sobre como devia distribuir os seus objetos pessoais. As suas poucas joias, um fio de ouro fino com uma cruz, uns brincos de pérolas diminutas e uma pulseira eram para Irina. Também lhe deixava a sua coleção de figurinhas de porcelana e as molduras de prata. Quanto à sua roupa, queria que a distribuíssem entre as pessoas necessitadas. A Mikhail deixava os quadros que foi comprando de acordo com o progressivo sucesso da oficina. Eram demasiado modernos para o gosto de Samuel, mas Marie surpreendia-o sempre, por isso tentou demonstrar entusiasmo quando ela lhe apontou para dois quadros pendurados na parede do seu quarto. Ela também parecia sentir predileção pelos artistas jovens que gostavam de decompor as figuras, tal como no quadro que tinha na sala de jantar. Pinturas nas quais tinha investido sabiamente aconselhada por Monsieur Benedict Peretz, que lhe garantia que algum dia aqueles boémios que pareciam borrar as telas com as quais concorriam ao Salão de Paris seriam considerados "mestres".

Samuel ficou surpreendido por ver tantas pessoas no funeral de Marie. Damas elegantes que diziam estar afetadas pelo falecimento daquela mulher que, além de lhes confeccionar esplêndidos casacos, se tinha tornado sua confidente. Sabiam que podiam confiar nela porque Marie nunca tinha divulgado nenhuma das palavras que ouvia no provador.

Demoraram quase um mês a ter forças para irem ao notário, Monsieur Farman. Para Irina e Mikhail foi uma surpresa saber que Marie lhes tinha deixado uma significativa quantia de dinheiro, fruto das poupanças de toda a sua vida.

Monsieur Farman explicou-lhes que Marie tinha investido uma parte daquele dinheiro seguindo cuidadosamente os conselhos de Monsieur Peretz, mas que outra parte estava no banco à espera de que eles se encarregassem dela.

De regresso a casa, reuniram-se na sala a pedido de Samuel.

— Prometi à Marie que cuidaria de vocês... Por favor, Mikhail, ouve-me!—disse ao ver como a ira se refletia no olhar do jovem.

— Cuidar de nós? Não precisamos de ti. O que podias fazer por nós que nós próprios não sejamos capazes de fazer?

— Não sei, mas foi o que a Marie me pediu. Como sabem, agora esta casa e a oficina são minhas e queria dizer-vos que gostaria que continuassem a viver aqui. Quanto à oficina... tive uma ideia que não sei, Irina, se será do teu agrado, mas em todo o caso gostaria que pensasses no assunto. Eu não me vou dedicar ao negócio das peles e dos casacos, e tu também não, contudo, tornaste-te uma boa florista. Talvez possas transformar a oficina numa loja de flores, ter o teu próprio negócio. Porquê trabalhar para os outros se podes ter a tua própria florista? Pensa nisso.

Mas Irina não precisava de pensar. Tinha saltado da sua cadeira para abraçar Samuel.

— Posso mesmo abrir uma florista? Meu Deus, é mais do que aquilo com que podia sonhar! O meu próprio negócio! Claro que sim, pagar-te-ei uma renda pelo local, com o dinheiro que a Marie me deixou posso fazê-lo.

— Não, não me vais pagar nada. Não preciso de dinheiro. Entre o que recebi do meu avô e o que a Marie me deixou, sinto-me um homem quase rico. Acho que se gastar com moderação poderei viver nos próximos anos. Quanto a ti, Mikhail, já conheces o desejo de Marie. Ela gostaria que te tornasses o melhor músico do mundo. Deves honrar a sua memória regressando às aulas de Monsieur Bonnet. Além do dinheiro que ela te deixou, eu farei tudo o que estiver ao meu alcance para vires a ser o músico que a Marie e o teu pai teriam gostado que fosses. Não podes desperdiçar o teu talento.

— Como é que podem pensar noutras coisas e não na Marie?! Já estão a fazer planos para o futuro como se não se importassem com o facto de ela já não estar aqui...—respondeu Mikhail com raiva.

— Deixa de te comportar como uma criança! Tens catorze anos e tanto tu como nós devemos pensar no futuro. Achas que gostas mais da Marie por chorares noite e dia, por deixares de tocar violino, por te negares a comer? É mais difícil viver do que morrer, por isso se quiseses fazer alguma coisa pela Marie vive, vive como ela sonhou que viverias. Sê o homem que ela queria que fosses. Sei que não gostas de estar comigo, mas vais ter de te acostumar porque vamos viver juntos nesta casa, e não gostaria de te ver sempre taciturno quase sem me dirigir a palavra. Não permitirei que destruas tudo o que a Marie queria para ti.

Mikhail saiu da sala com lágrimas nos olhos e Irina impediu que Samuel fosse atrás dele.

— Deixa-o, precisa de estar sozinho e pensar em tudo o que lhe disseste. Vai reagir bem, é um bom rapaz e gosta de ti, mas receia que o voltes a abandonar.

— Não me vou embora, Irina, ficarei aqui pelo menos durante uns tempos. Eu também tenho de pensar no que vou fazer da minha vida.

Samuel pensava que se de um dia para o outro tinha conseguido partilhar o teto com Jacob, Kassia e a sua filha, Marinna, além de Ariel e Louis, não devia ser mais difícil viver com Irina e Mikhail apesar de a ausência de Marie parecer tê-los tornado estranhos. Mas tinha prometido a Marie que tentaria começar uma nova vida em Paris e que se atreveria a dar o passo de pedir Irina em casamento. Dedicaria todo o seu esforço à primeira questão, mas a segunda provocava-lhe vertigens. Pensou que precisava de tempo, mas isso era o que mais tinha.

Não demorou muito a encontrar um modo de vida à margem do dinheiro herdado do seu avô e de Marie. Foi através de Benedict Peretz que começou a trabalhar com Monsieur Chevalier, um reputado boticário, que também era um professor eminente da Universidade de Paris. Samuel tornou-se o seu ajudante e, tanto se encarregava de dar algumas aulas na universidade, como se fechava no laboratório para preparar com extremo cuidado remédios sobre os quais, até então, nunca sequer tinha ouvido falar.

E, sem se dar conta, Samuel deixou passar os anos por aquela estranha vida na qual vivia com a mulher por quem estava apaixonado, mas a quem não se atrevia a dizer uma palavra sobre o assunto. Irina tinha transformado a oficina de peles numa florista na qual trabalhava desde bem cedo, quase sem lhe prestar atenção. Por sua vez, Mikhail estava a deixar de ser um menino-prodígio para se tornar um músico reconhecido.

Samuel escrevia com regularidade para os seus amigos da Horta da Esperança, sem esquecer Ahmed e a sua família. Era Jacob quem costumava responder às suas cartas informando-o do que acontecia na Palestina e perguntando-lhe quando pensava regressar. Através de Jacob sabia que Anastásia tinha ido para a Galileia ter com a sua irmã Olga e com Nikolai, mas uns meses depois tinha regressado pedindo que a voltassem a acolher. Assim o fizeram, mas não ficou muito tempo na Horta da Esperança, porque um certo dia Jeremias apareceu de surpresa e, à frente de todos, com um certo embaraço e

desajeitadamente, pediu-a em casamento. Kassia ia intervir fazendo o papel de irmã mais velha para rejeitar aquele pretendente que não sabia se agradava a Anastásia, mas aquela jovem estranha não lho permitiu e, para surpresa de todos, aceitou casar com Jeremias. Pareciam ter-se acostumado um ao outro e já tinham sido pais de uma menina muito pequena, mas que, segundo Kassia, era muito bonita.»

Ezequiel ficou em silêncio. Marian notou-o cansado. Recordar pode ser extenuante e aquele homem estava a fazer um esforço considerável para lhe contar a história do seu avô e do seu pai. Esteve tentada a compadecer-se e a dizer-lhe que regressaria noutro dia, que esperaria que chegasse o seu filho para falar sobre os assentamentos, mas Ezequiel não lho permitiu.

— Está na hora de comer, quer almoçar comigo? Depois podemos continuar a conversar.

— Almoçar? Bem... não sei se é o mais correto...—respondeu Marian.

— Suponho que na sua ONG não consideram ser uma grande traição almoçar com um velho como eu.—A voz de Ezequiel estava carregada de ironia.

— Não brinque, mas não nos permitem...

— Confraternizar?—interrompeu-a ele.—Sabe uma coisa? Parece-me uma grande estupidez tanta rigidez. Deixará de ser objetiva no seu trabalho só por partilhar um pouco de hummus comigo? Ah! Permita-me perguntar-lhe: rejeitaria o convite de uma família palestiniiana negando-se a aceitar a comida que ofereceriam quando lhes perguntasse sobre o que se passa aqui? Não, não me parece, por isso faça um favor a mim e a si própria, almoce comigo. Não espere uma grande refeição, já lhe disse, um pouco de hummus, uma salada de tomate e pepino que preparo num instante, e acho que ainda tenho rosbife no frigorífico. Quer uma cerveja ou talvez vinho?

— Não, não... eu... só água, não se incomode comigo... eu não quero comer nada.

— Então vemo-nos noutra ocasião, talvez possa regressar quando o meu filho voltar. Eu preciso de comer, sou velho e, embora não coma muito, é bom repor forças e, como deve compreender, não vou almoçar enquanto a senhora olha para mim.

Ezequiel levantou-se e estendeu a mão para se despedir dela. Marian não lhe deu tempo para duvidar mais.

— Está bem, aceito o seu convite, mas tem de me deixar ajudar.

— Venha comigo à cozinha, comemos lá, pode ajudar-me a cortar os tomates enquanto ponho a mesa. Ah! E agora é a sua vez de falar. Assim posso descansar um bocadinho. Conte-me sobre o Ahmed.

— Interessa-lhe mesmo o que pôde pensar ou sentir a família do Ahmed e outras famílias palestinianas?

Marian viu aflorar o cansaço nos olhos cinzentos de aço de Ezequiel.

— Sim, interessa-me saber o que lhe contaram, como lho contaram; afinal de contas, quando redigir o seu relatório, a versão que prevalecerá será a deles.

— O senhor está muito certo disso...

— Tenha cuidado ao cortar o tomate, essa faca está muito afiada.

«Ahmed estava preocupado. Teria gostado de partilhar com Samuel o motivo da sua aflição, mas o seu amigo continuava em Paris e, pelo que contava nas cartas, ali ficaria. Tinha partido há quatro anos, mas Ahmed continuava a tê-lo presente.

Não é que não pudesse confiar em Jacob ou em Louis, até em Ariel, apesar do seu carácter seco, mas havia assuntos de família que nem sequer se deviam comentar com os amigos, embora pensasse que no caso de Samuel era diferente.

Numa tarde de verão, como tantas outras, ao regressar a casa viu Mohamed e Marinna sentados na cerca da horta.

Os dois jovens riam e estavam de mão dada sem se importarem que alguém os visse. Não compreendia como é que Kassia não estava mais atenta ao que a sua filha fazia. Só de pensar nisso foi

invadido por um sentimento de irritação para com a esposa de Jacob; sabia que era uma boa mulher, mas os seus costumes sempre o tinham incomodado. Jacob era um marido demasiado permissivo que deixava que a sua esposa se pavoneasse como se fosse um homem.

Tinha falado sobre este problema com Dina, mas a sua mulher negava-se a fazê-lo com Kassia.

— Eles também se devem ter dado conta, nem o nosso filho Mohamed nem a Marinna dissimulam o que sentem. Estão apaixonados e agem como se fosse a coisa mais normal do mundo—queixou-se Ahmed.

— E o que é que queres que façamos? Vais ter de procurar uma boa esposa para o Mohamed e assim deixará de ter esperança com a Marinna.

— Devias falar com a Kassia...

— E o que é que eu lhe posso dizer que ela já não saiba? Não, não quero que pense que tenho alguma coisa contra a Marinna. É uma boa rapariga, sempre carinhosa, e nunca deixa de ajudar a Aya nas suas tarefas. A nossa filha mais nova gosta dela como se fosse uma irmã.

— Então, o que achas que devemos fazer?—insistiu Ahmed.

— Casar o Mohamed, já te disse. Com uma esposa esquecer-se-á da Marinna.

— Mas se casar agora não poderá estudar. Sacrificámo-nos todos estes anos para que o Mohamed pudesse ser médico, e se casar não terá outro remédio senão trabalhar comigo na pedreira para sustentar a sua família.

— Em todo o caso, não será médico, o nosso filho gostava de estudar direito—respondeu Dina.

Ahmed suspirou resignado.

— Bem, temos de respeitar a sua escolha. Ser médico requer vocação e ele não a tem. Foi uma sorte ter podido estudar na escola britânica de St. George, só os filhos dos afortunados é que o podem fazer. Louvado seja Alá que permitiu que esse diplomata inglês que apanhou malária tenha sido curado pelo velho Abraham que o aliviou do seu mal, e depois, em agradecimento, abriu a porta de St. George ao nosso filho.

— O médico judeu sempre se mostrou disponível para nós apesar de não poder salvar o nosso filho.—Dina não esquecia a morte prematura de Ismail.

— Se o Abraham não tivesse falado bem do Mohamed, o nosso filho não teria conseguido estudar na escola inglesa. Por isso não farei nada para casar já o meu filho—argumentou Ahmed.

— Então fala com ele. És o pai dele e deve-te obediência. Lembra-o de que, no momento certo, terá de casar com a mulher que escolheres para ele.

— Ele já sabe disso.

— Sabe, mas não o tem em conta.

A conversa repetia-se sempre que Mohamed e Marinna estavam juntos. Tinham tentado separá-los enviando Mohamed para estudar em Istambul para casa de um sócio de Hassan. O irmão de Dina tinha bons amigos naquela cidade onde continuava a fazer negócios e que agora acolhiam generosamente o seu sobrinho. O próprio Hassan contribuía para a subsistência do seu sobrinho por mais que a princípio Ahmed se tenha negado, mas a insistência da sua esposa e sogra, além da do próprio Hassan, acabaram por fazer com que cedesse. Mas aquela separação não tinha servido de nada. Quando o seu filho regressava a casa quase não os cumprimentava, impaciente por ir ter com Marinna.

Ahmed estimava Marinna tanto quanto Dina, mas, por mais que os dois reconhecessem as virtudes da jovem, não podia casar com Mohamed. Se Marinna se convertesse ao islamismo... Porém, sabia que não o faria, por isso nunca poderia ser sua nora.

Aproximou-se, andando muito devagar, do local onde se encontravam os dois jovens alheios à sua chegada.

— Ah! Pai, estás aqui!—exclamou Mohamed sorridente.

— Já passa das seis—respondeu Ahmed com frieza.

— Tens razão, sem querer, esquecemo-nos do tempo. A Marinna diz que falo melhor inglês, mas não tenho a certeza, afinal de contas ela aprendeu sozinha.

— Com a ajuda do meu pai—intercedeu ela.

— O Jacob tem o dom das línguas. É uma sorte...—respondeu Ahmed.

— E graças ao seu talento a Marinna aprendeu inglês e um pouco de francês, além do árabe.

— Vá, Mohamed! Tu é que me ensinaste árabe, o meu pai ensinou-me umas noções básicas, mas pouco mais, e o que sei de francês aprendi com o Samuel e com o Louis. A minha língua é o ídiche, embora agora me sinta tão à vontade a falar tanto hebreu como árabe. Em casa misturamos as línguas, o Louis costuma falar comigo em francês, o Ariel em ídiche ou em russo... mas eu gosto de falar árabe, é uma língua tão bela!

Ahmed baixou a cabeça incomodado e Mohamed apercebeu-se disso.

— Acompanho-te a casa, pai, depois vamos passear, apetece-te?—disse dirigindo-se a Marinna.

Foram em silêncio até casa enquanto procuravam as palavras para abordar o que ambos sabiam que os separava.

— Mohamed, meu filho, sabes bem que não podes partilhar o futuro com a Marinna.—A voz de Ahmed estava carregada de pesar.

— Pai, porque dizes isso? A Marinna é... é... eu amo-a, sim, e acho que ela...

— Sim, ela também te ama, não o consegue esconder. Mas tu tens de estudar. De que teria servido o esforço que fizemos? Vais desperdiçar a sorte de teres podido estudar em St. George?

— Algum dia terei de casar e...

— Não digas nada! Ainda falta muito para esse momento e, quando chegar, vou procurar-te uma esposa adequada, não te preocupes com isso.

— Pai, desculpa, não te quero ofender, mas gostava de ser eu a escolher.

Olharam-se nos olhos e Mohamed preocupou-se ao ver a contrariedade desenhar-se no rosto do seu pai.

— Farás o que deves fazer, não o que quiseres. Eu é que sei o que é bom para ti.

— Estás a querer dizer que não me vais deixar casar com a Marinna?

— Não podes fazê-lo, e eu lamento por ti. A Marinna é judia e nós muçulmanos. Por acaso vais pedir-lhe que renuncie à sua religião? Achas que ela aceitaria? Não, não o faria, e os seus pais também não lho permitirão.

— O Jacob e a Kassia não se interessam muito por religião.

— Claro que se interessam. São judeus; caso contrário, achas que teriam vindo para aqui?

— Fugiram dos pogroms...

— E achas que não há melhores lugares no mundo para onde ir? Não, eles não permitiriam que a Marinna renegasse a sua religião.

— Um dos meus amigos do St. George é um cristão que diz que os sefarditas são Yahud awlad Araba, judeus filhos de árabes.

— Que parvoíce! Além do mais, a Marinna não é sefardita.

— Pai, às vezes partilhamos as suas celebrações, tu próprio foste convidado para o Purim judeu e levaste-me à festa que celebram junto ao túmulo de Simão, o Justo. Também eles celebraram connosco o final do jejum do ramadão. Vivemos juntos, partilhamos a mesma terra, não somos assim tão diferentes, exceto na maneira de rezar e de nos dirigirmos ao Todo-Poderoso.

— Cala-te! Como é que podes falar assim?—exclamou Ahmed escandalizado.

— Tem de haver uma solução! Amo a Marinna, só poderia ser um bom marido com ela.

— Vais obedecer, Mohamed, fá-lo-ás tal como eu o fiz, e como o fez o meu pai e o seu pai.

Ahmed deu a volta e saiu de casa. Precisava de respirar. Não queria que a conversa chegasse a um confronto com o seu filho. Teria de obedecer. O melhor seria ele regressar o mais rápido possível a Istambul para continuar a estudar direito. Quanto mais tempo passasse separado de Marinna, mais depressa se esqueceria dela. Ainda assim, tentaria falar com Jacob. Tinha vergonha de o fazer, mas não podia carregar esse fardo sozinho.

Na manhã seguinte, antes de se dirigir à pedreira passou pela Horta da Esperança. Encontrou Kassia a chorar e Ariel com uma expressão compungida. Não viu Jacob nem Louis.

Ariel comunicou-lhe a má notícia. Abraham Yonah tinha falecido na noite anterior. O velho médico estava há meses doente, quase sem se levantar da cama, e a morte tinha vindo buscá-lo durante o sono.

— Era um bom homem—sussurrou Ahmed, que gostava realmente do médico judeu.

— Ele uniu-nos a ti—respondeu Kassia sem conseguir conter as lágrimas.

— O Jacob e o Louis foram à cidade. A Marinna foi com eles. Nós vamos mais tarde, ainda temos de acabar de trabalhar—explicou Ariel.

Durante o resto do dia, Ahmed fez um grande esforço para não desatar a chorar. Mal se conseguia concentrar no seu trabalho, mas Jeremias, sempre exigente, não disse nada. Ele também sentia a mesma dor pelo desaparecimento de Abraham.

Ahmed e Dina juntaram-se ao cortejo fúnebre para acompanharem Abraham ao túmulo no qual dormiria para a Eternidade. Dina chorou abraçada a Kassia, e Mohamed fez das tripas coração para consolar Marinna.

Participaram no luto tanto muçulmanos como cristãos. Abraham Yonah tinha uma grande reputação como médico, mas tinha sobretudo o afeto sincero de todos aqueles que lidaram com ele. Nunca cobrou um bishlik a ninguém que não o pudesse pagar e entre os seus pacientes encontravam-se tanto personagens hierosolimitanas muçulmanas como cristãs, além de diplomatas e viajantes que faziam escala em Jerusalém.

Yossi, o filho de Abraham e Raquel, estava desolado. A sua esposa Judite tentava consolar a sua sogra, mas esta tinha-se sumido num silêncio de lágrimas. Nem sequer a pequena Yasmin era capaz de consolar a sua avó.

Yossi teria gostado de ter mais filhos, mas Judite não tinha voltado a engravidar, por isso Yasmin era a sua única alegria, tal como o tinha sido para Abraham e o seria para Raquel. Yasmin gostava de estar com o seu avô e incentivava-o a ensinar-lhe a ser médica; ele sorria e, apesar dos protestos de Raquel, ensinava tudo o que podia à sua neta lamentando-se por aquela menina não poder ser médica como ele. Yasmin tinha mais ou menos a idade de Marinna e às vezes eram vistas juntas.

Ahmed apreciava verdadeiramente aquela família, tal como também apreciava todos os habitantes da Horta da Esperança, mas ainda assim os judeus inquietavam-no. Chegavam cada vez mais à Palestina para comprar terras a todos os que as queriam vender. A princípio, nenhuma das principais famílias árabes parecia muito preocupada com essa emigração constante, e dizia-se que alguns deles, os Husseinis, os Khalidi, os Dajani, e outros, tinham negócios com judeus. Até ouviu dizer que alguns estavam associados aos Valero, judeus sefarditas, dedicados à banca.

Ahmed tinha começado a frequentar há pouco tempo reuniões com um grupo de homens que, como ele, sentiam inquietação com o futuro daquela terra árida na qual tinham nascido. Foi o seu cunhado Hassan que o levou ao primeiro encontro.

Há anos, Hassan tinha feito fortuna primeiro em Beirute e mais tarde em Istambul como responsável pelos negócios daquele que era seu patrão, um próspero comerciante hierosolimitano.

Khaled e Salah, os filhos de Hassan, tinham estudado num colégio cristão de Beirute, onde, entre outras coisas, aprenderam a desconfiar dos judeus. Alguns dos sacerdotes que tinham tido como professores lamentavam-se de que os judeus, diziam, tivessem matado o seu Deus, um Deus que, como explicava Khaled ao seu tio, não era senão o profeta judeu de nome Jesus. Mas, se os sacerdotes não escondiam os seus preconceitos contra os judeus, também não escondiam as suas simpatias para com os árabes, com os quais de vez em quando conversavam.

Quando Hassan decidiu deixar Istambul para regressar a Jerusalém com a sua família, permitiu-se ir em peregrinação a Meca. Ali entrou em contacto com um grupo de homens partidários de Husayn ibn Ali, governador de Hejaz, província do Império Otomano na Arábia.

Hassan ficou impressionado quando conheceu Husayn, cuja barba branca, tão branca como a túnica com a qual se cobria, lhe conferia uma dignidade especial. Husayn era o sharif, o xerife de Meca, já que descendia do Profeta.

Os amigos do sharif quiseram saber se Hassan colaboraria com eles num sonho, construir uma nação árabe, livrando-se do jugo dos turcos. Husayn seria naturalmente o novo califa, o homem que governaria os povos do islão.

Tanto Ahmed como o seu cunhado Hassan e os filhos deste estavam dececionados com os resultados da revolução protagonizada por um grupo de oficiais turcos, que no Ocidente eram chamados Jovens Turcos, mas que eles denominavam Comité para a União e o Progresso, que tinha despertado grandes esperanças, mas no final não tinha conduzido a nenhuma melhoria, pelo menos naquele canto do império do sultão.

Além disso, Hassan considerava que os novos amos do império não se comportavam como piedosos muçulmanos.

Todas as sextas-feiras, o grupo encontrava-se na mesquita e depois das orações ficavam algum tempo a conversar.

— Os judeus estão a armar-se—queixou-se Hassan.—Um amigo da Galileia contou-me que esses grupos se denominam "Hashomer", o Vigilante, e que cada vez mais agem impunemente com a desculpa de defenderem as colónias agrícolas dos ataques dos bandidos. Cobrem-se com o keffiyeh, como os beduínos, e procuram os bandidos para lá do rio Jordão. Se se consolidam, um dia vão querer mais do que já têm.

— Os meus vizinhos estão divididos quanto aos turcos—explicou Ahmed.—Um deles, o Jacob, acha que os judeus devem apoiar o sultão. Ouviu dizer que os judeus têm de se organizar e de ter representantes em Istambul que defendam os seus interesses. Acho que o próprio Jacob gostaria de representar os judeus perante o sultão. Também me parece que os meus amigos da Horta da Esperança sonham apenas continuar a viver, como até agora, sob proteção do sultão.

— Preocupa-me ver que cada vez chegam mais. Se continuarmos assim vão passar a ser os donos da Palestina—queixou-se o seu sobrinho Khaled.

Ahmed sentia-se dividido entre os laços de amizade e até de afeto que se foram construindo entre a sua família e os habitantes da Horta da Esperança, mas o seu cunhado Hassan não tinha dúvidas de que tinha chegado o momento de os árabes palestinianos se tornarem independentes do Império Otomano. Estava convencido de que, se o conseguissem, a nova situação provocaria muitos atritos com aqueles judeus que, pouco a pouco, se estavam a apoderar das terras palestinianas.

— Não me parece que essa seja a sua intenção, a única coisa que querem é trabalhar e viver em paz connosco—respondeu Ahmed sem muita convicção.

— Mas, tio, tu próprio és um exemplo de como ocupam tudo. Tiveste de partilhar com essa gente a terra onde vivias—respondeu Khaled.

— Uma terra que não era minha, mas sim do sayyid Aban, e foi ele quem decidiu vendê-la. Não posso censurar em nada estes judeus porque não me fizeram nada. Trataram-me de igual para igual e mostram-se respeitosos e cordiais para com a minha família. Não me tiraram nada porque eu não tinha nada.

— Achas que têm o direito de comprar as nossas terras?—insistiu Khaled.

— Direito? A questão é que compram o que outros lhes querem vender.

— Não te dás conta do que isso implica?!—gritou Khaled.

— Vá, vá, não vamos discutir entre nós. Estamos de acordo no essencial. O que todos queremos é deixar de fazer parte do Império Otomano e edificar uma nação para nós, árabes—referiu Hassan entre o seu cunhado e o seu filho.

— Conformas-te com pouco, Ahmed. O Khaled é mais realista—sentenciou outro dos homens, Omar Salem, que era considerado por todos como um guia.

Ahmed não se atreveu a responder às palavras de Omar. O homem impunha respeito. Não só por pertencer a uma família endinheirada, mas também porque conhecia muitas pessoas importantes da corte do sultão em Istambul, também do Cairo e Damasco, e do círculo mais íntimo do sharif Husayn. Embora nunca se gabasse da sua posição, todos reconheciam a sua liderança.

Naquela tarde Omar tinha-os convidado para irem à sua mansão situada fora das velhas muralhas. Sheikh Jarrah tinha-se tornado o lugar escolhido pelas grandes famílias para construírem as suas novas casas, e a de Omar era uma das melhores. Ahmed sentia-se pequeno naquela sala luxuosamente decorada.

Omar comportava-se como o melhor dos anfitriões tentando agradar aos seus convidados. Um criado aparecia de vez em quando levando mais chá e doces além de jarros com água fresca nos quais flutuavam pétalas de rosa.

— O sultão também desconfia da chegada em massa de judeus e cada vez mais impõe restrições à sua presença aqui. Mas eu concordo com o meu tio Ahmed, o nosso problema não está nos judeus, mas sim nos turcos. Os judeus podem continuar a viver connosco no dia em que deixarmos de ser súbditos do sultão—intercedeu Salah.

— Mas continuam a chegar e a comprar vontades. Em Jerusalém já são mais do que nós—respondeu-lhe o seu irmão Khaled.

— Meus amigos, temos de trabalhar para que um dia os nossos filhos vivam numa grande nação governada por homens do nosso sangue, que se mostrem piedosos e cumpridores dos preceitos do Profeta. Sim, sonhemos com uma grande nação árabe—disse Omar e os homens assentiram entusiasmados.

— Jerusalém é a cidade menos santa de todas as que conheço, cada vez há mais prostitutas nas ruas. E alguns dos nossos mantêm concubinas judias sem qualquer pudor. Os russos e os arménios vão ficar com a cidade—lamentou-se Hassan.

— Se fossem só eles... Todos os dias chegam mais estrangeiros, britânicos, americanos, búlgaros... A maioria, ímpios. Os piores são os judeus russos, que trazem umas ideias endemoninhadas. Não nos querem servir nem ter senhores, não vão à sinagoga e deixam as suas mulheres comportarem-se como homens. As colónias agrícolas onde vivem não têm chefe, acham que são todos iguais—insistiu Khaled.

— Bem, eles defendem que somos todos iguais e que ninguém deve ter um amo.—Ahmed explicava-o com admiração.

— Tu sabe-lo bem, não é, tio? Tu és o que está mais próximo deles, porque os da Horta da Esperança são judeus russos—comentou Salah—e nunca vão à sinagoga nem respeitam o sabat.

Quando Ahmed chegou a casa, Dina esperava-o impaciente, queria saber como era a casa de Omar. Para lhe agradar teve de contar todos os pormenores. A sua esposa ouvia-o maravilhada.

Naquelas noites as reuniões deixavam em Ahmed um resquício de inquietação. Perguntava-se o que aconteceria no dia em que Omar ou Hassan considerassem que era hora de fazer algo mais do que falar. "O que fariam então? O que faria ele?", perguntava-se.

Depois de ouvir o seu relato, Dina contou-lhe como é que ela tinha passado a tarde.

— A Layla, a mulher do meu irmão, apareceu sem avisar. Viu o Mohamed de mão dada com a Marinna e ficou escandalizada.

— Outra vez! O nosso filho não nos respeita. Já lhe pedi que não se aproxime dessa rapariga. Vai acabar por causar problemas... Onde é que ele está?

— Ainda não voltou. Acho que ficou a jantar na Horta da Esperança. Vi-os entrarem para casa há algum tempo. Ali é sempre bem recebido. A Kassia trata-o como um filho e o Jacob gosta de falar de Istambul com o nosso Mohamed. Tens de conversar outra vez com ele e de lhe procurar uma esposa. É disso que precisa, de uma boa mulher, jovem como ele.

Quando Mohamed regressou, Zaida estava a dormir ao lado de Aya, e Dina dormitava junto ao lume da lareira.

— Onde é que estiveste?—perguntou-lhe Ahmed sem responder ao cumprimento do seu filho.

— A Kassia convidou-me para jantar, depois estive a jogar xadrez com o Jacob. Ganhei-lhe dois jogos. Diz que sou um bom estratega, e deve ser verdade, foi ele que me ensinou a jogar quando eu era pequeno, mas agora sou eu quem consegue xeque-mate.

— A tua tia Layla esteve cá em casa—respondeu Ahmed.

— Eu sei, vi-a chegar, mas fingi que estava distraído. A Layla está sempre a bisbilhotar na vida dos outros e costuma ser desagradável com a Kassia e com a Marinna. Olha para elas como se fosse superior. Não esconde que desaprova tudo o que elas fazem.

— E o que fazes tu? Achas que a tua tia pode aprovar o teu comportamento?—replicou Ahmed.

— O meu comportamento? De que é que me devo envergonhar?—Mohamed enfrentou o olhar do seu pai disposto ao desafio.

— Estavas a passear de mão dada com a Marinna. Essa rapariga não está comprometida contigo. Queres que todos falem sobre ela?

— Falar? O que é que podem dizer sobre a Marinna? Enfrentarei quem quer que seja que se atreva a falar sobre ela, até a tia Layla.

— Já conversámos sobre a Marinna e não vamos discutir mais sobre ela. Acabaram-se as tuas férias, amanhã mesmo regressas a Istambul.

— Ainda faltam alguns dias para as aulas começarem.

— Não me interessa. Vais amanhã. Arruma as tuas coisas.

— Pai, estás-me a expulsar de casa?

— Não, só quero evitar uma situação mais grave para ti e para nós. Tens de aceitar que a Marinna não é para ti. Se for necessário deixaremos esta casa e a nossa horta e procuraremos outro sítio onde viver. Não posso enfrentar o Jacob nem os outros, eles são os donos desta terra. Não me resta outra opção senão abdicar de tudo, é isso que queres?

Dina observava-os preocupada. Sentia uma opressão profunda no peito ao ver o marido e o filho discutirem. Sim, estava comovida com a dor de Mohamed, teria gostado de poder dar prazer ao seu filho e de fazer planos com Kassia para o casamento dos seus filhos, mas não podia ser.

Ela também teria gostado de casar apaixonada, mas o amor chegou depois do casamento. Mal conhecia Ahmed quando o seu pai lhe anunciou que tinha chegado a um acordo com os pais dele. As suas famílias organizaram os esponsais sem os consultarem e ambos aceitaram a decisão dos seus pais, que até acabou por ser a mais acertada. Ahmed era um bom homem, um marido carinhoso e atento, que tinha

em conta a sua opinião. Nunca tinha olhado para outra mulher. Ela também tinha sido uma boa esposa e uma boa mãe. Tinha-lhe dado quatro filhos, embora só dois, Mohamed e Aya, tivessem sobrevivido. Ainda chorava o pequeno Ismail. Quanto ao outro, o que tinha nascido morto, não sentia a sua falta da mesma forma. Nem sequer lhe tinham permitido ver o seu rosto.

— O teu pai tem razão—atreveu-se a dizer mesmo sabendo que não se devia meter na conversa dos dois homens.

— Um dia, a religião vai deixar de separar os homens. Partilhamos esta terra, mãe, partilhamo-la com os turcos, com os judeus, com os arménios, com os russos, com todos os que chegam a Jerusalém, fazendo dela a cidade mais santa de todas as que existem. Sabias que há muitos dos nossos que têm uma mulher judia, alguns nem se escondem. Não se casam, claro, a lei não o permite, mas sabes quantos aristocratas têm um odah, onde passam o seu tempo com mulheres de outras crenças e nacionalidades? O filho do presidente da Câmara, Hussein, vive com uma das mulheres mais belas de Jerusalém, a Perséfone. Nunca ouviste falar dela, mãe? De certeza que sim. É grega e vende azeite, além de dividir o leite com o filho do presidente da Câmara. Queres saber mais?

— Chega! Como te atreves a contar essas histórias à tua mãe? Nós não queremos saber do comportamento dos outros. Arruma as tuas coisas, vais partir assim que o sol nascer.

Mal amanheceu, Mohamed apareceu na Horta da Esperança esbarrando com Kassia e com Ariel, que a essa hora estavam a ordenhar as cabras. Kassia acordou Marinna e ela saiu com o cabelo despenteado e com os olhos inchados pelo sono da noite. Despediram-se sem conseguirem evitar as lágrimas.

Depois daquele dia, cada vez que se encontrava com os seus senhorios, Ahmed notava que estavam incomodados. Cumprimentavam-se com cortesia, mas Kassia não tinha voltado a sua casa para conversar com Zaida e com Dina, e Jacob só o cumprimentava com uma inclinação de cabeça quando o via entrar no caminho entre as laranjeiras que conduziavam a casa. Ariel mostrava-se taciturno como sempre; quanto a Louis, era incapaz de disfarçar o seu desgosto. Temia encontrar-se com Marinna, apesar de ela parecer ter decidido fazer o possível para não dar de caras com ele nem com a sua família. Aya, que Marinna tratava como uma irmã mais nova, perguntou à sua mãe o que é que se passava.

— Fui ver a Marinna. Não me prestou muita atenção, despachou-me a dizer que estava muito ocupada. Não sei o que é que se passa. Sempre foi tão carinhosa comigo...

Dina baixou a cabeça sem responder e foi Zaida quem tentou não dar importância ao que estava a acontecer.

— Não te preocupes, minha querida, todos temos dias maus e preocupações que não partilhamos com os outros. Durante algum tempo tenta não incomodar a Marinna e vais ver que voltará a ser a mesma.

— Mas, avó, está a acontecer alguma coisa que eu não saiba?

— Não, minha filha, não é isso, mas às vezes a distância entre as pessoas é boa por mais que gostem umas das outras. Não te preocupes, ela procurar-te-á mais tarde.

— Ou seja, aconteceu alguma coisa que todos sabem menos eu—insistiu Aya.

Zaida olhou para Dina à espera de que fosse ela a dar uma explicação a Aya. Ela era apenas a avó e não se devia intrometer nos assuntos mais íntimos da família. Não lhe dizia respeito contar à sua neta o motivo do conflito com os habitantes da Horta da Esperança. Não podia dizê-lo, mas sentia como uma perda Kassia já não as visitar e tinha saudades daquelas tardes de conversa partilhadas à frente de uma chávena de chá.

A separação aumentava de dia para dia e Dina pediu ao seu marido que fizesse alguma coisa.

— São os nossos senhorios e vizinhos; se quisessem podiam expulsar-nos da nossa casa apenas aumentando a renda para um valor que não pudéssemos pagar. Devias falar com o Jacob, ele vai perceber porque é que decidiste separar o Mohamed da Marinna.

— E tu falaste com a Kassia?—perguntou Ahmed.

— Não, não tive coragem. Sei que está zangada, custa-lhe muito ver a sua filha a sofrer, mas tenho a certeza de que compreende os nossos motivos. A minha mãe disse que a Kassia é uma mulher muito prática e que será ela própria a dar-se conta de que o melhor para a Marinna é não voltar a ver o Mohamed, pelo menos durante uns tempos.

— Sim, talvez a Zaida tenha razão, e... bem, vou tentar falar com o Jacob. Espero que me queira ouvir.

Mas Ahmed não encontrava o momento de enfrentar Jacob e deixou passar duas semanas, até que numa tarde decidiu que tinha de enfrentar a situação. Ao regressar da pedreira encaminhou-se para a Horta da Esperança. Suspirou ao ver aquela casa que Samuel e os seus amigos, com a sua ajuda, tinham erguido anos antes no meio das oliveiras. Olhou à sua volta e alegrou-se ao ver as velhas oliveiras podadas e cheias de azeitonas. Aqueles judeus tinham tornado as azeitonas um bom negócio levando-as ao lagar onde obtinham aquele azeite espesso de cor esverdeada e um ponto de acidez que tanto agradava aos hierosolimitanos.

A porta estava entreaberta, por isso empurrou-a suavemente enquanto pigarreava para anunciar a sua chegada.

Deu um passo atrás ao ver uma mulher e um jovem que não conhecia enquanto os outros conversavam animadamente. Foi Kassia quem o viu e pôde verificar que o seu olhar se tornou sombrio.

— Boa noite, Ahmed—disse Kassia num tom de voz que não refletia o afeto de sempre.

— Não quero incomodar... Venho noutro momento, estou a ver que têm convidados.

Para sua surpresa, Ariel dirigiu-se a ele sorridente. Ahmed pensou que era a primeira vez que o via sorrir.

— És bem-vindo, assim podes conhecer a minha esposa, a Rute, e o meu filho, o Igor.

Ariel colocou o seu braço sobre o de Ahmed e empurrou-o para entrar em casa. Já não podia voltar atrás por mais que quisesse. A mulher, que tratavam por Rute, aproximou-se dele estendendo-lhe a mão.

— Com que então és o Ahmed, conheço-te a ti e à tua família pelas cartas do meu marido. Daqui a pouco tempo, espero conhecer a Dina, a tua esposa, e a tua sogra, a Zaida, e também os teus filhos. Acho que o meu Igor é da idade do teu.

Ahmed sentiu-se desajeitado, sem saber o que fazer com a mão que Rute lhe tinha estendido. Não gostava do costume daqueles europeus que tratavam com tanta familiaridade as mulheres, até as desconhecidas.

— Voltarei noutro momento—insistiu.

— A Rute e o Igor chegaram apenas há umas horas do porto de Jaffa. Parece mentira que aqui estejam. Foi muito duro estar sem eles, tu deves perceber já que tens família—disse Ariel.

De seguida ofereceu-lhe um copo.

— Bebe—incentivou-o Ariel—,brindemos pela minha família.

Ahmed não sabia o que fazer. Não pretendia desiludi-lo, mas também não queria violar o preceito do Alcorão que proíbe a bebida.

— Vá, Ahmed, a tua gente bebe licores de ervas com a desculpa de serem medicinais e digestivos. Esta vodca que eu e o Louis fazemos é medicinal, podes bebê-la sem medo de pecar—insistiu Ariel com um gesto de cumplicidade.

Ahmed só molhou os lábios naquele líquido transparente como a água com um cheiro e um sabor intensos. Sentia-se pior a cada minuto que passava. Ariel, o tosco Ariel, mostrava-se amistoso, tal como a sua esposa Rute, uma mulher baixa, roliça, sem nada que se destacasse à exceção de um sorriso aberto e franco. Cabelo castanho, olhos castanhos, mãos pequenas e a pele morena. Quanto ao filho, Igor, era

parecido com o seu pai, alto, forte, com o mesmo olhar intenso, talvez um pouco mais simpático. Mas não eram eles que o inquietavam, mas sim o silêncio de Jacob e de Kassia, a indiferença de Louis e, sobretudo, ter visto Marinna sair daquela divisão.

Mas Ariel sentia-se demasiado feliz para reparar no incómodo dos seus amigos. Há quatro anos que não via a sua família. Explicou-lhe que tinham decidido que fosse ele o primeiro a ir para a Palestina, não só para fugir da polícia do czar, mas também para tentar abrir caminho. Rute e Igor tinham querido segui-lo, mas não tinha sido possível porque o pai de Rute estava muito doente. Ela tinha cuidado dele até ao seu último minuto de vida. Agora, felizmente, a família voltava a estar reunida.

Ahmed ouviu atentamente o que Ariel lhe contava e quando pôde despediu-se.

— Volto noutra momento—disse fazendo tenção de se ir embora.

— Mas o que é que querias? Precisas de alguma coisa?—perguntou Ariel.

Vencendo a sua timidez, olhou para Jacob.

— Na verdade, queria falar com o Jacob, mas não é nada urgente.

Jacob olhou-o e depois olhou para Kassia, mas ela afastou o olhar como se não estivesse interessada em nada do que Ahmed pudesse dizer. Foi Louis quem de repente desconcertou Ahmed e Jacob.

— Pois eu acho que fazem bem em falar. É melhor do que continuarmos assim, estamos todos perturbados. Quanto mais depressa enfrentarmos o problema, mais depressa o resolvemos, e só se pode começar a resolver com uma conversa.

— Por favor, Louis, não nos digas o que devemos fazer!—protestou Kassia.

— E vamos passar o resto das nossas vidas sem falar com o Ahmed e com a sua família? Estamos todos chateados com ele, é melhor dizê-lo e deixá-lo explicar o motivo da sua atitude para connosco e, sobretudo, para com a nossa querida Marinna.

Nem Ahmed nem Jacob eram homens que gostassem de conflitos e os dois lamentavam-se por se encontrarem naquela situação. Ahmed decidiu ter em conta a recomendação de Louis.

— Sim, vim conversar, mas hoje estão a celebrar e não quero estragar a vossa alegria. Se o Jacob quiser, venho amanhã.

— Sim, é melhor—respondeu Jacob, aliviado por não ter de enfrentar uma conversa com Ahmed perante todos os seus amigos.

No dia seguinte, enquanto trabalhava na pedreira, não conseguia deixar de pensar em como iniciar a conversa com Jacob. Não o queria ofender, mas também não lhe queria mentir. Manter-se-ia firme na sua decisão de impedir qualquer relação entre o seu filho Mohamed e Marinna, não ligava ao facto de Jacob compreender ou não.

Talvez porque tinha de acontecer, ou porque não tinha colocado toda a sua atenção no que estava a fazer, a verdade é que colocou carga de dinamite a mais numa rocha que pretendiam partir em vários pedaços, e esta explodiu com tanta força que um bocado de pedra atingiu-o, esmagando-lhe uma perna e provocando tal dor que esteve prestes a desmaiar.

Jeremias correu para onde ele estava e, com a ajuda de outros dois homens, conseguiram tirá-lo de entre as pedras.

— Preparem a carroça! Vá, não percam tempo! Temos de levá-lo a Jerusalém—ordenou Jeremias aos homens que estavam mais perto.

A princípio Ahmed julgava que não suportaria a dor que lhe percorria a perna, depois estremeceu ao ver como esta não só inchava, mas também adquiria um tom roxo-escuro. Também não conseguia mexer os braços, e sentia o sangue que lhe jorrava da cabeça. Custava-lhe respirar, mas não gritou nem se queixou. Conteve o choro, consciente de que os homens estavam a olhar para ele. Era o capataz e tinha de dar o exemplo; noutras ocasiões outros homens tinham sofrido acidentes, embora ele se gabasse de ter o

trabalho bem organizado e o cuidado suficiente paraevitar situações como a que tinha provocado esta desgraça.

Levaram-no a um médico sírio que há anos se tinha estabelecido fora dos muros da cidade, perto da Porta de Damasco.

O rosto do médico permaneceu imóvel enquanto o examinava. Ahmed temia o pior.

— Fraturou o joelho, a tibia e o calcanhar. Vou ver o que posso fazer.

O médico deu-lhe a beber um litro de um líquido que lhe pareceu amargo, mas que, ao cabo de uns minutos, o envolveu num sono leve do qual vagamente podia entender as instruções que o galeno dava ao seu ajudante. Sentiu que lhe imobilizavam a perna e, se tivesse podido, ter-se-ia queixado daqueles vaivéns aos quais o submetiam tentando curar-lhe os ossos que estavam partidos. Julgou ouvir no meio da sua sonolência que nunca mais voltaria a andar e que até podia perder a perna se esta continuasse a ficar escura.

Acordou horas depois com os lábios secos e uma sensação de vertigem. As têmporas latejavam loucamente e a dor da perna era insuportável. Tentou mexer-se sem sucesso. A perna não lhe respondia e o resto do seu corpo parecia ter endurecido. Também não conseguia que a voz saísse da sua garganta. Angustiou-se ao perguntar-se se já estaria morto. Mas não, não podia estar morto se sentia tanta dor. Procurou com o olhar e ficou mais calmo ao ver Dina sentada ao seu lado e, junto a ela, a sua querida Aya. Tentou endireitar-se, mas as forças não o acompanhavam. Dina pareceu dar-se conta do seu esforço e pegou na sua mão.

— Aya, avisa o médico! O teu pai está a acordar.

Dina aproximou-se mais dele e passou-lhe um pano húmido pelo rosto.

— Estás bem, estás bem... não te preocupes... estás bem. Tens de descansar. O médico vai dar-te alguma coisa para que não sintas dores e consigas dormir.

Ahmed não queria continuar a dormir. Queria abrir totalmente os olhos e contemplar a vida. Preferia a dor a não sentir nada. Não sabia se Dina ouvia as palavras que se lhe acumulavam nos lábios.

— Eu... eu... estás aqui... o que é que me fizeram?

E Dina, com a voz sumida, foi-lhe explicando que o médico lhe tinha aberto a perna para lhe colocar os ossos, que tinha sangrado muito, que tinha estado prestes a morrer, mas que se tinha salvado, embora nunca mais voltasse a andar como antes. Arrastaria a perna, mas conservava a vida. E não se devia preocupar, Jeremias era um bom patrão e tinha prometido que, se se safasse desta, continuaria a contar com ele na pedreira.

Aya regressou acompanhada pelo médico, que lhe perguntou como se sentia e depois o examinou.

— Vai demorar algum tempo a recuperar, quanto ao andar... terá de se acostumar a arrastar a perna, mas pelo menos salvámo-la da gangrena. Alá foi misericordioso.

O médico explicou-lhe que ainda não se podia mexer e que demoraria algum tempo a poder voltar a casa. Também elogiou Jeremias.

— Aquele homem ameaçou-me com tudo e mais alguma coisa se me atrevesse a cortar a perna ferida. Ordenou-me que lhe desse o melhor tratamento. Ele pagará todas as despesas e não deixou de vir aqui um único dia.

Ahmed soube pelo médico que, além da perna, tinha várias costelas partidas, uma grande ferida na cabeça e um braço lesionado. Não sabiam como tinha sobrevivido à explosão.

Tal como lhe tinha dito o médico, Jeremias foi vê-lo. No seu rosto lia-se a preocupação com o estado do seu capataz.

— Ainda não percebo como é que puseste tanta quantidade de dinamite, podias ter mandado toda a pedreira e todos nós pelos ares.

Ahmed tentou desculpar-se, mas mal tinha forças para falar.

— Não fales, quando melhorares explicas-me o que aconteceu. Mas nesse dia parecias distraído, como se estivesses com a cabeça noutra lugar. A tua esposa não me soube dizer o que se passava contigo.

A sua maior surpresa foi a visita de Ariel, Jacob e Louis. Os três homens mostraram-se comovidos com o seu estado.

— Não te preocupes com a horta, os teus sobrinhos Khaled e Salah estão a ajudar a Dina. Nós também damos uma mão—disselhe Louis.

Ahmed não sabia o que dizer para mostrar o seu agradecimento. Dina já lhe tinha falado da ajuda dispensada pelos seus vizinhos, até Kassia e Marinna se tinham oferecido para o que fosse necessário. Ainda assim, segundo lhe tinha explicado Dina, Kassia tinha-se mostrado muito séria quando foi a casa deles para saber o que se tinha passado. Marinna não tinha dito nenhuma palavra e só respondeu às perguntas de Zaida.

Não, não podia permitir por mais tempo que o silêncio minasse a relação entre a sua família e aqueles estranhos amigos da Horta da Esperança, e embora lhe faltassem forças decidiu que tinha chegado o momento de abordar o problema.

— Gostaria de vos explicar o meu medo em relação à amizade especial entre o Mohamed e a Marinna...—começou a dizer com a voz sumida.

— Vá, Ahmed, não é o momento! Primeiro tens de recuperar, temos tempo para tratar desse assunto depois—interrompeu-o Jacob.

— Agradeço a tua preocupação, mas não podemos arrastar isto por muito mais tempo. Temos de falar e, por pior que me encontre, não vou melhorar se não o fizermos.

Jacob mexeu-se, incomodado, enquanto Ariel e Louis permaneceram muito quietos.

— Sei que o meu filho gosta da Marinna, devia gostar dela como de uma irmã já que cresceram juntos, mas ama-a como se ama uma mulher. Julgo que... bem, julgo que a Marinna lhe corresponde e eu não podia ficar mais feliz se o meu filho casasse com uma rapariga como a Marinna, virtuosa, modesta, trabalhadora, mas... não pode ser, meus amigos, não pode ser, exceto se a Marinna professasse a nossa fé, e sei bem que isso é impossível. Pedi ao meu filho para não ser egoísta, alimentando uma relação que não pode acabar em casamento. Nem a Marinna será muçulmana nem o Ahmed se converterá ao judaísmo. Os dois são jovens e poderão ultrapassar a amargura da decepção que uma situação como esta provoca. Mas é o melhor para eles e para todos nós. Em nenhum momento quero que a minha recusa a esta relação possa ser interpretada como algo contra a Marinna, tenho um apreço sincero por ela e nada me agradaria mais do que poder chamar-lhe filha...

Ahmed não sabia o que podia dizer mais. Sentia que o rubor se apoderava das suas faces perante o olhar inquisitivo dos três homens que o ouviam em silêncio e tão quietos que parecia que não respiravam.

Fechou os olhos. Estava cansado e tinha a testa a ferver, mas sentia as mãos húmidas pelo suor.

— Então tu achas que a religião é um impedimento inultrapassável—murmurou Jacob.

— E tu não? Que alternativa têm se querem viver decentemente?

— Devíamos ser capazes de fazer com que a religião não fosse um muro intransponível, a causa da amargura de dois jovens que se amam. Em que tipo de Deus acreditamos que não permite que dois jovens bons e honrados se amem?—perguntou Jacob perante a perplexidade de Ahmed.

— Vais questionar o teu Deus? É uma blasfémia... eu... a vossa força é a Bíblia, a nossa é o Alcorão.

— Achas mesmo que Jeová ou Alá estão preocupados com dois jovens que se apaixonaram? Não será o contrário? Até quando vamos permitir que a religião nos separe e provoque um olhar diferente de parte a parte? Fugimos da Rússia porque nos perseguiram não só porque somos judeus, mas também porque queremos um mundo diferente, onde nós, os homens, sejamos iguais, tenhamos os mesmos direitos

e os mesmos deveres, onde não se persiga ninguém pela sua crença ou pelo seu pensamento. Um mundo sem Deus, sem nenhum Deus em nome do qual os homens lutem entre si. E nesse mundo novo o Mohamed e a Marinna poderiam amar-se—afirmou Jacob.

— Mas esse mundo não existe. Eu não poderia ser feliz num mundo sem Deus; lamento, Jacob, eu... eu não vos percebo. São judeus e por isso é que vieram para a Palestina alegando que foi a pátria dos vossos antepassados, e ao mesmo tempo renegam o vosso Deus. Não consigo perceber e...

— E sentes-te mal entre blasfemos—sentenciou Louis.

— Alá é misericordioso e conhece até o canto mais escuro do coração dos homens. Eu só tento cumprir os preceitos que inspiraram o nosso Profeta e ser um bom muçulmano. Esse mundo de que falam... lamento, não me parece que alguma vez se torne realidade. Vai contra a natureza dos homens.

— Somos socialistas e comportamo-nos como tal. Por acaso não te tratámos sempre de igual para igual?—Louis falava e o seu tom de voz estava envolto em seriedade.

— Não tenho razões de queixa de vocês. A sorte da minha família mudou no dia em que conhecemos o vosso amigo Samuel Zucker. Sempre foram justos para connosco, nunca exigiram nada que não tenham exigido a vocês próprios. E partilharam o que têm. Diz a lei de Deus que ajudemos os que menos têm e estendamos a mão aos mais fracos. E nós temos correspondido a quanto temos recebido—ênfaticamente afirmou Ahmed.

— Sim, e graças a ti tornámo-nos agricultores. Eu, fora do prato, nunca tinha visto uma azeitona, e nunca pensei que fosse tão difícil e doloroso ter de me baixar para apanhar o que se colhe. Deste-nos e ensinaste-nos muito. A Horta da Esperança foi possível graças a ti—reconheceu Louis. Ariel assentia ao ouvir as suas palavras.

— De maneira que todos cumprimos os nossos princípios e as nossas crenças comportando-nos como homens de bem—insistiu Ahmed.

— Porque é que não deixamos que o Mohamed e a Marinna decidam? Porque é que temos de os condenar?—perguntou Jacob em voz alta sem se dirigir a alguém em particular.

— Porque há coisas que estão bem e outras que não estão. Se o Mohamed e a Marinna decidissem... decidissem não cumprir os preceitos das nossas religiões, poderia chegar o dia em que ambos se censuravam um ao outro. Pergunto-me se o meu filho respeitaria sempre a Marinna se não casasse com ela. Poderia tê-la como uma concubina, mas a Marinna seria feliz? Respeitar-se-ia a si própria?

— Uma concubina?! Mas o que é que estás a dizer? Isso nunca!

— Por favor, Jacob, não vamos permitir que o deslumbramento dos nossos filhos torne impossível o entendimento entre as nossas famílias. São jovens, isto passa-lhes. A Marinna encontrará um bom rapaz judeu e a Dina procurará uma esposa apropriada para o Mohamed. O meu filho sabe qual é o seu dever e aceitá-lo-á, por mais que lhe custe separar-se da Marinna. Daqui a alguns anos, os dois vão rir-se deste amor juvenil.

Ahmed entristeceu ao vê-los partir. Aqueles homens que se diziam socialistas tinham arrancado Deus das suas vidas e tinham-no substituído por outra divindade a que eles chamavam "Razão". Sentiu pena deles. Como não eram capazes de se dar conta de que nenhuma existência pode ser concebida sem a presença de Deus?

Passaram muitos dias antes de Ahmed poder voltar a casa. Emocionou-se ao voltar a cruzar o umbral arrastando aquela perna inútil. Dina tinha preparado uma festa para o receber. Ali estavam as suas irmãs mais velhas, chegadas do Norte, e os seus cunhados e sobrinhos. Também tinha vindo Hassan acompanhado pela sua esposa, a indolente Layla, e pelos seus filhos, Khaled e Salah; até Omar Salem, aquele amigo tão distinto, tinha aparecido seguido por um criado que transportava uma cesta imensa repleta de manjares.

Dina também tinha convidado os membros da Horta da Esperança; contudo, teria preferido que não viessem, deixando que a celebração fosse estritamente em família, mas ali estavam os três homens seguidos por Kassia, Marinna e Rute, a mulher de Ariel. Igor, o filho, ainda não tinha regressado da pedreira onde trabalhava para Jeremias.

Ahmed também se sentiu incomodado com a presença dos seus vizinhos embora ao mesmo tempo lhes agradecesse o gesto de terem vindo. Se não o tivessem feito tê-lo-iam ofendido. Não ficaram muito tempo, o suficiente para que não fosse considerado uma falta de respeito.

Ahmed sofria ao observar como Mohamed evitava cruzar o olhar com Marinna. O seu filho regressou de Istambul assim que soube do acidente do pai, e ainda não tinham estado sozinhos.

Só no dia seguinte é que Ahmed e Mohamed conseguiram falar frente a frente, de homem para homem. Achava o seu filho mudado. Parecia ter amadurecido nos últimos meses e não demorou a descobrir que a causa do aprumo e da seriedade dos quais Mohamed se gabava tinha que ver com o seu interesse pela política.

Mohamed tinha começado a fazer parte de um grupo de muçulmanos palestinos, estudantes como ele, partidários de tornar realidade o sonho de Husayn ibn Ali de fundar uma nação árabe sem nenhuma dependência do sultão. Mohamed não só se interessava pelos planos do xerife de Meca, como começava a ter um sentimento de pertença em relação à Palestina, a qual já não via apenas como uma parte do império, mas sim como a sua casa, a sua terra. Alguns dos seus novos amigos pareciam preocupados com a chegada paulatina e interminável de judeus à Palestina e, sobretudo, com a forma como se apoderavam cada vez mais e sem qualquer dissimulação das terras.

Ahmed e o seu filho concordaram que era essencial que as famílias mais importantes de Jerusalém participassem destes sentimentos e os liderassem, embora ao mesmo tempo os dois se perguntassem porque é que continuavam a vender terras aos judeus. Os Husseini ou outras famílias residentes no Líbano ou no Egito não tinham qualquer problema em vender cada vez mais terrenos, embora o tentassem fazer em segredo.

Antes de Mohamed regressar de novo a Istambul, Ahmed pediu-lhe que o acompanhasse a casa de Omar. Queria que conhecesse o seu filho, que contasse com ele no futuro.

Mohamed ficou impressionado com a mansão de Omar. O homem recebeu-os como se fossem os seus melhores amigos e desfez-se em amabilidade para com Ahmed ao sentá-lo no lugar principal e ao ordenar a um dos seus criados que estivesse atento aos seus movimentos para ajudá-lo a levantar-se quando fosse necessário.

Omar interessou-se pelo grupo de jovens palestinos amigos de Mohamed que, à sua maneira, conspiravam em Istambul, e aconselhou-o a estar atento aos rumores que circulavam na cidade. Qualquer coisa que lhe chamasse a atenção poderia ser útil, e deu-lhe a morada de um amigo que, segundo lhe disse, era os seus olhos e ouvidos naquela cidade.

Saíram da casa de Omar reconfortados e satisfeitos, certos de estarem a participar no início de um futuro diferente do que tinham imaginado.

Quando passaram em frente da Horta da Esperança, Mohamed parou de repente e, olhando para o seu pai nos olhos, disselhe que ia falar e despedir-se de Marinna. "Ela não merece o meu silêncio." Ahmed assentiu e, depois de chegar à soleira da porta de sua casa, olhou para Mohamed partindo a caminho do seu encontro com Marinna. Agora confiava no bom julgamento do seu filho.

Mohamed demorou duas horas a regressar e, quando o fez, mostrou-se esquivo para com os seus pais. Comeu em silêncio e procurou refúgio no seu quarto com a desculpa de que tinha de ir logo de manhã para Istambul. Nem Dina nem Ahmed se atreveram a perguntar, mas tinham os dois a certeza de que Mohamed teria agido como se esperava dele. Partiu antes de amanhecer sem se despedir de ninguém.

Chegou a Istambul no dia 23 de fevereiro daquele ano de 1913, que ficaria na história por ser o dia em que um oficial turco de trinta e dois anos, com um bom historial militar apesar da sua juventude, se apresentou na corte e deu um tiro ao primeiro-ministro. Ismail Enver ocupou o lugar do homem que tinha sido assassinado, assumindo o poder com os irmãos de armas, Mehmed Talat e Ahmed Cemal.

Ahmed seguiu com inquietação as notícias que chegavam de Istambul. Não sossegou até receber uma longa carta na qual o seu filho lhe garantia que estava bem.

Entretanto, Ahmed ia recuperando a sua antiga vida. Jeremias demonstrou-lhe mais uma vez que, apesar da sua aparência intratável, era um bom homem.

— Não poderás trabalhar como até agora, mas ninguém te impede de continuares a ser capataz. Vais ficar responsável por controlar os homens, dividir as tarefas, verificar se cumprem as minhas ordens. Achas que podes fazê-lo?

Ahmed respondeu que estava disposto a tentar, e não deixou de cumprir a sua tarefa nem um único dia. Ia de um lado para o outro com a ajuda de uma muleta, mergulhando de novo na rotina do quotidiano apenas alterada por aquelas reuniões clandestinas onde os homens como ele julgavam estar a construir as bases da sua própria pátria, uma pátria sem a tutela do sultão nem de nenhum estrangeiro.

Graças à astúcia de Dina, Alá quis que fosse benzida com um bom pretendente para Aya.

Desde que Ahmed fazia parte do grupo de Omar com o seu cunhado Hassan e os filhos deste, Salah e Khaled, as duas famílias pareciam sentir-se mais à vontade uma com a outra. Hassan tinha-se conformado com o facto de a sua mãe, a bondosa Zaida, ficar definitivamente na casa de Dina e de Ahmed, e até a sua mulher Layla já não protestava tanto como antes.

Omar tinha pedido a Hassan que enviasse um dos seus filhos para o outro lado do Jordão, para ser um dos mensageiros entre os homens do xerife e os de Jerusalém. A princípio Hassan duvidou, não podia prescindir da ajuda de nenhum dos seus filhos, mas Omar garantiu-lhe que se encarregaria de lhe arranjar um trabalho, fosse o que fosse, e até deleitou o seus ouvidos comprometendo-se a procurar-lhe uma esposa entre as filhas de alguma das famílias importantes que apoiavam o xerife Husayn.

Hassan falou com Khaled e Salah para lhes explicar o pedido de Omar e convidou-os a decidir qual dos dois se iria juntar aos homens do "guardião" de Meca. Para surpresa de Hassan, Khaled concedeu a honra ao seu irmão Salah.

Numa das suas idas e vindas, Salah chegou acompanhado por um jovem chamado Yusuf. Layla recebeu o amigo do seu filho com uma curiosidade que se transformou em amabilidade quando soube que fazia parte de um grupo de jovens próximos dos filhos do xerife. Ela pensava como mãe e, portanto, ficava contente por conhecer os amigos importantes do seu filho.

Vencendo a sua habitual inércia, Layla organizou um almoço de boas-vindas, para o qual convidou Ahmed e Dina. Queria vangloriar-se perante a sua cunhada da relevância que o seu filho parecia ter adquirido.

Bastou um olhar entre Yusuf e Aya para que Dina pensasse que aquele jovem, moreno, de estatura média e forte como um touro, podia ser um bom marido para a sua filha. Aya já tinha idade para casar. Sentia-se especialmente apegada à filha, mas sabia que devia dar prioridade à sua obrigação face aos seus sentimentos e agora apresentava-se uma oportunidade para lhe encontrar um bom marido.

Souberam por Salah que Yusuf era um homem leal à família de Husayn ibn Ali e corria o rumor de que, em alguma ocasião, teria até sido distinguido como portador de mensagens secretas do xerife para o delegado britânico no Egito, Sir Henry McMahon. Yusuf nunca o tinha confirmado a Salah, mas que outra coisa podia ir fazer ao Cairo? Dina pensava que, pelo que o seu sobrinho contava, um homem com essa responsabilidade tinha sem dúvida um grande futuro e ela sonhava com o melhor para a sua filha.

Quando, na penumbra da noite confiou a Ahmed os seus planos de casamento para Aya, o marido

sobressaltou-se. Aya, a sua querida Aya, era apenas uma menina, mas Dina mostrou-se firme: com quem melhor podiam aspirar a casá-la? Se aparentassem com alguma das famílias leais ao xerife, quem sabe que bom rumo poderiam tomar as suas vidas.

Dina garantiu a Ahmed que Yusuf não deixava de olhar para Aya embora o fizesse com respeito e discrição. Tinha a certeza de que se agisse com inteligência, aquele jovem acabaria por pedir a sua filha em casamento. Claro que precisaria de contar com a cumplicidade de Layla.

Ahmed sabia que Dina tinha razão, mas não imaginava a vida sem Aya, a pequena Aya, que lhe oferecia um sorriso todas as manhãs, que estava sempre disponível para as tarefas que a sua mãe lhe atribuía, e que era tão carinhosa com a sua avó Zaida. Porque é que teria de casar com um desconhecido que a levaria para longe de Jerusalém? Porque é que não procuravam um marido na Cidade Santa? Dina não respondia às suas perguntas e dedicava-se a comentar com Zaida os seus planos para a próxima visita de Yusuf.

Foi a avó que perguntou à neta qual era a sua opinião sobre Yusuf e não pôde deixar de sorrir ao ver que Aya corava.

— Mas, avó, o que é que eu hei de opinar?!

— Podes dizer-me o que pensas, não vou contar a ninguém.

— Bem, não acredito! De certeza que vais contar à minha mãe. Foi ela que te pediu que tentes saber a minha opinião sobre ele?

— Minha menina, só quero saber o que pensas sobre esse jovem e se tens algum interesse por ele, se assim for...

Aya saiu a correr sem responder à avó. Não sabia o que dizer. Yusuf tinha-a impressionado, sim, parecia tão seguro de si próprio... mas vivia tão longe... embora não tivesse conseguido evitar observá-lo de soslaio, preferia não pensar nele.

Quanto mudaram as nossas vidas!, pensava Ahmed. Aya em idade de casar e, quanto a Mohamed, Alá tinha desejado que o seu sonho de ver o seu filho tornar-se um homem culto estivesse prestes a realizar-se. Todos os sacrifícios e dissabores tinham sido poucos para que Mohamed pudesse estudar. Até tinha tido de vencer as resistências do seu filho, que a princípio dizia querer ser apenas um camponês como ele. Felizmente não se tinha deixado convencer e tinha-o obrigado a estudar na escola dos ingleses para depois o mandar para Istambul. Era uma sorte que Hassan tivesse tantos amigos naquela cidade e que, generosamente, tivessem acolhido o seu filho. Agora sabia que Mohamed regressaria sendo já advogado e ele poderia ver os seus desejos concretizados.

A única coisa que o perturbava na sua vida era o distanciamento com os habitantes da Horta da Esperança. Kassia e Marinna evitavam-no. Jacob mostrava-se distante e, quanto a Louis, mal o via. Ariel, por sua vez, mostrava-se seco e cortês como sempre. Só Rute, a esposa de Ariel, era atenciosa para com ele, e sorridente. Em relação a Igor, o filho de ambos, parecia um rapaz simples e era um bom trabalhador. Jeremias não fazia distinções e tratava-o de igual para igual no trabalho. O jovem não se queixava e esforçava-se ao máximo.

A vida parecia ter voltado a parar sem que nada de especial se passasse, exceto pelo facto de, noutra ocasião, Yusuf ter acompanhado de novo Salah, e Dina continuar com os seus planos casamenteiros. Só em finais de 1913 é que Ariel lhe anunciou que Samuel estava de regresso à Horta da Esperança.

— Está prestes a chegar. Na sua última carta dizia que se punha a caminho de Paris para embarcar em Marselha.

— Mas quando? Em que barco virá?—perguntou Ahmed, contente pelo regresso do seu amigo.

— Não sabemos, por isso não podemos ir a Jaffa buscá-lo.

A bela Telavive, que ficava perto de Jaffa, era uma cidade judaica, nascida em 1909. Os emigrantes

judeus tinham comprado os terrenos e tinham-na erguido com as suas próprias mãos. Sessenta famílias tinham-se esmerado por fazer daqueles terrenos uma cidade, tinham posto em funcionamento escolas e lojas e eles só governavam a cidade.

Omar dizia-o entristecido: "É uma cidade judaica só para judeus." Era verdade. Aqueles homens e mulheres laboriosos falavam sem parar do "retorno", o que provocava uma inquietação crescente entre os amigos de Ahmed.

Mas essa inquietação não perturbou em nenhum momento o afeto sincero que Ahmed sentia por Samuel, que tinha chegado a considerar um amigo, por isso surpreendia-se expectante a pensar no seu regresso para voltar àquelas conversas sem pressa que costumavam ter ao cair da tarde.

A primavera de 1914 já se tinha instalado nas suas vidas e Ahmed aguardava impaciente o momento em que se reencontraria com Samuel. Será que o seu amigo entenderia a sua decisão de separar Mohamed de Marinna?»

Marian suspirou. Sentia-se extenuada. Ezequiel observava-a com interesse. Tinham acabado de almoçar embora ela mal tivesse provado a salada e a fatia de pão com hummus. Dava-se conta de que entre o ancião e ela estavam a encaixar as peças de umas vidas que se tinham misturado sem querer. «Eram assim tão diferentes uns dos outros?», perguntou-se em silêncio, censurando o tom do seu próprio relato. Não se podia permitir ficar com qualquer dúvida, e muito menos sentir simpatia por aqueles judeus que se tinham instalado na Palestina reclamando uma terra que sentiam como sua.

— Estamos a fazer um exercício interessante. Mas noto que está incomodada—disse Ezequiel enquanto tirava tabaco de uma cigarreira que cuidadosamente começou a enrolar.

Marian sentia-se fora da realidade a falar com Ezequiel, com o filho de Samuel Zucker, o homem que tinha entrelaçado a sua vida com a de Ahmed Ziad.

— Não, não estou incomodada, é que não é fácil recordar, contaram-me tantas histórias...

— Mas esta é especial, estou enganado?

— Na verdade não estava à espera de que esta conversa enveredasse por este caminho, não estava à espera de que o senhor me contasse a vida dos seus antepassados.

— E eu não esperava que me contasse a dos Ziad. Informação por informação.

— É um pouco mais do que informação.

— Sim, trata-se de vidas... do que foram, do que conseguiram ser. Quer uma chávena de café? Um chá?

— Não, embora não me importasse de fumar um cigarro consigo.

— Quem diria... Não a imaginava a fumar. Hoje em dia está malvisto... mas na minha idade...

— Eu quase não fumo, só de vez em quando.

— Não sei se quer que falemos sobre mais alguma coisa...

— Bem, gostava de saber mais sobre o seu pai. Porque é que regressou à Palestina? Porque é que não ficou em Paris com a Irina?

— Com que então quer que continuemos a conversar...

— Já que chegámos até aqui...

— Está bem, então ouça.

«Samuel chegou ao porto de Jaffa em maio de 1914. Estava há umas horas na coberta à espera do momento em que a costa palestina ficasse visível. Mikhail, ao seu lado, não parava de lhe fazer perguntas. Samuel teria gostado de desfrutar daquele momento em solidão, mas não podia pedir ao jovem que ficasse em silêncio. Não tinha sido fácil conseguir que confiasse nele; além disso, o rapaz era extremamente suscetível e muito sensível.

— Olha, olha para o cais... Na minha primeira viagem, vi o Ahmed e a sua família da coberta. Não sabia quem eram, claro, e muito menos que os ia conhecer.

— Achas que me vão entender? Ensinaste-me apenas umas frases em árabe.

— Claro que te vão entender. O Ahmed é um homem inteligente e vais dar-te bem com o Mohamed, que tem mais ou menos a tua idade, embora agora esteja em Istambul a estudar direito. Tenho vontade de os ver. Vais gostar deles, vais ver.

Um dos oficiais do navio mercante passou perto deles e Mikhail não conseguiu evitar perguntar-lhe quanto tempo demorariam a atracar.

— Pelo menos uma hora—respondeu o oficial.

— Mas estamos tão perto—protestou Mikhail.

O oficial não se incomodou em responder nem pareceu alterar-se perante a impaciência do jovem.

— Espero que não te arrependas de teres vindo—disselhe Samuel.

— Tu estás arrependido de me teres trazido?

— Não, claro que não, mas este não é o melhor lugar para um músico com o teu talento. Jerusalém não é mais do que uma grande aldeia.

— Como é que podes dizer isso?! É a nossa capital, a capital do nosso reino.

— Já te disse que te deves esquecer do que leste na Bíblia. Jerusalém é apenas uma cidade empoeirada que pertence ao Império Otomano e onde pessoas de todas as condições e de todos os lugares chegam em busca do rasto de Deus. Vais ficar dececionado ao vê-la, não encontrarás a beleza de Paris.

Mikhail não respondeu. Não podia acreditar que Jerusalém não fosse a cidade mais bela do mundo. Desde que decidira acompanhar Samuel não tinha deixado de ler a Bíblia e sentia-se fascinado pela descrição da Cidade Santa. Para Samuel foi um alívio que o rapaz se fechasse nos seus próprios pensamentos porque isso lhe permitia desfrutar do momento.

Não lhe tinha sido fácil deixar Paris. Nem dizer adeus a Irina sabendo que era a separação definitiva.

Irina já tinha deixado para trás a juventude, mas continuava a ser extraordinariamente bela, ou pelo menos assim o parecia aos seus olhos. Com a passagem do tempo, tinha-se tornado mais etérea. Estava perto dos cinquenta anos, mas continuava a despertar admiração onde quer que fosse.

A princípio, a convivência não tinha sido fácil. Mikhail rejeitava-o sem dissimular e Irina mostrava-se atenciosa, mas interpunha entre os dois uma distância inultrapassável. Em muitas noites perguntava-se o que estava a fazer naquele apartamento parisiense a viver com duas pessoas que nada tinham que ver com ele. Pouco a pouco foram-se acomodando. Foi uma sorte começar a trabalhar com Monsieur Chevalier, o boticário amigo de Benedict Peretz. Tinha aprendido muito com ele, e sobretudo tinha dado um sentido à sua vida. Ficou obcecado com o trabalho e o pouco tempo livre que tinha era dedicado ao estudo. Tinha aprendido a falar inglês com uma certa fluência e tinha melhorado os seus conhecimentos de alemão, língua que não lhe era estranha graças ao iídiche.

Vizinhos e amigos pensavam que Irina e ele eram amantes e às vezes algum imprudente felicitava-o pela sua sorte.

Tinha-se introduzido na rotina de Irina e de Mikhail. Tomavam o pequeno-almoço juntos mal amanhecia, e depois cada um dedicava-se às suas tarefas. Mikhail passava horas a ensaiar, e Irina tinha conseguido que a antiga oficina do seu avô, e depois de Marie, fosse uma florista de grande sucesso. Ela vivia dedicada às suas flores, Mikhail ensimesmado na sua música e ele tinha encontrado refúgio nos livros e nas fórmulas para preparar os remédios. Não voltavam a ver-se até a hora do jantar e a conversa era inócua. Não tinham muito para dizer uns aos outros. Mikhail costumava ajudar Irina a levantar a mesa e ele, da sala, ouvia-os a rirem-se e a partilharem confidências. Estava na sua casa, sim, mas ele era o estranho. Tinha prometido a Marie que falaria com Irina, mas não encontrava o momento certo, ou talvez não se quisesse enganar dada a indiferença com que o tratava.

Conheceu algumas mulheres, e até se chegou a interessar por uma, mas não o suficiente para a pedir em casamento. Dizia a si próprio que tinha de falar com Irina ou tomar a decisão de voltar à Palestina. Mas afastava imediatamente essa intenção desfrutando do colchão fofo da sua cama, da sóbria elegância da casa e, sobretudo, do bulício e da vida de Paris.

A Horta da Esperança era um lugar inóspito, onde cada colheita de azeitonas era fruto de um trabalho que nunca acabava. Ainda se lembrava da dor de braços de tanto varar os ramos das oliveiras, ou das pontadas nos rins após as intermináveis jornadas no campo, ou do medo de que o granizo arruinasse a colheita. Não, não tinha saudades daquela falta de intimidade na Horta da Esperança, onde o seu catre estava entre o de Louis e o de Ariel. Do que sentia falta era das longas conversas com Ahmed Ziad.

Apreciava verdadeiramente aquele homem honrado e simples que todos respeitavam muito. Durante muitas noites adormecia a pensar que, com os habitantes da Horta da Esperança, tinha construído uma família e que, à sua maneira, lhe tinham manifestado mais apreço do que aquele que recebia de Mikhail e de Irina.

Como tinha deixado passar os anos sem se atrever a falar com Irina? Nem ele próprio podia responder a essa pergunta. E se no fim teve coragem para o fazer foi porque a surpreendeu a sorrir para outro homem.

Aconteceu numa tarde em finais de outubro de 1913. Samuel regressou a casa mais cedo do que era costume e em vez de se dirigir diretamente ao apartamento entrou na loja. Irina ria-se como nunca a tinha visto rir e ao seu lado estava Monsieur Beauvoir, um cavalheiro alto e distinto, que era vizinho deles. Aquele homem vivia com os seus pais já idosos, dos quais, segundo os vizinhos comentavam, cuidava com grande devoção. Surpreendeu-o que tanto Irina como Monsieur Beauvoir parecessem alterados com a sua inesperada presença.

— Já estás aqui, sentes-te melhor?—disselhe ela.

— Sim... bem, na verdade não estou melhor, acho que tenho febre.

— É melhor subires e descansares um pouco e, se quiseres, preparo-te umas ervas.

— Não, não é preciso. Vou descansar, vemo-nos ao jantar.

Irina ficou em silêncio e depois cravou o azul do seu olhar nele.

— Se não precisas de mim, esta noite vou jantar fora. Monsieur Beauvoir teve a amabilidade de me convidar...

Monsieur Beauvoir inclinou a cabeça num gesto de cortesia e trocaram alguns comentários insignificantes sobre a gripe antes de Samuel encontrar refúgio no seu quarto. Se ele tinha ficado surpreendido com o facto de Irina sair para jantar com um homem, Mikhail ficou muito inquieto ao vê-la vestida com elegância, preparada para sair.

— Mas como é que vais jantar fora? E com Monsieur Beauvoir. Por amor de Deus, toda a gente fala dele!

— O que é que dizem? Ninguém tem nada a apontar a Monsieur Beauvoir. É um cavalheiro que nunca deu azo a que se fale mal dele.

— Sabes bem o que se diz dele, vá, não te armes em tonta! Sabes que o viram com um rapaz jovem numa atitude muito amistosa.

— Como é que te atreves a repetir esses comentários caluniosos?! Monsieur Beauvoir é um cavalheiro irrepreensível.

— Que é solteiro.

— E então? Eu também sou solteira, e o Samuel também.

— Sim, mas o Samuel... bem, é diferente, ele não... Além disso, o Samuel foi visto com mulheres e não a passear carinhosamente na companhia de rapazes jovens.

Samuel assistiu à discussão assombrado com o que estava a ouvir. Na verdade, nunca tinha prestado atenção a Monsieur Beauvoir, com o qual se cruzava à porta do prédio e a quem tinha visto uma ou outra vez a comprar flores na loja. Parecia-lhe educado, talvez demasiado afetado e um pouco amaneirado, mas havia homens que eram assim pelo facto de serem vaidosos.

— Mikhail, não te deves intrometer nas decisões da Irina—disse Samuel, tentando mediar.

Mikhail virou-se para ele furioso.

— O que é que te importa o que eu faço? A Irina é... é como se fosse minha mãe, e eu não quero vê-la com um qualquer.

— Monsieur Beauvoir não é um qualquer, Mikhail, é um advogado, um cavalheiro da alta sociedade.

E agora vou sair, falamos amanhã—respondeu Irina, e saiu sem olhar para nenhum dos dois.

Mikhail fechou-se no quarto e quando Samuel o foi chamar para jantar, entreabriu a porta para dizer que não tinha fome e que preferia estar sozinho.

— Vá, Mikhail, não seas criança. Qual é o problema de a Irina jantar com Monsieur Beauvoir? É nosso vizinho e é um cavalheiro, tu conhece-lo desde que chegámos a Paris.

— Tu também o conheces. Achas que é normal?

— Normal? Não sei a que é que te referes. Não me dei muito com ele, mas o meu avô tinha uma boa relação com os seus pais e com ele, são pessoas de bem. O pai de Monsieur Beauvoir também era advogado e a sua mãe sempre me pareceu uma senhora muito atenciosa. Quanto a ele, não tenho nenhuma queixa.

— Mas não te apercebes de como é efeminado?

— Não, não me apercebo, e em todo o caso isso não é algo que nos diga respeito. Não devias julgar as pessoas pelas aparências, o mais certo é que estejas a cometer um erro.

— Não posso falar contigo, não me entendes.—Mikhail fechou a porta.

Samuel quase agradeceu não ter de jantar na sua companhia. Doía-lhe a cabeça, tinha febre e a única coisa que queria era estar na cama. Embora não o tivesse reconhecido perante Mikhail, ele também se sentia inquieto com o encontro de Irina. Perguntava-se como era possível que não se tivesse dado conta de que Irina e Monsieur Beauvoir fossem tão amigos para irem jantar juntos. Só adormeceu depois das dez, quando ouviu os passos de Irina.

Nos dias que se seguiram voltou a encontrar-se com Monsieur Beauvoir na florista. E Irina foi passear com ele duas vezes. Quando chegou o fim de semana disselhes que tinha sido convidada para almoçar na casa dos Beauvoir e, embora Samuel não tivesse dito nada, ficou surpreendido ao vê-la nervosa devido ao encontro. Pediu-lhe várias vezes a sua opinião sobre como se devia vestir e se era adequado usar alguma das joias herdadas de Marie.

Parece uma noiva, pensou Samuel, e esse pensamento sobressaltou-o. De repente pareceu-lhe aperceber-se do que se estava a passar.

Pouco a pouco, Monsieur Beauvoir ganhou maior presença nas suas vidas, embora Irina nunca o tenha convidado a entrar em casa e a maioria dos encontros tivesse lugar na florista. No bairro começaram a cochichar. Irina passeava de braço dado com um cavalheiro e pareciam os dois contentes.

Mikhail mostrava-se cada vez mais desagradável com Monsieur Beauvoir, que mal cumprimentava. Numa tarde regressou despenteado, com o casaco rasgado e um olho negro.

— Meu Deus, o que aconteceu?—gritou Irina ao vê-lo.

Mikhail olhou para ela com raiva antes de responder:

— A culpa é tua.

Ela não respondeu e saiu da sala para ir buscar a caixa de primeiros socorros.

— Não tens direito de lhe falar assim—disselhe Samuel, zangado com a atitude do jovem.

— Quando passava à frente da padaria ouvi o padeiro comentar com outro homem que a Irina é uma mulher muito ousada: "Aquela mulher não tem vergonha, vive com um homem e passeia-se com outro à frente dele. Coitado de Monsieur Zucker, ter de suportar essa humilhação."

Samuel sentiu-se incomodado com o que Mikhail acabava de lhe contar. Sim, ele sabia que todos comentavam que Irina e ele eram amantes, porque não podiam perceber que o destino os tivesse juntado sem o pretenderem, tal como também não percebiam que se relacionassem como se fossem irmãos. De maneira que aqueles que os julgavam amantes agora tinham pena dele; só de pensar nisso foi invadido por um sentimento de humilhação e de raiva. Falaria com Irina, desta vez seria ele a exigir que se comportasse.

Mas passaram vários dias sem lhe dizer nada, vendo que Mikhail mal lhe falava. Não teve coragem suficiente até uma tarde em que Mikhail avisou que se atrasaria porque tinha de ensaiar em casa do seu professor, Monsieur Bonnet.

Irina estava ensimesmada com o livro de contos da florista, e Samuel parecia mergulhado na leitura, mas na verdade não deixava de dizer a si próprio que tinha chegado o momento de ambos falarem com sinceridade.

— Irina...

— Sim?—respondeu ela sem lhe prestar muita atenção.

— Temos de falar.

— Sim, bem... diz, o que é que queres?—Tinha levantado a cabeça e agora olhava para ele com atenção.

— Há muito tempo que devíamos ter falado. A Marie insistiu para que fosse sincero contigo, mas nunca me atrevi.

Ela ficou em silêncio, à espera de que ele continuasse.

— Quero casar contigo—disse ele de repente, e viu como o incómodo aflorava no rosto de Irina.

— Mas, Samuel, nós somos amigos, na verdade és o meu melhor amigo, o irmão que nunca tive. Eu gosto de ti, sim, gosto mesmo de ti, mas não estou apaixonada por ti. Não preciso de to dizer, sempre o soubeste.

— Sim, sempre o soube, mas prometi à Marie que tentaria—murmurou sentindo-se envergonhado e humilhado.

Irina aproximou-se dele e pegou-lhe na mão.

— Lamento, Samuel, teria gostado de te poder amar como mereces, mas...

— Mas não podes e já te apaixonaste por Monsieur Beauvoir.

— Por Monsieur Beauvoir? Que parvoíce!

— Parvoíce? Saem juntos, e pareces muito feliz ao seu lado. Nunca te vi rir a não ser quando estás com ele. Não tentes negar o que todos vemos.

— Não, não te estou a enganar, Samuel, e... tens razão, há algum tempo que devíamos ter falado, eu... não fui justa contigo, comportei-me de uma maneira egoísta. Lamento.

— Diz.—Sentiu um tremor quando ela se sentou ao seu lado, tão perto que podia ouvir a sua respiração.

— Nunca serei de nenhum homem, de nenhum, Samuel. Não posso amar nenhum exceto com um afeto fraternal. Tenho as minhas razões, mas não me perguntes, são coisas que só a mim me pertencem. Se me tivesse podido apaixonar por algum homem talvez tivesse sido pelo Yuri, o pai do Mikhail, mas nem assim teria tido qualquer relação com ele. Nunca senti nada por ti a não ser um afeto fraternal. Sei que te magoo ao dizer-to, e se tu não tivesses insistido em ter esta conversa jamais o teria confessado. Foste um amigo generoso e leal e eu aproveitei-me da tua generosidade. Eu sei. Sempre soube que estavas apaixonado por mim, nunca te dei esperança, mas mesmo assim aproveitei-me do teu amor. Trouxeste-me para Paris, com a Marie, deste-me uma nova família, permitiste-me desfrutar desta casa, ter a minha própria loja, e nunca me pediste nada. Sabes uma coisa? Sempre soube que este momento chegaria e que as coisas mudariam entre nós os dois, que não haveria volta a dar.

— O que queres dizer com isso?

— Tu não podes esperar eternamente uma resposta minha que tu sempre soubeste qual seria. E eu sabia que no dia em que me perguntasses se queria casar contigo, tal como fizeste hoje, acabaria por te dizer que não e que teríamos de nos separar para sempre. Por isso quis estar preparada. Achas que não sei que a Marie queria que casássemos? E... é melhor que saibas, Samuel, vou casar, sim, vou casar com

Monsieur Beauvoir. Estava à espera de que o Mikhail o aceitasse pouco a pouco. Mas, quer o aceite quer não, vou casar com ele.

Samuel ficou com tonturas. Cada palavra de Irina o feria mais do que a anterior. Mas ela não parava de falar ignorando a dor que lhe provocava.

— Não te percebo—conseguiu dizer Samuel.

— Já te expliquei: nunca pertencerei a nenhum homem, nunca terei uma relação íntima com nenhum homem. Por isso é que vou casar com Monsieur Beauvoir. É um casamento que nos convém aos dois. Ambos precisamos da respeitabilidade que o casamento proporciona, mas não viveremos como marido e mulher. Eu vou acompanhá-lo onde for necessário, comportar-me-ei como uma boa esposa. Ele proporcionar-me-á segurança e comportar-se-á como aquilo que é, um cavalheiro respeitável.

— Eu poderia dar-te essa respeitabilidade que procuras...

— O meu egoísmo não chega a tanto, Samuel. De certeza que podia ter brincado com os teus sentimentos, casando-me contigo e depois negando-me a qualquer relação matrimonial, mas não me teria perdoado. Sinto um afeto sincero por ti e sei que podes ser feliz com outra mulher. Mereces casar e ter filhos. Ainda não é demasiado tarde. Ninguém espera de que eu possa ter filhos na minha idade, mas tu és um homem, Samuel, e vocês, os homens, podem ser pais em qualquer idade.

— Não percebo nada... não te consigo entender... não sei o que me estás a dizer...—Samuel sentia-se à beira da náusea.

— Claro que entendes. Chegámos juntos até aqui, eu deveria ter sido sincera contigo há muito tempo, mas, já te disse, sou egoísta. Era muito jovem quando me roubaram a minha vida e, vou ser sincera, não pensei que a pudesse recuperar, mas tu devolveste-me. Estou-te agradecida por me teres salvado da Okhrana, por me teres trazido para Paris, por teres pedido à Marie que cuidasse de nós. Devo-te a minha tranquilidade e... sim, acho que o que senti nestes anos foi o mais parecido com a felicidade.

— E a Rússia? Nunca tiveste saudades da nossa pátria?

— A princípio sim... Se não fosse pela Marie não teria conseguido viver aqui. Mas agora não viveria em nenhum outro lugar que não fosse Paris. Agora esta é a minha pátria, não amo nem tenho saudades de outra.

— E o Mikhail?

— Já não é uma criança e dentro de pouco tempo terá a sua própria vida. Amo-o como se fosse um filho, mas não cederei no que se refere a Monsieur Beauvoir. Vou casar com ele.

— E se ele não o aceitar?

Irina encolheu os ombros. O amor para com os outros estava limitado por si própria. Nunca poderia dar nada que não tivesse. Samuel nunca tinha percebido até àquele momento.

— Quando será o casamento?

— Daqui a três semanas. Monsieur Beauvoir tem pressa, os pais dele são muito idosos e querem vê-lo casado.

— Já está tudo dito, por isso... vou-me embora.

— Para onde?—Pelo seu tom de voz notou que, na verdade, ela não sentia um verdadeiro interesse pelo seu destino.

— Talvez para a Palestina.

— Então... talvez me queiras vender esta casa...

— Não, não ta venderei—respondeu com raiva.

— Mas se vais regressar à Palestina...

— Foi nesta casa que a minha mãe nasceu, e onde eu próprio passei bons momentos na minha infância. Nem sequer a vendi à Marie. É a única coisa que resta da minha família. Não, nem agora nem

nunca estará à venda.

— Monsieur Beauvoir está disposto a pagar o que tu quiseres.

— Vou fechar a casa, a não ser que o Mikhail queira ficar a viver aqui. Naturalmente, tu viverás na casa do teu marido.

— Sim, foi isso que combinámos. Tem espaço suficiente. Vou ter o meu próprio quarto e uma pequena sala. Embora tivesse gostado de ter um lugar só para mim... E a florista? Podes vender-me a loja?

— Vais pagar-me uma renda pela loja, também não a vou vender.

Irina não insistiu. Durante aquela hora Samuel tinha deixado de ser o homem que a amava; agora só se queria afastar dela, esquecê-la para sempre. Continuaram a conversar sobre alguns pormenores e sobretudo sobre o futuro de Mikhail. Chegaram a um acordo em relação ao arrendamento da loja, e Samuel avisou-a de que iria procurar uns pedreiros para taparem a porta que ligava a florista à casa. Assinariam o acordo num notário.

— Não é preciso ir ao notário, eu vou cumprir a minha parte do compromisso—disse Irina incomodada.

— Lamento, mas vamos fazê-lo à minha maneira ou não te arrendo a loja.

Só faltava falar com Mikhail. Irina pediu-lhe que a ajudasse a fazer com que o jovem entendesse, mas Samuel negou-se.

— É um assunto vosso. Eu ajudarei o rapaz se ele me pedir, mas não me meterei nem lhe direi o que deve fazer.

E assim foi. No dia seguinte, aproveitando o facto de Samuel não estar em casa, Irina falou com Mikhail. A conversa acabou por ser mais áspera do que imaginava. O jovem ouvia-a em silêncio, mas sem conseguir reprimir a dor que ia aflorando no seu rosto, até que desatou a chorar.

— Porque é que me fazes isto? Porquê?

— Mikhail, meu querido, já te disse, não vai mudar nada. Monsieur Beauvoir sabe como és importante para mim e está disposto a tratar-te como a um filho. Na sua casa há espaço suficiente para que te sintas confortável, já conheces os seus pais, são agradáveis e discretos, não se vão meter em nada. Mas, se não quiseres viver connosco, o Samuel não tem problemas em que continues a viver nesta casa. Na verdade continuaríamos juntos, só estaríamos separados por um tabique, e eu continuaria a cuidar de ti. Embora o melhor fosse mudares-te para nossa casa.

— Cala-te!—Mikhail gritava com o rosto arrasado pelas lágrimas.

Irina tentou abraçá-lo, mas ele não lho permitiu. Era a única mãe que tinha conhecido, o seu único laço com as lembranças do seu pai, da sua Rússia natal. Porque ele não tinha esquecido. Em algumas noites os pesadelos acordavam-no. Sonhava que tentava aproximar-se do seu pai, mas que ele caminhava e nunca o alcançava, e então começava a sentir um frio que se colava aos ossos. Quando era pequeno e acordava a gritar, Irina aparecia de imediato e apertava-o entre os seus braços. Marie fazia o mesmo. As duas mulheres revezavam-se noite após noite, atentas aos seus gritos.

— Mikhail, és a pessoa que eu mais amo no mundo e preciso que compreendas porque é que vou casar—disselhe rendendo-se perante as lágrimas do rapaz.

— Dizes que te casas para estares mais segura e para nunca mais teres preocupações. De repente preocupas-te com a respeitabilidade e com o que os outros possam pensar de ti. Não acredito!

— Pois tens de acreditar. Tenho uma idade em que é melhor não estar sozinha, preciso de um apoio...

— Não confias em mim? Achas que eu te abandonaria? Dizes que sou como teu filho, então, que tipo de filho achas que sou quando precisas de procurar segurança noutro lado?

— Tens de viver, não seria justo que tivesses de cuidar de mim. Estás a tornar-te um músico talentoso, com uma grande carreira pela frente. Não, tens de deixar de pensar em mim e de te preocupares

comigo. Um dia vais casar... Percorremos um longo caminho juntos, Mikhail, mas já tens idade para trilhar o teu próprio caminho, sem amarras, sem responsabilidades.

— Está bem, então vou-me embora... sim, não vou ficar aqui...

— Mas que parvoíce é essa?—protestou Irina, assustada com o estado emocional do rapaz.

— Não, não vou viver da caridade do Samuel nem de Monsieur Beauvoir. Tu própria o disseste: tenho a música, poderei viver.

— Isso não é necessário, não temos de nos separar...

— Foste tu que decidiste assim, Irina.—Levantando-se, saiu da sala.

Naquela noite jantaram em silêncio. Cada um ensimesmado nos seus próprios pensamentos. No final do jantar, Samuel comunicou-lhes os seus planos imediatos.

— Esta tarde avisei no laboratório que vou fazer uma longa viagem e que não sei quando regressarei. Pediram-me que lhes dê um tempo para me substituírem. Não me parece que demorem muito a fazê-lo. Entretanto, irei tratando dos meus assuntos daqui. Amanhã mesmo vou passar pelo notário para tratar do arrendamento da florista.

— E eu? O que é que se passa comigo? Por acaso importas-te com o que vai ser de mim?—A voz de Mikhail era de censura.

— Tu farás o que quiseres. Sabes que contas comigo e com a Irina, e que estamos os dois dispostos a fazer o que é melhor para ti.

— A sério? Eu não vejo isso dessa forma... A Irina decidiu casar pensando no seu próprio interesse e tu vais outra vez para a Palestina. Diz-me, qual dos dois pensou em mim?

— O que queres fazer, Mikhail?—perguntou Samuel muito sério.

— Quer ir-se embora, mas é uma loucura... Quer começar a trabalhar... e não tem motivos para isso—disse Irina.

— Ir-se embora? Porquê? Ainda tens de acabar os teus estudos, já és um bom músico, mas podes ser muito melhor. Não tens nenhuma necessidade de trabalhar.

— Já o faço, não te parece? Lembro-te de que já dei alguns concertos e que as críticas sempre foram positivas.

— Sim, um menino-prodígio, um adolescente-prodígio, um jovem-prodígio, só te falta ser um músico-prodígio—respondeu Samuel.

Irina desculpou-se e foi para o quarto. A atitude de Mikhail estava a afetá-la de tal forma que duvidava até do direito que tinha de fazer sofrer o rapaz.

Samuel e Mikhail ficaram a sós e durante uns minutos voltaram a calar-se. Depois Samuel levantou-se e, quando ia sair da sala, ouviu Mikhail dizer-lhe muito baixinho:

— Posso ir para a Palestina contigo?

Samuel olhou-o fixamente e, sem pensar, respondeu-lhe:

— Sim, porque não?

E ali estavam, na cobertura do barco a observar as manobras de atracação. Mikhail ansioso por deixar o barco e descobrir aquela terra que tinha conhecido através da Bíblia; Samuel perguntando-se se seria capaz de voltar a adaptar-se à vida simples da Horta da Esperança.

Saíram do barco perto do meio-dia quando o sol já estava a aquecer o ar e a brisa já quase não se sentia.

Foram avançando entre as pessoas e por um momento Samuel sentiu-se confuso, tal era a mudança que tinha ocorrido. Encontrou um camponês árabe que aceitou levá-los a Telavive na sua carroça, aquela cidade nova que se desenhava junto a Jaffa e na qual só viviam emigrantes judeus.

— Vamos ficar uma noite, tenho curiosidade em conhecê-la.

Procuraram alojamento num modesto hotel de onde se via o mar e, sem sequer descansarem, saíram para descobrir a cidade. Deambularam sem rumo fixo observando tudo com curiosidade. Samuel ficou emocionado ao ver algumas filas de casas, simples e pequenas, com minúsculos jardins muito arranjados.

— Olha, olha...—dizia com admiração a Mikhail, que olhava para aquelas casas sem lhes achar nada de especial.

A cidade tinha escolas, lojas, cafés e muitas ruas por empedrar.

— O que te parece?—perguntou-lhe Samuel.

— Acho que é como uma aldeia desproporcionada; se não estivesse tão perto do mar, seria uma aldeia feia—respondeu o rapaz com toda a sinceridade.

— O quê? Quando eu parti não havia nada e agora deparo-me com uma cidade. Olha... olha para ali... Não te dás conta?

Mas Mikhail não se conseguia entusiasmar e não deixava de o preocupar que, onde ele via apenas uma aldeia grande, Samuel visse uma cidade. Não lho disse, mas não gostava de Telavive, não achava graça nenhuma àquelas casas modestas, tão modestas como pareciam ser as pessoas que andavam de um lado para o outro.

— Aqui são todos operários?—perguntou a Samuel.

— Operários? Não, claro que não, há de tudo: professores, músicos, médicos, advogados... Que pergunta tão estranha!

— Digo isto pela forma como estão vestidos... Não sei... parecem todos operários.

Samuel explicou-lhe mais uma vez que os judeus da Palestina estavam a construir uma sociedade sem classes, que ali não se desdenhava nenhum trabalho por mais humilde que fosse, e que era igual ser advogado ou agricultor porque viviam todos centrados na terra e não tinham tempo para convencionalismos sociais.

Depois de uma longa caminhada sentaram-se num café que parecia muito animado. Samuel entreteve-se a ouvir os fragmentos das conversas de quem se sentava à sua volta e, embora Mikhail lhe tivesse dito que estava cansado, só voltaram ao hotel passado algum tempo.

— Aqui todos falam hebreu—comentou Mikhail surpreso.

— Bem, esse foi um dos objetivos de todos aqueles que emigraram, que a língua dos nossos antepassados voltasse a ser a língua comum.

— Ainda bem que a Marie insistiu em que eu estudasse hebreu com o rabino porque, caso contrário, não me poderia entender com ninguém.

— É mais urgente que saibas árabe, pois só assim poderás falar com os nossos vizinhos.

Desde o dia em que Mikhail pediu a Samuel que o deixasse ir com ele para a Palestina, este tinha-se incumbido de que o rapaz tivesse aulas de árabe. A aprendizagem tinha sido intensiva, mas insuficiente, para desespero de Mikhail, que insistiu que, durante a travessia para Jerusalém, Samuel continuasse a ensiná-lo.

No dia seguinte, e com a ajuda do dono do hotel, encontraram quem os levasse a Jerusalém. Mikhail, impaciente por saber tudo, não deixou de falar durante toda a viagem. Quando chegaram a Jerusalém, Samuel surpreendeu-se perante a emoção que sentia. Passaram em frente da Porta de Damasco e teve de reter Mikhail, pois este estava ansioso por entrar na Cidade Velha.

— Espera até amanhã, antes temos de chegar a casa.

Estava prestes a cair a tarde quando Samuel começou a agitar os braços apontando para a frente para indicar a Mikhail a Horta da Esperança.

— Olha, olha, é ali!

Mikhail não viu nada mais do que um terreno carregado de oliveiras e, além das oliveiras, algumas

figueiras e laranjeiras. A cerca era uma fila de blocos de pedra de pouco mais de um metro de altura e, ao longe, o que pareciam duas construções simples, eram apenas umas cabanas. Não percebia o entusiasmo de Samuel, ele esperava que a Horta da Esperança fosse alguma coisa mais.

Samuel saiu da carroça, queria chegar a pé até à porta daquele que tinha sido o seu improvisado lar. Precisava de alguns minutos de solidão para reconhecer a paisagem, os cheiros, a luz do pôr do sol, mas Mikhail colocou-se ao seu lado sem dizer nada, respeitando o silêncio que Samuel desejava.

— Samuel!—O grito de Kassia alertou todos os habitantes da Horta da Esperança.

A mulher correu para eles e, sem lhes dar tempo de dizerem nada, abraçou-o.

— Voltaste! Voltaste!

Kassia e Samuel choravam e riam ao mesmo tempo falando de forma atabalhoada. Samuel perguntava-lhe por Jacob, por Marinna, por Ahmed e Dina, por todos os amigos dos quais de repente se dava conta de que tinha sentido a falta, mais do que pensava. Nenhum dos dois prestava atenção a Mikhail que, atônito, observava a cena.

Uma rapariga mais ou menos da sua idade corria para eles. Pareceu-lhe lindíssima. Gritava o nome de Samuel e pôde ver que chorava.

Marinna uniu-se ao abraço da sua mãe e de Samuel e também não conseguiu conter as lágrimas. Atrás dela, Jacob e Ariel seguidos por Rute e o seu filho Igor.

Falavam todos ao mesmo tempo, querendo preencher com as palavras os anos de ausência. Rute e Igor observavam a cena sorridentes à espera de que em algum momento Ariel os apresentasse. Entretanto, Igor aproximou-se de Mikhail e estendeu-lhe a mão.

— Sou o Igor, o filho do Ariel.

— Eu sou o Mikhail.

Apresentou-lhe a sua mãe. Rute deu-se conta de que aquele jovem se sentia confuso, alheio àquela alegria, por isso interrompeu-os.

— Bem, não nos deviam apresentar? Eu sou a Rute, a mulher do Ariel, e este é o nosso filho Igor. Este jovem já nos disse que se chama Mikhail...

Dirigiram-se a casa entre risos e abraços. Jacob não deixava de fazer perguntas e Ariel interpunha-se tentando informar Samuel sobre tudo o que tinha acontecido desde a sua partida; entretanto, Kassia insistia para que se sentasse para jantar.

— Se soubéssemos que vinham hoje teríamos preparado alguma coisa especial. Não sabes a sorte que temos em ter a Rute entre nós, é uma grande cozinheira, desde que está aqui todos engordámos.

— O Samuel deve pensar que nós não cozinhamos. Já sabes que na Horta da Esperança todos fazemos tudo. A Kassia não permitiria que fosse de outra forma—disse Ariel a rir.

— Se eu posso varar uma oliveira, não sei porque é que tu não podes fazer sopa—respondeu Kassia com um enorme sorriso.

— E o Louis? Onde está o Louis?—quis saber Samuel.

— Ah, o Louis! O nosso amigo está dedicado de corpo e alma à política. Anda de um lado para o outro a tentar organizar o Poalei Zion, escreve artigos em hebreu num jornal, o Ahdout—respondeu Jacob.

— Em hebreu?

— Sim, não é que o jornal tenha uma grande tiragem, apenas algumas centenas de exemplares.

— Mas não seria melhor ser publicado em iídiche?—perguntou Samuel.

— É essa a opinião de todos nós, mas não de Ben-Gurion, já deves ter ouvido falar dele. É uma personagem, o Louis sente uma grande admiração por ele—afirmou Kassia.

— Sim, acho que até antes de me ir embora já tinha ouvido alguma coisa sobre ele. Com que então o

Louis já não está na Horta da Esperança... Gostava tanto de o ver...

— E vais vê-lo, vai e vem, esta continua a ser a sua casa. Só que de vez em quando parte e demora meses a regressar. Além disso, tem obrigações para com a Hashomer—referiu Kassia.

Os seus amigos explicaram-lhe que a Hashomer era uma milícia judaica de autodefesa.

— Sim, antes de ir para Paris já se falava que no Norte os colonos se estavam a organizar para defenderem as suas quintas...

Mas a Hashomer, para surpresa de Samuel, era algo mais. Jacob ficou sério para contar.

— Os "vigilantes" armam-se com espingardas, vestem-se como os beduínos e protegem as aldeias do Norte. O Louis diz que é a melhor solução; até agora as colónias tinham de contratar os guardas para os defenderem dos ladrões, mas é melhor que o façamos nós próprios.

— E o que é que as autoridades fazem?—quis saber Samuel.

— Consentem. A Hashomer tem os seus próprios chefes, as suas próprias regras... Ganharam o respeito dos beduínos. Não imaginavam que nós, judeus, fôssemos capazes de nos defendermos—continuou Jacob a explicar.

— Devíamos avisar o Ahmed e a Dina. Também tive saudades deles. Vou à sua casa e regresso com eles.

Ficaram em silêncio e Samuel sobressaltou-se. Viu Kassia baixar a cabeça incomodada e no rosto de Marinna um esgar de dor. O semblante de Jacob pareceu-lhe sombrio, e Ariel e Rute olharam um para o outro preocupados.

— O que se passa? O Ahmed está doente?

— Não, não é isso... Ultimamente não nos vemos tanto—conseguiu dizer Jacob.

— Como é possível? A casa dele está a menos de duzentos metros e tem de passar ao pé da nossa cerca quando chega do trabalho... O que aconteceu?—perguntou alarmado.

Falaram todos ao mesmo tempo, mas nenhum foi capaz de explicar o que tinha acontecido. Marinna pediu-lhes que a deixassem falar.

— O Ahmed não permite que o Mohamed e eu... Sabes que sempre fomos amigos e que... bem, estávamos apaixonados, e o Ahmed exigiu ao Mohamed que acabasse com a relação. Ou eu me converti à sua religião ou não há nada a fazer.

— E o Mohamed?—O tom de voz de Samuel era de tristeza.

— Não foi capaz de recusar o desejo do seu pai. Já sabes que entre os árabes é impensável que um filho não acate as decisões do seu pai. O Ahmed mandou-o para Istambul; antes de partir veio ter comigo, falámos, chorámos, mas acabou tudo entre nós. Desde então, sentimo-nos um pouco incomodados com ele e ele connosco.

Marinna tinha descrito a situação com sinceridade e sem rodeios. Mikhail examinou-a de soslaio. Embora Samuel lhe tivesse falado dela, garantindo-lhe que era uma jovem muito bonita, não teria imaginado que fosse tão bela. Mas era verdade. Marinna tinha uma beleza difícil de ignorar, por isso pensou que o tal Mohamed era estúpido por a abandonar.

— Não deixámos de nos dar com o Ahmed, o meu filho Igor vai inclusive todos os dias com ele para a pedreira. Continuamos a comportar-nos como bons vizinhos—tentou acalmá-lo Ariel vendo como a preocupação se refletia no rosto de Samuel.

— Lamento, Marinna, lamento muito, sei como o Mohamed foi importante para ti. Mas, mesmo assim, tenho de ir vê-lo. Caso contrário, seria uma falta de cortesia que ele encararia como uma ofensa. Já conhecem a minha opinião, temos de nos entender com os nossos vizinhos, partilhamos a mesma terra, os mesmos problemas.

— Tens de ir vê-lo e convidá-lo para esta festa de boas-vindas. Não te preocupes comigo, já estou

melhor. A princípio... bem, pensei que não suportaria tanta dor, até pedi aos meus pais que me mandassem de volta para a Rússia. Preferia viver na miséria de lá, sem futuro, sem esperança, do que continuar aqui. Mas já me resignei, Samuel, debes ir.

Samuel abraçou-a agradecido, gostava de Marinna, tinha-a conhecido quando era uma criança, quando ele partiu era uma adolescente alegre e agora uma mulher. E nesse momento passou a gostar ainda mais dela por toda a sua sinceridade e generosidade.

— Mas só voltarei com ele se me garantires que estarás connosco. Por nada deste mundo quero que sofras—afirmou Samuel.

— Não vai querer vir, e a Dina também não, mas se vierem garanto-te que fico, não vou perder a tua festa de boas-vindas—respondeu fazendo um esforço por sorrir.

Samuel saiu pesaroso. Sentia a dor de Marinna. Caminhou depressa e enquanto se aproximava viu Ahmed a fumar na soleira da porta de casa. Parecia abstraído desfrutando do cheiro da flor das laranjeiras e da suave brisa do pôr do sol. Quando o viu gritou o seu nome com alegria dirigindo-se a ele para o abraçar.

— Samuel! Que Alá te abençoe e abençoe este dia em que te devolveu a nós.

Os dois homens fundiram-se num abraço sincero.

— Envelheceste, meu amigo—afirmou Ahmed enquanto lhe dava uma palmada nas costas.

— E tu também. Achas que não vejo como agora tens o cabelo grisalho? Gosto tanto de te ver. E a Dina e os vossos filhos? E a Zaida? Tenho vontade de vos ver a todos...

Ahmed convidou-o a entrar na sua casa e ali foi recebido pelos gritos de alegria da sua sogra e da sua esposa. Zaida insistiu para que tomasse um sumo de romã e Dina ria-se agradada com o reencontro, enquanto Aya, já uma juvenzinha, olhava para a cena com timidez.

— Já és uma mulher! Quantos anos tens? Vinte? És um pouco mais nova do que a Marinna, não és? E continuas tão bonita como sempre—disselhe Samuel apesar do rubor de Aya.

Dina tentou que ele provasse um bolo de pistácio que acabava de fazer.

— Sei de uma coisa melhor, venham comigo à Horta da Esperança. Nada me daria mais prazer do que celebrar com todos este momento. Quero que conheçam o Mikhail. Está desejoso de vos ver. Sabe o quão importantes são para mim.

Ficaram tensos. Dina mordeu o lábio inferior, Zaida fez de conta que procurava alguma coisa, Ahmed olhou fixamente para Samuel.

— Já sabes que...

Mas Samuel não o deixou continuar:

— Sim, a Marinna explicou-me tudo e foi ela quem me incentivou a não atrasar nem um minuto a minha visita aqui. Não podia celebrar o meu regresso sem todos os meus amigos, por isso espero que venham comigo; por nada perderia o bolo de pistácio da Dina, por isso talvez possa levá-lo para o partilharmos com todos.

Embora fosse a última coisa que queriam não souberam negar-se e acompanharam Samuel à Horta da Esperança.

Se Mikhail tinha achado que Marinna era uma beleza, não pôde deixar de se assombrar ao conhecer Aya. Com o cabelo preto e a pele da cor da canela, embora não fosse muito alta adivinhava-se um corpo exuberante escondido por detrás daquele vestido comprido de cores.

Todos estimavam demasiado Samuel e fizeram um esforço para que desfrutasse do serão, por isso não demorou muito até partilharem risos e episódios enquanto terminavam o jantar improvisado por Kassia e o bolo trazido por Dina.

Foi uma noite alegre na qual Samuel até conseguiu esquecer Irina.

Adormeceu desejando que Mikhail se adaptasse à Horta da Esperança. Não era fácil passar de um apartamento burguês de Paris para uma casa comunitária onde quase não havia intimidade e na qual a divisão do trabalho era a base da convivência.

— Três dias, nem mais um, depois vão ter de trabalhar—disselhes Kassia quando Samuel expressou o seu desejo de visitar os velhos amigos e de mostrar a Cidade Velha a Mikhail.

A sua primeira visita seria à família de Abraham Yonah. Simpatizava com Yossi, o filho de Abraham, que se tinha encarregado dos pacientes do seu pai.

Entraram na cidade pela Porta de Herodes que dava para o bairro árabe. Mikhail abria os olhos assombrado e, como era habitual nele, não deixava de fazer perguntas. Samuel conduziu-o pela Via Dolorosa até ao bairro cristão, onde se aproximaram do Santo Sepulcro. Uns minutos mais tarde chegaram a casa de Abraham no bairro judeu, perto do Muro das Lamentações.

— Por favor, deixa-me ver o Muro antes de visitar os teus amigos—pediu-lhe Mikhail.

Durante mais de meia hora permaneceram os dois de pé em frente ao Muro. Samuel surpreendeu-se ao ver que Mikhail parecia estar à beira das lágrimas. Não lhe disse nada.

Raquel Yonah, a mulher de Abraham, abraçou Samuel com afeto e convidou-os a entrar. Era muito idosa, tinha dificuldade em caminhar e o seu olhar tinha perdido o brilho de antigamente.

— O meu marido sempre gostou muito de ti, eu pensava que não voltarias, mas ele dizia que sim. Anda, vou chamar o meu filho e a sua esposa. A Judite ajuda-o com os doentes.

— E a tua neta?

— A Yasmin é a nossa alegria. Nos últimos dias de vida do meu marido a menina não saiu do seu lado. Passava horas a ler ao avô. Cresceu e diz que quer ser médica como o avô e como o pai. Imagina!

Yossi e Judite alegraram-se por voltar a vê-lo e mostraram-se atenciosos com Mikhail.

— Com que então és um virtuoso do violino?! Espero que nos convides para te ouvirmos. Alguns dos novos emigrantes são músicos como tu e falam em formar uma orquestra. Claro que isso será mais à frente, agora os que chegam têm apenas a opção de trabalhar a terra. Mas vou apresentar-te um pianista que me parece extraordinário, chama-se Benjamin e chegou há pouco tempo de Salónica. É sefardita como a minha mãe e a minha esposa.

Passaram algum tempo a comentar as novidades da cidade.

— As grandes famílias de Jerusalém estão a juntar-se aos nacionalistas árabes. Há cada vez mais clubes secretos, bem, na verdade aqui os segredos duram pouco. Quanto à política do sultão para connosco... já sabes como é que as coisas funcionam aqui. Um pouco de opressão, um pouco de corrupção... Mas em Istambul são cada vez mais as vozes que se levantam contra o facto de os judeus se instalarem na Palestina e sobretudo de comprarem as terras. Sabes quem é Ruhi Khalidi? Foi o vice-presidente do Parlamento de Istambul. Os Khalidi nunca foram nacionalistas, mas... Parece que propôs ao Parlamento que não se permitisse que os judeus pudessem comprar nem mais uma fanga de terra.

— Mas os emigrantes continuam a comprar terras, não é?—quis saber Samuel.

— Claro, e quem as vende são precisamente estas grandes famílias, como sempre. Amigos, amigos, negócios à parte. Tu sabes bem, afinal de contas compraste a Horta da Esperança à família Aban.

Samuel prometeu voltar a visitá-los para poder ver Yasmin.

— Deus não nos abençoou com mais filhos, por isso mimamo-la em excesso—explicou Judite enquanto Yossi encolhia os ombros.

— É uma rapariga excecional—insistiu a avó Raquel.

Quando já estavam na rua, Mikhail disse a Samuel:

— A Raquel parece mais árabe do que judia.

— Isso acontece com muitos sefarditas, vestem-se da mesma maneira e têm um físico parecido com o

cabelo e os olhos escuros.

Passaram o resto da manhã a dar voltas pela cidade. Mikhail ficava assombrado com tudo o que via, e lamentava-se pelo mau aspeto que tinham alguns judeus com os quais se cruzavam.

— Nunca pensei que fossem tão pobres!

Samuel levou-o a visitar outros amigos. Já estava a cair a tarde quando se dirigiram a casa de Jeremias. Não tinha querido ir antes. Sabia que encontraria Anastásia, que agora era esposa do canteiro. Às vezes censurava-se a si próprio por ter tido uma relação com ela, sentia que a tinha utilizado em seu próprio proveito sem ter em conta os sentimentos da rapariga. Mas da sua boca nunca tinha saído uma palavra de censura e tinha aceitado a separação sem derramar uma lágrima.

Jeremias estava a lavar-se quando chegaram a sua casa. Anastásia recebeu-os com amabilidade, mas sem alegria. Não se mostrou surpreendida por vê-lo nem pareceu sentir muita curiosidade por Mikhail. Fê-los entrar em casa e ofereceu-lhes uma chávena de chá enquanto o seu marido acabava de se lavar.

Samuel olhava de soslaio para Anastásia e ficou surpreendido com a sua magreza apesar de ter tido três filhos. A mais velha tinha quatro ou cinco anos e os dois mais novos, que acabavam de fazer dois, eram gémeos.

Os meninos corriam e brincavam sem lhes prestar atenção enquanto a filha mais velha olhava para eles com curiosidade embora fosse muito tímida e se refugiava atrás da cadeira na qual a sua mãe estava sentada. Quando Jeremias chegou pareceu alegrar-se por o ver.

— Com que então decidiste regressar. Fizeste bem. É aqui que nós, judeus, devemos estar e voltar a fazer desta terra a nossa pátria.

Contou-lhe que tinha sido membro ativo do Hapoel Hatzair, mas agora militava no Poalei Zion. "Têm uma organização melhor", garantiu-lhe. Samuel interessou-se pelo trabalho de Ahmed e dos seus cunhados e pelo jovem Igor, o filho de Rute e Ariel.

— O Igor é forte e cumpridor. Quanto ao Ahmed, continua a ser o capataz, não tenho qualquer queixa dele. Está sempre disposto a fazer mais e nunca foge às suas responsabilidades no trabalho. Fiz bem em seguir o teu conselho e mantê-lo no seu posto quando comprei a pedreira. Conhece bem os homens e sabe tirar o melhor partido deles.

Jeremias interessou-se por Mikhail e ofereceu-lhe trabalho. Samuel agradeceu-lhe, mas não permitiu que Mikhail aceitasse a oferta. Ainda não sabia a que é que o rapaz se podia dedicar, mas em todo o caso estava decidido a que não abandonasse a música. No entanto, sabia bem que não era de músicos que a Palestina precisava naquele momento.

Ao terceiro dia da sua chegada, Samuel levantou-se de madrugada disposto a começar a trabalhar como o resto dos habitantes da Horta da Esperança. Kassia contou-lhe que Mikhail se tinha levantado antes dele e que estava a ordenhar as cabras com Ariel.

— Com que então puseste-o a trabalhar—censurou-o Samuel.

— Foi ele que insistiu. Quer ser mais um. Deixa-o. Percebo a tua preocupação, tem um dom para a música que não deve desperdiçar, mas também tem de decidir se este é o lugar onde quer viver.

— O Mikhail nunca fez outra coisa além de estudar—protestou Samuel.

— E tu? E o Jacob? Não podemos viver se não trabalharmos a terra. A música virá depois.

— Sabes o que lhe custou ser um bom violinista? Nem sequer quando era criança tinha tempo para brincar, ensaiava durante horas e horas sem se queixar. É um prodígio.

— Então porque é que o trouxeste?

— Às vezes as circunstâncias não te deixam escolher. O Mikhail precisava de se afastar de Paris e também de perceber o que significa ser judeu. Na verdade, não sente o judaísmo como parte da sua identidade, mas sim como um fardo com o qual não contava, mas do qual não pode abdicar.

— Ou seja, o que te acontece a ti.

— Sim, suponho que sim.

— Bem, mas deves deixá-lo decidir, já não é uma criança.

— Ficou órfão quando ainda mal tinha aprendido a andar...

— E qual de nós não sofreu? Foi por isso que viemos para a Palestina, para tentarmos voltar a ser nós próprios. Além disso, quem é que te disse que não precisamos de músicos? Achas que não faz falta alimentar a alma?

Para Samuel foi uma surpresa ver que a pequena cabana que ele tinha transformado num laboratório improvisado continuava tal como a tinha deixado quando partiu. Kassia manteve-a intacta e não quis que Ariel a utilizasse como armazém.

Samuel retomou as velhas rotinas preocupado em ajudar Mikhail a encontrar o seu lugar na Palestina.

— Na cabana há espaço suficiente, podes ensaiar sempre que quiseres sem incomodar ninguém.

Mikhail tentava adaptar-se às tarefas da quinta com aquelas pessoas singulares, mas não lhe era fácil. Sentia falta de Paris. Na casa falava-se de colheitas, de socialismo e pouco mais. A música não era uma prioridade para eles embora se mostrassem cordiais e lhe pedissem que tocasse violino de vez em quando. Só Jacob e Marinna pareciam desfrutar daqueles minutos de música. Ariel mexia-se impaciente na cadeira, enquanto Rute e Kassia pareciam ensimesmadas com a costura.

Mas ali estava e não ia render-se tão depressa. Voltaria a Paris, mas não sem antes ter passado tempo suficiente para que Irina não encarasse o seu regresso como um fracasso.

Marinna propôs-lhe dar aulas de música aos filhos dos mais abastados da cidade.

— Jerusalém é enganosa. Há muitos representantes de países estrangeiros e as famílias têm muitos filhos, também vais encontrar judeus endinheirados.

Marinna ajudava numa escola de meninas e convenceu algumas mães para que as suas filhas tivessem aulas de música. Em pouco tempo Mikhail já tinha uma dúzia de alunas.

— Todos temos de trabalhar a terra, mas podemos fazer outras coisas. No meu caso, foi o meu pai que se esforçou para que eu saísse da Horta da Esperança, através da família do Abraham tive a oportunidade de encontrar este trabalho na escola feminina.

— Vocês dão muita importância a trabalhar a terra.

— Sim, é a melhor forma de nos reencontrarmos com o nosso passado. E... bem, queria pedir-te um favor, achas que eu também posso aprender música? Fico tão emocionada a ver-te tocar violino. Se eu pudesse...

— Claro que podes! Vou ensinar-te.

A 28 de junho de 1914, Samuel tinha ido a casa de Yossi Yonah levar alguns xaropes que este lhe tinha encomendado. Yossi, tal como tinha feito Abraham, o seu pai, confiava na boa mão de Samuel para preparar aqueles remédios.

O que se passava na Europa estava longe de fazer parte da conversa dos dois amigos, onde o arquiduque Francisco Fernando acabava de ser assassinado por um terrorista croata.

— O meu pai dizia que eras um bom boticário, que não te conformavas com o que te tinham ensinado e que gostavas de experimentar.

— É verdade, mas acho que nestes últimos anos em Paris aprendi realmente o ofício. Vocês, os médicos, diagnosticam a doença e nós fornecemos o remédio para curar. Sem os boticários, pouco poderias fazer.

— É verdade, meu amigo, precisamos uns dos outros e devemos trabalhar lado a lado. Tu precisas de conhecer a doença, eu de saber porque é que determinadas plantas são as mais apropriadas para curar.

Depois a conversa entrou no campo mais pessoal. Yossi estava preocupado com a saúde da sua mãe,

a velha Raquel.

— Desde que o meu pai morreu, mal sai de casa. Diz que já não tem nada para fazer; se não fosse pela minha filha Yasmin, acho que se deixaria morrer.

Samuel tinha-se apercebido do interesse de Mikhail na filha de Yossi. Estava sempre disposto a acompanhá-lo quando visitava a família de Abraham. Mikhail ficava perturbado com a beleza daquela jovem. Morena, alta e de formas redondas e exuberantes, não passava despercebida onde quer que fosse.

— A tua filha é quase uma mulher.

— Ainda é muito jovem, mas parece mais velha e isso preocupa-me, meu amigo. Jerusalém não é precisamente uma cidade santa.

— Que coisas dizes!

— Nem a minha mãe nem a minha esposa Judite a deixam sair sozinha. Estou desejoso de que se case—afirmou Yossi.

— E tu, Samuel, não pensas encontrar uma esposa?—perguntou-lhe Judite.

Samuel sorriu sem responder. Se não fosse pela sua idade, quarenta e três anos que tinha feito naquele ano de 1914, poderia pensar em casar. Mas a própria ideia parecia ridícula. Tinha estado apaixonado por Irina quase até à obsessão e, agora que se tinha libertado daquelas amarras, sabia que era demasiado velho para constituir uma família. Além do mais, o que poderia oferecer a uma mulher? Partilhar os trabalhos do campo juntamente com outras famílias que nem sequer eram a sua? Nunca tinha sentido o desejo de ter filhos, mas às vezes perguntava-se o que se sente ao ter um.

Naquela tarde, nem Samuel nem Yossi podiam imaginar que a guerra ia estourar na Europa, nem sequer podiam saber de que forma afetaria as suas vidas. Na verdade, só tiveram consciência do que estava a acontecer uns meses depois, quando já tinha começado o outono, e a Turquia, que estava do lado da Alemanha, também entrou na guerra.

Foi Louis quem levou a notícia à Horta da Esperança. Louis apareceu de surpresa e Samuel teve dificuldade em reconhecê-lo com as suas roupas de beduíno.

— Disseram-me que tinhas regressado. Quis vir antes, mas não consegui—disse enquanto se fundiam num abraço.

Kassia repreendeu Louis pelas suas prolongadas ausências.

— Pode-se saber porque é que não vieste antes? Sabes que estamos preocupados contigo.

— Minha querida Kassia, vais ter de te preocupar com uma coisa mais importante, o nosso querido sultão Mehmed V Reshad declarou guerra à Grã-Bretanha, à França e à Rússia. Sei que na Mesquita de Al-Aqsa vão invocar a jihad...

Durante uns segundos não souberam o que dizer. Cada um pensava em como aquela terrível palavra os ia afetar: guerra.

— E a nós, o que nos vai acontecer?—perguntou Marinna quebrando o silêncio.

— A nós? A coisa não nos está a correr assim tão mal com os turcos, por isso, meus amigos, nós também estamos em guerra—afirmou Louis.

— Ou seja, continuas a apoiar o império turco—disse Jacob sem esconder a sua contrariedade.

— Tu não percebes, não se trata de apoiar o império, trata-se de que estamos aqui, na terra dos nossos antepassados, a construir o futuro, e não podemos construir esse futuro à margem dos turcos. Sejamos realistas.—Louis não estava disposto a ceder.

— Eu sou russo e quase meio francês. Não sei porque é que tenho de apoiar os alemães e os turcos—protestou Mikhail.

— Sim, tal como o Samuel. Mas és judeu e agora estás aqui; na Palestina, as coisas não nos estão a correr assim tão mal, por isso esta também será a nossa guerra—respondeu Louis.

— Não estou de acordo—intercedeu Jacob surpreendendo todos.

— Não estás de acordo? E o que pretendes fazer?—perguntou Louis num tom trocista.—Lembro-te de que há judeus no exército do sultão.

— Esta guerra não nos vai trazer nada de bom—sentenciou Ariel.

Já era tarde quando se foram deitar, exceto Samuel e Louis que ficaram a fumar um cigarro.

— Então tornaste-te membro da Hashomer.

— Sim. É melhor sermos nós a defender os nossos.

— Não te apresentes como um judeu altruísta; que eu saiba, a Hashomer cobra aos colonos por essa proteção—replicou Samuel com um sorriso.

— Antes pagavam a vigilantes árabes. Além disso, é preciso pensar no futuro—disse Louis muito sério.

— Claro que é preciso pensar no futuro, mas não vejo motivo para os judeus terem o monopólio da defesa das colónias judaicas. Afinal de contas trata-se de defender os colonos dos ladrões. Nada mais.

— Nada menos. Para ficares mais sossegado, deves saber que há grupos de vigilância formados por árabes e judeus. Mas eu vou muito mais além. Um dia devemos ter uma força capaz de nos defender de quem quer que seja.

— Quem são os nossos inimigos? Tu próprio garantes que nos devemos resignar a ser súbditos do sultão. Desta forma, só nos temos de defender dos bandidos.

— Meu amigo, não esqueçamos o que está a acontecer à nossa volta. Acho que estamos bem dentro do Império Otomano. Nele ninguém nos perseguiu pela nossa religião, os turcos sempre se mostraram tolerantes e permitiram-nos erguer as nossas sinagogas e viver como mais uns súbditos; como sabes, muitos judeus ocuparam cargos importantes com diferentes sultões. Enquanto nos séculos passados os europeus nos perseguiram e expulsavam dos seus países, os sultões acolheram-nos deixando-nos viver à nossa vontade.

— Pagando, claro—referiu Samuel.

— Pagando? Ah, sim! Bem, pagávamos um tributo, tal como outros infiéis, mas ninguém nos chateava em mais nada. Oxalá os reis europeus tivessem sido como os sultões otomanos.

— Achas mesmo isso?—quis saber Samuel.

— Sim, claro que sim. É por isso que devemos ser prudentes antes de quebrar o statu quo.

— Nos últimos tempos não parece que a Sublime Porta tenha assim tanta estima por nós—respondeu Samuel.

Não chegaram a nenhuma conclusão, mas verificaram que, apesar dos anos que tinham passado, a sua amizade se mantinha intacta e podiam continuar a conversar com sinceridade, embora Samuel notasse a mudança de Louis. Não só quanto ao seu aspeto, pois agora exibia um enorme bigode, mas também quanto ao seu carácter, parecia mais reflexivo e, sobretudo, obstinado em fazer da Palestina o lar dos judeus com o consentimento do Império Otomano. Não se importava de que houvesse um sultão em Istambul, dizia.

— Olha à tua volta. Não vês o quanto a Palestina mudou?

Samuel deu-lhe razão. Agora tinham escolas próprias e muitos daqueles primeiros emigrantes agora pertenciam a uma nova classe, uma classe camponesa, e não era só isso, o hebreu tinha florescido até se tornar em língua de referência por mais que o iídiche ainda fosse uma língua comum. A paisagem também se tinha transformado, cada vez existiam mais bairros fora dos muros da Cidade Velha e havia Telavive, uma cidade judaica, só judaica. Sim, Louis tinha razão: a Palestina tinha mudado de pele naqueles anos em que ele tinha estado em Paris.»

O barulho da chave na fechadura trouxe-os de volta à realidade. Hanna, a filha de Aaron Zucker, entrou na sala surpreendendo-se por ainda encontrar Marian.

— Já chegaste? Pensava que voltavas mais tarde—disse Ezequiel à sua neta.

— Mas, avô, são quase seis horas! A entrevista ainda não acabou?—perguntou a Marian sem esconder o incómodo que sentia ao encontrá-la ainda ali.

— Lamento... as horas passaram a voar.

— E não deves ter almoçado!—Desta vez dirigiu-se ao avô, com um evidente tom de irritação.

— Claro que almoçámos! A senhora Miller ajudou-me a preparar uma salada.

Marian desculpou-se. Sabia que tinha de se ir embora. Mas não podia deixar a meio o que a tinha levado ali. Sentia-se manipulada por aquele homem que a tinha arrastado para uma conversa interminável, na qual ambos iam preenchendo as lacunas de duas histórias paralelas. Porque assim eram, paralelas, sem possibilidade de se encontrarem embora parecesse tocarem-se.

Ezequiel notou a sua inquietação e, para surpresa dela, foi ele quem lhe propôs regressar no dia seguinte.

— Quer vir amanhã?

Ela assentiu agradecida.

— Sim, se não for muito incómodo, caso contrário não poderei concluir o que vim fazer.

— Eu sei. Apareça amanhã. Conversar consigo é muito estimulante.

— Mas, avô, eu acho que já colaboraste o suficiente com a senhora Miller. Olhe—disse dirigindo-se a Marian—,o meu avô não pode passar um dia inteiro a conversar. Se quiser, eu própria posso ajudá-la com a informação sobre a política de assentamentos... embora seja totalmente contra.

— Vá, Hanna, deixa-me ser eu a decidir. Gosto de falar com a Marian. Espero-a amanhã às onze, parece-lhe bem?

Hanna acompanhou Marian Miller à porta e ao despedir-se disselhe:

— Por favor, não o esgote muito, ainda está a recuperar do último enfarte.

— Do último? Não sabia...

— Sobreviveu a três ataques de coração. O médico disse-nos que não deve aguentar muito. Há dois dias ainda estava no hospital.

— Prometo-lhe que tentarei não o cansar e acabarei o meu trabalho assim que possível.

— Agradeço-lhe que assim seja.

Estava com tonturas. Tinha passado todo o dia naquela casa a trocar histórias com aquele homem. Podiam escrever um livro entre os dois; a ideia fê-la sorrir.

Conduziu devagar, tentando recordar cada palavra. Ezequiel tinha-lhe aberto a porta à existência de uns seres que quase podia visualizar. Chegou ao hotel esgotada, com vontade de tomar um banho e ir para a cama para deixar de pensar.

De manhã apareceu à hora prevista. Tinha-se levantado cedo com vontade de passear pela Cidade Velha. Saiu do American Colony por volta das oito quando Jerusalém já estava acordada e caminhou rapidamente para a Porta de Damasco; àquela hora centenas de pessoas atravessavam numa e noutra direção.

Os comerciantes preparavam-se para abrir as lojas, e no mercado as mulheres paravam diante das bancas examinando com olhos especialistas os legumes recém-chegados dos campos dos arredores.

Parou em frente de uma loja da qual saía um aroma a canela e a pistácio. Não conseguiu resistir à

tentação e comprou alguns doces.

Caminhou sem rumo pela Cidade Velha, deixou o bairro árabe para se perder pelo bairro cristão, dali ao arménio e, por último, ao judeu.

Não conseguia ultrapassar o incómodo que lhe provocavam aqueles judeus vestidos com sobrecasacas pretas e canudos a escaparem-se por debaixo dos chapéus.

Já passavam das dez quando saiu pela Porta de Damasco em passo rápido para regressar ao hotel e ir buscar o carro que tinha alugado. Desta vez conduziu depressa até à casa de Ezequiel, intuía que o ancião fosse esse tipo de pessoas que mostra rigor em relação à pontualidade. Foi a sua neta Hanna que lhe abriu a porta.

— Tenho de sair, mas regresso assim que possível. O meu avô não passou muito bem a noite, embora garanta que se sente bem.

Deu-lhe um papel no qual tinha anotado o seu número de telemóvel.

— Embora esteja na aula, deixo o telemóvel ligado. Estou preocupada; se vir que ele não está bem, ligue-me e, por favor, não o esgote como ontem.

Marian prometeu que tentaria acabar a entrevista naquela mesma manhã.

Ezequiel estava sentado em frente à janela da qual se vislumbravam as montanhas da Judeia. Parecia abstraído, longe dali.

— Trouxe-lhe uns doces, espero que goste—disse Marian tentando mostrar o seu melhor sorriso.

— Sente-se, conseguiu descansar?

— Sim, dormi mais de oito horas. A Hanna disse-me que o senhor não passou muito bem a noite.

— Nós, os velhos, temos o sono agitado e a minha neta preocupa-se sem motivo. Queria ligar para a universidade e ficar comigo, mas insisti para que fosse. É melhor assim, não acha? Quem é que tem de continuar com a história? Eu ou a Marian?

— Não o quero cansar...

— E perder a sua versão sobre o que aconteceu à família Ziad? Vá, onde é que tínhamos ficado?

— Pois... prestes a começar a Primeira Guerra Mundial.

— Nesse caso, agora é a minha vez de ouvir.

«Dina estava inquieta. Naquela manhã tinha ido ao mercado com Zaida, a sua mãe, e a sua filha Aya, e tinha ouvido os rumores da chegada iminente do paxá Ahmed Cemal, ministro da Marinha do império, governador da Síria e comandante supremo do Quarto Exército Otomano. Se os rumores fossem verdade, Cemal era um homem imprevisível e sanguinário, disposto a meter nos eixos os árabes que sonhavam com uma nação à margem do império.

Temia por Ahmed, e pelo seu próprio irmão Hassan, que com tanta frequência participavam em reuniões nas quais se dizia que os árabes se tornariam independentes dos turcos dentro de pouco tempo.

Tinha ouvido um curtidor murmurar com o talhante, e ambos auguravam um futuro de incerteza.

— Vocês, as mulheres, dão sempre importância aos rumores do mercado—disselhe Ahmed.

Uns dias mais tarde foi com o marido e com a mãe contemplar a entrada triunfal de Cemal na cidade. Regressaram a casa assombrados com a pompa que rodeava o paxá.

— Foi um desfile nunca visto, atiravam-lhe pétalas de rosas e as pessoas cantavam entusiasmadas. Não o vi muito bem, mas não me parece muito alto—contou Dina à sua filha Aya, ansiosa por saber todos os pormenores.

Apenas uma semana depois, Ahmed foi a uma das reuniões convocadas por Omar Salem.

— Parece que Cemal Paxá só confia nos alemães—explicou com amargura.

— Sim, desde que os três paxás governam, os oficiais das suas tropas são todos alemães—acrescentou Hassan.

Ahmed ouvia-os em silêncio, preocupado com a inquietação que aqueles homens mostravam.

— Bem, mas entre as tropas do sultão há muitos árabes, e até judeus—atreveu-se a dizer sem muito entusiasmo.

— Mas Cemal não confia em nós. Dizem que veio anular qualquer tentativa de rebelião—intercedeu o seu cunhado Hassan.

Um criado entrou e sussurrou algo ao ouvido de Omar que fez com que ele se levantasse da sua cadeira sorrindo.

— Amigos, temos uma visita inesperada, o Yusuf Said está aqui.

O jovem, amigo dos filhos de Hassan e de Layla, foi recebido com mostras de amizade por parte do anfitrião e dos seus convidados. Parecia cansado já que, segundo lhes disse, tinha acabado de chegar do Cairo.

— Fui à tua casa—disse dirigindo-se a Hassan.—A tua esposa Layla disse-me que estavam aqui. Omar, espero que me perdoes por aparecer na tua casa sem ter sido convidado.

— És sempre bem-vindo entre nós. Fala-nos do xerife Husayn e dos seus filhos, Faysal e Abdullah.

— O xerife mostra-se cauteloso, mas acha que esta pode ser a nossa oportunidade. Há pouco tempo o próprio Abdullah esteve no Cairo para saber o que os britânicos pensavam sobre o futuro.

— E o que é que pensam?—quis saber Omar.

— Eles têm os seus compromissos, ouvem com interesse, mas não prometem nada. Parecem convencidos de que vão ganhar a guerra. Devemos preparar-nos para o caso de isso acontecer.

Estiveram a conversar muito tempo e, apesar de Yusuf Said se mostrar prudente, chegaram à conclusão de que o xerife Husayn seria favorável aos europeus se estes garantissem que o ajudariam a tornar realidade o sonho de um grande Estado árabe.

— Contam que a tribo dos Saud disputa a liderança com Husayn ibn Ali—lançou Hassan.

— É verdade, mas não te esqueças de que a legitimidade do xerife se deve à sua linhagem, é descendente do Profeta—sentenciou Yusuf.

Já tinha caído a noite quando Ahmed foi para casa, acompanhado por Yusuf, pelo seu cunhado Hassan e pelos dois filhos deste. Yusuf dormiria em casa de Hassan. Disselhes que queria descansar antes de iniciar a viagem para Meca.

Dina ficou com um brilho no olhar quando soube por Ahmed que Yusuf estava na casa do seu irmão.

— Acho que esse jovem está interessado na Aya, e vais ver como faz o possível para se encontrar com ela.

— Mulher, afinal de contas só estamos separados por uns metros da sua casa. Tens de estar atenta à nossa filha, não a deixes sozinha, não quero que o Yusuf pense que estamos ansiosos por casá-la—disse Ahmed.

— Deixa nas minhas mãos, vou agir com prudência. Espero que a Layla se mostre disposta a isso, já sabes como é a minha cunhada.

— Disposta quê?

— A promover um encontro entre o Yusuf Said e a Aya.

Foi o seu sobrinho Khaled que apareceu no dia seguinte na casa dos seus tios para os convidar para jantar.

— A minha mãe quer receber bem o nosso convidado e pensou num jantar de família.

Zaida e Dina estavam entusiasmadas a fazer de casamenteiras. Insistiram com Aya para que vestisse a sua melhor túnica e se cobrisse com o seu melhor véu.

— Tens de ser prudente, não o olhes nos olhos e não fales com ele se ele não se dirigir a ti—aconselhou-a a sua avó Zaida.

— Mas, avó, vai achar que sou tonta!—protestou ela.

— És, sim, uma boa rapariga muçulmana. Não te esqueças de que os homens não gostam das descaradas.

O serão não podia ter corrido melhor. Salah e Khaled tinham partilhado confidências com Yusuf e sabiam do interesse do seu amigo pela sua prima. Lembraram-lhe que Aya mal tinha saído da adolescência e avisaram-no de que não devia olhar para ela se não fosse para pedi-la em casamento. Yusuf garantiu-lhes que era isso que queria. Se Ahmed estivesse de acordo, casariam quando as regras do decoro o permitissem.

Os homens falavam dos últimos acontecimentos na cidade enquanto as mulheres iam pondo na mesa os saborosos pratos cozinhados por elas. Yusuf elogiou os doces preparados por Aya, e ela corou.

No dia seguinte, Ahmed disse à filha que Yusuf tinha pedido para falar com ele.

— Acho que sei o que é que quer—disse Ahmed.

— O que quer é pedir-te a Aya em casamento! Alá ouviu as minhas preces—exclamou Dina entusiasmada.

— Se assim for, o que é que tu achas?—perguntou Ahmed à sua filha.

— O que é que ela há de achar? Devemos sentir-nos honrados por unir a nossa família à do Yusuf Said—protestou Dina.

— Mulher, os filhos devem obediência aos pais, mas quero saber o que a Aya sente, não gostaria de a entregar a um homem pelo qual ela sentisse repulsa. Se assim for, procurar-lhe-emos outro marido—sentenciou Ahmed.

Aya permanecia de pé agarrada à mão da sua avó. Estava contente, era uma grande honra que um homem como Yusuf tivesse reparado nela, mas apaixonada... não sabia se estava apaixonada. Gostava daquele jovem moreno, de olhos profundos e brilhantes, gostava de saber que era importante, mas apaixonada... sentia uma pontada de temor no estômago, queria casar, sim, mas não tinha pensado que fosse tão cedo.

— O Yusuf parece-me muito agradável—afirmou com a voz um pouco trémula.

— Não te vou obrigar a casar, ainda podes esperar mais um ou dois anos—insistiu Ahmed.

Ela demorou a responder porque sentiu o olhar inquisidor da sua mãe.

— Não é assim tão criança—murmurou Zaida.

— Se o Yusuf quer que nos casemos, aceitarei—e, ao dizê-lo, sentiu uma mistura de alegria e de temor. Casar significava deixar aquela casa, onde tinha nascido, para ir para o outro lado do Jordão, onde vivia a família de Yusuf, ou talvez para Meca. Teria de viver na casa da sua sogra, e era isso que a preocupava.

Ahmed deu a conversa por terminada. Naquela tarde Yusuf visitá-los-ia e já sabia que resposta dar-lhe se, como esperava, pedisse Aya em casamento.

Durante os meses seguintes a Cidade Velha voltou a deparar-se com os limites do terror. Cemal Paxá desconfiava de todos e tinha espiões em todo o lado prestes a encontrar árabes descontentes ou nacionalistas desejosos de deixarem de ser súbditos do sultão.

Começava a ser habitual que o paxá ordenasse enforcar quem considerava inimigo e, para assustar os hierosolimitanos, tinha convertido as execuções num espetáculo público.

— Estava perto da Porta de Damasco e aproximei-me para ver o que é que se passava, porque havia uma grande multidão em silêncio. Desta vez enforcaram cinco homens—lamentou-se Ahmed.

— Não deves ir, já sabes que Cemal Paxá gosta que os enforcamentos sejam feitos na Porta de Jaffa e na de Damasco. Peço-te que sejas prudente, e que não vás mais às reuniões na casa do Omar Salem. E o meu irmão Hassan a mesma coisa. Também se põe em perigo e põe em perigo os seus filhos.—Dina não

podia deixar de se preocupar.

— Foi horrível, os homens demoraram a morrer, assistimos à sua agonia. Aquele homem é desumano—sentenciou Ahmed referindo-se a Cemal.

— Cala-te! Que ninguém te ouça. Nem quero pensar no que aconteceria se Cemal Paxá soubesse que o criticas.

— Os judeus também não estão seguros. Falei com o Samuel e ele disse que Cemal se reuniu com alguns homens importantes da sua comunidade e que os ameaçou com a expulsão da Palestina. E já mandou alguns para o exílio em Damasco—explicou Ahmed à sua esposa.

— Que eu saiba, o Samuel é partidário dos turcos, os judeus sentem-se bem pertencendo ao império—respondeu Dina.

— Aqui vivem em paz, e dão muito valor a isso, mas não quer dizer que apoiem Cemal. O Samuel, o Ariel, o Louis ou o Jacob censuram os enforcamentos tanto quanto nós. Eles também não estão seguros, o Samuel disse que estão a tentar adaptar-se.

— E o que é que isso significa?

— Não se darem mal com Cemal, evitar que duvide da lealdade dos judeus para com o império.

— Não lhes vai servir de nada—sentenciou Dina.

Apesar da incerteza e da dor que se tinha instalado entre os hierosolimitanos, Dina avançou com os preparativos do casamento de Aya. A guerra continuava em cenários europeus e a ela pareciam-lhe muito longínquas aquelas cidades das quais os homens falavam: Paris, Londres, Moscovo... embora os seus efeitos devastadores tivessem chegado à Palestina. Algumas das suas amigas tinham perdido os maridos na frente, a lutar nas fileiras do exército turco. Ela dava graças a Alá por Ahmed ter ficado coxo depois do acidente na pedreira. Assim ninguém se lembraria de o chamar para lutar. Porém, mesmo sabendo que o seu marido estava a salvo, não podia deixar de se preocupar com o seu filho Mohamed. Temia que o obrigassem a ir lutar naquela guerra que não tinha nada que ver com eles.

— Esta noite janto na casa do Omar—anunciou Ahmed numa tarde de outono de 1915.

— Mas não estás cansado?—protestou Dina, preocupada por aquelas reuniões de homens serem cada vez mais habituais.

— Sim, foi um dia duro na pedreira.

— Então diz ao meu irmão Hassan que te desculpe, vais noutro dia.

— Irei porque tenho de o fazer—respondeu Ahmed sem dar lugar para mais conversa.

Dina trouxe-lhe água e uma camisa limpa. Pelo menos, pensou, que apareça na casa do Omar vestido decentemente.

— O que se está a passar na cidade é um escândalo—garantiu um dos convidados de Omar.

— Sei a que te referes—respondeu Khaled, o sobrinho de Dina, adiantando-se às palavras do seu pai.

— As ruas da Cidade Velha estão cheias de prostitutas. Muitas são viúvas que se vendem por duas piastras—explicou Hassan.

— São quase todas judias—referiu Salah, o seu filho mais velho.

— Não te enganes, meu filho, a maior parte perdeu os maridos na frente. Há mulheres de todo o lado.

— Também vi muitos velhos na rua a suplicar por qualquer coisa para comer—explicou Omar.

— E, entretanto, Cemal e os seus amigos não se cansam de gastar dinheiro e de se divertir. Não há noite em que não façam festas, a que vão os beis turcos e alguns dos nossos, o presidente da Câmara Hussein Husseini é presença habitual entre eles—queixou-se Hassan.

— Contaram-me que há uns dias Cemal organizou uma festa para celebrar o aniversário da subida ao trono do sultão Mehmed, e que os oficiais turcos foram acompanhados por um grande número de

prostitutas. Esse homem não tem respeito por nada nem por ninguém—afirmou Khaled.

— Não devemos ligar ao falatório—atreveu-se a dizer Ahmed.

— Mas, tio, toda a cidade sabe! Não há lugar no mundo onde existam mais prostitutas do que em Jerusalém e os turcos não são famosos pela sua piedade—respondeu Salah.

— O Ahmed tem razão, não devemos dar ouvidos aos falatórios, mas infelizmente são muitos os testemunhos dessas festas que animam as noites de Cemal Paxá. Tenho amigos em Damasco que me garantem que Cemal tinha a mesma vida ímpia naquela cidade—lamentou-se Omar.

— Sim, ele dá festas enquanto as pessoas morrem de fome—insistiu Salah.

— O que podemos fazer?—perguntou o sempre prudente Khaled.

— Fazer? Já ouviste o Yusuf na última vez que aqui esteve: o xerife Husayn está a tentar chegar a um acordo com os britânicos. Se o ajudarem a criar uma nação árabe nós ajudamo-lo nesta guerra—respondeu Omar.

— Um Estado que alcance todo o Maxereque—disse Hassan com entusiasmo.

— É por isso que o xerife enviou alguns dos seus homens de confiança por todo o império para falarem com os chefes das tribos, embora pareça que a tribo dos Saud não dá o braço a torcer. São demasiado ambiciosos—sentenciou Omar.

Um criado pediu autorização ao dono da casa para começar a servir o jantar. Durante algum tempo os homens deixaram as suas preocupações para honrarem o borrego. Antes de acabar o jantar, enquanto degustavam um chá de menta, Omar olhou para os seus convidados, um a um. Todos sabiam que a reunião daquela noite não era apenas mais uma. Antes de começar a falar, pigarreou.

— Bem, já passou o momento das queixas, agora devemos fazer algo mais do que falar. Ontem visitou-me um parente afastado que vive em Beirute. Contou-me o que está a acontecer na cidade e não é muito diferente daquilo que sofremos em Jerusalém. O paxá ordena enforcar todos os homens dos quais desconfia, até dos membros honrados das velhas famílias. O meu parente faz parte de um grupo de patriotas que, como nós, julgam que já chegou o momento de nos libertarmos dos turcos. Queria saber se, chegado o momento, nos uniríamos à rebelião.

— À rebelião?—O tom de voz de Ahmed denotava temor.

— Sim, à rebelião. A pergunta é: se os britânicos nos apoiarem, seremos nós capazes de lutar contra o exército do sultão?—Enquanto falava, Omar olhava fixamente para Ahmed.

— Eu estou disposto a morrer—garantiu o impetuoso Salah sem dar tempo ao seu tio Ahmed de responder.

— O que é que esperam de nós?—perguntou Hassan olhando irritado para o seu filho por ter interrompido a conversa.

— Que estejamos preparados e, se o xerife nos chamar, lutar ao seu lado.—A resposta de Omar não deixava qualquer dúvida.

— Não sei... eu... bem, não é fácil enfrentar o império. Sempre vivemos na dependência de Istambul. Além do mais, não sei se nós, árabes, devemos ajudar os britânicos contra os turcos, afinal de contas somos todos muçulmanos.—Ahmed sentiu o olhar de reprovação dos seus amigos.

— Se não estás de acordo com o xerife Husayn, porque é que estás connosco?—A pergunta de Omar soou como uma adaga a rasgar a seda.

— Eu... bem, não concordo com a forma como nos governam a partir de Istambul. O sultão não se preocupa connosco e muito menos os três paxás, e agora que não temos outro remédio senão aguentar Cemal Paxá sinto o desejo de que as coisas mudem. Julguei que os jovens oficiais do Comité para a União e o Progresso eram melhores do que os funcionários que rodeavam o sultão, mas acabaram por ser piores—explicou Ahmed sentindo-se culpado por não partilhar o espírito revolucionário dos seus

interlocutores.

— O que estás a fazer entre nós? Por acaso és um espião?—perguntou-lhe em tom ameaçador um dos convidados de Omar.

— Eu respondo pelo meu cunhado!—afirmou Hassan levantando-se.

— Senta-te! É o Ahmed que tem de se explicar—ordenou Omar.

— Sou um homem simples que trabalha de sol a sol. Só tenho as minhas mãos e o respeito da minha família e dos meus filhos—desculpou-se Ahmed.

— Os teus amigos consideram-te um homem bom, que consultam e a quem pedem conselhos. As famílias que vivem junto à vossa consideram-te o seu guia—acrescentou outro dos homens.

— Mas não sou. Por acaso tive mais sorte do que eles, e a minha casa é maior e a minha horta mais extensa, e consegui trabalhar na pedreira como capataz, mas não sou nem mais nem menos do que os outros.

— Os homens da tua aldeia ouvem-te e os da pedreira têm consideração por ti e respeitam-te. É por isso que estás aqui, Ahmed, é por isso que pedimos ao teu cunhado Hassan que te convidasse para as nossas reuniões—afirmou Omar.

— Tio, não podes voltar atrás—censurou-o Salah.

— Irmão, deixa que seja o nosso tio a decidir o que quer fazer!—exclamou Khaled, que parecia ler a preocupação nos olhos de Ahmed.

— Não te pedimos que lutes, não poderias fazê-lo arrastando essa perna, mas podes ajudar-nos a procurar homens que se queiram comprometer com a causa do xerife, com a nossa causa. Homens que não se importem de lutar. Homens que desejem a liberdade—disse Omar em tom solene.

— Os homens da pedreira respeitam-te. Podes falar com aqueles em quem tiveres mais confiança, ir formando um grupo para quando chegar o momento em que o xerife Husayn nos peça para lutarmos com ele por uma grande nação árabe.—Hassan falava com entusiasmo.

— Tio, não podes voltar atrás—repetiu Salah.

— Será que um homem não pode ter dúvidas? Eu também não gosto de lutar contra irmãos muçulmanos, por mais queixas que tenhamos. Se for preciso fazê-lo, fá-lo-ei, mas com pena no coração—intercedeu o jovem Khaled em defesa do seu tio.

Continuaram a discutir durante algum tempo e Ahmed aceitou a missão com tristeza. Não gostava de Cemal Paxá, mas não tinha outras queixas em relação aos turcos. Sempre tinha vivido sabendo que o sultão estava em Istambul. E, como ele, os seus antepassados. Censurava ter-se deixado levar pelas ideias do seu cunhado Hassan. A culpa é minha, pensou, sentia-me lisonjeado por ser convidado para a mesa do Omar. Devia ter imaginado que não era a minha companhia que eles procuravam.

Quando chegou a casa, Dina esperava-o acordada desejosa de conhecer os pormenores do jantar em casa de Omar. Sentia-se muito orgulhosa de que uma família tão importante convidasse o seu marido e, embora não costumasse gabar-se disso, não podia deixar escapar entre as conversas com as suas vizinhas que o seu Ahmed era bem recebido na casa de Omar Salem.

Dina ficou surpreendida por ver que Ahmed chegava com o rosto sério e sem vontade de falar. Deitou-se de imediato e virou-lhe as costas na cama. Ela sabia que não estava a dormir e que estava preocupado com alguma coisa.

— Porque é que não me contas o que correu mal?—sussurrou-lhe ao ouvido.

Mas Ahmed não respondeu. Dina também não insistiu. Sabia que acabaria por lhe contar o que o preocupava, mas não antes de encontrar uma solução.

Do que falaram na manhã seguinte foi de Aya. Via-a triste e nervosa, como se de repente o casamento lhe parecesse um fardo.

— Sei que já não podemos voltar atrás, mas algumas vezes acho que era isso que a nossa filha queria—contou ao seu marido.

— Disseste que te estavas a precipitar no teu desejo de a casar. É muito jovem, ainda podia esperar dois anos mais antes de pensar em casar—respondeu Ahmed de mau humor.

— Na idade dela eu já estava casada contigo—respondeu Dina, zangada, por sua vez, com a repreensão.

— Vai casar com o Yusuf, dei a minha palavra—sentenciou Ahmed, depois saiu de casa para ir para a pedreira.

Naquela manhã mal falou com Igor, o filho de Rute e de Ariel. Manhã após manhã caminhavam juntos até à pedreira conversando sobre as pequenas coisas da vida quotidiana. Igor era um bom rapaz, trabalhador e formal, por mais que defendesse aquelas ideias socialistas que os seus pais lhe tinham incutido e que para Ahmed eram apenas palavras.

Passou grande parte da jornada a pensar em quem podia confiar. Não tinha a certeza de que, a não ser por causa dos protestos quotidianos, aqueles homens estivessem dispostos a juntar-se a alguma rebelião que os levasse a lutar contra os turcos. Queixar-se sim, desejar uma vida melhor, também, amaldiçoar Cemal Paxá todos o faziam, mas atrever-se-iam a algo mais?

Jeremias aproximou-se dele quando estavam prestes a parar para almoçar.

— Pareces-me distraído, estás preocupado com alguma coisa?

Ahmed sobressaltou-se com a pergunta de Jeremias e lamentou não ser capaz de dissimular o seu estado de espírito.

— Estou preocupado com o casamento da Aya, é muito nova—respondeu em jeito de desculpa.

— Os filhos são sempre uma fonte de preocupações. Pelo que me disseste, a Aya casa voluntariamente, por isso não tens motivo para te censurares.

— Vou sentir a falta dela quando se for embora.—A sua voz estava carregada de verdade.

— É difícil imaginar a casa sem filhos, mas a Aya dar-te-á rapidamente netos. O teu filho Mohamed também não vai demorar a encontrar uma esposa.

Ahmed teria gostado de ser sincero com Jeremias. Achava-o não só um bom homem como também uma pessoa justa, mas será que toleraria que na sua pedreira alguns dos homens fossem uns conspiradores dispostos a pegar nas armas contra os turcos?

Quando a jornada terminou, Igor aproximou-se de Ahmed para regressarem juntos a casa.

— Vai tu, eu tenho coisas para fazer—disse e despediu-se do jovem enquanto abandonava a pedreira na companhia de meia dúzia de canteiros.

Caminharam em silêncio, todos expectantes por ouvirem Ahmed. E só quando chegaram à cidade e se refugiaram num café é que Ahmed lhes revelou o que tinha para lhes dizer. Estava convencido de que tinha escolhido bem, conhecia aqueles homens desde criança; eram seus amigos, tinham partilhado alegrias e preocupações, sabia como pensavam, mas sabia sobretudo que não o trairiam. Pediram um café e ouviram Ahmed. Este foi sucinto nas explicações. Só tinham de decidir se, chegado o momento, se juntariam à rebelião e lutariam sob a bandeira do xerife de Meca por uma pátria árabe libertada dos turcos.

Os homens ouviram-no em silêncio, assombrados com a proposta, mas mais ainda pelo facto de esta sair da boca de Ahmed. Achavam-no um homem prudente, alheio a qualquer extremismo. Um após outro, ansiosos por saberem mais, perguntaram-lhe quem eram os chefes, além do xerife Husayn. Insistiram em saber o que é que se esperava deles, se teriam de abandonar o trabalho na pedreira, e manifestaram a sua preocupação com o bem-estar das suas famílias. Se eles não trabalhassem, de que é que viveriam os seus?

Ahmed respondeu a todas as perguntas com mais vontade do que certezas. Quatro dos homens mostraram-se dispostos a qualquer sacrifício; outros dois tinham dúvidas, mas prometeram que apoiariam qualquer ação, embora não participassem diretamente nela. Também se comprometeram a falar com parentes e amigos.

A partir daquela noite voltaram a reunir-se mais vezes. Ahmed sentia-se angustiado pela responsabilidade. Dava conta das suas diligências ao seu cunhado Hassan e este a Omar, e ambos lhe recomendavam prudência, mas também que os homens estivessem atentos, porque em qualquer momento poderiam chamá-los para passar à ação.

Dormia mal e tinha perdido o apetite, mas pelo menos Dina não o atormentava com as suas perguntas, pois estava concentrada no casamento de Aya.

Dina tinha convidado todos os amigos para a cerimónia e não tinha dúvidas em ir à Horta da Esperança convidar os seus vizinhos para o casamento de Aya.

— Vamos todos—garantiu-lhe Jacob, apesar do pouco entusiasmo mostrado por Kassia.

Samuel já se tinha comprometido com Ahmed quanto à presença de todos os membros da Horta da Esperança, mas Zaida tinha dito a Dina que ela, como mãe da noiva, devia procurar a cumplicidade de Kassia e Marinna.

A três dias do casamento Yusuf chegou a Jerusalém acompanhado pela sua mãe viúva, pelas suas três irmãs e por dois irmãos, além de vários tios e primos que se foram alojando na casa de familiares e amigos.

Dina não ficou surpreendida por, duas noites antes, os homens serem convidados para irem à casa de Omar Salem. Gostava de passear com a filha nesses últimos serões antes de a entregar àquele que viria a ser seu marido. Com delicadeza, tanto Zaida no seu papel de avó, como ela própria, tinham-na instruído sobre os segredos do casamento. Aya empalidecia ao ouvir a sua mãe e a sua avó, mas elas fizeram-lhe prometer que se comportaria tal como os homens esperam que as boas esposas façam. Embora Aya não se atrevesse a dizê-lo, arrependia-se de ter concordado com aquele casamento. Tinha-se sentido lisonjeada por um jovem como Yusuf se ter interessado por ela, mas casar era outra coisa. Quando ninguém a via, chorava. Numa tarde deu de caras com Marinna e, embora tenha tentado evitá-la, a judia dirigiu-se a ela comovida com as suas lágrimas.

Marinna ouviu-a muito séria. Tentou consolá-la e até a aconselhou a falar com os seus pais e a dizer-lhes a verdade, que não queria casar. Mas Aya fê-la jurar que não contaria a ninguém o que lhe tinha relatado porque, se chegava aos ouvidos de Yusuf, este poderia ofender-se.

— Não posso quebrar o compromisso, envergonharia os meus pais.

E assim Marinna guardou o segredo e a partir daquele momento tentou mostrar-se atenciosa e ajudá-la nos preparativos do casamento. A própria Dina estava surpreendida ao ver Marinna comportar-se com tanto afeto.

— Parece que já lhe passou o amor pelo Mohamed. Fico contente por ela, assim não vai sofrer e o teu irmão não ficará com peso na consciência quando encontrar uma mulher com a qual casar—comentava Dina a Aya.

Ahmed mal prestava atenção aos preparativos, pois estava ensimesmado na sua nova tarefa de procurar homens para a rebelião. Aqueles seis amigos tinham acrescentado, por sua vez, outros homens às suas cada vez mais frequentes reuniões.

— Devias reunir-te com eles—pediu ao seu cunhado Hassan.

— Não é preciso, tu já o fazes. O Omar pretende que cada um de nós se responsabilize por um grupo—respondeu Hassan.

— Mas os homens estão desejosos de conhecer os chefes...

— Tu estás à frente deles, Ahmed, tu és o seu chefe; quando for preciso lutar ficarão a saber de quem recebem ordens. O Omar Salem encarregar-se-á de nos dar as instruções. Esta noite vamos jantar a casa dele. O Yusuf tem coisas para nos contar.

— A Layla foi muito generosa ao preparar um banquete para as esposas dos convidados esta noite— respondeu Ahmed, agradecido.

— É assim que devem ser as coisas entre parentes. Elas reunir-se-ão para falarem dos seus assuntos, não sentirão a nossa falta. Além disso, a minha mãe está a ajudar a Layla a preparar o jantar.

Pobre Zaida, pensou Ahmed. A sua sogra já era idosa, embora se mostrasse sempre disponível para ajudar.

Quando chegou a casa reparou que Dina estava contrariada.

— A minha mãe tem estado todo o dia na casa da Layla a cozinhar e a Aya está tão nervosa que diz que não quer ir ao banquete. Fala com ela, não podemos desrespeitar as esposas dos convidados e muito menos a mãe e as irmãs do Yusuf.

Aya estava no quarto que partilhava com a sua avó a dobrar cuidadosamente uns véus que colocava com delicadeza em cima da cama.

— Filha...—murmurou Ahmed sem saber muito bem o que dizer.

— Estás aqui... Como correu na pedreira? Achas que o Jeremias e a Anastásia vêm? Disse à Anastásia para trazer todos os seus filhos.

Estava nervosa e falava por falar; nas suas faces ainda se notava o rasto das lágrimas.

Ahmed não se atrevia a abraçá-la, já não era uma criança, embora para ele o fosse para sempre.

— Tens de ir ao banquete que a tua tia Layla organizou. Seria muito deselegante que não o fizesses e uma ofensa para a tua sogra.

— Eu vou, pai, eu vou. Não te preocupes, embora tenha dito à mãe que não ia, sei qual é a minha obrigação e não faria nada que vos pudesse envergonhar. Eu... bem, convidei a Kassia e a Marina, disseram-me que estariam presentes.

— Parece-me bem, a Marina sempre foi uma boa amiga tua e a Kassia conhece-te desde pequena. Vão gostar do banquete.

— Sabes uma coisa, pai? Estou preocupada, o Mohamed ainda não chegou...

— O teu irmão estará aqui amanhã. Não tenhas dúvidas de que estará presente no teu casamento.

Saiu do quarto com pena. Aya não estava feliz e ele sentia-se responsável pelas lágrimas da sua filha. Não devia ter aceitado o plano de Dina para casar Aya, mas já não podiam voltar atrás.

Lavou-se depressa e vestiu-se com a roupa que a sua esposa lhe tinha preparado. "Tens de ir elegante", tinha-lhe dito Dina, "afinal de contas, és o pai da noiva."

Na casa de Omar Salem havia mais convidados do que noutras ocasiões. Homens que Ahmed conhecia e outros que era a primeira vez que via. Todos lhe deram os parabéns pelo casamento.

Omar recebeu Ahmed e Hassan com um grande sorriso.

— Entrem, entrem, os teus filhos já aqui estão, tens sorte de contar com dois rapazes tão formidáveis. Quero dizer-te que me agrada o ímpeto que mostra o Salah, o teu filho mais velho.

— O Khaled é mais refletido—respondeu Hassan lisonjeado.

— Demasiado prudente, diria eu, tal como o seu tio Ahmed.

Sentiram-se incomodados com o comentário, mas não foram capazes de responder ao seu anfitrião. Se em ocasiões anteriores Omar tinha dado mostras do seu estatuto social, naquela noite tinha-se esmerado para demonstrar que a sua casa era uma das mais importantes de Jerusalém.

Yusuf era o convidado de honra e os homens rodeavam-no pedindo notícias do xerife Husayn.

— Não vos posso contar grande coisa, apenas que o xerife mantém uma comunicação constante com

Sir Henry McMahon, o alto-comissário britânico ao Egito.

— Então apoiar-nos-ão...—resumiu Hassan.

— Não, não exatamente; digamos que o nosso apoio convém muito aos britânicos e, em contrapartida, poderiam aceitar algumas das propostas do nosso xerife Husayn. Além do mais, temos um aliado inesperado, um oficial britânico, chamado Lawrence, a quem McMahon encarregou das comunicações como o xerife—explicou Yusuf.

— Os judeus também estão a tentar ter os britânicos como aliados—comentou um dos convidados.

— Estão divididos, alguns querem continuar a ser súbditos do sultão e negam-se a apoiar qualquer ação que ponha em perigo a sua posição, outros pretendem obter o favor dos britânicos e ofereceram-se para lutar com eles. Mas, pelo que sei, os britânicos não mostram qualquer entusiasmo por tê-los como aliados, embora lhes tenham permitido formar o Corpo de Azemeleiros Sionistas—garantiu Yusuf.

— Cemal Paxá prendeu e deportou centenas de judeus, não confia neles. Os judeus também estão a sofrer—garantiu-lhe Ahmed, olhando fixamente para o seu futuro genro.

— É verdade, por isso espero que os judeus acabem por perceber que, tal como nós, não têm outra saída a não ser lutar contra os turcos—respondeu Yusuf.

Comeram e conversaram até altas horas da noite; depois uns e outros foram-se despedindo do seu anfitrião agradecendo-lhe o serão e prometendo-lhe voltar a reunir-se dois dias depois no casamento de Yusuf.

Naquela noite Ahmed regressou a casa mais animado do que em ocasiões anteriores. Omar tinha-lhe dado os parabéns por ter conseguido reunir um grupo de homens dispostos a lutar.

— És tu que os conheces e serás tu a dar-lhes as ordens quando chegar o momento. Eles respondem perante ti—disselhe Omar com uma certa solenidade.

Ao passar junto à Horta da Esperança estranhou ver as luzes acesas, apesar de ser quase meia-noite. Aproximou-se para ver se tinha acontecido alguma coisa e se podia ajudar. Foi Samuel quem lhe abriu a porta e o convidou a entrar. Ficou surpreendido por ver ali Anastásia.

— Soubemos que prenderam o Louis há dois dias. Deportaram-no para o Egito, mas não foi só a ele, esta noite invadiram a casa do Jeremias e levaram-no para a prisão. A Anastásia veio pedir ajuda. Os seus filhos estão muito assustados, os soldados de Cemal Paxá espancaram o Jeremias sem qualquer piedade em frente à sua família. Agora não podemos fazer nada, amanhã tentaremos conseguir a sua liberdade—explicou Samuel.

Anastásia aproximou-se de Ahmed e pediu-lhe encarecidamente que se ocupasse do funcionamento da pedreira.

— O meu marido confia em ti, tu deves saber o que é preciso fazer até ele regressar—disselhe Anastásia, e ele acalmou-a garantindo-lhe que o faria.

Ahmed apresentou-se na pedreira mal amanheceu. Fumava enquanto esperava que os homens chegassem. O primeiro a fazê-lo foi Igor, que o repreendeu por não ter esperado por ele.

— Eu também não dormi esta noite, se soubesse que vinhas antes ter-te-ia acompanhado.

Quando os restantes canteiros chegaram, Ahmed explicou-lhes o que tinha acontecido e todos lamentaram a situação de Jeremias. Tinham ouvido rumores de que o dono da pedreira era um dos chefes dos judeus sionistas, e conheciam as suas ideias socialistas, mas não imaginavam que isso se pudesse transformar numa desgraça, embora naqueles tempos qualquer um pudesse ser alvo da ira de Cemal Paxá.

Depois de informar os homens pediu-lhes que trabalhassem como se fosse um dia normal e que não perdessem tempo com comentários. Trabalhariam como se o patrão estivesse entre eles.

Quando a jornada terminou alguns homens aproximaram-se dele preocupados. Eram os que participavam nas reuniões clandestinas.

— Temos de ter cuidado—afirmou um que exibia um grande bigode.

— Temos tido. Não se preocupem, o que aconteceu ao Jeremias não tem nada que ver com as nossas atividades. Cemal Paxá gosta que tenham medo dele—respondeu Ahmed.

— Mas e se suspeitar de nós?—atreveu-se a dizer outro dos homens.

— Sim, devemos ter cuidado, Cemal Paxá odeia os patriotas, se soubesse o que pensamos enforcar-nos-ia—disse um jovem.

— Vão para casa e não se preocupem. Os amigos do Jeremias vão subornar alguém para o libertar.

— O que vai acontecer amanhã?

— Amanhã é dia de descanso e é o casamento da minha filha, não vai acontecer nada—insistiu Ahmed tentando animar os seus amigos.

Caminhou sozinho de regresso a casa. Igor era um jovem discreto que quando o via afastar-se para falar com os homens percebia que não devia esperar por ele. Além do mais, naquela tarde preferia a solidão. Sentia-se inquieto não só pela detenção de Jeremias, mas também porque Cemal Paxá agia com mais crueldade a cada dia que passava. Cemal não se privava de luxos nem de caprichos, enquanto a cidade inteira sofria por causa da miséria.

Pouco antes de chegar a casa, Ahmed viu Samuel sentado na cerca da Horta da Esperança; fumava e parecia absorto. Aproximou-se dele.

— Há notícias do Jeremias?—perguntou desejando que Samuel lhe anunciasse a sua libertação.

— Sim, e não são boas. Vão deportá-lo, a ele e a mais de quinhentos judeus. Cemal Paxá ameaçou dispersar os judeus por todo o império. Como vês, não serviu de nada que alguns dos nossos insistissem em apoiar a Sublime Porta nesta guerra absurda. Até deportaram um dos homens que mais empenho demonstrou em apoiar o império. Sim, disseram-me que também deportaram Ben-Gurion.

— O que vamos fazer?—perguntou Ahmed, angustiado perante a responsabilidade que sabia que recaía sobre ele na pedreira.

— O que achas que podemos fazer? Talvez amanhã Cemal Paxá decida deportar-nos também a nós, tal como fez com o Jeremias e com o Louis ou com tantos outros. O Jacob acha que devemos procurar novas alianças, ele tem fé nos britânicos. Diz que se ganharem a guerra serão eles a decidir o futuro desta terra.

— Não sei... talvez o Jacob tenha razão. Vais pedir-lhe ajuda?—quis saber Ahmed.

— Ajuda? Talvez tenhamos de oferecer a nossa. Já há alguns judeus a combater com eles. Como vês, estamos divididos, alguns judeus fazem parte do exército do sultão e outros optaram pelos franceses e pelos britânicos.

— E os judeus russos?

— Sim, não me esqueço da mãe Rússia de onde venho—respondeu Samuel com um laivo de amargura.

— Temos de sobreviver a tudo isto...

— Vamos tentar, Ahmed, vamos tentar. Fui com o Yossi Yonah tentar saber alguma coisa do Jeremias e por pouco não fomos detidos. Sabes que a Raquel, a mãe do Yossi é sefardita. Ela sempre sentiu gratidão para com o Império Otomano por acolher os sefarditas em Salónica quando foram expulsos de Espanha pelos Reis Católicos. Como vês, é a nossa sina: expulsos, deportados, perseguidos... A Raquel sempre se sentiu segura com os turcos e incutiu no seu filho Yossi uma devoção especial pelo sultão. O seu filho disse que a mãe é mais turca do que judia... mas agora a Raquel tornou-se estrangeira na sua própria pátria. Não sei o que o velho Abraham pensaria sobre tudo isto.

— Somos todos estrangeiros na nossa pátria, não te esqueças de que Cemal Paxá não tem piedade para com os árabes e não há dia em que não apareça um corpo pendurado na Porta de Damasco ou na de

Jaffa.

— Tens razão, meu amigo, estamos todos a sofrer pelo mesmo motivo. Receio bem, Ahmed, que o mundo que conhecemos se esteja a desmoronar e que a partir de agora todos sejamos peças de um jogo de xadrez, tanto se a Alemanha e a Turquia ganharem esta guerra como se ganharem os Aliados. Não, já nada será igual.

— Vais voltar para França?

— Não, não o farei exceto se me deportarem, mas, se assim for, regressarei. Não posso continuar a procurar uma pátria, conformar-me-ei com esta, a dos meus antepassados.

— Compreendo, és judeu.

— Às vezes pergunto-me o que significa ser judeu. Durante anos lutei para não ser, queria ser como os outros, não suportava esse fardo que me tornava diferente. Não imaginas o quanto me esforcei para que mudassem esse olhar sobre mim. Todo o mal que me aconteceu foi por ser judeu. Assassinaram a minha família num pogrom, perdi a minha mãe, os meus irmãos, a minha avó... Quem quereria ser judeu depois disso? Eu não queria.

— Não deves renegar o Todo-Poderoso, Ele sabe o motivo das coisas.

— Achas que posso encontrar algum sentido no facto de terem assassinado a minha família por ser judia?

— Meu amigo, nós não podemos compreender as razões de Alá.

— Não quero aborrecer-te com as minhas preocupações na véspera do casamento da Aya. Falemos de coisas agradáveis. Ainda não vi o Mohamed...

— Chega amanhã. Espero que corra tudo bem...

— Dizes isso por causa da Marinna e da Kassia? Não te preocupes, elas não fariam nada que pudesse estragar o casamento da Aya. A Marinna sofreu muito com a sua separação do Mohamed. Cresceram juntos, apaixonaram-se e não foi fácil para nenhum dos dois ter de perceber que não era possível continuar a sonhar.

— Eu estimo a Marinna, não me parece que houvesse melhor esposa para o Mohamed do que ela, mas sei que apesar de vocês... bem, vocês não são religiosos, ou pelo menos nunca praticam a fé, a questão é que ela nunca se converteria ao islamismo.

— Tens razão, não o vai fazer. Pelo menos compreendemos a dor do desespero, do primeiro fracasso. Já viste que coisa tão absurda é a religião, que impede que dois jovens apaixonados não possam estar juntos? Vai chegar o dia em que isso não acontecerá, e quem me dera poder vê-lo.

— O Mohamed também sofreu.

— Eu sei. Sabes uma coisa, Ahmed? Parece-me absurdo que nós, os homens, lutemos por acreditar que o Deus ao qual rezamos é melhor do que o Deus dos outros.

— Nós não lutamos.

— Tens razão, na verdade são os cristãos que não toleram os judeus, embora vocês, muçulmanos, também tenham os vossos próprios deportados da Sefarad. Também não vos permitem continuar a ser o que são. Definitivamente, quiseram impor-nos a sua verdade e mataram por ela; pelo menos nós, judeus e muçulmanos, somos capazes de nos respeitar e de viver em paz, embora não deixemos que os nossos jovens se amem. Contudo, não nos matamos.

Deixaram que as sombras caíssem sobre aquele pedaço de terra que partilhavam, enquanto fumavam cigarro atrás de cigarro. Nenhum dos dois tinha o espírito sereno para adormecer e só quando a noite já ia avançada é que foram descansar.

O dia decorria com aromas de festa. Aya irradiava timidez e beleza. Marinna e Kassia, Dina e Zaida tinham-na ajudado a vestir-se de noiva.

Mohamed e Marinna tinham-se cumprimentado com normalidade, mas afastaram-se de seguida. Mohamed recebia os convidados da família e Marinna não se separava das mulheres da casa. Ouvia os comentários nervosos de Aya, pegava-lhe numa mão tentando acalmar o seu nervosismo.

Dina tinha-se esmerado com os preparativos do casamento e tinha contado com a ajuda do seu irmão Hassan, sempre generoso. Queria dar boa impressão à família de Yusuf Said. Conhecía a devoção que Yusuf sentia pela mãe. Dina tinha pedido a Zaida que estivesse atenta aos desejos da mulher. Quanto a Layla, tinha de reconhecer que a sua cunhada, quando queria, era capaz de se mostrar encantadora, por isso tinha-a incumbido de cuidar das irmãs de Yusuf.

Estava preocupada com a palidez de Aya, e tinha temido que durante a cerimónia a sua filha desatasse a chorar. Não a via feliz, embora se tentasse consolar pensando que era normal que estivesse assustada. Dina também estava quando a entregaram a Ahmed, mas depois dizia a si própria que não teria desejado outro marido que não ele. Tinham sido felizes e a sua vida de casal só tinha sido afetada pela perda dos seus filhos. Ainda chorava às escondidas pelo pequeno Ismail e pelo menino que nasceu morto e o qual não a deixaram ver.

Afinal tudo tinha corrido como estava previsto, e a sua filha já era a esposa de Yusuf. Olhou à sua volta e acalmou-se ao ver Aya rodeada pelas mulheres, a mãe de Yusuf mostrava-se carinhosa com ela e Marinna tinha uma atitude protetora. Que pena que aquela judia não se quisesse converter ao islamismo! Teria sido uma boa esposa para Mohamed.

Os homens pareciam satisfeitos a conversar enquanto comiam. Dina não deixava de servir pratos e fazia-o enquanto ouvia fragmentos das conversas. Alguns murmuravam em voz baixa sobre os últimos enforcamentos de árabes e as deportações de judeus. Ela torcia o nariz e não queria que estragassem o jantar a falar de assuntos que preocupavam todos. Sorriu quando chegaram os músicos que o seu irmão Hassan tinha contratado para animar a festa.

— Estás louca? Como é que te passou pela cabeça contratar músicos?—repreendeu-a Ahmed.

— Mas eu disse-te que era um presente do meu irmão Hassan... Não me disseste para não o fazer...

— Também não te disse para o fazeres...

Kassia aproximou-se deles a sorrir.

— É um casamento muito bonito, que pena que a Anastásia não tenha vindo... teria gostado muito de ver a vossa filha...

— Percebo que não tenha querido vir tendo o seu marido preso. Mas depois levo-lhe um prato com doces, pelo menos assim podem desfrutar um pouco do casamento—acrescentou Dina.

Foi naquele momento que ouviram gritos e barulho e viram que uns homens entravam afastando violentamente os convidados. Fez-se silêncio. Aqueles homens faziam parte da polícia de Cemal Paxá. Um deles foi ter diretamente com Ahmed.

— Ahmed Ziad! Estás preso por conspirar contra o sultão e participar em atividades contra o império—disse o polícia enquanto outros dois seguravam Ahmed pelos braços.

— Mas o que é isto? Deve ser engano. O meu pai não fez nada. Somos súbditos leais do sultão.— Mohamed tinha-se colocado diante dos captores do seu pai.

— Tu és o Mohamed Ziad. Por agora não temos ordens para te prender, mas tudo a seu tempo. O teu pai é um traidor e deve ser tratado e julgado como tal. Afasta-te ou...

Mohamed não se afastou. Um dos polícias empurrou-o com tal força que se não fosse Samuel, que segurou nele com firmeza, teria caído ao chão. Samuel dirigiu-se então aos polícias.

— Sou o senhorio do Ahmed Ziad e posso confirmar que é um bom homem e um súbdito leal do sultão, tal como todos nós. Quem vos informou no sentido contrário está a mentir.

— Muito bem, com que então és um fiador de um traidor, talvez tu também sejas traidor—disse o

polícia que parecia mandar.

— Vou apresentar uma queixa formal...

Um dos polícias agrediu-o na cara ferindo-lhe um lábio. Samuel não se alterou, mas Mikhail sim.

— Chega! Como se atrevem? Estamos num casamento. Este homem—disse olhando para Ahmed— não fez nada, nenhum dos presentes tem culpa. Deve haver algum engano...

Também o agrediram a ele e novamente a Mohamed, que tentava esbracejar para livrar o pai das mãos dos polícias. Mas foi inútil. Apesar dos protestos levaram Ahmed.

Dina abraçava Aya, ambas choravam assustadas e os convidados da cerimónia foram saindo desejosos de abandonarem aquela casa assolada pela desgraça.

— Foi traído por alguém—afirmou Yusuf mal os convidados saíram.

— Traído?—perguntou Samuel assombrado.

— Sim, alguém o traiu. Tem de ser um dos homens que...—e ficou em silêncio. Sabia que Samuel era amigo de Ahmed, mas ele não confiava naquele judeu, não o conhecia e não estava disposto a pôr a sua vida nas mãos de um estrangeiro.

Samuel procurou o olhar de Mohamed e perguntou-lhe:

— Em que é que o teu pai anda metido? Diz-me, preciso de saber para vos poder ajudar.

— Não conseguiste ajudar o Jeremias nem o Louis, muito menos podes ajudar o meu pai—respondeu Mohamed, irritado.

— Podes confiar em mim—respondeu Samuel, magoado com a resposta.

— Sei que posso fazê-lo, mas há assuntos... bem, que não devemos partilhar nem sequer contigo. Lamento, Samuel, agradeço a tua ajuda, mas agora devias deixar que a família decida o que fazer.

Samuel deu meia-volta e saiu daquela casa seguido por Kassia, Jacob, Ariel, Igor, Mikhail e Rute. Marinna ficou com Aya, que chorava desconsoladamente. Mohamed olhou para ela e ela desafiou-o com o seu próprio olhar, mas ele não ficou intimidado.

— Marinna, é melhor saíres. Pelo teu próprio bem, pela tua segurança, há coisas que... bem, é melhor não saberes.

— Com que então não confiam em nós...—respondeu ela irritada.

— Claro que confiamos! Mas neste momento é melhor não estarem aqui. Vou falar com o Samuel assim que possível.

Ela saiu sem se despedir e Mohamed, que a conhecia bem, sabia que nunca o perdoaria por a ter tratado como uma estranha.

Durante os dias que se seguiram as famílias evitaram-se. Só uma semana depois é que se voltaram a ver.

Na Porta de Damasco amontoava-se um numeroso grupo à espera de que amanhecesse. Naquela manhã vários homens seriam enforcados e, tal como acontecia nestas ocasiões, os seus familiares e amigos assistiam com a esperança de se despedir ou pelo menos de trocar um olhar que servisse de consolo ao condenado.

Dina apareceu acompanhada pelos seus filhos Mohamed e Aya, pelo seu irmão Hassan, pelos seus dois sobrinhos Salah e Khaled e pelo seu genro Yusuf. Alguns dos homens da pedreira tinham-se aproximado a medo. Yossi Yonah, o filho de Abraham, estava ao pé deles. Tinha ido sozinho, apesar dos protestos da sua mãe, Raquel. A família Yonah tinha uma estima sincera pelos Ziad, e Raquel tinha ficado a chorar em casa acompanhada pela sua nora Judite, e pela sua neta Yasmin. Yossi tinha-se mostrado inflexível negando-se a que a sua velha mãe assistisse à execução de Ahmed.

Samuel, Jacob e Ariel também estavam presentes, mas trocaram poucas palavras com Mohamed.

Os condenados chegaram manietados, os guardas de Cemal Paxá obrigaram-nos a andar mais rápido,

aos empurrões.

Ahmed procurou a sua família com o olhar e ao ver Dina e os seus filhos só a muito custo conseguiu controlar as lágrimas. Não deveriam estar ali, pensou, não deveriam vê-lo morrer daquela forma. Mas sabia que ninguém no mundo teria conseguido impedir que Dina comparecesse para partilhar com ele os seus últimos momentos. Reconfortou-o ver Yusuf junto a Aya. Olhou-os fixamente, tentando transmitir-lhes com o olhar o amor infinito que sentia por eles. Aya, a sua pequena Aya, a luz dos seus olhos. Mohamed, o seu filho querido em quem veria todos os seus sonhos concretizarem-se. E Dina, a sua amada esposa, sempre disposta ao bem. Teria desejado ser ele a consolá-los, a dizer-lhes que não queria morrer, mas se essa era a vontade de Alá, agradecia-lhe por perder a vida por uma boa causa.

Continuava a perguntar-se quem o tinha traído, quem de entre aqueles homens que considerava seus amigos tinha falado no seu nome. Olhou um a um para os outros homens que também iam ser enforcados. Alguns eram canteiros, homens bons, aos quais ele tinha convencido a juntarem-se contra o Império Otomano. Tinham sido ingénuos? Estúpidos, talvez? Mas nos últimos segundos da sua vida não queria ter pensamentos amargos. De repente vislumbrou a figura de Samuel e não conseguiu evitar um sorriso. Não achava estranho vê-lo ali, sabia que estaria, que o acompanharia naquele momento. Olharam-se durante uns segundos e ambos entenderam o que queriam dizer um ao outro. Conheciam-se bem.

O verdugo foi colocando a corda à volta do pescoço dos condenados. Enquanto o fazia ouviam-se gritos de angústia procedentes da multidão, como o de Dina, como o de Aya.

Porque é que o verdugo demorava tanto? Porque é que não acabavam de vez com aquela tortura? Aquele momento parecia a Ahmed inútil e eterno. Perguntou-se se iria para o Paraíso. Acreditava nisso desde pequeno, mas agora... De repente, o nó da corda oprimiu-lhe o pescoço com tanta força que deixou de existir.

Mohamed apertou o braço da mãe, que chorava e gritava tentando libertar-se do filho para se aproximar do corpo inerte do marido. Não podia fazê-lo. Cemal Paxá gostava que os corpos dos enforcados balançassem durante horas em frente das pessoas para servir de aviso aos árabes nacionalistas rebeldes.

Aya desmaiou e Yusuf teve de levantá-la do chão e afastá-la da multidão para a proteger.

Dina negava-se a regressar a casa, queria ficar ali até lhe entregarem o corpo de Ahmed, e nem Mohamed nem o seu irmão Hassan foram capazes de convencê-la do contrário.

— Vou ficar com ele, não saio daqui até o levar comigo—garantiu entre lágrimas.

Mohamed rendeu-se perante a determinação da mãe. Conhecia-a bem e sabia que ela ficaria, não importava quantas horas nem quantos dias.

O corpo de Mohamed esteve exposto na Porta de Damasco um dia inteiro. Mohamed soube mais tarde que, graças à intervenção de Omar, lhe tinham entregado o cadáver do pai.

Embora Cemal Paxá gostasse que as grandes famílias de Jerusalém soubessem que era ele quem mandava, e por isso não abandonava as cenas de crueldade, de vez em quando tinha em conta algum pedido em relação ao qual se mostrava clemente. A família Salem era rica e influente, por isso decidiu mostrar-se magnânimo e decidiu mandar retirar o corpo daquele desgraçado, enforcado junto a outros como ele. Mas um gesto assim costumava vir acompanhado por outro que causasse terror, por isso regozijou-se durante algum tempo a interrogar Omar, de quem disse desconfiar, afirmando até que o achava um traidor, já que estava interessado no conspirador enforcado.

Omar resistiu à fúria que sentia ao ter de se humilhar pedindo o corpo de Ahmed àquele desalmado. Era o mínimo que devia à família Ziad.

Dina só descansou quando o corpo de Ahmed repousou na terra, depois de ela própria, juntamente com Zaida, lavar e preparar o seu cadáver. Mohamed tinha insistido em fazê-lo, mas Dina tinha-se

negado. Pouco lhe importava o que dizia a lei.

Yusuf levou Aya depois do enterro de Ahmed. Tinha partilhado o pesar e a desgraça da família Ziad, mas agora tinha de seguir em frente. Era um homem do xerife e o seu lugar estava onde lhe fosse útil. Deixaria Aya com a sua mãe em Amã, do outro lado do Jordão. A sua família cuidaria dela. Ainda não tinham tido um momento para estarem sozinhos, nem tal tinha procurado. Sabia que Aya só seria sua quando a ferida provocada pela perda do seu pai tivesse sarado.

Foi preciso passarem uns dias até Mohamed se sentir com forças para ir à Horta da Esperança. Devia-lhes uma explicação. Samuel tinha sido amigo do seu pai, ele sabia o quanto ele o estimava. Mas, ainda assim, tinha julgado necessário resolver os seus problemas em família. Agora era ele que tinha de tomar decisões. E a primeira delas foi a vingança.

Mohamed pensava que certamente encontraria o traidor entre os sobreviventes do grupo do pai. Ahmed tinha sido enforcado juntamente com outros canteiros e camponeses, de maneira que tinha de procurar entre aqueles que a polícia de Cemal Paxá não tinha incomodado. E eram cinco.

Dois dias depois de ter enterrado o pai, e acompanhado pelos seus primos Khaled e Salah, apareceram sem aviso prévio na casa daqueles homens. O primeiro pareceu-lhes sincero na sua manifestação de dor; jurou-lhes que mataria com as suas próprias mãos o traidor se soubesse quem era. O segundo homem também parecia afetado pelo enforcamento de Ahmed. Foi na terceira casa que encontraram a origem da traição. Ali estavam os três homens que ainda não tinham visitado; ao verem os três membros da família Ziad pareceram ficar nervosos. Mohamed acusou-os diretamente de terem traído o seu pai e um deles baixou a cabeça, envergonhado, sem se atrever a responder, enquanto os outros dois gritavam ofendidos perante a acusação. Khaled e Salah enfrentaram os canteiros dizendo que tinham um amigo que conhecia um polícia de Cemal Paxá e que este os tinha acusado de serem traidores. Começaram a discutir, mas Mohamed não teve nenhuma dúvida de que eram os culpados, por isso tirou a faca que tinha escondida e com um só movimento cortou com violência o pescoço do que permanecia em silêncio. Os outros dois homens tentaram escapar, mas Khaled e Salah impediram-nos, segurando-os. Mohamed também não teve piedade deles. Deixaram-nos estendidos no chão no meio de uma grande poça de sangue. Tinha vingado o seu pai, mesmo sabendo que ele nunca teria consentido a vingança. Mas o seu pai já não existia e ele, para poder continuar a viver, tinha de acabar com a vida de quem o tinha levado à forca.

Quer fosse pela indiferença da polícia ou simplesmente porque não conseguiram confirmar a autoria do crime, Mohamed saiu impune da morte daqueles homens, por mais que na pedreira todos murmurassem que tinha sido ele a vingar-se. Por isso, quando apareceu na Horta da Esperança, Samuel já sabia o que tinha acontecido.

Convidaram-no a sentar-se e a jantar com eles. Hesitou em aceitar pela presença de Marinna, mas no fim decidiu ficar, não podia estar sempre a fugir dela. Jantaram a recordar Ahmed, todos contaram algum episódio, depois Kassia fez um sinal a Marinna e a Rute e deixaram os homens sozinhos. Sabia que Mohamed não falaria na presença das mulheres.

Olhando-o nos olhos, Samuel perguntou:

— Mataste aqueles homens?

Mohamed não se preocupou em negá-lo.

— E tu, o que terias feito no meu lugar?

— A minha mãe e os meus irmãos foram assassinados quando eu era uma criança, o meu pai quando eu já era um homem. O que fiz então? Nada, não fiz nada exceto fugir. Foi isso que fiz. Não penses que me sinto orgulhoso por ter fugido da Rússia por mais que me pergunte o que poderia ter feito.

— Procurar os seus assassinos—respondeu Mohamed.

— Sim, suponho que poderia ter ficado, ter integrado algum dos grupos de oposição ao czar que defendiam a violência para acabar com a injustiça. Mas o meu pai não teria querido. Morreu para que eu vivesse.

— Sabes uma coisa, Samuel? Há momentos na vida em que a única forma de nos salvarmos a nós próprios é matando ou morrendo. Eu escolhi salvar-me vingando o meu pai, embora me possa custar a vida.

Ficaram em silêncio a olhar um para o outro, compreendendo-se sem palavras.

— O Ahmed não teria gostado que alguém morresse por sua causa—disse Ariel.

Mohamed encolheu os ombros. Ele sabia melhor do que aqueles homens como era e como se sentia o seu pai, embora, sim, tinham razão, ele nunca teria procurado a vingança.

— Podem prender-te, há muita gente que murmura—insistiu Samuel.

— E agora, o que vais fazer?—perguntou Jacob.

— Vou ficar com a minha mãe. Mas preciso de trabalhar. Se puderem falar com a Anastásia para me contratar na pedreira...

— O teu pai sempre quis que estudasses, porque é que não regressas a Istambul?—quis saber Samuel.

— E com o que é que pagaria os estudos? Além disso, não posso deixar a minha mãe e a minha avó desprotegidas. Teriam de ir viver em casa do meu tio Hassan e a minha mãe sofreria. Não é que o meu tio não fosse cuidar bem delas, ou que a sua mulher, a Layla, não se comportasse adequadamente, mas viveriam numa casa alheia. Não, não vou deixar a minha mãe.

— Podemos ajudá-las até acabares os estudos. O teu pai queria muito que te tornasses um homem importante—insistiu Ariel.

— Sim, queria que eu fosse médico, mas aceitou que eu estudasse direito, e agora... agora as coisas serão como têm de ser. Podem ajudar-me?

— A Anastásia vai para a Galileia, para a casa da sua irmã Olga e do Nikolai. Lembras-te da Olga, a irmã da Anastásia? Vivem num assentamento agrícola com outros amigos. Vai ficar com eles até o Jeremias regressar. Mas vou falar com ela e dir-lhe-ei que te arranje trabalho na pedreira, embora... se quiseres possa ajudar-te a pagar os estudos, podes devolver-me o que te emprestar mais tarde—disse Samuel reiterando a oferta de Ariel.

— Obrigado, mas não posso abandonar a minha mãe. Diz-me uma coisa, quem é que vai substituir o meu pai como capataz?

— A Anastásia atribuiu esse cargo ao Igor. É muito jovem, mas trabalha sem descanso e ganhou o respeito dos homens—respondeu Ariel, orgulhoso do seu filho.

— Queres contar comigo?—Mohamed olhou para Igor que até àquele momento tinha permanecido em silêncio.

— Sabes que sim. Se a Anastásia estiver de acordo, trabalharemos juntos—garantiu.

— Amanhã vou vê-la, está a preparar as coisas para a viagem. Vou com ela até à Galileia—explicou Samuel.

— Com que então vais-te embora...

— Não, não me vou embora, só vou acompanhá-la—interrompeu-o Samuel.—O Mikhail vem connosco. Não estaria segura a viajar sozinha com as crianças. Regressamos assim que estiver instalada. Vivemos dias difíceis.

— Sim, é verdade, e ainda assim temos de continuar a viver. Vou casar daqui a uns meses—anunciou Mohamed.

Ficaram em silêncio sem saber o que dizer. Foi Ariel quem perguntou.

— Casar? Não sabíamos que estavas comprometido.

— Pensava anunciá-lo durante o casamento da minha irmã... A minha mãe insistiu tanto em que o devo fazer... Quando cheguei disse-me que tinham encontrado uma esposa apropriada para mim. O meu pai parecia contente, é filha de um amigo seu, de um dos amigos que tiveram o mesmo destino na força... Mal a conheço, lembro-me dela quando era pequena... O meu pai perguntou-me se estava disposto a casar com ela. Dei-lhe a minha palavra de honra, e cumprirei. Esperaremos pelo menos um ano, seria uma falta de respeito se casássemos antes. Quando os seus tios e os seus irmãos considerarem que chegou o momento, informar-me-ão. Entretanto, vou preparando a minha casa para quando a Salma chegar.

Ouviram-no sem saber o que dizer. Não era momento para felicitações. Mohamed observou Jacob de soslaio, sabendo que estaria a sofrer por Marinna. Também ele sofria. Não só porque sabia que ela ficaria magoada quando soubesse que ele estava comprometido, mas porque ele continuava apaixonado por ela. Por mais que tivesse tentado deixar de a amar, não tinha conseguido, mas agora, mais do que nunca, tinha de cumprir a vontade do seu pai morto.

Uma semana mais tarde Mohamed já estava a trabalhar na pedreira lado a lado com Igor. Anastásia tinha dado o seu consentimento para que o contratassem como segundo capataz. Também ela estimava Ahmed e a sua família e, apesar de Mohamed achar que ela era uma mulher estranha, que parecia sempre ensimesmada nos seus próprios pensamentos, sabia que era boa pessoa.

O tempo passava e Mohamed estava cada vez mais comprometido com a causa do xerife Husayn. Odiava os turcos, os quais responsabilizava pelo assassinio do seu pai, por isso tornou sua a causa do seu cunhado Yusuf Said, casado com a sua querida irmã Aya.

Yusuf visitava Jerusalém de vez em quando para se reunir com Omar Salem, com Hassan e com todos os homens que partilhavam o mesmo sonho: uma nação árabe de Damasco a Beirute, de Meca a Jerusalém.

Em 1917, o xerife Husayn já colaborava com os britânicos e estes com ele. Cada lado defendia os seus próprios interesses e, embora os britânicos se mostrassem ambíguos nos seus compromissos de futuro, o xerife não duvidava de que o ajudariam a construir o reino que substituiria o domínio otomano.

— Tens de vir comigo, Faysal vai surpreender-te. Ganhou o respeito dos ingleses—explicou Yusuf a Mohamed, referindo-se às qualidades do filho do xerife.

— Não posso deixar a minha mãe e a minha avó desprotegidas—lamentou-se ele.

— Mas o teu tio Hassan é o filho mais velho da tua avó Zaida, e está obrigado a protegê-la. Quanto à tua mãe, sei que a tua tia Layla gosta muito dela—insistiu Yusuf.

Mas Mohamed sabia que nem Zaida nem Dina queriam viver com Hassan e Layla.

— Vou falar com o meu tio, talvez possamos encontrar uma forma de ele se encarregar delas, mas deixando-as viver na nossa casa. Essa seria a vontade do meu pai.

— Tens de te juntar a nós e lutar. Não podes ficar à margem a cuidar de duas mulheres.

Mohamed queria fazê-lo. Admirava Faysal, que já nesse momento tinha ganhado a fama de ser um guerreiro tão audaz como inteligente.

— Tens a certeza do compromisso dos britânicos?—perguntou Omar Salem a Yusuf.

— O xerife mantém correspondência com o quartel-general dos britânicos no Cairo. São eles que precisam de nós para derrotar os turcos. Sir Henry McMahon comprometeu-se por escrito com o xerife a, quando a guerra terminar, respeitar a criação de uma nova nação árabe. É por isso que nos fornecem armas e enviaram homens para combater connosco. O próprio McMahon pediu a um dos seus oficiais, T. E. Lawrence, que ajude Faysal. Lawrence tornou-se conselheiro de Faysal e os beduínos respeitam-no.

Mohamed decidiu falar com o seu tio Hassan. Desejava lutar.

— Tio, quero juntar-me ao meu cunhado e combater com as forças de Faysal, mas não me posso ir embora deixando a minha mãe e a avó Zaida sem o cuidado de um homem.

— A minha mãe e a minha irmã são bem-vindas na minha casa. Sabes bem disso. A minha esposa tem estima por elas e os meus filhos respeitam-nas. Podes ir sossegado.

Mas não era isso que Mohamed queria, de maneira que passou um bom bocado a tentar convencê-lo para que as duas mulheres pudessem viver na sua própria casa, sob proteção do seu tio. Hassan resistia. Mas Mohamed fê-lo ver que as duas casas só estavam separadas por alguns metros, e que de facto seria como se vivessem juntos.

Hassan acabou por aceitar a muito custo. Sabia que a sua esposa Layla censuraria que se mostrasse tão permissivo quanto às suas obrigações para com a sua mãe e a sua irmã. Mas ele já tinha dado a sua palavra ao seu sobrinho, por isso mantê-la-ia.

Mohamed não partiu sozinho, os seus primos Salah e Khaled acompanharam-no. Eram jovens e queriam lutar por uma pátria própria.

Hassan continuava a frequentar a casa de Omar Salem, onde obtinha sempre alguma notícia sobre o decorrer da guerra e dos combates entre os homens do xerife e os turcos. Assim, em julho de 1917, celebraram com regozijo o grande sucesso obtido pelas tropas de Faysal em Aqaba, que tinham atacado de surpresa os turcos estabelecidos naquela cidade que se debruçava sobre o mar Vermelho. O eco daquela vitória voou através das areias do deserto. Não era uma vitória menor, e Faysal, após a conquista, pôs à disposição dos britânicos aquele porto perdido. Os ingleses nem tiveram tempo para desembarcar homens e armas que serviriam para consolidar as posições do general Edmund Allenby.

— Allenby conquistará Jerusalém—garantiu Omar Salem a Hassan—,e daqui irá para Damasco, vais ver. Dentro de pouco tempo livrar-nos-emos dos turcos.

— Alá seja louvado—respondeu Hassan.

— Os teus filhos e o teu sobrinho sobreviveram à batalha. Disseram-me que são homens duros, que não têm medo de olhar a morte nos olhos. Anima-te.

Hassan visitava todos os dias a sua mãe e a sua irmã Dina, e nessa noite chegou com o coração mais alegre do que de costume.

— Venho da casa do Omar, temos de estar contentes, os nossos filhos combateram e venceram em Aqaba. Comportam-se de forma corajosa.

— Quando é que regressam?—perguntou Zaida, a quem pouco interessavam as batalhas, mas que desejava o regresso dos seus três netos.

— A guerra não acabou, têm de continuar a lutar.

— Não quero que matem o meu filho—respondeu Dina, enfrentando o olhar de Hassan.

— Quem é que quer perder um filho?! Achas que eu ou a Layla não sofremos com a ausência do Salah e do Khaled? Mas se queremos uma pátria temos de lutar. Devemos estar orgulhosos do seu sacrifício.

— Os turcos levaram o meu marido, só lhes desejo mal, mas não à custa da vida do meu filho. Porque é que não nos vêm visitar?

Hassan tentava explicar às duas mulheres a grandeza da atitude dos seus filhos, mas Dina e Zaida, tal como Layla, só queriam tê-los com elas.»

Marian ficou em silêncio. Fechou os olhos uns segundos e quando os abriu sentiu o olhar intenso de Ezequiel.

— Mas deve conhecer esta história pelo seu pai—murmurou.

— Não com tantos pormenores. Sempre soube que o meu pai tinha uma ligação especial à família Ziad, mas a senhora fez com que eu veja aqueles acontecimentos de outra forma, com outros olhos. Garanto-lhe que esta conversa está a ser muito importante para mim.

— Podemos continuar?

— Sim, claro que sim. Mas temos de comer qualquer coisa. Sabe que horas são? Quase duas horas.

— Desculpe! Comecei a falar e não me dei conta de que o tempo passava.

— Não peça desculpa. Para mim o tempo também passou a voar.

— Deixa-me convidá-lo para almoçar?—Assim que o disse, Marian arrependeu-se.

Ezequiel olhou-a meio divertido, meio surpreendido.

— Isso não é contra as normas? Julguei que não podia confraternizar com o inimigo.

Ela sentiu um calafrio, incomodada.

— Não faça troça, só gostaria de ouvir a sua parte da história e... bem, dada a hora...

— Aceito o seu convite.

— O que lhe parece o American Colony?

— Adoro, mas é demasiado caro, não me parece que a sua ONG lhe pague refeições tão requintadas.

— Não é a minha ONG que paga, sou eu.

— É demasiado longe daqui, não lhe parece?

— Então decida o senhor onde vamos.

— Está bem, vou levá-la a um bom restaurante de peixe, que não fica longe da Porta de Jaffa.

— Na zona judia?

— Em Jerusalém.

Marian conduziu o carro seguindo as indicações de Ezequiel. O restaurante era modesto, mas estava limpo e cheio de gente. Um empregado sorriu ao vê-los e indicou-lhes uma mesa afastada da confusão.

— É a mesa do chefe, mas como hoje ele não está podem sentar-se, já vos trago a ementa.

Pediram hummus, peixe e uma garrafa de vinho branco, e falaram de banalidades enquanto esperavam que lhes servissem a comida.

— A sua neta vai-se zangar comigo—disselhe ela.

— Sim, é verdade, não percebe porque é que lhe estou a dedicar tanto tempo nem qual é o objetivo desta troca de histórias.

— Eu agradeço-lhe o seu tempo—referiu com sinceridade.

— A senhora trouxe um pouco de animação a um velho aborrecido como eu. Quem é que me ia dizer que hoje ia almoçar com uma mulher tão notável como a senhora? Não, não me agradeça nada, estas conversas estão a ser muito interessantes. Sabe uma coisa? Acho que um dos problemas que temos aqui é que não somos capazes de nos colocarmos na pele dos outros. A Marian está a dar-me outra perspectiva do que aconteceu.

— E o senhor está a fazer o mesmo comigo—murmurou ela sem querer.

— Bom, quer que eu comece ou esperamos pela sobremesa?

«Mikhail não sabia como começar a conversa. Ainda lhe custava relacionar-se com naturalidade com Samuel. Acendeu um cigarro enquanto procurava as palavras para lhe dizer que se ia embora.

Tinha passado as duas últimas semanas em Telavive e era ali que tinha decidido que queria viver.

— Bem, diz—pediu-lhe Samuel, impaciente.

— Como é que sabes que te quero dizer alguma coisa?—respondeu Mikhail.

— Chegaste há umas horas, durante o almoço mal prestaste atenção à conversa e, por mais que a Marinna tenha insistido para que lhe contasses como foram estes dias em Telavive, disseste apenas algumas coisas sem importância. Além do mais, pediste-me para sairmos para darmos uma volta.

— Tens razão, era evidente que tinha alguma coisa para dizer. Bem... eu... não quero que te zangues, mas decidi ir para Telavive. É uma cidade nova, na qual há oportunidades. As pessoas estão vivas, não são como as daqui... Não gosto de Jerusalém, é uma cidade que me oprime e não tenho esse amor à terra que outros judeus têm. Estou mais interessado no que se está a passar em Telavive; ali posso dedicar-me à música. Estão a formar-se pequenas orquestras, grupos de música... está tudo por fazer, mas... Acho que Jerusalém está morta, embora os que vivem aqui não o saibam.

Samuel sentiu uma pontada no estômago. Mikhail era a única ligação que tinha com as suas raízes, com a Rússia, com São Petersburgo, com os dias da sua juventude, que ainda perturbavam os seus sonhos.

— Bom, pensava que não gostavas de Telavive. Quando chegámos disseste-me que era só uma aldeia... Bem, percebo que queiras partir. Tens razão, em Telavive terás mais oportunidades do que aqui, embora talvez devesse pensar em voltar para Paris. É lá que podes continuar a tua carreira com sucesso, aqui, de alguma forma, foi interrompida. Como vês, está tudo por fazer.

— A França está em guerra, não é o melhor momento para regressar. Todo o Império Otomano também está em guerra e a Palestina é parte do império—lembrou Samuel.

— Tens razão, mas aqui é tudo diferente. Sei que nos custa entendermo-nos, por isso não tens motivos para compreender as minhas razões. Não sei o que vou decidir no futuro, mas por agora quero ficar na Palestina. Tudo o que se está a passar em Telavive parece-me emocionante. É uma cidade que se está a inventar a si própria, que tem todo o futuro pela frente. Além disso... bom, acho que já é hora de viver a minha própria vida. Sempre que conseguir virei à Horta da Esperança, para mim será o mais parecido com voltar a casa.

Devem ter sentido o mesmo impulso porque se abraçaram. Certamente, naquele momento estiveram mais próximos do que alguma vez tinham estado.

Mikhail dedicou os dias seguintes a despedir-se de Yossi e de Judite, e prometeu a Yasmin que a visitaria. Também quis despedir-se da família Ziad. Mohamed tinha chegado há poucos dias para visitar a sua mãe e a sua avó Zaida, que continuava na cama, doente.

A casa de Mohamed pareceu-lhe sombria. Dina tinha-se fechado na sua dor e aquele sorriso que antigamente oferecia a todos os que a conheciam tinha desaparecido do seu rosto. Mas, como dizia Kassia, Dina era uma mulher forte e como tal sabia que não podia fraquejar, por isso, continuava atenta às necessidades da sua família, e agora era a sua mãe Zaida que precisava dos seus cuidados.

— Tens sorte em poderes partir—disselhe Mohamed em voz baixa.

— Lamento o que se passou, não cheguei a conhecer muito bem o teu pai, mas sei que era uma grande pessoa.

— Sim, e por isso pagou com a sua vida.

Falaram durante algum tempo sobre a guerra e ambos concordaram que seria o princípio do fim do Império Otomano.

— Os velhos não veem, até receiam que o império desapareça, perguntam-se o que aconteceria se assim fosse. Eu digo que chegou a nossa hora, que devemos deixar de ser estrangeiros na nossa terra. Damasco, Beirute, Meca... Por isso é que me juntei às tropas de Faysal; sim, devemos lutar por uma

grande nação árabe.

— Vais ficar durante muito tempo?—perguntou Mikhail.

— Mais um dia, tenho de regressar, não posso ficar por mais que esteja preocupado com a saúde da minha avó. Agora é tempo de lutar.

Mikhail ouvia-o com interesse. Simpatizava com Mohamed e compreendia a sua dor, por isso contou-lhe como tinha perdido o seu pai e como saiu da Rússia nos braços de Irina e de Samuel.

— Como vês, o meu pai também foi assassinado. Nunca recuperei da sua perda. Não me lembro da minha mãe, mas do meu pai sim.

Falaram até que a noite se fechou como um manto sem estrelas e reconfortaram-se um ao outro, conversando sobre os seus entes queridos. No dia seguinte cada um seguiria o seu destino. Mohamed regressaria às fileiras de Faysal para continuar a combater, e Mikhail iria para aquela cidade que os judeus sentiam totalmente sua.

Desta vez, Samuel teve dificuldade em despedir-se de Mikhail. Gostava mais dele do que pensava. Telavive ficava perto, mas mesmo assim tinha uma sensação de perda.

— Gostava de ter conhecido melhor o Mohamed—confessou-lhe Mikhail.

— É um bom rapaz—garantiu Samuel.

— Sabes uma coisa? Percebo que tenha vingado o seu pai. Se eu tivesse podido fazê-lo...

— Terá de viver para o resto da sua vida com... com a morte desses homens.

— Mas ele tem razão, há momentos na vida em que a única forma de nos salvarmos a nós próprios é matando ou morrendo, e o Mohamed optou pela única opção que lhe restava. Se tivéssemos sido amigos, tê-lo-ia acompanhado.

— Sim, foi isso que o Mohamed me disse, mas estão a esquecer-se do principal: a consciência.

Mikhail não respondeu, não queria discutir com Samuel agora que partia, por isso foi à procura dos moradores da Horta da Esperança.

Jacob ofereceu-lhe dois livros de Dostoievski e Ariel surpreendeu-o com um violino que ele próprio tinha feito às escondidas.

— Não é muito bom, mas assim não te vais esquecer de nós—e depositou-lhe o violino nas mãos.

Mikhail emocionou-se. Tinha chegado a estimar aquele homem rude que, no entanto, parecia comover-se quando o ouvia ensaiar com o seu violino e que à noite ficava ao pé do lume a ler os livros que Jacob lhe emprestava.

Kassia ofereceu-lhe uma camisola que ela própria tinha feito e Marinna um cachecol.

— Em Telavive não está tanto frio como aqui, mas vai-te ser útil—disse Kassia enquanto o abraçava.

Rute tinha-lhe preparado uma cesta com comida, e repetiu várias vezes que não tivesse qualquer problema em regressar se as coisas não corressem como ele esperava.

Nenhum o acompanhou à porta sabendo que Samuel queria despedir-se dele a sós.

— Voltaremos a ver-nos dentro de pouco tempo—prometeu-lhe Mikhail.

— Caso contrário, irei eu a Telavive—respondeu Samuel em tom de ameaça.

— Não vai ser preciso.

— E escreve à Irina, ela está sempre preocupada contigo.

— Vou fazê-lo, nunca deixei de lhe escrever.

Abraçaram-se e depois Samuel deu meia-volta para que Mikhail não o visse emocionado. E a vida continuou.

Parecia que aquele ano de 1917 ia ser pródigo em acontecimentos. Como o dia em que Jacob chegou a gritar "O czar abdicou", enquanto lhes mostrava um jornal que acabava de comprar na cidade.

Samuel e Ariel rodearam-no ansiosos por conhecer os pormenores da notícia, enquanto Kassia

começava a chorar.

— Mas Kassia, estás a chorar pelo destino do czar?—recriminou-a Rute.

— Não é pelo czar, não me interessa o que possa acontecer ao czar Nicolau; choro por nós, que tivemos de fugir deixando as nossas casas para sobreviver.

Jacob explicou-lhes o conteúdo do artigo do jornal: Nicolau II não tinha tido outra opção senão abdicar. Não se sabia qual poderia ser o seu destino. A revolução estava a triunfar na Rússia, e a vontade dos soviets antepunha-se à do governo, que cada vez menos controlava o país.

— E se regressássemos?—Na voz de Kassia misturavam-se a ansiedade e a emoção.

— Regressar? Queres regressar à Rússia? Não, está fora de questão, porque é que o devíamos fazer?—perguntou Jacob estranhando a reação da sua mulher.

— A revolução está a triunfar e, se assim for, nós, judeus, não temos nada que temer. Muitos dos bolcheviques são judeus... se o czar abdicar já não vão perseguir nem os judeus nem os socialistas como nós.

— Este é o nosso lar, a terra perdida que recuperámos. Somos judeus, Kassia—respondeu Jacob à sua esposa.

— Vilnius é uma cidade muito bonita—respondeu ela a chorar.

Nem Samuel nem Ariel, nem sequer Rute, se atreviam a intervir naquela discussão entre Jacob e Kassia. Estavam surpreendidos ao vê-la chorar; ela, que era capaz de trabalhar de sol a sol, de dar força aos outros e que tinha tornado a Horta da Esperança num lar para todos eles, agora mostrava sinais de fraqueza. Samuel pensou nos silêncios de Kassia, pois naqueles anos nunca tinha proferido uma única palavra que refletisse a nostalgia que sentia pela sua Vilnius natal.

— Vou escrever ao meu amigo Konstantin Goldanski. Ele vai-me contar mais pormenores sobre o que se está a passar, não me conformo com o que os jornais relatam—disse Samuel tentando desviar a atenção de Kassia.

— A Rússia livrou-se do tirano, temos de celebrar—propôs Ariel.

Fizeram-no, embora com menos alegria do que aquela que tinham imaginado. A guerra era uma fonte de angústia permanente e a abdicação do czar não parecia ser suficiente para apagar a preocupação. Além disso, à exceção de Kassia, nenhum se tinha atrevido a dizer em voz alta que a queda de Nicolau II os colocava numa encruzilhada: regressar à Rússia ou esquecê-la para sempre. Sim, tinham sentido uma forte dor ao emigrar e agora que se abria uma porta para o regresso voltavam a sentir a mesma dor. É possível amar duas pátrias ao mesmo tempo?, perguntavam-se sem se atreverem a formular essa questão em voz alta.

A carta de Konstantin demorou a chegar. Quando por fim Samuel abriu o envelope cor de marfim com a divisa dos Goldanski, leu:

"Meu querido Samuel:

Receber notícias tuas encheu-nos de alegria. A minha irmã Katia queixa-se do teu esquecimento por mais que lhe diga que, apesar da distância, estaremos sempre unidos pela amizade.

Quando esta carta chegar já deverás saber que há uma guerra civil na Rússia. Não é que eu não esteja de acordo com a abdicação do czar. O seu reinado foi um desastre para a Rússia e ele é o responsável direto pela morte de milhões de homens e pelo sofrimento das suas famílias.

Esta guerra é uma loucura que vai deixar tanta dor em todos os adversários que dificilmente as feridas poderão sarar.

Não sei o que vai ser da Rússia e, portanto, também não sei o que vai ser de nós. Sabes que sentia simpatia pelo socialismo, mas garanto-te que alguns bolcheviques me fazem tanto medo como o que sentia dos polícias do czar.

Lamento dizer-te que esta guerra voltou a não ter compaixão pelos judeus. O incompetente governo do czar encontrou neles o bode expiatório dos seus fracassos na frente de batalha. Como grande parte dos nossos vivem em províncias limítrofes com a Alemanha, foram acusados de estar ao serviço do kaiser Guilherme. Sim, o kaiser, o "querido primo Willi" do czar. De maneira que no meio da tragédia da guerra muitos judeus sofreram novos pogroms. O czar e o grão-duque Nicolau Nikolaevich voltaram a provocar um êxodo de judeus.

Sabes bem que nunca me 'senti' judeu, talvez porque só sou meio judeu e porque o meu querido avô estava empenhado em apagar as diferenças entre os homens resultantes da religião.

Hoje muitos judeus da Rússia rezam para a que a revolução triunfe e para que aniquile para sempre a lembrança dos czares, que tanto sofrimento causaram.

Não tenho a certeza do que é que o futuro nos reserva. Como te disse na minha última carta, casei, e a minha esposa, a Vera, tem-me pedido com insistência para irmos algum tempo para a Suíça, mas a minha irmã Katia nega-se a acompanhar-nos e eu não quero deixá-la sozinha nestas circunstâncias.

Sim, sei que a Katia já não é uma criança, mas sinto-me responsável por ela, por isso continuo a viver aqui com preocupação os acontecimentos sem saber o que nos espera."

Samuel leu a carta aos seus amigos e Jacob aproveitou para repreender Kassia.

— Tens noção do que teria acontecido se te tivesse dado ouvidos e regressássemos a Vilnius? Outra perseguição de judeus! Mais uma!

— Mas os bolcheviques estão a ganhar—respondeu Kassia—e nós somos socialistas. Ninguém nos vai fazer mal.

Jacob não respondeu. Por mais que tivesse saudades da Rússia, agora Jerusalém era a sua pátria.

A declaração de Lord Balfour em novembro daquele ano de 1917 apanhou-os de surpresa. Os judeus da Palestina conheciam a boa relação do doutor Chaim Weizmann com o governo britânico, mas nunca teriam imaginado que se poderia concretizar naquela declaração de princípios, que implicava a concordância dos britânicos para que na Palestina se estabelecesse "um lar para o povo judeu".

Na Horta da Esperança celebraram este facto, embora menos do que o triunfo da revolução bolchevique.

— Temos de ajudar os britânicos—propôs Jacob.

— E de que maneira é que o vamos fazer? Temos de ser prudentes—respondeu Samuel.

— Por acaso não vês o que significa a Declaração de Balfour? Se o Império Otomano for derrotado, as potências europeias dar-nos-ão esta terra.

— Nunca nos darão esta terra. Dizem apenas que podemos continuar onde estamos—respondeu Samuel.

— Não, não diz isso, promete muito mais. Achas que uma declaração como a que o ministro britânico dos Negócios Estrangeiros fez é apenas um papel? Por acaso não pensaste que a Palestina pode voltar a ser a nossa pátria? Expulsaram-nos, arrebataram-na das nossas mãos, e voltámos.—Os olhos de Jacob iluminaram-se.

— Não é que possa ser o nosso lar, na verdade já é, por acaso não estamos aqui? Mas isso não significa que seja mais do que um lar, apenas um lugar onde possamos viver—objetou Samuel.

— Uma pátria, Samuel, muitos de nós aspiram a voltar a ter uma pátria—respondeu Ariel.

— Julgava que para nós o mais importante eram outras coisas, a igualdade, a liberdade... Eu não vim aqui à procura de uma pátria.

— Então? Porque vieste? Porque não foste para outro lugar? Vieste porque estamos feitos desta lama que pisamos, porque esta é a pátria que nos foi arrebatada. Já chegou o momento de recuperarmos o que é nosso—insistiu Jacob.

— Surpreendes-me, Jacob, antes não sabia que pensavas assim. Dizemo-nos socialistas, por isso lutamos para que todos os homens sejam iguais e respirem liberdade onde quer que estejam, para além das pátrias.

— Já não me engano. Quero que este seja o lar da minha filha e dos meus netos. Quero que não voltem a ser estrangeiros em nenhuma terra, que não os expulsem nem os persigam dizendo que são diferentes. Daqui, da nossa própria pátria, fomos expulsos, mas regressámos, e alguns de nós estão dispostos a ficar para sempre.

— Vá, vá, não discutam. Celebremos a declaração de Lord Balfour, é mais do que podíamos esperar dos britânicos. E tu, Jacob, explica-nos porque é que Lord Balfour se mostra tão generoso connosco—intercedeu Kassia para acabar com a discussão.

— Pelo que sei, o doutor Weizmann e Lord Balfour conhecem-se há algum tempo. Weizmann é um homem importante em Inglaterra, nada mais nada menos do que catedrático de bioquímica na Universidade de Manchester. Tem amigos poderosos na alta sociedade britânica. Contam que se relaciona com o primeiro-ministro, com David Lloyd George, Herbert Samuel e Winston Churchill. É um homem muito influente.

— Falta-te contar que, além disso, está a prestar uma valiosa contribuição na guerra—referiu Samuel com sarcasmo.

— Sim, parece que Weizmann descobriu uma fórmula para produzir acetona em grande escala, tu deves saber disso já que és químico—respondeu Jacob um tanto ou quanto irritado.

— Acetona? E para que é que os britânicos precisam de acetona?—perguntou Rute com curiosidade.

— É um dissolvente necessário para produzir explosivos de cordite—explicou Samuel.

Com a passagem dos meses, Samuel acabou por aceitar que tinha nascido uma cisão entre Jacob e ele. Às vezes surpreendia Jacob e Ariel a conversarem e magoava-o que mudassem de assunto quando ele chegava. Não se atrevia a perguntar-lhes sobre o que é que murmuravam ou em que é que andavam metidos, mas sabia que, fosse o que fosse, não contavam com ele. Essa distância com os seus amigos da Horta da Esperança aproximou-o mais de Yossi, o filho de Abraham e Raquel, que além do mais era uma fonte permanente de informação.

Yossi, tal como o seu pai, tinha entre os seus pacientes alguns dos homens mais importantes de Jerusalém, e aqueles homens que punham as suas vidas nas mãos do médico judeu acabavam por soltar a língua e por torná-lo participante das suas preocupações.

— Porque achas que a Grã-Bretanha decidiu "oferecer-nos" um lar?—perguntou-lhe Samuel.

— Acho que, além de ser conveniente para os seus interesses, no seu âmago a Bíblia também tem o seu peso.

— Não te percebo...

— Para os anglo-saxónicos a Bíblia é parte fundamental da sua formação, de maneira que a conhecem bem e não têm dúvidas de que esta é a terra dos judeus. Mas, meu amigo, os britânicos não deram este passo sozinhos; pelo que sei, os franceses estão de acordo com a declaração de Lord Balfour, e garantem-me que o presidente dos Estados Unidos teria dado a sua aprovação. A Bíblia também está muito presente entre os americanos e eles também não têm dúvidas de que esta deve ser a terra dos judeus.

— É uma resposta original, mas duvido que tenha que ver com a realidade... Não, não posso acreditar que a sua fé na Bíblia os leve a dar esse passo.

— Às vezes o mais simples é a verdade.

Samuel decidiu dedicar todo o seu esforço ao laboratório que tinha posto em funcionamento pouco tempo depois de voltar de Paris. Yossi Yonah tinha-o convencido a produzir medicamentos.

— És mais farmacêutico do que químico, porque é que aqui não ganhas a vida com os teus conhecimentos? Faz-nos falta quem se ocupe da dor dos doentes.

De maneira que voltou a utilizar o antigo alpendre como laboratório, no qual passava a maior parte do dia. Yossi tinha-o recomendado a um farmacêutico vindo de Moscovo chamado Netanel. O homem tinha chegado depois de fugir da fúria do regime czarista. Na capital era um farmacêutico famoso, viúvo e com dois filhos comprometidos com os bolcheviques. Um deles tinha morrido na prisão, o outro há algum tempo que lhe tinha pedido que fugisse da Rússia.

— Quando a revolução triunfar voltarás, mas agora, para que eu possa lutar sem te pôr em perigo, devias sair daqui—disselhe.

Netanel não queria abandonar a sua casa e os seus cada vez mais poucos pertences, menos ainda queria estar longe do único filho que lhe restava. No fim, tinha-se rendido. Não queria continuar a baixar a cabeça, temendo a chegada inesperada da polícia czarista, vendo a fúria desenhar-se nos olhos de alguns dos seus vizinhos que apontavam para os judeus como culpados pelas derrotas sofridas pela Rússia na frente de batalha. De maneira que preparou a viagem às escondidas e não comentou nada, nem sequer com os vizinhos, até à véspera de viajar para Odessa para embarcar rumo à Palestina. Agora dava graças a Deus por ter tomado aquela decisão, que dois anos antes o tinha levado a Jerusalém. Chegou sem conhecer ninguém, com uma morada, a de um velho médico chamado Abraham Yonah, que diziam que ajudava os judeus como ele. O mundo desabou quando chegou a casa de Abraham e a mulher que lhe abriu a porta lhe anunciou que o velho médico tinha morrido, e só recuperou a esperança quando conheceu o seu filho, Yossi Yonah.

Para Samuel foi uma sorte que Yossi lhe apresentasse Netanel. Lembrava-lhe o seu pai. Netanel era um homem acostumado a sofrer. Simpatizaram de imediato um com o outro e Samuel ofereceu-lhe alojamento na Horta da Esperança. Com a sua ajuda pôs o laboratório a funcionar. Trabalhava de sol a sol. Também contratou Daniel, o sobrinho da esposa de Yossi, Judite.

Daniel era apenas uma criança, embora fosse espletado e bem-disposto, que a sua mãe, Miriam, teria gostado que viesse a ser rabino. Mas o rapaz não mostrava qualquer interesse pela religião e desafiava a mãe, negando-se a estudar. Miriam ficava desesperada com ele, embora o desculpasse porque sabia que na alma do seu filho pesava a perda do pai. O seu marido tinha morrido no início da guerra, servindo nas fileiras do exército turco, e ela tinha ficado viúva com um filho adolescente. Judite ajudava ao máximo a sua irmã mais nova e convenceu o seu marido para que este, por sua vez, recomendasse o seu sobrinho Daniel a Samuel.

— O Daniel vai continuar a ir à escola, mas, já que não quer ser rabino, pelo menos que aprenda algum ofício. Podia ajudar o Samuel no laboratório, fala com ele.

Para além de Netanel e Daniel, Samuel tinha integrado também Marinna.

— Mas eu não sei nada sobre medicamentos—desculpou-se ela.

— Vais aprender. Precisamos de alguém que se encarregue de que tudo funcione. Tu serás o nosso chefe—propôs-lhe Samuel.

Kassia incentivou a sua filha, não queria vê-la o resto da vida a magoar as costas colheita após colheita. Marinna merecia algo mais.

Rapidamente os ilustres de Jerusalém começaram a procurar os remédios que saíam do pequeno laboratório de Samuel.

— Já te disse que o laboratório seria um bom negócio—lembrou-lhe Yossi.

Sem a guerra, Samuel teria podido sentir-se quase feliz. Mas à Horta da Esperança chegavam igualmente os ecos da guerra, eles também pagavam a sua parte das consequências derivadas do conflito.

Num amanhecer, a polícia de Cemal Paxá invadiu a Horta da Esperança. Bateram-lhes com

brutalidade e ameaçaram as mulheres enquanto atavam as mãos de Ariel e de Jacob.

— Tu também não te vais livrar—disseram ameaçadores a Samuel, que ao exigir uma explicação recebeu como resposta um murro que o fez cambalear.

Quando a polícia se foi embora levando Jacob e Ariel, Samuel tentou consolar Kassia e Rute, que permaneciam em silêncio a chorar.

— Vou agora mesmo saber porque é que os prenderam. Deve ser um mal-entendido. Nem sequer há dois dias encomendaram-me uns medicamentos para um dos lugares-tenentes de Cemal Paxá. Não se preocupem, vão libertá-los de imediato.

Mal amanheceu, foi à casa de Yossi em busca de ajuda e de conselhos.

— Vou ver esse oficial turco que me apresentaste e pedir-lhe-ei que liberte o Jacob e o Ariel—disselhe Samuel.

— Desde que o general Allenby entrou em Gaza, Cemal Paxá enlouqueceu ainda mais.

— Sim, imagino que o bombardeamento britânico sobre o quartel-general dos alemães na Fortaleza Augusta também não tenha contribuído para acalmar os ânimos dos oficiais de Cemal.

Acompanhado por Yossi, Samuel foi à casa do oficial, que os recebeu de má vontade. O homem ouviu o que tinham para dizer e ordenou-lhes que aparecessem no quartel umas horas mais tarde. Mas não lhes prometeu nada.

Quando regressaram ao final da manhã, o oficial estava de mau humor.

— Com que então vives com espiões e atreveste a vir aqui pedir clemência...

— Espiões? Não... não... estás enganado. Os meus amigos...

Mas o oficial não o deixou continuar. Levantou-se e deu um pontapé a uma cadeira para depois enfrentar Samuel.

— Vamos enforcar os teus amigos e a ti também se insistires em fazer pedidos por eles. São uns cães que trabalham para os ingleses.

— Deve haver algum engano... Garanto-te que os meus amigos são inocentes em relação a tudo aquilo que dizes.

O oficial abriu a porta e fez entrar um homem de aspeto anódino que nem sequer olhou para eles. Samuel julgou já ter visto aquele homem em algum lugar, mas onde? Ou era apenas da sua imaginação?

— Diz o que sabes sobre os homens detidos há umas horas.

— São espiões. Trabalham para os britânicos há meses. Passam-lhes informação sobre os pontos estratégicos da defesa da cidade, do número de tropas, das idas e vindas de Cemal Paxá. Dão toda essa informação a outro judeu. Um homem que tem um hotel que não fica longe da Porta de Jaffa. Esse homem fá-la chegar aos britânicos.

— Estás enganado—afirmou Samuel com convicção.

— Enganado, eu? És tu que estás. Eles não confiavam em ti, por isso não sabes nada do que faziam, caso contrário agora estarias aqui detido—respondeu o homem com indiferença.

— O que é que lhes vai acontecer?—perguntou Yossi.

— Serão enforcados, é o que os traidores merecem.

Samuel e Yossi suplicaram ao oficial que fizesse o possível para salvar a vida de Jacob e Ariel e arriscaram-se oferecendo-lhe dinheiro. O oficial não se comprometeu.

— São traidores e têm de pagar, tal como os outros pagaram.

Saíram do quartel cabisbaixos temendo o pior. Há pouco tempo, vários judeus tinham sido enforcados sob a acusação de espiares para os Aliados. Um tal Aaron Aaronsohn tinha organizado um grupo de espionagem que denominava "Nili", mas todos tinham sido detidos e os turcos não mostraram piedade nem para com as mulheres que faziam parte da organização.

— Discuti com o Jacob por causa do seu interesse em ajudar os Aliados—explicou Samuel a Yossi.

— Fizeram o que tinham de fazer, temos de tomar partido. Eu também discuto com a minha mãe, com a minha mulher e com a minha cunhada Miriam. Elas são sefarditas, os seus antepassados estabeleceram-se em Salónica e puderam viver em paz dentro do Império Otomano. Enquanto noutros lugares os judeus eram perseguidos, o sultão recebia-os. Os turcos nunca se importaram com a nossa religião, só queriam que pagássemos os impostos, e por isso permitiram-nos viver em paz. Compreendo a sua lealdade, mas o império está a morrer e há algum tempo que os turcos também nos veem como seus inimigos. Cemal Paxá é um sanguinário, quantos de nós já deportou? O Jacob e o Ariel optaram por defender o futuro.

Samuel estava surpreendido com as palavras de Yossi, mas não lhe respondeu, precisava de pôr as suas emoções em ordem, porque não conseguia suportar a ideia de Jacob e Ariel serem enforcados.

De regresso à Horta da Esperança, encontrou Igor, que estava à sua procura preocupado com o destino do seu pai.

— O que estás aqui a fazer? Disseste para ires à pedreira, que eu me ocuparia do teu pai—repreendeu-o Samuel.

— Achas que posso ir trabalhar como se nada fosse? Diz-me, de que é que acusam o meu pai?

Explicou-lhe e viu como a dor se refletia nos olhos de Igor.

— Enforcá-los-ão, como a esses desgraçados do Nili. Não lhes tremeu a mão no momento de colocarem a corda no pescoço das mulheres e também não lhes tremerá para enforcarem o meu pai e o Jacob.

— Tu sabias que ele trabalhava para os britânicos?—quis saber Samuel.

Igor demorou a responder. Parecia estar à procura das palavras.

— Não era difícil imaginar, tu não ouvias o que diziam? Só um cego é que podia não ver que o Jacob e o Ariel estavam comprometidos com os britânicos. Um dia perguntei ao meu pai se estava a fazer alguma coisa. Ele não gostava da mentira, por isso pediu-me que não lhe perguntasse, era a sua maneira de me dizer que sim, mas, sobretudo, de me manter a salvo.

— Não me parece que se possam livrar da força. Oferecemos ao oficial tudo o que temos, mas não se quis comprometer. Amanhã entregar-lhe-emos uma boa quantia de dinheiro, tudo o que consigamos juntar. Se servisse de alguma coisa eu próprio iria implorar a Cemal Paxá. O Yossi prometeu ajudar-nos, talvez consiga que os deportem como fizeram ao Louis e ao Jeremias.

— Sei que não se vão salvar. Mas também sei que o meu pai prefere morrer por ter lutado pelo que acredita do que olhar para a vida como um espectador, que é isso que tu fazes.

O rosto de Samuel corou. Sentia vergonha e ira pelas palavras de Igor. Vergonha porque a verdade lhe doía, tinha escolhido o papel de espectador, e ira porque Igor se tinha atrevido a repreendê-lo.

— Todos temos a nossa história—continuou Igor.—O meu pai nunca vos contou tudo o que sofremos em Moscovo. Sofremos duplamente por sermos judeus e socialistas. Éramos um duplo inimigo para o czar e tivemos de fugir. Mas o meu pai nunca se rendeu. Não veio aqui apenas para sobreviver, já sabes como trabalhou para concretizar todas as suas ideias socialistas. Não tenho a certeza de que tu sejas um revolucionário, de que na verdade sejas socialista, apesar de na Horta da Esperança termos tornado realidade o que parecia uma utopia.

— Oxalá possamos conseguir que sejam deportados e assim salvem a pele—murmurou Samuel sentindo-se muito cansado.

— Já perdemos a conta a todos os judeus que Cemal Paxá mandou deportar... mas não vais conseguir, ficarão com o nosso dinheiro e não serão devolvidos com vida—respondeu Igor com a voz enfraquecida.

Rute e Kassia tentavam conter as lágrimas, mas mal conseguiam. Dina e a sua cunhada Layla tinham-se juntado a elas naquela longa vigília.

— O meu irmão Hassan garante que os britânicos dominarão a cidade dentro de pouco tempo. Oxalá consigam, eles libertarão o Jacob e o Ariel—disse Dina para consolar as duas mulheres.

— Ouvi dizer que alguns soldados turcos estão a desertar—acrescentou Layla.

— Já não suporto esta cidade!—gritou Kassia.

— Acalma-te, não vamos conseguir nada a gritar—disse Rute pegando-lhe na mão.

— Não suporto o barulho das explosões, estamos há dias a ouvir os aviões... Dizes que os britânicos os vão libertar! Talvez sejam eles que acabem por nos matar com as suas bombas, estão a destruir a cidade!—Na voz de Kassia misturavam-se o medo e a raiva.

Marinna aproximou-se de Samuel e fez-lhe um sinal para que a seguisse até ao laboratório, longe dos ouvidos dos outros.

— Diz-me a verdade, podes salvar o meu pai e o Ariel?

— Não sei, o Yossi e eu fizemos tudo o que estava nas nossas mãos, mas não nos garantiram nada. Na cidade há uma grande confusão, os turcos estão prestes a perder Jerusalém. Mas não te quero mentir, não te posso garantir que o teu pai se salve.

No dia seguinte, quando foi com Yossi à procura do oficial de Cemal Paxá, disseram-lhes que estava a combater. Perguntaram pelos prisioneiros a um soldado e este encolheu os ombros.

— Ontem à noite enforcaram alguns. Já temos problemas suficientes para agora nos preocuparmos com os traidores.

Samuel estremeceu. Yossi insistiu, deslizando umas moedas pela mão do soldado, para saber alguma coisa sobre o destino de Jacob e de Ariel. O soldado mostrou-se insolente, mas acabou por aceitar. Deixou-os sozinhos numa divisão e só regressou algum tempo depois.

— Eram uns traidores, enforcaram-nos. E agora, se não querem acabar como eles, vão-se embora. Cemal Paxá devia ter acabado com todos os judeus ou deportá-los como fizemos com os arménios. Vocês não merecem a nossa generosidade.

Partiram sem responder. Não se atreveram a reclamar os corpos de Jacob e de Ariel. O exército turco estava prestes a perder a cidade e não há momento mais perigoso do que o da retirada das tropas derrotadas.

Foi Yossi que explicou a Kassia e a Rute que os seus maridos tinham morrido enforcados. Dina e Layla abraçaram-se às duas mulheres tentando acalmar a sua dor. Igor tinha emudecido e, tal como Marinna, permaneceu quieto, sem lágrimas e em silêncio.

Samuel aproximou-se deles sem saber o que dizer. Teria gostado de chorar e de gritar como Kassia, supunha que isso o aliviasse. No entanto, o que se esperava dele era que permanecesse firme e sereno, capaz de dizer a todos o que era preciso fazer, embora nem ele próprio soubesse o que podiam ou deviam fazer a partir daquele momento.

O que mais desconsolava as viúvas era não poderem recuperar os corpos dos seus maridos.

— Como vamos chorar um caixão vazio?—gemeu Kassia.

Igor tinha ido à cidade tentar encontrar quem o ajudasse a procurar os corpos de Ariel e de Jacob, mas em Jerusalém reinava a confusão. Os aviões britânicos tinham bombardeado o quartel-general turco. Ninguém se preocupava com o paradeiro dos corpos daqueles homens. Os oficiais turcos discutiam se se deviam retirar ou render. A noite de 9 de dezembro caiu em Jerusalém. Os Aliados ainda não tinham ganhado a guerra, mas pelo menos os britânicos tinham a Cidade Santa nas suas mãos.

Yossi não tinha um minuto de descanso. A cidade tinha sido um campo de batalha sobre o qual tinham ficado centenas de pessoas desamparadas. Muitas tinham morrido de fome desde que o conflito tinha começado. E a fome continuava a fazer as suas vítimas diárias.

— O único remédio para a sua doença chama-se comida—dizia Judite, a sua mulher, que o ajudava a

atender os doentes que se amontoavam diante da porta da sua casa.

Mas não se morria só de fome, as doenças venéreas também ceifavam vidas e levavam ao desespero.

— E chamam-na Santa! Não há cidade com mais prostitutas do que esta. Não consigo suportar ver estas meninas doentes—dizia diante das centenas de meninas que tinham tentado sobreviver à guerra prostituindo-se e que iam à sua casa em busca de algum remédio que as aliviasse das sequelas da sífilis.

Pediram ajuda a Samuel. Não havia medicamentos suficientes para auxiliar tantos desgraçados que iam à casa do médico.

Samuel e Netanel, com a ajuda de Daniel, trabalhavam dia e noite no laboratório. Os doentes procuravam abrigo nos conventos que abriam as suas portas para socorrerem tantos desgraçados.

Marinna tinha-se refugiado no silêncio, mas não deixou de trabalhar. Era a única coisa que apaziguava a dor insuportável que sentia pelo desaparecimento do seu pai. Kassia também não falava, parecia um espectro que vagueava pela casa num contínuo lamento.

Rute, igualmente magoada, tinha mais controlo, e Igor, por sua vez, procurava alívio a trabalhar na pedreira. A cidade era asfixiante para todos, aquela velha cidade com a qual os seus antepassados tinham sonhado durante séculos. Nela só havia miséria. Miséria e dor.

Samuel dedicava todas as suas forças ao laboratório. Tinha emagrecido e tentava evitar os pensamentos sombrios, mas nem sempre o conseguia.

"Tenho quarenta e oito anos, e à minha volta só vi dor. É esta a única coisa que o destino me reserva? Tenho de continuar a perder entes queridos?" Eram estas as perguntas que fazia a si próprio e para as quais não encontrava resposta. Sentia-se vazio.

Numa tarde em que tinha ido à casa de Yossi levar um carregamento de medicamentos, este contou-lhe que tinha conhecido o capitão Lawrence.

— Apresentaram-mo, mas só trocámos umas palavras.

— Como é?

— É baixo de estatura mas forte, tem um aspeto muito britânico, os olhos azuis, frio, distante. Pelo que consegui ouvir é extremamente inteligente. Faysal, o filho do xerife, confia totalmente nele. E Lawrence honra essa confiança, mas imagino que num dado momento tenha de tomar partido.

— O que é que queres dizer?—perguntou Samuel com curiosidade.

— Em algum momento os interesses britânicos deixarão de coincidir com os interesses árabes e Lawrence ver-se-á no meio, terá de optar entre duas lealdades: a Inglaterra ou aos seus novos amigos.

— E qual escolherá?

— É um homem peculiar, mas se tivesse de apostar eu diria que a Inglaterra.

— Dizem que é um grande estratega e que muitos dos êxitos militares dos árabes se devem aos seus conselhos—referiu Samuel.

— Os árabes têm uma causa pela qual lutar e ele também—respondeu Yossi—,e agora, meu amigo, quero convidar-te para jantar no próximo sabat. A Judite insiste para que venhas. A sua irmã Miriam está-te muito agradecida por teres o Daniel contigo. O rapaz está contente a trabalhar como teu ajudante.

— A Judite terá de me desculpar, não posso deixar a Kassia nem a Rute. Nenhuma das duas está bem. Durante a semana o trabalho consegue mantê-las ocupadas, mas quando chega o sabat vão-se abaixo. O Igor e a Marinna fazem o que podem, mas já têm que chegar ao dominarem a sua dor. Eu também não sou uma boa companhia, não consigo deixar de pensar no Ariel e no Jacob... Se pelo menos tivéssemos recuperado os seus corpos...

— Têm de deixar de se atormentar. Sei que não é fácil ultrapassar o que aconteceu..

— Não, não é. Não há dia em que não me pergunte que sentido é que faz tanto sofrimento.

— Vou dizer à Judite que deixe passar um pouco o tempo. E agora conta-me, como está a correr com

o Netanel?

— É um bom homem e um excelente boticário. O laboratório não funcionaria sem ele. Adaptou-se bem a viver na Horta da Esperança, e mesmo fazendo troça ao dizer que somos um pequeno soviete e que o seu filho ficaria surpreso se o visse a viver entre bolcheviques. Acho que o Netanel não simpatiza muito com eles, embora o seu filho seja um deles.

Quando estavam a despedir-se, Judite interrompeu-os.

— Vem! A tua mãe desmaiou.

Yossi e Samuel correram para o quarto da velha Raquel. A mulher respirava com dificuldade e a sua pulsação era muito débil. Estava a morrer.

Yossi não podia fazer grande coisa. Raquel estava há algum tempo doente e a escassez de alimentos durante a guerra também tinha afetado a casa dos Yonah, embora Yossi tentasse sempre que a sua mãe e a sua filha Yasmin ficassem com a melhor parte do pouco que tinham para comer.

Samuel ficou a velar a agonia de Raquel. E enquanto a observava em silêncio lembrou-se dela naquela primeira vez em que a viu. Então, ele era mais jovem e acabava de chegar a Jerusalém com Ahmed, que levava nos seus braços o pequeno Ismail, que Abraham não conseguiu salvar da morte que lhe estava predestinada. Tinham passado muitos anos desde aquele dia e agora assistia à perda de Raquel, sentindo que já não lhe restava muito espaço no coração para albergar mais sofrimento.

Raquel morreu mal caíram as primeiras sombras da noite. Tinha passado as últimas horas junto aos dois seres que mais amava, o seu filho Yossi e a sua neta Yasmin; ambos lhe acariciavam o rosto e as mãos, contendo as lágrimas com medo de que a anciã se pudesse dar conta.

A guerra continuava à volta de Jerusalém enquanto os ingleses tentavam organizar o quotidiano dos hierosolimitanos.

A Cidade Santa voltava a ter dono. Durante séculos foi passando de mão em mão, e agora estava na dos britânicos.

A única boa notícia que tiveram naqueles dias foi saber que Mohamed estava vivo. Tinha lutado com as tropas de Faysal a ajudar o general Allenby a libertar Jerusalém.

Mohamed tinha sobrevivido a todas as batalhas nas quais tinha combatido até ao momento, mas isso não aconteceu com o seu primo Salah. Khaled, o irmão mais novo, continuava vivo.

Agora eram os habitantes da Horta da Esperança que tinham de consolar a família de Dina. Hassan estava desolado com a perda do seu filho mais velho e Layla parecia ter enlouquecido.

— Sabes uma coisa, Samuel? Choro a morte do meu sobrinho, mas ao mesmo tempo não posso deixar de dar graças a Alá por ter sido ele e não o Mohamed a cair na frente—confessou-lhe Dina.

— A guerra torna-nos egoístas, só desejamos continuar a viver um dia mais—respondeu ele.

— Ainda não consigo dormir à noite. Continuo a chorar o Ahmed, mas não teria suportado perder outro filho.

Layla tinha perdido a cordura. Negava-se a sair da cama e gritava que queria morrer. Hassan estava desesperado, sem saber muito bem o que fazer.

Kassia e Rute passavam grande parte do dia a ir e vir à casa de Hassan para tomarem conta de Layla. Partilhavam o seu desgosto e cuidavam dela como se fosse uma menina.

— A Dina é mais forte do que todas nós—afirmou Kassia numa noite.

Estavam a jantar e a comentar os acontecimentos desse dia.

— Compreendo que a Layla tenha enlouquecido—disse Rute.—Quando penso no Ariel acho que eu também vou ficar louca.

— Sim, a Dina é uma mulher forte e corajosa que antes de perder o seu marido, o Ahmed, viu morrer os seus dois filhos. O pequeno Ismail e o outro que nasceu morto. Ela também sofreu muito—respondeu

Samuel.

Mohamed mal teve tempo de estar em casa com a sua avó e com a sua mãe. Os homens de Faysal tinham de continuar o caminho para Damasco e derrotar as tropas de Cemal Paxá, que agora governava a partir daquela capital, mas foi à Horta da Esperança para ver Samuel. Não falaram muito, só se congratularam pela sorte de estarem vivos.

Não seria a única surpresa. Numa tarde Jeremias também apareceu na Horta da Esperança. Samuel e ele abraçaram-se emocionados. As mulheres insistiram em que comesse. Estava mais magro e com o cabelo cheio de fios brancos.

— Tive a sorte—explicou-lhes—de ser deportado para o Egito. Dali viajei para Inglaterra. Em Londres conheci alguns homens amigos de Vladimir Jabotinsky, já devem ter ouvido falar dele, é um homem singular, tanto como o doutor Weizmann, e graças à sua insistência, os britânicos acabaram por aceitar criar um batalhão formado por judeus para lutar contra os otomanos.

— Sim, ouvimos falar sobre o 38.º Batalhão de Fuzileiros Reais—disse Igor.

— Quantos judeus morreram em Galípoli? Que eu saiba, a única coisa que os britânicos aceitaram foi a criação de uma unidade de arrieiros—referiu Samuel.

— Sabes quantos séculos passaram para que nós, judeus, pudéssemos voltar a lutar pela nossa terra? É isso que importa—respondeu Jeremias, irritado.

— Não discutamos, tu sempre achaste que tínhamos de colaborar com os britânicos—lembrou Igor.

— E agora verão quem tinha razão. Quem governa hoje Jerusalém? Quem governará a Palestina quando a guerra acabar? Não esqueçamos a declaração de Lord Balfour. A Inglaterra comprometeu-se connosco—acrescentou Jeremias.

— A Inglaterra comprometeu-se com todos os que pudessem servir os seus interesses, que, a curto prazo, passam por ganhar a guerra. Também se comprometeu com os árabes. Achas que poderá cumprir todas as suas promessas?—perguntou Samuel.

— Os britânicos deram um passo irreversível para que nós, judeus, tenhamos um lar. Mas devemos aspirar a mais, a ter esse lar de novo na nossa pátria.

— E os árabes? Este também é o lar deles—respondeu Samuel.

— E não é incompatível com as promessas que fizeram aos árabes. Que eu saiba, o xerife Husayn não põe obstáculos a que possamos ter uma pátria dentro da nação árabe, até escreveu um artigo sobre isso. Os ingleses dizem que o seu filho Faysal também não tem qualquer problema—explicou Jeremias com arrogância.

— Uma pátria judaica dentro de uma pátria árabe... Acham que é possível?—perguntou Marinna.

— E porque não? Os judeus e os muçulmanos não têm qualquer problema. Temos um inimigo em comum: os cristãos. Na minha opinião, acho que é o melhor—disse Kassia.

— Eu também acho—apoiou-a Rute.

— Mas nem todos os judeus pensam da mesma forma. Há quem não queira ouvir falar de uma pátria, e deseje simplesmente viver aqui. Para outros, ser judeu significa ter uma pátria que não querem partilhar. Não, nem todos os judeus pensam da mesma forma—sentenciou Samuel.

Depois deixaram a política de lado e começaram a falar do quanto tinham sofrido. Igor informou-os sobre a sua gestão à frente da pedreira depois do enforcamento de Ahmed Ziad.

— Era um bom homem, honrado e trabalhador, o melhor capataz—afirmou Jeremias.

— Mas, diz-nos, o que sabes do Louis?—perguntou Samuel.

Jeremias pigarreou enquanto pensava na resposta. Não sabia bem se devia fornecer demasiados pormenores sobre as atividades de Louis.

— Bem... na verdade, o Louis... enfim, trabalha para os britânicos. Pelo que sei, está bem e tenho a

certeza de que regressará assim que possível.

Falaram sobre o futuro. Jeremias pretendia ir buscar Anastásia e os seus filhos e não quis ter em conta os avisos sobre os perigos de iniciar uma viagem para o Norte.

— Não houve um só minuto em que não pensasse neles. Preciso de os ter ao meu lado.

Também garantiu a Igor que continuaria a contar com ele como capataz.

— Amanhã dá-me todas as informações relativas à pedreira. Agora bebamos lembrando os amigos mortos.

Não foi fácil para Jeremias abandonar Jerusalém em direção ao Norte para ir buscar Anastásia. A guerra continuava e os perigos no caminho multiplicavam-se. Mas não estava disposto a esperar mais. Queria recuperar a sua vida e sabia que não o conseguiria sem a presença da sua mulher e dos seus filhos.

Igor ofereceu-se para acompanhá-lo, mas Jeremias preferiu que continuasse à frente da pedreira.

— Ajudas-me mais se ficares.

— Mas não podes ir sozinho, podem matar-te.

— Ainda não chegou a minha hora. Não te preocupes, estou especialmente interessado em viver. Regressarei com a Anastásia.

Ainda demorou uns dias a organizar a viagem, e entretanto ia descrevendo a Samuel aspetos da guerra e as suas consequências. Numa ocasião, Yossi juntou-se a uma dessas conversas e Samuel ficou irritado ao ver que o seu amigo médico não podia estar mais de acordo com Jeremias na sua aposta pelos britânicos.

— O Império Otomano veio abaixo—insistiu Jeremias.

— Mas para os britânicos somos só mais uma peça no tabuleiro dos seus interesses. Prometeram muito aos árabes—respondeu Samuel.

— Tu é que o disseste, Samuel, somos só mais uma peça com a qual eles jogam, os árabes são outra peça, mas, para nós, os britânicos também não devem ser muito mais do que isso. Vivemos um momento em que todos jogamos com um pau de dois bicos. Aproveitemos o impulso dos líderes judeus que em Londres conseguiram abrir a porta da Palestina a muitos outros judeus fartos de vaguear, de serem sempre os párias do mundo. Há homens que são capazes de ver mais além, Weizmann é um deles—explicou Yossi.

— Entre nós também há líderes que defendem que os judeus devem ter a sua própria pátria e chegou o momento de estarmos preparados—acrescentou Jeremias.

Samuel estava preocupado com a sua relação com Igor. O filho do falecido Ariel e de Rute tinha-se tornado um homem sério e responsável, mas também um apaixonado sionista, tal como tinha sido o seu pai, tal como era Jeremias.

Igor censurava Samuel por não sentir o mesmo impulso de lutar por uma pátria tal como eles sentiam.

— Nem sequer acho que sejas socialista—disselhe um dia enquanto discutiam.

— Talvez tenhas razão—respondeu Samuel com sinceridade.

Ele próprio se perguntava às vezes em que é que acreditava e se aquilo em que dizia acreditar era mais fruto das circunstâncias que tivera de enfrentar do que das suas próprias reflexões e convencimento.

Mas não era apenas o desconforto que sentia diante de Igor que o preocupava, era também o desapego que Mikhail lhe demonstrava. Desde que se tinha instalado em Telavive que mal tinha tido notícias suas. O jovem não sentiu necessidade de ir vê-lo nem sequer de o informar se estava bem. Era Samuel quem procurava uma forma de saber alguma coisa sobre o seu destino. E isso levava-o a perguntar-se o que tinha feito com a sua vida. Jeremias não o compreendia quando fazia esta reflexão em voz alta. O canteiro já tinha trabalho suficiente ao pensar na forma como se ia reunir com Anastásia.

Quando finalmente se foi embora, Samuel sentiu-se aliviado. Embora tivesse necessidade de estar sozinho, não podia. A Horta da Esperança era uma casa comunitária onde não havia lugar para a intimidade.

Numa tarde, Miriam, a mãe de Daniel, apareceu de surpresa no laboratório.

— O meu filho está tão entusiasmado com o seu trabalho aqui que eu quis ver com os meus próprios olhos o que faz no laboratório.

Samuel convidou-a a entrar. Sentia simpatia por ela e achava graça quando a ouvia falar em sefardita com a sua irmã Judite. Yossi dizia que, como falavam tão depressa, mal as entendia e isso tendo em conta que a sua mãe Raquel, que também era sefardita, lhe falava naquela língua harmoniosa, quando era pequeno, que os seus antepassados tinham levado consigo para Salónica, Istambul e Jerusalém, depois de serem expulsos de Espanha, a sua saudosa Sefarad.

— Agradeço-te que lhe tenhas dado esta oportunidade. Já não sabia o que fazer com ele—confessou-lhe Miriam, enquanto observava as provetas limpas e arrumadas ao pé de outros recipientes e aqueles pacotes etiquetados que guardavam as substâncias para preparar os medicamentos.

— O Daniel é muito esprevidado e gosta do que faz. O Netanel ensina-lhe tudo o que sabe. Não penses que o teu filho não tem valores, mas custava-lhe que se tornasse rabino.

— O seu pai teria gostado que fosse—lamentou-se Miriam.

— Os pais escolhem para os filhos o que acham que é melhor para eles, mas todos devemos eleger o nosso destino.

— Tu escolheste o teu?

— Eu? Tenho a impressão de que os acontecimentos decidiram por mim. Mas confesso-te que não fui o filho exemplar que o meu pai mereceu. Só quando... quando o assassinaram é que me dei conta de quanto o tinha feito sofrer.

Depois daquela tarde Samuel procurou a companhia de Miriam. Costumava ir com mais assiduidade ver Yossi e Judite com a esperança de que ela os tivesse ido visitar, ou acompanhava Daniel a casa na Cidade Velha e aceitava a chávena de chá que a mulher lhe oferecia sempre. Um dia perguntou a Kassia se se incomodava que convidassem Yossi e a sua família para celebrar o sabat. Desde o assassinio de Jacob e Ariel, os sabats tinham-se tornado uma formalidade que todos tentavam evitar.

— Serão bem-vindos. Todos gostamos deles. A Rute e eu vamo-nos esmerar com a comida. Queres que convidemos também a Dina? Ao Hassan e à Layla não me atrevo. A Layla ainda não recuperou da perda do Salah. Em relação à Zaida... já sabes que ela mal se mexe, é tão idosa...

— Parece-me bem, há muito tempo que não nos reunimos à volta de uma mesa.

Aquele serão seria muito difícil para Kassia, mas não queria continuar a impor a sua dor aos habitantes da Horta da Esperança. Tanto ela como Rute sentiam que o relógio da sua existência tinha parado no momento em que assassinaram os seus respetivos maridos. Mas ambas tinham filhos, Marinna e Igor, e os jovens tinham o direito de ultrapassar o luto que as suas mães lhes impunham. Além disso, naquele sabat poderiam falar do casamento de Marinna e de Igor. Ela sabia que Marinna não estava apaixonada por Igor tal como tinha estado por Mohamed, mas a sua filha tinha aceitado que devia construir a sua vida, e para isso tinha de esquecer Mohamed.

Desfrutaram daquela refeição mais do que todos imaginavam. Kassia e Rute tinham preparado uma receita sefardita para surpreenderem Judite e Miriam. Dina contribuiu com aqueles doces de que todos gostavam. Sim, aquele foi um sabat quase feliz e o rosto de Dina iluminou-se ao saber que dentro de pouco tempo Marinna casaria com Igor. Sentia-se aliviada com isso, era o melhor para Marinna e também para Mohamed.»

Ezequiel fechou os olhos. Marian ficou preocupada ao vê-lo cansado e propôs-lhe levá-lo de regresso a casa.

— Sim, acho que por hoje chega—aceitou ele.

— Não quero ter de enfrentar a sua neta e muito menos o seu neto Jonas—brincou ela.

— Faz bem. A minha neta protege-me até de mim próprio e eu não me importo. Quanto ao Jonas... Na minha idade é muito agradável que cuidem de nós.

Enquanto se dirigiam ao carro, o ancião observou a preocupação de Marian.

— O que é que tem?

— Nada... bem, é que... estas conversas não estavam previstas, mas estão a ajudar-me muito a compreender.

— Ah, isto é uma surpresa! Acredito. Já lhe disse, quando começámos, que o que faz falta aos judeus e aos árabes é pormo-nos na pele uns dos outros. E até lhe fica bem ultrapassar alguns preconceitos. Eu não tento convencê-la de nada, só lhe conto uma história que a senhora terá de encaixar com outras histórias. E, já que entrou em contacto com a família Ziad, pode verificar se o que estou a dizer é verdade.

— Cada um vive os acontecimentos de maneira diferente—respondeu Marian.

— Sim, claro, neste momento as conversas que mantemos têm um sentido diferente para mim e para si. Todos os seres humanos são únicos.

— Acha que...?

— Que podemos continuar a conversar? Claro que sim. Agora acompanha-me a casa, convido-a para tomar um chá e, antes de a minha neta chegar, a senhora continua com o relato. E, se não acabarmos hoje, continuaremos amanhã. Eu não tenho nada de especial para fazer, e a Marian? A sua ONG aceita que gaste o seu tempo com um velho como eu?

— Já não se trata só do trabalho que vim fazer. Preciso de saber, de perceber.—E enquanto lho dizia com palavras, também lho dizia com o olhar, um olhar direto e sincero que Ezequiel apreciou por isso mesmo.

«Aya teve um filho. Chamaram-lhe Rami. Chegou ao mundo em Amã, nos dias em que a Grande Guerra estava a terminar. Yusuf mal tinha podido estar com a sua esposa durante aqueles anos. Lutava ao lado de Faysal e isso levava-o de um lugar para o outro, das areias de Aqaba a Damasco, de Damasco a Jerusalém, e sempre que podia escapava-se fugazmente para Amã para se reunir com a sua mãe viúva, com os seus irmãos e com Aya, aquela menina que se calava e sofria porque sentia falta da sua mãe e da sua avó, e que à noite, quando julgava que ninguém a via, chorava com desespero.

— A tua mulher não é feliz—disse a mãe a Yusuf.

Ele sabia. Não tinha queixas de Aya, mas reparava que aqueles olhos pretos e luminosos tinham perdido a alegria e que o aceitavam com resignação, mas não era isso que queria.

Numa noite em que conseguiu ir à sua casa em Amã, falou com Aya.

— Não me amas? Por acaso estás arrependida do nosso casamento?—repreendeu-a.

Ela não conseguiu conter-se durante mais tempo e desatou a chorar.

Sim, amava-o, garantiu, mas não podia evitar ter saudades da sua mãe e da sua avó, recordar o seu irmão Mohamed, lamentar o assassinio do pai. Amã parecia-lhe estar mais longe do que a lua estava da sua casa de Jerusalém.

— Mal te vejo... A tua família é muito boa comigo, mas...

— Mas se pudesses voltar a viver com a tua mãe serias feliz.

Aya abraçou-o. Não se atrevia a dizer-lhe que era o que mais desejava no mundo.

— Vou levar-te a casa da tua mãe. Ficarás lá até eu acabar de lutar. O teu irmão responsabilizar-se-á por ti. Quando a luta terminar regressaremos aqui.

Yusuf cumpriu a sua promessa apesar da censura da sua mãe.

— A esposa deve viver no lar do marido. O que dirão de ti, de nós, se permites que volte a Jerusalém?

— O meu lar está onde a Aya estiver. Se ela quiser, no futuro viveremos em Jerusalém. Onde está escrito que tem de ser infeliz? A Aya ainda é muito jovem.

— És tu que a tratas como uma criança e não lhe exiges que se comporte como uma mulher casada com obrigações.

— Mãe, tu é que me disseste que a Aya não é feliz.

— Porque tens de o saber, mas isso não te deve levar a fazer o que ela quer.

— Vou levá-la para Jerusalém. Vamos viver lá.

Nada do que a mãe lhe disse convenceu Yusuf. Amava Aya e queria que ela fosse feliz.

Nada podia fazer Dina mais feliz do que ter os seus filhos com ela. Mohamed acabava de regressar a casa depois de ter combatido com lealdade e coragem junto às tropas de Faysal. O seu filho tinha participado na conquista do Líbano e da Síria. E Dina ficou emocionada ao ouvir da boca de Mohamed a descrição da entrada triunfal de Faysal em Damasco.

— Se tivesses visto, mãe... as ruas encheram-se de homens acompanhados pelas suas esposas e filhos. As mulheres gritavam com alegria. Fomos os primeiros a entrar; sem o príncipe Faysal e sem as tropas árabes a cidade não teria caído.

— Achas que vamos estar melhor sem os turcos?—perguntou Zaida, que parecia sentir-se melhor e que já não passava tanto tempo prostrada na cama, embora ainda se sentisse fraca.

— O meu pai foi assassinado por achar que isso era o melhor—respondeu Mohamed à avó.

— E esse homem, esse oficial britânico que tanta estima tem pelos árabes?—quis saber Dina.

— Referes-te a Lawrence? Para Faysal é um amigo e um bom conselheiro. Lawrence é um homem de palavra, é uma pena que a sua opinião não prevaleça sobre a dos seus chefes. Lutou com muita dedicação, sempre se mostrou corajoso na batalha. Lawrence não tem dúvidas sobre as reivindicações do xerife Husayn e acha que, ao derrotar os turcos, temos de construir uma grande nação árabe.

As duas mulheres ouviam-no tanto com interesse como com preocupação. Tinham nascido, crescido e vivido a saber que em Istambul reinava um sultão cujo poder chegava até à sua cidade e estavam inquietas perante as mudanças que se avizinhavam.

Dina não se atrevia a dizer a Mohamed, mas no passado tinha discutido com o seu marido à custa desse sonho da grande nação árabe e culpava o seu próprio irmão, Hassan, por ter convencido Ahmed com essas ideias que agora invadiam o seu filho.

Mohamed tentava não as angustiar e desviava a conversa para a anunciada chegada de Aya.

— Daqui a dois dias a minha irmã e o seu filho estarão connosco. O Yusuf só pode ficar algumas horas, porque tem de regressar para junto de Faysal.

Dina estava exultante com o regresso da sua filha e, embora Zaida também desejasse estar com a sua neta, mostrou-se preocupada.

— Para a mãe do Yusuf é uma ofensa que a Aya volte para junto de nós—disse.

— O Yusuf pediu-me para cuidar da Aya, ele pretende ficar a viver em Jerusalém quando Faysal não precisar dele—reiterou Mohamed.

— E tu comprometeste-te a receber a tua irmã e o seu filho sem pensares nas consequências—insistiu

Zaida.

— Avó, a minha irmã está muito magra, não tem leite para amamentar o seu filho e parece que entrou numa melancolia da qual nem sequer a maternidade é capaz de a tirar. O que é que eu posso dizer ao meu cunhado? A Aya vai ser sempre bem recebida.

— Mas tu também vais casar. Eu não vou viver muito tempo, mas achas que a tua esposa vai gostar de ter de viver com a tua avó, a tua mãe e a tua irmã?

— A Salma conhece as circunstâncias em que me encontro. O pai dela foi enforcado ao pé do meu, a sua mãe morreu pouco tempo depois. Vive em casa do seu irmão mais velho e está desejosa de ter um lar próprio. Ela respeita-vos e será uma boa amiga para a Aya. Espero que dentro de pouco tempo também tenhamos filhos e que possam brincar com o filho da Aya e do Yusuf.

Mohamed teria gostado de continuar com as tropas de Faysal, mas a sua presença em Jerusalém era imprescindível. O seu tio Hassan estava doente, a sua esposa Layla tinha enlouquecido devido à morte do seu filho Salah, e Khaled tinha-se tornado um oficial do exército de Faysal. Além do mais, a sua casa e a sua horta precisavam da mão de um homem. A Grande Guerra tinha terminado, embora Yusuf dissesse que agora era o momento de obrigar os britânicos a cumprir todas as suas promessas. Mas ele não confiava nos europeus, depois de ter conhecido a traição que tinham perpetrado contra o xerife aqueles dois homens, o inglês Mark Sykes e o francês Charles François Georges-Picot. Tinham recebido a missão dos seus respetivos países de negociar e dividir a grande nação árabe com a qual o xerife Husayn sonhava.

O príncipe Faysal tinha-lhe garantido que o Acordo Sykes-Picot era apenas composto por papéis escritos sobre a areia do deserto que não tinham valor, no entanto, quem podia confiar naqueles europeus?

Dina desatou a chorar quando viu Aya com o seu filho nos braços. Enquanto Mohamed ajudava Yusuf a descarregar a bagagem, Zaida e Dina disputavam o cuidado do pequeno Rami. O menino tinha sete meses e, segundo Zaida, estava muito magro.

— É uma criança saudável—garantiu Yusuf—, a minha mãe não deixou de tratar dele e de lhe dar tudo aquilo de que precisava.

— Claro, claro... mas é tão pequenino...! Aya, já vos preparei o meu quarto, eu vou dormir com a avó. Achas que vão estar confortáveis?—Dina observava com preocupação a sua filha, que parecia indiferente a tudo o que acontecia à sua volta.

— Vamos estar bem, e espero que dentro de pouco tempo possamos ter a nossa própria casa—respondeu Yusuf.

Zaida e Dina ajudaram Aya a instalar-se deixando os homens a conversarem sobre os seus assuntos.

— Gostava que viesses comigo à casa do Omar Salem. Convidou alguns amigos para jantar e pediu-me que viesses. Ele tinha muita estima pelo teu pai—disse Yusuf a Mohamed.

Mohamed assentiu. Omar sempre lhe tinha mostrado o seu apreço e era um homem importante em Jerusalém, que também não podia ser desrespeitado. Enquanto os dois cunhados conversavam e Zaida tentava que o pequeno Rami bebesse um pouco de leite, Dina, que ajudava Aya a dobrar a roupa do menino, perguntou-lhe porque é que se sentia tão infeliz.

— Sonho todas as noites com o momento em que a polícia levou o meu pai. Lembras-te, mãe? Nós, as mulheres, estávamos a falar e a cantar. Eu estava nervosa tal como todas as noivas no dia do seu casamento. De repente entraram aqueles homens, empurraram os convidados, ofenderam o meu pai e levaram-no sem ligarem ao seu pedido de que pelo menos esperassem que a festa do casamento terminasse. Aquela noite transformou-se numa noite de lágrimas. O Yusuf é o melhor homem do mundo, paciente e carinhoso, mas o meu casamento com ele vai ser sempre uma má lembrança, a pior que alguém

possa ter.

— Por acaso não amas o teu marido?—Dina fez a pergunta temendo a resposta.

— Não sei, mãe, não sei. Julguei que o amava... Parecia-me tão bonito, um homem do mundo, um guerreiro valente ao serviço do xerife Husayn e do seu filho, o príncipe Faysal. O que é que podia pedir mais? Nós, as mulheres, devemos casar e não teria encontrado um marido melhor. Amá-lo? Teria podido fazê-lo se o meu casamento não estivesse manchado com o sangue do meu pai.

— O teu pai sofreria se te visse assim. Eras a luz dos seus olhos; por respeito à sua memória, deves tentar ser feliz.

— Achas que não faço tudo o que posso para não desiludir o Yusuf? Já te disse que é o melhor dos homens e que não merece uma esposa como eu. Sei que enfrentou a sua mãe para me trazer para aqui porque julga que ao pé de ti vou recuperar a paz. Quanto mais o Yusuf me ama, pior me sinto por não lhe poder corresponder com o mesmo amor.

— A paciência dos homens não é eterna... Pode repudiar-te ou escolher outra esposa, e então...

— Não o censuraria. Quem pode amar uma mulher que está sempre a chorar? Nem sequer sou boa mãe; olha para o meu filho Rami, não o pude amamentar, e se não tivesse sido a minha sogra não sei o que teria sido dele...

Dina abraçou a sua filha. A dor dela magoava-a. Acariciou-lhe o rosto e beijou-a tentando reconfortá-la.

— Agora estás em casa, vais ver como, pouco a pouco, te vais sentindo melhor. Mas tens de te esforçar, tens um marido e um filho e obrigações para com eles. O teu pai teria ficado de coração partido se te tivesse visto sofrer.

Aya desatou a chorar nos braços da sua mãe. Mas as suas lágrimas não eram só de dor, também eram de alívio. Na calidez do regaço de Dina estava o seu lar, e se havia algo que a podia aliviar seria saber-se protegida pela sua mãe.

As duas mulheres permaneceram abraçadas até que Zaida as chamou com insistência.

— Este menino tem fome e o leite não é suficiente para o saciar. Além disso, estou cansada e preciso de me deitar.

Omar abraçou Mohamed com afeto e repreendeu-o por não o ter visitado antes.

— Sabes que serás sempre bem-vindo nesta casa tal como era o teu pai, e também que aprecio as tuas opiniões tal como apreciava as dele. Lutaste como os mais corajosos e regressaste a casa depois de cumprires com honra—disselhe sabendo que Mohamed tinha pena de não continuar nas fileiras de Faysal.

Os homens comeram e ouviram as notícias que Yusuf lhes levava e os relatos da conquista de Damasco satisfizeram-nos.

— Chegaram-nos notícias confusas da Conferência de Paris; conta-nos, Yusuf, se as potências que ganharam a guerra vão cumprir os seus compromissos para conosco—pediu-lhe Omar Salem.

Yusuf mostrou-se pessimista perante os seus amigos.

— Não sei grande coisa, só que a França quer vir a ser a potência mandatária da Síria e do Líbano. Reclama o Líbano para os cristãos maronitas. Em Paris estão a pressionar Faysal para que aceite o mapa acordado pelos senhores Sykes e Picot em nome dos seus respetivos governos, o britânico e o francês, mas o príncipe resiste e defende a causa pela qual lutámos: uma nação árabe. Foi por isso que combatemos os turcos.

— Vão cumprir a sua palavra?—voltou a perguntar Omar com preocupação.

— Não, não vão cumprir a sua palavra—afirmou Mohamed antes de Yusuf responder.

— Porque é que dizes isso?—quis saber um dos convidados de Omar.

— Porque os britânicos só queriam acabar com o Império Otomano, e não lhes interessa substituir um

império por outro. O Yusuf já explicou, os franceses têm os seus próprios interesses. Acabarão por acordar a divisão destas terras—respondeu Mohamed.

— Estão a chegar cada vez mais judeus à Palestina—referiu outro dos homens.

— Faysal não está preocupado com os judeus, não são os nossos inimigos, pelo menos por agora, desde que aceitem ser parte da grande nação árabe. Além disso, reuniu-se com o líder dos judeus, o doutor Weizmann—explicou Yusuf.

— E chegaram a algum acordo?—quis saber Omar.

— Nem o xerife Husayn nem o seu filho Faysal se preocupam por agora com o facto de os judeus viverem aqui. Lutamos por uma grande nação. Enquanto os judeus aceitarem as nossas reivindicações, o resto pouco importa—voltou a reiterar Yusuf, cansado de que os seus amigos se preocupassem mais com a Palestina do que com levar a bom porto a construção de um grande Estado árabe.

— Os britânicos deram aos judeus direitos sobre a Palestina. Como se atrevem a fazê-lo? Dizem que este pode ser o seu lar e estão-se a apoderar das nossas terras—replicou outro dos convidados.

— Estamos a vender-lhes as nossas terras, não os culpemos por isso—referiu Mohamed.

— Dizes a verdade, Mohamed—aceitou Yusuf, que conhecia a sua boa relação de amizade com judeus e que considerava amigos os seus arrendatários da Horta da Esperança.

— Então...—insistiu Omar Salem.

— Tens de saber, Omar, que na Conferência de Paris Faysal conquistou o presidente Wilson para a nossa causa. O americano insiste em que não se deve dar um passo sem antes sermos consultados e, por recomendação sua, designaram um comité para que verifique no terreno o que é que nós, árabes, queremos—continuou Yusuf a explicar.

— E quem são os homens desse comité?—inquiriu um dos convidados.

— Dois americanos: o reitor de uma universidade, o senhor Henry King, e um industrial, o senhor Charles Crane.

— É uma perda de tempo! O que é que vão verificar que já não saibam? O xerife Husayn deixou bem claras as razões pelas quais lutámos contra os turcos e os ajudámos a ganhar a guerra. Queremos uma nação. Por acaso Faysal não se lembra?—perguntou irritado outro dos convidados.

— Pelo que sei, os americanos Crane e King já estão a caminho de Damasco—informou-os Yusuf.

— E temos de aceitar as suas recomendações mesmo que sejam contrárias à causa pela qual lutámos? —A voz de Omar emanava irritação.

Yusuf encolheu os ombros. Não podia dizer muito mais, ele confiava em Faysal, o príncipe saberia como agir.

— Amanhã regresso a Damasco. Da próxima vez espero trazer-vos boas notícias.

Quando regressaram a casa, Mohamed e Yusuf encontraram as três mulheres a conversar. Yusuf teve a sensação de que Aya tinha outra cara. Não era a alegria de antigamente, mas a expressão de sofrimento tinha-se suavizado.

Aya tinha nos seus braços Rami, e Yusuf ficou comovido ao vê-la sorrir para o seu filho que, ao que parecia, não conseguia dormir com tanta agitação.

Quando se retiraram para o seu quarto Aya contou-lhe que Kassia e Marinna tinham ido conhecer Rami.

— A Marinna é tão bonita... teria gostado que fosse minha cunhada.

— O teu pai tinha razão, Aya, é melhor que o Mohamed case com uma mulher com a qual tenha raízes em comum.

— Mas em que é que a Marinna é diferente de nós? Conhecemo-nos desde pequenas. Ela é como uma irmã mais velha para mim. O Mohamed apaixonou-se por ela no primeiro dia em que a viu. E... bem, eu

acho que embora vá casar com a Salma continua apaixonado.

— Esse não é um assunto nosso, e não te deves intrometer nos sentimentos do teu irmão. O Mohamed é um homem responsável e corajoso que sabe o que deve fazer em cada ocasião. Vai ser feliz com a Salma.

— Teria sido mais feliz com a Marinna—insistiu Aya, que parecia mais animada.

Yusuf partiu ao amanhecer a caminho de Damasco para se reunir com os homens de Faysal. Tal como Mohamed, ele também desejava um pouco de paz para poder viver com Aya. Na verdade, não tinha desfrutado do seu casamento. A detenção do seu sogro no dia da cerimónia tinha ofuscado o começo da sua vida em comum com Aya. Os primeiros dias de casados tinham sido vividos com a angústia de saber que Ahmed seria condenado. Depois, quando o enforcaram, Aya caiu numa depressão da qual nem o nascimento de Rami a tinha retirado. Mas ele amava-a e dar-lhe-ia o tempo que fosse necessário para sarar as suas feridas.

Estar na sua casa foi para Aya o melhor remédio. A sua mãe e a sua avó mimavam-na como quando era criança. A sua única preocupação era ver a sua avó tão envelhecida, que mal conseguia estar de pé e não tinha apetite. Aya temia a chamada da morte e pedia a Alá que permitisse a Zaida viver muitos anos mais.

Aya também começou a desfrutar do seu filho. Repreendia-se por não ter o leite necessário para o amamentar, mas também por não se ter dedicado a ele como as mães se dedicam aos filhos. Envolvida na dor pelo enforcamento do pai, tinha-se comportado como um autómato, indiferente a tudo o que acontecia à sua volta. Mas agora não se separava de Rami e o menino engordava cada vez mais e oferecia-lhe belos sorrisos.

Também a reconfortava ter recuperado Marinna, por quem esperava todas as tardes à porta do laboratório. Marinna gostava de pegar em Rami, cantava-lhe e fazia-lhe cócegas até o menino se rir.

— Estás apaixonada pelo Igor?—atreveu-se a perguntar-lhe um dia.

— Apaixonada o suficiente para casar—respondeu Marinna com sinceridade.

— Não sei porquê, mas pensei que seria o Mikhail a pedir-te em casamento...—confessou-lhe Aya.

— O Mikhail? Sim, é muito bonito, e no início olhava-me com interesse, mas quando conheceu a Yasmin já não teve olhos para mais ninguém.

— E tu gostavas dele?—insistiu Aya com curiosidade.

— É um bom rapaz, embora seja um pouco complicado. Bem, agora o que interessa é que vou casar com o Igor.

— Vão ser felizes. A minha mãe diz que o Igor é muito sério e responsável e que vai saber cuidar de ti.

Às vezes costumavam recordar os seus pais, Ahmed e Jacob, aquilo que mais as unia. Ambos tinham morrido devido ao já derrotado Império Otomano, e tanto Aya como Marinna tinham desenvolvido um ódio sem tréguas para com os turcos.

Da única coisa que não se atreviam a falar era de Mohamed. Aya teria gostado de o fazer, mas não sabia se Marinna podia ficar magoada, por isso evitava falar-lhe dos preparativos do casamento do seu irmão com Salma.

Se não fosse a guerra, Mohamed já estaria casado. O seu irmão já tinha vinte e sete anos, tal como Marinna.

— O Mohamed vai falar com o Samuel para lhe pedir que o deixe ampliar a casa—anunciou Dina à filha.

— Ampliá-la? Não precisamos de mais espaço...

— Sim, sim, precisamos. Foi ideia da tua avó e tem razão, a Salma gostaria de ter pelo menos duas

divisões sem ter de esbarrar connosco.

— Mas ela deve viver connosco! Vamos ser a sua família!—protestou Aya, lembrando-se de que ela própria tinha feito parte do lar da sua sogra.

— Vamos ser a sua família, mas isso não quer dizer que não tenha o seu próprio espaço. Sabes uma coisa, filha? Viver com a sogra é uma tradição, mas não sei se é a melhor—confessou-lhe Dina.

Aya estava de acordo, se pensasse na sua sogra, mas ao pensar em Dina, não lhe ocorria melhor vida do que estar com a sua mãe.

Mohamed trabalhava na pedreira além de cuidar da horta. Mas, ao contrário do seu pai, ele já não trabalhava de sol a sol a arrancar pedras, pois Jeremias tinha feito dele o seu contabilista.

— Preciso de alguém de confiança que negoceie as vendas da pedra e que trate das contas. Tu estudaste em Istambul, sabes direito, por isso encarregar-te-ás desta tarefa.

Para Mohamed tinha sido uma sorte. Não porque se importasse com o trabalho duro, afinal de contas tinha conhecido a dureza da guerra, mas sim porque sabia que era isso que o seu pai teria desejado. Igor não o tinha levado a mal e parecia ter aceitado aquela divisão do trabalho. Cada um ocupava o seu lugar, davam-se bem, embora não se pudesse dizer que fossem amigos. Mas como ambos tinham sofrido a perda dos seus pais às mãos dos turcos, isso fazia com que tivessem uma ligação para além dos seus próprios desejos.

Mohamed aproximou-se numa noite da casa comunitária da Horta da Esperança para falar com Samuel. Rute e Kássia insistiram em que ficasse para jantar e ele aceitou. Ainda não se sentia confortável na presença de Marinna, e muito menos quando a via com Igor, mas esforçava-se por se comportar com naturalidade, tal como ela fazia.

Depois do jantar e, aproveitando a calidez da noite, Samuel convidou Mohamed para dar um passeio, enquanto fumavam um cigarro.

Mohamed estimava Samuel e respeitava-o tal como o tinha respeitado o seu pai. Ahmed achava que ele era um homem justo e um amigo generoso.

— Vou casar daqui a umas semanas.

— Eu sei, e desejo-te as maiores felicidades de todo o coração. O teu pai teria sentido muito orgulho em ti. O Jeremias não para de te elogiar, diz que o negócio corre melhor desde que tratas da contabilidade e lidas com alguns compradores.

— Gostava de arrendar mais terreno. Quero ampliar a casa e a nossa horta, espero que não te importes.

Samuel ficou em silêncio inquietando Mohamed. Mas este não disse nada, ficando à espera da resposta.

— Podes contar com isso, embora tenha de consultar a Kássia e a Rute; como sabes a Horta da Esperança também é delas.

— Eu sei e... bem, quero agradecer-te por não teres aumentado a renda em todos estes anos. Continuamos a pagar o mesmo que pagávamos quando compraram esta terra...

— E é o que continuarás a pagar, nem uma moeda mais.

— Mas se ampliar o terreno...

— O mesmo, já te disse. Tens uma família para sustentar, e tu e a Salma terão filhos dentro de pouco tempo.

O que Samuel não lhe disse nesse momento foi o que pensava propor a Kássia e a Rute. Mohamed teve uma surpresa quando uns dias mais tarde Samuel apareceu na pedreira. Viu-o conversar algum tempo com Jeremias e este mandou-o chamar.

— Já que sabes direito vai com o Samuel, precisa dos teus conhecimentos para fechar um negócio—

disselhe a sorrir.

Mal podia imaginar que o que iam fazer era fechar um acordo no qual os proprietários da Horta da Esperança desejavam ceder à família Ziad algumas fangas de terra, aquela na qual já tinham a sua casa e a sua horta, e alguns metros mais. Se não tivesse criado calo no campo de batalha, Mohamed teria desatado a chorar. Ainda assim, negou-se a aceitar a oferta.

— Prefiro que me vendas a terra. Se o preço não for elevado e me permitires pagar pouco a pouco... O meu pai dizia que só se dá valor ao que se consegue a pulso.

Samuel compreendeu que para Mohamed era uma questão de orgulho e honra poder comprar a sua própria casa, por isso fixou um preço que pudesse pagar.

Abraçaram-se enquanto assinavam o acordo. Depois foram até à Horta da Esperança onde Kassia e Rute os esperavam.

— Queríamos que fosse a nossa prenda de casamento—disselhe Kassia sorrindo.

— Esta terra é tão tua como nossa—afirmou Rute.—Trabalhámo-la todos com o mesmo cuidado.

Igor e Marinna também participaram da boa nova. Marinna até brincou dizendo:

— Não te esqueças de que somos socialistas. Isto é o que deve fazer um bom socialista, expropriar-se a si próprio para partilhar a propriedade, mas já estou a ver que não nos deixaste.

Desde o enforcamento do seu pai, aquele tinha sido o primeiro dia em que Mohamed tinha sentido algo parecido com felicidade.

Dina e Zaida choraram agradecidas e Aya correu até à casa comunitária para abraçar Marinna.

A amizade entre a família Ziad e os habitantes da casa comunitária parecia ter-se restabelecido com outros laços tão sólidos como quando Ahmed era vivo, já que entre Marinna e Mohamed se tinha estabelecido uma trégua, como consequência dos seus respetivos casamentos.

Mohamed casou num dia frio de fevereiro de 1919. Celebraram o casamento com sobriedade. No coração de Salma, tal como no de Mohamed, ainda pesavam as ausências dos seus pais, enforcados no mesmo dia e pela mesma causa.

Salma tinha o cabelo castanho com lampejos avermelhados. Os seus olhos também eram castanhos, era de estatura média e tinha uma figura bem proporcionada. Mas conquistava todos os que a conheciam sobretudo pela sua extrema doçura. Era uma mulher agradável e bondosa, sempre disposta a dar uma mãozinha aos outros.

— É impossível não gostar dela—confessou Aya à sua mãe.

Aya tinha temido o momento dos esponsais, pois podia fazer Marinna sofrer. Mas Marinna mostrou-se atenciosa com Salma, elogiou o seu vestido de noiva e participou nas reuniões das mulheres, insistindo em convidar todas para o seu casamento, que se realizou pouco tempo depois.

Dina não podia estar mais satisfeita com a sua nora. Mostrava-se dócil e complacente, e embora Mohamed tivesse ampliado a casa para poder desfrutar de uma certa tranquilidade, Salma passava o dia com a sua sogra e a velha Zaida, além de ajudar sempre que possível Aya com o pequeno Rami, que já se aguentava de pé e tentava dar os seus primeiros passos.

Só a doença de Zaida ensombrou aqueles dias de tranquilidade. A anciã caminhava com dificuldade, engasgava-se ao menor esforço e parecia esgotada.

Numa manhã Zaida não teve forças para se levantar. Parecia que não tinha pulsação. Dina mandou Aya à casa comunitária em busca de Samuel, talvez ele pudesse dar-lhe alguns dos remédios que preparava.

Samuel não estava, mas o velho Netanel, aquele homem discreto que vivia na casa comunitária e que, segundo Samuel, era melhor boticário do que ele, foi para junto do leito de Zaida. Não era médico, mas sabia o suficiente de doenças para vislumbrar que o coração de Zaida se estava a cansar de bater.

— Vou mandar o Daniel procurar o tio dele. A esta hora o Yossi deve estar com os seus doentes, mas de certeza que vem de imediato.

Daniel correu como uma seta e uma hora depois chegou com o seu tio Yossi.

Zaida abriu os olhos e sorriu-lhe.

— Ao ver-te julguei que eras o teu pai, o bondoso Abraham, és tão parecido com ele...—conseguiu dizer com uma voz que era apenas um sussurro.

Yossi examinou Zaida e mediu-lhe a pulsação. Depois murmurou algo ao ouvido de Netanel e este saiu daquela divisão para ir ao laboratório buscar o que o médico lhe tinha pedido.

— Tens de descansar—disse Yossi a Zaida.

— Mas isso não me fará melhorar. O teu pai, o nosso querido Abraham, nunca enganava os seus pacientes. O Abraham não prometia curar quando sabia que nada podia fazer para salvar uma vida.

— Eu também não te vou mentir. O teu coração está cansado, sabes disso melhor do que eu.

— Sim, vivi demasiado, e embora tenha sofrido valeu a pena viver. Agora chegou a hora de me reunir com o pai dos meus filhos, com os meus pais, com todos os seres que amei. Não tenho forças para continuar.

Netanel regressou com um frasco que entregou a Yossi e este tirou duas drageias, e pediu a Dina que as desse a Zaida com um pouco de água.

— Vai respirar melhor se tiver a cabeça mais elevada—disse enquanto pedia uma almofada.

Durante dois dias e duas noites Zaida foi-se despedindo da sua família enquanto os batimentos do seu coração se iam apagando. Passou a terceira noite agitada e morreu ao amanhecer.

Dina não tinha saído do lado da sua mãe, tal como Aya, que tinha confiado o pequeno Rami aos cuidados da sua cunhada Salma. Kassia e Rute tinham-nas acompanhado naqueles dias, tentando não incomodar, mas ajudando em tudo o que podiam. Todos os que a conheciam choraram Zaida. Dina e o seu irmão Hassan sentiram a dor que provoca a orfandade. Hassan chorava, lamentando a morte da mãe, mas as suas lágrimas também eram por Salah, o filho morto na guerra, e pela loucura da sua esposa Layla. "O que é que me resta na vida?", dizia incapaz de encontrar consolo no abraço de Khaled, o seu único filho vivo.

Kassia não encontrava palavras para consolar Dina, mas pelo menos tentava que não se sentisse sozinha e ia todas as tardes visitá-la. Dina via nas rugas de Kassia as suas próprias rugas. Aquela pele branca como o leite que tanto tinha admirado quando conheceu Kassia tornara-se escura, áspera e gasta como a sua. Tinham envelhecido juntas, e o distanciamento provocado pela rutura de Mohamed com Marinna não durou muito.

Dina admirava Kassia pelo empenho em trabalhar aquela terra que partilhavam. Sentia-a mais próxima do que a sua própria cunhada, Layla. Com Kassia tinha trocado confidências, tinham chorado e rido juntas. Era a sua amiga mais próxima, a sua melhor amiga. Agora Kassia acompanhava-a, respeitando o seu silêncio e as suas lágrimas.

Dina tentava chorar quando Mohamed e Aya não viam. Não queria acrescentar mais dor àquela que os seus filhos já sentiam, abalados com a perda da sua avó. Só o pequeno Rami era capaz de lhe arrancar algum sorriso. O menino estava cada dia mais alegre e inquieto e não lhes dava um segundo de descanso.

Salma não demorou a anunciar que estava grávida. Fê-lo no mesmo dia do casamento de Marinna com Igor.

Poucas horas antes da cerimónia tinham-se aproximado da casa comunitária para ver a noiva e entregar-lhe os presentes. Até Dina tinha cozinhado os seus famosos doces de que Marinna tanto gostava. Permaneceram apenas durante o tempo imprescindível, apesar da insistência de Kassia para que ficassem.

— Não posso, Kassia, não posso, e não é pelo que pensem os nossos vizinhos, é apenas porque só tenho vontade de chorar e não seria uma boa companhia. Disse à Aya e ao Mohamed para ficarem, mas não o farão por respeito à memória da Zaida. Ainda não passou o tempo suficiente para que possamos partilhar a vossa alegria pelo casamento.

Não levaram a mal. Kassia e Rute também tinham ficado de luto pela memória dos seus falecidos maridos e por nada nem ninguém teriam participado em qualquer cerimónia. Mas a ausência de Dina e dos seus filhos entristeceu-as.

— Vocês fazem parte desta estranha família que formámos aqui—tinha dito Kassia.

Marinna estava muito bonita embora lhe parecesse um pouco triste, e Dina não deixou de reparar na forma como lhe brilharam os olhos quando Mohamed e Salma lhe deram os parabéns.

Se a vida tivesse parado naquele momento, se não os tivesse surpreendido com mais sofrimento...

Mil novecentos e vinte seria o ano que provocaria um abismo nas suas vidas, na de todos aqueles que partilhavam a Horta da Esperança.»

Tinham permanecido uns segundos em silêncio, cada um perdido nos seus próprios pensamentos. Começava a ser habitual que precisassem desses breves momentos para voltarem à realidade.

— Acho que por hoje é suficiente.—A voz de Ezequiel evidenciava cansaço.

— Tem razão, eu... bem, acho que estou a abusar da sua amabilidade.

— Não se preocupe, acho que esta longa conversa é benéfica para nós os dois.

— Benéfica? Não teria pensado nas coisas dessa forma...

— Pense e vai ver que tenho razão. Gostava de dar um passeio amanhã pela Cidade Velha?

— Se o senhor quiser...

— Quando é que se vai embora? Imagino que a sua organização não lhe permita ficar aqui muito tempo.

— Somos prudentes com o tempo e com o dinheiro, mas não temos obstáculos quanto à nossa forma de fazer o trabalho.

— Então ainda tem tempo...

Marian encolheu os ombros. Desde que tinha chegado a Jerusalém sentia que o tempo se lhe escapava entre os dedos, mas isso não era um problema, pelo menos naquele momento.

— Porque é que quer que passeemos por Jerusalém?

— Porque vai compreender melhor o que lhe quero contar no cenário dos factos. Parece-lhe bem às dez em frente da porta do Santo Sepulcro?

Assentiu estranhando, mas disposta a deixar-se levar por uma situação que lhe parecia ter deixado de controlar.

— Lá estarei.

Quando chegou ao hotel telefonou para Bruxelas. Michel, o diretor executivo da Refugiados, não parecia de bom humor.

— Aleluia, estás viva!—soltou-lhe o seu chefe com ironia.

— Claro que estou viva, porque é que fizeste esse comentário tonto?—respondeu ela na defensiva.

— Há três dias que não sabemos nada de ti, achas que estás de férias?

— Vá, Michel, não fiques assim, estive ocupada. As coisas aqui não são fáceis. Não posso fazer um relatório exaustivo se não falar com toda a gente.

— Estás em Israel há uma semana, ainda precisas de mais? Podes percorrer esse país num dia.

— Não é assim tão simples... bem, a primeira parte foi fácil. Os palestinianos colaboraram, mas os israelitas não gostam muito de nós, são desconfiados.

— Pois, bem, e então?

— Além das entrevistas oficiais com ministros e deputados, parece essencial falar com elementos do povo israelita, e é isso que estou a fazer.

— Se não te conhecesse pensaria que estavas a ter um caso amoroso, mas quem sabe...? Isso costuma acontecer quando uma pessoa vai fazer um «trabalho de campo».

— Fala por ti—respondeu incomodada.

— Bem, quando é que regressas?

— Não sei, talvez dentro de três ou quatro dias...

— Vê lá se não são poucos...—respondeu ele com ironia.

— Talvez sim, depois ligo-te.

— Dois dias, nem mais um. Ou te acostumas a trabalhar de outra maneira ou não te volto a enviar

para lado nenhum. Estiveste dois meses no Ruanda, um no Sudão...

— Por favor!

— Marian, trata-se apenas de um trabalho, mais nada. Fá-lo da melhor forma possível sem te envolveres, não estás aí para resolver o conflito. Quero o teu relatório em cima da minha mesa exatamente na segunda-feira de manhã.—Marian não teve tempo para responder, porque Michel desligou o telefone.

Vários grupos de turistas tentavam entrar no Santo Sepulcro. A guia do grupo americano pedia para não se separarem. Um sacerdote guiava um grupo de espanhóis muito numeroso. Várias mulheres com aspeto recatado, que Marian supôs serem freiras, pareciam extasiadas enquanto esperavam pela sua vez de entrar na igreja.

Ela observava impaciente à espera da chegada de Ezequiel. Tinha madrugado e estava há algum tempo a deambular pela Cidade Velha. Tinha conseguido subir bem cedo à Rocha Sagrada onde se encontra a Mesquita de Omar. Depois tinha contemplado o ir e vir dos judeus aproximando-se do Muro das Lamentações.

Enquanto se dirigia ao Santo Sepulcro, entreteve-se a olhar para as coloridas lojas onde se amontoavam as bugigangas para os turistas.

Ezequiel chegou às dez em ponto. Ela surpreendeu-se ao senti-lo ao seu lado.

— Não o vi chegar.

— Eu sei, estava muito pensativa e eu diria que preocupada.

— Estava a observar as pessoas—respondeu ela.

Ele não insistiu e pôs-lhe a mão no braço convidando-a a caminhar.

— Vamos dar um passeio pela cidade antes de regressarmos aqui. Imagino que já conhece o Santo Sepulcro por dentro.

— Sim, e não deixo de ficar surpreendida com a devoção de quem vem aqui pela primeira vez.

— Posso perguntar se acredita em Deus?

Marian olhou para ele incomodada. Porque é que lhe fazia essa pergunta? Como se atrevia a tentar intrometer-se na sua intimidade?

— Não me responda, não é preciso—disse Ezequiel reparando no seu incómodo.

— E o senhor? Em que é que acredita?—perguntou ela, e no seu tom de voz notava-se um certo desafio.

— Quero acreditar. Preciso de acreditar. Mas não sei se acredito.

Marian ficou impressionada com a resposta. Ela sentia-se como ele e isso inquietou-a.

— Porque é que queria que nos encontrássemos aqui?—perguntou para encerrar aquele assunto.

— Porque, como lhe disse ontem, vai conseguir perceber melhor o que lhe vou contar se passearmos por algum dos cenários onde decorreram certos acontecimentos.

Ezequiel caminhava devagar, por isso Marian acertou o seu passo com o ancião e preparou-se para ouvir.

— Situe-se em 1920—pediu-lhe.

— Está bem.

«Samuel passava muitas horas no laboratório com Netanel. Ambos desfrutavam da preparação de medicamentos e da investigação dos efeitos de algumas fórmulas magistrais que inventavam. Ainda assim, não fugia às suas obrigações no campo. Kassia administrava a Horta da Esperança com mão firme e recordava a todos os seus membros as suas obrigações para com a comunidade, que consistiam em trabalhar a terra, ajudar nas tarefas domésticas e não gastar uma única moeda sem ter debatido previamente a sua necessidade.

Netanel, que se tinha integrado à custa de silêncios na Horta da Esperança, parecia mais animado a partilhar palavras e recordações com Rute e Kassia, aquelas duas mulheres que tinham perdido os seus maridos.

Marinna e Igor pareciam viver em harmonia, embora nem a Samuel nem ao resto da casa lhes escapasse que os dois jovens se tratavam mais como se fossem dois amigos do que como dois apaixonados. Depois de tantos acontecimentos infelizes naquela comunidade, parecia ter-se instalado uma certa calma, sobretudo após o regresso de Louis do seu exílio egípcio. Tinha aparecido de surpresa e todos se alegraram por tê-lo de novo entre eles.

Louis mostrou-se sucinto nas suas explicações sobre o tempo passado no Cairo. Nenhum dos seus amigos insistiu para que dissesse uma palavra mais. Estavam acostumados a que ele não partilhasse certos aspetos da sua vida, nem sequer com eles.

— Para mim é suficiente saber que as coisas continuam como até agora—confessou Samuel a Netanel.

O velho boticário ouvia-o sempre com afeto e atenção.

— Devias procurar uma esposa—atreveu-se a sugerir-lhe.

— Uma esposa? Já não tenho idade para casar. Além do mais, quem ia querer viver aqui? A Horta da Esperança não é uma casa, é mais parecida com um kibutz.

— Lembro-te de que algumas das nossas mulheres são comunistas, outras socialistas, e as que não o são nunca deixaram de trabalhar e de se sacrificar. A Horta da Esperança é um bom lugar para viver—respondeu Netanel enquanto olhava de soslaio para Daniel, o filho de Miriam.

Netanel era suficientemente velho para ter percebido que Samuel e Miriam procuravam desculpas para estarem ao pé um do outro, mas nenhum dos dois se permitia dar um passo com medo de serem rejeitados. Além disso, havia Daniel, e Miriam por nada do mundo queria que o seu filho a acusasse de não manter o luto eterno pelo seu pai, embora Netanel pensasse que faria bem ao rapaz um pai e que, se ia ter um, o único que aceitaria seria Samuel, mas não se atreveu a dizer-lho.

— Sou muito velho para casar.

— Não gostavas de ter filhos?

— Não sei, a vida nem sequer me deu a oportunidade de pensar nisso, embora... sim, claro que gostava de ter tido filhos.

— Ainda estás a tempo.

— Claro, claro... falemos de coisas sérias. Estou preocupado, esta tarde vou falar com o Mohamed. Devemos evitar que os árabes e os judeus se enfrentem. Nunca fomos inimigos, porque é que agora havíamos de o ser?—A pergunta de Samuel estava dirigida mais a si próprio do que a Netanel.

— Bem, alguns árabes nunca aceitaram a Declaração de Balfour, consideram-na uma ameaça—respondeu o farmacêutico.

— Mas ao que parece o príncipe Faysal e o doutor Weizmann chegaram a um acordo. Faysal não se parecia importar com que nós, judeus, tivéssemos um bocado de terra, e agora que foi proclamado rei da Síria...—insistiu Samuel.

— O problema não é Faysal, o problema são os britânicos e os franceses. Parece-me que o primeiro-ministro francês Georges Clemenceau não vai permitir que Faysal reine, quer a Síria e o Líbano para os franceses, e se os britânicos permitissem também ficaria com a Palestina.—Netanel não parecia ter dúvidas sobre as intenções das duas potências vencedoras da Primeira Guerra Mundial.

— Têm de respeitar os acordos com o xerife Husayn e com os seus filhos Faysal e Abdullah—protestou Samuel.

— Deviam fazê-lo, mas imagino que não sejas tão ingênuo ao ponto de acreditar que o farão. Uma

grande nação árabe não é conveniente nem à Grã-Bretanha nem à França. Achas que lutaram contra o Império Otomano para entrarem noutra império? Vão dividi-lo, e os árabes e nós pagaremos as consequências.

— Não podemos permitir que nos coloquem uns contra os outros—insistiu Samuel.

— Bem, tal como há judeus nacionalistas, também há árabes nacionalistas, que pensam que esta é a terra deles e que nós representamos um perigo, por isso estão a pressionar os britânicos para que não permitam que mais judeus europeus continuem a emigrar para a Palestina.

— Pressões que têm sucesso. O governador militar, Sir Ronald Storrs, não é bem partidário dos judeus.

— Dizem que agora sente especial antipatia por Jabotinsky—referiu Netanel.

— Bem, consigo percebê-lo, eu também não gosto muito desse Vladimir Jabotinsky. É um extremista—respondeu Samuel.

— É um homem que sabe o que quer. As pessoas ouvem-no. É um líder, embora a mim também não me convença.

— Mas agora deve-se evitar os confrontos com os árabes, o que aconteceu em Tel Haj não se pode repetir. Não me parece bem que ele e os seus amigos se passem por aí a pavonear-se.—Na voz de Samuel havia preocupação.

— Bem, combateram com os ingleses, fazem parte da Legião Judaica. Lembro-te de que eles também deram a sua pequena contribuição para a vitória dos Aliados. Também não te esqueças de que foi uma quadrilha de bandidos que atacou a colónia agrícola de Tel Haj, embora algumas pessoas digam que o confronto foi entre camponeses judeus e árabes e que, infelizmente, houve vítimas—lembrou-lhe Netanel.

— Tudo isto tem que ver com a tensão que se vive na Galileia desde a Declaração de Balfour. A Síria e o Líbano estão muito perto, e os árabes palestinos não gostam do que os franceses estão a fazer—respondeu Samuel.

— O que leva a que alguns dos nossos, entre eles Vladimir Jabotinsky, insistam em que estejamos preparados para nos defendermos, contando com as nossas próprias forças—respondeu Netanel.

— Em todo o caso, não gosto de Jabotinsky. Desconfio dos homens como ele, são demasiado parecidos com os fascistas europeus.

Os dois homens calaram-se quando a porta se abriu. Miriam interrompeu a conversa enquanto Marinna, que estava ensimesmada a fazer contas, lhe sorriu com afeto.

— O Daniel voltou a esquecer-se do almoço? Já te disse que não te preocupes, é sempre bem-vindo à nossa mesa. A minha mãe não faz distinções e diz que não precisas de mandar comida para ele.

— A Kassia é muito generosa, mas vocês já são muitos para eu ainda estar a acrescentar mais uma boca. Pelo menos que divida com vocês o que eu faço para o seu almoço.

— Como está a Judite?—interessou-se Marinna.

— Está bem, só que ninguém consegue convencê-la a descansar, mas a minha irmã sempre foi assim, ela gosta de trabalhar e de ajudar o Yossi.

— Tu também trabalhas muito—disse Marinna.

— Bem, colaboro dentro do possível, é o mínimo que posso fazer para ajudar a minha irmã e o meu cunhado e corresponder no que conseguir à generosidade que sempre mostraram para comigo. Além do mais, estão cheios de trabalho, porque cada vez vai mais gente à sua casa. O Abraham nunca se negou a receber quem bate à sua porta, fosse pobre ou rico, e o Yossi é igual ao pai. Claro que, dada a situação de Jerusalém, são sobretudo os necessitados que chegam à procura de alívio para as suas doenças sabendo que ninguém lhes vai pedir que paguem.

— A tua irmã diz que sabes tratar de fraturas como o melhor dos médicos.

— O Yossi ensinou-me e diz que tenho boas mãos.

Samuel interrompeu a conversa das duas mulheres para convidar Miriam a juntar-se a eles ao almoço.

— Não, não posso ficar, vim só trazer a comida do meu filho, mas tenho de regressar. Estão pelo menos trinta pessoas à espera de ser atendidas pelo Yossi, e ele e a Judite não conseguem fazer tudo sozinhos—desculpou-se Miriam.

— Bem, nesse caso acompanho-te um pouco, hoje não tenho muito apetite—disse Samuel enquanto procurava o seu casaco.

Caminharam algum tempo a conversar sobre coisas insignificantes.

— Cheira a primavera—garantiu Miriam.

— É normal, estamos em abril.

— Vêm celebrar o sabat? O Yossi está deseioso de ver o Louis.

— Ah, o Louis! Vai e vem sem dar explicações, mas estamos todos contentes por tê-lo de novo entre nós.

— Achas que os confrontos vão piorar? O que aconteceu em Tel Haj foi terrível—sussurrou Miriam.

— Bem, não exageremos—optou por dizer Samuel para a sossegar—,não é a primeira vez que bandidos atacam uma das nossas colónias. O Louis diz que na verdade esses árabes não tinham nada contra os judeus, que foi uma maneira de protestarem pela influência dos franceses no norte da Galileia. Algumas aldeias cristãs também sofreram ataques.

— Celebramos a Páscoa juntos? Falta muito pouco... A Yasmin disse-nos que o Mikhail vem de Telavive.

Samuel ficou magoado ao saber por Miriam que Mikhail pensava passar a Páscoa em Jerusalém. Compreendia que estivesse apaixonado por Yasmin e ela por ele, e que mantivessem uma correspondência permanente, mas custava-lhe assim tanto escrever-lhe de vez em quando?

— Gostava de celebrar a Páscoa convosco, mas depende da Rute e da Kassia.

— Este ano a nossa Páscoa coincide com o Nabi Musa dos árabes e com a Páscoa dos cristãos—recordou-lhe Miriam.

— O Nabi Musa é quase uma festa judaica, afinal de contas honra-se a memória de Moisés.

— A Dina vai celebrar?—quis saber Miriam.

— A Dina é uma mulher extraordinária que vive para fazer os outros felizes. Fará o que for necessário para agradar ao Mohamed e à sua nora Salma, à Aya e ao pequeno Rami. O menino devolveu-lhe o sorriso. Há uns dias disse-me que ser avó era a melhor coisa que lhe tinha acontecido na vida.

— O Rami é muito bonito—afirmou Miriam.

— Sim, é, e sobretudo é um menino muito inteligente e alegre.

Despediram-se às portas da Cidade Velha. Samuel disse para si que cada dia gostava mais da companhia de Miriam e perguntou-se se aconteceria o mesmo com ela em relação a ele.

Naquele dia 4 de abril de 1920, Jerusalém estava em festa. Árabes, judeus e cristãos misturavam-se nas ruas da Cidade Velha que estava a abarrotar.

Louis tinha acordado inquieto. Estava há alguns dias na Horta da Esperança e, embora tentasse sempre não alarmar os seus amigos, desta vez não tinha conseguido deixar de partilhar a sua preocupação com Samuel.

— Não percebo porque é que o governador Storrs cedeu ao pedido dos Husseini para que a procissão passasse pela cidade.

— Bem, afinal de contas os Husseini são uma família importante, e o presidente da Câmara é um Husseini, não sei porque é que estás preocupado.

— Porque é evidente que há cada vez mais atritos entre árabes e judeus, e o governador Storrs devia tentar evitar incidentes. Além disso, a procissão sempre passou à volta da cidade, nunca a atravessou. Sei que o doutor Weizmann falou com o governador...

— Sir Ronald Storrs não gosta que ninguém lhe diga o que deve fazer, e muito menos Chaim Weizmann, que chegou ao topo da Comissão Sionista—admitiu Samuel.

— Storrs devia evitar qualquer conflito depois do que aconteceu em Tel Haj... já sabes que foi uma tragédia que ceifou vidas.

— Sim, eu sei, mas em Jerusalém não pode acontecer nada parecido. Tem calma, Louis.

— Vou reunir-me com alguns amigos, estaremos atentos ao que possa acontecer.

— A melhor forma de não acontecer nada é não ficarmos nervosos e não respondermos a nenhuma provocação. Os árabes não são os nossos inimigos—pronunciou Samuel.

— Sabes uma coisa? Já não tenho a certeza de que isso seja bem assim. Leste algum dos seus panfletos? Chamam-nos "cães"...

— Não nos devemos deixar influenciar por esses grupos nacionalistas, que nos veem como um perigo. Temos de saber estar no nosso lugar.

Pouco depois de Louis sair, Kassia e Rute disseram a Samuel que iam à Cidade Velha.

— Não demoramos muito, já sabes que a Dina quer que partilhemos com eles o Nabi Musa. A Aya contou à Marinna que a mãe dela está a cozinhar desde ontem. Ainda bem que nos conseguimos reunir todos à mesa—disse Kassia.

Samuel também estava contente. Não eram muitas as ocasiões em que conseguiam estar todos juntos. Embora Mohamed parecesse feliz com Salma e Marinna com Igor, sempre que estavam juntos transmitiam uma tensão que contagiava os outros. Embora depois da perda de Ahmed e de Zaida, Dina fizesse o possível por manter a normalidade e não teriam recusado o seu convite por nada do mundo. O seu neto Rami, o filho de Aya, e Wadi, o filho de Salma e de Mohamed, tinham sido um alívio para as suas feridas. Salma acabava de dar à luz Wadi, que tinha apenas um mês de vida, e tinha enchido Mohamed de alegria e de orgulho. Para Salma tinha sido um alívio ter tido aquele varão que estreitava o seu vínculo com Mohamed. Não tinha qualquer queixa do seu marido, mas às vezes via-o perder o olhar no rosto de Marinna.

Netanel tinha-se oferecido para acompanhar Rute e Kassia na sua visita à Cidade Velha. Também Marinna e Igor tinham saído bem cedo para participarem nas celebrações dos hierosolimitanos. Samuel tinha insistido em que aquele dia fosse como um feriado, por isso aproveitariam aquela manhã luminosa para visitar alguns amigos, entre eles a família Yonah. Yossi e Judite tinham insistido em celebrar a Páscoa na sua casa, mas tinham-se resignado a que Dina fosse a anfitriã da dupla celebração, o Nabi Musa e a Páscoa judaica.

Samuel ficou sozinho em casa a saborear aquela inesperada solidão. A vida em comunidade impedia qualquer momento de intimidade, por mais que todos se manifestassem respeitosos no tratamento para com os outros. Samuel sentou-se numa velha cadeira de baloiço que Ariel tinha feito para ele e preparou-se para ler desfrutando do silêncio.

Só ao final da manhã é que Samuel soube da desgraça. Daniel, o filho de Miriam, chegou a correr à Horta da Esperança e, com lágrimas nos olhos, pediu-lhe para ir com ele.

— A minha mãe disse para vires... É horrível, é horrível, estão a matar-nos!

Samuel correu atrás dele enquanto tentava que Daniel lhe contasse o que é que se estava a passar, mas o jovem não conseguia dar uma explicação coerente.

— O irmão do mufti Hussein, foi ele—dizia Daniel com a voz entrecortada.

— Mas o que é que fez o Hadj Amin al-Husseini?—tentou saber Samuel, custando-lhe correr ao

ritmo de Daniel e sentindo um peso no peito.

Antes de entrar na Cidade Velha esbarraram com a multidão e o caos, e Daniel recuou ao ouvir um grupo de árabes gritar: "Morte aos judeus!" Para Samuel, aquele grito foi como se o tivessem atravessado com uma faca. Tentaram resguardar-se num portal, mas mal conseguiram recuperar o fôlego continuaram a correr sem rumo fixo até que Samuel não pôde continuar porque estava a sufocar. À sua volta, as pessoas corriam aos gritos. Sentia-se tonto e confuso e só reagiu quando uns rapazes com paus nas mãos começaram a bater em dois homens com alguma idade, que tentavam refugiar-se no bairro judeu. Samuel enfrentou-os gritando-lhes para que deitassem fora os paus, mas um dos jovens agrediu-o enquanto gritava: "A Palestina é nossa!" Também espancaram Daniel e o jovem caiu no meio de uma poça de sangue. Foi a última coisa que Samuel viu antes de lhe darem um pontapé na cabeça que o deixou inconsciente.

Aqueles jovens deram-se aparentemente por satisfeitos porque os deixaram caídos no meio da rua. Samuel demorou algum tempo a voltar a si; junto a ele, Daniel estava com os olhos marejados de lágrimas a tentar reanimá-lo.

Conseguiu levantar-se a muito custo e continuar a fugir da loucura que se tinha apoderado da cidade. Ouviram disparos, e viram grupos de árabes que, armados com pistolas, enfrentavam outros homens que também estavam armados.

— Aqueles são judeus—indicou Daniel.

Samuel não lhe respondeu porque a poucos metros do sítio onde estavam viu uma dezena de feridos, e dirigiu-se até lá.

— Onde é que estão os britânicos?—perguntou mais para si próprio do que para Daniel, sabendo que o jovem não tinha uma resposta.

Esbarraram de novo com outro grupo de árabes dispostos a assaltar as casas dos judeus e ouviram os gritos de terror dos moradores. Foram de novo agredidos e desta vez um dos atacantes, de sabre na mão, lançou-se sobre Daniel e feriu-o numa coxa. Samuel tentou ajudar o jovem, mas não chegou a tempo. Primeiro ouviu um ruído seco e depois sentiu uma dor profunda a atravessar-lhe o ombro. Caíram os dois no chão e receberam de novo muitos pontapés e insultos. Samuel sentiu que a vida se lhe escapava e desmaiou. Tinha sido atingido com um disparo.

Quando voltou a si deu-se conta de que estava deitado no chão de uma casa que não reconhecia. Tentou procurar Daniel com o olhar porque não era capaz de falar. Uma mulher já idosa passou-lhe um pano húmido pela cara e pediu-lhe que ficasse quieto.

— Não te mexas, aqui estarás a salvo.

Mas ele tentou endireitar-se embora tenha desistido pela dor profunda que ia do ombro até ao peito.

— Alguns dos nossos conseguiram enfrentá-los, mas massacraram-nos...—garantiu-lhe a mulher.

Um homem, também de idade, baixou-se ao pé dele e deu-lhe um copo de água.

— Bebe, vai fazer-te bem. A perna do rapaz não tem bom aspeto, mas não podemos sair em busca de um médico. Ainda se ouve o barulho da luta. Tiveram sorte de não vos matarem, aqueles desgraçados estavam raivosos porque não conseguiram derrubar a porta da nossa casa. Alguns dos nossos vizinhos não tiveram tanta sorte, assaltaram as suas casas e deixaram-nos feridos. Esses selvagens não tiveram problemas em bater em mulheres e em crianças. Como digo, tiveram sorte, pensaram que vocês estavam mortos e deixaram-vos deitados no chão. Vimos o que se passava através de uma rede da janela do andar de cima e quando pudemos arrastámo-vos para aqui.

Não eram os únicos. Samuel viu outros dois homens e três mulheres que também estavam deitados numa colcha no chão. Os seus resgatadores multiplicavam-se para atender a todos da melhor forma possível.

Não havia lugar no seu corpo que não lhe doesse, mas, com grande esforço, conseguiu levantar a cabeça do chão. O dono da casa tentou ajudá-lo.

— Devagar, devagar... não podes ir a lado nenhum. Pelo menos aqui estão a salvo. O meu pai era ferreiro e meteu na cabeça que a nossa porta devia ser de ferro forjado.

— O que aconteceu?—conseguiu murmurar.

— Não sei, só te posso dizer que, quando estávamos prontos para sair de casa, de repente vimos dezenas de árabes a correr pelas nossas ruas, a gritar "Morte aos judeus!" e a chamar-nos "cães". Assustámo-nos e decidimos resguardar-nos da turba. Não te quero alarmar com o que vimos...

— Mas o que provocou tudo isto?—voltou a perguntar procurando uma resposta que o homem não lhe dava.

— Já te disse, não sei.

E mesmo se lhe tivesse dito não teria ouvido porque desmaiou de novo.

Passaram umas horas que a todos pareceram intermináveis antes de a calma regressar. O dono da casa esteve um bom bocado a observar da janela do andar de cima antes de se atrever a sair em busca de ajuda. Não demorou muito a regressar e quando voltou parecia constrangido. Sem se dirigir a ninguém em concreto, contou tudo o que sabia.

— Há centenas de feridos por todo o lado, árabes, judeus e também cristãos. Dizem que a culpa foi de um dos Husseini, o irmão do presidente da Câmara. Os britânicos não foram capazes de fazer nada. Perto daqui violaram a filha de um grande amigo meu...—O homem desatou a chorar abalado com o que tinha acontecido.

Com a ajuda do dono da casa, Daniel conseguiu aproximar-se do canto onde Samuel estava deitado. Doía-lhe a perna. A ferida do sabre tinha-lhe quase chegado ao osso. Samuel parecia perdido num estado de letargia, por isso nenhum dos dois foi capaz de consolar o outro, mas ficaram juntos até que o homem se aproximou deles para lhes perguntar quem devia avisar. Daniel pediu que procurassem a sua mãe e o seu tio Yossi.

— O meu tio é médico e vive perto daqui, a dois quarteirões—explicou ao homem.

— Ah, mas tu és o sobrinho do Yossi Yonah! Como é que não me tinha dado conta?! O Abraham Yonah e eu éramos amigos e conheço bem o seu filho Yossi. E a ti também, tu és o filho da Miriam, a irmã da Judite, a mulher do Yossi.

— Sim, sou eu.

O homem disse chamar-se Barak e a sua esposa Deborah, e ambos fizeram o possível por ajudar todos aqueles a quem tinham dado refúgio.

Quando Daniel viu aparecer o seu tio Yossi desatou a chorar.

— E a minha mãe? Onde é que está a minha mãe?—perguntou angustiado.

— Está bem, não te preocupes. Venho sozinho porque não queria que ela corresse nenhum perigo. O Barak vai ajudar-me a levar-vos para a minha casa, ali poderei tratar de vocês—disse enquanto os examinava rapidamente.

— Não me enganes, tens a certeza de que a minha mãe está bem?—insistiu Daniel.

— Não te engano, nem sequer saberia fazê-lo—respondeu Yossi.

Tiveram de improvisar uma maca para transportar Daniel. Não podia andar. Quanto a Samuel, tinha perdido muito sangue e mal conseguia manter-se consciente, tinha febre e Yossi estava preocupado com o seu estado.

— Prefiro não o tirar daqui. Podíamos mudá-lo para uma cama, não acham?—pediu a Barak.

Assim o fizeram e deu-lhe uma beberagem que fez com que adormecesse profundamente, antes de lhe ser extraída a bala que tinha alojada num ombro, perto da clavícula.

A batalha tinha terminado e a cidade tentava lentamente voltar à normalidade. Mas naquele dia de abril de 1920 abriu-se uma via, a do desencontro entre árabes e judeus.

Durante dois dias e duas noites Samuel lutou pela vida. Yossi aparecia quando tinha um pouco de tempo e ficava desesperado ao ver que o seu amigo não melhorava. Em casa de Yossi também se amontoavam feridos e nem com a ajuda de Miriam eram capazes de atender todos com atenção. Foi na tarde do terceiro dia que, por fim, Samuel abriu os olhos e viu Yossi e Miriam ao seu lado. Os dois pareciam preocupados, nos seus rostos refletiam-se as marcas do cansaço e da dor.

— O que aconteceu?—conseguiu dizer fazendo um esforço para articular as palavras que pareciam não querer sair da sua garganta.

— Estás vivo, isso é suficiente—respondeu Yossi com um tom amargo.

— O que aconteceu?—insistiu, desesperado.

— Tem calma, tens de descansar.—A voz de Mikhail sobressaltou-o.

— Tu... tu... estás aqui...—E sentiu-se aliviado por saber que ele estava bem.

— Cheguei no dia de Páscoa bem cedo. A Yasmin disse-me que a Dina tinha organizado um almoço para celebrar o Nabi Musa e que estávamos todos convidados. Pensei em fazer-te uma surpresa, embora a Yasmin me tenha dito que tu devias saber que eu pensava vir para a Páscoa—explicou-lhe Mikhail.

— Não te debes cansar, vais ter tempo para as explicações—interrompeu-os Yossi.

— Quero saber o que aconteceu...—A voz de Samuel era agora de súplica.

— Não te preocupes—insistiu Yossi.

— Mas está preocupado e não deixará de estar enquanto não lhe explicarmos o que aconteceu.—Louis tinha aparecido da penumbra.

— Louis...—conseguiu dizer Samuel, reconfortado por ver o seu amigo.

— Haj Amin al-Husseini desencadeou o inferno. Apresentou-se perante a multidão com uma fotografia de Faysal. A turba começou a gritar: "A Palestina é a nossa terra!", enlouqueceram... Começaram a atacar o bairro judeu e todos os que se encontravam no seu caminho—explicou Louis.

— Não simplifiquemos as coisas—interrompeu-o Mikhail—,é evidente que Haj Amin Al-Husseini queria provocar o que aconteceu. Como teria sido possível isso acontecer sem a presença de tantos homens armados com paus, facas e pistolas? Estava tudo preparado e o incompetente do governador, Sir Ronald Storrs, não foi capaz de controlar a situação.

— E como podia fazê-lo se tem apenas pouco mais de cem polícias? Ele próprio teve de se refugiar no seu quartel-general do Hospício Austríaco—respondeu Miriam.

— Devia ter ouvido a preocupação do doutor Weizmann quando o avisou de que não era boa ideia permitir que a procissão atravessasse a Cidade Velha. Os britânicos só estavam preocupados em proteger os cristãos que celebravam a cerimónia do Fogo Sagrado no Santo Sepulcro, mas ali também se iniciou um inferno. Ao que parece, houve um confronto entre siríacos e coptas... não me perguntes porquê. A única coisa que sabemos é que Jabotinsky decidiu por sua conta e risco encarregar-se da situação e saiu com alguns dos seus amigos para tentar travar os árabes e proteger o bairro judeu. Um erro crasso, porque a única coisa que conseguiu foi piorar a situação e exaltar os ânimos. Houve disparos e mortos. Morreram cinco judeus e quatro árabes, além de haver centenas de feridos, mas nós ficámos com a pior parte, pois a maioria dos feridos são judeus—explicou Louis.

— Agora Storrs está à procura dos culpados e mandou prender alguns dos desordeiros. Amin al-Husseini já não está em Jerusalém, escapou, mas meteu Jabotinsky na prisão—acrescentou Yossi.

— O cúmulo é que alguns homens de Storrs dizem que a culpa é dos bolcheviques—afirmou Mikhail com raiva.

Samuel fechou os olhos tentando assimilar todas aquelas explicações. Sentia-se atordoado, cansado,

sem vontade de viver.

— E a Kassia, e a Rute...? Elas estavam na cidade com o Netanel—conseguiu perguntar.

— A Rute está muito mal, levou uma facada, tal como o Netanel, que as tentou proteger. A Kassia está bem, com um braço partido e algumas nódoas negras—respondeu Yossi.

— A Marinna... a Marinna está ferida e o Igor esteve à beira da morte—acrescentou Mikhail.

— A minha irmã foi pisada quando tentou ajudar uns anciãos que fugiam em busca de refúgio. Atiraram-na para o chão e deram-lhe um pontapé na cabeça, depois espancaram-na e...—Miriam não conseguiu conter as lágrimas.

Samuel tentou fixar a atenção nas palavras de Miriam. Custava-lhe compreender o que dizia. Tinha-lhe parecido perceber que Rute e Kassia estavam feridas, mas seria realmente assim? E Marinna, o que é que tinham dito de Marinna?

Viu o rosto crispado de Yossi e Miriam a secar as lágrimas com as costas da mão.

— A Judite... o que é que lhe aconteceu?

— Perdeu a visão, não sei se a recuperará—disse Yossi tanto com desolação como com raiva.

Samuel voltou a fechar os olhos. Não queria ouvir mais. Preferia afundar-se no sono que o impedia de sentir.

— Precisa de descansar—afirmou Yossi, vendo a expressão de dor que se tinha formado nos seus lábios. Uma dor que não tinha que ver com o corpo, mas sim com as profundezas da alma, a mesma dor que o destroçava a si próprio.

Com muita pena sua, Samuel começou a passar mais tempo acordado. Teria gostado de desfrutar das penumbras da inconsciência, mas Yossi tinha teimado em fazer com que vivesse e Miriam ajudava-o nesse objetivo.

Consolava-o sentir a sua mão morna sobre a testa. Ela sorria-lhe com tristeza, levava-lhe comida com esperança de que assim recuperasse rapidamente.

Na verdade, não era preciso que Miriam controlasse Barak e Deborah, pois ambos faziam tudo o que podiam pelo bem-estar de Samuel. Tinham-no acolhido na sua casa e tratavam dele como se fosse da sua própria família.

Deborah contou-lhe que tinha um filho a viver na Galileia, que os tinha deixado por amor a uma socialista vinda da Rússia. Uma mulher forte e corajosa, dizia da sua nora, mas que lhe tinha partido o coração por ter levado o seu único filho para o tornar um camponês partilhando as inclemências do tempo e a dureza da terra com outros sonhadores como ela.

Samuel não sabia há quanto tempo estava na casa de Barak e de Deborah; embora lhes agradecesse tudo o que estavam a fazer por ele, tinha saudades da Horta da Esperança. Sentia-se inquieto sem ver com os seus próprios olhos os estragos que os distúrbios do Nabi Musa tinham provocado.

Pediu a Yossi que o levassem até lá, mas o seu amigo resistia.

— Continuas muito fraco, espera um pouco. Ainda pode haver mais distúrbios, li no jornal que na Conferência de San Remo as potências decidiram entregar a Palestina à Grã-Bretanha. O primeiro-ministro Lloyd George aceitou o mandato.

— Isso é mau?—perguntou Samuel cansado.

Yossi não soube o que responder, sinceramente não sabia.

Numa tarde Deborah entrou inquieta no quarto onde se encontrava Samuel. Aproximou-se da cama e murmurou:

— Está aqui um árabe que te quer ver, diz que é teu amigo. Está com uma mulher.

— Manda-os entrar—disse ele sem pensar em quem podia ser.

Deborah ficou surpreendida quando viu que o seu rosto se iluminava ao ver aquele jovem árabe que,

com porte decidido, mas gestos tímidos, parava no limiar da porta enquanto a mulher que o acompanhava entrava decidida só parando junto à cama.

— Mohamed! Dina!—E foi naquele momento que Samuel deixou correr todas as lágrimas que tinha acumulado durante aqueles dias.

Mohamed aproximou-se e pôs-lhe uma mão num braço apertando-o ligeiramente. Não verteu nem uma lágrima, mas tinha os olhos muito brilhantes por as conter. Pelo contrário, Dina chorava desconsoladamente.

— Não viemos ver-te antes porque Jerusalém já não é um lugar seguro para ninguém. Não me atrevia a entrar no bairro judeu, mas já conheces a minha mãe, disse que não passava de hoje, que se eu não viesse com ela viria sozinha. Eu... não sabia se nos querias ver...

Samuel apertou a mão de Dina entre as suas. Uma mão de mulher forte, que sabia o que era o trabalho, mas também sabia oferecer o calor da amizade.

— Dina... obrigado, só de vos ver já estou melhor—disse Samuel sorrindo.

— Eu não te disse? E tu achavas que o que tinha acontecido ia prejudicar o afeto que temos uns pelos outros? Impossível! Não conheces o Samuel como eu.—As palavras de Dina estavam cheias de orgulho, do orgulho por saber que não se podia enganar em relação àquele homem que jazia ferido e que tinha contado com a confiança e com o respeito do seu marido Ahmed.

— Lamento o que aconteceu, aquilo não devia ter sucedido.—Mohamed não sabia como explicar ao seu amigo o que se tinha passado no Nabi Musa.

— Nós também sofremos, o meu irmão Hassan levou um tiro e esteve prestes a perder a vida. Ainda está em convalescença, tal como o meu sobrinho Khaled. Tanto sofrimento só serviu para que a minha cunhada Layla acordasse da dor em que estava afundada desde a perda do seu primogénito e que agora se volte a ocupar da casa. Que remédio! O seu marido e o seu filho não se podem mexer. O Hassan perdeu parte do pé direito. Vai ficar coxo para sempre—contou Dina com consternação.

— Não te preocupes com a Horta da Esperança. A minha mãe, a Aya e a Salma não deixaram de cuidar da Kassia e da Marinna. O Igor e a Rute é que estão mal. O pobre Netanel está a recuperar lentamente, mas ainda não se pode mexer. A Anastásia também vai lá todos os dias e o Jeremias passa o tempo que pode a tratar das vossas oliveiras e das árvores de fruto, tal como eu—explicou Mohamed.

— A Aya, a Salma e eu revezamo-nos, vamos da casa do meu irmão à vossa, mas organizamo-nos bem—continuou Dina.

Samuel, que não rezava desde criança, murmurou uma oração em silêncio dando graças ao Todo-Poderoso por, no meio da tempestade, não se terem quebrado aqueles laços que uniam todos os que partilhavam o chão da Horta da Esperança.

— O Yossi diz que amanhã já podes voltar para casa. O Jeremias quer vir buscar-te, eu venho com ele; já é hora de voltar—garantiu Mohamed.

Aquela foi a primeira noite em que dormiu bem. Dina e Mohamed tinham-lhe devolvido a paz para consigo próprio.

No dia seguinte sentiu que as horas passavam com uma lentidão desconhecida. Desejava regressar à Horta da Esperança e tinha pedido a Barak que o ajudasse a vestir-se para estar preparado. Miriam foi vê-lo a meio da manhã.

— O Daniel está melhor da perna e insiste em ir amanhã à Horta da Esperança—anunciou-lhe.

— Não deve fazê-lo, pois a ferida pode infetar.

— O meu cunhado Yossi diz que dentro de pouco tempo terá alta.

— E a Judite?

Os olhos de Miriam encheram-se de dor. Judite não tinha recuperado a visão e mal falava. A sua irmã

ainda não tinha ultrapassado o choque com que aquela violência a tinha castigado. Não via, não falava, mal se mexia.

Yasmin ocupava-se dia e noite da mãe porque Yossi não podia deixar de atender os doentes que se amontoavam em frente à sua porta. A princípio, os árabes não se atreveram a recorrer ao médico judeu com medo de que não os recebesse, mas Yossi era filho de Abraham e era hierosolimitano, aquela era a sua cidade, aqueles homens eram os seus vizinhos e a religião nunca tinha sido motivo de confronto entre eles, por isso não os podia odiar, por mais que lamentasse o destino de Judite e dos seus amigos.

Miriam trabalhava dia e noite a ajudar o cunhado. Tornou-se uma boa enfermeira, quase tão boa como tinha sido Judite. Trabalhar aliviava-lhe a alma porque tratava da dor dos outros e não pensava na sua própria dor. Dava graças a Deus pelo facto de o seu filho se ter livrado daquela barbárie, mas não podia encontrar paz quando via os olhos vazios da sua irmã Judite, e os esforços de Yasmin para reconfortar a sua mãe. Yasmin tinha desistido de acompanhar Mikhail a Telavive, tinha fechado na gaveta dos sonhos o seu desejo de casar com aquele jovem impetuoso que tocava violino com notas tristes.

A Horta da Esperança cheirava a tristeza, se é que esta tem cheiro. Pelo menos foi isso que Samuel sentiu quando, com a ajuda de Jeremias e de Mohamed, atravessou o limiar daquela que era a sua casa. Kassia, com um braço ao peito, abraçou-o a chorar e Aya juntou-se espontaneamente àquele abraço. Dina estava atarefada a preparar o almoço.

Samuel insistiu em que o ajudassem a caminhar até ao leito de Rute. A mulher estava deitada com vários cortes na cara, embora o pior fosse a ferida provocada por uma facada que lhe tinha atravessado a parte superior do pulmão direito. Yossi ainda não sabia como é que Rute tinha sobrevivido.

Marinna tinha perdido o filho que esperava. Samuel não sabia que ela estava grávida, mas Kassia disselhe. Aquela jovem era o que tinha de mais parecido com uma filha e doeu-lhe vê-la com a face desfigurada pela pancada e com uma perna ferida, mas viu sobretudo no seu rosto uma dor mais aguda, a da incompreensão.

Igor, segundo murmurou Jeremias, estava mais morto do que vivo. Tinha interposto o seu corpo entre Marinna e os agressores, embora não tivesse conseguido evitar que os apunhalassem aos dois. Era difícil reconhecer naquele rosto os nobres traços de Igor.

Netanel estava melhor do que ele pensava. Tinha uma perna partida, e uma facada que lhe atravessava o rosto do olho direito ao queixo, e que o tinha marcado para sempre.

Anastásia aproximou-se de Samuel e olhou para ele com pena. Ele sentiu naquele olhar restos do amor que ela um dia tinha tido por ele.

— Não te preocupes com nada. A casa está organizada. A Dina encarregou-se de tudo e a Aya e a Salma ajudaram muito sem ligarem aos protestos dos filhos. Por mais que o Rami gritasse para chamar a atenção da mãe, ela não deixou nem um segundo de tratar da Rute e da Marinna, até da Kassia, que já sabes como é, não deixa que cuidemos dela. A minha filha também veio dar uma mãozinha—explicou-lhe Anastásia.

— Eu estou melhor e este braço não me vai impedir de me encarregar de tudo—garantiu Kassia.

— Não vou deixar que te esforces. Já te disse que só penso deixar-vos sozinhos quando estiverem todos bem—sentenciou Dina colocando-se diante de Kassia.

As duas mulheres gostavam uma da outra. Tinham a mesma idade e tinham partilhado aquela horta nas últimas duas décadas, conheciam-se demasiado bem.

Samuel compreendeu que sem Dina e a sua família não se teriam safado. Ficava constrangido ao ver que Aya e Salma iam e vinham todo o dia para o ajudar em tudo o que era necessário. Normalmente era Aya quem chegava bem cedo, enquanto Salma ia à casa de Hassan e de Layla. Dina tinha-se encarregado das duas famílias e, embora Samuel não pudesse deixar de reparar que a mulher tinha envelhecido muito,

viu nela aquela energia de antigamente que a levava a ajudar todos aqueles que precisavam.

Tanto Aya como Salma tentavam não levar os seus filhos para a casa dos vizinhos. Não queriam entristecer ainda mais Marinna, que não tinha ultrapassado a perda do filho que levava nas entranhas.

A rotina foi-se instalando nas suas vidas. Samuel parecia estar melhor, tal como Netanel. O boticário moscovita insistia em que ele voltasse ao trabalho, apesar de ainda não estar totalmente recuperado das feridas. Numa das suas visitas, Miriam também lhes garantiu que o seu filho Daniel estava ansioso por regressar às suas tarefas no laboratório.

— Quando o Yossi deixar, virá, nem que seja de muletas.

Quem mais preocupava Samuel era Rute, não só pela dimensão das suas feridas, mas porque a mulher tinha caído num estado de depressão do qual era difícil retirá-la. Por mais que Kassia a animasse, Rute parecia ter perdido a vontade de viver. Não dizia nada, nem sequer se lamentava da dor daquelas facadas que lhe tinham deixado um rasto de cicatrizes nos braços e no rosto. O seu silêncio, segundo Kassia, era pior.

Numa tarde em que Dina apareceu com o jantar, Samuel pediu-lhe que avisasse Mohamed de que queria falar com ele.

— Preciso de compreender, Dina, preciso que o Mohamed me explique porque é que esta tragédia aconteceu.

Dina olhou-o com apreensão, mas assentiu. Ela própria não deixava de insistir com o seu filho para que lhe explicasse como é que aquela loucura tinha acontecido. Tal como Samuel, ela também precisava de compreender.

Se não fosse por Cemal Paxá, aquele sanguinário que tinha ceifado a vida de Ahmed, quase poderia sentir nostalgia dos tempos em que eram governados pelo sultão otomano, confessou com rubor a Samuel, e ele concordou com ela.

No dia seguinte, Mohamed foi vê-lo ao regressar da pedreira. Parecia cansado e preocupado.

— As coisas na pedreira estão a correr bem?

— Sim, estão a correr como deve ser, embora os homens estejam inquietos. O que aconteceu no Nabi Musa deixou cicatrizes em todos nós, cicatrizes daquelas que não se veem—respondeu Mohamed.

— Não seríamos homens se não sentíssemos dor e raiva com o que aconteceu. Todos sofremos.

— Sim, nós também tivemos muitos feridos.

— Nós... vocês... Porque é que falamos assim, Mohamed? Quem são vocês? Quem somos nós? Por acaso não somos os mesmos que sempre fomos? Em que é que isso nos diferencia?

— Nós somos árabes, vocês judeus, outros são cristãos...

— E então? A quem é que importa o Deus a que reza cada um? E o que acontece com aqueles, como eu, que não rezam?—Samuel olhava para os olhos de Mohamed.

— Eu ouço-te falar e penso como tu, mas depois, quando vou lá para fora, vejo que as coisas são diferentes, que nós, homens, somos diferentes.

— Diferentes? Não me parece que sejamos diferentes. Todos temos duas mãos, dois pés, uma cabeça... Todos nascemos de uma mãe. Todos sentimos medo, amor, ódio, ingratidão, ciúmes... Quem é que te diz que somos diferentes? Ninguém é mais nem melhor do que os outros.

— Nisso estás enganado, alguns homens são melhores do que outros, Samuel. O meu pai era um deles.

— Sim, tens razão, alguns homens são bons.

— Tu és bom, já o meu pai o dizia.—O olhar de Mohamed estava carregado de sinceridade.

— O teu pai iluminava-me com a sua bondade, mas eu não sou como ele, embora também não me pareça que seja um malvado. Só um homem, Mohamed, um homem como qualquer outro homem. Durante

muitos anos vivi com o estigma de ser judeu. Na universidade era diferente dos meus amigos. E não por fazer alguma coisa que eles não fizessem, mas sim porque bastava referir que era judeu para que me vissem e me sentissem diferente. Uma só palavra, "judeu", e isso fazia de mim alguém especial. Alguns amigos diziam-me: "Não te preocupes, não me importo com o facto de seres judeu", mas só dizê-lo implicava condescendência. Agora parece que tu e eu somos diferentes porque tu és árabe e eu judeu. Que loucura!—No lamento de Samuel havia amargura.

Mohamed baixou a cabeça durante uns segundos, enquanto arrumava as ideias. Mais uma vez estava desconcertado.

— Queremos a mesma terra—conseguiu responder.

— Partilhamos a mesma terra—respondeu Samuel com sinceridade.

— Era nossa antes de vocês chegarem.

— Pertencia aos turcos, que governavam há quatro séculos. Mas, apesar deles, esta é a terra dos teus antepassados e dos meus. Eu não sinto que seja minha, mas as nossas raízes estão aqui, por isso regressámos.

— E o que devemos fazer? Devemos permitir que se apropriem pouco a pouco de todas as nossas terras?—Mohamed olhava-o fixamente.

— Ficar com as vossas terras? Nós comprámos este pedaço de terra à família Aban, lembra-te? Os judeus que foram chegando compraram terras a quem as quis vender; que eu saiba, ninguém as roubou. Não gosto da forma como falas, Mohamed, outra vez "nós", "vocês". Não podemos viver todos juntos? Por acaso não fomos bons vizinhos durante todos estes anos? A tua mãe está há semanas a cuidar de nós, não há um único dia em que não apareça com os seus guisados. A tua irmã Aya não só ajuda a Kassia nas tarefas mais pesadas, mas também cuida da Marinna. Passa horas com ela, às vezes falam, outras cala-se, mas a Aya reconforta-a com a sua presença. Não, na Horta da Esperança não há "nós" nem "vocês", aqui somos iguais; diz-me onde é que vês as diferenças.

— Devias ter sido poeta. Quando te ouço, fico comovido com as tuas palavras e convences-me, mas já te disse que lá fora as coisas não são iguais e nem sequer as tuas palavras carregadas de boas intenções podem mudar a realidade.

— A realidade é aquilo que quisermos que ela seja—sentenciou Samuel.

— Lamento, Samuel, lamento sinceramente, mas as coisas não estão a correr bem. Entre os meus, há quem vos veja como um perigo para o nosso futuro, para os nossos interesses. Preocupa-os que os judeus continuem a vir para a Palestina, mas preocupa-os, sobretudo, as promessas dos britânicos. Eles prometeram-vos um lar numa terra que não lhes pertence. Muitos amaldiçoam a declaração do ministro Balfour.

— Ajuda-me a levantar-me, quero sair porque a esta hora já cheira a jasmim. Gosto do cheiro a jasmim. A tua mãe ofereceu à Kassia uma estaca quando viemos para a Horta da Esperança.

Mohamed ajudou-o a levantar-se e ao fazê-lo reparou na extrema magreza de Samuel. Saíram de casa a caminhar lentamente até perto da cerca e sentaram-se num poial. Samuel tirou a cigareira e começou a enrolar dois cigarros. Fumaram em silêncio.

Sentiam-se bem um com o outro, por isso não precisavam de palavras para desfrutar daquele momento em que o sol começava a esconder-se deixando um fulgor avermelhado no céu.

Estavam a acabar o cigarro quando viram Louis chegar. Samuel sorriu ao ver o seu amigo. Louis, à sua maneira, tinha-se encarregado da Horta da Esperança. Noite após noite vinha dormir e preocupava-se com que tudo estivesse em ordem naquela casa, onde todos recuperavam das feridas sofridas durante o Nabi Musa.

— Não devias estar aqui—disse Louis a Samuel em jeito de cumprimento, enquanto abraçava

Mohamed.

— Sempre faz bem respirar o ar da noite—respondeu Samuel voltando a tirar a cigarreira e oferecendo-a a Louis, que aceitou a sorrir.

— Como é que a Rute está hoje?—perguntou Louis com preocupação.

— Disse apenas duas palavras para agradecer à Dina o bolo de pistácio que tinha preparado para ela.

— Não consigo perceber porque é que está tão abatida.—Nas palavras de Louis havia um tom de censura.

— Estávamos a falar do que aconteceu—interrompeu-o Samuel mudando de assunto.

— Não é assim tão difícil de perceber, o que acontece é que tu tens uma visão romântica da vida e negas-te a ver as coisas à luz da realidade—disse Louis dando-lhe uma palmada no ombro.

— É isso que eu lhe digo—interrompeu-o Mohamed.

— A realidade não é mais do que o reflexo das ações dos homens, por isso a realidade pode ser alterada—respondeu Samuel, que não estava disposto a ceder nas suas posições.

— O mundo está a mudar; admito que a mudança se deve à ação dos homens, não poderia ser de outra forma, mas a verdade é que às vezes se iniciam forças que são imparáveis. Agora mesmo em Sèvres, em França, as grandes potências estão a acabar de dividir o Médio Oriente; vão chegar a um acordo que quererão impor-nos; uns aceitá-lo-ão, outros não... mas terá consequências para nós, para todos os palestinianos, tanto para os palestinianos árabes como para os palestinianos judeus.—O tom de voz de Louis era solene.

— As coisas já estão a mudar; de facto, os britânicos já governam na Palestina. Hoje esperava-se a chegada do alto-comissário—lembrou Mohamed.

— É verdade, Sir Herbert Samuel já chegou e garanto-vos que foi um espetáculo total. Os britânicos têm um grande sentido teatral do poder. Foi recebido com salvas de até dezassete tiros de canhão. Pelo que sei, vai instalar a sede do governo na Fortaleza Augusta e tenciona reunir-se e ouvir todas as comunidades—continuou Louis a explicar.

— É judeu—afirmou Mohamed, e essas duas palavras eram mais do que uma confirmação da religião do alto-comissário.

— Sim, é judeu, mas isso não o torna melhor nem pior; talvez para os judeus palestinianos seja pior que Sir Herbert seja judeu, porque se esforçará por demonstrar que é imparcial e isso pode levá-lo a cometer alguma injustiça connosco—disse Louis.

— Está calor—queixou-se Samuel afastando com a mão um mosquito que voava à sua volta e que parecia desejoso de lhe dar uma picadela.

— Bem, é dia trinta de junho, o que é que esperavas? Podemos continuar esta conversa lá dentro e assim não tens de lutar contra os mosquitos—propôs Louis.

— Eu vou para casa, a minha mãe deve estar a protestar com a minha demora. Talvez o meu pequeno Wadi ainda esteja acordado. A Salma sabe que, quando volto da pedreira, gosto de brincar com o nosso filho.

Mohamed despediu-se dos dois com um certo alívio. Estava demasiado cansado para prolongar uma conversa sobre política, porque afinal de contas era disso que se tratava. E não lhes tinha mentido ao expressar o seu desejo de ver Wadi. Desejava ver o seu filho e abraçá-lo.

Samuel apoiou-se em Louis para caminhar. Ainda se sentia fraco apesar de terem passado mais de dois meses desde que foi atingido por aquela bala perdida.

Entraram em casa e encontraram Kassia a ler. Igor e Marinna estavam no seu quarto e Rute dormitava.

— Têm o jantar na mesa. A Dina trouxe hummus e eu preparei uma salada. Acho que vou descansar,

amanhã temos muito trabalho. Levei há algum tempo o jantar ao Netanel e vi que o laboratório precisa de um jeitinho. É preciso esfregar o chão e limpar as janelas—disselhes.

— Pouco a pouco, Kassia, só começámos a trabalhar há duas semanas—respondeu Samuel.

— E isso acabou. Isto parece um hospital em vez de uma exploração agrícola. Se continuarem assim, vai aparecer bolor no laboratório. Não podemos continuar a lamentar-nos pelo que aconteceu. Estamos vivos, o resto já não importa.

— Partiram-te um braço e sofreste vários ferimentos, mas nós, os outros, não saímos tão incólumes—protestou Samuel.

— Agradece que essa bala não te tenha matado. A Marinna ficou com a pior parte, porque perdeu o filho, e a pobre Judite voltou... bem, perdeu a cordura, mas a nós só nos restam cicatrizes. Já passaram mais de dois meses, acabaram-se os lamentos. Tu já estás em condições de trabalhar no laboratório. O Netanel já o faz e é mais velho do que tu. Eu não consigo fazer tudo. Quanto ao Igor, regressou à pedreira, mas mesmo assim não deixa de fazer a sua parte na horta. E já que estamos a conversar... enfim, este momento é tão bom como qualquer outro.

Kassia respirou fundo e olhou para Samuel e, de seguida, para Louis. Reparava que tinham ficado alerta em relação ao que ela lhes pudesse dizer.

— Precisamos de mais mãos para trabalhar a terra ou, caso contrário, as plantações vão acabar por se estragar. Pensei que devíamos ampliar a nossa comunidade. A Miriam disseme que há um grupo de judeus que está à procura de trabalho. Aqui podemos dar-lhes um teto e uma ocupação. Porque é que não vais amanhã à cidade para os conhecer?—Apesar da passagem dos anos, Kassia continuava a liderar a comunidade.

— Queres transformar a Horta da Esperança num kibutz?—perguntou Louis.

— Bem, na verdade parece-se bastante com um kibutz—respondeu Kassia.

— Mas não é—replicou Louis.

— Eu não sei se serei capaz de viver com desconhecidos—protestou Samuel.

— E o que é que nós éramos quando nos vimos pela primeira vez? Podemos construir outra casa para os novos. O Igor trabalha na pedreira, a Marinna no laboratório, e vocês...

— Todos trabalhamos a terra, nunca deixámos de o fazer—reclamou Samuel.

— O trabalho duro da Horta recaía no Ariel e no Jacob, tu sabes bem disso. Estamos a ficar velhos e precisamos de gente com esperança, com a mesma esperança que nós tínhamos quando chegámos aqui.—Kassia não admitia resposta para os seus planos.

— Tem razão—aceitou Louis—, não devemos ser egoístas. Amanhã vamos ver o Yossi e dizemos para nos apresentar essas pessoas e depois decidimos. O que é que o Igor e a Marinna acham?

— Ensinámos à Marinna desde pequena que ninguém deve ter mais do que os outros; que devemos partilhar, que nada nos pertence.

Kassia esteve prestes a emocionar-se ao relembrar os seus ideais socialistas, aqueles que tinha partilhado com Jacob, o seu marido. Sentia muito a sua falta! Jacob tinha-lhe ensinado tudo o que sabia.

— E a Rute e o Igor? Não podemos tomar nenhuma decisão sem o apoio deles—recordou-lhes Samuel.

— A Rute não quer saber; quanto ao Igor, é um verdadeiro socialista. Há pouco tempo disseme que às vezes pensa que ele e a Marinna deviam ir para um kibutz.—Pelo tom de voz de Kassia, Samuel compreendeu porque é que ela estava empenhada em transformar a Horta da Esperança.

— Não temos espaço suficiente para um kibutz, no máximo podemos albergar outra família; quanto à terra, não vai dar mais frutos só porque existe mais gente a trabalhar nela.—Apesar dos seus argumentos, Samuel sabia que tinha perdido a batalha contra Kassia.

As suas vidas voltaram a sofrer uma reviravolta. Yossi apresentou-lhes aquele grupo de russos recém-chegados de Paris. Era formado por dois homens de meia-idade, três mulheres, um casal idoso e três crianças.

Um dos homens, que disse chamar-se Moshe, explicou as dificuldades pelas quais tinham passado até chegarem à Palestina. Tinham fugido da Rússia pouco depois da revolução. Todos eles tinham colaborado na instauração do novo regime, e o próprio Moshe confessou ter estado com os bolcheviques. Mas a revolução não tinha acabado com a desigualdade nem com o estigma que implicava o facto de serem judeus.

— Vivíamos em Kiev, lá trabalhava como jornalista e a minha mulher estava numa tipografia. A minha família era modesta, sem outros luxos senão os livros, mas mesmo assim os meus camaradas achavam que tínhamos demasiado, por isso tivemos de partilhar o nosso lar com outros que ainda tinham menos. Não protestámos. Era para isso que tínhamos apoiado a revolução. Mas não foi suficiente. As novas autoridades desconfiam dos judeus. Dizem que muitos de nós são burgueses, além de sionistas; censuram outros judeus por manterem as velhas tradições, como ir à sinagoga, inclusive há um ano, em 1919, decidiram proibir as organizações sionistas. Acusavam-nos de apoiar o imperialismo. Como vês, nós, que nos tínhamos dedicado totalmente à revolução, de repente passávamos a ser suspeitos. Qualquer manifestação a favor do sionismo ou do judaísmo é considerada contrarrevolucionária. A Eva, a minha esposa, foi presa durante três dias. Alguém a denunciou por falar em hebreu. Uma denúncia falsa, porque o seu conhecimento do hebreu é muito elementar. Um bom amigo que dispõe da confiança do soviete de Moscovo conseguiu que a libertassem. Há judeus que ocupam cargos importantes no novo Estado. Judeus que deixaram de o ser e cuja única religião é a revolução. A Eva salvou-se, mas os meus pais e os dela não. Nós somos de Proskurov, e lá o Exército Branco levou a cabo uma matança, tal como em Denikin, Berdichev, Jitomir... e em tantos outros lugares. Como vês, nós, judeus, voltámos a sofrer os pogroms. Não interessa que cheguem forças do Exército Vermelho ou do Branco a uma aldeia, porque no fim os judeus são sempre as vítimas. Se há um lugar na Rússia onde se paga muito por ser judeu é na Ucrânia. Por isso fugimos. Gastámos tudo o que tínhamos em subornos, mas finalmente conseguimos embarcar em Odessa.

Moshe apresentou-lhes Eva e os seus três filhos. O outro casal era composto por um professor e a sua esposa que tinham conseguido escapar com os seus pais idosos. A terceira mulher, que permanecia estranhamente calada e com o olhar perdido, tinha-se juntado a eles no caminho. As tropas do Exército Branco tinham arrasado a sua aldeia e assassinado o seu marido e os seus filhos. Ela, que dizia chamar-se Sofia, tinha sobrevivido, embora não soubesse explicar como. Tinham-na encontrado desamparada e decidiram que se juntasse a eles. Que outra coisa teriam podido fazer para a ajudar?

Tinham ouvido Moshe em silêncio, impressionados com tanto sofrimento. Não menos trágico era o relato dos outros ucranianos, embora eles, ao contrário de Moshe, que queria ficar em Jerusalém, estivessem decididos a instalar-se em algum kibutz. Yossi observava Louis e Samuel sabendo que nenhum dos dois se oporia a que fizessem parte da Horta da Esperança.

Quando Samuel e Louis chegaram com os ucranianos, Kassia já lhes tinha arranjado alojamento depois de esvaziar o novo alpendre, onde guardavam as ferramentas e as alfaias para lavar.

— Têm de construir uma casa, mas ajudar-vos-emos. Aqui trabalhamos todos sem distinção, não há trabalho que os homens façam que nós não façamos. A Horta da Esperança não é um kibutz embora tenhamos normas parecidas. Aqui decidimos tudo em comunidade e partilhamos o que temos—explicou Kassia aos recém-chegados.

— E é importante que se deem bem com os nossos vizinhos—acrescentou Marinna.

— São árabes palestinos, e estamos unidos por uma profunda amizade. Devemos-lhes muito.—As

palavras de Samuel pareciam um aviso.

À exceção de Moshe, da sua esposa e dos seus três filhos, o resto do grupo partiu para o caminho no vale de Jezreel. Graças às habilidades de Yossi tinham conseguido aceitá-los num kibutz.

Kassia sentiu-se dececionada. Teria gostado que ficassem, mas compreendia o desejo daqueles homens e mulheres de fazerem parte de um kibutz, onde iam poder tornar realidade a utopia de uma sociedade igualitária.

Samuel reparou na contrariedade de Mohamed quando lhe anunciou que uma nova família se tinha instalado na Horta da Esperança.

— A terra não dá para tanto—referiu Mohamed.

— Bom, temos de nos organizar. Não podemos abandoná-los à sua sorte. A Kassia tem razão, estamos a ficar velhos, precisamos da energia dos jovens. Além disso, não vos vai afetar termos ampliado a nossa comunidade. A tua casa e a tua horta pertencem-te—lembrou Samuel, incomodado com a desconfiança de Mohamed.

— Sim, foram muito generosos connosco—respondeu o jovem sem muito entusiasmo.

Rute também não parecia muito entusiasmada com a presença de Moshe e de Eva.

— Já não somos jovens. Há anos tínhamos a coragem dos pioneiros, e éramos umas sonhadoras, mas agora... Estávamos tão bem como estávamos—confessou Rute a Kassia.

— Tens razão, mas é precisamente por estarmos a ficar velhas que precisamos de pessoas jovens que continuem o trabalho. A Marinna e o Igor não podem fazer tudo sozinhos; o Louis anda de um lado para o outro, e o Samuel e o Netanel têm o laboratório.

— Mas não é por isso que deixam de trabalhar a terra—recordou-lhe Rute.

— Não tanto como seria necessário, e nós não conseguimos fazer tudo.

— O Igor e a Marinna terão filhos—disse Rute.

— Espero que sim, mas até que isso aconteça...

Para alegria das duas avós, Marinna não demorou a anunciar-lhes que estava outra vez grávida. Igor parecia mais feliz do que a própria Marinna.

— Finalmente uma criança na Horta da Esperança!—exclamou Louis ao saber.

— Bem, agora há três crianças, os filhos do Moshe e da Eva—relembrou-lhe Marinna.

— Já são quase homens, eu refiro-me a uma criança nossa, desta família—disse Louis enquanto a abraçava.

— Já que hoje estamos de parabéns pela gravidez da Marinna, eu também tenho uma notícia para vos dar.

Ficaram todos em silêncio, expectantes perante o anúncio de Samuel. Kassia olhou-o com preocupação, Rute com curiosidade e Louis com desconcerto.

— Vou casar com a Miriam—anunciou-lhes com um sorriso.

Durante uns minutos todos falaram ao mesmo tempo. Não é que não se tivessem dado conta de que entre Miriam e Samuel havia uma relação especial que ambos se esforçavam por esconder dos outros, mas não tinham imaginado que chegariam a casar. Miriam era viúva e tinha um filho, Daniel, que parecia ser o seu bem mais precioso, e Samuel parecia ter-se acomodado à sua condição de solteirão. Já tinha passado dos cinquenta anos e com essa idade eram poucos os homens que se aventuravam a casar.

— Vem viver aqui?—quis saber Kassia.

— Sim, acho que sim. A Miriam julga que o Daniel não vai gostar de me ver na sua casa a ocupar o lugar do seu pai e que é melhor virem os dois para aqui. Bem, o que acham?

Felicitaram-no com sinceridade. Gostavam de Samuel e reconheciam o mérito de Miriam, também tinham carinho por Daniel. Faria bem ao rapaz ter um pai.

— Temos de ampliar a casa—disse Kassia, entusiasmada.

— Bem, talvez não seja preciso. A Miriam e eu dormiremos no meu quarto e o Daniel pode ocupar o que era do Igor antes de casar com a Marinna.

— E se tiverem filhos? É melhor ampliarmos a casa—insistiu Kassia.

— Filhos? Que coisas dizes! Não tenho idade para ter filhos.

— Tu não, mas a Miriam ainda pode tê-los—respondeu-lhe Kassia.

— Não é uma criança—relembrou Samuel.

— É verdade, mas, que eu saiba, tem trinta e cinco anos e as mulheres ainda podem dar à luz com essa idade. A minha mãe teve-me com quarenta—respondeu Rute.

Transmitiram as boas-novas aos seus vizinhos, os Ziad. Aya já sabia da gravidez de Marinna antes de a sua amiga o confessar. Tinha-o intuído ao vê-la mexer-se e sobretudo ao ver a forma como colocava a mão sobre o ventre tentando proteger o filho que levava nas entranhas. Mohamed ficou surpreendido com a decisão de Samuel. Não o imaginava casado. Mas alegrava-se verdadeiramente pela sua felicidade. Dina prometeu que se encarregaria de fazer o bolo de casamento, aquele bolo de pistácio de que Samuel tanto gostava.

— Vou gostar de te ver casado antes de morrer—disse Dina a Samuel.

— Bem, como se estar solteiro fosse terrível! E não te orgulhes de estares velha, temos a mesma idade—respondeu Samuel com um sorriso.

— A solidão não é boa—respondeu-lhe Dina.

— Eu não estou sozinho, tenho-vos a vocês, à Kassia, à Rute, à Marinna e ao Igor, ao Mikhail...

— Ao Mikhail? Acho que nos tens a todos menos a esse rapaz. Gosta de ti, sim, mas contra a sua vontade. Sabes uma coisa? Fico contente de te ver casado com a Miriam, é uma boa mulher... Lamento muito o que aconteceu à sua irmã Judite. Achas que algum dia voltará a ver?

— O Yossi acha que não.

— Porque é que esta loucura começou?—lamentou-se Dina recordando o Nabi Musa.

— Temos de esquecer, todos sofremos com isso.

— A Judite não vai conseguir esquecer—sentenciou Dina.

Apesar de ter tomado a decisão de casar, Samuel duvidava. Na verdade tinha sido Miriam a pedi-lo em casamento.

— Somos demasiado velhos para nos andarmos a esconder. Devíamos casar. Estamos bem juntos e, embora eu não seja a mulher com que tinhas sonhado, podemos ser felizes. Não te vou enganar, nunca vou esquecer o meu marido, mas ele está morto.

Samuel aceitou o raciocínio de Miriam. Tal como ela, também ele estava cansado de se esconder. Pareciam dois adolescentes com medo de serem apanhados em flagrante. Ela tinha razão, não era a mulher com quem tinha sonhado, nos seus sonhos aparecia sempre Irina, mas tinha-se resignado. Estariam bem juntos.

Daniel não acolheu a notícia com muito entusiasmo. Gostava de Samuel, mas não queria vê-lo a ocupar o lugar do seu pai, por isso Miriam tinha decidido que viveriam na Horta da Esperança. Dessa forma Daniel não teria de ver Samuel a dormir na cama que tinha sido do seu pai. A única coisa que lamentava era afastar-se de Judite, que tanto precisava dela; contudo, combinou com Samuel que trabalharia na Horta da Esperança mas iria todos os dias à casa de Yossi e de Judite para estar com a sua irmã e também para ajudar o seu cunhado.

Casaram numa sinagoga da Cidade Velha. Todos os membros da família Ziad assistiram à cerimónia, e Samuel soube que os amigos de Mohamed o repreenderam por isso. Até foi o irmão de Dina, Hassan, com a sua esposa Layla e o seu filho Khaled. Mikhail também estava presente. Nos últimos meses o rapaz

ia com frequência a Jerusalém, para estar com Yasmin, a filha de Yossi e Judite.

Os jovens lamentavam-se por os acontecimentos do Nabi Musa terem frustrado os seus planos para iniciarem uma vida em comum em Telavive, mas nem Yasmin teria sido capaz de deixar a mãe abandonada à sua sorte, nem Mikhail lho teria pedido, por isso conformavam-se com encontros duas ou três vezes por mês.

Samuel tinha receado que Mikhail fizesse troça do seu casamento, por isso demorou a contar-lhe; embora a sua reação tenha sido de tristeza, deu-lhe os parabéns.

— Há tempos que te devias ter casado, e é melhor que seja com a Miriam, é uma boa mulher.

— Fico contente por concordares—respondeu aliviado.

Mikhail ficou em silêncio uns segundos antes de o olhar fixamente nos olhos.

— Quando era mais pequeno sonhava que te casavas com a Irina e ficavas connosco para sempre. Pensava em mim, só em mim. Tinha perdido tudo: os meus pais, o meu país, o meu destino, só vos tinha a vocês. Sentime traído quando partiste, nunca te vou perdoar.

— Sim, eu sei, ainda hoje não me perdoaste.

— Não te vou enganar, quando partiste deixei de confiar em ti. A Marie dizia-me que, quando fosse um adulto, iria compreender-te.

— E compreendeste?—perguntou Samuel, expectante pela resposta.

— Embora conseguisse compreender-te, não te podia perdoar.

Olharam-se nos olhos e cada um conseguiu ler no outro o desejo de se abraçarem, mas não foram capazes de o fazer.

— A Marie gostava muito de ti—disse Samuel para quebrar a tensão.

— Sim, ela foi o melhor que tive depois dos meus pais. Foi uma mistura de avó e de mãe. Nunca a vou esquecer.

Aquela conversa devolveu a Samuel a serenidade de que precisava para casar com Miriam.

A convivência foi muito mais fácil do que tinha imaginado. Miriam tinha uma personalidade forte, mas nunca se enervava nem dizia uma palavra num tom mais alto do que era esperado. Para Samuel e para o resto dos habitantes da Horta da Esperança era surpreendente que Miriam falasse com o seu filho Daniel em sefardita.

Miriam tinha contado a Samuel que ela tinha aprendido a falar espanhol com a sua avó, a mãe do seu pai. A família de Judite e de Miriam era de origem sefardita por parte do pai. Por parte da mãe, as suas raízes estavam em Hebron desde o princípio dos tempos.

— A família da minha mãe não tinha muitos recursos, só uma casa, umas terras para cultivar e alguns animais domésticos. O meu pai nasceu em Jerusalém, tal como o seu pai e o seu avô e o seu bisavô, embora fossem originários de Toledo, em Espanha. Quando os seus antepassados tiveram de se exilar após o edito de expulsão ditado pelos Reis Católicos, fugiram para Salónica e ali viveram a ganhar bem a vida com o comércio.

— Porque é que saíram de Salónica?—quis saber Samuel.

— Uma parte da família decidiu que, já que tinham perdido uma pátria, deviam recuperar a outra pátria ancestral, e vieram para Jerusalém. Aqui dedicaram-se a vender azeite. O meu pai falava com a sua mãe em espanhol e a minha avó falava connosco também em sefardita. É uma língua tão bonita... Sabes uma coisa? Eu e a Judite conservamos como um tesouro a chave de casa dos meus antepassados em Toledo. Sempre lá quisemos ir... A minha avó dizia que Toledo era mais bonita do que Jerusalém, embora ela não a conhecesse, mas tinha ouvido a sua mãe dizer isso, e esta à sua, e assim durante séculos até hoje.

Os pais de Miriam conheceram-se por acaso. Um familiar da mãe dele que vivia em Jerusalém ficou

doente e passou a ser paciente de Abraham, o pai de Yossi. Quando a mãe de Miriam foi a Jerusalém com os pais para visitar o seu parente conheceu aquele que seria o seu marido e com o qual teria duas filhas. Mais tarde, Judite casaria com Yossi, o filho de Abraham, e ela com um oficial que servia no exército do sultão. As duas tinham casado muito apaixonadas e tinham sido felizes.

Numa madrugada, Mohamed apareceu na Horta da Esperança. Dina tinha febre alta e custava-lhe respirar.

Samuel vestiu-se à pressa e acordou Daniel para que fosse chamar Yossi. Igor ofereceu-se para acompanhar o rapaz já que àquelas horas seria perigoso ir sozinho até à Cidade Velha.

Samuel fez tudo o que estava ao seu alcance para baixar a febre de Dina, sabia que medicamentos utilizar, mas não era médico e, embora suspeitasse qual podia ser a origem do mal, contava os minutos para a chegada de Yossi.

— Tem pneumonia—sentenciou o médico, e pediu a Samuel que desse a Dina um dos seus remédios.

Aya estava muito pálida e tremia, não podia imaginar a vida sem a mãe, por isso quando Yossi saiu do quarto de Dina seguiu-o.

— Não vai morrer, pois não?

— Farei o possível para que se cure—prometeu Yossi.

Dina ainda era jovem, embora a perda do seu marido Ahmed lhe tenha tirado anos de vida. Sentia-se cansada e se tivesse outro temperamento ter-se-ia rendido.

Passaram umas semanas de angústia. Aya sem se mexer da cabeceira da mãe, Salma encarregada das tarefas da casa e de cuidar de Rami e Wadi. Mohamed contava as horas que passava na pedreira ansioso por voltar a casa. Hassan e Layla iam ver a doente todos os dias. Até Khaled, que continuava a fazer parte das tropas de Faysal, teve autorização para ir ver a sua tia doente. Quanto a Kassia, decidiu não sair do lado de Dina, revezando-se com Aya para que a jovem descansasse. Todos os habitantes da Horta da Esperança viveram a doença como se fosse sua. Gostavam verdadeiramente de Dina e tinham uma dívida de gratidão para com ela, já que tinha feito das tripas coração para ajudar depois dos distúrbios do Nabi Musa.

Quando Dina recuperou e se sentiu suficientemente forte para se levantar da cama, Mohamed convidou os seus amigos para jantarem na sexta-feira seguinte.

Falaram e riram e o serão poderia ter durado até altas horas se não fosse pelo estado de Dina.

— Não nos vamos fiar, ainda está em convalescença—avisou Yossi.

A 1 de maio de 1921 a violência voltou a estourar. Desta vez em Jaffa. Houve um desfile de trabalhadores judeus autorizado pelos britânicos. Não o deviam ter feito. Para os árabes aquele desfile foi uma provocação. Como começou o inferno? Foi isso que Samuel se perguntou, comovido com as notícias que chegavam de Telavive. Grupos de árabes palestinos começaram a atacar os judeus no velho porto e também atacaram casas e lojas. O balanço foi de vários mortos e feridos dos dois lados.

Louis tentava convencer Samuel a fazer parte do exército secreto que se estava a criar na clandestinidade e do qual ele próprio era membro ativo, mas Samuel negava-se.

— Já te disse mais de uma vez que não me parece que a solução seja o confronto com os árabes. Já não tenho idade para aventuras.

— Ainda és jovem, tens cinquenta anos—respondeu Louis.—Por acaso tens medo de lutar?

— Não sei, nunca lutei, mas sei que não quero ter na minha consciência a morte de nenhum ser humano. Só... só gostaria de ter matado numa ocasião... Sim, teria matado o homem que entregou o meu pai à Okhrana.

— Então és capaz de matar, mas não é isso que pretendemos, simplesmente queremos defender-nos, temos de estar preparados para enfrentar acontecimentos como os do Nabi Musa ou o ataque de Jaffa. O

que achas que os britânicos fizeram? Quando aparecerem já havia mortos—respondeu Louis.

— Temos de acabar com esta loucura. Vou dizer ao Mohamed que organize uma reunião com o Omar Salem. Esse homem está bem relacionado com as principais famílias árabes palestinianas. Conhece bem os Husseini, os Dajani e os Khalidi, também os Nashashibi. Podemos fazer qualquer coisa que não seja lutar.

— E em nome de quem é que vais falar? Nem sequer estás inscrito na Histadrut.

Poucos dias depois, Mohamed anunciou-lhes que Omar Salem estava disposto a convidá-los para irem à sua casa. Samuel fez-se acompanhar por Louis. Precisava que lhe explicassem porque é que aquela loucura tinha começado.

— Dizem-me que a polícia árabe também interveio nos ataques. Não consigo perceber o que está a acontecer—disse ao seu anfitrião.

Omar Salem respeitava Samuel. Sabia que Ahmed Ziad também tinha confiado nele. Mohamed também falava favoravelmente dele.

— O que é que eu te posso dizer? Sei o mesmo que tu. Lamento por estas mortes. Mas era necessário que os judeus desfilassem por Jaffa? Entre nós há preocupação, há cada vez mais judeus que vêm para a Palestina. Compram as nossas terras, nós ficamos sem trabalho... Os nossos camponeses, os fellahs, começam a ser párias na nossa própria terra.

— Outra vez a mesma desculpa?—protestou Samuel.—Tens razão ao dizer que muitos judeus decidiram voltar a esta terra, mas isso é motivo suficiente para nos enfrentarmos aos tiros?

— Os britânicos não cumpriram as suas promessas. Prometeram apoiar-nos na criação de um grande país árabe, prometeram-no ao xerife Husayn, prometeram-no a Faysal, e o que aconteceu? Enganaram-nos—continuou Omar.

— Eu lutei ao lado de Faysal, ajudámos os britânicos a vencerem os turcos, lutei por uma pátria—interrompeu Mohamed irado.

— E o que é que as mentiras dos britânicos têm que ver com os judeus? Porque é que nos atacam a nós? Não podemos partilhar a terra? Por acaso não podemos viver juntos?—No tom de voz de Samuel havia decepção e cansaço.

— Tens de perceber que não podemos aceitar que o Fundo Nacional Judaico continue com a sua política de comprar as nossas terras, caso contrário, o que nos restará? Os britânicos estão a brincar connosco. Prometeram a Faysal que seria rei da Síria, mas de que Síria? Enganaram-nos. A Síria devia incluir o Líbano e a Palestina, mas o que fizeram foi delimitar fronteiras entre os territórios dividindo o Maxereque. Os britânicos e os franceses repartiram o Império Otomano entre eles. Queríamos ser independentes, mas não acreditam que sejamos capazes de nos governarmos sozinhos, por isso decidiram ficar e levar a cabo a política do "divide e vencerás". O que se assinou no Tratado de Sèvres? Sabes? O que ali se assinou foi a traição aos árabes. Estão a tratar-nos como se, além de terem derrotado os turcos, também nos tivessem derrotado a nós—afirmou Omar Salem com raiva.

— Queres que te diga que tens razão? Tens razão. Não cumpriram as suas promessas, mas o que é que isso tem que ver connosco? Porque é que os árabes e os judeus têm de se enfrentar?

Omar hesitou antes de responder, parecia estar à procura das palavras para fazer com que Samuel percebesse o que estava a acontecer.

Louis ouvia em silêncio atento a tudo o que Omar dizia. Por fim, este voltou a falar.

— Vou dar-te a minha opinião em relação ao que causou os acontecimentos. Os europeus, sobretudo os britânicos e os franceses, transformaram em colónias todo o Norte de África, Argélia, Líbia, Tunísia, Marrocos... Olha para trás. Não te devia surpreender que entre nós, que entre os árabes, tenha renascido a força para voltarmos a ser o que fomos antes de os turcos nos dominarem. Partilhamos o mesmo Deus, a

mesma religião, os mesmos costumes, temos uma história em comum, porque é que não podemos ser uma nação?—Omar olhou fixamente para Samuel.

— E o que é que isso tem que ver connosco?—insistiu Samuel com teimosia.

— Para os britânicos e para os franceses foi uma sorte que o sultão tivesse decidido participar na Grande Guerra apoiando a Alemanha. Foi a desculpa perfeita para continuar a ampliar os domínios dos seus impérios em África e no Oriente. Desde o início concordaram em dividir as terras do Império Otomano. O problema dos britânicos, que é o que nos trouxe até aqui, é que fizeram demasiadas promessas e assinaram compromissos opostos. Primeiro, combinaram com a França a divisão do Império Otomano. Como bem sabes, já puseram em prática esse acordo. Em segundo lugar, comprometeram-se com o xerife Husayn a apoiar um Estado árabe independente. Estavam a mentir, claro; não pensavam fazê-lo já que tinham combinado com os seus amigos franceses a divisão da Grande Síria, do Iraque... do Maxereque; a terra que ia ser a pátria dos árabes foi separada e estabeleceram fronteiras inexistentes. E o terceiro problema é que prometeram aos judeus um lar aqui na Palestina. Como é que se atreveram a fazê-lo se esta terra não é deles? Como vês, os três compromissos são impossíveis de conciliar. Na verdade, nem sequer pensaram em tentar, sempre souberam que nos iam trair. No Tratado de Sèvres confirmam o que te disse. Não só venceram os turcos, como também acham que venceram os árabes.— Omar voltou a ficar em silêncio à espera da reação dos seus convidados.

Foi Louis quem respondeu adiantando-se a Samuel.

— Bem, já chegámos à situação atual, e agora?

— Agora damo-nos conta de que os franceses expulsaram Faysal da Síria e não querem saber nada do seu pai, o xerife Husayn—respondeu Mohamed.

— Sim, enganaram Faysal, não o vou negar, mas ele também não encontrou o apoio que esperava entre os sírios e o acordo a que chegou com o doutor Weizmann não se está a cumprir. Não se esqueçam de que Faysal aceitava que nós, judeus, pudéssemos vir para a Palestina—referiu Louis.

— Essa é só uma parte da verdade. Sim, Faysal deu mostras de uma grande generosidade ao aceitar que os judeus se estabelecessem na Palestina, não levantou problemas a que vocês vivessem dentro da Grande Pátria, da qual ele seria a máxima autoridade. Faysal não deixou margem para dúvidas: se toda a gente cumprisse o que tinha combinado, ele também cumpriria; caso contrário, não se sentiria obrigado pelo acordo com Weizmann.—Era Mohamed quem falava, afinal de contas conhecia bem Faysal e tinha lutado ao seu lado.

— Em relação aos problemas de Faysal na Síria... enfim, os patriotas sírios passaram meses a elaborar um programa comum para apresentar a essa comissão formada pelos americanos King e Crane. Tínhamos esperança nessa comissão e nas promessas de Wilson, o presidente dos Estados Unidos. Que belas palavras pronunciou na Conferência de Paris sobre a liberdade dos povos e o seu direito a governarem-se a si próprios! Enganaram-nos, não tiveram em conta as decisões do Congresso Geral Sírio, por isso foi preciso dar um passo à frente e proclamar Faysal rei da Síria. Nessa proclamação não aspirávamos a nada a que não tivéssemos direito, que não tivesse sido acordado quando lutávamos com os britânicos para acabar com o Império Otomano. Mas os britânicos voltaram a trair-nos e lavaram as mãos deixando a Síria para os franceses. E estes nem sequer se preocuparam em respeitar Faysal—acabou de explicar Omar.

— Se conseguimos viver juntos no passado tem de ser possível que continuemos a fazê-lo no futuro.—Havia um tom de súplica na voz de Samuel.

— É difícil saber o que o futuro nos reserva. Garanto-te que não sou partidário da violência, embora compreenda a frustração dos meus irmãos árabes e, sobretudo, o seu medo de que os britânicos vos permitam que nos despojem da nossa terra. Em relação ao desfile dos judeus em Jaffa, foi uma

provocação da vossa parte—afirmou Omar.

— Tens razão—aceitou Samuel.—Esse desfile não devia ter acontecido.

— Os britânicos fazem jogo duplo. Às vezes mostram-se partidários da Declaração de Balfour e outras vezes tentam cair nas boas graças dos árabes, tornando a nossa vida impossível e restringindo a imigração—referiu Louis.

— Então temos um inimigo em comum—concluiu Mohamed.

— Temos de encontrar uma solução—insistiu Samuel, mas a sua súplica não tinha uma resposta.

Ben, o filho de Igor e Marinna, nasceu quatro meses antes de Dalida, a filha de Samuel e de Miriam. Foi uma surpresa para todos, pouco tempo depois do casamento, Miriam ter-lhes anunciado que estava grávida. Samuel foi o primeiro a ficar surpreendido e, embora tentasse mostrar alegria, não tinha a certeza de querer ter um filho.

Gostava mais do casamento do que pensava, mas sentia-se velho para ter filhos.

Daniel recebeu Dalida como uma afronta e repreendeu a mãe.

— É ridículo que tenhas filhos na tua idade.

Mas Miriam ignorou o desgosto do filho e o pouco entusiasmo de Samuel. Aquela menina enchia-a de alegria.

Entretanto, parecia ter-se instaurado na Palestina uma frágil trégua desde a chegada do novo governador, Sir Herbert Samuel, apesar de os árabes palestinos desconfiarem dele por ser de origem judaica. Os judeus palestinos compreenderam rapidamente que Sir Herbert era sobretudo inglês e que não se moveria um milímetro a favor dos interesses judaicos se estes chocassem com os do Império Britânico.

Tinha adotado decisões recebidas com desconfiança por uns e por outros. Por um lado, tinha libertado Jabotinsky da prisão, mas, por outro, concedeu o indulto a Amin al-Husseini, que os judeus consideravam ser o responsável direto pela tragédia do Nabi Musa, além de restringir a imigração de mais judeus para a Palestina.

Contudo, esta ténue trégua permitiu a todos viver com uma certa calma, embora Samuel estivesse preocupado pelo facto de Louis se comprometer cada vez mais com a Haganah, a organização clandestina de autodefesa, herdeira da Hashomer.

— Tens de aceitar que devemos estar preparados para nos defendermos com os nossos próprios meios, não podemos deixar as nossas vidas nas mãos dos britânicos—insistia Louis.

— O que temos de fazer é confiar uns nos outros. Tu falas em estar preparado para lutar, eu falo em evitar ter de lutar—respondia Samuel.

— O nosso objetivo é a defesa, não o ataque. Alguma vez ouviste dizer que a Haganah tenha atacado algum árabe?

Falavam, mas não conseguiam convencer-se um ao outro. Louis respeitava os árabes palestinos, tinha bons amigos entre eles, mas não se enganava em relação ao futuro. Ainda assim, procurava continuar a estreitar laços com os seus amigos e sempre que podia ia à casa de Mohamed. Tal como Samuel, para ele os Ziad também eram a sua própria família.

Para Samuel e Louis foi um alívio que os britânicos tivessem colocado Faysal no trono do Iraque, depois de terem cruzado os braços permitindo que os franceses o obrigassem a renunciar à Síria. E embora Louis tenha ficado inquieto pelo facto de um pouco mais tarde os britânicos inventarem um reino na Transjordânia para Abdullah, o irmão de Faysal, Samuel considerava que dessa forma a família do xerife de Meca recebia pelo menos uma recompensa justa pela ajuda que tinham prestado aos britânicos.

— Já que não conseguiram a grande nação pela qual lutaram, no mínimo, que cada um possa ter um reino.

— Não me digas que achas que os britânicos inventaram esse reino para atenuar o incumprimento das suas promessas... Convém-lhes um Estado que faça de tampão entre a Palestina e a Síria. Os britânicos não fazem nada que não seja em seu próprio benefício—respondia Louis.

Mais à frente, Samuel teve de admitir que Louis tinha razão. Embora tivessem ajudado Abdullah a conservar o seu novo reino face ao ataque das tribos wahhabitas não demoraram a lavar as mãos, quando os sauditas atacaram o Hejaz, em 1924, e decidiram não prestar o auxílio que o xerife lhes pedia. Abandonaram-no totalmente, e o xerife Husayn, para evitar um banho de sangue, abdicou a favor do seu filho Ali.

Mohamed queixou-se amargamente a Samuel do que tinha acontecido.

— São uns traidores! Nenhum deles cumpriu as suas promessas e a última traição foi permitir que os sauditas atacassem o Hejaz e que o xerife fosse obrigado a exilar-se em Amã. Esse Ibn Said é um bandido e os seus homens uns fanáticos—gritou Mohamed.

— Tens razão, os britânicos prometeram tanto a tantos... Com Ibn Said também assinaram um acordo em 1915 aceitando o seu domínio de parte dos territórios árabes. Ibn Said, por sua vez, comprometeu-se a não permitir a presença de estrangeiros nas suas terras sem a aprovação da Grã-Bretanha. Dizem que os soldados de Ibn Said são uns fanáticos, são conhecidos por ikhwan e a sua interpretação do Alcorão é rigorosa—referiu Louis.

— Acabou-se o sonho de uma grande nação árabe—continuou Mohamed a lamentar-se.

— Ainda não está tudo perdido, dizem que o xerife se mostra muito ativo e não para de falar com outros chefes árabes—respondeu-lhe Samuel com pouca convicção.

— Os meus amigos dizem-me que o xerife Husayn discute com o filho Abdullah. Este não quer que o seu pai se meta nos assuntos do seu reino. Não sei quanto tempo poderão estar ao lado um do outro. Um reino não pode ter dois príncipes—disse Mohamed com um laivo de amargura.

Samuel não era capaz de aliviar a sua preocupação. Sabia dos laços de Mohamed e da sua família com o xerife Husayn e com os seus filhos. Tinham combatido com coragem junto a Faysal, e Salah, o primo de Mohamed, tinha morrido a lutar pela grande nação árabe, que os ingleses lhes tinham prometido. Compreendia a sua deceção.

Ben, o filho de Igor e Marinna, tinha devolvido a alegria à Horta da Esperança. Ninguém ficava indiferente àquele menino com aspeto de querubim. Louro, com uns imensos olhos azuis-acinzentados, sempre disposto a mil e uma travessuras, que fazia com que o perdoassem esticando os braços a quem o reprendia.

Ben gostava de escapar para casa dos Ziad. Tinha tornado Wadi, o filho de Mohamed e de Salma, e Rami, o filho de Aya e de Yusuf, os seus heróis.

Wadi e Rami levavam Ben com eles para todas as suas andanças e o pequeno seguia-os entusiasmado.

— Ainda bem que a Dalida é uma menina calma—queixava-se Kassia.

— Bem, os rapazes são mais inquietos—desculpava-os Miriam—,o meu Daniel também nunca estava quieto quando era pequeno.

— Pois, mas aqueles três um dia vão dar-nos um desgosto.

Kassia tinha razão. Numa tarde os meninos desapareceram. Rami tinha seis anos, Wadi quatro e Ben três. Aya pensava que os meninos estavam na Horta da Esperança e, ao cair da tarde, foi buscá-los, mas Kassia disselhe, assustada, que julgava que estavam com ela e com Salma.

— Mas eles vieram até aqui, vi-os empurrar a cerca—respondeu Aya, muito nervosa.

Todos começaram a procurar os meninos. Quando Mohamed e Igor chegaram da pedreira juntaram-se às buscas.

Só os encontraram na manhã seguinte. Na verdade foi um camponês que os encontrou ao ouvir

gemidos provenientes de uma velha acéquia. A princípio pensou que fosse um cão que tinha caído, mas depois pareceu-lhe ouvir vozes e foi procurar ajuda. Os três meninos estavam feridos: Rami tinha partido uma perna, Wadi um cotovelo e uma perna, e o pequeno Ben tinha o ombro deslocado e uma ferida profunda na cabeça.

A aventura custou-lhes uma boa reprimenda e um castigo. Durante alguns dias não puderam brincar juntos, mas quando Ben recuperou conseguiu escapulir-se e ir à casa dos Ziad.

Kassia gostava do bulício dos meninos. Ben e Rami, tal como Wadi, eram incansáveis; e depois havia as meninas: Dalida, a filha de Samuel e de Miriam; Noor, a filha de Aya; e Naima, a filha de Mohamed e de Salma. Também havia os três filhos de Moshe e de Eva, já adolescentes e mais formais do que as crianças da Horta da Esperança.

— Eles são o futuro—não se cansava de repetir Kassia, que incentivava Marinna a ter mais filhos. Mas ela parecia incomodada com os pedidos da mãe. Tinha perdido a espontaneidade da juventude e ninguém deixava de reparar que às vezes se abstraía em silêncios dos quais lhe custava regressar. Só com Aya partilhava confidências.

Por sua vez, Igor parecia aceitar essa distância subtil que Marinna tinha interposto entre os dois. Amava-a e dizia para si que tê-la com ele já era suficiente, mas que não devia indagar o olhar vago da sua esposa, nem obrigá-la a sair dos seus silêncios. Sabia que era leal e isso bastava-lhe. Ela nunca o tinha enganado em relação ao que sentia por ele, e ele tinha-o aceitado. A princípio, custava-lhe tratar Mohamed como o amigo e o vizinho que devia ser, além disso trabalhavam juntos na pedreira e ele sempre se tinha mostrado cordial, não o podia censurar em nada. Mohamed nunca ultrapassara as fronteiras da boa educação em relação a Marinna, que tratava com um afeto distante. "Ainda se amam", dizia Igor para si e perguntava-se se Salma se daria conta do mesmo que ele. Simpatizava com a esposa de Mohamed. Se Marinna era bonita, Salma ainda era mais, e tinha sobretudo um carácter doce e bem-disposto para com os outros. Igor pensava que talvez tivesse sido feliz com Salma, e surpreendia-se com este pensamento, que combatia repreendendo-se a si próprio por pensar na esposa de Mohamed, mas não se podia enganar, aquela mulher provocava uma forte atração nele.

A Marinna sonha com o Mohamed, o Mohamed sonha com a Marinna, eu sonho com a Salma, e ela, com quem sonhará?, pensava sem se atrever a confessar-se a alguém, nem sequer à sua mãe.

Às vezes dizia para si próprio que nenhum deles tinha coragem. "Se a tivéssemos, o Mohamed fugiria com a Marinna e eu ficaria com a Salma", mas arrependia-se imediatamente daqueles pensamentos que o atormentavam cada vez mais e desculpava-se dizendo que se deviam à indiferença da sua esposa.

Por sua vez, Samuel parecia deixar-se levar pelo decorrer da vida. Gostava de Miriam, embora não estivesse apaixonado por ela e começava a sentir carinho por Dalida, aquela menina não desejada, mas que mal aprendeu a andar o seguia para todo o lado com autêntica devoção. Dalida era uma menina muito bonita, com o cabelo escuro como a sua mãe e os olhos cinzento-azulados como Samuel. Ao contrário dos rapazes da casa, Dalida era calma, não chorava e era capaz de passar horas inteiras sentada no chão a brincar com as suas bonecas de trapo. De repente, um dia a rotina foi de novo quebrada quando Miriam anunciou que estava outra vez grávida. Desta vez, Samuel não escondeu o seu desgosto.

— Não tenho idade para ter filhos, já devia ser avô. Sabes quantos anos tenho? Este ano de 1925 faço cinquenta e quatro.

— Os patriarcas eram pais em idades tardias. Não me vou desculpar por ter um filho. Aceita-o com alegria—respondeu-lhe Miriam contendo a sua irritação.

Para os restantes habitantes da Horta da Esperança a gravidez de Miriam também foi uma surpresa. Felicitaram-na com sinceridade e ignoraram a contrariedade de Samuel. Daniel, o filho mais velho de Miriam, recebeu a notícia com desgosto.

— Mãe, tens quase quarenta anos, não achas que és muito velha para ter filhos?—repreendeu-a.

— Vou ter os filhos que quiser, isso não te diz respeito.

Miriam parecia imune ao mau humor de Samuel e refugiou-se na indiferença, preocupada unicamente com o filho que ia trazer ao mundo. Nasceu no final de 1925 e Miriam quis que se chamasse Ezequiel, apesar dos protestos de Samuel.

— É teu filho, sim, mas tendo em conta a tua falta de interesse, não sei porque é que deves ser tu a escolher o nome. Vai chamar-se Ezequiel, como o meu avô materno.

Samuel teve dificuldade em aceitar que ter um filho varão o tinha comovido. De repente, vinha-lhe à memória o seu pai, como gostava que lhe pegasse ao colo e o apertasse contra o peito fazendo-o sentir-se seguro.

— O Samuel é como todos os homens, que pensam que ter um varão os torna mais homens—comentou Kassia a Miriam.

No ano de 1925 foi inaugurada a Universidade Hebraica de Jerusalém, que encheu de orgulho os judeus palestinianos, mas também foi o ano em que os sauditas conquistaram Meca, para desespero de Mohamed e dos seus amigos, que se sentiram magoados com o facto de Ali, o filho do xerife, ter tido de fugir para salvar a vida.

Os sauditas tinham acabado com mais de mil anos de preeminência dos hachemitas no governo da Cidade Santa do islão.

— Agora é que se acabou a esperança de nós, árabes, termos uma grande nação—afirmou a Samuel e a Louis um Mohamed magoado.

— O Mohamed está certo—aceitou Louis.—Os britânicos consentiram-no porque somos apenas peças de um xadrez que eles movem e jogam como mais lhes convém.

Tinha razão, ou pelo menos os factos iam-lhe dando razão. Samuel também não tinha conseguido perceber porque é que os britânicos tinham decidido enaltecer ao máximo o homem que tinha incitado os distúrbios do Nabi Musa. Haj Amin al-Husseini tinha-se tornado mufti de Jerusalém por obra e graça dos ingleses.

Mohamed tinha-lhe contado que Omar Salem e a maioria dos seus amigos preferiam Husseini, embora ele se inclinasse por Raghíb al-Nashashibi.

— Os Nashashibi são tão patriotas como os Husseini, mas pelo menos mostram-se dispostos a falar com os britânicos e com todas as comunidades—explicou Mohamed aos seus amigos.

Em agosto de 1929, Dalida tinha sete anos e Ezequiel estava prestes a fazer quatro. Como em todos os meses de agosto, em Jerusalém estava calor, muito calor. Alguém se deu conta de que a maior parte das guerras e revoluções começa no verão. Na verdade, a tensão entre as duas comunidades não tinha deixado de pulsar com maior ou menor intensidade. Louis também não deixava de protestar pelo que considerava ser uma atitude cínica dos ingleses e, embora fosse de má vontade, Samuel tinha acabado por aceitar que os judeus só podiam contar com as suas próprias forças e que não podiam deixar o seu destino nas mãos da Grã-Bretanha. Mas a aceitação dessa realidade não o levou a fazer parte da Haganah. Sentia-se mais velho e duvidava que pudesse ser útil caso tivesse de lutar. Só uma vez na sua vida é que tinha desejado matar um homem, Andrei, o amigo de Dimitri Sokolov, que considerava o assassino do seu pai. O rosto de Andrei assaltava-o nos seus pesadelos. Só o odiava a ele, porque nem sequer conseguia odiar os que lhe bateram naquele Nabi Musa. Estava convencido de que não seria capaz de fazer mal a nenhum ser humano. Ainda assim, não conseguiu evitar que Louis convencesse Igor a juntar-se à Haganah, tal como o fizeram os três filhos de Moshe e Eva. Receava por aqueles jovens que mal tinham deixado a adolescência e que trabalhavam a terra com o mesmo entusiasmo com que eles o tinham feito há anos. Mas Moshe e Eva tinham aceitado de bom grado que os seus filhos fizessem parte

daquele grupo clandestino que tanto preocupava os britânicos.

— O Louis tem razão, temos de estar preparados—dizia-lhe Moshe convencido.

Samuel não conseguia simpatizar nem com Moshe nem com Eva. Não tinha nada a apontar-lhes, trabalhavam sem queixas, sempre dispostos a fazer mais. Viviam com discrição sem imporem a sua presença ao resto dos habitantes da Horta da Esperança, embora tanto Kassia como Rute os convidassem com frequência para almoçar ou jantar com eles no sabat. Mas Samuel não gostava do seu excessivo nacionalismo e zangava-se quando Moshe garantia que aquela era a terra dos judeus e que tinham mais direitos do que os outros.

— Eu não tenho mais direito a estar aqui do que o Mohamed e a sua família—respondia Samuel, zangado.

— Mas eles também não têm mais do que nós—replicava Moshe.

— Eles e os seus antepassados nasceram aqui, são palestinianos—retorquia Samuel.

— Esta é a terra de Judá. O nosso direito vem da História e também da Bíblia—garantia Eva.

Eva era tão ou mais sionista do que o seu marido e mostrava-se igualmente incisiva perante o possível confronto entre árabes e judeus no futuro.

— És um romântico, Samuel; quer queiras quer não, algum dia teremos de lutar com eles até à morte, serão eles ou nós—avisou-o Moshe.

— Mas que tipo de bolcheviques foram vocês? Ser socialista significa acreditar que todos os homens são iguais, sem distinção de raças ou de religião. Vocês também sofreram por serem judeus e agora sentem-se diferentes dos outros homens... Não vos percebo—recriminou-os Kassia.

— Sim, lutámos pela mais bela das ideias... que ideia será melhor do que a do socialismo? Todos os homens iguais, com os mesmos direitos, sem que alguém seja mais do que o outro, irmanados por uma causa sagrada: a igualdade... sabes quanto é que o sonho durou, Samuel? Vou dizer-te: o sonho esfumou-se assim que se tornou realidade. Todo aquele que não partilhasse do nosso ideal passava a ser um contrarrevolucionário, um inimigo do povo, que era preciso eliminar. Como vês, era preciso impor o sonho derramando sangue, e o pior, Samuel, é que no início eu estava de acordo, até que decidiram expulsar-me desse sonho e então acordei e percebi que tinha vivido um pesadelo.—Nas palavras de Moshe havia muita amargura.

Samuel costumava levantar-se da mesa para não continuar a discussão. Temia não se poder conter e dizer em voz alta o que sentia: arrependia-se de os ter convidado a partilhar a Horta da Esperança com eles. Se tinha sentido interesse pelo socialismo era pela promessa de construir um mundo onde todos os homens fossem iguais e não fossem divididos nem pela religião nem pelas fronteiras. Não tinha ido para a Palestina para lutar contra quem quer que fosse e muito menos contra os árabes, porque é que havia de o fazer?

— Por eles nos considerarem estrangeiros, acham que lhes estamos a tirar as suas terras—insistia Moshe.

— Estão preocupados com o facto de estarmos a comprar terras e de muitos camponeses árabes estarem a ficar sem trabalho, estão preocupados com o seu futuro; temos a responsabilidade de os fazer perceber que não lhes queremos tirar nada, só partilhar e viver juntos—respondia Samuel com raiva.

Miriam não costumava dar importância a essas discussões, por mais que ela rejeitasse, tal como Samuel, a ideia de que o confronto com os árabes era inevitável. A sua mãe era de Hebron, onde continuava a viver, e Miriam tinha entre as suas melhores amigas muitas meninas árabes, junto às quais cresceu e partilhou os primeiros jogos, os primeiros segredos. Camponesas como ela, filhas de camponeses que amavam a terra tal como ela.

— Não lhes liguês, não conhecem a Palestina. Ainda vão aprender—disse ela um dia a Samuel.

— Não me parece, por acaso não reparaste na frieza do Moshe para com o Mohamed e como a Eva parece ficar incomodada pelo facto de a Dina, tal como a Aya e a Salma, entrar e sair da Horta da Esperança sem aviso prévio? Toda a minha vida me esforcei por não pagar por ser judeu, e agora ninguém me vai convencer de que somos melhores do que os outros ou de que temos mais direitos porque um livro o diz, mesmo que esse livro seja a Bíblia. Vim para a Palestina por amor ao meu pai, devia-lhe isso, mas não vim construir nenhuma pátria nem roubá-la a ninguém.

— Esta é a minha pátria, Samuel, eu nasci aqui e não sinto que seja mais minha do que de qualquer outro. Não sou mais palestina do que o Mohamed, mas ele também não é mais do que eu. Podemos continuar a viver juntos—disselhe Miriam.

Mas Samuel não podia deixar de se preocupar com os confrontos esporádicos entre árabes e judeus e com a cisão cada vez profunda que se estava a abrir entre as duas comunidades. Só pareciam estar de acordo numa coisa: a sua aversão aos britânicos, cujas decisões não agradavam a nenhuma das comunidades, embora durante alguns anos se tenha estabelecido uma espécie de trégua por estar à frente do Comité Árabe um sector moderado dos representantes palestinianos.

Entretanto, os filhos de Samuel cresciam com o resto dos meninos da Horta da Esperança e Miriam insistia em falar-lhes sefardita.

— A minha avó e o meu pai falavam-me em espanhol, com a minha mãe falava em hebreu e com as minhas amigas em árabe. A Dalida e o Ezequiel podem falar as três línguas sem problemas.

— Deviam esforçar-se mais com o inglês, ser-lhes-á mais útil no futuro—disselhe Samuel.

— Os ingleses é que deveriam aprender as nossas línguas—respondeu Miriam.

— Jamais se vão preocupar com isso.

— Por isso é que nunca vão chegar a conhecer a alma dos povos que querem dominar.

Naqueles primeiros dias de agosto de 1929 estava calor. Kassia tinha dito aos meninos que não fizessem barulho enquanto os mais velhos tentavam descansar antes de regressarem às suas tarefas. Ben, o filho de Marinna, estava em casa de Dina a brincar com Rami e Wadi. Dalida estava a brincar com Naima, enquanto Miriam ensinava Ezequiel a ler, dizendo-lhe para o fazer em voz baixa para não incomodar os adultos, quando de repente a porta se abriu e apareceu Mikhail com o rosto congestionado e o olhar toldado pela angústia.

— Onde é que está o Samuel?—perguntou abruptamente a Miriam sem sequer os cumprimentar.

— No laboratório. Não sabíamos que estavas em Jerusalém. O que é que se passa?

Mikhail não respondeu e saiu da casa sem fechar a porta. Miriam seguiu-o preocupada. Samuel estranhou ver o rosto contraído de Mikhail.

O jovem não lhe deu tempo para perguntar nada, entregou-lhe uma carta que Samuel leu com avidez.

"Estimado amigo:

Comunico-lhe que no dia de hoje faleceu a minha querida esposa Irina. O seu fim foi inesperado, já que parecia estar bem de saúde. Os médicos disseram que a causa do falecimento foi um ataque de coração. Peço-lhe que comunique a Monsieur Samuel Zucker esta triste notícia e que, assim que possível, viajem até Paris para tratarem de assuntos relativos à herança da minha esposa bem como ao espaço que tinha alugado a Monsieur Zucker.

Atentamente,

PIERRE BEAUVOIR"

Samuel e Mikhail olharam-se fixamente antes de se abraçarem entre lágrimas. Miriam observava-os em silêncio sem se atrever a perguntar o que se passava, embora intuisse que aquela carta tinha que ver com o passado dos dois, e nesse passado reinava Irina, que conhecia pelo que Samuel lhe tinha contado, ao vê-lo um dia a olhar para uma velha fotografia. A fotografia de Irina. Decidiu deixá-los sozinhos.

Sabia que não precisavam dela e que a sua presença estorvaria.

Quando mais tarde os dois entraram em casa, Samuel aproximou-se dela para lhe dizer que ia a Paris. Explicou-lhe o que tinha acontecido sem lhe esconder o quanto o magoava a perda daquela mulher que nunca o tinha amado.

— Vou contigo, vamos contigo—disselhe ela sem pensar.

Samuel não tinha força nem interesse em discutir com Miriam. Ela achava que devia estar com ele naquele momento de dor. Embora ele não precisasse dela e a sua presença lhe fosse indiferente, assentiu. Miriam não perdeu tempo e começou a preparar a bagagem. Levariam os filhos com eles, não se sentia bem em deixá-los para fazer uma viagem tão longa. Dalida já tinha sete anos e Ezequiel quase quatro, bem podiam aguentar aquela viagem por mais incómoda que fosse. Além do mais, pensava, seriam uma distração para o seu pai.

Demoraram alguns dias a partir. Quando o fizeram, partiram preocupados por saberem que o difícil statu quo entre as duas comunidades estava prestes a quebrar-se. Há um ano que se tinham reiniciado as hostilidades na própria Jerusalém por causa do Muro das Lamentações, o lugar mais sagrado para os judeus, que se encontrava desde os tempos de Afdal, o filho de Saladino, nas mãos dos árabes. O lugar era objeto de disputa entre judeus e muçulmanos, já que, para estes últimos, o Muro é o lugar onde o profeta Maomé atou o seu cavalo Buraq. Também ali estava a Mesquita de Al-Aqsa.

Os britânicos procuravam limitar o acesso dos judeus ao Muro, até os proibiam de tocar o shofar (corno de carneiro) durante a festa sagrada de Yamim Noraim.

Mas naquele verão de 1929, o mufti Haj Amin al-Husseini deu um passo mais adiante, incitando-os contra a reza dos judeus no Muro das Lamentações. A 15 de agosto um grupo de judeus manifestou-se junto ao Muro, reivindicando o seu direito a rezar, algumas testemunhas garantiram que muitos deles lançaram impróprios contra os muçulmanos, e que até se atreveram a ofender o Profeta, o que fez com que um numeroso grupo de árabes, depois de rezarem na Mesquita de Al-Aqsa, enfrentasse os judeus que estavam a meio das suas orações.

— Parto muito preocupado—confessou Samuel a Mohamed.

— O que tiver de ser será—respondeu-lhe Mohamed com o coração dividido.

— Confio mais em ti do que em qualquer homem, tal como confiei no teu pai, o meu bom amigo Ahmed, por isso peço-te que cuides de todos os habitantes da Horta da Esperança.

— Dou-te a minha palavra—prometeu-lhe Mohamed com um aperto de mão.

A 23 de agosto, quando Mikhail, Samuel e Miriam, acompanhados pelos seus filhos, estavam a embarcar com destino a Marselha, a violência apoderou-se das ruas de Jerusalém. Só ao chegar a França é que tiveram informações exatas sobre o que se tinha passado, através do relato de alguns jornais e pelas notícias que um conhecido da comunidade judaica de Marselha lhes forneceu.

— Depois da oração, na qual o mufti exaltou os ânimos dos fiéis, estes desceram em tropel da Rocha Sagrada, onde se encontra a Mesquita de Al-Aqsa, e levaram os confrontos para os bairros judeus de Jerusalém, o de Ramat Rachel, Beit Hakerem, Bayit VeGan, Sanhedria. A polícia britânica não interveio e quando o fez já se tinha dado a tragédia. Mas o pior estava para vir. Nos dias seguintes a violência iniciou-se noutros lugares, foram assassinadas quase sessenta pessoas em Hebron e em Safed.

— Mas... mas porquê?—perguntou Daniel com lágrimas nos olhos.

— Vocês devem saber melhor do que eu. Parece que os árabes estão preocupados porque os judeus rezam no Muro, acho que até houve há pouco tempo uma manifestação de sionistas que conseguiu chegar ao Muro e colocar uma bandeira. Imagino que isso tenha exaltado os ânimos dos muçulmanos e, como vocês bem sabem, o mufti não é exatamente um homem de paz—continuou aquele homem a explicar.

— Mas os judeus e os árabes sempre viveram em paz em Hebron, somos bons vizinhos, temos

amigos...—conseguiu dizer Miriam.

O lábio superior de Miriam estava a tremer. Pensava na sua mãe, na sua idosa mãe, nos seus tios... Teriam sobrevivido? Embora fizesse o possível por conter as lágrimas não conseguia evitar tremer.

— Tentaremos entrar em contacto com o teu cunhado Yossi e com o Louis, vais ver como a tua família está bem—tentou consolá-la Samuel. Mas as suas palavras não tinham convicção.

— Esse homem merece morrer—afirmou Mikhail com raiva.

— Quem?—perguntou Samuel alarmado com o ódio que viu em Mikhail.

— O mufti Haj Amin al-Husseini. Não se conformou com a matança do Nabi Musa, agora teve de provocar outra, e só vai parar quando alguém acabar com ele.

— O que estás a dizer? Sim, esse homem é um maldito fanático, mas por acaso queres ser como ele?

— Já não sou uma criança, Samuel, há algum tempo que perdeste a oportunidade de me dizer o que está bem ou o que está mal, e muito menos de me dizer como me devo sentir. Esse homem far-nos-á muito mal.

Ao chegarem a Paris, os receios de Miriam confirmaram-se. A sua mãe e os seus tios tinham sido assassinados. Além disso, a sua irmã Judite tinha caído num abismo de silêncio, do qual não havia maneira de sair. Ela tinha perdido a visão naquele Nabi Musa, e agora a sua mãe e os seus tios tinham morrido assassinados perante a passividade dos que até ao momento tinham sido os seus vizinhos, nos quais confiavam como só se confia nos amigos. Yossi não sabia como combater aquele abatimento de Judite; nem sequer Yasmin, a sua filha, conseguia que a mãe lhe respondesse por mais que suplicasse.

Miriam censurava-se por não estar na Palestina para enterrar a mãe e partilhar a dor com a sua irmã Judite. Por isso pediu a Samuel que a deixasse regressar com os filhos, mas ele insistiu em que não o fizesse.

— Já não podes fazer nada. Regressaremos mal eu resolva os assuntos que nos trouxeram a Paris. Prometo-te que não ficaremos mais de uma semana.

Mas não cumpriu a sua palavra. Ficaram quatro anos.

Monsieur Beauvoir recebeu-os circunspecto. Parecia afetado pela perda de Irina.

— Morreu de um ataque de coração. Infelizmente, eu não estava com ela nesse momento. A Irina gostava de ficar até tarde na florista. Quando fechava passava algum tempo a arrumar tudo e a preparar alguns dos bouquets que deviam ser entregues de manhã bem cedo. Gostava tanto do seu trabalho que o tempo para ela passava a voar. Naquele dia, quando acordei, a criada disse-me que a senhora não tinha dormido no seu quarto. Fiquei preocupado e desci imediatamente até à florista. Encontrei-a no chão com algumas rosas na mão. O médico garantiu-me que o ataque foi fulminante e que não sofreu.

Mikhail quase não conseguia dissimular a aversão que sentia em relação a Monsieur Beauvoir.

— Mas deve ter tido algum sintoma, algo que indicasse que não estava bem—censurou-o.

— Trabalhava muito, mas nunca se queixou nem teve qualquer dor. Mas eu não tenho motivos para me justificar, posso garantir que sempre me preocupei com a minha esposa.

Samuel intercedeu para evitar o confronto entre Mikhail e Monsieur Beauvoir. Ele também não gostava daquele homem, mas Irina tinha-o escolhido como marido e deviam respeitar a vontade dela. Combinaram reunir-se dois dias mais tarde na casa do notário. Monsieur Beauvoir informou-os de que Irina tinha feito um testamento, e de que ele desconhecia o seu conteúdo.

A casa, a sua casa, estava tal como Samuel a relembra. Irina tinha-se preocupado com que estivesse pronta caso ele ou Mikhail regressassem um dia.

— Nunca pensei que tivesses uma casa tão luxuosa—disse Miriam a Samuel.

— Luxuosa? Não, esta casa não é luxuosa, é a casa de um pequeno burguês—respondeu Samuel assombrado pelo comentário da sua esposa.

— Achas que estes cadeirões de veludo não são luxuosos... e estas mesas de mogno... e estes quadros... e os espelhos? As cortinas são de renda e os cortinados de brocado... Nunca tinha visto nada assim.

Daniel também estava assombrado.

— Não sabia que eras rico—disselhe sem disfarçar o seu assombro.

— Não te enganes, esta não é uma casa de ricos. Talvez visitemos alguns amigos, e aí vão ver o que é ser rico.

No dia previsto, Samuel e Mikhail foram à casa do notário. Miriam disse que ela não devia ir e que ficaria em casa com os seus três filhos. Estava calor e a única coisa que queria era regressar à Palestina, chorar perante o túmulo da sua mãe e abraçar a sua irmã Judite. Censurava-se a si própria por estar ali em Paris, uma cidade em que tudo lhe era estranho.

Irina legou tudo o que tinha a Mikhail. Não deixou nem um único dos seus pertences a Monsieur Beauvoir. O notário também entregou uma carta a Mikhail e outra a Samuel, que Irina tinha incluído tempo antes no testamento.

Pierre Beauvoir parecia incomodado com as últimas vontades daquela que, pelo menos no nome, tinha sido sua esposa. Mikhail sentiu-se vingado por aquela pequena afronta de Irina ao seu marido.

Todo o dinheiro fruto do seu trabalho era agora de Mikhail, e a quantia não era pequena, bem como as suas escassas joias, quadros, um serviço de cristal da Boémia e um faqueiro de prata.

Mikhail chorou quando leu a carta de Irina.

"Meu querido Mikhail:

Sei que não conseguiste compreender nem sequer suportar ver-me casada com Monsieur Beauvoir. Deves pensar que sou egoísta, que só pensei naquilo que me convinha, e não posso deixar de te dar razão. Teria gostado de amar o Samuel tal como a Marie queria; ela pensava que isso teria sido o melhor para nós os três. Mas não posso pedir perdão pelo que não sinto, embora sempre tenha considerado o Samuel como o mais leal dos amigos. Aprecio a sua bondade, a sua generosidade e o seu talento, e espero que tu algum dia consigas estimá-lo tal como ele merece.

O que tenho é para ti, porque tu és o filho que eu teria gostado de ter e, como tal, sempre foi isso que senti. Não sei quando nem em que circunstâncias vais ler esta carta, mas, seja em que momento for, deves saber que te amei de todo o meu coração e que não há um único dia da minha vida em que não pense em ti.

Sempre tua,

IRINA"

Miriam e Samuel ouviram o choro de Mikhail; Samuel quis ir ter com ele, mas Miriam reteve-o.

— Deixa-o desabafar. Precisa disso. E lê a tua carta, parece que tens medo de o fazer—disselhe enquanto saía do quarto.

"Querido Samuel:

Quando leres esta carta eu já não estarei aqui, mas não quero partir sem te agradecer por tudo o que fizeste por mim. Devo-te tanto! Estava condenada à infelicidade e, como sabes, tu devolveste-me a vida. Sei que me amaste e não imaginas quantas vezes me censurei por não ter conseguido amar-te mais do que como a um amigo ou um irmão. Deves ter-te perguntado mais de uma vez qual o motivo da minha atitude para com os homens. Nem sequer o confessei à Marie e agora arrependo-me porque ela me teria sabido aconselhar e ajudar a curar uma ferida que sempre esteve a sangrar. Lembras-te de eu ter trabalhado como ama na casa daquela família endinheirada, os Novikov? O conde Novikov violou-me não uma mas

sim todas as vezes que lhe apeteceu. Sofri um aborto. Nunca consegui ultrapassar nenhuma das duas coisas. Espero que agora me consigas compreender. Desde então fechei o meu coração aos homens e ao amor. A princípio sentia-me suja e precisava de me castigar pelo que tinha acontecido, depois a minha alma secou para sempre. O Mikhail, tu e a minha família são as pessoas que mais amei no mundo. Cuida dele, ama-te, mas nunca vai saber como manifestá-lo.

Meu querido Samuel, espero que agora me consigas compreender e também perdoar.

Tua,

IRINA"

Ficou em silêncio com os olhos fechados. Sentia uma dor profunda no peito e lutou por conter as lágrimas, mas perdeu a batalha. Tanto Samuel como Mikhail passaram aquela noite sozinhos. Nenhum dos dois se sentia com forças para sair do seu quarto, nem desejavam a presença de ninguém. Miriam tinha-o entendido desta forma sem necessidade de que lho dissessem, por isso pediu às crianças que não fizessem muito barulho e preparou o jantar para ela e para os filhos. Daniel ajudou-a. Naquele momento sentia-se mais unida do que nunca ao seu filho mais velho. Nenhum dos dois pertencia ao mundo onde as cortinas são de renda e as molduras das fotografias de prata polida. Falaram em voz baixa reconfortando-se um ao outro. Daniel confessou-lhe o seu desejo de regressar à Palestina e Miriam prometeu-lhe que partiriam o mais depressa possível. Depois de terem lido o testamento, já nada os retinha em Paris.

No entanto, Samuel não concordava.

— Ainda não podemos partir, tenho de decidir o que vou fazer com esta casa; antes a Marie cuidava dela e depois a Irina, mas agora...

Miriam mordeu o lábio inferior. Queria partir. Samuel tinha-lhe prometido que o fariam imediatamente, mas já estavam há duas semanas em Paris. Daniel e ela sentiam-se perdidos. Não percebiam a língua e a cidade era tão grande... Muito bonita, sim, mas parecia-lhes inóspita. Sempre tinham julgado que Jerusalém era uma grande capital, mas agora davam-se conta de que ao lado de Paris era apenas uma aldeia grande.

— Fica, eu vou com as crianças. Não tens motivos para te preocupares com a viagem. O meu filho Daniel já é um homem.

— Não quero que te vás embora, Miriam, não ficaria sossegado.

— Quero voltar à Palestina. Preciso de chorar no túmulo da minha mãe. Tens de perceber.

— Uma semana mais, só uma semana, prometo-te...

Não só lhe pediu mais uma semana, como também que o acompanhasse a um jantar na casa de Monsieur Chevalier, o boticário em cujo laboratório tinha trabalhado durante a sua anterior estadia em Paris, pouco tempo depois da morte de Marie.

— Ensinou-me tudo o que sei sobre farmácia e convenceu-me de que um bom químico também podia ser um bom farmacêutico. Não posso desiludi-lo recusando o seu convite. Querem conhecer-te, Miriam; és a minha esposa, tens de me acompanhar.

Miriam ficou surpreendida por Samuel não tomar parte do seu luto. Parecia ignorar a dor profunda que ela sentia pelo assassinio da sua mãe e dos seus tios, e pela doença da sua irmã Judite. Samuel tinha fechado a porta da Palestina e tinha deixado tudo ali. Ela queria partir, mas a insistência de Samuel para que ficasse fazia-a acreditar que ele a amava mais do que ele próprio sabia e lhe confessava.

— Vou pedir ao Mikhail que vá com o Daniel e contigo para fazerem algumas compras. A roupa que usamos na Palestina não é a mais adequada para Paris.

— Eu gosto da minha roupa, já sei que é modesta comparada com as que usam as mulheres daqui,

mas eu sou quem sou, não pretendo ser outra pessoa.

— E eu amo-te por seres como és, Miriam, e é por isso que te peço que tenhas paciência.

— As crianças ficam desesperadas por estarem todo o dia fechadas em casa, precisam de ar puro...

— Falei com a porteira... Bem, recomendou-me uma sobrinha dela para te ajudar na lida da casa e para cuidar das crianças. Chama-se Agnès e, se te parecer bem, vem a partir de amanhã. Garantiu-me que é uma jovem bem-disposta.

— As crianças não percebem francês...

— Vão aprendendo...

Mikhail também não percebia porque é que Samuel não prolongava o luto pela morte de Irina e negou-se a ir com eles ao jantar.

Miriam comprou um vestido preto de seda discreto, mas, apesar da insistência de Samuel, decidiu arranjar o cabelo em casa. Chorava a sua mãe em silêncio e ter-lhe-ia parecido uma traição dedicar um único minuto a ir ao cabeleireiro.

Monsieur Chevalier tinha envelhecido. A morte da sua esposa dois anos antes deixou-o sem vontade de viver. Não tinham tido filhos e só contavam um com o outro. A solidão era-lhe insuportável, e se não fosse pela responsabilidade que sentia para com os seus empregados teria fechado o laboratório.

Entre os convidados estava David Peretz, o filho de Benedict Peretz, o comerciante judeu amigo do seu avô que tanto o ajudou no passado, primeiro abrindo-lhe o caminho para a Palestina e depois a trabalhar com Monsieur Chevalier. Desculpou-se com David por não ter ido ao funeral do seu pai. Tinha sabido da notícia da sua morte justamente naqueles dias agitados do Nabi Musa.

O que não imaginava era a surpresa que David Peretz e Monsieur Chevalier lhe tinham preparado. Estava a apresentar Miriam a uns velhos amigos quando ouviu o som de um riso que lhe pareceu familiar. Virou-se imediatamente.

— Katia!—exclamou sem poder acreditar que a estava a ver.

— Samuel! Meu Deus, era verdade, estás aqui!

Abraçaram-se perante o pasmo de Miriam e o olhar condescendente de Monsieur Chevalier e do próprio David Peretz.

Não se conseguiam separar nem conter as lágrimas. Para Samuel, Katia Goldanski representava o melhor do seu passado; olhando para ela via o seu velho mentor Gustav Goldanski, o seu leal amigo Konstantin e a vida perdida em São Petersburgo.

— Não mudaste nada!—disse Samuel falando em russo enquanto olhava embasbacado para Katia Goldanski.

— És tão mentiroso! Como é que não havia de mudar? Os anos passaram por mim—respondeu ela sem coquetismo e com naturalidade.

Mas Samuel via-a como ela tinha sido, aquela condessinha elegante, com o cabelo louro de aspeto sedoso e o olhar azul intenso e limpo, a pele de porcelana, lindíssima, tal como quando era criança. Talvez a tenha achado mais bela do que nunca. A maturidade tinha-lhe feito bem. Katia tinha alguns anos menos do que ele, devia estar perto dos cinquenta.

Miriam observava-os sem saber o que fazer. Aquela mulher parecia-lhe saída de um quadro, alguém irreal. Julgava saber quem era. Samuel tinha-lhe falado de Konstantin e de Katia, mas nunca lhe tinha dito que fosse uma beldade. Por um momento teve vontade de sair a correr. Ela era uma camponesa que não destoava em Jerusalém, mas ali, naquele salão... sentia que as outras mulheres a olhavam de soslaio analisando a sua roupa e o seu cabelo mal apanhado num coque sobre a nuca.

— E esta deve ser a Miriam—disse Katia fixando-se nela e abraçando-a.

— Tens de falar com ela em inglês—avisou-a Samuel.

Passaram o resto da noite a pôr a conversa em dia sobre o que tinham sido as suas vidas nos últimos anos, embora ambos tivessem notícias um do outro através da correspondência que Samuel e Konstantin ainda mantinham. Passavam do inglês para o francês e do francês para o russo sem se darem conta. Era a língua materna de ambos, com a qual tinham balbuciado as primeiras palavras, a primeira língua com a qual tinham chorado e amado.

— O meu irmão está em Londres, teria gostado de vir, mas está prestes a fechar um negócio. Chega daqui a uns dias. Pedi-me para ficares a qualquer custo, não podes regressar à Palestina sem o veres. Ainda não conheces a sua esposa, a Vera, nem o seu filho Gustav. Sim, batizou-o com esse nome em honra do meu avô.

Quando o serão terminou, Samuel insistiu em acompanhar Katia à casa de uns amigos, onde estava alojada, reiterando que deviam almoçar juntos no dia seguinte.

Estava tão entusiasmado com o reencontro com Katia que não se deu conta da inquietação de Miriam nem do mal-estar de Daniel. O jovem tinha passado todo o jantar em silêncio. Nem falava nem compreendia francês, e sentia-se deslocado naquele ambiente em que se utilizava um talher diferente para cada prato e em que as mulheres cheiravam a perfumes tão intensos que estonteavam.

— Mãe, quero regressar à Palestina—voltou a suplicar a Miriam naquela noite.

— O Samuel precisa de nós aqui, quando resolver os seus assuntos voltaremos. Prometo-te.

Samuel estava nervoso e pediu a Miriam que fizesse o possível para que Katia se sentisse bem com eles.

— Sempre estive acostumada ao melhor. Espero que a sobrinha da porteira seja boa cozinheira.

— O mais importante é que vão poder estar juntos, a comida é o que menos interessa—garantiu-lhe Miriam.

Mikhail lembrava-se mal de Katia, mas mostrou-se maravilhado por conversar com alguém que tinha pertencido ao passado, àquele passado que lhe tinham arrebatado e no qual estava o seu pai. Katia e Samuel contaram alguns episódios de quando eram pequenos e partilhavam jogos.

— Na verdade, o Konstantin e ele mandavam-me embora do quarto de brincar, nunca me ligaram, só me procuravam quando precisavam que distraísse a nossa fräulein porque tinham planeado alguma travessura—explicou Katia.

— Ontem disseste-me que se tinham mudado para Londres, porquê?—perguntou Samuel.

— Porque não foi fácil viver na Rússia depois da revolução. Tínhamos três pecados imperdoáveis: éramos ricos, nobres e meio judeus.

— A revolução prometeu acabar com as diferenças entre os homens. A religião deixaria de ser importante...—começou a dizer Samuel, mas Katia não o deixou continuar.

— Isso era o que o meu irmão e tu julgavam, mas não foi assim. O Konstantin não te quis angustiar contando nas cartas aquilo por que passámos... Sofremos muito, Samuel, nem imaginas o quanto, e, mais do que nós, a minha avó. O seu mundo desabou de repente e por mais que o Konstantin tentasse proteger-nos... Numa manhã apareceram uns membros do soviete de São Petersburgo na nossa casa. Foram enviados por um homem, um comissário político, Félix Surov. Tratou-nos como se fôssemos ladrões e garantiu-nos que a propriedade privada estava abolida; aquela já não era a nossa casa... tinham atribuído a nossa casa a vinte famílias. A minha avó quis resistir... coitadinha. De repente, aquela gente ocupou a casa. Se os tivesses visto, Samuel... Não os culpo, não, não os culpo... mas como nos odiavam! Lembrome de uma mulher a enfrentar a minha avó dizendo-lhe: "Com que então esta é uma mansão, é assim que vivem os nobres, rodeados de seda e com talheres de prata...", e de repente deitou ao chão todas as figurinhas de porcelana da escrivantina da minha avó. Pisaram uns ovos de Fabergé que o meu avô lhe tinha oferecido, arrancaram os quadros das paredes com a desculpa de que serviriam para fazer uma boa

fogueira no inverno... A minha avó tremia, mas manteve a dignidade. Alguns dos nossos criados intercederam por nós, garantindo que sempre os tínhamos tratado bem, mas aquilo enfureceu ainda mais Surov, que era quem mandava no grupo. Aquele homem gostava de nos humilhar, qualificou-nos de inimigos do povo e disse que se fosse por ele devíamos pagar com a vida o sofrimento que tínhamos causado. Vera, a mulher do Konstantin, começou a tremer. Estava grávida e tinha medo da ira daquele homem. Eu pedi ao meu irmão que não os enfrentasse. Tínhamos tudo a perder, por isso devíamos adaptar-nos à nova situação. Não te vou enganar, não foi fácil, a vida transformou-se num inferno. O Ivan, lembras-te do Ivan, o nosso moço de cavalaria? Era um bom homem e leal à minha família, ele deu-nos abrigo no quarto que ocupava junto às cavalariças. Foi ele que te ajudou a escapar com a Irina e o Mikhail... o Ivan conhecia o tal Surov, porque tinha sido professor dos seus netos. A Okhrana tinha-o detido uma vez por atividades revolucionárias e era um milagre que tivesse sobrevivido. O Ivan defendia-nos sempre, quando Félix Surov fazia pouco de nós, mas Surov revoltava-se e acusava-o de ser um contrarrevolucionário por pôr em causa os seus métodos.

Os olhos de Katia ensombraram-se com as recordações. Mikhail observava-a com atenção e mal podia conter a sua indignação.

— Estás a dizer que quem tornou possível a revolução se comportou de forma brutal como se vocês fossem escória...?—perguntou.

Katia demorou uns segundos a responder procurando a forma de dissipar a ira de Mikhail.

— Não vou defender o nosso último czar, não o merece. Nem os seus antecessores se preocuparam em conhecer as necessidades do seu povo, preferiam ter servos a ter cidadãos. Poderiam ter imitado os seus primos alemães ou os britânicos, mas não o fizeram, não foram capazes de perceber que não se podem cometer injustiças eternamente. O povo odiava a família imperial, odiava os nobres, odiava os burgueses, odiava todos aqueles que, ao longe, viam dispor de tudo enquanto eles mal podiam alimentar os seus filhos.—Katia olhou fixamente para Mikhail antes de continuar.—Sei que o teu pai, o Yuri, era um revolucionário, que o meu irmão e o Samuel tinham simpatia pelo socialismo, porque qualquer pessoa que tivesse coração não podia ficar indiferente a tanta injustiça. Eu nunca participei das inclinações do meu irmão pelos revolucionários, mas teria desejado que a nossa Rússia mudasse, que o nosso czar fosse capaz de implantar reformas, com um Parlamento a sério onde se debatessem com liberdade os problemas do povo... Não era preciso improvisar, tínhamos o modelo britânico.

— Não me vais convencer de que os revolucionários se comportaram como carrascos—insistiu Mikhail.

— Houve um banho de sangue na Rússia com a Guerra Civil, o Exército Vermelho contra o Exército Branco... e sim, em demasiadas ocasiões quem fez a revolução comportou-se de maneira brutal. Impuseram a revolução com a mesma crueldade com que o czar agia.—Katia, perante o olhar furioso de Mikhail, disse estas últimas palavras sem hesitar.

— Por acaso és assim tão ingénua para acreditares que esses aristocratas soberbos, que essa casta que governava a Rússia, que o czar e a sua família iam fazer uma vénia ao povo e reconhecer que o tinham estado a explorar durante séculos? Achas mesmo que teriam partilhado o seu poder? Não, não o teriam feito. Arrancámo-lo. Os homens como o meu pai deram a sua vida para conceder dignidade à Rússia. Que vida é digna de ser vivida se um homem é um servo?—Mikhail tinha levantado o tom de voz.

— Os meus avós educaram-nos no respeito ao próximo. O meu avô jamais teria permitido que o Konstantin e eu achássemos que éramos melhores do que os outros só por termos nascido nobres. A minha avó sempre tratou os criados com respeito e afeto—respondeu Katia com voz tranquila.

— Sim, eram aristocratas condescendentes com os outros, mas porque é que tinham de ter tudo enquanto, à vossa volta, a maioria não tinha nada? Devias ir à Palestina e ver o que nós, judeus, estamos

a fazer lá. Não te faria mal viver num kibutz... Nas nossas quintas, ninguém possui a sua propriedade, tudo se divide, e não se decide nada sem estarmos todos de acordo. A cozinha e a sala são comunitárias, os filhos são educados por todos. Sabes quem concebeu esse milagre da igualdade? Os judeus russos, os homens que pensavam como o meu pai. Não é fácil viver num kibutz, só os melhores é que o conseguem fazer, os que acreditam que todos os seres humanos são iguais, que ninguém merece ter mais do que o próximo.

— Sim, a igualdade é um belo sonho, mas diz-me, Mikhail, os socialistas russos da Palestina obrigam os outros a viver como eles? Prendem quem não concorda com eles? Assassina quem resiste? É obrigatório ser comunista? Os nossos revolucionários impuseram o terror, dizem que fazem tudo em nome do povo, mas não perguntam ao povo o que é que quer, como quer viver—afirmou Katia, que não estava disposta a ceder perante Mikhail.

Samuel pegou na mão de Katia e pediu-lhe que continuasse com o seu relato.

— A minha avó morreu com um ataque de coração. Não conseguiu suportar que o Konstantin e a sua esposa Vera perdessem a sua filha. A menina nasceu prematura e estava muito fraca. A Vera tinha adoecido e não tinha leite para a alimentar, e embora o Konstantin e eu tenhamos feito das tripas coração para encontrar leite, nem sempre conseguíamos. Fomos vendendo o pouco que nos restava para alimentar a menina, mas mesmo que tivéssemos todo o ouro do mundo nem sempre havia leite. A menina adoeceu e... morreu nos braços do Konstantin. A Vera piorou, culpava-se pela morte da filha e por ter dado à luz dois meses antes, por não ter podido amamentá-la. O coração da minha avó não aguentou. Dou graças a Deus por ter morrido enquanto dormia, o médico disse-nos que não sofreu. Naquele momento, o Konstantin decidiu que saíssemos da Rússia. Tudo nos foi espoliado, a casa de São Petersburgo, a de verão em Ialta... A minha avó conseguiu salvar algumas joias. Entregou-as ao Ivan, o estribeiro, que as escondeu junto a algumas telas que Konstantin tinha tirado das suas molduras, dobrando-as cuidadosamente para as salvar. Também conseguimos salvar alguns papéis que acreditavam o dinheiro que o meu avô tinha depositado num banco inglês e num suíço. Não sabíamos quanto, e rezávamos para que fosse suficiente e nos permitisse começar uma nova vida. Utilizámos algumas das joias da minha avó em subornos. Foi assim que chegamos à Suécia e dali a Inglaterra. Não foi um caminho fácil, tu sabes bem, porque o fizeste há alguns anos. A Vera estava doente e destroçada com a perda da sua filha. Vestimo-nos como se fôssemos camponeses, tentando disfarçar quem éramos, mas mesmo assim muitos descobriram o embuste. Um grupo de revolucionários achou-nos suspeitos. Graças a Deus que não se deram conta de que levávamos algumas joias. Tínhamo-las cosido na bainha dos casacos. Ao que parece havia tropas do Exército Branco não muito longe dali e as escaramuças eram constantes. Livrámo-nos de ser devolvidos a São Petersburgo, porque nessa mesma noite os Brancos atacaram a aldeia e conseguimos fugir na confusão... Se nos tivesses visto a correr pela neve para nos escondermos no bosque. O Konstantin não nos deixava descansar e insistia em que não parássemos de correr. A Vera desmaiou e o meu irmão carregou-a aos ombros como se fosse um saco, mesmo assim negava-se a descansar. Eu chorava suplicando-lhe que parasse, que devíamos cuidar da Vera. Tinha medo de que pudesse morrer... Mas ele não me ouvia. Andava e andava com uma determinação que me assustava. Às vezes tropeçava e a Vera e ele caíam na neve, mas levantava-se com ela às costas e continuava a andar. Passámos vários dias no bosque, temendo que os homens do Exército Vermelho nos encontrassem a qualquer momento... Deus teve piedade de nós, porque numa tarde vimos uns homens a caçar, tentámos fugir, mas eles mostraram-se amistosos. Estávamos na Suécia.

Miriam e Daniel não compreendiam o que Katia dizia há algum tempo. De repente, tinha deixado de falar inglês para o fazer em russo, como se só pudesse explicar a dor sofrida na sua língua. Durante uns segundos permaneceram todos em silêncio. Samuel e Mikhail começaram a falar ao mesmo tempo,

também em russo. Miriam levantou-se e saiu da sala. Dava-se conta de que ela e Daniel estavam deslocados, não faziam parte daquele passado que só pertencia aos três. Mais tarde, Samuel contou-lhe tudo o que Katia tinha explicado, a fuga de São Petersburgo até Londres, onde agora viviam.

Konstantin tinha-se deparado com a surpresa de o dinheiro depositado pelo seu avô nos bancos inglês e suíço não ser muito, embora fosse suficiente para viverem decentemente.

Alugaram uma casa em Kensington; não era muito grande, mas chegava para os três. Até conseguiram contratar empregadas. Uma mãe e uma filha bem-dispostas que limpavam e cozinhavam. Tanto Katia como Vera garantiram a Konstantin que não era preciso gastar dinheiro em criadas, mas ele não as queria ver a limpar a casa.

Konstantin contou com os conselhos de velhos amigos da família e investiu o escasso dinheiro com algum sucesso. Agora viviam desses investimentos.

— Vivemos com simplicidade—explicou Katia—,mas temos o suficiente para que não nos falte o essencial.

Katia imaginou que Vera teria algumas dificuldades em adaptar-se à sua nova vida. Os seus pais pertenciam à velha aristocracia russa e ela tinha vivido grande parte da sua infância e adolescência perto da corte. Mas Vera nunca se queixou e aceitou de bom grado a situação. Amava Konstantin e não sabia viver sem ele; assim, tal como Katia, fazia o possível para que ele não tivesse preocupações.

Londres, garantia Katia, era ainda mais cosmopolita do que São Petersburgo. Integraram-se rapidamente e até foram apresentados na corte graças a um tio de Vera que estava casado com uma aristocrata inglesa.

Katia alargava os horizontes a Samuel. Ele almoçava com ela, acompanhava-a à ópera, iam juntos à casa de amigos, russos exilados como eles. Miriam nem sempre os acompanhava. Sentia-se excluída naquela relação, parecia-lhe que se tinha tornado uma estranha para Samuel e que ele começava a ser o mesmo para ela.

— Amanhã chega o Konstantin. Tenho muita vontade de vos apresentar. Vais gostar dele. É um verdadeiro aristocrata e não como qualquer um dos que conhecemos aqui...—anunciou-lhe Samuel.

Miriam não teve outra opção senão simpatizar de imediato com Konstantin. Era mais bem-parecido do que imaginava, mas sobretudo mostrava-se tão cavalheiresco para com ela que a fazia sentir-se como uma princesa.

Konstantin exigiu que, na presença de Miriam e Daniel, só falassem em inglês, e negava-se a responder quando Katia ou Samuel, sem se darem conta, começavam a falar em russo.

— Onde é que ficaram os vossos modos? A Miriam não nos percebe e, dado que todos sabemos inglês, só falaremos em inglês—sentenciou Konstantin.

Desde a sua chegada, Miriam já não se importava de os acompanhar naquelas saídas que costumavam acabar em casa de algum desses aristocratas russos que tinham fugido da revolução. Konstantin estava sempre atento para que Miriam não se sentisse deslocada e tratava-a como se fosse sua irmã.

Se não estivesse apaixonada por Samuel, ter-se-ia apaixonado por Konstantin, embora tentasse anular este pensamento, porque também tinha simpatizado com Vera; ainda assim, tinha ficado surpreendida com o facto de um homem como aquele se ter apaixonado por uma mulher de aparência tão frágil e que não era exatamente uma beldade. De estatura média, com o cabelo e os olhos castanhos, extremamente magra, Vera não se teria destacado em nenhum lugar a não ser pelo seu porte aristocrático e por aqueles vestidos de seda.

Miriam censurava-se por achá-la insignificante, já que Vera se mostrava sempre carinhosa e atenta para com ela, tal como o seu marido.

Se não fosse por Konstantin e Vera, Miriam acharia aborrecidos os serões nas casas daqueles russos

que tinham fugido dos bolcheviques e tentavam fazer de França a sua nova pátria.

Samuel e Konstantin apresentavam-lhes príncipes e duques de nomes sonantes, que se comportavam como se ainda estivessem na corte do czar, apesar de muitos deles se verem obrigados a viver com uma modéstia que nunca teriam imaginado. Grande parte daqueles exilados procurava trabalho para sobreviver e, só durante aqueles serões, nos quais se apresentavam com os seus melhores trajes, recuperavam algum do brio de antigamente.

Miriam ficava surpreendida com a rejeição que notava no olhar de alguns daqueles aristocratas arruinados. Notava-se demasiado que a consideravam vulgar. Quando lhe perguntavam pela vida na Palestina, ela falava-lhes de Hebron, da sua família camponesa, de quando era criança e, juntamente com outras crianças, cuidava das cabras da família. Sentia-se orgulhosa da sua vida e não a teria trocado por nada.

— Tu és mais bonita do que todas aquelas duquesas—garantia-lhe Mikhail, que sentia uma antipatia espontânea para com todos os amigos de Konstantin e de Katia.

Mas apesar de tantas reservas, iam a alguns dos serões para os quais Samuel os arrastava. Para Miriam era um alívio ter Mikhail por perto. Divertia-se ouvindo o jovem a provocar os convidados. Dizia que a revolução bolchevique tinha sido necessária, tendo em conta a incapacidade do czar e dos nobres em dar resposta às necessidades do povo russo.

— Éramos servos, agora somos cidadãos, só por isso é que a revolução valeu a pena—afirmava muito sério.

Os exilados escandalizavam-se sem perceberem como é que aquele jovem que acompanhava os Goldanski se podia mostrar partidário da revolução, e explicavam-lhe que, se o que o povo reclamava era liberdade e justiça, não tinham conseguido nenhuma das duas.

Já tinham passado dois meses desde a sua chegada a Paris e Daniel continuava a pedir à mãe para regressarem à Palestina. Embora já estivesse a aprender francês, para Daniel não fazia sentido continuarem em Paris. Sentia falta da atividade intensa do laboratório, até das repreensões de Netanel quando não tinha em ordem os instrumentos com os quais preparavam, de forma artesanal, os remédios que os sustentavam. Era tal a insistência de Daniel, que Miriam voltou a dizer a Samuel que tinha chegado a hora do regresso.

— O Konstantin, a Vera e a Katia partem amanhã para Londres e tu tiveste tempo de pôr em ordem os teus assuntos. Devemos regressar. Desde que chegámos, mal tivemos tempo para estar com as crianças. Já reparaste que a Dalida cresceu? A roupa já fica pequena à nossa filha, tal como ao Ezequiel. São muito pequenos e precisam de estar em casa.

— Estão em casa, esta também é a casa deles—respondeu Samuel de mau humor.

— Esta é a tua casa, não a nossa.

— Como é que podes dizer isso? Tu és a minha esposa e a Dalida e o Ezequiel são os meus filhos, tudo o que tenho é vosso. Estar em Paris não está a prejudicar as crianças; se bem reparaste, tanto a Dalida como o Ezequiel já dizem algumas coisas em francês.

— Deste-me a tua palavra, Samuel...

— Tens razão, e peço-te outra vez que tenhas paciência. Ainda não te disse, mas vou montar um negócio com o Konstantin.

Miriam ficou em silêncio, magoada com a surpresa do que acabava de ouvir.

— Já sabes que durante uma das minhas estadias em Paris trabalhei no laboratório de Monsieur Chevalier. O bondoso homem é muito velho e não tem filhos. Por isso, propôs-me que fique com o negócio. O preço é excelente dado que o laboratório funciona plenamente. Com a ajuda do Konstantin podíamos vender alguns dos medicamentos para outros países. Monsieur Chevalier tem duas patentes que

se transformaram em ouro... Enfim, o que é que achas?

— Não estou a perceber o que me queres dizer.—Devido aos nervos, Miriam sentia um nó no estômago.

— Porque é que não ficamos em Paris? Não te digo para sempre, mas pelo menos durante um tempo. Sabes que tenho dinheiro suficiente para que possamos viver confortavelmente e se investir uma parte no laboratório... Pensei que podia enviar para a Palestina alguns dos medicamentos que são feitos no laboratório de Monsieur Chevalier.

— Já tens um laboratório na Horta da Esperança.

— Por favor, Miriam! Aquilo é um alpendre adaptado para fazer quatro fórmulas; elaboramos medicamentos muito básicos, embora de vez em quando o teu cunhado Yossi nos peça alguma fórmula magistral. Estou a falar em ter um laboratório a sério. Eu não sou farmacêutico, sou químico, embora me tenha dedicado a preparar remédios. Não te vou negar que me atraí dedicar-me aos negócios como o Konstantin. Gostava de tentar...

— O meu filho Daniel quer regressar—respondeu Miriam esforçando-se por não perder a coragem.

— Pode fazê-lo. O Mikhail disse-me que se vai embora, por isso pode ir com ele.

— Estás a esquecer-te de que é meu filho.

— Tens razão... então o melhor é ficar.

— O Daniel não tem nada para fazer em Paris.

— Estás enganada. Se eu comprar o laboratório de Monsieur Chevalier, o Daniel pode trabalhar lá.

Vai aprender outras coisas que lhe serão muito úteis para quando regressarmos à Palestina.

— Tens a certeza de que algum dia vais querer regressar?—perguntou Miriam receando a resposta.

— Claro que sim! Só te estou a pedir que me deixes tentar ficar com o negócio. Não sabes o que significa para mim partilhar alguma coisa com o Konstantin e com a Katia... Não te escondo que há muito tempo não me sentia tão em paz comigo mesmo. Na Palestina vivemos com tanta intensidade que não temos tempo de pensar em nós próprios. Por favor, Miriam...

Miriam resignou-se; sabia que, por mais que ela tentasse, Samuel não tinha intenção de regressar à Palestina, pelo menos naquele momento. Ela estava disposta a sacrificar-se, mas preocupava-se com Daniel. O seu filho mais velho não se adaptava a Paris. A cidade parecia-lhe tão bela e grandiosa que se sentia perdido. Também não tinha amigos e a aprendizagem do francês era-lhe muito difícil, ao contrário do que era para os seus dois filhos mais novos, Dalida e Ezequiel. Mikhail tinha feito o possível por ajudá-lo e muitas vezes pedia-lhe que o acompanhasse às reuniões com os amigos de infância. Daniel preferia estar com Mikhail e com os seus amigos do que com os de Samuel; ainda assim, aqueles jovens franceses pareciam-lhe estranhos.

Miriam expôs a situação a Daniel sem lhe esconder que estava preocupada por perder Samuel.

— Se nos formos embora e o deixarmos aqui, não sei o que é que pode acontecer. O Samuel recuperou o seu passado com o Konstantin e a Katia, e neste momento isso é o mais importante para ele.

— Queres dizer que eles são mais importantes do que tu ou os meus irmãos?

— Não exatamente... Ama-nos, ama-nos a todos, a ti também, já to demonstrou, mas agora precisa de estar com os amigos dele e não quer desperdiçar a oportunidade que Monsieur Chevalier lhe dá de se tornar proprietário de um bom laboratório. Disse-me que podes trabalhar com ele; assim vais ter a oportunidade de continuar a aprender. Não gostarias de o fazer?

— Percebo que não te separe do Samuel. É o teu marido. Mas tens de me compreender e de me deixar regressar. Vou estar bem na Palestina. Estão lá os meus tios, a Judite e o Yossi, e a minha prima Yasmin. São a nossa única família agora que... bem, depois de terem assassinado a avó.

Ficaram uns segundos em silêncio, Miriam a conter as lágrimas; o assassinio da sua mãe provocava-

lhe uma dor aguda no peito.

— Mas o Yossi não pode cuidar de ti, já tem que chegue com a minha irmã. A Judite está muito doente e a Yasmin não consegue ajudar o pai e tratar da mãe. Serias um fardo.

— Não te disse que vou viver com eles, mas se assim fosse tentaria ajudar ao máximo. Vou voltar para a Horta da Esperança e continuar a trabalhar com o Netanel. Ele incentiva-me a acabar os estudos e até a ir para a universidade. Sabes que a Kassia e a Rute me vão tratar como um filho.

— Sim, mas... eu não me quero separar de ti.—Miriam começou a chorar.

Mikhail interrompeu-os surpreendido por ver Miriam a chorar.

— O que se passa aqui?—perguntou.

Enquanto explicavam a Mikhail o que se passava, ele ia ficando com o olhar cada vez mais brilhante.

— O Samuel nunca vai ficar para sempre em lado nenhum. Na verdade, não é de nenhum lugar. Agora está bem aqui porque reencontrou o Konstantin e a Katia, mas daqui a um tempo deixá-los-á para regressar à Palestina ou a qualquer outro lugar. Não se preocupa se magoa aqueles que dizem amá-lo. A mim abandonou-me quando eu era uma criança e eu o via como o meu único pilar. Miriam, se regressares à Palestina ele não te vai seguir. Se o amas, a melhor coisa que podes fazer é ficar em Paris com ele até que decida voltar. Quanto a ti, Daniel, se quiseres podes vir comigo. Há um barco que sai de Marselha daqui a uma semana. Posso comprar o teu bilhete.

— Surpreende-me que queiras voltar para a Palestina. És rico... herdaste muito dinheiro e és quase francês, foste educado aqui e se quisesses poderias tornar-te o melhor violinista do mundo...— respondeu-lhe Daniel.

— Sim, aqui está a minha infância, os meus primeiros anos de juventude, os meus amigos e os meus sonhos de me tornar um grande músico. Aqui fui feliz com a Marie e com a Irina. Mas não consegui suportar que a Irina casasse com Monsieur Beauvoir, por isso fui com o Samuel para a Palestina, embora na verdade tivesse ido para qualquer lugar. O que não imaginei é que a Palestina fosse tão importante para mim. Às vezes pergunto-me que sentido faz ter uma vida de privações como a que temos lá. Mas agora não desejaria viver em nenhum outro lugar. Fico contente por ter regressado e por ter visto os meus amigos de infância, por me ter reencontrado com a minha cidade e por ter voltado a desfrutar dos pequenos prazeres burgueses com os quais cresci, porque vou sentir esta cidade sempre como minha. Mas aqui percebi que a Yasmin é o mais importante para mim. Se pudesse trazê-la para cá, viver com ela em Paris, mas isso é impossível... com a mãe naquele estado, a Yasmin nunca vai deixar a Palestina. Por isso regresso decidido a casar com ela.

Abraçaram-se emocionados. Mikhail tinha-os surpreendido, sempre lhes tinha parecido demasiado introvertido e até esquivo.

— Fico contente por seres meu sobrinho—disselhe Miriam—e não tenho dúvidas de que vais ser muito feliz com a Yasmin.

Depois, com a ajuda de Mikhail, Daniel convenceu-a a deixá-lo regressar à Palestina. Não tinha outra opção senão aceitar Samuel ou separar-se dele, e aquela última ideia doía-lhe muito mais.

Os meses tornavam-se anos e assim chegaram a 1933. Há quatro anos que tinham deixado a Palestina. Miriam e Samuel tinham-se instalado numa rotina que parecia fazê-lo feliz. Tinha comprado o laboratório a Monsieur Chevalier e tinha-se associado a Konstantin para vender medicamentos em Inglaterra e noutros países da Europa, o que os levava a viajar juntos e a recuperar a cumplicidade da infância e da juventude. Monsieur Chevalier tinha patentes de vários medicamentos, que tinham proporcionado grandes lucros, sobretudo depois da Grande Guerra.

Samuel viajava para Londres com muita frequência e costumava ficar mais tempo do que Miriam julgava ser necessário. Sabia que, quando ia, passava grande parte do tempo com Katia e, em mais de

uma ocasião, os tinha surpreendido a olhar um para o outro com uma doçura que a sobressaltava.

Dava-se conta de que tinham deixado de ser um casal para se tornarem um quinteto, porque a vida dos dois era agora inseparável da de Konstantin, Vera e Katia.

Ela não era feliz, mas Samuel sim. O seu único consolo eram as cartas de Daniel, nas quais este lhe garantia que estava bem. E os seus dois filhos mais novos, Dalida e Ezequiel, que se tinham adaptado sem problemas à vida parisiense. Miriam levava-os todas as manhãs ao colégio e à tarde era Agnès, a jovem criada, que ia com eles brincar para o Jardim do Luxemburgo.

O que mais a desesperava é que, apesar dos seus esforços para agradar a Samuel, ele nem sequer lhe prestava atenção. Ela tinha acabado por ceder aos conselhos da cabeleireira e tinha cortado o cabelo como as parisienses e até se vestia como elas. Saias que mal tapavam os joelhos, chapéus, luvas... Samuel dizia-lhe para gastar o que quisesse, mas nunca se apercebia quando ela estreava um vestido novo. Miriam tinha dificuldade em aceitar que o seu casamento era uma farsa e que só estavam juntos por Dalida e Ezequiel. Samuel amava os seus filhos e só com eles é que o seu rosto se enchia de ternura. Mas ainda demorariam mais dois anos a decidir pôr fim à sua vida em comum.

Miriam nunca tinha sucumbido à tentação de ler os documentos de Samuel, mas numa manhã encontrou no chão uma folha que lhe tinha caído do bolso. Pegou nela e reconheceu de imediato a letra redonda de Katia.

"Meu querido, temos saudades tuas. Três semanas sem te ver parecem-me uma eternidade. A Vera está a preparar o aniversário do Gustav. Já viste? O meu sobrinho vai fazer dez anos! No ano que vem vai para um colégio interno, por isso a Vera quer que este aniversário seja inesquecível, mas não o será sem a tua presença.

Estamos à tua espera.

Sempre tua,

KATIA"

Miriam não sabia o que pensar. Temia pedir explicações a Samuel pois estava certa de que ele diria que aquela carta era totalmente inocente e que não havia uma única linha que pudesse ser mal interpretada. Mas ela sabia que era uma carta de uma mulher apaixonada. Convidava-o para o aniversário de Gustav, mas não estendia o convite nem a ela nem aos seus filhos. Na verdade, Katia nunca se mostrava carinhosa para com Dalida e Ezequiel, como se lhe custasse reconhecer neles os filhos de Samuel.

Dalida tinha herdado o cabelo preto de Miriam e a sua pele cor de azeitona. Ezequiel era parecido com Samuel, embora o seu cabelo fosse castanho e nos seus traços também estivesse presente a herança sefardita da mãe. Nenhum era parecido com Gustav, o filho de Konstantin e de Vera, que lembrava um desses anjos que se encontram nos quadros dos pintores renascentistas. Gustav era tão louro, com a pele tão branca e os olhos tão azuis que era impossível não olhar para ele. Miriam ficava admirada pelo facto de o menino se portar tão bem. Dalida e Ezequiel zangavam-se entre eles e era preciso lembrar-lhes que não podiam correr em casa e que se deviam sentar com as costas direitas.

Passou o resto do dia sem saber o que fazer esperando impaciente que Samuel regressasse do laboratório. Mas não teve tempo de lhe expor os seus medos porque o seu marido estava tenso e preocupado.

— Daqui a duas semanas tenho de ir à Alemanha e não gosto do que está a acontecer em Berlim— disse em jeito de cumprimento.

— Referes-te ao novo chanceler?—perguntou ela.

— Sim, esse tal Hitler abomina os judeus.

— Não percebo porque é que o presidente Paul von Hindenburg o nomeou chanceler...—respondeu Miriam.

— Porque tem medo dos comunistas. Os políticos alemães temem que os seus compatriotas vejam no comunismo a solução para os seus problemas. Sabes quantas pessoas estão desempregadas? O país está à beira da ruína. O Konstantin insistiu para que vendêssemos os nossos medicamentos na Alemanha, mas desde que nos instalámos lá só tivemos dores de cabeça. E não te escondo que sinto calafrios cada vez que vejo essas bandeiras com a cruz suástica... Muitos judeus estão a sair da Alemanha, outros resistem a partir, sentem-se totalmente alemães, mas Hitler não os considera assim. Não tens noção das humilhações que sofrem.

— Então não devias ir. Tu és judeu, que vá o Konstantin.

— Também é judeu.

— Bom, mas não tanto como nós.

— Como não? O seu avô era judeu.

— Mas a sua mãe não era, por isso pode passar por russo. E, que eu saiba, nunca vai à sinagoga.

— Bem, Miriam, eu também não vou à sinagoga e tu só o fazes de vez em quando. O que é que a sinagoga tem que ver com ser judeu?

— Se estás preocupado não vás a Berlim. Para que queres mais dinheiro? Tens mais do que aquele que poderás gastar na tua vida.

Jantaram com os seus filhos. Miriam sentava sempre os meninos à mesa; pensava em Gustav e tinha pena dele porque sabia por Samuel que o menino comia sempre sozinho ou na companhia da ama. Vera, a doce Vera, não podia deixar de se comportar como a aristocrata que era, e considerava impensável sentar uma criança à mesa. Konstantin não partilhava da decisão de Vera, mas passava tanto tempo fora de casa que não lhe parecia bem pôr em causa os métodos educativos da sua esposa.

Eliminou Gustav dos seus pensamentos para ouvir a conversa dos seus dois filhos. Dalida era uma menina inteligente e perspicaz que não parava de fazer perguntas.

Depois, quando deitou as crianças, Miriam aproveitou para lhe falar da carta.

— Deixei-te uma carta em cima da cómoda, deve ter caído do teu bolso ontem à noite ou hoje de manhã. É da Katia.

Samuel mexeu-se incomodado no cadeirão, mas não deixou de olhar para ela.

— Sim, convidaram-me para o aniversário do Gustav.

— É curioso que não tenham convidado nem as crianças nem a mim.

Ficaram em silêncio; Miriam a olhá-lo fixamente, ele a querer evitar o seu olhar.

— Bem, a Katia sabe que tu não gostas de viajar.

— Como é que sabe? Talvez porque nunca sou convidada a fazê-lo, por exemplo, a acompanhar-te em alguma das tuas intermináveis viagens a Londres?

— O que queres dizer com isso?—Samuel tinha ficado tenso.

— Estou há quatro anos em Paris e ainda não percebi porquê. Quando vim era tua esposa, mas agora sou só quem se ocupa dos teus filhos. Pediste-me que te desse tempo, e dei-to. Já tens o teu laboratório e uma vida que te agrada e na qual eu não estou incluída. Vou-me embora, Samuel, vou voltar para a Palestina. A Dalida e o Ezequiel vêm comigo.

— Mas... não te percebo! Queres partir porque ficaste ofendida com o facto de a Katia não te ter convidado expressamente para o aniversário do Gustav?—O tom de Samuel era de irritação.

— Quero partir porque não tenho nada que fazer aqui. Ainda não fui chorar no túmulo da minha mãe. O meu filho Daniel está lá. A minha irmã continua doente. Não pude ir ao casamento da minha sobrinha

Yasmin com o Mikhail. Queres mais razões? Sim, dar-te-ei a definitiva: não me amas, Samuel, não me amas. Sou parte da paisagem que te rodeia, nada mais. Não me amas nem precisas de mim. A princípio, talvez sim, mas agora estou a mais aqui. Nunca me vou adaptar totalmente à vida de Paris. Não me divertem essas festas onde tantas mulheres bonitas competem entre elas e onde as relações sociais são tão hipócritas... Todos criticam todos... os maridos traem as suas mulheres com as suas melhores amigas, e elas vingam-se a gastar o dinheiro dos maridos e a namoriscar, por sua vez, com o primeiro patife que lhes apareça à frente... E depois são todos esses exilados russos... O que é que pensam? Alguns comportam-se como se ainda vivessem em São Petersburgo, como se ainda mantivessem os seus palácios e os seus privilégios... Eu sou uma camponesa, Samuel. Nasci em Hebron e durante a minha infância cuidava de cabras. No verão, corria descalça... O que tenho eu que ver com essas senhoras que me apresentaste e que olham para mim com pena?

— Já acabaste?—Samuel mal podia conter a sua irritação.

— Não, não acabei. Ainda tenho outra coisa para te dizer. Não sei se estás apaixonado pela Katia, é evidente que ela está apaixonada por ti. Mas vejo que a tua expressão muda quando estás com ela. Tornaste atencioso, sorrís... trata-la com tanto mimo e tanta deferência... Sentem-se bem um com o outro... Já estou cansada de me sentir como se fosse uma intrusa. Deixo-lhe o caminho livre.

Miriam levantou-se e saiu da sala. Naquela noite dormiu no quarto de hóspedes, onde se fechou negando-se a responder quando Samuel bateu à porta. No dia seguinte, quando saiu, deu de caras com ele.

— Não foste ao laboratório?—perguntou tentando parecer indiferente.

— Achas que o podia fazer depois do que me disseste ontem à noite?

— Nunca é agradável ouvir a verdade.

Samuel sabia que Miriam tinha razão e ficava magoado com o seu próprio egoísmo e também por não ser capaz de amar mais. Irina era a única mulher pela qual tinha estado apaixonado, embora às vezes se perguntasse se só se tinha apaixonado por um sonho. Tinha gostado de Miriam pela sua força, pela sua retidão, pelo seu otimismo e pela sua capacidade de tornar o quotidiano fácil, mas apaixonar-se... não, não se tinha apaixonado por ela. Sabia que Miriam tinha razão: não encaixava em Paris; quanto a Katia, tinha-se metido no seu coração sem se dar conta. Aquela menina loura e magricela que tanto tinha importunado Konstantin e ele, quando eram crianças, tinha-se tornado uma mulher à qual era difícil ficar indiferente, embora já fosse madura. Tinha de reconhecer que os seus modos delicados e a sua beleza eslava o transportavam aos seus anos de juventude, quando admirava todas aquelas damas que iam aos bailes dos Goldanski. E, embora tivesse a certeza de não estar apaixonado por Katia, não conseguia resistir à atração que sentia por ela.

— Quero uma segunda oportunidade. Não sei se vai servir de muito, mas gostava que tentássemos de novo—propôs-lhe Samuel.

Miriam estava prestes a desatar a chorar, mas disse para si que se o fizesse nunca se perdoaria.

— Pensei que podíamos ir a Espanha. Vou levar-te a Toledo, assim podes conhecer a cidade da qual os teus antepassados fugiram há mais de quatrocentos anos. A Dalida e o Ezequiel vão gostar, já têm idade para compreender—acrescentou Samuel.

— Para Toledo? Vamos a Toledo?—A voz de Miriam estava carregada de emoção.

Perante aquele convite não podia resistir. Quando era pequena o pai tinha-lhe contado que os seus antepassados tinham sido expulsos da sua casa de Toledo. O seu pai e os seus avós descreviam a cidade com tal minúcia que parecia que a conhecia como a palma das suas mãos. Ainda possuíam a chave daquele que foi o lar dos seus antepassados e que tinha sido passada de pais para filhos, tal como os velhos títulos de propriedade. Agora a chave estava nas mãos de Judite porque era a irmã mais velha.

Em Toledo estavam as suas raízes, parte da sua essência. Nunca se tinha permitido sonhar conhecer aquela antiga capital de Espanha. Aqueles reis, Isabel e Fernando, tinham-nos obrigado a exilarem-se. Na cidade grega de Salónica, que então fazia parte do Império Otomano, encontraram um novo lar, mas nunca esqueceram que a sua pátria era Sefarad e a sua casa, o seu verdadeiro lar, estava numa ruela de Toledo próxima da sinagoga, não muito longe de onde Samuel Levi, o tesoureiro do rei Pedro I de Castela, teve a sua própria residência.

Quando os seus avós paternos começavam a falar de Toledo, a sua mãe, a sua irmã Judite e ela ouviam extasiadas. A sua mãe, uma camponesa judia de Hebron, sentia-se orgulhosa por ter casado com aquele homem cujos antepassados vinham da antiga capital da Sefarad.

A alegria de Miriam fazia com que Samuel se sentisse um pouco melhor. Tinha improvisado a viagem a Toledo, foi a primeira coisa que lhe passou pela cabeça para tentar que Miriam ficasse. Mais tarde pensaria que talvez não tivesse sido uma boa ideia porque a viagem só iria servir para prolongar uma relação que já estava ferida.

Chegaram a San Sebastián em meados de março. Estava frio. A primavera ainda não tinha aparecido na cidade. As crianças estavam entusiasmadas com o lugar, mas só ficaram ali dois dias. Samuel queria chegar a Madrid, onde tinha intenção de se reunir com um comerciante catalão interessado em importar alguns dos medicamentos do seu laboratório.

Manuel Castells estava à espera deles na madrilenha Estação do Norte. Samuel agradeceu-lhe a amabilidade de os ter ido buscar.

— O hotel Ritz não fica muito longe daqui. O senhor não podia ter escolhido um lugar melhor para a vossa estadia. Hoje fiquem a descansar, temos tempo para os negócios.

O espanhol já era idoso e vestia-se de forma elegante, embora com discrição. Miriam ficou surpreendida com a fluência com que aquele homem falava francês.

— Não temos outro remédio se queremos fazer negócios—respondeu, lisonjeado—,mas vou confessar-lhe um segredo, sou catalão, a minha família é da Cerdanha, de uma aldeia próxima da fronteira com a França, e quando era criança tive uma ama de Perpinhão.

Miriam ficava surpreendida por perceber tantas palavras em espanhol. Era-lhe familiar porque, afinal de contas, o seu pai era sefardita e tinha aprendido aquele castelhano velho dos lábios da sua mãe. O pai de Miriam gostava de falar às filhas na língua da Sefarad e agora Miriam sentia-se orgulhosa por compreender quase tudo o que diziam à sua volta.

— Não gosto tanto como de Paris—interrompeu-os Dalida, sempre atenta a tudo o que a rodeava enquanto o carro os levava pela Gran Vía.

— Como é que podes dizer isso? Ainda não vimos nada—respondeu a mãe.

— Tu gostas porque és espanhola—disse Dalida.

Miriam suspirou sem responder à menina. A sua filha tinha razão, não se sentia estrangeira em Espanha.

Quando Manuel Castells soube das intenções de Samuel de levar a família a Toledo emprestou-lhes o seu carro. Aceitaram de bom grado, por isso quatro dias depois de chegarem a Madrid partiram para aquele que era o saudoso destino de Miriam: Toledo, a Cidade Imperial. Instalaram-se num hotel, não muito longe da catedral, que o próprio Castells lhes tinha aconselhado.

— É maior do que Notre-Dame—disse Dalida ao ver aquela majestosa catedral que parecia dominar a cidade.

Samuel tinha estudado minuciosamente os mapas da cidade e perguntou ao seu novo sócio como deviam chegar à rua onde antigamente tinha existido a casa dos antepassados de Miriam. Queria fazer-lhe uma surpresa e levá-la ali sem lhe dizer nada.

— Vamos dar uma volta por Toledo—propôs a Miriam e aos filhos.

Fê-los caminhar durante algum tempo procurando a judiaria, era assim que chamavam ao bairro onde há séculos tinham vivido os hebreus toledanos. Enquanto passeavam iam-se impregnando do espírito da cidade. Os meninos caminhavam muito juntos, surpreendidos com aquelas ruas estreitas empedradas que formavam um labirinto. Miriam olhava para tudo com emoção sem deixar de tagarelar.

— Lembra-me a Cidade Velha—garantiu Dalida.

— Com que então lembras-te de Jerusalém... não é uma má comparação—respondeu Samuel, divertido com os comentários da filha.

— Se o meu pai estivesse vivo! Ele sempre sonhou com Toledo. Conhecia-a tão bem...—interrompeu-os Miriam.

— Os avós estiveram em Toledo?—quis saber Dalida.

— Não, minha filha, mas eles sabiam tudo sobre esta cidade, porque os seus pais lhes tinham contado e os deles aos seus, e assim, recuando, chegamos ao século XV quando os nossos antepassados foram expulsos de Espanha.

— E porque é que os expulsaram? Tinham-se portado mal?—perguntou Ezequiel.

— Portar-se mal? Não, meu filho, não tinham feito nada de mal, expulsaram-nos porque eram judeus.

— Nós somos judeus, isso é mau?—perguntou o menino preocupado.

— Não, claro que não é mau, mas em alguns lugares não gostam dos judeus—interveio Samuel.

— Porquê?—insistiu Ezequiel.

Miriam tentou dar uma explicação que o seu filho pudesse perceber, mas Ezequiel não conseguia compreender o que a sua mãe dizia, por isso no fim surpreendeu-os, afirmando:

— Bem, o que temos de fazer é deixar de ser judeus e assim toda a gente vai gostar de nós e não nos vão expulsar dos sítios.

Samuel abraçou Ezequiel. Naquele momento via-se a ele próprio há muitos anos a discutir com o seu pai por causa do desejo de não ser judeu, de apagar o que parecia um estigma que os tornava diferentes.

Já estavam há algum tempo a caminhar e as crianças pareciam cansadas quando Samuel decidiu acelerar o passo.

Por fim, chegaram à Praça do Conde, a dois passos de onde antigamente ficava a casa dos antepassados de Miriam. Samuel pegou na mão da sua esposa enquanto se dirigiam a um velho portão de madeira guarnecido de pregos pretos como a noite. Sentia o tremor de Miriam e ficou comovido ao ver como as lágrimas marejavam o seu olhar.

— Mãe, porque é que estás a chorar? Achas que nos vão expulsar por sermos judeus?—perguntou Ezequiel, que estava preocupado depois de descobrir as consequências de ser judeu.

Miriam ficou em frente da porta muito quieta e depois pôs a sua mão sobre a velha madeira e acariciou-a. Samuel obrigou os seus filhos a darem um passo atrás para conceder à sua mãe uns minutos de recolhimento.

Dalida e Ezequiel ficaram muito quietos, conscientes de repente de que aquele momento era especial para a mãe. Depois ela virou-se e abraçou-os.

— Batemos à porta?—perguntou-lhe Samuel.

— Não, não!—respondeu temerosa perante a ousadia do seu marido.

Mas ele não lhe ligou e bateu duas vezes com a aldraba. Passaram apenas uns breves segundos até o portão se abrir. Um homem de idade avançada olhava para eles à espera de saber quem eram aqueles desconhecidos. Samuel não pensou duas vezes e explicou-lhe que aquela casa tinha sido dos antepassados da sua esposa, que conservava os títulos de propriedade e a chave daquele portão, que eles não procuravam nada exceto ver o lugar que, num doloroso dia, os antigos proprietários tiveram de

abandonar, deixando tudo o que tinham para se refugiarem no exílio.

Tinha falado depressa, quase sem respirar, e de repente deu-se conta de que, sem saber porquê, o tinha feito em francês. Aquele homem não tinha percebido nada, mas pensou que também não o teria entendido se tivesse falado em inglês. Contudo, para sua surpresa, o ancião respondeu numa mistura de espanhol e francês.

O homem mandou-os entrar e pediu-lhes que se sentassem numa velha e fria sala onde estava acesa uma enorme lareira de pedra. Apresentou-se: "Sou José Gómez." Os seus olhos cansados brilhavam curiosos.

Samuel também se apresentou e de seguida fez o mesmo com Miriam e os seus filhos. Dalida, muito formal, estendeu a mão ao ancião, mas Ezequiel refugiou-se atrás da mãe, envergonhado perante aquele desconhecido.

— Vou chamar a minha esposa.

— Como te atreveste?!— censurou Miriam a Samuel quando ficaram sozinhos.

— Não querias ver a casa dos teus antepassados? Bem, pois já estamos aqui. É um homem muito atencioso e não me parece que tenha achado muito estranho que quiséssemos ver a casa.

Calaram-se ao ver aparecer na sala com passo ágil uma mulher tão idosa como o homem que os tinha convidado a entrar. A mulher sorriu-lhes e Miriam sossegou.

— A minha esposa María—disse o homem em jeito de apresentação.

— Então os senhores são familiares dos Espinosas. Eles foram os proprietários desta casa até partirem. Os meus antepassados também eram judeus, mas converteram-se e, embora tenham passado por grandes sofrimentos, conseguiram ficar. Claro que alguns acabaram na fogueira por não convencerem os inquisidores de que tinham renegado definitivamente a sua fé— explicou-lhes María.

Miriam estava surpreendida com o facto de aquela mulher falar do que tinha acontecido há cinco séculos como se fosse um acontecimento do dia anterior.

— Qual de vocês é descendente da família Espinosa?— perguntou María.

Samuel fez um gesto indicando que era Miriam.

— Com que então tu és a Espinosa... O meu nome, María, é a versão espanhola de Miriam. Queres saber como é que nós ficámos com esta casa? Vou contar-te o que o meu avô me explicou e a ele o seu. Embora os judeus expulsos sempre tenham pensado regressar, isso não entrava nos planos dos reis daquela altura. Os bens dos judeus foram parar às mãos dos nobres da época. Com o tempo, alguns dos convertidos conseguiram ficar com os bens que foram dos seus amigos e vizinhos. A minha família era composta por tradutores muito bem considerados na corte de Toledo. Homens de estudo de cuja sabedoria se aproveitavam os reis castelhanos. Sei que a minha família ficou com este casarão por volta do século XVII e que desde essa altura passou a ser a casa da família. Como vês, este lugar está cheio de lembranças, as lembranças dos Espinosas e as nossas próprias recordações.

A anciã ficou em silêncio durante uns segundos a observar o rosto tenso de Miriam.

— Vá, vem comigo, ainda temos alguns retratos da tua família na cave; devem estar cheios de pó, mas pelo menos ficas a saber como eram os avós dos teus avós.— A anciã fez um gesto para que a seguissem.

José Gómez protestou.

— Mas, mulher, há anos que não vamos à cave e as escadas não estão em bom estado. De certeza que os ratos já comeram as fotografias de que falas.

Mas a mulher não lhe ligou e insistiu para que a acompanhassem. Seguiram-na pelos corredores sombrios da casa até chegarem a uma porta de madeira onde a mão de um artesão tinha talhado flores e um versículo da Bíblia. Ezequiel queixou-se de que tinha frio, mas Dalida deu-lhe um beliscão para que se calasse. María abriu a porta, que começou a chiar quando a empurrou.

As escadas da cave rangiam e Samuel temeu que se partissem. Notava-se que há muito que ninguém entrava naquele lugar da casa. Nas paredes havia humidade e as ripas do chão, além de gastas, pareciam carcomidas.

Miriam ficou surpreendida ao ver que aquela mulher se movia de um lado para o outro com tanta agilidade, vasculhando entre cadeiras desconjuntadas, mesas sem pernas e todo o tipo de utensílios em desuso. Por fim, pareceu lembrar-se do sítio onde se encontravam os quadros de que tinha falado.

— Acho que estão aí, nesse arcaz; a minha mãe deve-os ter guardado, ela não gostava desses quadros, dizia que parecia que nos censuravam por termos ocupado a sua casa.

Com a ajuda de Samuel abriu o arcaz e foram retirando cerca de meia dúzia de telas cuidadosamente dobradas.

Samuel e Miriam carregaram as telas e regressaram à sala.

— Ponham-nas em cima da mesa, é grande e assim podem vê-las melhor—indicou a anciã.

As telas não mediam mais de meio metro cada uma e, ao esticá-las, depararam-se com seis rostos que pareciam olhá-los fixamente.

— Eu não sei quem são, mas eram Espinosa; se quiseres podes levá-las—disse a mulher.

Miriam sorriu agradecida. Parecia-lhe estar a viver uma cena irreal graças à amabilidade daqueles dois anciãos que os tinham recebido na sua casa sem qualquer ressentimento e que até lhes ofereciam aquelas pinturas que devolviam a Miriam um passado desconhecido. Também foi agradável verificar que os espanhóis compreendiam o castelhano antigo, aquele que se falava nos tempos em que os seus antepassados foram expulsos da Sefarad. Miriam tinha-se esforçado para que tanto Dalida como Ezequiel também o aprendessem e, embora os meninos o compreendessem, resistiam a falá-lo.

O casal insistiu em que almoçassem com eles.

— Somos muito velhos e a nossa vida não tem surpresas, por isso a vossa presença é uma aventura para nós—garantiu o homem.

María tinha-os deixado na sala enquanto ia à cozinha preparar alguma coisa para aqueles convidados inesperados.

José Gómez gabou-se de ser castelhano velho e fez troça da sua mulher pelas suas origens judaicas. Contou-lhes que era médico e que nos seus anos de juventude tinha visitado Paris, onde vivia um parente seu que trabalhava no corpo diplomático espanhol.

Miriam parecia embasbacada a ouvir María contar histórias sobre a Sefarad dos judeus, enquanto Samuel ouvia José explicar a causa final da expulsão.

Dalida e Ezequiel mal conseguiam controlar a sua impaciência. Estavam aborrecidos. Aquela língua estranha na qual a sua mãe às vezes lhes falava era-lhes indiferente, e o francês do senhor Gómez era demasiado rudimentar, de vez em quando parava a conversa à procura da palavra adequada com que continuar a falar.

Nos dias seguintes, dedicaram-se a conhecer Toledo acompanhados pelos Gómez, que tinham atribuído a si próprios o papel de anfitriões. Até insistiram em que deixassem o hotel e se instalassem no casarão. Miriam teria aceitado agradada, mas Samuel opôs-se.

— Por muito que o digam, esta não é a tua casa; além disso, não estaríamos à vontade.

— Quando penso que os meus antepassados viveram aqui, que eu sou proveniente desta terra seca, desta cidade cheia de mistérios...

— Mistérios? Onde é que estão os mistérios? Vá, Miriam, não vagueies mais na tua imaginação. O que lá vai, lá vai. Parece-me bem que desfrutes desta viagem, mas tu és palestiniana, pouco tens que ver com os espanhóis.

— Sou espanhola e palestiniana!—respondeu-lhe ela irritada.

— Pois, e também turca e grega, tendo em conta que os teus antepassados se refugiaram em Salónica e a cidade era turca e agora grega.—Samuel fazia troça dela.

— Tu sentes-te russo, Samuel, porque é que eu não me posso emocionar ao pisar esta terra?

— Nunca permiti que nem a terra nem a religião marcassem a minha identidade. Sou apenas um homem que quer viver em paz. Não importa onde.

Por mais que o dissimulasse, Toledo também estava a deixar a sua marca em Samuel.

Uma semana depois disse a Miriam que tinham de regressar a Madrid, onde devia fechar um acordo comercial com Manuel Castells. Miriam pediu-lhe que a deixasse ficar em Toledo com os filhos.

— Não precisas de nós lá, seríamos um estorvo. Ficamos aqui à tua espera.

— Ainda não te fartaste de Toledo?

— E tu, Samuel, deixaste de ter saudades de São Petersburgo?—perguntou Miriam olhando fixamente para o seu marido.

Ele não respondeu e aceitou que Miriam e os seus filhos ficassem em Toledo. Só quando Samuel partiu para Madrid, é que Miriam se deu conta de que preferia viver aquela experiência sem ele.

Dalida e Ezequiel teriam preferido regressar a Madrid com o pai. Estavam fartos daquelas intermináveis conversas da mãe com o casal de anciãos e cansados de percorrer todos os dias aquela cidade que se envolvia sobre si própria erguendo-se orgulhosa sobre o rio que corria aos seus pés.

Miriam tinha uma sede inesgotável de saber, de conhecer, de compreender, e tanto José Gómez como a sua esposa respondiam com paciência a todas as suas perguntas. A velha María convenceu-a a ir com ela à missa na catedral.

— Mas eu sou judia!—protestou Miriam.

— E isso impede-te de assistir a uma bela cerimónia onde se honra Deus Todo-Poderoso? O que interessa onde rezamos e como o fazemos se glorificamos um único Deus?—respondeu María.

— Nunca sentiste necessidade de voltar à fé dos teus antepassados, ao judaísmo?—perguntou Miriam com curiosidade.

— Já te expliquei, a minha família converteu-se por interesse, para não ter de abandonar Toledo, mas imagino que com o tempo tenham aprendido a ser bons católicos. O que lá vai, lá vai; eu nasci na fé católica e assim morrerei. Ir à missa não te compromete. Vais gostar da cerimónia, hoje há missa cantada—insistiu.

José Gómez ofereceu-se para ir passear com Dalida e Ezequiel. Miriam agradeceu-lhe, pois sabia que os seus filhos não estariam quietos durante o culto e preferia não ter de os repreender.

A catedral de Toledo sobressaltou-a. Se por fora já a impressionava, o interior deixou-a atónita e aquelas cerimónias intermináveis cheias de simbolismo fascinavam-na, por isso não se opôs a continuar a acompanhar María.

Contudo, não havia passeio que não acabasse na antiga sinagoga, a sinagoga a que agora chamavam Santa María la Blanca. Ali sentia-se como em casa. Fechava os olhos e imaginava a sua família séculos antes. Oxalá a pudessem ver ali, saber que uma Espinosa tinha regressado àquele canto da Sefarad, à velha cidade que foi a deles.

Em algumas noites chorava. Pensava na sua irmã Judite, no quanto teriam desfrutado juntas a caminhar por Toledo. Mas nunca poderiam fazê-lo. Judite não tinha recuperado nem a saúde nem a alegria desde aquele fatídico Nabi Musa.

Incomodava-a que tivessem cristianizado a judiaria, mas María lembrava-lhe que na história da humanidade os vencedores impõem sempre as suas leis e a sua religião aos vencidos. "Também no passado—dizia-lhe—os homens adoravam os ídolos pagãos e estes foram substituídos por Deus."

Quando dias mais tarde Samuel regressou, Miriam sentiu-se desolada. Sabia que não podia ficar em

Toledo, mas só o facto de pensar em abandonar a cidade provocava-lhe um estranho mal-estar. Sabia que nunca mais voltaria.

Chorou ao despedir-se dos Gómez e pediu-lhes encarecidamente que cuidassem daquela casa que sentia como sua.

— Quando morrermos a propriedade passará para o meu filho, que é médico em Barcelona. E vai vendê-la. Tem a sua vida em Barcelona, foi ali que casou e os seus filhos nasceram lá. Só de vez em quando é que nos vem ver a Toledo—disselhe María.

— Mas qualquer um pode comprá-la!—exclamou Miriam em jeito de protesto.

— Quando estivermos mortos, já não importa. E tu não te deves preocupar. Tens uma família e uma vida noutro lado, não se pode mudar o passado—afirmou José.

Durante a viagem de regresso a Paris, Miriam parecia alheada de tudo o que a rodeava. Samuel não conseguia fazer com que se interessasse por qualquer conversa por mais que tentasse que estivesse consciente da situação complicada na Alemanha. Ela, que sempre se mostrava atenta a tudo o que ele lhe contava e que o costumava aconselhar, agora limitava-se a olhá-lo enquanto ele falava, mas Samuel sabia que a alma de Miriam estava longe dali.

Em Paris, pouco a pouco, voltaram à normalidade, ou pelo menos era isso que Samuel julgava. Ele continuava dedicado ao laboratório e tinha voltado a viajar para Londres para se reunir com Konstantin. Ela cuidava dos seus filhos e tinha muito tempo para pensar; parecia ter voltado a acomodar-se àquela vida aprazível e burguesa de que Samuel tanto parecia gostar. Mas a normalidade incluía Katia. Por mais que Samuel tivesse decidido colocar uma distância entre os dois, era-lhe impossível. Quando estava com Katia recuperava a sua infância e recuperava-se a si próprio.

Ainda assim, lutava por manter o difícil equilíbrio entre a lealdade que devia a Miriam e a atração irresistível que sentia por Katia. Por isso, levou Miriam e os seus filhos numa das suas viagens a Londres. Konstantin insistiu tanto em convidá-los que por fim tinha decidido aceitar.

Konstantin e a sua esposa Vera faziam o possível para que Miriam se sentisse bem. Até Gustav parecia contente por ver Dalida e Ezequiel.

Vera era a anfitriã perfeita, já que queria que Miriam desfrutasse da sua estadia londrina. Foi com ela fazer compras, visitaram alguns museus com as crianças, foram a um lanche em casa de uns amigos e trocaram pequenas confidências sem importância. Mas a presença de Katia pairava como uma nuvem escura sobre Miriam.

Katia, tão bela, tão perfeita... Foram à ópera e Miriam reparou como Samuel parecia ficar incomodado com os olhares de admiração que alguns cavalheiros dirigiam a Katia. Tem ciúmes, pensou, e deu-se conta de que Samuel nunca tinha sentido ciúmes dela. Claro que, por mais que se arranjasse, nunca conseguiria ter a distinção natural de Katia.

Na tarde antes de regressar a Paris, Miriam ouviu sem querer uma conversa entre Katia e Vera. Samuel e Konstantin tinham saído para uma reunião com uns clientes, e as crianças estavam no quarto de brincar de Gustav. Miriam foi à biblioteca para deixar um livro que tinha levado emprestado. Ia entrar, mas parou de repente ao ouvir Katia referir-se a ela.

— Tenho pena do Samuel, tem muito azar com a mulher dele!

— O quê?—censurou-a Vera.—A Miriam é uma boa mulher.

— Não digo que não seja, mas é tão... não sei... eu acho que ela tem pouca graça. Deveria ter aprendido alguma coisa do chic das francesas. Não parece preocupar-se com a roupa, e o cabelo curto não lhe fica... Bem, talvez as palestinianas sejam assim.

— Pois a mim parece-me uma mulher atraente; pelo menos é diferente, tem personalidade—respondeu Vera.

— É isso que o meu irmão diz! Vá, Vera, não repitas as opiniões do Konstantin.

— Ele gosta muito dela—garantiu Vera referindo-se a Konstantin.

— O meu irmão gosta de toda a gente, é um bonacheirão; tanto que é capaz de ver algum interesse numa mulher tão desenxabida como a Miriam. Não vês como se sente incomodada com os sapatos de salto alto? E quando põe uma touca no cabelo... coitadinha! Nenhuma lhe fica bem.

— Tu surpreendes-me, Katia; não és coscuvilheira, mas vejo que não gostas da Miriam, porquê?

— Bom, isso não interessa! Só lamento que o Samuel se tenha ligado a uma mulher como ela. Ele merece muito mais.

Vera olhou para a sua cunhada. Sabia que estava apaixonada por Samuel desde criança e já era hora de parar de persegui-lo, mas não se atreveu a dizer-lho. Preferia não ter com Katia nenhum conflito que pudesse prejudicar a relação das duas e entristecer Konstantin.

— Eu não estou de acordo contigo, Katia. A Miriam é uma mulher com muitas qualidades e o Samuel tem muita sorte por ter casado com ela. E agora, o que achas se pedirmos que nos sirvam o chá?

Naquela noite durante o jantar, Katia aplicou toda a sua capacidade de sedução. Samuel olhava para ela embasbacado. Miriam ficava magoada com os olhares e os risos que Katia trocava com Samuel. Pensou que Toledo tinha sido uma pausa, um presente de despedida. Katia tinha razão: ela estava deslocada. O seu lugar era na Palestina. Não disse nada a Samuel até regressarem a Paris. No dia em que chegaram nem sequer se preocupou em desfazer as malas.

— Vou-me embora, Samuel, vou voltar para a Palestina. Sabes melhor do que eu que o meu lugar não é aqui.

Samuel protestou com sinceridade pedindo-lhe que não partisse, apresentando argumentos sobre as vantagens da vida em Paris para Dalida e Ezequiel, suplicando-lhe que dessem outra oportunidade a si próprios.

— É o que vou fazer, dar uma oportunidade a nós próprios. Merecemos os dois ter uma vida, Samuel, uma vida onde possamos amar, rir e partilhar uma vida plena. Respeita-me, Samuel, não insistas em reduzir-me a uma mera presença que cuida dos teus filhos. Tenho direito a viver. Quero viver. É por isso que volto para casa, para os meus.

Samuel não soube convencê-la e teve de ceder, sentindo ao mesmo tempo pesar e alívio. Disse para si próprio que a separação seria temporária, que ele iria dentro de pouco tempo para Jerusalém ou ela regressaria a Paris, mas sabia que estava enganado. Na única coisa em que se mostrou inflexível foi na sua decisão de a acompanhar até Marselha para garantir que ela e as crianças viajavam confortavelmente.

Dalida e Ezequiel disseram-lhe adeus com a mão, apoiados no corrimão da ponte de passageiros. Os seus filhos tinham chorado ao despedir-se e ele próprio tinha feito um esforço para reprimir as lágrimas. Procurou Miriam com o olhar, mas ela preferiu não lhe dizer adeus e manteve-se afastada do corrimão. Foi naquele momento que Samuel se deu conta de que Miriam estava a sair da sua vida e que nunca mais queria regressar.»

Ezequiel suspirou. Parecia estar a ver-se a ele próprio sobre a coberta daquele barco que o devolveu à Palestina. Marian observava-o em silêncio, dando-lhe tempo para regressar daquele momento do passado. Depois ele olhou para ela fixamente sorrindo.

— Bem, já lhe contei outro capítulo da história.

— Sabe uma coisa? Surpreende-me que fale de si próprio como se não fosse o senhor. Refere-se ao Ezequiel como se fosse outro...

— Na verdade, aquele Ezequiel era outro. O que pode restar em mim daquele menino? Além disso, gosto de ter alguma distância em relação aos factos, de os ver como se fosse outra pessoa.

— Isso não é possível—protestou Marian.

— Sim, é possível. Quando penso naquele dia em que a Dalida e eu regressámos com a minha mãe à Palestina, vejo duas crianças assustadas na coberta de um barco a chorarem depois de deixarem em terra o seu pai. Fico comovido com a cena, mas já não me sinto parte dela. Bem—acrescentou com ar de cansaço—, agora é a sua vez de continuar.

Marian não conseguiu evitar sorrir e, quando se deu conta, zangou-se consigo própria. Queria manter uma distância profissional com aquele homem, sem se deixar afetar pelo que lhe tinha contado.

— Vamos continuar noutro momento. Amanhã tenho duas entrevistas na Cisjordânia. Vou visitar dois assentamentos, também quero ir a Ramallah.

— Então amanhã tenho um dia de folga—brincou Ezequiel.

— Os encontros foram combinados com alguma antecedência—desculpou-se Marian.

— Não se preocupe, não lhe estou a pedir explicações! Sou apenas um velho que se diverte a contar-lhe façanhas que não devem ter interesse nem para si nem para o trabalho que veio fazer.

Ela mordeu o seu lábio inferior sem responder, até que encontrou as palavras adequadas.

— Para mim é importante tudo o que me está a contar, de outra forma não poderia fazer o meu trabalho.

— Imagino que na família Ziad tenha encontrado outro charlatão como eu.

— Porque é que diz isso?—Marian ficou incomodada com a afirmação de Ezequiel.

— É óbvio que o que a senhora me conta é mais do que mera informação.

— Bem, ajudou-me a compreender o que significou para os palestinianos terem perdido a sua casa, a sua terra, o seu futuro. E sim, tive a sorte de contar com a generosidade deles e de me terem aberto o seu coração, relatando-me o muito que sofreram.

Despediram-se. Marian garantiu-lhe que lhe ligaria dentro de dois dias para se encontrarem de novo «caso a sua neta o permita».

— A Hanna sente-se responsável por mim.

— É um sortudo por ter netos.

— A senhora ainda é nova para os ter, tudo a seu tempo.

Quando chegou ao hotel, Marian deitou-se sobre a cama e fechou os olhos. Sentia-se esgotada pelas inúmeras emoções que aquelas conversas com o ancião lhe provocavam. Não queria sentir empatia para com ele, embora a cada dia que passava fosse mais difícil manter a distância emocional necessária para concluir o que tinha de fazer.

Acordou com o som do telemóvel. A voz de Michel, o diretor da ONG, sobressaltou-a.

— Imagino que queiras que te despeça—disselhe em tom de cumprimento.

— Michel, ainda não acabei o trabalho.

— Ah, não? Por acaso pretendes resolver o problema do Médio Oriente sozinha? Vá, Marian! Trata-se de fazeres um relatório sobre os deslocados, de entrevistares algumas famílias, de te encontrares com algum ministro e já está.

— Não é assim tão fácil.

— Como não? Já o fizeste outras vezes, recordo-te a Birmânia, o Sri Lanka, os Grandes Lagos...

— Isto é diferente.

— Não, não é, e receio bem que te estejas a envolver pessoalmente e isso é mau, não nos pagam para isso. Foi a primeira coisa que te disse quando começaste a trabalhar connosco, mas os norte-americanos são muito sentimentais. Bem, chega de conversa, quero-te aqui amanhã mesmo; se o material que tens não for suficiente, mandarei alguém para acabar o trabalho.

— O quê? Eu acabo-o, não vou permitir que alguém se intrometa.

— O chefe sou eu, por isso lamento muito, mas vou dar-te uma ordem: amanhã quero-te em Bruxelas, se não estiveres à tarde no meu escritório, despeço-te e mandamos um e-mail às autoridades israelitas a avisá-los de que já não nos representas.

Marian soube que tinha perdido aquela batalha e que não tinha outra opção senão regressar a Bruxelas. Ligou para a receção para pedir que lhe reservassem o próximo voo de regresso à Bélgica. Teve sorte, às sete da manhã havia um e só restavam dois lugares.

O seu chefe não se mostrou amistoso quando a viu entrar no escritório.

— Já não és nenhuma criança para fazeres disparates—disselhe indicando-lhe que se sentasse.

— Sabes que eu gosto de fazer bem as coisas, e a questão da Palestina não é fácil.

— Marian, sei que estás a passar por um mau momento pessoal, sei que não me vais dizer porquê, mas todos reparámos. Por aqui diz-se que te estás a separar do teu marido e que utilizas as viagens como um escape. Talvez devesse tirar umas férias ou, simplesmente, enfrentar os teus problemas. Olha, eu divorciei-me duas vezes e sei que não é fácil. Não faças com que me arrependa de te ter mandado para a Palestina; acho que a situação ali te descontrolou, talvez devesse ter descansado um pouco depois da Birmânia. Já te disse que este é um trabalho que requer o sangue-frio dos médicos, todos os dias eles enfrentam a morte, nós a tragédia, mas nem eles nem nós nos podemos envolver pessoalmente, porque, caso contrário, não poderíamos fazer bem o nosso trabalho.

Ouviu-o como se fosse uma aluna obediente. Não estava disposta a dar-lhe nenhum pormenor da sua vida pessoal e muito menos a dizer-lhe que se tinha divorciado há meses. Afinal de contas, ele só tinha visto Frank duas vezes. Quando conseguiu aquele trabalho, graças aos contactos do seu marido, o seu casamento já tinha ido por água abaixo e tinha-lhes parecido uma boa solução separarem-se temporariamente. Frank continuou em Nova Iorque enquanto ela se instalou em Bruxelas. Por fim, tinham optado pelo divórcio, embora continuassem a ter uma boa relação. Na verdade, sei que o Frank vai estar sempre lá, pensou.

Entregou a Michel uma caixa de tâmaras que tinha comprado no aeroporto e preparou-se para usar o seu poder de persuasão para que a deixasse regressar. Uma hora mais tarde tinha-o conseguido, mas com uma condição: o seu chefe exigia-lhe que deixasse escrito um rascunho do relatório que estava a preparar. Não teve outro remédio senão aceitar.

Os dias tornaram-se eternos até regressar à Palestina. Tinha telefonado a Ezequiel para combinar o encontro seguinte. Notou-o cansado e preocupou-se ao reparar pelo auricular que respirava com dificuldade.

Quando finalmente aterrou em Telavive, sentiu-se aliviada. Tinha regressado. Alugou um carro para ir a Jerusalém, e voltou ao American Colony. Naquele hotel sentia-se como em casa. No dia seguinte retomaria as suas conversas com Ezequiel, o que não podia imaginar é que quando chegasse à casa de

pedra dourada ninguém lhe abrisse a porta. Ficou preocupada. Será que ele já não queria vê-la? Um vizinho disselhe que não insistisse, que o velho Ezequiel tinha sofrido um ataque naquela noite e que estava internado no hospital. Não, não sabia o que lhe tinha acontecido.

Conduziu sem se dar conta de que estava a ultrapassar a velocidade permitida. Quando chegou ao hospital, uma enfermeira indicou-lhe o quarto onde ele estava internado. Impaciente, não esperou pelo elevador e subiu os degraus dois a dois correndo pelo corredor até chegar à porta do quarto. Ia entrar, mas a voz de Hanna sobressaltou-a.

— Marian! O que está aqui a fazer?

— Tinha combinado hoje com o seu avô, fui à sua casa e disseram-me que ele estava internado. É grave?

— Na idade dele tudo é grave. Teve uma subida de tensão e uma inflamação dos brônquios por causa da alergia, já lhe disse que sofre do coração: sobreviveu a dois enfartes. Entre, ele vai ficar contente de a ver, acho que teve saudades suas.

Marian e Ezequiel deram um aperto de mão e ela notou-o mais fraco, mas parecia contente por vê-la.

— Assim a Hanna poderá ir trabalhar sem se preocupar comigo. Embora o meu neto Jonas venha visitar-me mais tarde.

Quando ficaram sozinhos, ele pediu-lhe que aproximasse o cadeirão da cama.

— Assim consigo ouvi-la melhor, porque agora é a sua vez.

«Dina ajudava Aya a dobrar os lençóis que depois colocavam naquelas enormes caixas espalhadas pelo quarto, algumas já estavam a abarrotar de roupa e utensílios.

— Toda a minha vida está nestas caixas—disse Aya contendo as lágrimas.

— Não pares, ainda temos muita coisa para guardar—respondeu a mãe tentando não chorar.

A separação não era fácil para nenhuma das duas, mas sabiam que não podiam adiá-la por mais tempo. Yusuf tinha-se comportado como um marido complacente para com Aya, mas os seus dias de batalha e missões para Faysal tinham terminado há algum tempo, e agora era o momento de ter o seu próprio lar. O máximo que tinha consentido era que a casa fosse em Jerusalém em vez de ser na outra margem do Jordão, onde teria encontrado um futuro mais oneroso a servir Abdullah. Mas Yusuf sabia que a sua mãe e Aya não simpatizavam uma com a outra e que a sua vida se tornaria num mar de queixas e contratempos entre as duas mulheres, por isso tinha decidido aceitar o trabalho que Omar lhe oferecia, cuja família continuava a estar entre as mais notáveis de Jerusalém. Yusuf ajudava-o nas suas transações comerciais com Amã, onde contava com a estima de antigos irmãos de armas, que continuavam fiéis ao emir Abdullah, e Omar gostava de ter Yusuf ao seu serviço, um homem com tantos contactos que tinha uma boa relação até com o próprio xerife Husayn, tendo lutado junto ao seu filho Faysal, infelizmente falecido.

Omar sentia-se em dívida para com ele e também para com a família de Aya, e compensava-os o mais que podia. Afinal de contas, tinha sido ele a convencer Ahmed Ziad a juntar-se à sua causa, à luta contra os turcos, e Ahmed tinha pago com a sua vida.

Mas Mohamed não tinha querido trabalhar para ele, preferia continuar na pedreira de Jeremias.

Yusuf tinha comprado uma casa e uma boa parcela de terreno em Deir Yassin, uma aldeia calma situada a cinco quilómetros a oeste de Jerusalém.

Não tinha dado a Aya a hipótese de recusar. Simplesmente tinha-a levado a ver aquela que seria a sua nova casa, incentivando-a a preparar a mudança o mais depressa possível.

"O teu irmão foi muito generoso connosco. Mas chegou o momento de termos a nossa própria casa. Não vais estar longe da tua mãe", disselhe em jeito de consolo. E agora Dina e ela ocupavam-se a guardar em caixas aquilo que para Aya era toda a sua vida.

— Onde é que está o Rami?—perguntou Dina pelo neto.—Precisamos que carregue estas caixas, nós não podemos com elas.

— Está por ali, com o Wadi e com o Ben. Já regressou da escola há algum tempo.

Aya sentia-se orgulhosa de o filho andar na escola britânica St. George, em Sheikh Jarrah, onde se educavam os filhos das famílias importantes de Jerusalém. Tinha sido Omar a convencê-los a mandar Rami para St. George, era lá que estudavam dois dos seus netos. A princípio Yusuf tinha-se negado, mas Aya tinha-o persuadido a não deixar de aproveitar a oportunidade de dar ao seu filho a melhor educação possível.

"Nós não somos ricos como o Omar, não vivemos em nenhum desses casarões de Sheikh Jarrah. Não quereria que o nosso filho vivesse enganado", argumentava Yusuf, que desconfiava daqueles árabes poderosos que viviam nos bairros elegantes da cidade. Mas no fim cedeu, porque qual é o pai que não deseja o melhor para os seus filhos?

— Bem, já acabámos—disse Dina, enquanto metia os últimos lençóis numa caixa.

Aya suspirou e deixou o olhar vaguear através da janela.

— O Rami, o Wadi e o Ben são inseparáveis, vão ter saudades uns dos outros. O Wadi, mais do que um primo, é um irmão para os meus filhos, tal como o Ben. Claro que eu gosto da Marinna como se fosse minha irmã—disse Aya sem poder conter as lágrimas.

— Alá foi misericordioso comigo dando-me netos, e o teu filho Rami e a tua filha Noor deram-me tantas alegrias como os filhos do Mohamed, o Wadi e a Naima. Tens razão, são como irmãos e têm todos bom coração. Quanto ao Ben, o filho da Marinna, também o considero mais um neto.

Nesse ano de 1935, Rami tinha dezasseis anos e a sua irmã Noor onze, enquanto Wadi e Naima tinham quinze e doze. Ben acabava de fazer catorze e Dalida, a filha de Miriam e de Samuel, já era uma adolescente de treze. Ezequiel, o mais novo, tinha dez. Eram as crianças da Horta da Esperança, tinham crescido juntas, partilhado jogos, e juntas tinham cometido as primeiras travessuras, e agora, já na adolescência, continuavam a ser mais do que amigos. Tal como no passado Marinna e Mohamed se tinham apaixonado, agora era Wadi, o filho de Mohamed, que não conseguia deixar de seguir com o olhar Dalida, a filha de Miriam e Samuel. Os mais velhos não diziam nada, embora todos estivessem preocupados.

Dina pensava que era uma sorte que a amizade entre as famílias da Horta da Esperança se tivesse mantido inalterável, apesar dos confrontos cada vez mais frequentes entre árabes e judeus. A princípio ela não tinha dado importância ao aumento do número de judeus que chegavam à costa palestina, e até tinha recriminado o seu filho Mohamed pela sua preocupação, mas agora não podia negar que aquela terra que antigamente partilhavam cada vez mais parecia judia.

"A culpa é nossa por lhes vendermos as terras", costumava queixar-se Mohamed. Ela dava-lhe razão. Se não lhes vendessem mais terras acabar-se-ia a emigração para a Palestina.

Quando acabaram de fechar as últimas caixas as duas mulheres olharam-se com apreensão. Aya era uma mulher com dois filhos, mas para Dina seria sempre a sua filha mais nova.

Sentaram-se à porta de casa esperando que os homens chegassem para transportar aquelas caixas. No dia seguinte Aya e os seus filhos mudar-se-iam para Deir Yassin, mas naquela noite Kassia tinha organizado um grande jantar de despedida. Rute e ela tinham passado todo o dia a cozinhar e convidaram também Hassan e Layla, Jeremias e Anastásia. Também estaria presente o velho Netanel que, com a ajuda de Daniel, o filho de Miriam, continuava a trabalhar no laboratório improvisado. O único que não ia estar presente era Yossi. O médico mal saía da sua casa, pois estava dedicado a cuidar dos seus doentes e da sua esposa Judite. Mas iriam a sua filha Yasmin e Mikhail. Dina sorria ao pensar na maneira como Yasmin tinha limado as arestas de Mikhail. Aquele jovem permanentemente irado mudava de expressão

assim que ela aparecia. Pensou que desfrutariam da festa, comeriam e conversariam até tarde, tal como tinham feito noutras ocasiões. A única coisa que não agradava a Dina era a presença de Moshe e Eva. Não simpatizava com aqueles judeus que eram tão diferentes dos seus amigos da Horta da Esperança. Sabia que Marinna também não gostava deles, tinha-o confessado a Aya. Mas ali estavam aqueles colonos que Samuel tinha deixado instalarem-se num pedaço de terreno da Horta da Esperança. A antipatia era mútua, porque Moshe e Eva também não escondiam o seu incómodo quando calhava estarem com Dina, Aya, Salma ou Mohamed. Dina não gostava da superioridade com que Moshe tratava os árabes e, em mais de uma ocasião, Kassia tinha-o mandado calar quando defendia que a Palestina não chegava para árabes e judeus e que um dia teriam uma luta de vida ou morte.

Caía a tarde quando Marinna se aproximou da casa de Dina.

— Estão atrasados, a minha mãe está impaciente—disse enquanto pegava na mão de Aya.

— É que o Yusuf e o Mohamed acabaram de chegar, assim que estiverem prontos, iremos. O Rami está com vocês?—perguntou Aya.

— Há algum tempo que os rapazes nos estão a ajudar. Estão a acabar de pendurar grinaldas nas árvores.

Kassia e Rute tinham cozinhado em abundância. Pratos judeus e pratos árabes que tinham distribuído pela grande mesa de madeira que há anos Jacob e Ariel tinham feito com as suas próprias mãos. Miriam também tinha preparado uma mousse de chocolate que aprendeu a fazer em Paris.

Mikhail vigiava com atenção o borrego que estava há algum tempo a assar lentamente no forno de lenha.

As mulheres sentaram-se dentro da casa a desfrutar da brisa primaveril que entrava pelas janelas; os homens preferiram fazê-lo no jardim, onde podiam fumar à vontade sem que Kassia lhes desse um sermão por causa disso.

Jeremias tinha levado cigarros para todos, cigarros finos e aromáticos que tinha comprado a um comerciante egípcio.

— Quando estiver instalada, quero que me venham visitar—disse Aya às mulheres.

— Eu vou para te ajudar, não vais conseguir organizar a casa sozinha—respondeu Marinna.

— Podíamos ir todas—propôs Salma.

— E quem vai cuidar dos teus filhos?—perguntou Dina à sua nora Salma.

— O Wadi e a Naima podem vir comer connosco—ofereceu Kassia—,têm apenas de andar duzentos metros da tua casa à nossa.

— Vou pedir um cigarro ao Jeremias—disse Miriam, levantando-se para ir ao jardim.

— Depois tosses!—repreendeu-a Kassia.

— Já sei, mas gosto de fumar e não quero deixar de o fazer.

Ficaram uns segundos em silêncio. Todas gostavam de Miriam e sentiam como seu o sofrimento dela. Apesar do afeto e da lealdade que Dina tinha para com Samuel, não podia deixar de o censurar por se ter separado da sua esposa e dos seus filhos.

Quando Miriam regressou de Paris, contou-lhes que Samuel ficaria na Europa devido aos seus negócios, e essa foi a versão que continuava a manter, apesar de já terem passado dois anos sem Samuel ter viajado para a ver a ela e aos filhos. Dina não tinha a menor dúvida de que havia outra mulher na vida de Samuel. Numa tarde em que Miriam lhe estava a ensinar a fazer aquela mousse de chocolate de que os meninos da Horta da Esperança tanto gostavam, Dina atreveu-se a perguntar-lhe a verdade. Miriam ficou na dúvida uns instantes, mas depois foi sincera com ela, relatou-lhe o aparecimento de Katia nas suas vidas e de como o passado de Samuel lhe tinha arrebatado a ela o seu presente e o seu futuro. Depois Miriam tinha-lhe exigido discrição. Não queria a compaixão de ninguém nem sequer que os seus filhos

crecessem a saber que o pai os tinha abandonado. Preferia manter a farsa de que Samuel tinha responsabilidades importantes em Paris, que aquele laboratório que tinha comprado merecia toda a sua atenção. Animava Dalida e Ezequiel, garantindo-lhes que quando fossem mais velhos voltariam a Paris para estudar e estariam de novo com o pai, e era isso que Dalida e Ezequiel contavam a Wadi, a Rami, a Noor, a Naima... e eles por sua vez comentavam-no com os seus pais. Dina ouvia os seus netos sem os contradizer e perguntava-se em que momento Samuel se aperceberia daquilo de que estava a privar os seus filhos.

— Um dia vou pedir à Miriam um desses cigarros—disse Aya.

— O quê?! O teu marido não te vai deixar e o teu irmão também não—garantiu Dina.

— Nunca criticaram a Miriam por fumar—afirmou Aya.

— Bem, eu também fumo—recordou-lhes Anastásia—, embora menos do que a Miriam, e o meu marido não se incomoda. Os homens têm de se acostumar a que as coisas agradáveis não são exclusivas deles.

— O Jeremias seria incapaz de te negar alguma coisa—garantiu Rute.

— Não lhe perguntei se me deixava fumar, fi-lo e já está—defendeu-se Anastásia.

Enquanto as mulheres continuavam a falar, Miriam fumava na soleira da porta ouvindo a conversa dos homens. Dina levantou-se e foi-lhe levar um sumo de romã fazendo um gesto para que as outras não se mexessem.

— Não suporto ouvi-los dizer que um dia acabaremos uns contra os outros—sussurrou Dina a Miriam.

— Sim, é isso que dizem, estão a falar de Musa al-Alami. O Yusuf garante que Musa al-Alami se encontrou várias vezes com Ben-Gurion. Sabe-o pelo Omar e imagino que pela boa relação que mantém com a corte do emir Abdullah.

— Musa al-Alami é um homem justo e honrado, ninguém lhe pode fazer críticas do tempo em que era procurador-geral da Palestina—respondeu Dina.

Ficaram em silêncio a ouvir os homens. Yusuf aspirava o fumo do cigarro enquanto ia analisando com cuidado algumas das preciosas informações.

— Ben-Gurion não podia ter escolhido um melhor interlocutor do que Musa al-Alami, sempre soube manter a distância com a política, e é precisamente por isso que pode falar com todos. O mufti ouve-o, e também os dirigentes do Istiqlal, os Nashashibi, os Dajani e os Khalidi respeitam as suas opiniões.

— Mas infelizmente não tem poder de decisão—interrompeu-o Mikhail.—Talvez se dependesse dele conseguisse tentar chegar a um acordo com Ben-Gurion. Mas Musa al-Alami não representa todos os palestinos, por isso não me parece que cheguem muito longe nas suas conversas com os nossos representantes.

— Mas um acordo seria benéfico para todos—referiu Jeremias.

— Depende do acordo. Já ouviram o Yusuf falar, Ben-Gurion propôs a criação de uma Federação de Estados do Médio Oriente. Até pensaram na possibilidade de ser criado um Estado integrado por árabes e judeus. No passado o xerife Husayn já concordou em que os judeus tivessem um lar dentro de um grande Estado árabe, mas as coisas mudaram, acho que até demasiado—disse Mohamed.

— O que lá vai, lá vai—voltou a interromper Mikhail.

— Musa al-Alami está preocupado, tal como nós, com o facto de a emigração judaica não parar e de os judeus continuarem a comprar as nossas terras, e sobretudo incomoda-o a miséria em que vivem os nossos camponeses, que estão privados dos seus trabalhos como jornaleiros. Pelo que sei, também disse a Ben-Gurion que não podia haver nenhum acordo se os sionistas insistissem na sua ideia de continuar a comprar terras. Ben-Gurion não é um homem fácil e é difícil convencê-lo de alguma coisa que se afaste

das suas ideias—insistiu Yusuf enquanto observava a reação de Jeremias, Igor, Netanel, aqueles homens que eram seus amigos, mas eram judeus.

— E o mufti? Porque é que o mufti não aceita a proposta de Ben-Gurion?—quis saber Igor, enquanto olhava de soslaio para o seu filho Ben, que estava a subir a uma das árvores, e se perguntava porque é que Marinna não estava mais atenta às travessuras do menino.

— Pelo que sei, o mufti Husseini está interessado na proposta, mas desconfia dos sionistas; porque é que temos de aceitar oferecer a terra? É nossa—teimou Yusuf.

— Se uns e outros se mostrarem intransigentes, o acordo não será possível e então vamos todos ficar a perder. Por isso não percebo como é que as conversas de Ben-Gurion e de Musa al-Alami passaram para os jornais. A Nação Árabe contou-as até aos mínimos pormenores. Quem passou a informação quis cortar pela raiz qualquer tentativa de acordo—refletiu Mikhail.

Dina pensou em Samuel. Teria gostado de saber a opinião do seu velho amigo. Ouvia os homens e pensava que não eram sinceros uns com os outros, que apesar de se dizerem amigos não partilhavam o essencial dos seus pensamentos nem tudo o que sabiam. Yusuf sabia mais do que dizia, mas Mikhail também se calava agora que estava muito unido a Louis, e ela sabia que Louis fazia parte da Haganah, o exército secreto dos judeus. Ninguém lho tinha dito, simplesmente sabia-o, conhecia bem Louis desde o dia em que tinha chegado à Horta da Esperança. Não tinha demorado muito a fazer parte da Hashomer, os vigilantes que protegiam os primeiros colonos das razias dos bandidos. Louis era demasiado inquieto e sonhador para aceitar ser um camponês. Estava sempre a ir e vir de um lado para o outro e dizia-se que era um seguidor devoto daquele Ben-Gurion, que se tinha tornado a voz e a alma dos judeus que, como ele, foram chegando à Palestina.

Continuou a ouvir Mikhail com atenção. Miriam estava a acender outro cigarro, e tal como ela permanecia em silêncio, atenta ao que os homens diziam, tentando perceber através das suas palavras o que o futuro lhes reservava.

Mikhail disse que Ben-Gurion também se tinha reunido com o chefe do Istiqlal, mas só conseguiu falar.

— Falar é importante, é o que nunca devíamos deixar de fazer. Se árabes e judeus se esforçassem por se ouvirem mutuamente, por se porem na pele uns dos outros, as coisas seriam mais fáceis—afirmou Igor.

Os homens deram-lhe razão e até Dina assentiu baixinho. Igor sempre lhe tinha parecido um rapaz sensato. Marinna tinha acertado ao casar com ele. Era um bom marido e um bom pai, sempre atento a Ben, o seu único filho. Até Mohamed não podia deixar de reconhecer as qualidades de Igor. Dizia que era um homem justo, que não deixava de ter em conta as necessidades dos homens que trabalhavam na pedreira. Tinha ganhado a confiança dos operários árabes, porque não fazia distinção entre eles e os judeus. Mohamed dizia que Jeremias também não teria permitido isso, mas a verdade era que na natureza de Igor residia a equidade.

Mohamed e Igor não tinham chegado a ser amigos. Marinna interpunha-se entre eles. Dina não se enganava. Mohamed e Marinna tinham renunciado um ao outro, mas nunca tinham deixado de se amar. Marinna era uma esposa fiel e Mohamed tratava Salma com deferência, mas nem Igor nem Salma tinham conseguido apagar a marca dos outros dois. Às vezes, como naquele preciso dia, Dina julgava vislumbrar uma certa emoção nos olhares casuais que os dois trocavam.

Suspirou aliviada ao ver Mohamed com um fósforo aceso, que ofereceu a Igor para que acendesse o cigarro.

E naquele momento ela própria teve vontade de fumar. Teria pedido de boa vontade um daqueles cigarros aromáticos a Miriam, mas pensou em Ahmed, no seu sempre recordado marido. Eles pertenciam a outra geração, na qual não havia lugar para certos costumes. Não, Ahmed não teria permitido que

fumasse e, se apesar de tudo o fizesse, sabia que envergonharia o seu filho Mohamed. Livrou-se desse pensamento, afinal de contas sentia-se demasiado velha para desafiar as tradições. Ela também não gostaria que a sua filha Aya fumasse. A voz de Moshe trouxe-a de volta à realidade.

— Não me parece que Ben-Gurion seja um ingénuo e, se realmente está a propor o que vocês dizem, está enganado. Não é possível um Estado partilhado e muito menos um lar dentro de uma Confederação Árabe. Vamos ter de lutar, não nos enganemos mais, só há uma solução: nós ou vocês.

As palavras de Moshe provocaram um alvoroço entre os homens. Dina odiou-o por aquelas palavras. Moshe era o único judeu que temia. Porque é que o deixavam viver na Horta da Esperança? Aquele homem era tão diferente de Samuel, de Igor, de Jeremias, de como tinham sido Jacob e Ariel, de como era Louis... até do impulsivo Mikhail.

— Ninguém diz que seja fácil, mas porque é que há de ser impossível? Tu foste bolchevique, por acaso nós, comunistas, não defendemos que todos os homens são iguais? O meu pai morreu porque acreditava nisso. Diz-me, o que é que torna impossível que trabalhadores árabes e trabalhadores judeus vivam juntos?—Mikhail mal conseguia conter a raiva que aquelas palavras de Moshe lhe tinham provocado. Ele também não gostava daquele homem.

— Diferentes interesses, diferente cultura, diferente religião... queres mais razões?—respondeu Moshe levantando a voz.

— Achas que a solução é destruir quem não é como tu? Achas mesmo que vocês, judeus, podem acabar com os árabes e nós com os judeus? Só os palermas é que acreditam em algo assim.—Mohamed esforçou-se por reprimir a indignação que sentia.

— Estou de acordo com o Mohamed. Moshe, és um palerma e os homens como tu são um perigo para os outros. Não aprendeste nada entre nós. Acho que tanto a minha mãe como a Kassia e o Samuel se enganaram ao convidar-te para vires viver na Horta da Esperança.—As palavras de Igor eram um desafio para Moshe.

Dina notou o tremor de Miriam, o mesmo tremor que ela sentia.

— Estás a dizer que preferes os árabes a qualquer judeu?—perguntou provocador Moshe a Igor.

— Estou a dizer-te que os homens como tu só trazem desgraças. Quanto ao que me perguntas, responder-te-ei que a mim me ensinaram a não julgar os homens pelo sítio onde nasceram nem pelo Deus a que rezam nem pelo que sabem. Julgo-os por aquilo que levam no coração, e não gosto do que há no teu. Não te atrevas a ofender-nos ou terás de deixar a Horta da Esperança.—O tom de voz de Igor era de tal firmeza que ninguém se atreveu a falar.

Moshe levantou-se olhando-os com desprezo e, sem dizer nada, foi buscar a sua esposa. Eva estava com as mulheres e ele disselhe que se iam embora.

O confronto provocou um certo desconforto entre os presentes. Dina não se deu conta de que falava alto, mas todos a ouviram.

— Não sei como é que o suportam! Se eu pudesse expulsá-lo-ia daqui.

— Mãe!—Mohamed tinha-se sobressaltado com as palavras de Dina.

— Eu penso o mesmo, e se fosse por mim o Moshe e a Eva partiriam esta noite mesmo—disse Miriam solidarizando-se com Dina.

As duas mulheres foram ter com as outras, deixando que os homens continuassem a conversa.

Louis apareceu na manhã seguinte ao amanhecer. Conduzia um velho camião e acordou todos ao buzinar repetidamente.

Dina tinha-se levantado há algum tempo para preparar o pequeno-almoço. Não queria que os seus netos, Rami e Noor, partissem sem terem tomado uma boa tigela de leite.

— Mas o que estás aqui a fazer a esta hora?—perguntou Dina a Louis.

— A dar uma mãozinha na mudança da Aya. Acho que neste camião cabe toda a bagagem—respondeu Louis rindo-se.

— Estávamos à tua espera ontem à noite—recriminou-o Dina.

— Eu sei e lamento não ter conseguido vir. Estava no Norte. Mas aqui estou, sou mais útil hoje com o camião do que ontem à noite a comer e a beber.

Foi naquele camião conduzido por Louis que Aya se despediu com lágrimas nos olhos da Horta da Esperança. Aquele seria para sempre o seu lar por mais que o seu futuro estivesse agora naquela casa caiada de branco situada à entrada de Deir Yassin. Ali passaria a vida a criar os seus filhos e a acostumar-se a ser a dona da sua casa. Yusuf continuava a amá-la e ela honrava-o com a sua lealdade, mas há algum tempo que tinha deixado de se enganar a si própria. Tinha-se casado com aquele homem bondoso sendo muito jovem e naquela altura julgava-se apaixonada. Mas a passagem do tempo fez com que soubesse que amar devia ser algo diferente daquilo que ela sentia por Yusuf. Era o mesmo que acontecia com Marinna e Igor. Mas pelo menos Marinna sabia o que era o amor porque desde criança que não tinha deixado de estar apaixonada por Mohamed.

A sua amizade com Marinna permaneceu inalterável apesar de algumas das suas novas vizinhas de Deir Yassin a reclinarem por confiar numa judia.

Os conflitos entre as duas comunidades aumentavam de dia para dia e havia sempre alguém com uma ofensa na ponta da língua. As suas vizinhas não percebiam que, para Aya, Marinna era como uma irmã mais velha que amava sem questionar.

Yusuf esperava impaciente por Omar Salem. Tinha-se tornado o seu braço direito, embora não tanto para o ajudar nos seus múltiplos interesses comerciais, mas mais nas intrigas políticas.

Alá tinha abençoado Omar com sete filhos, os quais preferia manter afastados das suas atividades políticas. Embora ele desejasse que os britânicos saíssem da Palestina, não tinha tido dúvidas em enviar os seus filhos para estudarem nas mais prestigiadas universidades inglesas.

Naquela manhã de abril de 1936, Yusuf tinha muitas novidades para dar a Omar. Na noite anterior tinha-se encontrado por acaso com um dos lugares-tenentes do mufti Husseini e este tinha-lhe contado que se estava a preparar "algo grande".

Na noite de 15 de abril, um grupo de jovens palestinianos tinha atacado uns judeus na estrada de Nablus para Tulkarem, tendo morrido dois judeus. A 19 de abril, outro grupo tinha agredido trabalhadores judeus do porto de Jaffa, deixando dezasseis mortos.

Naquela altura a Alta Comissão Árabe, onde estavam englobados os partidos palestinianos mais destacados, já tinha concluído os preparativos para surpreender os britânicos e os judeus com uma greve geral. Mas a greve, disselhe o homem do mufti, seria apenas uma parte do que estava prestes a acontecer. Os britânicos aprenderiam que sem os árabes, sozinhos, não eram nada, aprendê-lo-iam quando vissem como a sua administração ficava paralisada se os trabalhadores palestinianos que tinham ao seu serviço não fossem trabalhar. Os judeus também sofreriam as consequências já que seriam suspensas todas as relações comerciais e de trabalho com eles. Também os fustigariam utilizando a força. Sim, uns e outros ficariam a saber de quem era aquela terra.

Para Omar as notícias que Yusuf lhe trazia não eram novidade. Duas noites antes tinha jantado com outros notáveis de Jerusalém e ele próprio tinha concordado com a inevitabilidade desta demonstração de força, embora tivesse manifestado o seu desgosto pelos assassínios dos judeus em Jaffa. Até esse momento a Haganah circunscrevia o seu trabalho à autoproteção das suas colónias, mas e se decidiam responder à letra? Omar era um homem cujo código de honra passava por combater no campo de batalha e não gostava da violência sem controlo.

— O teu cunhado Mohamed tem de se juntar à greve. Seria imperdoável que não respeitasse a

decisão da Alta Comissão Árabe.

— O meu cunhado é tão patriota como os outros—respondeu Yusuf sem se querer comprometer mais.

— Sei que o Mohamed é um homem leal à nossa causa, não poderia ser de outra forma sendo filho de um mártir, que Alá tenha no Paraíso o meu bom amigo Ahmed, mas como poderá ser leal ao seu povo e ao mesmo tempo ser leal aos seus amigos judeus? Terá de escolher.

— E escolherá o que está certo.

— As tuas respostas não me dizem nada, Yusuf, são as respostas que darias a um príncipe que não quisesses desiludir.

— Fala com o Mohamed, assim vais ter a certeza disso.

— Fá-lo-ei. Os nossos não compreenderiam que o filho de um mártir não se juntasse à greve e podiam considerá-lo um inimigo. Os confrontos entre nós são demasiado frequentes. O mufti não tolera dissidências, mas nesta ocasião os seus principais opositores da família Nashashibi estão de acordo com a greve geral, embora, tal como eu, sintam repugnância por toda a violência fora do campo de batalha.

Trataram de outros assuntos antes de Yusuf se despedir.

Omar ficou pensativo. Confiava em Yusuf, mas não deixava de ter dúvidas sobre o que ele pensava realmente.

Os Said, a família de Yusuf, eram do outro lado do Jordão, de Amã, hoje a capital de Abdullah. O pai de Yusuf nunca tinha duvidado de que deviam lealdade a Husayn, xerife de Meca, o homem que sonhava com um império árabe. Yusuf tinha seguido o seu exemplo, daí que combatesse lado a lado com os filhos de Husayn e que se destacasse como oficial, primeiro com as tropas de Faysal e depois com Abdullah. Mas agora Abdullah governava a Transjordânia com o apoio dos britânicos e não parecia ter qualquer interesse em que estes partissem. Morto o seu irmão Faysal enquanto rei do Iraque e derrotado o seu irmão Ali perante os sauditas, Abdullah podia dar-se por satisfeito com aquele reino que tinha graças à sua astúcia, sim, mas também por ser conveniente aos britânicos.

Nos últimos tempos os interesses de Abdullah nem sempre coincidiam com os interesses dos árabes palestinianos, daí que Omar se perguntasse de que lado estaria a lealdade de Yusuf. Não podia esquecer que ele era um dos poucos homens que tinham permanecido fiéis ao velho Husayn e que o tinha visitado primeiro no seu exílio de Amã e depois no de Aqaba, e que tinha até ido vê-lo duas vezes a Chipre, onde o xerife de Meca se tinha tornado um velho amargurado que só tinha os cuidados do seu filho Zaid. E lamentava que a sua morte, em 1931, não tivesse tido as honras que merecia.

Omar sabia que Yusuf ficava magoado ao ver o grande sonhador da nação árabe nessa situação e tinha-se atrevido a sugerir a Abdullah que permitisse ao pai regressar do exílio cipriota. Mas Abdullah mostrava-se inflexível, sabedor de que não pode haver um reino com dois reis, e o seu pai tinha-se comportado dessa forma durante a sua estadia em Amã. Contudo, finalmente acabou por ceder e recebeu de novo o seu pai. Quando regressou de Chipre, Husayn era apenas uma sombra do que tinha sido. Yusuf ficava magoado ao ver o antigo xerife como um velho desamparado, devido à apoplexia que tinha sofrido, e lamentava-se por isso.

— Sem o xerife, jamais nos teríamos livrado dos turcos—referia diante dos seus amigos.

Alguns respondiam-lhe que talvez esse tivesse sido o seu grande erro. Recriminavam-no por ter confiado nos britânicos, em suma, nos cristãos, para enfrentar quem, afinal de contas, acreditava em Alá como eles. Mas Omar não era desses últimos. Era um patriota convencido de que os árabes deviam governar-se a si próprios, embora naquele momento, mais do que com o destino dos sírios, dos iraquianos ou dos libaneses, estivesse preocupado com o seu próprio destino e com o dos seus irmãos palestinianos. Duvidava, sim, duvidava de que naquelas circunstâncias Abdullah só se preocupasse em manter o seu pequeno reino. Onde é que Yusuf teria o coração?

Mohamed não foi à pedreira. Não podia fazê-lo embora não se sentisse satisfeito com isso. Apareceu na casa de Jeremias para lhe explicar que não ia trabalhar nem nesse dia nem durante muito tempo.

Jeremias ouviu-o em silêncio analisando as suas palavras antes de responder.

— Com que então vais fazer greve, mas não por eu ser um patrão que te explora a ti e aos outros homens. Reconheces que sou justo e que não tens nada a apontar-me. Isso satisfaz-me, mas não te percebo, o que é que achas que vais conseguir? Os britânicos não se vão embora e nós também não. Compreendo o medo que têm de que continuem a chegar judeus, mas para onde é que podem ir os judeus alemães que fogem do nazismo? Hitler proscreeu-os, arrebatou-lhes os seus bens, não podem trabalhar, nem ensinar, quase não podem viver, e estão a fugir, efetivamente, muitos vêm para aqui e aqui ficam, tal como nós, russos, fugimos dos pogroms. Nem a vossa greve nem os britânicos vão conseguir parar a imigração dos judeus. A Palestina é a vossa pátria, nunca direi o contrário, mas também é a nossa.

— Cada vez menos é a nossa—respondeu Mohamed.

— Respeito a tua decisão, mas tens de perceber a minha. Se demoras muito a voltar para o trabalho terei de te substituir por outro. Não vou parar o trabalho na pedreira; hoje mesmo vou procurar outros homens, há muitos judeus que não sabem como ganhar a vida e agradecerão ter um trabalho. Sim, já sei que muitos dos judeus alemães que vieram são burgueses que até há pouco tempo eram professores na universidade, dedicavam-se ao comércio ou faziam parte de alguma orquestra... Achas que não são capazes de lutar contra as pedras da pedreira, mas fá-lo-ão, vais ver. Sem dúvida, serão capazes de trocar o violino pela marreta.

A conversa ficou por ali. Tinham sido sinceros um com o outro. Mohamed procurou Igor, sabia que como capataz seria ele a ter de procurar os homens que substituíssem os canteiros árabes.

— Onde é que isto tudo nos vai levar, Mohamed?—perguntou Igor.

— Não sei. Só pretendemos que a imigração pare, que se reconheçam os nossos direitos sobre a nossa terra. Os britânicos são pródigos com aquilo que não lhes pertence.

— Não nos vamos embora, Mohamed—sentenciou Igor.

— Eu não disse que se devem ir embora—respondeu-lhe contendo a indignação que, por momentos, sentia crescer no seu interior.

— O Jeremias vai obrigar-me a contratar outros homens...

— Eu sei, acaba de mo dizer. Mas há momentos na vida em que o melhor é não tomar decisões para não nos traiçoarmos a nós próprios.

Igor não teve outro remédio senão assentir às palavras que Mohamed acabava de pronunciar.

Nos dias seguintes, Dina ignorou os conselhos do seu filho e foi à Horta da Esperança. As mulheres estavam desoladas. Kassia abraçava-se a Dina a chorar.

— Tem de haver uma solução! Nós não nos podemos enfrentar! Os britânicos que se vão embora e nos deixem aqui, aos árabes e aos judeus! Vão ver como somos capazes de resolver tudo entre nós—dizia Dina.

Ambas tinham o cabelo grisalho, e o trabalho no campo e a passagem do tempo tinham deixado os seus rostos sulcados pelas rugas. Qualquer diferença que pudesse existir entre elas nunca tinha sido suficientemente profunda para as impedir de terem afeto e amizade uma pela outra. Dina era uma devota crente de Alá, e Kassia uma socialista romântica que não acreditava em mais nada senão no que as suas mãos pudessem tocar e os seus olhos contemplar. Uma tinha nascido em Jerusalém e a outra em Vilnius; uma cobria o seu cabelo com um véu e vestia sempre uma túnica que lhe tapava todo o corpo, a outra tinha as pernas e os braços descobertos, usava calças e nunca baixava o olhar quando um desconhecido lhe falava. Mas aquelas diferenças foram-se diluindo até serem irrelevantes numas vidas nas quais a única coisa que contava era a amizade e o afeto.

A greve geral foi um sucesso e um fracasso ao mesmo tempo. Grande parte dos árabes palestinos não tiveram dúvidas em apoiá-la e sentiram-se orgulhosos ao verificar como, de um dia para o outro, aquele pedaço de terra tinha ficado quase paralisado. A greve foi também acompanhada de ataques e emboscadas a britânicos e judeus, mas enquanto os primeiros se sentiram ultrapassados por estes acontecimentos, os segundos decidiram enfrentar o desafio. O porto de Jaffa estava paralisado, e a resposta da comunidade judaica não se fez esperar: em tempo recorde começaram a construir um cais de madeira em Telavive onde os barcos pudessem atracar.

O lugar dos camponeses árabes em greve foi ocupado de imediato por esses judeus que acabavam de chegar àquela que acreditavam ser a sua Terra Prometida. De um dia para o outro, milhares de judeus tornaram-se canteiros, ferreiros, marinheiros...

Mas os árabes palestinos não estavam sozinhos. O mufti tinha declarado a Guerra Santa e, respondendo à sua chamada, começaram a chegar homens da Transjordânia de Abdullah, do Iraque, da Síria. Os britânicos reagiram enviando por sua vez tropas de reserva para a Palestina.

— Quero falar com o Omar—disse Louis a Mohamed.

Louis tinha aparecido naquele dia na Horta da Esperança e tinha esperado pela noite para se aproximar da casa de Mohamed. Dina tinha ficado contente por vê-lo.

— Não sei se é o melhor momento para ir à casa do Omar. Se alguém sabe poderias criar-lhe um problema—refletiu Mohamed diante do pedido de Louis.

— É precisamente sobre isso que quero falar com ele... Têm noção do que está a acontecer? Se os mais fanáticos consideram uma traição que árabes e judeus se relacionem, o que se passará no dia em que esta greve terminar...? Porque algum dia vai ter de acabar. Não gosto de vir ter contigo à noite como se fosse um ladrão, e muito menos de saber que a minha presença te põe em perigo. Sei que a Dina foi censurada pela sua relação com a Kassia, com a Rute e com a Miriam... E a tua irmã Aya discutiu com as suas vizinhas por defender a sua amizade com a Marinna.

— Somos nós, árabes, que estamos a sofrer com esta situação. Achas que eu não sei o que nos espera quando a greve terminar? Não vamos ter trabalho, vocês ocuparam o nosso lugar... Sei que o Jeremias contratou um grupo de judeus alemães para a pedreira. Nenhum deles conhece o ofício de canteiro, nunca na sua vida tiveram nas mãos uma picareta ou uma marreta, mas ali estão e ali ficarão. Nós vamos morrer de fome.

— Acreditavas mesmo que fôssemos ficar de braços cruzados? Achavas que íamos permitir que as nossas hortas secassem, que as nossas lojas fechassem, que os nossos negócios fossem por água abaixo? Não têm noção de que o mufti vos está a levar ao desastre? Ele é rico e para ele nada vai mudar quando a greve terminar, mas e os outros?

— Não há recompensa sem sacrifício—respondeu Mohamed de mau humor.

— Só um louco podia prever que fossem derrotar o Império Britânico, ou que os judeus fossem ficar de braços cruzados. Passámos demasiado tempo a baixar a cabeça diante do czar. Já nos conheces, Mohamed. Chegámos sem nada à terra dos nossos antepassados e não vamos permitir que alguém destrua o que construímos. Os trabalhadores árabes e judeus têm os mesmos interesses, não somos inimigos.

— Fala o bolchevique!

— Fala o teu amigo. Consegues que o Omar Salem me receba?

— Vou dizer ao meu cunhado Yusuf, pode ser que amanhã venha cá com a Aya e com as crianças.

— Vou ficar uns dias na Horta da Esperança.

Quando Louis saiu Dina perguntou ao seu filho quando é que a greve terminaria.

— Não sei, mãe, não sei.

— E os ataques aos judeus?—Salma, a doce Salma, a esposa fiel e leal, olhava para os olhos do

marido e ele pôde ver nos dela um laivo de censura.

— Ataques?—perguntou para ganhar tempo.

— Ouvi no mercado que estão a atacar os judeus quando tentam passar pelas aldeias árabes, até lhes colocam pregos na estrada para lhes furarem os pneus dos carros e...

— Trata-se apenas de dificultar as comunicações entre as suas colónias, não de fazer mal a ninguém. Não te devias preocupar tanto.

— Também ouvi dizer que alguém matou duas enfermeiras judias do Hospital do Governo, dizem que foram os árabes...—insistiu Salma.

— Repito-te que não te deves preocupar, mas se queres, porque é que não me perguntas pelo sofrimento dos nossos?—E saiu da casa para fumar um cigarro na brisa da tarde.

Mohamed não queria partilhar a sua preocupação nem com a sua esposa nem com a mãe. Sentia-se desagradado com algumas das coisas que aconteciam. Magoava-o saber que em algumas noites se organizavam grupos que sigilosamente se aproximavam das zonas de cultivo dos judeus para arrancar as árvores que eles tinham plantado a tanto custo ou para pegar fogo às oliveiras ou destruir as colheitas. Ele, que amava a terra, ficava magoado perante a visão daquelas hortas destruídas. Se estava a conseguir sobreviver e evitar que a sua família não sofresse as consequências da sua decisão de fazer greve era precisamente graças àquele pedaço de terra que lhe pertencia. Olhou com carinho para a fila de oliveiras e árvores de fruto e suspirou. Fez tempo para que a sua mãe e a sua esposa se fossem deitar antes de voltar a entrar. Conhecia Dina e sabia que estaria a dar voltas à espera de falar com ele quando Salma não estivesse presente.

Quando por fim se meteu na cama adormeceu profundamente. O sono era sempre uma trégua.

Foi Dina quem acordou sobressaltada. Pela janela, em vez da brisa da noite, entrava um cheiro a madeira queimada. Aproximou-se da janela e durante uns segundos ficou imóvel, depois gritou. Um grito desgarrado que acordou todos os que estavam em casa. Mohamed precipitou-se, seguido de Salma, para o quarto da mãe. Dina vestia-se à pressa.

— Fogo! Há fogo na Horta da Esperança...

Mohamed olhou pela janela e estremeceu. O fumo não o deixava ver a casa da Horta da Esperança, o fumo e as chamas envolviam tudo. Saiu a correr enquanto gritava: "Marinna, Marinna...!" Dina não se atreveu a olhar para Salma, mas julgou ver os seus olhos humedecerem-se.

— Veste-te, temos de ir...—disse à sua nora.

Naquele momento Wadi e Naima já se tinham levantado sobressaltados pelos gritos.

— Vocês ficam aqui—ordenou-lhes Salma—, nós vamos ver o que se pode fazer.

— A Naima que fique! Eu posso ajudar, tenho de ir—gritou Wadi enquanto saía a correr atrás do pai.

Mohamed deu de caras com Moshe, que lançava um balde de água a umas árvores que rodeavam o alpendre que eles tinham transformado em lar. Eva, a mulher de Moshe, corria com outro balde na mão. Nenhum dos dois homens disse nada. Mohamed continuou a correr para a casa principal. Mal via por causa do fumo, mas ouvia vozes, a de Miriam, a do velho Netanel, a de Daniel...

— Marinna, Marinna!—voltou a gritar.

Entrou na espessa fumarada que se tinha formado e foi diretamente para as chamas. Julgou ouvir a voz de Louis a dar ordens e a de Igor a chamar o seu filho Ben, mas e Marinna? Onde estava Marinna? Chamou-a novamente enquanto corria até que no meio do fumo um corpo chocou contra o seu e uns braços se agarraram ao seu pescoço.

— Mohamed... Meu Deus!—sussurrou Marinna enquanto se agarrava a ele com desespero.

— Estás bem? Estás bem?—Não conseguia deixar de repetir a pergunta.

— Sim, estou bem. O meu filho está com o Igor a tentar apagar o fogo... A Rute desmaiou por causa

do fumo e a minha mãe está com ela.

Permaneceram abraçados, não eram capazes de se afastar um do outro, e foi assim que Louis os encontrou.

— Mohamed, precisamos que nos dê uma ajuda, e tu, Marinna, afasta a tua mãe e a Rute do sítio onde estão, o fogo parece que vai nessa direção, e depois acompanha a Miriam, continuamos sem encontrar o Ezequiel...

Wadi chegou nesse momento a tossir por causa do fumo. Era um adolescente corajoso de dezasseis anos sempre disposto a ajudar os outros.

— Eu também quero ajudar—disse sem que ninguém lhe prestasse muita atenção.

Dalida chorava a gritar o nome do seu irmão. "Ezequiel, Ezequiel!", e Igor tentava segurar Miriam, que insistia em atravessar as chamas para ir buscar o filho.

— Mas onde é que pode estar?—perguntou Igor, exaltado com a situação.

— Não sei, vinha de mão dada comigo, mas não víamos nada por causa do fumo, de repente largou a minha mão, eu pensava que já tinha saído, mas...—Miriam desatou a chorar.

— Tem de estar lá dentro—murmurou Marinna.

E então Wadi pegou numa manta que estava no chão, molhou-a com a água de um balde, embrulhou-se com ela e correu até ao interior da casa. Mohamed foi atrás do filho, mas este perdeu-se entre a densidade do fumo e do fogo. Marinna correu atrás de Mohamed lutando com ele para que não entrasse na casa. Nesse momento chegaram Dina e Salma. Quando lhes contaram que Wadi tinha acabado de entrar na casa, Salma gritou com tanto desespero que todos ainda se sobressaltaram mais. Não tinham passado mais de dois ou três minutos quando Wadi saiu com alguma coisa nos braços. Correram para ele. Apesar das queimaduras Wadi sorria, trazia Ezequiel consigo.

— Estava ao pé da porta, deve ter tropeçado e bateu com a cabeça, tem sangue e não fala.—Wadi não disse mais nada e desmaiou.

Durante uns segundos foi uma grande confusão. Ezequiel tinha algumas queimaduras, mas Wadi tinha ficado em pior estado, e não tinha tido dúvidas em envolver o menino com a manta deixando o seu próprio corpo a descoberto e exposto às chamas. Mas Wadi era assim, sempre disposto a sacrificar-se pelos outros.

— Não lhes toquem!—gritou Netanel, o velho farmacêutico, ajoelhando-se junto a Wadi e Ezequiel, que estavam no chão.

Depois de os examinar decidiu que seria melhor levá-los ao hospital.

— O Wadi está mal. Daniel, vai buscar a carrinha e estica uma manta para pôr os rapazes. É preciso levá-los imediatamente ao hospital. E avisem o Yossi—ordenou com autoridade.

Mohamed pegou em Wadi ao colo e Miriam em Ezequiel. Os rapazes gemiam de dor.

Apesar de Daniel conduzir a grande velocidade, o caminho até ao hospital pareceu-lhes uma eternidade. Salma chorava desconsoladamente, tal como Dina e Miriam. Mohamed só sossegou quando viu que Wadi e Ezequiel desapareciam numa maca rodeados de médicos e enfermeiras.

Miriam disse a Daniel que fosse à casa do seu cunhado Yossi.

— Pede ao teu tio para vir.

Meia hora mais tarde Yossi chegou acompanhado por Mikhail. A sua filha Yasmin tinha ficado em casa a cuidar da mãe. Judite continuava a precisar que alguém tratasse dela permanentemente.

O médico de serviço deixou Yossi entrar na sala onde estavam a tratar de Wadi e de Ezequiel, e foi ele que, passado uma hora, saiu com dois médicos e uma enfermeira para explicar como estavam.

— Vão sobreviver—foi a primeira coisa que disse olhando para a sua cunhada Miriam que, tal como Salma e Dina, tinha o rosto marejado de lágrimas.

Um dos médicos deu-lhes mais pormenores sobre o estado dos rapazes.

— O Wadi é muito corajoso, nem sequer se queixou quando lhe retirámos a camisa da carne queimada. Tem queimaduras de primeiro grau nos braços e no pescoço, no peito também. Felizmente as da cara não são tão profundas, mas mesmo assim... é preciso esperar umas horas para voltar a avaliar o seu estado. Demos-lhe um calmante que o manterá a dormir. Precisa de descansar.

— E o Ezequiel?—perguntou Miriam impaciente por saber do seu filho.

— O mais novo? Está melhor do que o Wadi, as suas queimaduras não são tão preocupantes, embora a do pescoço seja a mais grave. Também lhe demos um calmante. Vão ficar em observação toda a noite; podem vê-los, mas tentando não fazer qualquer barulho. Dormir é o melhor que podem fazer. Depois têm de deixá-los nas nossas mãos. As nossas enfermeiras vão cuidar deles.

Mas as súplicas de Salma e de Miriam tiveram efeito no médico e, afinal, deixou-as ficar junto à cabeceira dos filhos. Nada nem ninguém, disseram-lhe, as moveria dali.

Dina também queria ficar com o seu neto, mas Mohamed convenceu-a a regressar com eles à Horta da Esperança.

— Tens de ajudar, vão precisar de alguém que lhes prepare a comida, de um lugar onde descansar. Mãe, precisam mais de ti na Horta da Esperança.

Yossi e Mikhail foram com eles. Todas as mãos eram poucas para lutar contra aquele incêndio que, como lhes contou Daniel, tinha começado junto às árvores de fruto que rodeavam a casa, um ramo em chamas caiu sobre o telhado do laboratório e a partir desse momento o fumo e o fogo propagaram-se por todo o lado.

— Nem sei como é que conseguimos sair... estávamos todos a dormir—explicou Daniel, que mal conseguia conter as lágrimas.

Lutaram toda a noite contra as chamas e de madrugada ainda havia borralhos por apagar. A parte posterior da casa tinha vindo abaixo, era apenas cinzas, mas a maior tragédia tinha acontecido na horta e nos campos primorosamente cultivados, onde só restava uma grossa camada de cinza.

Kassia chorava com desespero. A obra da sua vida tinha-se esfumado devido às chamas. As suas laranjeiras, os tomateiros, as ervas aromáticas, as oliveiras... não restava nada.

— Mãe, voltaremos a plantá-los—tentou consolá-la Marinna, mas Kassia não a ouvia.

Igor e Ben tinham levado Rute à casa de Dina. Naima, a filha de Mohamed e de Salma, cuidava dela. A menina tinha naquela altura treze anos e era tão tímida como séria.

Kassia aproximou-se de Mohamed e, olhando-o nos olhos, perguntou-lhe:

— Quem foi? Quem é que nos quer tanto mal a ponto nos fazer uma coisa destas?

Mohamed não tinha resposta. O que tinha acontecido ali não era uma exceção, era parte da luta que estavam a travar. Mas venceriam assim? Não podia deixar de pensar no seu filho e em Marinna... Se os tivesse perdido, o que é que ele teria feito? Sabia que não suportaria isso. Sempre fez o que se esperava dele e por isso tinha aceitado casar com Salma, mas nunca tinha deixado de amar Marinna.

Kassia observava-o esperando a sua resposta e ele fez um esforço para encontrar as palavras.

— Não sei, Kassia, não sei quem foi, mas juro-te que vai pagar.

Viram Marinna aproximar-se deles e Mohamed estremeceu.

— Ainda a amas.—Kassia não lhe estava a perguntar nada, estava a afirmar o óbvio. Não esperava nenhuma resposta da parte dele.

Kassia viu como ambos faziam um esforço para não se lançarem aos braços um do outro, para não ofenderem Igor, que os observava.

— Temos de recomeçar. Mas fá-lo-emos e precisaremos da vossa ajuda. Sozinhos não conseguiremos—disse Marinna a Mohamed.

— Prometo-te que a Horta da Esperança voltará a ser o que era... Aqui também está a minha infância e o melhor da minha vida.

— Vá—disselhes Kassia—,estão a olhar para nós, não provoquem mais sofrimento, o que aconteceu já é suficiente.

A meio da manhã, Dina conseguiu convencê-los a irem à sua casa para descansar. Estavam exaustos e aceitaram. Enquanto Dina, com a ajuda da sua neta Naima, lhes servia uma chávena de chá aromático e umas fatias de pão com queijo de cabra, Louis fez um balanço dos danos sofridos.

— A estrutura da casa não aguentou. O Samuel construiu-a a partir de um alpendre que não era muito sólido. Temos de a levantar de novo. O alpendre de Moshe também desapareceu, e o laboratório... bem, foi aí que caiu não sei se um ramo ou um dos fachos...

Dina olhou para Netanel, o velho farmacêutico, e pareceu-lhe mais velho do que no dia anterior. Para ele não havia consolo possível porque construir outro laboratório demoraria tempo e precisariam de dinheiro.

— É preciso escrever ao Samuel, tem de regressar—disse Dina.

— Sim, é o que vamos fazer. Além disso, tem de saber o que aconteceu com o Ezequiel.—O tom de voz de Louis demonstrava o cansaço acumulado após a luta contra o fogo.

— Dina, Mohamed... estamos em dívida para convosco. Se não nos tivessem ajudado...—Kassia desatou a chorar, mas as lágrimas não a impediam de prosseguir.—O teu filho Wadi é muito corajoso, se não fosse ele a esta hora o Ezequiel estaria morto...—acrescentou dirigindo-se a Mohamed.

Ezequiel saiu do hospital passado três semanas, enquanto Wadi continuava a lutar pela vida. Os médicos garantiam que ganharia a batalha, mas às vezes parecia o contrário.

Ezequiel lembrava-se de ter tropeçado quando corria até à porta e de ter batido com a cabeça, ficou deitado no chão porque não via nada e por mais que gritasse ninguém parecia ouvir a sua voz. Só Wadi quando entrou na casa, que já estava completamente a arder.

Louis tinha contratado alguns homens para que os ajudassem a construir uma nova casa. Trabalhavam dia e noite sem descanso para terem um teto. No final do verão já tinham erguido dois edifícios nos quais cabiam todos. O laboratório continuava em ruínas.

— Lamento, Netanel, vamos esperar que o Samuel chegue; ele vai decidir o que quer fazer.

Entretanto, centenas de árabes palestinianos sofriam e morriam em confrontos com os britânicos.

O encontro de Louis com Omar foi um fracasso. Louis sempre tinha tido Omar como um homem moderado apesar de saber que simpatizava com o mufti Husseini, mas naquela ocasião não lhe deixou margem para dúvidas.

— Resistiremos o que for necessário para conseguirmos que os ingleses cedam às nossas reivindicações. Têm de parar com a emigração de judeus.

— O que tem de parar é a violência contra os judeus—respondeu-lhe Louis.

Omar encolheu os ombros. Não gostava daqueles ataques como o que tinha sido perpetrado contra a Horta da Esperança, ou aquele contra o cinema Edison de Jerusalém uns dias antes. Mas naquele momento não lhe parecia oportuno mostrar a sua rejeição. Pelo menos ainda não. Tinha consciência de que o mais importante era que, aos olhos dos ingleses, os árabes palestinianos parecessem unidos. Se havia alguma coisa que lhes tinha retirado força era a divisão.

— Os britânicos não vão ficar quietos—avisou-o Louis.

— Achas que não vimos as tropas que desembarcaram na Palestina? Mas não vão ganhar esta batalha com mais homens—garantiu-lhe Omar.

— Não, não a vão ganhar só com soldados. Ganhá-la-ão com o apoio de quem vocês acreditam serem vossos aliados.

Omar não compreendeu o enigmático aviso de Louis até que no mês de outubro de 1936 vários governantes árabes fizeram um chamamento aos seus "irmãos palestinos" para que desconvocassem a greve geral. Como é que os árabes palestinos não iam ter em conta o pedido dos Saud da Arábia, do rei do Iraque, de Abdullah da Transjordânia, do emir do Iémen?

Na verdade, foi a Alta Comissão Árabe que decidiu ter em conta o pedido. Os árabes palestinos pareciam estar dispostos a continuar com o seu sacrifício até onde fosse necessário, mas os seus chefes optaram por aceitar o novo compromisso da Grã-Bretanha de que ia fazer justiça.

— Tens de ir falar com o Jeremias—aconselhou Salma ao seu marido.

Mas Mohamed não se sentia capaz de aparecer na pedreira. Sabia que o seu lugar tinha sido ocupado por Moshe. No entanto, foi Jeremias quem resolveu o problema indo a casa de Mohamed com Igor.

— Quando é que pensas regressar à pedreira?—perguntou-lhe depois dos cumprimentos de cortesia. Mohamed ficou calado sem saber o que dizer.

— A greve já acabou e há trabalho atrasado na pedreira. Já falei com o Igor, e precisamos de ti.

Dina e Salma olharam para Jeremias agradecidas. Mais tarde Mohamed confessaria à sua mãe o seu assombro pelo gesto do judeu.

— São nossos amigos, mas sentem-se em dívida para contigo. Foi o teu filho que ficou pior. Eles perderam as casas e a horta, tu, pelo contrário, estiveste quase a perder o teu filho—afirmou Dina.

— Não me deviam nada—respondeu-lhe Mohamed.

— Há dívidas que nunca se acabam de pagar. As cicatrizes do Wadi por ter salvado o Ezequiel são uma dessas dívidas. Irão sempre sentir-se em dívida para contigo e para com os teus filhos—sentenciou Dina.

Naquela altura Wadi já estava quase recuperado; embora as queimaduras tivessem deixado cicatrizes profundas no seu corpo, as piores eram as da cara. Aquelas marcas acompanhá-lo-iam para o resto da sua vida.

Ezequiel seguia-o para todo o lado. Wadi era o seu herói, devia-lhe a vida, e depois de Miriam, era a pessoa de quem o menino mais gostava; até mais do que da sua irmã Dalida ou do seu pai. Samuel tinha-se tornado uma lembrança longínqua.

As cicatrizes de Wadi magoavam Mohamed. Tinha vontade de chorar quando olhava para o rosto do filho coberto de linhas vermelhas inchadas, e desde a própria noite do incêndio tinha jurado que os culpados daquela desgraça iriam pagar pelo que tinham feito.

Mohamed aproveitou a sua mãe ter convidado o seu irmão Hassan e a sua esposa Layla, além do seu filho Khaled, para perguntar ao tio pelos autores do incêndio. Sabia que o seu tio não só conhecia a maioria dos líderes insurgentes, mas também estava informado sobre muitos dos seus planos.

— Tio, tens de me dizer quem são os responsáveis pelo que aconteceu ao Wadi.

— Sabes bem que lamento muito o que aconteceu na Horta da Esperança, são vossos amigos e também nossos. Ninguém lhes queria fazer mal, foi uma triste desgraça que o facho caísse sobre o laboratório... A única coisa que queriam era queimar algumas árvores, mas sem fazer mal a ninguém.—Hassan sentia-se incomodado com o olhar do seu sobrinho.

— O meu filho quase morreu nas chamas—insistiu Mohamed.

— O Wadi é um rapaz corajoso e leal que pôs a vida em risco para salvar o Ezequiel, mas sabes bem que nenhum dos nossos levantaria a mão contra a nossa família. Todos sabem que és filho do Ahmed Ziad, um herói, um exemplo para todos os jovens, para mim também.

— O meu marido nunca teria participado num ato assim... atirar um facho para uma horta... Não, o meu marido não o teria feito, por isso não te atrevas a insinuar, meu irmão, que o Ahmed Ziad teria concordado com tal malfetoria.—Dina sentia-se ofendida com as palavras do seu irmão.

— Vá, Dina, o que é que tu sabes? Quem atirou esse facho não tinha intenção de causar nenhum mal, era apenas uma maneira de lutar.

— A incendiar casas e hortas!—gritou Dina.

— Então, o que podemos fazer? Por acaso pretendes que nos deixemos encurralar na nossa própria terra? Minha irmã, se não os enfrentarmos, despojar-nos-ão do pouco que temos—respondeu Hassan.

— Quero falar com aqueles que o fizeram, ajuda-me—voltou a pedir Mohamed ao tio.

— Não o farei, não posso fazê-lo, conheço-te demasiado bem e vais querer vingar-te do que foi apenas um trágico acidente.

— Achas que as cicatrizes no rosto do meu filho são fruto de um trágico acidente? Não, essa não é a minha maneira de lutar. Fiz greve pondo em causa um bom salário com que sustentar a minha família. Partilho plenamente o desejo de que os britânicos saiam daqui, tal como o meu pai desejava que os turcos se fossem embora. Sei qual é a minha facção, mas também sei como quero lutar. Com os teus filhos, com o Khaled aqui presente e com o Salah, que espero que esteja com Alá, combatemos os turcos. O Salah perdeu a vida a lutar como um soldado contra outros soldados. Morrer assim é uma honra, mas jamais combaterei os meus inimigos atacando as suas hortas à noite e pondo em perigo os seus filhos. Essa nunca será a minha forma de lutar.

— O meu primo tem razão.—Khaled, que tinha permanecido em silêncio, atreveu-se a contrariar o seu pai.

Hassan olhou-o irado. Não podia permitir que o desautorizassem mesmo estando entre família.

— O teu primo fala como um pai, não como um soldado. O que é que eu poderia ter feito quando mataram o meu filho primogénito? Não deixei de chorar o teu irmão Salah nem um único dia, tal como a tua mãe, que esteve prestes a enlouquecer. Quando vos mandei combater com os filhos do xerife sabia que vos podia perder, a guerra é mesmo assim.

— Por acaso estamos em guerra?—perguntou Mohamed com amargura.

— Não podemos permitir nem mais uma colónia de judeus!—explodiu Hassan.

— Eu não vou participar em ações contra camponeses desarmados! Não o farei!—gritou Mohamed.

— Desarmados? Sabes bem que têm armas, por acaso sabias que o teu amigo Louis é da Haganah? Eles têm o seu próprio exército, um exército sem uniformes, sem quartéis, mas, afinal de contas, um exército.

As mulheres ouviam em silêncio preocupadas com a violência com que os homens falavam. Hassan foi-se embora sem dizer ao seu sobrinho quem eram os autores do ataque à Horta da Esperança.

No dia seguinte Khaled fingiu um encontro casual com o seu primo Mohamed. Um e outro caminharam juntos durante algum tempo enquanto fumavam um cigarro egípcio dos que Jeremias oferecia de vez em quando a Mohamed.

Khaled respeitava o seu pai, mas sentia ter alguma obrigação para com Mohamed. Ambos tinham combatido lado a lado nas fileiras de Faysal. Sabiam o que era ver morrer e matar, pois à sua volta tinham caído alguns dos seus irmãos de armas e eles, por sua vez, tinham disparado contra outros homens arrebatando-lhes a vida.

— Não tenho bem a certeza, mas ouvi dizer que os que queimaram a Horta da Esperança foram uns irmãos que vivem perto de Jerusalém, a uns quilómetros da Porta de Damasco. A casa está escondida por duas figueiras. São homens fiéis ao mufti.

— Obrigado, Khaled, estou em dívida para contigo.

— O meu pai gosta muito de ti, mas não deseja que existam confrontos entre os árabes. Já foi muito difícil fazer com que os notáveis chegassem a um acordo para a greve geral.

— Compreendo o teu pai. Ele tem as suas razões e eu tenho as minhas. Quando olho para o rosto do

meu filho, a ira consome-me.

— Não posso ir contigo, o meu pai nunca mo perdoaria.

— E eu não to pediria. Há coisas na vida que um homem tem de fazer sozinho.

Mohamed não disse a ninguém, nem sequer à sua esposa Salma, o que pensava fazer. Esperou até sexta-feira e, ao cair da noite, preparou-se para sair.

Dina e Salma perguntaram-lhe onde ia e ele respondeu que se ia reunir com outros homens.

Envolvido nas sombras da noite e com um bidão de gasolina na mão, caminhou rodeando a velha muralha enfrentando o vento do deserto que soprava com força naquela noite. Caminhou alguns quilómetros até chegar à alcaria da qual Khaled lhe tinha falado. A casa estava rodeada de oliveiras. Junto a elas, num curral, havia algumas cabras a ruminar calmamente.

Com cuidado para não fazer barulho foi lançando gasolina para as árvores. Depois aproximou-se da casa e fez com que notassem a sua presença.

Um homem idoso abriu a porta e Mohamed conseguiu ver que no interior havia uma mulher também idosa e dois jovens, um deles não devia ter mais de dezasseis anos, a idade do seu filho Wadi, outro teria quase vinte.

— Louvado seja Alá, o que desejas?—perguntou-lhe o homem.

— Sai da tua casa com a tua esposa e com os teus filhos—ordenou-lhe Mohamed.

— O quê? Porque é que temos de sair?

Os jovens dirigiram-se à porta e nos seus rostos foi possível ler assombro e desafio.

— Saíam se querem viver.—Enquanto dizia aquilo acendeu um tecido enrugado que levava escondido na própria roupa impregnado de gasolina e lançou-o às oliveiras. Como se fosse um relâmpago, o céu iluminou-se intensamente durante uns segundos. Depois começou a arder.

A família saiu da casa entre gritos e ameaças enquanto os jovens enfrentavam Mohamed e o mais velho o tentava atirar ao chão. Mas não teve tempo de o fazer porque Mohamed lhe colocou uma navalha no pescoço enquanto tirava a velha pistola que levava à cintura. O jovem ficou quieto pensando que estava nas mãos de um louco.

— Devia matar-te a ti e ao teu irmão, mas não o farei por respeito a mim próprio. Eu não mato famílias indefesas, mas vão pagar pelo que fizeram.

O ancião quis agredi-lo com um bastão que tinha na mão, mas Mohamed esquivou-se. A mulher gritava e chorava vendo como as chamas invadiam a horta e as oliveiras e como as cabras corriam assustadas entre as labaredas que tentavam chegar ao curral onde se encontravam.

— Perdoo-vos a vida, mas se voltarem a cruzar-se com a minha vão-se arrepender.

Foi caminhando para trás para não se virar de costas para eles enquanto lhes apontava a pistola. Por fim, fundiu-se com as sombras da noite e desatou a correr enquanto se ouviam os gritos de socorro ao longe.

De regresso a sua casa sentiu-se em paz consigo próprio.

Omar Salem estava furioso. Andava de um lado para o outro no seu escritório enquanto falava com Mohamed e Yusuf.

— Como é que te atreveste a atacar uma família leal ao mufti? Queres que nos matemos entre nós?

Yusuf parecia preocupado, mas Mohamed estava calmo. Não tinha medo de Omar Salem, nem ficava impressionado com a sua riqueza e com o seu poder. Quando Omar acabou a sua reprimenda, Mohamed começou a falar.

— Eu não concordo com a estratégia de atacar pessoas indefesas. Se temos de lutar contra os judeus, façamo-lo, enfrentemo-los de cara descoberta, e não queimando as suas casas nem pondo os seus filhos em perigo.

— É para não estarem sossegados, para assumirem que esta terra não lhes pertence...—começou a dizer Yusuf.

Mas Omar interrompeu-o de repente cheio de raiva pelas suas palavras.

— Atreveste a questionar as ordens do mufti? Tu? O teu pai envergonhar-se-ia de ti.

Mohamed ficou tenso e olhou fixamente para Omar Salem e nos seus olhos havia tanta ira que este recuou.

— Não menciones o meu pai para lhe atribuíres comportamentos indignos. Ele nunca teria concordado com que se queimassem quintas e hortas. Se estivesse aqui, aplaudiria o que eu fiz.

— Como te atreves a pensar que podes fazer justiça? Quem és tu para decidir isso?—continuou Omar com a voz carregada de raiva.

— Não faço justiça, só tento viver em paz comigo próprio. Há momentos na vida em que a única forma de nos salvarmos a nós próprios é matando ou morrendo; desta vez salvei a minha honra, por isso os vossos amigos continuam vivos. Mas garanto-te que todas as manhãs, quando olho para a cara do meu filho Wadi, arrependo-me de os ter deixado viver.

Mohamed não só pensava em Wadi, também pensava em Marinna. Ainda tremia ao recordar a sua própria angústia quando julgou que ela pudesse estar no meio das chamas. Como podia perdoar os responsáveis que estiveram prestes a tirar-lhe quem mais amava, o seu filho mais velho e Marinna?

Naquele dia quebrou-se a confiança entre Omar e Mohamed. Omar soube que Mohamed agiria sempre de acordo com a sua própria consciência e que não acataria nenhuma ordem com a qual não estivesse de acordo, e isso fazia com que não pudesse confiar totalmente nele.

Quando mais tarde Yusuf foi ver o seu cunhado, expressou-lhe a sua preocupação pelo que tinha acontecido.

— O Omar sempre foi um bom amigo para ti—disselhe em jeito de repreensão.

— Eu é que fui um bom amigo para ele, ou achas que ele vale mais do que eu?

— Não te podes opor ao mufti.

— Opor-me-ei a quem quiser. Respeito o mufti, mas não lhe pertença.

Os dois cunhados discutiram durante algum tempo sem chegarem a nenhum acordo.

A polícia britânica apareceu na casa de Mohamed. Suspeitavam que o incêndio da alcaria próxima a Jerusalém tinha que ver com o que tinha acontecido na Horta da Esperança. Alguém tinha sussurrado em algum ouvido complacente que Mohamed Ziad tinha informações sobre os dois acontecimentos. A polícia levou-o para o interrogar, mas Mohamed mostrou-se teimoso ao garantir que não sabia do que lhe estavam a falar. Esteve dois dias nas masmorras e depois soltaram-no porque não tinham provas para o deter.

Dina enfrentou o seu filho.

— Ainda não sofremos o suficiente? Não devias ter...

Mas ele não a deixou continuar.

— Mãe, não fiz nada de que tenha de me arrepender, em todo o caso deixa-me tratar da minha consciência.

— Tens dois filhos e uma esposa, pensa neles, Mohamed.

— Há coisas que faço por eles, outras por mim.

Salma não se atreveu a recriminar nada ao seu marido, embora temesse aquilo que pudesse acontecer.

Foi naqueles dias que a vida de todos voltou a sofrer uma reviravolta com a chegada de Samuel. Foi Miriam quem disse a Dina que Samuel estava prestes a chegar à Palestina e que viria acompanhado por dois amigos de infância.

— Vai pedir o divórcio, Dina, quero que sejas a primeira a saber, pois sei que gostas muito do

Samuel.

— Porque é que não esperas para falar com ele? Talvez ainda se possa resolver...

— Nestes anos a única coisa que houve entre nós foi uma ou outra carta. O Samuel mostrou-se prolixo contando-nos o que acontece na Europa e mal se interessou pelo que acontece aqui. Ele não queria ter filhos, fui eu que quis; de maneira que gosta deles, mas não se sente especialmente vinculado à Dalida e ao Ezequiel. Vem porque sente que tem de o fazer depois do que aconteceu ao Ezequiel, mas também porque, tal como eu, quer o divórcio. Tenho a certeza disso.

Dina gostava muito de Miriam, sentia por ela uma grande afinidade apesar de ser mais jovem.

O Samuel e eu estamos perto dos setenta e a Miriam mal passou dos cinquenta, mas é como se tivesse vivido muito mais. Tem o olhar tão triste..., pensou Dina.

Samuel chegou pouco tempo depois de, sob ordens do governo britânico, o conde Peel ter criado uma comissão de investigação sobre a situação na Palestina.

— Quando os ingleses não sabem o que fazer nomeiam uma comissão de investigação—queixou-se Mohamed.

— E o que lhes aconteceu desta vez?—perguntou Dina apreensiva.

Foi Mohamed quem anunciou à sua mãe que Samuel já estava em Jerusalém.

— O Igor disse-me que o Samuel está alojado no King David e que pretende vir visitar-nos. Quer que conheças os seus amigos. E... devo dizer-te... que o Samuel está acompanhado por uma mulher, uma aristocrata russa...

Dina sempre tinha suspeitado de que por detrás da ausência de Samuel havia outra mulher. Miriam tinha-lho insinuado. Perguntava-se como devia agir se Samuel aparecesse com outra.

Passaram dois dias sem saberem mais nada sobre Samuel. Não se atrevia a aparecer na Horta da Esperança para perguntar por ele porque nem Kassia nem ninguém da casa a tinham visitado para lhe anunciar a chegada de Samuel. Imaginava que estivessem todos alterados por causa da presença daquela mulher da qual Mohamed lhe tinha falado.

Por fim, numa tarde, viu Miriam chegar lavada em lágrimas. Olharam uma para a outra e Dina não soube o que dizer. Pegou-lhe na mão e convidou-a a sentar-se.

— O Samuel já está aqui, chegou há quatro dias. Não se atreveu a vir à Horta da Esperança, por isso pediu ao meu cunhado Yossi que nos informasse, queria saber se seria bem recebido, se eu o deixava ver as crianças e se, além disso, eu queria falar a sós com ele. Já podes imaginar a irritação da Kassia. Sentiu-se muito magoada com a atitude do Samuel... Não nos disse nada, mas apareceu no King David e quando encontrou o Samuel com essa mulher, com a Katia... nem imaginas a sua surpresa... Eu... bem, eu nunca disse a ninguém que sabia que havia outra mulher na vida do Samuel. O Konstantin e a Katia são muito especiais para ele, cresceram juntos. O avô da Katia ajudou o pai do Samuel depois de um dos pogroms... Enfim, ele sente-se muito unido à família Goldanski. Voltaram a reencontrar-se em Paris e quando os vi juntos pela primeira vez soube que estava tudo acabado entre mim e o Samuel. Disse-te que eu ia pedir o divórcio, que era o melhor para os dois, e continuo a pensar o mesmo, mas dói, dói muito.

Dina ouviu-a sem a interromper. Sabia que Miriam precisava de desabafar e tinha-a escolhido a ela. Apertou-lhe a mão para que soubesse que estava do seu lado. Miriam continuou a falar.

— As crianças estavam ansiosas por verem o pai, sobretudo a Dalida, que já tem quinze anos e sente a falta dele. Perguntou-me tantas vezes porque é que não estamos todos juntos... Disse ao Yossi que lhe pedisse para vir, que falaríamos, que as crianças não entenderiam o porquê de o seu pai não voltar para casa e de se alojar num hotel. Mas o Samuel desculpou-se dizendo que não podia deixar o Konstantin e a Katia sozinhos, que preferia que fôssemos todos ao King David. Eu neguei-me a ir ao hotel, porque é que me devia humilhar? Mas pedi ao Igor e à Marinna que fossem e que levassem as crianças. A Kassia não

quis lá voltar e a coitada da Rute não tem muita vontade de sair de casa, já sabes que não está bem. A Dalida regressou tão contente com o reencontro com o pai... contou-me que "a tia Katia" está muito bonita e mostrou-me as prendas que lhe tinha trazido a ela e ao Ezequiel. Até me pediu que os convidássemos para virem à Horta da Esperança embora estivesse preocupada com que eu pudesse não gostar da Katia: "Ela não é como nós... é tão delicada! Mas podemos arrumar um pouco a casa e pôr flores para que fique mais bonita..." Fiz um esforço para me mostrar indiferente e perguntei-lhe pelo Gustav, o filho do Konstantin e da sua esposa Vera. A Dalida disse-me que o Gustav não tinha vindo porque está num colégio interno em Inglaterra, mas que "a tia Vera" tinha vindo e lhe tinha trazido uma blusa de seda como presente. Hoje de manhã recebi um bilhete do Samuel; pedia-me que nos encontrássemos e explicava-me que só depois de nos vermos em "terreno neutro" é que ele viria à Horta da Esperança. Juro que pensei em dizer que não, mas sei que a Dalida não me perdoaria se eu não falasse com o pai, por isso engoli o orgulho e fui ao King David. O Samuel estava à minha espera no bar e por um momento pensei que nada tinha mudado entre nós. Abraçou-me com tanta emoção que comecei a chorar. Mas não me quis enganar. Disse-me que não voltaria à Palestina, que a sua vida estava em Paris, embora passasse muito tempo em Londres "por causa dos negócios", e acrescentou que compreendia que a minha vida estivesse aqui. "Tu não gostavas de estar em Paris, não paravas de mo dizer. E eu percebo, és mesmo palestiniana! Mas talvez as crianças possam passar temporadas comigo; a Katia não se importa, gosta muito delas." Fiquei com vontade de o esbofetear, mas contive-me e perguntei-lhe: "A Katia? O que é que a Katia tem que ver com o que os nossos filhos fazem?" O Samuel ficou tenso e respondeu-me: "Vá, Miriam, vamos ser sinceros um com o outro, tu sabes que a Katia é muito importante para mim. Passámos muito tempo juntos... Na verdade... bem, também queria pedir-te que pensasses no divórcio. Eu já não sou novo e o mínimo que devo à Katia é que a nossa união seja oficial. Ela é mais nova do que eu, tem mais ou menos a tua idade, e no dia em que eu morrer quero que possa chorar no meu túmulo como viúva."

— Como é que ele se atreve a dizer-te isso? Essa mulher envenenou-o, ele não era assim.—Dina tinha deixado a sua indignação explodir.

— Sentime tão humilhada... Respondi-lhe que era eu que queria o divórcio, que me perguntava como é que podia ter chegado a amá-lo, que me arrependia de ter filhos em comum com ele... Não fui capaz de me conter, de manter a compostura... O Samuel ouvia-me imóvel, dizendo-me que compreendia a minha ira, que devíamos ter tomado esta decisão há muito tempo, mas que a distância tinha tornado isso difícil. Confessou-me que no inverno passado teve uma pneumonia e que recebeu pela vida. A Katia cuidou dele sem sair do seu lado e ele ficou comovido. Enfim, vamos divorciar-nos. Pediu-me que o deixasse trazer a Katia e o Konstantin à Horta da Esperança. Quer que todos conheçam os seus amigos.

— Devias ter dito que não!—exclamou Dina indignada.

— Eu disselhe para ele fazer o que achasse conveniente. Não quero que a Dalida me critique.

— E porque é que te criticaria? A tua filha não pode desejar que abras as portas da tua casa a outra mulher.

— Não é a minha casa, Dina, é a casa do Samuel.

— Já não é a casa do Samuel, a casa do Samuel ardeu e foram vocês que levantaram com as vossas mãos e com as nossas esta casa.

— A Horta da Esperança vai ser sempre a sua casa, foi e é a sua única casa, embora ele não o saiba.

— Não podes receber essa mulher!—Dina estava escandalizada.

— Não vou recebê-la. Vem amanhã à tarde e eu vou à Cidade Velha para estar com a minha irmã Judite. Estarão presentes a Yasmin, o Mikhail, o Jeremias, a Anastásia, o Netanel, o Moshe e a Eva e, claro, o Louis... Pedi à Kássia para lhe organizar uma festa de boas-vindas à qual devem ir. A Kássia não queria, mas consegui convencê-la.

— Não te percebo!

— Se soubesses o que isto me custa! Mas digo-te já que o faço pela Dalida. A minha filha ama o pai, tal como deve ser, e agora ele chegou como se fosse um rei... com um fato, bem arranjado e de braço dado com uma condessa... Quando conheceres a Katia vais perceber o fascínio que ela pode ter sobre qualquer adolescente. É uma mulher muito bela, tanto que não parece real. Sempre impecavelmente vestida, penteada, maquilhada, permanece incólume quer chova, quer neve, quer esteja vento ou calor. É perfeita. A Dalida intui que ela é muito importante para o Samuel e por isso precisa de ganhar o seu afeto, acha que assim se aproxima mais do pai.

— Pois eu não quero ver essa Katia!—respondeu Dina cada vez mais zangada.

— Peço-te que amanhã vás à Horta da Esperança. O Samuel está deseioso de ver o Mohamed e a Aya.

— Eu não vou, que vão os meus filhos, mas eu não o farei. Vou contigo ver a Judite.

Não houve maneira de convencer Dina, mas mesmo assim não conseguiu concretizar o seu objetivo de não ver Samuel. Tinha caído a tarde quando Dina regressou da sua visita a Judite. Miriam tinha ficado com a irmã à espera de que Yasmin e Mikhail regressassem. Estava distraída e não se deu conta de que Samuel se aproximava da sua casa. Abriu-lhe a porta e durante uns segundos ficaram a olhar um para o outro sem dizer nada.

— Tive saudades tuas—disse ao cumprimentá-la.

— Depois de quase sete anos de ausência acho que podias ter saudades minhas mais uma tarde—respondeu Dina.

Samuel ficou desconcertado. Se havia alguma coisa de que não estava à espera era de hostilidade por parte de Dina, a quem considerava uma verdadeira amiga.

— A festa correu bem?—perguntou Dina sem lhe esconder o seu incómodo.

— Não, não correu bem embora todos tenhamos fingido que sim. A Rute não quis sair do seu quarto porque não está bem, mal me deixou dar-lhe um beijo e nem sequer estendeu a mão à Katia. A Kassia não dissimula a antipatia que sente pela Katia, apesar de não ter deixado de se render ao Konstantin, tal como o resto da casa. Só o Moshe e o Jeremias é que demonstraram algum interesse. Quanto à Anastásia, já a conheces, é impossível saber o que pensa. Achei o Netanel muito velho, rendido perante a vida. O Igor está como sempre, muito sério. Não me lembrava de a Salma ser tão bonita e o Mohamed tratou-nos com uma estranha formalidade. Na verdade só a Dalida parecia contente, porque o Ezequiel mal nos prestou atenção. O teu neto Wadi já é um homem, tal como o Ben, o filho da Marinna, e o Rami, o filho da Aya. Os três cresceram muito. A Naima e a Noor estão tão crescidas como a Dalida. Olhando para eles, apercebo-me de como o tempo passou.

Ficaram em silêncio sem saberem o que dizer. Dina ofereceu-lhe uma chávena de chá.

— Se for possível, prefiro um sumo de romã—pediu-lhe Samuel.

Serviu-lhe um copo quase sem olhar para ele.

— O que é que se passa, Dina? Vim agradecer-te pelo que o Wadi fez pelo meu filho Ezequiel. Também já agradei à Salma e ao Mohamed. É uma sorte ter um filho tão corajoso e tão honrado. Devem estar muito orgulhosos dele.

— Estamos—respondeu Dina secamente.

— A vida é muito complicada... Lamento que estejas zangada comigo... Teria gostado que as coisas fossem diferentes, mas... enfim, compreendo que te sintas solidária com a Miriam.

Dina não sabia o que lhe responder. Sentia-se incomodada. Depois olhou-o nos olhos para encontrar neles algum vestígio do homem que tinha sido amigo dela e do seu marido durante tantos anos.

— Não te estás a portar bem. Deixar a tua mulher e os teus filhos... Que tipo de homem faz isso,

Samuel?

— Nunca quis ser melhor do que aquilo que sou, mas sei que cometi um erro ao casar com a Miriam, ela não merece sofrer por minha causa. A ti não te posso enganar, sabes que nunca estive apaixonado por ela; gostava dela, sim, éramos felizes, mas não sentia um amor assim tão grande

— Mas se sabias disso e te casaste, assumiste uma responsabilidade. Achas que por não estares apaixonado a tua culpa é mais pequena? Diz-me, Samuel, era preciso trazeres essa mulher?

— Queria que o Konstantin e a Katia conhecessem a Palestina. Não sabes o que se está a passar na Europa, o Hitler está a tornar a vida dos judeus alemães num inferno. Aqueles que podem tentar sair da Alemanha. O Konstantin e eu fazemos o possível perante as autoridades britânicas para que permitam que os judeus que assim o desejem entrem na Palestina. Aqui podem encontrar um lar.

— É a minha terra, Samuel, e também a dos meus antepassados, e a dos meus filhos e netos. Não podem vir todos os judeus do mundo.

— Podemos viver juntos, Dina, tal como fizemos até agora. Se soubesses o que o Hitler faz em tantos lugares... Obriga os judeus a levarem uma estrela de David cosida na lapela. Estão a tirar-lhes as lojas, expulsam-nos das universidades, confiscam-lhes os bens, despojaram-nos da sua condição de cidadãos...

— Lamento o que está a acontecer. Não compreendo o que é que esse Hitler pretende...—Dina ficou em silêncio.

Ouviram passos ténues à entrada da casa e alguém a bater à porta suavemente. Foi Samuel quem abriu deixando Katia entrar.

Dina ficou surpreendida ao ver aquela mulher, pareceu-lhe que tinha saído de um quadro de tão irreal que parecia.

— Dina, quero apresentar-te a Katia.

As duas mulheres olharam uma para a outra. Dina com apreensão, Katia com uma indiferença dissimulada num sorriso rasgado.

— Ouvi falar tanto de si! É a única mulher da qual sinto ciúmes, tal é o afeto que o Samuel tem por si...

— Quer um sumo de romã?—ofereceu-lhe Dina, que não sabia o que dizer.

— Gostaria muito, o Samuel falou-me do seu famoso sumo de romã, tem saudades dele.

Falaram apenas de banalidades. Dina não estava disposta a render-se e quando recuperou da impressão que aquela mulher irreal lhe tinha provocado, respondeu-lhe com a mesma indiferença que Katia lhe mostrava. Entre as duas conseguiram que Samuel se sentisse incomodado e quisesse dar por terminada a visita.

— Temos de regressar ao hotel antes que seja demasiado tarde. Voltarei a ver-te antes de me ir embora—prometeu Samuel a Dina.

Mais tarde, Salma confessaria à sua sogra os pormenores do encontro da Horta da Esperança.

— O Konstantin e a Vera foram muito atenciosos, interessaram-se por cada um de nós, mas a sua irmã parecia incomodada, imagino que, em comparação com o tipo de pessoas com quem se dá, nós devemos ser gente vulgar—disse Salma.

— Não estranho o Samuel não ter regressado, essa Katia não teria podido viver aqui. Seria incapaz de se dobrar para apanhar batatas, nem sequer seria capaz de ordenhar as cabras.—Dina sorriu ao imaginar Katia em semelhantes tarefas.

— O Samuel está muito atento a ela, vê-se que está...—Salma calou-se, não queria ser indiscreta.

— Apaixonado, não é?

Salma assentiu atordoada. Samuel olhava para Katia com a mesma intensidade com que Mohamed e Marinna olhavam um para o outro quando julgavam que ninguém os observava. Sentiu uma pontada de

inveja e de dor por não ser amada da mesma forma.

— A Dalida estava muito contente, mas o Ezequiel parecia mais retraído. De repente, perguntou quando é que a sua mãe regressava e o Samuel ficou incomodado. A Kassia disselhe para ir brincar, que a Miriam tinha ido ver a Judite. O Ezequiel repetiu que queria que a sua mãe e o Daniel regressassem. "É o meu irmão mais velho", disse à Katia e ao Konstantin. Ainda bem que a Vera, a mulher do Konstantin, soube mudar de assunto.

— Como é essa Vera?

— Uma mulher muito agradável, não é tão bonita como a Katia, mas também é uma grande senhora. Estava muito carinhosa com os filhos da Miriam e deu os parabéns ao Wadi por ser tão corajoso e por salvar o Ezequiel. Acho que o pequeno está consciente de que há alguma coisa entre os seus pais que não está bem. A Vera convidou a Dalida e o Ezequiel para irem a Londres. A Dalida mostrou-se entusiasmada, mas o Ezequiel perguntou se podia ir com a mãe. A Katia olhou-o zangada, mas a Vera sorriu e disselhe que podia ir com quem quisesse.

— O Samuel não devia ter trazido essa mulher—afirmou Dina, cada vez mais indignada.

— O Mohamed viu-se na obrigação de os convidar para nos virem visitar, mas acho que o Samuel não quer repetir um encontro como o de hoje e optou por ser ele a convidar todos os homens para irem amanhã jantar ao King David.

— O meu filho não os devia ter convidado! Fico contente por o Samuel ter tido a decência de recusar o convite.

— Mas veio ver-te. Ficou muito desiludido quando viu que não estavas na Horta da Esperança.

— Estava à espera de quê? Sim, veio ver-me, mas já não é o mesmo Samuel que saiu daqui. Aquela mulher mudou-o.

— Não metas a culpa em cima dela—disse Salma, embora se tenha arrependido de imediato.

— E de quem é a culpa?—perguntou Dina zangada.

— Não se pode culpar ninguém por amar outra pessoa que não a que devia amar. O Samuel ama a Katia, foste tu que o disseste, e tem de ser condenado por isso? Eu lamento pela Miriam, não o merece, mas talvez ela sempre tenha sabido que nunca receberia mais do Samuel do que aquilo que recebeu.

Dina não quis continuar a conversa. Dava-se conta de que a sua nora estava a falar de si própria.

Mohamed estava nervoso e perguntou várias vezes à sua mãe e à sua esposa se estava bem vestido. Nunca tinha atravessado a porta do hotel King David, onde o próprio rei Abdullah se alojava quando estava em Jerusalém.

O hotel tinha sido inaugurado uns anos antes e nos seus salões reuniam-se os homens mais poderosos daquela parte do mundo, incluindo os membros da família real do Egito e, claro, as grandes famílias hierosolimitanas.

Louis aproximou-se da sua casa e fez troça de Mohamed ao vê-lo vestido de maneira tão formal.

— Vamos jantar com o Samuel, não com a rainha de Inglaterra—disselhe.

— Tu ainda não estás vestido?—perguntou-lhe Dina, estranhando o facto de Louis estar com a roupa do dia a dia, apenas um pouco mais formal do que era habitual.

Chegaram pontuais, embora Hassan e Khaled já estivessem no restaurante a falar com Samuel e Konstantin. Netanel, Moshe e Igor chegaram depois acompanhados por Jeremias. Uns minutos mais tarde entraram Mikhail e Yossi.

Mohamed não podia deixar de olhar de soslaio para aqueles empregados que cobriam a cabeça com um fez vermelho e tinham modos principescos.

— Agradeço-vos terem aceitado o meu convite. Passei tanto tempo fora... As coisas mudaram, não é? Têm muito para me contar.

O último a chegar foi Yusuf. Mohamed admirou a naturalidade com que o seu cunhado se comportava naquele ambiente de luxo.

Yusuf cumprimentou alguns homens que estavam na sala, um libanês acompanhado por uma mulher europeia, um grupo de sírios com aspeto de conspiradores, até parou alguns segundos junto a Raghib al-Nashashibi, um dos ilustres da cidade.

— Os Nashashibi continuam em confronto com os Husseini?—perguntou Samuel.

— Todos estivemos unidos na greve geral—respondeu Yusuf tentando não se comprometer.

— Ou seja, agora voltam a existir divergências entre eles—concluiu Samuel.

Tanto Yusuf como Mohamed e o seu tio Hassan tiveram de responder às muitas perguntas de Konstantin Goldanski. Aquele russo parecia insaciável no seu afã por compreender a Palestina. Mohamed observava que Louis mal participava e preferia ouvir o que diziam uns e outros. Deve ser verdade que está muito implicado com a Haganah, pensou. Louis ia e vinha sempre sem dizer onde, embora, desde que Samuel tinha decidido ficar em Paris, tivesse assumido a responsabilidade da Horta da Esperança e fosse respeitado por todos os que ali viviam.

— Conheço o conde Peel—dizia Konstantin—, é um homem ponderado, espero que as conclusões da comissão a que preside consigam acabar com os confrontos.

— Ou podem agravá-los—sugeriu Hassan.

— Não consigo perceber porque é que árabes e judeus não podem chegar a um acordo—comentou Konstantin.

— Sim, podem, mas com condições. Chegaram muitos judeus, mais do que alguma vez vamos conseguir imaginar. Compram as nossas terras e vão retirando de lá os nossos camponeses. A única coisa que queremos é que a Inglaterra enterre a Declaração de Balfour. Que direitos têm os britânicos sobre a Palestina? Lutámos com eles na Grande Guerra em troca de umas promessas que não cumpriram. Enganaram o xerife Husayn e os seus filhos, o Faysal, e também abandonaram o Ali à sua sorte, embora de momento aceitem que Abdullah governe a Transjordânia porque lhes convém—resumiu Hassan.

— Eu lutei lado a lado com os britânicos tal como o meu cunhado Mohamed e o seu primo Khaled. Fizemo-lo por uma grande pátria árabe, e nessa pátria cabiam os judeus. O xerife não se opunha a que vocês tivessem um lar entre nós, Faysal também não, mas havia condições, e os britânicos cumpriram essas condições. Porque é que nós devemos entregar a nossa terra?—Yusuf falava por si próprio, mas os seus interlocutores não se esqueciam de que trabalhava para um hierosolimitano poderoso como Omar Salem.

— E tu, Louis, o que achas sobre o que se está passar?—perguntou-lhe Hassan.

Os homens olharam para Louis expectantes. Sabiam que estava muito bem relacionado com os chefes dos judeus e que, de entre todos, ele era leal a Ben-Gurion.

— Árabes e judeus temos de partilhar a Palestina, e quanto antes todos nós o assumirmos melhor—sentenciou Louis.

— E porque é que devemos partilhá-la?—insistiu Hassan.

— Porque estamos todos aqui.

— Nós estávamos aqui antes de vocês terem chegado ao fugirem dos vossos czares.

— Estavam? Desde quando? Esta é a terra de Judá, onde os cananeus se estabeleceram, também foi dos egípcios, sem nos esquecermos dos filisteus, passaram por aqui os macedónios, os romanos, os bizantinos, os persas, ao árabes, os abássidas, os fatímidas, os cruzados, os otomanos... e agora estão os britânicos. Nós, judeus, somos o pó desta terra e não vou discutir se tu também és ou não.—Durante uns segundos as palavras de Louis provocaram um silêncio.

— Podem ficar se aceitarem fazer parte de um Estado árabe. Era esse o acordo—disse Yusuf olhando

fixamente para Louis.

— Vocês têm os vossos acordos com os britânicos e nós os nossos. Mas ambos devíamos saber de cor que os britânicos só vão prometer em função dos seus interesses, por isso a balança penderá a favor de uns ou outros conforme o que lhes convier. A Palestina será o que nós e vocês decidirmos que seja—respondeu Louis.

— Não gosto de ouvir falar de "nós" e "vocês". Quando éramos jovens acreditámos que era possível um mundo onde todos seríamos iguais.—Nas palavras de Samuel havia um tom de tristeza.

Desta vez foi Moshe quem tomou a palavra. Estava incomodado, deslocado, era o único que não se sentia entre amigos.

— Os sonhos de juventude chocam com a realidade da vida quotidiana. Foi Maiakovski que o escreveu referindo-se ao amor, mas serve para tudo o resto.

— A realidade será o que formos capazes de construir—respondeu Samuel.

— Somos nós, homens, que vamos formando a realidade, homens diferentes, com interesses, crenças e sonhos distintos. Nós, judeus, acreditámos que a Revolução de Outubro nos traria um tempo novo em que deixaríamos de ser cidadãos de segunda. Lutámos com outros homens, julgando que partilhávamos o mesmo sonho, mas quando a batalha terminou fomos verificando que o nosso sonho era diferente. Esta é a realidade e não a dos nossos sonhos—afirmou Moshe.

— Então o que propões para a Palestina?—perguntou Konstantin.

— Não tenho a solução, só sei que o que os árabes querem choca com o que nós queremos, e que chegará o dia em que lutaremos pelo que cada um quer.—As palavras de Moshe pareciam uma premonição.

— Parece que ficas contente com o confronto—interrompeu-o Mohamed.

— Tu estiveste no campo de batalha, eu também. Os dois sabemos o que é ver morrer homens ao nosso lado enquanto pensávamos que podíamos ser o próximo a cair. Não me agrada a violência, mas é inevitável. O czar nunca abdicou nem um centímetro do seu poder, tivemos de lho tirar à força. Vocês lutaram contra os turcos para construírem uma nação árabe. Eles nunca vos teriam cedido nem um palmo de terra. E agora aqui estamos entre árabes e judeus a ocupar o mesmo terreno. Nós estamos empenhados em recuperá-lo porque foi o lar dos nossos antepassados, é aqui que crescem as nossas raízes, é aqui que está a nossa razão de ser. Vocês não querem partilhá-lo porque estão há séculos estabelecidos nesta terra... Quem sabe a quem é que os teus antepassados rezavam... Há homens que quando lutam é até à morte, o vosso mufti é esse tipo de homens.—Moshe olhou-os expectante.

— E pelo que se vê, tu também—respondeu-lhe Hassan.

Foi Konstantin quem mudou de assunto com uma pergunta banal.

Quando Mohamed se despediu de Samuel, este abraçou-o durante algum tempo.

— Vou visitar-te. Temos de falar.

Mohamed assentiu. Gostava verdadeiramente de Samuel e respeitava-o. Tinha sido amigo do seu pai e ele assumia a carga dessa amizade, embora muitas vezes não compreendesse aquele homem que agora lhe parecia diferente, com aquela roupa elegante naquele hotel luxuoso, onde o esperava uma mulher que era tão bela e distinta que deixava qualquer um sem fôlego. Embora dissesse para si próprio que a sua beleza delicada não podia ser comparada com a de Marinna, que possuía uma elegância natural e parecia uma princesa até quando se inclinava com a enxada sobre a terra. Por um momento invejou Samuel por se atrever a fazer aquilo a que ele nunca se atreveria, viver com a mulher pela qual estava apaixonado. Não, ele não seria capaz de abandonar Salma, Wadi e Naima. O seu sentido de honra impedia-o. O seu pai nunca teria perdoado uma infâmia como essa. Mas não era por isso que deixava de sonhar com Marinna.

Dina estava de mau humor. Mohamed tinha-lhe dito que Samuel os visitaria ao final da tarde.

— Mas vem sozinho, não é? Essa condessa russa não é bem-vinda aqui—disselhe a mãe.

— É nosso amigo e temos de recebê-lo com quem quer que venha—respondeu ele.

Para alívio de Dina, Samuel apareceu sozinho. Notava-se que aquela visita tinha apenas o objetivo de falar a sós com Mohamed, por isso Dina e Salma retiraram-se da sala.

— Não sei como te agradecer pelo que o teu filho Wadi fez pelo Ezequiel. Se o meu filho está vivo é graças à coragem do teu. Estamos em dívida para contigo. Gostava que o Wadi viesse estudar para Inglaterra com o Ezequiel. Há excelentes colégios internos onde podem aprender o que quiserem. É uma boa oportunidade para os dois.

— Agradeço-te a oferta, mas não me quero separar do Wadi.

— Vá, Mohamed! Sabes quantos filhos das velhas famílias de Jerusalém são educados na Inglaterra? Achas que os britânicos são teus inimigos, não vou discutir se tens ou não razão para confiar neles, mas pelo menos não impeças que o teu filho tenha a oportunidade de receber uma boa educação. Tu próprio estudaste numa escola britânica, em St. George.

— Não quero mandar o meu filho para a pátria dos meus inimigos. Não percebes o que os ingleses nos estão a fazer?

— Não são piores com os árabes do que com os judeus—respondeu Samuel.

— Não me debes nada, Samuel.

— Devo ao teu filho a vida do meu.

Mohamed ficou em silêncio, incomodado com o rumo que a conversa tinha tomado.

— Bem, não vou insistir, mas se um dia mudares de opinião, só tens de me escrever e de mo dizer.

— O Ezequiel e a Dalida vão contigo para Londres?

— É o que eu quero, e espero convencer a Miriam a deixar-me ter os meus filhos por perto. Mas falemos de outras coisas. Na outra noite fiquei preocupado ao ouvir o teu cunhado Yusuf.

— Esta já não é a Palestina que conhecestes, Samuel. Todos os dias aumenta a cisão entre árabes e judeus. Se soubesses a censura que sofremos por nos terem visto contigo no King David... Um dos meus melhores amigos quase me acusou de traição.

Desta vez foi Samuel quem ficou em silêncio. Pareceu hesitar antes de falar.

— Não te quero enganar, Mohamed. Tanto o Konstantin como eu estamos envolvidos no auxílio aos judeus que tentam fugir da Alemanha. Colaboramos com a Agência Judaica e, através dela, com os chefes daqui.

— Tu não eras sionista.

— E não sou, não tenho apego a nenhuma pátria. Qual é a minha? Aquela aldeia polaca onde nasci? A Rússia, que era a pátria do meu pai? Talvez a França, a pátria da minha mãe? Ou a Palestina porque sou judeu? Não, não me interessam as pátrias, os homens matam-se por elas.

— Mas ajudas os da tua raça a fazerem da Palestina a sua pátria.

— Ajudo-os a viver.

— Não, não é só isso. Se colaboras com a Agência Judaica então pretendes o mesmo que eles, fazer da Palestina a pátria dos judeus, e para isso precisam de nos expulsar daqui.

— É assim que vês as coisas?

— É assim que elas são.

— Conheces a minha história, Mohamed. Sabes que a minha mãe e os meus irmãos foram assassinados durante um pogrom e que eu próprio tive de fugir de São Petersburgo depois de assassinarem o meu pai. Vim para aqui porque ele sonhava com o dia em que viríamos juntos para cá, mas não para procurar uma pátria.

— Sim, talvez os primeiros judeus russos que aqui chegaram a fugir do vosso czar só tivessem a

intenção de viver aqui em paz, mas agora querem ficar com a nossa terra.

— Essa não é a minha intenção, Mohamed.

— Talvez não seja, mas ajudas quem a tem.

Não tinham muito mais para dizer um ao outro, por isso cada um se concentrou nos seus próprios pensamentos enquanto acendiam um cigarro. Foi Samuel o primeiro a falar.

— Quero pedir-te um favor.

Mohamed assentiu com um aceno, convidando-o a falar.

— Se o confronto for inevitável... se as coisas correrem mal... promete-me que protegerás os meus filhos, caso a Miriam não os deixe vir comigo.

— Nunca levantaria a mão contra a Horta da Esperança—respondeu Mohamed ofendido.

— Eu sei, tal como sei pelo Louis que castigaste quem queimou a nossa casa, as oliveiras, o laboratório...

— O que é que o Louis tem que ver com isso? O que eu faço é da minha responsabilidade.

— Se o confronto avançar, protegerás os meus filhos?—insistiu Samuel.

— O meu pai não me perdoaria que fosse de outra forma.

— Se o Paraíso existe, estará lá o meu bom amigo Ahmed, o melhor homem que conheci na vida.

Samuel ainda não tinha saído de Jerusalém quando chegou a notícia das conclusões do Relatório Peel. A recomendação do aristocrata britânico era dividir a Palestina em duas partes: numa viveriam os judeus e, na outra, os árabes; cada um se governaria como considerasse oportuno e Jerusalém ficaria sob o controlo do Império Britânico. Omar Salem convocou uma reunião na sua casa.

— Nunca aceitaremos a divisão da nossa terra!—exclamou um dos seus convidados.

— Cometemos um erro ao não prestar atenção ao conde Peel. Os sionistas cultivaram a sua relação com ele enquanto nós o ignorávamos—comentou Yusuf para escândalo de quem o ouvia.

— Achas mesmo que teria mudado alguma coisa? O que é que podíamos dizer mais? Os britânicos e o seu comissariado sabem bem quais são as nossas reivindicações: que não permitam que continuem a chegar milhares de judeus que pretendem ficar com a nossa terra. Quantas vezes vamos ter de o repetir? Naturalmente, também queremos que os britânicos se vão embora.—Enquanto lhe respondia, Omar Salem olhava para Yusuf com receio.

— Não só é preciso ter razão como há que saber defendê-la, e os sionistas tentaram convencer o conde Peel das suas razões. Enquanto os nossos líderes não mostravam qualquer interesse pela comissão, os judeus tentavam afirmar-se—insistiu Yusuf.

— Se calhar devíamos considerar a proposta, parece que mais de setenta por cento da terra ficaria nas nossas mãos e a restante nas dos judeus. Se pressionássemos mais poderíamos aumentar a diferença—referiu outro dos convidados, um homem com alguma idade.

— Nem sequer podemos considerar a proposta! Porque é que havíamos de abandonar a nossa terra nem que fosse só uma fanega? Além do mais, o conde Peel quer que os judeus fiquem com a melhor parte. As terras que dão para o mar, a Galileia, o vale de Jezreel, o que é que nos resta? Os confins do deserto?—respondeu Omar escandalizado.

— Sim, ficaríamos com a pior parte, a Cisjordânia, o Neguev, o vale de Arava, Gaza... E o pior é que pretendem unir essas terras à Transjordânia, por isso deixaríamos de ser um problema tornando-nos leais súbditos de Abdullah—afirmou Hassan irritado.

— Não se pode censurar o emir Abdullah por ver com bons olhos a proposta dos britânicos, afinal de contas a sua família lutou por uma grande nação árabe—referiu Yusuf.

— Ah! Tu estás sempre a defender Abdullah! Sim, ajudámos os ingleses na sua luta contra os turcos julgando que nos permitiriam construir a nossa nação, e olha o que deixaram à família dos hachemitas,

migalhas; a Transjordânia é a esmola que deram a Abdullah—respondeu Hassan.

— Yusuf, devias decidir se o teu coração está com Abdullah ou com a Palestina—disse um dos convidados, e a suas palavras pareciam conter uma ameaça.

Todos os homens olharam para Yusuf à espera da sua resposta.

— Não te vou responder. Todos me conhecem e sabem que derramei o meu sangue no campo de batalha. Sim, sempre fui leal à família hachemita, fui leal a Husayn como guardião de Meca, lutei junto aos seus filhos, com Faysal e com Abdullah. Eu sei quem são os meus inimigos, os britânicos, não Abdullah.

— Não vamos discutir entre nós—intercedeu Omar.—Um amigo contou-me que os chefes sionistas também não gostam da solução do conde Peel. Eles querem toda a Palestina, por isso em alguma coisa estamos de acordo.

— Aceitá-lo-ão, contrariados, mas aceitá-lo-ão—afirmou Mohamed surpreendendo os convidados de Omar.

— O quê? Não, não vão aceitar—garantiu o seu tio Hassan.

— Vão protestar e fingir que estão ofendidos, vão dizer que não podem abdicar de Jerusalém, mas aceitá-lo-ão. Fá-lo-ão porque é mais do que aquilo que têm, mais do que podiam esperar. Não são estúpidos. O Yusuf tem razão—concluiu Mohamed.

Discutiram durante algum tempo preocupados com a hipótese de a Inglaterra impor a divisão da Palestina. Omar mostrou-se decidido:

— O mufti jamais o vai aceitar, os notáveis palestinos também não se vão deixar enganar.

Depois fez um pedido a Mohamed:

— Já que tens tão boa relação com os teus vizinhos judeus, devias falar com eles para saber o que é que os seus chefes pensam sobre isso. Talvez o teu tio Hassan tenha razão e eles também recusem a divisão. Não estranharia tal coisa, são demasiado ambiciosos para ficarem apenas com um terço da Palestina.

Não é que Omar Salem não tivesse outros meios de saber o que se dizia entre a comunidade judaica, mas ele gostava de reunir informações de todos os lados. Desde que apoiou as reivindicações do xerife Husayn compreendeu que não se podia derrotar o adversário sem antes saber o que pensava. Yusuf sabia que Omar tinha uma extensa rede de informadores na Palestina, na Transjordânia, na Síria e até no Iraque. E a compilação das suas informações era colocada à disposição dos homens mais leais ao mufti, aqueles que, tal como ele, não tinham dúvidas sobre o objetivo final: expulsar os britânicos e fazer da Palestina um país livre.

Desta vez foi Mohamed quem apareceu na Horta da Esperança à procura de Louis. Tinha pensado em ir ter com Samuel, mas acabou por se decidir a falar com Louis. Sabia que em mais de uma ocasião tinham existido atritos entre os judeus da Palestina e os seus chefes no exterior, e tinha ouvido Louis dizer que os judeus palestinos não deixariam que o seu futuro fosse decidido pelos chefes da Agência Judaica em Londres ou em Zurique, mas sim por eles, ali, na Palestina. Assim pensava Ben-Gurion, e Louis não deixava de ser um discípulo leal daquele homem com aspeto rude e mal-humorado que, no entanto, exercia uma autoridade natural sobre todos aqueles judeus que, como ele, foram chegando dos confins do extinto império dos czares.

Louis não pareceu estranhar ao vê-lo aparecer ao anoitecer. Sentaram-se debaixo de uma parreira a fumar um daqueles cigarros egípcios de que tanto gostavam.

— Vão aceitar o Relatório Peel?—perguntou-lhe diretamente.

Enquanto dava uma longa passa no cigarro, Louis parecia estar à procura de uma resposta. Encolheu os ombros.

— O que nos oferecem não é muito, vinte por cento da terra e muitos inconvenientes. É suposto que os judeus que agora vivem naquela que seria a vossa zona sejam transferidos para os nossos vinte por cento e, pelo contrário, os árabes que vivem na nossa, por sua vez, tenham de abandonar as suas casas para se instalarem nos vossos mais de setenta por cento de terra. Não me parece que essa solução satisfaça ninguém. Quanto a Jerusalém, podemos abdicar dela?

— Então, o que farão?—insistiu impaciente Mohamed.

— E vocês? O que farão vocês? O que é que o Omar Salem e os vossos amigos dizem?—perguntou Louis por sua vez.

— Acho que sabes qual é a resposta.

— Sim, sei. Vocês consideram o Relatório Peel um insulto e, portanto, inaceitável, por isso a vossa recusa será categórica e sem matizes, e contudo...—Louis ficou em silêncio enquanto deixava o olhar vaguear.

— Quem são os ingleses para dividirem a nossa terra e dizer-nos onde é que podemos viver ou não? Achas que podemos aceitar?—Na voz de Mohamed havia ira contida e um profundo aborrecimento.

— A Palestina está sob o Mandato Britânico, quer gostemos quer não, e portanto são eles que têm a faca e o queijo na mão. O conde Peel adotou uma solução quase diplomática, digo quase porque a divisão não é metade para uns e metade para outros, pois são vocês que ficam com a melhor parte. Olha, Mohamed, há dois mil anos que Roma nos deixou sem pátria tornando os judeus nuns párias. Até agora. A única coisa que o movimento sionista persegue é que por fim tenhamos um lugar onde viver. Esse lugar só podia ser a terra dos nossos antepassados. Talvez esses vinte por cento de terra que nos oferecem sejam mais do que alguma vez vamos conseguir. Pouca mas nossa. Daí o dilema.

— E o que é que Ben-Gurion acha?

— Ah, Ben-Gurion! Tão sonhador e tão prático...

Mohamed não precisou de perguntar mais nada. Já tinha a resposta. Os judeus não gostavam da ideia da divisão, mas em última análise podiam aceitá-la. Contou a Yusuf e a Omar Salem a sua conversa com Louis. Omar disselhe que também devia falar com Samuel.

— Disseste-me que o Samuel conhece o conde Peel e que ajuda a Agência Judaica e está bem relacionado com o governo britânico, não perdemos nada em saber a sua opinião.

Yusuf sabia que Mohamed não se sentia bem com Samuel. Os dois cunhados tinham falado sobre a mudança que tinham visto nele. Já não havia rasto do homem que varava as oliveiras para recolher os seus frutos e que ajudava Kassia a cultivar tomates ou passava horas no laboratório com o velho Netanel. Mohamed lembrava-se de que um dia lhe perguntou como era possível que, sendo ele o dono da Horta da Esperança, deixasse mandar todos os que lá viviam. A resposta de Samuel chegou entre gargalhadas: "Não sou dono de nada, a Horta da Esperança pertence a todos os que aqui vivem. E, para que saibas, a Kassia sabe mais do que eu sobre qualquer coisa, tal como o Jacob e o Ariel. Quanto ao Netanel, aprendo com ele todos os dias; eu sou só químico, mas ele é algo mais, sabe fazer milagres com as plantas medicinais." Mohamed perguntou-se quanto é que restaria daquele homem no Samuel elegante e circunspecto, que tinha aparecido de braço dado com aquela condessa, cuja beleza constrangia todos os que olhavam para ela.

Dina não escondia a sua antipatia por Katia; até a sempre prudente Salma, a esposa de Mohamed, também se tinha atrevido a mostrar o seu desagrado perante a presença daquela aristocrata que olhava para elas com ar de superioridade, pelo menos era isso que pensavam. Mas Mohamed não partilhava os seus preconceitos e compreendia que Samuel se tivesse apaixonado por Katia, por muito que gostasse verdadeiramente de Miriam.

Era sobre isto que falava com Yusuf a caminho do hotel King David, onde Samuel os esperava.

Quando chegaram encontraram-no a passear impaciente pelo terraço a partir do qual se vislumbrava a Cidade Velha. Àquela hora da tarde, o sol começava a esconder-se e tinha adquirido um tom avermelhado que parecia incendiar as vetustas pedras. Quando os viu, Samuel dirigiu-se a eles com passo decidido.

— Mas como é possível que o mufti e os seus homens sejam os convidados de honra do cônsul alemão?—disselhes sem sequer os cumprimentar.

Mohamed olhou para Yusuf desconcertado. Não sabia a que é que Samuel se referia, mas tinha a certeza de que o seu cunhado lhe daria uma resposta.

Yusuf pigarreou e procurou com o olhar um lugar resguardado de ouvidos indiscretos. Samuel percebeu-o e levou-os para um canto do terraço onde não havia ninguém naquele momento.

— E porque é que não podemos ter uma boa relação com os representantes do governo alemão?—perguntou Yusuf a Samuel.

— Mas tu não sabes que o chanceler Hitler iniciou uma campanha contra os judeus? Você queixam-se de que estão a chegar centenas de judeus alemães em fuga do seu país. Pois bem, eles não estão à procura da Terra Prometida, eles vêm porque fogem. Fogem porque na Alemanha lhes estão a arrebatar todos os bens e porque ser judeu faz com que não sejam considerados cidadãos. O que é que o mufti pretende gabando-se da sua amizade com o cônsul da Alemanha?

— Não temos nenhum contencioso com a Alemanha—respondeu Yusuf—,mas temo-lo com a Grã-Bretanha. Os britânicos enganaram-nos várias vezes. Precisas que te conte o que sofrem os árabes na Palestina? Porque é que achas que os judeus podem escolher os seus amigos em função dos seus interesses e nós não?

— Como é que podes falar assim? Por acaso os britânicos são mais complacentes connosco? Mas Hitler... esse homem está possuído pelo mal...—sentenciou Samuel.

Mohamed interrompeu a discussão perguntando diretamente a Samuel pelo Relatório Peel, para depois acrescentar que Omar Salem estava interessado na sua resposta.

— És como o teu pai, sempre honrado. O Louis disse-me que falaste com ele e que lhe perguntaste a mesma coisa sem lhe esconderes o interesse do Omar Salem.

Samuel também não estava com rodeios nem gostava de meias-verdades.

— O Plano Peel não é o que os líderes daqui esperavam e por isso não gostam dele, mas discutem se a divisão é melhor do que nada. A proposta parece aceitável para os dirigentes da Agência Judaica; Weizmann acha que é mais do que os judeus alguma vez poderão obter e incentiva-nos a aceitar a divisão.

— Com que então estão dispostos a expulsar-nos da nossa própria terra...—Na voz de Mohamed havia decepção.

— Expulsar? Já falámos sobre isso! Não podemos partilhar esta terra em paz? No seu relatório, Peel propõe que nos fixemos em vinte por cento, nem uma fanega mais. Para os árabes, os restantes setenta por cento, além da Transjordânia, onde Abdullah já reina. Não nos podem oferecer menos.

— Falas como se vocês tivessem direitos—Yusuf não escondia a sua irritação.

— É melhor continuarmos este confronto? Todos os dias há um ataque, uma escaramuça, um kibutz queimado... Isso só levará a que árabes e judeus se sintam como inimigos.

— Já somos, Samuel, já somos por mais que tu não queiras ver. De que outro modo poderíamos considerar aqueles que nos encurralam na nossa própria casa? Um amigo é aquele a quem abres a porta do teu lar e que, quando está lá dentro, te quer expulsar?

— A resposta é atacar os assentamentos agrícolas sem se importarem com a presença de mulheres e crianças...

Cansaram-se depressa daquela troca de acusações, por isso a discussão não se prolongou mais.

— Quanto tempo ficas?—perguntou Mohamed ao despedir-se.

— Não muito, mas ainda tenho coisas para fazer aqui. O Konstantin está mais implicado do que eu com a Agência Judaica e insiste em que vá com ele às reuniões com os nossos líderes na Palestina. Sabes uma coisa? Não é fácil lidar com eles. São tão intransigentes como vocês, embora talvez um pouco mais realistas. Em todo o caso, não estão dispostos a que alguém lhes diga o que devem fazer, até questionam algumas das manifestações de Weizmann, parecem esquecer-se de que devemos muito a esse homem. Weizmann é realista e sobretudo conciliador. Ben-Gurion é menos flexível. Garanto-te que fico esgotado com tantas reuniões. Quero regressar a Londres, estamos há demasiado tempo na Palestina e não te vou esconder que a Katia quer voltar para casa. Para ela, a vida aqui não é fácil. Não preciso de te dizer que não foi bem acolhida. Se a Miriam não teimasse em impedir a Dalida e o Ezequiel de virem para Londres...

Mohamed nunca conseguiu esquecer aquele dia 26 de setembro de 1937. E não porque Lewis Andrews, comissário britânico na Galileia, tivesse sido assassinado por um grupo de patriotas árabes palestinianos, mas sim porque naquele dia Dina foi encontrada sem vida.

Há algum tempo que o sol se tinha posto quando Salma, preocupada porque a sua sogra ainda não tinha saído do quarto, se atreveu a bater à porta. Wadi e Naima tinham ido para a escola, e o silêncio da casa parecia-lhe constrangedor. Bateu suavemente à porta com os nós dos dedos sem obter resposta. Pensando que Dina podia estar doente, atreveu-se a penetrar na penumbra em que o quarto estava envolvido. Dina estava na cama, imóvel, com os olhos fechados. Chamou-a, mas não obteve resposta. Salma sentou-se no leito, pegou na mão dela e, ao notar a sua frieza e a rigidez dos dedos, compreendeu que estava morta. Ficou imóvel sem saber o que fazer, sem forças para chorar e muito menos para gritar. Estava emocionada e permaneceu durante algum tempo sentada na cama com a mão fria de Dina entre as suas. Depois acariciou-lhe o rosto e o cabelo enquanto lhe murmurava com voz suave o quanto gostava dela, agradecendo-lhe por a ter tratado como uma filha e não como uma nora. Quando recuperou as forças foi à procura de Kassia. Encontrou-a na horta, com as costas curvadas diante de umas raízes que tentavam florescer.

— Kassia, a Dina morreu. Podes mandar alguém avisar o Mohamed?

Kassia endireitou-se desconcertada. O que é que Salma tinha dito sobre Dina?

Salma repetiu-o de novo enquanto abraçava Kassia, que desatou a chorar. Ajudou-a a chegar à casa onde Rute estava a coser sentada ao pé da janela. Aquela casa não era muito diferente da que, anteriormente, tinham levantado com as suas próprias mãos. Uma casa simples, sem nada que não fosse estritamente necessário.

Rute olhou para elas alarmada. Como estava doente, há algum tempo que mal se mexia. Sofria do coração e Kassia não a deixava fazer nenhum outro trabalho que implicasse esforço, por isso costumava coser a roupa dos da casa e ajudar na cozinha.

Era tal a comoção de Kassia que foi Rute quem se aproximou do alpendre onde o velho Netanel dormitava. Ele próprio foi à pedreira e deu a Mohamed a má notícia de que a sua mãe tinha falecido enquanto dormia.

Daqueles dias Mohamed só se lembrava da dor pela perda da mãe. Salma tinha-a amortalhado com a ajuda de Naima e todos os que a conheciam choraram-na. Mas de todos os que apareceram para dar as suas condolências, foi de Samuel que Mohamed mais gostou, agradeceu-lhe sem palavras que estivesse presente sem Katia. A condessa teria estado deslocada e Dina não teria gostado de a ter no seu funeral.

Samuel desatou a chorar à frente de todos. Com a perda de Dina ia-se parte da sua própria vida, do seu próprio ser. Mohamed pensava que, se Samuel tinha gostado de alguém na sua vida, além da sua

família perdida na Rússia, era de Ahmed e de Dina. Ele próprio tinha ficado surpreendido, sobretudo nos anos da sua infância, com aquela amizade livre e sincera que unia Samuel e Dina. O seu pai, o bondoso Ahmed, nunca tinha levantado problemas ao facto de a sua esposa se relacionar com aquele estrangeiro como se se tratasse de um familiar. Por isso, para Mohamed e Aya, Samuel tinha adquirido o mesmo estatuto que Hassan, o irmão de Dina.

Mohamed estava preocupado com a sua irmã. Após a morte da mãe deles, Aya tinha ficado desesperada. Censurava-se e censurava o seu marido Yusuf por não ter estado com ela nos últimos dias da sua vida.

— Se não tivéssemos ido para Deir Yassin...—soluçava abraçada a Marinna, que não encontrava palavras para a consolar.

Omar Salem e outros notáveis hierosolimitanos honraram a família assistindo às exéquias de Dina.

— Lamento muito a tua perda. Mas tens de a ultrapassar, vivemos tempos difíceis. Os britânicos reagiram como cães raivosos à morte do seu comissário na Galileia. Os confrontos espalharam-se por toda a Palestina e devemos estar todos preparados para lutar. O mufti refugiou-se na Mesquita da Rocha, mas não vai ficar ali durante muito tempo, preparámos a sua fuga para o Líbano e talvez de lá vá para Bagdade.

— Era necessário matar aquele homem?—quis saber Mohamed, e a sua pergunta pareceu escandalizar Omar Salem.

— O que estás a perguntar?! Estamos em guerra, Mohamed; não é uma guerra em campo aberto, mas é uma guerra, e nas guerras mata-se e morre-se. Não foste tu quem disse que às vezes a única maneira que temos de nos salvarmos a nós próprios é matando ou morrendo? Pois tinhas razão e é isso que faremos: matar e morrer para nos salvarmos como povo.

— Também estão a morrer árabes e não só às mãos dos britânicos. Quem for considerado suspeito de não apoiar a revolta contra os ingleses ou de se relacionar com judeus tem de ter cuidado para não perder a vida.—Mohamed olhou provocador para Omar.

Wadi interrompeu a conversa entre o seu pai e Omar Salem. Mohamed sentiu-se reconfortado com a proximidade do filho, que apesar de ser um adolescente tinha uma serenidade e um domínio de si próprio que homens mais velhos teriam gostado de ter.

Era a hora da despedida definitiva de Dina. Os homens preparavam-se para levar o caixão e as mulheres esperariam em casa até que eles depositassem o corpo de Dina nas entranhas da terra.

— Bem, antes de irmos embora, queria só dizer-te mais uma coisa—disse Omar pondo uma mão no braço de Mohamed.

— Diz.

— Devias ser mais prudente na tua relação com os teus vizinhos judeus. Tens de perceber que nas circunstâncias atuais não é bom ter uma relação com essa gente... Temos de estar precavidos, também há traidores entre nós.

— Tu conheces o Samuel e o Louis... Sabes que trabalho na pedreira do Jeremias e que o Igor é o capataz... O Yossi foi nosso médico tal como o foi o seu pai, o bondoso Abraham.. E a Kassia era como uma irmã para a minha mãe tal como é a Marinna para a minha irmã. A Rute é uma boa mulher...

— Cala-te! Não preciso que me lembres quem são os teus amigos, mas tanta intimidade... acho que não podes continuar assim durante muito mais tempo... Um dia vais ter de acabar com esta relação.

— Acabar? Porque é que havia de o fazer?—Mohamed tinha ficado tenso e mal controlava a raiva que as palavras de Omar lhe tinham provocado. Estava verdadeiramente furioso porque o tratava como se tivesse algum poder sobre ele.

— Britânicos, judeus... são os inimigos, Mohamed. Ou eles ou nós. Será que não percebes? Por acaso

queres ser cego? Eu também tive alguns judeus entre os meus conhecidos, homens com quem passei bons momentos de conversa e com os quais fiz alguns negócios, tenho estima por alguns deles, mas agora não se trata do que eu sinto ou da forma como as coisas foram no passado. A questão é que os judeus, com a ajuda dos britânicos, se querem apoderar da nossa pátria, e isso faz deles nossos inimigos. Ou nós ou eles, portanto não há nenhuma ambiguidade. E agora enterremos a tua mãe e que Alá a tenha no Paraíso porque era uma boa mulher.

Jeremias tinha proposto a Mohamed que tirasse dois dias para tratar dos seus assuntos. Na verdade, Mohamed não tinha nada de especial para fazer exceto recordar a sua mãe. Era para ele insuportável não a encontrar com as primeiras luzes do dia, a preparar o chá e os alimentos com os quais começar a jornada. A casa parecia ter morrido com Dina.

Com a ajuda da sua filha Naima, Salma guardava a roupa de Dina e separava algumas peças para distribuir entre os mais chegados. O seu véu preferido tinha sido para Kassia; as pulseiras de prata, para Aya. Tinha sido precisamente Aya a insistir em que a sua cunhada Salma ficasse com dois anéis que a sua mãe usava nas festas de família. Também Naima e Noor tinham recebido lembranças da sua avó. E, para Mohamed, o Alcorão que a sua mãe guardava como uma relíquia porque o tinha recebido das mãos do seu pai quando casou.

Custou-lhe regressar à rotina da pedreira e da vida em família. Embora Salma se mostrasse atenta e fizesse o possível por lhe tornar a vida agradável, não conseguia que a sua companhia fosse suficiente para não se sentir sozinho. Via-a mover-se pela casa sempre diligente e ela, ao saber-se observada, dirigia-lhe um ténue sorriso. Não tinha nenhuma queixa de Salma, era uma esposa leal e uma mãe abnegada que conservava quase intacta a sua beleza. Mohamed pensava que não merecia o amor de Salma por não ser feliz só com a sua presença. Qualquer outro homem teria dado graças a Alá por ter a sorte de ter uma esposa como ela. Até Igor. Tentou esquecer esse pensamento, incomodado consigo próprio. A verdade é que em mais de uma ocasião tinha surpreendido Igor a olhar dissimuladamente para Salma. Não é que a olhasse com impertinência nem com lascívia, mas sim com interesse, como se visse nela alguma coisa que os outros eram incapazes de ver. E, nas poucas vezes em que agora partilhavam algum momento com os habitantes da Horta da Esperança, Mohamed tinha reparado que Igor se mostrava especialmente atencioso para com a sua esposa, dirigindo-se a ela com muita deferência, atento para ver se comia ou se tinha o copo cheio de sumo de romã. Salma não parecia estar consciente desta atenção. E, embora Mohamed ficasse incomodado com a amabilidade de Igor para com Salma, não o censurava já que se mostrava sempre atento, sim, mas também respeitoso. Seria possível que Igor o invejasse por Salma? Não, não podia ser tendo em conta que estava casado com Marinna, e para Mohamed não havia nenhuma mulher no mundo que estivesse à altura dela. Sentia por Marinna um amor absoluto que lhe provocava uma sensação difusa de asfixia fruto da ansiedade. Sabia que ela sentia o mesmo, dizia-lho com o olhar. Suspirou, querendo afastar-se dessas fantasias que aumentavam a sua melancolia.

A sua apatia desesperava o seu cunhado Yusuf.

— Não podes continuar assim. Não te apercebes daquilo que está a acontecer?

— Eu sei, os ingleses mandaram mais homens e os nossos estão a morrer nos confrontos—respondeu Mohamed um pouco contrariado.

— Além disso, instauraram a pena de morte para todos aqueles que levem armas—acrescentou Yusuf.

— E estás surpreendido? Estão dispostos a ficar quer gostemos quer não—replicou Mohamed.

— Os judeus continuam a armar-se.

— Eles também têm alguns problemas com os ingleses e, no que nos diz respeito, até agora a única coisa que têm feito é defender-se dos nossos ataques. A Haganah dedica-se a proteger os colonos dos kibutz, mas não atacou nenhuma aldeia árabe.

— Os ingleses vão-se encarregar disso, pois aprovaram uma lei através da qual podem demolir as casas dos suspeitos de participarem na revolta. Sabes quantos árabes já ficaram sem casa?—As palavras de Yusuf estavam carregadas de raiva.

— Sabes o que me preocupa, Yusuf? Que não tenhamos um chefe que dirija a rebelião e que alguns dos nossos julguem e condenem outros homens por considerarem que não apoiam suficientemente a rebelião. Árabes a matar árabes...

— Os traidores são julgados, por acaso não deve ser assim? E já que falamos sobre isto, não te quero ofender, mas o Omar Salem tem dificuldade em convencer alguns dos seus amigos de que és um dos nossos. Não percebem a tua relação com os teus vizinhos nem que continues a trabalhar na pedreira.— Yusuf sentiu alívio por se ter atrevido a expressar a sua preocupação ao cunhado.

— Muitos dos que me criticam não mexeram um dedo quando lutámos contra os turcos. Podes dizer ao Omar que diga aos seus amigos que matarei quem quer que me acuse de traição. Mas também defenderei o meu direito a escolher os meus amigos e a discordar de algumas das ações dos nossos.

— Não estás a ser prudente, Mohamed, pensa na tua família, tens mulher e filhos, e uma irmã e sobrinhos... O teu tio Hassan dá a cara por ti em todas as reuniões e não penses que lhe é fácil. No outro dia o teu primo Khaled teve um confronto com um homem que questionou a tua lealdade.

— Imagino que um dia vou receber a visita de um cobarde que se vai refugiar na sombra da noite para atacar a minha casa. Metralharam a casa de Raghil al-Nashashibi, cuja família é das mais importantes da Palestina. Nem ele, que é um patriota, se livrou da ira dos exaltados.

— Deixou de apoiar o mufti—justificou Yusuf.

— Será que só são patriotas aqueles que estão de acordo com o mufti? Que eu saiba, no início os Nashashibi apoiaram a rebelião, mas eles não gostam dos métodos do mufti, e eu também não.

— É por isso que não usas o keffiyeh...

— Prefiro o fez.

— Que é o que usam os seguidores dos Nashashibi...

Mohamed costumava encerrar aquelas discussões recordando a Yusuf que o emir Abdullah não tinha mostrado muitas reservas em relação à divisão da Palestina tal como a Comissão Peel tinha proposto. Yusuf ficava magoado ao ver que alguns árabes se referiam a Abdullah como um lacaios dos britânicos. Não é que concordasse com a política do emir, mas percebia que não tinha muitas opções para se manter à frente da Transjordânia. O emir sabia que, sem o apoio britânico, ficaria sem reino, por isso jogava bem aquela cartada. Dos sonhos do seu pai, o xerife Husayn, só restava aquele pedaço de terra convertido em reino improvisado. Os britânicos tinham tropas estabelecidas na Transjordânia e faziam crescer anualmente os cofres do reino.

— Abdullah não pode enfrentar abertamente os britânicos—referiu Yusuf em defesa do emir.

— Ele defende os seus próprios interesses e é preciso aceitar que esses interesses não têm motivos para coincidir com os nossos—respondeu Mohamed.

— Lutámos com os hachemitas por uma grande nação árabe, tu próprio fizeste parte das tropas de Faysal—replicou Yusuf.

— Sim, e sem querer abrimos a porta aos britânicos.

Numa sexta-feira, ao regressar das rezas na Mesquita da Rocha, Mohamed encontrou Igor na sua casa a falar despreocupadamente com Salma. Wadi e Naima estavam com eles, tal como Ezequiel e Ben, mas mesmo assim ficou incomodado ao ver que Igor se tinha atrevido a entrar na sua casa sabendo que ele não estava.

— Vim buscar o Ben e o Ezequiel, a Marinna estava impaciente por não irem para casa. E quando o Ben e o Ezequiel desaparecem só os podemos encontrar num sítio, aqui—disse Igor com um sorriso um

pouco forçado enquanto se despedia pegando na mão do seu filho.

Mohamed olhou para Salma, mas no rosto da sua mulher não viu nada que não fosse doçura.

— De que é que estavam a falar?—perguntou Mohamed a Salma.

— De nada em concreto, das travessuras das crianças. Parece que o Ezequiel está especialmente nervoso desde que sabe que a sua irmã Dalida vai com o Samuel e não para de chamar a atenção fazendo traquinices. O Igor contou-me que o Ezequiel fugiu duas vezes da escola e que a Miriam não sabe o que fazer com ele.

Viu nos olhos de Salma alguma curiosidade, como se se tivesse dado conta do seu incómodo, e isso, longe de a preocupar, encheu-a de satisfação.

— Não me parece bem que venha aqui sozinho sabendo que eu não estou—disse Mohamed.

Salma olhou-o surpreendida e mordeu o lábio tentando conter a resposta; depois, procurando as palavras apropriadas, retorquiu:

— São teus amigos, Mohamed, e até agora sempre foram bem recebidos nesta casa, mas se te incomoda tentarei evitá-los.

— Não se trata disso... mas não acho bem que venha sozinho.

— É a primeira vez que vem sozinho, mas se regressar não te preocupes, não o vou receber.—Salma disse isto olhando-o fixamente e Mohamed pareceu ficar sossegado.

— O Omar Salem tem razão, a relação entre árabes e judeus será cada vez mais difícil.

Salma não disse nada.

Samuel foi visitar Mohamed numa tarde chuvosa de novembro. Há alguns dias que Jerusalém se tinha visto sacudida por atentados perpetrados por uma organização de sionistas ultranacionalistas chamada Irgun.

— Venho despedir-me, vou voltar para Inglaterra. Lamento o que aconteceu em Jerusalém..

— Lamentas? Não eras tu que ficavas escandalizado por os árabes atacarem colónias judaicas e combaterem os ingleses? Como vês os teus amigos dedicam-se a mandar bombas para os cafés onde homens pacíficos e desarmados conversam despreocupadamente.

— E tu achas que eu aprovo isso? Só te posso dizer que nem Ben-Gurion nem a Agência Judaica estão de acordo com essas atrocidades... Entre nós também há extremistas que me parecem tão repugnantes como os vossos. Sabes uma coisa? Ontem apresentaram-me Judah Magnes, o reitor da Universidade Hebraica; se há um homem com o qual estou de acordo é com Magnes. Ele defende um só país de árabes e judeus com um Parlamento bicameral... Todos juntos, sim, foi isso que sempre defendi.

— Acho que já não é possível. Quem pensou assim, perdeu. Permite-me duvidar de que Ben-Gurion e a Agência Judaica estejam realmente em desacordo com os vossos terroristas. Porque é que devíamos acreditar nisso?

Fumaram em silêncio. Mohamed sabia que Samuel estava preocupado com algo mais do que a situação política, mas esperou que fosse ele a falar.

— É em momentos como este que sinto a falta da tua mãe. Ela sabia sempre aconselhar-me em relação ao Mikhail. Não me consigo entender com ele. Pensava que o casamento com a Yasmin suavizaria o seu carácter, mas não foi assim.

— O Mikhail adora-te—conseguiu dizer Mohamed, incomodado com aquela confissão tão íntima de Samuel.

— Era isso que a tua mãe dizia... Sabes uma coisa? Não sei se voltarei... Não suporto a ausência de tantos amigos, do Ahmed, do Ariel, do Jacob, do Abraham, e agora da tua mãe. A minha querida Dina... A tua mãe foi uma pessoa muito importante na minha vida, uma amiga leal e sincera na qual sempre pude confiar. Foi a única mulher que me repreendeu como se eu fosse uma criança... Embora estivesse longe, a

Dina era um dos pilares da minha vida.

Mohamed ouviu a confissão de Samuel em silêncio. Não era preciso que lhe dissesse com palavras o que ele sabia, mas compreendia a necessidade de Samuel expressar o carinho infinito que tinha sentido por Dina. Ele também precisava de o contar, mas a quem? Sentia-se sozinho e assim estaria para o resto da sua vida, porque essa é a tristeza que a orfandade implica. O pai é o teto, a mãe é o chão, e quando desaparecem os dois uma pessoa sente que também iniciou uma contagem para trás e que já não tem qualquer apoio, ficando suspensa no ar.

Despediram-se na intimidade da horta, entre as oliveiras, ali onde Ahmed gostava de se sentar com Samuel a fumar um cigarro nos seus dias de juventude, e que agora tinha passado a ser o refúgio de Mohamed. Ao abraçarem-se, deixaram escapar um soluço, como se ambos soubessem que aquela despedida era a definitiva.»

Ezequiel tinha os olhos fechados, parecia ter adormecido. Marian censurou-se por não se ter dado conta. Estava há mais de uma hora a falar e, como noutras ocasiões, tinha a sensação de que não se estava a dirigir a Ezequiel nem a ninguém em concreto, simplesmente narrava a história para si própria tal como julgava recordar que os Ziad lhe tinham contado. Levantou-se tentando não fazer barulho, mas Ezequiel abriu os olhos e sorriu.

— Não estou a dormir.

— Bem, não interessa, deve estar cansado e eu não parei de falar. Dado o seu estado, digamos que não estou a ser muito consciente.

— Não se desculpe, estas conversas fazem-nos bem aos dois.

Naquele momento a porta do quarto abriu-se e entrou um jovem vestido com um uniforme. Era Jonas, o neto de Ezequiel. Levava uma pistola-metralhadora pendurada no ombro e tinha um ar despreocupado, tal como da primeira vez que o viu. Marian achou-o parecido com o seu avô; sim, aqueles olhos cinzentos com lampejos azuis eram os mesmos.

— Jonas, entra! Estou com a Marian

O jovem aproximou-se e apertou-lhe a mão com força.

— Já estava de saída...

— Não se preocupe, pode ficar o tempo que quiser—respondeu o recém-chegado.

— Vou sair, não quero incomodar. Desejo-lhe as melhores e espero que saia dentro de pouco tempo do hospital.

— Acho que daqui a dois dias vou para casa. E a senhora, que planos tem?—perguntou Ezequiel.

— Tenho de ir a Amã, mas não, não vou ficar mais de um dia.

— Continua no American Colony?

— Sim.

— Eu ligo-lhe. É a minha vez de continuar com a história. Acho que o que tenho para lhe contar lhe pode interessar.

Marian deixou o hospital com uma sensação de tristeza maior do que noutras ocasiões. Nos olhos de Ezequiel podia ver o reflexo da morte.

Quando chegou ao hotel fez algumas chamadas. Tinha de combinar um encontro em Amã e outro em Ramallah.

Começava a ficar asfíxiada naquela região perante a presença permanente de soldados que tratavam com rudeza todo aquele que entrava ou saía tanto na Jordânia como nos territórios administrados pela Autoridade Nacional Palestiniana. Perguntava-se como é que uns e outros podiam viver assim, com tanto ódio e com tantos confrontos irresolúveis.

Na manhã seguinte apanhou um táxi que a deixou na ponte Allenby de onde passaria para a Jordânia. Formalmente Israel e a Jordânia mantinham relações diplomáticas, mas tanto os que saíam como os que entravam eram tratados pelos israelitas como suspeitos. Sobretudo os que entravam. Aguentou pacientemente que os soldados deixassem passar o táxi que lhe tinham enviado do outro lado da fronteira. Havia alguns metros de terra de ninguém. Lembrou-se de duas imagens da Guerra Fria: a ponte de Potsdam e o Checkpoint Charlie em Berlim. Quando o taxista a deixou em frente do escritório onde devia cumprir as formalidades de chegada, sentiu-se aliviada ao ver que o jovem Ali Ziad estava à sua espera com um sorriso.

— Como correu o trabalho em Jerusalém?

— Bem, acho que já não me falta muita coisa para fazer.

— Tens tanta sorte! Um dia eu também irei a Jerusalém.

— Já te disse que te posso ajudar...

— Não, não quero ir como se fosse um estrangeiro, nem que ninguém me olhe com ódio nem me trate com condescendência, porque é que haveria de o suportar?

— Então...—Marian calou-se sem se atrever a continuar.

— O que foi?—perguntou Ali com curiosidade perante o repentino silêncio.

— Eles não se vão embora, Ali, não se vão embora, nunca vão devolver Jerusalém... Não se vão embora... Não irão voltar atrás, ficarão...—A voz de Marian mostrava amargura e desespero.

— Vão ter de nos devolver o que nos roubaram—respondeu Ali.—Mais cedo ou mais tarde não terão outro remédio senão fazê-lo.

Ela não respondeu e deixou o olhar vaguear com os seus pensamentos pela terra cultivada que emoldurava os dois lados da autoestrada que levava a Amã.

Ali ligou o rádio e uma voz melodiosa que cantava uma canção popular apoderou-se do ar da manhã. Pouco tempo depois avistaram a Fortaleza e em frente dela aquelas centenas de casas amontoadas, o Acampamento Hussein, onde uma parte do exílio palestino aguardava o desejado dia de regresso à sua pátria.

Um ancião esperava impaciente à porta de uma casa situada numa rua empinada. Sorriu ao vê-la chegar na companhia de Ali e, quase sem os cumprimentar, ofereceu-lhes uma chávena de chá e doces de pistácios.

Marian pensou que se sentia muito bem naquela casa modesta erguida de maneira improvisada, como todas as outras, sobre aquele que tinha sido um acampamento de refugiados procedentes de Jerusalém após a derrota na Guerra dos Seis Dias. Ia ser um acampamento provisório porque todos os seus habitantes julgavam que regressariam, mas ali estavam os velhos junto aos seus filhos e netos, à espera de que chegasse o dia em que voltariam a pegar nos seus pertences para atravessarem para a outra margem do Jordão.

Só podia ficar ali umas horas, no dia seguinte tinha de regressar a Jerusalém ao amanhecer. Tinha um encontro em Ramallah com alguns membros da Al Fatah. Ouvir, ouvir, ouvir; só queria ouvir e ir colocando as peças de um puzzle que lhe parecia interminável. Também queria reunir-se de novo com Ezequiel. Aquelas conversas infundáveis com o ancião esgotavam-na e deixavam-lhe sobretudo um travo de amargura do qual lhe custava desprender-se. Mas ouvi-lo-ia sempre que fosse necessário. Era nisso que o seu trabalho consistia.

Encontrou Ezequiel no hospital acompanhado pelos seus netos. Só tinham passado dois dias desde que o viu pela última vez, mas achou-o pior.

— Estou desejoso de que o meu pai regresse, vamos ver se ele é capaz de o convencer a comer. Uma neta não tem qualquer autoridade sobre o seu avô, mas um filho tem sobre o seu pai, não acha?—afirmou Hanna mais do que perguntou.

Marian não soube o que responder e dirigiu o olhar a Ezequiel.

— Trouxe-lhe uns doces de Amã. Acho que vai gostar, são de pistácios.

— De Amã?—Na voz de Jonas havia desconfiança. Pôs-se de pé e pegou na caixa de doces para os examinar.

Marian ofendeu-se com a atitude do jovem.

— Garanto-lhe que são doces e não veneno—disse irritada.

— Não tenho dúvidas, mas não sei se o meu avô os deve comer...—respondeu ele um pouco envergonhado.

— E porque é que não havia de os comer? Se gostar, pelo menos comerá alguma coisa—afirmou Hanna pegando na caixa para a mostrar ao seu avô.

— Deixe-me provar um—pediu Jonas.

— Sim, provem-nos, e verifiquem que não têm nada de mal.—Marian sentia-se ofendida.

— Que disparate! Claro que não tem nada de mal. Eu provei estes doces quando estive em Petra e adorei—afirmou Hanna.

— Esteve na Jordânia?—perguntou Marian com curiosidade.

— Claro que sim, temos relações diplomáticas com a Jordânia e muitos judeus aproveitaram a oportunidade para ver Petra. Se ainda não foi, aconselho-a a fazê-lo, é um dos lugares mais belos e assombrosos do mundo. Tem de regressar a Amã?

— Espero que sim..

— Bem, pois da próxima vez tire dois dias de férias e vá a Petra e depois a Wadi Rum.. Dormir no deserto num acampamento beduíno é uma experiência incrível—garantiu Hanna.

Quando Hanna e Jonas se foram embora, Marian sentou-se ao pé de Ezequiel.

— O Jonas é um bom rapaz—disse o ancião.

— Acho que não gosta muito de mim.

— Tem preconceitos contra si, ou, melhor dito, contra a sua ONG. Acha que o seu relatório não será favorável a Israel.

— E a Hanna? Pensa o mesmo?

— A minha neta é diferente. É uma pacifista convicta e é mais dura nos seus juízos contra o governo do que a senhora podia ser. É militante no movimento Paz Agora e tem amigos em Ramallah, ativistas pelos direitos humanos. O Yaniv, o namorado dela, declarou-se objetor de consciência para não servir nos Territórios. Não pense que é uma decisão fácil, os jovens que optam por não quererem servir nos Territórios são malvistas não só pelos seus colegas, mas por grande parte da sociedade. Mas sabe uma coisa? São pessoas como o Yaniv e a Hanna que farão do futuro uma coisa melhor do que é o presente.

— Então o Jonas é o falcão e a Hanna é a pomba.

— Sim, é verdade. Não julgue que em Israel todos pensamos da mesma maneira e seguimos as diretrizes dos nossos governos como carneiros... Embora lhe custe acreditar, há aqui pessoas que trabalham pela paz, que acreditam que é possível que os palestinianos e os judeus vivam em paz. A Hanna é uma dessas pessoas.

— Tal como o Samuel o foi, não é?

— Sim, o meu pai pensava da mesma forma. Mas para ele era mais fácil. Eu diria que na minha neta há mais da minha mãe do que do meu pai. Ela herdou a sua doçura.

— Quer que lhe sirva o chá? Acho que acompanharia bem com estes doces.

«Tal como Mohamed, eu também nunca mais voltei a ver Samuel. Tivemos notícias dele até ao começo da guerra, depois as suas cartas e as da minha irmã Dalida deixaram de chegar.

Despedir-me do meu pai não foi fácil. Convidou-me para almoçar no King David. Eu aceitei com uma condição, que Katia não estivesse presente. Ele aceitou. Naquela altura eu tinha doze anos e sofria pela minha mãe. Dava-me conta dos esforços que tinha de fazer para não perder a compostura quando Samuel nos visitava na Horta da Esperança.

Lembro-me de uma tarde em que Dalida e eu nos escondemos enquanto discutiam sobre a recusa da minha mãe de nos deixar viver em Inglaterra.

— Estás a negar-lhes um futuro melhor do que aquele que alguma vez poderão ter aqui. Deixa-os estudar em Londres e quando forem mais velhos decidem onde querem viver. Podes vir vê-los sempre que quiseres e, naturalmente, eles também te podem visitar nas férias—insistiu o Samuel.

— Também me queres tirar os meus filhos? Então, o que é que me restará? Diz-me, Samuel, o que é que me restará...?

— Por favor, Miriam, não sejas dramática! A Dalida e o Ezequiel estarão connosco, sou o seu pai e não haverá um único minuto em que não me ocupe deles.

— Não quero que os meus filhos vivam num colégio interno, são mais felizes aqui.

— Viver aqui está-se a tornar insuportável! Todos os dias há mortos, Miriam; os árabes atacam os britânicos, estes respondem matando outros árabes, e nós no meio, a fazer parte do conflito e alguns dos nossos a retaliar também contra os árabes. Essa gente do Irgun... fico com vergonha de que existam judeus capazes de cometer certas atrocidades.

— Eu nasci aqui, Samuel, e aqui continuarei. Percebo que não sintas esta terra como tua, mas é-o para mim e para os nossos filhos também.

Não se podiam entender e muito menos chegar a um acordo, mas naquela tarde aconteceu uma coisa inesperada. Dalida entrou na sala fazendo com que descobrissem que ela e eu tínhamos estado a ouvir atrás da porta. A minha irmã já tinha dezasseis anos e começava a tentar impor a sua vontade. Desde que o meu pai tinha regressado discutia com a minha mãe, culpabilizava-a pela separação e em mais de uma ocasião repreendeu-a por termos saído de Paris.

— Estão a discutir por nossa causa, mas, mãe, tu não me perguntaste o que é que eu quero e nem sequer perguntaste ao Ezequiel.

Miriam sentiu-se incomodada, irritada, pela irrupção de Dalida e mandou-a sair da sala.

— És uma mal-educada! O teu pai e eu estamos a conversar. Como é que te atreves a ouvir a conversa e a interromper-nos? Sai daqui!

— Não, a Dalida tem razão. Tem direito a opinar sobre o seu futuro; já não é uma criança, fez dezasseis anos; o Ezequiel tem doze, também já tem idade para decidir.

A minha mãe olhou para Samuel com raiva. Soube que estava derrotada. Dalida fez-me entrar na sala e enfrentar os meus pais.

— Mãe, eu sei o que quero fazer, decidi ir com o pai e com a Katia. O pai tem razão, estaremos melhor lá e poderemos vir visitar-te.

A dor refletiu-se no rosto da minha mãe. Notei que fazia um esforço por não chorar. A traição de Dalida tinha-a deixado sem palavras. Olhou-me e eu tive vontade de a abraçar, de a proteger, de gritar ao meu pai e à minha irmã que se fossem embora, que nos deixassem em paz. Mas fiquei em silêncio, incapaz de me mexer e de dizer uma única palavra.

Samuel parecia satisfeito e pegou na mão de Dalida apertando-a com afeto.

— E tu, Ezequiel, o que queres fazer? Vens connosco?

Não sei quanto tempo demorei a responder, mas sei que nunca poderei esquecer a angústia da minha mãe.

— Não, eu fico com a mãe.

Para o meu pai a minha escolha foi uma surpresa. Suponho que estava à espera de que eu seguisse os passos da minha irmã. A minha mãe olhou para mim aliviada e desatou a chorar.

— Vá, Miriam! Não faças isto às crianças! Têm direito de decidir.

Ela saiu da sala sem dizer nem uma palavra mais e eu corri atrás dela. Abraçou-me apertando-me tanto que quase não me deixava respirar, enquanto com a voz sumida dizia: "Obrigada, obrigada... obrigada." Tive vontade de voltar à sala e de dizer à minha irmã que era uma ingrata e uma desleal, que se partisse eu nunca mais falaria com ela. Mas fiquei abraçado à minha mãe.

Ao partir, o meu pai disse-me que queria falar comigo; combinámos que eu iria ao King David, mas que ele não me obrigaria a ver Katia.

Não imagina como era o King David daquela altura. Nos corredores tanto te cruzavas com um xeque como com um aristocrata europeu ou com um artista famoso. Todos os que eram alguém e vinham a Jerusalém ficavam no King David.

O meu pai tinha reservado uma mesa no terraço suficientemente afastada para que pudéssemos almoçar e conversar sossegados. Não vi Katia, mas sim Konstantin, que se mostrou muito carinhoso comigo. Mas isso não era uma novidade para mim. Konstantin era assim, atencioso e bem-disposto para com toda a gente.

O meu pai demorava a abordar o verdadeiro pretexto daquele almoço. Parecia não se atrever a perguntar-me diretamente o motivo pelo qual tinha decidido não sair da Palestina, por isso comecei a ficar nervoso, pois sabia que essa era a única razão pela qual estávamos ali a almoçar os dois sozinhos. Quando não aguentei mais expus-lhe os meus argumentos sem que ele me tivesse perguntado nada.

— Não vou para Londres, fico com a mãe. Não me parece bem que a deixemos sozinha para ir contigo. Tu tens a Katia, mas a mãe só nos tem a nós. Se fosse para Londres, também não viveria contigo, mas sim num colégio interno, e não gostaria nada disso. Também não me ia agradar viver com a Katia, lembrar-me-ia da mãe.

O meu pai olhou-me com assombro e acho que ficou nervoso.

— Então já decidiste...

— Sim, eu fico com a mãe e acho mal que a Dalida vá contigo. Já lhe disse que nunca lhe vou perdoar isso.

— Acho que é um erro. Tu tens a liberdade para escolher, não critiques o facto de a tua irmã ter a mesma liberdade.

— Não me parece bem deixar a mãe, ela gosta mais de nós do que tu, nunca se separou de nós. A mãe nunca nos deixaria por outra pessoa, mas tu fizeste-o para ficares com a Katia.

Aquelas censuras magoaram Samuel. Notava-se na sua expressão, no seu olhar toldado.

— Não me devias julgar. Quando fores mais velho, talvez me possas compreender.

— O que tenho de compreender? Que gostas da Katia em vez de gostares da mãe?

Eu mostrava-me insolente. Estava demasiado magoado com o meu pai para lhe poupar o mau momento. Precisava de que, pelo menos, sofresse tal como eu estava a sofrer com aquela nova separação.

— Eu gosto da tua mãe e garanto-te que vos tenho sempre presentes, tanto a ela como a vocês. Mas há coisas que não te saberia explicar... que não te quero explicar. Sim, a Katia é importante para mim e é com ela que quero viver. Um dia tu próprio vais decidir com quem queres viver e não te importarás com o que os outros pensam.

— Eu nunca me vou separar da mãe.

— Lamento muito que não venhas connosco. Acho que ter uma boa educação num colégio britânico seria o melhor para ti, mas não te posso obrigar, por isso não vou insistir.

Disseme que, dada a minha recusa, já não tinha nada a fazer na Palestina e que, o mais tardar, em três ou quatro dias deixariam Jerusalém para embarcarem em Jaffa para Marselha, e dali para Paris, antes de viajarem para Londres.

Despedimo-nos no hotel, porque, quando três dias mais tarde foi buscar Dalida para começarem a viagem, eu não estava. Pedi a Wadi que me ajudasse a esconder-me. Ele insistiu em que me devia despedir do meu pai e da minha irmã, mas eu não queria fazê-lo porque receava chorar.

Quando finalmente partiram regressei a casa. A minha mãe tinha-se fechado no quarto e Kassia disseme que era melhor deixá-la sozinha durante algum tempo.

— Precisa de se acalmar, não foi fácil despedir-se da Dalida.

Kassia parecia zangada, tal como Rute que, com a desculpa da sua doença, não tinha saído do seu

quarto para se despedir de Samuel. Os únicos que o fizeram foram Marinna e o seu filho Ben, já que Igor estava na pedreira e queria evitar a cena da despedida.

Marinna abraçou-me tentando consolar-me, mas eu fugi outra vez para a casa de Wadi e perguntei a Salma se podia jantar com eles. Salma assentiu e mandou-me ir ter com o Wadi.

A ausência de Dalida era difícil para todos, mas especialmente para a minha mãe. Acho que Miriam a viveu como uma traição da sua filha. Não sei porquê, mas deixámos de fazer referência ao nome de Dalida, como se nunca tivesse existido. Suponho que o fazíamos para atenuar o sofrimento de Miriam. Eu só falava da minha irmã com o Wadi, que me dizia que ele também não perdoaria a sua irmã Naima se fizesse o mesmo que Dalida.

Mil novecentos e trinta e oito foi um ano em que a morte decidiu visitar a Horta da Esperança quase sem nos dar tréguas.

Primeiro foi o velho farmacêutico Netanel. Morreu de uma pneumonia. Às vezes pergunto-me se não desejava morrer, porque, por mais que a minha mãe e Louis insistissem em que devia ir ao hospital, ele teimava em não ir.

— Não tenho nada, é só um catarro misturado com a idade—dizia-nos para nos sossegar.

Numa manhã em que parecia estar a sufocar, Louis mandou o meu irmão Daniel chamar Yossi. Quando o meu tio chegou, embora o tenham levado para o hospital, já era demasiado tarde para fazer alguma coisa por Netanel. Morreu poucas horas depois.

Foi Daniel quem mais sentiu a morte do velho farmacêutico.

Netanel tinha sido como o seu segundo pai. Depois da nossa mãe, o farmacêutico era a pessoa mais importante para ele. Afinal de contas, tinham passado muitas horas juntos no laboratório e Netanel tinha-lhe ensinado com muita paciência tudo o que o jovem foi capaz de aprender.

Daniel nunca tinha tido muito carinho por Samuel. Considerava-o um intruso, alguém que se interpunha entre ele e a sua mãe, e quando Miriam me trouxe ao mundo, a mim e a Dalida, imagino que isso fez com que a sua solidão aumentasse.

Apesar de se mostrar sempre atento com Daniel, Samuel também não parecia ter um grande afeto por ele. Quanto a Dalida, não parecia interessada naquele irmão mais velho que preferia passar o seu tempo no laboratório e a quem a nossa mãe tinha de ir buscar para almoçar e jantar connosco. A diferença de idades entre ele e eu era demasiado grande para que nos sentíssemos próximos um do outro, por isso Daniel cresceu a sentir-se sozinho e encontrou no Netanel o afeto que não via em casa.

Ainda me lembro da impressão com que fiquei ao vê-lo chorar pela morte do farmacêutico. Nada do que a minha mãe dissesse o podia consolar.

Naquela altura, embora já fosse um homem, Daniel estudava na universidade. Netanel tinha-se dedicado a fazer dele um bom boticário e por isso, apesar de o laboratório ter sido destruído pelo incêndio, ele esforçou-se por voltar a erguê-lo. Ainda mais modesto do que o primeiro, pois já era demasiado velho para trabalhar, mas suficiente para continuar a ensinar Daniel e sobretudo para que tivesse um lugar onde se refugiar.

— Este rapaz vai adoecer—disse Kassia a Miriam, preocupada ao ver que Daniel mal comia.

— Já não sei o que lhe dizer—lamentou-se Miriam.

— Precisa de ti mais do que em qualquer momento de toda a sua vida. Precisa de saber que não está sozinho—insistiu Kassia.

— Mas nunca estive sozinho! Sou a mãe dele e amo-o muito.

— Talvez ele não o sinta dessa forma. Estiveste demasiado apaixonada pelo Samuel e preocupada com a Dalida e com o Ezequiel. Acho que o Daniel sentiu que não era importante para ti, pelo menos não tanto como a família que formaste com o Samuel.

As palavras de Kassia magoaram-na porque no fundo do seu coração sabia que ela tinha razão.

— O que posso fazer?

— Estar com ele, conversar, e sobretudo convencê-lo a terminar os seus estudos.

— Claro que os vai terminar! Com o que pagamos pela universidade, agora não pode abandoná-la!

Mas foi isso que Daniel fez. Negou-se a terminar o curso, e o mais surpreendente é que disse à sua mãe que queria ser rabino.

— Mas antes nunca ligaste à religião!—lamentou-se Miriam tentando compreendê-lo.

Foi Yossi quem procurou uma solução para Daniel. Iria uma temporada para um kibutz em Tiberíades. Se uns meses depois continuasse decidido a ser rabino, então ninguém se oporia.

— Precisa de encontrar um sentido para a vida e tem de o fazer sozinho. Deixa-o voar, é um homem—disse Yossi a Miriam.

Ela aceitou embora a magoasse ver Daniel partir. Sentia-se culpada por não ter sido capaz de lhe manifestar o quanto o amava.

Eu sofri com a partida de Daniel. Era o meu irmão mais velho e embora nos tratássemos com indiferença era uma parte da minha vida, do meu quotidiano.

— Acho que não fui um bom irmão para o Daniel—confessei a Wadi.

— Que disparate! Claro que foste um bom irmão, porque é que achas isso?

— Não falava muito com ele, nem me interessava pela sua vida e... bem, ouvi a Kassia dizer que ele se sentia relegado porque achava que a minha mãe gostava mais de mim e da Dalida.

— Os irmãos nem sempre se dão bem, eu discuto constantemente com a Naima, que é uma intrometida, mas gosto dela embora não lhe diga.

— Tu achas que a minha mãe gosta mais da Dalida e de mim?

Wadi ficou uns segundos em silêncio. Eu sabia que me responderia a verdade.

— Não, não acho. O que acontece é que, quando vocês nasceram, o Daniel era mais velho e a tua mãe teve de vos prestar mais atenção. Talvez o Daniel ficasse magoado com o facto de a tua mãe se ter casado com outro homem.

— Mas o pai do Daniel tinha falecido...

— Sim, mas... bem, eu não gostava que a minha mãe se casasse com outro homem. E tu?

Não soube o que responder. Realmente não sabia se me importava ou não, pois estava muito zangado com o meu pai. Não lhe perdoava que se tivesse ido embora e muito menos que tivesse levado Dalida.

Eu costumava recorrer a Wadi para tudo. Ele tinha dezoito anos e já era um homem, e eu era um adolescente de treze anos, mas mostrava-se sempre paciente e afetuoso para comigo. Não havia nenhuma pessoa no mundo em quem confiasse tanto como nele, afinal de contas devia-lhe a vida.

Com Ben, o filho de Marinna e de Igor, costumava discutir por tudo e por nada. Éramos muito diferentes, mas gostávamos um do outro, tínhamos crescido juntos. Porém, Ben gostava mais da ação, estava sempre a planear alguma travessura, enquanto eu era mais sossegado. Gostava de ler e não tinha nenhum problema com os estudos, enquanto Ben passava de ano com muita dificuldade. Os professores diziam que não estava quieto nem um minuto, que não era capaz de se concentrar no que fazia. Mas embora não tivesse jeito para a matemática tinha outras habilidades. Bastava-lhe uma só olhadela a qualquer máquina para a desmontar e voltar a montá-la. Arranjava qualquer coisa, até o motor do velho camião. Também tinha uma memória prodigiosa, era capaz de recordar para sempre qualquer coisa por mais que só a tivesse ouvido uma vez. Acho que naquela altura Ben gostava de namoriscar com Naima, mas Marinna e Salma faziam o possível para evitar que estivessem juntos. Marinna, sempre tão complacente com o seu filho, zangava-se seriamente se o via ir à cerca que separava a nossa horta da de Mohamed e de Salma.

— Queres comprometer a Naima?

— Mas eu só ia falar com ela!—defendia-se Ben.

— Já temos problemas suficientes entre árabes e judeus para que tu metas mais lenha na fogueira.

Naima tem quinze anos e já não é uma criança, não pode andar a correr de um lado para o outro contigo.

— Porquê?—protestava Ben.

— Porque está malvisto, por acaso queres arranjar-lhe um problema? Pois eu não o consentirei.

Numa manhã, quando me levantei para ir para a escola, encontrei Igor com a sua mãe nos braços ajudado pelo Louis. Levaram-na para o hospital e morreu nessa mesma manhã.

Rute estava doente há muito tempo e não saía do seu quarto. Tinha sofrido uma hemiplegia e tinha a parte esquerda do corpo paralisada. Embora todos tratássemos dela, era Kassia que se encarregava de cuidar dela como se fosse sua irmã.

Fiquei impressionado ao ver Igor chorar com desespero a morte da sua mãe. Nem sequer Marinna era capaz de o consolar. Durante uns dias Ben parecia ter-se tornado invisível. Estava muito afetado pela morte da avó. Ben só estava quieto quando regressava à tarde da escola e se sentava ao pé da cama de Rute para lhe contar o que tinha feito durante o dia. Rute mal conseguia falar, mas o seu olhar brilhava quando tinha Ben por perto.

— Estamos a tornar-nos velhas, primeiro a Dina, agora a Rute, a próxima serei eu—ouvi a Kassia dizer e as suas palavras assustaram-me.

Kassia era o pilar da Horta da Esperança. Não podia imaginar a casa sem ela, parecia-me que todos podíamos desaparecer sem que acontecesse nada, mas Kassia não.

Eu ainda estava na adolescência, mas tinha consciência dos confrontos cada vez mais violentos entre árabes e britânicos. Os árabes ficavam com a parte pior. Louis costumava comentar que estavam desorganizados e que isso os tornava mais vulneráveis.

Louis ainda desaparecia de vez em quando, embora menos do que antes. De uma forma natural fora assumindo a liderança que Samuel tinha deixado livre anos antes. Igor, o outro homem da casa, reconhecia-lhe essa autoridade, tal como Moshe.

A relação de Louis com Moshe era tensa porque este tinha optado pela Organização Militar Nacional na Terra de Israel, mais conhecida como Irgun (Irgun Zvai Leumi). Discutiam com frequência já que Louis, como membro destacado da Haganah, discordava dos planos militares e políticos do Irgun.

— Nós não estamos em guerra com ninguém; o nosso objetivo é defendermo-nos, defender as nossas colónias e as nossas casas—não se cansava de repetir.

Mas Moshe considerava que árabes e britânicos eram duas faces da mesma moeda, a que não aceitava que nós, judeus, possuíssemos aquela terra.

— Sabes uma coisa, Moshe? Enquanto a Europa nos perseguiu durante séculos, e os czares organizavam pogroms contra os judeus, os únicos lugares do mundo onde podíamos viver sossegados estavam no Oriente, quer fosse dentro dos limites do Império Otomano ou mais além. Por isso os árabes não são os nossos inimigos, vivemos durante séculos com eles sem qualquer problema a não ser aqueles que se podem ter entre vizinhos.

Mas Moshe não ligava às suas razões.

— Os britânicos vão acabar por se ir embora e então serão eles ou nós. Quanto antes os da Haganah o assumirem, melhor será para todos.

Kassia não costumava convidar Moshe e Eva com muita frequência para passarem o sabat connosco. Dizia que estava cansada daquelas discussões intermináveis que não levavam a lado nenhum.

— Tu sabes que o Moshe é do Irgun. Nem sequer devia estar connosco. Eu não concordo com as atrocidades que levaram a cabo e quando o vejo pergunto-me se terá sido ele o responsável—queixava-

se Kassia.

Marinna concordava com a sua mãe.

— Demos-lhes alojamento quando chegaram, mas já passaram muitos anos, não são uns pobres emigrantes sem recursos. Podiam ir para outro lado. Os filhos deles vivem num kibutz na Galileia, porque é que não vão ter com eles? Cada vez mais penso que foi o seu grupo que lançou as granadas num café de Jerusalém...

— Mas não sabemos se ele esteve implicado—disse Miriam sem muita convicção.

— Devias falar com o Moshe—insistiu Kassia com Louis.

Era Miriam, a minha mãe, quem tentava mediar. Não é que simpatizasse com Moshe e Eva, mas não gostava da ideia de expulsar alguém da Horta da Esperança. Imagino que no mais íntimo do seu coração pensasse que Samuel não estaria de acordo com aquilo, já que para ele a Horta da Esperança era um lugar de acolhimento.

— Temos de aprender a respeitarmo-nos uns aos outros. Afinal de contas, o Moshe e a Eva não vivem nesta casa—intercedeu Miriam.

— Sim, mas vivem a duzentos metros—respondeu Marinna.

— Mas nem sequer os vemos—insistiu a minha mãe.

— Prefiro ter o Moshe por perto. Acho que para a Haganah é bom saber o que fazem os do Irgun, embora os nossos dirigentes não gostem que nos relacionemos com eles—explicou Louis.

Gostava de ouvir os mais velhos, sobretudo Louis, a quem eu, naquela altura, quase sem me dar conta, tinha outorgado o papel de pai. Era a ele que contava os meus pequenos segredos, e era também ele que me repreendia quando eu fazia algum disparate ou quando me via a refilar a respeito de um pedido da minha mãe.

Foi então que comecei a lamentar que Louis não fosse meu pai. Preferia-o a Samuel, sobretudo porque estava ali e não me abandonava.

O pior daqueles anos foi a distância que se estava a estabelecer com a família Ziad. Louis tinha-nos pedido prudência.

— Se os veem demasiado connosco podem acusá-los de traição e nem quero imaginar o que lhes podia acontecer. Se eles vierem serão bem recebidos, mas não os comprometamos com a nossa presença. E tu, Marinna, sei que sentes a falta dela, mas não podes continuar a ir a Deir Yassin visitar a Aya. Sei que há alguns dias umas mulheres a insultaram e que alguns homens recriminaram o Yusuf pelo facto de a sua esposa receber judeus em casa.

— Não vou deixar de ver a Aya! É como se fosse minha irmã. Nego-me a que umas velhas coscuvilheiras estraguem a nossa amizade—protestou a Marinna.

— Mas a Aya não deve sofrer por causa da vossa amizade. Podem encontrar outra forma de se verem, mas não vás lá.

Igor não costumava contrariar Marinna, mas naquela ocasião concordou com Louis. Foi ele quem se lembrou de se encontrarem em casa do Yossi e da Judite.

— Ninguém vai estranhar que a Aya vá ao médico. Os árabes respeitam o Yossi. Muitos notáveis são seus pacientes. É o melhor médico de Jerusalém.

Marinna aceitou contrariada. Eu, pelo meu lado, ignorava os avisos de Louis, e, quando podia, ia à casa de Mohamed para estar com Wadi. Claro que procurava fazê-lo quando as sombras da tarde começavam a cair, com a esperança de que ninguém me visse. Mesmo assim, às vezes preferia esquecer-me dos avisos de Louis e acompanhava Ben até à cerca dos Ziad esperando que Wadi ou Naima nos convidassem a entrar. Às vezes era Salma quem nos via e nos fazia sinais com a mão para que entrássemos na sua casa.

Salma lembrava-me a minha mãe. Era mais nova, mas quando o véu lhe caía para trás podia ver o cabelo castanho-escuro com reflexos avermelhados tal como o da minha mãe. Eu achava Salma muito bonita, tanto ou mais do que Miriam.

Em algumas noites Louis também caminhava até à cerca com a esperança de encontrar Mohamed a fumar perto das oliveiras, sentado no gasto banco de madeira que Ahmed Ziad tinha construído quando Mohamed ainda era uma criança.

Costumavam conversar em voz baixa às vezes até altas horas da noite. Louis quase não comentava aquilo de que falava com Mohamed, embora costumasse insistir em que, independentemente daquilo que acontecesse, devíamos fazer um esforço para não quebrar os vínculos que nos uniam aos Ziad. Kassia lembrava-lhe com frequência que, para ela, Dina tinha sido uma amiga leal e que gostava de Mohamed e de Aya como se fossem seus filhos. Quem compreendia melhor o receio de Louis era a minha mãe. O Relatório Peel tinha implicado um duro golpe para os árabes e um alívio para os judeus, e isso tinha aumentado a cisão entre as duas comunidades. O que preocupava Louis era como evitar essa cisão, ou pelo menos no que dizia respeito aos nossos amigos.

Seguindo a recomendação de Igor, Marinna costumava encontrar-se com Aya na casa de Yossi e de Judite. A minha mãe e eu acompanhávamo-la com frequência, já que assim víamos a minha tia Judite.

A passagem do tempo tinha-a tornado um ser inerte que não só tinha perdido a visão, como já nem sequer parecia reconhecer-nos. Yasmin cuidava da mãe com ternura e ajudava o pai nas consultas. Mikhail, por sua vez, estava totalmente implicado na política. Ajudava os emigrantes judeus, que chegavam clandestinamente, a instalarem-se no país. Procuravam um bocado de terra no qual montar um assentamento apenas com quatro estacas e algumas tendas.

Não é que os britânicos tivessem feito alguma coisa para que os judeus emigrassem para a Palestina, mas na Alemanha o nazismo estava a obrigar cada vez mais judeus a tentarem abandonar o país. Não era um processo fácil porque à necessidade de contar com fundos para fretar barcos juntava-se o controlo férreo da frota britânica diante da costa da Palestina para impedir a chegada de mais emigrantes, aumentando assim a tensão e o conflito que mantinham com os árabes.

Um dia ouvi Mikhail contar à minha mãe que o meu pai estava implicado no frete dos barcos que tentavam fugir dos perigos do mar e do bloqueio dos navios de guerra ingleses.

— O Samuel e o Konstantin estão a gastar a sua fortuna a alugar velhos barcos e a subornar os seus capitães para que enganem o bloqueio britânico. Há uns dias fui buscar um grupo que vinha num cargueiro maltês. Se tivesses visto o estado do barco... Não sei como é que se mantinha a boiar. Conseguimos desembarcar cem pessoas. Muitas estavam doentes. Tinham viajado amontoadas e sem as mínimas condições de higiene. Levámo-las para o Neguev. Vão ter dificuldades em adaptar-se, a maior parte são professores e comerciantes que nunca viram uma enxada.

— Tu também não sabias o que era plantar uma árvore—respondeu-lhe Miriam com um sorriso.

— Eu era jovem, mas esta gente... Só falam alemão, alguns têm noções de hebreu, mas são muito poucos.

— Pelo menos aqui ninguém os vai perseguir—sentenciou a minha mãe.

— Sem contar com os ingleses, acho que preferem correr esse risco ao dos nazis. Se soubesses o que contam... Algumas mulheres choram ao pensar no que deixaram para trás: as suas famílias, as suas casas, os túmulos dos seus antepassados... Apesar de estarem a sofrer, sentem-se alemães e não querem ser outra coisa. Aqui estão um pouco perdidos, feitos camponeses de um dia para o outro.

— O Samuel continua a colaborar com a Agência Judaica?—perguntou a minha mãe, ansiosa por saber o que tinha sido do seu marido.

— Sim, com o Konstantin, um dos membros mais ativos. Tenho de reconhecer que fazem o possível

por ajudar os judeus a escaparem da Alemanha e, sobretudo, por defenderem a nossa causa perante as autoridades britânicas. Ao que parece encontraram um grande aliado em Winston Churchill, um dos poucos políticos ingleses que não se importa de reconhecer a sua simpatia para com os judeus.

A minha mãe ficava reconfortada ao ouvir Mikhail falar bem de Samuel. A sua relação tinha estado repleta de mal-entendidos, sobretudo pela incapacidade de ambos para reconhecerem o imenso afeto que sentiam um pelo outro. Miriam sabia-o bem porque durante anos tinha ouvido Samuel lamentar-se da incompreensão do Mikhail.

Não foi nenhuma surpresa para nós que Mikhail decidisse fazer parte da Jewish Settlement Police, ou seja, a polícia dos assentamentos judaicos, cuja missão era proteger os colonos. Assim Mikhail podia combinar as suas duas atividades, a oficial com os ingleses e a extraoficial com a Haganah, mas as duas com o mesmo objetivo: defender os judeus dos frequentes ataques dos grupos árabes.

Mas embora o Relatório Peel a recomendar a divisão da Palestina em duas entidades, uma árabe e outra judaica, supusesse para os judeus um passo à frente, os ingleses não demoraram a recuar. A 9 de novembro de 1938, os britânicos decidiram enterrar o relatório da Comissão Peel.

O governo britânico rendia-se perante a evidência de que, apesar de ter quase controlada militarmente a revolta árabe, a situação na Palestina acabaria por escapar das suas mãos.

A notícia chegou acompanhada por outra mais trágica, porque na mesma data se tinha desencadeado na Alemanha uma perseguição ainda mais cruel, a tristemente conhecida Noite de Cristal. Mais um passo dos nazis na sua política de perseguição e liquidação dos judeus alemães.

Louis chegou a casa abatido. Pela primeira vez víamo-lo pessimista. Poucos dias depois de se ter tornado pública a matança da Noite de Cristal, os britânicos tinham negado o visto para entrada na Palestina a várias centenas de milhares de crianças procedentes da Alemanha.

— Não sei o que vai acontecer. Os britânicos estão outra vez a fazer das suas. Não querem continuar o confronto com os árabes e agora não cumprem os seus compromissos para conosco. E essas pobres crianças... Nem sequer quero pensar no destino delas.

Não sei porquê, mas intimamente esperava que o meu pai fizesse alguma coisa. Não diziam que era amigo de alguns ministros ingleses? Não tinha dinheiro para fretar barcos? Sim, Samuel devia estar a fazer alguma coisa, eu tinha a certeza de que, perante uma notícia assim, ele não ficaria de braços cruzados. Chegava-me à memória o eco de algumas conversas que tinha com a minha mãe quando eu era criança e eles pensavam que não percebia o que diziam. Conversas que giravam à volta do que ele considerava um gravíssimo perigo, o nazismo e o seu líder, aquele Adolf Hitler que odiava tanto os judeus sem que eu percebesse o motivo.

Naquela altura, a minha mãe fez-me refletir sobre o que queria estudar no futuro na Universidade Hebraica de Jerusalém. Eu hesitava entre vir a ser médico como o tio Yossi ou químico como o meu pai, embora nenhum dos dois cursos me atraísse. Na verdade ficava fascinado com o ir e vir de Louis e de Mikhail, que me faziam desejar viver aventuras extraordinárias enganando os britânicos para ajudar os emigrantes que chegavam clandestinamente. Mas havia uma parte daquela aventura que me fazia estremecer, era se a defesa das colónias implicava confrontos com os árabes. Eu não podia ver os árabes como inimigos apesar de ter estado prestes a morrer entre as chamas quando há anos aqueles jovens incendiaram a Horta da Esperança. Na verdade o meu mundo não ia além da minha mãe, dos meus tios Yossi e Judite, Yasmin e Mikhail, e de todos os que viviam conosco na horta. Sobretudo Wadi. Dina também tinha sido uma pessoa importante para mim, tal como Aya e os seus filhos, Rami e Noor. Até os tios de Mohamed, Hassan e Layla, e o seu filho Khaled, eram parte importante da minha existência. Eu não conseguia ver quais eram as diferenças entre judeus e árabes e quando olhava para as cicatrizes no rosto de Wadi pensava que teria sempre uma dívida eterna para com ele e para com os seus.

Já disse que a morte tinha teimado em visitar-nos, por isso numa manhã de janeiro, no início do ano cristão de 1939, a Judite apareceu morta na cama. Yossi só reparou ao início da manhã. Deve ter morrido durante a noite porque o seu corpo já estava frio.

Lembro-me de alguém a bater à porta da minha casa. Um amigo de Yossi veio avisar-nos. A minha mãe ficou parada e incapaz de se mexer, de falar, de chorar. Eu, no entanto, desatei a chorar.

Foi Kassia quem, mais uma vez, tomou conta da situação. Depois de nos apressar para que nos lavássemos e vestíssemos, mandou Ben à casa de Mohamed e de Salma para anunciar o falecimento de Judite. Louis não estava em casa e foi Igor que conduziu a carrinha em direção à Cidade Velha.

O meu tio Yossi chorava em silêncio junto ao leito de Judite. Yasmin tinha-o ajudado a lavar e a preparar o corpo para a última viagem até às entranhas da terra que a viu nascer.

Não havia discussão possível. Judite e Miriam sempre tinham manifestado o seu desejo de serem enterradas em Hebron. Os seus pais dormiam ali o sono eterno, e era naquele local que elas queriam descansar. Igor estava preocupado com a viagem até Hebron e sobretudo com a hostilidade que podíamos encontrar por parte de algum grupo árabe dos que vagueavam pela zona. Mas a minha mãe mostrou-se inflexível. A sua irmã seria enterrada em Hebron e ela própria a levaria mesmo que a sua insistência pudesse pôr em perigo a sua vida.

Yossi não discutiu. Estava disposto a cumprir com aquela que sabia ter sido a vontade de Judite; desta forma, quando terminássemos as formalidades habituais em Jerusalém, iríamos para Hebron, embora tenha insistido em que devíamos avisar Louis e Mikhail. Era necessária uma certa proteção.

Não foi fácil localizá-los e só dois dias mais tarde é que conseguiram regressar. Quando chegaram já tinham desfilado pela casa para chorar a perda de Judite todos os amigos e conhecidos da família. Eu estava surpreendido de que a minha mãe não tivesse derramado nem uma única lágrima. Depois do choque da morte da sua irmã, tinha reagido com uma enorme firmeza; tanta, que Kassia estava preocupada.

— É mau não chorar, é melhor fazê-lo, se reténs as lágrimas sofres mais—dizia à minha mãe.

Mas Miriam simplesmente não conseguia, e durante três dias deixou-se levar pela tarefa de receber quem vinha dar as condolências.

Apesar de todos os medos, não sofremos nenhum incidente no caminho para Hebron. Talvez fosse porque quem nos podia atacar tivesse decidido respeitar aquele cortejo fúnebre. A verdade é que chegámos ao pequeno cemitério judeu sem nenhum sobressalto.

Para a minha mãe foi reconfortante encontrar as suas amigas de infância. Eram mulheres árabes da idade dela que choravam de forma sentida a perda de Judite. Eu perguntava-me como tinha sido possível que naquele mesmo lugar, há anos, tivesse acontecido o ataque contra os judeus no qual a minha avó tinha perdido a vida.

Na noite em que regressámos a casa, a minha mãe desatou a chorar. Fechou-se no quarto e ouvimos o seu choro compulsivo. Kassia não me deixou entrar.

— Deixa-a. Se não chorar, vai rebentar.

Uns dias depois fomos visitar Yossi e Yasmin; fiquei impressionado ao ver que o meu tio tinha envelhecido muito.

— Não suporto a ausência de Judite por mais que diga a mim próprio que há anos que estava mais morta do que viva, mas pelo menos tinha-a por perto.

Yasmin estava preocupada com o pai, que mal comia e, ao que parece, não conseguia dormir à noite.

— Senta-se no seu velho cadeirão e fica quieto até amanhecer. Se continuar assim, vai ficar doente.

Insensível a tudo o que sentíamos, a vida continuou com a sua rotina. Em fevereiro de 1939 realizava-se em Londres uma conferência à qual foram árabes e judeus. O governo de Sua Majestade não queria

continuar a mandar tropas para manter a Palestina, viam no horizonte um perigo mais próximo e temível: a agressiva política expansionista de Hitler e do nazismo.

Entre os judeus da Palestina havia nervosismo e preocupação pelo que podia sair daquela conferência, mas se tinham a certeza de alguma coisa, explicou-nos Louis, era de que nós não íamos dar nem um passo atrás.

Os árabes chegaram divididos à Conferência de Londres; por um lado Jamal al-Husseini, o primo do mufti; por outro, um dos primeiros membros mais destacados da família Nashashibi, que liderava a facção mais moderada entre os árabes palestinos.

Husseini alojou-se no luxuoso hotel Dorchester, Nashashibi no não menos luxuoso Carlton. O doutor Weizmann e Ben-Gurion tinham a responsabilidade de nos representar.

Mikhail tinha algumas reservas em relação ao doutor Weizmann. "É demasiado britânico", dizia, mas Louis lembrava-lhe que graças a ele os judeus tinham conseguido algo muito valioso: a declaração de Lord Balfour que contemplava um lar para os judeus na terra dos nossos antepassados, a Palestina.

As notícias que chegavam de Londres não eram propriamente otimistas. Samuel enviou uma longa carta na qual afirmava que a conferência teve de ser inaugurada duas vezes, uma para a delegação dos árabes palestinos e outra para a dos sionistas judeus, já que as duas partes se negavam a estar juntas, "o que irritou o premier britânico Neville Chamberlain".

Samuel explicava na sua carta que os britânicos pareciam "mais predispostos a entenderem-se com os árabes palestinos do que conosco. Há uns dias, num jantar na casa de um banqueiro, o Konstantin ouviu da boca do próprio Chamberlain que, se houvesse um conflito com a Alemanha, nós, judeus, seríamos obrigados a apoiar os ingleses, que outra coisa podíamos fazer? Por isso receio que farão concessões aos árabes palestinos antes de as fazerem a nós. Também não temos assim tantos amigos no governo britânico; o novo ministro das Colónias, Malcolm McDonald, vê os nossos problemas com demasiada distância. Falta-lhe uma sintonia entre o doutor Weizmann, e o vosso líder Ben-Gurion também não ajuda. Ben-Gurion veio a Londres decidido a não dar nem um passo atrás. Receio bem que seja um homem pouco flexível. Pelo que conseguimos saber, o doutor Weizmann estava disposto a aceitar uma redução no número de emigrantes judeus. Mas Ben-Gurion não o permitiu. Um dos diplomatas britânicos que participam nas conversações, e que é muito amigo de Konstantin, contou-nos que a proposta de Ben-Gurion é a de formar um Estado judaico dentro de uma Confederação Árabe. Como podem imaginar, a delegação árabe palestina não aceita. Acho que estamos num beco sem saída".

Anos depois, nos livros de História, contar-se-ia que Ben-Gurion não aceitou limitar o número de imigrantes judeus na Palestina utilizando como argumento a perseguição da qual estavam a ser alvo na Alemanha. Por sua vez, Jamal al-Husseini abriu o jogo desde o início: os britânicos deviam pôr limites à imigração judaica na Palestina, deviam proibir os judeus de adquirirem mais terras, e, sobretudo, deviam aceitar a criação de um Estado palestino. Os Nashashibi mostravam-se partidários de que os judeus que já estavam na Palestina pudessem fazer parte desse Estado árabe, mas Husseini acrescentava que sem dispor de um lar próprio.

O acordo foi impossível. Pior do que impossível, porque ainda a conferência não tinha terminado e já os britânicos tinham um novo plano para resolver o problema palestino. Neste plano, que se convertia num novo Livro Branco, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Lord Halifax, tentava resolver o problema com a criação, num prazo inferior a dez anos, de um Estado onde houvesse preponderância árabe. Também contemplava restringir imediatamente a imigração. O documento fez com que a delegação judaica se levantasse da mesa e abandonasse a conferência. A 17 de maio tornou-se oficial o novo Livro Branco no qual ficou de imediato anulada a Declaração de Balfour.

Vivemos todos estes acontecimentos com preocupação e até discussões. Kassia e Marinna eram

socialistas acima de tudo e discutiam com Louis devido ao empenho dos dirigentes judeus em quererem ter um lar que se assemelhasse a um Estado. Mikhail, que era um fervoroso partidário de Ben-Gurion, defendia com veemência que os judeus tivessem o seu próprio Estado dentro de uma Confederação com os árabes.

— Eu não quero um Estado—dizia Marinna—,o nosso objetivo é viver com os árabes palestinos em paz, não estamos à procura de mais nada.

Marinna sofria com os confrontos contínuos entre as duas comunidades. Não porque o seu amor por Mohamed lhe toldasse o pensamento, mas sim porque tinha crescido e se tinha tornado uma mulher com as ideias socialistas dos seus pais, que eram acima de tudo internacionalistas e pensavam que árabes e judeus tinham outros problemas que não eram os do nacionalismo.

O meu tio Yossi e a minha mãe estavam incomodados com estas discussões. Eles eram totalmente palestinos e defendiam o statu quo no qual tinham vivido até então. Na verdade, tinham o coração dividido: sabiam que os judeus precisavam de um lar, um lugar onde ninguém pudesse persegui-los e, ao mesmo tempo, compreendiam as reservas dos seus amigos árabes perante a chegada em massa de imigrantes. Também não concebiam um Estado exclusivamente judeu.

Quando a Segunda Guerra Mundial estourou em 1939, a mensagem de Ben-Gurion foi categórica: lutaremos contra Hitler como se não existisse o Livro Branco, e lutaremos contra o Livro Branco como se não houvesse guerra.

Ben e eu pedimos a Louis que nos deixasse fazer parte da Haganah. Oficialmente a Haganah não existia, mas toda a gente sabia da sua existência, por isso não estivemos com rodeios. Tínhamos ouvido conversas suficientes ao longo dos anos para saber que Louis e Mikhail faziam parte dessa organização clandestina que se dedicava a proteger os colonos e que estava em confronto com o Irgun e o Stern, duas organizações que se caracterizavam pelos seus métodos violentos e até terroristas. Precisamente pouco depois da proclamação do Livro Branco, o Irgun tinha colocado uma bomba junto à Porta de Jaffa assassinando nove árabes palestinos.

Louis levou a sério o nosso pedido, mas rejeitou-o.

— Parece-me bem que queiram ajudar, eu dir-vos-ei como; no início, podem fazer de mensageiros.

— Tenho dezassete anos. De certeza que posso fazer alguma coisa um pouco mais importante—exclamou Ben zangado.

— E eu catorze, e ouvi dizer que nos kibutz os da nossa idade não são tratados como crianças e ajudam na defesa—disse eu tentando convencer Louis.

— Se for necessário vamos para um kibutz e assim ninguém nos vai impedir de lutar—avisou Ben.

Kassia estava a ouvir-nos sem nos termos dado conta.

— Estão loucos? Já temos problemas suficientes com Moshe e agora vêm vocês deixar-nos com o coração nas mãos.

— Vá, Kassia, já não são umas crianças e, mais cedo ou mais tarde, vão ter de assumir as suas próprias responsabilidades.

— Responsabilidades? A que é que te referes? Os árabes não são nossos inimigos.

— Mas os britânicos sim—respondeu-lhe Louis desanimado.

— E vamos combatê-los com crianças?—Kassia estava cada vez mais exaltada.

Nesse momento entraram a minha mãe e Marinna. Vinham da horta depois de vararem as oliveiras.

— O que se passa? O que é esta gritaria?—perguntou Marinna.

Kassia explicou-lhe e Marinna zangou-se com os três, com Louis, com o seu filho Ben e comigo. A minha mãe tentou acalmá-la.

— Têm idade de querer viver aventuras e fazer parte da Haganah porque não sabem o que é que

significa verdadeiramente.

— Claro que sabemos!—interrompeu-a Ben, incomodado com o tom condescendente da minha mãe.

Louis acabou a discussão dizendo que tinha de se ir embora, mas quando estava prestes a sair dirigiu um olhar a Ben e a mim no qual julgámos ver que nem tudo estava perdido.

Pode ser surpreendente, mas a verdade é que nos seis anos em que a guerra durou houve uma espécie de tréguas entre os árabes palestinos e os judeus. Não sei se porque, apesar de estarmos contra o Livro Branco, este não deixava de ser uma garantia de que nós, judeus, não teríamos o nosso lar no futuro, ou também porque os britânicos se esmeraram em impedir a chegada de mais judeus à Palestina, mesmo sabendo que estes não faziam mais do que tentar escapar das garras dos seus piores inimigos, de Hitler e dos seus seguidores.

Independentemente da opinião das nossas mães, Ben e eu começámos a fazer de mensageiros para a Haganah. Em 1940 encarregávamo-nos de levar mensagens e armas de um lado para o outro. Acho que tanto a minha mãe como Marinna decidiram fingir que não sabiam confiando que o bom senso de Louis não nos poria diante de muitos perigos.

Louis tinha-nos posto às ordens de Mikhail, e a minha mãe tentava convencer Kassia de que as minhas contínuas visitas à casa do meu tio Yossi eram para o ver a ele e Yasmin.

— O Ezequiel é um rapaz muito sensível. Desde a morte da Judite não perde uma oportunidade de fazer companhia ao tio e à prima—dizia orgulhosa de mim.

A minha prima Yasmin sabia o que estávamos a fazer, embora ela, tal como Yossi, o seu pai, tivesse algumas reservas.

O que mais me custou foi não poder contar o que estava a fazer a Wadi. Louis tinha-se mostrado inflexível a esse respeito.

— A Haganah não existe—insistiu.

— Mas se eu ouvi o Mohamed dizer que provavelmente tu és da Haganah—protestei eu.

— Ele pode acreditar nisso, mas não sabe. Sei que o Wadi é muito importante para ti, deves-lhe a vida, mas agora a vida de muitas pessoas depende do teu silêncio. O que sabes não te pertence, portanto, não podes usá-lo.

Eu sentia-me mal comigo próprio. Ficava com um nó no estômago, quando estava com Wadi, por não lhe poder dizer o que estava a fazer.

As cicatrizes do rosto de Wadi recordavam-me que lhe devia a vida embora ele nunca o lembrasse e, se eu que o fazia, ele não dava importância.

Wadi tinha decidido ser professor e estava a estudar para isso. Tinha recebido uma boa educação na escola britânica de St. George e os seus professores destacavam a sua predisposição para ajudar os mais fracos. Mostrava-se extremamente protetor para com a sua irmã Naima, que tremia quando ouvia a sua mãe dizer ao seu pai que tinha de ir pensando em procurar um bom marido. Wadi contava-o a Ben e este contraía o rosto. Estava apaixonado por Naima por mais que tivesse prometido aos seus pais que não daria um único passo que a pudesse comprometer. Marinna teria gostado de permitir que o seu filho se deixasse levar pelos sentimentos, mas sabia que teria sido um problema não só com Salma, mas também com Mohamed. Se eles tiveram de renunciar a estar juntos numa época em que não existiam os problemas que estávamos a viver, naquele momento era impossível. E embora Marinna se mostrasse firme, Igor mantinha-se inflexível. Até tinha chegado a ameaçar mandar Ben para Inglaterra para ir ter com Samuel, caso não esquecesse Naima. Ben sabia que era impossível que o mandassem para Inglaterra. A guerra estava no seu apogeu, os britânicos tentavam manter os judeus na linha e não teriam facilitado uma autorização para enviar um jovem para Londres. Porque é que o fariam? Afinal de contas, não éramos pessoas importantes.

Hoje, com a perspectiva do tempo, julgo que Naima não estava tão interessada em Ben como ele nela. De facto, sentia-se bajulada ao ver que Ben ficava nervoso na sua presença e que passava horas na cerca que separava as duas hortas com a esperança de a ver. Ela observava-o da janela e, se conseguia escapar ao controlo da sua mãe, corria para se reunir com ele. Mas eram poucas as vezes que o conseguia porque Salma estava sempre atenta ao que ela fazia.

As discussões cada vez mais frequentes de Louis e de Igor com os Ziad magoavam-me. Lembro-me de uma noite em que, convidados pela Marinna, Aya e o seu marido Yusuf vieram à nossa casa e se reuniram com Mohamed e Salma e os seus tios, Hassan e Layla, todos acompanhados pelos seus filhos. Nós, os jovens, estávamos contentes por partilharmos aquelas horas e a última coisa que queríamos era que os mais velhos se envolvessem numa discussão. Foi Igor, sempre tão prudente, quem censurou aos nossos amigos as veleidades nazis do mufti.

— Parece que os alemães prometeram ao mufti que, quando acabar a guerra na Europa, se encarregarão de resolver "o problema judaico" no Oriente—comentou Igor olhando fixamente para Mohamed.

Este fitou-o, incomodado. Marinna ficou tensa. Inquietava-a que o seu marido e Mohamed se enfrentassem. Mas não foi Mohamed quem respondeu a Igor; quem tomou a palavra foi o seu tio Hassan.

— Muitos árabes concordam com Hitler na sua aversão aos judeus. Mas isso é uma coincidência. Têm de compreender que nós, palestinianos, estamos inquietos com os planos dos ingleses para dividirem a nossa terra. Podemos partilhá-la, mas devemos deixar que a arrebatem?

— A Palestina era o lar dos nossos antepassados. Não somos estrangeiros—respondeu Igor.

— Têm de ir ao princípio dos tempos para evocar esse passado. Sabem bem que nenhum membro da nossa família simpatiza com os Husseinis e que estamos em confronto aberto com eles. Não queremos mudar o chefe britânico pelo chefe alemão, embora o mufti julgue que, se apoiar Hitler, este o ajudará a ficar com a Palestina sem nada em troca. Não gostamos das teorias raciais que os nazis defendem. Mas esse desagrado nada tem que ver com a nossa crescente preocupação com a chegada em massa de judeus à Palestina e a decisão dos britânicos de dividirem a nossa terra—insistiu Hassan.

— Deviam ter vergonha de o vosso mufti ter os nazis como amigos enquanto os judeus estão a sofrer o terror iniciado por Hitler.—Igor parecia ter vontade de discutir.

— E vocês deviam parar de nos roubar o que nos pertence.—Desta vez o tom de voz de Hassan era menos complacente.

— Apoiar Hitler implica apoiar a perseguição dos judeus.—Igor não estava disposto a encerrar o assunto.

Marinna olhou-o com angústia. O jantar que prometia ser um encontro agradável com os nossos velhos amigos estava a converter-se num confronto. Foi Kassia quem acabou com a discussão.

— Já chega! Igor, este não é o momento de discutir. Quero desfrutar da presença dos nossos amigos. Falemos dos velhos tempos...

Quando olho para trás penso no sofrimento silencioso da minha mãe. Nem ela nem eu mencionávamos o meu pai, nem sequer a minha irmã Dalida. A minha mãe também não falava sobre o seu filho mais velho, Daniel. Os outros respeitavam o nosso silêncio. Agora dou-me conta de que a sua ausência nos magoava tanto que, para nos defendermos, tínhamos optado por não falar sobre ela.

A minha mãe nunca se queixava de nada. Parecia encontrar alívio a trabalhar a terra em jornadas que prolongava até o sol se pôr.

Kassia insistia em continuar a trabalhar a terra, mas a minha mãe tentava ajudá-la nas tarefas; não só pela sua idade, mas também porque estava a emagrecer tanto que nos preocupava.

— Devias levar a tua mãe para que o meu cunhado Yossi a veja—dizia a minha mãe a Marinna.

— Miriam, já sabes como é a minha mãe, nega-se a ir ao médico, diz sempre que está bem.

— Não gosto da cor da pele dela, nem das olheiras cada vez mais fundas. Talvez se o teu marido falar com ela...

— O Igor? Não, o Igor é incapaz de dizer à minha mãe o que tem de fazer. Talvez ouça mais o que tu dizes do que se formos nós a fazê-lo.

Ben também se dava conta de que a sua avó estava doente. Confessou-mo preocupado.

— Na outra noite ouvia-a queixar-se, levantei-me para lhe perguntar se precisava de alguma coisa e vi-a a vomitar.

Mas Kassia continuava a recusar ir ao médico. Acho que já não tinha muita vontade de viver, que não tinha sonhos, por mais que amasse profundamente a sua filha Marinna e o seu neto Ben. Durante anos, Kassia temeu que Marinna pusesse fim ao seu casamento com Igor, mas esta tinha percebido que, embora não estivesse apaixonada pelo seu marido, ficaria com ele. O tempo tinha adormecido a sua paixão por Mohamed sabendo que ele jamais quebraria o seu compromisso com Salma. Marinna e Mohamed tinham-se resignado renunciando um ao outro e era essa resignação que confortava Kassia. Quanto a Ben, não se enganava, sabia que o seu neto não precisava dela, ou pelo menos não dependia assim tanto dela para continuar a lutar por viver com ele.

Quando Kassia aceitou ir ao hospital já estava mais morta do que viva. O médico que a atendeu não deixou margem para dúvidas: tinha um cancro no estômago em fase terminal. O que o surpreendia é que não tivesse ido antes receber tratamento.

— Não percebo—disse a Marinna—como é que conseguiu suportar tanta dor.

Marinna começou a chorar. Censurava-se por não ter admitido o que Miriam lhe dizia, que a sua mãe estava muito doente, que a sua recusa de comer, os vômitos e a sua extrema magreza eram o sintoma evidente de alguma doença. Quando o médico anunciou que tinha de ficar no hospital o tempo que fosse necessário, Kassia rebelou-se.

— O senhor sabe que não vou viver muito tempo, porque é que não me dá alguma coisa que me alivie e me deixe morrer na minha cama?—pediu-lhe Kassia.

— Por amor de Deus, mãe, o que estás a dizer? Claro que te vais curar—disse Marinna com os olhos marejados de lágrimas.

Mas Kassia mandou-a calar e voltou a pedir ao médico que a deixasse morrer na sua cama.

O médico negou-se. Não é que pudesse fazer mais alguma coisa para lhe salvar a vida, mas pensou que pelo menos num hospital teria um melhor cuidado. O meu tio Yossi fez-lhe um sinal e foram para um canto falar. Quando regressaram Kassia sabia que tinha ganhado aquela última batalha.

— Se é o que quer, vai para casa, mas terá de estar na cama com soro e dar-lhe-ão algumas injeções para as dores... Se se vai embora não poderei fazer muito mais por si...

— E se ficar, também não, exceto tranquilizar a sua consciência—respondeu Kassia.

Naquele mês de dezembro de 1941 estava frio. E ainda sinto esse frio na pele quando penso nos últimos dias de vida de Kassia.

A minha mãe mantinha a grande lareira da sala permanentemente acesa e na cama de Kassia não faltavam os sacos de água quente.

Marinna chorava quando Kassia não a via.

— Se eu te tivesse ouvido...—lamentava-se à minha mãe.

Na verdade não teria mudado nada, embora Kassia tivesse recebido tratamento alguns meses antes, mas Marinna censurar-se-ia para o resto da sua vida por não ter querido ver a doença da sua mãe.

Não sei de que é que eram aquelas injeções que a minha mãe dava a Kassia, só sei que dormitava.

Não é fácil morrer. Dei-me conta pela primeira vez disso ao assistir à agonia de Kassia.

Numa madrugada acordei com um barulho e, ao sair do meu quarto, encontrei as luzes da sala acesas e a porta do quarto de Kassia aberta.

Estava a sufocar entre vômitos enquanto tentava respirar e, nessa luta, cada vez que um sopro de ar entrava nos seus pulmões ouvíamos um barulho surdo e sepulcral. O seu corpo extenuado mexia-se com convulsões que pareciam que a iam partir. Estava muito agitada e agarrava com força a mão de Marinna esforçando-se por falar, mas da sua boca só saía um surdo murmúrio. Ben estava ao meu lado a tremer. Louis tinha ido chamar Yossi.

A minha mãe multiplicava-se tentando limpar os vômitos e pondo a cama em ordem, mas ainda teve tempo de fazer um sinal a Ben para se aproximar do leito da sua avó.

Ben deu-lhe um beijo na testa e pegou-lhe na outra mão.

— Avó, gosto de ti, gosto muito de ti, vais ver como vais ficar boa—disselhe num sussurro.

Kassia fez um último esforço por apertar a mão de Marinna e a de Ben, de seguida saiu da sua garganta um grito intenso. Foi o seu último estertor. Depois, faleceu. O seu corpo ficou quieto e o seu olhar perdeu-se na eternidade.

Ficámos em silêncio durante uns segundos, sem nos atrevermos a mexer-nos, pois podia acordar. Igor aproximou-se de Marinna tentando que se endireitasse, e a minha mãe fez o mesmo com Ben. Marinna resistiu e pediu-nos que a deixássemos sozinha com a sua mãe. Igor não queria, mas Marinna gritou de tal forma pedindo-lhe que se fosse embora que ele saiu do quarto a arrastar Ben.

A minha mãe fechou a porta e, pela primeira vez, senti-a frágil. Só quando Louis chegou com Yossi é que a minha mãe se permitiu chorar.

Esperámos algum tempo que Marinna saísse, quando o fez tinha os olhos inchados de tanto chorar.

— Tenho de a preparar—consegui dizer enquanto se abraçava à minha mãe.

Com os primeiros raios de luz, a minha mãe mandou-me à casa de Mohamed para lhes comunicar a morte da Kassia. Quando cheguei ele estava a tomar uma chávena de chá antes de se dirigir à pedreira.

— A Kassia morreu—consegui dizer.

Salma ficou imóvel à espera da reação de Mohamed. Ele pareceu não me ter ouvido porque nem sequer olhou para mim. Levantou-se e, fechando os olhos, apoiou a cabeça contra a parede. Wadi, que me tinha ouvido chegar e se tinha levantado, aproximou-se pondo-lhe a mão no ombro.

— Vai com o Ezequiel, nós vamos depois—disse ao seu pai.

Caminhámos depressa sem falar. Quando entrámos na casa o corpo de Kassia jazia sobre lençóis limpos e o quarto cheirava a lavanda. A minha mãe tinha-se dedicado a fundo a limpá-lo. Marinna permanecia ajoelhada junto ao leito da sua mãe e Igor estava a fazer café.

Mohamed aproximou-se de Marinna e estendeu-lhe a mão. Ela levantou-se e abraçou-o.

— Lamento... lamento muito... Sabes que eu gostava muito da tua mãe—disselhe Mohamed com a voz entrecortada.

Marinna deixou-se levar pelo choro. A minha mãe estendeu a mão a Mohamed com delicadeza e depois abraçou-o para quebrar a tensão que se tinha apoderado de nós. Igor tinha saído da casa e Ben não tirava os olhos de Mohamed e da sua mãe. Eu saí atrás de Igor com uma chávena de café.

— Entra, está muito frio—disselhe, para quebrar o silêncio.

Quando entrámos, a minha mãe continuava abraçada a Mohamed e isso fez com que Igor se sentisse menos tenso. Depois Mohamed dirigiu-se a Igor e também o abraçou. Foi um gesto rápido, que apenas se ficou a dever à situação.

— A Kassia era a minha segunda mãe—disse enquanto secava as lágrimas com as costas da mão.

Marinna encontrou uma carta com as últimas vontades da sua mãe. Era muito sucinta; na verdade só continha um desejo: que a enterrassem debaixo de algumas das oliveiras da Horta da Esperança. Fizemo-

lo numa manhã acompanhados pelos Ziad. Apareceram Mohamed e Salma, com os seus filhos, Wadi e Naima; também Aya e Yusuf, junto a Rami e a Noor. E não faltaram Hassan e Layla e o seu filho Khaled.

Nenhum de nós fez nada para evitar as lágrimas. Aya segurava Marinna enquanto Ben procurava refúgio atrás do seu pai. Pareceu-me que Igor estava magoado pelo facto de Marinna preferir o consolo de Aya ao seu, afinal de contas era seu marido. Mas da sua boca não saiu uma única censura.

Agora que sou velho e tenho tanto tempo livre, às vezes lembro-me daqueles dias e pergunto-me pela integridade e a lealdade de Igor. Admiro o seu amor resignado por Marinna.

Foi Louis quem escreveu a Samuel para lhe comunicar a morte de Kassia, mas nunca recebemos uma resposta.

Não foi fácil voltar à normalidade. Com a ausência de Samuel e a morte da Kassia, a Horta da Esperança parecia ter perdido a sua razão de ser. Eu sabia que era isso que a minha mãe pensava embora não o dissesse, e que até teve a tentação de irmos viver para a cidade e deixarmos que Marinna e Igor se encarregassem de tudo. Eu sei porque a ouvi comentar isso com o meu tio Yossi. Mas não o fizemos, imagino que pensava que eu me sentiria desenraizado.

Ben continuava a querer ir viver para um kibutz. Admirava os rapazes da nossa idade que se preparavam para combater tanto os alemães, que pareciam estar cada vez mais perto da Palestina, como os britânicos, que insistiam em travar a imigração de judeus, e algumas fações árabes, que enfrentavam a cada vez mais numerosa comunidade judaica.

Um dia a minha mãe perguntou a Louis o que aconteceria se as tropas do Rommel tentassem chegar à Palestina. A resposta de Louis foi categórica:

— Teremos de resolver a situação sozinhos. É para isso que nos estamos a preparar. Há algum tempo que os líderes do Yishuv adotaram algumas decisões para que estejamos alerta. Os britânicos sabem que precisariam da nossa ajuda.

As notícias que chegavam da Europa deixavam-nos muito preocupados. Sabíamos que os alemães levavam os judeus para campos de concentração, mas o que não podíamos ter imaginado nem no pior dos pesadelos é que na verdade fossem campos de extermínio. Sabíamos que os judeus desapareciam, tal como sabíamos da tragédia dos judeus encerrados no gueto de Varsóvia ou das perseguições que estavam a sofrer em todos os cantos da Europa.

O que os homens do Yishuv fizeram foi pedir aos britânicos que nos deixassem combater ao seu lado.

Naquela altura os britânicos não confiavam em nós, por isso muito poucos conseguiram fazer parte das suas fileiras para lutarem na frente, embora alguns tenham sido admitidos em tarefas auxiliares. Depois mudaram de opinião e até ajudaram na criação do Palmach, que era uma espécie de tropa especial da própria Haganah.

A minha confiança no ser humano foi abalada por dois acontecimentos que me marcaram. O primeiro foi uma discussão entre Louis e Mikhail com Moshe. Não foi pela discussão em si, mas sim pelo motivo da disputa.

Estávamos a celebrar o jantar do sabat e, embora não costumássemos convidar Moshe e Eva para virem a nossa casa, naquele dia tínhamo-lo feito. A minha mãe e Marinna prepararam o jantar e, à volta da mesa, além dos nossos dois convidados, estava eu, Igor e Ben. Não sabíamos se Louis apareceria, mas já nos tínhamos acostumado a não esperar por ele.

O jantar decorria com normalidade até que chegaram Louis e Mikhail. Nem sequer disseram boa noite. Louis ficou quieto a olhar para Moshe com ódio e foi Mikhail que se aproximou dele e, pegando-lhe pelo pescoço, obrigou-o a levantar-se.

Ficámos paralisados. Ninguém percebia o que se estava a passar. Mikhail empurrou-o contra a parede, aproximou-se e deu-lhe um murro. De seguida, um pontapé no estômago fez com que Moshe se

dobrasse e caísse no chão. Eva levantou-se e correu para o seu marido a gritar. A minha mãe e Marinna também se levantaram perguntando o que é que se passava, enquanto Igor tentava separar Mikhail e Moshe.

Contudo, Mikhail parecia um urso furioso e conseguiu afastar Igor para continuar a bater em Moshe, que não teve tempo de responder às agressões.

— Por amor de Deus, para! Para! Estás louco!—gritou Eva tentando abraçar o marido para o proteger com o seu corpo. Mas Mikhail afastou-a com brusquidão e ela também caiu no chão. Mikhail deu uns segundos a Moshe para se levantar e se defender. Lutaram com tal violência que a sala parecia um campo de batalha.

Ben e eu estávamos atónitos sem saber o que fazer. Entretanto, Louis tinha acendido um cigarro e contemplava impassível aquela violência que tínhamos que pudesse acabar com a vida de Moshe.

Foi a minha mãe que se meteu no meio dos dois sabendo que Mikhail não se atreveria a levantar a mão contra ela.

— Chega! Já chega! Queres matá-lo?—gritou a minha mãe.

— Sim! É isso que vou fazer!

Mas a minha mãe, fora de si, empurrou Mikhail e colocou-se à sua frente.

— Nesta casa, não vais matar ninguém. E, se tentares, tens de me matar a mim primeiro.

Louis aproximou-se de Mikhail e pôs-lhe uma mão no ombro, com uma expressão que o convidava a ficar quieto.

— Vais-te embora esta noite, Moshe. Vais-te embora para sempre—disselhe, e o tom da sua voz era tão frio como o gelo.

— Mas porquê, porquê?—gritou Eva entre lágrimas, enquanto segurava na cabeça do seu marido, transformada numa massa disforme de sangue.

— Porque nós não nos damos com assassinos—respondeu Louis muito calmo.

— O que se passa?—perguntou Igor atónito perante aquele espetáculo de violência.

— Os seus amigos do Stern Gang pretendem fazer a guerra por sua conta. E isso implica que todos nós estejamos em perigo. Se continuarem a insistir em atacar agora os britânicos, para além de se esconderem deles, também têm de se esconder de nós. Não vamos consentir que as vossas ações acabem por ser assassínios de inocentes—afirmou Louis enquanto aspirava o fumo do cigarro.

— O Moshe não faz parte do Stern Gang! Sabem que é do Irgun!—gritou Eva.

— Que é a outra face da mesma moeda. Os do Irgun e os do Lehi dão-me nojo!—gritou Mikhail.

— Há dois dias, o Moshe reuniu-se com um dos homens de Abraham Stern. Não é a primeira vez que o faz. Talvez o teu marido tenha trocado o Irgun pelo Lehi, o Stern Gang, e tu não saibas—referiu Louis.

— Falar com um homem do Stern não o torna seu cúmplice—afirmou Igor, aborrecido com a cena.

— Muito bem, vamos perguntar ao Moshe: abandonaste o Irgun e fazes parte do Lehi? A resposta é muito simples, sim ou não.

Marinna deu um copo de água a Eva para que Moshe pudesse beber nem que fossem uns goles.

— Não sou do Lehi. Continuo a ser do Irgun—afirmou Moshe com a voz sumida pela dor.

— Pois... Então o que estavas a fazer com aquele homem do Lehi?

— É um amigo do meu filho mais velho—conseguiu dizer Moshe enquanto tossia e da sua boca saía um fio de sangue.

Eva olhou-o assombrada e dei-me conta de que, independentemente do que Moshe tivesse feito, ela não sabia de nada.

— O teu filho mais velho vive em Haifa—respondeu Louis.

— Sim, vive lá—afirmou Moshe sem acrescentar mais nada.

— Com que então o teu filho é do Lehi.

— Eu não disse isso, por acaso uma pessoa é culpada por aquilo que os seus amigos fazem?

Conhecem-se do Irgun. Aquele homem decidiu seguir Stern, é tudo o que sei.

— E o que tu tens que ver com ele?

— Não sou do Lehi, juro-te—insistiu Moshe.

— Diz-nos o que tens que ver com esse homem.—A voz de Louis era imperativa.

Moshe não respondeu. Eva, com a ajuda da minha mãe, ajudou-o a levantar-se.

— Vai-te embora, Moshe, e tenta não te cruzares connosco. Vamos colaborar com os britânicos para vos meterem a todos na prisão. Não queremos ter qualquer relação com terroristas e muito menos com traidores. Se, ao amanhecer, ainda não te tiveres ido embora, eu próprio te vou entregar aos ingleses—sentenciou Louis.

Quando Eva e Moshe saíram da nossa casa ficámos uns minutos em silêncio. Marinna deu a Mikhail um lenço molhado em água para que limpasse o rosto.

— E agora, podem explicar-nos o que se passa?—exigiu-lhes Igor.

— Como sabem, quando a guerra começou, o Irgun decidiu seguir os passos da Haganah e deixar de lutar contra os ingleses. Agora o inimigo é a Alemanha. Mas um dos seus dirigentes, Abraham Stern, formou a sua própria facção e continua a atentar contra os ingleses. A Haganah soube que os homens de Stern estão a preparar um atentado contra soldados britânicos e nesse lugar também há civis—explicou Louis.—Sabes o que é que isso implicaria?

— Tens a certeza daquilo que dizes?—Igor estava atónito.

— Temos ouvidos em todo o lado—respondeu Mikhail adiantando-se a Louis.

— A acusação é muito grave, até contra pessoas como as do Stern Gang.

— O Irgun nem sequer quer saber nada deles—referiu Louis.—E mais, talvez não lhes importe que sejam todos presos. E é de ter em conta que os do Irgun fervem em pouca água. Nunca se caracterizaram por ter demasiados escrúpulos, mas deram-se conta de que, enquanto a guerra durar, temos outros inimigos mais importantes do que os britânicos—disse Mikhail.

— São repugnantes—comentou Ben.

— Tens a certeza de que Moshe é um deles?—perguntou a minha mãe.

— Dá-se com os homens de Stern—afirmou Mikhail.

— Talvez sejam só seus amigos ou amigos do seu filho, como ele disse. Afinal de contas, até há pouco tempo todos faziam parte do Irgun—lembrou-lhes a minha mãe.

— É melhor que se vão embora até pela nossa própria segurança. A Agência Judaica e a Haganah não vão dar tréguas nem ao Stern nem aos seus homens. O Moshe sabia o que estava em jogo ao relacionar-se com eles.—E Louis deu por terminada a discussão.

Acho que nenhum de nós dormiu naquela noite. Eu estive a espiar pela janela a casa de Moshe e de Eva, que permaneceu com as luzes acesas até que começou a amanhecer. Depois vi-os sair e meterem malas e utensílios no carro. Eva chorava, mas Moshe não prestava atenção às suas lágrimas e instava-a a apressar-se. Não pude deixar de me perguntar o que teria pensado o meu pai, o que teria feito ele. Não sabia a resposta.

— Não é que sinta a falta deles, porque não os víamos assim tanto, mas tenho a impressão de que já não resta nada do que foi a Horta da Esperança.

A minha mãe falava com Marinna. Estavam as duas tristes.

Marinna assentiu. Ela também sentia o vazio daquela comunidade na qual tinha crescido e que o meu pai, Samuel, tinha convertido no lar de um grupo de desconhecidos que tinham acabado unidos por laços mais fortes do que os de sangue.

Eu não queria partir da Horta da Esperança, era a minha casa; mas também me perguntava, tal como a minha mãe, se ainda fazia sentido continuarmos ali.

Ben e eu falávamos das ações do Stern Gang.

— Tenho nojo deles, oxalá os apanhem a todos e os enforcem. Sei que a Agência Judaica e a Haganah vão colaborar com os britânicos para os prenderem a todos—afirmou Ben.

Não foi fácil. Abraham Stern fugia sempre da perseguição dos ingleses, mas em 1942 os britânicos encontraram um dos seus esconderijos em Telavive. Alguém lhes tinha indicado o lugar onde ele se escondia.

Mas, antes de isso acontecer, sofri a minha segunda decepção.

Em outubro de 1941 o mufti era recebido com todas as honras por Benito Mussolini no seu palácio da Praça Veneza de Roma. Os jornais informavam que os dois homens tinham concordado em que não havia lugar para os judeus nem na Palestina nem na Europa.

Mas o mufti não só tinha sido recebido por Mussolini como um amigo; um mês mais tarde, Adolf Hitler fez o mesmo em Berlim recebendo-o com todas as honras.

Hitler comprometeu-se com o mufti Husseini a, quando tivesse acabado com todos os judeus da Europa, encarregar-se de levar a cabo a mesma tarefa no Oriente.

Essa não foi a última vez que os hierarcas nazis receberam o mufti Husseini em Berlim. O próprio Heinrich Himmler, o sinistro chefe das SS, e o mufti Husseini iniciaram uma boa relação. E não era só isso, já que o mufti dizia aos seus para se alistarem nas forças nazis. As suas alocações na Rádio Berlim eram ouvidas em todo o Oriente. Hitler e o mufti tinham um objetivo comum: acabar com os judeus e, de passagem, também com os britânicos.

Quando soubemos na Palestina dessa primeira visita do mufti a Berlim, fui pedir explicações a Wadi. Custava-me muito fazê-lo porque era a pessoa de quem mais gostava a seguir à minha mãe, ou talvez tanto como gostava dela.

Pela primeira vez discutimos. Ele tentava explicar-me porque é que alguns árabes apoiavam os alemães.

— Sabes que nem eu nem a minha família somos seguidores do mufti. Também tenho vergonha de ler no jornal que o mufti tomou partido pela Alemanha. Mas suponho que não acreditas que todos os árabes que seguem o mufti são nazis e antijudeus. São apenas nacionalistas que defendem a sua pátria e que desejam que os britânicos, os franceses... definitivamente, os europeus, se vão embora para sempre. Porque é que os egípcios têm de estar sob o Mandato Britânico? E porque é que nós temos de o suportar? Quanto aos franceses, ali os tens na Síria e no Líbano.

— Muito bem, posso compreender que os árabes lutem contra os ingleses. Nós também o fazemos, embora agora Ben-Gurion tenha ordenado que colaboremos com eles nesta guerra contra a Alemanha. Mas uma coisa é combater os britânicos e outra muito diferente é aliar-se com a Alemanha sabendo que querem acabar com os judeus. Tu por acaso não sabes que os levam para campos de concentração e que os obrigam a trabalhar até à exaustão e até à morte? Não há lugar na Europa onde os judeus não sejam perseguidos, detidos e enviados para esses campos.

— Eu não partilho o ódio do mufti contra os judeus, e o meu pai também não. Tu sabes bem disso. Não é preciso lembrar-te de que o próprio Omar Salem nos olha com receio precisamente porque o meu pai critica o mufti. O meu tio Yusuf diz que o Omar Salem já não confia tanto nele como antigamente.

— Sim, eu sei, e também sei que tiveram problemas por não alinharem com ele, mas mesmo assim... será que ninguém se atreve a parar esse homem?

— É o mufti de Jerusalém e a sua família é tão antiga como importante. Sabes que alguns dos nossos amigos morreram por se oporem a ele.

— Ou seja, foram assassinados. Custa-te assim tanto reconhecer o que o mufti faz com quem não o apoia? Achas que não sei que a própria vida do teu pai correu perigo?

— Se não fosse pelo Yusuf, o marido da minha tia Aya, talvez o meu pai já não estivesse vivo— reconheceu Wadi.

— Então...

— Então deves compreender que há muitos que seguem o mufti porque julgam que é o único que representa os interesses dos árabes. Muitos dos nossos não têm nada contra os judeus, são seus vizinhos, e até seus amigos, mas não pensam tolerar que a imigração continue. A Palestina não pode ser judaica, o que não significa que não possa viver aqui um número significativo de judeus; no entanto, a imigração tem de acabar. Também não podemos tolerar que os ingleses dividam a nossa terra e nos tirem uma parte para a entregar à Agência Judaica. Com que direito o fazem?

Wadi mostrava-se sempre paciente comigo e dava-me longuíssimas explicações sobre o que acontecia embora não me conseguisse convencer. Eu era muito jovem e a única coisa que percebia é que alguns dos meus colegas da escola e de brincadeiras se tinham aliado aos nazis com o afã de nos destruírem. Não era o caso da família Ziad, disso tinha a certeza; Mohamed, tal como Wadi, tinha repugnância pelos nazis e por toda a sua pompa e troçava das suas pretensões sobre a superioridade da raça ariana. Mas para mim era incompreensível que, por mais que os árabes palestinos ficassem irritados com a chegada de imigrantes judeus, fossem capazes de se aliar com quem nos queria apagar da face da Terra.

Naquela altura eu era muito ingénuo. A minha mãe tinha-me incutido que na vida há duas opções, a do bem e a do mal, e que, independentemente das circunstâncias, nada me podia impedir de seguir o caminho do bem. Definitivamente, tudo se reduzia a que o fim não justifica os meios. A minha mãe era pouco flexível nessa questão. Por isso eu pensava que nada justificava que os homens de Stern, ou antes os do Irgun, levassem a cabo ações que matavam pessoas. Da mesma forma, custava-me compreender que, devido ao seu afã nacionalista, muitos árabes, não só da Palestina, mas também do Egito, Iraque, Síria e Líbano, tivessem uma simpatia explícita pelo nazismo.

Quer fosse pela insistência de Ben ou porque a minha mãe e Marinna pensassem que uma mudança nos faria bem, no fim deixaram-nos ir durante uns meses para um kibutz. A desculpa foi que eu devia visitar o meu irmão Daniel no kibutz do Neguev no qual ele vivia. Mikhail e Yasmin acompanharam-nos. A minha prima Yasmin gostava muito de Daniel, sempre pensei que mais do que de Dalida e de mim.

Não posso deixar de lembrar as palavras que a minha mãe me disse na manhã da nossa viagem.

— Este não é o mundo que eu queria para ti, teria gostado que vivêssemos em paz, mas as coisas são como são, e tu farás parte do futuro, por isso deves agir como achares mais conveniente para garantiremos esse futuro. Só te peço que não odeies ninguém e que não te julgues diferente dos outros. Rezar de outra maneira não nos torna diferentes. E foi assim até agora na Palestina. Enquanto na Europa estão a perseguir os judeus há séculos, aqui partilhamos o mesmo destino dos muçulmanos. Se houvesse um pouco de sensatez... Eu não quero um Estado judeu, mas não te posso dizer o que é que tu deves querer.

Demorei muitos anos a compreender a minha mãe. Ela era palestina, tinha nascido e crescido ali tal como os seus antepassados, partilhando aquela terra com outros palestinos dos quais só a religião a diferenciava, mas isso nunca foi um inconveniente. Tinha vivido sob o domínio do Império Otomano e o seu primeiro marido tinha morrido a defender aquele império. Ela não tinha nada contra os turcos apesar de todo o sofrimento que nos tinham causado, tal como os ingleses. Na verdade, para a minha mãe o governo da Palestina tinha passado das mãos turcas para as mãos britânicas sem que isso representasse qualquer inconveniente. Não compreendia o afã daqueles pioneiros que desejavam uma nação. Ela tinha-se deixado levar pela corrente, só queria viver, sonhar, ver os seus filhos crescerem e morrer. Tudo o

resto lhe era indiferente.

A primavera de 1942 mal se estava a despedir quando chegámos ao kibutz. Tive uma surpresa ao ver Daniel. O meu irmão não parecia o mesmo. A sua pele tinha adquirido uma cor escura fruto das longas horas de trabalho ao sol, tinha o cabelo despenteado e sobretudo emanava dele uma serenidade contagiante. Não sei se gostava muito de que eu e Ben estivéssemos ali, e talvez por isso nos tenha avisado de que não abriria exceções para nós e que isso implicava que não nos ia prestar uma atenção especial. Cumpriu rigorosamente. Ninguém teria dito que éramos irmãos, tal era o desapego que me mostrava. Na verdade, evitou sempre estar sozinho comigo e passávamos dias inteiros sem falar um com o outro. Daniel nunca se tinha sentido à vontade com a família que a sua mãe, que também era a minha, tinha formado com Samuel. Era evidente que não a perdoou por ter voltado a casar e muito menos por ter tido outros filhos, e deve-se ter sentido muito sozinho nos anos em que vivemos todos juntos.

Mas eu estava orgulhoso por ser seu irmão porque me dava conta de que as opiniões de Daniel eram ouvidas com respeito pelos outros membros do kibutz.

Agora posso confessar: a verdade é que me custou adaptar-me àquela comunidade tão peculiar. Não é que na Horta da Esperança tivéssemos qualquer luxo, mas pelo menos tínhamos a intimidade dos nossos próprios quartos e, embora não fôssemos parentes, também não éramos assim tantos para não formarmos uma família.

No kibutz não havia chefes, as decisões eram aprovadas por maioria depois de terem sido discutidas por todos os membros da comunidade. Quando se tomava uma decisão, toda a gente a cumpria sem protestar.

Quanto às tarefas, eram rotativas: numa semana tinhas de te encarregar da cozinha, na seguinte da limpeza e na outra de trabalhar a terra e, isso sim, todos, absolutamente todos os membros do kibutz tinham aulas de autodefesa.

Quem me teria dito a mim que Daniel se tinha tornado um bom instrutor dos mais novos. O meu irmão tinha aprendido bem as técnicas de combate que lhe tinham ensinado alguns dos chefes da Haganah que se encarregavam de preparar os membros dos kibutz. Daniel sabia carregar uma arma com os olhos fechados e também disparar com precisão. Tinha influência nos mais novos, com os quais se mostrava exigente, mas sempre afetuoso e equitativo.

Como dizia, nem Ben nem eu tivemos um tratamento preferencial. Dormíamos num barracão de madeira onde havia várias camas alinhadas que nós próprios mantínhamos em perfeito estado. Passei a primeira semana a ajudar a descascar batatas na cozinha, além de me encarregar da limpeza do refeitório comunitário. As poucas horas que tinha livres eram dedicadas a aprender a combater. Eu sabia que Daniel era membro da Haganah e que agora fazia parte do Palmach, mas nunca imaginei que fosse um guerreiro tão formidável. Os britânicos, que mantinham uma relação esquizofrénica com os judeus, tinham ajudado a preparar os homens do Palmach.

Como o kibutz estava situado na zona onde os ataques dos grupos árabes eram frequentes, permanecíamos alerta vinte e quatro horas por dia. Todos, mulheres e homens, não importava a idade, participávamos na defesa do kibutz.

Agora compreendia quando a minha mãe me garantia que viver num kibutz não era fácil. Os homens e as mulheres que organizaram as primeiras quintas comunitárias vinham da Rússia, e traziam com eles ideias comunistas e socialistas que puseram em prática sem qualquer hesitação. A única vantagem era a liberdade. Ninguém era obrigado a estar ali e a partilhar tudo com todos. Uma pessoa podia ficar num kibutz para sempre ou, se concluía que aquele coletivismo, assumido voluntariamente, era demasiado para ela, podia sair sem que ninguém a censurasse.

A expressão mais certa do socialismo era a que os kibutz viviam naqueles anos.

No que estava situado às portas do deserto do Neguev o mais difícil era que a terra desse frutos. Tinham-se semeado legumes e plantado árvores que demorariam muitos anos a crescer.

Ben era mais feliz do que eu. Gostava de aprender as técnicas de combate e voluntariava-se sempre para qualquer tarefa. Se não tivesse sido por aquele medo de desiludir Louis, Mikhail, a minha mãe, Marinna e até Ben, teria regressado a Jerusalém depois do verão; mas não me atrevia a tomar a decisão. Havia outro motivo: apaixonei-me pela primeira vez.

Quando Paula chegou ao kibutz, eu e Ben já lá estávamos há um mês. Simpatizei logo com ela. O seu pai era alemão e a sua mãe polaca. Uma mistura explosiva, disse-me, porque alemães e polacos tinham demasiados confrontos históricos recíprocos.

O pai de Paula era maestro e a sua mãe tocava violoncelo; tinham coincidido numa orquestra nos anos anteriores à Grande Guerra, apaixonaram-se, casaram e tiveram a filha. Viviam em Berlim, mas conseguiram escapar antes de começarem as detenções em massa dos cidadãos de origem judaica. Durante um tempo viveram em Istambul, onde mal conseguiram sobreviver.

— O meu pai dava aulas de música e com isso conseguíamos comer e pouco mais—contou-me Paula. Meses antes, o seu pai tinha chegado à conclusão de que o seu lugar era na Palestina, e decidiram rumar a esta terra.

— Foi difícil viver em Istambul, mas pelo menos ali ninguém nos tratava como se fôssemos monstros. Nem imaginas a vergonha que senti no primeiro dia em que tive de ir à escola com uma estrela de David cosida no casaco. Na Alemanha ser judia tinha-se tornado um mal. Só duas das minhas colegas de turma tiveram coragem de continuar a ser minhas amigas e de me convidarem para ir às suas casas apesar dos protestos dos seus pais, que tinham medo de que os acusassem de serem complacentes para com os judeus.

A Paula sonhava dedicar-se à música e se os nazis não se tivessem metido no seu caminho teria continuado com as aulas de piano que começou quando aprendeu a andar. Mas em Istambul não tinham dinheiro para comprar um piano e teve de se conformar com as lições de violoncelo da sua mãe.

— Mas não gosto, oxalá um dia possa voltar a estudar piano.

Não me atrevia a desanimá-la, mas parecia-me impossível que chegasse algum piano àquele canto do deserto. Acho que não estava entre as necessidades do kibutz. Ali não se gastava uma única moeda sem que a comunidade o autorizasse, e as necessidades eram demasiadas para que alguém propusesse comprar um piano.

Eu reparava que a Paula tinha dificuldades em adaptar-se ao kibutz, tal como me tinha acontecido. Não se queixava, mas via a expressão de perplexidade, e às vezes de dor, nos seus imensos olhos azulados. Além da dificuldade em ter de aprender a viver num barracão com outras raparigas ou de limpar as latrinas, que foi a tarefa que teve de desempenhar na primeira semana, era preciso acrescentar que não falava hebreu. Tinha aprendido turco durante o tempo passado em Istambul, e falava um pouco de inglês, língua que escolhíamos para comunicarmos entre nós.

Propus ensinar-lhe hebreu se ela me ensinasse alemão. Era uma forma de a ajudar, mas, sobretudo, de estar perto dela.

À noite, se nenhum dos dois tinha de patrulhar o perímetro do kibutz, aproveitámos o tempo para dar as aulas.

Naquele verão de 1942 recebi uma carta de Wadi a anunciar-me que tinha decidido alistar-se nas tropas britânicas. Estavam a formar-se batalhões palestinos, de judeus e árabes, e ele tinha decidido lutar. A carta dele fez-me chorar.

"Tomei a decisão porque acho que não se pode ficar indiferente nesta guerra. Alguns dos meus amigos justificam o apoio do mufti Amin al-Husseini ao Hitler dizendo que, quando a Alemanha vencer a

Inglaterra, ajudar-nos-á a libertarmo-nos dos ingleses. Tenho a certeza de que estão enganados e de que, se isso acontecesse, se a Alemanha ganhasse a guerra, passaríamos a fazer parte do império com que Hitler sonha.

O meu pai ajudou-me a resolver as minhas dúvidas e sobretudo incentivou-me a tomar a decisão. Já sabes que ele diz que há momentos na vida em que a única forma de nos salvarmos a nós próprios é matando ou morrendo. Neste caso, se morrer, será para evitar que Hitler venha a ser, como pretende, o dono do mundo. E, se matar, será pela mesma razão.

Agora estou em Telavive a receber treino militar, mas não por muito tempo. Acho que nos vão enviar para o Egito.

Tem cuidado contigo, Ezequiel."

Então Wadi ia lutar contra Hitler. Aquilo fez com que o admirasse ainda mais, e desejei ter mais dois anos para também poder ir para a frente.

Por fim, a 2 de novembro de 1942, o exército britânico derrotou os alemães na Líbia, na Batalha de El Alamein. Quando soubemos da notícia, celebrámo-la. Decidimos fazer um jantar especial e cantar à volta de umas fogueiras que improvisámos no planalto que dava acesso ao kibutz.

O meu irmão Daniel elogiava a minha capacidade de aprender a falar outras línguas. Enquanto Paula tinha dificuldade em aprender o hebreu, eu avançava rapidamente na aprendizagem do alemão.

Às vezes acompanhava Daniel a encontros com alguns chefes das aldeias árabes para comprar alimentos ou materiais de que precisávamos no kibutz. Tanto Daniel como eu dominávamos o árabe. Eu tinha aprendido a falar árabe e hebreu ao mesmo tempo, e ainda hoje não saberia dizer qual é a minha primeira língua, embora por questões familiares seja o hebreu.

A minha mãe visitava-me de vez em quando. Costumava vir com Louis ou com Mikhail e eu ficava preocupado ao verificar que ela envelhecia um pouco mais em cada viagem. Tinha o cabelo cada vez mais grisalho e o olhar apagado. Perguntava-me se eu era feliz ali, imagino que com a esperança de que lhe dissesse que queria regressar a casa. Mas eu estava demasiado apaixonado pela Paula e não planeava nada que não fosse estar ao seu lado.

Foi Ben, devido a uma visita de Mikhail, que me convenceu uma vez mais de que tinha chegado o momento de voltar a mudar de cenário. Foi em finais de 1943 e eu acabava de fazer dezoito anos.

— Vou alistar-me no exército britânico. O Mikhail prometeu tratar do assunto. Quando me chamar, regressarei a Jerusalém e de lá irei para Telavive. Quero lutar na Europa, não quero ficar aqui sabendo que milhões de judeus estão presos nesses campos para os quais os nazis os levam. O Mikhail disse-me que se contam coisas terríveis sobre esses lugares—explicou-me Ben.

— Mas aqui também estamos a lutar. Imagina que Rommel tinha chegado à Palestina...—respondi eu.

— Mas os ingleses derrotaram-no. Aqui já perderam—retorquiu.

Eu não me queria separar de Paula, tínhamos pensado em casar. A minha mãe já sabia da minha relação com Paula e aprovava-a. Dizia-me que já que ela não podia cuidar de mim, pelo menos que tivesse alguém que o fizesse, embora tentasse convencer-nos a irmos viver para a Horta da Esperança. Mas Paula dizia que o nosso lugar era no kibutz e eu não tinha qualquer vontade de a contrariar.

Ben estava impaciente por receber notícias de Mikhail para regressar a Jerusalém e alistar-se no exército britânico.

Comecei a duvidar se devia fazer o mesmo. Parecia-me que se continuasse ali estaria a trair milhares de judeus que, de certeza, rezavam para que os Aliados derrotassem a Alemanha.

Sem o saber, Paula ajudou-me a tomar a decisão. Numa noite em que estávamos a fazer uma patrulha juntos, explicou-me a angústia que ela e os seus pais tinham sentido ao verem como muitos dos seus amigos eram levados para campos de trabalho e nunca mais se voltava a saber deles. Foi isso que os

incentivou a escapar para evitarem ter a mesma sorte.

De repente, perguntou-me:

— É verdade que não sabes nada do teu pai nem da tua irmã há muitos anos?

Aquelas palavras explodiram-me no cérebro.

Eu já fora apagando Samuel e Dalida da minha vida e cada vez pensava menos neles.

No dia seguinte procurei Ben, que estava a cavar uma vala.

— Vens comigo, não é?—disseme assim que me viu.

Tínhamos crescido juntos, éramos como irmãos e conhecíamos-nos demasiado bem, por isso bastava um olhar para sabermos o que se passava na cabeça de cada um.

— Tens razão, temos de derrotar os alemães lá. Teremos tempo para ajudar aqui.

Quando chegámos a Jerusalém, Mikhail e Louis já tinham tratado de tudo com os ingleses para que nos permitissem alistar-nos e para que nos destinassem à frente. Vínhamos de um kibutz, tinham-nos treinado para lutar e para utilizar uma arma, e os britânicos precisavam de todos os homens que estivessem dispostos a combater por mais reservas que, a princípio, tivessem mostrado para connosco. Havia judeus a combater nos batalhões britânicos destacados na Grécia, Etiópia e Eritreia. Desempenhavam tarefas de abastecimento do exército britânico na Tunísia, na Líbia e noutros cantos do Oriente. Também havia alguns aviadores na RAF e em diferentes destacamentos de outras frentes.

O pior foi despedir-me da minha mãe. Ben disseme que lhe tinha acontecido o mesmo, embora ambos reconheçêssemos que tanto Miriam como Marinna não tinham derramado uma única lágrima e que a única coisa que nos exigiram foi que voltássemos vivos. Igor não conseguiu disfarçar a sua apreensão e, ao despedir-se de Ben, reteve o seu filho num abraço que pareceu interminável.

Também me fui despedir dos Ziad. Mohamed deu-me todo o tipo de conselhos; afinal de contas, ele tinha lutado na guerra do deserto e sabia que não há qualquer romantismo em matar ou em morrer, independentemente da causa.

Naima perguntou-me se eu ia ter com o seu irmão Wadi, de quem não tinham notícias há muitas semanas. Rami, o filho de Aya e de Yusuf, antigo companheiro de brincadeiras, tal como Wadi, fez-me prometer que teria muito cuidado.

— Não faças com que tenha de te ir buscar—disseme com um sorriso.

Perguntei-lhe porque é que não se alistava como o seu primo Wadi. A pergunta incomodou-o. Na verdade havia poucos árabes a lutar nas fileiras dos Aliados. O mufti tinha-se encarregado pessoalmente de convencer os muçulmanos a fazerem parte das tropas nazis e nas suas arengas radiofónicas incentivava os árabes a não prestarem ajuda aos Aliados, que considerava os seus piores inimigos.

— Já sabes que nesta casa não somos seguidores do mufti. Se não te acompanho é porque não sei se é a minha guerra—refletiu Rami—, embora não goste desse Hitler. Só um demente pode acreditar que uma raça é melhor do que outra. Para além do mais, se conquistar a Europa talvez decida querer ficar com o resto. Quem nos garante que os alemães não se vão tornar os novos donos? Não, Ezequiel, não vou, embora deseje profundamente que regresse o mais depressa possível, e que ganhes todas as batalhas em que participes no exército.

Eu sabia, apesar das suas palavras, que a realidade era muito diferente: se Rami não se tinha alistado era para não comprometer o seu pai. O Omar Salem teria prescindido de Yusuf se o seu filho tivesse decidido combater ao lado dos britânicos.

Aya chorou sem dissimulação apesar de os seus filhos, tanto Rami como Noor, a repreenderem: "Não faças com que o Ezequiel se vá embora triste", diziam-lhe.

Na manhã seguinte, todos os Ziad apareceram para me desejarem sorte.

Ainda me lembro das últimas palavras que a minha mãe me sussurrou ao ouvido: "Já que vais à

Europa, tenta saber como é que estão o teu pai e a tua irmã Dalida. Há anos que não sabemos nada deles."

Fiquei surpreendido por me ter feito tal pedido naquele momento. Estávamos há anos sem falar deles, como se nunca tivessem existido nas nossas vidas, mas prometi-lhe que o faria.

Estaline tinha exigido na Conferência de Teerão que os Aliados voltassem a abrir uma frente ocidental. A União Soviética combatia ferozmente na frente oriental, mas tinha chegado o momento de Hitler sentir que a tenaz se fechava sobre a Alemanha. Ben e eu entramos na guerra mesmo a tempo de fazer parte das tropas aliadas que desembarcaram na Normandia. Antes tínhamos passado um período de instrução em Telavive e mentiria se dissesse que estávamos preparados para a guerra.

Não é fácil matar um homem, pelo menos da primeira vez, e muito menos se lhe vemos a cara. Depois do desembarque, o meu regimento, a 3.^a Divisão de Infantaria, fazia parte das tropas de Montgomery empenhadas em entrar em Caen, uma cidade próxima da Normandia e um ponto estratégico onde a 21.^a Divisão Panzer e a 12.^a Divisão SS Hitlerjugend, o Batalhão 101 SS e a Divisão Panzer Lehr nos tinham obrigado a parar de repente. Aquele lugar parecia-me o mais desagradável do mundo e vou sempre tê-lo na memória porque foi ali, e não durante o desembarque, que aprendi que não é fácil matar um homem que nos olha de frente.

Julgo recordar que um dos sargentos se apelidava O'Connors. Os seus homens pareciam gostar dele.

— Pedi homens, não novatos. Chegam num mau momento—disse-nos quando o nosso pelotão se apresentou à sua frente—,esta noite vão atacar-nos.

Alguns dos seus homens riram-se nervosos. Eu pensei que estavam a tentar impressionar-nos por isso, armado em estúpido, respondi-lhe que estávamos ansiosos por combater.

— Daqui a pouco tempo já ficas sem vontade—respondeu olhando-me com um ar condescendente.

Quando saímos da improvisada sala de comando murmurei a Ben, que estava ao meu lado:

— Olha para este! Como é que sabe que os alemães vão atacar esta noite? Tem a mania que é esperto.

Não me tinha dado conta de que atrás de mim estava um oficial britânico, um comandante, embora dificilmente pudesse reconhecer nele um oficial porque não estava vestido como um militar comum. Mais tarde soube que pertencia ao Serviço de Informação.

— Ele sabe, sabe sempre. Seremos atacados, por isso preparem-se.

Corei, mas recuperei a compostura para cumprimentar aquele comandante que mais tarde soube que se chamava Matthew Williams.

— Lamento... senhor—disse tentando desculpar-me.

— Vão para os vossos postos. O sargento disse que, quando escurecer, nos vão atacar, e já não falta muito.

Durante duas horas mal falámos. Um dos soldados do nosso pelotão aproximou-se de nós.

— Que noite... Ainda têm algum cigarro?

Ben deu-lhe um sem lhe prestar muita atenção.

— São judeus?—perguntou-nos o soldado, que se chamava David Rosen.

Ben e eu ficámos na defensiva, incomodados com a pergunta.

— Sim, qual é o problema?—respondi.

David deu-me uma palmada nas costas. Como era mais forte e mais alto do que eu, desequilibrou-me, embora eu tenha pensado que era uma palmada de afeto entre camaradas.

— Eu também sou judeu e, por isso, vamos lutar melhor do que os outros. Sabes porquê? Porque temos mais razões para o fazer. Há por aí milhares de judeus que estão a apodrecer nesses campos de trabalho à espera de que os libertemos e os levemos para casa. E é isso que vamos fazer.

Eu tinha simpatizado com David desde o primeiro dia, até comentei com Ben que me parecia que

também era judeu como nós. Quando o conheci tinha vinte e cinco anos, e uma força que nos deixava a todos admirados. Um dia o jipe estragou-se e não havia forma de arrancar e de o tirar da estrada, mas David pegou nele como se não pesasse nada e moveu-o alguns metros. No entanto, ele não só era forte, como também tinha uma cabeça brilhante. Tinha estudado engenharia em Cambridge e dizia que a solução de todos os problemas estava na matemática.

Tinha nascido em Munique, embora a sua mãe fosse inglesa e tivesse vivido em Inglaterra desde muito pequeno. Às vezes dizia-nos que se envergonhava de "ter sido alemão".

Naquela tarde partilhámos o tabaco que tínhamos na cigarreira enquanto o frio se ia apoderando de nós.

A chuva tinha molhado a terra de tal modo que era difícil não sentir frio mesmo resguardado pela trincheira.

O'Connors não se enganou, mal caíram as primeiras sombras começámos a receber fogo de morteiro. Nós também respondíamos. Durante várias horas o barulho das armas e os gritos dos oficiais tornaram-se todo o meu mundo.

Não sei como aconteceu, mas ouvi a voz do comandante Williams a alertar-nos de que os alemães estavam a assaltar a trincheira. Durante um segundo fiquei paralisado, sem saber o que devia fazer. Ben sacudiu-me o braço gritando-me que calara a baioneta.

— Estes nazis vão ficar a saber o que é que valem os palestinianos—disseme para me animar.

E de repente vi-o. Pareceu-me que era mais velho do que eu. O olhar frio, a expressão amarga e a determinação de me matar. Custou-me reagir, foi apenas uma fração de segundo, mas foi o suficiente para que me tivesse conseguido matar. Tive sorte. Na guerra sobreviver também é uma questão de sorte. Aquele soldado tropeçou e isso deu-me vantagem para lhe cravar a baioneta no estômago. Vi-o cair à minha frente contorcendo-se de dor e tentando acertar-me com a sua baioneta num último esforço. Com um pontapé desviei a arma, que caiu ao chão, e de imediato ficou cheia de lama. O homem que matei a seguir não me apanhou desprevenido, disparei-lhe à queima-roupa, e assim a mais dois ou três até perder a noção do tempo.

Depois senti que alguém me puxava gritando que parasse. David estava-me a sacudir tentando trazer-me de volta à realidade.

— Está quieto, esse homem já está morto!—gritava enquanto eu insistia em cravar a baioneta no corpo de um soldado que parecia olhar para mim com os olhos surpreendidos.

— Ganhámos?—perguntei como se fosse uma luta de crianças.

— Acho que sim, continuamos na trincheira. O coronel ordenou que tirássemos tudo isto ou dentro de pouco tempo não vamos conseguir suportar o fedor dos cadáveres.

Os dias seguintes foram parecidos com o primeiro. Éramos atacados. Resistíamos. Matávamos. Morriamos. Quando nos acostumamos a essa rotina deixamos de pensar. Trata-se apenas de matar para viver e, por mais esgotado que se esteja, ter os cinco sentidos alerta para o conseguir.

Quase um mês depois de ter chegado àquele inferno, o comandante Williams pediu voluntários para uma missão "atrás das linhas inimigas alemãs". "Preciso de alguém que saiba falar francês e alemão." David e eu voluntariámo-nos. David era alemão, mas tinha estudado francês na escola e falava bastante bem; quanto a mim, falava francês como um parisiense e Paula tinha-me ensinado alemão suficiente para falar com uma certa fluência.

— Temos de ir à Bélgica procurar um membro da Resistência que está escondido numa quinta. Tem informações importantes. O alto-comando quer trazê-lo de volta vivo.

Explicaram-nos pormenores sobre a missão. Sob as ordens do comandante Williams iriam três homens: David Rosen, um cabo chamado Tony Smith e eu. Livrámo-nos dos nossos uniformes e vestimo-

nos à civil. O comandante explicou-nos que se os soldados alemães nos apanhassem fuzilar-nos-iam por sermos espiões.

— Vestidos de soldados talvez, com sorte, nos levassem para um campo de prisioneiros, mas temos de ir à paisana tentando não chamar a atenção. Só levaremos pistolas e duas granadas cada um.

Esperámos que o serviço meteorológico nos garantisse que estaria um céu negro sem lua. Embora continuássemos a manter aquela linha contra os alemães, o comandante Williams pensava que eles se estavam a retirar, mas ainda assim as escaramuças sucediam-se com bastante frequência.

Arrastámo-nos pela lama não sei quanto tempo tentando não fazer barulho para que os alemães não detetassem a nossa presença. Não levantámos a cabeça até que o comandante Williams nos fez o sinal combinado. Então endireitámo-nos e agrupámo-nos à sua volta.

— Temos de andar cerca de dez quilómetros daqui até à quinta. O Serviço de Informação garante que está desabitada. Lá, vamos esperar até que nos venham buscar. Quando estabelecerem contacto connosco iremos para o ponto de recolha que está a vinte quilómetros da quinta. Quando lá chegarmos esperamos que nos tragam a pessoa da Resistência. Quando já tivermos a "encomenda", faremos o caminho de volta. Alguma pergunta?

Não havia nada a perguntar, por isso pusemo-nos de pé e iniciámos o caminho em silêncio atentos ao mínimo ruído. Era noite cerrada, sem rasto da lua. A espessura do bosque era nossa aliada. Mesmo assim, eu sobressaltava-me com o barulho mais insignificante pensando que os alemães nos descobririam a qualquer momento. Tínhamos combinado que, caso nos detivessem, seria Rosen a falar. Afinal de contas, era alemão. O pai do cabo Smith também era, mas a sua mãe era de Bath e ele tinha nascido em Inglaterra e nunca tinha saído de lá, por isso embora falasse bem alemão o sotaque podia denunciá-lo.

Os primeiros quilómetros decorreram sem incidentes. Chegámos à quinta quando as sombras da noite estavam a desaparecer. Achei muito pretensioso qualificar de quinta aquela casa que nem sequer tinha um teto para nos abrigarmos. Williams mandou-nos descansar à espera de que chegasse o nosso guia. Ele faria a primeira ronda.

Não consegui dormir. Estava demasiado tenso até para tentar. Tinha muita vontade de acender um cigarro, mas era a última coisa que podia fazer. Esperámos pacientemente durante todo o dia. Tony conseguiu ver com os binóculos um pelotão alemão. Imaginámos o pior ao pensar que se aproximariam para inspecionar a quinta, mas seguiram em frente.

As horas tornaram-se intermináveis.

Estávamos impacientes embora não o disséssemos, só David Rosen é que se atreveu a perguntar em voz alta o que aconteceria se ninguém nos viesse buscar.

Esperámos mais um dia e, ao cair a noite, ouvi uns passos leves a aproximarem-se. Era a minha vez de fazer a ronda, embora suspeito que os meus companheiros estavam tão acordados como eu.

Tinha a pistola preparada com o silenciador posto e mantive-me alerta até que o indivíduo que se dirigia a nós se tornou visível. Era um homem velho, que me pareceu já ter setenta anos, embora se movesse com agilidade. Levantou os braços conforme se ia aproximando e eu saí de onde estava escondido. Perguntei-lhe em alemão quem era e respondeu-me com o código combinado. "Não sei se vai nevar."

O comandante Williams saiu das sombras e fez sinal ao homem para se aproximar.

— Cruzei-me com duas patrulhas não muito longe daqui. Não me viram, mas temos de andar com cuidado. Estão preparados?

Assentimos, impacientes por sair daquele lugar.

— Estou há muitos quilómetros a andar, preciso de duas horas de descanso; nessa altura já será noite cerrada e correremos menos perigo de que nos vejam.

Deitou-se num canto e adormeceu. Nós respeitámos o seu sono. Duas horas depois o homem abriu os olhos e pusemo-nos a caminho.

Tivemos de evitar quatro patrulhas alemãs. Uma delas esteve prestes a descobrir-nos quando um dos soldados ficou para trás. Tony pisou um ramo e o ruído soou como se fosse uma tempestade. O alemão ficou alerta e começou a rondar, mas não nos encontrou. O comandante obrigou-nos a permanecer em silêncio e quietos até muito tempo depois de a patrulha desaparecer.

Oito quilómetros mais tarde já tinha amanhecido e estávamos exaustos. O homem que fazia de guia disse ao comandante Williams que devíamos parar para repor forças e comer alguma coisa. Encontrámos um caminho no bosque que nos pareceu resguardado de olhares indesejados.

Ainda tínhamos alguns quilómetros pela frente, mas o guia decidiu que descansaríamos até que chegasse a noite. Adormeceu de imediato enquanto velávamos o seu sono por turnos, primeiro Tony e eu, mais tarde o comandante e David.

Quando estávamos prestes a começar a marcha começou a chover e os últimos quilómetros tornaram-se um pesadelo.

Ainda era de noite quando chegámos perto de uma quinta. O guia fez-nos um sinal para que esperássemos entre as árvores enquanto ele ia verificar se estava tudo em ordem. Vimo-lo caminhar com passo decidido e empurrar a porta da casa. Não sei quanto tempo demorou a voltar a sair, mas aqueles minutos tornaram-se eternos. Indicou-nos com a mão que nos aproximássemos, e assim o fizemos, com cautela.

— São da Resistência—disse-nos apontando para um homem e uma mulher de meia-idade.

A mulher ofereceu-nos comida, sopa e coelho guisado, e permitiu-nos secar a roupa junto ao lume da lareira. O seu marido explicou-nos que a pessoa que devíamos levar connosco ainda não tinha chegado.

— Onde é que está?—quis saber o comandante Williams, e no seu tom julguei notar uma certa desconfiança.

— Não sei. A única coisa que sabemos é que uma pessoa vai chegar à nossa quinta e que os britânicos a vêm buscar. Foi só isso que nos disseram e não precisamos de saber mais. Quanto menos soubermos, melhor para todos; se caíssemos nas mãos da Gestapo, obrigar-nos-iam a confessar.

Embora a mulher fizesse o possível para que nos sentíssemos em casa, estávamos tensos, preocupados com a demora da pessoa que esperávamos. No entanto, o nosso guia parecia calmo.

— Acham que é fácil chegar da Alemanha até aqui? Podem ter acontecido mil inconvenientes. As minhas ordens são que esperemos aqui dois dias e que se não nos trouxerem a "encomenda", então devemos acompanhá-los por onde viemos.

— Mas se os alemães ficarem com a "encomenda", talvez caíam em cima de nós a qualquer momento—replicou o cabo Smith.

— Vamos matar alguns antes de nos prenderem—disse David Rosen a sorrir e seguro de que cumpriria esse desejo.

Não foi preciso esperar dois dias, só até à madrugada seguinte. Naquele momento eu estava a descansar num quarto do andar de cima quando uns passos acompanhados de uns sussurros me acordaram. Quando descí dei de caras com dois jovens e uma mulher mais velha. Quantos anos teria? Talvez sessenta, não sei, mas lembro-me dela como uma mulher mais velha, avantajada e com pouca graça.

Apresentou-se como Fräulein Adeline. Os dois jovens que a acompanhavam pareciam esgotados, mais do que a mulher, e aceitaram contentes uma chávena de chá e uma fatia de bolo.

O comandante Williams não parecia achar estranho que aquela "encomenda" fosse uma mulher. Eu sim, mas não disse nada e, tal como David Rosen e Tony Smith, não podia deixar de olhar para ela com

curiosidade.

— Até amanhã, segunda-feira, não se dão conta de que desapareci. Na quinta-feira saí do escritório a dizer que estava maldisposta e que não me sentia muito bem.

— Quando é que vão começar a procurá-la?—perguntou o comandante Williams.

— Imagino que a meio da manhã. A minha colega vai ficar preocupada com a minha ausência e ligar-me-á para casa. Vivo sozinha, por isso se não atender ela vai pensar que eu piorei. Como a minha casa não fica muito longe do trabalho, quando puder passa por lá, e quando verificar que eu não abro a porta, imagino que vá avisar a porteira, e depois...

— Temos algumas horas de vantagem—murmurou o comandante.

— E um camião de transporte de gado à vossa espera para vos levar o mais próximo possível da fronteira até a uma velha pista de aterragem, que é onde se supõe que vos virão buscar daqui a doze horas—referiu o nosso guia.

— Como é que chegaram até aqui?—perguntou Tony Smith apesar do olhar de reprovação do comandante.

— De carro, claro está, mudámos de veículo em quatro ocasiões—respondeu um dos jovens.

— Quanto antes começarmos a viagem, melhor—acrescentou o outro.

— Não estamos longe da pista de aterragem, se partirmos agora estaremos demasiado tempo expostos a céu aberto—respondeu o comandante Williams.

— É um risco que vão ter de correr. Esta gente já cumpriu a sua parte—interveio o guia apontando para os donos da quinta.

O comandante Williams não o contrariou e assim que Fräulein Adeline e os seus acompanhantes se despacharam instalámo-nos como conseguimos num velho camião de transporte de ovelhas.

Os animais receberam-nos com balidos, incomodados pela intrusão, mas acabaram por nos deixar algum espaço entre eles.

Eu não deixava de observar Fräulein Adeline. Não percebia porque é que aquela mulher era tão importante para os serviços secretos e queria perguntar ao comandante Williams, mas reprimi a curiosidade.

Demos de caras com uma coluna de tanques. O jovem que conduzia o camião afastou-se para os deixar passar e, junto ao nosso guia, que ia ao seu lado, cumprimentaram os soldados com entusiasmo. Nós permanecíamos entre as ovelhas com as pistolas dispostas para disparar mesmo sabendo que não tínhamos nenhuma hipótese. Mas naquele dia Deus estava do nosso lado, pois os soldados alemães nem sequer perguntaram para onde ia o camião.

Quando chegámos perto da velha pista de aterragem, havia outros dois homens à nossa espera prontos a fazerem os sinais para que, quando o rádio os avisasse, indicassem o lugar ao avião que nos devia vir buscar. Acho que nenhum de nós respirou sossegado até que nos vimos dentro do avião em pleno voo. Se Fräulein Adeline nos queria assombrar ainda mais, conseguiu-o: adormeceu no avião como se fosse dar um passeio.

Nunca soube quem era aquela mulher, nem onde trabalhava, nem o que sabia ou tinha que era tão importante para os serviços secretos. Quando perguntei ao comandante Williams, disse-me que eu não precisava de saber. Não insisti.

De regresso a França, antes de me reincorporar no meu batalhão, o comandante Williams fez-me uma proposta.

— Gostava de trabalhar comigo? Já sabe a que é que me dedico.

Disselhe que tinha de pensar no assunto.

Trabalhar atrás das linhas inimigas seduzia-me, mas não tinha a certeza de querer passar a guerra em

missões incompreensíveis para mim.

Surpreendia-me que o comandante Williams confiasse em mim. Só tinha dezanove anos e, embora aqueles meses de guerra tivessem feito de mim um homem, não tinha experiência nem preparação suficientes para embarcar em missões do serviço de inteligência.

— Diga-me, comandante, porque é que quer que trabalhe para si?—atrevi-me a perguntar-lhe naquela entrevista.

— Acho que tem qualidades para isso. Não fica nervoso, é reflexivo, não pretende ser um herói, mas sim fazer o que deve ser feito, e pelo seu aspeto: não chama a atenção. Nem demasiado alto nem demasiado baixo, nem gordo nem magro, cabelo castanho e um físico que tanto pode ser de um francês como de um alemão ou de um inglês. O senhor tem uma grande vantagem para este tipo de operações, quer dizer, pode passar despercebido.

— Como o senhor.

— Sim, como eu.

— Não tenho a certeza de querer passar a guerra em missões especiais.

— Pensei que já tinha decidido.

— Não me deu muito tempo para pensar.

— Tempo? O senhor pede tempo? Onde pensa que está? Isto é uma guerra e vão ser eles ou nós, por isso não temos tempo nem para respirar.

Olhei-o fixamente. Nenhum dos dois pestanejou, imagino que ele estava mais seguro do que eu sobre a minha resposta.

— Perdemos contacto com um dos nossos agentes em França. Um avião vai levá-lo até lá. Descubra o que se passou e volte.

— Tão fácil?—Sabia que a pergunta irritaria o comandante Williams.

— De certeza que o será para si—respondeu com sarcasmo.

Não seria a última missão para a qual me enviaria, na verdade participei em mais duas.

Quando regressei do último passeio atrás das linhas inimigas decidi pedir-lhe que me reintegrasse no batalhão.

Tive de ficar de pé enquanto me informava sobre a missão e, como sempre, insisti em pormenorizar até ao mínimo pormenor. Repetia-me perguntas uma e outra vez, às quais eu dava a mesma resposta. Fazia parte da rotina.

— Voltará para a frente—disse-me quando se deu por satisfeito.

— Senhor, quero ir para a Brigada Judaica, sei que está a receber voluntários de diferentes unidades.

O comandante ficou em silêncio a avaliar o meu pedido.

— Sim, vai estar melhor com os seus.

Uns dias mais tarde encontrava-me no norte de Itália, em Tarvisio, perto da fronteira com a Jugoslávia e a Áustria. Ali tiveram lugar algumas das últimas batalhas antes de a guerra terminar. A linha da frente estava situada na Cervia, para onde estavam destacados outros regimentos além da nossa brigada.

Ben tinha entrado antes de mim na Brigada Judaica e esperava-me impaciente, tal como David Rosen.

— Na brigada há judeus de todo o lado, não só da Palestina—explicou-me Ben.

— O general Ernest Benjamin é um bom militar e é judeu. Serviu nos Engenheiros Reais—acrescentou David.

Muitos dos homens que faziam parte da brigada já tinham combatido noutras unidades britânicas, por isso os nossos novos irmãos de armas não eram novatos.

Quando encontrámos um momento para estarmos sozinhos expliquei a Ben tudo o que tinha

acontecido desde que me deixei convencer pelo comandante Williams a trabalhar sob o seu comando.

Ben concordou comigo em que a melhor forma de combater os nazis era na frente.

— Não sei como é que isto vai ser, mas nós já tivemos o nosso batismo de fogo em Caen, por isso não pode ser pior—disselhe convencido.

David Rosen, sempre surpreendente e otimista, respondeu:

— Além disso a primavera está prestes a começar.

Tinha razão, embora naqueles primeiros dias de março de 1945 eu nem sequer tivesse pensado na estação do ano em que estávamos.

A Brigada Judaica desdobrou-se em Mazzano-Alfonsino, um lugar peculiar, com pequenos canais e dezenas de quintas, algumas em terra de ninguém.

As linhas inimigas estavam bem defendidas. O nosso comandante informou-nos de que aqueles soldados alemães serviam sob as ordens do general Reinhard, um militar com grande experiência.

Se Caen nos pareceu um inferno, aquele lugar não era melhor.

Sobretudo depois do fracasso no canal de Fosso Vecchio, do qual saímos com grande dificuldade. Tínhamos de nos proteger das minas espalhadas pelos campos, das armadilhas que os alemães resguardados em algumas daquelas quintas nos preparavam, e do contínuo fogo de morteiro.

David Rosen tinha-se formado como sapador e Ben e eu sustínhamos a respiração cada vez que ele ia buscar aquelas bombas letais escondidas na terra.

Matávamos sabendo que podíamos morrer a qualquer momento. Na região de La Giorgetta chegámos a combater com a baioneta, corpo a corpo, e nesse momento a única coisa que nos importa é viver, por isso deixamos de ver o outro soldado como alguém igual e isso embrutece-nos e tiranos pedaços de humanidade. Por isso, depois de cada escaramuça, de cada batalha, eu sentia um vazio no estômago, sentia nojo de mim próprio por, durante a luta, ter perdido a consciência de que no combate, à minha frente, havia outro homem.

— Não é que nos esqueçamos, é que não podemos escolher, ou a vida dele ou a nossa—tentava Ben consolar-me, embora eu soubesse que, tal como eu, ele também ficava com um nó na barriga depois de matar.

Também combatemos perto de Brisighella. Deram-nos ordens para ficarmos com as duas margens do rio Senio. Numa estávamos nós, na outra os alemães. Enfrentávamos a 4.^a Divisão de Paraquedistas sob o comando do general Heinrich Trettner. Os soldados de Trettner estavam bem treinados.

O general McCreery, comandante do VIII Exército Britânico, tinha disposto uma operação conjunta com os americanos. A nossa brigada tinha de desalojar os alemães de Fantaguzzi. Se tudo corresse bem, juntar-nos-íamos a outras companhias para continuarmos para Bolonha.

Os aviões americanos bombardearam a zona para nos facilitarem o caminho.

Os generais decidem os objetivos sobre os mapas, mas depois são os soldados que põem a vida em risco, e aqueles rios primorosamente desenhados sobre o mapa convertiam-se em águas negras que engoliam tudo.

Durante aqueles meses de combate, David Rosen tornou-se o melhor camarada que alguém pode desejar numa guerra. Sempre corajoso, sempre disposto, sempre generoso. Quanto mais esgotados estávamos, mais ele se esforçava por nos fazer sorrir.

— Tenho vergonha de ser alemão—confessou-nos um dia.

— Bem, não és alemão, és judeu—respondeu-lhe Ben.

— Sou alemão, Ben, sou alemão. Penso, sonho, choro, amo, rio em alemão. E lutei nesta guerra não só porque sou judeu, mas porque sou alemão. Quero recuperar a minha pátria, a minha vida, o meu futuro.

Aquela declaração comoveu-nos. Ben deu-lhe uma palmada nas costas e eu fiquei em silêncio. Não

sabia o que dizer.

Na guerra o tempo passa com uma estranha lentidão. Não podemos deixar de pensar na morte porque tudo o que nos rodeia é morte. Mas chega um momento em que o pensamento até deixa de ser amargo.

Estamos ali para matar e, portanto, para morrer, por isso acabamos por agir como um autómato. Em Itália percebi porque é que a disciplina do exército é tão rigorosa. Preparam-nos para obedecer, por isso, acabamos por repetir de maneira mecânica todas as rotinas, todos os gestos, inclusive o de matar.

Chega um capitão ou um sargento e diz-nos que nos preparemos, que vamos fazer uma patrulha. Não interessa se estamos cansados ou se nos dói alguma coisa. Levantamo-nos, verificamos se levamos o equipamento todo e obedecemos. Ninguém vai pedir a nossa opinião e é melhor não caírmos na tentação de a dar.

Em algumas noites falava com Ben sobre Wadi. Para onde o teriam destinado? Tinham-nos dito que os árabes palestinianos se tinham desdobrado pelo Norte de África e tinham combatido com coragem. Eu tinha a certeza disso. Mas também havia quem deixava entrever ressentimento não só porque o grande mufti de Jerusalém tinha unido o seu destino a Hitler, mas também porque tinha conseguido arrastar outros homens. A 13.^a Divisão Waffen-Gebirgs das SS "Handschar" era formada por voluntários muçulmanos procedentes de vários países, mas sobretudo da Croácia e da Bósnia.

Houve um momento em que os combates cessaram. A guerra queimava os últimos cartuchos. Recebemos a notícia da execução de Benito Mussolini e de Clara Petacci, seguida do suicídio de Hitler no seu bunker. O Führer tinha disparado um tiro na sua própria boca. A única coisa que lamentei foi que, quando os soviéticos chegaram a Berlim, não o tivessem podido capturar com vida.

A 8 de maio os alemães que restavam em Itália renderam-se. Para nós a guerra tinha terminado e não víamos o momento de regressar a casa, mas eu ainda tinha de cumprir o que a minha mãe me tinha pedido: averiguar como estava o meu pai e a minha irmã Dalida.

Por sua vez, David Rosen estava decidido a regressar a Munique.

— Não sei o que vou encontrar ali. Os meus pais e eu tivemos sorte porque fugimos a tempo, mas ficaram lá muitos familiares e amigos.

Naquela altura já sabíamos da existência dos campos de extermínio. Os soviéticos tinham sido dos primeiros a entrar num desses campos da morte e, tal como os ingleses e os americanos, o que encontraram foram pessoas a quem os nazis tinham despojado da sua própria humanidade. Os sobreviventes pareciam mais mortos do que vivos, e todos tinham escrito nos olhos o horror por terem descido até aos confins do inferno. A pergunta era se seriam capazes de voltar à vida, de se voltarem a sentir humanos, de amarem, sentirem, acariciarem, comoverem-se, sonharem.

Meses depois, conheci em Berlim um soldado russo chamado Boris de quem me tornei amigo, e que me descreveu detalhadamente como libertaram o campo de Majdanek, situado em Lublin, na Polónia.

Mas antes de conhecer Boris e de chegar a Berlim, Ben disse-me que devíamos adiar o nosso plano de regressar à Palestina.

— Temos de fazer alguma coisa para ajudar os sobreviventes. Não os podemos deixar nos acampamentos da Cruz Vermelha.

Ele já estava decidido a participar na Brihah, a organização que ajudaria milhares de judeus sobreviventes a terem de novo um lar.

Concordei. Partir naquele momento teria sido trair aqueles milhares de desgraçados libertados do inferno e que se tinham tornado um problema para as potências vencedoras da guerra. Os dias sucediam-se e os até então Aliados, tinham os seus próprios problemas e os seus próprios interesses.

Os americanos não estavam dispostos a permitir um êxodo em massa de judeus para os Estados Unidos. Os britânicos queriam impedir a todo o custo que muitos daqueles judeus sobreviventes fossem

para a Palestina porque isso significaria voltar a ter problemas com os árabes. Quanto à União Soviética, os judeus também não eram bem recebidos.

Por isso, depois de sofrerem o primeiro choque pelo que encontraram nos campos de extermínio, os dirigentes políticos voltaram ao pragmatismo de sempre, à realpolitik.

— São judeus, e somos nós que temos de enfrentar o problema. Encarregar-nos-emos de levar para a Palestina todos os que assim o desejarem—dizia-me Ben.

Antes de embarcar nessa aventura pedi autorização para ir a Paris. Tinha de encontrar o meu pai e Dalida. Em nenhum momento pensei que lhes pudesse ter acontecido alguma coisa. Tinha a certeza de que durante a guerra teriam ficado refugiados em Londres na casa dos Goldanski. Afinal de contas, o meu pai pensava casar com Katia.

Em Paris vivia-se a euforia do triunfo. A cidade voltava a pertencer aos parisienses. Os soldados americanos e os britânicos davam um toque de alegria à capital. Dirigi-me diretamente à casa do meu pai e, para minha surpresa, abriu-me a porta uma mulher que eu não conhecia.

— O que deseja?—disseme amavelmente aquela mulher já idosa.

— Estou à procura do Samuel Zucker, sou o Ezequiel Zucker.

A mulher olhou-me de cima a baixo e nos seus olhos refletiu-se um vislumbre de medo.

— Aqui não vive nenhum Samuel Zucker—disse bruscamente tentando fechar a porta.

— Desculpe, minha senhora, mas esta é a casa do meu pai, a minha casa, por isso diga-me quem é a senhora e o que está aqui a fazer.

Ouvi o eco de uma voz de homem.

— Brigitte, quem é que está aí?

— Um tipo que diz que esta casa é dele—gritou a mulher.

Apareceu um homem mais alto e mais entroncado do que eu, vestido com uma camisola suada e umas calças sem cinto. Fixei-me nas suas mãos e pensei que eram mãos de assassino.

— Quem é o senhor?—A sua voz indicava um desafio.

— São os senhores que têm de se explicar e de me dizer quem são e porque é que estão na casa do meu pai.

— Esta é a nossa casa e não tenho de lhe dar nenhuma explicação.—Enquanto dizia isto o homem bateu com a porta.

Fiquei imóvel diante da porta sem saber o que fazer. Pensei em voltar a tocar à campainha, mas dei-me conta de que com tal energúmeno o que podia conseguir era que me partisse o nariz.

Lembrei-me de que naquele edifício também tinha vivido o marido da Irina, aquela mulher da qual tanto tinha ouvido o meu pai e Mikhail falarem. Mas não me lembrava em que andar viviam os Beauvoir.

Desci até à entrada para ver se encontrava a porteira, pelo menos esperava que aquela mulher, por mais velha que fosse, se lembrasse de mim, mas não havia rasto dela.

Uma mulher de meia-idade entrou naquele momento no prédio. Reconhecia imediatamente.

— Agnès!—exclamei reconfortado ao ver a sobrinha da porteira que tinha cuidado de mim e de Dalida quando vivíamos em Paris.

Ela olhou-me assustada sem me reconhecer.

— Sou o Ezequiel! O filho do Samuel Zucker.

— Meu Deus! Sim... É verdade! Mas já não és uma criança, o senhor é um homem... Meu Deus! Meu Deus!—Deu um passo atrás como se me quisesse afastar do seu caminho.

— Vá, Agnès, parece que viste um fantasma. Diz-me, o que sabes do meu pai? Porque é que a nossa casa está ocupada por outra família?

A Agnès olhou para mim ainda mais assustada. Se eu a tivesse deixado, acho que saía dali a correr.

— Monsieur, eu não sei nada, juro-lhe.

Aquela afirmação foi suficiente para compreender que estava a mentir, por isso peguei-lhe no braço com força.

— Onde é que está a tua tia? Continua a ser a porteira?

— Não, monsieur, agora sou eu, a minha tia é muito velha e regressou à nossa aldeia, perto da Normandia.

— Tu trabalhavas na casa do meu pai, por isso tens de me contar o que aconteceu.

Segui-a até à pequena divisão da portaria, que ela abriu sem vontade, convidando-me a sentar-me numa cadeira desconjuntada.

— Eu... eu sempre me portei bem com Monsieur Zucker. Juro-lhe! Depois, quando... bem, quando ser judeu se tornou um problema, deixei de trabalhar para o seu pai... Tem de perceber que não foram tempos fáceis e que relacionarmo-nos com judeus levantava de imediato uma suspeita...

As palavras da Agnès revolviam-me o estômago. Olhei-a com nojo e ela sobressaltou-se.

— Monsieur, não se zangue, eu...

— Diz-me o que aconteceu ao meu pai! E à minha irmã, o que sabes da Dalida?

— Não sei. O seu pai e a sua irmã abandonaram a casa no princípio da guerra. Não sei para onde foram, não me disseram, eu era apenas a criada. Mas não sei mais nada... Juro-lhe!

— Quem são os que vivem na nossa casa?

— É uma boa família, ele é polícia, acho que é um homem importante. Tem duas filhas.

— Porque é que vivem na minha casa?

— Bem, eu não sei muito bem, monsieur... Acho que algumas casas de judeus foram confiscadas e... claro que agora dizem que se os donos regressam e demonstram que essas casas eram deles... É tudo muito confuso, monsieur; a guerra ainda agora acabou e não sabemos o que vai acontecer.

Custava-me reconhecer naquela mulher a jovem que cuidava de Dalida e de mim quando éramos pequenos. A Agnès daquela altura era uma juvenzinha despreocupada que nos levava a brincar ao Jardim do Luxemburgo e com a qual nos perdíamos pelas ruas de Paris, aquela que fazia vista grossa perante as nossas travessuras. Mas a Agnès que tinha à minha frente era uma sobrevivente, esse tipo de pessoas que só pensam nelas próprias enquanto o mundo se afunda à sua volta. A guerra tinha feito com que mostrasse o pior dela.

— E os Beauvoir?

— O senhor morreu há um ano, acho que a casa ficou com uns sobrinhos, já sabe que Monsieur Beauvoir não tinha filhos.

— E os nossos móveis, os nossos quadros, as nossas coisas? Quem é que as tem?

— Eu não sei nada, monsieur, só o que lhe disse. Por favor, não quero problemas!

Saí dali sem saber para onde ir, a quem perguntar pela minha irmã e pelo meu pai. E se estivessem presos? Não, não podia ser, porque é que haviam de os prender? Eu próprio respondia a essa pergunta. Eram judeus, não havia outro motivo. O que não percebia era porque é que o meu pai e a minha irmã tinham ficado em Paris. Podiam ter-se refugiado em Londres com os Goldanski, na verdade sempre pensei que o tinham feito e acho que a minha mãe pensava a mesma coisa.

Fiz o possível por obter alguma resposta das autoridades francesas. Dei-lhes os nomes da minha irmã e do meu pai e prometeram dar-me uma resposta nuns dias. Ao que parece não estavam nos seus arquivos como desaparecidos.

Mandei um telegrama a Ben dizendo-lhe que de momento não me podia juntar a David Rosen e a ele para fazer parte da organização que estava a ter início, a Brihah, cuja função era ajudar os judeus que tinham sobrevivido.

Fui a Londres convencido de que as respostas de que precisava estavam com os Goldanski. Konstantin era o melhor amigo, além de sócio, do meu pai, e Katia... bem, imagino que Katia devia ter casado com o meu pai.

Quando cheguei a Londres nem sequer procurei um hotel, dirigi-me diretamente à casa dos Goldanski.

Londres provocou-me uma sensação mais amarga do que Paris. A capital inglesa tinha sido duramente castigada pelos bombardeamentos contínuos da aviação alemã, enquanto Paris tinha sido respeitada. Na verdade tinha servido de retaguarda aos soldados de Hitler.

A casa dos Goldanski mantinha-se de pé embora uma das suas alas parecesse destruída. Aproximei-me com medo rezando para que estivessem vivos. Uma criada abriu-me a porta e convidou-me a entrar e a esperar no vestíbulo enquanto avisava "a senhora". Preparei-me para enfrentar Katia, a quem odiava por me ter roubado o meu pai. Mas não foi Katia quem me recebeu, mas sim Vera, a esposa de Konstantin.

— Ezequiel! Que alegria! Estás vivo.

Vera abraçou-me com afeto e demonstrações de alegria. Eu respondi da mesma maneira, a sua doçura sempre me tinha cativado. Vera tinha mudado, tinha o cabelo totalmente branco e estava mais magra; tanto que ao abraçá-la senti os ossos do seu corpo.

Sentámo-nos naquele que antigamente tinha sido o salão de chá, uma divisão pequena, com uma lareira, onde a família se costumava reunir quando não tinha convidados. Tive pena de ver que as figuras de porcelana das quais estávamos proibidos de nos aproximarmos quando éramos pequenos tinham desaparecido.

— O meu filho Gustav deve estar prestes a chegar, almoças connosco. Meu Deus, que surpresa tão agradável ter-te aqui!

Vera perguntou-me pela minha mãe e quis saber como tínhamos passado a guerra. Benzeu-se quando lhe disse que tinha combatido primeiro em França e depois em Itália.

Não sei porquê, mas tinha a sensação de que, com as suas perguntas, tentava adiar as minhas.

— E o Konstantin?—perguntei finalmente.

Escaparam-se-lhe umas lágrimas que secou de seguida com um lenço.

— Morreu aqui. Já viste como é que está a casa... Naquele dia... ainda não tinha amanhecido quando os aviões alemães começaram a bombardear Londres. O Gustav e eu não estávamos em casa. Mal teve idade e lho permitiram, o Gustav alistou-se no exército. Foi colocado no quartel-general. Queria combater, mas, ao que parece, os seus chefes pensaram que deviam aproveitar o facto de ele falar perfeitamente russo, francês e alemão. E eu... bem, colaborei em tudo o que foi possível; fui voluntária no Corpo de Enfermeiras. Mal amanhecia, ia logo para o hospital. Não tinha saído de casa há muito tempo quando começaram a soar as sirenes e corri para o refúgio mais próximo rezando para que Konstantin fizesse o mesmo. Quando saí ele tinha ficado a tomar uma chávena de chá enquanto trabalhava no seu escritório, que estava... bem, já sabes, na ala da casa que viste como está agora. Caiu uma bomba na casa do lado, mas o impacto foi tal que também afetou a nossa. Konstantin morreu depois daquela explosão debaixo de centenas de entulho que deixaram o seu corpo destroçado.

Desta vez Vera não conteve as lágrimas e desatou a chorar. Sentei-me ao seu lado e abracei-a tentando confortá-la.

— Lamento, Ezequiel... não consigo ultrapassar a sua perda. Como vês, fugimos da Rússia para podermos sobreviver, mas a maldade perseguiu-nos até aqui.

— Lamento, Vera, lamento muito. Eu... bem, a minha irmã e eu considerávamos Konstantin e tu como se fossem nossos tios.

— E foi como tal que gostámos de vocês—respondeu Vera.

Tinha chegado o momento de lhe perguntar pelo meu pai e por Dalida e, por mais que me custasse, também por Katia.

— E Katia? Como é que está?

Então a Vera olhou-me com uma tristeza infinita nos seus enormes olhos cinzentos.

— Não sei, Ezequiel, não sei. A guerra só acabou há três semanas. O Gustav está a fazer o possível para saber o que é feito da Katia e do teu pai, embora...

Fiquei tenso, em alerta, mas ao mesmo tempo durante um segundo senti alívio pensando que talvez estivessem os dois juntos em algum lugar desconhecido, mas vivos.

— Sabes onde é que estiveram durante a guerra? Imagino que aqui convosco, não é?

Vera retorceu as mãos em busca de uma resposta que não me ferisse muito.

— O Konstantin pediu ao teu pai que ficasse em Londres, mas ele... o Samuel é muito teimoso e dizia que não ia ficar de braços cruzados enquanto os alemães se dedicavam a perseguir os judeus. Para o Samuel era como reviver os pogroms. Nunca recuperou da perda da mãe e dos irmãos. O teu pai dizia que existiam duas guerras ao mesmo tempo, a da democracia contra o nazismo e a dos judeus pela sua sobrevivência, e que ele estava disposto a combater nas duas frentes.

— Onde é que está o meu pai, Vera?

— Não sei, Ezequiel. Ele decidiu ficar em França, foi ali que começou a colaborar com um grupo da Resistência formado por franceses e republicanos espanhóis. O Gustav pode contar-te melhor do que eu, ele tem mais pormenores. Já sabes que o Konstantin tentava poupar-me das angústias, julgava que eu já tinha sofrido o suficiente durante a Revolução de Outubro. Eu ficava zangada recusando-me a que me tratasse como uma criança, mas ele tentava esconder-me tudo o que sabia que me podia afetar. Ainda assim, soube que o teu pai fazia parte da Resistência e que a Katia, apesar dos pedidos do Konstantin, decidiu ficar com ele em França. Ela também colaborou com a Resistência. Desde aqui, nós fazíamos o que podíamos. Garanto-te que não houve um único dia em que o Konstantin não trabalhasse para salvar cidadãos judeus.

— E a Dalida? Onde é que está a minha irmã?

— O Gustav está a tentar saber o que é feito dela, mas há muita confusão. Parece que foi levada pela Gestapo. A Dalida também fazia parte da Resistência—acrescentou a Vera.

Só de ouvir aquela palavra, Gestapo, ficava com medo. Sabia dos seus crimes, da sua extrema crueldade, de como se divertiam a torturar.

Vera foi respondendo às minhas perguntas tentando ao mesmo tempo acalmar a angústia que me ia embargando. Quando Gustav chegou, eu já tinha uma ideia completa do que tinha acontecido ao meu pai e à minha irmã durante a guerra.

Gustav e eu demos um aperto de mão sem sabermos bem se nos devíamos abraçar ou não. Tínhamo-nos tornado homens e em nenhum dos dois restava qualquer traço daqueles anos de infância partilhada.

Gustav sempre me tinha parecido uma criança demasiado protegida e mimada, embora os seus pais o tratassem com mais severidade do que no meu caso. Nesse momento sentimo-nos mais perto um do outro do que alguma vez tínhamos estado durante a nossa infância.

Almoçámos os três recordando aqueles tempos. Vera relatou-nos com saudade algumas das nossas travessuras infantis e tentou que durante o almoço não falássemos de nada que pudesse ensombrar aquele encontro. Depois do almoço voltámos a refugiar-nos no salão de chá.

Gustav acendeu um cachimbo e ofereceu-me um cigarro que eu aceitei.

— Estou há alguns meses a investigar e não sei grande coisa, mas espero que te sirva. Tu queres encontrar o teu pai e a tua irmã e eu a minha tia Katia. Os três juntaram o seu destino durante a guerra.

O relato de Gustav impressionou-me e sobretudo mostrou-me um Samuel que eu desconhecia. De

repente, o meu pai ia adquirindo um perfil que era para mim insólito.

"Samuel e Katia estavam em Paris no dia em que o primeiro-ministro francês Paul Reynaud se demitiu. Dois dias antes, a 14 de junho de 1940, consolidava-se a traição do marechal Pétain e a França conhecia o opróbrio de ver as tropas nazis desfilar pelos Campos Elíseos. Até àquele momento, os judeus tinham vivido muito mal; a partir daquele dia, o seu único objetivo seria sobreviver.

A 27 de setembro daquele maldito ano de 1940, o governo de Vichy mandou levar a cabo um recenseamento dos judeus que havia em França. O teu pai decidiu que nem ele nem Dalida estariam nesse censo. 'Querem saber quantos judeus somos como se fôssemos cabeças de gado. Não permitirei que nos degradem até essa condição', escreveu ao meu pai numa carta que não me pergutes como chegou, porque não sei. O que sei é que Samuel e Dalida deixaram a casa em que tinham vivido e alugaram outra mais pequena numa rua calma do bairro de Saint-Michel. O mais difícil foi desfazer-se do laboratório. Samuel reuniu-se com o gerente e disselhe que ia sair de França e atribuiu-lhe poderes para gerir o negócio durante a sua ausência. A sua precaução serviu-lhe de pouco, porque sob os auspícios dos hierarcas nazis o governo de Vichy decidiu espoliar as propriedades de todos os judeus. O teu pai fora precavido e tinha algum dinheiro, além de alguns quadros e outros objetos de valor que entregou a Katia para que os guardasse. Samuel negou-se a que Katia vivesse com eles.

'Tu não és totalmente judia', ao que a minha tia respondia: 'Pelo menos tenho um quarto de litro de sangue judaico'. Mas não eram muitos os que o sabiam. Os amigos que os meus pais e a minha tia tinham em Paris eram como nós, russos que tinham fugido da Rússia depois da revolução.

Por sua vez Katia alugou um apartamento perto de Montparnasse decidida a ficar em França independentemente do que acontecesse.

Em outubro, acho que no dia 3 desse mês, a França promulgou um 'Estatuto dos Judeus'. A partir desse momento todos os judeus se tornaram cidadãos de segunda. O que é que estou a dizer? Na verdade, deixaram de ser cidadãos.

Samuel estava disposto a lutar na retaguarda, por isso, junto a David Peretz, o filho de Benedict Peretz, o velho comerciante que tanto o tinha ajudado no passado, passou a fazer parte de um grupo judaico da Resistência. Não penses que foi o único grupo de judeus, houve outros: Solidarité, Amelot, a Sociedade de Ajuda às Crianças. Alguns desses grupos tinham uma boa relação com os maquis e colaboravam com eles. Afinal de contas, estavam unidos pela mesma causa.

Não sei como nem através de quem, mas, ao que parece, David Peretz teve conhecimento de que havia um exilado russo que ganhava a vida como falsificador. A questão era saber se o russo estava disposto a colaborar com o seu grupo e, sobretudo, se podiam confiar nele já que o homem tinha chegado a Paris antes de 1917, o que o tornava suspeito de ser pouco amigo da revolução. Mas decidiram correr o risco. Nem Samuel nem Dalida podiam estar sem documentação. Foi Samuel quem decidiu reunir-se com este homem.

Vivia perto de Montmartre, numa ruela estreita. Abriu-lhe a porta uma mulher com o cabelo preto e um olhar tão feroz que intimidava. Ele disselhe a frase que lhe tinham fornecido como código e ela convidou-a a entrar, mas mal fechou a porta a mulher apontou-lhe uma pistola.

Levou-o até uma divisão traseira onde não havia janelas e fê-lo sentar-se. Depois pôs-se à sua frente e começou a interrogá-lo. Samuel notou pelo sotaque que aquela mulher não era francesa. Mais tarde soube que se chamava Juana e era espanhola.

Tinha sido miliciana na guerra de Espanha e era uma furibunda antifranquista que tinha visto o seu marido morrer na frente de Aragão, onde combatia; depois perdeu o filho que esperavam. Os restantes membros da sua família, o seu pai e os seus tios, foram fuzilados quando a guerra terminou. Mas só soube disso mais tarde porque ela fugiu, sabendo que, caso contrário, seria levada para uma prisão de onde só

sairia para acabar morta numa valeta. Juana não esperou que a encontrassem e partiu para França por uma passagem da fronteira da Catalunha na Cerdanha, muito utilizada anos depois pelos lutadores antifranquistas.

Em Perpilhão foi presa e levaram-na para um campo de concentração do qual fugiu; dias depois chegou a Paris onde tinha um parente que a acolheu. O seu parente, um tio afastado, acho eu, era um tipógrafo, um republicano que ajudava todos os que lhe pediam ajuda e que tinha fugido, em 1938, antes de a guerra terminar em Espanha. Já em França passou a colaborar com a Resistência.

Através do seu tio, Juana conheceu Vasili. Tinha escapado da Rússia czarista, mas, quando a Revolução de Outubro triunfou, evitou regressar a Moscovo porque em Paris tinha prosperado a trabalhar como tipógrafo na mesma tipografia que o tio de Juana. Pedro, o tio de Juana, tinha encontrado Vasili numa noite a trabalhar na tipografia quase às escuras. O russo dedicava-se a falsificar papéis para quem os pudesse pagar, a maior parte das vezes para delinquentes. Pedro não o entregou à polícia e o russo tornou-se um cão fiel. A guerra fez com que os dois homens se associassem para trabalhar a favor dos movimentos políticos que tinham problemas com a lei.

Juana deve ter ficado satisfeita com as respostas de Samuel porque permitiu que visse Vasili.

Samuel deu de caras com um homem de estatura média e uns olhos brilhantes e trocistas que se dirigiu a ele em russo. Falaram durante algum tempo nesta língua até que Juana os interrompeu zangada.

— Falem em francês ou não falem—disselhes, e Vasili aceitou com um sorriso.

— Então quer vários passaportes, um para si, outro para a sua filha, e quer para ontem. Nem eu nem o meu sócio fazemos milagres.

— Não vos peço milagres, só que ajudem a salvar vidas, não só de judeus, também de franceses. Por acaso o senhor não está contra os nazis?

— Sim, o tio da Juana convenceu-me de que o dinheiro não é tudo, e aqui me tem, monsieur, deixando os negócios de lado para trabalhar grátis. Acho que o senhor pode pagar, estou enganado?

Não se enganava, porque Samuel estava disposto a dar tudo o que tinha por esses passaportes. Mas Juana levantou-se e, colocando-se diante de Vasili, deu-lhe uma palmada.

— Pagar? Não digas isso nem a brincar. Farás o que te pedir e vais trabalhar dia e noite—disselhe em tom ameaçador.

— Como vê, monsieur, ninguém pode resistir ao que as mulheres querem. Aqui, ela é a chefe.

Mais tarde, Samuel chegaria a conhecer bem Vasili e a saber que por detrás da sua atitude cínica havia um homem comprometido com a liberdade até ao ponto de pôr a vida em risco.

Nos novos documentos, Samuel e Dalida foram registados como Monsieur Ivanov e Mademoiselle Ivanova, pai e filha, naturais de São Petersburgo, fugidos da revolução soviética.

Vasili avisou-os:

— Se vos prenderem com documentos franceses podem verificar se a identidade dos papéis é real, mas se forem exilados russos não o poderão verificar com os soviéticos. Por isso têm de se mostrar inimigos acérrimos de Estaline e admiradores de Hitler, a vossa esperança para regressar à pátria.

A primeira encomenda de Samuel eram cinquenta passaportes franceses com os quais esperava tirar de França cinquenta judeus e tentar enviá-los para Lisboa e, dali, para a Palestina.

O meu pai, Konstantin, encarregava-se do frete dos barcos. Não era uma tarefa fácil. A Europa estava em guerra e só conseguiam ficar com velhas cascas de noz que se mantinham a flutuar a muito custo. O meu pai também se encarregava de mover as suas influências para que aqueles homens e mulheres conseguissem a autorização das autoridades britânicas para poderem desembarcar na Palestina. Na verdade, o meu pai acabou por colaborar com os serviços secretos britânicos. As informações que lhe chegavam de Samuel e de Katia eram por ele transmitidas aos seus amigos do Almirantado.

Depois dos primeiros cinquenta passaportes seguiram-se outros mais. Com a ajuda de Juana, de Vasili e de Pedro, trabalhavam sem descanso. A mulher parecia não ter medo de nada porque já tinha perdido tudo o que dava sentido à sua vida.

Como deves saber, Ezequiel, a tua irmã negou-se a ficar em Londres connosco, tal como a minha tia Katia.

Dalida tornou-se a ligação com outro grupo da Resistência cujo chefe era um espanhol. Chamavam-lhe Armando, embora ninguém soubesse se esse era o seu verdadeiro nome. Era muito admirado e, principalmente, tinha sorte para escapar. Ia e vinha de Paris à fronteira do Bidasoa e também a Perpignan. Em colaboração com outros grupos da Resistência, ajudava a cruzar clandestinamente a fronteira para Espanha para depois continuar viagem para Portugal. Mas não ajudava apenas judeus. Armando chegou a colaborar com a rede Comète, dedicada a ajudar os aviadores das forças aliadas despenhados sobre a França, a Bélgica e a Holanda.

Às vezes Dalida acompanhava alguns grupos de judeus até à fronteira. Não costumavam ir mais de quatro ou cinco pessoas. Se fossem mais seria suspeito. Viajavam com documentos falsos como membros de uma família que iam ao Sul visitar outros parentes e procurar um refúgio melhor durante a guerra. A tua irmã conduzia-os para umas casas onde os membros da rede do Armando os esperavam para os passarem para Espanha.

Não sei quantas viagens Dalida chegou a fazer, mas sei que ajudou a salvar muitas vidas.

Katia também se dedicou a fundo. Não era difícil para uma condessa russa exilada ter as portas dos colaboracionistas mais nojentos de Paris abertas.

Em finais de 1940, Katia recebeu uma notificação da polícia. Tentavam saber porque é que estava em Paris, a que é que se dedicava e, sobretudo, se simpatizava com o nazismo ou se, pelo contrário, era uma espia.

Não sei de onde é que a minha tia conseguiu tanta coragem, mas a verdade é que saiu airosa do interrogatório.

— Condessa, quanto tempo ficará em Paris?

— Monsieur, o tempo que os senhores permitirem. Para onde poderia ir? Vivi em Londres, sim, mas ali não me sentia confortável tendo em conta que os meus conhecidos sabem da minha simpatia pelo Führer.

— Então, a senhora...

Katia não deixou o polícia prosseguir e continuou a falar.

— Eu, monsieur, só desejo que o Führer ganhe esta guerra e que devolva a nossa pátria aos autênticos russos. Sei que ele tem de lidar com os soviéticos, a política é assim, mas eu rezo para que Adolf Hitler se torne o imperador da Europa.

— E vive bem em Paris?

— Se o que quer saber, monsieur, é se me posso sustentar, a resposta é sim. Fugi da Rússia com o suficiente para não ter de mendigar.

— A senhora não será judia, madame?

— Monsieur! Por acaso não sabe que antes do Führer nós, na Rússia, já tínhamos problemas com os judeus? Não, monsieur, não sou judia, Deus me livre de semelhante mal.

Os homens nunca se conseguiram mostrar indiferentes perante a beleza da minha tia e, embora naquela altura já tivesse mais de sessenta anos, tinha uma presença e uma elegância perante as quais era difícil não se render. Por isso não lhe foi difícil introduzir-se nos círculos de alguns membros do novo governo de Pétain; também começou a relacionar-se com os seus oficiais que, julgando-a inofensiva, deixavam escapar algumas confidências ao ouvido de Katia.

Confidências sobre rugas previstas, sobre tal membro da Resistência que estavam a seguir... Armando costumava analisar cuidadosamente a informação com medo de que tivessem descoberto Katia em determinado momento e a utilizassem para lhe preparar alguma armadilha.

Ela ia de um lado para outro de Paris no seu Mercedes preto, com um condutor que era um dos homens de Armando. Transportava armas e explosivos, levava cartas, escondia dinheiro.

Numa tarde em que Katia saía de casa de um dos homens de Armando com um pacote que continha explosivos, deu de caras com o oficial da polícia que a tinha interrogado e com quem depois se tinha continuado a relacionar. O homem estava acompanhado por vários membros da gendarmaria e por um oficial das SS. Pediam a documentação a todos os que passavam por ali e obrigavam as mulheres a abrirem as malas. Katia salvou-se por milagre dirigindo-se diretamente ao oficial da polícia que conhecia, a quem cumprimentou efusivamente.

— Monsieur, que alegria vê-lo! Está a trabalhar? Se assim for não quero distraí-lo...

Nenhum polícia se atreveu a pedir documentação àquela mulher que falava animadamente com um dos seus chefes. Contudo, o homem das SS perguntou-lhe o que levava no pacote e Katia respondeu com um sorriso.

— Uma bomba, monsieur, o que havia de ser?

O francês riu-se do que julgava ser uma brincadeira, mas o alemão ficou sério.

— Permita-me que lhe apresente a condessa Katia Goldanski... Minha senhora, apresento-lhe Theodor Dannecker, o verdadeiro dono de Paris.

— Que grande responsabilidade possuir uma cidade como Paris! Cuide dela, é uma cidade única, é uma joia para o Terceiro Reich.

Depois de trocarem algumas banalidades, os dois homens acompanharam Katia ao carro e esta partiu dando graças a Deus por se ter salvado.

A rede da qual fazia parte dispunha de uma série de casas que considerava seguras; mesmo assim, mantinham-se sempre vigilantes. No grupo de David Peretz, ao qual se tinham juntado Samuel e Dalida, além de Katia, tal como no de Armando, a obsessão pela segurança era a sua garantia de sobrevivência.

Os dois grupos tinham chegado a colaborar através de Dalida. Foi ela quem conheceu primeiro Armando, e não lhe foi fácil ganhar a sua confiança. Noutras circunstâncias, talvez Dalida tivesse ficado intimidada perante aquele espanhol quarentão, com o rosto sulcado de rugas e as mãos grandes e fortes. Mas a tua irmã não se deixou enganar pelo aspeto de Armando; a voz daquele homem denunciava que não era um brutamontes, era a voz de alguém culto, uma voz que não correspondia ao seu aspeto.

Conheceram-se na casa de Vasili. Dalida tinha ido a entregar várias fotografias para uns passaportes com os quais Samuel tentava salvar uma família judia. Quando chegou, Juana fê-la passar para a sala, onde naquele momento um homem discutia com Vasili.

O homem estava de costas e não a viu entrar. Juana não os apresentou nem Dalida deu mostras de se interessar pelo que aquele tipo pudesse estar a fazer ali. Ficou em silêncio a ouvir a discussão.

— Eu disse que precisava desses documentos para hoje!

— Vou tê-los daqui a duas horas—respondeu Vasili sem alterar a voz.

— E agora, o que é que eu faço? Sabes que tenho de ir para Marselha daqui a menos de uma hora. Não posso esperar e já é tarde para localizar alguém que entregue os documentos por mim—lamentou-se Armando.

Dalida olhou-o e disse:

— Eu posso levá-los.

Armando virou-se surpreendido e zangado perante a interrupção daquela jovem.

— Quem é esta? Estão loucos? Eu disse-vos que não queria aqui ninguém quando eu viesse.

Juana encarou Armando.

— Na minha casa mando eu. Aqui não entra ninguém que não saibamos quem é e, para tua informação, esta rapariga é judia e faz parte de uma rede de judeus, e tem tantos motivos como nós para não confiar em ninguém.

— E é tão inocente ou tão estúpida para se oferecer para fazer um trabalho para um desconhecido. Quantos anos tens?—perguntou Armando olhando para Dalida de cima a baixo.

— Vou fazer vinte—respondeu ela calmamente.

— E porque é que havias de fazer o trabalho por mim?

— Porque tu não o podes fazer e disseste que há uns homens em perigo que precisam desses documentos.

— E o que é que isso te importa?

— A mim importa-me tudo o que tenha que ver com acabar com os nazis.

Juana sorriu. Não é que ficasse surpreendida com a atitude de Dalida, já que sabia que fazia de mensageira do grupo de David Peretz, mas pôr a sua vida em risco por alguém que não conhecia demonstrava que tinha mais coragem do que ela própria pensava.

— Não tens muitas opções, ou vai ela, ou esperas e vais tu—lançou-lhe Juana.

— Como é que sei...

Dalida interrompeu-o.

— Não sabes nada, não sabes se vou ser capaz de o fazer, se me perderei ou chegarei a tempo, não sabes o que farei se for presa, não sabes se falarei... Eu não te posso garantir nada, apenas que vou tentar, que tentarei chegar pontual ao local que me indicares, que entregarei a encomenda e que tentarei que ninguém me siga.

Armando ficou intrigado com a personalidade da Dalida. O seu aspeto era o de uma rapariga na flor da idade, mas com uma integridade pouco comum para a sua juventude.

— Está bem.

Armando foi-se embora com o pesar de não saber se tinha cometido um erro. A rapariga tinha de ser de confiança se colaborava com o grupo de judeus, mas também não sabia nada sobre ela, a não ser que Juana, Pedro e Vasili confiavam nela. Era uma garantia, mas nenhuma garantia é suficiente quando se vive na clandestinidade.

Dalida saiu da tipografia levando num saco quatro documentos de identidade franceses para quatro espanhóis que tinham fugido de um campo de concentração e que se juntaram às fileiras da Resistência.

Caminhava a passo largo, mas não suficientemente rápido para chamar a atenção. Havia um longo caminho desde Montmartre até aos Campos Elíseos, onde estava o bar no qual tinha de entregar os documentos, por isso demoraria a regressar a casa mais do que estava previsto e o seu pai ficaria preocupado.

Uma hora depois encontrou o bar. Entrou sem se importar de que alguns homens olhassem para ela com curiosidade. Aproximou-se do balcão e disse as palavras que lhe serviriam de código: "O François mandou-me buscar pão." O taberneiro ficou a olhar para ela, confuso. Estava à espera de Armando, quem era aquela rapariguinha? Fez-lhe um gesto para que se dirigisse às traseiras do bar. Quando Dalida entrou na cozinha, um homem agarrou-a com força e colocou-lhe uma faca no pescoço. Ela sentia que a ponta de aço se podia afundar na sua carne a qualquer momento, mas não se mexeu.

Disse àqueles homens o que Armando lhe tinha dito que devia dizer, palavras que para ela não significavam nada, mas que para eles faziam sentido.

A partir daquele dia, Dalida colaborou com a rede de David Peretz e do teu pai e com a de Armando. Ganhou o respeito de outros homens e mulheres que como ela punham a vida em risco naquela cidade

ocupada e de aparência alegre.

O lugar-tenente de Armando, um alsaciano alto e com aspeto de urso, a que todos chamavam Raymond, ensinou-lhe duas coisas: a trabalhar com o rádio com que comunicavam com Londres e a preparar explosivos. E aprendeu bem.

Não era fácil transmitir as mensagens da Resistência. Guardava o rádio no seu quarto, temendo que a qualquer momento a descobrissem. Raymond tinha-a avisado de que, se não ultrapassasse o tempo de comunicação, seria difícil que a Gestapo encontrasse o sinal. Ela nunca se esquecia disso e às vezes não hesitava em interromper uma comunicação para não pôr em perigo o grupo ou a si própria.

De vez em quando, Katia viajava para Madrid e dali para Lisboa, onde se encontrava com o seu irmão, a quem costumava transmitir informações precisas sobre a disposição das tropas nazis na região de Paris, e também recebia num envelope fechado instruções que o serviço de inteligência britânico enviava para alguns dos seus contactos com a Resistência em Paris. Além disso, Konstantin aproveitava para lhe pedir que regressasse com ele a Londres. Mas ela negava-se.

— Estou apaixonada, Konstantin. Será que não compreendes? Achas que agora deixaria o Samuel? Se for preciso, vou com ele até ao inferno.

— Katia, um dia a guerra acaba e o louco do Samuel vai ter contigo a Londres. Temos de admitir que nem ele nem eu temos idade para estes jogos de espões. Eu não corro nenhum risco por me reunir contigo de vez em quando em Lisboa e levar e trazer de Londres certas encomendas, mas não consigo dormir só de pensar nos riscos que tu corres.

— Sabes uma coisa, Konstantin? Estou apaixonada pelo Samuel desde criança. Recusei todos aqueles que se aproximaram de mim, e tu conheces o desgosto da nossa avó por eu me negar a casar. Quando já dava a minha vida por perdida voltámos a encontrar-nos e tu sabes o sacrifício que ele fez para estar comigo. Sim, sacrificou tudo o que tinha, a sua esposa, o seu filho, e tu pretendes que eu o deixe em Paris pondo a sua vida em risco enquanto eu espero pelo fim da guerra? Não, Konstantin, nem todas as divisões da Wehrmacht serão capazes de nos separar.

— Pelo menos traz a Dalida, vai estar mais segura em Londres.

— Não a reconhecerias. A Dalida está uma mulher e só faz o que quer. O Samuel está preocupado porque ela está cada vez mais implicada com o grupo do Armando. Há uma semana rebentaram umas linhas de comboio perto de Paris e ela participou nisso. Ao que parece aprendeu a trabalhar com explosivos. No outro dia perguntei-lhe se não tinha medo, e sabes o que é que me respondeu? 'Só tenho medo de que percamos a guerra e de que os nazis invadam a Europa. É disso que tenho medo.' "

Gustav fez uma pausa enquanto Vera lhe oferecia uma chávena de chá. Depois continuou com o relato.

"Ezequiel, já ouviste falar da 'Rafle du Vel d'Hiv'? Naquela rusga de 16 de julho de 1942, detiveram centenas de judeus. Os pobres desgraçados foram encerrados nesse velódromo, o Velódromo de Inverno. O pior não foi o que sofreram lá, mas sim o que ainda iam sofrer. Muitos foram transferidos para campos de extermínio na Alemanha. Mas não vou adiantar os acontecimentos.

Os franceses tinham recebido uma ordem dos seus chefes alemães: deviam efetuar uma detenção em massa de judeus, e cumpriram a ordem sem ripostar. Não lhes foi difícil, todos os judeus estavam recensados, por isso a polícia sabia onde é que tinha de os ir buscar. Na madrugada desse 16 de julho milhares de polícias foram às casas dos judeus. Prenderam mais de doze mil pessoas, incluindo mulheres e crianças.

Alguns conseguiram escapar; outros, que já colaboravam com grupos da Resistência, salvaram-se porque, tal como Samuel e Dalida, há meses que tinham passado para a clandestinidade deixando as suas casas e as suas famílias.

Uns foram transferidos para o Velódromo; outros para um campo que se tinha instalado em Drancy, no

norte de Paris; outros para Pithiviers, para Beaune-la-Rolande...

Algumas famílias foram separadas. Os meninos para um lado, os pais para outro. Muitas das crianças foram enviadas diretamente para Auschwitz, onde foram assassinadas nas câmaras de gás assim que chegaram.

Lembra-te desses nomes, Ezequiel, nunca os esqueças, são os nomes de três oficiais das SS, três assassinos: Alois Brunner, Theodor Dannecker e Heinz Rothke. Alois Brunner seria mais tarde o comandante do campo de Drancy.

O teu pai e a tua irmã sobreviveram àquela rusga, e eles, tal como o resto do seu grupo, sofreram por não poderem fazer nada. Para Samuel tornou-se uma obsessão tentar tirar de França alguns meninos judeus que se encontravam escondidos em casas de amigos. Entre David Peretz e ele localizaram um grupo de dez crianças. Já te disse que o meu pai nunca me contou como é que Samuel conseguia entrar em contacto com ele, mas sei que recebeu o aviso de que se preparava para tirar aquelas dez crianças de Paris. Samuel pedia ao meu pai para organizar o que fosse necessário para alguém as ir buscar a Gibraltar ou a Lisboa e transferi-las para a Palestina ou para qualquer lugar onde pudessem estar seguras. Por mais difíceis que fossem, o meu pai seguia sempre as instruções de Samuel. Não era fácil organizar tudo o que era necessário para conseguir transferir os meninos judeus para a Palestina. Tu lutaste com eles e eu também, e sabemos da sua coragem no campo de batalha, mas os britânicos defendem em primeiro lugar os seus interesses e depois tudo o resto, e já sabes que há anos que a sua política é impedir a chegada de mais judeus à Palestina. Não queriam nem querem abrir mais frentes e por nada do mundo desejam irritar os árabes palestinianos.

Pedro e Vasili dedicaram-se com empenho a falsificar documentos para aquelas crianças. Foi Katia quem se lembrou de procurar a ajuda de umas freiras, umas Irmãs da Caridade. Katia tinha ouvido dizer que aquelas freiras acolhiam meninos órfãos e decidiu suplicar a sua ajuda. Foi ao convento e pediu para falar com a madre superiora, mas ela não estava lá naquele momento, por isso foi recebida pela irmã Marie-Madeleine, que não tinha mais de quarenta anos e que, quem a conhecia garantia, se gabava do seu mau carácter.

Katia não esteve com rodeios e expôs diretamente o problema à irmã Marie-Madeleine.

— Uns amigos conseguiram salvar dez meninos judeus. Os seus pais foram levados para o Velódromo de Inverno... Queremos salvá-los e para isso temos de levá-los para Espanha e dali para Lisboa ou Gibraltar. Mas precisamos que estejam em segurança até que possamos começar a viagem. Poderiam acolhê-los aqui?

A irmã Marie-Madeleine resmungou e disse baixinho algo que Katia não conseguiu compreender, depois olhou-a de frente e sem sorrir respondeu-lhe:

— Não sei o que a madre superiora dirá. Foi com outra irmã tratar de uns pobres idosos perto de Paris. Só regressa amanhã. Se a senhora trouxer os meninos hoje mesmo, então não se poderá negar. Já estarão aqui.

— Mas se não estiver de acordo expulsaria os meninos?

— Já lhe disse que não. Mas tem de compreender que escondendo essas crianças pomos em perigo outras que temos aqui. O que seria destes órfãos sem nós? Diga-me, quanto tempo vão ficar?

— Não sei, irmã, uns dias, mas não sei quantos, vamos tentar ser breves.

— E que idade têm?

— O mais novo quatro anos, o mais velho doze.

— Que Deus nos ajude e nos proteja!

— Que assim seja, irmã.

Naquela tarde os membros da rede foram transferindo as crianças até ao convento. Tinham dito aos

meninos que não chorassem e, apesar da tristeza dos seus rostos e do tremor dos seus lábios, todos se comportaram como aquilo que eram, sobreviventes.

Algumas irmãs assustaram-se e mostraram-se reticentes, já tinham medo suficiente ao defenderem os seus próprios órfãos, mas a irmã Marie-Madeleine mostrou-se inflexível:

— Por acaso vamos negar Cristo recusando ajuda a estas crianças? Claro que corremos perigo, mas vamos temer pelo nosso bem-estar, nós, esposas de Cristo que morreu na cruz?

A madre superiora repreendeu a irmã Marie-Madeleine por se ter atribuído uma autoridade que não tinha, mas era uma boa mulher e, apesar dos seus medos, aceitou as crianças.

A irmã Marie-Madeleine convenceu a madre superiora a deixá-la acompanhar os meninos até à fronteira. Iriam de comboio. A desculpa seria que eram meninos órfãos que tinham tuberculose e que, graças à generosidade da condessa Katia Goldanski, iam desfrutar de umas férias no Sul, perto do mar. A presença de uma freira daria credibilidade àquele passeio improvisado.

Dalida convenceu Armando de que a sua rede recebesse as crianças quando chegassem à fronteira. Armando mostrava-se reticente, não queria pôr em perigo os seus homens, mas acabou por concordar comprometendo-se a que alguns membros da rede levassem as crianças até ao outro lado da fronteira. Mas, quando chegassem, teria de ser a organização de David Peretz e de Samuel a responsabilizar-se pelos meninos. Ficou decidido que iriam até Perpignan e dali à fronteira e que, quando a atravessassem, tentariam chegar a Barcelona, onde havia uma organização que prestava apoio a crianças. Não era fácil passar a fronteira porque era necessário utilizar as passagens dos contrabandistas.

No dia em que começaram a viagem as crianças estavam assustadas, na verdade nunca tinham deixado de o estar desde que as separaram dos seus pais para levá-las até outras casas e depois até àquele convento onde umas mulheres desconhecidas insistiam em que aprendessem o pai-nosso e a ave-maria. Não é que quisessem convertê-las ao catolicismo; é que, com toda a razão, a irmã Marie-Madeleine dizia que, caso fossem detidas, as crianças teriam de passar por cristãs.

Tinham combinado que a presença de um homem chamaria a atenção, por isso, apesar das suas reservas, Samuel acabou por aceitar e despediu-se de Dalida e de Katia sem saber se seria a última vez que as veria.

A irmã Marie-Madeleine liderava o grupo. Bastava-lhe olhar para as crianças para elas ficarem caladas. A freira tinha uma autoridade natural que naquele momento era mais necessária do que nunca.

Na gare, a polícia pediu-lhes a documentação. A freira explicou a um dos polícias o objetivo da viagem graças à bondade daquela dama caridosa. Katia sorria indiferente como se aquela fosse mesmo uma viagem inocente. Dalida, por sua vez, também fez o seu papel como dama de companhia da condessa.

Quando os polícias pareceram concordar com as explicações da irmã Marie-Madeleine, aproximaram-se dois homens da Gestapo reclamando a documentação das crianças e das mulheres.

— Suponho que o Terceiro Reich não tem medo de uns pobres órfãos—disse a freira àqueles homens mal encarados.

— São os traidores que devem ter medo do Terceiro Reich. A senhora é uma traidora, irmã?—O agente da Gestapo olhou com altivez para a freira.

— Sou só uma freira que vela por estes pobres órfãos doentes. Têm tuberculose, aqui estão os documentos que o confirmam. Vamos levá-los para o Sul para que não contagiem os outros meninos que albergamos no convento. A condessa foi muito generosa por se ter ocupado dos gastos da viagem. Deus abençoa-la-á.

Nesse dia, Deus decidiu proteger aqueles pobres órfãos em relação aos milhares de seres humanos que morriam nas câmaras de gás sem que Ele se manifestasse. O agente da Gestapo deixou-os entrar no comboio.

Katia e Dalida distribuíram sandes entre as crianças.

— Têm de comer e depois tentar dormir. A viagem até à fronteira é longa e quero-vos calados—avisou-os a irmã Marie-Madeleine. Os meninos ouviam-na assustados. Apesar de serem muito pequenos tinham consciência de que estavam a pôr a vida em risco.

O comboio parou em várias estações e em todas elas sofreram o escrutínio da polícia francesa e da Gestapo. Mas foi em Perpilhão, quando estavam prestes a sair da estação, que quatro agentes da Gestapo os rodearam pedindo-lhes a documentação. Um dos homens dirigiu-se a Dalida dizendo: 'Consigo cheirar os judeus.' Dalida estremeceu e entregou-lhe os seus documentos falsos.

— Então a senhora é uma russa apátrida. O seu apelido é Ivanova?

— Sim—conseguiu responder Dalida.

— É a minha dama de companhia... Sou a condessa Katia Goldanski—interveio Katia.

— Ah, com que então a jovem é sua dama de companhia?! A senhora pode garantir-me que ela não é judia?

— Por amor de Deus, claro que não é! Além disso, o senhor acha que eu seria tão estúpida para ter ao meu serviço um judeu?—Katia comportava-se com o orgulho das velhas aristocratas.

A irmã Marie-Madeleine colocou-se ao pé de Katia.

— Meu senhor, a condessa teve piedade destes órfãos que estão doentes com tuberculose e graças à sua bondade levamo-los para que recuperem longe da cidade. Garanto-vos que Mademoiselle Ivanova não é judia, por acaso acha que nós, cristãos, queremos relacionar-nos com quem descende dos assassinos de Cristo? Deus nos livre! Peço-vos, senhores, que nos deixem continuar, as crianças estão cansadas depois da viagem, são pequenas, precisam de comer e de dormir.

Os agentes da Gestapo observaram os rostos dos meninos, que estavam em silêncio.

Deixaram-nas partir. Caminharam sem pressa, como se não tivessem nada a esconder nem a temer.

— Irmã, o que a senhora acaba de dizer àquele homem da Gestapo foi a desculpa de sempre para a perseguição dos judeus: por terem matado Cristo. As consciências de quem ordenava as matanças, os pogroms em toda a Europa, ficavam em paz ao argumentarem que nós, judeus, fomos os responsáveis pela crucificação.—Dalida falava baixinho, mas na sua voz notava-se a agitação interior devido às palavras da freira.

— Acha que eu não sei disso? Foi por esse motivo que lho disse. Que outra explicação poderá convencer esses homens de que este não é um grupo de judeus? Lamento tê-la ofendido—desculpou-se a irmã Marie-Madeleine.

— Não me ofendeu, mas é terrível que todos os judeus tenham de carregar com a cruz de Jesus—

respondeu Dalida.

— Eu não estou de acordo nem com as perseguições nem com os assassinios que se cometeram ao longo da História tendo como desculpa a morte de Jesus. Nosso Senhor era judeu e nunca pretendeu outra coisa, por isso, como poderia eu estigmatizar os judeus?

— Um dia a igreja devia pedir perdão.—Nas palavras de Dalida havia uma boa dose de amargura. Ela, que era palestina, que nunca tinha sentido nenhuma discriminação, estava a aprender que na Europa ser judeu era passar a ter uma categoria sub-humana.

— Sim, e se lhe serve de alguma coisa eu peço-lhe perdão por todos os pecados que cometemos contra os judeus.

As três mulheres ficaram em silêncio. Os meninos mais velhos não perdiam uma palavra da conversa e nos seus rostos desenhava-se a confusão.

Armando tinha-lhes dado instruções precisas; ao saírem da estação virariam à direita e caminhariam quinhentos metros, depois alguém se aproximaria deles dizendo uma frase: 'Há viagens intermináveis.'

Estavam a caminhar há cerca de um quilómetro quando uma carrinha parou ao seu lado. O condutor pôs a cabeça de fora e disse a frase combinada. Em menos de um minuto, as crianças entraram para a parte de trás e, embora mal se conseguissem mexer, sentiram-se a salvo.

Saíram da cidade sem que o condutor lhes dissesse para onde os levava. O destino era uma casa escondida no meio do mato que estava perto da fronteira. Ali esperava-os uma mulher baixa e gorducha. Parecia preocupada.

— As crianças têm de entrar rapidamente. Por aqui não costuma passar ninguém, mas é melhor não serem vistas.

A casa era modesta; tinha dois andares, o de baixo estava ocupado por uma enorme cozinha que também fazia de sala de jantar e de estar. A lareira acesa, junto a umas chávenas de leite e a umas fatias de pão que a mulher lhes tinha preparado, ajudou-os a aquecer.

— Não é muito, mas pelo menos têm alguma coisa no estômago.

Chamava-se Ivette e tinha sido casada com um judeu.

— O meu marido morreu antes desta guerra começar. Não quero pensar no que lhe teria acontecido se estivesse vivo... Essa gente leva os judeus para a Alemanha; dizem que para campos de trabalho... mas também se diz que... bem, não vou dizer nada, não quero que as crianças se assustem.

Ivette tinha duas filhas que estavam em Espanha.

— Tive de as convencer a passarem a fronteira. Não é que Franco goste de judeus, mas pelo menos não os mata nem os obriga a usar a estrela de David cosida na lapela. De vez em quando vou a Espanha para as ver, mas não deixo que regressem a casa.

Já tinha caído a noite quando chegou outra carrinha para os transportar. O homem que conduzia apresentou-se como Jean, e estava acompanhado por outro mais jovem, que se apresentou como François. Explicaram-lhes que iriam até Les Angles e dali, pelas passagens secretas, entrariam em Puigcerdà. Ivette acompanhá-los-ia.

As crianças estavam esgotadas, mas a irmã Marie-Madeleine impunha-lhes tal respeito que nem se atreviam a chorar. Instalaram-nas como conseguiram na carrinha tapando-as com uma lona para as protegerem do frio e de olhares indiscretos.

Jean conduziu com as luzes apagadas por caminhos enlameados longe da estrada principal. Demoraram mais do que estava previsto e quando chegaram perto de Les Angles já tinha quase amanhecido. A aldeia era pequena e os seus habitantes ainda não se tinham levantado.

— Daqui vamos a pé até cruzarmos a fronteira. Não será fácil. A aldeia mais próxima é Puigcerdà, mas não podemos ir diretamente, temos de entrar na montanha. Acham que as crianças vão aguentar?

Katia levantou o olhar para aquelas montanhas salpicadas de neve. Pensou no quão bonitas eram e em como teria gostado de ter um trenó para deslizar por aqueles caminhos brancos.

A irmã Marie-Madeleine avisou mais uma vez as crianças de que deviam ficar em silêncio.

— Vamos dar um passeio, vocês vão gostar—disselhes sem deixar que o seu rosto transparecesse a pena e o amor que sentia por aqueles meninos indefesos.

Dalida pegou no mais novo ao colo, a irmã Marie-Madeleine fez o mesmo com uma menina que não tinha mais de cinco ou seis anos. Katia parecia cansada, afinal de contas era uma mulher de sessenta e três anos, mas não foi por isso que deixou de pegar noutra criança ao colo, tal como Ivette.

Jean ia à frente insistindo em que ficassem em silêncio. De vez em quando parava durante uns segundos e fechava os olhos como se assim pudesse concentrar-se em todos os sons das montanhas. François era o último, embora por vezes desaparecesse e regressasse algum tempo depois para falar baixinho com Jean.

— Conhecem estas montanhas como a palma da sua mão—garantiu Ivette a Katia.

Uma menina caiu ao tropeçar e começou a chorar. Dalida pediu-lhe para ficar em silêncio enquanto lhe tratava do joelho de forma rudimentar.

— Olha, tens de cuspir para este lenço e com a saliva vou limpar-te a ferida, vais ver que não te vai doer.

— Devíamos ir mais devagar—sugeriu Katia.

— Temos de cumprir o que está combinado. Os seus amigos do outro lado conhecem os horários das patrulhas espanholas. Um único minuto pode significar que nos apanhem. Lamento, mas temos de continuar.

Mas as crianças quase não conseguiam caminhar por aqueles trilhos gelados onde os pés se afundavam na neve agravando a sensação de frio que sentiam e que as fazia tiritar. Nenhum tinha roupa nem calçado adequado. Nem sequer Katia, nem Dalida, e muito menos a irmã Marie-Madeleine; só Ivette e os homens tinham roupa de montanha e botas de borracha para andar na neve.

— Vão adoecer—sussurrou Katia.

— Mas salvarão a vida—respondeu Dalida.

Tiveram de parar. As crianças tinham começado a choramingar rendidas ao cansaço. Os mais pequenos adormeciam a caminhar.

— Dê-nos meia hora de descanso ou as crianças não vão resistir—suplicou a irmã.

— Dez minutos, nem mais um—concedeu Jean. Depois indicou-lhes que continuassem em silêncio enquanto mandava François explorar a zona.

Quando regressou estava nervoso.

— Há um destacamento de soldados muito perto. Estão à procura de alguém. Temos de continuar. Vamos ter de fazer um pequeno desvio mais para cima, pois não há outra forma de nos livrarmos deles—disselhes François.

— As crianças não vão conseguir!—protestou Dalida.

— Só há duas opções: ou o fazem ou somos todos presos, e eu não estou disposto a entrar num desses comboios de gado onde fecham os judeus e os maquis para os enviarem para os campos de prisioneiros da Alemanha—respondeu Jean enquanto começava a andar.

Seguiram-no. Não podiam fazer outra coisa. Katia prometeu um pacote de rebuçados a quem ficasse em silêncio.

Quando tempo demoraram? Katia não se lembrava. Só recordava que todos tinham os pés ensopados e que as crianças tiritavam de frio. Alguma delas começou a tossir. Mas as quatro mulheres puxavam-nas obrigando-as a caminhar, levantando-as quando caíam na neve, tapando-lhes a boca quando choravam.

De repente Jean sorriu e virou-se para Katia para lhe dizer:

— Estamos em Espanha.

— Louvado seja Deus!—exclamou a irmã Marie-Madeleine enquanto dirigia o olhar para o céu e murmurava uma oração.

— Tem a certeza?—perguntou Katia, nervosa.

— Sim, estamos em Espanha—afirmou Jean.

Deixou-os sentarem-se a descansar debaixo de um imenso abeto com os ramos carregados de neve. Estavam molhados, suados, esfomeados, mas a salvo.

— Onde é que estão as pessoas que nos vêm buscar?—quis saber a irmã Marie-Madeleine.

— Desviámo-nos e temos de andar mais quatro quilómetros para nos aproximarmos do ponto de encontro. François vai mais rápido e estabelecerá o contacto. É possível que não esteja ninguém à espera no lugar combinado já que estamos muito atrasados.

— As crianças não podem andar nem um metro mais—garantiu a freira.

— Escapámos aos soldados, irmã, mas não estamos seguros. Podemos dar de caras com soldados ou com a Guarda Civil—afirmou Jean.

— E o que vão fazer? Devolver estas crianças a França? Entregá-las porque são judias?—A irmã Marie-Madeleine tinha levantado a voz e estava zangada.

— Estamos em guerra, irmã, acha que alguém se preocupa com mais alguns órfãos? Bem, vocês salvaram dez crianças, talvez o seu Deus a recompense por isso, mas se os soldados nos encontrarem, então vai mesmo precisar de rezar ao seu Deus.

— Por acaso o senhor não acredita em Deus?—perguntou a freira.

— Por favor, irmã, o que é que isso importa?—Katia parecia zangada.

— Não, irmã, não acredito em Deus, mas isso não me impede de ser uma pessoa decente e de ter consciência. A senhora salva essas crianças pelo seu Deus, eu luto contra os nazis e acredito que todos os seres humanos são iguais, não interessa a raça nem a religião. Que cada um atue de acordo com as suas crenças. Irmã, eu não me meto nas suas, por isso terá de respeitar as minhas.

As crianças não podiam dar nem mais um passo por isso, apesar dos protestos de Jean, Katia impôs-se para que as deixassem descansar. O simples facto de estar em Espanha sossegava-a. Sabia que Franco era aliado de Hitler, mas até ao momento, que ela soubesse, não perseguia os judeus, por conseguinte confiava que, caso fossem presos, não os enviariam para França sabendo qual seria o destino dessas crianças. Comentou isto com Jean.

— Se a senhora quer confiar nos franquistas, força, eu não o farei. Sou anarquista, minha senhora, e em Espanha fuzilam os anarquistas, e não se interessam se é um anarquista espanhol ou francês. Eu salvo vidas ajudando a passar a fronteira, mais nada. Se não querem andar, não posso fazer nada.

— Vá, Jean, não te zangues—intercedeu Ivette.—Tu tens filhos pequenos, imagina-os a passar pelo mesmo que estas crianças.

Mas Jean mostrou-se inflexível e fê-los retomar a marcha. A tarde aproximava-se quando ouviram uns passos perto deles. Ficaram quietos e em silêncio e Jean foi averiguar quem se estava a aproximar. Regressou acompanhado por quatro homens. Um deles era François.

— Há uma casa que não está muito longe de Puigcerdà. Nela vive uma mãe e uma filha, o marido era contrabandista, mas prenderam-no e fuzilaram-no. Vão poder descansar ali até chegar um camião para vos levar a Barcelona—explicou François.

Despediram-se de Jean e de François e ficaram à mercê daqueles espanhóis que as ajudaram a levar em braços os meninos que estavam mais esgotados. Os três estavam armados com espingardas.

Ninguém os viu entrar naquela quinta situada no sopé da montanha.

— Santo Deus, pobres crianças!—exclamou a dona da casa, que devia conhecer Ivette porque se cumprimentaram com dois beijos.

— Nuria, achas que lhes podes dar alguma coisa quente para comer?—pediu Ivette.

— Primeiro têm de tirar a roupa molhada, vamos estendê-la ao pé da lareira—respondeu Nuria, que era uma mulher ruiva de olhos castanhos, nem muito alta nem muito baixa, mas tão decidida como Ivette.

— Vão morrer de frio se se despirem—disse a irmã Marie-Madeleine.

— Vão morrer se não o fizerem. Vou pôr uns colchões no chão e tapá-los-emos com mantas. Ivette, ajuda-me. Entretanto vocês podem ir aquecendo leite, está naquela bilha.

Algum tempo depois a irmã Marie-Madeleine teve de reconhecer que Nuria tinha razão. As crianças estavam secas, envolvidas entre lençóis e mantas, a dormir depois de terem bebido umas grandes chávenas de leite.

Katia e Dalida tinham aceitado roupa seca de Nuria, mas a irmã Marie-Madeleine não parava de tossir enquanto tentava secar-se ao pé da lareira.

— Acha que Deus se importaria muito se tirasse o hábito durante algum tempo até a roupa secar?—perguntou-lhe Nuria.

A freira não respondeu. Doía-lhe a cabeça, e sentia um fogo que lhe descia até ao peito impedindo-a de respirar.

— Esta mulher está doente—disse Ivette dirigindo-se a Nuria.

Foi Katia quem a convenceu a trocar de roupa no quarto de Nuria e a tapar-se com uma camisa de noite enquanto o hábito secava.

— Ninguém a vai ver, irmã, prometo.

— Ser freira é voluntário e consiste em aceitar uma série de normas às quais ninguém te obriga. Compreendo que a minha recusa em aceitar outra roupa, como a senhora e a Dalida fizeram, possa parecer absurda.

— Eu não a julgo, irmã, mas insisto em que atue com lógica. Deixe que o seu hábito seque, e enquanto isso fique no meu quarto sem ninguém a ver. Isso pode aceitar.

Nuria disselhes que os três homens responsáveis pelo grupo estavam a vigiar a casa.

— Nós não os vemos mesmo se assomarmos à janela, mas eles não nos perdem de vista e se houvesse algum perigo viriam de imediato.

— Porque é que colabora com a Resistência?—quis saber Katia.

— Sabe quantos espanhóis há na Resistência? Mas não o faço por isso, mas sim porque espero que os Aliados ganhem a guerra e nos livrem de Franco.

Já tinha caído a noite quando o barulho de alguém a bater à porta alertou Nuria, que abriu com uma mão enquanto metia a outra no bolso do avental no qual escondia uma pistola.

Um dos homens que os tinham ajudado disse a Nuria que a carrinha que devia transportar as crianças estava pronta e à espera. Os meninos tinham descansado e comido o suficiente e pareciam ter recuperado um pouco de energia. Quem não estava bem era a irmã Marie-Madeleine. Tinha febre e não parava de tremer.

— Vai ficar aqui, irmã; nós levamos os meninos até Barcelona. Vimos buscá-la ao regressar—insistiu Katia.

Mas a freira não estava disposta a ser vencida pela febre, por isso vestiu o hábito disposta a acompanhá-los.

— Dizem que Franco é muito católico, por isso é melhor ir convosco, ninguém vai desconfiar de uma freira.

Não conseguiram convencê-la e instalaram-se como puderam na carrinha.

A viagem foi cansativa. Numa ocasião, dois guardas civis mandaram-nos parar. O condutor explicou-lhes que levava uma freira e alguns meninos doentes de tuberculose para o convento das Irmãs da Caridade de Barcelona. Os guardas deram uma vista de olhos à carrinha e deixaram-nos continuar.

— Tivemos sorte—disse Katia.

— Não foi sorte, é Deus que nos protege—garantiu a irmã Marie-Madeleine.

— E porque é que Deus não protege sempre todos aqueles que precisam? Sabe, irmã, quantas crianças perderam os seus pais e quantos pais perderam os seus filhos? Diga-me, porque é que Deus permite esta guerra? Se somos todos seus filhos, tal como a senhora não deixa de repetir, porque é que permitiu que nós, seus filhos, pelo facto de sermos judeus, sejamos perseguidos há séculos?—Dalida tinha levantado a voz. Há algum tempo que tinha deixado de ver a mão de Deus. A irmã Marie-Madeleine também não tinha resposta.

Apesar dos estragos da Guerra Civil, Barcelona pareceu-lhes uma cidade senhorial. O condutor parecia saber onde tinham de ir. As crianças estavam esgotadas.

A casa situava-se no Passeio de San Juan. O condutor disselhes que esperassem enquanto ele ia avisar da sua chegada. Uma mulher alta, com o cabelo grisalho apanhado num coque, abriu a porta. Falaram durante uns segundos e a mulher aproximou-se da carrinha instando-os a sair.

— Depressa, depressa—disselhes como único cumprimento.

Quando entraram na casa, a mulher apresentou-se como Dorothy. Era americana e fazia parte de um grupo que ajudava a resgatar crianças das garras dos alemães.

— Colaboramos com a Agência Judaica, fazemos o que podemos, que não é suficiente; mas enfim, pelo menos temos a satisfação de saber que alguns meninos vão sobreviver à guerra.

— Para onde os vão levar?—quis saber Katia.

— Por agora, aqui estarão seguros; mais à frente, se for possível, para a Palestina, mas cada vez é mais difícil, os britânicos fazem o possível para evitar que chegue algum barco com judeus. Não lhe posso garantir onde, apenas que estarão a salvo.

— Disseram-nos que na Suíça são bem recebidos—disse Katia.

— Não se preocupem, garanto-vos que já estão a salvo.

— Acha que não há perigo de o Franco imitar as leis racistas da Alemanha e, a pedido do Führer, deportar os judeus que há em Espanha?

— Eu não vos posso garantir nada, só vos posso dizer que até ao momento isso não aconteceu. Nós tentamos ser discretos, acho que é a nossa melhor arma.

— E porque é que a senhora ajuda os judeus?—quis saber Dalida.

— Minha querida, eu sou judia. A minha família era de Salónica, mas os meus avós emigraram para os Estados Unidos. Eu nasci em Nova Iorque e sinto-me na obrigação de ajudar os judeus na medida do possível, sobretudo as crianças.

— A família da minha mãe também é de origem sefardita, mais precisamente de Salónica.—Dalida tinha ficado sossegada ao saber que a americana era judia.

Dorothy insistiu para que a irmã Marie-Madeleine fosse vista por um médico, pois nesse momento estava ensopada em suor por causa da febre.

Tiveram de ficar dois dias em Barcelona até a freira recuperar. Dorothy mostrou-lhes a cidade.

— É muito bonita; pena que os seus habitantes estejam tão tristes—comentou a Dalida.

— E como é que se pode estar depois de uma guerra civil? Todos perdemos alguém: um pai, um irmão, uma esposa, um filho, um sobrinho... O pior é que, sem contar com os que caíram na frente, os restantes sabem quem são os assassinos dos seus. Sobretudo nas aldeias, onde todos se conhecem. Vão ter de passar algumas gerações até que os espanhóis se perdoem a si próprios—sentenciou Dorothy.

Katia e Dalida tinham simpatizado com aquela americana não por ser judia, mas pela sua bondade. Era casada com outro americano, que trabalhava para o governo dos Estados Unidos. Dorothy não lhes disse o que fazia, elas também não perguntaram.

Dorothy ajudava todos os judeus que passavam clandestinamente de França para Espanha.

— Não tem medo de ser presa pela polícia?—perguntou-lhe Katia.

— Não penso nisso, mas sabe uma coisa? Às vezes acho que, embora Franco e os seus sejam aliados de Hitler e de Mussolini, ao mesmo tempo querem manter ligações com os britânicos e os americanos. Por via das dúvidas, também decidiu jogar pelo seguro. Mesmo assim não somos ingênuos e tentamos não nos expor. Já lhe disse, trata-se de agir com muita discrição.

Com aquela operação Katia e Dalida não só salvaram a vida daquelas crianças como fizeram da irmã Marie-Madeleine mais um membro do seu grupo.

Custou-lhes convencer David e Samuel de que deviam contar com a freira.

— Katia, não sejas tão audaz. Desta vez as coisas correram bem, mas porque é que se há de querer envolver em salvar mais judeus? E os nossos amigos da Resistência não vão aceitar que metamos uma freira nos nossos assuntos. Não vão arriscar as suas vidas ao confiar nela.

Foi Dalida que falou da irmã Marie-Madeleine a Armando. O espanhol ouviu-a contrariado.

— Não penso pôr a vida dos nossos nas mãos de uma freira.

— Se não fosse ela não teríamos conseguido salvar aquelas crianças—argumentou Dalida.

— Já sabes como funcionamos, por isso limita-te a fazer aquilo que tens feito até agora. Nem penses em falar com essa freira sobre nós. Tu podes confiar nela, mas eu não tenho motivos para isso.

— Sei que em Espanha a Igreja está a favor de Franco, mas estamos em França—replicou Dalida.

— Não insistas, rapariga, caso contrário...

— Caso contrário, o quê?

— Seguirás o teu caminho com os teus. Não vou pôr em risco a segurança da nossa organização porque uma freira decidiu fazer caridade ao salvar umas crianças judias. Eu não luto só para salvar judeus, luto contra o fascismo. Luto pela liberdade. Luto pela França, mas também pela Espanha. Se ganharmos esta guerra espero que nos ajudem a recuperar a minha pátria.

Dalida compreendeu que Armando nunca aceitaria a ajuda da irmã Marie-Madeleine. Para ele os padres e as freiras eram aliados de Franco e não era capaz de ver mais além da sua própria dor, da dor de quem perdeu não só uma guerra, mas talvez mais do que isso.

Quase não sabia nada sobre Armando, na Resistência as questões pessoais não existiam. Mas tinha ouvido dizer que os falangistas entraram na sua aldeia e mandaram todas as 'rojas' rapar o cabelo, e depois fuzilaram os homens que sabiam que eram leais à República. Dizia-se que a sua esposa era uma das que tinha sofrido as represálias. Mas ela não sabia se era verdade. Nunca se tinha atrevido a perguntar-lhe.

Contou a Samuel a discussão que tinha tido com Armando. O teu pai deu razão ao espanhol.

— Compreendo que a Katia e tu tenham carinho pela irmã Marie-Madeleine, mas isso não é suficiente para que a Resistência confie nela. Não peçamos aos outros que assumam a nossa causa nem que façam mais do que devem. Essa freira ajudou-nos, mas também não seria justo comprometê-la mais.

Mas Dalida não lhe ligou. Gostava de discutir sobre Deus com a irmã Marie-Madeleine que, na maior parte das vezes, não tinha resposta para as suas perguntas. A freira não era teóloga, era uma mulher corajosa que seguia o Evangelho ajudando os outros. Não o fazia por razões políticas, mas sim porque via nos perseguidos o Cristo perseguido e, nos assassinados, o Cristo crucificado.

— Sabes uma coisa? A irmã Marie-Madeleine tomou partido nesta guerra através da sua fé. Todos lutamos por uma causa, porque é que a dela tem de ser menor do que a nossa?—argumentou Dalida.

Samuel ficava impaciente com a tua irmã Dalida. Como bem sabes, o teu pai nunca teve qualquer tendência religiosa. Sempre sentiu o judaísmo como um peso, como algo que o impedia de ser como os outros. Não podia compreender o interesse que Dalida tinha pelo catolicismo, e muito menos que em alguns domingos fosse à igreja onde as freiras cantavam durante a missa.

O grupo de Armando recebeu uma missão dos britânicos. Deviam rebentar umas linhas de comboio, precisamente as linhas que uniam Paris à fronteira alemã.

Armando pediu a Dalida que os ajudasse. Precisava de alguém que pudesse transportar os explosivos até aos arredores de Paris. A tua irmã tinha aprendido a conduzir e Armando sabia que David Peretz tinha um carro guardado numa garagem.

Samuel e Armando reuniram-se para falarem sobre a operação. O teu pai ficava assustado se Dalida corria um perigo maior do que aqueles que corria habitualmente. Ofereceu-se para ser ele a conduzir o carro com os explosivos.

— Ninguém vai desconfiar de um velho como eu—argumentou Samuel.

— Não só é preciso transportar os explosivos a cem quilómetros de Paris, também é preciso ajudar a colocá-los. Dalida é jovem e ser-nos-á mais útil; ensinámos-lhe a trabalhar com explosivos e duvido que o senhor saiba utilizar um temporizador.

Ambos tiveram de ceder. Dalida iria, mas Samuel também.

No dia combinado saíram ao final da tarde. O plano era chegar de noite e que Armando estivesse à espera deles no ponto indicado. Tinham escolhido fazê-lo longe de qualquer aldeia ou cidade. Era melhor arriscar num terreno baldio para não atrair a curiosidade alheia. Tinha o apoio de um velho ferroviário já reformado. O homem tinha-lhes indicado o melhor local para colocar os explosivos. Tratava-se de destruir um troço de linha para sabotar os fornecimentos que a Wehrmacht recebia da Alemanha.

Samuel conduzia devagar tentando não chamar a atenção. Dalida tinha-lhe pedido que a deixasse conduzir, mas o teu pai tinha razão, uma mulher jovem a conduzir não teria passado despercebida. E o que escapava ao olhar da Secção IVB4 das SS era pouco. Naquela altura os oficiais Alois Brunner, Theodor Dannecker e Heinz Rothke já tinham consolidado a sua fama de assassinos.

Naquele dia a sorte não estava com eles e nos arredores de Paris tiveram um furo no pneu, mais precisamente perto de Drancy, onde os alemães tinham chacinado milhares de judeus.

O campo de internamento estava perto de três estações, de onde saíam comboios com milhares de judeus que eram enviados diretamente para a Polónia, para os campos de Auschwitz e Sobibor.

Da estrada era possível ver as cinco torres de edifícios que formavam Drancy.

— Eu acho que não sei mudar o pneu, vamos ter de pedir ajuda—disse Dalida, preocupada por estar tão perto do campo.

— Não te preocupes, sou velho, mas ainda me lembro de como é que se muda um pneu. Se me ajudares, vou fazer isto rapidamente.

Samuel estava a desmontar o pneu furado quando se aproximou um grupo de soldados que exibiam na lapela as insígnias das SS.

Pediram-lhes a documentação e um dos homens começou a examinar os documentos minuciosamente enquanto o outro os submetia a um interrogatório.

— Onde é que vão?

— Para o Norte, para a casa de uns familiares.

— Onde, exatamente?

— Perto da Normandia. Sou velho e é muito caro sobreviver em Paris—explicou Samuel.

— E a senhora, a que é que se dedica?—perguntou o soldado a Dalida.

— Cuido do meu pai e trabalho a acompanhar uma senhora idosa.

Não pareciam conformar-se com as respostas e o soldado afastou-os com maus modos e começou a examinar o carro.

Samuel tirou um cigarro e, com ar indiferente, começou a fumar. Dalida rezava para que não encontrassem o esconderijo no qual os homens de Armando tinham guardado a dinamite.

Nem sequer ela sabia onde estava. Armando tinha-lhe dito que se a prendessem e a interrogassem não tinha de mentir, por isso era melhor que não soubesse onde estava, assim não se incriminaria olhando para o esconderijo.

Os dois soldados examinaram minuciosamente o veículo sem encontrarem nada. Quando acabaram a inspeção afastaram-se indicando-lhes que podiam continuar a viagem assim que acabassem de mudar o pneu.

Nem Samuel nem Dalida comentaram nada enquanto terminavam a troca do pneu. Só muito tempo depois é que se atreveram a falar.

Chegaram duas horas depois do previsto ao local do encontro. Ninguém parecia estar à sua espera. Samuel parou o carro.

— Vamos esperar um pouco; se não aparecerem, regressamos a Paris.

— Devem pensar que nos prenderam. Armando nunca espera nem um minuto. Quando alguém não chega a tempo cancela a operação, seja ela qual for—lamentou-se Dalida.

— Fizemos o que foi possível, aqui estamos e, por via das dúvidas, vamos esperar.

Durante meia hora aguardaram expectantes. Mas só o vento é que se movia. Depois começou a choviscar.

Samuel estava a ligar o motor quando viram uma sombra a avançar para eles. Era um ancião coxo que se apoiava numa bengala. Esperaram que se aproximasse do carro.

O homem apareceu à janela do lado da Dalida e disse as palavras combinadas: 'Não se pode confiar no tempo, talvez chova esta noite.'

Dalida sobressaltou-se e abriu a porta com tal ímpeto que quase deita o ancião ao chão.

— Chegaram muito tarde, porquê?—perguntou ele.

— Tivemos um furo no pneu e fomos parados por uma patrulha das SS—explicou Dalida.

— Onde é que estão os nossos amigos?—quis saber Samuel.

— Não estão muito longe daqui. Vou chamá-los.

— Vamos consigo—ofereceu-se Dalida, mas o homem recusou a oferta.

— Não, não é conveniente que se deixem ver. Esperem aqui, tal como estão, com as luzes apagadas.

Eles virão e, se não o fizerem, eu venho avisar-vos.

Viram-no perder-se na escuridão da noite. Quase uma hora depois, e sem que se tivessem apercebido por onde tinham chegado, apareceu Armando com outro homem; este abriu a porta de trás do carro e sentaram-se no banco traseiro.

Fê-los repetir o que tinham contado ao ferroviário. Parecia duvidar do que fazer.

— É demasiado tarde e, embora não chova com intensidade, os pavios vão molhar-se...—explicou Armando, duvidando da decisão a tomar.

Raymond, o seu lugar-tenente, não estava de acordo.

— Não nos podemos ir embora, amanhã chega um comboio de Berlim carregado de fornecimentos para as tropas de Paris. Temos de impedir que chegue.

— Está a chover—insistiu Armando.

— Mas mesmo que chova podemos rebentar os carris, vai custar-nos mais, mas é possível.

Discutiram entre eles e, por fim, Armando cedeu à insistência do francês.

Raymond saiu do carro e aproximou-se do ancião, que aguardava uns metros afastado do local onde

estavam. Não ouviram o que dizia, mas viram o ancião a ir-se embora. Desta vez não demorou a regressar juntamente com outros cinco homens e uma mulher que apresentou como sua nora.

Dois dos homens desmontaram os bancos da frente do carro e deixaram a descoberto um buraco onde tinham escondido os explosivos. Começaram a colocá-los na linha enquanto Armando ordenava a Samuel que o levasse uns quilómetros mais à frente, mas sem ligar os faróis.

Dalida ajudou Armando a colocar as cargas. Fazia-o sem medo e sem qualquer hesitação.

Demoraram cerca de meia hora a completar a colocação dos explosivos. Não falavam, nem descansavam, tensos pelo medo de serem surpreendidos com as primeiras luzes do dia. Quando todas as cargas estavam preparadas, Armando deu o sinal para acenderem os pavios.

Afastaram-se do lugar impacientes por ver a detonação.

Não explodiram todas as cargas. A chuva tinha apagado alguns pavios, mas mesmo assim um grande bocado de linha ficou inutilizado. Os alemães demorariam algum tempo a repará-la.

— Agora vamos dispersar. Vemo-nos daqui a dois dias em Paris—disse Armando despedindo-se dos seus homens.

Samuel estava demasiado cansado para conduzir e negava-se a que Dalida o fizesse. Armando não sabia conduzir, mas também não convinha ficarem por ali, pois podiam prendê-los.

— Vamos esconder-nos numa quinta que fica a alguns quilómetros daqui. Os donos são de confiança. Estão à nossa espera—propôs Armando.

— E os outros?—perguntou Dalida, preocupada.

— Temos todos um plano de fuga. Vão ficar a salvo.

A quinta pertencia ao filho do antigo ferroviário, que estava colocado em Marrocos, servindo no exército francês. A sua esposa, a mulher que os tinha ajudado a colocar os explosivos, indicou-lhes que escondessem o carro no palheiro. Depois ofereceu-lhes um prato de sopa quente e um quarto onde descansar.

Ficaram dois dias naquela quinta enquanto esperavam que os controlos nas estradas diminuíssem.

Katia esperava-os impaciente em Paris. Quando chegaram ela já sabia do efeito devastador das explosões.

Tinha tomado chá em casa de uma conhecida sua bem relacionada com os oficiais alemães. Uma das convidadas tinha comentado a irritação do governador militar de Paris. A dama em questão garantiu às suas interlocutoras que 'vão procurar os culpados até no esgoto. Prenderam alguns suspeitos. Claro que serão fuzilados. Não percebo a insistência dos que fazem estas coisas, pois tornam tudo muito mais difícil para todos nós'. Katia não respondeu, limitou-se a sorrir. Naquela altura Dalida já tinha transmitido a Londres o sucesso da missão e recebido uma nova tarefa para Armando.

Dalida acordou com frio e suspirou pensando que sentiria ainda mais quando pusesse os pés no chão. A tosse seca de Samuel tinha-a acordado. Falaria com Katia para que ela o convencesse a gastar alguns francos em lenha para o pequeno aquecedor com o qual dificilmente conseguiam manter a casa quente.

Sabia que se o seu pai se negava a comprar combustível era porque tinham cada vez menos dinheiro.

Tinham vendido ao desbarato alguns quadros e objetos valiosos, mas já não lhes restava muito mais para vender. Samuel gastava a maior parte do dinheiro a financiar aquelas operações de ajuda aos judeus que conseguiam escapar das garras sangrentas dos nazis.

Sentia-se cansada. Tinha apenas dormido quatro horas, já que na noite anterior tinha participado noutra das operações do grupo de Armando.

Havia um café ao qual iam alguns membros das SS, incluindo o odiado capitão Alois Brunner. A Resistência tinha decidido colocar uma bomba lá.

O plano de Armando era simples. Alguém entraria no café, pediria alguma coisa no balcão e depois

iria à casa de banho. Colocaria os explosivos ali sabendo que tinha apenas um minuto para escapar.

— E o que é que vai acontecer com os civis?—perguntou Dalida.

Raymond fez troça dos seus escrúpulos.

— Rapariga, ali não há civis, só soldados e colaboracionistas. Não vais acreditar que o dono do café é melhor do que aqueles nazis. É pior do que eles, porque é um traidor à França.

A resposta convenceu-a, mas não o suficiente para aceitar participar ativamente na operação. No máximo, prestou-se a transportar a bomba da casa de um dos membros da Resistência até à do homem que a devia colocar no café.

Foi isto que fez e depois regressou a casa perseguida por um mau pressentimento.

Enquanto preparava uma chávena de chá olhou pela janela. Estava prestes a amanhecer e não se via ninguém na rua. Esteve tentada a regressar à cama, mas sabia que, depois de acordar, era incapaz de voltar a adormecer. Também tinha coisas para fazer, como coser meias do seu pai e tentar que os escassos mantimentos de que dispunham dessem para fazer uma sopa daquelas que aquecem os ossos. Mas não conseguia concentrar-se em nenhuma dessas tarefas, ainda estava inquieta.

Samuel estava a dormir quando ouviu alguém a bater à porta. Já estava vestida, mas perguntou-se quem seria tão cedo. Quando abriu a porta deu de caras com Katia.

— Mas o que estás aqui a fazer? Entra, entra... Aconteceu alguma coisa?

— Prenderam o David Peretz. Soube ontem à noite, mas não consegui vir antes. Estava num jantar e ouvi que comentavam que tinham prendido um chefe da 'resistência judaica'. Não me atrevi a perguntar quem era, por isso fiquei alerta até que alguém mencionou o apelido Peretz. Quem o contava era um oficial das SS que falava com um comando da polícia francesa censurando-lhe que não tivessem sido capazes de deter todos os judeus de Paris. O polícia desculpava-se dizendo que faziam o que podiam mas que 'muitos judeus se esconderam, mas não tenha dúvidas de que os apanharemos'. Depois falaram do David Peretz. Prenderam-no quando tentava esconder umas meninas judias filhas de uma família que foi enviada para o campo de Royallieu. Ao que parece, os pais pediram a um amigo que as escondesse, o homem fê-lo, mas a esposa estava nervosa e não sabia o que responder às vizinhas que lhe perguntavam quem eram aquelas meninas. A princípio disse que eram filhas de uma prima que estava doente, mas depois confessou a verdade a uma das suas vizinhas e esta denunciou-os. O marido mal teve tempo de tirar as meninas da sua casa e levou-as diretamente para a casa do David. Mas a polícia já estava atrás dessa pista e prendeu-os a todos.

— Ninguém conhecia a casa do David, só alguns de nós é que sabemos onde vive—respondeu Dalida.

— É verdade, o David, tal como o teu pai, deixou a sua casa e procurou um local seguro, mas encontraram-nos. Ele e a sua mulher foram detidos. Como sabes, já levámos os seus filhos para Espanha há algum tempo.

— Vou acordar o meu pai. Não passou bem a noite, não para de tossir.

— Esta casa está muito fria.

— Mas ele não quer que gastemos um único franco conosco e ri-se de mim quando lhe digo que está frio. Então fala-me dos invernos em São Petersburgo dizendo-me que lá é que estava verdadeiramente frio.

— Tem razão, mas lá... bem, nós nunca passámos frio.

O Samuel não demorou muito a aparecer na pequena sala onde Katia e Dalida o esperavam com uma chávena de chá.

— O que vamos fazer?—perguntou Dalida quando Katia contou de novo o que tinha acontecido.

— Vamos embora agora mesmo. Não demoraremos muito a guardar o pouco que temos. O David vai

acabar por falar de nós e virão prender-nos.

— Como é que podes dizer isso, pai? O David nunca nos vai trair—protestou Dalida.

— Minha filha, eu sei que o nosso amigo vai resistir a tudo o que seja humanamente possível, mas a Gestapo sabe como fazer falar os detidos. Vão torturá-lo até não conseguir aguentar e então vai falar.

— O teu pai tem razão. Vou ajudar-vos a irem para outro sítio. Talvez possam vir para minha casa, embora seja só durante uns dias. Ninguém vem à vossa procura lá.

— Não, Katia, não. Tu és mais útil à Resistência e aos britânicos a fazer o que fazes, a ouvir e a transmitir essa informação. A Dalida pode ficar contigo, afinal de contas mantivemos a farsa de que é tua dama de companhia, por isso os teus criados não vão ficar surpreendidos ao vê-la na tua casa; a minha presença, pelo contrário, só nos poria em perigo.

— Tens de te esconder—insistiu Katia.

Combinaram que a tua irmã se refugiaria em casa de Katia e que o teu pai ficaria durante umas horas até que se lembrassem de um lugar onde se pudesse esconder.

Dalida foi ver Juana e Vasili. Tinha a certeza de que eles a podiam ajudar.

Juana ouviu o que tinha acontecido enquanto mordida o lábio inferior.

— Quando o vosso amigo David falar, vocês vão ser procurados por todo o lado—sentenciou Vasili.

— Tem de haver algum sítio onde o meu pai se possa esconder.

— Pode ficar uns dias aqui—respondeu Juana.

Vasili ia responder, mas o olhar da espanhola deixou-o sem fala. Foi Pedro, o tio de Juana, quem se atreveu a questionar a decisão da sua sobrinha.

— Agora estamos todos em perigo. É como um dominó, quando cai uma peça, caem todas as outras. O David sabe da nossa existência, fizemos muitos documentos para vocês e se o fizerem falar...

— Mas o que é isto?—gritou-lhes Juana.—Por acaso vamo-nos todos rebaixar? Já sabemos que a Gestapo anda atrás de nós e quais são os riscos que corremos se nos encontrarem. Torturam-nos e, com sorte, matam-nos, ou talvez nos mandem para um desses campos na Alemanha, mas, como dizemos em Espanha, não se fazem omeletas sem os ovos.

— E o que é que propões, Juana?—perguntou Vasili.

— Para já, trazer o Samuel para aqui enquanto lhe procuramos outro lugar mais seguro. A Dalida também deve avisar a Resistência. O Armando não está em Paris, mas pode avisar o Raymond. Ele vai saber o que fazer.

— O mais sensato seria saírem de França—sugeriu Pedro.

— Sim, isso seria bom. Podemos levar-vos para Espanha e dali não será difícil chegar a Portugal—concluiu Juana.

Dalida admirava a força de Juana, a espanhola era uma mulher que não tinha medo de nada. Não estranhava que Vasili estivesse apaixonado por ela. Dalida ficava assombrada ao ver que aquele homem, quase um gigante, se comportava como um menino obediente diante de Juana.

— Tenho outra ideia—disse Juana—, talvez te devesse esconder no convento da tua amiga freira. Ali ninguém te vai procurar e Katia não correrá nenhum risco.

— Não sei se será possível...—respondeu Dalida.

— Tenta, acho que é o melhor. Quanto ao teu pai, vai ficar aqui, mas, quer queiram quer não, chegou o momento de partirem.

— Vocês também estão em perigo—lembrou-lhe Dalida.

— Nós não nos podemos ir embora, no máximo podíamos mudar, mas não é assim tão fácil fazê-lo. A nossa única garantia de segurança é que não há mais de uma dúzia de pessoas que sabem como nos encontrar—respondeu Pedro.

— Mas o David estava entre essas pessoas—referiu Dalida.

Juana interrompeu a conversa.

— Façamos o que temos de fazer e tentemos ser mais prudentes—sentenciou.

Katia não achou uma boa ideia que Samuel se escondesse em casa de Juana.

— Se o David falar, é o primeiro lugar onde eles vão—afirmou preocupada.

— Aqui é que não me podem encontrar.—Samuel estava cansado e não parava de tossir.

— Meteste na cabeça que me pões em perigo, mas achas que já não estou em perigo?

— A única coisa com a qual não concordo é em deixar Paris. Há pessoas aqui que precisam de nós—disse Samuel preocupado.

— Talvez tenha chegado a hora de partirmos todos. Konstantin tem razão quando insiste em que devemos ir para Londres. Fizemos o possível, mas agora... se nos prenderem será pior—refletiu Katia.

— Acho bem que regresse a Londres e que leves Dalida contigo, mas eu fico aqui.—Samuel mostrava-se inflexível em relação ao que devia fazer.

Foi Katia que introduziu alguma sensatez na discussão.

— Vamos por partes. A primeira coisa é não sermos presos. A Dalida vai levar-te a casa da Juana. Eu vou ter com a irmã Marie-Madeleine. Encontramo-nos no convento. Se a irmã aceitar que a Dalida fique com elas, não há problema; caso contrário, voltamos para casa.

Juana ficou preocupada ao observar o mau aspeto de Samuel. Notava-se que tinha febre e não parava de tossir. Pedro cedeu-lhe o seu quarto para que descansasse e Juana prometeu a Dalida que cuidaria dele.

— É tão teimoso como era o meu pai—comentou Juana.

Quando Dalida chegou ao convento, uma das irmãs fê-la entrar no refeitório onde se encontrava a irmã Marie-Madeleine a falar com Katia. Notou de imediato a tensão no rosto da freira.

— Já disse à Katia que se fosse por mim não duvidaria em ter-te aqui, mas tenho de falar com a minha superiora, e ela é uma mulher muito medrosa.

— Lamento colocá-la nesta situação depois de tudo o que fez por nós—desculpou-se Dalida.

Há duas semanas Dalida tinha-lhe levado uma família de judeus para serem escondidos no convento e a religiosa tinha-os acolhido sem duvidar. Depois a sua superiora tinha recriminado a sua conduta lembrando-lhe que estava a pôr em perigo toda a comunidade. A bondosa mulher tinha medo e debatia-se entre esse medo e o que ditava a sua consciência, sensível às recriminações da irmã Marie-Madeleine.

— Já imaginou se Cristo tivesse pedido socorro e lho tivessem negado? Cristo era judeu como esta boa gente, vamos negar-lhes a nossa ajuda? Deus não nos vai perdoar.

A superiora benzeu-se atordoada com o raciocínio da freira. Ela queria ajudar aqueles judeus, mas tremia a pensar no que aconteceria se a Gestapo batesse à porta do convento.

Dias depois, Armando pediu a Dalida que a ajudasse a procurar um esconderijo para uma mulher que fazia parte da Resistência à qual a Gestapo seguia de perto.

Ela pediu à irmã Marie-Madeleine que escondesse a mulher até que Armando a conseguisse tirar de Paris e levá-la para um lugar seguro. A freira cedeu de novo, mas desta vez a sua superiora zangou-se.

— A senhora não pode pôr o convento ao serviço da Resistência. Uma coisa é que ajudemos os órfãos e outra muito diferente é que ajudemos toda a gente.

A irmã Marie-Madeleine não conseguiu fazê-la mudar de opinião. A superiora aceitou a presença daquela mulher, mas avisando-a de que 'nunca mais' se compromettesse a acolher alguém sem a sua autorização.

— Tentarei que te deixe ficar, mas se se negar... Não lhe posso desobedecer—desculpou-se a freira.

Katia e Dalida esperaram impacientes pelo regresso da irmã depois de falar com a madre superiora.

Pela sua demora intuíaam que se deparariam com um 'não' como resposta.

O rosto da irmã Marie-Madeleine, quando regressou ao refeitório, era de alguém que tinha travado uma batalha sem a vencer.

— Podes ficar dois dias. Nem mais um. Lamento, foi o máximo que consegui.

— É muito mais do que estávamos à espera—garantiu-lhe Katia com um sorriso.

Pelo menos tinham dois dias para tentar organizar a fuga para Espanha. Armando e Raymond teriam de ajudá-las.

Katia não conhecia nenhum dos dois, mas a Resistência conhecia Katia e beneficiava das suas informações. Como o único elo de ligação era Dalida, teria de ser ela a entrar em contacto com Armando e Raymond.

Quando havia uma situação de urgência, Dalida ia a uma pequena retrosaria perto do Louvre a cargo de Madame Joséphine, uma mulher de meia-idade, sempre séria e circunspecta, mas vistosa. Dalida remexia entre os fios e as meadas de lãs, e saía dizendo sempre as mesmas palavras: 'É uma pena que, com a pressa, não traga dinheiro suficiente, voltarei daqui a bocado'; isso significava que precisava de os ver com urgência. Se, pelo contrário, a frase acabasse em 'voltarei amanhã' queria dizer que podia esperar.

Mal trocava qualquer outra palavra com Madame Joséphine.

Uma vez disselhe que voltaria dali a bocado, saiu da retrosaria e começou a caminhar. Só podia regressar duas horas depois, era o tempo combinado.

Dirigiu-se sem rumo fixo procurando as margens do Sena. Preocupava-a ter deixado o rádio em casa de Katia. Mas sabia que não podia pedir à irmã Marie-Madeleine que a deixasse tê-lo no convento. As freiras já estavam a correr um grande risco e não podia expô-las a outro.

Enquanto caminhava, teve a impressão de que alguém a seguia, mas quando olhava para trás não via ninguém suspeito. A margem do Sena era o lugar preferido dos apaixonados e os casais costumavam passear por ali.

Não podia deixar de olhar para as horas, impaciente por voltar à retrosaria, onde tinha a certeza de que ou Raymond ou o próprio Armando estariam à sua espera nas traseiras.

Subiu as escadas que a conduziam da margem do Sena à Place de la Concorde e a caminho da retrosaria voltou a ter a sensação de que estava a ser seguida. Observou um carro que circulava tão devagar que ia quase ao seu lado. Não queria olhar diretamente, o carro era preto e lá dentro iam três homens. Acelerou o passo e mudou de passeio tentando escapar-lhes. Ficou mais sossegada quando verificou que os tinha despistado.

Quando chegou à retrosaria, a Madame Joséphine fez-lhe um sinal para que fosse para as traseiras onde Raymond a esperava.

Dalida relatou-lhe detalhadamente o que tinha acontecido.

— Têm de sair já de Paris—afirmou Raymond, preocupado.

— Podem ajudar-nos? Não nos atrevemos a entrar em contacto com ninguém da nossa rede. Achamos que a esta hora muitos devem estar presos.

— E devem estar à vossa procura.

— O que podemos fazer?

— Não temos muito tempo para organizar a fuga. Diz-me, onde é que está o rádio?

— Na casa da Katia Goldanski.

— Não me parece que essa mulher esteja em segurança.

— Bem, já sabes que os franceses colaboracionistas e os próprios alemães confiam nela, todos nós beneficiámos disso.

— Os alemães não são estúpidos, Dalida, e garanto-te que não vão demorar muito a chegar até ela.

— Quanto tempo pode um homem aguentar as torturas?

— Estás a pensar em Monsieur David... Não te posso dar uma resposta. Há homens que são torturados até à morte e não lhes conseguem arrancar uma única palavra, outros falam de imediato... Nenhum de nós sabe onde está o nosso limite. E não vou ser eu a julgar quem fala quando está nas mãos da Gestapo. Monsieur David é um homem mais velho, é difícil imaginar quanto aguenta.

Combinaram ver-se no dia seguinte à mesma hora e no mesmo lugar. Raymond comentou que seria difícil levar Samuel, Katia e ela juntos até à fronteira, que o mais sensato era irem separados. Mas Dalida negou-se.

— Não posso deixar aqui o meu pai e ele não partirá sem mim e sem a Katia.

— Se estão à vossa procura correremos mais riscos se forem juntos.

— Tenho de te dizer uma coisa... se calhar não tem importância, talvez seja só inquietação... Há pouco tive a sensação de que me seguiam, mas não vi ninguém suspeito. Depois um carro preto pôs-se ao meu lado e... não sei, talvez seja porque estou nervosa, mas...

Raymond ficou tenso. Não acreditava nas coincidências, sobretudo porque quando em alguma ocasião tinha conseguido fugir da Gestapo tinha sido por dar ouvidos às suas intuições.

— Encontraram-te! Vão apanhar-nos a todos, temos de sair daqui.

Tossiu com força e Madame Joséphine entrou nas traseiras da loja.

— Temos de sair pela cave—disse nervoso.

Madame Joséphine assentiu e afastou uma velha máquina de coser e, levantando o tapete, deixou a descoberto um alçapão que, quando estava aberto, tinha uma entrada para umas escadas estreitíssimas.

— Já sabes como sair, rápido—disse e fechou o alçapão sobre as suas cabeças.

Dalida não via nada, demorou uns segundos a acostumar-se à escuridão. Raymond pegou na sua mão e puxava-a escadas abaixo. Sentiu que ficou presa a alguma coisa e que a sua saia se rasgava, mas continuou a descer enquanto a humidade e o mofo lhe davam voltas ao estômago.

— Esta cave vai dar à da casa do lado—disselhe Raymond em voz baixa.

Caminharam uns minutos e depois ele acendeu um fósforo que iluminou brevemente o buraco onde se encontravam. Dalida gritou ao ver um rato a correr entre as suas pernas.

— Cala-te!—ordenou Raymond enquanto a puxava pela mão e a ajudava a subir por outras escadas em pior estado do que as da retrosaria.

Dalida não se atrevia a perguntar como sairiam dali e o que fariam quando estivessem na rua. Estava convencida de que Raymond saberia o que fazer.

Sentiu que ele soltava a sua mão e viu-o acender de novo um fósforo. Pareceu-lhe sorrir enquanto levantava um alçapão que se encontrava sobre as suas cabeças. Saíram para uma cave que tinha um intenso cheiro a vinho.

— É a cave de uma adega que tem um bom vinho, se tiveres dinheiro para pagar. O dono é dos nossos—explicou-lhe Raymond.

Indicou-lhe um canto onde se sentar e ela obedeceu. Ele sentou-se ao seu lado.

— Vamos esperar aqui um pouco. Depois eu entro na adega e, caso não veja nada suspeito, venho buscar-te.

— Tenho de estar no convento antes de anoitecer, a superiora é inflexível com o horário.

— E quem é que te disse que vais para o convento? A primeira coisa que temos de fazer é confirmar se, efetivamente, te seguiam e mandar uma mensagem à Juana; imagina o desastre se a Gestapo encontrar o teu pai na tipografia.

Ficaram em silêncio um junto ao outro, cada um com os seus próprios pensamentos. De repente

ouviram um barulho e uns passos que se dirigiam até eles. Raymond pegou na pistola que levava no cinto e fez um sinal a Dalida para que não se mexesse.

Os passos soavam cada vez mais perto, até que apareceu diante deles um homenzarrão ainda mais alto do que Raymond.

— Vi logo que tinha visitas. Há um bocado entraram dois homens da Gestapo, a fingir que eram dois clientes que só queriam um bom copo de vinho. Também vi passar dois ou três carros daqueles que só eles utilizam.

— Entraram na retrosaria?—quis saber Raymond.

— Não, não entraram. Suponho que devem suspeitar que há por aqui algum esconderijo da Resistência, mas ainda não sabem onde. Quem é essa rapariga?—perguntou o taberneiro.

— Meu bom amigo, esta rapariga é judia. Faz parte de uma rede judaica e colabora connosco. Sabe trabalhar com explosivos, mas, sobretudo, é nossa mensageira, tem um rádio através do qual nos comunicamos com os nossos amigos de Londres—explicou Raymond.

O homenzarrão assentiu como se de repente se lembrasse de quem era Dalida.

— É preciso avisar a Juana—continuou a dizer Raymond—,tem o pai desta rapariga na casa dela.

— Seria um desastre que encontrassem a tipografia! Quem é que se lembrou de refugiar um judeu na casa da Juana?—perguntou o homenzarrão alarmado.

— A Juana, já sabes que ninguém lhe dá ordens.

— Não sei como é que o Vasili a aguenta, parece que é ela que usa as calças.

Raymond encolheu os ombros. Vasili era um bom falsificador, mas Juana era a alma da rede. Armando confiava mais nela do que em ninguém, às vezes perguntava-se se seria porque os dois eram espanhóis, mas costumava abandonar esse pensamento. Se tinha de matar um homem, Juana não hesitava. Aquela mulher tinha mais coragem do que muitos homens.

— Dá uma vista de olhos e, caso não vejas nada suspeito, saímos. Eu encarrego-me da rapariga, tu de avisar a Juana e o Armando.

— Onde é que a vais esconder?

— Se não nos viram, então o esconderijo que ela procurou será seguro pelo menos durante esta noite—disse Raymond ao homenzarrão.

— Bem, mas antes é preciso transmitir algumas mensagens a Londres. Já as tinha preparadas para tas dar. São urgentes. Há dois aviadores britânicos que os nossos amigos resgataram.

— É ela que transmite as mensagens, mas não sei se é boa ideia que o faça neste momento.

— Temos de correr o risco.

Esperaram impacientes até que o taberneiro regressou. Parecia satisfeito com o resultado da inspeção.

— A rua está sossegada; mandei o meu filho Claude e a sua namorada Adèle darem um passeio e acabam de voltar, dizem que não há nada suspeito. Podem sair, mas mudem de roupa.

O Raymond vestiu um casacão e um chapéu diferentes dos que tinha, e Dalida pediu emprestado a Adèle o casaco e o cachecol.

Saíram para a rua com passo firme como se não tivessem nada a temer e caminharam muito juntos. Passado algum tempo sossegaram. Raymond tinha a certeza de que ninguém os seguia.

— Não me agrada, mas temos de fazê-lo; vai à casa de Katia e transmite as mensagens que nos deram, depois regressa ao convento e espera lá até eu entrar em contacto contigo. É preciso tirar o rádio da casa da tua amiga condessa. Não podemos perdê-lo.

Ele acompanhou-a à casa de Katia e ela entrou no vestíbulo e esperou paciente pelo elevador.

Katia não estava em casa, mas a criada não teve qualquer problema em deixá-la entrar. Conhecia-a e

a sua senhora não lhe teria perdoado que não recebesse aquela jovem que às vezes fazia de sua dama de companhia.

Dalida não perdeu tempo e fechou-se no quarto de Katia, que era onde tinham escondido o radiotransmissor. Noutras circunstâncias teria enviado apenas duas mensagens e deixado para o dia seguinte o resto, mas não sabia quando poderia voltar a aceder ao rádio, por isso transmitiu-as todas mesmo sabendo que isso a poria em perigo. Depois concentrou-se em olhar para a rua através da cortina da janela da sala, impaciente por ver Katia chegar. Já era noite quando a minha tia regressou.

— Demoraste tanto!—disse Dalida enquanto se abraçava a Katia.

— Estou preocupada. Venho da casa de Madame Deneuve, já sabes que organiza um salão literário ao qual vão altos funcionários franceses e também alguns alemães. Não sei, mas Madame Deneuve mostrou-se desagradada com a minha presença e algumas senhoras pareciam evitar-me. Talvez seja só imaginação minha... Depois chegou um mandachuva da polícia acompanhado por um oficial alemão horrível, o Alois Brunner. Pediram desculpa a Madame Deneuve por chegarem atrasados e quando me viram olharam um para o outro surpreendidos. O meu amigo polícia dirigiu-se a mim com umas palavras que não consegui perceber: 'Condessa, pensava que esta tarde estaria noutra lugar', e deu meia-volta sem me dar tempo para responder.

— Vão-nos prender—afirmou Dalida—,é uma questão de tempo, tu própria o disseste.

— Mas não pensava que desconfiassem de mim...

— Temos de tirar aquele rádio daqui e levá-lo para a casa da Juana. Ela entregá-lo-á ao Armando— explicou-lhe Dalida.

— É demasiado tarde... Se nos estão a vigiar e nos veem sair agora de casa... Não sei, não me parece que seja uma boa ideia.

— Mas temos de fazê-lo. Tens o carro?

— Sim, mas disse ao Grigori que hoje não precisaria dele.

— É uma sorte o Grigori ser casado com a tua governanta, serem os dois russos e não terem qualquer simpatia pelos alemães. Não me parece que o Grigori se zangue se o mandares chamar.

— Minha querida, seria uma loucura tirar o rádio esta noite.

— Seria pior deixá-lo aqui. Não podemos perdê-lo, a Resistência precisa dele.

Não conseguiam chegar a um consenso, mas, por fim, Dalida teve de ceder. Iria para o convento e esconder-se-ia com a irmã Marie-Madeleine até que Armando ou Raymond a fossem buscar. Mas Dalida não deixou que Katia a acompanhasse até ao convento, e nem sequer Grigori.

— Passarei mais despercebida se for sozinha. Esconde o rádio o melhor possível para que, se revistarem a casa, não o encontrem.

Sabiam que estavam perdidas, por isso quando se despediram fizeram-no como se fosse a última vez que se viam.

Dalida caminhou devagar escondendo-se entre as sombras da noite até chegar ao convento, onde a irmã Marie-Madeleine a esperava impaciente. A freira permanecia no jardiminho cujo acesso estava cercado por uma grade que dava para a rua.

— Não faças barulho, é muito tarde e a superiora pensa que estamos todas a dormir. Estava preocupada contigo.

— Fui seguida, acho que eram homens da Gestapo, mas parece-me que os despistei.

— Aqui estás segura.

— Espero que sim. Não vou ficar muito tempo, no máximo um dia. O Armando ou o Raymond vêm buscar-me. Vão levar-nos para Espanha.

— E depois?

— Para Londres. O Konstantin, o irmão da Katia, vai acolher-nos na sua casa.

Caminharam nas pontas dos pés para não fazerem barulho até chegarem à cela que ia servir de quarto a Dalida.

— Vou rezar para pedir a Deus que vos ajude—despediu-se a irmã Marie-Madeleine enquanto se benzia.

Ainda não tinha amanhecido quando Dalida acordou sobressaltada ao ouvir portas a bater e gritos. A irmã Marie-Madeleine entrou de repente na sua cela e disselhe para se levantar de imediato.

— Veste-te!—disse dando-lhe um hábito.—A Gestapo está a revistar o convento. A superiora garantiu-lhes que não escondemos ninguém. Vou ajudar-te a fugir. Vamos pela porta de trás.

Dalida vestiu um hábito e a freira ajudou-a a colocar a touca. Depois, de mão dada, correram pelos corredores enquanto ouviam os passos dos agentes da Gestapo cada vez mais perto. Entraram na cozinha e depararam-se com a irmã cozinheira fora de si. Não tiveram tempo de perguntar nada porque umas mãos se fecharam sobre o braço de Dalida.

— Achava mesmo que podia fugir?—O homem tinha um casaco de cabedal preto e era difícil ver-lhe o rosto porque o escondia sob a aba do chapéu.

— Quem é o senhor?—perguntou a irmã Marie-Madeleine enfrentando o desconhecido.—Será que nem sequer são capazes de respeitar umas pobres freiras?!

— Ah, a boa samaritana! Também nos quer acompanhar? Por mim tudo bem. Os traidores são traidores mesmo se tiverem um hábito.

O homem torceu o braço de Dalida fazendo-a cambalear.

— Achava que vocês, os cristãos, não gostavam dos judeus, não foram eles que mataram o vosso Cristo? Estou a ver que há ovelhas negras em todo o lado.

Naquele momento chegou a superiora acompanhada por outros dois homens da Gestapo. A mulher tentava manter a dignidade embora nos seus olhos se refletisse um medo tão profundo como intenso.

— Minhas senhoras, acabou-se a brincadeira. Vão ter de responder por terem escondido uma judia no vosso convento—afirmou o homem que parecia mandar.

— Deve haver algum engano, meu senhor, aqui não há judias, somos todas freiras—insistiu a irmã Marie-Madeleine.

O agente da Gestapo aproximou-se da irmã até ficar a meio centímetro do seu corpo, mas ela não se mexeu.

— Já que insiste, a senhora também vem connosco.

A superiora tentou protestar, mas afastaram-na com um empurrão e quase caiu em cima do fogão. Os homens saíram levando Dalida e a irmã Marie-Madeleine.

Iam de carro, coladas uma à outra. A irmã começou a rezar em voz baixa.

Quando chegaram à sede da Gestapo fizeram-nas descer aos empurrões. Elas caminharam direitas, tentando não demonstrar o medo que sentiam.

Fecharam-nas em calabouços separados. Dalida estremeceu ao sentir o frio daquelas paredes encardidas. Não sabia onde se sentar e ficou de pé enquanto se tentava acostumar à negrura do lugar e àquele cheiro rançoso, mistura de suor, medo e sangue.

Não demoraram muito a ir buscá-las. Dois dos agentes que as tinham prendido tiraram-nas do calabouço aos empurrões, insultando-as enquanto as faziam subir umas escadas estreitas.

Levaram a irmã Marie-Madeleine para uma divisão onde um homem a esperava.

— Sente-se e olhe—ordenou-lhe.—Assim pode ver o que acontece aos judeus e aos traidores.

Havia um vidro numa das paredes que mostrava uma sala onde no início só viu uma cadeira vazia. Através do vidro pôde ver como o polícia da Gestapo empurrava Dalida e esta caía no chão. O homem

gritou-lhe que se levantasse e a tua irmã endireitou-se como conseguiu. Indicaram-lhe que se sentasse e ataram-lhe as mãos atrás das costas. Depois entrou outro polícia que a olhou de cima a baixo com desprezo. Deu algumas voltas em redor dela e, de repente, deu-lhe um murro que lhe partiu o nariz. Dalida desmaiou durante uns segundos, depois sentiu o sangue a correr até chegar à comissura dos lábios. Como tinha as mãos atadas não conseguiu evitar engolir o seu próprio sangue.

— A senhora é filha do Samuel Zucker. Diga-me, onde é que o seu pai se escondeu?

Dalida não respondeu. O homem aproximou-se dela olhando-a intensamente e agrediu-a de novo, desta vez com um murro no olho direito. Voltou a desmaiar. Permaneceu inconsciente mais algum tempo. Quando recuperou os sentidos, continuava a sangrar e a dor no olho era-lhe insuportável.

— Foram os seus amigos judeus que nos disseram onde vos podíamos encontrar. Ah, o David, esse bom amigo do seu pai! Todos os judeus são uma corja de cobardes, dispostos a entregar os seus próprios filhos para se salvarem. Você escondem-se como ratos nos buracos mais recônditos, mas é inútil porque vão todos caindo nas nossas esparrelas. Sim, dentro de pouco tempo poderemos dizer ao Führer que desinfetámos Paris.

Enquanto falava voltou a colocar-se em frente de Dalida, que apenas conseguia ver com um olho, pois tinha o outro encharcado de sangue.

Levantaram-na da cadeira e, sem lhe desatarem as mãos, penduraram-na de cabeça para baixo de um gancho que estava preso ao teto. O homem que falava deu-lhe um pontapé na cabeça, depois outro dos polícias agrediu o seu corpo com escárnio durante algum tempo. Não sabia se gritava ou se os seus gritos se engasgavam na garganta. A dor era tão forte que só desejava morrer. Quando deixaram de lhe bater, soltaram-na do gancho e caiu no chão como se fosse um saco. Um dos polícias aproximou-se e arrancou-lhe o hábito deixando-a nua. Ouviu os comentários sobre o seu corpo, palavras vulgares ditas para a humilhar.

— A sua amiga condessa já está connosco, por isso vai dizer-nos onde é que está o seu pai? Devia portar-se como uma boa filha e fazer o possível para se reunir com ele.—O polícia deu uma gargalhada como se se divertisse com as suas próprias palavras. Dalida não ouviu mais porque voltou a desmaiar.

Quando voltou a si ouviu um dos polícias dizer: 'Está mais morta do que viva. É melhor acabar já com ela e assim poupamos o gasto de a levar para a Alemanha. Há demasiados judeus nos campos, aqui também nos podemos desfazer de alguns deles.'

Aquelas bestas foram tão cruéis que mesmo que a Dalida tivesse desejado falar não teria conseguido, tal era o estado em que a tinham deixado. A pergunta é: para que campo a mandaram, se é que o fizeram, ou assassinaram-na ali mesmo, em Paris?

Katia foi presa nessa mesma noite. Também não falou; tal como Dalida, desmaiou devido à tortura. Aqueles homens maltrataram tanto o seu corpo que o transfiguraram numa massa disforme de carne sanguinolenta que nem sequer para eles tinha qualquer utilidade.

Assim que a levaram para o quartel-general da Gestapo despiram-na. E deixaram-na nua durante quatro dias numa cela. Não lhe deram nem de comer nem de beber e ficou às escuras.

Katia podia ouvir o ruído das ratazanas a percorrer a sua cela, e nem sequer se atrevia a sentar-se com medo de que a mordessem. Ficou de pé apoiada contra a parede, aterrada e confusa na escuridão. Quando a levaram para cima para a interrogar tinha quase desmaiado. Mas mesmo assim não estava totalmente vencida e não disse onde se encontrava Samuel. Sentia-se nos limites da loucura, mas compreendeu que se permanecesse dessa forma tinha uma oportunidade de ficar viva. Os lúcidos desprezam a palavra dos loucos, mas será que aqueles homens eram os lúcidos e Katia a louca?

Obrigaram-na a ajoelhar-se e mandaram-na limpar com a língua as botas do oficial que a interrogava. Katia nem sequer se negou, resguardando-se na loucura, como se não percebesse aquilo que lhe

ordenavam. Batiam-lhe, ela caía no chão e ali ficava a receber pancada até que desmaiava.

A irmã Marie-Madeleine permanecia sentada, atada a uma cadeira, enquanto via através daquele vidro os sofrimentos que estavam a infligir a Katia na outra sala. Mas já não rezava. Nesse momento já sabia que ninguém viria ajudá-las.

Durante vários dias obrigaram-na a assistir ao mesmo espetáculo macabro que Dalida tinha sofrido.

A freira também sofreu nas mãos daqueles criminosos, mas de forma diferente: depois de ver como torturavam Dalida, um dos polícias violou-a. Noutra dia levaram-na para a sua cela, voltaram a violá-la e não a levaram mais para a sala de vidro. No fim, libertaram-na fazendo troça dela.

A sua superiora recebeu-a entre soluços e quis fazê-la jurar que não voltaria a ser imprudente, mas a irmã Marie-Madeleine não jurou. Não podia fazê-lo. Se fechava os olhos sentia as mãos daquele homem sobre o seu corpo. Conseguia cheirar o suor dele e sentia nojo da sua saliva sobre os seus lábios.

Ela não tinha sido pendurada do gancho como se fosse uma cabeça de gado, nem a tinham agredido até fazer com que desmaiasse. Mas a tortura que tinham escolhido para ela era igualmente cruel, porque depois da violação nunca mais poderia voltar a ser a mesma.

Confessou-se, fez penitência e pediu explicações a Deus. Mas só ouviu o silêncio, o mesmo silêncio que ouviram milhões de judeus, de ciganos e de outros homens e mulheres nos campos de extermínio, e decidiu calar-se para sempre.

Mas onde é que está? Onde é que está Katia? Estive em Paris há pouco tempo. A irmã Marie-Madeleine não mo soube dizer. Custou-me muito que a sua superiora me deixasse vê-la. Disse-me que não falaria comigo porque não falava com ninguém, mas mal a superiora nos deixou a sós, a freira contou-me tudo o que te relatei. A sua voz pareceu-me vir de outro mundo. Tive a sensação de que apesar de estar ali aquela mulher já não vivia entre os vivos. Antes de me ir embora surpreendeu-me ao perguntar-me: 'Porque é que me deixaram viver?'

Depois de falar com a irmã Marie-Madeleine tentei encontrar Pedro e Vasili. Não foi fácil, mas localizei a tipografia. Pedro ainda está vivo. Recebeu-me com desconfiança. Também ele se sentia culpado por ter sobrevivido.

Foi Pedro quem me deu a última pista sobre o teu pai. Contou-me que Raymond foi à casa de Juana e lhe ordenou que tirasse Samuel dali.

— Há outra rusga de judeus e estão à procura dele.

— E a Dalida?—quis saber a Juana.

— Deve estar com as freiras. A condessa foi presa. Dois dos nossos foram a sua casa para trazer o rádio e viram que a Gestapo a levava. Espero que a Dalida se tenha salvado, o Armando foi ao convento... não deve demorar.

Juana começou a dar passos largos pelo seu quarto, tal como costumava fazer quando pensava. O seu tio Pedro e Vasili olhavam-na expectantes.

— Temos de tirar o Samuel daqui—atreveu-se a dizer o Vasili.

— Ah, sim? E para onde é que o vamos levar? Está a arder em febre, não para de tossir. E tu, Raymond, já preparaste a fuga para Espanha?

— Neste momento ninguém pode sair de Paris. A Gestapo está em todo o lado, tal como os homens da Feldgendarmarie. Já te disse que estão à procura de judeus, como se não tivessem suficientes em Royallieu ou em Drancy.

— Temos de lhes demonstrar que, por mais judeus que prendam ou por mais membros da Resistência que assassinem, não nos vão parar—respondeu Juana.

— Não é o momento de fazer nada—avisou o seu tio Pedro.

— Sim, sim é o momento, é precisamente este o momento. Têm de saber que não nos podem vergar.

Se conseguíssemos acabar com esse assassino das SS...—respondeu Juana, irada.

— Esquece o Alois Brunner.—As palavras de Vasili soaram a Juana como uma ordem.

Ela colocou-se à sua frente com as mãos na cintura e olhou-o fixamente.

— Que me esqueça?! Não, não me vou esquecer; se acabássemos com esse homem pelo menos eles ficariam com medo.

— Não delires, Juana, agora temos outros problemas, e o principal é tirar o Samuel Zucker daqui e recuperar o rádio. Talvez a condessa o tenha escondido ou o tenha entregado a alguém de confiança. O Samuel conhece-a bem, por isso pode ter uma ideia.

Juana aceitou contrariada que Raymond falasse com Samuel.

O teu pai estava deitado, meio adormecido devido à febre.

— Samuel, este é o Raymond, deve ter ouvido a Dalida falar dele. Temos más notícias. Prenderam a condessa Katia Goldanski e possivelmente a sua filha Dalida—disselhe Juana enquanto lhe secava o suor da testa com um lenço.

Samuel endireitou-se assustado. Ao saber da detenção de Katia e talvez de Dalida foi como se lhe tivessem dado um murro.

— Onde é que estão? Quem é que as levou?—gritou com a voz sufocada.

Raymond explicou-lhe o que tinha acontecido nas últimas horas e Samuel voltou a cair na cama. Saber que Katia estava nas mãos da Gestapo e que a sua filha também podia estar emocionou-o de tal forma que esteve à beira de um ataque. Juana podia ouvir o coração de Samuel a bater tão depressa como se fosse um relógio. Fez um sinal ao seu tio Pedro para que trouxesse um copo de água e obrigou Samuel a bebê-lo.

— Temos de pensar, agora não nos podemos render. Tem de nos ajudar. Precisamos de recuperar o rádio que a Dalida deu à condessa para o esconder. Onde acha que pode estar?

A princípio não respondeu. Tinha os olhos fechados e tentava dominar o tremor das mãos. Quando se sentiu capaz de olhar para os olhos de Juana, respondeu:

— A Katia confia no Grigori, é o seu motorista e é casado com a sua governanta. São russos como nós. Mas têm a certeza de que a Gestapo não encontrou o rádio?

— Não, não temos a certeza, mas se há uma possibilidade disso ter acontecido, precisamos de saber onde está—respondeu Raymond.

— Tenho de sair daqui—conseguiu dizer Samuel.

— Não! Não vai sair daqui—sentenciou Juana.

— Se estão à minha procura vão encontrar-me, encontrar-nos-ão a todos. Têm de desmontar a tipografia; levem-na daqui e salvem-se—afirmou Samuel.

— Não vamos fazer nada disso. Temos uma tipografia, e então? Ganhamos a vida a imprimir aquilo que nos pedem: cartões de visita, cartazes para comerciantes... Não temos nada a esconder.—Juana falava de forma tão categórica que era difícil contrariá-la, mas mesmo assim o seu tio Pedro atreveu-se a responder.

— O que achas que vão fazer se encontrarem todos os documentos que falsificámos? Neste momento temos mais de uma dúzia de passaportes quase prontos.

— E é isso que devem tirar daqui. Levem tudo o que nos puder comprometer e que lhes permita descobrir o que é que fazemos realmente. Mas não temos motivos para desmontar a tipografia, seria uma temeridade.—Juana tinha resposta para tudo.

Combinaram levar todos os documentos comprometedores, mas mais nada.

— Vão prender-nos—afirmou Vasili quase num sussurro quando Raymond se foi embora.

— A todos não, tu e o meu tio podem sair, eu vou ficar com o Samuel.

— Estás louca?!—Vasili receava as decisões de Juana porque sabia que era impossível que voltasse atrás.

— O que seria uma estupidez é que vocês fossem presos. Tu e o meu tio são demasiado valiosos para a Resistência, e para evitar uma situação mais grave é melhor que se escondam. Eu fico com o velho judeu, até que o Raymond regresse esta noite e nos diga como é que podemos sair de Paris. Mas vocês vão já, não percam mais tempo.

Por uma vez Vasili não se encolheu e opôs-se à ordem de Juana.

— Achas que sou capaz de me salvar sabendo que te deixo aqui? O teu tio pode ir levando consigo os documentos mais comprometedores, mas eu fico contigo e, caso apareçam, logo vemos o que fazemos. Não disseste que nos podemos fazer passar por uns simples tipógrafos? Pois assim será, mas fá-lo-emos juntos.

Juana estava prestes a responder quando decidiu não o fazer. Naquele momento, pensou, uma discussão com Vasili seria uma perda de tempo, por isso decidiu utilizar outra tática.

— Está bem, ficas comigo, mas antes quero que ajudes o meu tio a tirar daqui todo o material sensível para levá-lo depois para a casa do Raymond. O meu tio fica lá e depois tu voltas para aqui.

— Não te quero deixar tanto tempo sozinha—protestou Vasili.

— Não sejas tonto, não vês que o meu tio não pode ir sozinho com todo esse material?

Não demoraram muito tempo a guardar todos os documentos falsos em pastas. Depois meteram-nos em dois sacos velhos e colocaram outras coisas em cima.

Quando Juana se despediu do seu tio sussurrou-lhe ao ouvido referindo-se a Vasili: "Não o deixes voltar." Pedro olhou-a espantado com medo do que a sua sobrinha pudesse fazer, mas não se atreveu a responder-lhe.

Quando Juana e Samuel ficaram sozinhos, ela confirmou que a pistola com que andava sempre estava carregada e montada. Depois aproximou-se da cama onde Samuel repousava e tocou-lhe no ombro com delicadeza.

— Consegue levantar-se?

— Sim, acho que sim..

— Vou tentar levá-lo até à fronteira, embora não saiba se consigo.

— Mas... e o teu amigo? O Raymond... Não é ele que tem de nos vir buscar...?

— Não podemos perder tempo a esperar. Tenho o pressentimento de que a Gestapo aparecerá aqui a qualquer momento. Olhe, tenho uma amiga que vive perto daqui, é espanhola como eu, exilada, perdeu o marido na guerra de Espanha, mas conseguiu escapar com o mais novo dos seus filhos. É um bom rapaz, é taxista, talvez nos possa ajudar.

— Colaboram com a Resistência?

— Não, na verdade não, nunca quis comprometê-los, já sofreram o suficiente, mas são antifascistas e, se puderem, vão ajudar-nos.

Ajudou-o a levantar-se e acompanhou-o à casa de banho para que se refrescasse. Depois saíram para enfrentar o seu destino. Desceram as escadas até ao vestíbulo e durante uns segundos observaram a rua sem que nada do que vissem parecesse fora do comum. Uma mãe que levava um saco com as compras numa mão e um menino de quatro ou cinco anos agarrado à outra, um jovem estudante carregado com os seus livros, um casal de idosos a caminhar lentamente... Não, não viam nada que os fizesse suspeitar, por isso saíram para a rua. Juana deu o braço a Samuel para o ajudar. Dirigiram-se ao metro e minutos depois saíram na estação de Montparnasse. Ela tentava observar os rostos que se refletiam nas montras, mas continuava sem ver nada suspeito.

A casa da amiga da Juana ficava numas águas-furtadas de uma só divisão, tão escura como estreita. A

mulher abriu-lhes a porta surpreendida com a visita inesperada.

— Desculpa colocar-te nesta situação, mas preciso que me ajudes a salvar este homem—explicou Juana à desconcertada mulher.

— O que queres que eu faça?

— Obrigada, Pepa, sabia que podia contar contigo! Bem, se o teu filho nos pudesse levar até à fronteira... Temos amigos em Biarritz que o podem passar para Espanha...

— O Jaime está prestes a chegar. Tem duas horas de descanso antes de continuar o trabalho a conduzir o táxi...

— Sei que vos estou a comprometer, mas não me lembro de outra forma de tirar este homem de Paris.

Ouviram o barulho de uma chave a rodar na fechadura e de seguida apareceu o jovem chamado Jaime. Era muito parecido com a sua mãe, o mesmo cabelo castanho-escuro, os mesmos olhos provocadores, a mesma serenidade.

— Vá! Explica-lhe tu, Juana.

Jaime ouviu em silêncio refletindo sobre o que devia responder.

— Tenho de entregar o carro às dez, mas posso dizer ao meu chefe que me deixe ficar com ele para amanhã começar a trabalhar mais cedo. Se ele aceitar, partimos agora mesmo, em todo o caso eu tenho de estar cá amanhã.

O jovem saiu para ligar para o seu chefe do telefone do bar mais próximo e regressou com um sorriso.

— Tudo resolvido, podemos ir agora mesmo.

Juana não os enganou e preferiu avisá-los de que eram procurados pela Gestapo.

— Se nos encontrarem, vocês também vão arcar com as consequências.

Mãe e filho olharam-se fixamente e com esse olhar disseram um ao outro o que deviam fazer. Dez minutos mais tarde Jaime esperava-os estacionado perto do vestíbulo. Juana despediu-se de Pepa com um abraço.

— Obrigada, obrigada...

— Tenta que não vos aconteça nada, é o único filho que tenho—respondeu a mulher.

— Eu... espero que regresse são e salvo...

— Se não fosse assim... nem quero pensar nisso, mas já que temos de morrer de alguma coisa é melhor que seja por uma causa. Vá, vão, pois se o Jaime tem de ir até à fronteira e regressar antes de amanhã não tem muito tempo.

Já tinham saído de Paris quando dois carros se cruzaram em frente do táxi do Jaime. Juana empunhou a arma que guardava no bolso do casaco.

— Faz marcha-atrás—pediu a Jaime. Mas era demasiado tarde, outros dois carros pretos tinham parado mesmo atrás impedindo-lhes a passagem.

De pistolas nas mãos, quatro homens aproximaram-se do carro.

— Temos de sair daqui—insistiu Juana.

— Estamos rodeados, não podemos escapar—afirmou Jaime.

— Sim, podemos, vira para a direita, vamos sair da estrada, talvez ainda consigamos fugir.

— Juana! Não podemos, fomos apanhados; se tentarmos fugir vão disparar sobre nós—insistiu Jaime.

— Faz o que eu te digo!—E enquanto o dizia deu uma guinada no volante.

— Estás louca?!—gritou Jaime enquanto tentava tomar o controlo do veículo.

Os agentes da Gestapo começaram a disparar, e uma bala rebentou um dos pneus do carro. Juana tirou a pistola do casaco, apontou pela janela e disparou. Os seus olhos iluminaram-se ao ver que tinha acertado num dos homens, mas o carro continuava a descer sem controlo pela ladeira. Os polícias

continuavam a disparar, Juana voltou a abrir fogo, mas foi a última coisa que fez porque uma bala certa a atingiu na cabeça e matou-a de imediato.

O carro embateu contra uma árvore e Jaime bateu com a nuca desmaiando.

Os polícias aproximaram-se rapidamente gritando que saíssem do carro. Só Samuel teria conseguido responder-lhes se tivesse encontrado palavras para o fazer.

Juana estava morta e Jaime também parecia estar. Um deles deu um pontapé no corpo sem vida de Juana. Era a sua forma de se vingar pelo companheiro ao qual as balas de Juana tinham tirado a vida.

Samuel tinha ficado quieto, paralisado, como se estivesse a meio de um pesadelo. Um dos polícias agrediu-o com a coronha mandando-o ao chão. Depois obrigaram-no a entrar num dos carros. A partir daquele momento desapareceu.

Graças a Pedro consegui ver Pepa, a mãe de Jaime. Impressionou-me conhecê-la porque é uma mulher a quem a vida tirou tudo, mas que não se vergou. Contou-me que era de Granada e que tinha perdido o seu marido, os seus dois filhos mais velhos e outros familiares na Guerra Civil espanhola. E em Paris tinha perdido Jaime, o único filho que lhe restava. Jaime tinha posto a sua vida em perigo para salvar Samuel, que era só um desconhecido. Disse a Pepa que admirava a sua coragem e a do seu filho. Sabes o que é que me disse? 'Se é preciso morrer pela liberdade, morre-se. E morre-se com dignidade.'

Pepa não conseguiu recuperar o cadáver de Jaime, por isso não sabia onde chorá-lo.

Quanto ao teu pai, Pedro disse-me que o máximo que conseguiram saber foi que esteve vários dias preso no quartel-general da Gestapo; talvez o tenham levado para o campo de Drancy e dali, num comboio de gado, para Auschwitz ou Treblinka ou Mauthausen. Não sabemos, até hoje não conseguimos descobrir nada. Perguntar-te-ás se fui a Drancy, e a resposta é sim. Já te disse que estive em Paris a tentar saber o que se passou. Mas não consegui encontrar nenhum papel que me diga que o teu pai esteve ali, porque os chefes nazis do campo queimaram os documentos todos antes de fugirem. Quando os Aliados entraram em Paris, a Cruz Vermelha encarregou-se de Drancy. Nos seus escritórios de Paris também não me conseguiram dar certezas sobre se o teu pai, a tua irmã e a minha tia passaram por Drancy."

Eu estava abalado com o relato de Gustav. Não me tinha atrevido a interrompê-lo enquanto falava. Parecia-me que o que me estava a contar não tinha nada que ver comigo, nem com a minha irmã, nem com o meu pai. Que aquela era uma dessas histórias terríveis das tantas que se ouviam naqueles dias. Mas aquilo, pensei, não nos podia acontecer a nós.

Vera estava há algum tempo a chorar em silêncio. As lágrimas inundavam-lhe todo o rosto enquanto apertava as mãos com força.

— Desde que a guerra terminou não parei de os procurar—garantiu-me Gustav.

— Mas alguém tem de saber alguma coisa—protestei sem muita convicção.

— Um amigo do Foreign Office aconselhou-me a ir ao continente, à Polónia, à Alemanha, talvez possamos encontrá-los em algum dos campos... os alemães registavam tudo. Pensei partir amanhã para Berlim.

— Vou ficar mais sossegada se forem juntos—disse Vera olhando para mim por detrás da cortina de lágrimas que embaciava os seus olhos.

— Sim, mas antes... bem, conheço alguém... um agente do serviço de inteligência, talvez ele nos possa orientar.—Não sei porque é que naquele momento pensei no comandante Williams.

Expliquei-lhes brevemente quem era e que tinha servido às suas ordens, embora sem revelar exatamente em quê.

Gustav acompanhou-me no dia seguinte ao Almirantado. Ele conhecia pessoas e tinha influência suficiente para que alguém nos dissesse como podíamos localizar o comandante Williams. Tivemos sorte. Estava em Berlim. Tinha sido promovido e agora era coronel. Ligaram-lhe e mostrou-se disposto a

receber-nos de imediato, por isso partimos precipitadamente para Berlim.

O coronel Williams tinha envelhecido ou foi isso que me pareceu. Uns fios brancos inundavam o seu cabelo castanho e os olhos pareciam mais apagados.

— Obrigado por nos receber, coronel—disselhe enquanto ele me estendia a mão.

— Curiosidade, sim, já sabe que o meu ofício torna os homens curiosos. Quando me disseram que me queria ver perguntei-me o que é que o senhor podia querer de mim neste momento.

Gustav explicou-lhe sucintamente tudo o que tinha conseguido averiguar e eu pedi-lhe ajuda.

Williams ouviu-nos em silêncio. Não vou dizer que ficou impressionado com o que Gustav lhe contou porque histórias como aquela tinham-se repetido durante a guerra, mas mostrou-se disposto a dar-nos uma ajuda.

— Estes malditos alemães pelo menos têm uma virtude: apontam tudo o que fazem. Há registos dos presos nos campos, dos que mandaram para as câmaras de gás... Encontrámos documentos sobre as suas horríveis experiências em seres humanos. Se o seu pai, a sua irmã e a sua tia não morreram em Paris e foram enviados para a Polónia, a Áustria ou a Alemanha, então vamos encontrá-los. Pode demorar algum tempo, por isso sejam pacientes. Tenho um conhecido na zona russa, o capitão Boris Stepanov. Ele pode dar uma vista de olhos aos registos dos campos que o exército soviético encontrou. Ligar-lhe-ei e combinaremos um encontro para que ele vos receba. Eu, pelo meu lado, também vou procurar.

— Diga-me, senhor, ainda há pessoas nos campos?—perguntei apreensivo.

— A Cruz Vermelha está a tratar do assunto e tenta ajudar esses pobres desgraçados.

— Quero visitar Auschwitz, Mauthausen, Treblinka; quero ir a qualquer um dos campos para os quais os possam ter mandado.—O meu pedido era uma súplica.

— Não o aconselho. O senhor é um soldado e lutou na frente, pôs a vida em risco e matou como um soldado, mas a visão desses campos... Se o inferno existe, estava ali.

— Pode facilitar-nos as visitas?—insisti.

— Sim, posso, mas não sei se devo. Não é preciso, a partir de Berlim podemos procurar a sua família.

— Por favor...

— Primeiro vão ver o Boris e eu entretanto vou ver o que posso averiguar. Depois, logo se vê.

Caminhar por Berlim provocou em mim uma sensação estranha. Analisava o rosto dos alemães tentando encontrar um vestígio de culpa. Homens de aspeto faminto, velhos, jovens desorientados, donas de casa desesperadas por darem de comer aos seus... Noutras circunstâncias, teria ficado comovido com aqueles rostos. Mas naquele momento... Não, não os podia perdoar, não sabia se aqueles com quem me cruzava eram culpados ou inocentes, mas pareciam-me todos culpados por terem permitido aquela loucura que tinha dado lugar ao Holocausto. Quantos deles se tinham oposto a Hitler? Quantos tinham posto a sua própria vida em risco para impedir que milhares de seres humanos morressem nas câmaras de gás? A maioria desculpava-se dizendo que o povo não sabia, mas aquela desculpa era insuportável para mim. Não podiam estar cegos e surdos perante o que estava a acontecer a poucos metros das suas próprias casas, das monstruosidades nas quais participavam os seus próprios filhos ou os seus maridos. Aquelas mulheres que caminhavam com o rosto rendido eram as mesmas que antes tinham aplaudido os canalhas que assassinaram seis milhões de judeus.

— Não suporto estar aqui—confessei a Gustav.

Mas ele era melhor do que eu e tentava convencer-me de que nós, seres humanos, temos um instinto de sobrevivência que nos torna cobardes e que não se pode pedir às pessoas que se convertam em heróis, que às vezes a maioria tende a fechar os olhos e os ouvidos para poder continuar a viver...

— Não, não, eu não peço heroísmo, só me pergunto se se pode viver sabendo que o bem-estar

pessoal se fundamenta no crime. Digas o que disseres, sabes, tal como eu, que não são inocentes.

Gustav era uma pessoa que não tinha qualquer maldade e, portanto, custava-lhe ver a maldade dos outros. Aqueles dias ter-me-iam sido insuportáveis sem ele, porque todos os rostos me pareciam rostos de assassinos.

Com o salvo-conduto que o coronel Williams nos tinha dado, não tivemos muitos problemas para passar para a parte soviética de Berlim.

Boris Stepanov recebeu-nos num escritório onde parecia nadar em papéis.

— Então estão à procura da vossa família... Bem, hoje em dia, toda a gente procura alguém. Pais, irmãos, tios, filhos...

Explicámos-lhe tudo o que sabíamos, entregámos-lhe algumas fotografias velhas e prometeu ligar-nos assim que soubesse alguma coisa. Até nos convidou para tomar uma bebida.

Pareceu-nos um bom tipo e eu senti-o próximo, porque tanto ele como eu tínhamos combatido na mesma guerra.

— Nós fomos dos primeiros a encontrar os campos de extermínio. E eu próprio entrei num desses campos.

Gustav pediu-lhe que nos contasse o que tinha visto, e ele relatou-nos a sua experiência no campo de Majdanek, em Lublin, na Polónia.

— Quando os nazis se sentiram encurralados porque estávamos prestes a chegar, tentaram destruir o campo, de facto demoliram um dos crematórios, mas nós avançávamos depressa e eles partiram deixando intactas as câmaras de gás.

Boris não só nos descreveu o que encontraram em Majdanek, mas também o choque que sofreram ao libertar Auschwitz.

— Se o Inferno existe, estava ali—disseme enquanto bebíamos dois copos de vodca tentando dissipar as sombras do horror. Depois continuou:—Os homens que encontrámos pareciam saídos dos túmulos. As mulheres... vou sempre ter pesadelos com aqueles rostos desesperados. E as crianças... eu tenho dois filhos e quando vi aqueles meninos condenados a morrer fiquei com o coração partido. Que tipo de homens é que é capaz de cometer tais atrocidades? Na guerra enfrentas um inimigo que é igual a ti, mata-lo ou ele mata-te, e já está, mas aquilo... Eu sou um camponês e juro-lhe que nenhum animal é capaz de fazer o que os nazis fizeram.

Boris, tão grande como um urso, desatou a chorar ao contar a sua visão do Inferno que tinha visto nos campos. E ele, que se dizia ateu, benzia-se como lhe tinha ensinado a sua mãe quando era pequeno, tentando proteger-se do mal com que se tinha deparado.

Naqueles dias muitos bairros de Berlim eram pouco mais do que um monte de escombros. A guerra tinha deixado o vestígio do ferro em toda a cidade. O pior não era a dolorosa paisagem urbana, mas sim a miséria em que os berlinenses estavam mergulhados.

Numa tarde em que Gustav e eu estávamos a passear por Nikolaiviertel na margem do rio Spree aproximou-se de nós uma rapariga que não devia ter mais de quinze ou dezasseis anos. Ofereceu-se a nós com a resignação de quem não tem outra opção para continuar a viver.

— Como te chamas?—quis saber Gustav.

— O que é que isso interessa? Dá-me o nome que quiseres—respondeu com a sua voz áspera e cansada.

— Porque fazes isto? Não tens família?—perguntei eu.

Deu meia-volta ao ver que não tínhamos qualquer intenção de tirar proveito dela e, portanto, também não ia obter as moedas de que tanto precisava. O seu silêncio era a última réstia de dignidade. Vendia o seu corpo, mas nada mais, e por isso não tinha motivos para nos contar nada.

Gustav correu atrás dela e pôs-lhe algumas moedas na mão.

— Vai para casa, acho que com isto deves ter o suficiente, pelo menos durante uns dias.

A rapariga pareceu duvidar, depois fechou com força a mão na qual tinha as moedas, inclinou levemente a cabeça e voltou a perder-se entre a névoa da margem do rio.

Aquela cena deprimiu-nos e amaldiçoei mais uma vez Hitler por ter tirado a vida a tantos milhões de seres humanos, até àqueles que continuavam a respirar.

O coronel Williams ligou-nos alguns dias depois para nos pedir que fôssemos com ele ter com Boris Stepanov.

— Vocês são a desculpa perfeita para eu dar uma vista de olhos ao sector soviético.

Acompanhou-nos até ao escritório de Boris, que estava à nossa espera com uma garrafa de vodca.

— Trouxe-te uísque escocês autêntico—disse o coronel Williams a Boris entregando-lhe a garrafa.

— Bem, vamos beber o teu uísque e, quando acabarmos a garrafa, bebemos a minha vodca.

Nem eu nem Gustav queríamos contrariar Boris, mas ainda nos lembrávamos da dor de cabeça do primeiro dia em que o conhecemos e não fomos capazes de rejeitar beber a sua vodca com ele. Boris era um tipo generoso e expansivo, que não compreendia que um homem pudesse recusar um copo.

— Tenho alguma informação para vocês—disse, e ficou calado uns segundos enquanto observava uns papéis que tinha na mão.—O Samuel Zucker chegou a Auschwitz em dezembro de 1943 e mandaram-no para a câmara de gás logo no dia em que chegou. Era velho e estava doente, por isso não podiam tirar nenhum proveito dele. Esteve em dois campos em França; primeiro no de Drancy, mas poucos dias depois foi enviado para o de Royallieu, e dali num comboio direto para Auschwitz. Viajou com mais duzentos judeus num vagão de gado. Lamento, Ezequiel.

Não sabia o que fazer nem o que dizer. Nem sequer me mexi. Tinha de compreender o que Boris acabava de me dizer, assimilar que o meu pai tinha sido assassinado numa câmara de gás depois de ter conhecido os prolegómenos do inferno num vagão de gado onde tinha ficado vários dias sem comer nem beber, fazendo as suas necessidades junto dos outros prisioneiros, respirando um cheiro insuportável, todos tratados como se fossem uma espécie sub-humana.

As imagens que me invadiam a cabeça eram para mim insuportáveis enquanto tentava aceitar que aquele tinha sido o destino do meu pai.

Nem Gustav nem o coronel Williams disseram nada, o que podiam dizer? Eu sentime indisposto, não podia aceitar que o meu pai tivesse sido assassinado numa câmara de gás. Pensei na minha mãe, no que sofreria ao sabê-lo.

— Não pode ser—consegui dizer.

Boris não respondeu. Olhou para mim muito sério e pôs-me na mão um copo cheio de uísque.

— Beba-o—ordenou-me, como se aquilo fosse um medicamento para aliviar a dor que sentia naquele momento.

Não bebi, não podia, só queria gritar, levantar-me e agredir todos aqueles que encontrasse no caminho, sair para a rua a gritar para aqueles alemães com os quais me cruzaria que eram uns assassinos, que estavam todos manchados de sangue e que nunca, fizessem o que fizessem, poderiam limpar aquele sangue.

Sim, queria amaldiçoá-los dizendo-lhes que o seu pecado voltaria a cair sobre os seus filhos e sobre os filhos dos seus filhos, e assim até à Eternidade. Mas não me mexi, estava paralisado pelo horror.

Senti a mão de Gustav a apertar-me o braço, que era a sua forma de me dizer que a minha dor era a sua dor.

— Raios! Porque é que tenho de ser eu a dar as más notícias?—explodiu Boris enchendo de novo o seu copo.

— Vá, Boris, não te culpes—disselhe o coronel Williams.

— O pior é que muitos dos que fizeram isto não vão ter qualquer castigo—afirmou Boris.

— Sabes que há um julgamento a decorrer, que os culpados vão ser castigados—referiu Williams.

— Meu amigo, achas mesmo que todos os culpados vão pagar? Não, não será assim, em Nuremberga vão condenar alguns hierarcas nazis e já está. Se houvesse justiça teriam de julgar a Alemanha inteira. Todos foram cúmplices—disse Boris com raiva dando um murro na mesa.

— Alguns alemães combateram contra Hitler—recordou-lhe Williams.

— Quantos? Tão poucos que não seria difícil contá-los a todos—respondeu Boris com raiva.

Eu ouvia-os em silêncio, continuava sem conseguir dizer nada embora desejasse que Boris me desse mais pormenores sobre o assassinio do meu pai. Fiz um esforço e perguntei-lhe:

— O que me pode dizer mais?

— Não tenho mais nada para lhe dizer. Perguntei se ainda têm alguma coisa do seu pai, mas já sabe que os despojavam de tudo o que tinham e roubavam aquilo que podia ter algum valor. Só há registo num livro do dia da sua chegada, de que lhe arrancaram dois dentes de ouro e de que nesse mesmo dia... Lamento, lamento muito.

Eu tentava imaginar como tinham sido aquelas últimas horas de vida do meu pai. O momento em que se abriram as portas do vagão onde tinha permanecido dias inteiros às escuras, amontoado junto a outros seres humanos aos quais, tal como ao meu pai, os nazis tratavam com menos consideração do que se tivessem sido cabeças de gado.

Via-o com os olhos a pestanejar perante o repentino resplendor, desorientado no meio do desconhecido. Imaginava que, num gesto de respeito para com os outros e para consigo próprio, sacudiria o pó do fato amarrotado e sujo depois de uma viagem tão longa. De seguida, alguns daqueles soldados nazis gritar-lhes-iam dizendo-lhes para saírem do vagão para que se alinhassem e os pudessem contar. Pouco tempo depois metê-lo-iam num camião juntamente com os outros para os transferirem para o centro do campo.

Talvez alguma alma ingénua tentasse animar os outros prisioneiros. "Vão fazer-nos trabalhar, mas sobreviveremos." De certeza que o meu pai não partilharia tanto otimismo. A não ser no caso de Katia, Samuel nunca se deixou levar nem pela imaginação nem pelos seus desejos. Por isso o meu pai perguntar-se-ia em que momento se iam desfazer dele, porque para que é que os nazis queriam um homem da sua idade, com mais de setenta anos, sem muita força nos braços e com a visão enevoada? Imaginava-o a aguentar a dor quando, sem nenhum tipo de anestesia, lhe arrancaram os seus dois dentes de ouro. Tentava manter a dignidade mesmo estando às portas da morte.

Da divisão onde lhe arrancaram os dentes levá-lo-iam diretamente para uma sala maior, onde, juntamente com outros homens, inúteis como ele para os interesses daqueles malditos, lhes deveriam mandar que se despissem. Não me custava pôr-me na sua pele e sentir o rubor daquela nudez perante outros homens e ver como o empurravam para outra sala maior onde lhes diriam que só iam tomar um banho para tirar a sujidade da viagem de comboio.

A porta fechar-se-ia e os homens olhariam para o teto no qual havia uns chuveiros simulados dos quais de repente sairia não água limpa, mas sim um gás letal que lhes arrebataria a vida no meio de convulsões horríveis.

O corpo do meu pai cairia junto a outros corpos e ali ficaria até que aqueles malditos os carregassem como se fossem escória para, por fim, serem lançados aos fornos crematórios, onde desapareceriam para sempre em forma de fumo espesso que tinha um cheiro penetrante que impregnava todo o campo.

Esse tinha sido o fim do meu pai, Samuel Zucker, o mesmo fim de seis milhões de judeus. Quis perguntar a Boris e ao coronel Williams como é que alguém pretendia que nós, os judeus que tínhamos

sobrevivido, pudéssemos ultrapassar o Holocausto, o que é que nos podiam dizer para assumir a magnitude do que tinha acontecido, mas, sobretudo, como é que alguém podia pretender que perdoássemos os verdugos.

Mas não disse nada, e nada me disseram, concedendo-me aqueles minutos de silêncio com os olhos fechados nos quais tinha visto passar à minha frente o que tinha acontecido ao meu pai e a todos os que sofreram um destino igual ao dele.

— Podes dizer-nos o que soubeste sobre a Dalida Zucker e a Katia Goldanski?—A voz do coronel Williams trouxe-me de volta à realidade.

Boris pigarreou e bebeu um bom trago do uísque. Baixou a cabeça para o papel que tinha na mão e durante uns segundos olhou-nos como se estivesse a decidir se devia continuar ou não.

Deve ter pensado que eu precisava de uma trégua antes de saber o que aconteceu à minha irmã Dalida. Por isso cravou o seu olhar azul em Gustav.

— A Katia Goldanski foi trazida para a Alemanha, para o campo de Ravensbrück. A data de chegada é janeiro de 1944. Num primeiro momento este foi um campo para mulheres, mas depois construíram outros adjacentes. Morreu lá.

— Na câmara de gás?—atreveu-se a perguntar Gustav.

Ficámos sobressaltados com o murro que Boris deu na mesa. Foi tão intenso que derramou o copo de uísque. Boris levantou-se e procurou alguma coisa para o limpar. Observámo-lo sem nos atrevermos a interrompê-lo, enquanto tentávamos aceitar o que acabava de dizer, que Katia estava morta, que tinha perdido a vida num campo situado na própria Alemanha.

— Estes assassinos não se conformavam com o fim das suas vítimas nas câmaras de gás. Contavam com alguns psicopatas que se diziam médicos a quem deram total liberdade para fazerem experiências com os prisioneiros.—Boris pigarreou e deu um longo trago no seu copo de uísque até esvaziá-lo. Não sabia se devia continuar ou não, por isso Williams serviu-lhe mais uísque escocês.

— Continue, por favor—pediu-lhe Gustav.

— Esses psicopatas faziam experiências com o transplante de ossos. Cortavam o osso de uma pessoa para colocá-lo noutra à qual previamente também tinham retirado o mesmo osso. Faziam-no sem utilizar anestesia—disse Boris e voltou a dar um murro na mesa.

— Porque haviam de o fazer? Nós, judeus, somos sub-humanos—disse eu.

— Por favor, Zucker!—Mais do que um pedido, a exclamação do coronel Williams era uma ordem para que eu pusesse fim à minha amargura.

— Em Ravensbrück, também utilizavam as prisioneiras para fazer experiências com germes patogénicos. Injetavam-lhes...—Boris pegou num papel e leu-o com uma certa dificuldade—o tétano, e depois sobre as feridas introduziam-lhes terra, madeira, vidros... Tentavam ver os efeitos da infeção e se determinados medicamentos com os quais faziam experiências eram úteis. Muitas das suas vítimas morreram de gangrena.

— E como morreu a minha tia Katia?—O tom de voz de Gustav era tão baixo que todos tivemos dificuldade em perceber a sua pergunta.

— A sua tia... Seccionaram vários ossos à Katia Goldanski e transplantaram-lhe os de outra prisioneira. Mas ao seccioná-los... bem, não é necessário ser demasiado preciso, além dos ossos cortavam os músculos e os nervos... por isso algumas das vítimas morriam no meio de dores terríveis. Ela não conseguiu suportar aquela experiência... Morreu esvaída em sangue sem que nenhuma daquelas bestas tivesse piedade dela e lhe desse algum calmante.

Gustav tapou o rosto com as duas mãos. Estava a fazer um esforço enorme para conter as lágrimas, para se recompor por dentro antes de nos conseguir olhar nos olhos.

Para mim, Katia era como uma deusa de marfim. Tinha ouvido Dina dizê-lo: era tão bela que não parecia real. Dina tinha razão. Perante a beleza de Katia, só nos podíamos render, mesmo que não simpatizássemos com ela. Eu não lhe tinha perdoado por me ter roubado o meu pai, mas, ainda assim, nunca tinha conseguido odiá-la.

Primeiro aquelas bestas da Gestapo de Paris trataram o seu corpo com crueldade. Deleitaram-se a destruir a sua beleza e depois, quando já era só uma massa de carne e de sangue, enviaram-na para Ravensbrück, onde um sádico vestido de médico tinha completado o sacrifício.

A condessa Katia Goldanski a dormir num barracão com outras prisioneiras a quem quase tinham arrebatado qualquer vestígio de humanidade. Os percevejos e os piolhos escalarium pela sua carne e fariam ninho entre as curvas do seu corpo. E o seu cabelo? O que teriam feito com aquele cabelo de uma cor tão loura que se assemelhava ao branco e que ela usava apanhado na nuca? Sim, deviam tê-lo cortado para acentuar a sua nudez.

Custava-me imaginá-la com aqueles farrapos de riscas com que os nazis vestiam os seus prisioneiros. Teria tido de partilhar aquelas refeições malcheirosas e trabalhar sem descanso enquanto alguma das guardas lhe moía as costas de pancada. Imagino que Katia teria cerrado os dentes e, mesmo vestida com os farrapos de riscas, tentaria caminhar direita sem poupar um sorriso às suas companheiras, consolaria quem fraquejasse e nunca, nem por um segundo, se esqueceria de quem era, e só por isso faria o possível para não fazer nada que a envergonhasse.

No dia em que a levaram para a sala onde aqueles sádicos que se diziam médicos faziam experiências com as prisioneiras, ela seguiria as instruções que aquela bruxa vestida de enfermeira lhe daria. "Tire a roupa", "Deite-se na maca", "Esteja quieta". Apertaria os lábios quando a atassem à maca para que não se mexesse e tentaria disfarçar o primeiro esgar de dor tentando não chorar quando a faca do carniceiro começasse a serrar a sua carne dorida até chegar ao fémur e o arrancar, levando de passagem veias, artérias, músculos, tendões. Gritaria, desmaiaria e depois morreria a esvair-se em sangue perante a indiferença daqueles malditos para quem Katia não significava nada porque era judia, ou meio judia, ou um terço judia. Tinha suficiente sangue judeu nas veias para que não a considerassem um ser humano. Também tinha pertencido à Resistência, por isso para aqueles monstros Katia, a lindíssima Katia, devia morrer.

— O seu corpo...—A voz de Gustav estava sumida.

— Queimaram-na num dos fornos de Ravensbrück. Está nos registos—respondeu Boris.

Era a minha vez de novo. Boris olhava-me tentando perceber se eu estava na disposição de saber como tinham assassinado a minha irmã. Não, não estava, mas não tinha outra opção a não ser ouvi-lo. Vi como Gustav apertava os punhos e continuava a lutar para conter as lágrimas. Sentia-se tão derrotado como eu. Combatemos naquela guerra, mas não conseguimos salvar os nossos entes queridos. Também não conseguimos evitar a matança dos nossos. Nunca compreendi tão bem o que significava ser judeu como naquele dia.

— A Dalida Zucker foi conduzida de Paris até Auschwitz. Ela não passou pelo campo de Drancy porque a levaram diretamente para a Polónia, por isso não coincidiu com o seu pai.

Não sei porque é que Boris fez essa observação. Teria sido diferente se se tivessem encontrado num desses abomináveis campos? Sentia tremores por todo o corpo há algum tempo e concentrei-me em tentar dominá-los enquanto ouvia a voz pastosa de Boris.

— A sua irmã viveu mais tempo do que o seu pai e do que a condessa. Foi assassinada uns dias antes de nós libertarmos o campo. Lamento.

Senti que a raiva me dominava de tal forma que estive prestes a agredir Boris, o coronel, e quem estivesse ao meu alcance. Gustav voltou a colocar a sua mão sobre o meu braço como se com aquele

gesto me pudesse deter, contudo, não teria podido mexer-me nem que quisesse, a minha cabeça e o meu corpo tinham-se dissociado. Olhei para Boris convidando-o a continuar.

— Segundo os registos, a sua irmã chegou a Auschwitz em finais de janeiro de 1944 num comboio cheio de judeus franceses aos quais na sua viagem para a Polónia se juntaram mais vagões carregados de prisioneiros de outros lugares. Quando os detidos chegavam a Auschwitz eram selecionados pelo comandante do campo. Muitos eram obrigados a trabalhar de sol a sol em diferentes tarefas, incluindo a manutenção do próprio campo, que não deixava de ser uma sucursal do inferno. A sua irmã era jovem e forte, por isso, em vez de ser enviada imediatamente para as câmaras de gás, foi escolhida para trabalhar. Auschwitz é o maior campo de todos, embora na verdade sejam três campos: Auschwitz I, Auschwitz II, mais conhecido como Auschwitz-Birkenau, e Auschwitz III, conhecido como Auschwitz-Monowitz. A sua irmã esteve em Auschwitz-Birkenau e foi destinada a trabalhar numa fábrica de armamento próxima do campo. Sofreu infinitamente desde o primeiro dia em que chegou, porque, apesar de os prisioneiros serem uma força de trabalho imprescindível para o Terceiro Reich, os guardas das SS gostavam de maltratar até à tortura aquele grupo de desgraçados. Bem, parece que a sua irmã era uma jovem bem-parecida e foi obrigada a servir de... distração para alguns oficiais das SS.

Boris baixou a cabeça como se as palavras que acabava de pronunciar o envergonhassem. Serviu o uísque que restava na garrafa e bebeu-o de um só trago, sem respirar. Eu perguntava-me porque é que me distraía a ver o que Boris fazia em vez de centrar os meus sentidos no que dizia. Agora sei que era porque não podia suportar a dor de saber o que tinha acontecido à Dalida.

Senti os olhares de Gustav e de Williams, mas evitei-os. Não suportava que ninguém tivesse pena de nós.

— Parece que a sua irmã não era fácil de dominar, por isso acabou por ser transferida para Auschwitz I, sob a jurisdição do doutor capitão Josef Mengele, embora o comandante de Auschwitz naquela data fosse o coronel das SS Arthur Liebehenschel.

— O doutor Mengele?—perguntei incrédulo.

— Sim, Mengele, o sádico que reinava no Barracão 10; ali fazia as suas experiências com a ajuda de outros médicos e enfermeiras tão sanguinários e psicopatas como ele. As suas vítimas preferidas eram os gémeos, os anões, as crianças... A sua irmã foi esterilizada. Mengele e outros dois médicos da morte, o doutor Carl Clauberg e o doutor Horst Schumann, pugnavam por desenvolver um método que pudesse esterilizar todos os "sub-humanos": judeus, deficientes mentais, doentes... Injetavam-lhes medicamentos elaborados por eles que, ao que parece, continham nitrato de prata, iodo e outras substâncias que provocavam dores insuportáveis às suas vítimas, além de hemorragias que por vezes levavam rapidamente à morte. Sim, muitos morriam, mas para Mengele isso não era um problema, tinha à sua disposição milhares de cobaias humanas e pouco lhe importava o que lhes acontecesse. Parece que chegou à conclusão de que a radiação era o método mais fácil e barato para a esterilização e aplicou-o a milhares de prisioneiros. Muitos morreram precisamente devido às radiações. A Dalida Zucker sofreu essas experiências, mas quando já era pouco mais do que um espetro que não lhe servia para os seus macabros jogos, foi enviada para a câmara de gás. O seu assassinio coincidiu com a chegada das nossas tropas. Há uns dias, o comandante do campo tinha começado a enviar alguns prisioneiros de Auschwitz para outros campos, mas os que estavam demasiado doentes para viajar ou simplesmente já não serviam para os seus fins morreram nas câmaras de gás.

Já não restava nem uma gota das duas garrafas, e Boris não tinha nada com que aliviar o seu desassossego por nos ter comunicado a morte dos nossos. Williams permanecia imóvel, sentado na cadeira, sem sequer se atrever a dar-nos os pêsames.

Já estava tudo dito. O meu pai e a minha irmã tinham morrido numa câmara de gás. Katia Goldanski

com os ossos serrados, esvaída em sangue numa maca. Eu já não queria ouvir mais nada e muito menos que me dessem uma palmada nas costas como demonstração de condolências.

Levantei-me da cadeira e Gustav fez o mesmo. Tal como eu, queria sair dali e respirar. Faltava-nos o ar aos dois.

— Trouxe o carro, vou levá-los ao vosso sector—ofereceu-se o coronel Williams, mas recusámos a sua oferta.

— É possível visitar Auschwitz? Falar com algum sobrevivente?—pedi a Boris e a Williams.

Olharam-se indecisos. Naqueles dias a Cruz Vermelha tinha-se encarregado da maioria dos campos, e em alguns ainda estavam sobreviventes com os quais ninguém sabia o que fazer.

— Não é uma boa ideia—disse o coronel Williams.

Encolhi os ombros. A sua opinião não me importava. Com ou sem a ajuda daqueles homens, iria a Auschwitz, embora me detivessem.

— Podemos tratar disso—garantiu Boris.

— Faça-o, e o mais depressa possível—pedi-lhe.

Gustav e eu caminhámos em silêncio durante algumas horas. Não tínhamos necessidade de dizer nada um ao outro, só de pensar nos nossos familiares mortos. Eu, no meu pai e na minha irmã, ele, na sua tia. Teria sido uma palermice tentarmos consolar-nos.

— Vou contigo a Auschwitz—foi tudo o que Gustav me disse quando chegámos ao hotel.

— E eu vou contigo a Ravensbrück.

Era mais fácil chegar a Ravensbrück, ficava a noventa quilómetros de Berlim, e o coronel Williams insistiu em ir connosco, "para vos ajudar com a burocracia", disse-nos.

Um médico da Cruz Vermelha acompanhou-nos na visita dando-nos pormenores aterradores sobre o estado dos sobreviventes. Gustav quis ver o barracão onde Katia tinha passado os últimos meses da sua vida.

Quando entrámos ainda conseguimos sentir o cheiro da miséria, da doença, do desespero.

Uns beliches de madeira estavam amontoados junto à parede, num deles tinha dormido Katia. Durante uns segundos conseguimos vê-la ali, e sentimo-la desvalida, embora ela tentasse esforçar-se por aparentar que os nazis não a podiam vergar.

O médico falou-nos de uma mulher que tinha ocupado o mesmo barracão e que ainda estava viva, embora estivesse muito doente.

— Perdeu a cabeça e diz coisas desconexas.

Insistimos em vê-la, dispostos a reencontrarmo-nos com Katia através das sombras de loucura daquela mulher.

O que tinha sido o hospital do campo agora albergava alguns desgraçados tratados pelos médicos e enfermeiras da Cruz Vermelha. Estavam demasiado doentes ou demasiado loucos para os levarem para outro lado. Além do mais, as potências aliadas não chegavam a um acordo sobre o que fazer com os judeus. Não entraram numa guerra para nos salvarem a nós, mas sim para se salvarem a si próprios; nós, judeus, simplesmente estávamos ali e, uma vez mais, parecíamos incomodar toda a gente.

Uma enfermeira colocou duas cadeiras ao pé da cama da mulher avisando-nos de que "não sabe o que diz. Quando chegou a Ravensbrück, estava grávida de quatro meses e tiraram-lhe o seu filho das entranhas. Fizeram-no sem lhe dar qualquer medicamento para controlar a dor. Queriam verificar quanta dor se pode aguentar. Depois cortaram-lhe os seios. Enlouqueceu".

— Conheceu a Katia Goldanski?—perguntou-lhe Gustav.

A mulher olhou-nos e eu julguei ver nos seus olhos um lampejo de reconhecimento.

— Era alta, com o cabelo entre branco e dourado, os olhos muito azuis, muito distinta—continuou

Gustav a dizer.

— Katia... Katia... Katia...—A mulher não fazia mais do que repetir o nome, mas de repente procurou entre os lençóis e mostrou-nos um lenço de renda.

Gustav esticou a mão para pegar nele, mas ela voltou a escondê-lo entre os lençóis.

— Este lenço era de Katia—murmurou Gustav.

Sim, só podia ser de Katia, um lenço de cambraia e renda. Aquela mulher agarrava-se ao pedaço de tecido como se fosse muito importante para ela.

— Limpava-me... limpava-me... assim, assim.—A mulher passou o lenço pelo rosto e pelo pescoço.

Nós observámo-la sem nos atrevermos a interrompê-la, ansiosos por que um lampejo de lucidez aparecesse no olhar perdido daquela mulher que se tinha refugiado na loucura.

— Contou-lhe alguma coisa, falava de alguém...?—insistiu Gustav.

Ela olhou-o como se o pudesse reconhecer e depois passou-lhe a mão pelo cabelo. Gustav não se mexeu, parecia ter-se transformado em mármore. Depois ela baixou a mão e começou a cantar, era uma velha canção em iídiche. Encolheu-se e fechou os olhos e vimos como umas lágrimas grossas deslizavam pela sua face.

A enfermeira fez-nos um sinal para que nos fôssemos embora. Aquela pobre mulher não nos podia dizer mais nada, e se tivéssemos insistido só teríamos aumentado o seu próprio sofrimento.

— Este lugar é sinistro—murmurou Gustav.

Era. Como é que não podia ser? As almas de milhares de mulheres tinham ficado confinadas àquele campo, àqueles barracões, ao hospital onde aqueles monstros que se diziam médicos faziam experiências sem piedade com os seus corpos até reduzi-los a pouco mais do que nada. Aquelas almas tinham ficado presas nas paredes das câmaras de gás.

Os soldados tinham libertado o campo, mas não tinham conseguido libertar as almas do sofrimento extremo ao qual os nazis tinham submetido os seus corpos.

— É horrível... não suporto pensar naquilo por que passou—disse Gustav enquanto entrávamos no carro do coronel Williams para regressar a Berlim.

Durante todo o trajeto, ficámos em silêncio. O silêncio estava a tornar-se um hábito entre nós. Acho que só precisávamos de fugir dali.

Dois dias depois fomos a Auschwitz. Boris tinha-se esforçado para que pudéssemos fazê-lo agora que a Polónia tinha passado para a tutela dos soviéticos.

Desta vez Williams não pôde ir connosco, mas Boris deu-nos salvo-condutos para que ninguém nos pudesse prender. Também nos recomendou um capitão amigo seu, Anatoli Ignatiev.

— Somos da mesma aldeia, conhecemo-nos desde crianças embora ele seja um pouco mais velho do que eu. Se lhe levarem uma garrafa de uísque agradecer-vos-á.

Gustav comprou duas garrafas no mercado negro. Partilhá-las-íamos com o capitão Ignatiev, porque naqueles dias tanto Gustav como eu utilizávamos o álcool para perder a consciência e poder sobreviver à dor.

O capitão Ignatiev estava à nossa espera em Cracóvia. Era parecido com Boris. Alto e forte e igualmente expansivo, teimou em que bebêssemos antes de nos levar a Auschwitz.

— Vamos amanhã, é melhor descansarem hoje. Eu só faço isto pelo Boris, pois garanto-vos que fico com o estômago às voltas sempre que visito esse campo.

Pedi-lhe que me ajudasse a procurar entre os sobreviventes alguém que tivesse conhecido a minha irmã.

— Não lho recomendo—disse.

Mas insisti. Precisava de me reencontrar ali com a minha irmã, de saber do seu sofrimento, da sua

desolação, dos seus sonhos, porque tinha a certeza de que Dalida não se tinha rendido até ao final. Sempre tinha admirado a sua força e o seu carácter, a sua forma de enfrentar a vida sem se importar com as consequências.

Enquanto nos aproximávamos do campo começou a chover torrencialmente. Senti que a minha pulsação acelerava quando cruzámos o portão de entrada. Parei de repente para observar a imensidão daquele lugar onde de maneira industrial se tinha produzido o extermínio de milhões de pessoas, a maior parte judeus.

Anatoli Ignatiev guiou-nos pelos três campos, permitiu-nos visitar todos os recantos, os barracões onde se amontoavam os presos, as cozinhas, o lugar onde o doutor Mengele levava a cabo as suas experiências, as câmaras de gás e as salas onde os mortos eram esquartejados como se fossem animais, primeiro arrancavam-lhes a pele, depois cortavam-lhes o cabelo para fazerem cera e outros utensílios e extraíam-lhes os dentes de ouro, antes de os levarem para os fornos crematórios...

Não sei quantas horas demorámos a percorrer o campo da morte, só sei que tivemos de parar algumas vezes porque eu não me consegui controlar e vomitei. Se Ravensbrück nos tinha abalado, Auschwitz estava a gelar-nos o sangue. Era uma cidade, uma pequena cidade erguida com um único objetivo: assassinar.

A linha de comboio acabava de repente porque quem ali chegava não tinha outro destino a não ser morrer.

— Já vimos o suficiente, vamos embora—insistia Anatoli Ignatiev.

Mas eu não estava disposto a fugir. Se o meu pai e Dalida tinham sofrido ali, se lhes tinham ceifado a vida naquele lugar, eu tinha de ser capaz, pelo menos, de o visitar, de olhar de frente para aquele espaço em que os espíritos dos assassínios permaneceriam para sempre.

Vi Dalida, sim, vi-a enquanto tentava caminhar sobre a lama. Senti o seu desespero quando a empurraram para o barracão onde teria de viver durante um longo ano. Certamente tentaria animar-se dizendo que depois de ter sido torturada pela Gestapo não lhe podia acontecer nada pior. Talvez alguma mulher tão desesperada como ela se tivesse aproximado para lhe dar as boas-vindas e para lhe explicar que ali se chegava para morrer, que era uma questão de dias ou de meses, mas que o fim estava escrito. Ela ouviria com atenção todas as recomendações. Quem era o mais sádico dos guardas, os trabalhos que teria de fazer, o desespero após comprovar que não havia forma de sair dali.

Dalida tinha uma personalidade que era como um íman, por isso faria amigas rapidamente, partilharia a miséria, a sua própria miséria com a miséria das outras. E falar-lhes-ia da Palestina. Sim, de certeza que o teria feito. A Palestina, o lar reencontrado, a terra que estava à espera deles.

Saí doente de Auschwitz. Tinha febre, doía-me o estômago, faltava-me o ar para respirar. Pedi a Gustav que fosse sozinho embebedar-se com Anatoli Ignatiev, eu precisava de recompor os pedaços de mim próprio.

Quando cheguei ao hotel deitei-me na cama e adormeci. Não sei como é que consegui dormir, mas fi-lo e no meu sonho viajei às profundezas do inferno, porque era o inferno que via no meu pesadelo, o inferno que não era mais do que o campo de Auschwitz.

Na manhã seguinte Gustav acordou-me preocupado com a minha saúde.

— Vamos voltar para Berlim para ires ao médico.

— Não, não vou a nenhum médico alemão. Jamais—respon-di-lhe.

Gustav ficou assustado com a minha determinação.

— Mas...

— Somos judeus, achas que podemos pôr a nossa vida nas mãos de um alemão? Todos, todos o sabiam e concordavam, todos são culpados do genocídio, e tu queres que eu vá a um médico alemão, que

seja visto por alguém que se calou ou aplaudiu "a solução final".

— Não podes culpar todos os alemães—insistiu Gustav.

— Sim, sim posso, é o que faço, são todos culpados. E nunca, nunca os vou perdoar. Não os podemos perdoar, não percebes aquilo que fizeram? O Holocausto não foi a loucura de um homem, nem de alguns homens, foi a decisão de todo um país, e são todos culpados. Repugnam-me aqueles que agora querem convencer o mundo de que não sabiam de nada.

— Por favor, Ezequiel, não penses mais nisso ou vais ficar louco!

— Talvez enlouqueça, mas, por mais louco que fosse, a minha loucura nunca me levaria a querer exterminar todos os alemães. E sabes porquê? Porque não foi obra de loucos, mas sim um plano perfeitamente pensado, organizado, executado. Não há uma ponta de loucura naquilo que fizeram. Por amor de Deus, Gustav, não os desculpemos chamando-lhes loucos!

O capitão Anatoli Ignatiev ligou-nos para dizer que sabia de alguém que tinha conhecido Dalida. Uma mulher que, como a minha irmã, tinha sido obrigada a prostituir-se com os soldados que guardavam o campo, aqueles malditos das SS.

Chamava-se Sara Cohen, era grega, de Salónica. Estava num campo da Cruz Vermelha.

Pensei na minha mãe. Miriam. A sua família tinha chegado à Palestina depois de terem sido expulsos de Espanha e de se refugiarem em Salónica. Por isso senti que tinha de ter um vínculo com aquela mulher não só porque tinha conhecido a minha irmã, mas também pelas origens gregas da minha mãe.

Não era fácil conseguir uma autorização para falar com os sobreviventes dos campos, agora sob a tutela da Cruz Vermelha, mas com a ajuda do capitão Ignatiev e de Boris conseguimos chegar até Sara Cohen.

Quando por fim a encontrámos pensei que estava a visitar um campo de espetros. Centenas de mulheres e de homens esqueléticos, extenuados, com o olhar perdido, tentando regressar à terra dos vivos, iam de um lugar para o outro, seguidos por uma enfermeira, um médico ou alguma alma caridosa que dava uma mãozinha nas tarefas do acampamento.

O médico que nos recebeu disse chamar-se Ralf Levinshon e pediu-nos para sermos prudentes e para não fazermos nada que pudesse aumentar ainda mais a dor daquela mulher que se dispunha a falar connosco.

— A Sara Cohen passou pelas mãos do doutor Mengele e, se não está morta, é porque um dos oficiais das SS cismou com ela. Mas sofreu mais do que qualquer ser humano pode suportar. A sua saúde física é frágil, mas o seu estado mental ainda é mais. É muito nova, acaba de fazer vinte e cinco anos, e está a travar uma batalha entre a loucura e a lucidez, e a fronteira é tão ténue que tenho medo de que a possamos perder.

Seguimos o doutor Levinshon até um pavilhão onde vários doentes estavam sentados sem olharem uns para os outros, cada um a lutar para fugir das visões do inferno que os acompanhariam até ao dia da sua morte.

Sara estava sentada num canto. Tinha os olhos fechados e parecia estar a dormir.

— Sara... Sara, estou com estes senhores de que te falei... São da família da tua amiga Dalida...—O médico falava-lhe tão baixo que era difícil percebê-lo.

Durante uns segundos ela não se mexeu nem deu sinal de o ter ouvido, depois, com uma lentidão que me pareceu eterna, foi abrindo os olhos e dirigiu o seu olhar para mim. Naquele mesmo instante apaixonei-me por ela.

Não sei quanto tempo ficámos em silêncio a olhar um para o outro, não sabia se ela me estava a avaliar ou se procurava em mim traços de Dalida. Eu não podia afastar os meus olhos dos seus olhos porque, mesmo na sua extrema fragilidade, pareceu-me a mulher mais bela do mundo. Sim, embora o

verde dos olhos se tivesse apagado pelo que tinham sido obrigados a ver, embora o seu corpo parecesse desarticulado, só um monte de ossos inertes, embora o seu cabelo louro estivesse baço e as suas mãos se tivessem tornado ásperas, ainda assim a sua beleza não parecia deste mundo. Não sei porque é que pensei em Katia. Até àquele momento Katia tinha-me parecido a mulher mais bela do mundo. Mas a beleza de Katia tinha sido terrena, elegante, plena, enquanto Sara Cohen parecia uma borboleta transparente com as asas partidas.

Gustav apertou-me o braço e fez-me um gesto mostrando-me a sua preocupação com Sara. O médico observava-nos expectante e, quando já estava prestes a dizer-nos que nos fôssemos embora, ela falou.

— Ezequiel...—disse o meu nome num sussurro.

— Sim, sou o Ezequiel Zucker, o irmão da Dalida.

— Quero sair daqui, quero ir para casa—murmurou.

— Eu levo-a, não se preocupe, dou-lhe a minha palavra de que a levo.

Gustav e o médico olharam-me surpreendidos. Tinha-me comprometido de forma tão decidida que acho que se assustaram pensando que nada me impediria de cumprir aquela promessa que acabava de fazer a Sara Cohen.

— Ela falava-me de si... tinha saudades suas... e também da sua mãe. À noite, quando regressávamos de...—a Sara fechou os olhos e eu soube que estava a ver o que tinha acontecido—bem, já sabe... deitava-se no catre e começava a chorar e a chamar a sua mãe em voz baixa. Pedia-lhe desculpa por a ter deixado, eu levantava-me e tentava consolá-la. Dizia-lhe que uma mãe perdoa tudo. Mas a Dalida não se perdoava a si própria. Censurava-se por ter sido egoísta ao abandonar a Palestina para viver em Paris e em Londres e ter vestidos, ir a festas... Gostava muito do seu pai, e admirava a sua nova esposa, a Katia...? Sim, acho que me disse que se chamava Katia.

Voltou a fechar os olhos. Notava-se que estava esgotada pelo esforço de falar, de recordar.

— Tens de descansar—disse o médico—,talvez estes cavalheiros possam regressar amanhã...

Mas ela voltou a abrir os olhos e olhou para mim angustiada.

— Não, não... não estou cansada, quero falar, quero sair daqui, ele prometeu que me levaria... não quero estar aqui...

Aproximei-me e peguei na mão dela. Ela soltou-se com tanta violência que me assustou. Eu fiquei desconcertado. Parecia ter nojo do contacto físico, mas um segundo depois esticou a sua mão para mim enquanto começou a chorar.

— O senhor não devia ter pegado na mão dela—censurou-me o médico—,acho que por hoje já é suficiente...

Sara impôs-se de novo.

— Quero falar, contar o que quiserem saber. E depois sair daqui—voltou a repetir.

— Não queremos deixá-la nervosa, podemos regressar amanhã—disse Gustav.

— Vou falar, vou falar... Eu já estava em Auschwitz quando a Dalida chegou. Estava cá há alguns meses, sim, lembro-me de que foi em março de 1943 que nos meteram nesse comboio... Até 1943, nós, os judeus de Salónica, acreditávamos que íamos sobreviver... Tinham-nos confinado ao gueto, tinham-nos expulsado das nossas casas, tinham-nos tirado tudo o que tínhamos de valor, mas acreditávamos que podíamos manter a nossa vida. Contudo, em fevereiro chegaram aqueles homens...

— Sara, tens de contar a estes cavalheiros as lembranças que tens da Dalida.—O doutor Levinshon tentava que ela não divagasse perdendo-se nas suas próprias palavras.

— Deixe-a continuar, quero saber tudo...—pedi ao médico.

— Não sei se isso lhe fará bem...—protestou ele.

— Dieter Wisliceny e Alois Brunner, sim, chamavam-se assim. Quando eles chegaram piorou tudo.

Tínhamos de levar a estrela amarela cosida nos casacos e não podíamos sair de casa à noite, nem entrar no elétrico, nem num café; expulsaram todos os judeus dos sindicatos, de qualquer organização... ordenaram que em todas as casas judaicas houvesse uma marca para nos poderem distinguir. Como não nos deixavam trabalhar, tivemos de começar a vender aquilo que tínhamos, até que isso também foi proibido. Finalmente chegou um momento em que aqueles homens das SS decidiram confinar-nos todos a um só bairro, perto da estação... Fecharam-no com arame farpado e colocaram guardas para nos vigiarem e não nos deixarem escapar. Aquele bairro tinha sido erguido um século antes pelos judeus que escaparam dos pogroms do czar... Quem podia imaginar que aquele lugar de liberdade se tornaria uma prisão... Organizámo-nos como pudemos, mas mal conseguíamos subsistir. Tinham-nos tirado tudo. Depois, um dia Brunner anunciou-nos que nos iam mandar para Cracóvia, que ali poderíamos começar uma nova vida numa colónia preparada para os judeus. Ninguém se queria ir embora. Salónica era a nossa pequena pátria, a pátria que os nossos antepassados tinham encontrado quando foram expulsos de Espanha. O meu pai era um ancião, a minha mãe era mais nova do que o meu pai, mas adoeceu durante esses meses de clausura e, em parte, eu fui a responsável pela sua doença. Eu tinha namorado, o Nikos, um namorado grego e cristão. Tínhamos planeado fugir, ir para Istambul, onde esperávamos viver sem a pressão dos seus pais e dos meus. Uma judia e um cristão! Mas nós amávamo-nos e a nossa religião não nos importava. Quando nos fecharam no campo eu já estava grávida. No meio do desastre, outro desastre: uma rapariga judia grávida e sem marido. O Nikos fez o possível para me tirar do campo, arriscando a sua vida, porque, além de querer resgatar uma judia, ele era membro do KKE, o Partido Comunista da Grécia. Mas todas as suas tentativas foram em vão. Prenderam-no e fuzilaram-no. Quando nos obrigaram a entrar no comboio, eu estava tão desesperada que nem sequer me importava para onde nos pudessem levar.

Sara voltou a fechar os olhos. O médico aproximou-se de mim e disse-me ao ouvido, tentando que ela não percebesse:

— Está a divagar, talvez não lhe conte nada sobre a sua irmã.

Respondi-lhe que estava disposto a ouvi-la, que a sua história era a história de seis milhões de almas e que essas histórias faziam parte da minha própria história.

Ela voltou a abrir os olhos e reparei que parecia ter dificuldade em fixar o olhar; quando o fez, continuou.

— Não imagina o que é sentir-se menos do que nada. Para os homens das SS, não éramos humanos e, portanto, não merecíamos que nos tratassem como se o fôssemos. Não nos deixaram sair do comboio até chegarmos a Cracóvia, a Auschwitz... Imagine centenas de pessoas amontoadas nos vagões, sem terem sequer um canto de privacidade para fazerem as necessidades mais íntimas. O fedor era insuportável e a cada dia que passava nós próprios víamos que estávamos a perder os nossos vestígios de humanidade. Quando chegámos ao campo, os guardas das SS separaram-nos. O meu pai e a minha mãe foram para um grupo numeroso de pessoas de mais idade; os mais jovens e mais fortes foram colocados noutro lado. Eu gritei porque não me queria separar dos meus pais e corri para eles, mas um dos guardas agrediu-me com a coronha da sua espingarda e caí no chão com uma ferida na cabeça. Outro guarda aproximou-se e deu-me um pontapé na barriga e senti que as minhas entranhas se desgarravam. "Levanta-te, cabra!", gritou-me, e não sei de onde é que tirei forças, mas levantei-me porque sabia que se não o fizesse me matariam ali mesmo. Ouvia os lamentos da minha mãe e a voz irada do meu pai que tentava aproximar-se de mim para me ajudar. Mas também lhes bateram. Depois obrigaram-nos a caminhar para uns pavilhões. Naquela mesma noite foram enviados com os restantes velhos e com os doentes para as câmaras de gás. Entrei em trabalho de parto nessa noite. As mulheres do barracão ajudaram-me a ter os meus filhos às escuras, à luz dos restos de uma vela que mal conseguiam manter acesa. Não sei como é que

conseguiram. Uma delas rasgou a minha carne com as suas próprias mãos até conseguir tirar os meus filhos do meu ventre. Outra tapava-me a boca para impedir que os meus gritos alertassem os guardas. "Por pior que seja dar à luz aqui, seria muito pior que o fizesses no pavilhão do doutor Mengele", murmurava uma jovem da minha idade. Não sei quanto tempo demorei a dar à luz, só me lembro de que estava a amanhecer quando, por fim, me puseram os meus filhos nos braços. Eram dois meninos lindíssimos, gémeos, iguais um ao outro. Eu mal me podia mexer. Estava esgotada e tinha perdido muito sangue, mas mesmo assim sentia-me mais viva do que nunca, disposta a defender os meus filhos do mal que tinha a certeza que cairia sobre nós. Por mais que tentassem esconder-me no barracão, os guardas descobriram-me. Os meus filhos choravam, tinham fome e não havia uma única gota de leite no meu peito. Bateram-me obrigando-me a ficar de pé e um deles foi à procura do seu superior. Quando aquele homem entrou... olhou-me de cima a baixo e ordenou aos kapos que levassem os meus filhos para o pavilhão do doutor Mengele. "Vai ficar contente com este presente", disse rindo-se. Eu comecei a gritar tentando impedir que os levassem.. Bateram-me e caí inconsciente no chão. Quando recuperei os sentidos senti o hálito de um homem tão perto do meu rosto que estive prestes a vomitar. "Esplêndido... esplêndido... está a abrir os olhos...", ouvi ao recuperar os sentidos. Quando comecei a falar, perguntei pelos meus filhos, mas o homem fez um gesto com a mão indicando-me que não o incomodasse, mas eu voltei a insistir. Uma enfermeira injetou-me alguma coisa no braço e desmaiei de novo. Se não tivesse sido pelos meus filhos, não teria querido regressar ao mundo dos vivos. Voltei julgando que os podia salvar. Não sei o que é que fizeram com o meu corpo, apenas que o doutor Mengele gostava de fazer experiências comigo. Injetaram-me não sei que substâncias e examinaram o meu útero para que ele pudesse estudar o que é que havia de extraordinário no meu ventre que tinha albergado gémeos. Por mais que perguntasse pelos meus filhos, não me davam respostas, até que um dia uma enfermeira me disse: "Não são teus filhos, agora pertencem ao doutor." Um dia devolveram-me ao meu barracão. Mal podia andar, não sabia o que é que tinham feito comigo, mas sentia que me ardiam as entranhas e não parava de sangrar. "Se sobreviver vai trabalhar, se não trabalhar não vai servir para nada, por isso já sabem o que têm de fazer", ouvi como um guarda dizia a um dos kapos. Mas sobrevivi. Estava decidida a viver, a resgatar os meus filhos onde quer que estivessem. Eu não sabia nada sobre o doutor Mengele, foram as minhas companheiras do barracão que me relataram a sua paixão pelos gémeos, as suas experiências assassinas. Não sei porquê, mas um dos guardas reparou em mim e fez de mim prostituta. Naquele campo obrigavam algumas mulheres a serem prostitutas dos nossos guardas. Eram os soldados que abusavam de nós e também os oficiais nos utilizavam de vez em quando para se aliviarem. Em Auschwitz, se nos davam um bocado de sabão e nos diziam para nos limparmos, já sabíamos o que é que nos esperava. Havia outra mulher no barracão que também utilizavam como prostituta. Era mais velha do que eu e parecia resignada. "Se te opões vai ser pior, batem-te com paus e violam-te na mesma", dizia-me. Mas eu não conseguia entregar-me sem mais nem menos. Odiava aqueles homens. O guarda que me selecionou zangou-se porque da primeira vez enviaram-me para o quarto do seu superior. O homem nem sequer olhou para mim. Empurrou-me contra a parede, arrancou-me a roupa e violou-me. Eu permaneci quieta, tentando dominar o nojo que invadia a minha garganta até se transformar em vómito. Quando aquele sargento se fartou de me violar ainda tive de sofrer mais duas violações, a do guarda que me tinha escolhido e a de outro soldado. As violações tornaram-se um ritual. Não sei quantos soldados, quantos guardas, até algum kapo, abusaram de mim. Ainda sinto aquelas mãos estranhas a percorrer todo o meu corpo, a maltratar a minha carne, a humilhar-me enquanto faziam de mim uma puta sem alma. O sargento do primeiro dia habituou-se a ser o primeiro todas as noites, depois não lhe interessava o meu destino. Com a passagem das semanas, começou a falar comigo. Eu mal lhe respondia e ouvia indiferente, o que me podia interessar aquilo que dizia? Um dia pensei que talvez aquele homem conseguisse saber alguma coisa sobre os meus filhos. Quando lhe

perguntei, ficou pensativo. Eu, uma sub-humana, suplicava-lhe querendo saber o que tinha acontecido aos meus filhos. Não sei porquê, mas comprometeu-se a averiguar qual tinha sido o seu destino. No dia seguinte, jurou-me que os meninos estavam bem, que o doutor Mengele os tratava como se fossem um tesouro, que não lhes aconteceria nada de mal e que, se eu colaborasse mais quando me punha debaixo do seu corpo, talvez me levasse a vê-los. Fi-lo. Sim, fi-lo. A promessa de ver os meus filhos era superior à minha determinação de manter a minha dignidade fazendo do meu corpo um simples objeto. Todas as noites lhe perguntava quando veria os meus meninos, e ele esbofeteava-me dizendo-me que não o pressionasse e que me portasse bem. Nunca me levou a vê-los. Nunca teria podido embora o tivesse desejado... Quando a sua irmã Dalida chegou, ocupou uma cama ao pé da minha. A mulher que tinha dormido nela antes morreu de um ataque de coração. No dia em que chegou a primeira coisa que perguntou foi como se podia fugir. As mulheres explicaram-lhe que era impossível e que se o tentasse apenas conseguiria acelerar o seu encontro com a morte. Mas a sua determinação era tanta que passado uns dias aproximei-me dela para lhe dizer que se encontrasse uma forma de fugir eu iria com ela, mas que primeiro teria de me ajudar a recuperar os meus filhos. Conte-lhe a minha história e ela contou-me a sua e começámos a sonhar com a fuga. Não tinha passado mais de um mês quando deram à sua irmã um bocado de sabão e lhe ordenaram que se lavasse. Chorou tanto... eu não me sentia capaz de a consolar. Na sua primeira noite foi violada por meia dúzia de guardas. Quando chegou ao barracão de madrugada mal conseguia caminhar e o sangue seco nas suas pernas parecia um desenho macabro. Abracei-a para que não se sentisse sozinha, mas a partir daquela noite, tal como me tinha acontecido a mim, a alma da Dalida gelou.

Sara fechou os olhos e temi que se perdesse nas suas lembranças. O doutor Levinshon fez-nos um sinal para que saíssemos, mas eu não estava disposto a partir sem saber tudo o que tinha acontecido à minha irmã, por isso embora Gustav se tivesse levantado da sua cadeira disposto a seguir o médico eu permaneci imóvel à espera de que Sara voltasse a abrir os olhos. Fê-lo, embora durante uns segundos o seu olhar parecesse perdido, como se não soubesse quem éramos nem onde estava.

— Se está cansada...—consegui dizer-lhe.

— Estou cansada, sim, muito cansada. Mas é o senhor que precisa de saber para descansar, por isso vou esquecer o meu cansaço para o ajudar a apagar o seu.

— Obrigado.—Não sabia o que é que lhe podia ter dito mais naquele momento.

— Depois daquela primeira noite a Dalida não voltou a chorar. Impôs-se a si própria não fazê-lo. Não queria que aqueles porcos a vissem vencida nem atemorizada. "Vão matar-me na mesma, mas pelo menos não lhes darei a satisfação de fazerem troça da minha angústia", dizia-me para se animar a si própria. Durante o dia trabalhávamos numa fábrica de armamento. Acordavam-nos mal amanhecia, e levavam-nos para a fábrica até ao início da tarde, quando nos devolviam ao barracão. Não demorava muito a chegar alguma daquelas guardiãs com o bocado de sabão. Então lavávamo-nos o melhor possível antes que nos levassem até aos homens que estavam à nossa espera na cantina. Deixar-nos violar tornou-se uma rotina. Tratavam-nos como bocados de carne e não fazíamos nada para ser outra coisa. Alguns dos guardas teimavam em fazer-nos beber e nós bebíamos. Às vezes ofereciam-nos alguma comida e, embora no início eu me negasse a obter qualquer privilégio, a tua irmã convenceu-me de que devíamos aceitar aquela comida; não é que fosse nada de extraordinário, alguns pepinos de conserva, pão preto, cebolas em vinagre, mas guardávamos o que podíamos e levávamo-lo ao barracão para partilhar tudo com as nossas companheiras. Algumas... bom, algumas olhavam-nos com nojo. Para os judeus do campo não havia ninguém mais odioso do que os kapos e nós, as que fazíamos de prostitutas. Não se atreviam a censurar-nos nada com palavras, mas os seus olhares... Não havia dia em que algum grupo não fosse levado para a câmara de gás. Nós estávamos salvas por termos sido escolhidas como prostitutas.

Involuntariamente comprámos tempo com o nosso corpo, embora se tivéssemos podido escolher teríamos preferido a morte antes de aqueles porcos nos utilizarem. Outro sargento teve uma paixoneta pela Dalida. Chamava por ela todas as noites e até pagava aos seus colegas para que o deixassem estar com a sua irmã até ao amanhecer. A Dalida odiava-o tanto como aos outros, dizia que a utilizava para as fantasias mais abjetas. Às vezes ela regressava com nódoas negras por todo o corpo porque ele gostava de lhe bater. Atava-a à cama e... não lhe vou relatar os pormenores, não é preciso. Não imagina o que tivemos de suportar... Não sei porquê, mas um dia levaram a sua irmã ao doutor Mengele. Tinha pedido mulheres jovens para as suas experiências. Esterilizaram-na e deram-lhe radiações, mas não calcularam bem o tempo de exposição e sofreu queimaduras que a deixaram incapacitada. Já não podia trabalhar na fábrica e muito menos servir de diversão aos guardas, por isso...

Sara desatou a chorar. Olhava para um ponto perdido no infinito onde certamente via Dalida. Comecei a sentir as minhas pernas a tremer.

— Já não a voltei a ver, levaram-na para a câmara de gás com outras mulheres que já não lhes serviam. Só soube dois dias depois, quando insisti com o guarda que tinha uma paixoneta por mim para que me dissesse o que tinha acontecido à Dalida. Estava bêbedo e começou-se a rir: "Está onde tu também vais estar daqui a pouco tempo. Estás cada vez mais feia e já não serves nem para aliviar um homem", e empurrou-me para o chão dando-me um pontapé nas costas. Levantei-me como pude à espera de que me voltasse a bater, pois era do que mais gostava. E foi o que fez. Ao regressar ao barracão já sabia que nunca mais veria a Dalida. Quando nos libertaram insisti para que me dissessem o que é que tinha acontecido aos meus filhos. O doutor...—e olhou-me fixamente—averiguou nos arquivos o que é que eles tinham feito aos meus meninos. Davam-lhes injeções nos olhos tentando mudar a cor da íris... aqueles medicamentos deixaram-nos cegos... Mas não se conformaram com isso... coseram-nos, sim, coseram-nos; o Mengele queria saber como é que os siameses eram formados... Torturaram os meus filhos até matá-los. Viveram apenas alguns meses. Os meus meninos não conseguiram suportá-lo.

Há algum tempo que eu estava a chorar. Não me importava, não sentia qualquer pudor pelo facto de me verem chorar. Além disso, Sara não ficava impressionada ao ver um homem chorar. Ela já tinha esgotado as lágrimas, por isso não podia sentir compaixão pelo pranto dos outros.

— Têm de se ir embora.—As palavras do médico eram uma ordem mais do que um convite.

— Prometeu tirar-me daqui—disseme Sara.

— E vou fazê-lo, não me vou embora sem si.

Seguimos o médico até ao seu escritório. Estava decidido a lutar para levar Sara.

— Não o aconselho a fazê-lo.—O médico parecia preocupado comigo.—Está doente, doente de corpo e alma. Resgatámo-la do inferno e não sei como vai conseguir voltar à normalidade. Além disso, terá de preencher muitos papéis para a deixarem sair daqui.

— Sim, já sei que nós, judeus, continuamos a ser um problema e que ninguém sabe o que fazer com os sobreviventes dos campos. Todos lamentam o que aconteceu, mas nem sequer nos deixam emigrar. Nem para os Estados Unidos, nem para Inglaterra, nem para França...

— Senhor Zucker, eu sou americano e sou judeu. Os meus pais eram polacos, emigraram em finais do século XIX para os Estados Unidos e, como vê, eu, o seu filho, filho de camponeses, sou médico. Quando era pequeno, a minha mãe falava-me dos pogroms, de como era viver sentindo-se diferente. Não me esqueço de que sou judeu e garanto-lhe que faço tudo o que posso pelos que estão aqui—disse o doutor Levinshon.

— Ajude-me a levar a Sara—supliquei-lhe.

— Devias pensar no que o doutor disse—atreveu-se Gustav a intervir.

Eu revoltei-me zangado e, ao responder-lhe, levantei a voz.

— Imagina por um instante que era Katia ou a minha própria irmã e que alguém as podia salvar, tirá-las daqui... Como é que achas que estariam se ainda estivessem vivas? Seriam espetros como é a Sara. Preciso de a ajudar. Preciso disso.

Custou-me encontrar o coronel Williams. No quartel-general de Berlim informaram-nos de que o tinham chamado a Londres e demoraria pelo menos uma semana a regressar. O seu ajudante prometeu-me que o localizaria e lhe transmitiria a minha urgência em falar com ele. Depois insisti com a telefonista para que ligasse de novo para Berlim, desta vez para o quartel-general dos soviéticos.

O capitão Boris Stepanov ouviu-me sem me interromper e não pareceu ficar surpreendido quando lhe pedi que me ajudasse a tirar Sara Cohen do campo da Cruz Vermelha. Prometeu que falaria com o seu colega, o capitão Anatoli Ignatiev.

— O meu amigo Anatoli já me disse que o senhor quer levar de Auschwitz essa mulher que era amiga da sua irmã. Não vou ser eu a convencê-lo do contrário, farei o que estiver ao meu alcance, mas tem de me dar pelo menos alguns dias. Demora-se mais a mexer um papel de um escritório para outro do que a ganhar uma guerra.

Nunca imaginei que a amizade entre Gustav e eu chegasse a ser tão intensa. Tínhamo-nos conhecido quando éramos crianças e reencontrado quando já éramos adultos, depois da guerra, e pouco tínhamos em comum. Ele era um aristocrata, até calado isso se notava, enquanto eu tinha crescido na Horta da Esperança, livre como um pássaro, longe de qualquer convencionalismo. Contudo, durante aqueles dias que tínhamos passado juntos à procura de Katia e do meu pai e da minha irmã, fomos-nos conhecendo e sentimos um afeto sincero um pelo outro. Por isso, enquanto eu procurava a influência do coronel Williams e do capitão Stepanov para que Sara nos acompanhasse, ele, sem me dizer nada, estava a revolucionar o Foreign Office para conseguir as recomendações pertinentes que acelerassem as autorizações necessárias. Conseguimo-lo entre todos, mas eu diria que as diligências de Gustav foram determinantes.

Levámos Sara para Berlim e dali viajámos para Londres. Nenhum dos três tinha vontade de continuar na Alemanha. Eu tinha de me esforçar para controlar a ira que sentia perante os alemães. Sara nunca os poderia perdoar e Gustav estava desolado com a perda da sua tia Katia, embora fosse ele a mostrar-se mais íntegro tentando não perder a sua equanimidade.

Vera recebeu-nos com alívio. Tinha temido pelo seu filho. Ela conhecia Gustav melhor do que ninguém e sabia que, por detrás da sua aparente imperturbabilidade, se escondia um homem sensível que não ficava indiferente perante o sofrimento. Se ficou surpreendida ao ver-nos aparecer com Sara não o demonstrou e recebeu-a como se fosse uma boa amiga. Tratou de imediato de instalá-la no quarto de hóspedes e ofereceu-se para a acompanhar a fazer algumas compras. Sara não tinha nada, nem o imprescindível.

Em algumas noites acordava-nos a todos com os seus gritos lancinantes. Reclamava os seus filhos, os gémeos, que mal teve tempo de ter nos seus braços. Vera aparecia de imediato no quarto de Sara e abraçava-a como se fosse uma menina até conseguir acalmá-la. Gustav e eu costumávamos ficar junto à porta sem nos atrevermos a dizer nada. Não sabíamos como consolá-la. Sara parecia encontrar um certo sossego na companhia de Vera.

— O que pensas fazer?—perguntou-me Vera num momento em que ficámos a sós.

— Regressar à Palestina. Tenho de dizer à minha mãe que o meu pai e a Dalida estão mortos. Não fui capaz de lhe escrever. E quero recuperar a minha vida. Não poderia viver noutra lugar que não fosse a Palestina; a minha mãe, a minha família, os meus amigos, a minha casa estão lá. Tenho saudades de abrir a janela e de ver as oliveiras. Fui criado como um camponês, atento a todos os ciclos da natureza. A sofrer quando as árvores são atacadas por uma praga ou se não chove ou se chove em excesso.

— Quando regressares devias estudar, era esse o desejo do teu pai.

— Talvez possa ir para a universidade e ser engenheiro agrícola, mas não quero fazer planos.

— E Sara?

— Vem comigo para a Palestina. Gustav disse que me ajudava a conseguir-lhe a autorização. Os britânicos restringiram a emigração, querem impedir que os sobreviventes vão para a Palestina, mas para que outro lugar é que poderiam ir? Dás-te conta, Vera, de que não nos querem em lado nenhum, de que nos sentem como um problema, de que não sabem o que fazer com os sobreviventes?

— Perguntaste-lhe a ela? Talvez queira regressar a Salónica, pode ser que ainda tenha lá alguma família...

Não me tinha lembrado de lhe perguntar. Tinha a certeza de que viria comigo para Jerusalém, de que viveria na Horta da Esperança e de que, quando as feridas da sua alma sarassem, casaríamos. Mas Vera tinha razão, Sara tinha de decidir, não me pertencia.

— Também tens de tentar recuperar os bens do teu pai em França. A vossa casa no Marais, as contas no banco, embora uma parte do seu dinheiro esteja aqui, em Londres. O teu pai fez um testamento.

— Sim, o Gustav disse-me, amanhã vamos ao notário.

Sabia que o meu pai nunca se tinha preocupado com dinheiro, no entanto, teve talento para o ganhar. Não é que tivesse muito, mas os negócios que manteve a meias com Konstantin tinham dado os seus frutos. Se Konstantin tinha deixado a sua esposa Vera e o seu filho Gustav numa situação desafogada, o meu pai devia ter feito o mesmo com Dalida e comigo. Tudo o que tinha era para a minha irmã e para mim, mas agora Dalida não existia, portanto, eu era o único herdeiro de ações num dos principais bancos da City, além de dinheiro e, o mais surpreendente, de um bom punhado de diamantes. Sim, o meu pai foi comprando diamantes e guardava-os numa caixa forte de um banco londrino. Na verdade, tinha uma fortuna em pedras preciosas que eu teria podido vender, mas foi Gustav quem me explicou que "não é um bom momento para vender os diamantes. É melhor continuarem guardados. Agora só os desbaratarias".

Assinei uma procuração no próprio cartório para que Gustav se encarregasse da minha herança em Londres e para que pudesse ser meu representante diante dos tribunais franceses. Durante o governo colaboracionista tinham-nos expropriado o laboratório. O notário disse-nos que seria difícil que me compensassem pelo espólio, mas pelo menos devia tentar. Gustav agradeceu-me por confiar nele. Não deixava de me surpreender, porque se havia alguém no mundo em que podia confiar, esse alguém era Gustav. Não só estava seguro da sua honradez, mas também de que era um homem puro e bom.

Quando saímos do escritório do notário, Gustav parecia mais melancólico do que noutras ocasiões. Perguntei-lhe porquê.

— Gostava de ser como tu, capaz de fazer tudo aquilo a que te propões.

— E o que é que te impede de o fazeres?—perguntei-lhe com curiosidade.

— A educação que recebi, o sentido do dever. Se fosse por mim estaria num mosteiro. Rezar, pensar, ler, estar em silêncio... Mas em vez disso terei de casar, de ter filhos e de lhes passar o valor das nossas tradições, o orgulho com o qual devem usar o nosso apelido. Também não posso deixar a minha mãe sozinha. Ainda tem alguma família na Rússia, mas é impensável que viva sob o jugo de Estaline. Muita sorte tiveram ela e o meu pai de conseguirem fugir a tempo. Em Londres tem amigos, bons amigos do meu pai e da sua família, mas na verdade só me tem a mim. Não posso ser tão egoísta ao ponto de escolher o meu caminho e deixá-la sozinha. Que tipo de homem seria eu se não fosse capaz de cuidar da pessoa mais próxima de mim e de me sacrificar por ela? Acho que Deus nos põe à prova.

Não me surpreendeu conhecer as inquietações religiosas de Gustav, embora me custasse imaginá-lo como um sacerdote da igreja ortodoxa. Perguntava-me se eu seria capaz de me sacrificar pela minha mãe e por aquilo que era o meu dever tal como Gustav estava disposto a fazer. Mas eu não sabia bem qual era

o meu dever; além disso, a minha mãe tinha Daniel. Era o seu filho mais velho, do seu primeiro casamento, por isso, tinha alguma vantagem sobre Gustav; não sendo filho único, podia dispor da minha vida sem que a consciência me atormentasse.

Quando propus a Sara que viesse para a Palestina comigo, caiu num desses silêncios que tanta dor me provocavam. Sabia que lhe devia dar tempo para pensar nisso, de maneira que decidi não a pressionar. Entretanto, recebi uma visita inesperada. Ben, o meu querido Ben, mandou-me um telegrama anunciando-me que iria a Londres.

Vera insistiu em que ficasse na sua casa, embora lamentasse ter apenas um quarto de hóspedes que agora estava ocupado por Sara. Eu ria-me da sua preocupação, Ben era como eu, éramos filhos da Horta da Esperança, tínhamos crescido a partilhar tudo, nenhuma das pessoas que ali vivia tinha nada só seu, tudo era de todos, nada se comprava nem vendia sem que todos os membros da casa estivessem de acordo. Depois tínhamos acabado de crescer num kibutz, por isso, partilhar comigo o quarto na casa da Vera não representava qualquer problema para ele.

Fui buscá-lo ao aeroporto. Abraçámo-nos durante algum tempo. Sentíamo-nos irmãos, não só pela infância partilhada, mas também porque tínhamos aprendido a sobreviver juntos e, na primeira vez que tivemos de matar um homem, eu estava ao lado dele e ele ao meu.

Tanto Vera como Gustav receberam-no com tanto afeto que Ben se sentiu de imediato como em casa. Sara nem sequer lhe prestou atenção. Estava há dias ensimesmada nos seus próprios pensamentos e mal falava.

Vera surpreendeu-nos com um jantar russo. Não sei como é que consegui, mas a verdade é que comemos pepinos de conserva, sopa de beterraba e blinis com salmão, e brindámos com uma velha garrafa de vodka que ela tinha guardada. Desfrutámos daquele jantar esquecendo-nos durante algum tempo de que éramos apenas sobreviventes e de que o dia seguinte chegaria acompanhado da realidade.

Sara parecia indiferente a nós, embora de vez em quando julgasse ver no seu olhar algum laivo de interesse.

Mais tarde, antes de ir para a cama, Ben e eu partilhámos confidências.

— São excelentes pessoas—disse-me referindo-se a Vera e a Gustav.

— Sim, são. Na verdade, voltei a descobri-los agora, quando era pequeno não soube dar-lhes o devido valor. Imagino que o facto de serem parentes da Katia me impedisse de gostar deles.

— E a Sara? É importante para ti?

Expliquei-lhe a sua história e como me tinha apaixonado por ela assim que a vi, e que estava disposto a tudo para ajudar a que as feridas que lhe tinham destroçado a alma sarassem.

— Ela fazia um esforço por viver acreditando que recuperaria os seus filhos, mas, quando soube que os tinham assassinado, rendeu-se, a sua vida já não tinha sentido.

— Achas que ela te ama?—perguntou-me cético.

— Não sei, acho que não, ainda não. Precisa de se curar, de recuperar a vontade de viver. Acho que a minha mãe e a tua me podem ajudar a consegui-lo.

Sim, confiava na minha mãe e em Marinna. Se alguém podia ajudar Sara eram elas. Marinna era tão forte como tinha sido a sua mãe, Kassia. Ben tinha herdado a sua força, mas também a prudência do seu pai. Igor era um homem decidido, mas nunca agia por impulsos, gostava de analisar as vantagens e desvantagens de tudo o que fazia e, quando Ben e eu éramos crianças, ele convidava-nos a pensar antes de agir.

— A Sara só se vai curar se o quiser fazer. Acho que vais sofrer e que talvez estejas obcecado por ela, mas, na verdade, não estás apaixonado... não a conheces a sério. E se, tal como me contaste, em Auschwitz a esterilizaram... enfim, se casares com ela, estás condenado a não ter filhos...

Se outra pessoa me tivesse dito isso, ter-me-ia zangado e ter-lhe-ia respondido que não se intrometesse na minha vida, mas era Ben quem mo dizia e, tal como Wadi, era mais do que um irmão.

Mais tarde contou-me que ainda não ia voltar à Palestina.

— A Haganah quer ajudar todos os sobreviventes dos campos que assim o desejarem a regressar à Palestina. Já sabes que os britânicos se negam a conceder autorizações, por isso não teremos outro remédio a não ser levá-los ilegalmente. Faço parte do grupo que vai gerir as operações na Europa comprando barcos para depois tentar transportar os sobreviventes até à nossa costa. Porque é que não ficas e nos ajudas?

Se não tivesse conhecido a Sara teria embarcado nessa aventura, mas naquele momento a minha única obsessão era ela, queria oferecer-lhe um lar, um local onde se pudesse curar, e não conhecia outro melhor do que a Horta da Esperança.

Ben também me deu notícias dos Ziad. Wadi sobreviveu à guerra que tinha passado a combater nas areias do Egito e da Tunísia, e o seu pai, o bondoso Mohamed, permaneceu leal à família Nashashibi em confronto com o mufti.

Eu sentia-me orgulhoso deles, e sobretudo reconfortado ao constatar que tínhamos combatido no mesmo lado contra o mesmo inimigo.

Perguntei-lhe por Aya e por Yusuf, pelos seus filhos Rami e Noor, e por Naima, a filha de Salma e de Mohamed, por quem Ben tinha estado apaixonado.

— Casaram-na—respondeu-me sem esconder a sua contrariedade.

— Mas é uma criança!—disse eu indignado.

— Não, não é, já tem vinte e dois anos.

— E... com quem é que a casaram?—Tinha curiosidade por saber se conhecia o marido de Naima.

— Não o conhecemos, mas parece que é o filho mais velho da irmã do Yusuf, o marido da Aya. Chama-se Tareq e é um comerciante com muito sucesso. Tem uma casa em Amã e outra em Jericó. E já tiveram o seu primeiro filho.

— Lamento.

— Não te preocupes. Sei que tinha de ser assim. Nunca nos teriam deixado casar.

— Não sei porquê... Depois de lutarmos nesta guerra acho que temos outra guerra pendente, a dos preconceitos. Qual é o problema de um judeu casar com uma muçulmana ou com uma cristã? Cada um que reze a quem quiser ou que não reze, mas como o rabi Jesus de Nazaré disse uma vez: "A Deus o que é de Deus, a César o que é de César", e não me parece que Deus se preocupe com a pessoa pela qual nos apaixonamos.—Expressei-me com raiva. Irritava-me a tristeza de Ben por mais que eu sempre tivesse pensado que o facto de ter namoriscado com Naima não fosse mais do que uma coisa de adolescentes.

— Bem, agora temos outras batalhas para vencer, e a mais importante é que os judeus que sobreviveram tenham um lar—respondeu-me Ben, resignado.

— Se a Sara fosse muçulmana não aceitaria que ninguém tentasse separar-me dela—insisti com teimosia.

— Mas é judia.

Ben mudou de assunto e voltou a contar-me as novidades da nossa casa. Louis continuava a entrar e a sair do quartel-general de Ben-Gurion, e o meu tio Yossi continuava a dar consultas, embora tivesse tido alguns problemas de saúde. A sua filha, a minha prima Yasmin, e o seu marido Mikhail estavam dedicados de corpo e alma à Haganah.

— A Yasmin esteve deprimida durante muito tempo ao saber que não podia ter filhos. Mas a minha mãe disseme numa carta que o Mikhail garante que não se importa e está mais unido a ela do que nunca.

Lamentei que Ben tivesse de regressar a Roma e esperava impaciente pelo momento em que as

autoridades britânicas nos dessem a autorização para que Sara pudesse emigrar para a Palestina. No dia em que Gustav chegou com o desejado documento celebrámo-lo com alegria.

Vera despediu-se de nós garantindo que teríamos sempre um lugar na sua casa e Gustav prometeu que iria com a sua mãe visitar-nos.

Eu tinha passaporte britânico. Tinha servido no seu exército e tinha um sentimento ambivalente para com eles. Admirava-os pela sua disciplina e coragem, mas desconfiava das suas intenções. Tinha aprendido que os britânicos antepunham sempre os seus interesses a qualquer consideração, fosse de que índole fosse, e que, portanto, a Palestina não significava para eles mais do que uma peça no tabuleiro da geopolítica.

A minha mãe estava à minha espera no porto de Haifa, onde o nosso barco chegou. Igor e Louis estavam com ela. Quando o barco se aproximava do porto distinguia entre as pessoas que estavam à espera amontoadas no cais. Andava impaciente de um lado para o outro incapaz de controlar os seus nervos. Eu também estava nervoso. Na carta na qual lhe anunciava a minha chegada com Sara não lhe contava nada sobre a morte do meu pai e da minha irmã Dalida, por isso a minha mãe ignorava que tinha perdido o seu marido e a sua filha no campo da morte de Auschwitz.

Mal pus os pés em terra correu para me abraçar e apertou-me com tanta força que pensei que me ia partir as costelas. Quando me libertei do seu abraço, abracei Louis e Igor. Louis estava mais velho. Tinha o cabelo grisalho quase branco, mas a sua mão era tão forte e tão cálida como sempre. Igor pareceu-me mais triste do que antes, mas estava contente por me ver.

De repente senti uma mão no ombro e gritei: 'Wadi!' Sim, era a mão do meu amigo e, se abraçar a minha mãe me tinha emocionado, a presença de Wadi fez com que não pudesse conter as lágrimas. Algumas pessoas olhavam com estranheza para a cena de um árabe e um judeu abraçados como se fossem irmãos. E nos seus olhares notei que a Palestina tinha mudado e que a cisão que se tinha começado a abrir entre árabes e judeus tinha aumentado. Não me quis distrair com pensamentos amargos e desfrutei do reencontro com os meus entes queridos.

Sara permanecia calada, mais frágil e insegura do que habitualmente.

— Mãe, esta é a Sara... já te falei dela na minha carta...

A minha mãe abraçou-a com afeto e apresentou-a aos homens. Eles estranharam ao ver o incómodo de Sara quando lhe deram um aperto de mão.

— Bem, estou a ver que prosperaste—disse a rir a Louis, que agora conduzia um camião um pouco mais moderno do que aquele que tinha quando parti.

Marinna estava à nossa espera à porta da Horta da Esperança acompanhada por Salma e por Aya. Também estava Noor, a filha de Aya, mas não vi nem Rami, o seu irmão mais velho, nem sequer Naima.

Marinna e Aya abraçaram-me com força, mas Noor mostrou-se tímida evitando que a beijasse. Tinha-se tornado uma jovem muito bonita e, segundo me disseram, casaria dentro de pouco tempo.

Embora nem eu nem Sara tivéssemos fome, não nos pudemos negar a comer tudo o que a minha mãe e Marinna tinham preparado. Sara gostou especialmente do bolo de pistácio que Salma tinha feito seguindo a receita da nossa querida Dina. O meu pai adorava os bolos de Dina, pensei com nostalgia evocando a profunda amizade que os tinha unido.

Todos envelheceram, pensei quando mais tarde Mohamed e Yusuf chegaram. O cabelo de Mohamed também se tinha tornado grisalho e Yusuf, que sempre nos tinha parecido um galã, agora caminhava um pouco encurvado, e os seus olhos, antes sempre brilhantes, pareciam mais apagados.

Só no fim da tarde, quando regressaram todos às suas casas, é que a minha mãe me pediu que falássemos a sós.

Marinna estava a ajudar Sara a instalar-se, e Louis e Igor partilhavam um cigarro à porta de casa.

A minha mãe olhou-me e nos seus olhos li a pergunta: onde é que estão o teu pai e a tua irmã?

Tentei dominar os meus sentimentos ao contar-lhe que tinham sido assassinados pelos nazis. Que Samuel tinha morrido no mesmo dia em que o tinham levado para Auschwitz, mas que Dalida... Chorei ao contar-lhe que aqueles malditos tinham feito da minha irmã prostituta e que, não contentes com espezinhar a sua alma, tinham feito uma experiência sobre um método de esterilização com o seu corpo, concebida por aquele assassino demente que era o doutor Josef Mengele. Também lhe contei como ambos tinham lutado na Resistência, e que tinham salvado vidas, vidas de judeus que graças à sua coragem se tinham livrado do encontro com a câmara de gás.

A minha mãe tremia. Todo o seu corpo tremia. Não sei como é que conseguiu suportar o meu relato. Porque lhe contei tudo detalhadamente. Ela tinha direito de saber toda a verdade.

Abracei-a tentando controlar as suas convulsões e chorámos gemendo, sem nos darmos conta de que Louis e Igor tinham entrado há algum tempo.

No dia seguinte, à hora do pequeno-almoço, contei ao resto da casa o que tinha acontecido com Samuel e Dalida e expliquei-lhes detalhadamente como eram os campos de extermínio. Eu estava a descrever Auschwitz quando Sara entrou na cozinha. Calei-me de imediato. Para surpresa de todos, Sara, depois de se sentar, retomou a conversa e foi-lhes narrando como ela, Dalida e tantos outros tinham vivido no inferno, incidindo em pormenores sobre o que acontecia naqueles domínios do Diabo.

Marinna não conseguiu suportar o que estava a ouvir e desatou a chorar. Louis e Igor parecia que tinham ficado mudos. Receberam na Palestina notícias precisas sobre o Holocausto, mas quando quem fala é um sobrevivente, o horror adquire uma dimensão maior. Sara mostrou o antebraço deixando que vissem o número com que a tinham marcado.

Chorámos todos abraçados uns aos outros desconsolados pela tragédia, impressionados pelo Mal. Louis deu um murro na mesa e levantou-se. Olhou-nos a todos e depois disse:

— Nunca mais. Não, nunca mais nós, judeus, vamos permitir que nos persigam, que nos matem, que nos torturem, que nos tratem como se não fôssemos humanos. Nunca mais seremos súbditos de ninguém, nem trememos ao pensar que nos podem expulsar das nossas casas, das nossas aldeias. Não, nunca mais vai acontecer, porque teremos a nossa própria pátria, por mais pequena que seja, e todos os judeus do mundo vão saber que têm um lugar onde nascer, viver e morrer. Não vamos permitir mais pogroms nem mais holocaustos. Acabou para sempre.

Depois de ouvirem Sara, ninguém se tinha atrevido a questionar o meu desejo de unir a minha vida à dela. E se a minha mãe lamentava que não pudéssemos ter filhos, não o disse. Tínhamos sobrevivido e isso era suficiente. Porque já não conseguia suportar mais perdas. Não só tinha perdido o marido e a filha, mas também Daniel, o seu primeiro filho.

Segundo a minha mãe me contou, o meu irmão tinha adoecido repentinamente. Sentia-se cansado, sem forças, e os chefes do kibutz chamaram a minha mãe. Apesar dos protestos de Daniel, a minha mãe e o meu tio Yossi foram buscá-lo e levaram-no para Jerusalém. O diagnóstico não podia ser mais desolador: leucemia. A palavra já era uma condenação à morte. Daniel viveu apenas mais seis meses.

A minha mãe chorava ao contar-me o sofrimento de Daniel e eu censurava-me por não ter sido capaz de o conhecer melhor, de que gostássemos verdadeiramente um do outro. Em algumas noites, quando fazia a ronda na frente, pensava naquele irmão a quem nunca tinha chegado a apreciar devidamente. Era como um corpo estranho nas nossas vidas, era assim que se sentia, e era assim que o fazíamos sentir. Nunca compreendeu que a sua mãe voltasse a casar, que partilhasse a vida com outro homem, que o arrancassem do seu lar para levá-lo para aquela comunidade com desconhecidos. Acho que o Daniel começou a ser feliz no kibutz, ali era ele e só ele e contava com o respeito e a atenção dos outros. Poder-me-ia ter perguntado porque é que tinha tido de morrer quando finalmente era feliz. Mas não me fiz essa

pergunta porque acabava de viver entre a morte, por isso a do Daniel era uma perda mais.

Disse à minha mãe que esperaria até que Sara estivesse disposta a casar comigo, e que entretanto iria à universidade e trabalharia na Horta da Esperança como o meu pai tinha feito antes de mim. Não discuti comigo. Estava decidido, seria engenheiro agrícola. Não me lembrava de nada melhor.»

Ezequiel olhou fixamente para Marian e esta sobressaltou-se. Tinha-o ouvido com tanta atenção que mal se tinha mexido. As sombras tinham desalojado a tarde há algum tempo.

— Estou cansado—murmurou Ezequiel.

— Lamento, já devia ter saído. Os seus netos vão zangar-se comigo e têm razão, faço-o falar sem parar... e o senhor ainda tem de recuperar.

— Ainda não acabámos, já não falta muito, pois não?

Marian não teve outro remédio senão sorrir. Aquele ancião era teimoso e duro de roer.

— Tenho outras entrevistas para fazer. Se lhe parece bem, voltarei dentro de dois ou três dias...

— Sim, ligue-me. Agora quem tem de falar é a Marian. Imagino que os seus amigos palestinos lhe devem ter contado o resto da história.

Ela ficou tensa. Não sabia como interpretar as palavras de Ezequiel. Sim, conhecia o resto da história. Tinham-lha contado sem poupar pormenores.

— Vou-lhe contar tudo o que sei. Mas agora descanse, eu depois ligo-lhe. Amanhã tenho duas entrevistas em Ramallah, e também tenho previsto ir a Belém.

— Fico à sua espera.

Quando chegou ao seu quarto do American Colony, sentiu necessidade de ligar ao seu ex-marido. Eram oito em Israel, duas da tarde em Nova Iorque; a essa hora Frank estaria no seu escritório. Continuava a precisar dele. Só de ouvir a sua voz ficava de novo calma. Sempre se tinha mostrado disposto a deixar o que tivesse a fazer para atender às suas necessidades. E Marian precisava mesmo de falar, de dizer em voz alta aquelas palavras que se iam formando na sua cabeça.

A secretária de Frank fingiu não reconhecer a sua voz.

— O senhor Miller está ocupado, quer deixar recado?

— Sou a senhora Miller—respondeu Marian com brusquidão.

— Ah! Senhora Miller! Não a tinha reconhecido... Vou ver se o senhor Miller a pode atender.

Um segundo depois ouviu a voz de Frank e suspirou aliviada.

— Como é que estão a correr as tuas pesquisas?—quis ele saber.

E Marian relatou-lhe a sua última visita a Amã, além de tudo o que Ezequiel Zucker lhe tinha contado nesse mesmo dia.

— Não achas que devias encerrar essa história? Escreve o teu relatório e volta para casa. Estás a abusar da paciência do Michel e lembro-te de que ele é o teu chefe.

— Não posso fazer o relatório se não ouvir as duas partes—desculpou-se ela.

— Marian, estás a falar comigo, sabemos os dois o que é que essa viagem representa para ti. Estás obcecada com a Palestina e isso não é bom, nem para ti nem para o teu trabalho. Regressa, Marian. Se quiseres podemos encontrar-nos em Paris. Vou lá estar alguns dias.

Ela duvidou. Precisava de saber que a apoiava, que, independentemente daquilo que fizesse, contaria com a sua compreensão.

— Não posso, Frank, ainda não me posso ir embora.

Depois de falar com Frank, telefonou ao seu chefe. Localizou-o no telemóvel.

— Michel...?

— Bem, finalmente dignas-te a dar notícias! Mandei-te dois e-mails e deixei-te quatro mensagens no telemóvel...

— Desculpa, estive ocupada a ir de um lado para o outro...

— Marian, não te posso cobrir durante mais tempo. Ninguém percebe porque é que continuas na Palestina. Olha, já nos aconteceu a todos alguma vez, chegamos a um lugar para fazer um relatório e sem saber como envolvemo-nos com os problemas desse lugar... Isso faz com que percamos a perspetiva. Aqui no escritório já há quem diga que o teu relatório não vai servir para nada.

— Imagino que deve ser a Eleonor. É típico dela insultar o trabalho dos outros—respondeu zangada.

— Quando é que voltas?

— Estou a acabar, agora sim. Acho que na próxima semana volto para Bruxelas.

— Outra semana? Estás louca?

— Não, Michel, estou a fazer um trabalho, e não é fácil, garanto-te.

— Pois eu acho que é muito fácil. Foste apenas para constatar o que sabemos: a política de assentamentos é uma merda. Os israelitas estão a ficar com as poucas terras que restam aos palestinianos. É uma política de factos consumados. Vão a um sítio, constroem, mandam os seus colonos e desta forma pretendem que a judaização desse lugar seja irreversível. Queres que continue?

— Não é assim tão simples.

— Ah, não? Espero que os judeus não te estejam a fazer a cabeça. São muito hábeis com a propaganda. Se forem capazes de te conquistar para a sua causa, então estamos perdidos.

— Estou a tentar fazer um trabalho objetivo e profissional. E ninguém me conquistou para a sua causa. Tento apenas descrever a realidade e expor os pontos de vista das duas partes no meu relatório. É o que se deve fazer, não é?

— A única coisa que se deve fazer é cumprir prazos e não desbaratar o dinheiro dos contribuintes. Não nos podemos permitir que continues aí. Já ultrapassaste o orçamento. Ah! E a administração perguntou pela tua preferência pelo American Colony. Será que não há hotéis baratos em Jerusalém?!

— O American Colony está na zona palestiniana, é aqui que os líderes palestinianos se reúnem e, já agora, os negociadores da UE para o processo de paz também ficam aqui...

— Pois, mas eles não têm de prestar contas a ninguém e nós, pelo contrário, sim. Já chega, Marian, regressa, não penso continuar a encobrir-te. Uma semana, nem um dia mais, garanto-te.

Os dias seguintes foram dedicados a terminar as visitas que tinha programadas em Ramallah e em Belém. Sentia-se inquieta depois de conversar com os dirigentes palestinianos. Era o mesmo desconforto que a invadia quando ouvia os líderes israelitas.

Qualquer observador imparcial diria que a única solução era a coexistência de dois Estados. Não havia outra saída.

Ela não podia deixar de admirar os palestinianos. Tinha boas razões para isso, mas a principal era a sua firmeza e sacrifício no momento de defenderem os seus direitos arrebatados. Não se tinham rendido, continuavam ali à espera de justiça.

Só voltou a casa de Ezequiel três dias depois. Hanna, a neta de Ezequiel, recebeu-a com um enorme sorriso. A jovem tinha vencido toda a sua desconfiança e parecia simpatizar com ela.

— Deixei o almoço preparado para o caso de a conversa se prolongar.

— Não se devia ter preocupado.

— Não é nada de especial, uma salada, um pouco de hummus e um guisado de frango. Assim só se têm de preocupar com a conversa.

Quando a jovem os deixou sozinhos, Marian sentiu o olhar de Ezequiel a analisá-la.

— Bem, é a sua vez, disselhe.

— Não vai ser fácil, afinal de contas trata-se de contar o desfecho de uma história que também lhe pertence. São factos que o senhor protagonizou ou que lhe dizem respeito.

— É importante para mim saber a versão da família Ziad. Imagino que não deve ter dúvidas sobre o

que os Ziad significam para mim. Tenho a certeza de que não se terão afastado nem um milímetro da verdade. Mas às vezes a verdade é poliédrica.

— A verdade é a verdade—respondeu Marian tentando controlar o seu mau humor.

— Não, não é. A verdade está rodeada de outros elementos, da substância de cada um, das nossas vivências, do momento. Por exemplo, é verdade que Jerusalém é uma cidade santa para cristãos e muçulmanos. Mas muitos séculos antes de o ser para uns e outros, além de ser a capital do nosso reino, já era uma cidade santa para nós, judeus. Agora disputamo-la. A minha verdade é tão tangível a esse respeito como é a verdade dos Ziad. Mas não vamos discutir. Estou a ouvi-la.

«Wadi Ziad estava decidido a ser professor. Não deixava de pensar nisso enquanto lutava com os britânicos nas areias egípcias contra o Afrika Korps de Rommel.

A violência repugnava-o e, contudo, ali estava com uma espingarda na mão a disparar. "Sei pelo que luto", dizia para si nos momentos de desânimo. Havia ocasiões em que o tinha de repetir várias vezes para poder continuar a disparar.

Sentiu náuseas na primeira vez que viu os cadáveres de outros soldados como ele, embora levassem o uniforme alemão. Pensou que talvez algum tivesse sucumbido com os seus disparos.

Surpreendia-o sobreviver às escaramuças e batalhas nas quais participava. Não se enganava. Um dia o morto era um soldado alemão, mas no dia seguinte podia ser ele. Por isso passou a guerra à espera do momento em que uma bala lhe atravessasse o peito e lhe arrebatasse a vida. Mas não aconteceu, por isso conseguiu regressar à Palestina com a felicitação dos seus superiores depois de receber uma menção de coragem no campo de batalha.

Tinha chegado a conhecer a fundo os britânicos. É difícil não conhecer os homens junto aos quais se arrisca a vida. Admirava a sua determinação, sabiam porque é que lutavam e o que queriam. "Se nós, árabes, fôssemos capazes de agir unidos...", dizia para si. Mas quando regressou a casa muitos dos seus amigos censuraram-no por ter lutado com os britânicos que, diziam-lhe, não deixavam de ser colonialistas que só defendiam os seus próprios interesses.

Mas a guerra tinha sido diferente. Ele não tinha duvidado ao escolher o lado. Hitler parecia um homenzinho maligno. Nunca teria arriscado a sua vida por um homem como aquele. Tinha a certeza de que as únicas intenções de Hitler eram tornar a Palestina uma colónia alemã. Também não partilhava o seu ódio aos judeus.

Muitos dos amigos de Wadi eram judeus. Tinha crescido junto à Horta da Esperança e sentia um afeto verdadeiro por todos os que ali viviam. Sorria ao recordar Ezequiel, aquele rapazinho que o seguia para todo o lado agradecido por lhe ter salvado a vida. Nunca se tinha lamentado pelas cicatrizes com que o fogo lhe tinha marcado o rosto, mas sabia do seu efeito em quem olhava para ele.

Não avisou o pai do dia do seu regresso. Viu ao longe a sua mãe a regar as flores. Sorriu. Salma cuidava muito bem daquela pequena horta que sentia mais sua do que de ninguém e na qual cultivava ervas medicinais e flores. Não ficou surpreendido ao ver que a sua mãe se levantava de repente colocando as mãos sobre os olhos para avistar o horizonte. Salma ainda não o tinha visto, mas intuiu a presença do seu filho. Ainda demorou uns minutos a aproximar-se até que ela o viu e gritou o seu nome. Quanto tinham sentido a falta um do outro! Durante a guerra, nos momentos de desânimo, de medo, de cansaço, pensava na mãe, no momento em que ela o voltaria a abraçar.

A sua mãe chorou ao vê-lo e o seu pai conteve a emoção como pôde. Wadi sentiu a ausência da sua irmã Naima. Não o disse ao seu pai, mas não gostava que a tivessem casado. Talvez devessem ter esperado o seu regresso, ou dar-lhe a ela a oportunidade de escolher. Sabia que Tareq era um bom homem, caso contrário o seu pai nunca lhe teria entregado Naima, mas ainda assim.. Teria gostado que Naima partilhasse aquele momento do seu regresso da guerra; imaginava-a a rir-se, dando-lhe palmadas,

perguntando-lhe curiosa por tudo o que viveu. Mas Naima tinha obrigações, já tinha tido o seu primeiro filho.

— Virá assim que souber que estás aqui—garantiu-lhe Mohamed, consciente da desilusão de Wadi perante a ausência da sua irmã.

— O Tareq cuida dela como se fosse uma joia—afirmou Salma.

A mãe também lhe contou que Naima e Tareq tinham a sua própria casa na qual reinava a sua irmã mais nova. Algumas mulheres sofriam em silêncio quando tinham de viver em casa da sogra. Nem todas tinham tido a sorte da própria Salma, que tinha encontrado em Dina, mais do que uma sogra, uma segunda mãe.

Salma tinha conservado o seu quarto tal como ele o tinha deixado. Encontrou as suas camisas lavadas e dobradas nas gavetas da velha cómoda. E os lençóis cheiravam à lavanda que a própria Salma cultivava.

Na primeira noite custou-lhe deixar-se levar pelo sono. O conforto da cama era-lhe estranho depois das noites passadas a dormir ao relento e de qualquer forma. Tinha-se acostumado aos catres do exército, por mais que não deixasse de ter saudades da sua própria cama enquanto estava no Egito.

A sua mãe acompanhou-o a visitar a Horta da Esperança, que lhe pareceu triste pela ausência de Ezequiel e de Ben. Miriam tinha envelhecido e Marinna estava mais magra do que era normal. As duas mulheres trabalhavam de sol a sol na horta. Igor continuava à frente da pedreira e mal tinha tempo para dar uma ajuda. Entristeceu-o ver aquele lugar afundado no silêncio.

Louis, disseram-lhe, passava mais tempo em Telavive do que em Jerusalém, e Ezequiel e Ben ainda não tinham regressado apesar de a guerra ter acabado há uns meses.

Wadi ofereceu-se para ajudar as mulheres na horta quando tivesse disponibilidade, embora ainda não soubesse quanto tempo livre teria já que estava decidido a começar a dar aulas assim que possível. Antes da guerra tinha-se preparado para isso.

— O Yusuf pode ajudar-te—disselhe Mohamed.

— Pai, não quero ficar a dever favores a ninguém—respondeu-lhe Wadi.

— É teu tio, está casado com a minha irmã Aya. Se te ajudar não lhe ficarás a dever nada—insistiu Mohamed.

— Gostava de tentar sozinho. Vou visitar os meus antigos professores, eles devem saber orientar-me.

Mohamed assentiu. A atitude do filho orgulhava-o. Mesmo assim, comentaria com Yusuf que Wadi estava à procura de trabalho. Fá-lo-ia na sexta-feira. Salma tinha convidado Aya para um jantar de família ao qual também iriam Hassan e Layla com o seu filho Khaled e Naima e Tareq. Era bom ter uma família, pensava Mohamed, por mais discrepâncias que ele próprio mantivesse com o seu tio Hassan e com o seu cunhado Yusuf. As dúvidas deles incomodavam-no. Durante a guerra tinham-se mostrado partidários do mufti. Ele costumava censurar a sua atitude recordando-lhes que tinha um filho a combater contra os alemães.

Para Wadi, foi um motivo de alegria reencontrar-se com o seu primo Rami. O filho mais velho de Aya tinha mais um ano do que ele e em crianças tinham sido inseparáveis. Achou a sua prima Noor tão bonita e tímida como quando era uma menina.

— Fico contente por teres regressado a tempo do casamento da Noor—disselhe Aya enquanto o abraçava.

Noor baixou o olhar sobressaltada. Faltavam apenas uns dias para se casar e, por mais que tentasse parecer alegre, não estava. Tremia ao pensar que tinha de abandonar a sua casa para ir com um desconhecido para a outra margem do Jordão. Aya, a sua mãe, tinha-lhe contado que ela própria sofreu a mesma experiência. Mas a sua mãe tinha tido sorte e não passou muito tempo a viver na casa da sogra.

Este não ia ser o seu caso. O homem que tinham escolhido para ela como marido tinha o seu lar no centro de Amã, e era um leal servidor do emir Abdullah.

Yusuf convenceu Aya de que Emad seria um bom partido. O pai dele, durante a guerra contra os turcos, tinha sido irmão de armas do próprio Yusuf, era um beduíno e ao longo dos séculos a sua família tinha permanecido leal aos hachemitas.

Salma estava a cozinhar um borrego e tanto Aya como Noor e Naima a ajudavam enquanto falavam sobre o casamento. Layla descansava perto delas. Tinha engordado tanto que mal se podia mexer; com a velhice dormia grande parte do tempo sem ligar a quem a rodeava.

Os homens bebiam sumo de romã e fumavam aqueles cigarros egípcios de que Mohamed tanto gostava e que Wadi lhe tinha trazido como presente. Conversavam, como sempre, sobre o futuro da Palestina.

— Sei pelo Omar que desde que a guerra terminou a Haganah já não se mostra tão beligerante para com as pessoas do Irgun. Até decidiram unir esforços contra os britânicos—explicou Yusuf.

— E isso é bom ou mau?—perguntou Wadi.

— Tentam que os britânicos permitam a emigração dos judeus europeus libertados nos campos, mas os britânicos recusam. Mesmo assim, a Agência Judaica não para de fretar barcos nos quais trazem os judeus sobreviventes. Além do mais, a Agência Judaica encontrou um aliado no presidente americano Harry Truman, que pressiona os britânicos para que deixem entrar na Palestina pelo menos cem mil judeus—respondeu Yusuf ao seu sobrinho.

— Então Truman é sionista—afirmou mais do que perguntou Mohamed, que ficava sempre surpreendido com as excelentes informações que o seu cunhado Yusuf possuía.

— Dizem que é um grande conhecedor da Bíblia e que para ele não há dúvida de que esta terra pertence aos judeus—assentiu Yusuf.

— Agora temos outra comissão na Palestina. Uma dessas comissões de que os europeus tanto gostam para decidir o que fazer com o que não é deles. Os britânicos, para não contrariarem o presidente Truman, aceitaram a criação desta comissão—explicou Khaled a Wadi.

Mohamed ouviu o seu primo com atenção. Khaled era um homem moderado como ele. Tinham combatido juntos nas tropas de Faysal quando ambos sonhavam com uma pátria para os árabes. Conhecia o seu valor e lealdade e ao longo dos anos tinha aprendido a confiar no seu raciocínio. Apesar de Khaled evitar qualquer discussão com o seu pai, para Mohamed não era segredo que ambos tinham opiniões diferentes. Hassan, o tio de Mohamed, era um firme partidário do mufti Husseini, enquanto o seu filho Khaled se tinha mantido estrategicamente à margem.

— Em todo o caso, apesar das pressões dos americanos, os britânicos não vão facilitar as coisas à Agência Judaica. Para os judeus foi um contratempo que Winston Churchill perdesse as eleições. O novo premier, o trabalhista Clement Attlee, não se comove com as dificuldades dos judeus que sobreviveram aos campos. Ernest Bevin, o novo ministro dos Negócios Estrangeiros, mostra-se inflexível com o velho Weizmann—acrescentou Yusuf.

— O que é mais uma evidência da ingenuidade que implica jurar a pés juntos aos políticos. Os trabalhistas tinham-se vindo a manifestar a favor da causa dos judeus, mas agora que governam mudaram de opinião e de política—refletiu Wadi.

— Tens razão, meu filho, é por isso que sempre te disse o que o meu pai me dizia: devemos agir de acordo com a nossa consciência para, aconteça o que acontecer, não termos desilusões. Imagina a quantidade de judeus que julgaram que, quando os trabalhistas governassem, a sua causa teria mais atenção e, no entanto, agora se sentem traídos—sentenciou Mohamed.

— O que sem dúvida favorece a nossa causa.—Hassan sorria satisfeito pelo que considerava ser uma

coisa óbvia.

— Seríamos estúpidos se acreditássemos que os britânicos farão algo mais do que defender o que for melhor para eles. Não vamos cair no mesmo erro dos judeus—recordou-lhes Rami.

— O meu primo tem razão. O nosso futuro será o que nós fomos capazes de construir, mas sem esperar nada dos britânicos. Combati com eles e sei como pensam e, embora muitos oficiais sintam simpatia por nós, obedecem como um só homem ao seu governo e vão pôr sempre à frente das suas próprias ideias os interesses da Grã-Bretanha—acrescentou Wadi.

Comeram e conversaram até altas horas da noite desfrutando daquele encontro de família à qual se tinha juntado um novo membro, Tareq, o marido de Naima.

Wadi tinha dificuldade em aceitar que a sua irmã se tivesse tornado esposa daquele homem que os ouvia sem intervir na conversa. Não sabia se a atitude de Tareq se devia à descrição ou ao facto de ser calculista, mas teria gostado de ouvir alguma das suas opiniões.

Naima parecia calma, tentou analisar no seu olhar algum sinal de infelicidade, mas não viu nada. A sua irmã tinha-se tornado uma mãe de família que embalava o seu filho com delicadeza. O pequeno Amr era parecido com Naima e isso encheu-o de satisfação.

— Estamos a substituí-los—disse Rami sorridente.

— Sim, tens razão. Olho para a minha irmã e custa-me imaginá-la como esposa e mãe, mas é o que é.

— A mim acontece-me o mesmo com a Noor, para mim será sempre uma criança, mas, como vês, a minha irmã vai casar daqui a uns dias e, tal como a tua, dentro de pouco tempo terá o seu próprio filho nos braços. Os nossos pais envelheceram e agora é a nossa vez de lutar pelo futuro.

Rami tinha razão, pensou Wadi enquanto observava o seu pai. Mohamed tinha o cabelo branco e os seus olhos refletiam o cansaço da passagem dos anos. Mas a idade não o tinha vencido. Continuava a ser o homem leal aos seus ideais e aos seus amigos, sem se importar com as consequências.

O seu pai tinha-lhe falado da cisão cada vez mais profunda que se fora abrindo entre árabes e judeus.

— Gostaria que nos reuníssemos com o Ben e com o Ezequiel... eram os nossos melhores amigos—confessou Wadi a Rami.

— Sim, nós somos primos e também vivemos juntos grande parte da nossa infância, mas eles eram quase da família. Acho que o Ezequiel vai regressar a Jerusalém; quanto ao Ben, não sei, suponho que terá um desgosto quando vir que a tua irmã Naima casou. Sempre estive apaixonado por ela—respondeu Rami.

— Já sabias?—perguntou Wadi com surpresa.

— Era preciso ser cego para não ver algumas coisas—comentou Rami.

— Sim, tens razão.

Ficaram em silêncio. Nenhum dos dois se atrevia a dizer em voz alta que antes de Ben, o filho de Marinna e de Igor, se apaixonar por Naima, foram muitas as ocasiões em que surpreenderam Mohamed a olhar para Marinna e Marinna a devolver-lhe aqueles olhares.

Rami não disse nada, porque falar teria implicado ofender Wadi. Wadi agradeceu o silêncio do seu primo. Quando era pequeno não conseguia compreender a intensidade daqueles olhares que tanto incomodavam Igor, o marido de Marinna, e que gelavam o sorriso de Salma. Mas nunca tinha ouvido uma única palavra de censura da sua mãe. Na verdade, nunca tinha ouvido os seus pais discutirem. Ainda assim, quando cresceu, percebeu que aqueles olhares não eram mais do que o eco do amor que nunca foi.

Mohamed aproximou-se de Wadi e de Rami. Orgulhava-o que se tivessem transformado em dois homens íntegros.

Yusuf tinha conseguido que Omar Salem colocasse o seu filho à frente de uma das suas empresas, dedicada ao comércio têxtil. O bom desempenho de Rami tinha feito com que os lucros duplicassem em

poucos anos.

— Nós, os velhos, aborrecemos os jovens porque estamos sempre a falar de política—disse Mohamed.

— Tudo é política, pai; a guerra e a paz são só duas faces da política—respondeu-lhe Wadi olhando com afeto para o seu progenitor.

Já era tarde quando acabaram de jantar. Estava frio, como está sempre em fevereiro em Jerusalém. E aquele mês de fevereiro de 1946 não foi uma exceção.

Wadi foi visitar os seus antigos professores da escola britânica de St. George. Receberam-no com afeto e mais ainda sabendo que durante a guerra tinha combatido do seu lado. Ele pediu-lhes que o aconselhassem sobre como encontrar um trabalho de professor. Um daqueles docentes, o severo Mister Brown, prometeu-lhe uma carta de recomendação que devia entregar a um frade franciscano que tinha aberto uma escola para crianças árabes cujas famílias não tinham recursos.

— O frade é um bom homem—garantiu Mister Brown—, embora seja um sonhador, mantém a sua escola graças às esmolas. Não é raro vê-lo pelas ruas da Cidade Velha com um recipiente de alumínio a pedir para a sua escola.

Mohamed não quis desiludir o seu filho quando este lhe mostrou muito satisfeito a carta de recomendação de Mister Brown. Tinha ouvido falar daquele frade louco que a poucos metros da Porta de Damasco tinha instalado uma escola num velho armazém. Precisamente porque aquele armazém pertencia a Omar Salem, que o tinha cedido gratuitamente àquele insistente frade empenhado em ensinar quem não tinha meios para ir à escola como é devido. Omar Salem não gostava que fosse um cristão a encarregar-se da educação das crianças árabes, mas o frade convenceu-o de que o seu objetivo não era cristianizar os pequenos, mas sim ajudá-los a aprender a ler e a escrever, e conformava-se com isso. Dessa forma, Omar Salem acabou por lhe ceder gratuitamente o armazém.

— Como vês, não querias pedir ajuda ao Omar Salem, mas o destino leva-te até ele—disse Mohamed ao seu filho.

O sol acabava de nascer quando Wadi apareceu na escola do frade e soube de imediato que não queria trabalhar noutro lugar a não ser esse.

Encontrou frei Agustín a varrer o chão. O frade não tinha mais de quarenta anos e era alto, magro e forte. Após os cumprimentos habituais entregou-lhe a carta de Mister Brown que o frade leu de imediato.

— Estou a ver que quer trabalhar... Gostaria de lhe dizer para ficar, mas como pode ver isto não é uma escola, é apenas um lugar onde se ensina a ler e a escrever. O Omar Salem ofereceu-nos o quadro e um comerciante teve a bondade de nos ceder dois tapetes para que as crianças não se sentem no chão. Com as esmolas mal consigo dinheiro para comprar cadernos e lápis, por isso dificilmente poderia pagar o que um professor merece.

— Não preciso de muito—respondeu Wadi.

— Mas, meu filho, mal consigo ter este lugar. Gostaria de ter um bom professor, mas não posso abusar da sua bondade. O senhor é um homem jovem, deve ter esposa e filhos para sustentar, e garanto-lhe que com o que eu lhe podia dar não chegaria nem para comer.

Mas Wadi não estava disposto a render-se, por isso conseguiu convencer o frade a pô-lo à prova.

— Bem, fique, pode dar-me uma mãozinha e depois logo se vê.

Conforme a manhã avançava as crianças começavam a chegar. Uns a uma hora, outros a outra. Chegavam, sentavam-se e frei Agustín, com paciência, ensinava-os a ler. Alguns ficavam durante uma hora, outros durante mais tempo. De vez em quando ouviam-se os gritos de alguma mãe reclamando a presença do seu filho e então via-se um pequeno levantar-se e, sem se despedir, sair a correr.

Wadi sentou-se ao pé de um grupo de meninos que deviam ter seis ou sete anos e que observavam

com admiração como os mais velhos escreviam. Eram os mais novos e frei Agustín mal lhes conseguia prestar atenção, por isso dava-lhes um papel e um lápis e convidava-os a desenhar o que quisessem enquanto ele se esforçava por ensinar os mais velhos.

Passado algum tempo, Wadi tinha conseguido ensinar dois sinais fonéticos às crianças, que pareciam entusiasmadas por aprender.

A meio da manhã, frei Agustín distribuiu por todos os meninos um pão de pita com um pouco de queijo.

Era hora do intervalo, de esticar as pernas e de encher o estômago com aquele modesto lanche.

— Há um padeiro perto daqui, um homem bondoso, que de vez em quando me oferece pão para as crianças. Hoje tivemos sorte. O queijo é feito por umas freirinhas. Acho que as crianças têm de ter qualquer coisa no estômago.

Perto das duas, já não restava um único menino. Frei Agustín dedicou-se a arrumar a confusão que os pequenos tinham deixado. Wadi ajudava-o fazendo o que ele mandava. Quando acabaram, o frade olhou-o agradecido.

— Posso voltar amanhã?—perguntou Wadi desejando uma única resposta.

— Se eu lhe pudesse pagar... mas não posso abusar da sua bondade. O senhor é jovem.

— Posso ajudá-lo a obter fundos para a escola, acho que não precisa de muito para a manter. Vêm apenas meninos árabes?

— Bem, também há um ou outro cristão, mas muito poucos, e nenhum judeu. A única coisa que pretendo é que os mais desfavorecidos não fiquem sem a oportunidade de aprenderem a ler e a escrever. Não quero mais nada, porque não posso fazer mais nada. Abro a porta todas as manhãs e às vezes vêm trinta, outras nem chegam a cinco... tudo depende do que tiverem de fazer, do que seja necessário em casa. Não é fácil convencer as famílias que não têm nada a prescindirem dos seus filhos para os mandarem para a escola. Se lhes permitem vir aqui, é porque não lhes custa nada.

— Porque é que faz isto?—perguntou Wadi com curiosidade.

— Nasci numa aldeia miserável perdida na planície castelhana, em Espanha. O meu pai era pastor e mal sabia ler e escrever, a minha mãe nem sequer isso. Ela intuía que só aprendendo é que podia escapar daquele mundo minúsculo em que se desenvolvia a nossa miserável existência. A minha mãe sonhava, sonhava em voz alta. Quando o meu irmão e eu éramos pequenos, a minha mãe contava-nos histórias fantásticas. Não sei como é que conseguiu, mas convenceu o padre Fulgencio, o capelão da aldeia, a recomendar a minha admissão num seminário de Toledo. Não tinha mais de nove anos quando me despedi dos meus pais à porta da nossa humilde casa e fui com o padre para o seminário. Eu não parava de chorar e não queria ir com ele, que, empenhado em dar-me a mão, teve de me largar perante a mordidela que lhe dei. A minha mãe temeu que o padre Fulgencio voltasse atrás e decidisse não me levar para Toledo. Por isso, disse que ela própria nos acompanharia, embora tivesse de regressar a pé, e assim fez, apesar dos protestos do meu pai. À porta do seminário, repreendeu-me com carinho pela minha insistência em não largar os seus braços. "No futuro, vais ter de fazer por outros meninos o que eu estou a fazer por ti. Vais ser um homem de Deus e nada melhor para honrar Nosso Senhor do que ensinar àquele que não sabe. Promete-me que o vais fazer", disse-me. Prometi-lhe sem saber muito bem em que consistia a promessa. Só a compreendi anos mais tarde, quando me recordou no seu leito de morte: "Agora já és frade e Deus vai ter-te em conta por teres escolhido viver na pobreza, mas o que não te perdoará é que não ajudes os outros ensinando-lhes tudo o que aprendeste. Procura quem não sabe e ensina-lhe. Toda a minha vida senti uma dor profunda por não poder ler as letras dos livros, por não compreender os sinais da escrita. Essa dor oprimia-me o peito e fazia-me chorar. Como vês, provavelmente adoeci de tanta opressão, mas tu vais ensinar; sim, vais ensinar os outros."

Por isso aquele frade estava a cumprir a promessa feita à sua mãe, uma mulher simples com um desejo inalcançável de saber.

Quando regressou a casa à tarde, Wadi sentia-se mais feliz do que nos últimos anos em que a sua única expectativa tinha sido matar para não morrer.

Salma ouvia atentamente o seu filho. Não se atrevia a dizer-lhe que ajudar um frade cristão não era precisamente o que se considerava um bom trabalho. Desejava melhor para o seu filho. Mohamed e ela não tinham deixado de fazer planos para quando ele regressasse da guerra. Mas Wadi não era ambicioso. Agia com retidão, de acordo com a sua consciência, e essa parecia ser a sua única satisfação.

— Talvez possas encontrar trabalho numa das escolas de Deir Yassin. Na aldeia onde a tua tia Aya vive, há duas escolas de rapazes e uma de raparigas. Talvez o Yusuf te possa recomendar. A aldeia é cada vez mais próspera, já sabes que está muito perto, a oeste de Jerusalém. Não demorarias muito a ir e a vir.

— Sim, provavelmente o Yusuf poder-me-ia recomendar, mas prefiro o trabalho que eu próprio encontrei. Essas crianças que conheci hoje precisam de alguém que as eduque. E o frade não pode fazê-lo sozinho.

Salma não insistiu, mas mais tarde Mohamed expressou o seu desgosto.

— Podes dar uma mãozinha a esse frade, mas antes deves encontrar um trabalho. Os frades vivem da caridade, mas tu não és um frade cristão e tens de trabalhar. Também devias ir pensando em casar e em formar o teu próprio lar.

— Gostava que esse armazém se transformasse numa escola a sério. Que as crianças não tivessem de se sentar no chão... Talvez o Omar Salem pudesse fazer alguma coisa mais para além de ceder o armazém, ele e os seus amigos têm dinheiro suficiente para ajudar aqueles que nada têm. E essas crianças precisam de alguém que lhes preste atenção e as eduque. Por agora só vão meninos, mas há sítio suficiente para construir uma sala de aula para meninas. Frei Agustín mantém a escola através da esmola. Eu vou fazer o mesmo. Pedirei esmola a todas as pessoas que conheço, o dinheiro delas vai servir para uma boa causa.

— A tua atitude é muito louvável, mas também tens de pensar em ti—insistiu Mohamed.

— Pai, garanto-te que não vou ser um fardo para ti. Quando acabar as aulas, vou trabalhar em qualquer coisa e ganharei um salário.

— Não é isso que te estou a pedir. Alá sempre se mostrou generoso connosco. Esta casa e esta horta serão para ti. Foi aqui que o meu pai viveu e antes dele o teu bisavô... Há gerações que nós, os Ziad, vivemos neste bocado de terra e é assim que deve continuar a ser. Vais casar e trarás a tua esposa, aqui nascerão os teus filhos e depois os filhos dos teus filhos. O nosso dever é ajudar o próximo mas também, e até antes, a nós próprios.

No entanto, Wadi estava decidido a seguir o seu próprio caminho, embora ficasse magoado ao ver que o seu pai não estava de acordo.

— Eu preciso de pouco para viver e, se encontrar uma mulher para casar, deverá ser capaz de renunciar ao supérfluo. Sabes uma coisa, pai? Temos sorte porque, sem sermos ricos, temos tudo o que é necessário para viver com dignidade.

— Precisamente graças ao trabalho.—Mohamed estava triste com o rumo da conversa com o seu filho.

— Vou contribuir com um salário e ensinarei esses meninos. Prometo-te que continuarás a estar orgulhoso de mim.

Wadi cumpriu a sua promessa. Todas as manhãs antes das oito aparecia no armazém e ficava lá até ao meio-dia a ajudar frei Agustín com aqueles rapazinhos animados com fome de aprender.

— És um bom professor, as crianças estão a começar a ter carinho por ti.

— Gosto de ensinar e de ver como aprendem.

— E tens paciência, uma virtude que nem sempre me acompanha. Às vezes, quando não prestam atenção, um desses rapazes leva um cascudo e isso não está correto, mas não sei como evitar zangar-me—confessou-lhe o frade.

— Bem, todos recebemos cascudos dos nossos professores, as crianças conseguem ser desesperantes.

Mas frei Agustín pôde verificar que Wadi nunca levantava a mão e que nem sequer se zangava quando algum daqueles meninos, em vez de prestar atenção, começava a brincar na aula. Wadi tinha sido abençoado com o dom de ensinar.

Também não demorou muito a encontrar um trabalho remunerado. Foi frei Agustín quem lhe falou de uma tipografia dirigida por um britânico que precisava de um empregado que soubesse escrever corretamente em inglês, além do árabe, e se tivesse conhecimentos de hebreu ainda melhor.

Mister Moore era hierosolimitano. Filho de um pastor anglicano, há cinquenta anos a sua família tinha-se instalado em Jerusalém. O pai de Mister Moore era um conhecido especialista em textos sagrados e assim que pisou Jerusalém, acompanhado pela sua esposa grávida, soube que nunca mais regressaria ao Reino Unido. Ali nasceu o seu filho Fred que foi educado como se vivesse no centro de Londres. Na verdade, só quando fez dezasseis anos é que Alfred Moore aprendeu árabe e um pouco de hebreu.

Os seus pais morreram de velhice em Jerusalém e foi ali que os enterrou convencido de que, no dia do Juízo Final, Deus os distinguiria entre todos os seus filhos.

Para Wadi era um mistério que um frade se desse tão bem com um anglicano como Moore, mas cada vez tinha mais a certeza de que, ou ele não percebia nada de frades, o que era muito provável, ou talvez frei Agustín fosse um frade especial, o que lhe parecia mais próximo da realidade. A questão é que, recomendado por frei Agustín, Fred Moore contratou-o para a sua tipografia. Começava a trabalhar por volta da uma da tarde, e já era noite quando acabava. Todas as sextas-feiras Wadi ia à mesquita, pois não podia deixar de agradecer a Alá pela sua boa sorte. O salário que recebia na tipografia parecia-lhe justo, e Mister Moore não se importava de que só começasse a trabalhar à hora do almoço desde que cumprisse as suas tarefas. A meio da tarde, Elisabeth, a esposa de Alfred Moore, oferecia-lhe uma chávena de chá que ele não recusava. Os Moore não tinham filhos. "Se Deus não nos quis abençoar com eles, terá as suas razões", disseram-lhe. No entanto, a senhora Moore ajudava frei Agustín sempre que podia cozinhando bolos para que ele os distribuísse entre as crianças. Mister Moore era extremamente discreto e não fazia comentários que não tivessem que ver com o funcionamento da tipografia, mas a sua esposa era menos rígida em relação à discrição. Numa tarde em que ela lhe entregou um pacote grande com cadernos para a escola, Wadi comentou que os iria entregar ao frade antes de regressar a casa. Ficou surpreendido com a resposta da senhora Moore.

— Leva-os amanhã, quem sabe onde é que frei Agustín poderá estar...

— Bem, imagino que o encontrarei no convento dos franciscanos—respondeu Wadi, estranhando o que acabava de ouvir.

— Não, não vais encontrá-lo aí... Bem, frei Agustín não se dá bem com os seus irmãos franciscanos...

— Então, onde é que o posso encontrar?

Elisabeth encolheu os ombros enquanto duvidava se devia dar-lhe ou não uma resposta.

— Não sei... na verdade dorme em qualquer lado... Às vezes até fica na própria escola. Ele... bem, ele não é um frade como os outros, nem sequer sei se continua a ser frade... Não te contou nada?

Pelo rosto de surpresa de Wadi percebeu que ignorava tudo sobre o frade.

— O meu marido vai-se zangar com a minha indiscrição... Enfim, não é que nós saibamos muito sobre frei Agustín, só sabemos que teve problemas em Espanha e que deixou o convento. Ao que parece decidiu vir para a Terra Santa para expiar os seus pecados, sejam eles quais forem. Há quem diga que foi expulso da ordem...

— Mas usa o hábito dos franciscanos—alegou Wadi.

— Usa um hábito velho e remendado. Mas há muitos penitentes que também usam hábitos—explicou Elisabeth.

— Mas alguém deve saber alguma coisa sobre ele...

— Não, garanto-te que ninguém sabe muita coisa sobre frei Agustín. Há uns anos apareceu em Jerusalém e desde então vive da caridade.

— Mas... bem, vocês conhecem-no...

— Salvou o meu marido. Numa noite, o Fred ficou a trabalhar até tarde na tipografia. Quando saiu para regressar a casa, deu-se conta de que alguém o seguia, acelerou o passo, mas um homem assaltou-o exigindo que lhe desse tudo o que levava com ele. Ele não tinha nada de valor, por isso o atacante zangou-se e começou a bater-lhe. Frei Agustín apareceu de repente e enfrentou aquele desalmado. Com um murro, mandou-o ao chão. Depois ajudou o meu marido a levantar-se. O meu marido estava atordoado pela pancada que tinha levado. Acompanhou-o a nossa casa. Podes imaginar a impressão com que fiquei ao vê-lo chegar naquele estado. O frade ajudou-me a deitá-lo e a limpar-lhe as feridas. O meu marido gemia de dor. Temos uma dívida de gratidão para com ele. Por isso, sejam quais forem os seus pecados, para nós é um homem bom.

Para Mohamed e Salma foi um alívio ver que o seu filho tinha encontrado um bom emprego e julgavam que já só faltava encontrar uma esposa adequada.

— A vida é generosa connosco—comentou Mohamed a Salma numa noite enquanto esperavam a chegada do seu filho.

— Sim, tivemos sorte. O Wadi parece ter encontrado o seu caminho e a nossa Naima parece feliz ao lado do Tareq. É-me difícil acostumar-me à ideia de que a nossa filha já é mãe. Quando olho para ela ainda a vejo como uma menina.

Mohamed pegou na mão de Salma e olhou-a com afeto. Censurava-se por não a ter conseguido amar como ela merecia. Tinha a certeza de que Salma sabia do seu amor por Marinna. Mas dos seus lábios nunca tinha escapado qualquer censura. Não, não se arrependia de ter casado com ela. A sua mãe acertou ao indicá-la como esposa e, apesar da ausência de sentimentos mais profundos, tinha-a amado à sua maneira e tinham sido felizes.

Olharam-se durante uns segundos e ela sorriu-lhe. Aquele olhar dizia-lhe que para ela também tinha sido um bom casamento por mais que tivesse desejado que ele a amasse com a mesma intensidade com que amava Marinna. Nenhum dos dois disse nada. Não era necessário.

— Devíamos começar a procurar uma esposa para o Wadi—sugeriu Salma ao seu marido.

— Antes de fazermos qualquer coisa, vamos falar com ele. Não me parece que o Wadi nos deixe impor-lhe uma esposa. Ele deve querer escolher.

— Mas ele não tem tempo para procurá-la, passa o dia a trabalhar...—protestou Salma.

— Ainda assim, é ele quem deve decidir—sentenciou Mohamed.

Salma não protestou. Desfrutava da companhia do seu filho e do seu marido. Nunca os tinha sentido tão próximos.

A rotina das suas vidas foi interrompida com a chegada de Ezequiel.

Miriam não tinha resistido à tentação de ir a casa dos Ziad para lhes anunciar a chegada do seu filho.

— Vamos buscá-lo a Haifa—disselhes entusiasmada.

Wadi não duvidou. Ele também iria. Tinha curiosidade por saber se a guerra tinha transformado Ezequiel. Nenhum homem sai incólume de semelhante experiência.

Se Wadi ficou surpreso com a presença de Sara, não o comentou com ninguém, e quando Salma disse que se notava que Ezequiel estava apaixonado por aquela rapariga, também não falou sobre o assunto.

Ezequiel não demorou muito a procurar a oportunidade de conversar a sós com o seu amigo. Wadi ouviu-o paciente, compreendendo que a dor pela perda do pai e da irmã se tinha misturado com a dor de Sara. Dava-se conta de que Ezequiel precisava de salvar Sara porque dessa forma tentava resgatar Samuel e Dalida e também se salvava a si próprio. Ezequiel tinha lutado na guerra, mas isso não lhe tinha servido para evitar que o seu pai e a sua irmã morressem nas câmaras de gás.

— O que é que achas da Sara?—perguntou-lhe Ezequiel, sempre direto e sincero com ele.

Wadi demorou a dar-lhe uma resposta. Quando olhava para os olhos de Sara via o reflexo do inferno ao qual a jovem tinha sobrevivido. Tinha dúvidas de que Sara alguma vez se curasse. Por isso procurou cuidadosamente as palavras que mais pudessem ajudar o seu amigo.

Pouco a pouco Sara foi-se tornando numa presença silenciosa nas suas vidas. Ela gostava de caminhar sem rumo. Às vezes cruzava-se com Salma, que a convidava sempre para tomar uma chávena de chá. Ela aceitava inclinando a cabeça. Sentava-se na cozinha e de vez em quando bebia semicerrando os olhos e, noutras ocasiões, fechava-os. Salma não tentava retirá-la do seu ensimesmamento. Continuava o que estava a fazer embora permanecesse sempre atenta a qualquer movimento de Sara. A jovem costumava ficar durante algum tempo, depois levantava-se, agradecia-lhe e regressava à Horta da Esperança.

— O silêncio dela inquieta-me—confessou Salma a Mohamed e a Wadi.

— Quando se viveu no inferno é difícil regressar à terra, ao mundo real—justificava-a Wadi.

— Meu filho, eu sei que a guerra foi terrível e nem quero pensar no que aquela rapariga passou... Ter sido prostituta com a esperança de salvar a vida dos seus filhos e depois saber que os torturavam e faziam experiências com eles...

Por vezes era Salma que acompanhava Miriam nos passeios que dava com Sara. Juntava-se a elas no caminho e às vezes chegavam até à Cidade Velha para verem Yossi e Yasmin. O cunhado de Miriam continuava a dar consultas. Mikhail costumava estar ausente. Nem Yossi nem Yasmin contavam onde, mas Salma não precisava que lho dissessem, tinha a certeza de que era um membro ativo da Haganah.

Junho de 1946 foi o mês escolhido pelo general Evelyn Barker para tentar ferir as organizações sionistas que faziam o que queriam desafiando o Império Britânico, quer fosse levando barcos cheios de refugiados até à sua costa ou provocando atentados contra instalações britânicas.

O dia estava prestes a começar quando os homens sob o comando do general Barker começaram a entrar nas casas dos principais dirigentes sionistas prendendo-os. Ao meio-dia já havia centenas de detidos.

— Vou até à Horta da Esperança—disse Mohamed à sua esposa.

Salma não se atreveu a contrariá-lo. Tal como ele, tinha estado todo o dia preocupada e tinha ido várias vezes à porta de casa inquieta caso houvesse alguma coisa estranha nos arredores. Mas não viu nada que a alertasse.

— Vou contigo.

Mohamed teria preferido ir sozinho, mas não se podia negar, por isso dirigiram-se à Horta de Esperança. Achou estranho o silêncio e ver a porta fechada. Mohamed bateu suavemente com os nós dos dedos e esperaram impacientes. Algum tempo depois Miriam abriu, e atrás dela apareceu Marinna.

— Estávamos preocupados...—disse Mohamed.

Convidaram-nos a entrar e enquanto Miriam preparava uma chávena de chá Marinna explicou-lhes a situação.

— Ontem à noite o Mikhail veio cá para nos prevenir sobre o que estava a acontecer... Graças a ele, o Igor conseguiu escapar. Mas estamos preocupadas com o Louis. Não sabemos nada dele desde que saiu de casa ontem de manhã.

— Não te preocupes, o Louis não se vai deixar apanhar—respondeu Mohamed para acalmá-la.

— E o Ezequiel?—perguntou Salma.

— Partiu com o Igor...—A voz de Miriam refletia angústia.

— O Mikhail vai saber cuidar deles—garantiu Mohamed, embora ele próprio estivesse preocupado.

Passaram juntos grande parte da tarde a comentar a situação política. Sara parecia inquieta. A ausência de Ezequiel afetava-a e, incapaz de permanecer sentada mais do que uns instantes, não deixava de caminhar de um lado para o outro da casa.

Ao cair da tarde, e estando preocupado com as detenções, Wadi também foi à Horta da Esperança.

— Encontrei o Omar Salem, contou-me que os britânicos não vão parar com as detenções. O general Barker teria gostado de prender Ben-Gurion, mas não o encontrou, parece que está fora da Palestina.—O tom de voz de Wadi era de preocupação.

— Os britânicos estão mais do que dispostos a acabar com a imigração ilegal e a demonstrar aos sionistas quem é que manda na Palestina—afirmou Mohamed.

Sara ouvia-os cada vez mais inquieta e de repente começou a gritar. Dirigiu-se à porta e começou a correr em direção às oliveiras. Wadi correu atrás dela e quando a agarrou mal conseguiu segurá-la.

— Não vai acontecer nada... confia em mim... vais ver como o Ezequiel voltará... eu próprio vou buscá-lo...

Mas Sara gritava cada vez mais alto. Marinna chegou ao pé deles e abraçou Sara tentando acalmá-la.

— Vá, não chores, não te preocupes, isto não é novo para nós, não vai acontecer nada—dizia enquanto a abraçava.

— Vão-nos matar... eles também... eu sei... Todos nos odeiam... querem-nos matar...—gritava.

Sem a ajuda de Mohamed e de Wadi, mas sobretudo sem Salma nem Miriam nem Marinna, não teriam conseguido que Sara regressasse. Por mais estranho que parecesse, Sara parecia encontrar sossego em Salma. Por isso, quando Salma se aproximou da jovem e lhe esticou os braços, Sara refugiou-se neles. Salma falava-lhe em voz baixa e acariciava-lhe o cabelo como se ela fosse uma criança.

Quando por fim regressaram a casa, tanto Mohamed como Wadi estavam ainda mais preocupados.

— Espero que não lhes aconteça nada—murmurou Mohamed.

— Alá não vai deixar. Tenho pena do sofrimento da Sara... Não sei o que é que podemos fazer para a ajudar—respondeu Salma.

Falaram durante algum tempo sobre a situação que estavam a viver. Omar Salem tinha-se mostrado categórico ao garantir que os britânicos iam meter os sionistas na linha. A essa hora já havia centenas de detidos e todos pensavam que Igor e Ezequiel podiam estar entre eles.

Foram-se deitar com a apreensão que provocava o facto de desconhecerem o destino dos seus amigos.

Embora os homens acabassem por dormir, Salma levantou-se pouco tempo depois já que era incapaz de fechar os olhos. Preparou uma chávena de chá e sentou-se na velha cadeira de baloiço a coser uma camisa de Mohamed. Era noite cerrada quando lhe chegou o eco de um leve ruído no jardim. Aproximou-se da janela, mas não viu nada. Não se atrevia a sair, nem sequer a incomodar Mohamed nem o seu filho, por isso ficou em silêncio tentando observar entre as sombras da noite. Olhou para o relógio, eram três da manhã, e embora a primavera já se tivesse instalado em Jerusalém, teve frio. Não demorou a

ouvir outro barulho, pareciam passos que se aproximavam da porta traseira de casa, justamente onde ela estava, na cozinha. Teve medo de que fosse algum malfeitor com intenções duvidosas. Julgou ouvir alguém a bater à porta. Não, não podia ser, disse para si que estava confusa. Pensou em apagar a luz, mas ouviu de novo com nitidez o seu nome e distinguiu a voz de Igor. Abriu a porta assustada e encontrou Igor e Ezequiel acompanhados por Mikhail. Pareciam esgotados. Fê-los entrar sem lhes perguntar nada.

— Vou chamar o Mohamed e o Wadi.

— Obrigado, Salma—respondeu Igor olhando-a com tal intensidade que ela afastou o seu olhar e foi acordar o marido e o filho.

Mohamed sorriu aliviado quando os viu, enquanto Wadi abraçou Ezequiel. Pediram-lhes imediatamente que lhes contassem o que tinha acontecido.

— Escondi-os em casa de um rabino amigo, mas não é um lugar seguro, por isso trouxe-os para aqui—explicou Mikhail.

— Fizeste bem. Aqui ninguém vem à procura deles—respondeu Mohamed sem qualquer dúvida.

— O Louis está na lista do general Barker, ainda bem que está há alguns dias em Telavive e aí é mais fácil esconder-se. Na verdade estamos todos na lista de Barker, talvez o único que não esteja seja o Ezequiel; não têm motivos para desconfiar dele, até há pouco tempo pertencia ao seu exército—continuou Mikhail a falar.

— Também estão à tua procura—afirmou Wadi olhando para Mikhail.

— Sim, também estão à minha procura—respondeu-lhe Mikhail.

— Então tu também tens de ficar—disse Mohamed.

— Não, eu tenho de me ir embora. Há milhares de detidos, acho que passam de três mil, entre eles alguns com responsabilidades na Agência Judaica. Além do mais, durante as revistas os ingleses confiscaram documentos importantes...—continuou Mikhail a explicar.

— Se partires, eles prendem-te—afirmou Salma, que naquele momento entrava na sala com uma bandeja com chávenas de chá.

— A única opção que tenho é correr o risco—garantiu Mikhail com pesar.

Igor insistia em acompanhar Mikhail, mas ele negava-se.

— Tu agora não podias fazer nada e não nos convém que te prendam, por isso é melhor para todos que o Mohamed te esconda aqui. Quanto ao Ezequiel... não me parece que lhe aconteça nada, não está na lista dos britânicos...—continuou Mikhail a dizer.

— Mas para os britânicos todos os que vivem na Horta da Esperança são suspeitos, não te esqueças de que estão à procura do Louis...—argumentou Igor.

— Vamos correr o risco. Acho que o Ezequiel pode regressar a casa ao amanhecer, mas tu ficas aqui.—Mikhail estava a dar uma ordem a Igor e este, embora de má vontade, aceitou-a.

Mohamed pediu a Salma que preparasse o antigo quarto de Aya para que os homens pudessem descansar. Mikhail agradeceu-lhe, mas não ficou. Naquele momento a noite ainda era sua aliada.

— Não preciso de vos dizer que ninguém deve saber que o Igor está aqui—avisou-os Mikhail antes de sair.

— Ninguém vai saber—garantiu-lhe Wadi.

— Devem-se comportar com normalidade, vão trabalhar, façam o mesmo que fariam num dia normal—insistiu Mikhail.

— Não te preocupes, ninguém vai suspeitar de que o Igor está aqui.

Mikhail saiu sossegado. Se podia confiar em alguém era nos Ziad. Sabia que se fosse preciso poriam as suas vidas em perigo para defenderem Igor.

— Precisam de descansar nem que seja algumas horas—disselhes Salma e convidou-os a ocuparem o

antigo quarto de Aya.

— Não sei se vou conseguir dormir—respondeu Ezequiel.

— Pelo menos deves tentar, quando uma pessoa está cansada não pensa bem, e amanhã será um dia complicado—respondeu Salma.

Quando Salma e Mohamed voltaram ao seu quarto, Wadi regressou à cozinha com a esperança de encontrar Ezequiel. Conhecia-o demasiado bem e sabia que o seu amigo estaria à sua espera porque precisava de falar com alguém.

A cozinha estava às escuras, apenas iluminada pelo reflexo da lua nas janelas.

— A minha mãe tem razão, devias tentar dormir.

Ezequiel sobressaltou-se ao ouvir a voz de Wadi.

— Não é fácil sentirmo-nos fugitivos no nosso próprio país—respondeu-lhe o seu amigo.

— O Mikhail disse que os britânicos não têm nada contra ti. Tu não és um dos chefes do Yishuv, e que eu saiba não pertences à Haganah nem a nenhum desses grupos que atacam os britânicos.

Olharam-se através da escuridão. Wadi sabia que Ezequiel teria de decidir entre confiar nele ou não responder.

— Se me perguntas se quero ou estou disposto a lutar com os grupos de defesa judeus, a minha resposta é sim. Que outra coisa poderia fazer? Durante a guerra combati com os soldados ingleses, pusemos a vida em risco juntos, matámos juntos. Custa-me muito vê-los como meus inimigos, na verdade não posso vê-los assim por mais que agora persigam judeus na Palestina e se neguem a permitir que os sobreviventes dos campos de extermínio que queiram encontrem aqui um lar.

— Não te podes permitir ser neutro—respondeu Wadi.

— Tens razão, não mo posso permitir. Mas também não gosto de lutar contra quem foi ontem meu irmão de armas. Se me obrigarem a escolher, e já me obrigaram, a minha lealdade é para com a minha família e os meus amigos. Sabes uma coisa? O meu pai nunca soube de onde era. Quando era pequeno, ouvia-o falar com a minha mãe. Ela sempre soube de onde é, nasceu aqui e sente-se palestiniana, tal como tu. Mas o meu pai nasceu numa aldeia da Polónia que pertencia ao Império Russo, foi ali que a sua família foi assassinada num pogrom, fugiu com o seu pai para São Petersburgo e foi lá que se tornou homem. A sua mãe era francesa, judia, sim, mas francesa. Ele passou longas temporadas em Paris, depois veio para a Palestina. Acho que, até que se reencontrou com a Katia, foi mais feliz aqui do que em qualquer outro lado.

— Tu nasceste aqui—recordou-lhe Wadi.

— Sim, eu nasci aqui, não sou um apátrida como foi o meu pai. Tu já o disseste, não posso escolher. Se a Haganah me aceitar, lutarei com eles, mas mesmo se não o fizesse, a sua guerra é a minha guerra. Diz-me, Wadi, achas que podemos viver todos aqui?

Wadi ficou calado durante algum tempo enquanto procurava uma resposta da qual não tinha a certeza absoluta.

— Não sei, Ezequiel. Alguns dos nossos líderes acham que vocês querem a Palestina só para os judeus, que se continuarem a vir mais judeus para cá acabaremos por ser estranhos na nossa própria terra. Desconfiam dos vossos líderes, das vossas intenções. Têm razão para o fazer? Diz-me tu.

— Eu também não sei, Wadi. Posso responder-te sobre o que eu penso e sinto, sobre o que acho que deve ser, mas que talvez não seja. Quero acreditar que podemos partilhar a Palestina, que entre todos poderíamos construir um Estado democrático como a Inglaterra. Será possível, Wadi? Isso depende de nós.

— Não, não depende de nós, é esse o problema.

— Mas depende de nós não nos deixarmos arrastar pela loucura alheia...

Falaram até a luz do dia lhes permitir ver a cara um do outro. Naquela noite selaram um compromisso: independentemente daquilo que acontecesse, jamais levantariam a mão um contra o outro.

Mohamed acompanhou Ezequiel à Horta da Esperança. Miriam abraçou o seu filho e no rosto de Sara refletiu-se uma expressão de alívio.

— Não te preocupes, o Igor vai ficar connosco até o perigo passar—disse Mohamed a Marinna.

Ela agradeceu-lhe. Sabia que Mohamed, se fosse preciso, defenderia Igor com a sua própria vida.

Combinaram não se exceder nas visitas para não levantarem suspeitas caso alguém os estivesse a vigiar. Miriam temia pela sorte de Ezequiel, mas ele sossegou-a:

— Mãe, é muito cedo para que os britânicos me considerem seu inimigo.

Mohamed ficava um pouco inquieto quando Igor ficava a sós com Salma e decidiu ir buscar Naima. Não lhe custou convencer Tareq a deixar a sua filha passar alguns dias na casa paterna.

— A Salma tem saudades da filha e do neto. Se os deixasses passar uns dias connosco, a sua mãe seria a mulher mais feliz do mundo.

Tareq aceitou. A distância entre Jerusalém e Jericó era demasiado curta para alegar que Naima e o seu filho Amr poderiam ficar cansados com a viagem.

Salma não disse nada quando viu Mohamed regressar a casa com a sua filha e o seu neto. Para ela era uma alegria tê-los aos dois em casa. Compreendeu de imediato que o que Mohamed queria evitar era que estivesse a sós com Igor. Não o censurou. Sabia que o seu marido protegia a sua reputação embora naquela ocasião fosse de supor que ninguém devia saber da presença de Igor.

Para Mohamed não era fácil dar abrigo ao marido de Marinna. Não é que tivesse duvidado. O seu sentido de lealdade e a amizade estavam acima de qualquer outra consideração, mas ver Igor fora da pedreira fazia-o lembrar com mais intensidade que era o homem que partilhava as noites com Marinna, e isso ainda o magoava.

Numa noite, Louis apareceu de surpresa na casa de Mohamed.

— O Igor pode regressar à Horta da Esperança—anunciou para alívio de Mohamed.

— Tens a certeza de que já não o procuram?—perguntou Wadi.

— Prenderam demasiadas pessoas e estão muito ocupados com toda a documentação que nos confiscaram e que agora guardam no seu quartel-general—respondeu Louis.

— É preciso reconhecer que os britânicos têm bom gosto, não me parece que exista um lugar melhor do que o King David para instalar um quartel-general—brincou Wadi.

Apesar do que Louis achava, Igor foi detido, embora não ficasse na prisão muitos dias. Foi precisamente Mohamed quem foi ter com as autoridades britânicas para saber de Igor e foi quem, através dos contactos do seu cunhado Yusuf, conseguiu que os ingleses considerassem que o detido não era importante. Perante si próprio, Mohamed sentia que era a forma de lavar parte da culpa por amar Marinna.

Foi no dia 22 de julho de 1946 que se ouviu a explosão. Wadi estava na escola. As crianças gritaram assustadas. Frei Agustín mandou-as calar, mas não lhe ligaram. De repente, nas ruas de Jerusalém, ecoaram os gritos de medo, de angústia, de desespero.

— Está a acontecer alguma coisa muito grave—comentou o frade a Wadi.

— Vou sair para ver o que aconteceu.

— Nem penses! Vamos ficar com as crianças até termos a certeza de que não há perigo—respondeu o frade.

Não demorou muito a aparecer na escola um grupo de mulheres à procura dos seus filhos. Estavam aterradas e uma delas contou-lhes que o hotel King David tinha explodido.

Frei Agustín sorriu fazendo um gesto com a mão a Wadi para que não levasse a sério o que a mulher

tinha dito. Mas Wadi ficou inquieto. Os britânicos governavam a Palestina a partir de uma das alas do hotel King David, e Wadi não se atrevia a pensar que aquela explosão se pudesse atribuir a alguma organização judaica que tinha decidido devolver aos britânicos o "olho por olho" pelo "Sábado Negro" no qual centenas de judeus tinham sido presos.

Quando por fim todos os meninos saíram da escola, Wadi dirigiu-se ao hotel, que não ficava muito longe.

Os soldados britânicos impediam que os curiosos se aproximassem do King David, pois a explosão tinha transformado a ala sul do hotel num monte de escombros. Mais tarde soube-se que a tragédia tinha matado noventa pessoas e tinha feito mais de uma centena de feridos.

Wadi julgou ver Omar Salem entre os feridos que estavam a receber cuidados médicos, e insistiu com um soldado para o deixar aproximar-se.

Omar Salem estava abalado, mas não tinha sofrido nenhum ferimento grave. Estava no jardim do hotel quando se deu a explosão e isso salvou a sua vida.

— Yusuf!—conseguiu dizer Omar Salem quando viu Wadi inclinar-se sobre ele.

— Estava contigo?—Wadi ficou alarmado ao pensar que o marido da sua tia Aya podia estar debaixo dos escombros.

— Não... não... estava à espera dele... Tinha de me trazer uns papéis para uma reunião... Eu... não sei... mas não o vi.

Duvidava entre deixar ali Omar Salem e ir procurar Yusuf, mas a enfermeira ajudou-o a tomar a decisão.

— Vá procurar essa pessoa e não se preocupe, ele está bem—disse apontando para Omar Salem.

Não demorou a encontrar Yusuf e abraçaram-se reconfortando-se um ao outro.

— O Omar Salem estava à minha espera, atrasei-me e quando cheguei...—Yusuf conteve as lágrimas. Não lhe saía da cabeça que podia ser um dos mortos.

Quando Omar Salem viu Yusuf não conseguiu evitar emocionar-se. "Salvaste-te", disse enquanto o abraçava. Depois decidiram que o melhor era afastarem-se dali.

Quando chegaram a casa de Omar, a sua esposa estava à porta, nervosa porque já sabia da explosão e temia pelo seu marido, pois naquela manhã, ao despedir-se ele tinha comentado que ia para uma reunião no King David.

A mulher insistia em que deviam chamar um médico para que examinasse Omar, mas este negava-se.

Perante a insistência da sua esposa, por fim, cedeu. Doía-lhe a cabeça e custava-lhe entender o que diziam. A explosão tinha-o deixado surdo.

Yusuf encarregou-se da situação e, seguindo as indicações da esposa de Omar, foi chamar o médico.

Wadi não podia fazer grande coisa naquele momento, por isso dirigiu-se à tipografia, pensando que talvez os Moore tivessem alguma informação sobre o que tinha acontecido.

Mister Moore parecia ter perdido a sua fleuma britânica. Andava de um lado para o outro com sintomas de agitação interior. Entretanto, a sua esposa Elisabeth pedia-lhe que se acalmasse.

— Disseram-me que pouco antes da explosão uns soldados enfrentaram uns homens que, ao que parece, fingiam ser empregados do hotel... Diz-se que foram eles que provocaram a explosão... Nem sequer quero pensar de que laia devem ser os responsáveis de tamanha atrocidade!—gritava Mister Moore.

— Talvez possamos ajudar—disse Wadi.

— Agora o principal objetivo será encontrar os culpados e enforcá-los. Que Deus me perdoe, mas é o que merece quem provocou tal tragédia—respondeu Moore.

— Estamos preocupados porque alguns dos nossos conhecidos podem estar entre as vítimas—

confessou Elisabeth Moore.

Aquele já não podia ser um dia normal, por isso os Moore deram folga a Wadi até ao dia seguinte.

— Temos de fazer algumas visitas...—desculpou-se Elisabeth.

Para Wadi foi um alívio não ter de ficar. Queria ir para casa, verificar que o seu pai estava bem. Era difícil que Mohamed tivesse estado no King David naquele dia, não tinha motivos para isso, mas, mesmo assim, precisava de verificar e de comprovar também que Hassan, o velho tio do seu pai, e o seu filho Khaled estavam bem. Khaled tinha-se tornado um próspero comerciante e, como todos os que eram alguém em Jerusalém, não era insólito que fosse ao King David fechar algum negócio.

Mal o viu abrir a porta da cerca que dava passagem para a horta, Salma correu para Wadi.

— Alá seja louvado! O teu pai está à tua procura pela Cidade Velha, estávamos muito preocupados contigo.

— Estou bem, mãe, estava na escola quando ouvimos a explosão, mas onde é que o pai me foi procurar?

— Disse-me que ia à tipografia.

— Venho de lá, espero que chegue antes de os Moore terem saído e que lhe possam dizer que estou bem e venha para cá. Devia ir buscá-lo...

— Não! É melhor ficares aqui. Não seria sensato que fossem um atrás do outro.

— E o tio Hassan e o Khaled?—perguntou Wadi sem lhe esconder a sua preocupação.

— O Hassan está bem, já sabes que mal sai, mas o Khaled... o teu pai também estava preocupado com ele.

Wadi contou-lhe que tinha encontrado Yusuf com Omar Salem e que os dois estavam bem.

— Alá quis protegê-los. Diz-me, meu filho, o que é que aconteceu?

— Só sei que o King David desabou. Mister Moore contou-me que uns soldados surpreenderam uns falsos empregados e que houve um tiroteio... mas não sei se tem que ver com a queda do hotel.

— E quem quereria destruir o King David...?—Salma quase não se atrevia a dizer aquilo em que estava a pensar.

— Foi isso que eu me perguntei, mas a explosão pode ser fortuita... Não sei o que pensar, mãe...

— Talvez alguém tenha decidido dar uma lição aos britânicos atacando o coração do seu quartel-general.—Salma olhou para o seu filho arrependida do que acabava de dizer.

— Eu também cheguei a pensar nisso.

Mohamed ainda demorou algumas horas a regressar e suspirou aliviado ao ver Wadi, embora naquela altura já soubesse que estava bem porque tinha conseguido ir à tipografia antes de os Moore saírem.

— Fui à casa do Omar Salem, o Yusuf estava lá. Contou-me que à uma tinham um encontro com um comerciante egípcio e que foi isso que lhes salvou a vida. Se tivessem chegado antes teriam sido surpreendidos pela explosão, mas como o Omar é sempre muito pontual com as horas adiantou-se alguns minutos ao Yusuf e pôde ver como o hotel vinha abaixo.

— Queixava-se de uma forte dor de cabeça e de que não ouvia bem—recordou Wadi.

— O médico disse que a perda de audição é a consequência da onda expansiva—explicou Mohamed.

— Vai ficar surdo?—perguntou Salma.

— Não sei, o médico disse que era preciso esperar algum tempo antes de dar um diagnóstico definitivo. No entanto, agora quem me preocupa é o meu primo Khaled. Estive nos arredores do King David. Passei pelos hospitais, mas ninguém me soube dar nenhuma notícia do Khaled. O Omar Salem prometeu que porá os seus homens à sua procura. O meu tio Hassan é demasiado velho para fazer alguma coisa; quanto à sua esposa Layla, já sabem como é. Não para de chorar. Salma, quero que me acompanhes à casa do Hassan, assim poderás ajudá-los. E tu, Wadi, vai à Horta da Esperança e vê se

estão todos bem.

Marinna alegrou-se ao vê-lo e abraçou-o com afeto como uma mãe abraça um filho. "Na verdade poderia ter sido seu filho", pensou Wadi.

Nem Ezequiel nem Igor se encontravam em casa. Mas naquela altura Marinna já sabia que estavam os dois bem. Ezequiel tinha saído com Sara ao início da manhã, queria que ela conhecesse o kibutz onde ele tinha crescido. Quanto a Igor, tinha passado o dia na pedreira e ali continuava.

— A Miriam foi à cidade, estava preocupada com o seu cunhado Yossi e com a sua sobrinha Yasmin. Já sabes que a Yasmin não se separa do pai e não é que o Yossi saia muito ultimamente, mas de vez em quando gosta de se reunir com o seus amigos a conversar no terraço do King David. Quanto ao Mikhail, esta semana está em Telavive—informou-o Marinna.

— E o Louis?—quis saber Wadi preocupado.

— Já sabes que o Louis vai e vem e que nunca sabemos onde para. Mas se tivesse estado em Jerusalém teria vindo à Horta da Esperança, por isso não está cá.

Khaled estava entre os feridos. Só no dia seguinte é que souberam, tal era a confusão. Os médicos não pareciam otimistas quanto ao seu prognóstico e Mohamed amaldiçoava quem tinha estado prestes a tirar a vida ao seu primo.

— Têm de pagar por isto—dizia Mohamed, e Salma tremia ao ouvir o seu marido, porque sabia que não ia parar até encontrar quem tinha ceifado tantas vidas.

Nos dias seguintes soube-se que a explosão do King David tinha sido fruto de um atentado do Irgun. Tinham colocado mais de trezentos quilos de dinamite na cave do hotel. Do Irgun garantiam que tinham ligado para o hotel para avisar de que ia explodir uma bomba. Mas ninguém parecia ter recebido aquela chamada. A explosão acabou com a vida de britânicos, árabes e judeus.

Por mais que a Agência Judaica e o próprio Ben-Gurion condenassem o atentado, ninguém duvidava de que a Haganah, o exército secreto de Ben-Gurion, era em parte culpada, já que nos últimos tempos tinha atenuado as diferenças com o Irgun e se tinha aliado ao grupo para enfrentar os britânicos.

— Embora não tenham posto os explosivos, sabiam-no. Sabiam o que os seus amigos do Irgun iam fazer e por isso são igualmente culpados—garantia Mohamed sem hesitar.

Salma pediu a Wadi para falar com Mohamed.

— Se o Khaled morrer, o teu pai vai querer vingar-se, e tens de o evitar.

Wadi perguntava-se como poderia impedir que o seu pai fizesse o que a consciência lhe mandava. Mohamed era um homem de ideias firmes, honrado, tenaz, leal até à morte àqueles de quem gostava, e por isso mesmo considerava que se alguém magoava aqueles que amava devia pagar por isso. Wadi só se atreveu a recordar que a vingança, "o olho por olho", era o que dizia o Livro dos judeus.

— Se um homem não for capaz de defender os seus, então que tipo de homem é? Quem poderá confiar nele?—respondeu Mohamed.

Pai e filho não podiam ser mais diferentes. Wadi tinha herdado o carácter aprazível e conciliador de Salma. Tal como ela, era um sonhador que detestava a violência, enquanto Mohamed era um guerreiro à moda antiga. Até Aya, a sua irmã, lhe dizia às vezes na brincadeira que ele não era parecido com ninguém da família que ela conhecesse.

— O pai não era como tu, nunca se deixou arrastar pelas suas emoções.

Para alegria de todos, Khaled recuperou. Mas enquanto ficou no hospital, a sua mãe, Layla, teve um ataque de coração do qual não sobreviveu. Morreu sem que o seu filho pudesse acompanhá-la ao túmulo.

Hassan perdeu toda a vontade de viver. Nem sequer a esperança de uma recuperação do seu filho conseguia tirá-lo da sua apatia. Tinha vivido cinquenta anos com Layla, tinham tido dois filhos, Salah, morto por um sonho, o de um grande Estado árabe, e Khaled, que agora estava a lutar pela vida. Podia

suportar as duas desgraças, mas sempre que tivesse Layla ao seu lado, sem ela não tinha forças para continuar a respirar.

Salma ia todos os dias a sua casa para a limpar e costumava levar-lhe parte da comida que cozinhava para Mohamed e Wadi.

— Estou preocupada com o teu tio Hassan, está há muitos dias na cama—comentou Salma a Mohamed.

— Vou vê-lo, vou insistir para que venha comigo visitar o Khaled, isso vai animá-lo.

No dia em que Khaled saiu do hospital toda a família foi visitá-lo a casa. Salma tinha-se esmerado preparando vários pratos para os convidados.

— Finalmente posso casar!—exclamou Noor, a filha de Aya, enquanto cumprimentava a sua tia Salma.

— Não tenhas tanta pressa em casar, o casamento é muito longo—retorquiu Aya.

Noor não respondeu à sua mãe, se o tivesse feito ter-lhe-ia dito que estava apaixonada pelo jovem que o seu pai tinha escolhido para ela. Emad era alto e vigoroso e tratava-a com delicadeza. Ela desejava viver com ele. Sempre se tinha perguntado se alguma vez a sua mãe amou o seu pai como agora ela amava. Talvez a passagem dos dias vá apagando a ilusão nos casamentos e, por isso, nunca viu os olhos da sua mãe brilharem quando estava perto do seu pai.

Mohamed tinha convencido o seu tio Hassan a levantar-se e a lavar-se para receber Khaled.

— O teu filho não vai gostar de te ver nesse estado.

Foi Wadi que se encarregou de ir buscar Khaled ao hospital para levá-lo a casa sem lhe dizer que toda a família estava à sua espera para celebrar a sua recuperação, por isso Khaled ficou emocionado quando viu todos os seus à espera à porta de casa.

Naquela ocasião Mohamed não convidou nenhum membro da Horta da Esperança. Wadi tinha-lho sugerido, mas Mohamed mostrou-se inflexível.

— Como é que os vamos convidar? Foi uma bomba judaica que quase acabou com a vida do Khaled.

— Mas os nossos amigos não são responsáveis pelo que outros judeus fizeram—protestou Wadi.

— Não sejas ingénuo, meu filho, sabes bem que nos últimos meses todos os grupos judeus armados têm vindo a colaborar na luta contra os ingleses. Ben-Gurion condenou o atentado contra o King David, mas a Haganah sabia que isto podia acontecer. Não, nem eles nem nós nos sentimos à vontade. Vamos dar tempo ao tempo.

E enquanto o tempo passava, Noor casou com Emad e os habitantes da Horta da Esperança foram ao casamento. Aya não teria consentido que fosse de outra forma. Marinna continuava a ser como uma irmã para ela. Ainda assim, não se sentiram bem uns com os outros. Os amigos do noivo olhavam com desconfiança para aquele grupo de judeus a quem os Ziad tratavam como se fossem da família.

O próprio Omar Salem censurou Yusuf pela presença de Louis, Igor, Marinna, Miriam, do seu filho Ezequiel e de Sara, aquela estranha rapariga da qual ele mal se separava. Até apareceram Mikhail e Yasmin.

Marinna contou a Aya que o seu marido Igor tinha ponderado não ir, mas ela tinha deixado claro que "por nada do mundo deixaria de assistir aos esponsais da Noor".

Mohamed sabia que a presença de Louis não se devia apenas ao afeto que sentia por Noor. No casamento poderia falar com o próprio Omar Salem e com outros notáveis sem levantar muitas suspeitas. Quando a cerimónia terminou, Louis dirigiu-se sem disfarçar a Mohamed.

— Lamento o que aconteceu ao teu primo Khaled—disselhe.

— Diz-lhe isso a ele, esteve prestes a morrer—respondeu Mohamed de má vontade.

— Vou dizer, mas também te queria dizer a ti. A Haganah não teve nada que ver com o que aconteceu

no King David.

— Achas que eu vou acreditar nisso?

— Sim.

— Julgava que na amizade que nos une não havia lugar para a falsidade.

— Garanto-te que não tivemos nada que ver com o atentado e, acredita, nunca o teríamos permitido se soubéssemos quantos mortos e feridos provocaria. Lembro-te de que também há judeus entre as vítimas.

— O que é que queres, Louis?—inquiriu Mohamed, que conhecia demasiado bem aquele homem que, pela sua idade, podia ser seu pai.

— O que sempre quis, evitar o confronto entre árabes e judeus. Os ingleses vão-se embora e todos nós ficaremos aqui e teremos de viver juntos.

— E como é que o faremos se o que pretendem é criar um Estado próprio?

— Não sei como é que faremos, mas teremos de o fazer, teremos de ser capazes de construir o futuro juntos.

Omar Salem juntou-se à conversa, algo que Louis já esperava.

— Os britânicos pretendem que nos voltemos a reunir em Londres—afirmou Omar Salem olhando fixamente para Louis.

— Sim, eu sei. A Palestina começa a pesar-lhes. Pretendem que cheguemos a uma solução razoável para todos, para eles também—respondeu Louis.

— E qual é essa solução?—perguntou Omar Salem.

— Acho que árabes e judeus estão de acordo em que os britânicos se devem ir embora. Esse é o primeiro passo que se deve dar, depois teremos de chegar a um acordo entre nós.

— Um acordo? Não há nada que acordar. A Palestina pertence-nos, os judeus podem viver aqui sempre que não se esqueçam disso. Ah! E a chegada de barcos com judeus tem de parar de uma vez por todas.

Louis encolheu os ombros e nesse gesto estava a sua resposta. Nem a Agência Judaica nem a Haganah estavam dispostas a parar a imigração ilegal para a Palestina. Estavam a desafiar o Império Britânico enganando os seus controlos no mar para levarem até à costa palestiniana barcos carregados com judeus sobreviventes da guerra e dos campos de extermínio, e iam continuar a fazê-lo.

— A nossa intenção é chegar a um acordo convosco—insistiu Louis.

— E a nossa, ter as rédeas do nosso próprio país.

— Vamos ter de nos entender, estamos aqui e vão continuar a chegar judeus. Esta é a terra dos nossos antepassados.

— Pretendes que cedamos a nossa terra porque há dois mil anos já havia judeus aqui?

— Não estou a falar de ceder, estou a falar de direitos e de partilha. Sempre existiram judeus na Palestina, sempre.

Desta vez, foi Omar Salem quem encolheu os ombros. Não tinha nada contra Louis, de facto, quando tinham chegado a algum acordo, tinha bastado um aperto de mão ou a palavra do outro para fechá-lo. Mas aqueles judeus estavam loucos se achavam que depois de os ingleses partirem poderiam ficar com a Palestina; não lhes permitiriam que ficassem nem sequer com um pedaço. Olharam-se sabendo que começava a criar-se um abismo e que, caso continuasse a aumentar, seria insuperável. Mas não disseram mais nada. Ambos eram convidados do casamento de Noor e nenhum se teria perdoado que uma discussão tivesse ensombrado a festa da filha de Aya e Yusuf.

Não passaram muitos dias desde aquele casamento quando Hassan apareceu morto na sua cama. O ancião tinha tido a mesma morte que teve a sua querida Layla, o coração parou enquanto dormia.

Mohamed chorou a morte do seu tio materno. Hassan tinha sido um bom homem. Embora Khaled parecesse recuperado, a perda do seu pai afundou-o na melancolia.

— Pensei em ir para Beirute ou talvez para Damasco—confessou ao seu primo Mohamed.

— Mas porque é que te queres ir embora? O que devias fazer é procurar uma esposa. Os teus pais estavam preocupados que não tivesses voltado a casar para lhes dares alguns netos.

Ficaram em silêncio durante uns segundos. Khaled pensou em Fadwa, a sua esposa falecida tentando trazer ao mundo um filho que tinha morrido nas suas entranhas. Ao perder Fadwa tinha perdido uma parte de si próprio.

— Sim, devia tê-lo feito—respondeu—,mas até agora não encontrei uma mulher com a qual queira partilhar o resto da minha vida. Quando conhecer alguma que me desperte algum interesse, vou pensar no assunto.

— O casamento é um dever—lembrou-lhe Mohamed.

— É precisamente a isso que eu me nego. Primo, deixa-me que te dê um exemplo. Casaste com a Salma, que é a melhor das mulheres, mas todos sabemos que não deixaste de pensar na Marinna nem um só dia. Lembro-me de vocês em crianças, sempre juntos, a falar, a partilhar confidências. Quando estavam juntos, para vocês ninguém mais tinha importância. Foste feliz? A Marinna foi feliz? Pergunto-me como é que foram capazes de viver tão perto um do outro...

Por mais que Mohamed estimasse o seu primo, não gostou que se atrevesse a intrometer-se no mais profundo do seu ser. Ele e Marinna sempre tinham agido com decoro e não tinham feito nada que envergonhasse as suas famílias. Não tinha sido fácil para nenhum dos dois, mas conseguiram dominar-se a si próprios e agir com dignidade.

— Lamento ter-te incomodado—desculpou-se Khaled.

— Não... não é isso... Não gosto de falar sobre os meus assuntos e muito menos sobre os meus sentimentos. Tu já o disseste, a Salma é a melhor esposa que um homem pode desejar e garanto-te que nem um só dia me arrependi de ter casado com ela. Sabes uma coisa, Khaled? Temos de ser fiéis à nossa honra, à nossa família, às nossas tradições, aos nossos ideais. Se nos deixássemos levar só pelas paixões... Eu cumpri o meu dever, e por nada do mundo mudaria o facto de ter tido dois filhos tão magníficos como o Wadi e a Naima.

— Sim, és um homem com sorte.

— Não podes continuar a fazer luto pela Fadwa—censurou-o Mohamed.

— Daqui a duas semanas vou-me embora. Podes encarregar-te da minha casa? Não a quero vender, mas também não gostava que acabasse em ruínas. Um dia voltarei.

Mohamed prometeu-lhe que o faria.

Numa tarde Ezequiel apareceu na tipografia dos Moore à procura de Wadi.

— O Ben chega daqui a uma semana!—anunciou ao seu amigo.

— Temos de avisar o Rami para celebrarmos.—Wadi partilhava a sua alegria.

— Por isso vim dizer-to. A Marinna e o Igor estão felizes com o regresso do seu filho. Não o veem desde que fomos para a frente.

— Outra vez os quatro juntos, o Ben, o Rami, tu e eu...—As palavras de Wadi estavam cheias de nostalgia.

Os dois amigos recordaram os anos de infância quando Wadi e o seu primo Rami, o filho de Aya e Yusuf, se escapavam com Ben e Ezequiel. Os quatro tinham sido inseparáveis.

— Como as coisas mudam... Agora o Rami dedica-se aos negócios agrícolas do Omar Salem, pelo que sei, quer ter a sua independência; tu estás a estudar na universidade; o Ben... já me contaste que o Ben se dedica a ajudar os judeus a chegarem à Palestina, e eu sou o que sempre quis ser, professor—

disse Wadi.

— Como o tempo passa!—respondeu Ezequiel.

— Falas como se tivéssemos mil anos... O Rami tem vinte e sete, o Ben vinte e quatro, e eu vinte e seis, e tu continuas a ser o benjamim com vinte e dois—recordou-lhe Wadi.

— Mas combati numa guerra e sobrevivi para contá-lo—replicou Ezequiel.

— Sim, a guerra tornou-nos a todos mais velhos, mas se Alá o permitir teremos uma longa vida pela frente.

— Sabes uma coisa? Ainda bem que o Ben vem porque vou casar.

Wadi não ficou surpreendido com a confissão de Ezequiel. Deu-se conta de que na verdade era isso que lhe tinha vindo dizer e que preferia fazê-lo longe da Horta da Esperança. Mister Moore deixou Wadi sair um pouco mais cedo e os dois amigos decidiram passear pela Cidade Velha. Gostavam de percorrer o perímetro das suas muralhas, de passar de um bairro para o outro.

— Vais casar com a Sara.—Wadi não lhe perguntava, tinha a certeza de que a mulher escolhida por Ezequiel não podia ser outra.

— Sim, atrevi-me a pedi-la em casamento e ela aceitou. Desde que está aqui melhorou muito. Às vezes ri-se... e é muito carinhosa com a minha mãe.

— Mas não vão poder ter filhos—lembrou-lhe Wadi.

— Eu sei, a minha mãe já me avisou de que talvez com os anos eu sinta falta de ter filhos. Não duvido de que isso vá acontecer, mas não queria casar com outra mulher que não fosse a Sara, por isso é o que faremos.

— E quando é que se casam?

— A minha mãe pediu-me que lhe dê tempo para organizar a cerimónia. Eu gostava que fosse o mais depressa possível, mas não será até à primavera do próximo ano, por isso caso em março de 1947. E tu, não pensas casar?

— Não sejas como a minha mãe! Não há dia em que não me proponha apresentar-me a filha de alguma das suas amigas. Vou acabar por ceder, claro, embora gostasse de encontrar esposa sem intermediários.

Fizeram planos sobre o que fariam quando Ben chegasse e também falaram sobre os últimos acontecimentos, os atentados do Lehi e do Irgun contra os britânicos, atentados nos quais não só se perdiam vidas de soldados na Palestina. O Irgun tinha-se atrevido a perpetrar um atentado contra a embaixada britânica em Roma.

— Os ingleses vão-se embora—garantiu Ezequiel.

— Sabes uma coisa? Às vezes tenho medo de que o façam porque então não haverá ninguém no meio para evitar o que possa acontecer entre nós e vocês—respondeu Wadi.

— Vamos ficar melhor sem os britânicos.—Ezequiel parecia convencido disso.

Wadi não podia deixar de ficar surpreendido com a ingenuidade de Ezequiel. Por mais que tivesse combatido na guerra e matado homens, mantinha um otimismo que lhe parecia infantil. O seu amigo negava-se a aceitar que, mais cedo ou mais tarde, o choque entre árabes e judeus seria inevitável se a Agência Judaica e os seus líderes não desistissem do seu empenho em ter uma pátria própria dentro da Palestina.

Ele sabia que os comandantes do Palmach e da Haganah aproveitavam a experiência de Ezequiel na guerra para ensinar outros jovens a combater. Na verdade, todos os judeus colaboravam com as duas organizações de defesa. Ezequiel nunca lho tinha escondido. Da mesma forma que sabia que Ben fazia parte da Haganah e que a partir da Europa se dedicava a ajudar os refugiados judeus a chegarem à Palestina.

— É um escândalo que os britânicos nos persigam—queixou-se Ezequiel—e que o mundo não se importe com o destino dos judeus. O que tem de nos acontecer mais para nos deixarem viver em paz? Hitler quis exterminar-nos e agora os países que o derrotaram não sabem o que fazer com os judeus; todos lamentam o nosso sofrimento, mas negam-se a facilitar vistos aos judeus que querem sair da Europa. Hipócritas!

— Vais continuar a viver na Horta da Esperança?—perguntou Wadi para mudar de assunto.

— Sim, é o que a Sara quer, acho que se sente protegida pela minha mãe e pela Marina.

Caminharam algum tempo, fazendo planos para quando Ben chegasse. Depois, ao chegarem à grade que dividia as duas hortas, separaram-se contentes por terem partilhado aquelas horas.

Wadi conheceu Anisa Khalil por acaso. Numa manhã, ao chegar à escola, frei Agustín estava à sua espera com as crianças mais novas em fila.

— Temos de as vacinar—anunciou-lhe.

— Nós?

— Temos de as levar ao hospital. Bem, vais levá-las tu, eu fico aqui com as mais velhas. Quando acabarem de as vacinar, regressam.

Wadi não protestou porque sabia que era importante que os meninos fossem vacinados. Os pequenos estavam contentes por dedicarem a manhã a alguma coisa que não fosse aprender a ler. Entrar no hospital pareceu-lhes uma aventura.

Uma enfermeira indicou a Wadi onde se devia dirigir para a vacinação. Chegou a uma porta que estava aberta. Uma mulher consolava o seu filho, que chorava assustado após a primeira picadela que acabava de receber no braço. Uma enfermeira que estava de costas virou-se oferecendo um rebuçado ao pequeno. Wadi ficou a olhar para a enfermeira pensando que era uma mulher muito bonita. Ela olhou para ele e com um sorriso convidou-o a entrar.

— Venho da parte de frei Agustín, acho que vão vacinar os nossos meninos.

— Ah! Estes são os meninos da escola do frade? Por favor, entre, quantos são?

— Trouxe doze, amanhã venho com os restantes.

Quando os meninos viram a enfermeira com a seringa na mão começaram a chorar e resistiram a estender-lhe o braço. Ela prometeu-lhes rebuçados se fossem corajosos.

— Bem, já estão todos—disse satisfeita ao terminar, enquanto Wadi tentava acalmar o mais pequeno, que chorava aos gritos.

— Bem... muito obrigado... Amanhã estou de volta...

Esteve tentado a perguntar-lhe o seu nome, mas não se atreveu. Pareceu-lhe uma mulher muito decidida e segura de si própria, que o fitou quando ele a olhou embasbacado.

No dia seguinte, frei Agustín disselhe que se encarregaria de levar os restantes meninos para serem vacinados, mas Wadi insistiu em que o fazia ele. Por nada do mundo queria perder a oportunidade de voltar a ver a enfermeira.

— Bem, já que insistes, agradece à Anisa da minha parte por ter conseguido que o oftalmologista receba a pobre mulher que vive por cima da escola.

— A Anisa?

— Sim, a Anisa é a enfermeira que vacinou as crianças. Faz honra ao seu nome, é uma jovem piedosa, mas muito enérgica. O homem que casar com ela tem de ter isso em conta.

Anisa recebeu-o com um enorme sorriso quando o viu chegar de mão dada com duas crianças e com outras dez atrás em fila.

Enquanto os vacinava, começaram a falar da escola, da boa obra de frei Agustín.

— Conhecem-se há muito tempo?—perguntou curioso.

— Nem por isso, uma noite apareceu no hospital com um idoso com muita febre. Tossia tanto que ficou com falta de ar. Tinha pneumonia, infelizmente o homem durou poucas semanas. Desde então ajudo-o quando posso. Às vezes pede-me que vá dar uma injeção a uma mulher que não pode pagar ou que o acompanhe a visitar alguma família com uma doente. Diz que eu consigo convencê-las a irem ao médico. Frei Agustín é um bom homem, está sempre preocupado com os outros, não faz distinções entre muçulmanos e cristãos.

— Se alguma vez precisar de mim, eu também posso ajudar. Tenho um carro, um carro velho, mas serve para ir de um lado para outro, e se for preciso transferir algum doente acho que pode servir.

Wadi perguntou-se porque é que o frade nunca lhe tinha pedido que o ajudasse com os doentes, por isso, quando regressou à escola, censurou-o.

— Bem, já fazes suficiente ao dar aulas grátis às crianças. Eu tenho uma dívida para com os outros, e por isso vim para a Terra Santa, mas tu... tu és jovem, tens de trabalhar, construir um futuro.

Insistiu em que contasse com ele para o que quer que fosse.

— Se é isso que queres, podes reunir-te connosco no hospital por volta das oito, que é quando acabas o teu trabalho na tipografia. Temos de levar uma mulher a casa da sua filha que vive em Belém. Esteve muito doente, mas graças a Deus recuperou. A Anisa quer ir para explicar à família como é que devem cuidar dela e que medicamentos tem de tomar.

A partir daquele dia juntou-se a eles sempre que precisavam da sua ajuda.

— Estás apaixonado pela Anisa?—perguntou um dia frei Agustín.

A pergunta do frade apanhou-o de surpresa e notou que corava. Não pôde, nem quis, negar o que era evidente.

— É uma boa rapariga—sentenciou frei Agustín.

— Nunca fala dela.

— É muito discreta. Mora com os seus pais na Cidade Velha. O pai é palestiano, mas viveu muito tempo em Beirute. Agora tem um negócio não muito longe da Porta de Damasco. Vende tecidos e roupa. A mãe é uma mulher notável, uma ativista da União de Mulheres Árabes, uma lutadora contra o colonialismo, e passou os seus ideais para a Anisa.

Wadi compreendeu que, se queria casar com Anisa, teria de lhe pedir diretamente a ela, que não aceitaria um pacto entre famílias. Pediu ajuda a frei Agustín.

— Então queres que numa tarde destas vos deixe sozinhos para que a possas pedir em casamento... Pedes-me que faça de Celestina...

— Celestina?—Wadi não sabia a que é que o frade se referia.

— Sim... bem, é uma obra espanhola de teatro clássico. A Celestina fazia de intermediária entre apaixonados... Que remédio, fá-lo-ei. Hoje vais buscá-la ao hospital e eu não vou. Ia com ela à casa de uma pobre viúva que precisa de uma injeção e de um pouco de lenha.

Quando o viu aparecer sozinho, Anisa não pareceu ficar surpreendida.

Nem sequer quando ele lhe pegou na mão para a pedir em casamento. Ela não lhe respondeu imediatamente.

— Ainda não nos conhecemos o suficiente. Mentir-te-ia se dissesse que não me interessas, mas não sei quase nada sobre ti...

Quis contar-lhe toda a sua vida naquele mesmo minuto, mas Anisa não lhe permitiu.

— Vamo-nos conhecendo e depois decidimos. Mas entretanto não quero que penses que estamos comprometidos. Ainda não.

Para Mohamed e Salma foi um alívio saber que Wadi estava apaixonado. Não duvidavam de que aquela jovem de que falava o aceitaria como marido. Salma insistiu em que deviam conhecer Anisa, mas

Wadi pediu-lhe paciência.

— Não a quero pressionar.

A primeira coisa que Ben fez ao chegar à Horta da Esperança foi ir à casa dos Ziad. Marinna protestou porque o seu filho mal lhe deu um abraço e dois beijos e, depois de fazer o mesmo com Miriam e com Sara, insistiu em visitar os seus vizinhos. Igor teria gostado de que o seu filho tivesse deixado a visita para o dia seguinte, mas Ben já era um homem, tinha lutado na guerra e dificilmente aceitaria sequer uma sugestão do seu pai. Acompanhado por Ezequiel, Ben apareceu na casa dos Ziad.

Mohamed emocionou-se ao vê-lo. Ben era o filho de Marinna e sentia-o como se também fosse uma parte dele. Abraçou-o com afeto e sorriu quando Ben se aproximou de Salma e lhe deu dois beijos. Se qualquer outro desse dois beijos à sua esposa seria despropositado, mas Ben continuava a ser para eles o rapazinho que gatinhava pela cerca que separava as duas casas, o que caiu na acéquia, o que brincava com Wadi e com Rami, o filho de Aya. Mohamed lamentou-se de que aquele rapagão não fosse muçulmano como eles. Sim, teria sido um bom marido para Naima. Sabia que a sua filha tinha namoriscado com Ben, mas Alá tinha-lhe dado a sensatez suficiente para casar com Tareq e ter sido mãe do seu primeiro neto. Já estava perto dos sessenta e queria ter mais netos, esperava que Wadi casasse dentro de pouco e que Naima fosse abençoada com mais filhos.

Salma notou a tensão na voz de Ben ao perguntar-lhes por Naima. Informaram-no detalhadamente de quão feliz era com Tareq e do bonito que era o pequeno Amr.

A partir da sua chegada, Ben, Wadi, Rami e Ezequiel voltaram a ser inseparáveis. Combatiam o frio do inverno chapinhando nas águas salgadas do mar Morto. Ou acampavam nas montanhas da Judeia. Na maioria das vezes reuniam-se para jantar em algum restaurante da Cidade Velha.

— A Sara tem ciúmes—confessou-lhes Ezequiel.

— A Anisa também se queixa, diz que agora lhe presto menos atenção—disse Wadi.

— Eu tenho muita sorte com a Shayla, é ela que me incentiva a vir ter convosco—acrescentou Rami.

— Isso é porque quer casar e não quer que te arrependas—brincou Ben.

Parecia que o tempo não tinha sido capaz de retirar nem um grama da cumplicidade de antigamente. Tinham crescido juntos, tinham-se zangado entre eles, tinham trocado confidências desde pequenos e tinham-se protegido uns aos outros. Parecia impossível que nada nem ninguém os pudesse separar.

Ben confessou a Wadi a sua preocupação com Ezequiel.

— Não tenho a certeza de que esteja apaixonado pela Sara e não porque ela não o mereça.

— Não tens de te preocupar com o Ezequiel, ele sabe o que faz. Além disso, ninguém seria capaz de o convencer a não casar com a Sara.

— Ela sofreu tanto... Sabes uma coisa, Wadi? Pergunto-me como é que os sobreviventes dos campos são capazes de viver... Se os tivesses visto... Da primeira vez que cheguei a um desses campos e me deparei com os prisioneiros pensei que estava perante uma legião de espetros.—Ben ficou com a voz embargada.

— Desde que está na Horta da Esperança a Sara tem recuperado. Da primeira vez que a vi, fiquei impressionado, parecia uma boneca partida; agora é capaz de rir, de dizer piadas, de desfrutar de algumas coisas, embora de vez em quando os seus olhos pareçam estar ausentes e na comissura dos lábios se desenhe uma expressão de dor.

— Aqueles desgraçados obrigaram-na a prostituir-se, depois mutilaram-na, torturaram os seus filhos, assassinaram-nos... Ninguém pode sair imune de tanto sofrimento.

— A questão é aprender a viver com ele—afirmou Wadi.

Em meados de fevereiro de 1947, Jerusalém viu-se convulsionada por uma notícia inesperada. Ernest Bevin, ministro dos Negócios Estrangeiros do reino da Grã-Bretanha, tinha dado um passo que a muitos

provocou repulsa: pedia à nova Organização das Nações Unidas que procurasse uma solução para a Palestina.

Mohamed foi com Wadi à Horta da Esperança para falar com Louis, que naqueles dias estava em Jerusalém.

— Isto é fruto do fracasso das negociações. Somos uns estúpidos. Devíamos negociar entre nós tal como os britânicos nos propuseram, mas, como recusámos, a Grã-Bretanha quer livrar-se do problema—lamentou-se Mohamed.

— Não é só por isso. Acho que os britânicos não estão dispostos a continuar esta guerra de desgaste connosco. Não estão tão preocupados com os ataques aos seus interesses como com a perda de autoridade. Já não dominam a Palestina. Esse é o problema deles—explicou-lhe Louis.

— Então os britânicos querem lavar as mãos?—perguntou Wadi.

— É verdade—respondeu Louis.

— Acho que há outros motivos—insistiu Mohamed.

— Bem, julgam que será impossível que árabes e judeus cheguem a algum acordo, por isso preferem passar a batata quente para outro—intercedeu Ben.

— Agora vão mandar uma dessas comissões formadas por homens que desconhecem tudo sobre a Palestina e que vão querer impor-nos as suas decisões—lamentou-se Mohamed.

— Tu é que o disseste, Mohamed, a culpa é nossa por sermos incapazes de chegar a um acordo. Ainda estamos a tempo—afirmou Louis.

— Não é possível enquanto insistirem em continuar a trazer a vossa gente—disse Mohamed e olhou para Ben sabendo qual era a sua principal atividade.

— O que pretendes que façamos? Deixamo-los morrer nos campos de refugiados? É verdade que os campos britânicos não são os campos dos nazis, ninguém os maltrata, têm comida, casas de banho para se lavarem.. mas são igualmente prisioneiros. Os sobreviventes não têm para onde ir. Achas que a Inglaterra estaria disposta a acolhê-los? Nem sequer os Estados Unidos, que simpatizam connosco, se mostram muito generosos no momento de conceder vistos. Não deixaremos que nos mandem de novo para os guetos. Estamos a recuperar o nosso lar e é para aqui que virão e aqui ficaremos.—Ben tinha falado com tal convicção que até Louis pareceu impressionado.

— Não podem trazer todos os judeus da Europa—conseguiu dizer Mohamed.

— Virão todos os que assim o quiserem. Na voz de Ben não havia um laivo de desafio, só a constatação de uma decisão sobre a qual não havia volta a dar.

O que Mohamed não sabia era que uma vez Wadi e Rami tinham ajudado Ben e Ezequiel a introduzir um grupo de refugiados judeus chegados numa daquelas cascas de noz que mal conseguiam flutuar no mar. Velhos cargueiros que deviam ter sido desmantelados há algum tempo e que eram a única esperança para aqueles homens e mulheres a quem a vida tinha desenganado e aos quais se concedia uma última oportunidade.

Numa noite, Ben aproximou-se da casa de Wadi para lhe pedir que lhe emprestasse o carro. Não lhe escondeu para que é que precisava dele.

— Esta madrugada chega um barco à costa. Vêm vinte adultos e algumas crianças. Precisamos de carros para os transportar. Preciso que me emprestes o teu carro, o Ezequiel vai conduzi-lo, eu vou no meu.

Wadi não pensou duas vezes.

— Vou convosco e pediremos ao Rami para nos acompanhar. Ele pode levar o carro do seu pai.

Se Mohamed ou Yusuf tivessem sabido disso teriam recriminado os seus filhos. Mas eles faziam-no pela amizade indestrutível que os unia a Ezequiel e a Ben.

O primeiro a casar foi Ezequiel. Em finais de maio celebrou-se a cerimónia que o uniu a Sara. Miriam parecia resignada com aquele casamento. Não é que não sentisse afeto por Sara, mas lamentava que aquela união não lhes pudesse dar filhos.

Salma contou a Mohamed que Marinna animava Miriam dizendo-lhe que Ezequiel e Sara talvez pudessem adotar algum daqueles meninos que tinham perdido os seus pais nos campos de extermínio.

— Não me parece que a Sara concorde com a ideia da Marinna. Reparei que quando vê alguma criança afasta o olhar. Não quer vê-los porque lhe lembram que ela teve dois filhos—explicou Salma ao seu marido.

Mohamed e Wadi ouviam Salma em silêncio. Conheciam a sua preocupação com Sara, por quem todos tinham um afeto sincero.

Embora a cada dia que passasse a tensão entre árabes e judeus aumentasse, nenhum dos Ziad faltou ao casamento de Ezequiel.

Miriam tinha decorado o jardim da Horta da Esperança. O cheiro a jasmim misturava-se com o do assado de borrego que os convidados degustavam.

— O que tens?—perguntou Wadi a Ezequiel enquanto este lhe servia um pedaço de borrego.

— Não sei... Devia ser feliz, mas aquilo que sinto não é exatamente felicidade.

— Estás assustado. Compreendo-te. Vais iniciar uma aventura rumo ao desconhecido porque a Sara... bem, a Sara sofreu muito.

— Vou saber fazê-la feliz?

— O quê? Claro que sim!

— Não sei porque é que aceitou casar comigo.

— Pois eu poderia dar-te muitos motivos, o primeiro de todos é porque te ama, e esse é um motivo mais do que suficiente.

— Achas mesmo que me ama?—perguntou-lhe Ezequiel entristecido.

— Se a Sara pode amar a alguém, é a ti que ama—foi a resposta de Wadi.

Ben aproximou-se deles com um copo de vinho na mão. Rami também se juntou ao grupo. Mohamed observava-os pensativo, mas relaxou a sua expressão quando os viu rir como se fossem os quatro rapazes despreocupados que tinham sido antigamente.

Wadi pensou em Anisa. Teria gostado que estivesse ali. Mas não se atreveu a convidá-la porque não tinha a certeza de que ela tivesse aceitado.

Anisa não era parecida com nenhuma das jovens que tinha conhecido. Impunha respeito, mas também era atenciosa e alegre, e estava sempre disposta a ajudar os outros. Porém, era sobretudo reflexiva. Não fazia nada sem pensar duas vezes. Irritava-o que ainda não tivesse aceitado a sua proposta de casamento. Quando estavam juntos não tinha dúvidas de que Anisa acabaria por aceitar, mas mal se separava dela duvidava de que algum dia lhe desse uma resposta afirmativa.

Rami tirou-o do seu ensimesmamento dando-lhe uma palmada no ombro.

— Daqui a pouco tempo vamos celebrar o meu casamento com a Shayla e espero que o teu com a Anisa.

— Ainda não aceitou o meu pedido de casamento.

— Já lhe voltaste a perguntar?

— Não. Ela disse-me que quando tomasse uma decisão me diria.

— E pensas esperar sem insistir?

— Não conheces a Anisa. Ela não admitiria que a pressionasse.

— Não se trata de pressionar, mas de lhe lembrar que estás à espera de uma resposta. Não podes esperar toda a vida pela sua decisão.

— Sim, sim, posso. Quero casar com ela, por isso vou esperar até que se decida.

— O meu pai está preocupado—disse Rami baixando a voz e mudando de assunto.

— O meu também. Acha que nós, árabes, estamos a cometer um erro ao não recebermos os delegados da Organização das Nações Unidas. Pelo contrário, os líderes judeus reúnem-se com eles e estão a conseguir inclinar a balança a favor da sua causa—respondeu Wadi.

— Eu sei. Os homens da Agência Judaica não os deixam nem um segundo; a decisão dos britânicos de negarem a entrada dos barcos com os sobreviventes dos campos de extermínio está a provocar uma reação de simpatia dos delegados para com os judeus.—O tom de voz de Rami era de autêntica preocupação.

— Sabes uma coisa, primo? Às vezes não sei muito bem o que é que devemos fazer. Fico comovido com essas pessoas que sobreviveram ao nazismo e que precisam de um lugar onde viver, mas ao mesmo tempo dou-me conta de que a Agência Judaica já não se conforma com um lar dentro de um grande país árabe, mas querem o seu próprio Estado. Não o dizem, mas é o que querem.—As palavras de Wadi eram mais do que um pressentimento.

— Eu penso como tu. Já disse ao meu pai e ele comentou-o com o Omar Salem.

— O Omar Salem é um homem justo, mas tão obcecado como muitos dos nossos líderes. Não se dão conta de que agora a batalha está noutra terreno. Nós, árabes, devíamos explicar aos homens das Nações Unidas o que queremos.

— A nossa família deve muito ao Omar Salem. Sempre contou com o meu pai, a quem teve ao seu lado como braço direito durante anos, e a mim confiou-me os seus negócios agrícolas. Mas tens razão, é um homem obcecado que julga que a realidade é o que deve ser e não o que é verdadeiramente.

Os dois primos ficaram a conversar até que os últimos convidados deixaram a Horta da Esperança.

Nos meses seguintes, Mohamed julgou que, apesar da recusa dos líderes árabes em reunirem-se com os delegados das Nações Unidas, os atentados perpetrados contra os britânicos pelos homens do Lehi e do Irgun pesariam na sua consciência. Era uma guerra não declarada, uma guerra de desgaste com vítimas.

Mohamed não podia estar mais enganado. Se alguma coisa pesou na consciência dos delegados foi precisamente que era necessário pôr um ponto final ao Mandato Britânico, e foi isso que recomendaram por unanimidade. Além do mais, os delegados do Uruguai, Checoslováquia, Holanda, Canadá, Peru, Guatemala e Suécia propuseram a divisão da Palestina como fórmula para resolver os problemas entre árabes e judeus. Só os delegados do Irão, Jugoslávia e Índia apresentaram outra solução: um Estado federal.

Omar Salem convocou uma reunião na sua casa. Estava indignado com a proposta dos delegados das Nações Unidas.

— Não o vamos permitir—garantiu aos seus convidados, entre os quais se encontravam Yusuf e o seu filho Rami e Mohamed com o seu filho Wadi e outros homens proeminentes de Jerusalém.

— E como é que vamos impedi-lo?—perguntou Rami.

— Recusando. Nunca aceitaremos que dividam a Palestina e que entreguem uma parte aos judeus. Lutaremos até à morte.—A resposta de Omar Salem foi categórica.

— Sim, lutaremos e morreremos, mas será que ganharemos?—A pergunta de Wadi irritou Omar Salem e os seus convidados.

— Como te atreves a questionar a nossa vitória?—respondeu Omar Salem claramente zangado.

— Atrevo-me a dizer que não sei se vamos ganhar a guerra. Só um tonto é que diria o contrário.

Mohamed olhou para o filho com orgulho. Wadi era um jovem livre que não se rebaixava perante nenhum homem por mais poderoso que fosse. Mostrava-se sempre respeitoso para com os outros, mas

não confundia respeito com submissão.

Omar Salem pigarreou incomodado com a ousadia de Wadi. Yusuf olhou preocupado para o seu sobrinho. Reconhecia em Wadi a rebeldia da sua própria esposa e pensou que os Ziad eram arrogantes. Aya às vezes também era, e o seu próprio filho Rami tinha herdado aquela determinação para enfrentar os outros sem se importar com as consequências.

— O meu sobrinho é demasiado prudente—interveio Yusuf tentando compor a situação.

— Não é prudência, é senso comum—sentenciou Rami, que não se alterou perante o olhar furioso do seu pai.

Outros homens intervieram na discussão dando razão ao seu anfitrião. Fariam o que fosse necessário para impedir que a Palestina fosse dividida em duas partes. Jamais consentiriam tal disparate.

— Que homem honesto permitiria que um estrangeiro entrasse na sua casa e se apoderasse do jardim? —perguntou um dos convidados.

— Só um cobarde o consentiria—respondeu outro.

Mas nem Rami nem Wadi eram cobardes, só não se enganavam com a realidade. E a realidade era apenas que os britânicos estavam desejosos de sair da Palestina, estavam fartos das humilhações às quais os submetiam aqueles grupos de judeus do Irgun ou do Lehi que os agrediam sem parar. Não interessava que prendessem e enforcassem os culpados, os judeus nunca se rendiam. Também não sabiam como abordar o problema latente entre árabes e judeus em luta para se apoderarem do controlo da Palestina.

Mohamed foi o primeiro a ver o carro de Anastásia a aproximar-se. Quando Jeremias morreu, ela decidiu confiar a Igor e ao próprio Mohamed o bom funcionamento da pedreira. Nunca a tinha visitado, nem sequer quando o seu marido era vivo, por isso a sua presença inquietou-o.

Aproximou-se para a receber, mas antes mandou um dos homens chamar Igor.

— Fico contente por te ver, Mohamed.

Ele cumprimentou-a incomodado. Há algum tempo que Anastásia fora quebrando os vínculos com os habitantes da Horta da Esperança e, por conseguinte, eram poucas as ocasiões em que ele e a sua família a viam, nem sequer tinha ido ao casamento de Ezequiel. Mas Anastásia era a dona da pedreira e era nessa qualidade que ali estava.

Os homens olharam-na com inquietação e desconfiança. Igor cumprimentou-a.

— Que surpresa... não sabia que vinhas—conseguiu dizer muito confuso.

Tanto Mohamed como Igor se reuniam uma vez por mês com Anastásia para a informar sobre o que se passava na pedreira; por isso, algo grave devia ter acontecido para ter aparecido de surpresa.

— Quero falar com vocês os dois—disselhes, e sem acrescentar mais nada começou a caminhar em direção ao pequeno escritório de Igor.

Ocupou a cadeira que havia atrás da secretária e observou-os durante algum tempo antes de começar a falar. Mohamed pensou que aquela mulher se comportava com eles como se fossem dois estudantes apanhados a fazer uma travessura.

— Vou vender a pedreira. Vou sair da Palestina.

Nem Mohamed nem Igor souberam o que dizer. Ficaram em silêncio, a olhá-la fixamente.

— Há um homem que a quer comprar, um amigo do Omar Salem. A oferta é boa, mas antes de fechar algum negócio com ele queria dizer-vos que se algum dos dois, ou os dois juntos, decidirem ficar com a pedreira, ela é vossa. O preço que decidir será justo.

Igor já tinha passado dos sessenta, era um pouco mais velho do que Mohamed. Sentia-se forte e capaz de continuar a trabalhar, mas não sabia bem se devia comprar a pedreira. Para quê? O seu filho Ben tinha encontrado o seu próprio caminho, estava dedicado de corpo e alma à Haganah, e o seu único objetivo era organizar a chegada clandestina dos judeus à Palestina. Não, Ben não queria encarregar-se da

pedreira e foi isso que disse a Anastásia.

— E tu, Mohamed?—perguntou ela.

— Tenho de falar com a minha família... Como sabes, o meu filho Wadi é professor e também trabalha numa tipografia. Quanto ao meu sobrinho Rami, está contente a trabalhar para o Omar Salem. Gostaria de falar sobre isto com o meu cunhado Yusuf e com o meu filho, se me deres tempo...

— Dois dias. Quero uma resposta daqui a dois dias.—A voz de Anastásia era fria como o gelo.

— Disseste que vais sair da Palestina... não sabia que te querias ir embora—atreveu-se a dizer Igor.

— Não tinhas motivos para saber. Vou para a Europa, para Londres. Os meus filhos não querem saber da pedreira, na verdade também não temos uma relação muito próxima. Como sabem, vivem num kibutz. Estão todos muito ocupados a preparar-se para o novo Estado. Mas isso não me interessa, cada um tem de escolher o seu destino e o meu já não está aqui. Estou cansada de lutar, de esperar por uma coisa que não sei o que é. Sinto que a vida me escapou—confessou-lhes sem nenhuma emoção.

Anastásia não disse mais nada. Levantou-se e, com uma leve inclinação de cabeça, deu a reunião por terminada.

Acompanharam-na ao carro. Ela nem sequer mostrou interesse em ver a pedreira.

Igor e Mohamed sentiram-se incomodados um com o outro. Durante todos aqueles anos tinham trabalhado juntos, mas mantendo uma distância que nenhum dos dois quis encurtar. Não eram amigos, nunca o tinham sido, e quando se encontravam nas celebrações de família evitavam-se mutuamente. O amor que sentiam por Marinna tinha criado um abismo profundo entre os dois. Igor estava há demasiados anos a sofrer, sabendo que Marinna amava Mohamed, e Mohamed nunca tinha ultrapassado os ciúmes que sentia sabendo que Marinna partilhava todas as noites a cama com Igor.

Salma ouviu o seu marido com preocupação. Parecia abalado com a decisão de Anastásia de vender a pedreira.

— Sabia que algum dia o faria—afirmou Salma.

— Sim? E porquê?—perguntou Mohamed de mau humor.

— É uma mulher estranha, aparentemente indiferente a tudo o que a rodeia. Quando os seus filhos eram pequenos tratava-os com amabilidade, mas faltava entrega na sua relação. Comportava-se da mesma forma com o Jeremias. Notava-se que ele estava muito apaixonado por ela e que era um bom marido, mas duvido que Anastásia alguma vez o tenha amado verdadeiramente. Acho que ela se conformou com o que tinha, com o Jeremias, mas na realidade teria gostado de ter outro tipo de homem ao seu lado. E o Jeremias até era um homem trabalhador e honrado. Mas ela não o amou, embora tenhamos de reconhecer que sempre se comportou decentemente.

Mohamed ficou surpreendido com a perspicácia de julgamento de Salma. Ele não tinha sido capaz de ler com tanta profundidade o rosto hierático de Anastásia.

Wadi ficou com pena ao ver a preocupação do seu pai. Teria gostado de lhe dizer que o ajudaria a ocupar-se da pedreira, que trabalhariam lado a lado e desfrutariam sabendo que era sua, mas não queria enganá-lo nem enganar-se. Não desejava passar o resto da sua vida a arrancar pedras às entranhas da terra.

— É um bom negócio—afirmou Mohamed.

— Pai, eu apoio-te no que for necessário, mas não me peças que abandone a escola, sou feliz a ensinar as crianças e também gosto do trabalho na tipografia.

— Talvez o Yusuf esteja interessado—sugeriu Salma.

— Sim, vou falar com ele.

Mas Mohamed também não convenceu Yusuf das vantagens de comprar a pedreira.

— Eu não tenho idade para aventuras. Se precisares, posso emprestar-te dinheiro para a comprares,

mas não para participar no negócio.

— Tu não terias de fazer nada, só ser meu sócio—explicou-lhe Mohamed.

— Não, não me interessa. Sei que a tua irmã Aya não vai gostar de saber que eu recusei, mas para mim é melhor assim; o Omar Salem confia em mim e não tenho qualquer motivo para me dedicar a um negócio que desconheço totalmente. Mas se decidires não comprar a pedreira, o que posso fazer é falar com o homem que a quer comprar. É um amigo do Omar Salem, conheço-o bem, e tenho a certeza de que vai saber dar valor ao teu trabalho.

Quando dois dias depois Anastásia voltou à pedreira, Mohamed e Igor explicaram-lhe com pesar que nenhum dos dois a compraria.

— Já imaginava, mas era minha obrigação oferecê-la a vocês. Todos estes anos trabalharam bem e com honradez. Se alguém merece a pedreira, são vocês, mas compreendo que se os vossos filhos não estão interessados não faz sentido ficarem com ela.—Anastásia entregou um envelope a cada um e após um aperto de mão foi-se embora.

Mohamed teve sorte. Nabil, o amigo de Omar Salem, depois de examinar as contas e de falar com os homens da pedreira, decidiu que não encontraria ninguém melhor do que Mohamed. Quanto a Igor, prescindiu dele. Seria o seu próprio filho a encarregar-se de dirigir os homens que arrancavam aquela pedra dourada, a pedra sagrada de Jerusalém. Igor despediu-se dos homens agradecendo-lhes os muitos anos de trabalho que tinha partilhado. Alguns tiveram palavras de afeto para com ele, outros despediram-se com indiferença. Para Mohamed não foi fácil ver Igor partir. Sabia que estava abatido, perdido sem o seu trabalho de tantas décadas. Igor tinha deixado o melhor de si próprio na pedreira. Quando Jeremias morreu e se encarregou dela, duplicou os lucros.

— E o que vai fazer agora?—perguntou Salma ao seu marido.

— Não sei, não me atrevi a perguntar-lhe.

— Vou falar com o Ben—ofereceu-se Wadi.

— Sim, fala com ele, deve estar preocupado com o pai.

Naquele dia 29 de novembro de 1947, todos os palestinianos, árabes e judeus estavam atentos à rádio. As Nações Unidas reuniam-se para votarem o plano dos seus delegados no qual se recomendava a divisão da Palestina.

Wadi tinha combinado com o seu primo Rami, com Ben e com Ezequiel ouvirem a decisão da ONU juntos. Rami tinha-lhe dito que talvez não fosse boa ideia reunirem-se precisamente naquele dia, mas Wadi tinha insistido dizendo que "se não formos capazes de estar juntos num momento como este, então nunca mais seremos capazes de estar juntos".

Encontraram-se num pequeno café da Cidade Velha cujo proprietário era um cristão palestiniano amigo de frei Agustín, que também estava no café a conversar com dois homens que Wadi não conhecia.

Depois da meia-noite, o locutor anunciou que ia dizer o resultado da votação: a Resolução 181 obtinha trinta e três votos a favor, entre eles o dos Estados Unidos e da União Soviética, treze contra e dez abstenções, entre elas a do Reino Unido. A Palestina seria dividida em duas partes e Jerusalém ficaria sob o controlo internacional.

Fez-se silêncio no café. Estavam todos desconcertados. Os árabes palestinianos pelo grande golpe que implicava que as Nações Unidas ratificassem a divisão daquela que consideravam ser a sua terra. Os judeus pela emoção de terem concretizado um sonho, a recuperação da terra dos seus antepassados.

Ezequiel e Ben olharam-se eufóricos, mas contiveram o desejo de darem um abraço e muito menos de gritarem a sua alegria. Wadi e Rami estavam tão abalados que nem sequer conseguiam falar. Não é que achassem que o resultado pudesse ter sido outro, mas quando a realidade os invadiu, ficaram bloqueados, incapazes de reagir.

— Hoje começa o futuro—disse Ben olhando para os seus amigos.

— O vosso futuro e a nossa humilhação—conseguiu dizer Rami.

— Não soubemos defender a nossa causa—murmurou Wadi.

— É o mais justo—defendeu Ezequiel.

— Justo? Não, não é. Alguns delegados que não sabiam nada sobre a Palestina vieram aqui, passaram algumas semanas e optaram por uma solução de compromisso: dividir a Palestina em duas partes. Onde é que vês a justiça?—respondeu-lhe Wadi.

— Temos todos o mesmo direito a esta terra, devíamos ser capazes de a partilhar; fizemo-lo até agora, talvez isto seja uma nova oportunidade—insistiu Ezequiel.

— Sim, dão-vos a oportunidade de terem um Estado à nossa custa—interveio Rami.

— A Palestina não era um Estado, era parte do Império Otomano, e antes disso também não foi um Estado. De que é que estamos a falar, Rami?—Ben tentava conter a sua irritação.

— Sim, já discutimos isto noutras ocasiões. Segundo vocês, a Palestina não é de ninguém, era dos judeus há dois mil anos, depois chegaram os romanos e atrás deles outros invasores, e assim até chegarem os turcos e depois passámos para as mãos dos britânicos. Mas nós estávamos aqui, independentemente dos dominadores—replicou Rami.

— E nós também—lembrou-lhe Ezequiel.

— Sabes quantos árabes há na Palestina? Vou dizer-te: mais de um milhão e duzentas mil almas. E quantos judeus? Também te vou dizer, uns seiscentos mil, mas nesse número é preciso incluir as sucessivas vagas de imigrantes. Há cinquenta anos nem sequer eram metade.—Rami tinha levantado a voz.

— As Nações Unidas estão a levar-nos para a guerra—afirmou Wadi.

— Não! Isso seria uma loucura. Porque é que não podemos partilhar a terra? Se não o fazemos, se não somos capazes de viver uns com os outros, então teremos fracassado. A solução não pode ser a guerra.—Ezequiel parecia abalado com o rumo que a conversa com os seus amigos estava a tomar.

— Não sei como é que o poderemos evitar. Tenho a certeza de que a partir deste momento os vossos líderes já se estão a preparar para o confronto, para defenderem este pedaço de terra que as Nações Unidas vos ofereceram.

— Não haverá confronto se aceitarem a Resolução 181—afirmou Ben.

— Tu sabes que não podemos aceitá-la.—Rami parecia cansado da discussão.

Frei Agustín aproximou-se deles interrompendo-os. Bastou apenas uma vista de olhos para se dar conta da tensão que havia entre os quatro amigos.

— Lamento, Wadi—disselhe dando uma palmada no ombro.

— Eu sei—respondeu Wadi.

— Estou há tempos a dizer-te o mesmo que a outros amigos árabes, que o grande erro é terem desprezado a diplomacia. A Agência Judaica travou uma batalha diplomática e ganhou. Cansei-me de repetir a alguns dos vossos líderes que era um erro desprezar os delegados da ONU, que se deviam reunir com eles, que não era suficiente ter razão, mas que era preciso defendê-la com argumentos.—Frei Agustín parecia realmente desagradado.

— Vamo-nos opor à divisão—garantiu Rami.

— É inútil, não é possível voltar atrás. Os judeus aceitarão o pedaço de terra que lhes atribuírem e terão o seu próprio Estado. É melhor aceitarem a realidade—garantiu frei Agustín.

— A realidade pode ser alterada—respondeu Rami com raiva contida.

— Não, não se pode mudar uma resolução da ONU, o que está feito, está feito. É melhor aceitá-lo, o contrário será pior.—O frade não parecia ter dúvidas.

— Pior? Pior para quem? Não me pode dizer que não temos escolha, que temos de aceitar que nos expulsem da nossa própria terra. O que vai acontecer com os árabes que vivem nos campos e nas cidades que farão parte do território judeu? Terão de deixar as suas casas, a terra que abriga os seus antepassados? Pretende que deixemos que nos roubem e que demos a outra face?—Wadi também tinha levantado a voz.

— Não te confundas, eu estou do vosso lado, mas isso não me impede de ver as coisas tal como são. Depende de todos vocês que não exista um confronto que só traria mais sofrimento. Seria um erro.—Na resposta de frei Agustín não havia qualquer esperança.

— Então, permita que nos enganemos.—Depois de dizer isto, Rami levantou-se e dirigiu-se à porta.

Wadi foi atrás dele e pegou-lhe no braço pedindo-lhe que regressasse.

— Sabíamos que isto podia acontecer, e mesmo assim decidimos combinar esta noite com o Ezequiel e com o Ben. Sinto-me tão dececionado como tu, mas não devemos perder a cabeça. O frade tem razão, enganámo-nos, os nossos líderes menosprezaram os delegados da ONU enquanto os judeus os convenciam a apoiarem a sua causa.

Rami voltou a sentar-se. Ezequiel e Ben não se tinham mexido da mesa, e o frade tinha-se sentado com outros paroquianos. Entretanto, em algumas casas de Jerusalém e do resto da Palestina chorava-se de alegria e noutras de amargura.

"Os americanos traíram-nos." A afirmação de Mohamed estava carregada de decepção. Ele, como tantos outros árabes palestinianos, achava que o presidente Truman seguiria a política do presidente Wilson favorável aos interesses árabes.

— Estamos sozinhos, pai, sempre estivemos. Os americanos defendem os seus interesses tal como os britânicos. Não olhemos para os outros à espera de que nos defendam, temos de nos defender a nós próprios—respondeu-lhe Wadi, que tinha encontrado o pai à sua espera impaciente para comentar a votação da ONU.

— O Yusuf está na casa do Omar Salem. Estão à nossa espera.

— É muito tarde, pai.—Wadi estava cansado e no dia seguinte tinha de madrugar para ir para a escola.

— Achas que alguém vai conseguir dormir esta noite?

— O que vamos fazer? Falar, falar, e discutir entre nós... Estou cansado de gastar palavras que não levam a lado nenhum.

— Se não formos vão-se ofender.

— Devias ter ido tu, em vez de ficares à minha espera... Eu não me sinto com forças; se quiseres vou contigo, mas não me peças que fique. É muito tarde e, independentemente do que a ONU decidiu esta noite, a escola abre amanhã.

Não insistiu com o seu filho, mas aceitou que o acompanhasse, no entanto, quando Mohamed regressou, encontrou Wadi acordado, sentado numa cadeira da cozinha com uma chávena de café na mão.

— Tinhas razão, pai, esta é uma noite de vigília.

Desde aquela noite de 29 de novembro de 1947 não voltou a existir paz entre as duas comunidades.

Wadi já estava na escola quando frei Agustín chegou. O frade parecia alterado.

— Vamos ter guerra—sentenciou fitando Wadi, que aparentava estar ensimesmado a escrever num quadro as frases que as crianças tinham de copiar.

— Eu sei—respondeu Wadi de mau humor.

— E tudo por causa do Foreign Office; embora existam muitos soldados britânicos que simpatizam com a causa árabe, ordens são ordens—continuou o frade.

Wadi assentiu sem responder enquanto acabava de escrever no quadro. As crianças estavam

alvorçadas, os mais velhos tinham-lhes contagiado o nervosismo que reinava naquele momento em Jerusalém e no resto da Palestina.

— A Anisa vem cá ao meio-dia. A viúva que vive no caminho de Belém piorou. O médico diz que não lhe resta muito tempo de vida e receitou-lhe umas injeções para lhe atenuar a dor. A Anisa vai dar-lhas. Podes levá-la de carro antes de ires para a tipografia de Mister Moore?

Anisa chegou mais tarde do que estava previsto, contratempo que aumentou o mau humor de Wadi.

— Frei Agustín pediu-me para te levar a casa daquela viúva perto de Belém—disselhe com voz seca.

— Desculpa o atraso, hoje havia muita gente no hospital. Falei com o médico que trata da viúva e ele disse-me que só lhe restavam uns dias de vida. Coitada!

Quando chegaram encontraram a viúva acompanhada por uma vizinha.

— Tem muitas dores—avisou-os a mulher—e não quer comer nada.

Wadi esperava impaciente que Anisa desse a injeção à mulher. Quando por fim saíram da casa, Anisa pôs-lhe a mão no braço convidando-o a deter-se para conversarem.

— Estou tão furiosa como tu com a decisão da ONU de nos arrebatam metade do nosso país e farei o que for necessário para o impedir.

— Lutaremos e perderemos porque a ONU não vai voltar atrás. Os judeus já obtiveram uma grande vitória.

— Tens assim tão pouca confiança em que possamos ganhar?

— Anisa, já te disse, lutaremos, mas a ONU não vai retificar nada.

— Porque é que és tão pessimista? Por acaso achas que os judeus são melhores do que nós? Podemos vencê-los.

— Não são melhores do que nós, mas defenderão cada pedaço de terra com a sua própria vida. Querem um lar, um lugar que, por mais pequeno que seja, possam sentir como seu. Um lugar do qual ninguém os possa expulsar, e encontraram esse lugar aqui.

— O quê? Parece que estás do lado deles.—Anisa estava escandalizada com as palavras de Wadi.

— Conheço-os bem, fui criado com meninos judeus, entre eles estão os meus melhores amigos, e como os conheço sei que esta batalha não vai ser fácil de ganhar. Podes ter a certeza de que lutarei, de que não me importo de dar a minha vida, mas surpreende-me que ao dizer a verdade me torne suspeito de não ser patriota.

— Eu não disse isso...—Anisa deu-se conta de que o tinha ofendido.

— Disseste-o por outras palavras. Não vais ser a única a criticar-me. Ninguém quer ouvir a verdade e quando a dizes consideram-te um louco ou um traidor. Eu não sou nem uma coisa nem outra.

— Pensava dizer-te... hoje fui eu a pedir ao frei Agustín que te dissesse para me acompanhares, queria dizer-te uma coisa...

Naquele momento Wadi percebeu que ela tinha decidido aceitar casar com ele, mas que as suas palavras a faziam duvidar.

— Eu nunca te vou enganar, Anisa, não me vou apresentar como o que não sou, não me vou deixar levar pelas palavras dos outros sem refletir. Direi sempre em voz alta o que penso e defendê-lo-ei sem me importar com as consequências, embora isso implique ficar sozinho. O que nunca farei será enganar-me a mim próprio nem os outros.

Durante uns segundos olharam-se fixamente e depois Anisa sorriu-lhe. Wadi sentiu-se aliviado com aquele sorriso.

— Queria dizer-te que aceito casar contigo se ainda quiseres...

Será que podia ser feliz enquanto tantos homens se preparavam para a guerra? Era a pergunta que Wadi se fazia todas as manhãs mal abria os olhos. Era feliz porque ia casar com Anisa. Era feliz porque

ensinar na escola satisfazia todas as suas ambições. Era feliz porque os Moore o tratavam como um filho. Era feliz porque o seu pai e a sua mãe estavam bem de saúde. Era feliz porque Rami era feliz com Shayla. Era feliz porque a sua irmã Naima estava grávida de novo.

Mas apesar de tanta felicidade tinha insónias. Os confrontos entre árabes e judeus eram contínuos. Um dia depois da votação da ONU começaram as escaramuças e a tensão e os confrontos foram aumentando. O mufti de Jerusalém tinha instado a uma greve geral a partir do seu exílio no Cairo. Os distúrbios tornaram-se quotidianos. E havia dezenas de vítimas dos dois lados.

Mohamed e Salma tinham combinado com os pais de Anisa que o casamento se celebraria no princípio do ano.

Salma estava preocupada com o que os pais e os familiares e amigos de Anisa diriam quando encontrassem entre os convidados alguns judeus porque, apesar da tensão entre as duas comunidades, nem Mohamed nem Wadi tinham duvidado de que deviam convidar todos os membros da Horta da Esperança.

Ezequiel ficou muito contente quando Wadi lhe comunicou que ia casar e lhe apresentou Anisa. Sara e ela deram-se logo bem. Wadi tinha explicado a Anisa o muito que Sara tinha sofrido, a sua passagem por Auschwitz, as torturas às quais os nazis tinham submetido os seus filhos até assassiná-los. Anisa chorou comovida perante tanta desgraça, por isso no dia em que conheceu Sara estava predisposta a simpatizar com aquela jovem judia sefardita.

Também Miriam e Marinna a receberam com tanto afeto que Anisa se sentiu constrangida. Só Igor parecia indiferente a tudo. Ao perder o emprego na pedreira tornou-se ainda mais taciturno. Passava quase todo o dia a trabalhar no campo, mas podar oliveiras não o fazia feliz.

Marinna tinha feito um bolo de figo para receber Anisa, e Miriam tinha preparado café e chá. Nem Mohamed nem Salma tinham acompanhado Wadi e Anisa à Horta da Esperança. Mohamed sentia-se incomodado quando se encontrava com Igor, um mal-estar que se alastrava aos restantes habitantes da Horta da Esperança. A votação da ONU tinha aprofundado o abismo entre eles por mais que todos se negassem a reconhecê-lo.

— Parece que a Sara e a Anisa simpatizaram uma com a outra—sussurrou Wadi a Ezequiel.

— Estou surpreendido, nunca tinha visto a Sara tão contente. Não para de falar e já sabes que não costuma fazê-lo—respondeu Ezequiel.

— Far-lhe-á bem ter uma amiga da idade dela—afirmou Wadi.

Anisa nunca teria imaginado que podia chegar a simpatizar tanto com uma rapariga judia, mas a verdade é que pouco a pouco ela e Sara se tornaram inseparáveis. Sara parecia confiar em Anisa mais do que em qualquer outra pessoa e não era raro vê-las passear a trocaram confidências.

Um dia Wadi perguntou a Anisa se Sara era feliz. Ela pensou durante algum tempo na resposta.

— Nunca será feliz, nem aspira a isso, só quer viver com sossego e ser útil aos outros. É por isso que se dedica a ajudar os refugiados que chegam à Palestina. Custou-lhe aprender hebreu e ainda não o domina, e preocupa-lhe que os que chegam se deparem com essa primeira barreira que é a língua.

— Ama o Ezequiel?—Wadi perguntava o que na verdade o preocupava.

— Se consegue amar alguém é o Ezequiel. Está-lhe grata por a ter salvado e por não lhe pedir nada em troca.

— Mas não o ama—concluiu Wadi.

— Amou o Nikos, o pai dos seus filhos. A vida uniu-a ao Ezequiel e vai esforçar-se para o fazer feliz. Talvez com o tempo consiga amá-lo como amou o Nikos. Sei que o Ezequiel é teu amigo e que sofres por ele, mas deixa-me que te pergunte, ele ama a Sara?

— Claro que sim! Tirou-a de um hospital, trouxe-a para a Palestina e casou com ela, como é que me

podes perguntar se a ama?

— Pois eu acho que não está apaixonado por ela. Os dois juntaram-se por razões que nada têm que ver com o amor. Acho que para o Ezequiel a Sara é o último vínculo com a sua irmã Dalida e com o seu pai, porque ambos estiveram e morreram em Auschwitz. Ao salvá-la acredita, de alguma forma, estar a salvar o pai e a irmã.

— O que dizes é terrível.—Wadi sobressaltou-se com a reflexão de Anisa.

— Os dois sofreram muito e podem fazer muito bem um ao outro. Reconfortam-se. Isso já é suficiente.

Omar Salem tinha voltado a convocar os seus amigos para irem à sua casa. Wadi não gostava daquelas reuniões, mas Mohamed insistia que deviam ir.

— Não o podemos ofender. Pensa no teu tio Yusuf e no teu primo Rami, os dois trabalham para o Omar Salem.

Era precisamente por Yusuf e por Rami que Wadi cedia à insistência do pai. Na verdade não conseguia simpatizar com Omar Salem. Não é que pensasse que não fosse um bom homem, era, e um grande patriota, sem dúvida, mas achava que não tinha qualquer interesse pelas opiniões alheias. Omar Salem convidava os seus amigos para se reafirmar nas suas posições e decisões.

Rami abraçou o seu primo assim que o viu, parecia preocupado.

— Isto é um desastre. As duas comunidades já se começaram a separar. Há muitos árabes que estão a abandonar as aldeias e bairros onde viviam com outras famílias judias. Acho que seria melhor ficarmos e resistir—explicou Rami.

— Estamos em guerra—lembrou Omar Salem.

— Os pistoleiros do Irgun estiveram prestes a acabar com a vida de um membro da família Nusseibeh—afirmou um dos convidados.

— Referes-te ao atentado contra a estação de autocarros próxima da Porta de Damasco?—perguntou Mohamed.

— Sim, só em Jerusalém já morreram várias centenas de árabes. Vamos esquecer-nos dos sionistas que dispararam contra a Esplanada das Mesquitas?—insistiu o mesmo homem.

— Os judeus estão bem organizados, mobilizaram todos os seus homens—disse Yusuf.

— Nós contamos com os nossos irmãos dos Estados árabes. Ajudar-nos-ão a restabelecer a justiça.—As palavras de Omar Salem foram acolhidas com satisfação.

— Não deixámos de lutar desde o dia em que a ONU votou a divisão da Palestina. Os judeus sabem o que podem esperar de nós—insistiu Yusuf.

— É uma bênção contar com o mufti Haj Amin al-Husseini—disse um homem alto, magro e bem parecido.

— Ah, já estranhava que o Qasim não nos lembrasse as proezas do mufti, que Alá o tenha muito tempo no seu exílio egípcio.—A resposta de Wadi scandalizou os homens.

— A família Ziad sempre mostrou as suas reservas para com o mufti... desta vez, que crítica lhe vais fazer, Wadi Ziad?—O homem chamado Qasim olhava provocador para Wadi.

— Mesmo ausente consegue dividir-nos. Falarei por mim, não partilho a estratégia do mufti. Além disso... não sinto qualquer respeito pelo que fez no passado.

— Sim, já sabemos que preferes os teus amigos judeus—respondeu-lhe Qasim.

Irado, Mohamed levantou-se, mas Wadi agarrou-lhe no braço.

— Por favor, pai, deixa-me responder. Eu escolho os meus amigos em função do tipo de homens que são. E sim, tenho amigos judeus de quem gosto e aos quais respeito tanto como o melhor de vocês. Não só não me envergonho, mas também me honro disso. Até há pouco tempo, muitos judeus eram vossos

amigos, recebiam-nos nas vossas casas e eles recebiam-vos nas suas. Fechavam negócios com eles, iam aos seus médicos e eles vinham aos nossos. Tal como vocês, considero uma traição a decisão das Nações Unidas de dividir a Palestina. Mas vou continuar a insistir até que me queiram ouvir: não resolveremos nada matando-nos uns aos outros. Ainda assim, lutarei e farei tudo o que for necessário para que não nos arrebatem a nossa terra e o que é nosso.

Como em ocasiões anteriores, Omar Salem lamentava em silêncio a presença de Wadi. Não podia deixar de convidar os Ziad, teria sido uma ofensa não fazê-lo, mas pensava que o filho de Mohamed não era de fiar.

— Os nossos irmãos do Exército de Salvação Árabe vão ajudar-nos a derrotar os judeus—disse Qasim voltando a olhar para Wadi.—Libaneses, sírios, iraquianos... todos eles a lutarem aparentemente pela nossa causa. Os sírios enviaram-nos Fawzi al-Qawuqji, um herói que todos conhecem bem. Esteve em Hama durante a revolta a lutar contra os franceses, e, em 1936, também ajudou à rebelião na Palestina, e no Iraque a combater contra os britânicos, para acabar por servir Hitler. Não, não ponho em causa nem a sua coragem nem o seu sacrifício pela causa árabe. Mas desconfio dos homens que foram capazes de colaborar com Hitler, quer seja o mufti ou um general, embora seja considerado um herói como Fawzi. Durante algum tempo eu próprio tentei compreender os motivos pelos quais algum dos nossos líderes se aliava a Hitler; a explicação era que os judeus eram seus inimigos e, portanto, os inimigos dos nossos convertiam-se em amigos. Mas essa explicação acabou por me repugnar.

— Então atreveste a questionar um dos nossos melhores generais com o qual podemos contar...—Na voz de Omar Salem notava-se amargura e irritação.

Voltou a fazer-se silêncio. O desconforto ia aumentando. Até Mohamed se perguntava porque é que o seu filho queria provocar aqueles homens. Nunca mais insistiria para que o acompanhasse à casa de Omar Salem.

— Respeito os homens não pelas batalhas que possam ter ganhado, mas pelas causas que defendem. Quanto ao facto de questionar Fawzi al-Qawuqji... não é isso, só penso que o problema é entre nós e os judeus, e devemos resolvê-lo sozinhos. Vocês acham que vamos ganhar porque o nosso herói deixou o seu exílio dourado no Egito para regressar à Síria e ali tem estado a preparar homens para travarem a batalha na Palestina. Não se perguntam porque é que os nossos "irmãos" árabes não se implicam diretamente? Os Estados da Liga Árabe estão ofendidos com a votação da ONU e todos declararam que não vão permitir a divisão da Palestina, mas não comprometeram os seus exércitos, conformam-se com o apoio a uma tropa de voluntários, o Exército de Salvação Árabe. E o que é que me dizem do rei Abdullah? Todos sabemos que vê com bons olhos a divisão, até pode ser que ache que é a única solução.

Os homens remexeram-se nas suas cadeiras, incomodados. Ninguém queria criticar Abdullah em público, não diante daqueles que não eram seus amigos de confiança. Mas alguns deles criticavam-no em privado, e até lhe chamavam traidor. Pensavam que Abdullah só se preocupava com os seus interesses.

Yusuf parecia mais incomodado do que qualquer outro convidado. Ele servia Omar Salem, mas todos conheciam a sua ligação à casa hachemita. A sua família vivia em Amã, e sempre tinham servido com lealdade o deposto Husayn, guardião de Meca, e depois os seus filhos. Pensou que já era muito velho para ser prudente, por isso decidiu intervir.

— O rei Abdullah vela pelos seus, tal como fazem os restantes dirigentes árabes. O meu sobrinho Wadi está a dizer a verdade. Os Estados árabes julgam que fazem o suficiente a armar um exército irregular. Abdullah é prudente e conhece bem os britânicos, não se engana e sabe que batalhas pode travar. Mas tenho a certeza de que, caso tenhamos uma guerra, podemos contar com os jordanos.

— Contamos com grandes generais, por acaso Ismail Safwat não o é? A Liga Árabe nomeou-o comandante-chefe do Exército de Salvação Árabe, sem esquecer Abdelkader al-Husseini que, apesar de

pertencer à família do mufti, até o jovem Wadi terá de reconhecer a sua coragem—acrescentou Omar Salem.

— Sim, reconheço, não tenho nada contra o Abdelkader al-Husseini, é um homem digno, tal como são outros homens das famílias Khalidi e Dajani—respondeu Wadi.

— Por agora temos uma grande carta na manga, enquanto controlarmos a estrada entre Jerusalém e Telavive. Estando nas nossas mãos, o sucesso é garantido—afirmou Rami olhando para o seu primo Wadi.

Omar Salem pigarreou e observou Yusuf. Os dois homens trocaram um olhar antes de Omar Salem voltar a falar.

— Esta noite queria celebrar convosco o facto de o Rami fazer parte das forças do Abdelkader al-Husseini. Há um mês pediu-me autorização para abandonar durante algum tempo a empresa agrícola que tão bem tem gerido nos últimos anos. Concedi-lha. Nada me pode fazer mais feliz do que saber que os melhores de nós lutarão pela Palestina. Com eles temos o sucesso garantido.—As palavras de Omar Salem foram acolhidas com demonstrações de assentimento.

Wadi olhou para o seu primo com pesar. Acabava de saber a notícia ao mesmo tempo que os outros, e isso deixou-o magoado.

Mohamed também não sabia nada e trocou um olhar de censura com Yusuf. Como era possível que o marido da sua irmã Aya não lhe tivesse comunicado a decisão de Rami? Quando saíram da casa de Omar Salem, Wadi enfrentou o seu primo disposto a censurar-lhe a sua falta de confiança.

— Porque é que não me disseste?

— Porque sei o que pensas e não queria que me tentasses dissuadir. Acho que é meu dever lutar como no passado fez o meu pai e também o teu. Se não o fizermos, perderemos a nossa pátria. Não há escolha. Tu também terás de o fazer.

— Não tenho medo de lutar e voltarei a fazê-lo. Já combati numa guerra—lembrou-lhe Wadi.

— Que não era nossa.—As palavras de Rami irritaram o seu primo.

— Sim, sim era. Lutar contra a Alemanha era a única opção decente. Estarei sempre muito orgulhoso por ter contribuído para a derrota de Hitler.

— Devias juntar-te aos homens do Abdelkader al-Husseini, serias bem recebido por ele. Conhece a coragem do teu pai e sabe que o teu avô foi um herói. Falei-lhe muito sobre ti.

— Rami, eu não quero a divisão da Palestina, e lutarei, embora saiba que vai ser difícil evitá-la. Tu também o sabes. Conhece-los tal como eu.

— A quem é que te referes?

— Crescemos com outros rapazes judeus, sabemos como são. Não vão permitir que os voltem a expulsar de nenhum sítio. O Ben disseme um dia: "Acabaram-se os judeus errantes, não nos voltarão a expulsar de nenhum lugar porque desta vez voltámos à pátria e para nos expulsarem vão ter de nos exterminar a todos e nem sequer Hitler o conseguiu." Não deixei de pensar nas palavras do Ben.

— Pois, é normal que diga isso, eles têm as suas razões e nós as nossas—respondeu Rami.

— A razão está do nosso lado, mas de que é que nos vai servir?

Rami sentiu-se incomodado com as palavras de Wadi. Se as tivesse dito qualquer outro homem tê-lo-ia esbofeteado e chamado cobarde. Mas Wadi não o era e por isso desconcertava-o que fizesse aquela reflexão. Pensou que estava demasiado apaixonado por Anisa e que só queria desfrutar do futuro sem guerras.

— Não podemos permitir que nos roubem, que nos expulsem das nossas casas e das nossas terras. Será que não te dás conta do que a divisão significa?

Os dois primos separaram-se taciturnos, pensando nas palavras um do outro.

Rami não precisou de insistir muito com Wadi para lhe apresentar Abdelkader al-Husseini.

Os dias passavam e quando Wadi discutia com os seus tentava que tivessem em conta o ponto de vista dos judeus, porque só se conhecermos o nosso adversário é que o podemos vencer. Sentia que nadava contra a maré, mas que não podia fazê-lo durante muito mais tempo. Ezequiel tinha sido honrado ao reconhecer-lhe que a Agência Judaica tinha fixado como objetivo garantir todo o território que lhes corresponderia com a divisão, bem como que ele próprio tinha passado a ter uma participação mais ativa nas Forças de Defesa.

— Temos muitas baixas—tinha-lhe confessado—,o vosso Abdelkader al-Husseini é um bom general.

Era verdade. Wadi teve de reconhecer que era difícil não ter em conta a inteligência e a coragem de Abdelkader al-Husseini, cuja personalidade conquistava todos os que o conheciam. Apesar de estar entre soldados, notava-se que era extremamente educado. Tinha estudado na Universidade Americana do Cairo e escrevia poesia. Era um aristocrata e a história da sua família não se podia contar sem a de Jerusalém.

Para Wadi foi uma surpresa saber pela boca de Abdelkader al-Husseini que o seu primo Rami era um dos responsáveis por Kastel, a aldeia a partir da qual as suas forças controlavam a estrada entre Jerusalém e Telavive.

— Tens razão, é um grande homem—disse Wadi a Rami quando terminaram o encontro.

— Fico contente por te juntares a nós.—Rami sentia-se satisfeito.

— Vou falar com o meu pai e com a Anisa.

— Compreendo as tuas dúvidas, achas que se lutares trais o Ezequiel, o Ben... todos os nossos amigos da Horta da Esperança—disselhe Rami, que conhecia bem o seu primo.

— Não é isso... pelo menos não é só isso.

— E no entanto eles não duvidam, sabes que o Ben e o Ezequiel fazem parte das Forças de Defesa judaicas e que lutarão quando for necessário. Eles têm a sua causa, nós a nossa. É uma desgraça para todos nós termos de nos enfrentar, pensar que um dia a nossa bala pode ser a que acaba com a vida de alguém que foi nosso amigo. Mas não fomos nós a escolher que as coisas sejam assim. Os judeus não se conformaram com a convivência connosco, queriam o seu próprio país. Somos nós ou eles.

— Não devia ser assim. Devíamos ser capazes de continuar a viver juntos.

— És um poeta, Wadi, e isso é a tua desgraça.

— O Abdelkader al-Husseini também é poeta.

— Mas também é um revolucionário.

Marinna teria gostado de ajudar Salma nos preparativos do casamento de Wadi, mas por decoro nem sequer se ofereceu. Salma e ela sempre tinham mantido as distâncias, tal como tinham feito Mohamed e Igor. Era Miriam que se aproximava de vez em quando da casa dos Ziad sempre disposta a dar uma mãozinha a Salma. As duas mulheres simpatizavam uma com a outra e Mohamed tinha um carinho especial por Miriam, tinha sido a esposa de Samuel, e Samuel tinha sido mais do que um amigo para os Ziad.

Em fevereiro está muito frio em Jerusalém. Apesar da guerra latente, muitos dos notáveis de Jerusalém foram ao casamento de Wadi. Alguns ficaram ofendidos com a presença dos "amigos" judeus de Mohamed. Para além de Miriam e de Ezequiel e Sara, Marinna e Igor, também felicitaram os noivos juntamente com Ben. Louis tinha chegado de Telavive acompanhado por Mikhail e Yasmin, que meses antes tinham ido morar para a cidade judaica.

— Estava a ver que não chegávamos—brincou Louis ao ver Mohamed—,dispararam contra nós ao passarmos por Kastel.

— Quem dominar Kastel possuirá Jerusalém—respondeu Mohamed.

— E por agora está nas nossas mãos.—Rami tinha-se aproximado para cumprimentar Louis. Teria

gostado de lhe dizer que tinham sido ele e os seus homens a tornarem impossível a passagem dos carros pela estrada de Telavive para Jerusalém precisamente naquele dia. Mas não o fez, teria sido dar demasiada informação ao inimigo por mais que lhe custasse ver Louis como um adversário.

— Bem, vamos ter de resolver isso—respondeu Louis abraçando Rami.

— O que é que vai acontecer?—perguntou Mohamed a Louis quando puderam falar a sós.

— Deviam aceitar a divisão. Os britânicos partirão no dia 14 de maio e então os confrontos de agora converter-se-ão numa guerra aberta.

— A divisão é uma humilhação para os árabes.—As palavras de Mohamed estavam carregadas de tristeza.

— Não é nossa intenção humilhar-vos, só queremos um pedaço de terra onde viver. Podemos evitar a guerra.

— Receio bem que não seja assim. Não há um só homem que não esteja disposto a morrer para defender a terra onde nasceu. Além disso, os critérios da divisão não tiveram em conta a realidade da Palestina; como é que pretendem que Haifa se torne uma cidade judaica?—Mohamed olhava para os olhos de Louis esperando ver compreensão no seu amigo.

— Talvez a divisão se tivesse podido fazer melhor, mas está feita e nós aceitámo-la. É um minúsculo pedaço de terra, renunciámos a lugares que consideramos sagrados para a nossa história; magoa-nos, mas temos de aceitar o que nos dão.

— Dás-te conta daquilo que a divisão vai provocar?

— Estou velho, Mohamed, e não tenho vontade de lutar. Daria a minha vida se com isso pudesse evitar o confronto, mas também a darei se alguém pretender evitar a divisão.

— Então talvez esta seja a última vez que nos vemos.

— Conheci-te quando eras uma criança e gostava do teu pai como se fosse o meu irmão mais velho. Não sei o que é que ele teria dito de tudo isto... Para muitos de nós será um grande golpe que a divisão nos separe dos amigos.—Nas palavras de Louis havia uma certa emoção.

— São vocês que querem uma fronteira.

— Só queremos um pedaço de terra, não interessa se é pequena; estamos cansados de vaguear, de sermos tratados como seres inferiores, de sermos expulsos das nossas casas, fartos de deixar que nos matem. Estamos cansados, Mohamed.

Não falaram mais. Partilharam o borrego com especiarias que Salma tinha preparado e recordaram aqueles bolos de pistácio que Dina, a mãe de Mohamed, cozinhava, e fumaram os cigarros egípcios de que tanto gostavam.

Despediram-se fundindo-se num abraço. Ambos pareciam saber que seria a última vez.

Mohamed só soube um dia depois e chorou em silêncio como se chora por quem se ama. Foi Marinna quem apareceu na sua casa acompanhada por Ezequiel.

A manhã seguinte ao casamento era dia 15 de fevereiro e Louis, Mikhail e Yasmin prepararam-se para regressar a Telavive. Yasmin tentava convencer a sua tia Miriam a acompanhá-los.

— Há tanto tempo que não vais a Telavive que não a reconhecerias. É a nossa cidade, só nossa, tão diferente de Jerusalém..

— Mas tu nasceste aqui... Telavive é uma cidade nova, pelo contrário Jerusalém... Eu não poderia viver em nenhum outro lado...—argumentava Miriam.

— Esta cidade é opressiva, não te dás conta enquanto não te vais embora. O Mikhail e eu somos mais felizes desde que vivemos em Telavive, devíamos ter ido antes. E far-te-ia bem mudares de ares. Gostava tanto que viesses connosco... Sinto a tua falta, tia.

— Chegar aqui já foi uma temeridade. Os árabes controlam a estrada. Não pudemos vir diretamente

porque fazê-lo é um risco, e mesmo assim dispararam contra nós. Saímos ilesos por milagre—interveio Louis, nada convencido de que Miriam devesse ir com eles.

— Eu ficaria mais sossegado se ficasses em Jerusalém. Não quero que voltes a ficar em perigo—acrescentou Mikhail.

Mas Yasmin não parecia ouvi-los. Descartou a possibilidade de ficar em Jerusalém, repetiu que a cidade a asfixiava, e continuou a insistir com a sua tia Miriam para os acompanhar.

— Se pudemos vir, poderemos voltar—afirmou inacessível a qualquer argumento que a contrariasse.

— Vamos ter de dar uma grande volta, acho que não podemos utilizar o mesmo caminho, e passar por Kastel seria uma loucura.—Louis não escondia a sua preocupação.

Mas Yasmin não estava disposta a render-se, por isso insistiu para que Miriam os acompanhasse, caso estivesse assim tão louca para aceitar o convite.

Ezequiel via a sua mãe hesitar e incentivou-a a ir com Yasmin.

— A minha prima tem razão, há anos que não saís da Horta da Esperança, far-te-ia bem uma mudança. Garanto-te, mãe, que posso ficar sem ti durante alguns dias—disse troçando.—O Louis eo Mikhail encarregar-se-ão de que não te aconteça nada.

— Eu também posso ir?—O pedido de Sara surpreendeu-os.

Sara nunca manifestara vontade de ir a lado nenhum. Parecia feliz na Horta da Esperança. Fazia pouco tempo que Ezequiel e ela tinham casado, por isso o seu pedido deixou-os sem resposta. Foi Yasmin quem tomou a iniciativa.

— Claro que sim! Vais conhecer uma cidade judaica, só judaica, a primeira cidade judaica do mundo. Vais gostar. Temos lá muitos amigos e vais respirar liberdade.

Louis e Mikhail olharam-se alarmados e esperaram que fosse Ezequiel a negar-se a que Sara fosse com eles. Mas Ezequiel não se atreveu a desanimá-la, pelo contrário, disse a Sara que gostaria muito que ela fosse com a mãe dele. Desta forma, Miriam deixou-se convencer.

Louis continuou a dizer que chegar a Telavive não seria um simples passeio.

— É perigoso, vão disparar contra nós.

Mas Miriam e Sara garantiram estar dispostas a correr esse risco. De repente pareciam entusiasmadas com a ideia de fazer aquela viagem. Partiram a meio da manhã. Mikhail conduzia o carro. Tinham de se reunir com outro grupo de viajantes que também tentava chegar a Telavive, seriam escoltados pelos homens da Haganah. Ben era um deles.

— Não sei se é boa ideia que a tua esposa e a tua mãe venham connosco—comentou Louis com Ezequiel—, nós próprios já nos arriscámos muito, além de pormos em perigo a vida da Yasmin, e tudo por um casamento...

Ezequiel inquietou-se com as palavras de Louis, mas confiava nele. Desde pequeno que o achava um herói. Se podia depositar a vida de Sara e da sua mãe nas mãos de alguém era nas de Louis. Também o acalmava que Ben fizesse parte da escolta.

Tinha caído a tarde quando um homem apareceu na Horta da Esperança. Marinna estava no jardim e foi recebê-lo. Ezequiel ainda não tinha chegado a casa e Igor examinava as contas da horta quando ouviu Marinna gritar. Igor saiu apressado e viu um homem que segurava Marinna tentando acalmá-la. Foi ter com ele rapidamente e empurrou-o para que soltasse a sua esposa. O homem nem sequer protestou e repetiu as palavras que acabava de dizer a Marinna.

O grupo que tentava chegar a Telavive tinha sido atacado por cerca de vinte árabes. Uma bala tinha rebentado um dos pneus do carro que Mikhail conduzia. Ele deu uma guinada no volante e saiu da estrada. Perdeu o controlo do carro, que deu duas voltas antes de parar e de começar a arder. Todos os seus ocupantes tinham morrido. Os viajantes dos outros dois veículos salvaram a vida, embora dois deles

tenham ficado feridos. Os homens da Haganah condenaram o ataque. Ben estava ferido. Tinha sido transferido para o hospital onde nesse momento lutava pela vida.

Enquanto Marinna explicava a Mohamed o que tinha acontecido, Ezequiel ficou em silêncio e Salma desatou a chorar.

Mohamed não sabia o que dizer nem o que fazer. Tinha-o inquietado ver aparecer Marinna seguida de Ezequiel. Tinha de haver um motivo importante para que ela fosse à sua casa, e agora ali estava, com o rosto desfigurado de tanto chorar enquanto lhe explicava que a vida do seu filho Ben estava por um fio e que Ezequiel tinha perdido tudo o que lhe restava na vida, a sua mãe e a sua esposa.

Wadi não estava em casa. Depois do casamento tinha ido a Haifa, onde vivia a avó de Anisa, demasiado velha para assistir à cerimónia. Demorariam quatro ou cinco dias a regressar e isso fez com que Mohamed se sentisse mais sozinho do que nunca. Envolveu Marinna e Ezequiel no mesmo abraço enquanto procurava as palavras que refletissem a dor que sentia no seu peito. Pensava que talvez o seu sobrinho Rami fosse um dos homens que atacou a coluna em que Miriam e Sara viajavam. De repente a guerra apresentava-se tal como é, ávida de acabar com vidas. Ele, que tinha lutado no passado, sabia-o bem.

Olhou para Ezequiel sentindo-se responsável por ele. Era o filho de Samuel e não podia deixá-lo à sua sorte. Aquele rapaz tinha sofrido demasiadas perdas para conseguir suportar mais uma. Teria gostado de lhe dizer que os inimigos dele eram os seus inimigos, que iriam juntos matá-los, mas não o podia fazer. Os inimigos de Ezequiel eram os seus amigos, entre eles estava o seu próprio sobrinho e dentro de pouco estaria Wadi, o seu próprio filho.

Salma e Mohamed insistiram em acompanhar Marinna ao hospital de onde Igor não saía à espera de que algum médico lhe anunciasse que o seu filho tinha vencido a morte.

Igor sobressaltou-se ao ver Salma e Mohamed e olhou com estranheza para Marinna censurando-lhe que se tivesse atrevido a vir acompanhada pelos Ziad. Aya não demorou a chegar e fundiu-se num abraço tão intenso com Marinna que as suas lágrimas acabaram por ser um só pranto.

Os dias seguintes foram um pesadelo. Enterraram Louis, Miriam, Sara, Yasmin e Mikhail, e Ezequiel chorou com a desolação com que choram as crianças perdidas. Wadi tinha regressado a tempo do funeral e ninguém se atreveu a impedi-lo de estar perto de Ezequiel. Alguns amigos deste olhavam com raiva contida para os Ziad sem compreenderem que pudessem estar naquela cerimónia de despedida. Como se atreviam a fazê-lo? Mas nem Mohamed nem Wadi se deixaram afetar por aqueles olhares carregados de cólera. Nada nem ninguém os podia impedir de acompanhar Ezequiel Zucker.

— Pelo menos posso chorar no túmulo da minha mãe. Não tenho onde chorar o meu pai e a minha irmã, exceto se for a Auschwitz, onde talvez ainda restem algumas das suas cinzas no ar—murmurou Ezequiel a Wadi, e o seu amigo não pôde deixar de sentir um arrepio.

Depois do funeral, Ezequiel pediu a todos que o deixassem sozinho. Precisava do silêncio para voltar a encontrar-se consigo próprio, por isso saiu da Horta da Esperança, negando-se até a falar com Wadi.

Marinna e Igor continuavam permanentemente ao pé da cama de Ben, que ainda não tinha acordado. Os médicos não lhes davam qualquer esperança: "Se recuperar—chegaram a dizer—não será o mesmo." Mas não acordou. Enterraram-no uma semana depois.

Marinna tinha envelhecido de repente, incapaz de suportar a perda do filho. Mohamed teria gostado de a abraçar, mas só lhe conseguia expressar o seu próprio sofrimento com o olhar. Mal trocou uma palavra com Igor, deu-lhe apenas um aperto de mão. Foi Aya quem ignorou qualquer olhar de censura e permaneceu ao lado de Marinna, agarrando a sua mão, enxugando as suas lágrimas. Para Aya, Marinna era mais do que uma irmã, gostava dela desde que eram crianças.

Quando a cerimónia terminou, Ezequiel aproximou-se de Mohamed e pediu-lhe que parasse durante

um segundo.

— Diz-me, ainda achas que há momentos na vida em que a única forma de nos salvarmos a nós próprios é matando ou morrendo?

Mohamed sentiu a tensão de todos os músculos e nervos do seu corpo. A única coisa que lhe podia dizer era o que sentia verdadeiramente. Devia-o a Samuel, devia-o ao próprio Ezequiel.

— Sim, acho. Há momentos na vida em que não há outra opção se queremos continuar a viver sem perdermos o respeito por nós próprios. Compreenderei tudo o que fizeres.

Mohamed perguntava-se se Ezequiel e Marinna sabiam que Rami fazia parte dos homens de al-Husseini cuja missão era impedir a passagem dos judeus entre Jerusalém e Telavive. Se assim fosse, Ezequiel podia decidir ir atrás de Rami e vingar-se. Tremeu ao pensar no destino do seu sobrinho, mas também no que podia acontecer ao próprio Ezequiel.

— Pai, o que podemos fazer?—perguntou-lhe Wadi mal chegaram a casa.

— Já não é possível voltar atrás.—A resposta de Mohamed estava cheia de amargura.

— Tem de haver uma maneira de evitar tanto sofrimento—insistiu Wadi.

— As pessoas como nós só têm um dever, representar o papel que os outros escrevem. Ninguém se importa com o que pensamos nem com o que sentimos. Quem pode decidir já o fez, e não vai servir de nada tentar mudar a sua vontade. Os britânicos traíram-nos uma vez mais, e a ONU aprovou essa traição. Só podemos lutar pelos nossos direitos, pelas nossas casas, pelas nossas famílias.

Salma e Anisa ouviam em silêncio. Sabiam da imensa dor que ambos sentiam.

Mohamed não se atreveu a voltar a cruzar-se com Marinna para lhe dizer que queria partilhar com ela a dor que sentia. Imaginava-a sozinha, perdida na Horta da Esperança, com Igor ensimesmado na sua própria dor e com Ezequiel na sua. Salma também não se atrevia a ir até lá, pois tinha receio de não ser bem recebida. Era Anisa que pressionava Wadi para que fosse ver Ezequiel e lhe dissesse que podia contar com ele.

— É que não lhe posso mentir, o que aconteceria se me dissesse que se quer vingar de quem disparou contra o carro do Louis? Será que eu podia ir com ele matar o Rami? O meu pai tem razão, já não podemos escolher.

Na noite de 2 de abril de 1948, o Palmach, a unidade de elite da Haganah, atacou Kastel. Cumpriam uma ordem de Ben-Gurion de levar a cabo a Operação Nachshon, que tinha como objetivo tornar a estrada entre Telavive e Jerusalém transitável. Conseguiram o seu objetivo.

Rami queixava-se da falta de homens e de meios. Tinha sobrevivido ao ataque da Haganah, mas o seu orgulho estava ferido.

— Abdelkader al-Husseini voltou de Damasco com as mãos vazias depois de tentar convencer os chefes do Exército de Salvação Árabe para que nos forneçam armas pesadas e mais homens. Só conseguiu que o general Ismail Safwat o insultasse, desafiando-o a reconquistar Kastel ou a entregar o comando a Fawzi al-Qawuqji.

— Já te disse que os sírios, os iraquianos, os egípcios, todos têm os seus próprios interesses—recordou-lhe Wadi.

— Então, se perdermos a Palestina, a culpa vai ser deles, foi isso que Abdelkader al-Husseini lhes disse.

— E achas que no futuro alguém recordará que a sua incúria se assemelha a traição?—referiu Mohamed.

— Voltaremos a ter Kastel. Não permitiremos que os judeus fiquem com uma aldeia árabe. Expulsá-los-emos custe o que custar. Foi por isso que vim, porque precisamos de homens, chegou a hora de combateres connosco.—Rami olhava fixamente para Wadi.

— Querem reconquistar Kastel com poucos homens e poucas armas... Não deviam esperar?— Mohamed temia pelo seu filho e pelo seu sobrinho.

— Somos cerca de trezentos homens e juntaram-se a nós três soldados britânicos que não concordam com a política do seu país. As nossas armas não são suficientes, mas mesmo assim Abdelkader al-Husseini decidiu que vamos atacar amanhã.

— Vou convosco—afirmou Wadi, e o seu primo abraçou-o agradecido. Mohamed não se atreveu a contrariar o seu filho.

Wadi despediu-se de Anisa explicando-lhe brevemente o que ia fazer. Ela não o censurou porque se sentia orgulhosa da sua determinação. A perda de Kastel tinha desmoralizado os árabes palestinos e recuperar aquela aldeia era uma questão de honra, por isso não podia apontar nada à decisão do seu marido.

Abdelkader al-Husseini explicou aos seus homens que atacariam por três frentes e escolheu os comandantes de cada destacamento. Rami e Wadi teriam gostado de combater juntos, mas al-Husseini, ponderadamente, separou-os.

Eram dez da noite do dia 7 de abril de 1948 quando o ataque começou. Os homens de al-Husseini e os da Haganah tinham a mesma bravura. Corpo a corpo, palmo a palmo, lutavam por aquele enclave estratégico. A sorte estava dos dois lados, tanto pareciam estar prestes a vencer os judeus como em poucos minutos eram os árabes palestinos que julgavam poder cantar vitória.

Estava a amanhecer quando a sorte se inclinou para o lado da Haganah. Abdelkader al-Husseini e o grupo de homens sob o seu comando estavam rodeados e prestes a perderem a batalha. Mas os papéis inverteram-se. Mais de quinhentos homens juntaram-se às forças de al-Husseini e na tarde de 8 de abril conseguiram transformar em vitória o que parecia estar prestes a ser uma derrota. Quando por fim se apoderaram de Kastel, centenas de suspiros de alívio fundiram-se com o ar quente da primavera. Tinham detido mais de cinquenta membros da Haganah. Estavam a desfrutar do êxito conseguido. Mas o que ia ser uma doce vitória tornou-se um pesadelo. O cadáver de Abdelkader al-Husseini jazia no campo de batalha. Quando a notícia se espalhou, os seus homens tomaram uma decisão sangrenta: assassinaram os cinquenta prisioneiros judeus e deleitaram-se a mutilar os seus cadáveres.

— Que Alá vos perdoe por profanarem os mortos—murmurou Mohamed enquanto ouvia Wadi relatar os pormenores da batalha.

Salma e Anisa permaneciam muito quietas, transtornadas perante o que estavam a ouvir.

Mohamed e Wadi foram ao funeral de Abdelkader al-Husseini, chorado por todos os palestinos. Jerusalém parecia ter ficado paralisada para a despedida do homem ao qual todas as facções respeitavam. Mas a dor que sentiam pela morte do seu general não era nada comparada com a dor que sentiriam por outro massacre que estava prestes a perpetrar-se.

Ainda não tinha amanhecido na Palestina quando um grupo de homens se aproximou sigilosamente de Deir Yassin. A essa hora Aya estava a acender a lareira enquanto Yusuf fazia as suas abluções matinais. Rami e a sua esposa Shayla ainda estavam a dormir. Aya dava graças a Alá por lhe ter devolvido o seu filho vivo depois da batalha de Kastel e nada lhe indicava que aquele não ia ser um dia normal.

Os gritos alarmaram-na. Gritos de homens, de mulheres, de crianças. Aya abriu a porta e assustou-se. Viu vários homens a lançarem granadas para dentro das casas e a dispararem indiscriminadamente contra velhos e crianças. Destruíram tudo o que encontraram à sua frente.

Aya fechou a porta gritando. Yusuf e Rami apareceram de imediato.

— A casa da Noor está a arder!—Aya queria ir à casa da sua filha e do seu genro.

Rami tinha visto pela janela o que estava a acontecer e ordenou à sua mãe e à sua esposa que corressem para Ain Karim, a aldeia mais próxima onde havia uma unidade do Exército de Salvação

Árabe. A polícia britânica costumava patrulhar os arredores, por isso pediu-lhes que fossem procurar ajuda enquanto eles tentavam enfrentar aquele grupo de demónios armados que assassinavam sem piedade quer fossem crianças, mulheres ou velhos.

Por mais que Aya insistisse a chorar em que não partiria enquanto não verificasse como estava Noor, o marido e o filho mostraram-se perentórios. Abandonaram a casa e correram sem olhar para trás, ouvindo os gritos desesperados dos seus vizinhos. Durante a corrida juntaram-se outras mulheres. Aya escorregou e caiu batendo com a cabeça. Desmaiou. Shayla tentou que se levantasse, mas o corpo de Aya parecia inerte. Arrastou-a, arrastou-a entre as pedras, puxou o seu corpo tentando pô-la a salvo até que sentiu uma dor profunda no peito. Não sabia o que era, mas continuou a andar e a puxar Aya. Mal conseguia respirar quando chegou a Ain Karim e dobrou os joelhos caindo no chão.

Frei Agustín contaria a Wadi como um grupo de atacantes de Deir Yassin tinham arrastado até ao bairro judeu de Jerusalém vários dos sobreviventes da matança. Primeiro humilharam-nos publicamente e depois deixaram-nos em liberdade.

Famílias inteiras morreram naquele amanhecer vítimas dos ataques dos pistoleiros do Irgun e do Lehi. Por mais que Ben-Gurion e a Haganah lavassem as mãos e condenassem o massacre, a infâmia daquela ação seria recordada para sempre.

Mohamed chorava ao pé da cama da sua irmã Aya. A enfermeira insistia para que a deixasse descansar, mas ele negava-se a deixá-la sozinha. Yusuf e Rami também lutavam entre a vida e a morte. E Shayla acabava de falecer. Noor e o seu marido Emad tinham salvado a vida, mas Emad tinha decidido que não ficariam nem mais um dia em Jerusalém e, apesar das lágrimas de Noor, tinham atravessado para a outra margem do Jordão. No reino de Abdullah estariam seguros.

Anisa encontrou Salma no corredor do hospital e depois viu Marinna a dirigir-se a elas com passo decidido. Wadi estava a falar com os médicos, por isso decidiu ser ela a enfrentar Marinna.

— Quero ver a Aya.—Os olhos e a voz de Marinna não permitiam uma recusa, mas ainda assim Anisa tentou.

— Está inconsciente. Não são permitidas visitas. Preferíamos que nos deixasses sozinhos, a Shayla acaba de falecer e o Rami e o Yusuf têm poucas possibilidades de recuperarem. Agradeço o teu interesse, fizeste a tua parte, mas prefiro que te vás embora.

— Não me vou embora sem ver a Aya—disse Marinna enquanto empurrava a porta do quarto onde a sua amiga agonizava.

Mohamed sobressaltou-se ao vê-la, mas não se moveu. Não se sentia capaz de dizer nada. Ela aproximou-se e pegou numa das mãos de Aya, depois acariciou-lhe o rosto e ficou quieta ao seu lado, em silêncio.

Quando Anisa entrou no quarto, encontrou Mohamed e Marinna ao lado um do outro, sem se olharem, como se um muro os separasse.

Mais tarde ela comentaria a Wadi que Mohamed devia ter pedido a Marinna que se fosse embora. A resposta de Wadi desconcertou-a: "A minha tia Aya não o teria permitido."

Anisa não conseguia compreender aquela estranha relação entre os Ziad e as pessoas da Horta da Esperança. Não é que ela não tivesse simpatizado com Miriam, ou com a pobre Sara, até com a própria Marinna, mas julgava que naquelas circunstâncias a amizade devia chegar ao fim. Não era possível manter a farsa de que ainda podiam ser amigos. "Eles têm os seus mortos, nós os nossos, e por mais que queiramos perdoar-nos eles vão estar sempre no nosso caminho", dizia-lhe Wadi. Mas Anisa tinha a impressão de que ele se limitava a ouvi-la sem ter em conta os seus raciocínios.

Já era 13 de abril e tinham passado quatro dias desde a matança de Deir Yassin quando um grupo de árabes palestinianos atacou uma coluna de médicos e enfermeiras, todos judeus, que tentavam chegar ao

hospital no monte Scopus, nos arredores de Jerusalém. Das cento e doze pessoas que iam na coluna só sobreviveram trinta e seis, as restantes foram assassinadas. Os atacantes comportaram-se com uma brutalidade parecida com a dos homens que tinham perpetrado o assalto a Deir Yassin. Mas acrescentaram à matança a infâmia de se fotografarem com os cadáveres.

Wadi estava a distribuir as fotografias entre os convidados de Omar Salem. Estavam desmoralizados porque as Forças de Defesa judaicas tinham voltado a ficar com Kastel; a isso era preciso acrescentar a matança de Deir Yassin, que tinha feito com que centenas de palestinianos decidissem deixar as suas casas e fugir temendo sofrer a mesma sorte.

— Estas fotografias sujam-nos a todos—afirmou Wadi olhando um por um para aqueles homens que desviavam o olhar das fotografias.

— O ataque à coluna do monte Scopus foi a resposta a Deir Yassin—afirmou Omar Salem.

— E o que é que farão da próxima vez? E como é que nós responderemos? Vamos acabar por arrancar os olhos uns aos outros pelas ruas de Jerusalém? Mataremos as suas mulheres e eles vingam-se assassinando os nossos filhos? Já chega!—O seu grito sobressaltou-os.

— O que é que pretendes?—A pergunta de Omar Salem continha um desafio.

— Que paremos com esta loucura, que nos sentemos a conversar, eles e nós, sem intermediários. Se temos de lutar, fá-lo-emos, mas que seja como os homens, frente a frente, deixando a salvo as mulheres e as crianças—respondeu Wadi com o conseqüente escândalo dos convidados de Omar Salem.

Tareq, o marido de Naima, a irmã de Wadi, enfrentou-o.

— Em todas as guerras se cometem atrocidades. Como é que as podemos evitar? Foste soldado e sabes que às vezes só a vingança é possível.

— Gostava de saber porque é que os homens acantonados em Ain Karim não foram de imediato ajudar em Deir Yassin—respondeu-lhe Wadi deixando aqueles homens perplexos.

— Quando souberam do massacre já não podiam fazer nada—respondeu um dos homens.

— Compreendemos a dor que sentes pela perda do teu tio Yusuf. Era nosso amigo e sabes bem que nunca confiei tanto num homem como nele. Mas a dor não deve toldar a nossa inteligência, e muito menos enfraquecer-nos. Temos de lutar até expulsá-los da nossa terra—afirmou Omar Salem.

— O meu tio morreu, a mulher do Rami também.

— Alá está a mostrar-se misericordioso com a tua tia Aya—recordou-lhe Tareq.

— Que acaba de acordar e não para de perguntar pelo marido e pelo filho—respondeu Wadi.

— Deve sentir-se orgulhosa deles, são os dois mártires e não os esqueceremos—reforçou Omar Salem.

— A minha tia preferia tê-los vivos.

— Reunimo-nos para tentar travar a fuga em massa dos nossos irmãos—recordou-lhes outro convidado.

— Não podemos fazer nada, as pessoas estão assustadas depois da matança de Deir Yassin—afirmou outro dos presentes.

— Ainda assim, todos regressarão. Quando acabar o mandato e os ingleses se forem embora, expulsaremos os judeus, contamos com a promessa da Síria, do Egito e do Iraque, até o rei Abdullah não terá outro remédio senão ajudar-nos.—Omar Salem parecia não ter dúvidas.

— Vamos ver—respondeu Wadi.

Mohamed tinha ficado em silêncio enquanto o seu filho falava. Na verdade não ouvia, nem a ele nem a nenhum daqueles homens. Estava há algumas noites a planear a vingança. Já não era jovem, não tinha a força de antigamente, mas ainda tinha a suficiente para fazer o que tinha de fazer. Tinha averiguado onde viviam dois dos homens que tinham perpetrado a matança de Deir Yassin. Aqueles dois assassinos

pagariam por todos os outros.

Mal esboçou o seu plano a Wadi, o seu filho tentou dissuadi-lo. Às vezes perguntava-se como era possível que Wadi fosse capaz de dominar os desejos de vingança. Ele tinha-lhe ensinado que às vezes os homens não têm outra opção senão responder à violência. Omar Salem tinha razão ao explicar que a matança dos médicos e das enfermeiras era a resposta à matança de Deir Yassin. Olho por olho. Dizia-o o Livro sagrado dos judeus. Mas ele não ficava satisfeito com a vingança coletiva. Não podia dormir à noite porque o rosto do seu sobrinho Rami e da sua esposa Shayla, e o do seu cunhado Yusuf, lhe apareciam para reclamar vingança.

Naquela noite também não conseguiu dormir, nem sequer com o chá que Salma lhe tinha preparado para ajudá-lo a adormecer. Ouvia os sussurros de Wadi e Anisa, que deviam estar a falar sobre as desgraças que estavam a suportar.

Pelo menos, nós não passamos fome, pensou Mohamed. Desde que as forças árabes palestinianas tinham cortado a estrada entre Telavive e Jerusalém, a cidade tinha ficado isolada, pelo menos para os judeus, que eram os que sofriam as consequências da fome. Tinha demasiada dor no coração para ter pena deles. Tinha sido um soldado e sabia que a guerra trazia com ela a fome e a miséria. No entanto, sossegava-o saber que na Horta da Esperança ainda tinham comida. Foi Kassia que aproveitou parte do terreno para cultivar os legumes e fruta que consumiam, e Marinna continuava a tratar da horta.

Wadi foi para a escola mal amanheceu. Tinha passado a noite às voltas na cama.

Encontrou frei Agustín com uma chávena de café na mão, parecia absorto, como se a sua mente estivesse muito longe dali.

— Vieste muito cedo, queres café?

— Não consegui dormir.

— Combate-se em todo o lado, o som dos disparos deixa-nos sempre alerta. Cada vez vêm menos meninos, os pais deles têm medo de que nem aqui estejam seguros.

— O que vai acontecer quando os britânicos se forem embora?

— Não sei, Wadi, não sei. Os judeus estão a invadir o território que as Nações Unidas lhes atribuiu e estão a mostrar que sabem lutar.

— Estão a fazer algo mais, estão também a tomar posições em lugares que, caso a divisão se efetue, nos corresponderiam a nós. Disse aos nossos líderes para, pelo menos, negociarmos sobre a partilha dos territórios, mas não me ouvem e, embora não o digam, pensam que as minhas palavras são uma traição.

— E a Anisa? O que é que a tua esposa pensa?

— Ela é-me leal, mas também não me compreende. Acha que temos de lutar e que se o fizermos a vitória está garantida.

— E tu achas que não.

— Tal como nós, sentem que esta é a sua pátria e esse é um sentimento mais forte do que a razão, por isso lutarão para ficarem aqui. Depois do sofrimento da guerra, depois de terem enfrentado os campos de extermínio, estão mais convencidos do que nunca de que devem ter a sua própria pátria, um lugar que seja seu, do qual ninguém os possa expulsar. Se tivesse ouvido a Sara... A mulher do Ezequiel era uma sobrevivente de Auschwitz, tinha vivido nas profundezas do inferno, e estava decidida a morrer a lutar para nunca mais estar à mercê dos outros. Era de Salónica. A Sara teria matado se alguém tivesse tentado expulsá-la da Palestina.

— Sabes uma coisa? Admiro a tua capacidade de te pores na pele dos outros, de compreenderes as suas razões. Só podemos vencer os adversários se pensarmos como eles, caso contrário, acabamos por nos enganar a nós próprios.

— Apesar disso lutarei com os meus por mais que eu ache que não vai servir de muito. Lutarei até

morrer porque a divisão é fruto de uma injustiça que as Nações Unidas estão a perpetrar contra os árabes. O que me preocupa é que possamos perder tudo.

— Isso não vai acontecer, até podem ganhar. Não está escrito em lado nenhum que não podem derrotar os judeus. Síria, Iraque, Egito, Líbano, Jordânia... São muitos os países que não permitirão que a divisão se torne realidade—tentou animá-lo frei Agustín.

— Está enganado, frade, está enganado.

Os combates aumentavam a cada dia que passava. Judeus e árabes lutavam por cada palmo de terra, às vezes o que era conquistado por uns voltava para as mãos dos outros em apenas algumas horas, mas não se rendiam e recomeçavam.

Numa tarde Anisa chegou a chorar e Salma assustou-se. Sogra e nora davam-se bem e a vida em comum tinha-as ajudado a aumentar o afeto que sentiam uma pela outra.

— O que se passa?—perguntou Salma preocupada.

— Vão-se embora... há muita gente que se vai embora. Têm medo daquilo que possa acontecer quando os britânicos nos deixarem.

— Ouvi dizer que um tal Yitzhak Rabin conseguiu conquistar Sheikh Jarrah. O Omar Salem vive lá, nem quero imaginar a humilhação que deve ter sentido ao ver os soldados das Forças de Defesa judaicas controlarem o seu bairro. Mas o meu marido disse-me que os soldados britânicos já foram expulsos e que essa parte da cidade volta a ser nossa.

Mohamed entrou na sala onde as duas mulheres estavam a falar. Anisa cumprimentou-o com respeito. Mohamed impunha-lho. Não é que não fosse um sogro atencioso e preocupado com ela, mas havia alguma coisa no seu olhar que não conseguia compreender.

— Tornámo-nos mais fortes na Cidade Velha, não permitiremos que fiquem com ela. Os judeus estão a defender a parte ocidental, mas espero que seja por pouco tempo—explicou às duas mulheres.

Há dias que Mohamed lutava por Jerusalém. Não tinha conseguido permanecer indiferente à batalha que se estava a travar pelo controlo da cidade. Os britânicos tinham tentado manter a ordem, mas tinham sido impossível. Estava em causa muita coisa para os dois lados, por isso tanto árabes como judeus tinham ignorado qualquer tentativa dos soldados do general Alan Cunningham de manter a cidade em paz.

— Estamos a ficar sem tempo—murmurou Mohamed deixando as duas mulheres desoladas ao vê-lo sair com a pistola no cinto e empunhando uma espingarda.

O que nem Salma nem Anisa sabiam era que Mohamed ia procurar Wadi. O seu filho também lutava, tinha acabado por aceitar que aquele era um desses momentos nos quais já não restava mais nada senão matar ou morrer para defender o que era seu.

Naquela noite Anisa confessaria a Wadi que estava grávida e os dois perguntaram-se o que é que o futuro reservaria àquele filho que estava a chegar.

O que mais temiam era o que podia acontecer a 14 de maio.

— O que estamos a viver agora não é nada comparado com o que vai acontecer quando os ingleses partirem. Talvez a minha mãe e tu devam ir para a casa da minha irmã Naima em Jericó. Lá vão estar mais seguras.

Mas Anisa recusou a sugestão de Wadi, não estava disposta a fugir, e pedia a todos os que conhecia que não o fizessem. Estava convencida de que era dar vantagem aos adversários.

— Se nos vamos embora é uma forma de nos rendermos, deixamos-lhes o terreno livre. Temos de ficar e defender as nossas terras, as nossas casas. Vou ficar contigo e se for preciso morrer morro, mas que seja a lutar—garantiu a Wadi, que só conseguiu admirar a sua coragem.

Aya não tinha vontade de viver. Nem sequer a animava saber que a sua filha Noor e o seu genro Emad se encontravam a salvo em Amã. Não podia deixar de chorar a perda do marido e do filho. Não tinha

amado Yusuf com a paixão que imaginava acompanhar o amor, mas o seu casamento tinha decorrido sem sobressaltos. Yusuf tinha feito o possível para fazê-la feliz, comportando-se como um marido atento e delicado. Nunca tinha tido nada a apontar-lhe, antes pelo contrário, censurava-se a si própria por não o ter amado com a intensidade que ele merecia.

Mas se a ausência de Yusuf a magoava, a do seu filho Rami era-lhe insuportável. Não podia aceitar nunca mais ver o seu filho, não pegar na sua mão, nem lhe dar um beijo na testa, não voltar a partilhar com ele as suas preocupações.

Doía-lhe o peito ao lembrar Rami e a dor espalhava-se pelo resto do corpo tornando-se insuportável. Dizia para si própria que teria preferido não sobreviver. A sua filha Noor tinha a sua própria vida, por mais que a magoasse a perda do pai e do irmão, tinha um marido e filhos pelos quais viver. Noor, de natureza silenciosa e discreta, tinha uma força interior que a ajudaria a ultrapassar qualquer situação.

Mohamed tinha-se negado a deixá-la voltar à sua casa de Deir Yassin. Sabia que Aya não resistiria à dor. Salma tinha-se mostrado sempre disposta a acolher a sua cunhada, de quem gostava verdadeiramente, por isso, quando deram alta a Aya no dia 12 de maio no hospital, Mohamed, acompanhado por Anisa e Wadi, levou-a para sua casa.

Aya chorou ao ver que Salma lhe tinha preparado o seu antigo quarto. Anisa insistiu com Aya para se sentar e descansar enquanto Salma lhe preparava uma chávena de chá e lhe oferecia uma fatia de bolo de pistácio. Enquanto tomavam o chá comentaram os últimos acontecimentos, embora Anisa tivesse preferido que Mohamed e Wadi não incomodassem Aya com tantas más notícias.

— Perdemos Haifa. Muitos dos nossos conseguiram atravessar a fronteira com o Líbano. Outros embarcaram como puderam em barcos de pescadores para conseguirem fugir. Não fomos capazes de manter uma cidade onde vivemos há séculos. Maldita divisão!—exclamou Mohamed.

— Não percebo porque é que as Nações Unidas atribuíram Haifa aos judeus—lamentou-se Anisa.

— A divisão é uma loucura, não tiveram nada em conta, nem sequer em que lugares há mais árabes do que judeus ou o contrário. Eles foram mais espertos, e desde que souberam que Haifa estava incluída no lote começaram a sua ofensiva. Agora os nossos partiram deixando para trás a suas casas. Ninguém sabe se um dia vão conseguir regressar—lamentou-se Mohamed.

— Disseram-me que em Haifa não restam mais de três ou quatro mil árabes. Antes viviam ali mais de setenta mil—acrescentou Wadi.

— Que Alá nos proteja! Não podemos deixar que nos expulsem das nossas casas!—exclamou Anisa.

— Ontem as forças judaicas conquistaram Safed, hoje lutaram em Bete-Seã e já têm em seu poder o Convento de São Simão em Katamon. Também se apoderaram da zona de Tiberíades e de Acre—continuou Wadi.

— Nós também conseguimos vitórias, continuam sem controlar a estrada para Telavive, e as colónias judaicas de Kfar Etzion foram atacadas com êxito, temos o apoio da Legião Árabe—interveio Mohamed.

— Pai, perdemos esta guerra, talvez ganhemos a que está prestes a começar. Mas até agora não obtivemos nenhuma vitória significativa—respondeu Wadi.

— O pior é o exílio de tantos e tantos milhares de famílias—lamentou-se Salma estremecendo ao pensar no que lhes poderia acontecer.

As notícias que se contavam enchiam-nos de pesar. Faltavam dois dias para terminar o Mandato Britânico e temiam o que pudesse acontecer depois.

Naquela noite Salma ouviu o choro de Aya e os cochichos entre Wadi e Anisa. Ela também não conseguia dormir. Sabia que Wadi, tal como Mohamed, não poderia deixar de lutar e, chegado o momento, não poderia hesitar, nem olhar para os judeus como os amigos de antigamente. Só teria margem

para ganhar ou perder, e perder significava algo mais do que perder a própria vida.

Mohamed proibiu as mulheres de saírem de casa naquele dia 14 de maio. Assim que amanheceu Wadi dirigiu-se à Cidade Velha, onde estava tudo fechado. Frei Agustín esperava-o na escola.

— O que estás aqui a fazer? Hoje não vem nenhuma criança. Devias preparar-te para lutar. Não ouves o barulho? Os britânicos estão a partir com os seus tanques e camiões, mal saíam da cidade os judeus farão o que for preciso para ficarem com ela.

— E o senhor? O que vai fazer?—quis saber Wadi.

— Nada, vou ficar aqui até amanhã.

Wadi saiu da escola e dirigiu-se à Avenida do Rei Jorge, por onde as tropas britânicas passavam naquele momento. As pessoas amontoavam-se nos passeios em silêncio. De repente sentiu uma mão a fechar-se sobre um dos seus braços.

— Temos de tomar todos os lugares que estavam nas mãos dos britânicos—sussurrou-lhe um homem que conhecia de vista da casa de Omar Salem.

Wadi assentiu. Lutaria. Não lhes tinham dado outra opção.

Mal os britânicos saíram da cidade, as Forças de Defesa judaicas tentaram tomar cada palmo de terra deixado pelos soldados britânicos. Wadi sabia que o seu pai estaria a lutar em algum lugar da cidade tal como ele. Só quando a tarde caiu é que soube da notícia fatídica. Tinha combatido até se sentir exausto, quando uns homens chegaram a gritar de onde tinham estado a lutar. O que disseram deixou-os sem saber o que fazer.

— Ben-Gurion anunciou de Telavive a criação do Estado de Israel—explicou alterado um dos homens.

Houve um momento de desânimo que deu lugar à ira e à indignação. Durante todo o dia tinham lutado mantendo o inimigo sob controlo. Agora já não enfrentavam um grupo de judeus, mas sim algo que lhes parecia uma ameaça, um Estado.

Tinha caído a noite quando conseguiu aproximar-se da sua casa. Anisa estava a tratar uma ferida que Mohamed tinha no ombro e que ainda sangrava. Wadi ficou alarmado ao ver a palidez do seu pai.

— Não te preocupes, já lhe extraí a bala—explicou Anisa.

Não lhe perguntou o que tinha acontecido. Mohamed tinha combatido tal como ele e Alá tinha-os protegido aos dois.

— Ben-Gurion anunciou a criação do Estado de Israel—informou-os Wadi.

— E Truman e Estaline reconheceram o Estado judaico—informou-o Mohamed por sua vez

— Então estamos sozinhos.—A voz de Wadi deixava transparecer o cansaço de um dia de combates sem tréguas e a decepção por saber que os países mais poderosos os tinham abandonado à sua sorte.

— As mulheres têm de se ir embora—afirmou Mohamed enquanto Anisa acabava de lhe ligar o ombro.

Aya e Anisa começaram a protestar, e até Salma, sempre prudente, se atreveu a juntar-se a elas.

— Agora começará outra guerra e não haverá nenhum lugar seguro para ninguém. Não poderemos lutar ao saber que vocês estão em perigo—afirmou Mohamed.

— O pai tem razão. Vou levá-las para Jericó para a casa da minha irmã Naima e pedirei ao seu marido Tareq que vos leve para Amã se for necessário. Vão estar mais seguras no reino de Abdullah.

Salma sabia que já não havia lugar para respostas, por isso no dia seguinte começaria a preparar as malas. Não levaria muita coisa. Regressariam em breve, disse para si própria.

— Vão ajudar-nos—referiu Mohamed a olhar para o seu filho.

— Quem? Quem é que nos vai ajudar, pai? Até agora só nos enganámos, mas o Omar Salem e os seus amigos estavam cegos e surdos em relação a tudo o que não estivesse de acordo com os seus desejos.

Fawzi al-Qawuqji fracassou no campo de batalha.

— É um grande general!—replicou Mohamed, zangado.

— Não foi isso que demonstrou.—Wadi fitava o seu pai.

— Iraque, Síria, Egito, Transjordânia... todos nos ajudarão. Sei que Abdullah se comprometeu a não permitir que percamos Jerusalém—respondeu-lhe Mohamed.

— E também sabes que Abdullah deseja ampliar o seu reino? Achas que se vai conformar com o que os britânicos lhe deram? O homem sob cujas ordens combati é hoje casado com uma beduína do outro lado do Jordão. Disseram-me que Abdullah quer ficar com a Cisjordânia.

— Esse homem está a mentir—respondeu Mohamed, alterado.

— Que motivos tem para mentir? A sua esposa pertence a uma família leal a Abdullah. O irmão da sua esposa pertence a uma unidade na qual o rei confia. Dizem que o rei recebeu um emissário de Ben-Gurion, ao que parece é essa mulher da qual os jornais às vezes falam, Golda Meir. Além disso, tu sabes que o pai de Abdullah, o emir Husayn ibn Ali, xerife de Meca, teria permitido que os judeus tivessem o seu próprio lar dentro de uma grande nação árabe.

— Tu é que o disseste, dentro de uma grande nação árabe, mas em caso algum teria permitido que tivessem um Estado próprio—recordou-lhe Mohamed.

— Pai, Abdullah defende os interesses do seu reino e os restantes países também defenderão os seus.

— Mesmo que fosse como tu dizes, nem Abdullah nem os restantes dirigentes árabes podem permitir-se deixar-nos sozinhos. Seria uma vergonha para eles, ninguém os perdoaria. Só por isso é que sei que não nos vão abandonar—insistiu Mohamed.

— Quantos homens virão?

Mohamed olhou para Wadi com tristeza antes de lhe responder.

— Isso não importa. Há momentos na vida em que a única forma de nos salvarmos a nós próprios e a quem amamos é matando ou morrendo. Esse é o nosso dever sagrado. É o que faremos.

— Sim, pai, é o que faremos.

Salma, Aya e Anisa choravam ao despedir-se de Mohamed que, apesar da ferida, estava decidido a reunir-se naquela mesma noite com os homens com os quais tinha combatido e com quem voltaria de novo a fazê-lo. Wadi faria o mesmo embora se perguntasse como e quando conseguiria sair de Jerusalém para levar as mulheres até Jericó. Não quis contrariar o seu pai e ele próprio tinha afirmado que era o melhor, mas não sabia como fazê-lo.

O silêncio da noite alterou-se com uns passos apressados que se dirigiam para a casa. Mohamed empunhou a espingarda e Wadi fez o mesmo enquanto ordenava às mulheres que se escondessem num dos quartos.

Ouviram alguém bater à porta e o sussurro de umas vozes. Wadi abriu apontando com a espingarda e deparou-se com Ezequiel e Marinna. Não os convidou a entrar e também não baixou o cano da espingarda.

— Afasta essa arma—disselhe Marinna enquanto o empurrava suavemente e entrava na casa.

Mohamed enfrentou-a com o olhar. As mulheres, ao ouvirem a voz de Marinna, saíram do quarto. Anisa e Salma permaneceram em silêncio, sem se mexerem, mas Aya avançou para a sua amiga.

— Venho dizer-vos que não têm nada que temer—afirmou Marinna.

— Vamos sair de Jerusalém, iremos para a casa da minha sobrinha Naima—respondeu Aya com sinceridade apesar do olhar de reprovação de Anisa.

— Não têm motivos para partir, ninguém vos vai fazer nada—garantiu-lhe Marinna.

— Achas que não é suficiente sermos expulsos da nossa terra?—A voz de Wadi tinha uma amarga ironia.

— Esta é a vossa casa e, que eu saiba, ninguém vos pediu que saíssem—afirmou Ezequiel dando um passo para Wadi.

— Combati durante todo o dia, tal como o meu pai, e vou continuar a fazê-lo para evitar o que parece inevitável—respondeu-lhe Wadi.

— Israel já é uma realidade. É melhor que a aceitem e a partir dessa aceitação nos voltemos a entender, não somos inimigos.—Ezequiel estava diante de Wadi, só os separavam alguns centímetros. Os dois olharam-se fixamente sem hesitar.

— Não aceitamos a divisão, nunca a aceitaremos, ninguém tem direito de nos arrebatam a nossa terra—referiu Mohamed.

— Também é a terra dos nossos antepassados, sempre pensámos que a podíamos partilhar. Não te lembras de quando falávamos de que era possível construir um Estado federal? Ainda o podemos fazer—interveio Marinna.

— Não, não podemos, não te enganes nem me tentes enganar. Falas como se não tivesse acontecido nada, como se os anos não tivessem passado e os confrontos não tivessem acontecido. Falas como falava a tua mãe Kassia, como uma socialista. Mas os vossos sonhos de pioneiros transformaram-se e esta noite proclamaram que são um Estado. Não temos muito mais para vos dizer.—A aspereza de Mohamed ao dirigir-se a Marinna sobressaltou-os a todos, até a ela própria.

— As coisas deveriam ter sido de outra forma, mas o que é que fizeram para isso? Nada, absolutamente nada, exceto negar-vos a admitir que nós também temos direito de estar aqui. Cheguei quando era uma criança e a Palestina era apenas um pedaço esquecido do Império Otomano. Tens razão, a minha mãe era socialista e, tal como o Samuel, estava convencida de que a Palestina seria o que árabes e judeus quisessem que fosse.

— Talvez a tua mãe e o Samuel dissessem a verdade, mas os vossos líderes sempre quiseram o mesmo, fazer da Palestina a vossa pátria—respondeu Mohamed.

— Só estávamos à procura de um lugar onde viver e tentávamos fechar o círculo regressando ao lugar de onde os nossos antepassados vieram.—A voz de Marinna parecia apagar-se, como se não tivesse forças para discutir com Mohamed.

— Falar do passado não serve de nada. Ben-Gurion proclamou hoje o Estado de Israel.—Wadi tinha levantado a voz.

— Não viemos aqui para discutir com vocês, só para vos dizer que não têm de se preocupar, que devem ficar, que esta é a vossa casa, a vossa terra.—Era Ezequiel quem respondia a Wadi.

— Não precisamos da vossa autorização para ficar ou para partir. E agora gostaríamos que nos deixassem sozinhos, temos coisas que fazer...—Mohamed deu um passo até à porta convidando-os a sair.

— Não vás, não te debes ir embora.—Marinna tinha-se aproximado tanto de Mohamed que os seus corpos quase se tocavam.

— Eu não me vou embora, lutarei. A única coisa que peço a Alá é que não tenha de lutar contra o Ezequiel nem contra o Igor, mas se nos encontrarmos no campo de batalha fá-lo-ei.—As palavras de Mohamed eram como uma sentença.

— Por favor, saiam—pediu-lhes Wadi.

— Tão simples quanto isso?—perguntou Ezequiel.

— Tão terrível quanto isso—foi a resposta de Wadi.

Marinna fechou os olhos um segundo e quando os abriu pareciam dois barcos a navegar entre lágrimas. Ezequiel pegou suavemente no seu braço tentando levá-la até à porta. Salma, Anisa e Aya contemplavam a cena sérias e em silêncio. Aya não conseguiu aguentar a tensão e abraçou Marinna.

— Perdemos as duas os nossos filhos...—Aya chorava fundindo-se num abraço com Marinna.

Mohamed aproximou-se da sua irmã e obrigou-a a separar-se de Marinna.

— Não pode acabar assim.—Marinna dirigia-se a Mohamed e a sua voz e as suas palavras eram uma súplica.

— Vai-te embora, por favor—respondeu Mohamed.

Desta vez Ezequiel pegou com força na mão de Marinna e puxou-a. Saíram sem olhar para trás.

Wadi fechou a porta enquanto Aya desatava a chorar. Anisa e Salma tentavam consolá-la.

— E agora, o que vai acontecer?—perguntou Aya ao irmão e ao sobrinho.

Foi Wadi quem lhe respondeu.

— Agora começa o resto das nossas vidas e só Alá sabe o que vai acontecer.

Naquela noite Salma, Aya e Anisa começaram a preparar a bagagem à espera de que Wadi encontrasse uma forma de as levar para Jericó.

Estiveram sozinhas toda a noite, a rezar em silêncio ao Todo-Poderoso para que Mohamed e Wadi regressassem rapidamente a casa. Mas os dias passavam e quase não tinham forma de saber o que estava a acontecer; era Marinna que as informava de vez em quando.

Da primeira vez que apareceu em casa de Mohamed depois de ele lhe pedir que nunca mais voltasse, Salma assustou-se e Anisa zangou-se, mas Aya recebeu-a com o mesmo afeto de sempre.

Marinna nunca ficava mais de uns minutos, os suficientes para partilhar com elas o que sabia sobre tudo o que ia acontecendo e para constatar que as três mulheres estavam bem e não precisavam de nada.

— É uma descarada—opinou Anisa da primeira vez que Marinna apareceu.

Mas Aya não a deixou dizer nem mais uma palavra.

— Não te atrevas a julgá-la. A Marinna é a minha melhor amiga e se vem aqui é porque quer ajudar.

Salma tentou apaziguar a sua nora e a sua cunhada.

— Sem dúvida tem boa vontade, mas coloca-nos numa situação delicada. O Mohamed deixou bem claro que não a quer aqui.

— O meu irmão está obcecado com o que se está a passar e tem motivos para isso, mas a Marinna não é nossa inimiga e ele sabe-o—respondeu Aya.

Graças a Marinna ficaram a saber que as Nações Unidas tinham conseguido que as duas partes aceitassem um cessar-fogo que se tornaria efetivo no dia 11 de junho. Foi precisamente nesse dia que Wadi regressou a casa. Estava exausto, tinha a roupa manchada de sangue e o seu corpo tinha um cheiro acre.

Disselhes para irem buscar as suas exíguas malas.

— Vamos embora agora mesmo, há muitas outras famílias a fugir.

— E o teu pai, quando é que volta?—perguntou Salma angustiada.

— Não sei, mãe, talvez hoje à tarde. Combatemos em frentes diferentes. Mas está bem.

— Como é que sabes?—insistiu ela.

— Sei.

— Estamos a ganhar?—quis saber Aya.

Wadi não se atrevia a mentir-lhe, e enquanto acabava de beber uma chávena de chá explicou-lhes a situação.

— Não, as coisas não nos estão a correr bem. A situação é caótica, há uma grande descoordenação entre as forças que vieram combater. Só a Legião Árabe de Abdullah parece saber o que é preciso fazer e estão a salvar Jerusalém.

— Então porque é que não nos deixas ficar?—perguntou Anisa.

— Porque não sei se vamos ter mais oportunidades. Não sei quanto tempo é que a trégua vai durar.

— Se nos formos todos embora facilitaremos as coisas aos judeus—respondeu Anisa.

— Tens razão, mas se ficarem correm perigo.

— Eu não quero ir—interrompeu-os Aya.

Wadi não tinha forças para discutir com as mulheres nem para lhes impor o que deviam fazer. Quando Mohamed aparecesse zangar-se-ia se as encontrasse em casa, mas Anisa tinha razão, fugir facilitava as coisas ao inimigo.

Talvez não devesse ter-se deixado convencer, evitando-lhes uma dor ainda maior: a de se tornarem exiladas na sua própria terra.

Mohamed regressou a coxear alguns dias depois de Wadi. Tinha a perna direita entalada e uma expressão de dor ensombrou a comissura dos seus lábios.

Salma alarmou-se ao vê-lo, mas ele não permitiu qualquer reação exagerada.

— É uma ferida superficial, ainda não chegou a minha hora.

Estava esgotado e mal se sentou adormeceu. Quando acordou, Wadi esperava impaciente para falar com ele.

Os dois homens envolveram-se numa conversa amarga.

— A descoordenação é total. Os comandantes egípcios e sírios parecem mais preocupados com o que Abdullah possa conseguir nesta guerra do que com o destino dos palestinianos—lamentou-se Mohamed.

— A Legião Árabe garantiu a Cisjordânia—explicou Wadi ao seu pai.

— É por isso que desconfiam de Abdullah, acham que ele quer esse território para ele—respondeu Mohamed.

— Alguns dos homens com quem combati também acham que Abdullah quer ampliar o seu reino com a Síria e a Palestina, ou pelo menos com uma parte da Palestina—contou Wadi.

— Eu lutei com Faysal e com Abdullah contra os turcos, naquela altura sonhávamos com uma grande nação árabe. Mas agora... talvez a única coisa que queira seja alargar as suas fronteiras—respondeu Mohamed.

— O nosso pai, tal como tu, sempre julgou que os hachemitas eram homens de bem—afirmou Aya dirigindo-se ao seu irmão.

— Sim, é verdade. Foi o teu marido Yusuf que me convenceu a juntar-me às forças do xerife de Meca, Husayn ibn Ali, pai de Faysal e de Abdullah. Lutámos por uma grande nação árabe, mas os britânicos traíram-nos, tal como agora ao partirem. Mas isso é passado, minha irmã; no presente, lutamos pela nossa própria sobrevivência.

— O que será de Jerusalém?—atreveu-se a perguntar Anisa.

— A decisão das Nações Unidas é que fique sob mandato internacional, mas Abdullah protege a Cidade Velha e as Forças de Defesa dos judeus não estão dispostas a ceder nem um palmo de terra que já possuem.

Pai e filho chegaram à conclusão de que a única coisa que se vislumbrava no horizonte era incerteza e de que a desconfiança entre os interesses contrapostos dos países da Liga Árabe estava mais a dificultar do que a ajudar a que a guerra chegasse a bom porto para os árabes.

Mohamed repreendeu o seu filho por não ter levado as mulheres a Jericó, mas acabou por aceitar que ficassem em casa durante mais algum tempo, sobretudo quando a 18 de julho se acordou a segunda trégua, que duraria até 14 de outubro, embora uns dias antes os acontecimentos se tivessem de novo descontrolado devido à proposta do mediador das Nações Unidas, o conde Folke Bernadotte, de remodelar as fronteiras já decididas, deixando Jerusalém definitivamente nas mãos do rei Abdullah. A sua proposta custou-lhe a vida. Um comando do Lehi disparou contra ele e, embora Ben-Gurion tenha condenado o atentado, a verdade é que se mostrou incapaz de prender os assassinos.

— Perdemos a guerra—afirmou Wadi durante uma das suas breves estadias em casa.

Mohamed não teve mais remédio do que aceitar o que o seu filho dizia. As tropas das Forças de Defesa de Israel tinham-nos derrotado em todas as frentes, e não era só isso, também tinham conseguido conquistar o território que as Nações Unidas tinham atribuído aos árabes.

— Este é o ano da Nakba, a maior catástrofe da história do nosso povo—lamentava-se Mohamed.

Embora Aya tivesse desejado ficar em casa da sua irmã, a sua filha Noor insistia para que fosse viver com ela em Amã. O seu marido Emad tinha um bom cargo e viviam numa casa no alto de uma colina da qual contemplavam a cidade. Noor já tinha dois filhos e estava à espera do terceiro. Era feliz, mas tinha saudades da sua mãe.

— Quando era nova não gostava de viver em Amã, o meu marido Yusuf era muito bom para mim e deixou-me viver aqui, nesta casa com os meus pais, depois construiu o nosso lar em Deir Yassin... e agora regresso a Amã. O destino diverte-se ao não nos deixar descansar—comentava Aya a Salma e Anisa enquanto fazia as malas.

O seu genro Emad aguardava impaciente. Embora a trégua estivesse vigente, não era fácil deslocar-se de um lugar para o outro e ele queria regressar a Amã.

— Antes de partirmos tenho de me despedir da Marinna—afirmou com tanta convicção que só Mohamed se atreveu a contrariá-la.

— Não podes ir à Horta da Esperança. Acabou, Aya, tens de aceitar que já não são nossos amigos.

— Achas que posso perdoar quem assassinou o meu marido e o meu filho? Nunca, nunca o farei. Mas não foi a Marinna que o fez. Por acaso ela culpa-me pela morte do seu filho Ben? O Ezequiel perdeu a mãe, a bondosa Miriam, e a Sara, a sua esposa, e nunca os ouvi dizer que nós éramos responsáveis. Se não somos capazes de distinguir os nossos amigos dos nossos inimigos, não valem nada.—Aya enfrentou o seu irmão perante o olhar atónito de Salma e Anisa.

— Somos nós ou eles, são os nossos pais, os nossos filhos e os nossos netos ou os seus filhos, os seus pais, os seus netos.—Mohamed tinha levantado a voz até a transformar num grito.

— Eu não posso deixar de gostar da Marinna, para mim ela é uma irmã. Vou despedir-me dela. Sei que nunca mais nos voltaremos a ver.

Com o passo decidido saiu de casa e caminhou pela horta contornando as laranjeiras e as oliveiras até se aproximar da Horta da Esperança.

Marinna tinha-a visto chegar e foi ter com ela.

— Vou para Amã, o meu genro veio buscar-me.

— Nunca gostaste de viver lá...—relembrou-lhe Marinna.

— Naquela altura era jovem e era duro para mim viver na casa da minha sogra. A pobre mulher tentava agradar-me, mas não conseguia, acho que a culpa era minha, eu só queria estar com a minha mãe, e com todos vocês, com a minha família.

— Se vais...—Marinna não se atrevia a pronunciar o que Aya acabou por dizer de seguida.

— Nunca mais nos vamos ver. Eu sei. Foi por isso que me vim despedir.

Abraçaram-se entre lágrimas. Tinham crescido juntas, tinham confiado uma na outra partilhando os seus segredos mais íntimos, tinham perdido os seus filhos naquela guerra, mas não se culpavam uma à outra, sabiam que o que estava a acontecer era inevitável.

— Achas que um dia os árabes e os judeus vão poder voltar a viver juntos?—perguntou-lhe Aya enquanto enxugava as lágrimas.

— Só quando existirem tantos mortos que seja insuportável uma morte mais. Aí os homens vão sentar-se a conversar.

Quando a 15 de outubro as hostilidades foram retomadas, Mohamed e Wadi despediram-se de novo das mulheres. Voltavam ao campo de batalha.

— Ainda não estás recuperado da ferida na perna—murmurou Salma ao ouvido de Mohamed.

Ele nem sequer lhe respondeu. Na noite anterior Salma tinha acordado aos gritos devido a um pesadelo. Tinha sonhado que via Mohamed a agonizar no meio de uma poça de sangue. Por mais que ele tentasse acalmá-la, Salma não tinha conseguido voltar a adormecer e abraçava-o como se o quisesse proteger.

— Quando é que voltas?—perguntou Anisa a Wadi.

— Não sei.

— Estou preocupada com o teu pai, envelheceu, e a tua mãe tem medo do que lhe possa acontecer.

— Ninguém conseguirá convencê-lo a ficar em casa. Lutará até ao último segundo da sua vida. Ele não desejaria morrer de outra forma.

— Mas...

— Cala-te, Anisa, não encorajes os maus pressentimentos da minha mãe. Já sabes o que é que o meu pai diz...

— Sim, ouvi-o tantas vezes... "Há momentos na vida em que a única forma de nos salvarmos a nós próprios é matando ou morrendo", mas...

— Cala-te, Anisa, cala-te e cuida de ti porque o nosso filho nasce dentro de pouco tempo. E... bem, se houver algum problema, não tenham dúvidas em se refugiarem na Horta da Esperança. O Ezequiel, a Marinna e o próprio Igor proteger-vos-ão.

— Mas como é que me podes dizer para procurar refúgio na boca do lobo? Tu vais lutar contra os judeus e pedes-me que vá ter com eles... Não te percebo, Wadi, tal como também não percebia a tua tia Aya...

— É difícil de perceber, só sei que o Ezequiel jamais permitiria que vos acontecesse alguma coisa.

— Porque te deve a vida.

— Também por isso.

Abder Ziad nasceu antes da data prevista, enquanto Wadi, o seu pai, combatia contra as tropas israelitas. Anisa deu à luz só com a ajuda da sua sogra Salma.

O parto foi longo e difícil, mas Anisa era enfermeira e com os seus conhecimentos e a experiência da sua sogra conseguiu trazer Abder ao mundo.

As duas mulheres choraram de alegria quando ouviram o pranto da criança.

Desde que Aya partira, Marinna não se aproximara mais da casa e, quando o fez, Abder já tinha duas semanas.

— Deviam ter-me avisado—queixou-se a Salma.

Salma ficou incomodada com a sua crítica. Durante anos ficara calada e suportara saber que Mohamed estava apaixonado por Marinna, mas desta vez sentiu-se forte e segura e respondeu abruptamente.

— Não precisava de ti para trazer o meu neto ao mundo.

Marinna compreendeu que já não era bem-vinda naquela casa, que, por mais que Aya e ela tivessem resistido, o mundo que conhecera já não existia.

— Tens razão. Vou-me embora, não te quero incomodar nem ofender, mas, se puder ajudar de alguma forma, sabes onde estou.

A alegria do nascimento de Abder juntou-se à dor pela morte de Mohamed. No princípio de novembro a sorte estava de novo do lado dos israelitas, que tinham ficado com toda a Galileia, obrigando os exércitos da Síria e do Líbano a retirarem-se para as suas fronteiras. Wadi tinha combatido no Norte enquanto o seu pai o tinha feito no Sul. Não sabiam nada um do outro, até que um dia um dos homens de Omar Salem foi à frente onde Wadi combatia para lhe dar a má notícia: Mohamed tinha

morrido quando enfrentava um grupo de soldados judeus perto do Neguev. Não tinham conseguido recuperar o seu cadáver, que tinha ficado estendido no meio de uma poça de sangue; no entanto, um dos homens que combatia ao seu lado tinha conseguido recolher algumas das coisas que levava consigo, entre elas a fotografia de uma mulher. O retrato estava ensopado do sangue que jorrava da ferida junto ao coração. Wadi reconheceu aquela mulher de seguida.

Wadi entrou na sua casa com o rosto desfigurado. Tanto a sua mãe como a sua esposa se aperceberam da sua desolação.

Salma aproximou-se de Wadi e Anisa nem sequer se atreveu a pôr Abder nos seus braços.

— O pai morreu.

Dos lábios de Salma saiu um grito que se apoderou da divisão. O pequeno Abder começou a chorar assustado. Wadi abraçou a sua mãe tentando consolá-la.

— Morreu a lutar, tal como ele queria.

— Onde... onde...—conseguiu dizer Salma.

— No Sul, no deserto do Neguev.

Anisa juntou-se às lágrimas de Wadi e Salma partilhando com eles a dor pela perda de Mohamed. Muito mais tarde Wadi pegou no seu filho. O pequeno Abder não parava de chorar contagiado pelo pranto dos mais velhos.

Wadi abraçou o seu filho e prometeu-lhe em silêncio que não deixaria que ninguém lhe fizesse mal.

— Quero que me prometas que vais recuperar o corpo do teu pai—suplicou Salma ao seu filho.

Wadi não conseguiu fazer essa promessa. Tentá-lo-ia, mas não lhe podia prometer. Os cadáveres jaziam nos campos de batalha desde o princípio dos tempos, e quem combatia conformava-se com sepulturas improvisadas.

Não disse à sua mãe nem sequer a Anisa, mas quando a noite caiu, e mal as duas mulheres adormeceram, saiu de casa sigilosamente. Estava decidido a fazer o que devia, por isso caminhou com passo rápido até à Horta da Esperança sem se importar com a chuva que caía com força ensopando a terra e tudo o que encontrava no seu caminho.

A luz da sala da casa comunitária indicava que havia alguém acordado.

Bateu à porta duas vezes e quando esta se abriu deparou-se com Igor.

— Tenho de falar com a Marinna—disselhe sem nenhum preâmbulo.

— Não sei se já está a dormir, o que queres?

— Tenho de falar com ela.

Igor pareceu duvidar entre deixá-lo entrar ou fazer com que se continuasse a molhar sob a bravura da chuva.

— Entra—convidou-o com voz hesitante.

Marinna apareceu à sua frente envolvida num roupão e com o cabelo solto a cair-lhe pelas costas. Pelo olhar de Wadi percebeu que o que tinha para lhe dizer requeria que estivessem sozinhos.

— Igor, podes deixar-me falar a sós com o Wadi?

Os olhos de Igor iluminaram-se de fúria. Sentia-se humilhado com o pedido de Marinna. Pareceu hesitar, mas depois, sem olhar para nenhum dos dois, saiu da sala.

— O meu pai morreu—murmurou Wadi em voz baixa.

Viu-a cair de joelhos e tapar a cara com as mãos tentando calar o grito que queria sair da sua garganta, o mesmo grito de Salma.

Aproximou-se dela e obrigou-a a levantar-se. Até a abraçou como se fosse a sua própria mãe.

— Sempre te amou—disse, e deu-lhe a fotografia manchada de sangue.

Marinna pegou nela e teve de se agarrar a Wadi para não voltar a cair. O retrato devolveu-lhe a sua

própria imagem de quando tinha dezoito anos. Ela tinha oferecido aquela fotografia a Mohamed e não imaginava que durante todos aqueles anos ele a guardasse, escondendo-a dos olhos de Salma e de todos os que o rodeavam.

Wadi deu meia-volta e dirigiu-se à porta com passo firme. Já não tinha mais nada para dizer nem para fazer. E prometeu a si próprio que nunca mais voltaria a entrar na Horta da Esperança.

No entanto, o pior ainda estava por chegar. Em abril de 1949, Israel assinou um armistício com os cinco Estados árabes com os quais tinha combatido. E nas condições do armistício estava Jerusalém. Sob a jurisdição do rei Abdullah ficava a Cidade Velha, enquanto o novo Estado de Israel ficava com a zona ocidental e o enclave do monte Scopus.

Naquele dia em que o armistício foi assinado, Salma chorou como nunca. A sua casa já não ficava na Palestina, mas, estando situada na parte ocidental da nova Jerusalém, agora fazia parte do Estado de Israel.

Wadi já não tinha dúvidas sobre o que deviam fazer.

— Vamos embora, vamos todos embora. Não podemos aceitar ser estrangeiros na nossa própria casa. Se ficarmos, seremos cidadãos do Estado de Israel.

Anisa assentiu. Ela também não queria fazer parte de um país que não era o seu. De repente aquela casa onde o seu filho tinha nascido era parte de outro país. Estavam a roubar-lhes não só o seu presente, mas também o seu passado.

Desta vez, ao fazerem a mala, tentaram incluir todas as lembranças às quais não queriam renunciar.

Estavam a carregar a velha carrinha de Mohamed quando viram Ezequiel aproximar-se. Wadi pôs-se à sua frente.

— O que é que queres?—perguntou-lhe.

— Estou a ver que se vão embora e gostava de o evitar. Esta é a vossa casa, a vossa horta, não têm motivos para partirem.

— Talvez vocês estejam acostumados a ser estrangeiros naquelas que foram as vossas casas noutros países, mas nós não o vamos aceitar. Voltaremos e, quando o fizermos, esta terra será de novo nossa e terá o único nome de Palestina.

— Wadi, devo-te a vida e não posso suportar que exista rancor entre nós.

— Tu ficas com o que é meu e pedes-me que não sinta rancor...

— Esta vai ser sempre a vossa casa, aconteça o que acontecer. Juro-te que não vou permitir que ninguém ponha um pé nas vossas terras.

— Vai-te embora, Ezequiel, deixa-nos dizer adeus ao que é nosso—pediu-lhe Wadi.

Ezequiel não insistiu e deu meia-volta caminhando de regresso à Horta da Esperança. Sabia que já ninguém podia evitar a rutura com os Ziad, que tanto ele como Wadi eram atores de acontecimentos que não lhes pertenciam, mas que os levavam, irremediavelmente, ao confronto.»

Marian olhou para Ezequiel, que tinha semicerrado os olhos. Perguntava-se se tinha adormecido quando sentiu que ele a olhava fixamente.

— Fim da história. Não preciso de lhe relembrar o que aconteceu. Hoje o senhor vive na terra que fez parte da Horta da Esperança, e os Ziad continuam o seu exílio em Amã. Aquela noite de 14 de maio foi a da Catástrofe, uma catástrofe que ainda não acabou.

— O Wadi Ziad não lhe contou mais nada?—perguntou Ezequiel olhando atentamente para Marian.

— Sim, claro que me contou, mas acho que não serve de nada rever o que foram os últimos sessenta anos. Milhares de palestinos amontoados, a viverem precariamente em campos de refugiados dentro daquela que tinha sido a sua pátria, outros no exílio, alguns optaram por começar uma nova vida e andam dispersos pela Europa, Estados Unidos, países do Golfo... Mas nenhum perdeu a esperança de regressar.—A resposta de Marian tinha um certo tom provocador.

— Compreendo muito bem que não tenham perdido a esperança. Durante dois mil anos, nós, judeus, repetíamos: «No próximo ano em Jerusalém.»

— Então acha que daqui a dois mil anos os palestinos vão ter justiça...—Desta vez a voz de Marian parecia irónica e amarga.

— Agora estamos onde estávamos em 1948, onde estivemos da primeira vez que as potências decidiram que a única solução era a divisão e a construção de dois Estados. Deviam ter aceitado.—Ezequiel parecia falar para si próprio.

— Eu acho que a situação é pior. Há demasiados mortos nos dois lados.

— Não, não são os mortos mas os interesses dos vivos de um lado e de outro que impedem uma solução justa para chegarmos à paz.

— Não pode haver uma solução justa enquanto Israel continuar a violar as resoluções internacionais construindo assentamentos nos lugares que as Nações Unidas atribuíram aos palestinos.

— O seu relatório fala sobre isso, não é?

— Sim.

— Espero que, além do ponto de vista do Wadi Ziad, também tenha em conta o que eu lhe contei nas nossas conversas. Imagino que tenha sido interessante para si ouvir duas histórias paralelas.

Marian encolheu os ombros. De repente sentia-se cansada e perguntava-se se tinha feito sentido dedicar tantos dias e horas a ouvir aquele ancião. Wadi Ziad tinha-a incentivado a fazê-lo e perguntava-se porquê.

«Não perdes nada em ouvi-lo», tinha-lhe dito Wadi quando ela lhe contava aquelas longas conversas com o israelita. Sim, Ezequiel Zucker sabia o que era o sofrimento, mas o seu sofrimento não era maior do que o de Wadi, nem do que o de tantos outros palestinos aos quais até tinham arrebatado a esperança.

— Gostaria que me dissesse o que é que sabe mais sobre o que aconteceu aos Ziad—pediu-lhe Ezequiel.

— Bem, não é difícil de imaginar, a sua vida não é muito diferente da de tantos outros refugiados. O ano de 1948 é a data da Catástrofe, a partir daqui não há muito mais para contar.

— Não, Marian, ainda não podemos terminar, sabe que não podemos.

— Já não faz sentido continuar com estas conversas...

— Por favor, continue, já não falta muito...

Marian queria dizer-lhe que não, que não continuaria a falar, mas não o fez e prosseguiu o relato sem

muita vontade.

«Wadi e Anisa chegaram a Jericó, onde ficaram durante um tempo em casa de Naima. A sua irmã recebeu-os aliviada ao saber que ele estava vivo.

Tareq, o marido de Naima, convidou-o a trabalhar com ele.

— Vais ter de ganhar a vida de alguma forma, e eu preciso de alguém de confiança. A tua irmã vai ficar contente se trabalharmos juntos.

Mas Wadi recusou a generosa oferta do seu cunhado. Queria apenas ser professor e estava disposto a regressar a Jerusalém. A estadia em Jericó era apenas uma paragem no caminho para sarar as feridas da alma. Voltaria com Anisa e o filho a Jerusalém. Não sabia o que tinha acontecido a frei Agustín, mas estaria decidido a continuar a dar aulas naquela escola improvisada e a trabalhar de novo na tipografia de Mister Moore, se ele não tivesse fugido da Cidade Velha.

Deixaria Anisa com a sua irmã Naima e, quando tivesse um lugar onde viver, iria buscá-la. Não queria que faltasse nada a Anisa e ao pequeno Abder. Não tinha muita coisa, mas seria suficiente para começar uma nova vida.

— A Palestina deixou de existir—lamentava-se Anisa.

Tinha razão, a Palestina já não existia, agora parte das suas terras pertenciam à Transjordânia e as outras a Israel. As fronteiras voltavam a modificar-se, mas sem darem lugar ao renascimento da Palestina.

Wadi encontrou uma casa modesta perto da escola de frei Agustín, apenas a cem metros da Porta de Damasco, pela qual se entrava na Cidade Velha. O frade continuava vivo e não tinha abandonado Jerusalém.

Em Jerusalém nasceram e cresceram os quatro filhos, todos varões, que teve com Anisa e ali viveram até que, em 1967, os israelitas se apoderaram de toda a cidade e os obrigaram a um novo exílio que desta vez os levou até Amã.

A relação dos Ziad com a família de Abdullah vinha desde os tempos em que Mohamed lutou lado a lado com Faysal e com o próprio Abdullah, perseguindo o sonho de construir uma grande nação árabe, por isso a Transjordânia, que dentro de pouco tempo se chamaria Reino da Jordânia, lhes era tão querida como a própria Palestina. Era Anisa que não lhe tinha o mesmo afeto.

— Os vencedores da guerra foram os judeus e Abdullah—queixava-se a Wadi.

— O rei Abdullah é o mais sensato de todos os governantes árabes e o único que não se deixa enganar—respondia Wadi.

Frei Agustín concordava com Anisa.

— Abdullah alargou o seu reino até à costa da Palestina.

— Frade, não seja maldoso, as tropas do rei Abdullah lutaram com mais bravura do que qualquer um desses exércitos que diziam que nos iriam salvar. Conseguimos conservar para os árabes a Cidade Velha. Jerusalém é nossa—costumava responder Wadi.

— Jerusalém é dele; lembro-te de que os judeus possuem a parte ocidental, precisamente onde estava a tua casa, a tua horta, onde estão enterrados os teus avós—respondia-lhe o frade, que não tinha qualquer estima pelos israelitas.

Omar Salem, que também tinha sobrevivido à guerra, continuava a ser um dos homens mais importantes de Jerusalém. Wadi não simpatizava com ele, mas não se podia esquecer de que Omar Salem tinha sido amigo da sua família, por isso de vez em quando aceitava o seu convite para conversar sobre o futuro com outros homens.

O que separava Wadi de Omar Salem era aquele que tinha sido mufti da cidade, Husseini. Wadi desprezava aquele Husseini pela sua aliança com Hitler durante a contenda mundial, mas para Omar

Salem o mufti não tinha feito mais do que defender a Palestina dos seus agressores, que eram apenas os judeus. Por isso Omar Salem recebeu como uma afronta a decisão do rei Abdullah de nomear o xeque Hussam ad-Din Jarallah mufti da cidade.

Wadi nunca dissimulou a sua simpatia pelo rei jordano e não via que isso fosse uma contradição com o seu desejo de que a Palestina se tornasse uma nação. Por isso, no dia em que assassinaram Abdullah, Wadi sentiu tanto como se tivesse perdido um familiar.

Naquela manhã de junho de 1951 era sexta-feira e o rei tinha decidido ir rezar à Esplanada das Mesquitas. O seu neto Hussein, que mais tarde seria o rei, recordaria que naquele dia o seu avô lhe tinha dito umas palavras que continham uma premonição: quando chegar a minha hora gostava que fosse com um tiro na cabeça e que fosse disparado por um zé-ninguém.

Wadi dirigia-se à Mesquita de Al-Aqsa quando ouviu um barulho surdo e de seguida gritos. Acelerou o passo, mas uns soldados jordanos impediram-no de se aproximar. Uns metros mais à frente jazia o corpo do rei. Um alfaiate, um simples alfaiate, tinha arrebatado a vida a Abdullah. Ninguém se vai lembrar do seu nome, mas o assassino chamava-se Shukri Mustafa.

Naqueles momentos de desorientação só uma pessoa reagiu encarando o assassino, era uma criança, Hussein, o neto do rei.

Aquele assassinio estremeceu Wadi e todos os que simpatizavam com a família hachemita.

Depois a vida voltou à sua rotina até que, em 1967, a Guerra dos Seis Dias provocou uma segunda catástrofe. Os Estados árabes que tinham pretendido de novo que a Palestina voltasse a ser a Palestina fracassaram na sua tentativa. Foram derrotados sem contemplações pelas Forças de Defesa de Israel, numa guerra que durou seis dias e na qual conquistaram toda a cidade de Jerusalém.

Judeus e árabes lutaram casa a casa por cada palmo de terra. Wadi e os seus filhos estiveram entre aqueles que defenderam a cidade. Porém, quando aquela guerra terminou, Israel já tinha invadido o seu território e tinha ficado com a Cidade Velha.

Wadi Ziad, com Anisa e os seus filhos, iniciou o caminho para um novo exílio que desta vez o levaria a Amã.

Naima, a irmã de Wadi, pediu-lhes que ficassem em Jericó, mas Anisa negou redondamente.

— Eu não quero ser uma exilada no meu próprio país, se ficarmos em Jericó teremos de suportar que os israelitas nos digam o que podemos ou não fazer. Prefiro viver num lugar onde ninguém duvide de que sou estrangeira, pelo menos assim vou sentir-me menos humilhada.

Os anos não foram fáceis. Durante um tempo viveram precariamente num campo de refugiados, onde Wadi se dedicou à sua autêntica vocação, que era ensinar. Ajudou a erguer uma escola e ali, dia após dia, tentou que as crianças tivessem um vislumbre de normalidade.

Nunca regressaram a Jerusalém. Israel não lhes permitiu. Além disso, que sentido faria regressar como estrangeiros à sua própria pátria? Enfim, tanto para eles como para a maioria dos palestinianos, tudo acabou em 1948. Como já lhe disse, fim da história.»

Marian fez uma pausa. Não queria continuar. A conversa estava a aborrecê-la. Deixou que o olhar se perdesse pela sala.

— Vai voltar a Amã?—perguntou Ezequiel trazendo-a de volta à realidade.

— Sim, quero despedir-me dos Ziad.

— E vai regressar à sua casa, ao seu trabalho, vai escrever o seu relatório, que alguém mandará para os jornais, e sobre o qual se falará umas horas, e depois tudo continuará igual.

— Sim, tudo continuará igual. O seu filho vai continuar a impulsionar a política de assentamentos, a roubar a terra aos palestinianos, enquanto milhares de homens e mulheres conviverão com a sua frustração e amargura, clamando por justiça.

— O Wadi Ziad contou-lhe como é que viveu durante todos estes anos?

Ela ficou surpreendida com a pergunta. O que é que aquele homem queria?

— Sim. Claro que contou.

— Pode resumir o que ele lhe contou?

— Não percebo porque insiste... O senhor sabe melhor do que eu que o inferno começou para os palestinianos em 1948. Não faz sentido continuar a falar sobre o mesmo.

— Bem, se falamos do que aconteceu até 1948, devíamos falar do que aconteceu depois, que é o motivo pelo qual a senhora está aqui. Tudo aquilo sobre o que falámos até agora não interessa a ninguém, mas o que aconteceu desde a noite de 14 de maio de 1948 é o que a trouxe até aqui.

— Não posso prolongar a minha estadia em Israel nem mais um dia. O meu chefe está prestes a despedir-me.

— E a senhora não se importa minimamente se ele o fizer...

Marian mexeu-se incomodada. Ezequiel estava a deixá-la nervosa.

— Vou contar-lhe o que aconteceu.—Ezequiel retomou a conversa.

— Dificilmente me poderá contar o que aconteceu aos Ziad—protestou ela.

— Está enganada, claro que posso fazê-lo, da mesma forma que o Wadi Ziad lhe pode relatar detalhadamente qualquer coisa que me diga respeito.

— Não estou a perceber...

— Ah! Então não percebe... Talvez não saiba tudo e talvez saiba ainda menos sobre os Ziad do que sobre mim.

— Está enganado, o Wadi Ziad e os seus netos não me esconderam nada... Não teriam motivos para não confiar em mim..—Marian estava desconcertada.

— Está cansada e quer acabar, eu percebo, eu também quero a mesma coisa. Mas vai-me permitir ser eu a ditar o epílogo. O Wadi não se vai importar. Desde 1948 até aqui ambos sofremos muito e sofremos a pior das perdas, a mais insuportável, a dos filhos. Porque os filhos dele e os meus caíram a lutar pelo que julgavam justo.

— Tenho o relatório praticamente terminado. Não penso acrescentar nem mais uma vírgula. Além disso, estou cansada...

— Não se preocupe, depois de me ouvir vai ter muito tempo para si, para pensar. Sim, depois desta noite vai começar o resto da sua vida.

— Não estou a perceber...

— Sim, sim está a perceber, mas tem medo de o fazer. Ouça-me bem...

«Não voltei a saber nada de Wadi até 1972. Nem ele tinha querido saber nada de mim nem eu encontrava motivos para o querer ver. A guerra tinha-nos separado, estávamos em dois lados irreconciliáveis, onde o que estava em jogo era mais do que a vida de alguns milhares de homens, o que era verdadeiramente importante era a posse de um pedaço de terra.

Nós, os israelitas, não tínhamos dúvidas de que ou lutávamos para conservar aquele pedaço de terra ou teríamos de ser de novo um povo errante, deixando nas mãos dos outros o nosso próprio destino. E não estávamos dispostos a isso. Durante séculos tínhamos vivido precariamente nos guetos, tínhamos pago impostos excessivos a quem nos acolhia dentro das suas fronteiras, tínhamos sofrido campanhas infames, e sempre, sempre perseguidos pelo ódio injustificado de quem nos acusava da crucificação de Jesus. Quantas gerações receberam o mesmo ensinamento? Os judeus mataram Jesus. Isso fazia de nós culpados e seres desprezíveis, de modo que durante séculos procurámos não despertar a ira de quem já nos odiava pelo mero facto de existirmos. Sofremos pogroms na Rússia, Polónia, Alemanha... Em tantos e tantos lugares... Expulsaram-nos de Espanha, de Portugal... Não tínhamos pátria, nenhum lugar que nos

pertencesse; só tínhamos um sentimento mais forte do que o tempo: sabíamos de onde vínhamos, onde estavam os nossos antepassados, e o lugar não era outro senão estas áridas colinas da Judeia, da Samaria... "No próximo ano em Jerusalém", repetiram gerações e gerações de judeus em todo o mundo. Até que um dia alguns homens e mulheres iniciaram o retorno. O meu pai, Samuel, foi um desses homens. Depois a Alemanha desencadeou a maior matança de judeus alguma vez vista, o Holocausto. Seis milhões de crianças, mulheres, homens, morreram nas câmaras de gás dos campos de extermínio. Permitimo-lo. Deixámo-nos conduzir aos campos, da mesma forma que durante séculos suportámos as perseguições, os pogroms, que queimassem as nossas casas, que assassinassem os nossos filhos.

Quando os judeus da Palestina souberam dos horrores perpetrados pelos nazis durante a Segunda Guerra Mundial, perceberam melhor do que nunca que precisávamos de um lar, e que esse lar não podia ser senão a terra dos nossos antepassados. Podíamos partilhá-la e alguns árabes, como os da família hachemita, pareceram dispostos pelo menos a abordar a questão. Sabe o que é que os dirigentes árabes censuraram durante décadas à família real da Jordânia? O facto de, entre todos, eles terem sido os mais realistas e de, tanto no passado como no presente, terem sido capazes de conversar connosco. Nunca lhes perdoaram isso, apesar de serem os únicos que, na hora de lutar, o tenham feito a sério. Os jordanos são uns soldados formidáveis.

Já lhe disse que desde aquele dia de 1949 em que Wadi e Anisa deixaram a sua casa não voltámos a saber nada uns dos outros. Não soube que Aya morreu em Amã e ela também não soube da morte de Marinna e de Igor.

Na verdade, Marinna não sobreviveu muito tempo a Mohamed. Começou a morrer na noite em que Wadi foi à Horta da Esperança para lhe anunciar a perda do seu pai.

Marinna sofreu um enfarte poucos dias depois. Melhorou, mas a recuperação foi breve, o seu coração parou de novo para nunca mais voltar a bater. Se ela não conseguiu suportar tantas perdas, Igor não conseguiu suportar a perda de Marinna. Teve um AVC que o condenou a uma cadeira de rodas.

De repente fiquei a viver numa casa comunitária com um homem doente que mal se podia mexer e sem nenhuma vontade de viver. Não pense que não ponderei levá-lo para alguma instituição para cuidarem dele. Mas não o fiz, pensava que nem o meu pai, Samuel, nem a minha mãe, Miriam, o teriam aprovado. Igor e eu éramos tudo o que restava da vida que o meu pai tinha construído à volta daquela casa, por isso cuidei dele durante um longo ano, até que numa manhã quando o fui acordar encontrei-o sumido no sono eterno.

No dia em que enterrei Igor, dei-me conta de que tinha ficado definitivamente sozinho. Naquela altura eu fazia parte do exército. Talvez porque falo árabe com a mesma fluência com que falo hebreu, os meus superiores decidiram atribuir-me missões diversas nos países inimigos. A primeira delas foi ajudar a trazer para Israel os judeus das comunidades que viviam no Iraque, Síria, Irão e Egito e que, como saberá ou devia saber, sofreram o impensável. A partir de 1948 foram expulsos, arrebataram-lhes as suas casas, as suas terras, as suas posses; muitos perderam a vida e outros, com a nossa ajuda, foram para o exílio. A tragédia é que a maioria não era sionista, todo o seu mundo estava no Cairo, em Bagdade, em Damasco, em Teerão.

Mas não lhe vou contar mais sobre a minha própria história, exceto a que tem que ver com Wadi Ziad, a quem o destino me tinha unido de forma irreversível naquela noite em que me salvou a vida quando eu era criança.

Vendi a Horta da Esperança e tentei que a casa dos Ziad e a sua pequena horta não fossem confiscadas, mas não consegui.

Pensava em Wadi quando um dos judeus que ajudei a trazer para Israel desde lugares remotos do Iraque me relatava com lágrimas nos olhos o que era para eles saber que nunca mais poderiam regressar

àquele que tinha sido o seu lar. Falavam-me das suas casas, das suas hortas, dos seus pertences, das suas lembranças, e sentia que a sua desolação seria igual à de Wadi.

Casei pela segunda vez. Pensei que depois de casar com Sara nunca mais voltaria a fazê-lo, mas reencontrei-me com Paula. A rapariguinha a quem eu ensinava hebreu no kibutz tinha-se tornado advogada e naquele momento trabalhava como analista no Ministério da Defesa. Não lhe vou dizer que não fiquei surpreendido, talvez porque quando nos conhecemos não soube apreciar o seu valor e inteligência.

Encontrámo-nos por acaso em Jerusalém. Eu caminhava pela Cidade Velha sem rumo fixo, sempre gostei de o fazer, e de repente vi-a. Ela estava sozinha, por isso aproximei-me. Não tinha voltado a falar com ela desde o dia em que lhe liguei para o kibutz para lhe dizer que ia casar com Sara, e receei que não reagisse bem, mas isso não aconteceu. Fomos a um café e contámos as novidades sobre as nossas vidas um ao outro. A partir desse momento tornámo-nos inseparáveis. Casámo-nos três meses depois e vivemos juntos até que ela faleceu de cancro há dez anos. Tivemos três filhos. O primeiro, Yuval, morreu na guerra em 1973. O segundo, Aaron, já sabe quem é pois a Marian veio à procura dele. É o único filho que tenho vivo, porque o terceiro, Gedeon, morreu num atentado terrorista. Estava a cumprir o serviço militar quando uma bomba explodiu à passagem do seu jipe. Morreu com outros três soldados. Tinha apenas dezanove anos.

Conto-lhe isto porque Paula foi determinante para o meu reencontro com Wadi.

Como deve saber, ou pelo menos deveria saber, nem todos os palestinianos que encontraram refúgio na Jordânia se mostraram leais ao rei Hussein. A Jordânia tornou-se a plataforma de onde os guerrilheiros palestinianos atacavam Israel, mas não se conformaram com isso, pois no princípio dos anos setenta tentaram derrubar o rei. Os confrontos entre o rei Hussein e Yasser Arafat foram sangrentos. Até tentaram assassinar Hussein. Nos anos setenta, a OLP e outras organizações contavam com mais de cem mil homens, eram um Estado dentro do Estado. O confronto foi inevitável, mas deu-se o paradoxo de alguns palestinianos lutarem ao lado dos jordanos. Hussein ganhou o jogo e no verão de 1971 tinha voltado a obter o controlo do seu país. Morreram vinte mil palestinianos nos confrontos, entre eles o filho mais velho de Wadi. Como vê, o filho mais velho dele morreu em 1971 e o meu dois anos depois... Mas, voltando à Jordânia, daquele confronto entre os palestinianos e Hussein nasceu o Setembro Negro.

Eu continuava alistado no exército, quando no verão de 1972 um soldado me avisou de que um frade queria falar comigo. "Disse que se chama frei Agustín e que o senhor o conhece."

O anúncio da visita do frade sobressaltou-me. Era uma chamada do passado, de um passado que eu tinha arquivado em algum lugar do cérebro. Custou-me reconhecê-lo. Tinha envelhecido e estava mais magro. Demos um aperto de mão. Não éramos amigos e eu sabia da sua aversão aos judeus.

— O que deseja?—perguntei-lhe.

— Trago uma mensagem do Wadi Ziad.

Senti um calafrio, mas tentei que aquele frade não reparasse no meu incómodo. Não respondi e esperei que me dissesse o que é que tinha vindo ali fazer.

— O Latif, o filho mais novo do Wadi, está preso, aqui em Israel. É muito novo, mas muito corajoso, queria ir para Jericó e depois chegar a Jerusalém. Foi preso.

Continuei em silêncio não tanto para deixar o frade nervoso, mas para ganhar tempo.

— O Wadi quer que o liberte. O filho dele só tem dezasseis anos. É uma criança, uma criança corajosa e audaz que não fez mal a ninguém.

— Isso é o que o senhor diz.

— Pode confirmar. Não é um fedayin.

— Então não é um fedayin alguém que atravessa a fronteira e pretende chegar a Jerusalém, muito

provavelmente com alguma mensagem que contenha instruções para algum atentado terrorista...—Tentei que o tom da minha voz soasse indiferente.

— Os palestinianos lutam como podem. O que o senhor chama terrorismo não é mais do que outra forma de fazer a guerra.

— Então acha que sequestrar aviões e colocar bombas contra alvos civis é outra forma de fazer a guerra? Isso é terrorismo e quem o pratica é gente da pior espécie—respondi irritado.

— Não vim aqui discutir sobre esta guerra, só trazer-lhe uma mensagem: o senhor deve a vida ao Wadi Ziad. Ele nunca lhe pediu nada por o ter salvado, mas agora chegou o momento de lhe devolver o que ele fez por si. Salve o seu filho. Ele já perdeu dois filhos: um nos confrontos entre os guerrilheiros de Arafat e as tropas do rei Hussein, outro na fronteira durante uma escaramuça com uma patrulha de soldados israelitas. Não quer perder outro.

Frei Agustín deu meia-volta e, apesar da sua idade, caminhou com passo rápido sem me dar tempo de responder.

Contei a Paula o que tinha acontecido e pedi-lhe que me ajudasse.

— Tu deves saber onde é que estão os palestinianos que prendemos a atravessar a fronteira.

— A única coisa que posso fazer é averiguar o que é que esse Latif fez exatamente, mas vou ter de informar os meus superiores do motivo do meu interesse por esse rapaz.

— A verdade é sempre o caminho mais curto, só quero saber de que é que o acusaram. Tenho de pagar a minha dívida.

— Não sejas ridículo, Ezequiel! O Wadi salvou-te a vida quando eras uma criança, é algo louvável, vais estar-lhe sempre agradecido, mas isso não te pode tornar refém dele.

Não sabia como explicar a Paula que o seu pensamento cartesiano pouco tinha que ver com a forma como as coisas funcionam no Oriente. Eu tinha nascido em Jerusalém, tinha crescido com meninos árabes, conhecia e partilhava muitos dos seus valores e aquele era um deles, uma vida por uma vida, da mesma forma que a vingança era olho por olho. Mas Paula era alemã, tinha nascido e crescido em Berlim até que fugiu com os seus pais da ameaça nazi, e aplicava outros códigos à vida.

— Tenho uma dívida a pagar, Paula, e peço-te que me ajudes a fazê-lo. Se o rapaz não é um criminoso, tenho de o devolver ao seu pai.

— Estás louco! Isso, em caso algum, pode ser decidido por ti.

Paula confirmou a versão de frei Agustín. Tinham-no prendido a poucos metros do rio Jordão, mal atravessou a fronteira. Não encontraram nada que o pudesse comprometer. O rapaz mantinha uma versão: queria ir a Jericó visitar a sua tia Naima, só isso. Claro que não acreditaram nele. Eu sabia a verdade; sem querer, frei Agustín tinha-ma dito: Latif, mais do que ir a Jericó, pretendia chegar a Jerusalém onde provavelmente devia entregar uma mensagem a algum membro da OLP dentro de Israel. Embora ele não o tivesse confessado, quem o interrogou sabia disso, não era a primeira vez que encontravam um caso assim.

Falei com os meus superiores no exército e expliquei-lhes o caso de Latif, defendendo que se o rapaz não tinha cometido qualquer delito considerável devia ser posto em liberdade. Mas os meus superiores responderam que entrar ilegalmente em Israel já era um delito e que se não tinha cometido mais nenhum era porque tinha sido preso.

Eu não era advogado. Tinha terminado os meus estudos como engenheiro agrónomo embora nunca me tivesse dedicado ao campo porque tinha acabado por trabalhar no exército. Não sabia o que podia fazer, mas estava disposto a fazer o possível para devolver Latif a Wadi. Foi Paula quem me recomendou que entrasse em contacto com um jovem ativista dos direitos humanos.

— É um advogado que se transformou num pesadelo para o Ministério da Defesa; defende os

palestinos, independentemente daquilo que fizeram, e teve algum sucesso nos casos em que não foi cometido qualquer delito sangrento.

O escritório de Isahi Bach em Telavive era uma sala com três mesas, onde além dele trabalhavam outros dois jovens. Expliquei-lhes o caso e não duvidaram em aceitá-lo.

— Não vai ser fácil, mas podemos tentar. O mais importante é que o condenem por um único delito, o de entrada ilegal—afirmou Isahi.

— Pois, mas não queria que passasse muito tempo na prisão—quase supliquei àqueles rapazes que ainda nem sequer tinham trinta anos.

— Olhe, não o vamos enganar, o senhor deve saber como é que as coisas funcionam, a primeira coisa é obter autorização para visitas. Seria conveniente que esse frade fosse comigo para o Latif saber que pode confiar em mim. Quando soubermos como é que ele está e ele me contar a sua versão dos factos, vou começar a preparar a sua defesa. Não será fácil, mas também não é impossível.

— Esse rapaz não fez nada—justifiquei.

— Vou ser claro: acreditamos no direito de Israel a existir, mas também acreditamos no direito de os palestinos terem o seu próprio Estado e, sobretudo, que ninguém possa pisar os direitos que lhes assistem como seres humanos, independentemente daquilo que fizeram. Provavelmente, o Latif trazia alguma mensagem para os ativistas palestinos que operam dentro de Israel, mas, se o procurador não o pode demonstrar, então é inocente. Ninguém é culpado até prova em contrário.

— Porque é que defendem os palestinos?—perguntei àqueles jovens com curiosidade.

— Porque queremos que Israel não perca a moralidade, que é a primeira coisa que se perde numa guerra.

Custava-me entendê-los, mas decidi confiar neles. Procurei frei Agustín e pedi-lhe que ligasse a Isahi Bach.

— É tudo o que posso fazer—expliquei-lhe.

— Não é muito. O Wadi espera que o senhor obtenha de imediato a liberdade do seu filho.

— O Wadi não é parvo e sabe que há coisas que escapam à minha vontade de pagar a dívida que tenho para com ele. Vou pagá-la, ou pelo menos espero fazê-lo, mas temos de seguir alguns passos.

O processo durou seis meses, mas por fim Isahi Bach conseguiu mais do que eu esperava. Condenaram Latif a um ano de prisão e depois expulsá-lo-iam para a Jordânia. Como já estava há oito meses fechado, só lhe restavam quatro para obter a liberdade.

Eu não conhecia o filho de Wadi porque Isahi Bach me tinha pedido que nem sequer aparecesse no julgamento. Fui buscá-lo à entrada da prisão, de onde saiu acompanhado por Isahi. Era parecido com Anisa. O mesmo rosto afilado, os mesmos olhos pretos amendoados e o mesmo porte magro. Aproximei-me dele e estendi-lhe a mão, mas fingiu que não viu o meu gesto e eu não insisti.

— Vamos levar-te até à fronteira, o teu pai está à tua espera do outro lado—disselhe frei Agustín.

Quando chegámos à Ponte Allenby, o rapaz saiu do carro rapidamente. Estava impaciente por voltar para junto dos seus. Nem sequer me agradeceu e mal olhou para mim. Não é que eu esperasse grandes gestos, mas pelo menos gostaria de o ter visto contente.

Depois de tratar da papelada na fronteira e de discutir durante algum tempo com um dos soldados, que parecia desconfiar de nós e que releu os documentos e o salvo-conduto pelo menos três ou quatro vezes, Latif começou a atravessar para a outra margem do Jordão.

— Não é muito expressivo—queixei-me enquanto o via caminhar com passo apressado.

— E o que é que o senhor queria? É um rapazinho que vive precariamente num campo de refugiados. Prenderam-no, interrogaram-no, certamente com alguma brutalidade, e estive preso, não tem nada que agradecer. Ponha-se na pele dele—disseme Isahi Bach.

— Se eu estivesse na pele dele, sentir-me-ia contente por me terem libertado.

— Nem o senhor nem eu o libertámos, só conseguimos que fosse feita justiça.

— Sabe, tal como eu, que ele trazia uma mensagem para os ativistas de Jerusalém—protestei.

— Talvez, mas isso não ficou demonstrado. Ele aguentou com coragem os interrogatórios, ninguém lhe conseguiu arrancar uma palavra a mais e sofreu por isso—repreendeu-me Isahi Bach.

— É um futuro terrorista—sentenciei eu.

— Provavelmente, mas nem eu nem o senhor sabemos disso. Pergunte-se como seria, o que faria, o que sentiria se estivesse na pele dele.

— Teria de aceitar que Israel é uma realidade—respondi-lhe irado.

— Sim, um dia vão ter de o fazer e nós teremos de aceitar que têm os seus próprios direitos.

Isahi Bach irritava-me, mas com o tempo tornou-se um dos meus melhores amigos.

Dois meses mais tarde, frei Agustín voltou a aparecer no meu escritório.

— Trago-lhe uma mensagem do Wadi.

Fiz como na visita anterior, não respondi, ficando à espera de conhecer a mensagem.

— Agradece-lhe pelo que fez pelo seu filho.

— Estava em dívida para com ele. Já estamos em paz.

— Sim, já estão em paz, mas agora quer pedir-lhe outro favor.

Fiquei tenso. Wadi estava a entrar na minha vida deixando-me inquieto. Eu tinha pago a minha dívida e não estava disposto a fazer nenhum favor ao inimigo, porque, quer queiramos quer não, não éramos mais do que isso.

— O Wadi tem outro filho e não sabe onde é que ele está. Não tem forma de averiguar, mas talvez o senhor tenha.

— Se prenderam outro dos seus filhos já não é assunto meu. Diga-lhe da minha parte que tente controlá-los e que não permita que se dediquem a atividades terroristas.

— Os fedayin não são terroristas, mas eu não me estou a referir a nenhum dos filhos da Anisa.

A resposta de frei Agustín surpreendeu-me. Não sabia a que é que se podia estar a referir. Pensei em mandá-lo passear e acabar com aquela estranha relação que se estava a criar entre mim e Wadi depois de mais de duas décadas sem sabermos nada um do outro. Mas não o fiz, e hoje alegro-me da minha decisão.

— Há alguns anos, o Wadi conheceu uma mulher. Era espanhola, uma médica espanhola que tinha aparecido com um grupo de médicos e enfermeiras, todos voluntários, para ajudarem nos campos de refugiados palestinianos situados na Jordânia. O Wadi é um dos homens que trata da organização do campo e portanto mantém uma relação direta com todas as organizações estrangeiras que prestam ajuda alimentar, médica ou de qualquer outro tipo. Os meninos precisam de vacinas e alimentos em condições, e os adultos, médicos que lhes resolvam os problemas, que lhes forneçam os medicamentos de que precisam. O Wadi sugeriu à Eloísa que examinasse as crianças na escola, dessa forma estariam menos assustadas do que se tivessem de ir ao dispensário do campo. Ela aceitou. Assim começaram a sua relação. Na verdade ele apaixonou-se por ela assim que a viu. "Parece uma princesa medieval", disse-me o Wadi para me descrever a Eloísa. Tinha razão. É loura, com os olhos azuis e um falso aspeto de fragilidade. Se eu tivesse idade para reparar nas mulheres e não fosse frade, também não teria ficado indiferente. O mais surpreendente foi a Eloísa ter-se apaixonado pelo Wadi. As cicatrizes que o fogo lhe deixou no dia em que o senhor lhe salvou a vida escureceram com a passagem do tempo deformando-lhe ainda mais o rosto. Além disso, já não é uma criança. Talvez tenha sido a serenidade e a dignidade que possui o que apaixonou essa mulher. Quando o verão acabou e os voluntários espanhóis regressaram ao seu país, ela ficou. Tinha decidido trabalhar no campo de refugiados; não esperava nada, só ajudar, mas sobretudo continuar ao lado do Wadi.

— E a Anisa?—perguntei ao frade.

Eu conhecia Anisa e sabia que ela jamais aceitaria partilhar o seu marido. Era uma mulher de carácter que tinha sofrido e lutado e em caso algum suportaria não ser tratada de igual para igual. Mas ao que parece o tempo muda-nos a todos, por isso aguardei com curiosidade a resposta do frade.

— A Anisa decidiu não ver nem ouvir mais do que queria ver ou ouvir. Deu-se conta de que o Wadi não podia evitar a sua atração pela Eloísa e que se interferisse então perdê-lo-ia para sempre. Nenhum homem se devia apaixonar depois dos quarenta anos, e o Wadi tinha mais de cinquenta. A Anisa fez o possível para os seus filhos não se sentirem injuriados por essa paixão do seu pai. Manteve-se digna, distante, mas sem abandonar a pequena casa onde o Wadi aparecia cada vez menos. Ninguém ficou surpreso quando a Eloísa ficou grávida. Ninguém perguntou de quem era o filho que esperava, não era necessário, os cuidados e atenções do Wadi eram demasiado explícitos para que houvesse qualquer dúvida. O que nenhum dos dois podia imaginar é que ela adoeceria. Pneumonia, diagnosticou-lhe um médico de Amã. A Eloísa estava muito doente e o Wadi decidiu que devia entrar em contacto com a família dela e explicar-lhes a situação em que se encontrava. A mãe da Eloísa viajou de Espanha para tratar da sua filha. Quando conheceu o Wadi não escondeu a surpresa ao saber que a sua filha se tinha apaixonado por um homem com o rosto deformado. Acho que isso até a surpreendeu mais do que saber que ele tinha outra família. A Eloísa negava-se a regressar a Espanha; queria que o seu filho nascesse na Jordânia, o mais próximo possível da Palestina. Mas a sua mãe, a senhora María de los Ángeles, ignorou os desejos da sua filha. Falou com o Wadi: "Deve saber que não aprovo a relação da Eloísa consigo. É evidente que está a abusar dos sentimentos da minha filha. Ela é uma rapariguinha que veio para aqui com o curso recém-terminado e cheia de ilusões, disposta a ajudar. A culpa é do pai dela e minha por a termos deixado vir, mas o que está feito, está feito. O senhor tem uma mulher e filhos, dedique-se a eles, e se gosta mesmo da Eloísa ajude-me a levá-la para Espanha, aqui não se vai curar."

"O médico disse que é perigoso ela viajar."

"A mãe da Eloísa teve um ataque de fúria e os seus gritos ouviram-se por todo o acampamento: O senhor é um egoísta! Quer sacrificar a vida da minha filha em seu próprio proveito! Será que ela não fez o suficiente por todos vocês? Vou levá-la a bem ou a mal, e juro-lhe que farei o possível para que nunca mais a veja." O Wadi, envergonhado com os gritos da mulher, respondeu-lhe que iam ter um filho. "Sim, a minha filha vai ter uma criança e garanto-lhe que o bebé não vai viver precariamente num lugar como este; diga-me, porque é que teria de o fazer?" A Eloísa não estava em condições de se recusar a submeter-se às decisões da mãe, que dois dias depois a embarcou num voo com destino a Madrid. Desde então o Wadi não voltou a saber nada dela e nem sequer sabe se o filho que esperavam chegou a nascer.

— E o que é que eu tenho que ver com tudo isso?—respondi assombrado, não só pela história que acabava de ouvir, mas pela pretensão de Wadi ao achar que eu o ia ajudar.

— O Wadi não tem dinheiro nem meios para averiguar o que é que aconteceu à Eloísa, o senhor sim.

— Está louco! Diga-lhe que lamento o que aconteceu, mas não posso fazer nada acerca disso.

— O senhor tem dinheiro, contactos, possibilidade de viajar até Madrid e averiguar o que é que aconteceu à Eloísa.

Olhei fixamente para o frade tentando saber se estava a falar a sério. O pedido de Wadi parecia-me um disparate e fazia sentir-me desconfortável.

— Então o senhor e o Wadi acham que eu posso pedir uma autorização para ir a Madrid averiguar o que aconteceu a uma médica que não conheço de lado nenhum, mas que teve uma relação com alguém que conheci quando era criança. Naturalmente, o exército e a minha esposa não teriam motivos para me criar dificuldades. Ele deve estar mesmo muito transtornado para me pedir uma coisa assim!

— Pois é exatamente o que está a fazer, a pedir-lho. Não conhece ninguém que o possa ajudar neste

assunto.

Frei Agustín mostrava-se insensível a qualquer argumento que eu pudesse apresentar, como se fosse normal um palestino refugiado num campo da Jordânia pedir a um soldado de Israel que deixasse tudo o que tivesse para fazer para o ajudar num assunto sentimental.

Naquela altura a Horta da Esperança era apenas uma lembrança, tal como eram todos aqueles que fizeram parte da minha infância e juventude. Eu tinha lutado na Segunda Guerra Mundial, na da Independência, em Suez em 1956, na conquista de Jerusalém em 1967, e a minha vida e os meus interesses estavam centrados na sobrevivência de Israel e em tentar ser feliz com Paula e com os nossos filhos. Tinha pago a minha dívida para com Wadi quando me interessei pelo seu filho Latif, em relação a quem tinha poucas dúvidas de que fosse um fedayin. Já tinha feito mais do que devia, por isso disse ao frade que não faria mais nada por Wadi.

Naquela noite contei a Paula o que tinha acontecido e ela riu-se às gargalhadas.

— Esse Wadi era o teu melhor amigo, quando nos conhecemos não paravas de falar dele—lembrou-me.

— Pois, mas agora estamos em lados diferentes, ele quer acabar com Israel e eu farei o possível para que não o consiga, por isso temos pouco a dizer um ao outro.

— Bem, eu não seria tão perentório. Houve um tempo em que, pelo que me contaste, achavas que os palestinos deviam ter o seu próprio Estado.

— E continuo a achar, mas é preciso lembrar-te que o que os seus líderes dizem é que não vão parar até nos deitarem ao mar? Não, não vou fazer mais por ele do que já fiz, agora até tenho remorsos por ter ajudado o seu filho Latif. É um fedayin.

— Não sabes isso.

— Bem, foi nisso que o advogado Isahi Bach se baseou, não podemos demonstrar o que não existe; mas ele, tu e eu sabemos que nenhum palestino que atravessa a fronteira ilegalmente o faz com a intenção de visitar a sua tia e os seus primos.

— Quem sabe...

— Por favor, Paula, como é que podes dizer isso, precisamente tu, que trabalhas no Ministério da Defesa?!

— É precisamente por isso que sei que é necessário considerar todas as variáveis, até as mais absurdas e disparatadas. Em todo o caso, o Wadi não te enganou.

Não voltei a saber nada de frei Agustín nem de Wadi até muito tempo depois. Naquela altura, eu tinha perdido o meu filho Yuval na guerra de 1973. Paula e eu estávamos destroçados, ninguém está preparado para perder um filho. Wadi, por sua vez, não só tinha perdido o seu filho mais velho, como também o segundo, que tinha sido abatido durante um ataque perpetrado por um grupo de fedayin contra um pelotão de soldados israelitas que patrulhavam as margens do Jordão.

Eu já não estava no exército, mas sim a dar aulas na universidade, e lembro-me de, ao falar com outro professor sobre a guerra, ele ter feito uma reflexão que naquele momento me arrepiou: "Tenho três filhos, e sei que vou perder algum deles; se acontece aos outros, porque é que não me acontece a mim?" Era exatamente isso que nos tinha acontecido a mim e a Paula, também tínhamos perdido um filho.

Yuval era um jovem soldado de apenas vinte anos, uma idade na qual se deveria dedicar a estudar em vez de andar com uma pistola-metralhadora nas mãos.

Foi ideia de Paula fazermos uma viagem.

— Vai fazer-nos bem sair de Israel.

Eu protestei, dizendo que mesmo que fôssemos para milhares de quilómetros de distância nunca poderia deixar de pensar na perda de Yuval. Paula zangou-se comigo.

— Por acaso, achas que eu vou esquecer o meu filho? Só quero ir para não bater no fundo. Preciso de caminhar por algum lugar onde a guerra não esteja latente. Só isso, não quero mais nada.

Os nossos filhos Aaron e Gedeon sugeriram que fôssemos para Madrid. Eu tinha-lhes falado da viagem que fiz com os meus pais a Espanha quando era uma criança e eles acharam boa ideia visitarmos esse país.

Paula estava a fazer a mala quando se lembrou que Wadi tinha pedido que procurasse aquela mulher de nome Eloísa.

— Agora que vamos a Madrid, talvez possamos tentar—sugeriu Paula.

— De maneira nenhuma! Como é que te podes lembrar disso? Achas que me importa que o Wadi se tenha apaixonado por uma médica espanhola e tenha tido um filho? Ele que cuide da sua vida, já temos que chegue com a nossa.

Acho que nunca conheci totalmente a Paula. Se já me surpreendia que trabalhasse como analista no Ministério da Defesa, não deixava de me surpreender que não tivesse preconceitos no momento de abordar qualquer outro assunto. Tinha uma capacidade fora do comum para, como ela dizia, se pôr na pele dos outros, fosse quem fosse, acho que por isso é que era tão boa analista.

— Vai ser divertido procurar essa rapariga, qual é o mal?

Resisti o máximo que pude, mas no fim acabei por procurar frei Agustín sem comentar nada com ela. Encontrei-o na velha escola onde antigamente dava aulas com Wadi. Ele pareceu não ficar surpreendido quando me viu.

— Então, decidiu finalmente ajudar o seu velho amigo?—perguntou-me sem sequer me cumprimentar.

Irritou-me a sua receção, que desse por garantido que estava ali por Wadi, mas por que outro motivo podia ter ido?

Expliquei-lhe que tinha de ir a Madrid e que se me desse mais alguns pormenores talvez pudesse averiguar alguma coisa sobre a tal Eloísa, embora tenha sublinhado que não prometia nada.

Frei Agustín deu-me pouca informação; apenas uma morada, para a qual Wadi mandava cartas que lhe devolviam sem abrir com um carimbo de destinatário desconhecido.

Paula tinha razão, afastarmo-nos de Israel foi ideal. Não deixávamos de nos lembrar de Yuval, mas pelo menos começámos a conseguir dormir algumas horas seguidas durante a noite. Só uma semana depois é que Paula me lembrou que devíamos tentar procurar Eloísa. Naquela altura já tínhamos visitado Toledo, Aranjuez e El Escorial, além do Museu do Prado.

Para minha surpresa, Paula negou-se a acompanhar-me à morada que frei Agustín me tinha dado.

— Vou passear um pouco e comprar alguns presentes para os rapazes.

A minha esposa era tão surpreendente quanto isso, ela tinha-me convencido a procurar Eloísa, mas deixava claro que era um assunto meu e do meu passado.

A casa ficava num bairro senhorial não muito longe do hotel Palace de Madrid, onde estávamos alojados.

— O bairro de Salamanca é dos melhores de Madrid—garantiu-me o taxista quando lhe dei a morada, satisfeito por não me ter esquecido do sefardita, a língua materna da minha mãe, com que falava comigo e com Dalida.

Um atencioso porteiro indicou-me que ali não vivia nenhuma senhora Eloísa Ramírez, embora ele só estivesse há dois anos na portaria. Mas havia uns senhores Ramírez no quinto esquerdo. Deixou-me subir no elevador sem qualquer problema. Eu estava nervoso, pensando que me ia encontrar com uma família que não tinha nada que ver com aquela Eloísa do Wadi.

Uma governanta abriu-me a porta e disse-me que ali não vivia nenhuma Eloísa. Não sei porquê, mas pedi-lhe para avisar a dona da casa. A governanta hesitou um instante, mas depois deixou-me entrar para

uma pequena divisão e pediu-me que esperasse. Não reparei quando de repente apareceu à minha frente uma mulher mais velha, bem vestida e com o cabelo branco preso num coque.

— Diga...

— Desculpe incomodá-la, estou à procura da Eloísa Ramírez.

Ficou a olhar para mim durante uns segundos e pude ver como a dúvida lhe turvava o olhar.

— Lamento, eu sou a senhora Ramírez e aqui não vive nenhuma Eloísa.

Não acreditei nela. Não sei porquê, mas não acreditei nela.

— Pois esta é a morada que ela me deu quando estava na Jordânia a ajudar num campo de refugiados.

Depois ficou doente e regressou para Espanha com a sua mãe.

— E o senhor quem é?—perguntou-me sem voltar a dizer que não sabia nada de Eloísa.

— Um amigo de um grande amigo dela.

— Não me disse que a conhecia?—A pergunta estava cheia de ironia.

— Não exatamente.—A senhora Ramírez estava a deixar-me nervoso.

— Bom, pois lamento não poder ajudá-lo. Aqui não vive nenhuma Eloísa.

Nesse momento, a porta abriu-se e entrou uma criança a correr que se agarrou à mão da mulher.

— Avó, anda.

Olhámos um para o outro em silêncio. Ela com altivez, desafiando-me; eu com a segurança de quem estava a ser enganado.

— Bem, não quero incomodar, embora não compreenda porque é que a Eloísa tenha dado esta morada... e, sobretudo, não percebo porque é que não voltámos a saber nada dela.

— Desconheço tudo isso, lamento não poder ajudá-lo, e agora peço-lhe que saia.

Ainda me pergunto de onde é que tirei tanta coragem para dizer o que disse de seguida.

— Então esta menina é a filha do Wadi Ziad e da Eloísa. Não pode negar quem é o pai dela, é parecida com ele.

A mulher sobressaltou-se e mandou a menina sair da sala.

— Mari Ángeles, vai brincar, eu já vou.

A menina obedeceu. A mulher e eu ficámos frente a frente, eu não me atrevia a dizer mais nada.

— O que é que quer?

— Só quero saber o que é que aconteceu à Eloísa e ao filho que esperava.

A porta voltou a abrir-se e entrou um homem de idade avançada. Olharam-se e pude perceber que estavam angustiados.

— Não pretendo nada, muito menos causar qualquer problema ou dano. Dou-lhe a minha palavra de honra.

— Quem é o senhor?—A dignidade e autoridade na voz do homem não me deixaram fugir à pergunta.

— Chamo-me Ezequiel Zucker, sou professor na Universidade de Jerusalém. Há muitos anos, fui amigo do Wadi Ziad. Ele pediu-me que, se viesse a Madrid, averiguasse o que tinha acontecido à Eloísa.

— Um judeu amigo de um palestinião... quer que eu acredite nisso?—O tom de voz do homem era de indignação.

— Custa a acreditar, eu sei, mas fomos amigos há muitos anos, quando éramos crianças, antes da guerra de 1948. O Wadi Ziad só quer saber o que é que aconteceu à Eloísa e se... bem, o que é que aconteceu ao seu filho.

— Sente-se—ordenou-me o homem.

— Não temos nada para lhe dizer...—interrompeu-o a sua esposa, mas o homem olhou-a de tal forma que ela se calou.

— Não nos podemos esconder, não temos motivos para isso. Ouça bem e diga ao seu amigo que não

nos volte a incomodar. A minha filha morreu por causa dele, e já sofremos o suficiente.

Fiquei em silêncio sem saber o que responder. Emocionou-me saber que aquela jovem, que Wadi tinha amado, estivesse morta.

— Morreu durante o parto poucas semanas depois de eu a trazer para Espanha. Estava no sétimo mês de gravidez, foi um milagre que a menina se salvasse—disse a mulher olhando-me fixamente.

— Lamento—consegui dizer.

— Não queremos saber nada desse homem. Não tem qualquer direito sobre a menina—afirmou a mãe de Eloísa.

— Não tem o apelido dele—disse o senhor.

— Tentamos que a menina tenha uma vida normal, que seja feliz. O senhor acha que a devíamos enviar para um acampamento palestino para ir ter com um homem que tem outra mulher e outros filhos? Jamais o consentiríamos. Diga ao seu amigo que, se a Eloísa foi mesmo importante para ele, o demonstre não condenando também a sua filha. A menina é feliz.

— Mas... bem, um dia vai querer saber quem é o pai dela—disse eu e sentime imediatamente estúpido.

— Não tem motivos para isso. Dir-lhe-emos que não sabemos quem era, que a sua mãe nunca o revelou.—A voz da mãe de Eloísa era agora a de uma mulher vencida.

— Acha que o seu amigo nos vai deixar em paz?—perguntou o homem.

— Vou pedir-lhe que o faça—prometi-lhes, sem saber muito bem como ia cumprir aquela promessa improvisada.

Paula ficou comovida com a história. Disselhe que não sabia se devia dizer a verdade a frei Agustín, mas ela convenceu-me de que não era da minha responsabilidade tomar a decisão sobre o melhor futuro para aquela menina. Tinha razão, por isso, quando regressámos a Jerusalém, fui ter com o frade e expliquei-lhe o que tinha acontecido.

— Os pais da Eloísa são pessoas influentes, e o Wadi não pode provar que é pai da menina.

Só voltei a saber alguma coisa de Wadi muitos anos depois. Quando voltei a ter notícias dele, já se tinha assinado a paz entre Israel e a Jordânia e o Egito, e as negociações de paz entre Israel e a OLP estavam na ordem do dia. Um rapazinho árabe apareceu na universidade e entregou-me uma carta de frei Agustín pedindo-me que o fosse ver.

O frade já era velho, estava quase cego e mal podia caminhar, mas tinha a mesma energia de sempre.

— O Wadi quer vê-lo. Ele não pode vir a Israel, já sabe, as autoridades israelitas não autorizam os refugiados, mas o senhor pode ir a Amã.

Irritava-me que Wadi desse por garantido que eu faria o que ele queria como quando éramos crianças. Frei Agustín deu-me o número de telefone de Wadi em Amã.

— Ligue-lhe quando chegar, o melhor será que se encontrem em algum hotel. Não é conveniente que um judeu o visite na sua casa do campo de refugiados.

Desta vez zanguei-me. Pelo que sabia, a casa de Wadi encontrava-se em frente da Fortaleza, perto do Palácio Real, já que o falecido rei Hussein tinha transformado o campo construindo casas para os refugiados, por isso tinha a certeza de que Wadi vivia num lugar modesto mas digno, embora aquele frade parecesse querer provocar em mim um sentimento de culpa que eu não estava disposto a ter.

Foi outra vez a Paula quem me incentivou a tomar a decisão. Ela estava doente, o cancro corroía-a, e os médicos só lhe davam dois meses de vida.

— Tens de ir, gostava de saber como é que acaba a vossa história antes de morrer.

— Que história? Não te percebo... não sei o que é que o Wadi quer de mim..

— Ezequiel, a verdadeira pátria dos homens é a infância, e na tua habitavam o Wadi e a sua família,

os Ziad. A vida colocou-vos em lados opostos e ambos foram leais à vossa causa, ele sabe-o e tu também, mas nem sequer o facto de terem combatido em lados diferentes te levou a considerá-lo teu inimigo. Estão unidos por laços que nem ele nem tu podem quebrar por mais que queiram.

— Não posso ir e deixar-te sozinha neste momento, só porque o Wadi me quer ver.

— Tens medo de que me aconteça alguma coisa na tua ausência, mas prometo-te que estarei bem, não penso morrer até me contares como foi o vosso encontro.—Paula disse-o rindo-se, tal como dizia sempre as coisas importantes.

O meu filho Aaron não se atreveu a zangar-se com a mãe, mas censurou-me por estar disposto a ir à Jordânia.

— Vais-te embora deixando a mãe no hospital; imagina que te acontece alguma coisa...

— Não me vai acontecer nada, muitos israelitas vão fazer turismo a Petra, porque é que eu não posso ir?

Aaron disse-me uma coisa que me magoou.

— Achas que nos podemos fiar? Por acaso já te esqueceste do Yuval e do Gedeon?

Precisamente porque não podia esquecer os meus filhos mortos é que decidi que devia ir. E fi-lo. A minha neta Hanna encarregou-se de me reservar um quarto no hotel Intercontinental. "É o mais seguro, é ali que os diplomatas costumam ficar", garantiu-me. Mas fez algo mais, fez por ir comigo mesmo sabendo que o seu pai, o meu filho Aaron, não o aprovava.

— O avô já não é novo, e precisa de alguém que cuide de si, e é o que farei.

Eu estava à espera no átrio do hotel Intercontinental, impaciente. Wadi tinha-me garantido que chegaria às cinco, e já passavam dez minutos. Não sei como, mas de repente senti a sua presença. No detetor de metais, um homem de idade como eu depositava o que levava nos bolsos. Tabaco de enrolar, um isqueiro e um terço árabe. Olhámo-nos reconhecendo-nos um ao outro e caminhei para ele. Quando estávamos a menos de um palmo de distância, ambos duvidámos do que devíamos fazer. Estendi-lhe a mão e ele apertou-ma, depois demos um abraço e fizemos um esforço para não chorar.

Procurámos um canto calmo e falámos, falámos durante horas, contando um ao outro o que tinha sido das nossas vidas, lamentando as perdas dos nossos filhos, recordando a infância partilhada.

— Agradeço-te por teres procurado a Eloísa e por teres encontrado a minha filha.

— Sabes uma coisa? Custava-me entender que te tivesses apaixonado por outra mulher e que a Anisa... bem, que a Anisa o tivesse consentido.

— Não podia fazer nada para o impedir. Apaixonei-me pela Eloísa assim que a vi, e saber que ela também se tinha apaixonado por mim deu-me força para enfrentar qualquer coisa, embora não te esconda que sofri por fazer a Anisa sofrer. Não a enganei, disselhe a verdade e convidei-a a decidir. Ela decidiu ficar comigo, embora eu não lhe pudesse prometer nada. Queria o melhor para a Eloísa e, embora ela me dissesse que aceitava as coisas como eram, eu não estava satisfeito com a nossa situação. Teria gostado que a Anisa me tivesse dado o divórcio, mas não o quis fazer, e eu não tinha a coragem de a deixar. Tínhamos tido quatro filhos e perdido três deles. Sim, três fedayin, dois morreram a lutar contra Israel e outro a combater contra as tropas jordanas, e com muita pena minha, porque já sabes que a minha família sempre foi leal aos hachemitas.

Falou-me de Eloísa com tal paixão que parecia estar a vê-la naquele preciso momento. Contou-me o que sabia da filha.

— Não há um só dia em que não pense na filha da Eloísa, mas acho que os seus avós tinham razão, eu não lhe podia oferecer nada e, portanto, não tinha direito a estragar a sua vida.

Depois da minha visita a Madrid e com a informação que dei a frei Agustín, Wadi tentou saber como decorria a vida daquela menina, de María de los Ángeles de todos los Santos, que foi assim que a

batizaram.

O seu pai, os seus primos, os seus tios e três filhos mortos a combater contra Israel. Eu tinha perdido a minha mãe, a minha prima Yasmin, Mikhail, os meus dois filhos... Mas não evocámos os nossos mortos como uma censura, mas sim como uma constatação de que era precisamente por eles que a paz era imprescindível.

Dois Estados é a única solução, concordámos. Mas Wadi disseme algo mais: "É um sarcasmo em forma de tragédia ter de negociar com os ladrões o regresso às nossas casas. Porque é o que vocês são, ladrões que aproveitaram as sombras da noite para entrarem nos nossos lares e nos expulsarem, e agora com a cumplicidade do resto do mundo dizem que é preciso negociar, que se aceitarmos as vossas exigências nos podem deixar partilhar um canto do que foi nosso. Mas sabes uma coisa, Ezequiel? Se não negociarem, se não aceitarem que a Palestina tem de existir, vão perder, passe o tempo que passar, vão perder. Sabes porquê? Porque as vossas armas nunca serão suficientemente poderosas para vencer a nossa determinação para recuperar o que é nosso, porque cada pedra lançada pelos nossos filhos vos torna mais fracos, porque deixaram de ser David, porque continuam a estar sozinhos, porque o vosso sofrimento do passado não pode apagar o nosso. Mas, sobretudo, porque já perderam a alma."

Não o contrariei. Como podia fazê-lo? Não se discute com um homem que perdeu tudo, que não pode chorar diante do túmulo dos seus e ao qual arrebataram o seu destino. Enquanto o ouvia não pude deixar de me sentir culpado.

Era noite cerrada quando Wadi e eu nos despedimos já em paz um com o outro. Não prometemos voltar a ver-nos porque na nossa idade já não se fazem planos para amanhã. Desde aquele dia, de vez em quando, liga-me ou eu ligo-lhe. São conversas breves, sem muita importância, mas reconforta-nos ouvir a voz um do outro.

Quando contei à minha esposa a minha conversa com Wadi, reconheci que me sentia envergonhado, porque tinha lutado em quatro guerras, mas não tinha sido capaz de travar o combate mais importante, o da paz.»

Marian parecia comovida, Ezequiel deu-se conta de que ela tentava conter as lágrimas.

— Ponto final, não é?—conseguiu ela dizer.

— A Marian sabe que ainda não chegámos ao fim. Não, ainda não. Não gostava de saber o que é que aconteceu à filha do Wadi?

— Não... para ser sincera isso já não interessa.

— Aquela menina cresceu sem saber quem era o seu pai. Os avós mantiveram o segredo até ao fim. Na verdade foi o avô que deixou uma carta no seu testamento a explicar-lhe quem era. Para ela, saber a verdade foi um choque. De repente, o seu mundo pareceu-lhe uma falsidade. Não era quem julgava ser, uma rapariga da alta sociedade madrilena, educada em colégios caríssimos, com um curso universitário e um mestrado prestes a terminar. Por isso aquela menina começou a indagar sobre aquela que julgava ser a sua identidade perdida, mas não se atreveu a procurar o seu pai em Amã, e começou a caminhar em círculos. Fez o possível por conhecer raparigas e rapazes palestinianos que estudavam em Espanha, mas isso não foi suficiente e um dia aterrou em Ramallah. Conheceu um jovem, apaixonou-se? Talvez sim, ou talvez tenha decidido que se tinha apaixonado, porque julgava que era a melhor forma de estar o mais perto possível daquela parte do seu eu, que não sabia que existia até há bem pouco tempo. Casaram e tiveram um filho. Mas o casamento não durou muito. Não se adaptava a viver em Ramallah, a integrar-se numa sociedade na qual tudo lhe era alheio. E continuava sem se atrever a procurar o seu pai. Um pai do qual só sabia o nome e que vivia num campo de refugiados em Amã, um pai que intimamente censurava por não ter lutado por levá-la com ele, mesmo sabendo que se tinha sacrificado para o bem dela. Foi-se embora, deixou Ramallah e regressou a Madrid levando o seu filho. A princípio o pai do menino não

levantou problemas, mas quando o rapaz fez doze anos quis tê-lo de volta. Já não era um menino, disselhe, tinha chegado o momento de estar com o seu pai. Teve de ceder porque as leis estavam do lado daquele que tinha sido seu marido; desta forma, entregou o menino e tornou a sua existência num ir e vir que só lhe provocava amargura. Não estava em Ramallah no dia em que o seu filho morreu. Tinha começado a segunda ou a terceira Intifada, não me lembro bem, e aquele menino, juntamente com muitos outros meninos, começou a apedrejar uns soldados que protegiam um grupo de colonos que estavam a erguer um novo assentamento. Os rapazes atiravam pedras com força, de repente soou um disparo; uma bala arrebatou a vida de um rapazinho, era o seu. Quando ela chegou, o seu filho já estava enterrado e desde então não parou de o chorar. A filha do Wadi não perdoou ao pai ter-lhe dado a vida, nem aos seus avós, que lhe esconderam a verdade, nem ao seu marido por reclamar o seu filho, nem a Israel por existir. Não pode perdoar nem sentir piedade de ninguém a não ser de si própria. Há anos que vive angustiada pela dor, nem sequer um segundo casamento lhe serviu para ultrapassar a perda do filho. Nela foi crescendo um desejo mais forte do que qualquer outro, o da vingança, até mais forte do que o seu desejo de viver. Há uns meses conheceu o seu pai. Por fim, atreveu-se a fazê-lo numa tentativa de se compreender a si própria. O encontro encheu o velho coração de Wadi de doçura, que ao olhá-la nos olhos encontrou um vestígio da Eloísa. Mas para ela conhecer o seu pai não foi um alívio. Tem gravada na retina a imagem do seu filho morto e isso impede-a de ver qualquer outra coisa. Por isso, preparou minuciosamente a sua vingança; não foi fácil, mas finalmente está perto de consumir a vingança que acha que lhe vai devolver a paz. Precisa de matar o inimigo que lhe arrebatou a vida do seu filho, precisa de fazer sofrer quem a fez sofrer. Estou enganado, Marian? Ou prefere que lhe chame María de los Ángeles de todos los Santos tal como a batizaram em Madrid? Ou talvez senhora Miller, o apelido do seu segundo marido?

Marian estava pálida e não parava de bater os dentes. Escondia a mão no bolso do casaco, parecia apertar alguma coisa.

— Desde quando é que sabe disto...?—perguntou em voz baixa.

— Desde o primeiro dia em que vieste. O Wadi, o teu pai, ligou-me e pediu-me que não te deixasse ver o meu filho Aaron. "Não quero que morra mais ninguém.. já sofremos os dois bastante... é melhor não ver o teu filho", avisou-me. Tinha medo da tua amargura. Não só me queria evitar um novo sofrimento como, sobretudo, salvar-te de ti própria. Mas disselhe que tinha de correr esse risco, porque talvez ouvir a nossa história, a dos Zucker, intimamente unida à dos Ziad, te ajudasse a devolver-te a paz. Além disso, tinha a vantagem de saber que o meu filho Aaron não estaria aqui, por isso não mo poderias arrebatat. Lembras-me tanto o teu avô Mohamed... Como vês, a história dos Ziad e dos Zucker não acabou em 1948.

Olhou-a fixamente antes de continuar.

— Sou um velho e estou muito doente, o que é que me resta? O teu avô Mohamed dizia que há momentos na vida em que a única forma de nos salvarmos a nós próprios é matando ou morrendo. Por isso... não te preocupes: dispara, eu já estou morto.

Fez-se silêncio. Durante uns segundos, que a ambos pareceram eternos, não se mexeram, a quietude era tal que nem sequer ouviam o som da sua respiração.

Depois ele, lentamente, continuou a colocar as chávenas na bandeja enquanto observava como a água para o chá fervia.

Estavam separados por poucos metros e ele conseguia distinguir o seu perfume misturado com o cheiro do medo.

Sabia bem a que é que cheira o medo. Ele também o tinha sentido anteriormente, mas naquele momento em que a morte tinha chegado para o levar não tinha medo, como em outras ocasiões nas quais

tinha tido o prazer de brincar com ele até o deixar inerte, para depois partir. Notou como se mexia. Sabia que tinha o dedo no gatilho e que estava disposta a disparar. Decidiu dar a volta para enfrentar o seu olhar e morrer com dignidade, se é que há alguma dignidade nesse instante em que uma pessoa deixa de existir.

Conseguiu ver a fúria que os seus olhos infinitamente pretos emanavam, mas também a luta que mantinha consigo própria. Lamentava por ela. Se disparasse, perder-se-ia; se não o fizesse, nunca se perdoaria.

E aqueles segundos em que cruzaram os seus olhares pareceram eternos aos dois.

— Dispara, eu já estou morto—repetiu com um fio de voz.

FIM

GLOSSÁRIO

Alta Comissão Árabe: encabeçada por Haj Amin al-Husseini, englobava os partidos palestinos mais destacados. Declarou uma greve geral de trabalhadores e comerciantes em 1936.

Balfour, Declaração de: manifestação formal do governo britânico publicada a 2 de novembro de 1917 na qual o Reino Unido se declarava a favor da criação de um Lar Nacional Judaico na Palestina. O documento é uma carta assinada pelo secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros britânico, Arthur James Balfour, dirigida ao barão Lionel Walter Rothschild.

bishlik: moeda.

borsch: comida russa que consiste numa sopa de legumes que inclui beterraba, a qual lhe dá a sua cor vermelha característica.

Bund: União Geral dos Trabalhadores Judeus da Lituânia, Polónia e Rússia. Movimento político judeu socialista criado no Império Russo em finais do século XIX.

Dreyfus, caso: em 1894 o capitão do exército francês Alfred Dreyfus, de origem judaica, foi acusado de espionagem e condenado a prisão perpétua. O caso teve muito impacto na sociedade francesa. Finalmente provou-se a sua inocência e foi reabilitado.

efendis: proprietários das terras que cultivam os fellahs.

fellahs: camponeses árabes; são arrendatários, ou seja, não possuem a terra que trabalham.

Greve geral de abril de 1936: os dirigentes árabes sob o Mandato Britânico da Palestina, liderados por Haj Amin al-Husseini, declararam uma greve geral e negaram-se a pagar impostos em protesto contra a imigração judaica. Tudo isso deu início a uma insurreição armada.

hachemita: linhagem árabe procedente dos filhos de Hashim, um dos clãs mais importantes da antiga tribo dos coraixitas à qual pertencia Maomé.

Haganah: organização de defesa judaica criada nos anos vinte; esteve ativa até 1948.

hummus: puré de grão árabe.

iídiche: língua falada pelas comunidades judaicas do centro da Europa.

ikhwan: significa «os irmãos» e refere-se aos soldados de Ibn Said da Arábia.

jihad: conceito do islão que se costuma traduzir por «Guerra Santa».

Jüdische Rundschau: jornal alemão que a 1 de abril de 1933 publicou um artigo intitulado «Usem com orgulho a estrela amarela». Este artigo foi o primeiro da série Digamos sim ao nosso judaísmo, que se converteu no lema da resistência da judeidade na Alemanha.

keffiyeh: lenço palestino.

kibutz: comunidade agrícola israelita.

Legião Árabe: exército regular da Transjordânia e depois da Jordânia, ativo entre 1920 e 1956. Foi fundado por Frederick Peake como uma unidade do exército britânico. Participou, às ordens do rei Abdullah, na guerra israelo-árabe de 1948.

Livro Branco de 1939: texto publicado pelo governo britânico a 17 de maio de 1939 que determinava o futuro imediato do Mandato Britânico da Palestina até que a sua independência se tornasse efetiva. O texto descartava a ideia de dividir o território em dois Estados a favor de uma só Palestina independente governada em comum por árabes e judeus.

Mandato Britânico da Palestina: administração territorial encomendada pela Sociedade das Nações ao Reino Unido no Médio Oriente, após a Primeira Guerra Mundial, com o estatuto de território sob mandato. Num primeiro momento incluiu os atuais territórios da Jordânia, Israel e os Territórios Palestinos; um pouco mais tarde o Reino Unido separou a parte oriental do mesmo, criando o Emirato

da Transjordânia.

Maxereque: território que engloba a atual Arábia, Síria, Jordânia, Líbano, Iraque e Palestina.

mufti: jurisconsulto muçulmano com poder para interpretar a lei islâmica e emitir pareceres legais.

Novoye Vremya: jornal russo publicado entre 1868 e 1917; significa «Tempos Novos».

Okhrana: polícia secreta russa na época dos czares.

Peel, Comissão: delegação que chegou à Palestina vinda de Londres, durante os distúrbios de 1936-1939, para investigar as raízes do conflito entre árabes e judeus e propor soluções. A comissão, encabeçada por Lord William Robert Peel, ouviu inúmeros testemunhos na Palestina e em julho de 1937 emitiu as suas recomendações (Relatório Peel): abolir o mandato e dividir o país entre os dois povos.

San Remo, Conferência de: reunião celebrada em 1920 na qual se ratificaram as divisões territoriais entre a França e o Reino Unido: a Síria e o Líbano ficavam sob o mandato francês; o Iraque e a Palestina, sob o Mandato Britânico.

Sèvres, Tratado de: tratado de paz assinado em 1920 entre o governo otomano e as nações aliadas da Primeira Guerra Mundial, com exceção da Rússia e dos Estados Unidos. Este acordo desintegrava o Império Otomano e limitava-o a Istambul e parte da Ásia Menor.

sharif: xerife. Nome dado aos descendentes do profeta Maomé.

shtetl: aldeia em iídiche.

soviets: conselhos revolucionários russos.

Sykes-Picot, Tratado: acordo alcançado entre o Reino Unido, representado por Mark Sykes, e a França, representada por Charles François Georges-Picot, para a divisão das posses turcas no Médio Oriente.

Teerão, Conferência de: reunião que se celebrou entre 28 de novembro e 1 de dezembro de 1943 entre Estaline, Churchill e Roosevelt e que teve como principal debate a abertura de uma segunda frente na Europa Ocidental durante a Segunda Guerra Mundial.

Yishuv: termo em hebreu utilizado para se referir aos povoadores judeus da Palestina antes da criação do Estado de Israel, ou seja, durante o Império Otomano e o Mandato Britânico.

PERSONAGENS HISTÓRICAS

Abdelkader al-Husseini (1907-1948). Dirigente nacionalista dos árabes palestinos e militante ativo nos distúrbios dos anos trinta durante o Mandato Britânico da Palestina. Dirigiu as forças irregulares palestinas na guerra israelo-árabe de 1948.

Abdul Hamid II (1842-1918). Sultão do Império Otomano, deposto pela sublevação militar dos «Jovens Turcos». Foi substituído pelo seu irmão Mehmed V.

Abdullah I da Jordânia (1882-1951). Filho de Husayn ibn Ali, xerife de Meca e líder da dinastia dos hachemitas. Foi o primeiro governante da Jordânia.

Alexandre II da Rússia (1818-1881). Filho de Nicolau I da Rússia e czar do Império Russo de 1855 a 1881.

Alexandre III da Rússia (1845-1894). Filho de Alexandre II da Rússia e czar do Império Russo de 1881 a 1894.

Balfour, Arthur James (1848-1930). Primeiro-ministro do Reino Unido de 1902 a 1905, durante o reinado de Eduardo VII, e posteriormente secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros. A 2 de novembro de 1917 dirigiu ao barão Lionel Walter Rothschild a Declaração de Balfour, documento no qual o Reino Unido se declarava a favor da criação de um Lar Nacional Judaico na Palestina.

Ben-Gurion, David (1886-1973). Primeiro-ministro de Israel entre 1948 e 1954 e novamente entre 1955 e 1963. Foi um dos principais mentores do Estado judeu e quem proclamou oficialmente a independência do Estado de Israel, a 14 de maio de 1948.

Beyazid II (1481-1512). Sultão do Império Otomano. Reorganizou a política interna e estabeleceu um novo sistema de impostos mais suportável para os seus súbditos. Permitiu a afluência dos judeus expulsos de Espanha e de outros lugares da Europa.

Brunner, Alois (1912-desaparecido em 1996). Oficial das SS (Schutzstaffel). Comandante do campo de Drancy, teve um papel muito ativo no extermínio dos judeus durante a Segunda Guerra Mundial.

Catarina II da Rússia (Catarina, a Grande) (1729-1796). Esposa do czar Pedro III da Rússia e imperatriz da Rússia de 1762 a 1796.

Cemal, Ahmed (Cemal Paxá) (1872-1922). Foi um dos três paxás que governaram no Império Otomano durante a Primeira Guerra Mundial. Os outros dois foram Ismail Enver e Mehmed Talat.

Chamberlain, Neville (1869-1940). Primeiro-ministro do Reino Unido de 1937 a 1940, durante o reinado de Jorge IV.

Churchill, Winston (1874-1965). Primeiro-ministro do Reino Unido de 1940 a 1945, durante o reinado de Jorge IV.

Cunningham, Alan (1887-1983). General britânico. Ocupou o cargo de último alto-comissário britânico em Jerusalém.

Dannecker, Theodor (1913-1945). Oficial das SS, teve um papel muito ativo no extermínio dos judeus durante a Segunda Guerra Mundial.

Dreyfus, Alfred (1859-1935). Militar francês de origem judaica, acusado em 1894 de espionagem e condenado a prisão perpétua. Em 1906 demonstrou-se a sua inocência e foi reintegrado no exército com todas as honras.

Enver, Ismail (Enver Paxá) (1881-1922). Oficial otomano e líder da Revolução dos Jovens Turcos. Um dos três paxás que governaram no Império Otomano durante a Primeira Guerra Mundial.

Faysal ibn Husayn (1883-1933). Irmão de Abdullah I da Jordânia. Foi um membro proeminente da família dos hachemitas, líder da Rebelião Árabe entre 1918 e 1920 e rei do Iraque de 1921 a 1933.

Haj Amin al-Husseini (1897-1974). Grande mufti de Jerusalém de 1921 a 1948. Tornou-se o principal aliado islâmico do Terceiro Reich durante a Segunda Guerra Mundial.

Herzl, Theodor (1860-1904). Jornalista e escritor austro-húngaro, fundador do movimento sionista.

Husayn ibn Ali (1854-1931). Emir e último xerife de Meca entre 1908 e 1917. Depois foi rei do efêmero Estado do Hejaz até 1924. Depois de ser destronado, proclamou-se califa e viveu no exílio até à sua morte.

Hussein I da Jordânia (1935-1998). Da dinastia hachemita, reinou na Jordânia desde 1952, quando sucedeu ao seu pai o rei Talal, até 1999.

Jabotinsky, Vladimir (1880-1940). Líder sionista, escritor, jornalista, militar e fundador da Legião Judaica durante a Primeira Guerra Mundial. Foi o principal ideólogo da corrente sionista revisionista.

Lawrence, T. E. (1888-1935). Militar, arqueólogo e escritor britânico conhecido como Lawrence da Arábia. Teve um notável papel de ligação durante a revolta árabe contra o domínio otomano durante a Primeira Guerra Mundial.

McMahon, Henry (1862-1949). Diplomata britânico e oficial do exército indiano que desempenhou a função de alto-comissário britânico no Cairo de 1915 a 1917. Conhecido por trocar correspondência com o xerife Husayn ibn Ali. Essa correspondência, composta por dez cartas, tinha como objetivo preparar a rebelião árabe contra o Império Otomano, no enquadramento das operações da Primeira Guerra Mundial, em troca do reconhecimento aliado de um Estado árabe na zona.

Mehmed Talat (Talat Paxá) (1872-1921). Membro do movimento dos «Jovens Turcos». Um dos principais dirigentes do Império Otomano, juntamente com Ismail Enver e Ahmed Cemal.

Mehmed V Reshad (1844-1918). Sultão do Império Otomano. Ascendeu ao trono em 1909, embora

não tenha tido poder político real durante o seu reinado, dominado por figuras políticas, tais como Enver Paxá, Talat Paxá e Cemal Paxá. Proclamou a jihad contra o Império Britânico em 1914, quando o Império Otomano entrou na Primeira Guerra Mundial.

Mengele, Josef (1911-1979). Médico, antropólogo e criminoso de guerra nazi, alcunhado «O anjo da morte». Conhecido pelas suas experiências com presos no campo de concentração e extermínio de Auschwitz.

Nicolau II da Rússia (1868-1918). Filho do czar Alexandre III e czar da Rússia de 1894 a 1917.

Peel, William Robert (1867-1937). Político britânico. Em 1936-1937 foi o presidente da Comissão Peel, que apresentou uma solução para o conflito entre árabes e judeus na Palestina.

Picot, Charles François Georges (1870-1951). Diplomata francês que assinou com Mark Sykes o Acordo Sykes-Picot entre o Reino Unido e a França sobre a divisão do Império Otomano após a Primeira Guerra Mundial.

Pobedonostsev, Konstantin (1827-1907). Político e pensador russo. Controlou a política imperial no reinado do seu discípulo, o czar Alexandre III, e influenciou notavelmente o filho deste, Nicolau II.

Raghib al-Nashashibi (1881-1951). Importante figura pública durante o Império Otomano, o Mandato Britânico e a administração jordana. Foi presidente da Câmara de Jerusalém de 1920 a 1934.

Rothke, Heinz (1912-1966). Oficial alemão das SS. Desempenhou um papel ativo no extermínio dos judeus durante a Segunda Guerra Mundial.

Sykes, Mark (1879-1919). Nobre inglês que participou no Acordo Sykes-Picot entre o Reino Unido e a França sobre a divisão do Império Otomano após a Primeira Guerra Mundial.

Weizmann, Chaim (1874-1952). Dirigente sionista britânico de origem bielorrussa e primeiro presidente do Estado de Israel, de 1949 a 1951.

Wilson, Woodrow (1856-1924). Presidente dos Estados Unidos de 1913 a 1921.